

PEDRO EGIDIO WARKEN

**A RECEPÇÃO DE MACHADO DE ASSIS POR
JOVENS LEITORES DO SÉCULO XXI**

**ASSIS
2015**

PEDRO EGIDIO WARKEN

**A RECEPÇÃO DE MACHADO DE ASSIS POR
JOVENS LEITORES DO SÉCULO XXI**

Tese apresentada à Faculdade de Ciências e
Letras de Assis - UNESP - Universidade
Estadual Paulista para a obtenção do título
de Doutor em Letras (Área de Conhecimento:
Literatura e Vida Social)

Orientador: Dr. João Luís C. T. Ceccantini

ASSIS - SP
2015

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Biblioteca da F.C.L. – Assis – Unesp

W277r Warken, Pedro Egidio
A Recepção de Machado de Assis por jovens do século XXI /
Pedro Egidio Warken. Assis, 2015.
631 f. : il. + 1 CD-ROM (anexos)
Tese de Doutorado – Faculdade de Ciências e Letras de Assis –
Universidade Estadual Paulista.
Orientador: Dr. João Luís C. T. Ceccantini
1. Assis, Machado de, 1839-1908. 2. Leituras para estudan-tes.
3. Literatura - Estudo e ensino. 4. Leitores - formação. I. Título.

CDD 028.9

PEDRO EGÍDIO WARKEN

A RECEPÇÃO DE MACHADO DE ASSIS POR JOVENS LEITORES DO
SÉCULO XXI

Tese apresentada à Faculdade de
Ciências e Letras – UNESP/Assis
para obtenção do título de Doutor em
Letras. (Área de Conhecimento:
Literatura e Vida Social)

Data da Aprovação: 17/12/2015

COMISSÃO EXAMINADORA

Presidente: PROF. DR. JOÃO LUÍS CARDOSO TÁPIAS CECCANTINI - UNESP/Assis

Membros: PROFA. DRA. SILVIA MARIA AZEVEDO - UNESP/Assis

PROF. DR. ÁLVARO SANTOS SIMÕES JUNIOR - UNESP/Assis

PROF. DR. MARCIO ROBERTO DO PRADO - UEM/Maringá

PROFA. DRA. MARIA DE LOURDES ORTIZ GANDINI BALDAN -
UNESP/Araraquara

AGRADECIMENTOS

Há pessoas especiais em momentos distintos de nossa existência. E na ocasião em que se alcança um objetivo tão caro como o da finalização dos estudos de doutorado as personagens que sobem ao palco para receberem o troféu têm aqui os holofotes voltados para os seus nomes.

Gratidão sem tamanho para o professor Dr. João Luís Tápias Ceccantini pelo zelo na tarefa de ensinar e pelo seu resolutivo compromisso a quem orienta.

Agradecimento especial ao Professor Dr. Álvaro Santos Simões Junior, de aulas inesquecíveis, com as quais pode transportar os alunos a outro tempo e espaço.

Imensamente grato à professora Silvia Maria Azevedo com quem aprendi a venerar o escritor maior das terras brasileiras, Machado de Assis. Em Silvia não se vê apenas o dever do ofício, mas o prazer pelo conhecimento.

À colega de profissão e à amiga de todas as horas, Leslie B. Groh, que foi também a inspiradora desta pesquisa.

À colega e amiga dedicada Julia Fumiko, que não poupou ligações telefônicas para saber em que pé estavam os trabalhos da pesquisa, ao mesmo tempo em que oferecia sua colaboração.

À minha companheira, Norma, a quem sacrifiquei com o tempo, mas a sua compreensão se revelou maior em meio a tantas horas de reclusão.

E, sem poder esquecer os queridos alunos, sem os quais esta pesquisa não seria possível ser realizada. Deles guardo, com saudades os sorrisos, a disposição, o empenho na realização da leitura das obras de Machado de Assis e depois, concedendo entrevistas individuais e coletivas. Por isso desejo registrar os seus nomes, em homenagem e eterna gratidão.

Aos alunos do Colégio PGD e a sua dedicada professora Mirian. Meu respeito e gratidão: Douglas, Manuele, Amanda, Lariane, Mateus, Victória, Guilherme, João Pedro, Filipe, Igor, Ana Beatriz, Bruno, Isabela, Vinícius, Camila, Naomi, Gabriela, Sara, Núria, Alisson, Fernando, Gabriel, Rafi, Gabriela, Bruno, Camila, Luisa, João Pedro, Késia, Kaio, Luis Henrique, Isabela, Débora, Carlos, Julia, Grégory, Vinicius, Caroline, Victor, Gustavo, Thiago, Mariana, Vitro, Vitor Hugo, Juliana, Bruna, Lillian, Gabriela, Gabriel, Julia, Beatriz, Felipe, Victor, Rodrigo, Ruy, Fernanda, Nicolás, Bruno e Isabelle.

Aos alunos do Colégio da Warta e à professora Édina fico sempre agradecido: Natalino, Ingridy, Mylena, Ana Flávia, Gabriel, Leonardo, José Alexandre, Francilei, Gustavo, Eduardo, Vitória, Michelli, Jéssica, Thaís, Juliana e Maria Letícia.

Aos alunos do Colégio Sagrada Família e a sua entusiasta professora Maria Evilma. Minha sincera gratidão: Rodrigo, Adriano, Ana Caroline, Nassiria, Lays, Wollisson, Letícia, André, Gustavo, Letícia Beatriz, Débora, Talita, Rafael, Igor, Raiara, Taylon, Bruno, Tiago, Luciano, Letícia Raquel, Bruno, Nilton, Marcus, Rauona, Kawana, Felipe, Paulo, Lucas, Laryssa e Nagila.

Aos alunos do Colégio Professor Hugo Simas e sua professora Valeska, distinta por seu admirável profissionalismo. Minha admiração e gratidão: Marco Aurélio, Camila, Vinicius, Sthephanie, Lincoln, Leonardo, Gabriela, Camila Neves, Izabelly, Ana Paula, Patrícia, Guilherme Henrique, Pedro Henrique, André Eduardo, João Vitor, Silvio, Gisele, Thaynara, Maria Eduarda, Paola, Maria Eduarda M., Victor, Maria Luiza, João Vitor S., Natalia, Isabella de O., Lucas, Rafaela, Ana Paula F., Isabelle, Gabriela, Larissa, Juliana, Jhúlia, Caio e Carolauiny.

Aos alunos do Colégio Professor José Aloísio Aragão e a sua professora Tânia, pela delicada acolhida. Imensamente grato: André, Carlos Hector, Felipe, Gabriel, Guilherme, Gustavo, Hugo, Igor, Leonardo, Leonardo H., Leonardo C., Lucas, Lucas B., Matheus, Pedro Henrique, Rafael, Renan, Rômulo, Vinicius, Bárbara, Beatriz, Beatriz, H., Bianca, Larissa, Letícia, Maria Letícia, Marina, Michelle, Naddyne, Nathália, Paula e Rafaela.

RESUMO

A recepção de *Memórias Póstumas de Brás Cubas* (1881) e *Dom Casmurro* (1899), de Machado de Assis (1839-1908), por 107 alunos do 2º ano do ensino médio, em quatro colégios estaduais e um particular no município de Londrina – PR, coletada por meio de entrevistas individuais e coletivas, constitui o tema central desta pesquisa. Assim, O objeto deste estudo não é o texto de Machado de Assis propriamente dito, mas a sua recepção pelo aluno leitor. O trabalho toma a estética da recepção da escola alemã de Constança como referencial teórico básico da pesquisa, além de se valer complementarmente de estudos do campo da sociologia da leitura e da literatura afinados com essa corrente teórica. Os principais objetivos desta investigação são o de descrever e analisar a recepção dos dois romances de Machado de Assis – de estrutura bem diferente – pelo conjunto de estudantes observado. Conceitos fundamentais da Estética da Recepção estão na base deste estudo: *concretização, distância estética, efeito/recepção, emancipação, estrutura de apelo, experiência estética, horizonte de expectativas e identificação*, entre outros. Procura-se examinar a leitura das obras pelos alunos considerando a atenção que voltam à linguagem das obras a elementos estruturantes da narrativa (enredo, personagens, tempo, espaço, narrador, questões de verossimilhança) mediante os quais os leitores demonstram as suas impressões e seu julgamento crítico das obras. A análise dos dados confirma uma hipótese importante levantada antes das entrevistas, realizadas em situação escolar não rotineira – a de que a motivação para a leitura de uma obra literária é um dado fundamental a se considerar. Além disso, foi possível observar leituras bem particulares próprias da fase de um jovem leitor sem grande repertório literário, em que se destacam dificuldades enfrentadas no âmbito da linguagem, da compreensão do contexto da história e do modo como se apresentam os elementos narrativos e descritivos. Por fim, sobressai o fato de que as atitudes das personagens despertam diferentes disposições no leitor que responde de acordo com seus valores e sua visão de mundo.

PALAVRAS-CHAVE: Machado de Assis; *Dom Casmurro*, *Memórias póstumas de Brás Cubas*, recepção; leitura; formação do leitor; literatura e ensino.

RÉSUMÉ

La réception de *Don Casmurro* et *Mémoires posthumes de Brás Cubas* par 107 étudiants de 2e année de l'école secondaire dans quatre écoles de l'Etat et un particulier dans la ville de Londrina - PR, ainsi que l'analyse des lectures des élèves par le biais d'entretiens individuels / collectifs maquillage l'objet de cette recherche. L'objet de cette étude est pas le texte Assis Machado lui-même, mais sa réception par l'étudiant de lecteur. Cette recherche sur le terrain de la littérature sociale prend la réception esthétique de l'école allemande de Constance comme référence théorique de travail, et les références traitant de la lecture, la littérature et la théorie littéraire. L'objectif principal de cette recherche est d'observer la réception de Machado de Assis fonctionne et l'effet sur le lecteur pour votre lecture. Le déroulement de l'objectif principal impliquent au moins deux: d'abord, observer et analyser la lecture des élèves par rapport aux concepts fondamentaux de l'esthétique de la réception: Livraison, la distance esthétique, effet, l'émancipation, la structure d'appel, l'expérience esthétique, les attentes Horizon et d'identification, par lequel il semble que la proposition de la théorie. Deuxièmement, examiner la lecture des ouvrages par les étudiants qui envisagent la langue et narratives éléments (intrigue, personnages, temps, espace, probabilité et narrateur) à travers laquelle les lecteurs démontrent ses impressions et sa lecture critique des œuvres. Qu'est-ce que défend cette thèse est: d'abord, que la motivation pour la lecture d'une œuvre littéraire est un facteur important à considérer. Les lectures sont erronées et immature propre phase d'un jeune joueur sans conditions préalables, et que la réception des ouvrages tels que Machado de Assis lui offrent quelques difficultés linguistiques ordre, la compréhension de l'histoire de contexte, le mode comment présenter les éléments narratifs et descriptifs. Enfin, l'effet de l'ouvrage sur le lecteur est ce qui se présente plus révélateurs, que les attitudes des personnages éveillent des dispositions différentes sur le joueur qui répond en fonction de leurs valeurs et de vision du monde.

MOTS-CLÉS: Machado de Assis; *Dom Casmurro*, *Memórias póstumas de Brás Cubas* reception; lecteur; lecture; littérature.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
I PARTE.....	23
1 O ABC DA TEORIA	24
1.1 A Estética da Recepção e as teorias subjacentes	24
1.2 As teses de Jauss	28
1.3 Categorias fundamentais da Estética da Recepção.....	30
1.3.1 Concretização	30
1.3.2 Distância estética	31
1.3.3 Efeito	32
1.3.4 Emancipação	35
1.3.5 Estrutura de apelo	36
1.3.6 Experiência estética	37
1.3.7 Horizonte de expectativas	39
1.3.8 Fusão de horizontes	40
1.3.9 Identificação	41
1.4 Sobre a história dos efeitos	43
2 MACHADO DE ASSIS CALEIDOSCÓPICO	45
2.1 Machado de Assis: aspectos biográficos	45
2.2 Machado de Assis e a política.....	53
2.3 Machado de Assis e a escravidão	61
2.4 Machado de Assis, homem de imprensa.....	69
2.5 Machado de Assis: fontes e influências.....	77
2.6 Machado de Assis: homem de letras	87
2.7 A obra Memórias Póstumas de Brás Cubas	92
2.8 A obra Dom Casmurro	99
2.8.1 Conclusão.....	107
II PARTE	109
3 O PERCURSO DA PESQUISA E SEU VIÉS METODOLÓGICO	110
3.1 Colégio de iniciativa privada	112
3.2 Colégios públicos estaduais	113
3.3 A metodologia da análise.....	116
4 O LEITOR E SEU PERFIL SOCIOECONÔMICO	121
4.1 Colégio particular PGD	122
4.2 Colégio Público Estadual da Warta.....	123
4.3 Colégio Público Estadual - Sagrada Família.....	124
4.4 Colégio Estadual Professor Hugo Simas	126
4.5 Colégio Estadual Professor José Aloísio Aragão - Aplicação da UEL	127
5 INTERPRETANDO A LEITURA DOS ALUNOS.....	129
5.1 Dom Casmurro: Mexendo com os brios do leitor	129
5.2 Uma questão objetiva	129
5.3 Análise pelas categorias da Estética da Recepção.....	131
5.3.1 Concretização	131
5.3.2 O horizonte de expectativa.....	137
5.3.3 Experiência estética	139
5.3.4 Distância estética	144
5.3.5 Efeito estético.....	153
5.3.6 Estrutura de apelo	158
5.3.7 Identificação	161
5.3.8 Emancipação	164
5.4 Análise com os elementos da narrativa.....	167
5.4.1 A narração.....	167
5.4.2 As personagens de afeição	171
5.4.3 As personagens em suas relações	174

5.4.4 A personagem pivô.....	176
5.4.5 O espaço.....	179
5.4.6 O tempo/época.....	183
5.4.7 Narrador.....	191
5.4.8 Verossimilhança.....	193
5.5 A linguagem.....	195
5.6 O realismo visto pelo leitor.....	201
5.7 Dom Casmurro e Madame Bovary.....	203
5.8 Dom Casmurro e Othelo.....	204
6 MEMÓRIAS PÓSTUMAS DE BRÁS CUBAS, POR UM OLHAR DO SÉCULO XXI.....	207
6.1 Uma questão objetiva sobre a obra.....	207
6.2 Análise com categorias da Estética da Recepção.....	209
6.2.1 Concretização.....	209
6.2.2 O horizonte de expectativa.....	212
6.2.3 Experiência estética.....	213
6.2.4 Distância Estética.....	216
6.2.5 Efeito estético.....	219
6.2.6 Estrutura de apelo.....	221
6.2.7 Identificação.....	223
6.2.8 Emancipação.....	225
6.3 Análise com os elementos da narrativa.....	227
6.3.1 O enredo.....	227
6.3.2 Personagens.....	229
6.3.3 Impressões acerca das personagens.....	233
6.3.4 Personagens que chamam a atenção.....	237
6.3.5 As personagens de afeição.....	241
6.3.6 As personagens e seus valores.....	242
6.3.7 A personagem pivô.....	244
6.3.8 As personagens e seus conflitos.....	246
6.3.9 O espaço.....	252
6.3.10 O tempo/época.....	257
6.3.11 O narrador e o leitor.....	264
6.3.12 A verossimilhança.....	270
6.4 A linguagem.....	273
6.5 O leitor e Machado de Assis.....	275
6.6 O leitor e o realismo.....	277
6.7 O leitor e a literatura.....	280
6.8 A Filosofia em Memórias Póstumas de Brás Cubas.....	282
7 CONVERGÊNCIAS E DIVERGÊNCIAS ENTRE AS OBRAS.....	285
7.1 Rejeição.....	286
7.2 A leitura concretizada.....	287
7.3 Perspectivas.....	287
7.4 Experiência com a arte.....	288
7.5 Espelho.....	290
7.6 Da trama.....	291
7.7 Atuação do elenco.....	292
7.8 Nos tempos de Machado de Assis.....	293
7.9 Os lugares.....	294
7.10 Sobre quem conta a história.....	295
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	297
REFERENCIAS.....	310
ANEXOS.....	316

INTRODUÇÃO

A recepção de duas obras de Machado de Assis - *Dom Casmurro* e *Memórias Póstumas de Brás Cubas* - realizada por 107 alunos de cinco escolas do Município de Londrina, PR, constitui o objeto de estudo da presente pesquisa. É importante ressaltar que o propósito deste estudo não é a obra de Machado de Assis, mas a sua recepção pelo aluno leitor. Diante disso, examina-se a leitura e as interpretações que os alunos participantes fizeram mediante as respostas dadas nas entrevistas e dos textos por eles escritos acerca das impressões dos dois livros lidos.

Já a razão da escolha do autor e de suas obras encontra explicação na própria teoria abraçada, pois para a Estética da Recepção ao se colocar à prova uma obra literária de valor é oportuno que se faça por meio de um autor de relevância e de suas obras exponenciais. Por essa via Hans Robert Jauss (1921-1997) conclui que as obras, classificadas como grandes, são as que conseguem provocar o leitor de qualquer época, permitindo novas descobertas na leitura, em diferentes momentos da história. Ainda que a condição dessas descobertas seja a ruptura de expectativas por parte do leitor que pode novamente apontar o valor estético da obra, ou seja, o seu valor artístico reconhece-se na medida de sua negatividade em relação às expectativas do leitor.

A expectativa em torno da leitura das obras de Machado de Assis por parte dos jovens leitores é que esta pesquisa converta-se em contribuições enriquecedoras. Conta-se também, igualmente, com a possibilidade de ruptura na expectativa do leitor, conforme diz Jauss (1994) para a comprovação do efetivo e incontestável valor artístico das obras em questão. Nesse sentido, é possível que a experiência com tais leituras revele as fragilidades do leitor participante da pesquisa, o que pode trazer novos dados no universo das mazelas que envolvem o ato de ler. Outra possibilidade é que a percepção dos alunos manifeste leituras originais e diferenciadas, dados os diferentes contextos e a idiossincrática visão de mundo deste leitor.

Em contrapartida, diante do desafio frente à leitura das obras machadianas, é previsível a dificuldade da recepção entre jovens extemporâneos às produções deste autor e sua estética. Espera-se, contudo, que as obras escolhidas, de um modo ou de outro, despertem o interesse nos alunos leitores, pois se *Dom Casmurro* se revela instigante pelo conflito envolvido de mistério, ingredientes que atraem o jovem, *Memórias Póstumas de Brás Cubas*,

por sua vez, pode chamar a atenção pela linguagem brincalhona e irônica, o que igualmente prende esse leitor.

Expostas as razões da escolha do tema, autor e obras, é de fundamental importância entender o trabalho em razão de seu escopo. Nesse sentido, como objetivo geral, pretende-se observar a recepção das obras de Machado de Assis e o efeito produzido no leitor pela sua leitura. Nos desdobramentos do objetivo principal estão implicados ao menos três específicos: 1º Refletir acerca dos textos escritos pelos alunos na primeira modalidade da pesquisa com a proposição das seguintes questões: a) *O que você achou do livro e quais as impressões que você pode descrever agora sobre a leitura?*; b) *Escreva um resumo do enredo ou da história*; c) *Elabore um texto crítico a respeito desta obra. Faça comentários, avalie, opine, critique a obra sob os mais vários aspectos*; d) *Por meio desta narrativa, o que você acha que o autor discute, ou seja, que temas são abordados por ele? Faça comentários a partir deles*. 2º. Sondar a leitura dos participantes da pesquisa, com base nos conceitos fundamentais da Estética da Recepção: *concretização, distância estética, efeito, emancipação, estrutura de apelo, experiência estética, horizonte de expectativas e identificação*, por meio dos quais se comprove a proposição da teoria. 3º. Perscrutar, na recepção das obras pelos alunos, suas impressões, suas apreciações seus valores, sua visão de mundo, sua crítica e avaliações a partir dos elementos da narrativa (*enredo, personagens, tempo, espaço, verossimilhança e narrador*).

O primeiro objetivo cumpre o papel de perceber o que o leitor observou com a leitura das obras espontaneamente expressa. Enquanto que o segundo objetivo se explica pelo fato de que as categorias em questão, ao mesmo tempo em que orientam a proposta, proporcionam condições de retorno e resultado da leitura de uma obra, isto é, provocam um efeito conforme defendem os seus estudiosos. Já o terceiro objetivo, em razão de serem as obras de cunho narrativo, os elementos da narrativa possibilitam a base para o objeto da recepção, bem como os ingredientes que podem provocar, igualmente, efeitos no receptor.

Sob a ótica da Estética da Recepção, teoria da Escola de Constança (1967), esta pesquisa se estabelece pela observação e exame das obras de Machado de Assis, de época remota, pelo olhar de um leitor da atualidade. É providencial o que diz Otto Maria Carpeaux (2005): "Podemos, hoje, ler um livro do século XVII assim como o leu um leitor do século XVII? Podemos, hoje, ler Dante assim como o leu um leitor do século XIV?" (CARPEAUX, 2005, *Perspectivas da interpretação*). A resposta a essa indagação pode ser dada, de modo mais completo no transcurso deste texto e das análises a serem realizadas no seu desenvolvimento.

Este estudo serve-se da teoria recepcional que se propõe a trabalhar na perspectiva da recepção/efeito estético. Hans Robert Jauss e Wolfgang Iser articulam uma revisão acerca da tríade autor/texto/leitor no final da década de 1960, na Escola de Constança. Verificam os estudiosos alemães que, no contexto histórico da teoria e da crítica literária se dava ou em relação à compreensão do texto ou quanto ao conhecimento do autor. Dessa averiguação nasce a Estética da Recepção que evidencia o efeito de sentidos que certa obra desperta no receptor. Jauss dedica-se, especialmente à pesquisa da recepção, que se dá mediante o diálogo entre o leitor e o contexto, a contextualidade do autor ou da obra por ela mesma. Já Iser elabora a teoria do efeito estético que tem como consequência o leitor implícito e que constitui uma estrutura textual presente no instante da produção da obra. Os dois autores, mesmo que se dediquem a aspectos aparentemente distintos, comungam da ideia de que nem toda leitura seja pertinente. Ainda que cada leitor, em vista de suas inferências culturais, reaja de modo diferente diante de um mesmo texto, a interpretação ocorre a partir do texto e a capacidade dialógica do leitor frente às vozes do texto.

Nesse sentido, é natural também que um leitor, num determinado momento da história, com tudo o que envolve tal época, faça uma leitura com percepções muito distintas daquele leitor posterior, distante há quase um século e meio, como é o caso de Machado de Assis. Jauss, coerente com o exercício da hermenêutica literária, não examina o significado de uma obra enquanto um conteúdo cristalizado no texto, mas o vê como proposta de recuperação do diálogo socrático nos seguintes termos do seu procedimento metodológico: "primeiro, Diderot, lendo o diálogo socrático, depois Hegel lendo Diderot. Se acrescentássemos Jauss lendo Diderot e Hegel, e seus leitores lendo Jauss lendo esses dois autores, então podemos ter uma idéia das possibilidades infinitas que tal perspectiva nos abre". (HOLUB apud ZILBERMAN, 2009, p. 72). Tal movimento mostra que não é possível a leitura de uma obra com a mesma compreensão em épocas distintas.

O foco dos estudos literários pela dinâmica *produção, recepção e comunicação*, paradigma quebrado por Hans Robert Jauss (1994) constitui também o cerne desta pesquisa. Assim, o aluno leitor é ouvido em diferentes circunstâncias, de modo que a sua experiência de leitura venha a ser considerada e valorizada na perspectiva de se redescobrir o valor da obra e seu autor. Acreditar que uma obra consagrada pelos críticos tenha o devido valor sem renovar a experiência por meio de um leitor contemporâneo que ratifique o seu valor e que ao mesmo tempo redescubra nela novos valores é, pelo menos, titubeante. Dessa forma, este trabalho, sustentado pela teoria recepcional, deseja reconstruir, mediante o processo de recepção, a dimensão histórica das obras em questão, dispondo do ato da leitura dos jovens em dois

sentidos: a) conhecer as obras e, b) observar o leitor da sociedade atual em sua percepção acerca dessas obras.

Outra perspectiva contemplada neste trabalho é de que a leitura literária seja efetivamente uma experiência, conforme diz Iser, (1996). Pode-se analisar a literatura objetivamente, segundo o autor, mas como ou por que as repetidas imagens e estruturas podem trazer respostas subjetivas? A subjetividade está na experiência de cada leitor, mesmo que todos os leitores da pesquisa tenham lido o mesmo livro ou a mesma história e do mesmo autor. A objetividade está nestes elementos, mas a subjetividade constitui a experiência de cada qual, em vista de sua visão de mundo, de seu contexto social, histórico, político, econômico entre outros. Essa diversidade de experiências novamente renova a obra, ao mesmo tempo em que evocará novos sentidos e outra vez novas experiências.

As experiências realizadas por diferentes escolas (Marxismo, Formalismo Russo, Estruturalismo Tcheco, *New Criticism* americano) antes da Estética da Recepção são de fundamental importância para a construção da concepção da nova escola, bem como para o seu entendimento. É a crítica de Jauss, realizada em sua aula inaugural em 1967, em Constança, que sustenta a nova teoria com base em suas teses com as quais articula a sua proposta em relação aos estudos literários. E somado a isso, no interior da teoria da Estética da Recepção, idealizada por Jauss e Iser, encontram-se alguns conceitos fundamentais que se traduzem em categorias e que, no presente estudo, servem de esteios na realização das análises das obras machadianas, quais são: *Concretização, Distância estética, Efeito, Emancipação, Estrutura de apelo, Horizonte de expectativas, Experiência estética e Identificação*.

E o propósito de se estudar tais conceitos da Estética da Recepção nesta pesquisa e no âmbito da leitura literária no chão da escola vai na direção de formar um leitor apto e mais amadurecido para a leitura dos cânones da literatura. Nessa perspectiva qual pode ser o impacto social esperado quando uma sociedade lê e lê muito? Essa resposta fica por conta da reflexão individual de cada leitor, mas qual pode ser o seu impacto, em contrapartida, quando numa sociedade um grande número de cidadãos se dispensa desse hábito? Para ser breve, Foucault responde que a sociedade que não lê é excluída por aquela que sabe ler. Além do mais, a experiência social-histórica demonstra que aqueles que detêm o domínio da leitura e da escrita dominam os iletrados, sendo, por isso, interessante aos primeiros que esse modelo de sociedade se reproduza. Já Paulo Freire diz que ler constitui um ato político. É possível dimensionar as consequências acarretadas pela ausência dessa cultura pelo que apontam os

estudiosos, mas é igualmente visível o retrato social diante do que se assiste no dia a dia na sociedade.

O objeto de estudo nessa pesquisa consiste em observar como ocorre a leitura literária do jovem estudante na perspectiva da escola de Constança que põe o leitor no foco do estudo, isto é, em primeiro lugar, mas também observa o efeito que a obra causa no receptor e avalia a recepção dos leitores em épocas diferentes. Contudo, esta pesquisa carrega a intenção de promover ao mesmo tempo com uma reflexão que possa contribuir na perspectiva do amadurecimento da leitura literária por parte do aluno na escola, assim como pela criação do hábito e do prazer em fazê-la. As leituras realizadas, contudo, revelam um *calcanhar de Aquiles* exposto no chão da escola que escancara o problema: a escola, dentro de certos limites, alfabetiza, mas não faz leitores aptos a socialmente desempenharem competências de leitura que o contexto social requer, como já denunciou Zilberman (1988). A leitura literária, para encontrar um terreno fértil nos leitores do interior da escola precisa passar por novas orientações e exige que a escola reflita sobre o seu papel, renove o conceito e a concepção de leitor e texto no sentido de dar uma resposta às demandas sociais, ou seja, trate o ensino de leitura literária como prática social e não apenas uma tarefa burocrática entendida como alfabetização.

Entre outras propostas, a leitura estabeleceu-se historicamente como uma ponte para a literatura especialmente na escola do século XX. Assim, encontrou-se na leitura dos autores consagrados uma estratégia para uma base de boa leitura. A leitura e a literatura foram permanentemente instrumentos de ensino, no entendimento de Zilberman, ao invés de se constituírem em disciplinas autônomas. Daí serviram sempre como um exercício de aperfeiçoamento do estudante e nesse fazer pedagógico a literatura era e continua sendo pretexto para aprimorar a habilidade da leitura.

As experiências revelam que a escola caminha na contramão das expectativas dos alunos no que tange a leitura literária. Tal atividade não interessa, geralmente, à vida dos jovens estudantes, pois a escola trabalha com ela sem considerar, via de regra, a obra inserida no universo social e esvaziada do sentido que esta poderia ter para esses leitores. Por outro lado as concepções de leitura que dizem respeito ao gosto e prazer transformaram-se em pedagogia da facilitação e correm o risco de eclipsarem a real e importante função da leitura literária para o crescimento dos estudantes leitores. Além do mais, a escola engessa um funcionamento padrão da leitura e da literatura, o que faz dos alunos consumidores e não leitores.

Reduzida à predileção do aluno, de conteúdo pragmático e de técnicas mirabolantes, os educadores acomodam-se sem perceber que o trabalho com a leitura literária exige maior complexidade estratégica. Por fim, a formação do gosto pela leitura não passa pela mera interpretação de texto. A formação, no entanto, requer mais do que isso, envolve a vida do jovem leitor e sua visão de mundo. E é pela consciência dos cidadãos, em grupo e individualmente, que uma sociedade se transforma. Sendo assim, a leitura literária pode oferecer possibilidades infinitas, porém, em outras condições e diferentes das que aí estão.

Em relação à temática da literatura e seu ensino, o desalento não é menor. Se ler e ensinar a ler se revela uma tarefa penosa para alunos e professores, quanto mais ler uma obra literária. A sociedade atual se apresenta imediatista, tecnológica, pragmática e utilitarista. Por isso, não se encontra nela muito espaço para um hábito que requer tempo significativo, que não contempla a tecnologia mirabolante, mas mexe com a subjetividade e trabalha com diferentes valores que não sejam apenas os úteis. É aí que reside o grande desafio para o cultivo da leitura literária. Mas será a literatura realmente importante para tal sociedade? Como pode se configurar uma sociedade sem literatura?

A própria Estética da Recepção responde que a literatura e as outras artes distanciam o ser humano da trivialidade do dia a dia para transportá-lo para outra dimensão, para não dizer ao êxtase ou à sublimação. Este efeito encontra a sua ressonância no conceito de *emancipação* da teoria da recepção que mediante a experiência estética promete livrar o ser humano da rotina e dos constrangimentos do cotidiano. Porém, os outros conceitos no interior da Estética da Recepção, junto com a *emancipação - concretização, distância estética, efeito, estrutura de apelo, horizonte de expectativas, experiência estética e identificação* -, podem garantir, de acordo com Jauss, um estudo mais eficaz da obra de arte literária, bem como experimentá-la com prazer de fato.

Se os estudiosos da Estética da Recepção encontram uma forma mais coerente de estudo da literatura, assim como o seu entendimento no contexto histórico, Jauss (SCHILLER Apud JAUSS, 1994, p. 8) iniciou esse movimento com o seu questionamento na universidade de Constança quando recorre ao que Friedrich Schiller já havia dito: "que papel resta hoje, portanto, a um estudo histórico da literatura?" Esta provocação é senão fruto de uma ebulição no imaginário dos estudiosos de longa data, imbuídos do desejo de colocar os estudos literários em harmonia com um novo projeto, condizente com a realidade do pensamento moderno, já que o ensino de teoria literária dos novos tempos não mais se coaduna com o modelo grego (*Mimesis*) de se estudar literatura. Assim, a qualidade e a categoria de uma obra literária não resultam nem das condições históricas ou biográficas de seu nascimento, nem tão

somente de seu posicionamento no contexto sucessório do desenvolvimento de um gênero, mas sim dos critérios da recepção, do efeito produzido pela obra e de sua fama junto à posteridade.

Assim, no desejo de estudar literatura de um modo mais significativo a Estética da Recepção cria conceitos por meio dos quais se pode compreender e avaliar a experiência com a recepção de uma obra literária e não apenas estudá-la com elementos biográficos entre outros elementos formais, ou seja, ficar meramente na contemplação de sua moldura. Jauss (2013) afirma que o impacto cultural da leitura admite três diferentes formas: a criação de uma norma, a transmissão e a sua ruptura. A obra pode difundir ou transmitir os valores dominantes de um grupo social, - uma literatura estereotipada ou oficial -, ou comprovar outros valores - uma literatura militante ou didática - e também quebrar valores tradicionais para renovar o horizonte de expectativas do receptor. De acordo com Jauss (2013), devido à leitura, as obras literárias contribuem imensuravelmente com a evolução das mentalidades. Neste sentido, são capazes de pré-formar, em alguns casos, os comportamentos, estimular uma nova atitude, ou até modificar as expectativas habituais. Tal estudo encontra-se no cerne de sua obra *Pour une esthétique de la réception* (2013). Num exame da experiência estética por parte do leitor ou de uma comunidade leitora, Jauss (2013) defende que é preciso considerar os dois elementos constitutivos da concretização de seu sentido: a recepção, que o destinatário da obra delimita e o efeito que a própria obra produz. Além do mais, entender a relação leitor e texto que constitui um processo e compõe uma relação entre os dois horizontes ao se fundirem. Em consequência, o leitor passa a entender a obra nova, ou a que lhe parecia estranha, compreendendo-lhe, desse modo, os pressupostos e reconstituindo-lhe o seu horizonte exclusivamente literário.

Se Jauss (1994) centra suas pesquisas na fenomenologia da resposta pública ao texto, Wolfgang Iser procura respostas no ato individual da leitura. Enquanto Ingarden fazia do leitor um mero preenchedor ou seguidor de instruções, crítica de Iser, este último procura propiciar ao leitor maior participação no texto, concedendo-lhe a possibilidade de concretizar a obra na ordem de diferentes interpretações. Segundo Eagleton (1997, p. 123), “essa generosidade, porém, é condicionada por uma instrução rigorosa: o leitor deve construir o texto de modo a torná-lo internamente coerente”. Iser não considera a *concretização* idealizada por Ingarden uma comunicação, de fato, entre texto e leitor, daí propor *os espaços vazios*. Os espaços vazios e a negação partem da noção de lugares indeterminados elaborados por Ingarden que os denomina de hiatos, lacunas deixadas de propósito pelo autor para serem preenchidos pelo leitor. Neste sentido, Iser revitaliza tal conceito dizendo que os espaços não

necessitam ser completados obrigatoriamente, carecem, porém, de uma combinação dos esquemas textuais, um encadeamento que mobilize a formação do objeto imaginário e a alteração de perspectiva. E nas palavras de Iser: “Os lugares vazios incorporam os ‘relés do texto’, porque articulam as perspectivas de apresentação, possibilitando a conexão dos segmentos textuais” (ISER 1999, p. 126).

Umberto Eco, em *Leitura do texto literário lector in fábula* (1983), ao referir-se aos *espaços vazios*, advoga que o autor, ao deixá-los, antecipa a possibilidade de seu preenchimento pelo leitor. Conforme o autor italiano “um texto é um mecanismo preguiçoso (ou econômico) que vive da mais valia de sentido que o destinatário lhe introduz” (ECO, 1983, p. 55), de modo que “à medida que passa a pouco e pouco, da função didascálica à função estética, um texto pretende deixar ao leitor a iniciativa interpretativa” (ECO, 1983, p. 55). Essa asserção reforça a hipótese de o texto se apresentar em estado potencial para que o leitor o concretize. E os espaços vazios que se deslocam pela estrutura do texto ocasionam a transposição do ponto de vista do leitor para firmar a interação entre leitor e texto.

O preenchimento dos *espaços vazios* apresenta-se para o leitor como um estímulo, já que o força, além de refazer as representações já construídas, a repensar o que foi posto antecipadamente em segundo plano e conferir, de novo, a organização dos elementos. Tais espaços causam o rompimento das expectativas do leitor, visto que a referência é o não dito. Nesta direção, Iser (1999) frisa que, quando o leitor percebe o que estava oculto, os vazios vêm para constituir o repertório do texto, levando-o à ação e simultaneamente a fazer uso de sua competência criadora.

Iser (1999, p. 173) ainda considera os espaços vazios em relação à *negatividade*, outro conceito concebido como anulação das concepções habitualmente tidas como corretas, isto é, “ademais rompe-se a tríade tradicional do verdadeiro, bom e belo, pois sua concordância não mais é capaz de orientar nossa conduta”. Nesse sentido, a negatividade na obra literária, na ótica de Iser, assegura a oposição dos horizontes entre o certo e o errado, entre o compreendido e o não compreendido. Assim, a negação constitui uma função comunicadora, já que conduz o leitor a interrogar e cogitar acerca do que está subjacente ao texto.

Quanto à continuidade e deslocamento da obra literária em tempos diferentes, Iser (1996) ampara-se em Jauss (1994) para demonstrar que os textos se comunicam, não somente com os leitores contemporâneos, porém, com outros públicos ao longo dos tempos e dialogam com estes sem perder seu caráter inovador, admitindo maneiras diversas de acordo com o repertório desse público novo. Com esse entendimento, portanto, esta pesquisa procura refletir

acerca do comportamento de leitura dos jovens que se iniciam na recepção das obras literárias no intuito de compreendê-las o que pode movê-los para uma leitura prazerosa associada à do estudo da literatura.

Para saber do estado da questão acerca dos estudos da Estética da Recepção da obra literária sustentados especialmente por Jauss e Iser da escola alemã de Constança buscou-se, inicialmente, elementos no trabalho de Renata Capatto (2005) que efetuou uma pesquisa na qual realizou a análise de vinte dissertações e teses versando sobre a recepção de obras literárias de acordo com a teoria da Estética da Recepção entre os anos 1980 a 2003. A principiar pela experiência realizada pela autora, o comportamento dos jovens leitores coincide com a experiência da presente pesquisa no que tange às primeiras impressões da obra na observação dos alunos leitores. Assim, é comum a atitude de rejeição frente ao texto literário; porém, na medida em que leem alguns apresentam sinais de apreciarem a leitura da narrativa; já caracterizar o texto como "chato" e "difícil de entender" são expressões recorrentes nas suas críticas; em outro sentido, mesmo não gostando da leitura, reconheciam a importância dos textos no mundo da literatura; e mesmo não tendo produzido o esperado prazer estético, a experiência com a leitura proporcionou aprendizado ou despertou para dar importância e valor à literatura; outros se recusaram a ler ou simplesmente deixaram tacitamente de fazê-lo; e ainda houve os que leram por obrigação ou dever de ofício escolar ou porque familiares falaram da importância de ler uma obra literária; mas também se revelaram os leitores que leem prazerosamente, já que têm o hábito de ler, não a literatura dos cânones, porém porque leem *best sellers* entre outros que não sejam clássicos.

Capatto (2005) orienta o seu interesse por uma pesquisa que resulta em dados significativos por meio das produções realizadas nas universidades brasileiras e que, ao mesmo tempo, possam mostrar os rumos das pesquisas acerca da leitura/recepção. Trabalhos que não podem ficar apenas nos anais das bibliotecas do país, pois além de revelarem o estágio das pesquisas sobre o tema nos tempos de 1980 a 2003, podem servir como importante fonte para outros pesquisadores.

A autora da pesquisa pautou a trajetória de seu projeto pelo conceito de leitor segundo a Estética da Recepção e este especialmente de acordo com dois autores: Regina Zilberman (2009) e Terry Eagleton (2006). Já os trabalhos por ela analisados foram realizados em diferentes universidades do país, cujos contatos se deram com as respectivas bibliotecas por COMUT ou intercâmbios. Outros exemplares a pesquisadora adquiriu por meio de doações feitas ao grupo de pesquisa de Leitura e Ensino de literatura da UNESP de Assis. De acordo com Capatto, diferentes sites mantidos pelas instituições acima mencionadas, também

foi onde a pesquisadora encontrou tais estudos. A autora destacou ainda o portal de periódicos CAPES; o Projeto de Memória de Leitura - UNICAMP; a Divisão de Bibliotecas documentação PUC-Rio; a Universidade Brasil - o portal dos universitários; a Biblioteca Nacional - catálogos, on-line de monografias, periódicos, obras de referência, teses, músicas, manuscritos, obras raras, iconografia, etc; a Biblioteca Virtual de educação; o BICIT; e, por fim, o MIT Theses OnLine.

No intuito de atualizar as informações acerca do estado da questão, após a pesquisa de Capatto, procurou-se dados em dezoito importantes universidades do país, porém encontraram-se trabalhos em apenas quatorze delas. No desdobramento da pesquisa, assim resultou a garimpagem: no estado do Rio Grande do Sul, especialmente na UFRS existem (10) dez pesquisas até os dias de hoje; no estado de Santa Catarina em sua UFSC encontram-se (02) duas; no estado do Paraná, na UFPR há (07) trabalhos; na UNIOESTE paranaense encontra-se apenas (01) um; já na paranaense UEM existem (17) dezessete até agora; na paranaense UEL apenas (01) um; no estado de São Paulo, principiando pela UNESP, há (04) quatro pesquisas; na UNICAMP encontrou-se apenas (01) uma pesquisa; enquanto na USP existem (14) dissertações e teses; à medida que no estado de Minas Gerais e em sua UFMG encontram-se (16) dezesseis investigações; no estado do Rio de Janeiro, especialmente na UFRJ há (12) doze obras; também na PUC do Rio há (01) uma composição; na universidade Capixaba da UFES encontra-se (01) uma busca; e, por fim na UNB há (03) produções. Isto totalizam, portanto, (90) noventa pesquisas em Estética da Recepção com obras literárias até o ano de 2015.

Renata Capatto realizou a sua pesquisa recolhendo dados de trabalhos que tratam da vertente em discussão a partir da década de 1980 até o ano de 2003, data em que ela apresentou a defesa de sua dissertação de mestrado. Já a presente pesquisa recolhe dados também dos anos oitenta, porém com uma acentuada concentração de pesquisas na última década até o ano de 2014.

É importante registrar que no universo desses noventa (90) trabalhos garimpados, os autores da Estética da Recepção - Jauss, Iser e Zilberman - aparecem em todas as referências, porém nem em todos estes os autores são o foco da pesquisa, ou seja, aparecem outros autores como fios condutores desses trabalhos.

Isto posto, resta expor a forma de como o grande texto organiza-se e articula-se. Após a introdução e na primeira parte do texto, o primeiro capítulo trata de fundamentar teoricamente este estudo. Sustentado pela Estética da Recepção, esse capítulo expõe de modo conciso a gênese, o contexto e alguns conceitos fundamentais da escola de Constança, no

sentido de minimamente acompanhar-se o propósito e a concretização da análise mediante os dados coletados a partir da leitura das obras por parte dos alunos.

O segundo capítulo, denominado *Machado de Assis caleidoscópico*, deve-se à multifacetada obra do autor entre ser poeta, dramaturgo, contista, romancista, cronista e com o pé em duas escolas: romântica e realista, ainda que ele próprio negue ser um autor realista. Este capítulo reúne, além de dados biográficos, as principais e diferentes temáticas com as quais Machado de Assis ocupava-se durante a vida - política, escravidão, imprensa - além de informações quanto às influências e o homem de letras que foi por excelência. É preciso ressaltar que o papel desse capítulo presta-se a registrar o percurso de verticalização da leitura da obra de Machado de Assis, acompanhado da bibliografia crítica produzida sobre o autor, o que contribui para formular as questões para os alunos sobre os livros em pauta, bem como para analisar e interpretar as respostas desses "leitores ingênuos" à luz de leituras mais densas da obra machadiana, percebendo nuances nas leituras dos alunos.

Na segunda parte do trabalho, o primeiro capítulo é dedicado ao percurso da pesquisa e sua metodologia, ou seja, a descrição da trajetória da pesquisa de campo e bibliográfica de que este trabalho se compõe. Este fragmento do texto traz detalhadamente desde a pesquisa em seu embrião, os eventos com os quais o pesquisador ocupou-se até a sua concretização. A partir da justificativa acima feita, desencadeou-se o processo de desenvolvimento do projeto a começar pela procura da linha de pesquisa, a universidade e professor orientador que aceitasse acompanhar os trabalhos, a frequência às disciplinas necessárias, a submissão ao comitê de ética, entre outras exigências do programa. Depois houve o estudo dos critérios para a escolha dos colégios em Londrina com os quais desejava-se trabalhar para cumprir com a finalidade da proposta. Em seguida, deu-se o primeiro contato com os alunos para a devida orientação, organização e finalmente a realização da pesquisa propriamente dita. A primeira fase da realização do trabalho incluiu a colaboração do professor de literatura na escola onde a pesquisa realizou-se, bem como todas as ações decorrentes da leitura das obras até a coleta dos dados. Enfim, a transcrição dos dados a partir de gravações em vídeo e áudio, até a computação dos dados e a análise dos mesmos.

O segundo capítulo trata do perfil socioeconômico do participante da pesquisa, isto é, apresenta-se um quadro indicador de identificação do público com o qual trabalhou-se na pesquisa de campo e o modelo instrumental pelo qual buscou-se examinar os dados fornecidos pelos alunos.

O terceiro capítulo apresenta o exame das duas obras de Machado de Assis: *Dom Casmurro* e *Memórias Póstumas de Brás Cubas*. Isto é, com os dados reunidos a partir da

leitura dos dois textos e mediante as duas modalidades inquiridoras (as quatro questões iniciais e a das entrevistas individuais e coletivas) procedeu-se com a análise e reflexão desses elementos da pesquisa em que se revela o caráter da recepção de uma obra literária realizada pelo público da pesquisa.

O quarto capítulo traz uma análise sintetizada acerca das convergências e divergências entre as duas obras encontradas na leitura pelos alunos. Essa acareação prestou-se a verificar se haveria uma possível distinção na recepção às duas obras, realizada pelos leitores, uma vez que se tratam de criações de um mesmo autor, produzidas no mesmo momento histórico, porém distintas no enredo e na temática.

Finalmente, considerando este trabalho especialmente uma leitura do pesquisador acerca da experiência dos leitores de uma determinada época, espera-se que com esta produção revelem-se novos e significativos dados que possibilitem contribuir para uma nova reflexão em torno do fenômeno da recepção da obra literária. E que, simultaneamente, a vivência da leitura pelos jovens traga subsídios com os quais se possa trabalhar de modo mais produtivo e inovador.

I PARTE

1 O ABC DA TEORIA

1.1 A Estética da Recepção e as teorias subjacentes

A Teoria da Recepção ou Estética da Recepção reformula a historiografia literária e propõe uma interpretação de texto a quebrar com o exclusivismo da teoria de produção e representação da estética nos moldes tradicionais porque pensa a Literatura pelo tripé: *produção, recepção e comunicação*, isto é, autor, obra e leitor numa relação dinâmica. Essa teoria quer reconstruir, por meio do processo da recepção, a dimensão histórica da pesquisa literária numa mudança de paradigma em torno da investigação literária e discursiva colocando o ato da leitura numa dupla perspectiva: o que diz respeito à obra e a descoberta por parte do leitor de uma sociedade. A Estética da Recepção aponta para as condições sócio-históricas das diferentes interpretações de texto, isto é, o discurso literário, mediante seu processo receptivo, pode construir-se numa pluralidade de estruturas de sentido historicamente intermediadas.

A partir das reflexões de Hans Robert Jauss a Estética da Recepção nasce no momento da aula inaugural do professor da Universidade de Constança em 1967, ocasião em que ele faz uma contundente crítica ao modo pelo qual se abordava a história da literatura na disciplina da teoria literária. A sua palestra, com o título: *O que é e com que fim se estuda a história da literatura?* É publicada no ano de 1969 com o título *A história da literatura como provocação à teoria literária*, com desdobramentos da proposta inicial.

Ao criticar a história da literatura Jauss (1994) o faz com o argumento de que, normalmente a teoria literária organiza um rol de obras conforme disposições gerais: por um lado aborda as obras particularmente em ordem cronológica ou “seguindo a cronologia dos grandes autores e apreciando-os conforme o esquema de ‘vida e obra’” (JAUSS, 1994, p.6). A outra disposição dos estudos literários coloca os autores canônicos da Antiguidade Clássica sem deixar lugar para contemplar-se os menores. Pela análise de Jauss (1994), a história da literatura, ao orientar-se por um cânone ou apenas descreve a vida e obra de certos autores cronologicamente organizada, não considera a historicidade das obras, desprezando assim a face estética da criação literária. Desta maneira, a qualidade e o padrão de uma obra literária, ao invés das condições biográficas ou históricas de sua origem ou de sua disposição no

contexto sucessório no desenvolvimento de um gênero, deve resultar dos critérios da recepção, do efeito produzido por ela, bem como de sua notoriedade posterior.

A crítica levantada por Jauss (1994) com o propósito de remover a distância entre literatura e história, o conhecimento histórico e estético, leva o autor alemão a lançar mão de diferentes fundamentos que se ocupam de estudar a literatura quais sejam: Marxismo, Formalismo Russo, Estruturalismo Tcheco, *New Criticism* americano entre outros eventos, sem deixar de mencionar os gregos.

Causando grande impacto nos meios acadêmicos da época, Jauss (1994) trata dos estudos da literatura defendendo o ingresso da história no expediente da análise do texto literário, criticando as teorias que colocavam o texto como prioridade sem considerar o papel do leitor na experiência literária. O estudioso atribui à herança platônica equívocos como “na filosofia contemporânea da arte sempre que se concede à verdade, manifestada pela arte, a primazia sobre a experiência da arte, na qual se exterioriza a atividade estética como obra dos homens” (JAUSS, 1979, p. 43). A consequência deste paradigma é que a obra de arte é condenada a fechar-se numa única e imutável interpretação, tornando a historiografia literária decadente ou impossível de concretizar-se.

Segundo Jauss (2002), numa leitura mais recente, a ambiguidade platônica em torno do conceito de belo pode ver-se no conflito existente entre a experiência artística no sentido real, de um lado, e a consciência estética no âmbito subjetivo de outro. Deste modo, a filosofia de Heidegger converte-se, pela interpretação de Gadamer, em ontologia hermenêutica. Nesse sentido, mesmo Theodor W. Adorno, visto como um adversário resolutivo de Platão, involuntariamente atesta o quanto é resiliente o patrimônio platônico de beleza, de poder ambíguo para a "realidad reconciliada [...] y el restablecimiento de la verdad pretérita" (JAUSS, 2002, p. 50).

Jauss (1994) traz a teoria e o método da Estética da Recepção como uma resposta à ótica marxista com objeções à teoria do reflexo - a literatura entendida como espelhamento da sociedade - pois pela proposta marxista a literatura moderna não pode ser estudada de modo completo. Ou com as suas palavras: “Somente uma porção reduzida da produção literária é permeável aos acontecimentos da realidade histórica e nem todos os gêneros possuem força testemunhal no tocante à lembrança dos motivos constitutivos da sociedade” (JAUSS, 1994, p. 16). O estudioso alemão aponta as fragilidades da historiografia literária marxista e entre elas a heterogeneidade do simultâneo, ou seja, muitos fenômenos literários não podem ser reduzidos a uma unidade e apenas a um momento histórico. Embora uma importante obra se enquadre na análise da teoria da representação, apontando a direção do processo literário, que

seria das outras obras do mesmo período que “correspondem a uma tendência já ultrapassada de gosto, mas cujo efeito sobre a sociedade” ao que parece, tem tanta aceitação quanto a obra nova? (JAUSS, 1994, p. 16).

Encerrando com os marxistas, o teórico critica uma prática muito prezada por estes que é a construção de cânones. Segundo Jauss (1994, p. 8) a história da literatura, quando descreve cronologicamente a vida e obra de certo autor ou ao seguir um cânone, não considera a historicidade das obras, deixando de contemplar o fator estético da obra literária, já que o caráter e a qualidade de uma obra não vêm das condições biográficas, bem como não resultam de circunstâncias históricas e nem sequer de sua situação no contexto sucessório no desenvolvimento de um gênero. Advém sim dos juízos da recepção, do efeito produzido pela obra e de sua popularidade posterior.

Segundo o formalismo russo a função poética da literatura está na ambiguidade da mensagem pela mera simplificação de seu sentido em relação ao significante. Ou seja, considera meramente o texto por ele mesmo, pouco considerando outros aspectos a exemplo do contexto social, histórico, inclusive o estético. Decorrente disso, diz-se do valor artístico de uma obra residir, não apenas em sua estrutura verbal, porém na maneira como é lida. Segundo os formalistas não há valor artístico de modo absoluto, porque há objetos percebidos como poéticos assim como aqueles concebidos como prosaicos. A arte se define, de acordo com o estudioso russo, como a individualização de momentos importantes. Tais momentos ganham importância ao serem submetidos ao processo de singularização artística, já que na vida prática as coisas escapam da percepção total. O homem, movido pela pressa, empenhado em tudo imediatizar perde a consciência individual dos eventos e dos objetos. Em vista disso abrevia as palavras, cria as siglas, desenvolve esquemas com o fim de superar com mais rapidez seus compromissos e contatos com os outros. Tal processo redundando na automatização da vida psíquica do homem que anula a intensidade em relação ao conhecimento por conta da rapidez. Esvazia-se assim o entusiasmo da descoberta, considerando que as coisas têm importância quando reconhecidas. Até o conceito de aprendizado implica no uso automático dos movimentos e das noções. Assim, quando uma ação torna-se normal é suficiente para desencadear a não consciência de sua execução.

Na visão dos formalistas a função primordial da arte é resgatar a intensidade do conhecimento, transformando a descoberta em encanto e criando contatos virgens. Nesta perspectiva é preciso que o artista crie situações imprevistas e inéditas procurando restaurar o ato de conhecer. Em outras palavras, o fim da arte seria desautomatizar o homem, o que deve ocorrer por meio do estranhamento ou a singularização da estrutura diante da contemplação

do artista. É preciso que o convívio com a arte seja particularizado, dificultoso e lento, pois para se aspirar à condição do enunciado artístico é mister que seja dito de modo impressionante. Quando se toma o texto poético como metonímia da arte, o formalismo russo, em sua morfologia, advoga que a particularização do texto dá-se com técnicas específicas aplicadas às palavras em seus diferentes níveis: sintático, morfológico e semântico. Aí instaura-se a consciência linguística da literatura.

A concepção trivial segundo a qual a literatura é a expressão imediata da vida desfaz-se, pois no entendimento dos teóricos russos, o estranhamento dos enunciados inovadores compõe o complexo de propriedades que agregam valor estético ao texto literário.

As críticas feitas por Jauss (1994) aos formalistas já não são tão contundentes, pois ele reconhece que a historicidade da literatura é retomada no método dessa escola. Segundo o crítico alemão a escola formalista, ao procurar seu próprio caminho, já o faz na perspectiva da história. Distingue-se a nova proposição da antiga história da literatura porque abre mão da concepção básica da velha proposta por encerrar um processo continuado e linear para opor-se ao conceito clássico tradicional com um postulado dinâmico de evolução literária. O enfoque da continuidade perdia sua preferência no conhecimento histórico. Consequentemente, a análise literária poderia ficar comprometida para autogeração de novas formas.

Ainda assim a proposta feita pela Escola Formalista deixa de ser uma história da literatura considerável e satisfatória. Que uma “obra de arte em sua história” seja entendida como uma evolução de sistemas mediante a “influência das obras sobre a obra” como era considerado por Brunetière, ainda “não é o mesmo que contemplá-la na história”. Para Jauss isso não significa estabelecer uma historiografia interna na história da literatura (BRUNETIÈRE Apud JAUSS, 1994, p. 20).

O estruturalismo tcheco é das tendências a fundar-se no paradigma classicista da representação e do modelo do "espelhamento" e da "tipificação". Enquanto explica as descobertas da linguística e da ciência literária estruturalista como formas antropológicas arcaicas, envoltas do mito literário, esta vertente limita o contexto histórico por um lado a estruturas de natureza social primitiva, enquanto a poesia por outro, é expressão mítica ou simbólica de tais modelos sociais que não mudam. De acordo com Jauss (1994) esta corrente negligencia o papel eminentemente social da literatura. Assim sendo, o estruturalismo literário, a ciência literária marxista e formalista, que o antecedem, deixam de indagar como a literatura "marca, ela própria, a concepção de sociedade que constitui o seu pressuposto" e também o estruturalismo não se pergunta de como tal concepção tem marcado esse entendimento por toda a extensão do processo histórico (ZILBERMAN, 2009, p. 19-24).

A crítica de Jauss ao estruturalismo é em razão deste limitar-se à existência histórica. De um lado a poesia é a base de uma natureza social primitiva, de outro, a expressão mítica ou simbólica das formas sociais constantes.

O *New Criticism* constitui uma vertente norte-americana dos anos de 1920 por centrar seus estudos em torno das técnicas dos autores de obras literárias desprezando a esquemática vida e obras dos autores. Sua filosofia se detém no estudo detalhista dos elementos do "interior" do texto, cujos aspectos teriam importância para o efeito da leitura e crítica de uma obra. O *close reading*, utilizado nas análises dos textos, entende que a estrutura do texto e seu significado existem simultaneamente numa unidade, de modo que, na análise literária, também não devem ser separados. O *New Criticism* é considerado uma escola objetiva em razão dos métodos com que estuda as obras, pois considera o texto uma "unidade em si própria", autossuficiente e pouco leva em conta a resposta ou a contribuição do leitor. A crítica a essa teoria é, ainda, devido a importância à presença da ambiguidade num texto, ou seja, o fato de que num texto se encontrem, ao mesmo tempo, sentidos diversos. *New Criticistas* e formalistas, neste particular, comungam da ideia de que o texto é fator de importância única para a leitura e a análise crítica. Neste sentido, o crítico precisa ater-se às palavras impressas e não levar em conta os fatores externos, por serem desnecessários além de prejudiciais à análise.

Jauss (1994) critica a postura da ausência de abertura em relação aos agentes externos do texto, bem como a falta de reconhecimento da atuação do leitor no processo da recepção do texto. Segundo o crítico alemão não é possível examinar uma obra desvinculada da apreciação do destinatário leitor, já que sem leitores as obras são incompletas.

No exame às correntes teóricas que antecedem a sua Estética da Recepção e para justificá-la Jauss (1994, p. 29) expõe um novo modelo de entendimento da leitura e da crítica literária no qual leva-se em conta simultaneamente o valor estético e histórico da literatura. Ou seja, fariam parte do valor estético todas as leituras já feitas pelo leitor, desde essa recepção e mais a inevitável comparação entre uma leitura e suas referências mediante seu "histórico literário". Enquanto que a importância histórica se concretiza na medida da publicação da obra e de sua recepção pelo público desde o início até o momento presente, constituindo uma "linha do tempo" em que a obra se move durante sua recepção temporal.

1.2 As teses de Jauss

De modo amplo a teoria recepcional de Hans Robert Jauss (1994) tem como objetivo vincular história e estética. Depois, há uma relação entre autor e obra no contexto histórico no qual se dá a leitura da obra. Neste duplo viés reside a importância das teses de Jauss para a teoria da Estética da Recepção sendo que as quatro teses iniciais tratam da estética, enquanto as três últimas dizem respeito à história literária.

A primeira tese integra a discussão da relação dialógica entre texto e leitor. Um texto jamais se apresentará atemporal ou monológico, já que este texto se atualiza continuamente no instante de sua leitura. Ou seja, a historicidade da literatura não ocorre pela cronologia da obra literária e sim pelo diálogo dinâmico mediante a obra e seus leitores.

Na segunda tese o autor trata acerca do "saber prévio". A obra literária refere-se ao já conhecido e não se apresenta como novidade cabal. Uma obra revela-se como um eco de outra, o que pode despertar expectativas de caráter emocional no leitor.

Na terceira tese é referido o conceito de horizonte de expectativas, de caráter privilegiado entre os demais, este conceito define a recepção pelo público de maneira que as expectativas se dão de modo a serem satisfeitas, frustradas ou rompidas. À incompatibilidade do horizonte de expectativas entre leitor e obra Jauss (1994, p. 31) denomina de distância estética, conceito que tem como consequência a reação do público e do qual decorre o valor da obra literária.

Na quarta tese Jauss (1994, p. 35) discute a respeito dos sentidos de um texto construídos historicamente, ou seja, esse tempo histórico do leitor reflete na construção dos sentidos do texto. Hermeneuticamente, um texto somente é compreendido quando se entende a pergunta à qual este representa uma resposta. Nesta perspectiva, a reconstrução do horizonte de expectativas de uma obra constitui caráter fundamental.

Na quinta tese, a leitura de um texto literário é discutida pelo ponto de vista diacrônico, entendido também como a linha do tempo. Uma obra, disposta na série literária, não deve ser considerada somente em vista de sua recepção inicial. As leituras realizadas posteriormente alteram uma obra, colocando-a historicamente, num momento distinto daquele em que ela foi produzida. As obras literárias, na teoria da Estética da Recepção, constituem um conjunto amplo de possibilidades, já que é possível vislumbrar outros sentidos a cada leitura feita e isto autoriza um permanente reexame dos textos.

Na sexta tese o autor alemão analisa a obra literária pelo viés sincrônico, isto é, o entendimento da leitura no momento de cada época. Neste sentido, segundo o autor, a historicidade da literatura se confere na confluência entre o aspecto sincrônico e diacrônico.

Daí que a importância da obra literária pode ser definida mediante as diferentes compreensões de leitura realizadas em momentos distintos, com a possibilidade de ser mais valorizada num momento que em outros.

A sétima tese contempla os aspectos sincrônico e diacrônico e abrange a vivência do dia a dia do leitor que rompe com seu horizonte de expectativas, permitindo um juízo crítico em relação à leitura da obra em análise, bem como à de obras posteriores. Denominado de caráter emancipatório da obra literária, este é um conceito básico da última tese. Neste contexto é considerado o efeito social, ético e psicológico da obra, mais do que o efeito estético.

1.3 Categorias fundamentais da Estética da Recepção

Nas próximas linhas desenha-se um quadro composto por um conjunto de oito categorias que figuram como conceitos essenciais na teoria da Estética da Recepção. Essas noções permitem a compreensão da teoria como um todo, mas auxiliam igualmente no estudo dos textos literários em particular para se observar o processo comunicativo que se estabelece historicamente entre o autor, a obra e o leitor.

1.3.1 Concretização

Por seu caráter subjetivo, dialético e dialógico o texto literário traz estruturalmente pontos de indeterminação, ou seja, lacunas ou vazios a serem preenchidos pelo leitor no ato da leitura. Tudo isso provoca o processo de interação atinente ao fenômeno literário, deflagrando, em consequência, a constituição do sentido da obra literária. Wolfgang Iser - companheiro de Hans Robert Jauss e o segundo importante esteio da teoria recepcional - emprega o conceito de concretização como a atividade própria do leitor no trato com o texto quando aquele completaria os vazios constantes na obra mediante o exercício de sua experiência estética, resultado do diálogo com textos lidos e concretizados previamente.

Nessa perspectiva, o leitor transforma-se em elemento fundamental para concretização do sentido e, simultaneamente, agente com compromisso pela recepção da obra,

somente compreendia na sua totalidade pela decorrência da comunicação. O conceito de concretização foi recuperado por Iser a partir de dois outros estudiosos do fenômeno literário, Felix Vodicka e Roman Ingarden, casando seus enfoques sem contrariá-los. De acordo com Regina Zilberman (1994, p. 14) Ingarden entende o leitor como o "responsável pelo preenchimento dos pontos de indeterminação próprios ao estrato dos objetos apresentados". No entanto, para a autora "essa circunstância não confere maior relevância ao destinatário, nem restringe a autonomia da obra" (ZILBERMAN, 2009, p. 14-15). Já para Vodicka, integrante do Círculo Linguístico de Praga, a concretização subordina-se ao código introjetado pelo leitor, caracterizando uma categoria semiótica sujeita a alterações, pois varia de acordo com as diferentes épocas, situações e classes.

1.3.2 Distância estética

No interior da terceira tese, Jauss (1994) trata do texto que pode satisfazer o horizonte de expectativas do leitor, ao mesmo tempo em que é possível acarretar estranhamento e rompimento do horizonte de expectativas para mais ou para menos, movendo esse leitor para a percepção renovada da realidade. Jauss denomina essa distância entre as expectativas do leitor e sua concretização de "distância estética", responsável por definir "o caráter artístico de uma obra literária" (JAUSS, 1994, p. 31). Considerando que o horizonte de expectativas modifica ao longo do tempo uma obra que já surpreendeu pela novidade, pode, em momento posterior, perder os seus atrativos diante dos leitores. Diante disso, Jauss conclui que as obras, classificadas como grandes, são as que conseguem impelir o leitor de qualquer época permitindo novas descobertas na leitura, em diferentes momentos da história.

Há um diálogo intenso entre o mundo da leitura e o horizonte de leitura projetado pelo leitor. E leitor algum se acerca inocentemente de uma obra, já que toda aproximação é realizada intencionalmente, pois satisfaz um desejo do espectador. O horizonte de expectativas do leitor, entretanto, pode ser saciado ou rompido por um determinado público. Ao se dar a satisfação à obra caracteriza-se, na expressão de Jauss (1994, p. 32), como "arte culinária" ou de pura diversão, ou seja, manifesta-se sem nenhuma exigência de mudança de horizonte. Atende meramente a expectativas que esboçam uma inclinação dominante do gosto, na medida em que atende à demanda pela reprodução do belo trivial corrobora

sentimentos íntimos, ratifica as fantasias do desejo, torna palpáveis as expectativas não comuns simplesmente, porém, para "solucioná-los" no espírito edificante como questões pensadas previamente.

A partir daí, formula-se o princípio teórico seguinte: apenas a ruptura de expectativas pode indicar o valor estético de uma obra, isto é, o valor artístico da obra está na medida de sua negatividade em relação às expectativas de seu leitor. Decorrente desta hipótese é possível construir-se o exame de impacto, pois este se dá na quebra de expectativas, fato que desenvolve o rompimento de barreiras e a intersecção de fronteiras.

Em vista desse princípio, as obras importantes são aquelas que constantemente despertam nos leitores, de épocas diferentes, a formulação de outras perguntas que os conduzem para a emancipação no que diz respeito ao sistema de normas estéticas e sociais em vigor. Essa alternativa “caracteriza a nossa modernidade mais recente – inverter a relação entre pergunta e resposta e, através da arte, confrontar o leitor com uma realidade nova” (JAUSS, 1994, p. 56), fomentando a ampliação dos seus horizontes, ampliação proporcionada pela obra de arte que impede a sua compreensão por um horizonte de expectativa prefixado.

Por fim, Jauss diz que se exclui o leitor da posição de público privilegiado para ser colocado na condição de um terceiro, de um primário que, frente a uma realidade de sentido estranho, precisa ele mesmo buscar as perguntas que lhe indicam para a qual visão de mundo e para qual dificuldade humana encontra-se voltada à questão da literatura.

1.3.3 Efeito

Há dois modos distintos de recepção, de acordo com Jauss (1979). Em primeiro lugar vem o processo atual em que se concretizam o efeito e o significado do texto para o leitor contemporâneo e, em segundo lugar, a reconstrução do processo histórico em que o texto é recebido e interpretado que ocorre de modo diverso de leitor para leitor de diferentes épocas. Nesse sentido, a execução precisa observar o confronto entre o efeito atual da obra em relação ao desenvolvimento histórico da experiência e formar o critério estético, tendo como base as duas instâncias: efeito e recepção.

É importante elucidar que dentro da teoria da Estética da Recepção há uma distinção de posicionamentos entre Jauss e Iser sobre o entendimento do efeito em relação ao leitor. Para Jauss é essencial recobrar o processo no qual concretizam-se, para o leitor, os efeitos e

significados do texto, enquanto que para Iser é importante estabelecer o tipo de interação mantida pelo leitor e a obra no decorrer da leitura.

De acordo com Wolfgang Iser (1996) a obra literária é composta por dois polos: o estético, definido como a concretização realizada pelo leitor e o artístico, produzido pelo autor. O estético, que é o foco do efeito, é dinâmico, não paralisa, já que é sempre atualizado pela repercussão que o texto realiza no leitor e que se constitui por converter a antiga questão: “o que significa esse poema, esse drama, esse romance?” pela pergunta “o que sucede com o leitor quando, com sua leitura, ele dá vida aos textos ficcionais?” (ISER, 1996, p. 50).

A interpretação tende a mostrar-se objetivista; em consequência, seus atos de apreensão eliminam a multiplicidade de significações da obra de arte. Se afirmarmos, como sucede muitas vezes, que uma obra literária é boa ou má, então formamos um juízo de valor. Mas quando necessitamos fundar esses juízos, utilizamos critérios que, na verdade, não são de natureza valorativa, mas que descrevem características da obra em causa. Se compararmos essas com as e outras obras, não conseguimos ampliar os nossos critérios, pois as diferenças entre esses critérios já não representam o valor próprio (ISER, 1996, p. 58-59).

Nessa perspectiva, a interpretação agrega uma função renovada, além de se prender ao sentido do texto propriamente dito, ela elucida seu potencial de gerar sentidos. No processo da leitura, o potencial e o sentido não são capazes de serem completamente esclarecidos, daí a necessidade da análise do sentido enquanto evento.

Conforme Iser, o “leitor ideal”, ou perfeito é o que:

representa uma impossibilidade estrutural da comunicação. Pois um leitor ideal deveria ter o mesmo código que o autor. Mas como o autor transcodifica normalmente os códigos dominantes nos seus textos, o leitor ideal deveria ter as mesmas intenções que se manifestam nesse processo (ISER, 1996, p. 65).

A atuação da leitura se dá em dois sentidos: um no avanço outro no recuo. O que Iser defende, no que tange a “efeitos e respostas”, no lugar das propriedades do texto e do leitor, é a ideia fundamental destes dois ingredientes, ou seja, o leitor implícito.

De acordo com Antoine Compagnon:

a noção principal decorrente dessas premissas é a de leitor implícito, calcada na de autor implícito, que fora introduzida pelo crítico americano Wayne Booth em *The Rhetoric of Fiction* [A Retórica da Ficção] (1961). Posicionando-se na época contra o *New Criticism*, na querela sobre a intenção do autor (evidentemente ligada à reflexão sobre o leitor), Booth defendia a tese segundo a qual um autor nunca se retirava totalmente de sua obra, mas deixava nela sempre um substituto que a controlava em sua ausência: o autor implícito (COMPAGNON, 2012, p.148).

O conceito de leitor implícito de Iser é uma estrutura de texto concebida pelo autor e alicerçada no ato da leitura. Iser foi criticado por Fish ao lastimar que a pluralidade de sentido descoberta no texto não fosse infinita e que a obra não estivesse suficientemente aberta, apenas entreaberta. Compagnon (2012) distingue Iser e Eco, considerando que para o autor italiano, diferente do alemão, toda a obra de arte está aberta para inúmeras possibilidades de leituras.

Já Vincent Jouve (2002, p. 43-44) encontra coincidências entre a teoria a do "leitor implícito" de Iser e a do "leitor modelo" de Eco, uma vez que os dois tratam da mesma forma o leitor em relação ao ato de criação do texto, isto é, o leitor fazendo parte da estrutura do texto. A conclusão de Iser (1996) é de que o modelo de Riffaterre (1973) implica nas qualidades estilísticas que não são percebidas apenas pelo instrumentário linguístico, quer dizer, não é suficiente que se capte o "fato estilístico", é necessário que o leitor se atualize.

Iser entende que a ideia de um leitor informado, criado por Fish, assemelha-se à do arquiteitor de Riffaterre, uma vez que Fish (1970) deseja descrever o processo sem a atualização dos textos pelo leitor. Este modelo de leitor necessita, além das competências citadas, perceber suas reações no procedimento de atualização no sentido de serem controláveis. Sustenta-se a necessidade de tal auto-observação, primeiramente em vista da concepção de Fish, segundo a qual o leitor informado esteja ligado à gramática transformacional. Também não é possível que se apresentem conclusões desse modelo gramatical.

Enfim, Iser insiste naquilo que ele chama de repertório, isto é, o conjunto de normas sociais, históricas, culturais trazidas pelo leitor como bagagem necessária à leitura. Mas também o texto apela para um repertório, põe em jogo um conjunto de normas. Para que a leitura se realize, um mínimo de interseção entre o repertório do leitor real e o repertório do texto, isto é, o leitor implícito, é indispensável. As convenções que constituem o repertório são reorganiza das pelo texto, que desfamiliariza, reforma os pressupostos do leitor sobre a realidade (COMPAGNON, 2012, p. 150).

Conforme Iser (1996), o leitor implícito constitui uma estrutura textual por antecipar a presença do leitor real, uma vez que todo texto manifesta certos papéis para os leitores já previstos no instante de sua escrita.

Esses papéis mostram dois aspectos centrais que, apesar da separação exigida pela análise, são muito ligados entre si: o papel de leitor se define como estrutura do texto e como estrutura do ato. Quanto à estrutura do texto, é de supor que cada texto literário representa uma perspectiva do mundo, criada por seu autor. O texto, enquanto tal, não apresenta um a mera cópia do mundo dado, mas constitui um mundo do material que lhe é dado (ISER, 1996, p. 73).

A complexidade da leitura do texto literário é enfatizada por Iser (1996) visto que este texto compõe-se pelos elementos: enredo, personagem, espaço e narrador. Sendo assim, não há liberdade para o ponto de vista do leitor, pois é construído no sentido interno do texto. Conclui-se daí, que a interpretação literária resulta do que é oferecido ao leitor que não tem escolha para interpretar um personagem supostamente trágico, se ele se revela cômico no texto, por exemplo.

A teoria do efeito estético, na ótica de Iser, favorece o ato da recepção, especialmente o leitor e postula que a leitura resulta de uma interação dialógica a partir do texto e a experiência cultural do leitor. No entanto, Iser elucida que, mesmo que a obra literária se efetive pelo diálogo com o receptor, não se pode considerar que toda leitura seja válida, assim como não há a liberdade do leitor quando a interpretação encontra-se suposta pelo texto.

1.3.4 Emancipação

O leitor é elemento fundamental, considera Jauss em suas hipóteses teóricas. Por esta lógica o leitor supera a obra e o autor que ocupavam lugar privilegiado em correntes literárias anteriores. Decorrente dessa ótica, o estudioso alemão se pauta nas diversas categorias como a do horizonte de expectativas, a emancipação, entre as demais, descritas no presente capítulo. Se a primeira alude a toda experiência social do leitor mediante um determinado código vigente, a emancipação seria, conforme Zilberman (2009, p. 49), como: a “finalidade e o efeito alcançado pela arte, que libera seu destinatário das percepções usuais e confere-lhe nova visão da realidade”.

De acordo com Jauss, (IN LIMA, 2001, p. 44), a experiência estética apresenta-se emancipadora ao reunir três dinamismos essenciais, ainda que distintos e que se inter-relacionam: a *poesis*, a *aisthesis* e a *katharsis*. A *poesis* abarca o prazer do leitor quando se faz coautor da obra literária; *aisthesis* é o prazer estético que resulta de outra percepção de mundo que vem do conhecimento advindo da criação literária e a *katharsis* se define como o prazer oriundo da recepção e que provoca ao mesmo tempo a permissão e a transformação das crenças do receptor, incitando-o para novas formas de pensar e agir no universo.

O processo emancipatório, denominado de: “fruição compreensiva e compreensão fruidora”, no conceito de Jauss e na interpretação de Zilberman (2009, p. 53): “só se pode gostar o que se entende e compreender o que se aprecia”. Em outras palavras, ter prazer na

arte autoriza a emancipação do leitor por meio da identificação que se dá com o tema ou personagem, mais a relação pessoal, intelectual e estética. Isso se faz no processo de recepção em vista da incompatibilidade das obras e o *status quo*.

Em sentido etimológico, *Verstehen* tem o sentido de entender, compreender, um termo de farta carga histórica, pois opõe-se a *erklären* utilizada por Dilthey. Já *geniessen* tem o sentido de fruir ou ingerir simultaneamente. A tradução de *verstehendes Geniessene* e *geniessendes Verstehen* torna-se um trabalho difícil, porém os termos latinos "saber" e "sabor", ambos ligados a *sapere*, além de facilitarem a tarefa, contribuem de modo sinestésico para uma construção de sentidos que se completam. Nessa direção, as expressões alemãs e o conhecido excerto da epístola de Goethe que encerra um artigo de Jauss revelam-se apropriados: “Há três classes de leitores: o primeiro, que goza sem julgamento, o terceiro, que julga sem gozar, e o intermediário, julga gozando e goza julgando, é o que propriamente recria a obra de arte” (JAUSS apud LIMA, 2001, p. 82).

A natureza emancipadora da arte facultou a defesa do prazer na teoria jaussiana em detrimento da crítica materialista e por outro lado livrou-o de ser alvo de elogio leviano do "vale tudo" de que algumas vertentes lhe atribuem imerecidamente. A dialética entre ruptura, criação e transmissão é entendida por Jauss como algo dinâmico. As frequentes mudanças de horizonte, além de não poderem isolar-se do campo da comunicação e do universo humano, compreendem novas interpretações e novas atribuições de valor para uma mesma obra, de modo que ela pode ser em algum momento experimentação e vanguarda, além de futuramente poder ser considerada costume e convenção.

1.3.5 Estrutura de apelo

Wolfgang Iser, com base nas conclusões de R. Ingarden e a partir do conceito de concretização aventa a possibilidade de o texto apresentar uma estrutura de apelo, fazendo do leitor elemento essencial no processo estético comunicativo. Entende o autor que a estrutura de apelo [*Appelstruktur der Texte*] na ficção, representada na obra literária, revela-se de maneira esquematizada, por isso, inacabada e com lacunas ou pontos de indeterminação. Isso põe Iser em condições de atestar um dos mais importantes postulados da Estética da Recepção: "a obra literária é comunicativa desde a sua estrutura; logo, depende do leitor pra a constituição de sentido" (ZILBERMAN, 2009, p. 64). Este sentido não diz respeito a nenhum

conteúdo universal, imutável ou eterno, na condição de a sociedade e os tempos serem diferentes. Em outras palavras, o texto literário não se apresenta como um todo hermético, o seu sentido provém do exercício de concretização, realizado pelo leitor que, segundo F. Vodicka (VODICKA Apud ZILBERMAN, 2009, p. 65) está condicionado aos códigos que o leitor introduz na obra literária. As orientações advindas do texto, por sua vez, impõem-se ao leitor que não têm força bastante para modificar ou transformar a estrutura básica de uma obra.

Segundo Iser (1996, p. 66), "a estrutura de apelo do texto" é constituída pelas lacunas ou indeterminações, já que são vazios que se apresentam para o domínio do leitor. Na medida em que os vazios comprometem a harmonia do texto transformam-se em motivação para a criação de representações para a concessão de sentido e, em vista disso, levam ao ato participativo do leitor. Nessa perspectiva, os vazios agem como estrutura autorreguladora; a suspensão dos vazios instiga a imaginação do leitor, ou seja, o que é desconhecido é ocupado pelas representações do leitor.

1.3.6 Experiência estética

A relação entre literatura e vida implica num papel social no âmbito da criação literária e em função de seu feitiço emancipador abre vias novas para o leitor no campo da experiência estética. E o que acarreta a experiência estética é a possibilidade de o leitor ser capaz, mediante a literatura, de perceber aspectos de sua experiência cotidiana de maneira diferente, visto que “a função social somente manifesta-se na plenitude de suas possibilidades quando a experiência literária do leitor adentra o horizonte de expectativas de sua vida prática” (JAUSS, 1994, p. 50).

O prazer estético abrange apropriação e participação, pois ante a obra o leitor dá-se conta de sua experiência criativa de recepção e da vivência de outrem. Assim, a experiência estética explica-se no saber e sentir do espectador diante de “seu horizonte individual, moldado à luz da sociedade de seu tempo, mede-se com o horizonte da obra e que, desse encontro, lhe advém maior conhecimento do mundo e de si próprio” (AGUIAR, 1996, p. 29). Decorrente disso, a experiência estética abrange prazer e conhecimento; e mediante a interação texto-leitor, a criação literária age sobre um público manifestando modelos de comportamento e simultaneamente, emancipando-o.

Para Jauss (1994), o ato da leitura exige um processo gradativo e lento. É nessa perspectiva que o professor alemão explica ser a experiência estética uma reconstrução elaborada pelo leitor tendo como referência as ideias do autor o que está vinculado às experiências anteriores do leitor.

Segundo o autor, a experiência primária de uma obra de arte dá-se em sintonia com o seu efeito estético, na compreensão fruidora e na fruição compreensiva.

E com suas palavras:

A experiência primária de uma obra de arte realiza-se na sintonia com (Einstellung auf) seu efeito estético, i.e., na compreensão fruidora e na fruição compreensiva. Uma interpretação que ignorasse esta experiência estética primeira seria própria da presunção do filólogo que cultivasse o engano de supor que o texto fora feito não para o leitor, mas sim, especialmente, para ser interpretado (JAUSS apud LIMA, 2001, p. 46).

A experiência estética inicia-se, não por meio do antigo entendimento de compreensão e interpretação do significado, mas pela interação das experiências compartilhadas de autor e leitor. Jauss retoma os conceitos de Aristóteles acerca da *poiesis*, *aisthesis* *katharsis* e defende que o prazer estético é liberação, por meio da criação artística, da recepção e do efeito catártico. Deste modo, a *poiesis* - criação artística - liberaria a consciência do autor que produz, em sua poética, a criação do mundo. Por meio da *aisthesis*, ou seja, a recepção mediante a recepção da *poiesis*, libera-se a consciência do leitor para renovar ou conferir noção de realidade tanto no interior do texto quanto ao seu entorno. Finalmente, a *katharsis*, isto é o efeito catártico causado no leitor, seria a liberação da experiência subjetiva para a intersubjetiva:

A determinação do prazer estético como prazer de si no outro pressupõe, por conseguinte, a unidade primária do prazer cognoscente e a compreensão prazerosa, restituindo o significado, originalmente próprio ao uso alemão, de participação e apropriação. Na conduta estética, o sujeito sempre goza mais do que si mesmo: experimenta-se na apropriação e uma experiência do sentido do mundo, ao qual explora tanto por sua atividade produtora, quanto pela integração da experiência alheia e que, ademais, é passível de ser confirmado pela anuência de terceiros (JAUSS apud LIMA, 2001, p.77).

O prazer estético é idealizado por Jauss, como o que oscila entre a contemplação desinteressada e a participação experimentadora. Desse modo, a Estética da Recepção constitui-se, acima de tudo, como experiência particular convertida na potencialidade de ser o outro. Tal vivência, por conseguinte, realiza-se de modo distinto de um indivíduo para outro frente à recepção da mesma obra, uma vez que, no instante da leitura, cada qual traz pela recepção as inferências culturais pelas quais compõem-se a sua subjetividade.

1.3.7 Horizonte de expectativas

O horizonte de expectativas, considerado por Jauss um dos postulados mais importantes da sua teoria, é um conceito abrangente. O diálogo entre leitor e obra está sujeito a fatores determinados pelo horizonte de expectativas, aval da reação inicial do leitor diante da obra. Cada leitor tem um horizonte de expectativas, produto de inúmeras motivações.

De acordo com Jauss (1994), o horizonte de expectativas de um texto tem a ver com as expectativas alimentadas pelo leitor concernente ao texto.

[...] pelo fato de não exigir nenhuma mudança de horizonte, mas sim de simplesmente atender a expectativas que delineiam uma tendência dominante do gosto, na medida em que satisfaz a demanda pela reprodução do belo usual, confirma sentimentos familiares, sanciona as fantasias do desejo, torna palatáveis – na condição de sensação” – as expectativas não corriqueiras ou mesmo lança problemas morais, mas apenas para “solucioná-los” no sentido edificante, qual questões já previamente decididas (JAUSS, 1994, p. 32).

Decorrente dessa ideia, formula-se a seguinte hipótese: apenas a ruptura ou a quebra de expectativas poderá indicar o valor estético de uma obra literária, isto é, o seu valor artístico é equivalente à negatividade em relação às expectativas dos leitores. Nessa perspectiva, é possível realizar o exame de impacto, uma vez que este acontece quando existe quebra de expectativas, o que também desencadeia o rompimento de barreiras e o cruzamento de fronteiras.

Já, uma obra, aparentemente inaceitável para um grupo de leitores da atualidade, pode simplesmente parecer o oposto à dos escassos felizardos. O que Jauss (1994) pensa sobre o público e suas expectativas admitem diversidade bastante nos públicos das obras num determinado tempo. Isso não significa ser a noção de horizonte de expectativas inválida. Pelo contrário, o que se faz imprescindível é o desdobramento de horizonte de expectativas, a averiguação de que mesmo num passado remoto, numa sociedade particular, não há tal coisa como uma leitura distinta e homogênea por parte do público.

Se, inversamente, trata-se de avaliar o caráter artístico de uma obra pela distância estética que a opõe à expectativa de seu público inicial, segue-se daí que tal distância – experimentada de início com prazer ou estranhamento, na qualidade de uma nova forma de percepção – poderá desaparecer para leitores posteriores, quando a negatividade original da obra houver se transformado em obviedade e, daí em diante, adentrado ela própria, na qualidade de uma expectativa familiar, o horizonte da experiência estética futura (JAUSS, 1994, p. 32).

Sob esta ótica, as grandes obras são aquelas que continuamente instigam os leitores de diferentes épocas a elaborarem novas questões que os levem a emanciparem-se em referência ao sistema de normas estéticas e sociais. Essa alternativa “caracteriza a nossa modernidade mais recente – inverter a relação entre pergunta e resposta e, através da arte, confrontar o leitor com uma realidade nova” (JAUSS, 1994, p. 56), ao promover o alargamento dos seus horizontes oferecido pela obra de arte que impede a sua compreensão a partir de um horizonte de expectativa preestabelecido.

1.3.8 Fusão de horizontes

A fusão do nosso horizonte com o horizonte de outro (pessoa ou texto) resulta em compreensão, de acordo com Gadamer (GADAMER Apud JAUSS, 1994). Conhece-se esse processo por fusão de horizontes, ou seja, a fusão do horizonte do passado - o texto propriamente dito - com a fusão do presente - o leitor.

Já, segundo Jauss (1994), é possível a reconstrução do horizonte de expectativas, quando, ao dialogar com o passado, o leitor sabe as perguntas cujas respostas estão presentes no texto. Tal averiguação possibilita trazer uma recepção mudada do texto no tempo atual. O leitor pode ter recebido no momento presente de modo diferente a obra daquele leitor anterior.

[...] um passado literário só logra retornar quando uma nova recepção o traz de volta ao presente, seja porque, num retorno intencional, uma postura estética modificada se reapropria de coisas passadas, seja porque o novo momento da evolução literária lança uma luz inesperada sobre a literatura esquecida, luz esta que lhe permite encontrar nela o que anteriormente não era possível buscar ali (JAUSS, 1994, p. 44).

Portanto, a recepção de uma obra literária realiza-se na fusão de horizontes. Assim, realça-se a abordagem de ordem diacrônica, cujo processo recepional e de produção (na abordagem de problemas e aparecimento de soluções por obras literárias) é denominado de mediação, no entendimento de Jauss (1994). É somente pela consciência desse processo que é possível demarcar uma sequência histórica da literatura. Imprescindível para fixar uma obra literária na sucessão histórica, levando em conta a história dos efeitos e as recepções precedentes.

É preciso frisar, sob a perspectiva de Gadamer (1997), que o horizonte do presente, ao invés de constituir uma unidade rija de valorações e suposições, além de um campo fixo no qual o passado possa ser percebido, esse horizonte presente apresentar-se-ia em contínua

formação. Assim, teriam que ser também continuamente avaliados os preconceitos do leitor e consequentemente uma fração considerável desta avaliação dar-se-ia no encontro com o passado e a tentativa de compreender a origem da tradição literária. Conclui-se que, não é possível a formação do horizonte do presente na ausência do passado. Ou seja, não existiria um horizonte ermo em relação ao presente, nem horizontes históricos para serem conquistados. Em contrapartida, o entendimento seria, portanto, a fusão desses horizontes, presumidamente existentes por eles mesmos. "A fusão dá-se constantemente na vigência da tradição, pois nela o velho e o novo crescem sempre juntos para uma validade vital, sem que um e outro cheguem a destacar-se explicitamente por si mesmos" (GADAMER, 1997, p. 457). Na herança literária, esse processo de fusão encontrar-se-ia em permanente movimento, o novo e o antigo eternamente em harmonia com algo de valor para a vida, de modo que, nem um dos dois seja, explicitamente e antecipadamente alicerçado no outro.

É possível compreender melhor, neste contexto, a defesa de Gadamer (1997), quando afirma que, de tudo que tem chegado mediante a escrita, uma vontade de permanência deu origem às formas únicas de contiguidade denominadas de literatura. Esta não se manifestaria por meio de acervo de memórias e sinais. Ao contrário, a literatura teria obtido sua própria contemporaneidade, mediante cada presente, porque compreendê-la não é o mesmo que tornar ao passado com o raciocínio, porém partilhar o que é dito no tempo atual. Compreender a obra, na perspectiva da fusão dos horizontes, não significa somente uma interação entre pessoas, entre leitor e autor, mas é partilhar com o que o texto compartilha.

1.3.9 Identificação

Identificação é um conceito relevante na teoria da Estética da Recepção e equivale, segundo Zilberman (2009), à resposta do leitor frente à experiência estética reunindo um duplo sentido: o intelectual e o afetivo. Em vista disso, uma obra pode agir sobre um público, mostrando-lhe padrões de identificação ao mesmo tempo em que o emancipa.

Jauss, em sua obra *Pequeña apología de la experiencia estética* (2002) define *katharsis* como a concretização de um processo de identificação o que conduz o leitor ou espectador a adotar outros modelos de comportamento social. Posteriormente, o conceito amplia-se: ajusta-se com o prazer afetivo fruto da recepção de uma obra e que estimula "tanto uma transformação de suas [do recebedor] convicções, quanto à liberação de sua mente" (JAUSS Apud ZILBERMAN, 2009, p. 57).

De acordo com Zilberman (2009), as atividades da *poiesis*, da *aisthesis* ou da *katharsis* estão condicionadas à capacidade de identificação do leitor na perspectiva da concretização. Em vista disso, a *poiesis* vem a ser a consciência produtora na qual o leitor se faz coautor da obra; a *aisthesis* se constitui em mente receptora, agente da reelaboração da visão de mundo; já a *katharsis* é concebida como a concretização de um processo comunicativo movimentando o leitor num duplo sentido, isto é, pela ação e pelo prazer.

A catarse, na leitura zilbermaniana, constitui-se em vivência fundamental da arte, revela a sua função social, inaugura e legitima normas, faz-se libertadora dos espectador em relação aos seus interesses práticos e trivias do dia a dia, ao mesmo tempo em que lhe proporciona a possibilidade de ampliar sua visão dos acontecimentos, motivando-o também a julgá-los. Esse caráter mobilizador, encontrado na catarse, evidencia o papel comunicativo da arte verbal, que, por sua vez, está condicionado ao processo experimentado pelo espectador, ou seja, a identificação. Em consequência, a identificação, instigada pela vivência estética, faz o sujeito adotar um modelo.

A arte cria a identificação que se estabelece entre o espectador e os elementos da narrativa (tema e herói, ou ambos) e pode atuar como emissora de regras, sem fazê-la pedagógica. Também Jauss não privilegia os gêneros didáticos.

De outro lado, a *katharsis* é fruição dos sentimentos e sensações despertados pelo espetáculo. Constitui-se em papel fundamentalmente mobilizador da arte, oriundo das reações que ocorrem independentemente da escolha pessoal, porém do que a obra sugere. De acordo com Jauss, o papel comunicativo da experiência estética não se mede pelo encargo catártico.

Também pode decorrer da *aisthesis*, quando o observador, no ato contemplativo renovante de sua percepção, compreende o percebido como uma informação acerca do mundo do outro ou quando, a partir do juízo estético, se própria de uma norma de ação. A própria atividade da *aisthesis*, contudo, também pode se converter em *poiesis*. O observador pode considerar o objeto estético como incompleto, sair de sua atitude contemplativa e converter-se em co-criador da obra, à medida que conclui a concretização de sua forma e de seu significado. A experiência da *aisthesis* pode, por fim, se incluir no processo de uma formação estética da identidade, quando o leitor faz a sua atividade estética ser acompanhada pela reflexão sobre seu próprio devir (JAUSS In LIMA, 2001, p. 82).

Jauss (2001, p. 82). afirma que “em todas as relações entre as funções, a comunicação literária só conserva o caráter de uma experiência estética enquanto a atividade da *poiesis*, da *aisthesis* ou da *katharsis* mantiver o caráter do prazer”. Esse prazer, mediante a vivência estética, passa por um acontecimento que deve acarretar um deslumbramento, afastando o observador da percepção automatizada ou costumeira da normalidade do dia a dia e conduzi-lo para a dimensão estética.

1.4 Sobre a história dos efeitos

De acordo com Zilberman (2009), Gadamer trata da história dos efeitos como a consciência da história dos efeitos para explicar o impacto dos fenômenos passados em relação ao tempo presente e confunde-se com a tradição. Já Jauss a trabalha, conforme a autora gaúcha, no interior da hermenêutica literária e em sua aplicação observa o impacto de uma determinada obra em relação ao seu público, e concernente ao sistema literário.

Jauss (1982) divide em três etapas o processo interpretativo da história dos efeitos a sua metodologia: a primeira equivale ao horizonte progressivo da vivência estética, na reconstrução da apreensão do texto por meio da leitura "a percepção estética é acompanhada *in actu* e descrita como efeito das estruturas poéticas, como também das ainda abertas estruturas significativas do texto"; a segunda corresponde ao "horizonte retrospectivo da compreensão interpretativa". A segunda fase deve operar-se somente depois do término da primeira etapa da leitura, após a qual o leitor poderá discernir a forma textual "mas não necessariamente já todo seu significado como uma totalidade". Depois desse entendimento, é necessário retornar ao princípio, "para, desde o conjunto da forma já apreendida, iluminar os detalhes ainda obscuros, esclarecer a série de conjeturas dentro do contexto e procurar aspectos do sentido que ainda ficaram em aberto na sua coerência de conjunto significativo" (JAUSS, 1982, p. 837).

Apenas depois disso é possível a terceira etapa do processo interpretativo, ou seja, a leitura reconstrutiva. O autor alemão acentua a diferença entre a fase atual e as demais quando então há a interferência do conhecimento histórico que situa o texto em seu tempo, as alterações sofridas e acarretadas, a maneira de como foi percebido num determinado momento. Jauss refere um poema de Baudelaire com o qual realiza-se uma análise na tentativa de exemplificar a leitura reconstrutiva na história dos efeitos:

Queremos tornar consciente a distância no tempo, ignorada durante a primeira e a segunda leitura e, por meio do confronto expresso entre o horizonte de compreensão passado e o atual, deixar claro como o significado do poema se desdobrou historicamente pela interação de efeito e recepção - até as perguntas que orientam a nossa interpretação para as quais o texto, a seu tempo, ainda não foi necessariamente a resposta (JAUSS apud ZILBERMAN, 2009, p. 70 e 71).

Ao fazer a reconstrução, Jauss analisa as regras que foram quebradas por Baudelaire. Descobre as concretizações que o texto revelou pelo caráter negativo no qual o texto foi

recebido. Examina as interpretações causadas na história, por meio do poema, inclusive a sua. Interpretações que vão construindo a tradição que regula a movimentação social da obra. Dito de outra forma, tais interpretações constroem a história de seus efeitos e a sua descrição é o quesito para esclarecer os próprios pré-juízos. E no dizer de Jauss: "se esclarece a própria pré-compreensão, que condiciona o horizonte de interpretação do crítico. Pode-se então verificar se aquela compreendeu o texto de modo original ou se reproduziu o trabalho dos precursores". (JAUSS Apud ZILBERMAN, 2009, p. 71).

Por outro lado, a experiência estética de uma obra literária não se inicia com a compreensão e interpretação de seu significado e muito menos pela reconstituição da intenção de seu autor. A experiência primária se dá pela "compreensão fruidora e na fruição compreensiva", isto é, alcança-se ao entrar em sintonia com o seu efeito estético.

Contrariar tal experiência estética inicial é o mesmo que admitir não ser o texto destinado ao leitor, servindo somente para fins de interpretação. Neste sentido explicam-se as duas tarefas da hermenêutica literária: delinear a diferença entre as duas formas de recepção, ou seja, elucidar o processo que atualmente concretiza o efeito e o significado do texto por parte do leitor de agora, ao mesmo tempo em que se reconstrói o processo histórico no qual recebe-se e interpreta-se o texto de maneira diversa, por leitores de épocas distintas.

Assim, a aplicação deve observar a comparação entre o efeito atual da obra com o desenvolvimento histórico e sua experiência, bem como formar o juízo estético, embasado nas duas instâncias de recepção e efeito.

2 MACHADO DE ASSIS CALEIDOSCÓPICO

O capítulo Machado de Assis caleidoscópico assim se denomina em razão dos tópicos multifacetários acerca do autor e de sua produção: dados sobre sua biografia; seus e interesses tendência política; a postura em torno da problemática da escravidão e da abolição no Brasil; o homem de imprensa; igualmente como literato; suas fontes e diferentes influências.

O texto reúne informações e posicionamentos de trinta e cinco críticos e estudiosos de Machado de Assis que se debruçam sobre o autor e sua obra desde quando ainda era vivo até os dias atuais. Estudos que vêm esclarecendo aspectos de sua produção, amadurecendo opiniões, além das pesquisas hermenêuticas a partir de textos machadianos a envolver preocupação histórica e política sociológica no contexto do século XIX. As informações aqui trazidas contribuem para o projeto sociológico-literário no qual participam alunos de Ensino Médio num estudo pela teoria da *Estética da Recepção*. Este texto tem como primeiro objetivo fornecer informações básicas acerca da vida e da obra de Machado de Assis para um leitor não especializado. E em segundo lugar, trazer subsídios para a presente pesquisa, cuja tarefa é tratar da recepção de obras machadianas pelos alunos participantes deste trabalho.

2.1 Machado de Assis: aspectos biográficos

Joaquim Maria Machado de Assis nasceu na chácara do livramento, no interior da cidade do Rio de Janeiro aos vinte e um dias do mês de junho. Filho de Francisco José de Assis e Maria Leopoldina Machado casados na capela da mesma propriedade há onze meses antes. Nascidos escravos, seus avós paternos viviam na chácara da freguesia de Santa Rita, no morro do Livramento, na parte setentrional da cidade de São Sebastião.

O pai de Machado de Assis, alfabetizado, assinava o Almanaque *Laemert* entre 1846 e 1847. Tal assinatura revela o interesse de Francisco José de Assis por assuntos que extrapolavam a propriedade da chácara do Livramento. A sua assinatura também aparece em atos diversos. Estes dados já são sinais da progressiva ascensão do Assis.

A mãe de Machado de Assis também sabia ler e escrever. Gondim da Fonseca reproduz a assinatura deixada por Maria Leopoldina Machado em seu “processo de

habilitação” (FONSECA apud MASSA, 1971, p. 38). De acordo com o autor, ela teria assinado os termos oficiais com caligrafia delicada e decidida. O crítico ainda estabelece um comparativo entre a caligrafia da mãe e do filho, o que o leva a concluir ser ela também quem lhe teria ensinado a escrever. Tinha dez anos quando sua mãe morreu, portanto é bem provável esta hipótese. Nesse sentido, se se relacionar à produção do *Conto de Escola*, anos mais tarde, é possível crer que Joaquim Maria tenha frequentado escola, já que não encontram-se documentos que o comprovem.

Machado de Assis, brasileiro como a grande maioria, não era negro nem branco. Segundo Massa (1971) a crítica exagera ao dar ênfase a este fator, porém é preciso não eliminá-lo drasticamente. O próprio Machado não ignorava essa mescla, assim como tinha consciência de que na realidade brasileira a participação na sociedade é definida pela condição social e pelo gênero.

A sociedade contemporânea a Machado de Assis apresentava-se distinta em diversos estágios. De cima para baixo, os negros encontravam-se assim marcados: as negras de banca, proprietárias, eram livres; as quitadeiras a praticar o pequeno comércio, não eram todas libertas; depois o proletariado negro, formado por pretas de ganho, provavelmente davam aos seus senhores uma soma diária; e enfim, os escravos alugados, denominados de aluguéis, severamente explorados pelos “pequenos brancos”, os quais empregavam (alfaiates, pedreiros, sapateiros...). O pai de Machado de Assis, provavelmente tenha alugado SOS serviços de escravos, ele, um pintor, de acordo com a tradição.

A família de Machado de Assis, portanto, não se encontrava socialmente entre os menos favorecidos, conforme tem-se acreditado quando se trata de seu nascimento e em seus primeiros anos. Pelo contrário, o nível era elevado, de certa forma. Se na base vinham divididos em vários grupos os negros alforriados da primeira geração e alguns homens livres analfabetos, depois destes pode-se enquadrar a família de Joaquim Maria, ou seja, entre os sem fortuna, uma hierarquia da sociedade patriarcal.

A população da cidade do Rio de Janeiro e da vizinhança (1850) era de aproximadamente duzentos e setenta mil habitantes. Desta população cento e sessenta mil eram livres e cento e dez mil escravos. Deste universo apenas um terço da população era alfabetizada, ou sabia ler e escrever. O próprio Machado de Assis escrevia numa de suas crônicas, fundamentado por uma estatística oficial afirmando: "a nação não sabe ler. Há só 30% dos indivíduos residentes neste país que podem ler; desses 9% não lêem letra de mão. 70% jazem em profunda ignorância" (ASSIS, OBRA COMPLETA, IV. I, p. 315).

Enquadrava-se entre essa minoria a família de Machado de Assis. Assim, cinquenta anos mais tarde, seguindo a tendência da cidade e do país, Machado de Assis alinhou-se à classe média burguesa. Com a sua maturidade, encontrava-se também avançado nas esferas sociais, de modo que tirou proveito do que o Império do Brasil lhe oferecia. Saber ler e escrever era o trunfo desta vantagem. Há, porém uma grande diferença entre o que a família lhe proporcionava nos primeiros anos de vida e o que conquistou depois de seus quinze anos quando pelos próprios méritos realizou.

Se pouco se sabe da infância de Joaquim Maria, escritos posteriormente, alguns textos ajudam a compreender o que nela vivenciava e como percebia o mundo. Um dos temas eram os remédios possivelmente presentes na sua pequena idade com a enfermidade da mãe e depois de sua madrinha: “Ayer é um dos velhos da minha infância: Oh! Bons tempos da saparrilha de Ayer e de Sands, dois nomes imortais”.

Ou então: “Para falar de “elixir antiflegmático” do “bálsamo homogêneo” e tantos outros preparados contemporâneos da Maioridade? O xarope, a cujo nascimento assisti, foi o “xarope do bosque”, um remédio composto de vegetais, como se vê do nome, e deveras miraculoso. Era bem pequeno, quando este preparado entrou no mercado” (MASSA, 1971, p. 63).

Assunto diferente neste repertório tratava das fábulas contadas em sua infância e com as quais se encantava. Uma delas dizia respeito ao tesouro do Castelo: “Crê-se geralmente que os jesuítas, deixando o Rio de Janeiro, ali enterraram riquezas incalculáveis: Eu desde criança ouvia contar isso, e cresci com essa convicção”. (ASSIS, OBRA COMPLETA, IV. I, p. 341).

Ou então: “Era uma vez um rei - ... Assim começam as histórias que eu ouvia em criança; mais tarde ouvi outras; mas as primeiras acho que eram ainda as melhores”.

Ou mais ainda: “Desde criança, ouço dizer que aos condenados à morte cumprem-se os últimos desejos. Dá-se-lhes doce de côco, lebre, tripas, um cálice de Tócai, qualquer cousa que eles peçam” (MASSA, 1971, p. 63).

Recordações de outra ordem eram as histórias contadas na época, das crenças das quais eram impregnadas e, possivelmente, contribuíram para a sua educação: “Quando eu era pequeno ouvia dizer que o galo, chegando à velhice, punha ovos, como as galinhas; não o averigüei mais tarde, mas agora devo crer que o conto não era da carocha, senão pura e real verdade” (MASSA, 1971, p. 64).

Outra narrativa de suas recordações: "Eu, em criança, ouvi contar a anedota de uma casa que ardia na estrada. Passa um homem, vê perto da casa uma pobre velhinha chorando, e

pergunta-lhe se a casa era dela. Responde-lhe a velha que sim. – Então permita-me que acenda ali o meu charuto”(MASSA, 1971, p. 64).

Os sinos marcaram igualmente sua infância. Aqui a recordação não é de mero espectador, é sim de quem participa da história: “Eu fui criado com sinos, com estes pobres sinos das nossas igrejas. Quando um dia li o capítulo dos sinos de Chateaubriand, tocaram-me tanto as palavras daquele grande espírito, que me senti (desculpem a expressão) um Chateaubriand desencarnado e reencarnado” (MASSA, 1971, p. 64-65).

Se na sua maturidade Machado de Assis era cético em relação à religião, a infância era envolta do clima religioso. Assim párocos e bispos são mencionados em suas reminiscências de 1878:

“Monsenhor Reis era um dos sacerdotes mais populares entre nós; ele, o Mont’Alverne, Monsenhor Marinho, frei Antônio, o franciscano, foram os nomes que a nossa infância ouviu pronunciar com mais frequência e veneração, sem esquecer o bispo, o excelso Conde de Irajá. Quase todos se foram, por aquela mesma e única porta. O que se retirou esta semana honrou o hábito que vestiu e a Igreja de que foi ornamento e lustre – soube ser caridoso e útil, pacífico e bom” (MASSA, 1971, p. 65).

Talvez das recordações mais significativas de sua tenra idade seja esta:

As pessoas que foram crianças, não esqueceram decerto a velha questão que se lhes propunha, sobre qual nasceu primeiro, se o ovo ou a galinha. Eu, cuja astúcia era então igual, pelo menos, à de Ulisses, achava uma solução ao problema, dizendo que quem primeiro nasceu foi o galo. Replicaram-me que não era isto, que a questão era outra, e repetiam os termos dela, muito explicados. Debalde citava eu o caso de Adão, nascido antes de Eva e de Caim; fechavam a cara e tornavam ao ovo e à galinha (MASSA, 1971, p. 65-66).

E ao refletir acerca de suas lembranças brinca: “Onde vai, porém, a minha astúcia? Perdi-a com a infância. A inocência em mim foi uma evolução, apareceu com a puberdade, cresceu com a juventude, vai subindo com estes anos maduros, a tal ponto que espero acabar com a alma virgem das crianças que mamam” (MASSA, 1971, p. 66). Das informações acerca da infância e juventude de Machado de Assis, Wilson Chagas (1994) acredita, como Jean-Michel Massa (1971, p. 68) não ser verdadeira a gagueira do escritor, pois recitava poemas nos saraus literários. De acordo com Raimundo Magalhães Júnior (2008), os que conviviam com Machado em sua juventude assim se manifestavam sobre o seu comportamento: Temperamento vivaz, alegre, trocista – dessa forma era caracterizado por seus amigos. Portanto, muito diferente da descrição feita por alguns biógrafos a seu respeito.

Segundo Massa (1971, p. 79), muito diferente de um moleque desorientado, sífilítico, gago, epiléptico, que vagabundeava pelas ruas, Joaquim Maria era sim um menino rústico, de condição modesta, porém com uma família bem estruturada. O termo moleque, ao contrário da concepção da época “um verdadeiro símio dotado de um espírito infernal”, a palavra deve ser tomada com o sentido atual de garoto. Ficou órfão de mãe aos dez anos de idade, porém viveu até os quinze numa chácara e recebeu da sociedade patriarcal bem mais benefícios do que vida amarga. Não passou fome, foi muito bem cuidado e querido por sua madrinha. Corria sangue negro em suas veias, mas também corria sangue de branco, e talvez sangue de algum eclesiástico, conforme conclui Gondim da Fonseca.

De acordo com Massa (1971, p. 88-89), seu amigo José Veríssimo, diretor da *Revista Brasileira* (1895), veiculou notícia acerca do início da vida de trabalhador do jovem Joaquim Maria, com a seguinte introdução: “filho de operário, foi destinado, em princípio, ao comércio, onde permaneceu apenas três dias, como caixeiro de uma loja de papel”. Ainda mais plausível é a informação recolhida por Veríssimo em companhia de Sara Costa, sobrinha de Machado de Assis que relata o depoimento de um habitante de São Cristóvão ao referir-se a um jovem aparentando treze ou quatorze anos, caracterizando-o como “magrinho, mas modesta e limpamente vestido”, a percorrer diariamente de barca o trajeto entre o bairro e o cais Phroux. Saía pela manhã, voltando à tarde e durante a jornada, indiferente às pessoas e ao ocorrido na viagem, mesmo à bela baía, não erguia os olhos, ia enfiado na leitura.

Em 1864 Machado de Assis passou a usar óculos por causa de uma fadiga ocular. O fato somente passou a ser registrado porque um oftalmologista denominado Hermínio Conde defendeu sua tese nesta especialidade e trouxe à tona a dificuldade de visão do escritor diagnosticada como “uma introversão miópica – neurastenia ocular – extroversão epiléptica”. Além disso, o médico encontrou também documentos tais como o termo de batismo dos pais do escritor, o termo de casamento de seus pais.

A miopia de Machado de Assis também rendeu assunto em crônica, uma vez que antes dessa dificuldade ignorava a profissão do oculista:

Nada mais natural do que passar de uma casa de livros a uma casa de óculos. É com os óculos que muita gente lê os livros. Se se acrescentar que muita gente há que lê os livros sem óculos, mas que precisa deles para ver ao longe, e finalmente uma classe de homens que vê perfeitamente ao longe e ao perto, mas que julga de rigor forrar os olhos com vidros como forra as mãos com luvas, ter-se-á definido a importância de uma casa de óculos e a razão por que ela pode entrar neste folhetim (ASSIS, OBRA COMPLETA, IV. I, p. 129).

Na condição de funcionário público, Machado de Assis foi nomeado Ajudante do Diretor do Diário Oficial em oito de abril de 1867, pelo apoio de seus amigos liberais. Primeiramente em função básica e lugar modesto, a sua nomeação demorou, talvez, porque Machado tenha dirigido a Zacarias, Presidente do Conselho, muitas alfinetadas no ano de 1864.

Convidado por Quintino Bocaiúva, Machado fez parte do corpo redacional do Rio de Janeiro de 1860 a 1867. Mesmo assim continuou na colaboração do Jornal das Famílias e na Semana Ilustrada. Foi nomeado 1º oficial do Ministério da Agricultura, Comércio e Obras Públicas no ano de 1873 e em 1876 foi levado a chefe de seção. Promovido da função de chefe a oficial de gabinete em 1880 por Manuel Buarque de Macedo quando este era titular do Ministério da Agricultura.

Conciliando o trabalho de funcionário do governo, de escritor e redator de jornais, Machado de Assis, antes do trinta anos já tinha fama de crítico literário por meio de seu folhetim. Respeitado a ponto de José de Alencar, o maior escritor brasileiro na época, solicitar-lhe em carta aberta pelo Correio Mercantil o encargo de apresentar Castro Alves, jovem poeta baiano, ao público do Rio de Janeiro.

No dia dezesseis de março de 1867, Machado de Assis recebeu o título de cavaleiro da Ordem da Rosa. Eram igualmente homenageados, como recompensa daqueles que se destacavam com feitos de guerra, mediante o título de cavaleiro da Ordem do Cruzeiro, ou seja, os militares, enquanto que o título de cavaleiro da Ordem da Rosa era para os civis. Com essa homenagem o escritor assina um pacto de reconciliação com o poder, superando sua condição social, de cor e conflito político.

Ao completar o 22º aniversário da publicação de *Crisálidas* – primeiro livro de poesias – Machado de Assis é homenageado no ano de 1886, traduzindo também a sua condição de celebridade pela publicação de *Memórias Póstumas de Brás Cubas* de 1881. Já fora saudado uma vez com o título de “príncipe” das letras brasileiras em carta por Francisco Otaviano e agora a homenagem retoma a metonímia.

Se era feliz ou não, ao certo não se sabe, os seus inúmeros trabalhos não lhe proporcionavam tempo para ouvir as batidas do coração. Em 1864, em idade madura, confessou seu amor a Corina, musa de seus versos em *Crisálidas*. Joaquim Maria amou Corina e o confessou em seus versos bem mais do que o fez em suas cartas a Carolina. A vontade de deixar o *Diário do Rio de Janeiro* em 1866, o que Machado de Assis confiou a Quintino Bocaiúva, seu amigo, pode ser considerada uma fuga de ordem íntima e relacionada à Carolina, alusão a uma correspondência feita à noiva, a quem confessou suas paixões. Dizia

de Corina, um amor infeliz e outra explosão violenta do seu coração alimentada por grande esperança. Um amor correspondido, paixão difícil e dolorosa, relacionamento que acabou por intervenção de uma pessoa amiga. Um amor cercado de mistério, pois nada se sabe da pessoa amada nem da confidente conselheira. Assim seu sofrimento seria sepultado pelo silêncio, não fosse uma carta conservada e endereçada a Carolina.

Nestas duas cartas Machado de Assis realiza uma mescla, revelando o seu próprio retrato como imprime o seu modo de pensar literário: “Se a velhice quer dizer cabelos brancos, se a mocidade quer dizer ilusões frescas, não sou moço nem velho. Realizo literalmente a expressão francesa: um homem entre *deux ages* [...]” (ASSIS, OBRA COMPLETA, III, p. 1165). Carolina Augusta Xavier de Novais era a mulher com a qual Machado de Assis casar-se-ia em 1869 com trinta anos e, como ele mesmo explica escrevendo à sua namorada, “o terceiro capítulo de seu coração”. Ao justificar os amores antes de Carolina, Joaquim Maria faz alusão a um pensamento de Mme. De Stael: “Diz a Stael que os primeiros amores não são os mais fortes porque nascem simplesmente da necessidade de amar” (ASSIS, OBRA COMPLETA, III, p. 1349). Duas correspondências datadas em dois de março de 1869 contribuem para a reconstituição do sentimento que os unia, seus desejos e aspirações. Casamento decidido, as epístolas são endereçadas a Carolina, residindo em Petrópolis mais para esconder-se do calor do que para afastar-se de Joaquim Maria, como a sua presença no Brasil tinha meramente o intuito de cuidar do irmão Faustino Xavier de Novais, enfermo, no Rio de Janeiro.

Carolina Xavier de Novais, nascida na cidade do Porto aos vinte dias do mês de fevereiro de 1835, era quatro anos mais velha que Machado de Assis. Foi batizada na paróquia de São Ildefonso, no centro da cidade. Antônio Luís de Novais, o pai de Carolina, era comerciante e artesão joalheiro, pertencendo assim à pequena burguesia da cidade lusitana.

Pelo convívio com literatos como o irmão Faustino Xavier de Novais, Carolina também exercitava sua veia poética. O quarteto abaixo é um poema escrito por ela jovem, provavelmente quando ainda vivia no Porto.

A poesia, sempre bela,
Quase nunca é proveitosa
Que mesmo se é venenosa
Doçuras só lhe revela
(MASSA, 1971. p. 583).

Se Carolina fez alguma censura ao noivo não foi porque não confiava nele, mas porque ele declarou a ela suas confidências do passado. Numa carta de dois de março de 1869, Machado de Assis teria explicado à Carolina a razão do apego a ela:

Há uma razão capital, e é que tu não te pareces nada com as mulheres vulgares que tenho conhecido. Espírito e coração como os teus são prendas raras; alma tão boa e tão elevada, sensibilidade tão melindrosa, razão tão reta não são bens que a natureza espalhasse às mãos cheias pelo seu sexo. Tu pertences ao pequeno número de mulheres que ainda sabem amar, sentir e pensar. Como te não amaria eu, ... (ASSIS, 2008, p. 1348).

E logo depois, mais precisamente: “Além disso tens para mim um dote que realça-os mais: sofreste” (ASSIS, OBRA COMPLETA, III, p. 1349).

Os testemunhos não são unânimes, pois a união de Joaquim Maria Machado de Assis e Carolina Augusta Xavier de Novais foi controversa, uma vez que certas pessoas da família não aceitavam que a moça se unisse em núpcias com um brasileiro negro.

A paixão de Machado por Carolina revelou-se literariamente na coleção publicada em Falenas. Um casamento de amor, conclui Chagas (1994). A aproximação de dois seres maduros e conscientes do sentimento que os unia. Havia sofrimento sim, porém esvaneceu-se com a paixão, apagando o passado. Embora Machado tenha se esforçado para apagar rastros da intimidade do casal, restaram duas cartas responsáveis por ainda alimentam a curiosidade dos estranhos tanto tempo mais tarde. Ao se casarem Machado contava com trinta e Carolina com trinta e quatro anos de idade. Wilson Chagas (1994, p. 56) brinca com a diferença: “Cupido esquece facilmente as datas de nascimento”.

De dezembro de 1878 a março de 1879, Machado de Assis, por motivos de estafa, descansou num hotel de Friburgo. Mesmo assim já em julho de 1879 publicaria o célebre soneto *Círculo vicioso*. No mês de janeiro de 1880 publica o poema, igualmente célebre *A mosca azul*. Já de março a dezembro do mesmo ano publicava em capítulos de folhetim a obra *Memórias Póstumas de Brás Cubas*.

A crítica em torno de Machado de Assis tem aprofundado pesquisas acerca de sua biografia e de sua produção, porém muitas conclusões têm pouco acerto, assim como muitas generalizações tem-se feito a partir de interpretações de suas obras. Jean-Michel Massa (1971) nega a versão de Raimundo Magalhães Junior (2008) que afirma ter sido Machado de Assis candidato a deputado em 1866 sem conseguir eleger-se pela província de Minas Gerais, o que explicaria o seu desencanto pela política. Igualmente não se aceita a versão de Lúcia Miguel-Pereira (1988) e de seus signatários ao afirmarem de Machado de Assis ter sido na infância “um mulato gago, um molequinho feio, de camisa de riscado e pés no chão e, ademais,

epilético” (Pereira, 1988, p. 34). Particularmente contraria os autores a utilizarem sua obra de ficção para tirar conclusões e reconstituir-lhe a infância.

Inúmeros são os depoimentos e posicionamentos em torno da vida, do comportamento e da obra de Machado de Assis. Olavo Bilac refere-se a Machado de Assis como “o querido Mestre a quem toda roda literária, sem distinção de escolas, acata e venera” (BILAC Apud CHAGAS, 1994, p. 59), enquanto que Raimundo Magalhães Junior (2008) ressalta o perfeccionismo de Machado de Assis ao retocar e reescrever textos já publicados. Jean-Michel Massa (1971, p. 294) contesta a opinião reinante da crítica, na qual Machado de Assis teria sido um espírito amargurado e indiferente às coisas e aos seres. “Este mito é ilusório porque deixa de lado um período essencial – a juventude de Machado de Assis”. O biógrafo ainda diz: “Machado de Assis é, ponto por ponto, o contrário do mito: corajoso, ativo, engajado, idealista” (MASSA, 1971, p. 309).

2.2 Machado de Assis e a política

Machado de Assis é acusado insistentemente de omissão em relação ao abolicionismo e em relação a outras causas político-sociais importantes de sua época. O escritor ter-se-ia desinteressado completamente da natureza brasileira, assim como não teria espaço em suas narrativas a expressão “geo-política”, mote acentuadamente explorado por escritores como José de Alencar. Teria ainda colocado o homem no centro de suas narrativas na sua acepção universal sem priorizar o homem brasileiro. De acordo com Brito Broca (1957, p. 10) “Na maioria das vezes, tais acusações são produto de um *'parti-pris'* de escola e de uma concepção estreita de arte”. Pode-se dizer que um exemplo disso são Pedro do Couto e Hermetério José dos Santos que escreviam no Almanaque Garnier, de 1910, no qual Couto assim se expressava:

Ora, quando é sabido como a literatura, as artes refletem o estágio de civilização; quando é sabido que pelas obras deste se pode até certo ponto reconstituir um período social, não se deve admitir que um escritor da nomeada de Machado de Assis não deixe entrever em sua vasta obra nenhum sinal do momento em que viveu. Os fatos sociais são postos à margem, nem indiretamente, mesmo, eles se fazem sentir. Não será, como poderão alegar, que propositadamente assim fez – primeiro porque um espírito superior não foge calculadamente à corrente de seu tempo, ao contrário, procura dirigi-las; segundo, porque admitindo-se que houvesse propósito em assim fazer aqui ou acolá, Machado de Assis se trairia, deixando entrever que não lhe era estranho o movimento que se operava (COUTO Apud BRITO BROCA, 1957, p. 10).

Em outro trecho referia-se a temáticas sociais:

Quanto aos fenômenos morais e sociais que em todas as celebrações atuam, e especialmente nos mais desenvolvidos, Machado de Assis não mostra em nenhum livro deles ter sequer conhecido a existência. Dir-se-ia que longe deles, isento de sua influência o escritor se achava (COUTO Apud Brito Broca, 1957, p. 10-11).

Nega ainda a Machado de Assis qualquer valor filosófico e psicológico: “Nenhum traço forte sobre as paixões humanas, individuais e coletivas” (MOURA Apud BRITO BROCA 1957, p.11).

Já Emílio Moura, poeta e escritor, em 1926, influenciado pelo movimento inovador, falava de Machado de Assis na Revista do Brasil nestes termos:

Vivendo numa época que foi talvez a dos maiores surtos da nacionalidade, ele ficou indiferente a todas idéias vitais e tumultuosas da época. Ninguém praticou entre nós, em grau tão elevado, a arte pela arte. Nos seus livros ele nunca nos revelou o homem nas suas relações como o meio físico e social. (MOURA Apud BRITO BROCA 1957, p.11).

Medeiros e Albuquerque, atribuindo o sucesso de Machado de Assis meramente pelo seu excelente estilo, colocava em dúvida o talento do escritor afirmando “que não podia ter um conhecimento profundo da humanidade quem a conhecia, na maior parte, através dos passageiros habituados a fazer o percurso de bonde do centro da cidade a Cosme Velho” (MEDEIROS E ALBUQUERQUE, Apud BROCA BRITO, 1957, p. 11).

Mas Astrojildo Pereira (2008) comunista convicto, antecipa-se em desfazer a versão equivocada dos que acusavam Machado de Assis de ter estado alheio à realidade social de sua época. No ensaio “Machado de Assis, romancista do Segundo Reinado”, Pereira faz desdobramentos do que já é evidente, porém negligenciado por muitos ainda: as narrativas de Machado de Assis são o reflexo de um período da civilização brasileira. O que ocorre é que o romancista não tomava partido, não atacava nem defendia as instituições e os tipos por ele apresentados. Ao contrário, era um artista e posicionava-se como tal, para além do particular e do nacional, o foco era o universal, mais do que o homem brasileiro, ou seja, o homem na sua essência. Daí se justifica o materialismo histórico que Pereira defende “uma literatura que transcende objetivos políticos e partidários, de que a arte interessada, a serviço de uma ideia ou de uma causa, é incompatível com a verdadeira missão do artista” (PEREIRA, 2008, p. 13).

Em outro trecho de sua obra “Machado de Assis e a política e outros estudos” Brito Broca (1957, p. 14) revela que por ocasião da Proclamação da República o escritor lusitano, Eça de Queiroz, ao acompanhar o desenrolar da política no Brasil teria questionado: - “Que

pensará Machado de Assis de tudo isso?”. A baliza para o entendimento da realidade na política brasileira só poderia vir com maior acerto do ilustre homem de letras do Brasil. Porém um crítico, por sinal brilhante, teria achado que a curiosidade de Eça de Queiroz foi vã, já que Machado de Assis nada pensava. Então Brito Broca (1957, p. 14), na defesa de Machado de Assis argumenta: “Pois será lógico concluir-se de semelhante alheamento num escritor apegado à realidade? Equivaleria a imaginar a obra de Machado de Assis uma sequência de visões de ópio”.

Também tratando da participação de Eça de Queiroz, Alberto Torres assim se manifesta:

Um grande escritor português perguntava um dia qual a influência de Machado de Assis no governo e na política do Brasil. Todos sabem que era completamente nula. Quem privou, entretanto, com aquele espírito privilegiadamente agudo e sutil, não tem o direito de duvidar de que, dadas certas emergências, seus conselhos sugeririam, certamente, aos homens de governo soluções para as mais intrincadas crises políticas. Ninguém o ouvia, os políticos não o julgavam hábil senão para enganar o entrecho de romances e polir o estilo; na realidade, ele era uma finíssima natureza de diplomata e possuía a mais lúcida visão das coisas públicas (TORRES Apud BRITO BROCA, 1957, p. 14-15).

O equívoco talvez resida no fato de que no início de sua carreira de jornalista, Machado de Assis, também como bom romântico, idealista, enfileirou-se com os liberais pela colaboração em jornais desta tendência sem hesitar na crítica aos acontecimentos políticos pelo viés dos liberais. Passado o tempo, envolvido com a arte de fazer ficção foi distanciando-se pouco a pouco do antigo fervor para manifestar-se ironicamente, sinal de seu ceticismo. Se na mocidade era combativo, na maturidade sorria com descrença.

Para ilustrar esse comportamento Brito Broca (1957) repete as palavras de Galante de Souza acerca da votação na Câmara de um projeto denominado Tôrres Homem com a finalidade de acabar com o inflacionismo. Sob a ótica liberal, Machado de Assis exaltado, então publica o seguinte texto:

Afinal apareceu uma das medidas prometidas pelo governo contra os males da situação; medida homeopática com que o gabinete *similia similibus* pretende curar o mal que enxerga nas instituições bancárias. O projeto do Sr. Sales é realmente uma concepção enfesada, irmão ou próximo parente de um outro de certo deputado que pretende a organização do trabalho. (...) (ASSIS apud BRITO BROCA, 1957, p. 18).

É o eterno destino do povo rolar como o Sisifo antigo a pedra das suas liberdades e vê-la despenhar-se de contínuo? Pois a toga dos tributos não será uma vez a túnica de Nesso que lhes agarrando a carne lhes inocule o sentimento de sua missão grandiosa? Estes problemas prestam à sociedade; a dúvida pousou no coração nacional; o povo sedento de verdades irá buscá-las onde elas estiverem. É sobre elas que assentam as bases sólidas da civilização e do bem estar. (ASSIS apud BRITO BROCA, 1957, p. 19).

Voltemos ao projeto. O Sr. Ministro da Fazenda pretende de certo apresentar meia dúzia de artigos, a sua obra prima financeira, a sua odisséia econômica. Para um espírito sensato não passa tudo isso de um grosseiro golpe sobre o crédito; e uma pretensão vaidosa de ministro que pretende aniquilar uma liberdade garantida pela lei e pela necessidade pública (ASSIS Apud BRITO BROCA, 1957, p. 19).

Na sua ficção a temática da política pulsa como num desabafo, de modo que em muitas de suas narrativas, personagens têm envolvimento político.

Em *Dom Casmurro* a vida é um permanente desencanto, considerando o pessimismo a nortear sua filosofia. Ora a ambição política era possivelmente um fator desse desencanto. Nas palavras de Brito Broca (1957, p. 26): “Poder, mando, influência, prestígio, tudo se anularia, naturalmente, no determinismo implacável de um mundo onde a sabedoria consiste em não transmitir a outrem o legado de nossa miséria”.

Na obra de *A Mão e a Luva*, de 1874, Machado de Assis traz um homem que conquista consciente e calculadamente a moça que ama, concomitantemente a uma vaga na Câmara Legislativa.

No conto *Um ambicioso*, datado de 1877 e publicado no “Jornal das Famílias” a temática é retomada sem o envolvimento emotivo, a paixão é meramente política e eleitoral com José Cândido, figura simplória, a contentar-se em ser eleitor ao invés de ambicionar uma cadeira, como deputado ou ministro.

Já em *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, no estágio mais maduro do escritor e ao mesmo tempo mais cético e desencantado, a desilusão se manifesta de novo no amor e na política. A narrativa desenvolve-se em duas perspectivas: a de uma frustrada pretensão política e de um amor que se dilui sem concretizar-se plenamente. Entre os que discutem o reflexo da vida pessoal de Machado de Assis em suas obras, dos conhecedores de sua intimidade, querem acreditar ser Brás Cubas o retrato do próprio escritor, psicologicamente descrito. Ao contrário, qual seria o mote para o romancista criar uma obra caracterizando um herói que vivencia um drama político?

No conto *O Programa*, também com a temática do amor, a personagem Romualdo arquiteta a ambição de chegar à política mediante um casamento afortunado. Fracassado o intento por esse caminho altera a estratégia e propõe-se alcançar êxito na política primeiro para então atrair o casamento rico.

Em 1891, no romance *Quincas Borba* a ambição política costura-se com um incontido relacionamento amoroso. Rubião, enganado por Camacho (mais político do que advogado por formação) entregou-se ao delírio fugindo mediante a loucura de seu fracasso ao

perceber que seu sonho de diplomação a deputado e a mulher por quem se apaixonou escapavam-lhe entre os dedos.

O Brasil, na época de Machado de Assis vivenciava a campanha da Independência e da Proclamação da República. Se o movimento da Independência estava ligado à escola romântica, a vertente republicana associava-se à estética naturalista. Ora, o Naturalismo, inspirado em Zola, tem sua gênese no *Positivismo* mediante as teorias científico-literárias abraçada como princípio pelos republicanos brasileiros. Machado de Assis, por sua vez, teria feito uma alusão apenas ao partido republicano no dia onze de agosto de 1878 na revista *Cruzeiro*, considerando que, apesar das convicções de seus signatários, o partido republicano teria nascido de um equívoco e de uma metáfora, do poder pessoal. Contudo, as obras de *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, *O alienista* e *A teoria do medalhão* exerceram maior persuasão que os romances naturalistas os quais pretendiam escandalizar o público leitor. O que não deixa de ser um tiro pela culatra em relação às intenções de sua obra. Aconteceu que Machado afastou-se do movimento republicano, apostando na monarquia como melhor regime.

Tal apoio à monarquia deve-se a um sentimento catalisado pelo escritor em razão do que a população experimentava logo após a Proclamação da República, assim entendido por Gilberto Freyre, no livro *Euclides da Cunha*, referido por Brito Broca. O imperador seria para todos como um velho pai, patriarca por excelência, em quem todos confiavam de maneira filial. Esse patriarcalismo teria marcado Machado de Assis o qual cedo perdeu seus pais e alimentava veneração e respeito pelo todo poderoso pai de todos que velava pelos filhos de São Cristóvão, onde se encontrava o palácio de D. Pedro. Supõe-se que Bentinho, em *Dom Casmurro*, tivesse apelado em imaginação que o imperador, numa atitude de pai protetor, o livrasse dos planos da mãe de levá-lo para o seminário.

Em outra circunstância, em sua vida de funcionário, teria impedido a retirada do retrato do imperador da seção que liderava com a seguinte reprovação: “Veio com uma portaria, só sairá com outra”. (BRITO BROCA, 1957, p. 38). Fiel cumpridor de regulamento, Machado trai-se pelo apego ao monarca declinado, de modo que foi acusado em 1894, por Deocleciano Mártir, por conspirar contra as instituições. Não se sabe ao certo se Machado feriu o seu idealismo ou o fosse pela realidade e talvez pela atitude de colegas. O que se sabe é que tudo fez com que repugnasse a coisa política.

Quanto à redação das crônicas ficavam cada vez mais espaçadas. Se antes (1862) eram escritas ao menos semanalmente, depois passaram a ser entre uma ou duas por mês. E a temática também já não era a da política, porém quase exclusivamente voltadas para a

literatura. Massa (1971) afirma: “depois da crônica de 1º de abril, particularmente cáustica, sobre a inauguração da estátua, Machado de Assis calou-se. Só retornou em 5 de maio de 1862, exatamente antes da queda do ministério Caxias. Mostrou-se, então, completamente desabusado”:

Era um dia...

Não vou bem. Este exórdio dá ares de história de criança, dessas que eu ouvia à ama, nos tempos que lá vão, quando não me lembrava de fazer comentários, e nem de ser lido pelos leitores do Diário, no pressuposto de que sou lido. (...)

Não será por falta de matéria que eu deixe de comunicar todas as segundas-feiras ao meu leitor a opinião que formar acerca das ocorrências da semana anterior (ASSIS, 2008, p. 70-71).

Este foi o comentário derradeiro. Porém, não há pesquisa ainda que explique o momento da crise ocorrida pela saída Machado de Assis da redação das crônicas no *Diário*. É certo sim o cronista revelar-se desgostoso da política. E segundo Massa (1971), é acertado dizer que, além das manobras cotidianas, Machado ter-se-ia manifestado em posição de esquerda em relação ao *Diário*.

Por volta de 1861, Machado de Assis foi proibido de entrar no domínio da política podendo apenas falar de literatura e arte. Por seis meses Machado de Assis desancou o ministério. Acredita-se que a partir de 1861 assistia sistematicamente às sessões do Congresso, principalmente as do Senado. Então, armado de informação recolhida nas melhores fontes, fica muito seguro para comentar as ações do governo. Assim, aos vinte e um anos, atirou-se livre e espontaneamente à confusão. A crítica não era somente dirigida à gestão do gabinete, chegava ao plano moral da política. E conforme Massa (1971) Machado de Assis acusa o comportamento do governo:

Não é nosso propósito seguir em detalhe tais polêmicas. Basta indicar o que o nosso censor acrescentou ao retrato do ministério Caxias, que gravou a buril: o imobilismo, a incapacidade, a venalidade, a mediocridade, o fatalismo, a ambigüidade, a duplicidade, a ilegalidade, a hipocrisia, o favoritismo (MASSA, 1971, p. 302).

Para condenar o governo Machado de Assis parodiou dezoito estrofes do poema épico-cômico, *Hissope* de Dinis.

No dia vinte e quatro de março anuncia inaugurações, datas comemorativas e eventos:

É amanhã a inauguração da memória do rocio. É também amanhã o aniversário da proclamação da nossa carta política. [25 de março de 1824, data da primeira constituição]. Por último, na opinião do ministério, é amanhã a realização de uma

revolta popular, preparada pelos chefes liberais a bem de se apossarem do governo (ASSIS, 2008, v. IV, p. 65).

Machado de Assis, mais Dom Quixote do que Robespierre, lutava pelo ideal:

Hoje, é necessário que alguma coisa assim satisfaça e entretenha o espírito público, desgostoso e enjoado com as misérias políticas de que no dão espetáculo os homens que a aura da fortuna, ou o mau gênio das nações, colocou na direção, patente ou clandestina, das coisas do país (ASSIS, OBRA COMPLETA 2008, v. IV, p. 62).

Machado de Assis ainda juntou-se à oposição, contrariando, inúmeras vezes Zacarias para favorecer o seu diretor:

O fato mais importante da quinzena é o rompimento de hostilidade por parte do Sr. Saldanha Marinho, deputado e redator do Diário do Rio, isto é, tendo duas vezes, duas tribunas. Repellido pelo Sr. Zacarias na candidatura à presidência da Câmara, o Sr. Saldanha Marinho assumiu posição que sua consciência lhe indicara e que por mais de uma vez tentara assumir (ASSIS, 2008, v. III, p. 1081).

Em abril de 1864, Machado de Assis tratou de política estrangeira. Primeiramente sobre o casamento das duas filhas de D. Pedro em crônica da história menor, ou seja, que pertencia ao setor da política exterior. O Conde d'Eu foi escolhido para a filha mais velha, enquanto que a filha mais nova destinou-se ao príncipe Augusto de Saxe. Esses enlaces renderam um poema de Machado:

E a mão que não consome
Memórias tão louças,
De dois fêz um só nome:
Bragança e Orleans! (ASSIS, 2008, p. 768).

A Questão Christie, responsável por deixar a anglofobia de Machado de Assis à flor da pele, após a realização de renovadas exigências pela marinha inglesa, fizeram o escritor exacerbar esse sentimento. A vitória, feita por um navio de guerra britânico, de uma embarcação nacional asseverou ainda mais o julgamento de Machado de Assis:

Quando o patacho Mercúrio foi abalroado pelo vapor Shapshooter, não se tratava de mostrar que os tripulantes do último eram ingleses, descendentes de Néelson; tratava-se de mostrar que eram homens, descendentes de Adão. Cair sobre um navio pequeno, obrigar a tripulação a abandoná-lo, e quando ela buscava um refúgio no próprio vapor expulsá-la, repeli-la, abandoná-la à lei do acaso e dos ventos, é um ato que envergonha uma nação inteira (ASSIS, OBRA COMPLETA 2008, v. IV, p. 240).

Se a Questão Christie, fato a colocar a Inglaterra e o Brasil em delicada situação diplomática, - o que também tirou o sono de Machado de Assis - estava em vias de ser solucionada a partir de maio de 1864. Já os conflitos entre Uruguai e o Brasil ficaram mais

acirrados. O Uruguai, denominado República Oriental e livre desde 1828 tinha sua independência garantida pelo Brasil e pela Inglaterra, pois constituía território de ambos. E em 1852 brasileiros e argentinos em intervenção conjunta colocou fim a uma Guerra Civil a dividir a república sul-americana.

O palpitante patriotismo de Machado de Assis também aparece no campo de sua composição poética. Recitado por Furtado Coelho a oito de maio de 1865, o poema *A Cólera do Império* foi declamado num espetáculo beneficente para a sociedade patriótica União e Perseverança com a presença do Imperador.

Se império é fogo,
Também é luz: abrasa, mas aclara.
Onde levar a flama da justiça,
Deixa um raio de nova liberdade.
Não lhe basta escrever uma vitória,
Lá, onde a tirania oprime um povo;
Outra, tão grande, lhe desperta os brios;
Vença uma vez no campo, outra nas almas;
Quebre as duras algemas que roxeiam
Pulsos de escravos. Faça-os homens
(ASSIS apud MASSA, p. 468).

O seu ardor pela vida política brasileira, uma das pedras fundamentais de suas defesas, fez com que empregasse a arma da ironia cítrica, mais letal do que na época (1861-1862), em que a atacava e ridicularizava. Machado de Assis afrontava, escandalizava, chocava. Daí se pronunciar acerca do comportamento da futura municipalidade do Rio de Janeiro:

A futura câmara, para bem desempenhar os seus deveres e levantar a instituição do abatimento em que jaz, deve observar três preceitos.
Esses preceitos são os seguintes:
1º - Cuidar do município.
2º - Cuidar do município.
3º - Cuidar do município.
Se fizer isto, terá cumprido um dever, sem que daí lhe resulte nenhum direito à menor parcela de louvor, e contribuirá com o exemplo para que as câmara futuras entrem no verdadeiro caminho de que, - tão infelizmente, - se não desviado (ASSIS, 2008, v. IV, p. 169).

Machado de Assis não foi sempre um cético ou desencantado. Brito Broca (1957) em sua tese, defende Machado de Assis, pois nunca teria dado as costas para os problemas de seu tempo, nem fugido de participar deles, como se observa no interior de suas obras. A escravidão é o tema, talvez, mais pungente em suas narrativas, especialmente nos contos *Pai contra mãe* e *O caso da vara*.

2.3 Machado de Assis e a escravidão

Machado de Assis manteve-se indiferente ao destino de sua própria raça. Esta é uma acusação das que mais pesa na crítica dirigida ao romancista que viveu nos momentos mais intensos que antecederam a data da abolição da escravidão no Brasil, bem como da resistência dos senhores de escravos em abandoná-la. Assim um dos primeiros a atacar o escritor foi Hermetério José dos Santos que num prolongado artigo publicado na “Gazeta de Notícias” poucos dias após a morte de Machado. Homem de cor, Machado de Assis abster-se de tomar parte na campanha abolicionista, é a contínua acusação de Hermetério José dos Santos. Poder-se-ia desculpar o fato pela grandeza do escritor, porém, justamente por se tratar da maior figura das letras do país é que seu absenteísmo em relação à escravidão se torne mais crítico, na acusação do redator na “Gazeta de Notícias”. Já outros escritores e artistas escaparam do julgamento severo do qual Machado de Assis foi alvo por não terem alcançado aqueles a mesma projeção do romancista.

Contextualizando brevemente acerca da campanha pela abolição da escravidão, pode-se dizer que o movimento abolicionista começou mais ou menos no ano de 1875. Castro Alves, com sua poesia social e condoreira, fez ecoar a dor dos negros pelos salões, especialmente com a declamação de seu *Navio Negreiro*. Mas depois da morte prematura do poeta da liberdade, ignorou-se novamente o sentido abolicionista de sua obra.

Uma década mais tarde é a vez de Nabuco lutar pela causa do negro escravo, contudo para muitos políticos essa iniciativa não passava de suicídio para os legisladores ou governantes sustentados ideologicamente pela classe dos fazendeiros escravocratas.

Ao que tudo indica é que no momento em que a campanha apenas engatinhava, Machado de Assis também achasse imprudente lutar pela causa, já que não havia clima para o combate e era inoportuno para sair-se vitorioso na empreitada. Já em 1881, época em que o movimento ganha força, o escritor, que já não era mais jovem, encontrava-se numa fase de absoluto ceticismo. E o ideal pela abolição da escravidão foi sempre defendido por uma maioria de moços que tinham entre vinte e trinta anos, ou seja, tempo em que o ardor juvenil corre nas veias.

Além do mais é necessário levar em conta o seu temperamento. Até mesmo quando jovem, Machado era de índole tímida, de espírito reflexivo e analítico que o impedia de apaixonar-se. E como entender Machado de Assis abolicionista se o abolicionismo tinha o germe da paixão? Sendo assim, para colocar lado a lado o seu perfil e o contexto da campanha

aboliconista, questiona-se como perceber Machado discursando, uma vez que a propaganda dava-se no campo da oratória? Mesmo na imprensa, onde fora tão bem sucedido, é pouco provável que se adaptasse a um discurso passional.

Contudo, no campo das letras, especialmente no romance e no conto, em que a timidez não era obstáculo, o escritor não se fez derogado. É preciso frisar ainda que no Brasil, excetuando-se a poética de Castro Alves, era escassa a literatura da abolição. Na comparação à americana, *Cabana de Pai Tomás*, livro da escritora norte-americana Harriet Beecher Stove, nada houve no Brasil para se equiparar. Pode-se considerar a peça de teatro *Mãe*, de autoria de José de Alencar e os romances *A escrava Isaura* de Bernardo Guimarães, cujo tema é idealizado, *O Mulato*, de Aluísio Azevedo e as novelas *Vítimas Algozes*, de Joaquim Manuel de Macedo. Com exceção de Machado, também alguns contos de Ezequiel Freire e quase nada mais.

Da parte de Machado de Assis dois contos, de acordo com Brito Broca, seriam os mais pungentes já escritos acerca da escravidão: *Pai contra mãe* e *O caso da vara*. Enquanto que o conto *Mariana*, publicado no *Jornal das Famílias*, encerra formidável condenação ao cativeiro negro, tratado com o mesmo viés de sua poesia *Sabina*: escrava apaixonada pelo senhor branco que se suicida por não poder constituir matrimônio com o amado. E em *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, o pajem Prudêncio comprou, ao obter a carta de alforria, semelhantemente aos brancos, um negro escravo para vingar-se nele, dos maus tratos recebidos pelo seu antigo dono, quando menino, que se divertia ao cavalgá-lo. Nestas obras observa-se a denúncia por parte de Machado de Assis, quanto à deformação moral produzida pelo regime da escravidão. Não havia parâmetro para os sentimentos, e negro não era gente na cabeça do senhor escravagista. Aos olhos de hoje o quadro revela-se de um cinismo incomparável, porém o senhor de escravos, a exemplo de Cotrim, em *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, apresentava-se como excelente pai de família, desmanchando-se em afeto com os filhos. Com os escravos, porém, era impiedoso e cruel. Endossando esse comportamento, Machado de Assis (2008) recorda de um homem que tinha verdadeiro prazer no uso do chicote:

Hoje, os escravos estão altanados, costumava ele dizer. Se a gente dá uma sova num há logo quem intervenha e até chame a polícia. Bons tempos os que lá vão! Eu ainda me lembro quando a gente via passar um preto escorrendo em sangue e dizia: “Anda diabo, não estás assim pelo que eu fiz! – Hoje...” (ASSIS, 2008, v. IV, p. 326)

A sociedade escravocrata combinava, sem escrúpulos, as duas atitudes considerando o “efeito das relações sociais”, ou seja, o “homem bom” nunca percebia o mal praticado ao castigar os escravos, seus semelhantes. É nessa perspectiva também que Machado de Assis escreve “Memorial de Aires” (BROCA, 1957, p. 59). Um livro saudoso, nostálgico, de desilusão que quer refletir um dos momentos mais críticos da vida político-social brasileira. O ano de 1888, marco da libertação dos escravos no Brasil, Machado entrelaça a tragédia dos personagens no romance de sua maturidade em que transpõe com tanta verossimilhança a realidade política extraordinariamente viva, demonstrando que jamais se omitiu da problemática maior de seu tempo. Não pode ser mera coincidência que ele tenha escolhido o ano de 1888 para compor sua narrativa, nem tampouco elegeu o tipo social mais característico do Império: o nobre escravocrata que fosse, talvez até um ser humano generoso com os escravos, conforme somos levados a acreditar de acordo com o seguinte trecho: "Estou certo de que poucos deles deixarão a fazenda; a maior parte ficará comigo, ganhando salário que lhes vou marcar e alguns até sem nada - pelo gosto de morrer onde nasceram" (ASSIS, OBRA COMPLETA, 2008, v. I, p.1248). Isso, mesmo sem protagonismo na história, o Barão de Santa Pia nitidamente se destaca no livro.

“Enfim, lei. Nunca fui nem o cargo me consentia ser propagandista da abolição, mas confesso que sentia grande prazer quando soube da votação final do senado e da sanção da regente” (ASSIS, OBRA COMPLETA, 2008, v. I, p.1249). O Conselheiro Aires, sem entusiasmar-se, participa discretamente da alegria geral, assim como se desvia de entrar no cortejo que presta homenagens à Princesa Isabel. Novamente sua diplomacia e hábitos quietos deixam-no de lado. E é com sentimento de pena que recusa, pois o regozijo é grande. Aqui, dizem os críticos, será impossível não reconhecer nas declarações do conselheiro uma confiança de Machado de Assis. O escritor que não era dado a atirar o chapéu para o ar, erguer freneticamente os braços e dar vivas na rua, era acusado de indiferente à realidade social.

No mês de outubro de 1876, por ocasião do quinto aniversário da *Lei do Ventre Livre* e do progresso do “fundo de emancipação”, Machado de Assis exclama: “Deus lhe dê vida e saúde! Esta lei foi um grande passo na nossa vida. Se tivesse vindo trinta anos antes estávamos em outras condições” (ASSIS, OBRA COMPLETA 2008, v. IV, p. 325. A referência aos trinta anos é porque neste tempo todo, a vinda de escravos era proibida, no entanto eram contrabandeados e vendidos escancaradamente no Valongo.

Nos artigos escritos em verso na *Gazeta de Notícias*, na seção *Gazeta de Holanda*, no mês de novembro de 1886, Machado de Assis por duas vezes mostra a atitude ridícula dos

escravocratas. No mês de agosto do ano de 1887, refere-se a um parlamentar cearense, acusado de “manter escravaria”, o qual se justificava alegando sempre ter clamado pela “aurora da liberdade” e se não tinha votado a favor da lei do sexagenário era porque o gabinete.

Para o Ceará mandara
Um presidente e um cacete
Ambos de muito má cara.
(ASSIS, 2008, p. 736).

Já em setembro de 1887, em versos debochados, descreve as discussões infundadas que se faziam acerca dos fundamentos jurídicos da abolição da escravidão e se no atual regime o escravo deveria ser tratado escravo ou gente. Diante de tais pendengas faltava apenas ouvir o maior interessado no assunto, ou seja, um cativo. Então Machado de Assis, por meio do “Pai Silvério”, ao qual expõe a tese, obtém o seguinte como resposta do negro:

Meu senhor, eu, entra ano,
Sai ano, trabalho nisto;
Há muito senhor humano,
Mas o meu é nunca visto
(ASSIS, 2008, p. 747).

A questão da escravidão aparece discretamente nos romances de Machado de Assis. No entanto, conforme Gustavo Bernardo (2010) após cem anos depois da morte do escritor pode-se expor a problemática sob dois aspectos já de muito tempo conhecidos. Em primeiro lugar, o século XIX no Brasil é um século marcado pelo problema da escravidão e em segundo lugar, Machado de Assis era um dos críticos sociais mais perspicazes daquele tempo. Em *Quincas Borba* Machado de Assis representa ironicamente a ausência de escrúpulos presente na sociedade de seu tempo quando representa o fracasso do personagem Rubião que ficou rico de uma hora para a outra, porém ingênuo é espoliado literalmente pela elite e pelos que a ambicionavam. O autor caricaturizava o darwinismo social e fazia apologia da lei do mais forte, caráter universal da humanidade e princípio constitutivo da sociedade, por meio de uma filosofia caduca denominada *humanitismo*, de um filósofo demente por nome Quincas Borba. Com a consciência de que o oportunismo e a exploração eram a base das relações sociais, é evidente também que Machado de Assis não tivesse ignorado a extrema violência ao se tratar o homem como objeto na escravidão.

Roberto Schwartz (2008) na década de setenta analisa a obra de Machado de Assis demonstrando que o modo de produção da escravidão, além das relações sociais, determinava igualmente a visão de mundo do século XIX. E na base desse materialismo histórico Schwarz explica, por meio dos romances de Machado de Assis, as dependências sociais que o

patriarcalismo escravagista regia, assim como as posturas ideológicas que essas dependências acarretavam.

Já Sidney Chalhoub (2012) comprovou que Machado de Assis em sua função no alto escalão como funcionário do Ministério da Agricultura, com muita frequência resolvia disputas de ordem jurídica concernente à Lei do Ventre Livre. Revela o historiador que Machado de Assis nessas circunstâncias empenhava-se sobremaneira na libertação dos escravos.

De capital importância apresenta-se a antologia de Machado de Assis afrodescendente, organizada por Eduardo de Assis Duarte (2010) em que são reunidas, de forma inédita, poesias, crônicas, críticas, contos e trechos de romances de Machado pela temática da escravidão. Se em *Memórias Póstumas de Brás Cubas* um eu narrador e senhor pela intenção de esconder tanto o escândalo da exploração escravagista como o poder patriarcal absoluto revela-se em exemplo de como na maioria os textos de Machado não condena a escravatura frontalmente, isto não quer dizer, impreterivelmente, que não estejam criticando a escravatura. Ao contrário, seguindo o raciocínio e a visão de mundo patriarcal, estes textos podem querer desvelar o modo como o próprio escravagismo operava, ou seja, pelo *silenciamento* e exclusão, a violência contra os escravos e os afrodescendentes. Daí Eduardo de Assis Duarte (BERNARDO, 2010, p. 9) chamar o fenômeno de “a poética da dissimulação”. O que o estudioso faz é uma desconstrução do discurso patriarcal e escravocrata por meio das estratégias subversivas que revelam a violência escravagista, bem como sua anulação discursiva que aparece mais violenta ainda.

Diz a tradição que os negros, ao serem capturados pelos agentes do tráfico e pouco antes do embarque nos tumbeiros, obrigava-se os escravos a andar em círculo em torno de uma árvore, a *árvore do esquecimento*. Neste ritual os traficantes desejavam sequestrar os corpos para o uso no trabalho sujeito ao capitalismo mercantil-escravagista juntamente com a *memória* dos indivíduos na qual guardavam a vivência de antes: a família, a comunidade, os costumes, as tradições e a religião. Passados pouco tempo do fim da escravidão no Brasil, o conto *Pai contra mãe* representa a voz dissonante diante de uma nova investida de sequestro, agora, da própria história da escravidão brasileira. Nos primeiros tempos da Colônia e dos governos do Império os arquivos do tráfico deviam ser ocultados, extirpados, mesmo que para isso tivessem que ser queimados, como o ordenou Rui Barbosa, ministro da Fazenda do Governo Deodoro da Fonseca. Contrariamente a este recalque histórico vem o conto de Machado de Assis que se enuncia em relação aos temas do negro e das relações étnicas na sociedade brasileira de sua época.

O conto que contribui para a reconstrução da memória do escravismo, publicado em 1906, redescobre o tema proibido já na abertura de *Relíquias*. A narrativa recobra sentido de resgate de denúncia: a máscara para castigar os escravos era “grotesca”, assim como a “ordem social” que, por meio dela, mostrava a imposição do poder econômico e político. Os aparelhos de tortura e os dramas conseqüentemente gerados pelo regime proporcionam um enredo bem elaborado com que Machado de Assis relaciona esses elementos num ritmo tenso e alucinante. É de crítica direta e exacerbada, com desfecho sarcástico. E arremata Gustavo Bernardo (2010, p. 11): “mas não cuidemos de máscaras”.

No entanto com os estudos de Raimundo Magalhães Junior (1957, 1981), John Gledson (1986, 1991) e Sidney Chalhoub (2003), além de outros, as defesas acerca do absentismo machadiano não tem mais consistência. Gledson associa o tempo inscrito nas narrativas e até o andamento dos romances na cadência da política imperial, avançando e recuando, transformação da obra de Machado de Assis em alegoria da história brasileira. Gledson chama a atenção para um maior apuro no estudo das crônicas que estão envoltas na dinâmica dos fatos e revela os momentos cruciais da Abolição e da República.

Assis Duarte (2010) destaca o binômio nacional/universal, reiterada crítica a Machado de Assis, sem apagar o selo tão importante quanto que é a do autor. É importante lembrar, de onde veio, por onde passou e onde chegou, considerando o homem de imprensa que foi, ser mulato no século XIX, descendente de escravos, embora nascido livre, porém pobre, para fazer-se aceito na cidade letrada. Este é o viés de uma cosmovisão não racista e não branca. E é também por ele que Machado de Assis se distancia do projeto de construção de uma identidade nacional, uma das bases da estética romântica brasileira, assim como não comunga da literatura de José de Alencar, Joaquim Manuel de Macedo ou Bernardo Guimarães a carregar um abolicionismo benevolente, preconceituoso e arianista, como demonstra Heloísa Toller Gomes, 1994. Não é à toa que Machado de Assis se fizesse cético quando se produzia uma literatura que, além do mais, rebaixava negros e mulatos a entes de segunda categoria. Quem deveria merecer a crítica?

Harold Bloom (2003) em seu livro *Gênio*, considerando a tendência universalizante, coloca Machado de Assis entre os “100 autores mais criativos da história da literatura”. O crítico reconhece o pertencimento étnico de Machado de Assis, nomeando-o “*escritor afro-brasileiro*”, elegendando-o o “maior literato negro surgido até o presente” (BLOOM, 2003, p. 687).

Assim sendo, inaugura-se uma terceira perspectiva da crítica em relação à obra de Machado de Assis: sendo um autor clássico da literatura do Brasil e do Ocidente, é colocado

igualmente como escritor afro-brasileiro. Pois ele constitui-se mestre que reescreve as regras de sua arte, obtendo com isto reconhecimento internacional; delinea-se uma plataforma crítica que nos apresentam as relações sociais sustentadas pelo mando patrimonialista e escravocrata no Brasil de sua época; ao mesmo tempo é preciso vislumbrar as escolhas do autor, na direção afrodescendente, em relação à forma antiépica, pessimista e carnavalizadora presentes em inúmeros textos do escritor.

Enquanto que o romance *Iaiá Garcia* (1878) tem clima diferente dos outros romances, já que os espaços marcados pela acumulação de capital oriunda da mão de obra escrava não estão presentes. Os romances do primeiro momento de Machado de Assis não contêm a figura do senhor de escravos construído pelos padrões da colônia, o que não significa a superação do paternalismo ideologicamente constituído, muito pelo contrário, as tramas se encarregam de exercer as determinações do paternalismo. Exemplo disso é o desejo de Bento para que seja protegido pelo pai (Imperador) da promessa que a mãe fez ofertando-o para a vida eclesiástica.

Observa-se, com isso, que esses romances são a expressão de uma atitude diante da realidade da escravidão marcando não apenas o ambiente da senzala e dos quilombos, mas perpassava também a vida da cidade, bem como estava presente em plena Corte dos anos de 1880.

Em vista disso, é possível afirmar que a poética machadiana é expressa de forma dissimulada. Daí o senhor, o “Outro do negro” de Ianni (1998, p. 106) não é uma instituição imutável e eterna, como se impunha na ideologia paternalista. A ficção machadiana acerca da escravidão pós-abolição se explicita num grau mais elevado em seu *Memorial de Aires*, cuja ação se dá nos anos 1888 e 1889. Esse romance, além de denunciar a manobra da abolição quanto contesta frontalmente o discurso fingido. Contudo é em *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, publicado em 1881, que Machado de Assis adota postura mais contundente do ponto de vista político.

Para analisar o texto de Brás Cubas, Sidney Chalhoub diz:

Machado cifra o significado do romance na trajetória de Brás, que é o Brasil que vivera até 1869, e então agonizara, morrera e fora entregue aos vermes em 1870 e 1871, anos de intensa movimentação política em torno da questão do ‘elemento servil’ (CHALHOUB, 2003, p. 73).

É no campo ideológico que os textos de Machado de Assis nesses quase vinte anos, basicamente difundidos na imprensa é que os patriarcas do escravismo serão suprimidos.

Além do mais, Machado de Assis é um mero militante a lutar indiretamente, com as armas da ficção, por um país sem escravos.

O preconceito, herdeiro do paternalismo, torna os afrodescendentes vítimas e transforma incontáveis ex-escravos carentes, favelados, miseráveis e por que não dizer, delinquentes. No romance *Esau e Jacó*, o personagem Paulo diz: “A abolição é a aurora da liberdade, esperemos o sol; emancipado o preto, resta emancipar o branco” (ASSIS, OBRA COMPLETA, 2008, P. 1121).

A personagem Rubião em *Quincas Borba*, o que há de se estranhar, não é descontente com a escravidão, nem tampouco se interessa por ela. Rubião, contrariamente, diz que venderia os escravos da herança, menos um pajem a qual daria alforria. O protagonista demonstra moderação acerca do tema e sinaliza com o discurso do imperador de não contrariar a propriedade atual.

Roberto Schwarz (1991) diz ser o século XIX, considerado “negro”, é assim chamado para perceber-se o clamor de que a problemática dos negros e escravos é, sem dúvida, a violenta obsessão do período. O estudioso descobre recortes minuciosos sobre as relações de dependência na sociedade do século XIX, registrado em seu livro *Um mestre na periferia do capitalismo- Machado de Assis*. E a circunstância do diálogo entre Rubião e Palha no romance *Quincas Borba*, o fato relatado não pode ser um caso isolado, necessariamente Machado de Assis o coloca porque era recorrente. Outro fato no qual uma atitude revela-se nada singular é o incidente da condenação e do enforcamento de um escravo supostamente assassino. E ainda no romance de *Memórias Póstumas de Brás Cubas* no qual a cozinheira escrava enfrenta o inferno ao contrariar o menino branco a provar o doce. Outro exemplo é o das cavalgadas de Brás tendo o negro Prudêncio por animal de montaria. Trata-se de uma fabulosa invenção do narrador, ou soma-se a tantos outros gestos do dia-a-dia dos idos da escravidão? Ao fim e ao cabo, porém, em nenhum momento da narração é questionado o fato em que o menino branco aprendesse na tenra idade ser detentor de toda a liberdade e o filho do escravo também devesse entender, desde pequeno, de que tinha nenhum direito.

2.4 Machado de Assis, homem de imprensa

O trabalho e a vida de Machado de Assis na imprensa começaram no ano de 1858, na imprensa denominada *Correio Mercantil*. Lá era inicialmente revisor de provas, mas naquele ano ainda publicou alguns poemas.

Não se sabe ao certo qual seria a profissão exercida por Machado de Assis entre os anos de 1856 e 1858. Os biógrafos são unânimes em afirmar que Joaquim Maria teria exercido a função de tipógrafo na Tipografia Nacional. Conforme Capistrano de Abreu (1908) ele teria trabalhado no estabelecimento entre 1856 e 1858. Prova disso é que há hoje numa sala do museu da Imprensa Nacional a prensa manual na qual trabalhava o jovem escritor. E Capistrano de Abreu testemunha: “Quando Machado de Assis conheceu Maneco Almeida, era tipógrafo da Imprensa Nacional, mau tipógrafo, disse-me um seu companheiro, que ainda encontrei” (MASSA, 1971, p. 169). Há outros que confirmam essa informação a exemplo de Alfredo Pujol (1934, p. 54) pelo episódio muitas vezes repetido, em que Machado de Assis, “não que fosse mau operário, mas um aprendiz negligente: mergulhava nos livros em lugar de compô-los”. Manuel Antônio de Almeida ter-se-ia irritado com o funcionário que mandou chamar para repreendê-lo a pedido do administrador da Imprensa Nacional, no entanto, descobriu um jovem repleto de qualidades a prometer um futuro brilhante. Depois desse episódio tornaram-se amigos e Almeida auxiliou-o com grande empenho.

Diz Massa (1971) que dois críticos apenas não aceitam esses relatos: Gondim da Fonseca assim ironiza os fatos: “Auxiliar de tipógrafo? Não cremos. E durante dois anos? Com o talento que tinha, em dois meses saberia tudo. Podia até ser chefe de tipografia... E inventava o linotipo!” (MASSA, 1971, P. 169). Contudo não esclarece acerca da profissão exercida na época por Joaquim Maria. Em seu artigo Maciel Monteiro, embora tivesse exposto de forma clara a questão também não solucionou o problema. O crítico crê que nem os arquivos, nem os documentos contemporâneos podem afirmar sobre a atuação do jovem operário nesse período e acrescenta que entre os anos de 1856 e 1868 não era tipógrafo, mas revisor na Tipografia nacional. Os biógrafos de Machado de Assis, consensualmente, afirmam ser no período de 1856 e 1858 Manuel Antônio de Almeida o diretor de Machado.

Uma prova mais concreta, conforme Massa (1971) vem de Sacramento Blake a comprovar que Machado de Assis teria sido revisor de provas no *Correio Mercantil* porque esse diário teria publicado em 1858 vários poemas do escritor e que provavelmente tivesse ocorrido uma indicação pessoal e profissional por parte de Manuel Antônio de Almeida para

Otaviano. As *Memórias de um Sargento de Milícias* foram publicadas por Almeida no *Correio Mercantil*, no ano de 1852, tendo continuado sua colaboração no jornal quando Otaviano assumiu sua direção.

Machado de Assis colaborou no *Correio Mercantil* e no *Paraíba* nos anos de 1858 e 1859. Embora seja realidade indiscutível esse engajamento de Machado nestes dois veículos de comunicação impressa, a avaliação de sua atuação num e noutro são diferentes. Posto desta forma, *O Passado, o Presente e o Futuro* foi sua primeira colaboração no *Paraíba*, em abril de 1858. Tendo publicado seu primeiro texto no *Correio Mercantil* em outubro de 1858.

Como prosador, sua atividade era subordinada à missão de jornalista, com este posicionamento Machado de Assis distanciou-se do editorial da *Marmota*. É muito provável que a *Marmota* tenha respondido em meses posteriores a Machado de Assis ou para algum de seus companheiros com o texto de Lacretelle, discípulo de Lamartine. Massa (1971) trata de uma divisão no meio literário, quiçá importante para a história da literatura brasileira: “O literato é por excelência o discípulo da natureza [...] é também discípulo da arte” (MASSA, 1971, p. 217).

Machado de Assis colaborava no jornal “Paraíba” com temas humanos e políticos. Não participou na redação dos primeiros números, apenas em abril de 1858, quatro meses depois de sua fundação. Os artigos de responsabilidade eram todos assinados, por isso Machado de Assis teria redigido algumas notas anônimas, porém a partir de quando publicou *Vem!* No *Paraíba*, Machado de Assis podia tudo, exceto ignorar a tendência ideológica do jornal já que, de certa forma, o referido poema corresponde ao espírito livre da publicação.

O *Paraíba*, com a efetiva colaboração de Machado de Assis, participou vivamente da polêmica Odisseia Econômica do Sr. Ministro da Fazenda e publicado em 1857. Sales Tôrres Homem, analisado também por Brito Broca, sempre a interpretar bem Machado de Assis, apoiou o violento editorial assinado por Remígio de Sena Pereira e que assim percebia a atividade do Ministro: “O projeto do Sr. Sales Tôrres Homem, o nosso Epimeteo moderno, será pois para nós o que foi para a Antiguidade mitológica, a boceta de Pandora” (Teresa: revista de literatura brasileira, Edições 6-7). Assim, Machado de Assis, jornalista e homem de letras crescia também como cidadão, enérgico participante da vida pública de seu país. Para o escritor tal atitude era consequência da outra.

Machado de Assis colaborou igualmente na revista *Espelho*. Ele era uma espécie de diletante da pena, todos o aceitavam e queriam. Procuravam sua colaboração, embora ele não a fizesse regularmente. Já tinha dado mostras para muito além da competência, assinando traduções, bem como vencido debates polêmicos a exemplo da dos *Cegos*, no entanto isso não

lhe garantiu que pudesse viver da pena. A fundação do *Espelho* é um passo a mais na sua trajetória. Redator de uma revista ainda “confidencial”, porém uma etapa decisiva, para ele aos menos, já que seus escritos foram levados em conta. Explica-se assim a impetuosidade com que Machado de Assis participou da empreitada, verdadeiramente sua primeira oportunidade.

Machado de Assis tinha no *Espelho* lugar de honra. Algum artigo seu sempre ocupava a primeira página, de modo que um dos números foi anunciado nos seguintes termos: “Os nossos leitores conhecem sem dúvida uma das mais bonitas penas que desta redação já faz parte: o Sr. Machado de Assis” (MASSA, 1971, p. 241). Embora tivessem belos projetos não puderam levá-los a cabo devido a curta duração do periódico. Tentativas interessantes eram desenvolvidas, assim como a que segue: “Brevemente encetaremos biografias e um retrato correspondente. O fotógrafo é o Sr. Gaspar Guimarães, e o biógrafo é o Sr. Machado de Assis” (MASSA, 1971, p. 242).

O *Espelho* cessa as suas atividades nos primeiros dias de 1860. Após um ano de preparação, iniciado em 1858 com o *Correio Mercantil* e o *Paraíba*, teve continuidade em 1859 para começar o ano da ação em 1860. O prosador e poeta Machado de Assis era, em breve, um “Intelectual engajado”.

Machado de Assis, no ofício de jornalista e colaborador n’*O Diário do Rio de Janeiro* e últimos textos na *Marmota*, lhe é atribuído certo número de textos dos quais dois foram retidos, dos cinco que Galante de Sousa discriminou e Jean-Michel Massa juntou com mais um descoberto em 1964. Uma tradução de *Chasse au Lion*, *Hoje Avental*, *Amanhã Luva* é uma comédia em prosa em um ato que foi representada no teatro Odeón em 19 de maio de 1852. As intenções do adaptador aparecem nitidamente pelas modificações feitas na peça francesa. Com a transposição, Machado de Assis adaptou o assunto aos costumes e hábitos brasileiros.

Machado de Assis afirmava em 1860 “*Eu não creio no destino individual, mas aceito o destino coletivo da humanidade*”? (ASSIS, OBRA COMPLETA, 2008, v. III, p. 1036). Esse desabafo era a verbalização para justificar o que se passava: era preciso vencer e aceitava-se de bom grado o anonimato.

Colaborou ainda em diversas notas no noticiário daquele ano e nas transcrições de matéria da imprensa europeia. Provavelmente ajudou nos folhetins do ano: *Os cabelos da Rainha*, pela Condessa Dash, os *Dramas do Mar*, do inesgotável Dumas.

Um problema de ordem bio-bibliográfica resta ser tratado. Embora não haja crônicas que, dentro das datas correspondam à missão, Machado de Assis afirmou que foi enviado pelo

seu jornal ao Senado. E ele próprio esclareceu: “Nesse ou no outro [ano] ali estiveram comigo Bernardo Guimarães, representante do *Jornal do Comércio*, e Pedro Luís por parte do *Correio Mercantil*” (ASSIS, 2012, p.121).

A atividade de Machado de Assis, mesmo que não se possa localizá-la ou considerá-la devidamente, esclarece Massa (1971) não se limitou apenas a um artigo semestral. Os três textos de teatro são mais importantes pelo fato de estarem escritos sob sua responsabilidade. Machado de Assis libertava-se da servidão política, ao mesmo tempo em que revelava total solidariedade ao *Diário* e deixava manifestar o escritor e crítico para quem o momento não era favorável para se exprimir. Há os que podem vislumbrar, nas crônicas, a expressão de uma alma independente, que sabia separar o ideal estético do ideal político.

Machado de Assis passou a escrever uma crônica permanente em outubro de 1861. Com uma regularidade quase perfeita redigiu, durante cinco meses e meio, vinte e um *Comentários da Semana*. A crônica cessou no início de abril de 1862 para voltar mais uma vez em cinco de maio. Tudo indica que a interrupção se fez porque o cronista teria sofrido repreensão por trilhar por uma linha política estranha ao jornal. Acerca do suposto silêncio de Machado de Assis, ele próprio escreve, por ocasião da trágica morte de Manuel Antônio de Almeida que ocupava o navio *Hermes* e no qual também naufragou Campos:

A dor da literatura é das mais intensas e das mais legítimas; também a família dos escritores perdeu ali um dos seus filhos que maior honra e mais firmes esperanças lhe dava. Morreu ali um grande talento, um grande caráter e um grande coração (ASSIS, 2008, P. 37).

Chorou, semanas após, a morte de seu amigo e cidadão Paula Brito, “exemplo raro e bom”. Machado de Assis guardou viva a lembrança de seus amigos e se manteve fiel a eles.

Machado também colaborou em outro jornal de vida curta, o dos “*jovens turcos*” liberais. Restam conhecidos apenas cinco números do periódico. O programa do jornal, anunciado em sua primeira edição só poderia agradar o escritor:

O povo antes do rei! O direito antes do privilégio! A lei antes da autoridade! No sistema representativo só o povo delega poderes. Todos os poderes são responsáveis perante a nação. Não há poder permanente senão a soberania nacional”. Fustigam-se os “males desta terra”: eleições fraudadas, supressão das franquias comerciais, impostos sobre a agricultura, paternalismo no campo da instrução pública, etc... “Tal é o cancro omniroso que solapa e destrói os seios da nação.” O artigo conclui: “Filhos da Democracia e da Constituição, advogamos a causa dos livros. Que nos julgue o futuro (ASSIS apud MASSA, 1971, p. 342).

A Questão Christie que iniciou no verão dos anos de 1862-1863 foi um evento de consequência política que fez Machado de Assis sair de seu estado de indiferença. Segundo

Massa (1971) a polícia brasileira teria prendido um grupo de oficiais da marinha britânica porque, embriagados e à paisana, provocaram desordem na noite carioca. Tudo não teria passado de um episódio casual, não fosse o orgulho ferido e a soberba de Christie, ministro plenipotenciário e enviado extraordinário da rainha Vitória da Inglaterra, resolveu exigir retratação, ao mesmo tempo em que ameaçou e mandou aprisionar, incontinenti, navios comerciais brasileiros. O Brasil, por sua vez, com sua dignidade riscada, preparou-se para defender-se. O episódio levou os dois países para um incômodo diplomático e esquentou o ânimo dos brasileiros, o que se pode ainda saber pela imprensa da época. Assim, no princípio do conflito, o *Diário* apoiou o gabinete e motivou-o a continuar:

Diante do pensamento nacional, diante da honra ultrajada da nossa bandeira cessaram todos os interesses políticos [...]. As relações do Diário do Rio de Janeiro com o atual governo são conhecidas. Se os seus atos nos parecessem reprováveis, seríamos os primeiros a responsabilizá-lo por isso (ASSIS Apud MASSA, 1971, p. 358).

Se Machado de Assis encontrava-se apático em relação à política, diante do episódio esqueceu também as divergências de quintal e abraçou a defesa da pátria. Encontrou novamente prazer na vida, voltou a falar com os amigos, tomou gosto pela discussão, opinava, argumentava, enfim, reviveu:

Pobre nação! – é longo o teu martírio;
A tua dor pede vingança e termo;
Muito hás vertido em lágrimas e sangue
(ASSIS, 2008, V. III, P. 409).

Na cidade paulista a Imprensa Acadêmica, intitulada por completo como *Revista da Imprensa Acadêmica*, foi uma das empresas que mais durou nas inúmeras publicações universitárias de São Paulo. E Machado de Assis era estimado nesse círculo onde os estudantes não se incomodavam com a sua condição de autodidata. Embora fosse mais velho do que eles e redator de um jornal de expressão prestava-lhes alguns serviços. “Pertence o Sr. Figueira à mocidade acadêmica de S. Paulo, onde os moços sabem entremear os estudos jurídicos com os literários, e não esquecem a vocação do berço pelo labor do curso acadêmico” (ASSIS Apud MASSA, 1971, p. 425).

A revista, que era municipal, ideológica e literária, contava com cinco colaboradores regulares. Precisava enfrentar o obscurantismo do *Correio Paulistano*, mídia escrita local, onde a municipalidade era alvo de ataques por má gestão administrativa. A revista universitária punha-se em defesa da universidade de São Paulo, acusada de ser muito racionalista. Já a ideologia que nutria os colaboradores era de orientação liberal, marca que

distinguiu a geração contemporânea da que a precedeu, ou seja, mais literária e menos engajada das problemáticas políticas e influenciada pela estética romântica sob a inspiração de Álvares de Azevedo e Byron.

O Contrato Social de Jean-Jacques Rousseau era leitura reivindicada. A revista, ao mesmo tempo, era contrária à política da Igreja por catequizar na marra os indígenas. Independentemente disso os colaboradores não se opunham à crença, ao contrário, eram a favor de que se confessasse alguma religião: “Não pode haver nacionalidade alguma sem crenças políticas ou religiosas; a religião é estabilidade às instituições; cristã ou maometana, judaica ou protestante, pouco importa, elas são sempre necessárias para as sociedades que representam” (ASSIS Apud MASSA, 1971, p. 427). Eram antiescravistas, porém com cautela, pois muitos estudantes, filhos de fazendeiros, sustentavam sua atividade mediante trabalho escravo.

A revista também publicava literatura com comentários de poesias dos universitários, artigos de crítica literária e além dos livros tratavam dos autores, acadêmicos com frequência. Dois depoimentos foram registrados na imprensa acerca de Machado de Assis. Um deles é de autoria de José Ferreira de Menezes, místico, considerado pelos companheiros, homem sensível, cuidava na imprensa da página teatral. Deferiu ataques anonimamente a escritores de veia política.

A política tem distraído, aturdido a todos; os Alencares, os Bocaiúva, os Machados de Assis, os Múzzios, os Zaluaires e contemplam os deuses do Capitólio e esquecem-se da pena, seu rumo de glória, do mel das abelhas de Hímeto, e quando sentam-se à mesa de trabalho, somente escrevem, somente podem escrever um panfleto ou um artigo de fundo – um fato diverso, ou uma sátira, produções saturadas de fel, ou enlaivadas de aborrecimento (ASSIS apud MASSA, 1971, p. 428).

Machado de Assis enviou dez crônicas à Imprensa entre dez e de abril e nove de outubro de 1864. É possível que tenha interrompido a sua colaboração em junho porque preparava *Crisálidas*. E os textos remetidos, ele os assinou anonimamente como *Sileno*.

Saiu de seu semiostracismo por ocasião do aniversário do curso de Direito (1864) festejado anualmente a sua criação, na cidade de São Paulo. E especialmente porque neste ano foi escolhido *O Caminho da Porta*, peça de Machado, para abrilhantar as solenidades e cuja apresentação foi marcada para onze de agosto. As suas crônicas, publicadas semanalmente, ilustravam os acontecimentos, nas quais se resumia para os leitores de São Paulo o que ocorria no Rio de Janeiro, o que se tornou público ou que lá se decidiu.

Machado de Assis deixou por vinte e três meses, magoado, conturbado, exasperado a função de cronista no *Diário*. Muito reduzida a sua colaboração pessoal, com cinco textos,

menos que crônicas, eram comentários artísticos ou literários. Pela leitura destes escritos é possível perceber as modificações nele operadas, como numa tela em perspectiva. Para o campo da política ou da ideologia eram frutos proibidos. Então, restringiram-lhe o espaço, por razões de segurança: “Tenho míngua de espaço”. No entanto, na circunstância das “ressurgências”, revelou seu estado de espírito. Ficou definitivamente triste após o infortúnio do *Diário*, depois o naufrágio do *Futuro* o desiludia novamente:

Olho em torno de mim e não vejo mais na arena aquela plêiade ardente que vinha todas as semanas, ao rés-do-chão, entrar nas justas literárias Uns, levou-os a morte, outros prendem-se a cuidados mais sérios, alguns enfim foram-se para as justas políticas, e o folhetim, o garrido, o ameno, o viçoso folhetim perdeu os seus amigos e os seus leitores" (ASSIS, 2008, p. 1058).

Na série *Ao acaso* se pode voltar em campo menos espinhoso já que nela estão as quarenta crônicas de 1864-1865, assinadas por Machado de Assis com as iniciais M.vA. Ele mesmo explicou o sentido, uma vez que uma senhora teria duvidado da veracidade da atribuição:

Que querem dizer estas iniciais? Perguntava-se em uma casa esta semana. Uma senhora, em quem a graça e o espírito realçam as mais belas qualidades do coração, - disse-me um amigo, - respondeu:
- M. A. quer dizer – primeiramente, muito abelhudo, - e depois, muito amável.
O meu amigo acrescentou: - Alegra-te e comunica isto aos teus leitores (ASSIS, 2008, p. 187).

Massa (1971, p. 456) assim comenta acerca da autonomia de Machado de Assis na colaboração da imprensa: “esses prefácios renovados são marcos miliares ao longo de uma rota que se torna sinuosa quando começa a gazetear e quando se esquece do programa que a si mesmo se traçou”:

Resumi o programa no título. O folhetim não é outra coisa mais do que o acaso, o vago, o indeterminado; é o acontecimento que há de haver, o livro que se há de imprimir, o sarau que se há de dar; é o dito que escapa, a tempo, o capricho da pena, o capricho da fantasia; é a chuva e o sol, a elegia e o cântico; o folhetim reside no dia seguinte, vive do futuro, sai do ventre de todas as semanas, - às vezes Minerva armada – às vezes ridículas mus (ASSIS, 2008,p. 86).

Da equipe que redigia o jornal desde 1860 três componentes desmantelaram a ordem do *Diário*. Joaquim Saldanha Marinho foi nomeado presidente da província de Minas Gerais em dezembro de 1865, que levou C. H. Múzzio como secretário. E Quintino Bocaiúva foi para a redação principal em 1º de janeiro de 1866, porém, imediatamente, deixou o Rio para uma missão nos Estados Unidos. Assim também um círculo de amizades dissipava-se. Então Machado de Assis, o mais velho da casa, era incumbido de peso mais importante. E a

responsabilidade aumentou ainda mais quando Quintino Bocaiúva não fez mais parte do *Diário* desde quatro de julho de 1866. A colaboração assinada por parte de Machado de Assis era bastante limitada, contudo pode-se notar uma diferença no jornal desde outubro de 1866. O Noticiário cresceu e ficou em evidência, os outros assuntos ficaram em segundo plano, no lugar, eram registrados pensamentos, piadas, “crônicas” engraçadas, irônicas ou morais: "PENSAMENTOS. – Há três soberanias no mundo: a da formosura, a do ouro e a do talento. Também se pode ser rei pelo desprezo dessas vaidades”. “O coração de uma mulher é um barômetro que marca sempre variável” (ASSIS apud MASSA, 1971, p. 501).

Ao assumir o *Diário* com as responsabilidades mostradas, Machado de Assis sentiu o quanto tal atividade o consumia privando-o de tempo e liberdade, sobretudo num momento em que a política inconsequente lhe privava das satisfações de amor próprio e outras que poderia esperar, mais pelos serviços prestados do que por mérito. Um personagem híbrido, político e literato, Machado de Assis fez opção pela liberdade. Ficar longe do *Diário* era sinônimo de distância dos agentes e negócios políticos.

O Jornal das Famílias, do qual Machado de Assis foi um dos maiores colaboradores e, como o próprio nome indica, era uma publicação familiar. Na coluna da literatura, este suporte trazia mês a mês um ou dois contos que eram publicados em capítulos, divididos entre uma e outra edição do jornal. Era comum a edição ser completada por poemas sentimentais ou de caráter religioso. Em outra coluna aparecia a moda ilustrada a cores. Também uma crônica culinária instruía as donas de casa e as jovens noivas, bem como receitas assinadas por Paulina Filadélfia. Com alguma frequência um dos cônegos narrava uma página bíblica o que dava uma nota religiosa ao jornal, enquanto os clérigos não se incomodavam por assinar um conto profano. A fórmula obteve êxito, visto que a revista foi publicada por quinze anos, editada em Paris pelos irmãos Garnier. Nos cento e oitenta exemplares da revista há um acervo documental de valor incalculável para conhecer a imagem dela mesma, que a sociedade brasileira se comprazia em buscar numa época em que, de certa forma, as mulheres eram estimuladas a trabalhar fora de casa.

Machado de Assis, segundo Ivan Teixeira (1988) é um crítico da cultura, o que é fundamental para se entender tudo quanto escreveu, inclusive as crônicas de Páginas recolhidas. Todas as crônicas, exceto duas, tem motivação de matéria jornalística, mas apoiam-se todas essencialmente em ilusões literárias. *Vae soli!* é texto em anúncio irônico de uma viúva à procura de marido. *Os salteadores da Tessália* é uma crônica que explora a nota do desbaratamento de uma quadrilha de parlamentares. *A cena do cemitério* é a descrição de forma paródica de um pesadelo, efeito da leitura da cotação. “*Canção de pirata*” interpreta o

telegrama que informava acerca do ajuntamento de Antônio Conselheiro. Somente as duas seguintes crônicas que não são motivadas por matéria de jornal: *O sermão do diabo* trata de uma paródia maquiavélica de um trecho da bíblia e *Garnier* escrita por ocasião da morte do editor da histórica editora Garnier.

Há muitas outras crônicas de cunho autobiográfico, já que é uma conveniência deste tipo de gênero. Machado de Assis combatia no folhetim a frivolidade dos cronistas cariocas, enaltecia o vigoroso poder da democracia na imprensa e escrevia: “Eu o creio de coração. Graças a Deus, se há alguma coisa a esperar é das inteligências proletárias, das classes ínfimas; das superiores, não.” (ASSIS, 2008, p. 1036). Escrevia isto aos vinte anos de idade.

As crônicas exerciam o papel de uma profissão de fé para o escritor que despontava e cuja força liberal e estilo satírico seriam utilizados em diversas seções do *Diário de Rio de Janeiro*, de 1860 a 1867. Mesmo que tratassem da vida literária, as crônicas tinham preocupações essencialmente políticas, pois exerciam o papel de editorial da folha.

Machado de Assis vai servir como ajudante do diretor do *Diário Oficial*, deixando assim o *Diário do Rio de Janeiro*. Passa, em seguida, para o posto de primeiro oficial da Secretaria de Estado do Ministério da Agricultura e Comércio e Obras Públicas.

Reinicia, em 1876, a sua colaboração de modo ativo e aparece nas colunas da Ilustração brasileira, utilizando o apelido de Manassés, mantendo duas seções até o ano de 1878: *História de quinze dias* e *Histórias de trinta dias*. A partir desta época, aparecem, em seus textos, o riso irônico, que passa a ser marca em seu estilo. Este comportamento se reforça na colaboração em *O cruzeiro* (1878). Os textos tinham edição avulsa e utilizavam o pseudônimo de Eleazar. São o ponto culminante da experiência formal antecedendo a publicação de *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, cujos exemplos são *filosofia de um par de botas* e *Um cão de lata ao rabo*.

2.5 Machado de Assis: fontes e influências

Se uma página, uma palavra, um verso, me influenciaram, sua força vem de que eles não fizeram mais do que revelar em mim alguma parte ainda desconhecida de mim mesmo; não foram para mim senão uma explicação sim, uma explicação de mim mesmo. Já se disse que as influências agem por semelhança. Já as compararam a espelhos que nos mostrariam, não o que já somos efetivamente, mas o

que somos de maneira latente (GIDE apud COUTINHO, 1966, p. 64).

Machado de Assis foi um homem de extraordinária cultura. Sem ela, talvez, não tivesse alcançado a perfeita posse de suas qualidades e assim também não tivesse conquistado a clareza de concepção que conseguiu. Com cultura não somente enriqueceu a sua visão de mundo, bem como direcionou “o temperamento e as instituições” numa perspectiva filosófica. Os elementos que caracterizaram sua representação de mundo já estavam nele em estado embrionário e latente. Estimulados pelas suas leituras e especialmente no encontro com as teorias e formas que se ajustaram a sua sensibilidade fizeram com que despertassem os germes de modo que sua configuração espiritual e estética fosse definitivamente estabelecida.

Afrânio Coutinho (1966) em seu livro *Machado de Assis na literatura brasileira* diz deduzir de referências e confissões do próprio Machado de Assis, bem como por informações de amigos e críticos que os escritores que o influenciaram de modo mais decisivo podem ser assim relacionados de acordo com as seguintes categorias:

- a) Influências de concepção e técnica literária e de estilo: clássicos portugueses, Camões, Frei Luís de Sousa, Sá de Miranda, Bernardim Ribeiro, João de Barros, Bernardes, Garret, Filinto Elísio, Camilo; clássicos gregos e latinos; a Bíblia; Shakespeare, Cervantes, Rabelais e Montaigne, Merimée, Stendhal, Gautier, Flaubert, Balzac, La Rochefoucauld, Diderot, Daudet, Maupassant, Poe, Xavier de Maistre, Victor Hugo, Lamp, Fielding, Voltaire, Feuillet;
- b) Influências de filosofia ou concepção do mundo e do homem: Pascal e Montaigne, Shopenhauer, o Eclesiastes, Leopardi;
- c) Livros prediletos: a Bíblia, o *Prometeu*, o *Hamlet*, o *D. Quixote*.

Discorrer a partir de cada um dos autores acima relacionados implicaria numa pesquisa exaustiva, que poderia resultar num trabalho acadêmico interessante, porém não é o foco deste estudo. Seguem, portanto, alguns autores, sobretudo ingleses, que determinaram decisivamente o estilo machadiano.

De acordo com Ana Lucia de Souza Henriques o embate acerca da questão polêmica quanto a ser o tradutor ou o autor dos poemas de Ossian é um imbróglio antigo, a partir de “suas primeiras publicações” até hoje, entendida de modo diferente por diversos estudiosos. Em vista disso, na afirmação da estudiosa, é possível entender porquê Machado de Assis possuía, em sua biblioteca a obra do poeta escocês do século III.

Conforme Eugênio Gomes (1976, p.13) Ossian também tornou-se notório por meio de uma peça teatral intitulada *Oscar, Filho de Ossian*, redigida por Arnault. Segundo

comentário do crítico o ator João Caetano teria sido “perpetuado em uma estátua numa cena de grande dramaticidade no papel de Oscar”. Num momento de delírio, Oscar reconhece a espada que lhe pertencia e exclama: “É minha!”. Eugênio Gomes atribui a frase ao título do capítulo 51 de *Memórias Póstumas de Brás Cubas* em que o personagem também repete a frase diversas vezes.

Muito frequentemente Machado de Assis faz alusão a Shakespeare em seus textos. E são citadas especialmente as peças de *Hamlet*, *Otelo*, *Macbeth* e *Romeu e Julieta*. Mas também em menor número aparecem trechos de *Ricardo III*, *Coriolano*, *O Mercador de Veneza*, *A Tempestade*, *Como Queira* e *Medida por Medida*. Já em seu romance *Ressurreição* desejou marcar o texto com um pensamento do autor inglês. E com as palavras do próprio Machado de Assis: “Minha idéia ao escrever este livro foi pôr em ação aquele pensamento de Shakespeare”:

Our doubts are traitors
And make us lose the good we oft might win
By fearing to attempt (ASSIS, 2008, p. 236).

Em *Memórias Póstumas de Brás Cubas* Machado de Assis introduziu uma orientação de ordem ética, retirada do trecho dito por Jacques, o Melancólico, abrindo assim o romance publicado na Revista Brasileira, em que aparece o pensamento do inglês com a sua tradução:

I Will chide no breather in the world but myself; against whom I know most faults.
(Não é meu intento criticar nenhum fôlego vivo, mas a mim somente, em quem descubro muitos senões) (SHAKESPEARE, As you like it, at. III, cena II).

No conto *To be or not to be*, publicado por Machado de Assis no ano de 1876, também revelava a fonte em que “bebia”. O texto, de cunho moral, remete a uma reflexão filosófica de *Hamlet* pela idéia de que “o suicídio depende mais das impressões e disposições do momento, que da gravidade do mal” (ASSIS, OBRA COMPLETA, 2008, V. II, p. 1426). O conto O Espelho é certamente inspirado em Shakespeare, donde vem a alegoria da “alma exterior”. Augusto Meyer (2008, p. 52), com a sua habitual penetração crítica, assim se refere a esta produção machadiana: “um dos momentos mais vertiginosos na obra de Machado de Assis”.

Em *Curta história*, conto de 1886, Machado de Assis imprime um curioso “caso de desdobramento de personalidade” surgida após uma representação da peça *Romeu e Julieta*.

Segundo Eugênio Gomes (1976) Machado de Assis estaria mais imerso na leitura de *Hamlet*, peça que o levou a escrever em diversos textos, inspirado no monólogo *To be or not to be*. Intitulou, inclusive um conto que corresponde à pergunta do princípio do célebre monólogo. Gomes (1976, p.17) afirma que “esse solilóquio tornou-se por bem dizer a matéria-prima de erudição a que Machado de Assis não se cansava de recorrer, especialmente em suas crônicas, ao comentar acontecimentos da semana”. Daí, conforme o crítico, a presença de expressões tiradas de Hamlet rechearem inúmeras crônicas semanais e suas obras ficcionais. São exemplos: *that is the question, there's the rub*, que também aparecem modificadas (*it is the rub e there is the rub*). Em *Brás Cubas*, mais tarde, no seu primeiro capítulo o autor em suas memórias começa deste modo: “E foi assim que cheguei à clausura dos meus dias; foi assim que me encaminhei para a *undiscovered country* de *Hamlet*, sem as ânsias nem as dúvidas do moço príncipe, mas pausado e trôpego, como quem se retira tarde do espetáculo” (ASSIS, OBRA COMPLETA, 2008, V. I, p. 626).

Entre outras expressões esta foi uma das que Machado de Assis utilizou em diversas crônicas nos anos de 1893 a 1896: *words, words, words...* Porém é emblemático para inúmeros textos seus o ditado “Há, entre o céu e a terra, Horácio, mais coisas do que sonha a vossa filosofia” (ASSIS, OBRA COMPLETA, 2008, V. II, p. 447), que ele próprio alterou de Shakespeare para cá, que é a inclusão do termo “vã” para a palavra “filosofia”, conforme explicação de Gomes (1976). A frase está presente em ao menos quatro crônicas, no conto *A Cartomante*, um de seus melhores e, no romance *Quincas Borba*. Portanto, mesmo que as citações colocadas circunstancialmente nos textos de Machado de Assis, não tenham grande significado para a sua obra, está evidente que tenha lido Shakespeare exaustivamente.

Outra influência é Jonathan Swift. E é nos contos de *O alienista* e *O imortal* (1882) em que se revela de modo especial tal influxo. O conto *Imortal*, provavelmente seja uma crítica à homeopatia, tema, aliás, da predileção de Machado de Assis. A discussão no conto, conforme Gomes (1976) é de que se houvesse vida eterna, isto seria o maior dos suplícios do ser humano, mesmo que a imortalidade significasse o acúmulo de todos os bens aspirados pelo ser humano. Swift considerava a imortalidade um castigo em Luggnagg e a penitência era praticada por poucos. Assim não toca no sonho da vida eterna. Já Machado de Assis adaptou a vida perpétua para um exemplar da raça brasileira tomado “pelo demônio da sensualidade e da aventura” (ASSIS, OBRA COMPLETA, 2008, V. III, p. 78). Consequentemente *O imortal* de autoria de Machado de Assis, que tinha o dom de ser jovem eternamente, era belo e forte, abre mão de sua vida eterna depois de uma centena de anos de vida frenética.

Na apreciação de Gomes (1976) *O alienista* é, sem dúvida, uma narrativa inspirada em Swift se apenas se considerar o que foi referido por Constâncio Alves: “A obra do romancista parece-nos que poderia sem impropriedade, ser representada, em resumo, por aquele hospício de Itaguaí, do famoso conto: *O alienado*. Doidos, doidos, todos doidos...” (LOBATO, 1941).

Na concepção de Gomes (1976, p. 44) *O alienista* encerra uma sátira mais abrangente do que a de Jonathan Swift: “mistura e confunde, fazendo-os desaparecer, os limites da razão e da loucura”.

Henry Fielding não se encontra na menção feita por Machado de Assis no prólogo de *Memórias Póstumas de Brás Cubas*. Isto, porém, justifica-se porque o brasileiro, ao utilizar “a forma do prólogo Ao Leitor” caminhava na esteira do escritor inglês. E assim argumenta, de acordo com Gomes (1976, p. 44), o autor inglês: “... *the principal merit of the both the prologue and the preface is that they be short*”. Enquanto o narrador de *Memórias Póstumas* assim se pronuncia: “... eu ainda espero angariar as simpatias da opinião, e o primeiro remédio é fugir a um prólogo explícito e longo. O melhor é o que contém menos coisas, ou o que as diz de um jeito obscuro e truncado” (ASSIS, 2008, p. 626).

A brevidade dos capítulos em *Brás Cubas* é outra marca de Fielding. Ao se comparar os romances *Iaiá Garcia* (1878) e *Memórias Póstumas de Brás Cubas* (1879-1880), observa-se que no primeiro há apenas dezessete capítulos, enquanto que no segundo aparecem cento e sessenta. Esta “inovação técnica” possibilitou a Machado de Assis maior liberdade, pois mistura crônica, ensaio, conto e romance no mesmo livro ficcional à moda de Fielding que o fez com grande sucesso.

Sterne e Xavier de Maistre são outras prováveis influências de Machado, porém elas podem ter se manifestado indiretamente ou por meio do escritor português Almeida Garret. Assim na obra *Viagens na minha terra* observa-se o influxo dos autores ingleses. Gomes (1976, p.53) diz ser Xavier de Maistre o responsável pela “epígrafe” enquanto Sterne dá-lhe “a forma”, “a forma livre”, também adotada por Machado de Assis mais tarde.

Para ilustrar o uso da forma livre que fazem os quatro autores, seguem comentários e trechos originais de cada um.

Almeida Garret que deseja livrar-se da monotonia da prosa lusitana de sua época diz:

Neste despropositado e inclassificável livro das minhas *Viagens* não é que se quebre, mas enreda-se o fio das histórias e das observações por tal modo, que, bem vejo e o sinto, só com muita paciência se pode deslindar e seguir tão embaraçada meada (ALMEIDA GARRETT).

Machado de Assis já deve definir de outro modo a estrutura do romance de *Memórias Póstumas de Brás Cubas*:

... o maior defeito deste livro és tu, leitor. Tu tens a pressa de envelhecer, e o livro anda devagar; tu amas a narração direta e nutrida, o estilo regular e fluente, e este livro e o meu estilo são como os ébrios, guinam à direita e à esquerda, andam e param, resmungam, urram, gargalham, ameaçam o céu, escorregam e caem... (ASSIS, 2008, p. 698).

Sterne, ao abrir “o capítulo 40, do livro VI” faz entender que o estilo shandyano, em zigzague, também não era retilíneo:

I am now beginning to get fairly into my work; and by the help of a vegetable diet, with a few of the cold seeds, I make no doubt but I shall be able to go on with my uncle Toby’s story and my own in a tolerable straight line (STERNE Apud GOMES, 1976, P. 53).

E Xavier de Maistre, tendo encontrado a geometria do estilo do método, aplicou-o “em sua Voyage autour de ma chambre”:

Mon Voyage em contiendra cependant davantage; car jê la traverserai souvent em long et em large, ou bien diagonalment, sans suivre de règle ni de méthode. – Je ferai même des zigzags, et jê parcourrai toutes lês lignes possibles em géométrie, si Le besoin l’exige (MAISTRE apud GOMES, 1976, p. 54).

O ardil dos pontinhos de que Almeida Garret faz uso em *Viagens na minha terra*, são igualmente utilizados por Xavier de Maistre no capítulo XII de *Voyage*. Na esteira dos dois primeiros vem Machado de Assis que os emprega em *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, no capítulo LV – *O velho diálogo de Adão e Eva* – e no capítulo CXXXIX – *De como não fui ministro de Estado*.

Enfim, Sterne, além de influir no aspecto formal das narrativas de Machado de Assis, deixou sua marca no pensamento do brasileiro, infundiu nele “um senso de humour” trazendo harmonia a sua desiludida “filosofia de vida”.

Charles Lamb foi o espírito preferido de Machado de Assis, embora pouco tivesse se inspirado naquele autor. Lamb era avesso à literatura do estilo “derramado”, o seu “gênero” era “leve e conciso”. Dessa influência Machado de Assis aprimorou o seu estilo, tornando-se “um límpido escritor” da língua portuguesa no Brasil.

Machado de Assis rememora Charles Lamb em seu conto *O Lapsos*, no qual trata de sua teoria em que “a humanidade se divide em duas partes – a dos que emprestam e a dos que pedem emprestado” (ASSIS, 2008, p. 354).

No romance *Memorial de Aires* há uma breve, mas significativa notação acerca de Thackeray na obra de Machado, indícios de sua influência: “Gastei o dia a folhear livros, e reli especialmente algo de Shelley e Thackeray” (ASSIS, OBRA COMPLETA, 2008, V. I, P. 1233). Embora seja a única menção redigida acerca do autor inglês, o seu espírito penetrou a obra machadiana mais do que revelam as aparências.

Machado de Assis, inspirado na personagem de Batchelor de Thackeray desenvolveu e trouxe para a sua obra o lado negativo que marcavam criações mais emblemáticas do autor inglês. Da personagem, copiou ainda a “timidez”, os “titubeios” e a “pusilanimidade”. Machado foi decisivamente influenciado por Thackeray pelo *humour* que fixou em suas criações mais típicas. Deste modo, possivelmente a novela na qual Carlos Batchelor tem experiência de morte tenha sugerido “a concepção das *Memórias Póstumas de Brás Cubas*” a Machado.

Eu sorria e ia respondendo a todas as perguntas. Sim, por favor, outra taça”, ou Tenha a bondade de me passar o bolo”, dizia eu, de quando em quando, e o que é que eu não diria? Mas, estava morto. Sentia-me como se já estivesse enterrado. A vida, o chá, os bolos, a algazarra ali estavam, na verdade; as margaridas floresciam e o sol brilhava sobre a relva, enquanto eu jazia sob a terra (BATCHELOR Apud GOMES, 1976P. 80).

Ó caro leitor, essa soledade é cruel, é deveras cruel. Já não pertença a este mundo. Terminei nele a minha tarefa, e afastaram-me. Todavia, o meu espírito retorna e revoa sobre a terra, embora nada mais eu tenha que ver com o mundo; e o meu fantasma; como se tal fosse possível, sorri à minha própria lápide (...) (BATCHELOR Apud GOMES, 1976P. 80).

Diante deste excerto Gomes (1976, p. 81) questiona-se: “Não estará aí o germe da narração póstuma de Brás Cubas? Ou será esse um caso de simples coincidência?”

Sem dúvida a marca “do criador de Lovel” está registrada na produção de Machado de Assis a partir da composição de *Brás Cubas*.

De modo especial o caráter tateante empreendido por Machado de Assis já se nota em obras anteriores, mas em *Memórias Póstumas* as interrupções reticentes acontecem sucessivamente, como no trecho que segue:

Viram-me ir umas nove ou dez pessoas, entre elas três senhora, minha irmã Sabina, casada com o Cotrim, a filha – um lírio do vale – e ... Tenham paciência! Daqui a pouco lhes direi quem era a terceira senhora.

Vivem ainda alguns membros de minha família, minha sobrinha Venância, por exemplo, o lírio do vale, que é a flor das damas do seu tempo; vive o pai, o Cotrim, um sujeito que... Mas não antecipemos os sucessos; acabemos de uma vez com o nosso emplastro.

Quem diria que... Suspendamos a pena; não adiantemos os sucessos (ASSIS, 2008, p. 626).

E para ilustrar com outro sinal a presença do traço de Thackeray na obra machadiana é o que deriva na promessa do narrador, conforme se revela no texto a seguir:

Talvez eu exponha ao leitor, em algum canto deste livro, a minha teoria das edições humanas (ASSIS, 2008, p. 630).

Charles Dickens é outra influência na obra de Machado de Assis de modo que João Ribeiro assim se manifesta num artigo de introdução à tradução de um estudo do Dr. Wilhelm Giese acerca de Machado de Assis:

Quincas Borba é a continuação (1891) de Brás Cubas, e a esta se segue Dom Casmurro (1891), que forma uma trilogia de loucos e dementes de estranha originalidade. Aqui parece que é decisivo o influxo de Dickens, que, quanto a mim, é o inspirador mais forte da estética, do humour e do espírito de Machado, e até do seu modo especial de escrever. Lendo o *Oliver Twist* ou *David Copperfield*, tenho a impressão de que estou a ler um livro, um conto ou um romance de Machado de Assis. O doutor Giese nota o especial influxo de Dickens em *Dom Casmurro*. E diz o crítico, a criação de rara beleza – Capitu – tanto engana Dom Casmurro como ao leitor, pelas suas artes de simulação (GOMES, 1976, p. 87).

O leitor de Charles Dickens sabe o significado da “transição de *Pickwick* a *Oliver Twist*”. Gomes (1976, p. 88) afirma que Dickens vem “em *Oliver Twist* transformado em arauto da reforma de abusos a carregar intencionalmente nas tintas do patético”. E, segundo o crítico, Dickens teria produzido um romance de terror nos moldes de Eugène Sue, em que “a sombra sinistra de Fagin se projeta em toda parte afugentando inteiramente a alegria e o riso”.

Tirando o cunho melodramático de *Oliver Twist*, que não traz a marca de Dickens no tocante ao “*humour* exuberante e jovial” em seu estilo, Machado de Assis em nada falta para traduzi-lo em 1870 por ambas as razões.

Porém, é em *Dom Casmurro* que transparece nitidamente o influxo de Charles Dickens. O traço dele é claro na caracterização dos tipos e no arranjo. Se em *Memórias Póstumas de Brás Cubas* é marcante a caricatura moral, atribuindo interesse humano, e animação, às melhores passagens, em *Dom Casmurro* revela-se a caricatura física, o que, aliás, já se manifestava em *Iaiá Garcia*, embora de maneira mais tímida.

Na classificação dos melhores literatos universais, Machado de Assis, no seu modo de ser, está entre Tolstoi e Alphonse Daudet, pela influência de Charles Dickens, conforme Gomes.

Fica claro, segundo Gomes (1976, p. 102) em *Dom Casmurro*, que a humanidade nele movida seja “grotesca, projetada através de alcunhas, sestros, cacoetes, delírios e manias”. Isto também comprova que Machado de Assis se afina com a filosofia de Dickens “para quem a vida não era mais que uma pantomima”.

Para Machado de Assis algumas de suas fontes inglesas, do segundo momento de sua produção literária, a exemplo de Dickens e Sterne, não foram responsáveis por alterar ou desviar o envolvimento com a estética romântica. Estes autores o influenciaram do ponto de vista técnico e metodológico sem que isso o fizesse menosprezar a matiz do romantismo. E sua nova postura o conduziu para uma “renovação estética” sem que isso o afastasse do contágio da escola romântica. Foi neste intervalo, em que Machado poderia desvincular-se da influência de Victor Hugo que permitiu sensivelmente o seu fascínio por aquele. Talvez alimentado por ambas as influências, ao lançar *Memórias Póstumas de Brás Cubas* (1881), Machado de Assis tenha se pronunciado por meio de uma crônica (1892) que “gente que mamou leite romântico, pode meter o dente no rosbife naturalista; mas em lhe cheirando a teta gótica e oriental, deixa o melhor pedaço de carne para correr à bebida da infância” (ASSIS, 2008, p. 946).

Machado de Assis era ligado a Victor Hugo de longa data pela tradução do romance *Les Travailleurs de la mer*, que publicou em folhetins no ano de 1866, pelo *Diário do Rio de Janeiro*. E é possível que por essa razão Ronald de Carvalho tenha escrito: “Foi só depois de já ter, a nosso ver, atingido o auge de sua inspiração poética com as *Falenas*; só depois de ter amestrado o estilo no uso da prosa dialogada das obras de Victor Hugo que se julgou capaz de enfrentar as dificuldades opostas pelo conto e pelo romance a quem não dispõe de vasta e colorida imaginação criadora” (CARVALHO apud GOMES, 1976, p.105).

Contudo, o primeiro sinal de influência de Victor Hugo sobre Machado de Assis é perceptível, segundo Eugênio Gomes (1976, p.111) nos poemas *Ocidentais*, sendo provável que seja uma “réplica às *Orientais*, de Hugo”. Na obra de Victor Hugo, *Os Trabalhadores do mar*, Machado teria traduzido assim um trecho: “Toda a natureza devora ou é devorada. As presas mastigam-se umas às outras... Todas as criaturas entram umas nas outras... Podridão é alimentação. Assustadora limpeza do globo. O homem, carnívoro, também é coveiro. A nossa vida é feita de morte. Tal é a lei terrífica”. Ora, Gomes (1976) entende que a ideia deste trecho possivelmente teria se instalado no pensamento e reflexão de Machado de Assis, de modo que, tempos depois, ao escrever *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, o mesmo pessimismo hugoano revelar-se-ia de forma “alegórica” neste romance, bem como no *Quincas Borba*.

Outra mostra de que Machado seguia a trilha do escritor francês, ao disfarçar que o fazia, pela imitação do soneto *Círculo Vicioso* no ano de 1879. Os indícios da influência de Victor Hugo sobre o brasileiro eram, portanto, evidentes, tanto assim que o próprio Machado de Assis escreveu acerca de um estudo:

Quanto à forma, nenhuma outra página desse livro (*Cantos e Lutas*) manifesta melhor a influência direta de V. Hugo; lá está a antítese constante – ‘a luz em frente à sombra’; - ‘a fome em frente à esmola’; ‘o deus da liberdade em frente ao deus do mal’; e esta outra figura para exprimir de vez o contraste da escola e da cadeia: Victor Hugo fitando Inácio de Loyola" (ASSIS, 2008, p. 1274).

Porém, não é simplesmente “pela antítese e pela terminologia” é notória a ascendência hugoniana. A filosofia e a ideia “do delírio” dela resultante são fatores que igualmente se atribuem a Victor Hugo. Isto é demonstrável quando o protagonista do romance de *Memórias Póstumas*, “em seu delírio”, viaja pela solitária “planície de neve”, transportado, em furiosa corrida, por um hipopótamo fantástico, encontra-se inesperadamente com uma poderosa mulher que deixa o herói embasbacado:

Caiu do ar? Destacou-se da terra? Não sei; sei que um vulto imenso, uma figura de mulher me apareceu então, fitando-me uns olhos rutilantes como o sol. Tudo nessa figura tinha a vastidão das formas selváticas, e tudo escapava à compreensão do olhar humano, porque os contornos perdiam-se no ambiente, e o que parecia expresso era muita vez diáfano. Estupefato, não disse nada, não cheguei sequer a soltar um grito; mas, ao cabo de algum tempo, que foi breve, perguntei quem era e como se chamava: curiosidade de delírio.

– Chama-me Natureza ou Pandora; sou tua mãe e tua inimiga (ASSIS, 2008, p. 633).

Além do delírio, a filosofia pessimista emergida na visão de Victor Hugo e se refletia em Machado de Assis não foi para este uma disposição aleatória. Também a experiência de leitura de Pascal e Schopenhauer, conforme Afrânio Coutinho (1940) foi decisivo para Machado assumir tal abordagem. Embora Victor Hugo não fosse propriamente filósofo, segundo os estudos de Renouvier, Hugo alimentava suas produções com as mais variadas doutrinas: “cristianismo, espiritualismo, panteísmo, maniqueísmo, etc.,” (RENOUVIER apud GOMES, 1976, p. 122) sem se ligar necessariamente a filosofia alguma.

O que teria induzido Machado de Assis à imitação de Victor Hugo, no âmbito da filosofia é o aspecto da visão. E assim era Machado de Assis: visual. Isto rendeu o seguinte comentário a Tristão de Ataíde: “mesmo sua filosofia da vida, tão aparentemente abstrata, era visual, como vimos no delírio de Brás Cubas, e toda sua obra revela” (ATAÍDE apud GOMES, 1976, p.123). Daí se comprova que o influxo de Victor Hugo sobre Machado de Assis está relacionado a “visões e delírios”.

2.6 Machado de Assis: homem de letras

Machado de Assis foi, de acordo com Afrânio Coutinho (1997, p. 135) em *A Literatura no Brasil*, “um escritor inconfundível”, caracterizando a sua capacidade com uma dimensão que perpassa

a sua importância, na vida intelectual brasileira, não encontra paralelo, pela qualidade e abundância da obra e pelo caráter inconfundível do escritor, que atravessou incólume todos os movimentos e escolas, constituindo um mundo à parte, um estilo composto de técnicas precisas e eficazes, e uma galeria de tipos absolutamente realizados e convincentes (COUTINHO, 1997, p. 135).

Coutinho (1997) afirma que as obras de Machado de Assis, diferente de como enquadram outros estudiosos, se distanciam dos exageros românticos, bem como não retratam a mesma frieza da estética naturalista, e que isso revelaria o caráter de um artista de grande vocação. E neste aspecto comunga com Coutinho, Gustavo Bernardo, (2011) quando contradiz a tese de que Machado seja um autor realista, esclarecendo que suas obras vão além da configuração estética de sua época. Além desta questão, o autor de *O problema do realismo de Machado de Assis*, mostra a discrepância de personalidades das personagens que constituem a maior parte dos casamentos nas obras de Machado: “Aliás, via de regra, as personagens femininas de Machado de Assis são muito mais fortes e íntegras do que os personagens masculinos” (BERNARDO, 2011, p. 78).

A aceitação de um literato poeta, nos tempos de Assis, era mais simpática do que a do escritor em prosa, o poeta era coroado com a auréola poética. Era natural que os escritores da literatura iniciassem a sua trajetória compondo versos. E Machado de Assis não fugia à regra. Em 1856, no entanto, um ano depois de publicar seu primeiro poema, *A Palmeira*, Machado de Assis iniciou uma série de textos intitulada *Ideias Vagas*, em que expunha suas conjecturas acerca dos gêneros literários. Evidentemente principiou pela definição de poesia.

Conforme descreve Massa (1971, p. 175) começando por conceituar o inefável, o jovem pensador entendia que “a poesia é um sentimento inspirado pela Natureza e fala à alma”. Seria igualmente “êxtase da alma e dos sentidos em harmonia com o mundo e com Deus”. A poesia não é linguagem da razão, mas do coração. Assim definida, delineou a sua história. Agora inspirava-se em Alfred Victor de Vigny e não mais em Lamartine. Contudo pode-se perceber que estes exemplos aproximam-se da trajetória mística desenvolvida por Vigny, autor de *Stello* de quem copiou a teoria de poeta-pária e aproveitou os modelos do poeta-filósofo: Homero, Camões, Tasso, Roucher, Gilbert e Chénier. As sociedades seriam,

naturalmente, hostis aos poetas, que se transformam em mártires, por outro lado os governos os utilizam mártires pela conveniência política. E nas palavras de Machado de Assis:

Aqui terminam as minhas idéias sobre a poesia, e sobre os poetas. – Perdoai, leitores, a minha fraca linguagem; é de um jovem que estréia nas letras, e que pede proteção e benevolência. Ainda existem alguns Mecenas piedosos; animai o escritor (ASSIS, 2008, p. 992).

Machado de Assis também escreveu um texto no qual faz uma reflexão acerca da literatura brasileira mediante um panorama denso intitulado *O Passado, O Presente e O Futuro da Literatura*. Subentende-se, nestas páginas, uma tomada de consciência nacionalista da literatura. Começando com o domínio lusitano, passou por uma breve análise, embora de modo preciso, a característica europeia, portuguesa e formal de se fazer literatura no Brasil. Tratou ainda de como os autores tinham dificuldades de livrar-se desta influência, considerando inclusive que o Brasil já havia ficado independente politicamente. Seus escritos no ano de 1858 ficaram sem contra-argumentação. No período colonial: “A literatura escravizava-se, em vez de criar um estilo seu. De modo a poder mais tarde influir no equilíbrio da América”. (ASSIS, 2008, p. 1003).

Depois do Brasil independente: “uma revolução literária e política fazia-se necessária. O país não podia continuar a viver debaixo daquela dupla escravidão que o podia aniquilar” (ASSIS, 2008, p. 1004).

Embora tivesse amizades sólidas com intelectuais portugueses, não era motivo para abandonar sua condição de brasileiro. Em seu tratado revela-se uma cultura literária não inferiorizada à cultura filosófica demonstrada por ele na sua defesa anterior. Mesmo que o fato literário permanecesse muitas vezes em estágio embrionário, Machado de Assis nunca o desvinculava do ambiente que o estabeleceu. Também não aceitava imitar de modo servil a literatura francesa, mesmo reconhecendo nela o expoente da civilização moderna. Se Machado de Assis estava pronto para o fenômeno do indianismo é uma questão a se levantar, porém não aceita fazer do indígena protagonista numa história em que o caldeirão cultural não se restringe apenas a eles. Nessa perspectiva e contexto, *A Confederação dos Tamoios* é de 1856, *O Guarani* de 1857. E Machado de Assis acaba com os “bárbaros”: “O que temos nós com essa raça, com esses primitivos habitantes do país, se os seus costumes não são a face característica da nossa sociedade?” (ASSIS, 2008, p. 1003).

A influência indígena, portuguesa e francesa era uma tese rejeitada por ele, no mínimo não ficou titubeante diante do fato. Era um desafio a edificação de um projeto de história da literatura no país tropical, mas Machado de Assis não se deixava ludibriar, assim

como não escondia os empecilhos com que o escritor deveria deparar-se na trajetória. As perspectivas não eram animadoras e sua discussão era um vaticínio de sua carreira vindoura.

O literato não pode aspirar a uma existência independente, mas sim tornar-se um homem social, participando dos movimentos da sociedade em que vive e de que depende. Esta verdade, exceto no jornalismo, verifica-se em qualquer outra forma literária.

Ora, será possível que assim tenhamos uma literatura convenientemente desenvolvida? Respondemos pela negativa (ASSIS, 2008, p. 1005).

Machado de Assis calibrou sua opinião em torno da atuação do literato. Depois de 1855, achava que o escritor não poderia ser um poeta como base. Apesar de seu pessimismo em relação ao que se esperava de um escritor e do que a ele se oferecia, a expectativa acerca de sua ação era de que o profissional da escritura literária devesse exercer um papel nacional em três frentes: “o jornalismo, o teatro e o romance”. Posto assim, Machado de Assis colocou em ação um programa simples e complexo, simultaneamente, exposto por ele com lúcida e tranquila segurança.

Neste texto estava exposto sobre o que pensava e sobre o qual estruturou a sua reflexão crítica, faltando dois elementos ainda: primeiramente a separação da literatura da política, o que brevemente foi se descortinando e o que realmente julgou incompatível mais tarde. Em segundo lugar, não foram abordadas, neste ensaio crítico, as questões estéticas da literatura. Escreveu de certa forma, um guia prático pelo qual ele mesmo propunha-se seguir e, ao mesmo tempo, exhibia aos leitores da *Marmota*.

O seu engajamento na literatura não se inicia com as publicações no Correio Mercantil e no Paraíba já dá sinal disso nos meados de 1858. Com ideias coincidentes, pode-se fixar esta reflexão que apareceu posteriormente em seus escritos. Nesta época já se conhecia no Brasil o escritor francês, Vitor Hugo, cuja obra também era do conhecimento de Machado de Assis, embora tenha realmente movido seu espírito mais tarde. Diante disso Massa (1971, p. 205) conclui: “Os textos, os testemunhos são como sondas atiradas à vida profunda de um escritor, a partir dos quais reconstruímos um encadeamento, do qual alguns elos nos escapam”.

Em 1865 termina a série *Ao Acaso*. E Machado de Assis assinou três artigos de crítica literária até o término deste ano, iniciando em 1866 a Semana Literária de acordo com o novo perfil do jornal idealizado por Quintino Bocaiúva e interrompido quando deixou o jornal, ficando trinta textos dos quais poucos se encontram. No plano ideal, deveriam ser classificados cronologicamente para serem estudados na perspectiva do que se sabe de

Machado de Assis também neste ano. Jean-Michel Massa (1971) se empenha em mostrar que, como uma via de mão dupla, Machado explica os textos, assim como eles o explicam.

Machado de Assis escreveu um verdadeiro panorama da literatura brasileira moderna. Na descrição da literatura colonial somente Alvarenga foi retratado quando foram reeditadas suas obras em 1864. Machado de Assis não aceitava para o país uma limitação excessivamente geográfica. “Para alguns a nacionalidade poética reduz-se a uma tecnologia local”. A poesia e o indianismo não sofriam ataque ardoroso: a idolatria indígena de Alencar em *Iracema*, assim como a de Gonçalves Dias foram considerados de qualidade. A ressalva era de que não se considerasse essa estética um monopólio nem uma panaceia: não deveria ser o indigenismo a “tela exclusiva da poesia brasileira”. Além de tudo, Machado de Assis, atribuindo a essa doutrina limites adequados, a preparava para os ataques lusitanos.

São justas também as páginas por ele escritas sobre os escritores do século XIX. Azevedo recebeu lugar de direito, como signatário de Byron, especialmente vocacionado. Frisou o aspecto relevante da leitura e da imaginação experimentando o poeta paulista. *Inspirações do Cláustro*, de Junqueira Freire, ganham unidade com o alvorecer da dramática divisão de uma alma acética frustrada com a vida na clausura religiosa. Mesmo antes do surgimento do *New Criticism* e da “nova crítica”, Machado de Assis já intuía que uma obra carrega todos os elementos devidos a sua compreensão, desde que seja lida destituída de ideias preconcebidas.

Segundo Massa (1971), Machado de Assis alimentava ainda a convicção de que por meio de “um golpe literário” um escritor devesse poder viver do escrever se lhe fosse garantido por lei nacional receber direitos autorais. Mas seu idealismo foi ofuscado, pois o futuro não prometia ser generoso.

Na opinião de Ivan Teixeira (1988), Machado de Assis é o escritor mais importante da literatura brasileira e talvez o espírito mais lúcido de toda nossa cultura. Ele foi responsável por criar o método universalizante de composição artística, o que significa interpretar a condição humana ao observar o homem em sua própria época.

O prestígio internacional de um escritor depende antes da força política de sua língua ou de fatores ligados a ela do que de suas qualidades intrínsecas. A língua portuguesa não tem esse prestígio diante das nações de potência cultural. Mesmo assim Machado de Assis tem seu lugar na leitura de sua obra, bem como do estudo dela em universidades estrangeiras. Contudo, o que importa definitivamente, segundo Teixeira, (1988) é que Machado de Assis escreveu no idioma português, obra tão moderna e penetrante quanto a dos grandes autores de qualquer grande literatura. Exercendo essa obra no meio social e cultural brasileiro o mesmo

papel que o deles na vida do seu povo, ou seja, como uma investigação artística imprescindível do universo e da sociedade.

Machado de Assis começou a escrever aos quinze anos para somente interromper com a morte aos sessenta e nove anos. Os seus primeiros textos são poemas dos quais há registro em 1850. Publicados na revista *Marmota Fluminense*, são poemas sem valor artístico. Ainda em 1908 escreveu poemas no interior de *Memorial de Aires*, o seu último romance.

A obra de Machado de Assis revela muita independência com relação aos estilos e modas literárias de seu tempo, assim como sua arte é fruto de uma grande inquietação espiritual.

O vocabulário na obra de Machado de Assis não é complexo, ficando próximo da linguagem oral de seu tempo, no entanto não são simples os processos compositivos porque ele tinha uma mente de computador, ou seja, ele defendia a ideia de que um sistema não resulta dos elementos em si, mas da combinação entre eles mesmos.

Tomados como problematização da vida, a atualidade da ficção de Machado de Assis alimenta-se do pessimismo e do humor. Desta perspectiva vem uma de suas características mais marcantes de seu espírito, a ironia. E conforme Ivan Teixeira (1988, p. 4), “ironia, que é o riso dividido, pelo excesso de lucidez, entre o desencanto e o cinismo”.

Machado de Assis é ainda o criador do romance poético no Brasil, um romance que coloca seu foco mais na estrutura das palavras do que no enredo propriamente dito. Para ler seu texto é necessário que se tenha paciência e sensibilidade linguística, uma vez que os elementos de sua frase precisam ser, mais do que entendidos, sentidos e até vistos. É necessário lê-los como se lê poesia.

É preciso evidenciar que o mais importante, por outro lado, é a noção de romance poético, pois se não se sabe apreciar um texto artisticamente, ou seja, perceber a intencionalidade das palavras, nunca se penetra na essência deste autor. Nesta direção Bento Capitolina é texto emblemático para falar acerca da prosa poética machadiana, que se baseia na escrita breve e contida, isto é, é consequência de um empenho intelectual grande.

A metalinguística de Machado de Assis que se mostra apelativa, está relacionada à contenção da emoção do narrador e implicam em pormenores que se revelam de modo muito técnico. Singram entre a emoção e o expressivo controle do narrador, quer dizer: Bentinho é desconfiado e reticente. Comovido, quer que sua alma se expresse, mas inseguro, termina por apelar para a ironia reticente.

Pode-se concluir desta leitura de que os textos machadianos, a exemplo de *Dom Casmurro*, são construídos com múltipla significação que, segundo Teixeira (1988) caracterizam-se por:

a) propriedades poéticas propriamente ditas (brevidade, contenção, ambigüidade, paródia, jogo metafórico, etc.); b) propriedades caracterizadoras das personagens (indícios da personalidade de Bento e Capitu); c) propriedades narrativas (componentes indicadores da trama, como a noção de que Bento estava destinado ao seminário). (TEIXEIRA, 1988, p. 2-8).

Ao se considerar estes níveis de significação e articulá-los devidamente pode-se extrair uma melhor leitura dos textos machadianos.

2.7 A obra *Memórias Póstumas de Brás Cubas*

Antes mesmo de um exame acerca da obra *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, o nome do “herói” Brás Cubas merece alguma atenção. Sendo estranho e nada comum assemelha-se a uma charada, ou ainda um enigma, considerando-se a natureza de Machado de Assis. De acordo com conclusões de Valentim Facioli (2002) é válida a consideração do leitor e suscita algumas possibilidades de leitura.

Em primeiro lugar, segundo o crítico Facioli, *Brás Cubas* remete maliciosamente para Brasil e Cuba. As coincidências entre as duas nações é que no período de 1878/1880, época em que Machado de Assis escrevia a obra, os dois países constituíam os últimos a abolir o tráfico de negros da África. É imprescindível recordar que tanto o processo de abolição do tráfico de africano quanto o da abolição da escravidão em terras cubanas deu-se semelhantemente ao que ocorreu no Brasil. Com o intento de prolongar o quanto mais o processo, inúmeras artimanhas e astúcias foram maquinadas pelos senhores de escravos em Cuba, a exemplo do Brasil que procurava prorrogar o processo criando leis como a do Ventre Livre e a dos Sexagenários.

Entre outras possibilidades de vincular-se o nome de Brás Cubas pode-se relacionar a algumas de suas características, considerando o personagem, bem como o narrador. Segundo Facioli (2002) por este viés, o escritor francês Ernest Renan – conhecido pela intelectualidade brasileira do século XIX e naturalmente por Machado de Assis – escreveu *A Igreja Cristã*, obra de enorme repercussão na Europa e Brasil, que trata de uma revolta judia tendo como adversário os romanos nos idos do império de Adriano. Conforme Facioli (2002, p. 84) a

rebelião era liderada por um indivíduo denominado Bar ou Bem-Coziba, traduzido como “filho de Coziba”. O escritor francês incluiu em notas de rodapé o esclarecimento acerca de Coziba por conter o radical KZB, com o significado de “mentir”, “enganar com lisonjas”, “ser falso”, nas línguas dos judeus. Por esse sentido a relação fonética e sonora de Brás Cubas e Bar Coziba, com a pronúncia de *cushba* é quase perfeita: fonemas comuns B/K/B somadas às vogais A/U/A e nas mesmas posições. Assim, muito provavelmente Machado de Assis batizou o seu “herói” com a intenção original e “charadística”, ou enigmática a partir da tese de Renan.

Já quanto ao enredo, *Memórias Póstumas de Brás Cubas* Schwarz (1990) fala da obra que inaugura o segundo momento da produção romanesca de Machado de Assis. O propósito do autor de *Um mestre na periferia do capitalismo* é a análise de uma obra no que tange a dominação de classe. No contexto brasileiro do século XIX analisa também a estrutura social que tinha em sua base o escravismo e o clientelismo, de função determinante na técnica narrativa. Daí tudo se origina e se não se revela no primeiro plano, o crítico encarrega-se de investigar mais aprofundadamente os processos utilizados por Machado de Assis. Sempre haverá um segundo sentido a se descobrir e elucidar em proveito do método. Outro esteio de sua tese é “o desacerto entre as relações sociais do país e os quadros ideológicos do mundo burguês, transformados por isso mesmo em generalidades retóricas”. Para Schwartz a “volubilidade de *Brás Cubas* é um mecanismo narrativo em que está implicada uma problemática nacional”.

Na análise de Schwarz (1990) a forma do romance de *Memórias Póstumas de Brás Cubas* é biográfica, embora solta, além de entrelaçada por digressões e episódios cariocas. Como num documentário, assiste-se à vida de um brasileiro abastado e desocupado:

nascimento, o ambiente da primeira infância, estudos de Direito em Coimbra, amores de diferentes tipos, veleidades literárias, políticas, filosóficas, científicas, e por fim a morte. Estão ausentes do percurso o trabalho e qualquer forma de projeto consistente. A passagem de uma estação a outra se faz pelo fastio, imprimindo ao movimento a marca do privilégio de classe. As relações são *incivis* em sentido próprio, isto é, não se pautam pela igualdade moderna, que no entanto está postulada. A volubilidade de Brás aparece, noutras palavras, como o reverso da exclusão de trabalho ou empenho autêntico, e como extensão da iniquidade social (SCHWARZ 1990, p. 61).

Nessa perspectiva, Schwarz (1990) defende que a vida burguesa está sujeita a caprichos, os objetivos centrais da vida tornam-se banais. E Brás, ante as finalidades marcadas pela sociedade burguesa, ao invés do Estudo, faz da vida em Portugal uma Festa. No lugar da Poesia, os trejeitos literários de um recentíssimo viúvo. Ao ocupar uma cadeira no Parlamento, discursa acerca da conveniência em diminuir em duas polegadas as barretinas

da Guarda Nacional, a fim de fazê-las mais leves e maneiras. Por isso, a filosofia revela-se por refletir acerca de questões sociais baseadas em brigas de cães e a invenção do emplasto Brás Cubas representa a Ciência e a Livre Empresa. Enquanto que o Amor, que não se minimiza no romance, já que o capricho não lhe contraria o natural – mesmo parecendo lamentável sob a ótica romântica – tem força e complexidade.

No romance *Memórias Póstumas de Brás Cubas* a “volubilidade” é um comportamento que exerce primazia e caracteriza o amor como se fosse a única forma de plenitude em detrimento às outras manifestações espirituais condenadas ao aniquilamento. E os assuntos da ciência, da política e da filosofia, tratados de modo satírico, não passam de afetação, contudo, sendo presenças atuantes, também são indispensáveis para dar o caráter à personagem que depende essencialmente dessa imagem, uma vez que glória, fortuna, saber e mistério são suas ambições por excelência. Percebe-se o deslocamento histórico pelo ridículo das pretensões, em parte, contudo, já que Brás Cubas interpreta de modo perfeito o princípio da subjetividade moderna em que não aceita limitações e sabe-se perfeitamente do que o mundo oferece de modo mais atual, ou seja, o protagonista é diferente de um escravo, bem como difere de um agregado.

Pela ótica de Schwarz (1990), neste aspecto, a “volubilidade” promove, no romance, a dinâmica antitradicional de caráter social contemporâneo. Brás arranja a sua inquietação pomposa às condições locais. Aliás, um burguês brasileiro é ambicioso por completo. Neste aspecto, na perspectiva do narrador Brás, o espírito que nega e não ataca as iniquidades cometidas historicamente, a classe dominante é desobrigada de compromissos com os subalternos, a quem aquela faculta total irresponsabilidade, já que não há convivência entre as duas classes.

Em última análise, Schwarz (1990) diz não haver núcleo dramático no andamento do romance que se encontra farto de possíveis caminhos, pois os momentos, em sua totalidade, são comandados pelo capricho tanto do narrador quanto das personagens. Revela-se uma conjunção esquizofrênica, na qual a vida se apresenta repleta de satisfações, porém destituída de sentido; enquanto que a razão dos instantes, fugaz e sem dinamismo, feito o próprio capricho, repetido sempre, ratifica o formato incerto do conjunto em que a vida medíocre é sem tamanho. Há uma combinação de elementos que a estética poética desabona, causando uma desarmonia que se encontra no ceio da arte moderna de modo agressivo e insatisfatório. Subitamente arrisca-se uma possibilidade destoante e atea da vida sem sentido. “A beleza destes efeitos é essencialmente anticonvencional” (SCHWARZ, 1990, p. 65).

No romance *Memórias Póstumas de Brás Cubas* os episódios entrelaçam-se por meio de uma estratégia comum, risível e imediatamente percebida pelo leitor: a simultaneidade ou o desenvolvimento de uma ação dá lugar à repetição pontual, variada, de idêntica e imutável insuficiência, típica da condição humana. Tal repetição logo sobrepõe-se essencialmente aos fatos. É crítica a conclusão, visto que a diversidade ilusória do dia-a-dia revela uma verdade constante, dificilmente aceita. Pode-se dizer que o aspecto fulcral do livro está nesta razão e no pessimismo do escritor. Porém, para o ponto de chegada de um romance, além de tudo escorregadiço, é excessivamente severa e fácil a conclusão. Ricamente entremeada de teorias, princípios e apólogos na interpretação de modo mais diverso, esta conclusão também transforma-se em alvo. Sem dar descanso, o absoluto apresenta-se tão diverso e convertido quanto a “empíria”, entendido como ilusão, o que é, naturalmente, um elemento de comédia. A senha da “volubilidade”, considerando as explicações ulteriores, seria de acordo com Schwarz (1990, p. 67) de diversa ordem: “mecânica, cristã, naturalista, etc.”. Aliás, doutrinas incompatíveis e de funcionamento homogêneo, fazendo delas outras e diversificadas ideologias.

É no sentimento familiar, a despeito da heterogeneidade, que Schwarz (1990, p. 68) revela, o que ele chama de ideologia “familista”, presente no romance *Memórias Póstumas de Brás Cubas*. Tal sentimento atenua e justifica naturalmente as atitudes de Brás, com resultado hilário. Exemplifica o crítico:

Quando quebra a cabeça de uma escrava, o Brasinho é *filho querido* de sua mãe e de seu pai; quando emite cinismos sobre a função social dos pobres, o jovem capitalista o faz *protetor* de uma agregada; quando foge à modesta Eugênia, único bom sentimento de sua vida, será na qualidade de *moço de família importante*, com obrigações de carreira etc (SCHWARZ, 1990, p. 67).

Simultaneamente à norma liberal dotada de presença tão sistematizada quanto à dela, a ideologia “familista” que tem sua base no paradigma brasileiro, agrega obrigações filiais, paternais e inclui, além dos parentes, escravos, dependentes, compadres, afilhados e aliados. Conforme Schwarz, tal ideologia é uma soma de relações de cunho patriarcal que se desdobra em outros elementos como o escravista, clientelista e burguês. Daí que à condenação liberal desta sociedade ruidosa e que em nada resulta, quer atenuar as atitudes pela complacência da relação familiar que é ao mesmo tempo hipócrita. O romance machadiano é um modo de revelar que condenação e justificação colaboram ao mesmo tempo para o concerto de vozes inaceitáveis.

De acordo com Schwarz (1990, p. 69), a “volubilidade” aparece plenamente em Brás Cubas apenas no quadro das relações “inaceitáveis”, condicionada por “incivis”. E

exemplificado pelo crítico: “Veja-se para exemplo, o prazer escarninho com que o narrador desmancha no nascedouro as expectativas que cria: contra a morte antes da vida, a saciedade antes do amor, o fracasso antes da tentativa etc. etc.” São inúmeras as contravenções deste tipo, esterilizando propositalmente o enredo. De modo abstrato, seriam formas de desestabilizar e comprometer a ordem estabelecida. Sob outro ponto de vista, porém, existe anticrítica, pois o fato de contrariar a ordem narrativa ajusta-se com a naturalidade entre as “relações incivis” e inaceitáveis por ela estetizada e prestigiada. Em *Memórias Póstumas de Brás Cubas* observa-se constantemente a conversão da lucidez em desrespeito à norma, além de se cultivar desveladamente o arbítrio.

Memórias Póstumas não procura enfatizar a contradição quanto mais à transformação. Retrata o desgaste cada vez maior de um parasita que agarra entusiasmado o seu quinhão ao beneficiar-se da injustiça social num limite evidente. Brás, no entanto, abriria mão de ser ele mesmo se vislumbrasse a possibilidade de romper com o seu papel de célebre da ciência, da filosofia, da política etc. O núcleo da “volubilidade” define-se pela oscilação entre essas duas figuras, ou seja, o de aliado beneficiário de um sistema de dominação que não se justifica.

Desse modo o calor da narrativa representa o modelo semelhante que se percebe nas circunstâncias elementares do enredo, um misto de “incivil e progressista”, modelo provinciano e atrasado, contudo, do qual a narrativa desliga-se em virtude da elegância do voo e pela vastidão das referências. Schwarz (1990, p. 71) questiona: “Que pensar desta supremacia? E se a infinita liberdade do defunto autor não pairasse acima da vicissitude dos vivos, como pretende, mas pelo contrário fosse uma ideologia em que esta encontrasse a sua expressão mais favorável?” Assim retorna-se à comédia ideológica brasileira na qual as possibilidades romântico-liberais, assim como as ideias contemporâneas no seu conjunto, disponibilizadas, giravam de acordo com a norma imposta pela estrutura escravista e clientelista do progresso social.

É provado por estudiosos, a exemplo de John Gledson, ser a narrativa de *Memórias Póstumas de Brás Cubas* orientada pela história do Brasil dando a ela significado explícito e implicitamente. O pesquisador inglês sustenta este raciocínio e abre um curso pelos episódios políticos destacados por Machado de Assis, defendendo ser possível compreender esta perspectiva nas entrelinhas do romance. Assim a Independência do Brasil, o ato de Abdicação de D. Pedro I ao Trono, a Maioridade de D. Pedro II, a Conciliação do Marquês de Paraná, a Lei do Ventre Livre, a Abolição da Escravidão e a Proclamação da República são todos eventos que se relacionam igualmente às datas referidas no enredo de *Memórias Póstumas*

que constrói, com episódios paralelos, a sua história ficcional. Por esta ótica, conforme Schwarz (1990, p.74), o romance é uma verdadeira “alegoria política”. E as correspondências entre os conflitos ficcionais e a realidade histórica da época são de uma coincidência evidente.

Se Valentim Facioli (2002) confere diferentes interpretações a Brás Cubas, acima mencionadas, John Gledsonn (1986, p. 72) questiona: “e se Brás, fosse o Brasil, de que seu nome é a primeira sílaba?”. Com uma atenção maior às datas, pode se perceber inferências de modo mais claro. Em 1805 é ano do nascimento de Brás, ou seja, nos últimos anos da Colônia. O seu comportamento em relação à educação, em que desconhece regras sendo que os próprios caprichos norteiam a sua “ética”, corresponde à época do Rei Velho. A sua primeira paixão, impura por sinal, relaciona-se com as festividades da Independência do Brasil, uma contradição que não constitui mera coincidência. Brás levou “trinta dias para ir do Rossio Grande (local dos festejos e do primeiro encontro) ao coração de Marcela” e isto remete ao mês de outubro de 1822, uma vez que a Independência da República se dá em setembro. Para ratificar esse raciocínio, Schwarz (1990, p.72) lembra da frase célebre no romance: “Marcela amou-me durante quinze meses e onze contos de réis”, (ASSIS, 2008, p. 648) para assinalar a relação que março de 1824 tem com o fato de D. Pedro outorga a sua Constituição para terminar com a “aventura liberal” da primeira Constituinte.

Quase todos os críticos desde Silvio Romero, Gustavo Corção, José Veríssimo até Araripe Junior, tratam de *Memórias Póstumas de Brás Cubas* como um divisor de águas quanto à qualidade na obra de Machado de Assis. O que se pode perceber, tão somente, como variante seriam, de acordo com Astrojildo Pereira (2008), as interpretações do fenômeno.

Pereira (2008, p. 149) questiona a interpretação de Corção (1958): “não é apenas diferente na forma; é diferente, sobretudo pela dimensão, pela suprema novidade do valor”. Pereira entende que seria insuficiente afirmar ser a “diferença” apontada como ruptura com o passado. E o que poderia ser mais condizente para o melhor entendimento da natureza em si da “diferença” é, na opinião do autor de *Machado de Assis, ensaios e apontamentos avulsos*, assumir que “a ruptura dialética”, fruto de um lento processo interior, explique-se como consequência de contradições com as quais Machado de Assis se debatesse desde o início de sua carreira. Segundo Pereira (2008), a contradição de Corção, mesmo reconhecendo o caráter dialético de *Brás Cubas*, está em negar completamente as obras de Machado de Assis, anteriores a *Memórias Póstumas*. Isto não corresponderia à realidade já que o termo “dialético” estaria num contexto por demais restrito, formal e de viés idealista.

Machado de Assis, ele próprio, com outra terminologia, explica o processo de ruptura quando fala da liquidação do romantismo em artigo intitulado “A nova geração”,

escrito antes da obra de *Memórias Póstumas de Brás Cubas*: “[...] a extinção de um grande movimento literário – lê-se no referido artigo – não importa a condenação formal e absoluta de tudo o que ele afirmou; alguma coisa entra e fica no pecúlio do espírito humano” (PEREIRA, 2008, P. 150). E vinte anos após, numa missiva endereçada a José Veríssimo na qual dizia perceber em Brás Cubas ingredientes latentes na fase anterior, teve de Machado de Assis a seguinte resposta: “o que você chama a minha segunda maneira naturalmente me é a mais aceita e cabal que a anterior, mas é doce achar quem se lembra desta, quem a penetre e desculpe, e até chegue a catar nela algumas raízes dos meus arbustos de hoje” ASSIS, 2008, p. 1367). Pelo texto e conduta confirma-se como Machado de Assis exprimia-se com agudeza de percepção das coisas, mesmo ao falar raramente da própria produção. O que se pode afirmar com certeza é que, independentemente de integrar a estética realista ou não, desenquadrar-se do romantismo representa para Machado de Assis estar longe de uma crise de compatibilização a “escolas”. Quanto ao seu posicionamento acerca das “escolas literárias” ele o fez parcimoniosamente no ano de 1879: “a realidade é boa, o realismo é que não presta para nada” ASSIS, 2008, p. 1279). Daí estar superado o idealismo romântico, livre de modelos obsoletos e limitações, por mais que desejassem ser “novas”. Diga-se de passagem, que os fatos deram-se no tempo da crítica ao *Primo Basílio* de Eça de Queiroz quando *Brás Cubas* era gestado.

Corção (2008), diz ser *Brás Cubas* uma “explosão de gênio” e afirma que a obra não se explica apenas “em função da nova estética ou das descobertas de fórmulas literárias”, mas completa dizendo que “a forma foi buscada para corresponder a uma descoberta de outra ordem” (CORÇÃO apud PEREIRA, 2008, p. 151). E na necessidade de razões de “busca” da nova forma reforça: “Foi intencionalmente procurada para traduzir a revelação que o autor, por volta do ano de 1880, teve da vida e do mundo”. Diante dessas afirmações Pereira (2008) concorda com Corção fazendo ressalvas em relação ao que há de exclusivamente subjetivo na especulação. Porém, doravante, quando Pereira passa a interpretar a obra de acordo com a natureza da “revelação”, Pereira (2008, p. 152) contesta de modo inconciliável, não sendo difícil mostrar a razão central desta oposição.

Viveu-se no Brasil, segundo Pereira (2008) durante a década de 1870 e 1880 uma luta ideológica em vista de objetivos de cunho científico, filosófico e literário. E Machado de Assis participou deste conflito de modo mais sofrido que os outros, pois além de vivenciar contemporaneamente este movimento revelava mais sensibilidade que os outros combatentes. A crise era essencialmente filosófica, pois apareciam agonizantes as derradeiras concepções

românticas e idealistas. O cenário era o reflexo, a consequência do processo, mas pesava sobre o desenlace da crise.

Com tal desenlace Brás Cubas deu início ao registro de suas memórias póstumas. Pode-se entender que o defunto represente simbolicamente o idealismo romântico extinto e sepultado no íntimo do escritor. Agora Brás Cubas ressurgido revela-se materialista, aliás, um materialismo latente na consciência finalmente acordada desobstruindo as traves a dificultar a expansão do gênio criador.

Desse processo catártico ou na expressão de Pereira (2008, p. 153): “do estranho grito e das estranhas batatas”, Brás Cubas, materialista, retira elementos para engendrar uma nova filosofia enquanto revelava sua veia galhofeira carregado de uma boa dose de melancolia, vocação antiga.

2.8 A obra *Dom Casmurro*

O debate acerca da obra de *Dom Casmurro* envolve uma boa parte da crítica quando se trata das obras e do autor Machado de Assis. É o romance machadiano, segundo Marta de Senna (1998) mais comentado, discutido e esmiuçado. Os estudos de Alfredo Pujol, Lúcia Miguel Pereira, Augusto Meyer, Helen Caldwell, Eugênio Gomes, Alfredo Jaques, Wilson Chagas, John Gledson e Antonio Candido contribuem, neste capítulo, para estabelecer as ideias básicas que norteiam tais comentários e discussões.

Antes de tudo, o sentido de *Casmurro*, se num primeiro momento o narrador induz o leitor a procurá-lo no dicionário, depois, imperativamente, manifesta-se, como se estivesse espreitando o leitor: – “Não consultes dicionários. *Casmurro* não está aqui no sentido que eles lhe dão, mas no que lhe pôs o vulgo de homem calado e metido consigo” (ASSIS, 2008, p. 931).

Segundo Alfredo Pujol (1934, p. 239) “*Dom Casmurro* é um desses livros impossíveis de resumir, porque é na vida interior de Bento Santiago que reside todo o seu encanto, toda a sua força”. Pujol diz ser *Dom Casmurro* um livro cruel.

Bento Santiago, alma cândida e boa, submissa e confiante, feita para o sacrifício e para a ternura, ama desde criança a sua deliciosa vizinha Capitulina, - Capitú, como lhe chamavam em família. Esta Capitú é uma das mais bellas e forte criações de Machado de Assis. Ella traz o engano e a perfídia nos olhos cheios de sedução e de

graça. Dissimulada por índole, a insidia é nella, por assim dizer, instintiva e talvez inconsciente (PUJOL, 1934, p. 238).

Em depoimento confessado, Lúcia Miguel Pereira (1988) em sua obra *Machado de Assis*, afirma que:

Dom Casmurro é o mais humano dos livros de Machado. Aí não pergunta como se sofre, ou por que se sofre – conta simplesmente a dor de um homem. Um momento, a angústia de um coração humano lhe fez esquecer os “cochichos do nada”. O amor de Bentinho por Capitu foi alguma coisa de real, de palpável, de sólido, que prendeu o autor à terra, à vida quotidiana, e o disputou às seduções do mistério, à 'volubilidade do nada' (PEREIRA, 1988, p. 241).

Já em relação à problemática do ciúme de Bento, sentimento cerne da narrativa, Pereira (1988) insinua sobre o amor de Machado anterior à Carolina. Embora o escritor tivesse escrito a obra com mais de sessenta anos, ainda assim, não seria impossível que a perturbadora Capitu fosse reminiscência do antigo amor. Está presente em Capitu uma sedução pecaminosa incomparável às outras mulheres das narrativas de Machado de Assis, até mesmo em Sofia, a musa de Rubião, de quem Capitu mais se aproxima, não é tão forte a atração.

Na perspectiva da recepção, Pereira (1988), diz que quando o leitor se dá conta, a situação já está armada. Capitu é uma linda mulher, de atrativos bem femininos enquanto Bentinho um rapaz que cheira a seminário. A dúvida aparece antes na cabeça do leitor que no espírito de Bento, sem a mesmo o autor se manifestar.

O gaúcho Augusto Meyer (2008) em seu livro *Machado de Assis*, afirma ser *Dom Casmurro* o livro de Capitu, mesmo que o seu perfil figure para o leitor de modo indireto, filtrado e construído pela ótica de Bento. Quem ocupa o centro da narrativa é o memorialista e por meio do suposto eu, foco da cena. Manifesta-se igualmente o sorriso de Machado de Assis, entre melancólico e engraçado alimentado pelas piruetas da fantasia. Capitu, por sua vez, se está em cena ou nos bastidores, tem sempre o olhar e a curiosidade do leitor, e de tal maneira que a atenção é totalmente voltada para ela, especialmente quando ela não se encontra em cena, os olhos a procuram. E nas palavras de Meyer:

É que a sedução de Capitu não provém de uma beleza epidérmica, não apenas a sedução superficial da mulher tranquilamente bela, sem profundidade perturbadora na sua graça um tanto vegetativa. Vem, pelo contrário, de um não sei que felino e profundo, com todo esse mistério de presença envolvente que irradia das personalidades fortes (MEYER, 2008, p. 116).

“Capitu era Capitu, confessa Bentinho, isto é, uma criatura mui particular, mais mulher do que eu era homem”. (ASSIS, 2008, v. I p. 963) Nesta afirmação se concentra, mais

do que a chave de seu temperamento, a explicação da sua ascendência sobre o homem e marido Capitu é solidamente viril pela energia inquebrantável, pela sua audácia pertinaz, pelo dinamismo, pela consciência da capacidade de conquistar sem ser conquistada. Aqui quem é conquistado, fazendo a vez do polo feminino é Bento.

O livro de Helen Caldwell (2008) a obra *The Brazilian Othello of Machado de Assis* quer provar a inocência de Capitu ao adultério a ela atribuído:

Se fosse assim, certamente ela teria levado uma vida excitante na Suíça. Uma vez mais, todas as indicações estão contra ele. Ela viveu em reclusão (como Lívia, de Ressurreição), criando seu filho, amando Santiago, escrevendo-lhe cartas de partir o coração, pedindo-lhe que visitasse seu Ezequiel que, como observa Santiago, acreditava nela (CALDWELL, 2008, p.102).

Seria uma prova concreta e talvez única da culpa de Capitu, a de Ezequiel parecer com Escobar. De acordo com Caldwell, esse é o “lenço de Desdêmona”, o acessório que Santiago tem para fazer dominar a ação.

Deixando de lado o que pensa Bento e o que confia ao leitor, qual seria o testemunho de viva voz dos personagens machadianos acerca do caso? Há as palavras de Bento para Capitu: Ezequiel tem a mesma maneira de mover os pés e de mexer os olhos – trejeitos que podem muito bem ser adquiridos por meio da imitação sugerida no começo por Bento. Em última análise, a principal testemunha da “semelhança” – e, como escreveu José Veríssimo, devido a seu amor e ódio, seu testemunho é suspeito.

Em contrapartida, não é impossível que Escobar amasse Capitu diante do simbolismo que envolve o seu afogamento, o que pode servir de prova para as intenções de Machado de Assis. Seria até estranho se Escobar não gostasse de Capitu já que os outros personagens na narrativa rendem-se aos seus encantos, inclusive o leitor. Segundo Caldwell (2008, p. 112) mais significativa seria Sancha e na alusão de Bento, mais admirável que a Bianca de Cássio. Porém que Escobar amasse Capitu e que ela correspondesse ao afeto, não se pode crer mais nisso do que Desdêmona amasse Cássio, a não ser que se comparasse o amor de Capitu ao de Julieta, “é como o mar – sem fim”, envolve todos os que amam Bento e os que por ele são queridos.

Enylton de Sá Rego (1989) enquadra o discurso machadiano dentro de uma tradição literária da Sátira menipéia representada por Sêneca, Luciano de Samosata, Erasmo e Sterne, autores cujas obras ecoam na produção de Machado de Assis. O próprio autor de *Dom Casmurro* em seu romance sugere escrever uma tragédia da qual o leitor deve julgar de acordo com sua imaginação. Isto é para mostrar que tal concepção da obra de arte, isenta de

uma autoridade que se investe como dona da “verdade”, encerra uma típica tradição luciânica. A “reforma” da tragédia, nesta perspectiva, realizada por Machado de Assis em *Dom Casmurro*, diferente de como fez em *Memórias Póstumas de Brás Cubas* – uma história que inicia pelo fim – empreendeu uma tragédia fundamentada pelo sentimento do ciúme, a exemplo de *Otelo*, embora o julgamento acerca da culpabilidade ou inocência da heroína fique em suspense, ausente do texto, para que o leitor a interprete ou julgue. E é possível perceber no próprio texto de *Dom Casmurro* evidências que confirmam esta versão:

Nada se emenda bem nos livros confusos, mas tudo se pode meter nos livros omissos. Eu, quando leio alguma desta outra casta, não me aflijo nunca. O que faço, em chegando ao fim, é cerrar os olhos e evocar todas as coisas que não achei nele... Assim preencho as lacunas alheias; assim podes também, leitor, amigo, preencher as minhas (ASSIS, 2008, p. 994-995).

Já Marta de Senna (1998, p. 94) em sua obra *O olhar oblíquo do Bruxo*, propõe duas ideias para cobrir lacunas na trama de *Dom Casmurro*. Primeiramente é a discussão acerca da “desrazão”, fascínio de Machado de Assis em outras obras como: *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, *Quincas Borba* e contos tal qual *O alienista* e *O espelho*, presente de forma subjacente em *Dom Casmurro*. Em segundo lugar, valendo-se de uma pista deixada por Helder Macedo, o qual sugere que, no lugar de se buscar em *Otelo* o interlocutor de *Dom Casmurro*, se devesse buscá-lo em *Hamlet*, uma vez que a questão nevrálgica da narrativa é a da dúvida. É proposta de Senna (1998) unir ambas com o fito de analisar a suposição pela via de *Hamlet* como primeiro interlocutor de *Dom Casmurro*, já que na peça shakesperiana trabalha-se de modo complexo e genial a questão da loucura, da “desrazão” procedente da indecisão de Bento.

A proposta de Senna é que se acompanhe na narrativa de *Dom Casmurro* pelo processo inverso ao de *Hamlet*, em que o personagem faz-se passar por louco, sendo lúcido na perspectiva de seu alvitre na peça. Enquanto que no romance de Machado de Assis o personagem narrativo (e narrador) “louco” posa de lúcido – com a credibilidade da maioria dos leitores – com o fim de persuadir o leitor de um adultério provavelmente presente apenas em sua fantasiosa imaginação, de modo que ele próprio o diz:

Ficando só, refleti algum tempo, e tive uma fantasia. Já conheceis as minhas fantasias. (...) A imaginação foi a companheira de toda a minha existência, viva, rápida, inquieta, alguma vez tímida e amiga de empacar, as mais delas capaz de engolir campanhas e campanhas, correndo" (ASSIS, 2008, p. 975).

Um romance especial dentre os de Machado de Assis, *Dom Casmurro*, empreende uma mistura de narrativa psicológica e de mistério. Se nas narrativas tradicionais que

envolvem mistério, a charada é descobrir o criminoso, neste caso tudo indica desvendar o mistério seja saber se houve ou não o crime. O enigma a ser descoberto pelo leitor resulta da estratégia textual astuta construída pela habilidade de Machado de Assis pela elaboração de uma narrativa em que desconstrói o próprio narrador. Decorrente de um discurso perspicaz de *Dom Casmurro*, o autor modelo – na terminologia de Umberto Eco (2009) o que desconstrói a personagem-narrador – traz à tona, sem disfarce, a demência oblíqua e fingida de uma personagem incapaz de ligar as duas pontas da vida, e monta a narrativa que vai comprovar, definitivamente, a sua loucura.

Eugênio Gomes (1967) em seu livro *O enigma de Capitu*, defende que o crime está provado. Mas, para além desta conclusão, o estudioso liga a questão da semelhança de Ezequiel e Escobar ao romance *Madeleine Férat* de Émile Zola que se apoia num fato observado pelo próprio romancista de uma rapariga que foi abandonada pelo homem a quem amava e anos mais tarde casou-se com outro, com quem teve um filho, coincidentemente semelhante ao primeiro homem. A partir daí Zola escreve *Madeleine Férat*, em que introduz, sem meias palavras, as explicações que o caso singular significava para a ciência experimental e atribuída ao romance.

Tal posicionamento, porém, extraliterário, diga-se de passagem, mais envolvido no aspecto estético do que pelo caráter científico do problema, Machado de Assis, assumia aquela possibilidade, ou seja, a semelhança entre Ezequiel e Escobar. Por insignificante que fosse, era meramente mimética ou coincidência, de acordo com o que Capitu explica a Bento, defendendo-se da insinuação de mulher adúltera. Consequentemente Gomes (1967, p. 176) questiona: “seria esse em definitivo o pensamento do romancista brasileiro? Parece que sim e se a dúvida ainda subsiste é efeito da sutileza intencional de sua arte”. “Machado de Assis era um animal *estheticus* no sentido mais cabal do qualificativo” (EUGÊNIO GOMES, 1967, p. 176), diz o crítico. Amante da estética, Machado de Assis empreendia qualquer audácia, sem, contudo, esquecer do senso do real. E com as suas palavras: “Não quero mal às ficções, amo-as, acredito nelas, acho-as preferíveis às realidades; nem por isso deixo de filosofar sobre o destino das coisas tangíveis em comparação com as imagináveis. Grande sabedoria é inventar um pássaro sem asas”. (ASSIS, 2008, p. 1091-1092).

Naturalmente, não se confunda verdade e verossimilhança. Em *Dom Casmurro*, todavia, existe “confusão geral”, que desorienta qualquer observação, pois, pode-se enfatizar, a versão da história é dita com exclusividade por aquele que se vê uma vítima de um engano lastimável. E a realidade posta por ele é a da própria imaginação. Como se apresenta

altamente subjetiva a principal expressão do drama de Bento, a narração prioriza a fidelidade da representação, mais não se pode querer de um romancista.

Para Alfredo Jacques (1974, p. 58), *Dom Casmurro* seria um romance alegórico: “o que ali se narra é como o sofrimento reconciliou o romancista com a vida”. Para o entendimento do alegórico na narrativa começa-se pela metáfora para a qual, no âmbito estético, geralmente dá-se maior prestígio pela sua capacidade generalizante e transfiguradora. Contudo, a metáfora encerra-se em si mesma enquanto que a alegoria é particularizadora, aberta ao debate, manifestando a sua estrutura explicativo-analítica, ou função delimitativa.

Machado de Assis é um extraordinário alegorista, pois é também um criador de símbolos. A sua alegoria consubstancia-se no conceito que se desdobra no diálogo. Neste aspecto é que está o dinamismo do estilo de Machado de Assis. Em última análise, a explicação de *Dom Casmurro*, para Jacques (1974) estaria “na maneira com que o pseudoautor narra, ferido e conformado, o drama de seu casamento”. “Como Brás Cubas e Rubião, o memorialista de *Dom Casmurro* sente um imenso autodesprezo, e autocomiseração”. Porém, “reagindo contra a sua franqueza, enfrenta a vida, simbolizada em Capitu” (JACQUES, 1974, p. 75).

Alfredo Bosi (2002) em seu texto *Machado de Assis* fala que a incerteza em relação aos ciúmes de Bento já colocou, há muito, os intérpretes em debate diante do exame do romance. Segundo Bosi (2002) o melhor leitor de Machado de Assis, em vida ainda, era José Veríssimo que teria aceitado incondicionalmente o caráter suspeitoso e acusador da narrativa de *Dom Casmurro*. “Era impossível em história de um adultério levar mais longe a arte de apenas insinuar, advertir o fato sem jamais indicá-lo” (BOSI, 2002, p. 66-67). E Bosi cita diversos autores que participaram da discussão, fazendo a leitura na mesma perspectiva: Alfredo Pujol, Lúcia Miguel Pereira, Augusto Meyer e Barreto Filho. Assim, um dos estudiosos mais criteriosos do romance, Eugênio Gomes fica estupefato diante da “arte de insinuar” sem a prova do flagrante. O crítico insiste no fato de que somente se conhece a história da forma como está posta porque Bento é a testemunha na condução da narrativa, atribuindo a Capitu o mistério que não se decifra, já que ela não tem voz. Na esteira de Gomes vai Wilson Chagas (1994) corroborando o ponto de vista predominante na crítica, que não há como falar em culpa ou inocência de Capitu, uma vez que a história é narrada sob a ótica de Bentinho.

Se não há provas, mas também não há saída para a defesa de Capitu, Bosi volta-se para Bento, procurando um alibi em torno dele:

Caso (por hipótese) o narrador quisesse descrever-se a si mesmo como cavalheiro sem mácula e com consciência reta, tramando o tempo todo contra a imagem moral de Capitu, como entender as suas repetidas confissões de fraqueza até covardia; de conivência com a simulação de Capitu nas suas voltas à casa ao tempo do seminário; da sua relação meio supersticiosa, meio mercantil com a divindade, da sua conduta (quase) adúltera com Sancha; do impulso assassino (quase) consumado contra a vida de Ezequiel; da sua dureza com o mocinho inocente que acreditava ser seu filho e lhe queria bem; enfim, da vida galante pontuada de encontros clandestinos que levava quando já se encasmurrara no Engenho Novo? (BOSI, 2002, p. 68).

E o próprio Bentinho admite culpa diante do suposto adultério ao citar o versículo bíblico: “Não tenha ciúmes de tua mulher para que ela não se meta a enganar-te com a malícia que aprender de ti” (ASSIS, 2008, p. 1072). Se houvesse, enfim, uma síntese, isto está novamente fora de cogitação, pois segundo Bosi (2002) o narrador em relação à índole de Capitu não se altera até o derradeiro capítulo do romance: “Se te lembras bem de Capitu menina, há de reconhecer que uma [a da praia da Glória] estava dentro da outra [a de Mata-Cavalos], como a fruta dentro da casca” (BOSI, 2002, p. 1072).

Já Gledson (1991) na análise realizada em seu livro *Machado de Assis – impostura e realismo*, o autor discute o narrador enganoso presente na obra de *Dom Casmurro*. O leitor precisa ficar atento porque Machado de Assis, que aprendeu a ludibriar o seu leitor ante suas conclusões, avisa o estudioso inglês, traz também uma apreciação curiosa de Mucio Leão: “Machado se delicia em ser incompreendido” (LEÃO apud GLEDSON, 1991, p. 19). E Gledson (1991) endossa: “A capacidade de enganar, do romance, é extraordinariamente completa, como está implícito em que a possível inocência de Capitu permaneceu virtualmente despercebida durante tanto tempo” (GLEDSON, 1991, p. 20). Esta manobra do escritor está presente na obra desde o nível geral do romance até as orações mais elementares. O leitor deve ficar atento já que a estrutura apresenta-se mais complexa do que se pensa dela. O romance ilude e nesta ótica o crítico estabelece dois pontos básicos para a compreensão do fenômeno. Em primeiro lugar Bentinho é um enganador quando procura – feito advogado – persuadir o leitor com uma versão dos fatos. Com as próprias palavras de Bento “livro omissivo” ele mesmo precisa convencer-se “racionalmente” mediante a “prova” do adultério de Capitu se é possível ter alguma certeza. A impostura, que vem antes, não permite perceber que haja um argumento. Em segundo lugar pode-se afirmar que Bento, além de enganar é enganado. Ele não tem ciência de certos significados de seu drama. A explicação disso é que o autor comenta externamente o que se associa a narrativas em terceira pessoa o que transcende às narrativas das próprias personagens.

O autor coloca-se tão claramente e esta intervenção revela-se subjacente em toda a obra. Como exemplo, a descrição da casa do Engenho Novo mandada construir como cópia fiel da residência em que viveu quando criança, em Matacavalos.

Nos quatro cantos do tecto as figuras de estações, e ao centro das paredes os medalhões de César, Augusto, Nero e Massinissa, com os nomes por baixo... Não alcanço a razão de tais personagens" (ASSIS, 2008, p. 932-932).

Há uma manipulação autoral sugerida na própria ordem dos nomes – coisa bem machadiana – uma vez que seria mais natural iniciar-se por Massinissa, pois vem cronologicamente posicionado em primeiro, diante dos outros três. E se se questionar acerca dos três imperadores romanos, qual a razão de terem um sócio nómada de Roma? Consoante a isso, Ezequiel observa o medalhão de Massinissa, o que indica que Machado de Assis não possibilita para o personagem Bento o que faz ao leitor, ou seja, tenha consciência de sua ignorância.

De acordo com Gledson (1991) classificar *Dom Casmurro* antes de tudo como narrativa de primeira pessoa é um equívoco, colocando-o paralelamente a *Memórias Póstumas de Brás Cubas* e *Memorial de Aires*, polarizando com *Quincas Borba* e *Esau e Jacó*. É preciso considerar mais do que este aspecto. *Dom Casmurro* é ainda, segundo o crítico, o mais complexamente enganoso dos romances machadianos. E sem acabar com os elementos básicos da suspeita quanto a uma melhor leitura, o romance deseja convencer o leitor de que as aparências enganam.

Quanto ao leitor, não há em *Dom Casmurro* nenhuma alerta, sendo acidental também a relação com o narrador. Pode-se compará-lo a algum personagem que eventualmente passa a fazer parte da trama. Gledson (1991) o considera um sujeito excêntrico, um recluso que alcança o cúmulo de construir uma duplicata de sua residência quando criança no subúrbio. Isto constitui uma ressalva porque sente-se constrangido pelo próprio capricho: "... levado de um desejo tão particular que me vexa imprimi-lo, mas vá lá" (ASSIS, 2008, p. 932).

Assim, em relação à interpretação dos dois primeiros capítulos de *Dom Casmurro* sobre deixar o leitor tranquilo ou inquieto, pode-se considerar verdadeiro respeitando as divisas, mas é possível admitir-se uma terceira via que dá uma ideia de conciliação. Se a vida monótona de Bento é a principal razão da atividade de escritor, tal atividade leva-nos a outro motivo mais auspicioso. A partir do momento em que a casa não conseguiu mais recuperar-lhe o passado, a narrativa, quem sabe pudesse fazê-lo:

Foi então que os bustos pintados nas paredes entraram a falar-me e a dizer-me que, uma vez que eles não alcançavam reconstituir-me os tempos idos, pegasse da pena e contasse alguns (ASSIS, 2008, p. 932-933).

O texto de *Dom Casmurro, na opinião de* Alfredo Bosi (1999) retrata insistentemente de que Bento Santiago não tem receio de revelar-se ao leitor escancarando plenamente suas fraquezas e tentações, as suas quedas racionalizadas de modo pífilo, seus temores e superstições, suas covardias e promessas sem cumprir, seus impulsos maldosos, se não criminosos, sua autopiedade quando se tratava de encontros escondidos, ao fazer, em última análise, de si mesmo uma imagem que está longe do medalhão pleno de dignidade ou de cavalheiro honrado. A sua voz, porém, não soa com a mesma sonoridade de quem desfruta clinicamente ao contar certo dia por passa tempo as suas memórias póstumas para mostrar o próprio descaramento. As memórias de Bento retratam o tom da má sorte e esvaziamento que revela a fragilidade existencial memorialista: “falto eu mesmo, e esta lacuna é tudo” (ASSIS, 2008, p. 932). Na observação de Antonio Candido (1995), “dentro do universo machadiano, não importa muito que a convicção de Bento seja falsa ou verdadeira, porque a consequência é exatamente a mesma nos dois casos: imaginária ou real, ela destrói a sua casa e a sua vida” (CANDIDO, 1995, p. 30-31).

2.8.1 Conclusão

A diversidade de aspectos abordados neste texto confirma a ideia de que Machado de Assis é um autor versátil. Porém não se vê esgotar na versatilidade os estudos em torno do escritor e sua obra, ao contrário, há cada vez mais estudiosos brasileiros e estrangeiros revisitando os textos machadianos. Se não bastasse a literatura, a história, a sociologia e a filosofia encontram, nas entrelinhas das obras de Machado de Assis, fomento para os seus objetos de estudo.

A sua biografia, revelada por diferentes críticos, redescobre um Machado de Assis com fisionomia renovada, pois a tradição tem mostrado um homem e um escritor reduzido a uma imagem unilateral, considerando-a a partir de sua índole tímida e reservada tão somente.

Se a política é um tema que marca o autor, é porque em toda sua obra ela está presente: na poesia, na crônica, no conto, no teatro, na novela, no romance. Não há mais nada a acrescentar.

A escravidão e a sua abolição é, para alguns estudiosos, o seu calcanhar de Aquiles. Mas a crítica contemporânea desmistifica essa crença. Não há absenteísmo da parte de Machado de Assis, é preciso ver, nas entrelinhas de seus textos, a mensagem sutil e enigmática que ele deixa para as gerações posteriores acerca da trágica e vergonhosa página da história social do Brasil.

O homem de imprensa aparece em sua biografia desde que começa a trabalhar, aos quinze anos. Aliás, a imprensa é a sua escola, já que escolaridade regular ele praticamente não teve, pois foi um autodidata. Escrever desde cedo, escrever todos os dias, escrever dia e noite até o fim, foi a sua vida. A imprensa o fez e ele a fez, no seu tempo.

O homem de letras ele o foi por consequência da vida de redator de crônicas. Mas essa atividade foi o exercício para fazê-lo escritor. Por outro lado, a sua curiosidade e a sua fome por saber fez despertar o que estava latente nele: o gênio, o escritor, o artista das letras.

As influências de filósofos, de escritores, da Sagrada Escritura, entre outros, exerceram o papel de adubo que nutriu o seu espírito e seu talento para despertar o que dormia em seu inconsciente e burilar o que se achava por lapidar.

Memórias Póstumas de Brás Cubas não é apenas obra de sua maturidade. É a síntese da história, é o seu lamento, a sua crise, a sua angústia, a sua crítica, a denúncia, o riso irônico para o patético ser humano...

Dom Casmurro quer ligar as duas pontas do laço? Revelar o ciúme de Bento ou o seu? Quer ludibriar o leitor? Quer proteger um protagonista enganado? É o drama de um personagem ou é o conflito do ser humano?

Este é o Machado de Assis caleidoscópico que maravilha leitores, que inebria críticos, que inspira talentos, que tira o sono de pesquisadores, que derruba mitos, que desmonta crenças, que merece ser lido e tem aqui mais sessenta e sete linhas em sua memória.

II PARTE

3 O PERCURSO DA PESQUISA E SEU VIÉS METODOLÓGICO

O projeto de leitura de obras literárias intitulado *Machado de Assis por jovens leitores do século XXI* nasceu da inquietação do pesquisador no ensino básico. Ao longo de quase três décadas é possível perceber diferentes comportamentos dos estudantes em relação ao ensino da literatura e na leitura de obras literárias. Entre esses diferentes aspectos destacam-se dois: um é o de cunho pedagógico e o outro é o de viés estético da recepção e seu efeito. No que diz respeito à questão pedagógica está a motivação dos alunos para o estudo da literatura como forma de cultura geral, ou considerar o estudo dos textos como instrumento de aperfeiçoamento da capacidade do leitor em seus níveis de compreensão e interpretação ainda que na perspectiva de dominar, por meio dos textos, a linguagem oral e escrita. Já o segundo aspecto, e o que deve ser o foco deste trabalho, é a recepção do texto literário na perspectiva de seu valor cultural e estético, ou seja, no âmbito da história, da sociedade, da antropologia, da filosofia e da expressão artística.

Em especial, a análise da leitura dos alunos em questão pretende considerar a recepção estética dos jovens ao lerem obras de Machado de Assis. Nesse sentido, este trabalho principiou com a preocupação docente na área de ensino de língua e literatura, primeiramente acerca da leitura dos alunos na escola. Depois, com um olhar mais atento, pela observação da leitura ou a recepção de obras literárias em especial pelos alunos do ensino médio. E na delimitação do objeto de estudo, veio a escolha do autor - Machado de Assis - e de suas obras - *Dom Casmurro* e *Memórias Póstumas de Brás Cubas* -.

A escolha das duas obras de Machado de Assis: *Dom Casmurro* e *Memórias Póstumas de Brás Cubas* deu-se primeiramente pela admiração, de longa data, pelo autor e sua produção, mas também foi fruto de amadurecimento e discussões realizadas com o orientador no programa de pós-graduação, ao estudar as disciplinas. Ao escolher o autor e seus respectivos textos não foi difícil pensar no público-alvo, uma vez que os leitores destas obras, no interior da escola, são os alunos da 2ª série do ensino médio. É claro que o leitor poderia ser qualquer indivíduo na sociedade que soubesse ler e tivesse um pouco de maturidade para fazê-lo. Porém, na condição de professor da Rede Pública de Ensino, graças à familiaridade e o convívio no ambiente escolar, prevaleceu a vontade de realizar o trabalho com o referido público.

Foi na Universidade Estadual Paulista (UNESP) de Assis, no curso de letras e na pessoa do professor Dr. João Luís Tápias Ceccantini que se realizou o encontro com a linha de pesquisa desejada para a elaboração do projeto. Aceito o orientando, seguiram-se a frequência às aulas das disciplinas indicadas, a participação em congressos, comunicações e publicações de artigos, bem como os constantes encontros para a orientação no projeto de pesquisa, tanto bibliográfica quanto a de campo. Foi decisiva também a participação do orientador na definição do objeto de estudo, a escolha dos autores que sustentam a tese e o rumo das ações na pesquisa de campo.

Enquanto ainda se frequentava às aulas no programa de pós graduação, colocava-se e ação a pesquisa nas cinco escolas escolhidas para a consecução da proposta. O trabalho com a pesquisa de campo iniciou em outubro de 2012 mediante contato com os diretores e coordenadores de cinco escolas escolhidas. A pretensão da escolha das escolas inicialmente era por três públicas e duas da iniciativa privada, porém a falta de interesse por parte da direção das escolas particulares, apenas uma possibilitou a realização da pesquisa, predominando, assim, a participação das escolas públicas, em número de quatro unidades, restando apenas uma particular. Esta escola localiza-se no perímetro urbano da cidade de Londrina, Paraná, denominada *PGD (Para a Glória de Deus)*, de confissão religiosa e de vertente evangélica. As quatro escolas públicas, por sua vez, foram eleitas mediante os seguintes motivos: escolas do perímetro urbano entre unidades centrais e outras periféricas. Um dos colégios, do centro da cidade, o Colégio Estadual *Professor José Aloísio Aragão*, de porte médio, é também de aplicação da Universidade Estadual de Londrina. Outro colégio central, denominado *Hugo Simas*, igualmente de porte médio, foi o que obteve a melhor avaliação no IDEB em 2012. Já o terceiro colégio estadual da cidade, chamado *Sagrada Família*, de porte pequeno, é de periferia e obteve a menor nota no IDEB no ano de 2012. A quarta unidade escolar estadual, de porte pequeno, localiza-se num distrito do município de Londrina e tem características de um público de zona rural. Isto posto, a pesquisa com os alunos, nas cinco escolas, começou no mês de fevereiro de 2013, na ordem da tabela abaixo, estendendo-se até novembro do mesmo ano.

Tabela de acordo com as escolas e o cronograma da realização da pesquisa

Data	Escola
Abril e maio de 2013	Colégio <i>PGD</i> – particular - Turmas 2 ^a A e 2 ^a B
Junho e julho de 2013	Colégio da <i>Warta</i> – pública em área rural - 2 ^a A
Julho a Setembro de 2013	Colégio Prof ^o <i>Hugo Simas</i> – pública no centro - 2 ^a A
Setembro e outubro de 2013	Colégio <i>Sagrada Família</i> – pública na periferia - 2 ^a A
Outubro e novembro de 2013	Colégio Prof ^o <i>José Aloísio Aragão</i> - pública - Aplicação UEL - 2 ^a A

3.1 Colégio de iniciativa privada

Prevista para o segundo bimestre de 2013 apenas, a participação da primeira unidade escolar, o *Colégio PGD*, por questões de organização do ano letivo e mesmo em função da agenda da professora da disciplina de Português e Literatura, esta escola - privada - solicitou a antecipação da pesquisa para o período do primeiro e segundo bimestre, o que não causou inconveniente algum para os trabalhos.

O referido colégio é de propriedade de um grupo religioso, com boa aceitação pela sociedade londrinense em função da adoção de sua filosofia e pedagogia. Os alunos, com os quais se realizou a pesquisa integram a 2^a série do ensino médio que se dá no período matutino. O primeiro contato com os estudantes foi realizado com a finalidade de exposição da proposta e convite para a leitura das duas obras de Machado de Assis. Os alunos receberam muito bem o convite e observou-se, no final, que a grande maioria tinha lido a obra, pois participaram efetivamente da entrevista coletiva. Nesta escola houve interesse e iniciativa da professora pela participação de duas turmas, lendo cada grupo uma das obras simultaneamente: um grupo leu *Dom Casmurro* e o outro *Memórias Póstumas de Brás Cubas*. Feito o convite, estipulou-se o prazo de cerca de um mês para que os alunos fizessem a leitura das obras. Depois disso, numa segunda aula, os alunos escreveram sobre as obras a partir dos seguintes encaminhamentos: a) Escrever sobre as impressões acerca da narrativa lida; b) Redigir um breve resumo da obra; c) Elaborar um texto crítico sob os mais variados aspectos; d) Discorrer sobre quais temas foram percebidos no interior do romance; e) E responder uma questão objetiva sobre a aceitação do livro lido. Há que se explicar desde já que destas quatro questões pouco se explorou acerca do que os alunos escreveram e comentaram, mas foram

aproveitadas indiretamente enquanto se analisavam os excertos das entrevistas com os leitores.

A segunda etapa da pesquisa com os alunos deu-se mediante entrevistas individuais. Nestas, os estudantes responderam a aproximadamente quarenta questões estruturadas com base nos elementos da narrativa. Entrevistas descontraídas, embora por vezes um pouco incômodas, por serem gravadas, os alunos mostram-se empenhados ao falarem de suas impressões, em discutir o enredo, além de tratar de suas experiências com leitura.

Já no terceiro momento, ou no desfecho da pesquisa de campo, organizou-se uma entrevista coletiva com a participação de 30 alunos secundaristas, mais ou menos. Também, nesta ocasião, os alunos responderam questões sobre as suas impressões e perguntas acerca dos elementos da narrativa. Para efeito de registro, este evento foi gravado e filmado, o que não deixou de causar constrangimento no início, para depois os participantes irem se soltando e enfrentarem com maior espontaneidade aos questionamentos e ao debate. Nesse ínterim não se registrou nenhum incidente que comprometesse a realização dos trabalhos, além do mais é preciso registrar ainda que a adesão dos alunos para a leitura da obra a realização dos trabalhos de coleta de dados contou com a colaboração e a motivação da professora regente da turma. De modo geral, esta escola ofereceu todas as condições para a concretização da pesquisa, desde a hospitalidade do coordenador do curso, bem como a disposição da professora da disciplina de literatura.

Nas demais unidades escolares em que se realizou a pesquisa, adotou-se a mesma organização e estratégias das acima descritas. Coincidentemente, em todos os colégios encontrou-se uma professora - mulher - na regência das turmas e de modo geral bastante comprometidas com o trabalho docente, o que facilitou o trabalho da pesquisa, uma vez que eram de praxe atividades que envolvessem os alunos com a leitura de obras literárias. Uma delas, a do colégio particular, em razão da orientação da escola que traz como tradição a leitura de obras literárias, auxiliou de modo significativo na mobilização dos alunos na realização das leituras. Já em outro colégio público, a professora realiza um projeto de encenação de obras literárias no intuito de motivar e envolver os estudantes na prática da leitura. É importante registrar que nestas duas escolas houve maior adesão também para a concretização dos trabalhos de recepção das obras.

3.2 Colégios públicos estaduais

O calendário da realização da pesquisa segue, durante o ano de 2013, com a mesma dinâmica e rotina da descrita na primeira escola. Com esse movimento, a segunda unidade escolar, o *Colégio da Warta*, uma escola de caráter rural, distante cerca de trinta quilômetros da cidade de Londrina, os alunos do ensino médio estudam no período noturno. Alerta da professora regente da 2ª série B, em número de 20, os alunos poderiam não oferecer grande contribuição, pois ela achava apresentarem-se apenas quatro candidatos para a leitura. No momento da exposição da proposta, porém, os alunos mostraram-se mais entusiasmados do que a professora previa. E realmente corresponderam com a promessa, concedendo as entrevistas individuais, para cada uma das obras solicitadas. Um dos alunos ofereceu-se para dar entrevista sobre duas obras inclusive. Na entrevista coletiva, contudo, restaram apenas quatro leitores para a participação do debate. Sem nenhuma outra dificuldade, a não ser as inúmeras viagens para finalizar os trabalhos de entrevista, esta escola também contribuiu para o bom andamento das atividades. Assim o diretor da escola deixou à disposição da pesquisa toda administração, a orientação com pessoal, bem como o contato com alunos e professores. A professora regente igualmente ajudou no processo e na motivação da leitura das obras junto aos alunos. Estes, por sua vez, participaram com muita alegria da experiência.

A terceira escola, denominada *Sagrada Família*, situa-se na periferia da cidade, com um número de aproximadamente trezentos alunos nos três períodos. Nesta unidade o diretor autorizou a pesquisa de modo hospitaleiro e a professora de língua e literatura, entusiasta e com bom trânsito entre os alunos, não somente apoiou a pesquisa com uma turma de 2ª série do período matutino, como pediu que se estendesse para mais uma turma do período da noite, à qual desejava propiciar uma oportunidade na participação de um projeto de leitura de que ela também desejava se envolver. Os alunos, por sua vez, receberam bem a proposta e propuseram-se a ler as obras solicitadas. Combinou-se com os estudantes do matutino a leitura de *Dom Casmurro* e com o período da noite a obra *Memórias Póstumas de Brás Cubas* para a leitura da turma toda. Ao final do prazo estabelecido para o término das leituras, marcou-se primeiramente a tarefa na qual os alunos deveriam escrever, pelo período de uma aula, sobre as impressões e os demais aspectos já mencionados na descrição da primeira escola. Em seguida agendou-se as entrevistas individuais que foram concedidas sem muita dificuldade, não fosse a desistência de alguns para ser compensada pela boa vontade de outros. Para encerrar os trabalhos nesta unidade escolar, ocorreu a entrevista coletiva no período matutino que foi muito bem sucedida, especialmente porque os alunos, que efetivamente fizeram a leitura da obra, participaram de modo a acrescentar de maneira

significativa para os dados do pesquisador. Já a turma do período noturno, mesmo com muita insistência, não deu retorno para a pesquisa, pois abandonaram definitivamente a proposta sem lerem as obras. Se esta escola deveria contribuir com uma entrevista coletiva exclusiva, a partir da leitura da obra *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, fica a pesquisa sem os dados desta modalidade, ou seja, da entrevista coletiva da obra supracitada. Se, contudo, não se pode concretizar a realização da coleta de dados desejado com estes alunos, especialmente os do período noturno, isso não inviabilizou a pesquisa como um todo, graças à valorosa contribuição dos alunos do período da manhã, assim como a motivação da professora e a anuência do diretor.

O quarto colégio escolhido, denominado *Hugo Simas*, localizado no centro velho da cidade de Londrina, uma escola de porte médio, cobiçada pelos adolescentes para a frequentarem, pois além do *status* de um colégio central, é considerada escola de qualidade pelo bom desempenho nos exames nacionais. Os diretores da escola não fizeram objeção na realização da pesquisa, deixando a estrutura escolar à disposição para que fosse efetivado o trabalho com os alunos. A professora de língua e literatura, realiza um trabalho sistematizado de leitura de obras literárias que culmina na transposição para texto teatral e consequente dramatização pelos alunos. Este fator facilitou imensamente a tarefa da pesquisa, já que os estudantes possuem o hábito de ler e nesta hora não ofereceram resistência à proposta. Dado o tempo para a realização das leituras, além de escreverem quase na totalidade dos trinta e oito alunos sobre a impressão da obra *Dom Casmurro*, lida pela turma, seis leitores dispuseram-se a conceder entrevista para responderem questões sobre as duas obras solicitadas: *Dom Casmurro*, *Memórias Póstumas*. Entusiastas, de modo geral neste grupo, contribuíram de forma relevante ao discutirem a recepção das obras de modo atento e crítico. Por fim, a entrevista coletiva rendeu um debate caloroso, especialmente por um grupo de oito alunos que se mostraram dispostos a brigarem por seus posicionamentos e na defesa de sua visão acerca da obra. Pode-se afirmar que nesta escola a entrevista coletiva atingiu de modo mais eficaz o seu intento.

A quinta unidade escolar na relação da pesquisa, o colégio *Professor José Aloísio Aragão*, vizinho da escola anteriormente descrita, é também escola de Aplicação da Universidade Estadual de Londrina. De porte médio, com cerca de 900 alunos, este colégio, de ensino básico, é disputado por alunos pretendentes da cidade e região, já que é considerada uma escola com ensino de qualidade. A direção desta instituição abriu as portas para a realização da pesquisa, primeiramente porque a considerou de importância, mas também porque o colégio de aplicação geralmente autoriza pesquisas na escola. E, em segundo lugar,

pela relação de amizade e de convívio de longa data entre o pesquisador e a professora diretora. A professora de língua e literatura não somente cedeu o espaço para a realização dos trabalhos, como encorajou os seus alunos a participarem dos trabalhos e fazerem a leitura das obras. Ao final de um mês e meio, aproximadamente, depois de a turma inteira manifestar-se por meio das quatro questões acima referidas, sobre a obra *Dom Casmurro*, quatro leitores, dois de *Dom Casmurro* e dois de *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, concederam entrevistas individuais, ao responderem sobre as questões já mencionadas. Na culminância dos trabalhos houve a entrevista coletiva acerca do romance de *Bentinho e Capitu*. O debate rendeu dados, porém os alunos, comparados às demais escolas, não mostraram o mesmo empenho, pois observou-se que estavam envolvidos em outros projetos da escola que lhes desviavam a atenção e interesse.

3.3 A metodologia da análise

A metodologia utilizada para a realização da presente pesquisa constitui uma investigação em torno da recepção de alunos que leem obras literárias sob a vertente do campo social da literatura, ao mesmo tempo em que segue a orientação de pesquisa indutiva, qualitativa e etnográfica.

É investigação do campo da Literatura social, pois trata da observação da história e da realidade social de uma comunidade ao retratar a sua percepção em torno da cultura, dos costumes, da organização política e social de uma época. Nessa perspectiva, por meio da recepção de textos de ficção o leitor contribui por uma leitura que expressa as formas de expressão de um grupo social, visto que as obras exemplificam a situação social, política e psicológica da sociedade da qual trata a obra ficcional.

A investigação se faz pelo método indutivo por partir de uma realidade particular para atingir uma conclusão universal, ou seja, é o processo pelo qual, dadas as diversas particularidades observadas nos dados fornecidos pela participação de cada leitor, chega-se a uma generalização representativa de um grupo social.

É de cunho qualitativo, ou seja, aquela em que há uma direção ao longo do desenvolvimento da pesquisa. Seu foco de interesse é amplo, sem enumerar ou medir eventos, também não emprega instrumental estatístico para a análise das informações. Integra estratégias metodológicas na qual estão presentes a obtenção de dados descritivos por meio do

contato direto e interativo do pesquisador com o objeto de estudo. Nesse tipo de pesquisa, o pesquisador frequentemente busca entender os fenômenos de acordo com o horizonte dos participantes da situação de estudo, a partir do que o examinador realiza a sua interpretação dos fenômenos em estudo.

Constitui igualmente uma pesquisa etnográfica, já que se ocupa do estudo descritivo, classificatório e comparativo da cultura material, isto é, dos artefatos encontrados na sociedade humana. No campo da pesquisa etnográfica, há atualmente, uma preocupação preponderante com a natureza da interação no cotidiano da sala de aula como lugar de aprendizagem. Há um interesse fundamental pelo estudo dos processos sociointeracionistas na condição de fatores geradores da construção do conhecimento, ou seja, da cognição. Tal preocupação pelo estudo da interação no contexto de ensino-aprendizagem da literatura integra um interesse mais amplo em várias áreas de investigação (análise do discurso, estudos cognitivistas, educacionais etc.) pela questão de interação, calcando-se na premissa de que o significado, a compreensão e a aprendizagem precisam ser definidos em relação a contextos de ação (HANKS apud MOITA LOPES, 2000) em que atores reais fazem parte da construção do significado, do conhecimento e da aprendizagem, isto é, ambos, aprendizagem e significado, são entendidos como modos de coparticipação social.

Este trabalho segue, portanto, a orientação de pesquisa de literatura social etnográfica, qualitativa e indutiva de investigação porque o projeto de pesquisa assim se configura. E para efeito de resultados, na possibilidade de obter dados que orientem para um novo olhar sobre a realidade da leitura literária nas escolas.

Após a explicitação do modelo metodológico do trabalho, segue-se com a descrição dos procedimentos de coleta de dados. Escolhido o autor, Machado de Assis, bem como duas de suas obras, *Dom Casmurro* e *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, orientou-se a leitura em cinco escolas para seis turmas de alunos do ensino médio, por um prazo de aproximadamente um mês e meio para a sua realização em cada unidade escolar. Depois da leitura feita, procedeu-se com duas modalidades de coleta de dados. Um dos modelos consistia em questões, formuladas de acordo com os objetivos da pesquisa, que tinham por finalidade explorar uma observação mais abrangente da obra pelos leitores. Daí as questões: A) *O que você achou do livro e quais as impressões que você pode descrever agora sobre a leitura?* B) *Escreva um resumo do enredo ou da história.* C) *Elabore um texto crítico a respeito desta obra. Faça comentários, avalie, opine, critique a obra sob os mais vários aspectos.* D) *Por meio desta narrativa, o que você acha que o autor discute, ou seja, que temas são abordados por ele? Faça comentários a partir deles.* Acerca destes itens, cada aluno escreveu, numa

folha de papel sulfite, preparada pelo pesquisador, por cerca de uma hora aula, ou seja cinquenta minutos.

Já a segunda modalidade de coleta de dados ocupou-se em buscar informações mediante perguntas em entrevistas individuais e coletivas. De acordo com Lawrence Bardin (2011, p. 93), a entrevista é um método de investigação específico. E para fundamentar o uso do instrumento da entrevista na presente pesquisa, a orientação de Bardin é que ao usá-lo "lidamos com uma fala relativamente espontânea, com um discurso falado, que uma pessoa - o entrevistado - orquestra mais ou menos à sua vontade. Encenação livre daquilo que esta pessoa viveu, sentiu e pensou a propósito de alguma coisa". Esta "alguma coisa", dita pelo autor, é a recepção da obra machadiana, objeto de estudo da pesquisa, acerca do que os alunos deram seu parecer, fizeram críticas, inferiram o seu entendimento sobre as temáticas discutidas no texto, entre outras apreciações. Ora, as entrevistas, neste estudo, foram organizadas com trinta e oito (38) questões sobre os elementos da narrativa (*enredo, personagens, conflito, tempo, espaço, narrador e verossimilhança*). Simultaneamente, as perguntas dirigidas aos participantes, a respeito das personagens, continham implícitas as diretrizes da teoria da Estética da Recepção, pois as questões relacionavam-se aos conceitos de: *concretização, horizonte de expectativas, experiência estética, distância estética, efeito, estrutura de apelo, identificação e emancipação*. Um exemplo de indagação era: *com qual personagem você mais se identificou?*

Para efeito de organização da coleta dos dados com os leitores nas escolas, agendava-se no contraturno das aulas as entrevistas individuais com os alunos que se dispunham a colaborar. A entrevista tinha a duração de cerca de quarenta minutos, tempo suficiente para a realização dos questionamentos previstos e a contribuição do estudante leitor. Este evento era registrado apenas auditivamente com aparelho gravador e com a devida autorização do pai ou responsável pelo aluno.

A entrevista coletiva, também agendada previamente com a coordenação do curso e os alunos, deu-se com a presença do professor pesquisador, articulador do debate, sempre pela presença de quase todos os alunos da turma e um profissional contratado para realizar a filmagem e gravação dos trabalhos. Apenas numa escola a professora regente, entusiasta, participou da empresa, inclusive com um parecer no final da entrevista com os alunos.

A tarefa da pesquisa de campo ocorreu, conforme o cronograma acima representado, no ano de 2013, entre os meses de abril a novembro, com a totalidade das escolas, iniciada com o Colégio *PGD*, particular e pela participação das turmas da 2ª A e da 2ª B. No período seguinte a pesquisa se deu no colégio da *Warta*, público, em área rural, com o 2ª A do

período noturno. No segundo semestre do ano de 2013 as atividades integraram os colégios: *Sagrada Família*, público, de periferia, 2ª A do período matutino; depois o colégio Profº *Hugo Simas*, público, no centro da cidade, 2ª A do período matutino; e, por fim, o colégio Profº *José Aloísio Aragão*, público, de aplicação da UEL, com a turma da 2ª A do período matutino.

Reunidos os dados, passaram-se os textos redigidos a punho pelos alunos para uma cópia digitada em arquivo de anexos. Enquanto que as entrevistas individuais, gravadas em áudio e também as coletivas filmadas foram transcritas igualmente para o arquivo dos anexos. A sistematização metodológica para a realização da análise dos dados consistiu no seguinte: em primeiro lugar, é preciso reforçar, o objeto de estudo nesta pesquisa é a recepção da obra literária pelos alunos e os dispositivos para esse estudo são *os elementos da narrativa*, bem como *os conceitos da Estética da Recepção*. E a partir desses mecanismos é que se efetivou o exame dos dados reunidos na pesquisa de campo com os estudantes. Com o propósito de seleção do material, passou-se de uma leitura generalizada de todos os elementos coletados para uma de triagem e seleção de excertos com a finalidade de examinar a recepção das obras pelos alunos leitores.

Em segundo lugar, o procedimento de exame neste trabalho deu-se, conforme os conceitos de Bardin (2011, p. 100) por meio da análise temática. Considerando que os temas discutidos foram os *elementos da narrativa* e as *categorias da Estética da Recepção*, a triagem dos textos dos alunos foi realizada conforme a ótica do pesquisador e de acordo com a relevância com que os alunos abordavam os aspectos temáticos. Nessa perspectiva, a escolha e a seleção dos fragmentos das entrevistas foram feitas, como foi disposto no corpus da análise, consoante primeiramente às categorias da Estética da Recepção - *concretização, horizonte de expectativas, experiência estética, distância estética, efeito, estrutura de apelo, identificação e emancipação* - conceitos fundamentais da Estética da Recepção, por meio dos quais se estudou a leitura literária operada pelos alunos leitores. Sob o prisma de cada conceito, selecionou-se e discutiu-se acerca de fragmentos dos textos produzidos pelos alunos. Este trabalho resultou numa reflexão com base no comportamento de leitura de jovens de um tempo diverso da produção da obra lida, importante discussão da teoria da Estética da Recepção. Entre os demais aspectos, o conceito de identificação revelou-se de modo significativo na recepção das obras machadianas.

No mesmo sentido selecionou-se trechos dos dados fornecidos pelos alunos em seus textos com base nos elementos da narrativa - *enredo, personagens, conflito, tempo, espaço, narrador e verossimilhança* - já que tais aspectos consistiam no arranjo para a efetivação da

coleta de informações na recepção de *Dom Casmurro* e *Memórias Póstumas de Brás Cubas*. Dentre estes aspectos, destacou-se o fator personagens, uma vez que as obras de Machado de Assis depositam maior atenção neste elemento narrativo. Foi, portanto, no item personagens que a recepção revelou maior visibilidade e produziu seus maiores frutos.

Sob esta ótica, ao invés de se confrontar entrevistas individuais entre os alunos ou confrontar as entrevistas coletivas de alunos de uma escola e outra, ou ainda, confrontar temas discutidos de maneira diferente entre os alunos, a exposição que se realiza neste exame consiste numa leitura idiossincrática produzida pelo pesquisador com o objetivo de apresentar uma panorâmica de leitura que jovens estudantes, com a idade entre quinze e vinte e um anos empreendem ao lerem uma obra dos cânones literários.

É importante, primeiramente para a orientação da leitura deste texto, que o registro das citações dos autores ou teóricos desta pesquisa foram colocadas com o recuo quatro (04). E, para distinguir destas citações, na leitura do capítulo das análises das duas obras machadianas, os excertos dos alunos da pesquisa encontra-se igualmente em recuo quatro (04), porém escritos em itálico. Estes textos são introduzidos e identificados com o nome da escola que frequentam e apenas pelo registro do primeiro nome do aluno participante. Finalmente, os textos redigidos pelos estudantes foram transcritos sem a devida correção para garantir a sua originalidade.

4 O LEITOR E SEU PERFIL SOCIOECONÔMICO

Apresenta-se, a seguir, um quadro indicador que identifica o público com o qual se trabalhou na pesquisa de campo e o modelo instrumental pelo qual buscou-se os dados fornecidos pelos alunos. Em outras palavras, é importante registrar em que contexto foram coletados os dados junto aos alunos. No contato inicial, por ocasião da apresentação da proposta da pesquisa, os estudantes já preencheram uma ficha com seus dados pessoais, endereço e telefone. Num outro contato os estudantes receberam uma ficha por meio da qual deveriam fornecer os dados socioeconômicos da família. Em algumas escolas, como foi permitido levar para casa, certos alunos deixaram de entregar o material. E vãs foram as tentativas para se recolher por completo os documentos, pois eles sempre diziam ter esquecido a folha. A terceira visita à escola foi com o fim de os alunos escreverem sobre: a) suas impressões acerca da obra lida; b) um resumo do livro; c) apresentar críticas à obra; e) escrever sobre os temas percebidos. Este material foi devolvido quase na totalidade dos alunos nas turmas envolvidas, salvo os que não compareceram à escola na ocasião da coleta desses dados. As entrevistas individuais, embora se tenha conseguido por completo o número de alunos, também não foi sem insistência para se conseguir realizá-las e em todas as unidades escolares isso ocorreu. Já a entrevista coletiva, que coroava a pesquisa nas escolas, contou também, em todos os colégios, com a presença quase por completo dos alunos na sala de aula, porém a participação efetiva no debate não se dava com a totalidade dos alunos. Alguns porque não leram a obra indicada, outros por timidez ou por acanhamento diante da câmera filmadora, ou ainda por falta de interesse pelo tema.

As tabelas registram uma soma de cento e sete (107) participantes, porém os que se propuseram a participar inicialmente até a realização da entrevista coletiva, fecho da pesquisa, foram em número total de cento e sessenta e três (163) colaboradores assim dispostos: cinquenta e nove (59) alunos do colégio particular *PGD*, dezesseis (16) alunos do colégio estadual da *Warta*, vinte (20) alunos do colégio estadual *Sagrada Família*, trinta e seis (36) alunos do colégio estadual *Professor Hugo Simas* e trinta e dois (32) alunos do colégio estadual *Professor José Aloísio Aragão* - Aplicação da UEL.

4.1 Colégio particular PGD

A pesquisa neste colégio deu-se em duas turmas - 2^a A e 2^a B do período matutino - uma vez que a professora mostrou-se interessada pela pesquisa e desejava assim proporcionar a oportunidade aos alunos dos dois grupos. Mostra-se primeiramente, o perfil dos alunos da 2^a A que totaliza dezenove (19) participantes efetivos na pesquisa pela leitura e participação no debate, sendo onze (57%) integrantes rapazes e oito (43%) meninas. A idade dos participantes fica entre quinze e dezoito anos assim distribuídos: dois alunos com quinze (11%) anos; dezesseis (85%) estudantes com idade de dezesseis; e, por fim, um aluno (6 %) somente com a idade de dezoito anos.

Para tratar da renda familiar dos participantes da pesquisa, colocam-se inicialmente os parâmetros para em seguida registrar as cifras da economia da família de cada aluno. Assim representam-se as classes em: A, B, C, D e E com os respectivos valores: A classe A contando com renda de mais de vinte salários mínimos, ou seja, maior que R\$: 15.760,00; A classe B com renda de dez a vinte salários mínimos ou entre R\$: 4.728,00 a 9.456,00; A classe C com renda entre cinco a dez salários mínimos, ou seja, entre R\$: 3.940,00 e R\$: 7.880,00; A classe D, considerando uma renda entre três a cinco salários mínimos, isto é, entre R\$: 2.364,00 a R\$: 3.940,00; e a classe E com renda entre R\$: 788,00 e R\$: 2.364,00.

Com base nessas referências, assim apresentam-se os números e o percentual dos trinta e seis (36) alunos do colégio particular PGD, quanto à distribuição de renda familiar de acordo com as cinco classes econômicas eleitas para registrar-se o perfil socioeconômico dos participantes da pesquisa. Apenas um aluno (9%) do total enquadra-se na classe A da pirâmide da economia, já são em número de oito os alunos (40%), cujas famílias enquadram-se na classe B e em número de dez alunos (51%) são aqueles cujas famílias encaixam-se na classe C de estratificação socioeconômica.

Para tratar do perfil da escolaridade dos pais dos alunos do colégio particular PGD, os informes registram-se considerando a tutela pelos alunos: *o pai, a mãe ou responsável*. Quanto ao nível de escolaridade apresentam-se os seguintes itens: *analfabeto, indefinido, ensino fundamental incompleto, ensino fundamental completo, ensino médio incompleto, ensino médio completo, ensino técnico graduação incompleta e graduação completa*. Diante desses conceitos, não se registram analfabetos entre os pais dos alunos da referida escola; apresentam-se em número de dois pais (11%) com formação indefinida; apenas um pai de aluno (6%) tem o ensino fundamental incompleto; também somente um dos pais (6%) aparece

com o ensino médio incompleto; já no item ensino médio completo vem três mães (16%) com tal formação; enquanto que com formação em ensino técnico aparecem cinco pais (26%) e uma mãe (6%); com graduação incompleta acham-se dois pais (11%); e com faculdade completa assomam oito pais (41%) e oito mães (41%) respectivamente.

No que diz respeito ao tempo livre dos alunos participantes da pesquisa, assim responderam obedecendo à temática *atividade e frequência*: dois alunos jogam futebol, dois praticam esporte de modo geral, um realiza corrida, seis alunos dizem assistir à TV, quatro jogam *vídeo-game*, um estudante ouve música, seis saem com os amigos, um namora, um deles ajuda em casa, um cuida dos primos, oito dizem fazer leitura, um vai à igreja, dois dormem, um descansa, cinco estudam, um pratica artes marciais, quatro frequentam a academia de ginástica, sete navegam na internet, um executa algum instrumento musical, um faz estágio na UEL, um estuda inglês, um come, um escreve, um escreve em seu *blog*, um assiste a filme, um anda de bicicleta, três conversam com os pais, um assiste a filmes e séries na TV e um vai a festas.

Em relação ao que gostariam de fazer no tempo livre, porém não podem, os alunos deste colégio responderam que: dois pretendiam fazer curso de inglês, um desejava descansar mais, um deles respondeu que nada queria fazer, um disse que gostaria de sair com os amigos, um confessava não querer estudar, já um deles desejava estudar mais, um deles pretendia jogar *vídeo-game*, dois intencionavam viajar e, por fim um deles dizia que faria segredo de seu desejo.

4.2 Colégio Público Estadual da Warta

Apresentado o desenho dos alunos do colégio particular, são agora os colégios da rede pública estadual no município de Londrina PR dos quais agora se apresenta a descrição do perfil dos participantes da pesquisa. O primeiro colégio público é o estadual da *Warta*, de caráter rural. Os alunos que frequentam a 2ª série do ensino médio, no período noturno, são em número de vinte, porém apenas seis efetivamente participaram com a leitura das obras e na concessão das entrevistas tanto individuais como a coletiva. Deste público três são rapazes (50%) e três moças (50%). No que se refere à idade dos estudantes, igualmente à escola

anterior, fica entre os quinze e dezoito anos de idade assim distribuídos: dois têm quinze anos (33%), dois com dezesseis (33%), um com dezessete (17%) e um com dezoito anos (17%).

Em relação à renda das famílias dos alunos com os quais realizou-se a coleta de dados do colégio estadual da *Warta* e com as mesmas referências salariais dos utilizados para os alunos da escola anteriormente descrita, os dados são assim representados. De acordo com a cinco classes econômicas, nenhuma família de aluno (00%) desta escola enquadra-se na classe A; apenas uma família (17%) integra a classe B, ou seja, R\$: 4.728,00 a 9.456,00; já são em número de quatro famílias (66%) as que cabem na classe C, isto é, R\$: 3.940,00 e R\$: 7.880,00; porém nenhuma família integra a classe D e E.

Quanto à escolaridade dos pais dos alunos do colégio estadual da *Warta* revela-se com os seguintes elementos. Não se registram analfabetos entre os pais dos alunos da referida escola; apenas um pai (17%) e uma mãe (17%) de aluno têm curso técnico; já dois pais (33%) e uma mãe (17%) cursaram faculdade incompleta; e uma mãe (17%) possui graduação completa.

Em referência ao quesito *o que faz no tempo livre*, os alunos assim se manifestaram: um aluno joga futebol, um sai com os amigos, dois dizem namorar, um faz leitura, dois descansam, um estuda, um navega na internet, dois assistem a programas esportivos na TV, um treina, um vai ao *shopping center*, um frequenta ao clube, um vai ao sítio com a família, um vai ao cinema, um visita a família, um aproveita para cuidar de si e um deles pesquisa acerca da vida do cantor de música sertaneja Luan Santana.

Em relação ao *que gostariam de fazer no tempo livre e não podem*, os jovens assim responderam: um desejaria sair com os amigos sempre, dois pretendiam viajar, um deles gostaria de realizar algum curso, um apreciaria jogar tênis de mesa, outro estimaria sair mais, um outro ainda aspirava correr atrás de seu sonho, e, finalmente, um participante adoraria conhecer Luan Santana.

4.3 Colégio Público Estadual - Sagrada Família

O segundo colégio público estadual - *Sagrada Família* - apresentou, inicialmente, duas turmas para a realização da pesquisa, uma no período matutino e outra do noturno, de acordo com o desejo da professora de literatura. Porém foi possível realizá-la apenas com a

do período matutino, com relativo sucesso, já que os alunos do período noturno não realizaram a leitura das obras, o que inviabilizou a concretização dos trabalhos. Por esta razão, os números que seguem são relativos à da turma da 2ª série A do matutino apenas.

Os participantes da pesquisa nesta escola contaram com um total de doze alunos que, de fato, fizeram a leitura das obras. Para o detalhamento de seu perfil, participaram sete meninos (58%) e cinco meninas (42%). Entre dezesseis a vinte e um anos de idade, oito deles (66%) tinham na ocasião dezesseis, um tinha a idade de dezessete (09%), um deles apresentava-se com dezoito (09%) e dois (16%) tinham vinte e um anos de idade.

No tangente à renda familiar, assim se desenha o perfil dos pais dos alunos desta escola, conforme as cinco classes socioeconômicas acima representadas: nenhuma família se enquadra na classe A; já duas famílias (18,0%) ajustam-se à classe B, isto é, com rendimentos de R\$: 4.728,00 a 9.456,00; seis famílias (49,0%) apresentam renda na ordem da classe C, ou seja, R\$: 3.940,00 e R\$: 7.880,00; três famílias (24,0%) estão na classe D, com renda aproximada de R\$: 2.364,00 a R\$: 3.940,00; e apenas uma família (9,0%) enquadra-se na classe E com receita mensal aproximada de R\$: 788,00 e R\$: 2.364,00.

Quanto à escolaridade dos pais dos alunos da 2ª série A (matutino) do colégio *Sagrada Família* apresenta o seguinte cenário. Não há analfabetos entre os familiares dos alunos. Quatro pais (34%) possuem o ensino fundamental completo; três dos responsáveis (25%) cursaram igualmente o fundamental completo. Um pai (09%) realizou incompletamente o ensino médio e dois responsáveis (17%) cursaram de modo incompleto o ensino médio; um dos pais (09%) completou o ensino médio, assim como três responsáveis (25%); um dos pais (09%) frequentou curso técnico; três pais (25%) frequentaram de modo incompleto à faculdade, assim como um responsável (09%); um dos pais (09%) completou a graduação e dois (17%) responsáveis também concluíram a graduação.

No que se refere às atividades dos alunos da 2ª série A do colégio estadual *Sagrada Família* em seu tempo livre assim se manifestaram: dois andam de carro, três assistem à TV, um canta, dois comem, três dormem, dois estudam, um faz academia, um faz musculação, cinco ficam no computador, três navegam na internet, dois jogam bola, um limpa a casa, um pratica música, um namora, um sai com a namorada, um sai com os amigos, um toca um instrumento musical e um vai à igreja.

Em relação ao *que desejariam fazer em seu tempo livre e não podem*, os alunos disseram que gostariam de: (1) correr, (1) dormir mais, (1) fazer compras, (1) fazer musculação, (1) fazer nada, (1) pescar, (1) talvez sair mais, (1) tocar em lugares públicos, (2) desejavam trabalhar e (1) intencionava viajar.

4.4 Colégio Estadual Professor Hugo Simas

O colégio estadual *Professor Hugo Simas* participou da pesquisa com um total de vinte e sete alunos da 2ª série do ensino médio, do período matutino, que efetivamente leram e assim também participaram das entrevistas particulares e da coletiva. Os alunos do sexo masculino somam doze integrantes, enquanto que o público feminino é de um total de quinze. A idade destes alunos fica entre quinze e dezoito anos. Os que têm quinze anos totalizam sete (25%); perfazem um número de dezesseis (59%) os que também têm dezesseis anos; três alunos (12%) estão na idade de dezessete anos e apenas um estudante (04%) apresenta a idade de dezoito.

De acordo com os números da renda familiar observada nas escolas acima descritas, os familiares dos alunos do colégio *Professor Hugo Simas* assim se apresenta: do total de vinte e sete alunos, apenas uma família destes (1,98%) encaixa-se na classe A da estratificação social-econômica; são em número de sete famílias (26,0%) os que se enquadram na classe socioeconômica C; e somam dezessete (63,0%) as famílias da classe D, não havendo nenhuma integrando a classe E.

No que diz respeito à escolaridade dos pais destes jovens, o quadro é o seguinte: não há analfabetos entre os pais ou responsáveis dos participantes da pesquisa; quatro (04) pais aparecem com o ensino fundamental incompleto; um (3%) dos pais tem o ensino fundamental completo; quatro (12%) pais cursaram o ensino médio incompleto; cinco (16%) mães vêm com o ensino médio completo; oito (25%) mães aparecem com faculdade incompleta; cinco (16%) pais têm graduação completa e quatro (12%) mães cursaram, por completo, a graduação.

Quanto às *atividades dos alunos em seu tempo livre*, os estudantes desta escola assim se manifestaram: cinco jogam futebol, um joga vôlei, um pratica esporte de modo geral; quatro assistem à TV, um joga *vídeo-game*, um joga PC, dois ouvem música, seis saem com os amigos, seis apenas passeiam, dois dizem namorar, três ajudam em casa, um brinca com os irmãos, onze fazem leitura, três leem a bíblia, um ora, dois desenham, treze dormem, cinco estudam, um diz tentar estudar, dois praticam natação, seis vão à academia, quinze navegam na internet, dois executam algum instrumento musical, um pesquisa na universidade, um descansa, um estuda espanhol, um come, um escreve, um vai ao clube e dois assistem a filmes.

Em relação ao que os alunos do colégio estadual *Professor Hugo Simas* gostariam de fazer em seu tempo livre e não podem, consta do seguinte: um gostaria de ajudar os pais, um desejaria assistir à TV, um pretendia fazer aula de violão, três queriam cursar inglês, um desejava fazer um curso técnico, dois sonhavam em dormir mais, um gostaria de frequentar academia de ginástica, um pretendia fazer aula de desenho, um gostaria de fazer aula de guitarra, um pretendia fazer curso de informática, um aspirava jogar futebol, um ansiava ir para a praia, um dizia-se satisfeito, um esperava sair mais com os amigos, um queria sair para bares, um desejava ter mais tempo livre, um gostaria de trabalhar e sete almejavam viajar.

4.5 Colégio Estadual Professor José Aloísio Aragão - Aplicação da UEL

O perfil dos alunos da 2ª série do colégio estadual Professor José Aloísio Aragão, aplicação da UEL, registra-se com os dados seguintes: num total de vinte e quatro alunos que de fato participaram da leitura e contribuíram com dados nas entrevistas são quinze (63%) do sexo masculino e nove (37%) do sexo feminino. Em relação à idade que é igualmente de quinze a dezoito anos, apenas um (05%) tem quinze anos; já dezenove (78%) integrantes têm dezesseis anos; três (12%) têm dezessete (05%) e apenas um tem dezoito anos.

No que se refere aos rendimentos das famílias dos alunos da referida escola, baseada nos números das escolas já mencionadas assim se percebe os seus valores: apenas uma família de aluno (05%) encontra-se na classe A da estratificação socioeconômica; sete famílias (29%) enquadram-se na classe B; e dezesseis famílias (66%) encaixam-se na classe C, porém em nenhuma família percebe-se renda referente às classes D e E.

Quanto à escolaridade dos pais, mães ou responsáveis destes jovens, apresenta-se com o seguinte desenho: um dos pais (05%) registra-se analfabeto; dois pais (08%) apresentam-se com formação indefinida; uma mãe (05%) aparece com ensino fundamental incompleto; um pai (05%) vem com o ensino fundamental completo; um pai (05%) aparece com formação de ensino médio incompleto; cinco pais (20%) têm ensino médio completo; duas mães (08%) têm ensino médio completo; três pais (12%) têm a graduação incompleta; oito mães (34%) possuem faculdade incompleta; dez pais (40%) aparecem com a faculdade completa, assim como dez mães (40%) com a graduação completa.

No tocante ao tempo livre dos alunos, as suas atividades são as seguintes: dois jogam futebol, um pratica corrida, seis assistem à TV, cinco jogam *vídeo-game*, um ouve música, dois saem com os amigos, um diz namorar, um ajuda em casa, oito leem, dois vão à igreja, um frequenta um grupo de oração, dois dormem, seis estudam, um pratica artes marciais, seis frequentam a academia de ginástica, nove alunos navegam na internet, dois executam um instrumento musical, um estagia na UEL, dois estudam inglês, um pesquisa sobre atualidades, um assiste a vídeo-aulas, dois escrevem, um escreve em diário e em blog, dois assistem a filmes e séries, um anda de bicicleta, um conversa com os pais e um vai a festas.

Em relação ao que *gostariam de fazer em seu tempo livre e não podem*, os alunos do colégio de aplicação da UEL assim se manifestaram: dois desejam fazer curso de inglês, dois queriam fazer nada, um gostaria de dormir, um tinha a intenção de jogar *vídeo-game*, um aspirava viajar, um dizia ser segredo sobre o que desejava fazer, um pretendia praticar natação e dois ambicionavam trabalhar.

5 INTERPRETANDO A LEITURA DOS ALUNOS

5.1 *Dom Casmurro: Mexendo com os brios do leitor*

A atitude de prazer, que a arte provoca e possibilita, é a experiência estética primordial. Ela não pode ser suprimida; pelo contrário, deve voltar a ser objeto da reflexão teórica, quando se trata hoje de defender a função social da arte e da ciência que a serve contra os que - letrados ou iletrados - suspeitam dela.

Hans Robert Jauss

Com foco no leitor, a análise da recepção de *Dom Casmurro* de Machado de Assis realiza-se por meio de trechos das entrevistas e demais textos redigidos pelos alunos a partir da leitura da obra de Machado de Assis. O objetivo deste exame é a leitura da obra machadiana pelo olhar dos estudantes da 2ª série do ensino médio, com idade entre 15 e 18 anos, considerando, em linhas gerais, as suas impressões com a recepção da obra.

A análise a seguir tem como suporte dois aspectos estruturantes: o primeiro integra oito categorias da Estética da Recepção que se apresentam como conceitos fundamentais da teoria: *concretização, horizonte de expectativas, experiência estética, distância estética, efeito, estrutura de apelo, identificação e emancipação*. O segundo compõe-se dos elementos da narrativa: *enredo, personagens, conflito, tempo, espaço, narrador e verossimilhança* que nas entrevistas já serviram de mote para a realização das perguntas aos alunos. E, consequência do levantamento dos dados, a análise inclui ainda alguns temas escolhidos pela importância dada pelos alunos durante a pesquisa: a) dificuldades do leitor com a linguagem e embaraços quanto ao contexto de produção; b) o realismo da obra na visão do leitor; e, c) as coincidências e semelhanças com *Madame Bovary* e de *Othello* em relação a *Dom Casmurro*.

5.2 *Uma questão objetiva*

Indagados na pesquisa, numa questão objetiva, de como aceitaram a leitura da obra: a) *adorou*, b) *gostou*, c) *achou interessante*, d) *não interessou*, e) *não gostou* f) *odiou*, num total de 107 participantes, os alunos das quatro unidades escolares em que a obra *Dom Casmurro* foi lida, assim se manifestaram:

Colégio particular PGD

2º A - Quadro sobre a questão objetiva, nº 5, presente no item 2.

Sobre a obra Dom Casmurro

Questões objetivas acerca da leitura do livro: O que achei do livro?				
1	Adorei	00		
2	Gostei	18	66%	
3	Achei interessante	06	23%	
4	Não me interessou	03	12%	
5	Não gostei	00		
6	Odiei	00		
	Total	27	100%	

Colégio Estadual Sagrada Família

Questões objetivas acerca da leitura do livro: O que achei do livro?				
1	Adorei	01	06%	
2	Gostei	05	30%	
3	Achei interessante	11	65%	
4	Não me interessou	00		
5	Não gostei	00		
6	Odiei	00		
	Total	17	100%	

Colégio Estadual Professor Hugo Simas

Questões objetivas acerca da leitura do livro: O que achei do livro?				
1	Adorei	02	06%	
2	Gostei	09	25%	
3	Achei interessante	18	50%	
4	Não me interessou	05	24%	
5	Não gostei	02	06%	
6	Odiei	00		
	Total	36	100%	

Colégio Estadual Professor Aloísio Aragão - Aplicação - UEL

Questões objetivas acerca da leitura do livro: O que achei do livro?				
--	--	--	--	--

1	Adorei	00		
2	Gostei	03	12%	
3	Achei interessante	10	37%	
4	Não me interessou	09	34%	
5	Não gostei	05	19%	
6	Odiei	00		
	Total	27	100%	

Quadro geral com as quatro unidades - somatória

	Questões objetivas acerca da leitura do livro: O que achei do livro?			
1	Adorei	03	03%	
2	Gostei	35	33%	
3	Achei interessante	45	42%	
4	Não me interessou	17	16%	
5	Não gostei	07	07%	
6	Odiei	00		
	Total	107	100%	

Entre os seis itens: *adorei, gostei, achei interessante, não me interessou, não gostei e odiei*, na apreciação da totalidade dos 107 participantes prevaleceu o item *achei interessante* com 42%, mas ficou em segundo lugar na escolha do item *gostei* com 33%, para contrapor com os 7 % do item *não gostei*, recepção que pode ser avaliada como uma aceitação razoável da obra de *Dom Casmurro*. Ao se comparar as escolas públicas com a privada, o dado revelador é que o item *gostei* prevaleceu entre os leitores do colégio privado com 66%. Enquanto que o item *achei interessante* das escolas públicas, ficou no limite dos 37% e 65%. Este quadro, sem maiores pretensões estatísticas nem de hipótese pedagógica, apresenta-se apenas como mais um dado acerca da recepção da obra *Dom Casmurro* de Machado de Assis.

5.3 Análise pelas categorias da Estética da Recepção

5.3.1 Concretização

De acordo com Hans Robert Jauss (1994) a obra literária somente se recria ou efetivamente se concretiza quando o leitor a legitima. Não há livro sem leitor, segundo a sua tese. O trabalho do autor e o próprio texto perdem, por isso, a sua prioridade para este leitor. Nas próximas páginas é possível experimentar um pouco do que se realizou com os alunos do ensino médio ao concretizarem a leitura de *Dom Casmurro*. À base de trechos extraídos das entrevistas individuais e coletivas, bem como de textos redigidos pelos participantes da pesquisa, observa-se como se desencadeou o processo de comunicação pertinente ao texto literário. Para a recriação ou concretização da obra os alunos efetivamente exerceram a atividade do leitor que, segundo Vodicka, Ingarden e Iser, preenche lacunas ou vazios de um texto. Em cada um dos excertos resulta a leitura idiossincrática efetivada pelo aluno que imprime o seu caráter, desenvolve a sua perspectiva e retrata a sua visão de mundo. Com base nessa orientação, observa-se que a aluna Julia, da 2ª série do Colégio Estadual Professor Hugo Simas trata de suas primeiras impressões acerca da obra lida:

Colégio Estadual Professor Hugo Simas

Julia: Dom Casmurro eu achei uma história muito interessante me fez abrir os olhos em relação à literatura brasileira. Não imagino minha vida sem livros, eu amo muito ler mas nunca tive interesse nos livros nacionais só nos estrangeiros, apesar de achar a linguagem muito pesada e coloquial valeu a pena o esforço e essa história me lembrou muito as tragédias gregas, porque possui um fim trágico.

A apreciação da estudante, além de ser de boa aceitação, revela que a leitura despertou nela o valor da literatura nacional, já que tem apenas o hábito da leitura de livros estrangeiros. A expressão *muito interessante*, usada pela leitora pode ser entendida como uma manifestação de neutralidade, ou seja, uma posição descompromissada com o pesquisador. Mas se a locução *muito interessante* pretende expressar a fruição da leitura, tudo indica que ela realmente despertou para o valor da literatura brasileira que ela desconhecia. Sendo assim, com a leitura da obra de arte literária realiza-se, de acordo com Estética da Recepção, a experiência estética no plano da *aisthesis*, responsável por propiciar a renovação da percepção de mundo, bem como a ampliação do conhecimento do leitor e em especial da leitora do texto de Machado de Assis. Julia confessa a dificuldade na leitura em razão da linguagem do texto machadiano, embora o considere difícil percebe nele a coloquialidade, o que é típico de Machado. Não se pode afirmar que a linguagem ou o vocabulário utilizado pelo autor de *Dom Casmurro* seja um empecilho para a leitura, porém é emblemática a impressão de Julia, uma vez que é também a dificuldade revelada na pesquisa com os demais leitores, ainda que apreciem o enredo e seu conflito. Além do mais, o trabalho de leitura da obra, embora tenha

demandado esforço da aluna, redundou em benefício. Ao que tudo indica, é reconhecido o ganho com a recepção, pois foi possível à leitora fazer relações com outras literaturas, além de reconhecer o valor da obra literária nacional.

Já o resumo escrito pelo aluno Pedro L., além de condensar bem a história, obedece a uma dinâmica que reflete o espírito da narrativa completa.

Colégio Estadual *Professor Hugo Simas*

Pedro L: Dom Casmurro conta a história de Bentinho, um menino destinado a ser padre por conta da promessa que sua mãe fez, porém desde pequeno Bentinho convivia com Capitolina Pádua, conhecida como Capitu, com o tempo essa amizade foi se tornando amor e esse amor, quase uma doença. Depois de um tempo Bentinho casa-se com Capitu, porém começa a suspeitar que sua esposa o trai com seu melhor amigo, Escobar. Essa suspeita só aumenta quando seu amigo morre em uma tragédia e Capitu fica desolada porém contida, para superar todas as suspeitas, Bentinho enxerga em seu filho Ezequiel traços de seu falecido amigo. A história não poderia ter um final mais trágico, com a morte de sua amada, Bentinho banca viagens para seu filho para não ter que vê-lo em uma dessas viagens Ezequiel também morre e Dom Casmurro perde todos a sua volta.

Observa-se na redação do resumo de Pedro a pronta habilidade em redigi-lo. Verifica-se no texto deste leitor que o momento inicial da obra, trazida para o resumo, já traz o germe do conflito que é a dificuldade dos protagonistas na futura relação. Concomitantemente, apresenta as duas personagens e prepara o clima que deve se instaurar no transcurso da narrativa. O casamento de Bento Santiago com Capitolina Pádua é o divisor de águas da narrativa, pois depois dele a personagem narradora acende o pavio do ciúme que é o combustível da trama e que acaba por se revelar uma das mais belas histórias de ficção. A condensação da obra feita por Pedro não deixa de enfatizar a atitude de Capitu diante de Escobar morto, estopim do drama, e a suspeita de Bentinho acerca da semelhança de Ezequiel com Escobar, flagrante do delito. O leitor conclui o seu resumo com a nítida percepção de que, se antes Bento tentou eliminar a prova do crime de Capitu, agora procurava mantê-lo distante, bancando-o em terras estrangeiras. Quando, enfim, todos os entes queridos estão mortos ou distantes, explica o título da obra que traduz o comportamento de Santiago nos seus últimos dias: casmurro. A concretização da síntese de *Dom Casmurro* realizada pelo aluno leitor, digna de um escritor maduro, contempla o conflito como um todo, bem como exprime o clima da narrativa.

Em outro ângulo, a entrevista individual com a aluna Nassíria, do Colégio Estadual *Sagrada Família*, revela a concretização de uma leitura com vistas no tempo e na realidade social da época vivida pelo autor de *Dom Casmurro*. E o tema abordado pela leitora, o da realidade da escravidão, parece-lhe estranho num primeiro momento e depois considera absurda tal realidade se existisse no contexto atual. E para comentar acerca dos fatos

ocorridos em torno da mão de obra escrava do século XIX e os séculos antecedentes, a estudante emprega o termo *normal* para tentar explicar que negros fossem escravos de brancos como um fenômeno natural, no entendimento da época.

Colégio Estadual *Sagrada Família*

Pesquisador: O que você me diria do tempo, da época? Como você viu que aquela época era diferente para você? Você lembra que não tinha automóvel; tinha charrete; tinha cavalo; tinha porco; não tinha avião, etc. Naquela época não tinha celular; não tinha computador. Como você percebeu esta diferença de época?

Nassíria: Ah uma diferença muito grande. Então deu pra perceber logo. E também trata um pouco sobre a escravidão.

Pesquisador: O que você tem a dizer. O seu estranhamento. Hoje não tem escravidão, como é isso?

Nassíria: É estranho isso né (risos)

Pesquisador: Você acha que é estranho?

Nassíria: É (+), mas pela época nem acho tanto assim. Se fosse hoje em dia seria um absurdo fazer um negócio desse.

Pesquisador: sei. Mas na época?

Nassíria: Na época era normal.

Pesquisador: E como você percebeu que isso era tão “normal” assim?

Nassíria: Por causa como chamavam os negros, e tinha alguns escravos de aluguel.

Pesquisador: Você achou isso muito estranho?

Nassíria: É. Se pensar hoje em dia é estranho.

Pesquisador: O que você imagina daquilo ser tão normal; tão natural na época?

Nassíria: As pessoas não viam muito como a gente vê hoje; as pessoas só pensavam em ter saúde.

Pesquisador: Você acha que hoje nós somos mais humanos; mais educados?

Nassíria: É (+) sim.

O que é apontado como *normal* pela leitora já foi alvo de discussão de Roberto Schwarz (1990) em seu livro *Um mestre na periferia do capitalismo - Machado de Assis*. Schwarz refere-se primeiramente ao romance de *Memórias Póstumas de Brás Cubas* (1881) em que a cozinheira escrava enfrenta o inferno ao contrariar o menino branco a provar o doce. Outro exemplo é o das cavalgadas de Brás tendo o negro Prudêncio por animal de montaria. Trata-se de uma fabulosa invenção do narrador, ou soma-se a tantos outros gestos do dia-a-dia dos idos da escravidão? Ao fim e ao cabo, porém, em nenhum momento da narração é

questionado o fato de que o menino branco aprendesse, na tenra idade, de que tinha toda a liberdade e que o filho do escravo também devesse entender, desde pequeno, de que tinha nenhum direito. Esse sentido de naturalidade, contudo, não era sem propósito, uma vez que foi construído pela sociedade dominante. E assim, criança e escravo, desde os primeiros anos, assimilavam essa realidade ideologicamente plantada pela elite branca escravagista. Colocada a leitora mirim ao lado do crítico, observa-se a coincidência de percepção na concretização da obra. Distintos, evidentemente, pela possibilidade de reflexão acerca do tema com a profundidade que Schwarz a faz naquele momento, a observação da aluna leitora a coloca em igualdade de condições com o escritor e crítico pela percepção dos fatos.

Distintamente das impressões até agora registradas, a polêmica acerca da traição de Capitu leva os leitores da entrevista coletiva a buscarem diferentes explicações, já que o assunto divide opiniões sem que se chegue a um veredito. Se Capitu não é culpada nessa história, o que leva Bentinho a tentar persuadir o leitor com a insistência com que a faz? Refletindo em possíveis dificuldades do protagonista, o leitor passa a investigar o seu caráter e encontra na homossexualidade uma resposta para o seu comportamento.

Colégio Estadual *Sagrada Família*

Pesquisador: Muito bom, quem mais quer falar de como eles resolviam suas pendengas?

Giovani: Fala sobre sua teoria.

Gabriel: Então é como se fosse uma brincadeira.

Carlos: Não é uma brincadeira, é uma discussão. A gente chegou à conclusão de que Bentinho era gay e era apaixonado por Escobar, mas como na época era meio difícil ele esconder esse amor.

Giovani: Então como ele casou com Capitu e viveu feliz, aí Escobar acabou se apaixonando por Capitu X, aí ele ficou chateado e se separou de Capitu.

Carlos: E a mulher do Escobar?

Gabriel: Mas ele não era gay.

Carlos: Mas ele não ia se casar com a Sancha?

Gabriel: Mas quem ia ficar com Capitu?

Giovani: Mas o legal além do Bentinho ser gay, ele era corno. Mas ele não podia fazer nada.

Gabriel: Ele era gay postiço.

Os leitores, na entrevista coletiva, defendem que a homossexualidade não era um tema abertamente tratado, mas os sentimentos revelam, ao menos no aspecto, como o amor é

sentido entre os sexos opostos e entre os do mesmo sexo. O que os meninos inferiram, pela concretização da leitura, resulta da inversão da ótica do ciúme, ou seja, este sentimento tão exageradamente vivido por Bentinho e manifestado de modo tresloucado não seria ciúme de Capitu, mas é ciúme de Escobar. Com o sentimento reprimido, sem poder externá-lo, Bentinho passa a reagir com comportamentos extremos. Ora tentando suicídio, ora procurando matar o próprio filho, ora obsecado com a semelhança de Ezequiel com Escobar e, por fim, exilando a própria mulher e o rebento. Isso tudo põem o leitor a refletir nas razões de tanta aflição. Em contrapartida, não são suficientes os argumentos para fazer crer que Capitu tenha comentido adultério com Escobar, já que este mantinha um relacionamento amistoso com Bentinho e sua família. O fato da traição não convence o leitor, há de se crer, portanto, que haja uma outra causa que não foi ainda percebida e apontada. O conflito não oferece nenhuma pista para o veredito e isso mexe visceralmente com o leitor.

Pesquisador: É mexeu com você?

Adriano: É porque tipo eu fiquei bem em dúvida, se o cara era ou não... Aí eu viajei. Aí eu criei uma tese pra isso. Ele não era corno, ele era gay.

Pesquisador: Opa, ele era gay. Você pode fundamentar isso?

Adriano: Ele fez um seminário e lá, ele conheceu o (+) Escobar aí os caras ficaram amiguinhos aí depois. Vai que gostaram do seminário. Saíram e depois se encontraram aí ele começou a gostar do Escobar.

Pesquisador: Certo.

Adriano: Aí ele ficou com raiva do Escobar, porque o Escobar preferiu a Capitu e não ele. Ele era gay e corno. Ele era os dois. Aí, por isso que ele queria matar o filho do Escobar, ele queria matar o filho dele, só que era do Escobar.

Pesquisador: Certo.

Para chegar à síntese da homossexualidade o leitor vale-se inclusive da trajetória de Bentinho pelo seminário. O seminário, assim como o exército, aglomera pessoas do mesmo sexo e esse cenário possibilita conclusões da relação homossexual muito disseminadas no imaginário popular em suas lendas. É provável que o leitor construa a sua proposição a partir desses dados. Também Wilson Chagas (1994) defende uma possível homossexualidade a Bentinho em razão da overdose de ciúme que toma conta dele: "E seria, segundo ele, de origem homossexual o delírio de ciúmes desencadeado em Bento Santiago" (CHAGAS, 1994, p. 44). Ao se verem fora do seminário, Bentinho e Escobar mantém relações de amizade, porém seguem o curso da história, cada qual contraindo casamento com as suas respectivas Capitu e Sancha. Os quatro, por sua vez, formam um grupo de amigos com tal convivência que trocam gentilezas, inclusive com os nomes dos filhos, dados mutuamente em homenagem:

Capitolina e Ezequiel. Essa relação tão intensa, aliada ao comportamento de Capitu diante de Escobar morto despertou, aos olhos de Bento, o sentimento de rancor por Escobar. Rancor que o presente leitor atribui ao desprezo do amigo Escobar, pois este preferiu Capitu em seu lugar. Não suportando, portanto, a vergonha de ser traído pelo amigo com a mulher, e, ao mesmo tempo que era por ele apaixonado, passou a ter os repentes de loucura, de acordo com a defesa feita pelo leitor Adriano. Nesse sentido ainda, Alfredo Jacques corrobora com a tese do aluno leitor quando afirma: "ou aquele que o retrata como homossexual larvado atraído pelo amigo Escobar" (JACQUES, 1974, p. 110).

5.3.2 O horizonte de expectativa

A reconstrução do horizonte de expectativa no sentido de elucidar a relação que há entre obra e público é um dos ofícios que cabe à Estética da Recepção. O horizonte de expectativas de uma obra, segundo Jauss (1994), possibilita determinar o seu caráter artístico apoiado no modo e no grau pelo qual esta produz seu efeito num determinado público.

O Horizonte de expectativa do leitor de *Dom Casmurro* pelo jovem estudante do século XXI reveste-se de diferentes impressões. Em relação à fruição pela leitura do enredo que se apresenta agradável ao leitor, o que o instiga a continuar a ler, apresenta-se como sinal de uma boa receptividade da obra. O leitor confessa que nos primeiros instantes da leitura a narrativa prometia ser entediante, sintoma que se transformou em angústia diante do conflito em que a dúvida passou a permear a trama. Outra impressão que, no primeiro momento frustra o leitor, revela-se no pouco movimento da narrativa que se concentra basicamente no drama das personagens. Estas questões, porém, constituem apenas o impacto inicial da recepção da obra pelo leitor em estudo. Em outro sentido, de acordo com Jauss, 1994, a reconstrução do horizonte de expectativa sob o qual uma obra foi criada e recebida no passado possibilita que se apresentem questões para as quais o texto constitui uma resposta e que se descortine, assim, a maneira pela qual o leitor de outrora terá encarado e compreendido a obra. Já o leitor do século XXI, especialmente a Isabela, participante da pesquisa, comprova que compreende igualmente a obra ao lê-la por duas vezes, encontrando respostas distintas nos dois momentos de sua leitura. Corroborando com a compreensão da obra pelo leitor moderno, a aluna Camila habituada a ler obras indicadas pela escola, revela no excerto a

seguir o agrado pela história, ao mesmo tempo em que se confessou motivada pela continuidade da leitura da narrativa caracterizando-a como intrigante. A recepção, nessas condições, permite ver que o leitor atual comunga com o de outrora no sentido de compreendê-la e percebê-la.

Camila F.: Eu gostei bastante deste livro, pois apresenta uma história agradável de se ler. Sinceramente foi uma das primeiras obras que foram passadas para nós que eu realmente tive vontade de continuar lendo após começar a leitura da obra, pois é uma história intrigante que enquanto lemos vamos ligando os fatos até chegarmos a uma conclusão, e mesmo assim não chegamos a uma conclusão completa, definição que a torna mais interessante.

O horizonte de expectativa, de dimensão abrangente num primeiro momento, apresenta-se como limite do que é visível e com possibilidade de mudança pela perspectiva do receptor. A interação entre obra e leitor é determinada por fatores do horizonte de expectativas, motivada pela reação inicial do leitor diante da obra. Cada leitor, portanto, possui um horizonte de expectativas, fruto de diferentes motivações. Nesse sentido, observa-se, na fala de Camila, que a escola por ela frequentada apresenta periodicamente obras a serem lidas, indicadas para finalidades pedagógicas ou para fins de concursos que, na maioria das vezes, não coincidem com o gosto dos estudantes. Já a obra de *Dom Casmurro*, é recebida de modo a estimular a leitora a continuar lendo. Isto prova que ocorreu a aproximação entre o que representa a obra do ponto de vista estético e o gosto da leitora, fundindo-se, assim, o horizonte estético entre obra e a leitora. Pode-se dizer que a percepção estética de Camila, para além da determinação da leitura pela escola, contribuiu para o reconhecimento estético da obra de Machado de Assis, reafirmando a tese de Jauss (1994) que diz: "o horizonte de expectativa de uma obra, que assim se pode reconstruir, torna possível determinar seu caráter artístico a partir do modo e do grau segundo o qual ela produz seu efeito sobre um público" (JAUSS, 1994 p. 31).

A leitora do próximo trecho simpatiza com a obra porque não encontra nela o consagrado e trivial *happy end*. Por outro lado a fascina, surpreende e a leva a se questionar por meio das ações das personagens.

Kesia B: Eu gostei da obra Dom Casmurro pois é um romance que não termina com um final feliz como todos os contos infantis ou como a maioria dos livros. Uma característica muito legal dessa obra é ela te envolve de uma maneira surpreendente e te faz questionar várias coisas principalmente a traição de Capitu.

Ao criticar os contos com final feliz nas histórias infantis Kesia B., parece de um modo sugerir a saturação por ela encontrada no mundo narrativo com esse gênero e, de outro,

desejando emancipar-se das leituras de histórias com essa estrutura. A leitora, com o seus hábitos, é capaz de julgar tais narrativas como triviais, já que se apresentam com caráter mecânico, por serem repetitivas, porém, especialmente pelos seus clichês e seu desfecho. Conforme sugere a estudante, as histórias com esta estrutura, ao que tudo indica, correspondem a uma idade mental infantil, não desenvolvida, com as quais parece não mais identificar-se. Além do mais, o automatismo do trivial representa um conservadorismo, ao que a aluna procura fugir, já que amadureceu a sua recepção de narrativas, com a sua prática de leitura.

Em outro sentido, as obras triviais inclinam-se para o final feliz, da mesma forma como as obras de maior valor artístico pendem ao final infeliz. Se o final feliz pode funcionar como aspiração de felicidade, próprio do ser humano, o final infeliz possivelmente cumpra o papel de maldizer a sorte. Uma vez que o desfecho de *Dom Casmurro* se enquadra na segunda definição, ou seja, final infeliz, conclui-se, com este quadro, pela reafirmação do valor artístico da obra de Machado de Assis ao mesmo tempo em que há o reconhecimento desse valor por meio do horizonte de expectativa da leitora Kesia.

5.3.3 Experiência estética

A experiência estética demonstra-se no saber e no sentir do leitor ante o seu horizonte de expectativa particular, amoldado de acordo com o espírito da sociedade de sua época e mensura-se com o horizonte da obra. Do encontro entre receptor e obra literária resulta em maior conhecimento de mundo do leitor, bem como de si mesmo. Consequentemente dessa vivência, a experiência estética vem envolvida de prazer e conhecimento. Por meio da interação entre leitor e o texto, a criação literária age sobre um público oferecendo-lhe modelos de comportamento, ao mesmo tempo em que o emancipa. E é com o conceito de *experiência estética* que ora se examinam os depoimentos dos alunos leitores da pesquisa.

A leitora Naddyne não aceita o tom triste da narrativa, pois sob a sua autoria, a alegria estaria mais presente, embora admita que o texto revele o estilo de Machado de Assis.

Naddyne: A obra poderia ter mais partes emocionantes no começo, morrer a família e o "melhor amigo" é demais, isso acontece mas é muito triste. Poderia ter momentos mais alegres. Mas o estilo da obra é assim.

Conforme Jauss (1994), no interior do conceito de *poíesis*, o primeiro plano dentro da *experiência estética*, estabeleceu-se como uma exigência das produções artísticas no século XX. O seu experimentalismo ordena que o leitor participe cada vez mais do processo de criação. Profundamente internalizado na cultura contemporânea, o ato de participar da produção do artista, o leitor da pesquisa sente-se muito familiarizado com a possibilidade de dar outro rumo para o enredo machadiano, embora se saiba que a criação do autor literário já foi considerada sagrada ou intocável em outros tempos.

A Julia é outra leitora que se encontra completamente imersa no comportamento contemporâneo quanto à participação do público na produção do artista. Não é à toa que sugere com a maior naturalidade de que a narrativa encontrasse outro desfecho e que a personagem da Capitu merecesse outro destino. Se no século XIX Machado de Assis plantava a semente dessa participação ao interpelar o leitor em suas narrativas, Jauss, no século XX defende que quanto mais o artista inovasse, mais poderia esperar da participação do destinatário. É neste sentido que o estudioso da Estética da Recepção, sem ter que repelir o experimentalismo da vanguarda, aproveita-se dele para legitimar o papel comunicativo da arte.

Se os outros leitores apenas afirmam que não concordam com o final da história e que apenas prometem dar outro termo, sem o concretizarem, Alisson, por sua vez, arrisca dar um final feliz à história de Bentinho e Capitu na qual ambos deveriam reconciliar-se, além do mais, lúcido, Bentinho deveria admitir que Ezequiel fosse realmente o seu filho.

Pesquisador: Ficou triste? Você mudaria o final dessa estória?

Alisson: Ah eu daria, sempre no final de um romance tem um final feliz.

Pesquisador: Você daria um “happy ending”?

Alisson: Os dois voltariam a ficar juntos, o Bentinho reconheceria o filho.

Pode afirmar-se que nesses momentos concretiza-se o plano da *poíesis* que na experiência estética leva o leitor a sentir prazer pela participação da obra do escritor. Nesta perspectiva, J. P. Sartre (1989) vê igualmente na obra a ação do autor e do leitor, enquanto Umberto Eco (1962) liga a questão da função de cocriador do leitor e do receptor à própria transformação da literatura e da arte, que procuram realizar a ambiguidade como valor, trazendo obras visivelmente abertas à pluralidade de significações. A partir dos tempos modernos há um grande movimento no mundo ocidental em torno do conceito da *poíesis* que procura realizar a interação entre o produtor da arte e o seu receptor, de maneira que possam

um e outro fundir as suas criações experimentando ambos, concomitantemente, o prazer da criação.

A *aisthesis*, o segundo plano no interior da *experiência estética*, relaciona-se a tal experiência quanto ao efeito que a obra de arte provoca quando se trata da renovação da cosmovisão. Em outras palavras, com a *aisthesis* ocorre a ampliação do conhecimento que o receptor da obra de arte tem do mundo ao recebê-la.

Desse modo, as impressões da aluna Patrícia, ao ler *Dom Casmurro*, dão sinais desse efeito. Ela própria admite que ampliou sua visão de mundo pelo conhecimento de novos termos e pela emoção sentida com a experiência da leitura do livro.

Colégio Estadual Professor Hugo Simas. (Patrícia)
Depois de começar a ler com atenção descobri em “Dom Casmurro” um livro fantástico, sem outro igual. Apesar da linguagem de outro século, achei facilidade em entendê-lo. Confesso apaixonar-me e identificar-me com o personagem Bentinho e sua forma ironica e engraçada de descrever fatos. A leitura desse livro acrescenta muito em minha vida, tanto no conhecimento de palavras novas quanto no de expressões novas. Sem contar o meu envolvimento sentimental com tal livro citado acima. Concluo dizendo que nunca (Jamais) me esquecerei dos olhos de cigana oblíqua e dissimulada, definição que talvez caiba a mim mesma também....

O prazer experimentado com a leitura da obra literária é o início do processo de uma via de mão dupla: só há prazer com conhecimento e somente há conhecimento com prazer, proposição exaustivamente defendida por Jauss (2013). Essa motivação desencadeia no leitor a possibilidade de também acordar da alienação de uma sociedade reificada, de uma percepção trivial do dia a dia, viciado da mesmice para acordar com o diferente e não necessariamente com o novo e desta forma extrair da recordação, a exemplo de Proust (2012) - *Em busca do tempo perdido* -, o que estava escondido ou reprimido. Com este entendimento, é provável que a Patrícia tenha feito tal experiência ao revelar o seu entusiasmo com a recepção de *Dom Casmurro*.

Percebe-se pela leitura do aluno Leonardo, do Colégio de Aplicação da UEL, no trecho abaixo, a tentativa de explicar que Capitu se destacava das mulheres comuns do século XIX, pois era diferente. E com embaraço para justificar tal diferença, o estudante vale-se da experiência em seu local de trabalho onde observa que as mulheres que lá atuam tem um comportamento e uma determinação que as coloca em destaque. A atitude demonstrada por suas colegas hoje seria, segundo ele, uma referência para dizer um pouco do que a Capitu seria capaz em seu tempo.

Pesquisador: Ela, ela, você acha que ela era, uma moça diferente, em que sentido, assim? Em que aspecto? Você acha que ela não foi como as outras meninas, ou as outras mulheres?

Leonardo: Aham, pelo fato dela (pausa)

Pesquisador: Como que ela se parecia diferente? Você via nela algum comportamento?

Leonardo: Comportamento! O comportamento dela assim, não era de ser aquela menina que ficava, tipo, como seria de outras da época né, que ficasse em casa e só, fazia o que, vamos ver, o que as moças deviam, faziam naquela época né, que era mais trabalho doméstico. Ficassem, ah, do lar né, vamos falar né. Ela era diferente nesse sentido. Que ela já tinha essa, não sei, um pensamento diferente né, ela era... sei lá, era diferente (risos)

Pesquisador: (risos) Mais esperta?

Leonardo: Mais esperta, isso!

Pesquisador: Você acha que ela não fazia par com as moças e mulheres que eram, digamos assim, submissas?

Leonardo: Submissas?

Pesquisador: É, que praticamente se sujeitavam ao que o homem dizia...

Leonardo: Ela não era...

Pesquisador: Era isso o que você estava pensando?

Leonardo: Aham. Mais ou menos isso.

Pesquisador: Que mais assim... Pelo jeito você percebeu na vibração dela que ela era diferente, além de ser mais esperta, não ia se sujeitar ao homem, como as outras. Se você colocasse ela na realidade de hoje, que profissão você acha que ela teria? O que, que formação, que faculdade será que ela faria?

Leonardo: Olha, pelo, como, vou até dar um exemplo: como eu trabalho no Iapar, na área que eu trabalho só tem mulheres.

Pesquisador: Sim.

Leonardo: Aí no caso assim, se ela não se sujeitasse a ficar tipo, em casa né, aí no caso eu vou dar o exemplo lá do Iapar, como todas as mulheres da minha área, que é de diretoria pessoal, todas trabalham ali e se dão muito bem, né. Porque no caso elas conseguem tomar atitudes assim, rápidas, ela tem aquele, uma visão, de tudo o que está acontecendo ali né. (pausa) E elas conseguem assim, no caso acho que elas seriam...

Pesquisador: A Capitu seria mais ou menos assim?

Leonardo: Mais ou menos, é.

Pesquisador: Comparando uma pessoa da área de, da administração.

Leonardo: Aham. (pausa) De tomar atitudes.

Com a percepção da atuação do herói na personagem de Capitulina, Leonardo reconstrói uma figura de mulher que se distingue das demais mulheres do seu tempo: forte, determinada, de atitude, de personalidade robusta; próprio das mulheres das narrativas machadianas. A descrição da magnitude de Capitu foi possível para o leitor depois de se servir de modelos vivos da atual realidade, da qual extraiu uma pequena amostra em torno da ideia que construiu da personagem de Machado de Assis. Não que não soubesse, mas a realidade social de sua inserção lhe possibilitou a verbalização do que já tinha intuído. O exercício realizado por Leonardo, ao transpor a ficção para a realidade, no intuito de compreender a grandeza de uma personagem, remete ao plano da *aisthesis*, responsável por promover no leitor a possibilidade de redimensionar a sua ótica da realidade circundante.

O terceiro plano no interior da experiência estética, a *katharsis* explica-se como a proposta na qual ocorre o processo de identificação que provoca as faculdades existenciais do receptor. Nesta condição, a identificação não é senão o retorno dado pelo receptor ao realizar a experiência estética que pode significar uma vivência afetiva ou intelectual. A *katharsis* pode ser também definida como a concretização de um processo de identificação que possibilita ao receptor adotar códigos de conduta social, numa retomada de ideias anteriormente expostas. Com o sentido estendido, a *katharsis* combina o prazer afetivo que decorre da recepção de uma obra verbal e que suscita, ao mesmo tempo, uma mudança de convicções no sentido de desobrigar a sua mente.

Nos trechos que seguem, revelam-se experiências em que os alunos leitores de *Dom Casmurro* identificam-se com diferentes personagens da história. A percepção do leitor acerca dos heróis na narrativa vai da identificação pela admiração à identificação pelas dificuldades ou das imperfeições. Primeiramente, o leitor elege a atitude titubeante de Bentinho como um comportamento em comum. O jovem sente-se pouco seguro diante de atitudes de outra pessoa, especialmente quando aquela se impõe com um caráter dominador, como era o caso de Capitu. O leitor arrisca dizer que Bentinho possa ter-se convencido da traição de sua mulher porque era inseguro diante dela, o que o leva à desconfiança, a ponto de convencer-se do fato.

Pontos fracos, tal qual a insegurança também são marcas de identificação do jovem com a personagem e admitidas pelo leitor como pode-se observar nos seguintes fragmentos.

Carolina: Me identifiquei com Bentinho em relação à sua insegurança no relacionamento com Capitu e o modo de traição por parte dela.

Melissa: Eu gostei de, apesar de que no final tomou um rumo, que não foi parecido comigo assim. Mas eu acho que me vi um pouco no Bentinho, porque ele é muito

inseguro no relacionamento e tal. Eu acho que às vezes eu sou assim também. E sei lá eu me identifiquei.

Carolina: Me identifiquei com Bentinho em relação à sua insegurança no relacionamento com Capitu e o modo de traição por parte dela.

O sentimento de insegurança, próprio do ser humano, é observado no herói da narrativa machadiana com o qual o leitor se identifica. Essa identificação explica-se, segundo Jauss (2013) pela modalidade de identificação *simpatética* em que o herói se confunde com o "homem comum". No mesmo enquadramento, a identificação *simpatética* refere-se ao herói imperfeito ou ordinário. Na disposição receptiva a atitude é de pena e no entendimento de tradução francesa: *sympathie pour la douleur d'autrui*. Há, portanto, uma identificação de ordem patológica com esse sentimento de comisseração pelo outro e ao mesmo tempo de solidariedade com a fraqueza alheia. Contudo, para além desses sentimentos mórbidos, é a identificação entre espectador e herói que se estabelece nessa recepção.

Somando-se ao caráter, não de virtudes, mas às das imperfeições do herói, o leitor aponta a atitude desesperada de Bentinho ao atentar impulsivamente à vida do filho com café envenenado. Considerando que Santiago houvesse desistido de matar Ezequiel por arrependimento, o leitor quer identificar-se com o herói pela atitude de contrição em sua atuação precipitada.

José Alexandre: Ah tem um pedaço, do Bentinho eu não me acho parecido com ele. Mas um exemplo na hora que ele pensou em fazer aquilo com Ezequiel. Eu me identifiquei com ele, porque às vezes na hora eu penso, mas depois eu acabo me corrigindo, eu achei bacana dele ter pensado.

O leitor indulta o seu herói porque, apesar do atentado homicida contra o próprio filho, entende que Bentinho é uma vítima do ciúme, convencido de que fora traído não somente pela esposa quanto pelo melhor amigo, dada a semelhança de Ezequiel com Escobar. Essa indulgência do leitor para com o herói comprova novamente a modalidade de identificação *simpatética*, já que há nessa recepção uma disposição em alimentar um sentimento de piedade por aquele que se arrepende diante de um erro cometido. Estabelece-se, portanto, uma solidariedade delinquente que perdoa o erro em vista de uma suposta correção. E como no primeiro caso, aqui ocorre também o desejo de identificação entre leitor e herói.

5.3.4 Distância estética

É denominado de distância estética o fator no qual o leitor em contato com o texto pode, de um lado satisfazer o seu horizonte de expectativas, ao mesmo tempo em que é possível acarretar estranhamento e rompimento desse horizonte, levando o leitor para a percepção renovada da realidade. De acordo com Jauss (1994, p. 31) A *distância estética* é responsável ainda por definir "o caráter artístico de uma obra literária". Segundo Zilberman (2009, p. 112) a *distância estética* consiste no conceito que "corresponde ao intervalo entre uma criação artística renovadora e os códigos estéticos vigentes; quanto maior a distância, maior a originalidade e o valor da obra, menor também a probabilidade de o público aceitá-la e entendê-la".

Os depoimentos de alguns alunos entrevistados revelam que a obra machadiana esbarra nesse conceito, visto que um bom número de leitores encontra embaraços em reconhecer o devido valor de *Dom Casmurro*, considerando o intervalo entre a produção da obra e os leitores da contemporaneidade que detém, obviamente, códigos estéticos diferenciados dos que a recebiam há mais de um século. Somam-se a este fator os da falta de maturidade de leitura literária, além de obstáculos da ordem do conhecimento do contexto de produção e até dificuldades com a linguagem do autor.

Desse modo, as impressões de Caio acerca da leitura de *Dom Casmurro*, no excerto abaixo, revelam que a leitura foi um tanto penosa especialmente pelo seu movimento no momento inicial.

*Colégio Particular PGD
(Caio F.)*

O livro é uma obra interessante, mas muito entediante no começo. a leitura não é muito difícil, o assunto abordado era um assunto muito polêmico naquela época. por isso acabei gostando do livro e do autor. gostei do jeito que o autor o escreveu com bastante suspense e decepção. não gostei do final pois todo mundo acaba morrendo, não tendo continuação.

O narrador faz reflexões a partir do título do livro e da casmurrice de Bento no fim de sua vida quando busca ligar as duas pontas da fita entre o passado feliz e a solidão do presente. Daí, a recepção do texto não oferecer atrativo para a fruição de um leitor que, se lê outros livros, estes provavelmente caracterizam-se por uma estética e uma dinâmica mais próximos dos da contemporaneidade. O tédio que o leitor sente no início da narrativa explica-se, portanto, pela *distância estética* que há entre esse leitor e a obra. Há que se considerar, ainda, que *Dom Casmurro* é uma produção nos tempos da maturidade do autor, ou seja,

consequentemente mais densa, o que pode ser outro fator de distanciamento do gosto de um leitor jovem ao recebê-la depois de 116 anos de sua produção.

No excerto abaixo o leitor explicita em seu texto crítico que a recepção de *Dom Casmurro* é um livro que não o atrai em particular, mas que, via de regra, contraria o gosto dos jovens de sua idade. Se alguma coisa deve servir de atrativo numa história, de acordo com esse leitor é que a narrativa ofereça ação, aventura e que traga algo mais picante, ao sugerir uma pitada de erotismo. Além da referência à obra propriamente dita, a problemática da leitura é questionada por ele como um valor que não é prezado pelos adolescentes e jovens. A questão da leitura, segundo esse leitor, seria privilégio de leitores mais maduros e preparados. Embora expresse de forma tão verdadeira, em seu depoimento, que nem a leitura por si só, nem a recepção da obra machadiana sejam do interesse dos jovens, finaliza lamentando que a leitura seja uma ferramenta menosprezada.

(Alison H.)

Um livro como Dom Casmurro e muitos outros do gênero, certamente não interessam para nós, adolescentes, jovens melhor dizendo do século vinte e um. Com uma infinidade de outras coisas mais interessantes para se fazer, a leitura fica muitas vezes como última opção. Sem falar de que procuramos mais ação, aventura e - muitas vezes também - erotismo em livros. Dom Casmurro é um bom livro, quando analisado por olhos mais críticos, e infelizmente não valorizam esse meio tão importante que é a leitura.

Se o distanciamento estético do aluno leitor Caio em suas impressões reflete apenas a dificuldade com a recepção da obra literária, o texto crítico de Alison revela um público que, além de distanciar-se do valor de uma obra do calibre de Machado de Assis, afasta-se inclusive do meio pelo qual a faz ser conhecida, isto é, o próprio instrumento da leitura. Esses dados revelam discussões da ordem da instituição do ensino, do ensino propriamente dito e, simultaneamente, do ensino da literatura na escola. Restrinja-se aqui a reflexão ao que toca ao ensino da literatura. Se a obra literária independe do espaço escolar para ser conhecida, prestigiada, criticada assim como receber o devido reconhecimento, o ensino da literatura no chão escola tem o papel de orientar e fazer chegar ao educando cidadão a ideia e o valor da arte literária também como acervo da cultura historicamente transmitida. E nesta perspectiva, contribuir para criar uma consciência da valorização das estéticas literárias como o fazem as mídias com outras artes, a exemplo da música. Esta, ao que parece, não tem o mesmo desafio da arte literária, empenhando-se pelo reconhecimento, quando muito, da importância de gêneros como o da música erudita ao invés de somente a música do circuito comercial.

As impressões do leitor Carlos retratadas no trecho abaixo, além de representarem grande rejeição pelo enredo que é caracterizado como demasiado detalhado, entediante e chato, simultaneamente enquadra a obra de Machado na condição de um filme alternativo que não teria o aceite da crítica.

Colégio Estadual Professor Aloísio Aragão - Aplicação/UEL
(Carlos H.)

Achei pouco interessante, muito detalhado e entediante, o drama romântico de um amor que começa desde que o casal e jovem (quase criança), e acaba de maneira tão “chata” a história super detalhada se tornou cansativa demais, além de falar praticamente da vida sem graça e cheia de ciúmes e desconfianças de “Dom Casmurro”. Se fosse um filme com certeza teria sido de uma produtora independente e no fim as críticas seriam muito negativas, pois falta emoção na história, tudo parece somente uma descida de sentimentos, nenhum sinal de variedade emocional significativa a ponto de ensinar algo produtivo ou mostrar algo belo, pois até livros de terror são belos, pois transmitem o que prometem e nos mostram o que querem de maneira significativa, eu já li livros melhores como Tubarão (JAWS), que envolve traição, suspense, desconfiança e ação, este sim e uma boa obra, de 1.0 para Dom Casmurro eu daria 4.5 pela paciência que ele teve para escrever tal livro. Mas voltando a questão, tenho a “impressão” de que esta história não é indicada para jovens de mente aberta e sonhadora, ou para mentes corajosas que procuram outros tipos de pontos de vista.

É ousada e corajosa a crítica de Carlos H. que, sem papas na língua, ao mesmo tempo em que descreve o seu gosto condena a obra machadiana e ainda lhe atribui nota. A posição deste leitor é confessadamente a de um signatário da grande mídia e do cinema hollywoodiano. Do ponto de vista da Estética da Recepção e especialmente de acordo com o conceito de *distância estética* este leitor, ao não reconhecer valor no episódio de Bentinho e Capitu, reforça sem saber a originalidade e o valor de Machado de Assis em *Dom Casmurro*, pois é devido à distância do alcance estético da obra que o leitor enfrenta revés em reconhecer tais aspectos da produção. Ao admitir valor em especial às histórias de ação e de emoções superficiais, restringe o seu gosto e delimita a sua apreciação na recepção das obras literárias. É possível que este leitor se enquadre no perfil do que resulte da doutrinação da Indústria Cultural, severa crítica de Adorno e Horkheimer, com atenuantes por parte de Walter Benjamin e com algumas ressalvas para Hans Robert Jauss que defende que o valor artístico da obra se revela na medida de sua negatividade diante das expectativas do leitor. Em consequência, desta proposição pode-se construir uma análise de impacto, uma vez que se dá mediante a quebra de expectativas, o que acarreta o rompimento de barreiras e a convergência de fronteira.

Ao observar-se as impressões que o aluno Carlos H. tem da obra machadiana, descortina-se uma leitura presa a valores estereotipados da produção artística, ou seja, fruto da

massificação da arte como mero produto de valor comercial. Daí a dificuldade em reconhecer valor numa obra de arte em cujo entorno não há a mesma campanha midiática massificadora.

A leitura da obra machadiana feita pela leitora Lays, em seu texto crítico no trecho abaixo, reflete que a sua experiência de recepção, seja pela leitura ou da apreciação a um filme, é reconhecidamente a da recepção de narrativas do tipo modernas, mais objetivas e diretas ou aquelas que se caracterizam por serem de ação e aventura. Ou seja, um objeto fílmico ou o artefato da ordem da leitura que apresenta um enredo menos descritivo, ausente de muita reflexão, além de um linguajar mais coloquial.

Colégio Estadual Sagrada Família
(Lays)

Leitura muito lenta, muita enrolação. Não foca no caso da história, palavras difíceis e bem diferente.

A crítica da leitora não é um dado isolado, observa-se por meio de depoimentos de outros leitores que a sua posição é emblemática (um bom número de leitores da pesquisa pauta a sua posição na mesma perspectiva), resultando daí que esse gosto vai na contra mão da obra Machado de Assis com *Dom Casmurro*. Ao interpretar o texto de Lays tão somente pelos elementos da narrativa no texto machadiano, é possível encontrar ao menos uma resposta para a sua frustração e distanciamento estético. A narrativa de Machado não tem foco no espaço, ou seja, não se faz cinematográfico, a ação também não é explorada por meio de conflito externo ou físico e quanto ao tempo, este é de caráter mais psicológico do que cronológico. A sua atenção está especialmente nas personagens e é no mundo delas que o autor mergulha e as explora à exaustão. A consequência dessa produção é que ela seja menos movimentada e mais reflexiva, afastando o receptor do texto acima, cultivado pelo circuito comercial.

Na entrevista coletiva, um dos alunos reclama da história por ser muito antiga, particularidade que não lhe agradou. Já o segundo entrevistado reabre a discussão da obra por ser demasiadamente detalhista.

Colégio Estadual Professor Hugo Simas

Pesquisador: Você não gostou da estória, dos personagens? Ela ficou entediante em que sentido? Da forma como ele // Você achou como assim? Monótono? Você prefere uma estória em peças?

Ana Julia: A estória já é antiga eu já não curto muito.

Beatriz: Ele é detalhista.

Os dois aspectos apontados pelos leitores - estória antiga e detalhista - são recorrentes tanto nos textos em que os alunos escrevem acerca das impressões como quando fazem a crítica à obra e também nas entrevistas, sejam coletivas ou individuais. Não perceber valor em histórias antigas é próprio do adolescente ou do jovem de pouca prática com leitura. Esse reconhecimento vem com maior erudição e maturidade intelectual, o que torna o espírito mais aberto para história e cultura do homem. O horizonte de expectativa destes alunos na entrevista em relação à recepção de *Dom Casmurro* é de frustração mais por não terem, talvez, o devido preparo para ler um texto literário. Avaliar uma obra no que tange ao seu aspecto estético requer hábito e maior experiência com a leitura propriamente dita. Ao afirmarem que a narrativa é detalhista, pode-se dizer que isso apenas confirma a falta de convívio com ler livros, uma vez que romances modernos também trazem descrições detalhadas. Se, portanto, o horizonte de expectativa de uma obra ao ser reconstruída, determina seu caráter artístico baseado no modo e grau com o qual produz seu efeito num suposto público, os leitores do excerto apresentam uma dupla dificuldade: primeiramente o pouco hábito de ler, o que os fragiliza para realizar uma recepção mais densa. E, segundo, porque o seu gosto estético considera tão somente a estética de produção literária moderna como referência.

O leitor que concede a entrevista individual expressa, no excerto a seguir, as impressões acerca da leitura de *Dom Casmurro*, julgando-o romântico porque se apresenta açucarado e demasiadamente elogioso da mulher. Porém o aspecto que mais incomoda este leitor é a morosidade da narrativa, o que lhe causa frustração porque espera maior envolvimento com ela.

Colégio Aplicação/UEL

Pesquisador: Você pode me falar assim, em linhas gerais, as suas impressões gerais, depois de ter lido essa história?

Leonardo: Ah, assim, o livro assim, ele é, tem um foco, é romântico né?! É do romantismo? É. Aí pro meu interesse mesmo, assim, eu não gosto muito, dessa relação assim, muito, tipo que ele faz, muito melan... Tipo assim, é... Ah, que ele exalta muito a mulher sabe?! Tipo assim, ele foca muitas características assim, sabe?!

Pesquisador: Entendi.

Leonardo: E nesse mesmo tempo ele demora muito pra fazer assim, pra passar assim de uma ação pra outra, tal. Aí com essa, aí como eu? Vou falar assim: enrolação que ele faz assim.

Pesquisador: Sei.

Leonardo: Aí eu acho que assim, que ele me irr... Não me leva muito ao interesse, assim porque eu gosto de um livro assim que me traz aquele, aquele, como eu vou falar? (pausa) Ah, que tem um envolvimento maior, assim sabe?!

Pesquisador: Sei.

Leonardo: E que sempre tá acontecendo alguma coisa, e tem um mistério assim, assim porque o mistério que a gente vai descobrir, mas só mais além, que é no qual que ele vai pensar que a Capitu tá traindo ele, né?! E...

Pesquisador: Você achou que ele tem pouco movimento? Por que não te chamou muita atenção, não agradou muito você?

Leonardo: Ah é mais assim pelo tempo sabe?! Assim, como ele conta tudo o que aconteceu, assim sabe?! (incompreensível) É, muito assim, vou falar? Devagar né, no caso. (risos)

Pesquisador: Ficou monótono?

Leonardo: Ficou monótono. (pausa) E:, é. (risos).

A monotonia da narrativa, no sentir do leitor, é provavelmente explicada pela teoria da Estética da Recepção na relação de satisfação ou ruptura de horizonte de expectativa. Se ocorre a satisfação, a obra revela um caráter de "arte culinária", ou seja de mera diversão, não exigindo mudança de horizonte, apenas confirma o que já é familiar ao leitor. Mas, se ao contrário, ocorre a ruptura ou o rompimento do horizonte, uma vez que as expectativas nem os desejos do leitor se concretizam, há um forte indício de que com tal negatividade em relação às expectativas se redescubra o valor estético da obra que esse leitor não é capaz de perceber. Resulta disso um fenômeno semelhante ao da ostra que para produzir uma pérola sacrifica-se o molusco esfolando a areia, o que dá origem à joia. Se a falta de habilidade de um leitor é também revelador do valor estético de uma obra, louva-se a obra e lamenta-se a imperícia do leitor. A obra está, portanto, salvaguardada e o receptor poderá ser resgatado com algumas possibilidades. Uma delas é a escola, cujo papel, comparado ao de um ourives, pode torná-lo um leitor que no futuro alcance compreender o valor estético da obra que lhe é inerente.

Se os textos de um significativo número de alunos revelam a *distância estética* como fator manifestado em suas leituras, é importante observar outro dado que salta em seus depoimentos: mesmo sem entender bastante o valor da obra, os leitores procuraram atribuir-lhe valor pelo fato de ser de autoria de Machado de Assis, um autor de reconhecida excelência no Brasil.

O livro é muito bom, mais tem um vocabulário difícil, a história em si é confusa ela é bem clara e não tem como o livro ser ruim, afinal foi escrito pelo grande escritor Machado de Assis. Eu fiquei impressionado com a habilidade de Machado de Assis escrever bem, fiquei impressionado também ao machismo que o escritor poe no livro, ele fala sobre um assunto que é muito discutido por todas as pessoas e que é algumas vezes motivo de muitas brigas e separação.

Está implícito na fala de Felipe G. que embora o vocabulário seja difícil, a história confusa, não há como a obra ser ruim, visto ser o seu autor Machado de Assis. Ou seja, se esse leitor desconhecesse a autoria do escrito, bem como a sua importância, é bem provável que texto e autor fossem reprovados em sua avaliação. Esse depoimento remete à experiência que Compagnon (2012, p.140) relata em sua obra *Demônio da Teoria: literatura e senso comum* quando fala de I. A. Richards, um dos fundadores do *New Criticism*, que contrariando os princípios dessa escola, observou o comportamento de seus alunos na Universidade de Cambridge diante dos comentários realizados acerca de poemas sem citação de autoria. O que resultou da experiência é típico do comportamento de leitores imaturos, com pouca cultura, acompanhado de incompreensão, uso de chavões, comentários preconceituosos, impregnados de sentimentalismos, além de outros. Essas falhas se transformavam em empecilhos para uma leitura com efeito do texto poético.

Comentário escrito por Victor C.

Machado de Assis é um mestre todos sabem, porém este livro não me interessou muito, pois é muito enigmático. Você acredita numa coisa, depois descobre que não é assim. Penso que houve uma traição depois acho que não é por aí vai indo, e ainda não consegui descobrir o que realmente aconteceu.

Quando Victor C. se refere a Machado de Assis como um mestre está claro que o leitor reconhece a importância do texto machadiano pelo seu *status* e não porque a narrativa lhe tenha deixado satisfeito ou feito crescer. A apreciação do texto por ele mesmo ficou, portanto, contaminada pela ciência da autoria do livro por parte do leitor antes de sua recepção. Configura-se, por conseguinte, a *distância estética*, uma vez que a obra está blindada pela concepção antecipada à leitura que se tem do autor, um conceito sem qualquer suspeita. Por fim, depoimentos de um grupo de alunos são representativos da leitura que aceitam a obra em virtude do renomado autor:

Luisa F.: É um livro bacana, pois gosto muito dos livros de Machado de Assis...

Bruno N.: O livro é uma verdadeira obra de arte, o romance entre Bentinho e Capitu que nos atrai mais a obra, por ficar subentendido ao final do livro se Capitu traiu ou não. ..

Núria M.: É uma obra impecável, Machado de Assis teve muito cuidado ao fazê-la...

Amanda L.: O autor é muito sutil ao retratar a traição e a história em geral, ele é muito inteligente pois nos faz pensar junto com ele.

Ana Beatriz H.: A obra Dom Casmurro de Machado de Assis é um clássico nacional, muito bom livro onde a história de um amor não correspondido o que é muito triste, surpreendente.

Gabriel C.: O livro Dom Casmurro escrito por Machado de Assis é um livro muito bom, porém é muito enrolado pois ele gera em seu livro uma crítica uma animosidade pois não fala logo de cara quem foi o causador da traição, quem foi o causador do

Julia B.: No começo não tive muito interesse em ler o livro, mas conversei com meu avô e ele me falou sobre o livro. Falou um pouco sobre o Machado de Assis e acabei me interessando mais pela obra no fim me surpreendi bastante com o livro, de uma forma muito boa.

Gabriela G.: Com a leitura desse livro escrito por Machado de Assis, pude reforçar a minha ideia que o autor é muito bom, pela maneira que usa as palavras, pelo jeito que ele trata o leitor e também pela maneira em que a história é relatada.

Eduardo: Primeiro elogiar Machado de Assis por ser um digno escritor.

Michelly.: Ao meu ver essa obra de Machado de Assis é muito interessante porque é uma biografia, diz tudo sobre a vida de personagens – o que faz com que o leitor busque o máximo de compreensão possível.

Natália S.: Bom a obra feita por um escritor mais prestigiado na literatura, porém algo que fez no seu momento melancólico e perturbador, decisivo e angustiante que foi até a morte de sua amada.

Hugo S.: A obra é realmente boa, uma das melhores da literatura brasileira. Como eu não li muitos livros desse contexto e dessa época, eu não sei bem o que falar, mas a ideia de Machado de Assis é intrigante e inspiradora, principalmente o fato de não deixar claro se Capitu traiu o Dom Casmurro ou não.

Gustavo: Até o que eu li eu achei o livro bom, mas não me senti muito atraído pela obra apesar de ser um livro considerado por mim um livro bom.

Natalino: É uma obra boa, porém o autor é um tanto debochado perante o leitor, em algum ponto isso é bom pois incentiva o leitor a querer sempre terminar de ler o livro. O final do livro deixou a desejar mas a história é boa.

Revela-se nas falas dos leitores que estes envidaram grande esforço para entender a importância da obra, mesmo não lhes tendo agradado. Afinal, foi escrita por um nome importante que é Machado de Assis. Em outras palavras, realizaram o empenho daquele queingere um alimento, não porque lhe é agradável ao paladar, mas porque disseram que lhe faz bem ou porque é importante para a saúde. E realmente faz bem, é pena que não haja prazer. Na verdade, houve duas importantes motivações para que os alunos lessem o livro: o do pedido das professoras regentes de suas turmas para que a leitura da obra fosse realizada com o fim de estudo na disciplina de literatura e a do presente trabalho de doutorado, que fez com que se sentissem lisonjeados por participarem de um projeto de pesquisa deste nível. É possível que as apreciações e as críticas fossem de outra ordem se, primeiramente o nome do

autor não fosse anunciado e, segundo, se as questões fossem respondidas tão somente para a professora da sala de aula. Mas o que se conclui, nestas condições, é que os objetivos com os quais se fez a leitura podem ter interferido para que os alunos dessem os seus depoimentos da maneira com que os retrataram.

5.3.5 Efeito estético

O efeito estético corresponde à reação ou resposta do leitor frente ao texto, segundo Jaus (1994). Este efeito é constituído de dois fenômenos simultâneos: a compreensão fruidora e a fruição compreensiva. E entre texto e leitor distinguem-se duas modalidades de relacionamento: de um lado, a obra a ser consumida que provoca determinado efeito em seu público e de outro, ela insere-se num processo histórico em que é recebida e interpretada de diferentes maneiras - esta é a sua recepção.

Já Iser (1996, p. 80) entende o "efeito" classificando-o como estrutura de apelo do texto. Vale-se das pesquisas de Ingarden para quem o universo imaginário representado numa obra apresenta-se de modo esquematizado, isto é, incompleto e com pontos de indeterminação ou com lacunas. Assim, Iser pode confirmar um dos principais princípios da estética recepcional que define a arte literária como um sistema comunicativo desde a sua estrutura. Portanto, depende do leitor a constituição de seu sentido.

Indo a campo, observa-se nas impressões da aluna Isabela, do colégio PGD, que o ponto de vista da personagem narradora - Bentinho - exclui o dos outros, a exemplo de Capitu, refém do narrador, para dar margem às desconfianças do espectador. A leitora parece deleitar-se, simultaneamente, reconhecendo que esse jogo narrativo enriquece o texto.

Isabela F.: Por tratar-se de uma história narrada a partir de um único ponto de vista, torna-se um desafio para o leitor decidir se acredita ou não. Um livro narrado deste modo tinha tudo para ser tedioso, maçante, mas é justamente essa dúvida que temos como leitor que torna o texto interessante. Não se pode dizer que é uma história movimentada, mas lê-se o livro sempre procurando indícios que qualifiquem ou desqualifiquem Bentinho. A obra é muito bem construída de forma que nenhum dos indícios que encontramos serve de prova verdadeira, conferindo ao livro uma profundidade que justifica todos os estudos feitos sobre ele.

A aluna, ao procurar entender a trama e encontra prazer em desvendar o mistério a envolver o conflito, pode-se dizer que é a compreensão fruidora e a fruição compreensiva jaussiana que se estabelece. Na perspectiva da Estética da Recepção, o leitor apenas gostará de uma obra de arte se conseguir entendê-la (fruição compreensiva) e só compreenderá o que

aprecia (compreensão fruidora), conforme Zilberman (2009, p. 53). De acordo com as linhas iniciais do trecho da entrevista, Isabela deixa claro o duplo efeito que se operou nela com a leitura que faz do episódio de Bentinho e Capitu: a leitora procura entender a construção do conflito por meio de uma teia instalada na cabeça do receptor e o deleite em vista do mistério criado pelo narrador que envolve quem lê.

Isabela, em outro trecho, vê-se transtornada com as atitudes de Bentinho, bem como com a dubiedade do caráter de Capitu. Ou seja, o comportamento das personagens mexe com o humor da leitora, já que o conflito da narrativa apresenta diferentes possibilidades de interpretações.

Colégio Particular PGD
Impressões de Isabela F.

Esta foi a segunda vez que li a obra Dom Casmurro – a primeira foi há três anos atrás. Após aquela primeira leitura, eu havia ficado absolutamente convencida de que Capitu era inocente e Bentinho, paranoico. No entanto, agora, quando terminei o livro pela segunda vez, minha opinião mudou bastante: não digo que já a considero culpada, mas minha tendência em acreditar em Bentinho aumentou significativamente. Acredito que esse tipo de mudança de impressão pode ocorrer com muito livros (bons) que sejam lidos uma segunda vez, porém Dom Casmurro tem uma complexidade especial, que faz com que essa mudança de impressão seja muito mais radical: dela depende a índole de uma das personagens mais importantes. Durante a leitura, pude observar que me alternei entre momentos em que tinha raiva de Bentinho por ser tão ciumento e outro em que odiava Capitu, achando-a falsa, e perversa. Ao final da leitura, acabei por não chegar a uma conclusão sobre o adultério de Capitu (se houve ou não) mas também, se houve, penso que Bentinho quase que o mereceu.

Ao estudar o texto da estudante que leu pela segunda vez *Dom Casmurro* é possível observar as duas proposições acima descritas: a de Jauss, com o efeito que a obra produz no leitor, ou seja, a reação do leitor, propriamente dita, ante a recepção. E a de Iser (1996, p. 57) ao buscar "completar as indeterminações" apresentadas pelo texto, acompanhado de outro conceito, denominado estrutura de apelo. Se o estado de espírito da leitora se altera em vista da ação ou não das personagens, isto pode ser a consequência ou efeito resultante do momento em que o espectador entra em contato com a obra. Com a reação desta leitora confirma-se a tese de Jauss que defende a produção de um efeito da obra sobre o espectador. Por outro lado, a leitora debate-se por integrar os espaços que o narrador habilmente deixa a serem completados. Neste sentido, a narrativa ficcional apresenta dois desafios que se apresentam na dialogicidade da obra: um é a capacidade do espectador em perceber, nas entrelinhas do texto, a possibilidade interpretativa e o outro é a habilidade do narrador em construir a trama de modo que o leitor permaneça na corda bamba do mistério.

O comentário de um dos leitores sobre a história ser de caráter frágil não apresenta maiores explicações. Talvez quisesse afirmar que a narrativa fosse débil realmente. Mas a temática da dúvida, a atormentar o leitor, torna a voltar nos comentários, pois é este o ingrediente que no conflito provoca o efeito de maior importância e significado, pois a história por si só não teria novidade em relação às outras, se não fosse o suspense que se sustenta em torno da dúvida.

Colégio Estadual Professor Hugo Simas Entrevista Coletiva.

Pesquisador: Quem mais poderia falar da estória. Curtiram ou não curtiram? Você pode me dizer?

Kaio: Gostei do livro, desse movimento que ela teve. Eu só achei a estória meio frágil. Várias pessoas morreram; a questão de ficar com aquela dúvida na cabeça em não saber se ela realmente traiu ele ou não foi o que mais prendeu a gente na estória. A gente queria descobrir isso. Aí a gente tira uma conclusão se traiu ou não, eu acho que é uma coisa que prendeu a gente na estória. Foi legal o jeito que o autor colocou isso.

Pedro: Eu gostei do final, porque finais felizes são tão ruins ultimamente. Os finais infelizes são simplesmente sensacionais. Tipo todo mundo morre, fica ele infeliz lembrando as coisas.

O narrador de *Dom Casmurro*, sem atribuir novidade à estrutura da narrativa, apostou na estratégia da dúvida plantada no conflito de sua história. Talvez ele próprio não tenha calculado a dimensão do efeito devastador que isso provocaria no leitor de outras épocas. A dúvida, contudo, é apenas a sensação implicada para envolver o leitor, porém, a matéria prima do conflito se concretiza, de fato, no adultério. Se na literatura realista era comum a utilização dessa temática, Machado de Assis a aproveita, mas trabalha, não com o adultério propriamente dito e sim com a suspeita nascida do ciúme mórbido de Bentinho que passa a redigir um tipo de narrativa de memórias na qual tenta explicar-se para a sociedade e, em última análise, para si próprio.

De acordo com os depoimentos dos leitores, Bentinho parece não ter conseguido convencer a si mesmo, assim como não foi capaz de convencer àqueles também. Há os que apostam na culpa de Capitu porque estão persuadidos de que ela apresentasse um caráter duvidoso, ideia que José Dias plantou ao descrevê-la com seus "olhos de cigana oblíqua e dissimulada" (Obra completa, cap. XXXII, p. 965). O que depõe contra Capitu é o fato de ela não reagir às acusações de Bentinho no final, comportamento que os leitores entendem como confissão de seu pecado, pois ela não teria argumentos para a defesa. Em contrapartida, existem os leitores plenamente convencidos de sua inocência, porque está claro de que tudo não passa de um ponto de vista apenas, o de Bentinho narrador, ensandecido com o ciúme de

sua Capitu. Neste sentido ainda, a leitora Raiara acredita em Capitu pela amizade fiel existente entre os casais Bento/Capitu e Escobar/Sancha, reiterando que o narrador manipule o leitor, com quem faz um jogo psicológico.

Texto crítico de Raiara

O texto te faz ou me faz ficar especificamente na traição. As pessoas podem ser parecidas sem ter um grau de parentesco. Ela não seria capaz de trair ele com o melhor amigo dele, ela poderia ter pensado em trair, o jogo que ele faz com o nosso psicológico é muito interessante. Você se coloca dos dois lados da história, era amor de verdade depois de tudo ele nunca esqueceu ela.

O jogo feito pelo narrador com o leitor, é típico de um advogado perspicaz, como o era o próprio Santiago, pois ao mesmo tempo em que persuade o ouvinte da inocência do réu, pode simultaneamente condená-lo. É esse movimento feito pelo narrador que intriga o leitor em toda a narrativa: primeiro constrói uma imagem que deprecia Capitu - "olhos de cigana oblíqua e dissimulada" - dito pela boca de José Dias logo no começo do conflito, para mudar de opinião por completo acerca de Capitu quando anos depois o agregado rejeita seu testemunho ao dizer a Bentinho: "[...] confundi os modos de criança com expressões de caráter, e não vi que essa menina travessa e já de olhos pensativos era a flor caprichosa de um fruto sadio e doce" (ASSIS, 2008, p. 1033). Ou seja, "a mão que afaga é a mesma que apedreja", no dizer do poeta Augusto dos Anjos em seus Versos Íntimos. Não é sem razão que o conflito assim apresentado faz sacudir o leitor que se vê atirado de um canto a outro pelo narrador à procura da verdade escondida no mistério de quem por um lado tanto ama e por outro é capaz de eliminar a pessoa amada. O efeito produzido por esse jogo, conseqüentemente, é o fenômeno que prende o receptor à leitura da intriga e resulta novamente no reconhecimento da excelência da obra literária de Machado de Assis.

Os leitores entrevistados, ao fazerem suas declarações no trecho seguinte, se dizem encantados e tocados pela ironia do narrador. Primeiro reconhecem ser ele absolutamente irônico, caráter machadiano que já rendeu muitas páginas por diferentes estudiosos. Depois, porque a sua ironia, ao invés de constranger, agrada e diverte o jovem leitor. A ironia ainda acha-se acompanhada de diálogos e provocações ao leitor ou leitora, para esta que Machado, costumeiramente, se dirigia em seus textos.

Pesquisador: Queria saber agora o que vocês acharam do narrador nessa estória?

João Pedro: Irônico. Ele é bem irônico.

Pesquisador: Essa ironia atinge o leitor?

Carolina: É depende, eu gosto da ironia dele X.

Pesquisador: Você gosta dessa coisa?

Kleber: Eu gosto muito de livro que tem pessoas irônicas. A maioria que me atraem, as pessoas é irônica, o narrador ou um amigo; alguma coisa assim, a ironia eu gosto muito.

Pesquisador: Alguém mais gostaria de falar como foi esse narrador em relação ao leitor?

Luiza: Eu adorei porque ele interage com o leitor, ele sempre chama o leitor de “querida leitora” e ele fala assim: “olha eu sei que esta tomando um rumo muito trágico na minha estória”. Então é muito legal e você olha tem um capítulo falando de você é engraçado um capítulo só pra você.

Pesquisador: Ele conversa com o leitor?

Luiza: Sim, é muito legal.

Pesquisador: Vocês acham que ele subestima o leitor? Como ele vê a capacidade intelectual do seu leitor? / ele acha o leitor bobinho, ou ele respeita e ele cuida?

Luiza: Acho que ele dá valor ao leitor, ele está referindo leitor como se fosse um amigo, ele estava contando para mim o que eu estava acontecendo naquela vida dele, mas ao mesmo tempo ele explica de uma forma irônica o que estava acontecendo. Eu achei muito engraçado, não sei por que, mas achei engraçada a forma irônica dele falar.

Pesquisador: Apesar de ter desgraças, você viu graça em o que exatamente?

Luiza: Sim, a forma como ele era irônico a forma que ele coloca. Engraçado que tem um seriado que foi feito do livro dele, e os dois tem muito dessa ironia. O seriado tem muita essa ironia.

Pesquisador: Você achou engraçado porque ele não levou a sério?

Luiza: Na verdade assim, eu estava levando a sério aí ele falava alguma coisa irônica; engraçada que me fazia rir.

No contexto de produção da obra machadiana, merece comentário o tratamento do narrador dado ao leitor no seu texto. Com a intenção de parodiar, o narrador provoca o seu leitor durante a narrativa com a intenção de ridicularizar as suas expectativas. Signatário de Stendhal, Machado interpela seus leitores dos quais um número significativo no século XIX ocupava-se mais em denunciar como "imoralidade" os romances da época do que manifestarem qualquer preocupação com questões sociais.

Sem o entendimento do contexto de produção, obviamente, mas mergulhada no conflito da narrativa, a leitora Patrícia, ao mesmo tempo em que confessadamente apaixonada, também identifica-se com a personagem a narrar os fatos por meio de linguagem irônica e de maneira engraçada.

Comentário escrito de Patrícia

Confesso apaixonar-me e identificar-me com o personagem Bentinho e sua forma irônica e engraçada de descrever fatos. Sem contar o meu envolvimento sentimental

com tal livro citado acima. Concluo dizendo que nunca, jamais me esquecerei dos olhos de cigana oblíqua e dissimulada, definição que talvez caiba a mim mesma também...

O autor gaúcho e contemporâneo de Machado de Assis, Alcides Maya, ao falar do autor de *Dom Casmurro*, assim define o seu humor: "e só quando intensamente sofre pode ser grande humorista. Sem o sonho das formas humanas seletas, de moral perfeita, sem bondade, sem luta íntima com o destino, jamais haveria humour, cuja descrença vibra a nostalgia da crença" (MAYA Apud WILSON CHAGAS, 1994, p. 73). Nas palavras de Maya encontram-se o espírito da obra construída por Machado. Este mesmo sentido observa-se na obra de Marta de Senna, desde o seu título "o olhar oblíquo do bruxo". Já Miguel Reale trata da ironia de Machado nestes termos: "De certo modo, supera-se o ceticismo quando se aceita, embora com amargura ou contido protesto, o 'resto' que nos lega a vida. Talvez resida aí, bem distinto do humor stendhaliano, a ironia machadiana, na qual se oculte a capacidade brasileira de dar-se um jeito, *quand-même*, aos tropeços da existência" (REALE, 1982, p. 12). A ironia de Machado de Assis é cáustica e sutil e é nessa sutileza cáustica que vem marinada a sua narrativa.

5.3.6 Estrutura de apelo

O conceito de estrutura de apelo, estudado por Iser, apresenta o texto literário não como uma composição fechada, ao contrário, traz lacunas e pontos de indeterminação a serem preenchidos pelo leitor com suas vivências pessoais e símbolos coletivos, dialogando e dando vida à obra, o que exerce determinado efeito sobre esse leitor.

Sendo assim, os trechos das entrevistas com os leitores de *Dom Casmurro* contemplam esta noção já que os alunos respondem conjecturando e completando o texto de acordo com a sua ótica, enquanto acontece a interlocução. Observa-se no excerto da entrevista coletiva, aliás sem o questionamento explícito do pesquisador, que os estudantes discutem e completam o texto machadiano por meio de suas contribuições. No debate em torno infidelidade ou não de Capitu, os alunos alternam-se tratando da emoção que envolve o conflito, do sentimento de ciúme exagerado da personagem, bem como apelam inclusive para o título da obra para justificar o comportamento de Bentinho.

Entrevista coletiva

Alice: Mas se seu amigo morresse você não iria chorar?

Vitória: Não:

Carolina: Eu acho que o negócio é o seguinte: Ele tinha um ciúme doentio, igual ela falou, ela podia estar só lagrimando e ele já criou toda cena na cabeça dele. Você fica na dúvida mesmo será que ela traiu? Mas eu acho que pela visão do Bentinho, todo ciumento e tal, foi coisa que ele criou na cabeça dele.

Vitória: [Exatamente]

Vitória: [Como ele sabe] É muita estória na cabeça dele.

José Alexandre: Sabe por que eu acho que ela não traiu? Porque o próprio título já diz “Dom Casmurro” já é específico, tapado, na dele. Então quer dizer que ele cria filme na cabeça dele, então ele expõe as ideias dele, então às vezes ele exagera na parte que fala que ela estava chorando e esses negócios. Então às vezes ela não estava agindo desta forma, mas ele expõe aquilo, entendeu? Então eu acho que ele trai o leitor.

No exercício de completar com novos sentidos a obra lida, os leitores esmeram-se nos argumentos, primeiramente para defenderem, das acusações de Bentinho, Capitu que chora a morte do amigo. Não cabe, na compreensão do leitor, que meramente chorar um defunto fosse o indício de adultério. Se a desconfiança de Bentinho causa efeitos diversos no leitor: desde o desejo de condená-lo como criminoso por atentar contra a vida do próprio filho, como de ter complacência, já que ele se tornou uma vítima. A resposta do leitor se faz com interpretações a preencher, com seus entendimentos, o que poderia explicar o drama da personagem. E para tal explicação, todos os sinais apresentados pelo livro podem ser válidos para o leitor, desde o cerne do texto até os pré textos, a exemplo do título, mencionado por um dos leitores, que poderia justificar o comportamento de Santiago, pois tratava-se mesmo é de um tipo esquisito de quem pode-se esperar qualquer comportamento. Além da atuação das personagens, o último leitor deste trecho atribui ao narrador uma atitude de traição para com o leitor. Obviamente não é uma traição que o narrador realiza, mas uma manipulação, pois na condição de narrador personagem este tem um motivo a mais para fazê-la, já que é a própria defesa que está em jogo. A traição, neste caso, é uma atitude que fica na relação das personagens e não na conexão narrador versus narratário. Para todos os efeitos, o leitor infere que Bentinho, na condição de narrador, precisa convencer a todos, mesmo que tenha que enganar/trair o espectador.

Na continuidade da entrevista coletiva, um dos leitores surpreende-se com o final trágico de *Dom Casmurro* porque foi para ele a primeira experiência com uma narrativa de tal desfecho. O outro leitor faz uma relação do final da narrativa com o seu princípio para

explicar que a tragédia do final da história não traz novidade, uma vez que o começo do enredo, realizado de modo irônico, seria o prenúncio de seu desenlace.

Pesquisador: Certo, bem, o que vocês acharam do final da estória. Como vocês se sentiram, triste, angustiados; frustrados, chateados?

Beatriz: (Chateada) Não teve um final feliz.

Pesquisador: Você gostou? Surpreso? Continuou com a dúvida? X

Gabriela: Na parte de deboche, eu nunca li um livro que tivesse um final trágico, todo o livro que eu lia as pessoas ficavam felizes no final. Então foi uma coisa inédita pra mim eu não estava acostumada, então o Dom Casmurro foi um final meio legal, fiquei surpresa. Nossa, foi extraordinária, porque eu nunca tinha lido uma coisa assim.

Adriel: Eu gostei do final, porque acho que foi o final que fez o começo do livro. Porque não começa com ele criança né. Começa com ele contando, eu acho que se ele não fosse tão infeliz assim, não teria o sentido de Dom Casmurro, porque no começo ele era irônico, alguém lia uma poesia para ele e ele dormiu, X. Se o final não tivesse sido tão trágico o começo não seria tão trágico, a visão dele não seria tão trágica daquele jeito, entende? O final daquele jeito combina com o resto do livro, Não foi tão surpresa pra mim, porque eu leio Clarisse Lispector e nos contos dela tem muito final trágico. Eu lembro em um dos contos dela termina com uma velha morrendo, então não foi tão surpresa para mim.

Os comentários dos alunos caracterizam-se pelo efeito estético ao mesmo tempo em que se explicam pelo conceito iseriano de estrutura de apelo. Na primeira parte da entrevista o leitor acha-se maravilhado pelo fato de ter lido pela primeira vez um texto sem final feliz, o que lhe causa surpresa. O comentário deste aluno, inicialmente, denuncia uma frágil orientação e prática de leitura vulnerável, seja na família ou da escola. Segundo, embora o efeito fosse de estranhamento, o desfecho causa boa impressão. Nesta direção, embora apresente-se contrariado o horizonte de expectativas do leitor, este não se declarou frustrado, pois aceitou bem a novidade do final que considerou trágico. Portanto, é possível ser o efeito de reação positiva pelo fato de tratar-se de um leitor intelectualmente amadurecido, já que é mais comum a ocorrência de uma leitura a romper com o caráter familiar de um texto, que o resultado ser de rejeição a ele.

É possível que o segundo aluno da entrevista enquadre-se no conceito da estética recepcional de *estrutura de apelo*, porque ele faz reflexões acerca de como o começo e o fim da história de *Dom Casmurro* configuram o mesmo cenário. Comprovando, com as suas ponderações o preenchimento de lacunas previsto por Iser. Nos desdobramentos de sua interpretação, o estudante descreve a personagem de Bento Santiago, já adulto e velho, a manifestar-se alguém infeliz, irônico e indiferente. Esta descrição já possibilita vislumbrar o desfecho da história, ou seja, constitui importante dado para que este leitor possa concluir

pelo que se dará até o final da narrativa. E quanto à tragicidade pela qual se encerra a narrativa machadiana, o leitor diz não se surpreender, pois diz ter experiência com leituras de outras obras e autores a exemplo de Clarice Lispector que também teria escrito histórias com perfis trágicos.

De acordo com os postulados da Estética da Recepção, confirma-se com Iser que a obra é comunicativa desde a sua estrutura e neste processo o leitor tem um importante papel na constituição de seu sentido. Ora, pode-se observar que a recepção realizada pelo leitor de Machado e Lispector encontra-se harmonizada com tais princípios, posto que suas observações acerca da personagem - infeliz, irônico e indiferente - ditam também o sentido e a direção que o conflito deve tomar. Outros sinais vistos pelo leitor para depreender o desfecho da narrativa sem muita surpresa encontram-se primeiramente na fala do leitor quando afirma que "o final daquele jeito combina com o resto do livro", ou seja, a parte revela-se pelo todo da obra. E outro aspecto a ser considerado pelo leitor para constituir o sentido do texto é a sua prática com a leitura de outras obras que trazem o mesmo caráter observado na obra de Machado de Assis. Em vista do que se observou na leitura dos alunos em suas interferências no intuito de completar os intervalos deixados pelo produtor do texto, pode se concluir que se realiza aqui o que Iser propõe pela participação do leitor na composição da obra literária.

5.3.7 Identificação

A identificação do espectador com o herói, no próximo trecho, coloca-o em relação a Bentinho a alimentar sonhos, ou de alguém a perseguir objetivos, o que faz da personagem alvo de admiração, pois, de acordo com o leitor, quem administra a sua vida com metas tem menos chances de se desorientar.

Pesquisador: Está bem, eu queria saber quais dos personagens mais se afeçoaram mais... afetivo. Até agora vocês falaram das características, eu queria saber de quem vocês gostaram, poderiam ser meu amigo, minha amiga.

Tarek: Eu gostei do Bentinho, no contexto de que ele tinha sonhos e foi em busca dos sonhos dele. Ele realizou todos os objetivos que ele impôs na vida dele. Então eu acho que gostei dele nesse sentido.

Pesquisador: Você tem uma afetividade nesse personagem por essa razão? Por que você diz isso?

Pedro: Identifiquei comigo, acho que na vida a agente tem que traçar objetivo e ir a busca dele, eu acho que ele estava certo nesse aspecto de não deixar tudo o que estava ao redor atrapalhar o que ele queria.

Pesquisador: E você gostou de quem?

Laion: A Capitu, ela parecia ser uma personagem divertida no livro.

Ao identificar-se com Bentinho, o leitor é levado pela ideia do sonho. Sonhar, ao mesmo tempo que planejar, é entregar-se à imaginação, à fantasia. E nesse campo o ser humano encontra asas para evadir-se da realidade que o enrijece e entorpece. Contudo, organizar a vida por meio de objetivos é outra forma de sonhar, pois uma vez que se traça planos, enquanto se trabalha, espera-se também que o planejado se realize. É possível que seja este sentido misto em torno da ideia de sonho que levou o leitor a identificar-se com o herói Bentinho. A identificação do leitor com o herói, neste entendimento, remete ao plano da *katharsis*, e ao mesmo tempo em que corresponde ao ideal da arte autônoma, liberta o receptor das ocupações corriqueiras dos afazeres do dia a dia. Enquanto oferece-lhe uma perspectiva mais abrangente dos acontecimentos, incentiva o espectador a julgá-los.

Desta vez o alvo de identificação do leitor é Capitu. De acordo com a sua impressão, Capitu não se sentia nada à vontade com o ciúme de Bentinho. Comungando do mesmo parecer, herói e leitor desprezam o sentimento de ciúme e, conforme registrado no trecho da entrevista, o ciúme desencadeia outros propósitos nada dignos.

Pesquisador: Assim que você se identificou, que tem muito a ver com você?

Alexandre: Personagem que mais me identifiquei assim, acho que o personagem que mais me identifiquei no livro foi a Capitu, por causa que ela não gostava dos ciúmes que o Bento tinha por ela, eu não gosto de ciúmes também sabe assim, eu odeio que as pessoas tem ciúmes assim das coisas sabe, mas os ciúmes levam você a ter pensamentos sabe assim maliciosos sabe, então acho que foi a pessoa que eu mais me identifiquei foi com ela.

Pesquisador: Você acha que o ciúme é uma coisa muito negativa?

Alexandre: Aham, uma coisa negativa sabe assim, pode tar negativando, incentivando uma pessoa a fazer uma coisa que nem passou pela cabeça dela fazer.

Capitu tem a admiração do leitor, porém a ideia do ciúme repudiada por um e outro, expressa-se diferente, como nos dois lados da moeda. Se de um lado o ciúme pode ser a manifestação do cuidado com o outro, da defesa e da proteção da pessoa querida, isso concorre para que o destinatário do ciúme também o receba lisonjeado. Ao contrário, se este sentimento é declarado de maneira mórbida, como o vivido por Bentinho em *Dom Casmurro*, perde-se a motivação do sentido primeiro, avinagrando-se a relação dos que se estimam. Conclui-se que o leitor, avesso ao sentimento do ciúme, sem mesmo discutir o seu duplo

entendimento aqui descrito, pode ter amargado experiências, condenando-o, assim, indiscriminadamente. A identificação do leitor com Capitu nos força a reconhecer que, se a experiência da personagem foi negativa, também assim foi a do leitor. O efeito catártico se concretiza, sabendo-se que ao observar o herói, o leitor se espelha naquele, mas ao mesmo tempo tira lições dessa observação.

No que tange a outro herói no romance, emerge a atitude pacífica e tranquila de Ezequiel que põe os leitores idênticos à personagem por serem jovens, semelhantes a ele e, ao mesmo tempo em que lhe admiram a serena humildade, pois procura aproximar-se do pai que o renega.

Daniel: Porque, apesar do pai dele não tratar ele em, ele não tenta brigar com o pai dele assim, ... acho que isso.

Daniel: Ah, acho que o filho dele porque o filho dele não tem culpa, sabe, mas ele descontou na raiva que ele tinha, essa dívida, no filho.

Pesquisador: Mas o que o caráter do filho, o jeito do filho faz com que você se identifique com ele?

Filipe: Acho que, tipo, ele tentar se relacionar com o pai e o pai não aceitar.

Helena: Não, não briga. Mas o pai dele vê nele a traição pode ser que nem tenha acontecido né..

Observa-se que a sobriedade de Ezequiel aproxima-o do leitor, pois este comportamento pacífico dá crédito ao herói. As atitudes bruscas, desvairadas ou egoístas depõem contra quem as comete, uma vez que esse comportamento desequilibra as relações. Aliás, é com este perfil que geralmente os narradores apresentam o anti-herói, isto é, com características a colocar o vilão em descrédito por causa de seu comportamento. Desta maneira Santiago, ao desprezar o filho se coloca em situação de pouca aceitação por parte do leitor. Bentinho coloca-se perante o leitor em posição de distanciamento, não apenas pela injustiça, mas porque insiste no desprezo do menino, sentimento que é sempre doloroso e mal visto por quem o percebe na realidade ou na ficção. Já Ezequiel ganha prestígio diante do leitor, pois mesmo com pouca idade apresenta-se mais compreensivo e aparentemente mais maduro afetivamente do que seu progenitor.

Maria Clara: Ezequiel, depois de um tempo ele voltou para tentar, e eu achei legal isso. Ele tentou se reaproximar do pai depois, eu achei bem legal. Não parece, mas é uma relação de pai e filho.

Isadora: Ezequiel. Eu gostei da atitude dele, eu acho que faria isso, tentaria me aproximar do meu pai.

Gabriel. Ele (Ezequiel) tenta, insiste e você percebe que ele não briga com o pai dele né.

O leitor vê em Ezequiel um herói efetivamente na persistente tentativa em resolver suas dificuldades, admirando-o por isso. E espelhando-se no comportamento da personagem, o leitor simpatiza com ela, ao mesmo tempo em que com esta se identifica, confessando poder ter a mesma atitude de Ezequiel, numa circunstância semelhante. De acordo com a tipologia do herói e os padrões de integração estudados por Jauss (2013) ocorre a modalidade de identificação *admirativa*, ou seja, a identificação produzida pelo herói no sentido do reconhecimento do espectador e a adoção do modelo de comportamento.

5.3.8 Emancipação

Quando uma obra, desafiando um código vigente, é capaz de oferecer ao leitor novas dimensões existenciais, vislumbra-se nela um caráter renovador. Por este mérito, tira o leitor das limitações do cotidiano e do domínio dos aparelhos institucionais. Quando a Estética da Recepção recupera a natureza emancipatória de determinada obra, simultaneamente a liberta dos elos constrangedores da história da literatura usual. Ao se dar destaque a essa potencialidade da obra artística, revela-se também o empenho em atribuir ao leitor um lugar mais ativo e uma importância social à literatura. Segundo Jauss (1994) é legítimo considerar a experiência estética como concessora da emancipação do sujeito: primeiramente porque tira as pessoas do constrangimento da rotina do dia a dia, segundo porque instaura um distanciamento entre o ser humano e a realidade transformada em espetáculo, terceiro porque antecipa a experiência, provocando a incorporação de novas regras, indispensáveis para compreender e atuar na vida prática.

Ao vivenciar, pela leitura de *Dom Casmurro*, o drama de Bentinho em relação às medidas por ele tomadas, o leitor do fragmento abaixo espelha-se no herói e conclui por soluções para o próprio comportamento.

Pesquisador: Bem, eu queria saber entre eles todos, entre todo esse elenco, como vocês viram eles resolvendo suas dificuldades, seus conflitos? Pode citar momentos ou situações que vocês admiraram. Um dos grandes problemas iniciais?

Mateus: [Não].

Jéssica: Tipo, aquela confusão de ele ir ou não ir. A mãe dele que queria que ele fosse, o pai dele não queria. Aí ele foi lá, teve uma conversa com José Dias, pedindo

pra ele falasse com a mãe dele pra não ir para o seminário. Até então foi bem na base da conversa.

Victor Hugo: Bastante na seriedade, eu diria que eles resolviam os problemas deles.

Mateus: Até no final, quando tem discussão a mãe tentando defender o filho.

Victor Hugo: Eu acho que eles foram bastante concisos, conscientes nas escolhas deles, eu acho que trabalha bastante seriedade, a maioria. Mas a questão da traição, como ele não tinha certeza, eu acho que faria a mesma coisa que ele. Mas como ele não tinha certeza ele não podia tomar uma decisão solta, entendeu? Eu acho que primeiro ele tinha que ter certeza, mas como ele ficou na dúvida, ele fez o que era melhor pra ele, que era ficar sozinho. Eu acho que faria a mesma coisa que ele se estivesse no lugar dele. Eu não conseguiria conviver com a dúvida de que se o Ezequiel era meu filho mesmo, eu acho preferiria ficar sozinha a conviver com a dúvida. Mas também não iria deixar a Capitu desamparada igual ele deixou, eu daria um amparo pra ela por ter amado ela. Só que por não saber se ela traiu ou não, eu me separaria dela.

É possível inferir com esses elementos que pela vivência com a leitura de uma narrativa ficcional o receptor da obra encare dois estágios. Ao entrar em contato com a obra literária, o primeiro estágio do leitor é mergulhar numa fantasia e entregar-se a experiências vividas pelas personagens e seu mundo. Isto constitui um afastamento do mundo real em que leitor e personagem encontram-se para dividirem experiências. No segundo estágio, esse leitor volta do mundo inventado das personagens como se acordasse de um sonho, para refletir acerca do que "lá" se passou. Mas a realidade ficcional e, sobretudo, as experiências das personagens não ficam em branco, ao contrário, interferem em suas convicções e valores, pois o que "lá presenciou" não permite mais ser este leitor o mesmo. É aí que se verifica o processo da emancipação desse leitor, ou seja, quando a obra lhe oferece novas dimensões existenciais. Em vista disso, o aluno discute as atitudes da personagem sem o menor constrangimento, embora seja uma história de mentira, o espectador passa a assumir posições em vista do que aprendeu com o que ocorreu com o seu herói. Concretiza-se, portanto, com o movimento dos dois estágios, o que Jauss (1994) propalava ao tratar do distanciamento da realidade do cotidiano para adentrar à realidade da ficção. Desta realidade carrega o leitor uma nova visão de mundo que transporta novamente para a sua vida então transformada, ou seja, emancipada.

No seguinte trecho outra experiência revela que o leitor Alexandre, ao se espelhar no herói, retira da vivência da personagem soluções para os seus possíveis dramas. Em outras palavras, a personagem antecipa vivências, nas quais mostra ao espectador que este não precisa incorrer mais nos mesmos erros ou tentativas, visto que já lhe foram mostrados os embaraços pelos quais o receptor, ser real, poderia passar.

Pesquisador: No relacionamento dos personagens entre si, aquele, todo esse elenco, essa historia, como é que você percebeu eles se relacionando e eles resolvendo os seus problemas?

Alexandre: Eu acho assim que, é os personagens, alguns eles foram assim, sempre esteve presentes um com o outro, dá pra você perceber assim que eles foram um família sempre unida, personagens unidos um com o outro, apesar de algumas brigas assim, eles sempre foram unidos, não era uma coisa assim, eles ficavam intrigados o livro inteiro, eles sempre foram presentes um com o outro, assim nos relacionamentos.

Pesquisador: Havia uma convivência....

Alexandre: Aham, havia uma convivência agradável assim.

Pesquisador. E ao mesmo tempo uma convivência, tinha um comprometimento pelo outro, porque tentavam resolver as suas pendengas, os seus problemas.

Alexandre: Aham, não era como hoje, brigava e ficavam sem conversar, eles tentavam resolver aquilo numa boa, não continuar aquilo.

Pesquisador: A Dona Gloria pedia orientação das pessoas, quer dizer tentavam se ajudar, e assim mais pontualmente, como é que você percebeu algum dos personagens, pode escolher, como ele resolveu determinado problema, como você achou lá interessante isso?

Alexandre: Determinado problema assim que foi, a parte do convento sabe assim, foi a mãe dele, a dona Gloria, mãe do Bento, que ela pensou assim, que se ele desfizesse a promessa assim, não seria ela a culpada, seria ele o culpado, porque ele que desfêz a promessa, ela prometeu que ele iria ao convento, foi pro convento, só que depois ele queria sair, então se ele casasse com a Capitu, ela teve a intenção de mandar, mas ele não quis entendeu, que ela fala no livro, então assim...

Pesquisador: A dívida era dele.

Alexandre: A dívida era dele e não dela, ela fez o que ela pode, ela cumpriu, mas ele não quis seguir.

Pesquisador: Então você acha que ela tentou de qualquer forma, resolver...

Alexandre: Ela meio que resolveu jogando o problema pra ele assim, sabe, mas ela resolveu.

Pesquisador: Acalma a consciência dela né.

Alexandre: Fica sem culpa depois.

Pesquisador: Sempre solidário... É, quem desses personagens você acha que é o foco de tudo o que acontece nessa historia, que teria assim o ponto chave?

Alexandre: Eu acho que é o personagem mais focado no livro inteiro foi a Capitu né, ele fala dela desde a primeira pagina até o final sabe assim, então foi o personagem que ele mais focou, que mais descreveu, mais falou dela, da personalidade dela, então a chave do livro por exemplo, sabe, que foi o que ele mais focou no livro inteiro, foi ela.

Pesquisador. Se tirasse ela, nada aconteceria...

Alexandre: Nada aconteceria, se tirasse ela seria uma historia vazia assim.

Pesquisador: Ela é digamos assim, o ponto do conflito da historia toda.

Alexandre: Mesmo após a morte dela, ele cita ela no livro, até o final do livro, até a última página.

Pesquisador. Como se ela tivesse presente o tempo todo. No lugar da Capitu que você focou, você, como você agiria, se você estivesse no lugar dela?

Alexandre: Se tivesse no lugar dela por exemplo, eu tentaria resolver a solução, não assim separar de uma vez, tentaria provar pra ele que não teria traído ele, que o filho realmente era dele, mesmo que ela tivesse traído ele, eu acho que contaria a verdade pra ele e não teria separado, mas não teria separado, teria resolvido a coisa conjunta, não uma coisa como era na raiva, como eles fizeram, vamos separar e pronto, levaram isso a seria sabe, pra sempre assim, conversaria com mais calma assim sabe, esclareceria as coisas.

Pesquisador: Você acha que ela saiu de cena sem necessidade?

Alexandre: Sim, por exemplo quando a gente tá com raiva da pessoa a gente diz as coisas por impulso, nem sempre a gente quer falar as coisas assim, então eu tentaria falar, conversar na hora que as coisas tivessem mais calmas, sabe assim, esclarecer as coisas.

A reflexão trazida pelos leitores mostra que o caráter emancipatório da arte concretiza-se com as experiências de leituras realizadas. Nelas se assiste às experiências das personagens, reflete-se sobre as mesmas e amplia-se os horizontes de expectativa, oferecendo-se ao leitor novas perspectivas de vida. Conjuntamente às experiências individuais vem a soma delas, para afirmar-se que a historiografia literária proposta pela Estética da Recepção e seus estudiosos, amplia igualmente o caráter emancipatório da arte que se realiza a cada recepção de uma obra literária.

5.4 Análise com os elementos da narrativa

5.4.1 A narração

Dom Casmurro constitui uma narrativa regida pelo modo no qual o narrador apresenta-se visível, ou seja, Bentinho não oculta a sua presença. E o leitor sabe que a história é contada por ele, além da consciência de que é o ponto de vista dele que está em jogo. Em relação às cenas e sumários, ao invés de um movimento alternado de aceleração ou

desaceleração, seguem-se capítulos curtos que produzem, com o agir e pensar das personagens, o efeito dramático.

Quanto ao modo de contar, as falas das personagens são mediadas pelo relato do narrador por meio do discurso indireto ou do indireto livre. No que diz respeito às perspectivas, o modo de mostrar apresenta a história de maneira neutra ante os olhos do leitor. E no modo de contar, predomina a perspectiva em que a história é mediada pelo narrador personagem.

Pela ótica dos alunos leitores de *Dom Casmurro*, a narrativa apresenta-se de modo geral cansativa, difícil, confusa, com muitos detalhes, ou seja, uma leitura estafante. Porém na insistência de ler eles reconhecem também, quase todos, que o livro tem uma história "legal", ou é uma boa história.

Inicialmente Guilherme, em suas impressões, achou um bom livro, observa o caráter filosófico da narrativa e na medida em que lê, além de vivenciar o seu andamento com a sensação de participar ou vivenciar a história, percebe que a narrativa não é um mero devaneio, mas que o narrador faz reflexões e emite julgamentos nas suas intermitências.

(Guilherme A.)

Gostei, achei um livro muito bom pois Machado escreve de uma certa forma que o leitor se sente um membro da história, o leitor caminha junto com a história. Ele critica, ele pensa é só isso que eu achei bem legal e interessante, esse modo que o Machado faz com que sentirmos parte do livro.

Já a Rafaela constata pela leitura que *Dom Casmurro* revela-se um livro intrigante e gostoso e que é envolvente até o seu desfecho. O cerne do conflito, segundo a leitora, encontra-se no drama da dúvida que o narrador instala na ideia do leitor para que este chegue, por si só, a um entendimento. Observa ainda que o triângulo amoroso levanta polêmicas, uma vez que o adultério seria alvo de grande escândalo social no contexto de produção dessa história. A aluna parece compreender bem o sentido implicado pelo narrador que faz uma crítica ou mesmo uma possível denúncia à questão do adultério naquela sociedade.

Crítica redigida por Rafaela

A história tem o enredo embasado em um triângulo amoroso, a mulher adúltera, um temor social, adultério não era bem visto pela sociedade, era algo de polêmico na época, algo para escândalo público. O livro intrigante e curioso. Nos amarra até o fim. A questão da dúvida se Capitu traiu ou não Bentinho é o mais interessante na história, nos instiga e nos deixa tirar nossas próprias conclusões.

Enquanto o aluno André, ao achar a narrativa interessante, atenta para a história que é contada em primeira pessoa por Dom Casmurro, ou seja, o Bentinho velho, procurando reconstituir, pela memória, a sua história desde a infância à velhice. Este aspecto, apontado

pelo estudante, remete à questão da narrativa, regida pela presença visível do narrador e ainda, por ser o ponto de vista dele, narrador personagem, que está em jogo. O leitor acrescenta ser a narrativa apresentada de maneira realista, considerando os relacionamentos, que se revelam tal e qual a realidade cotidiana. Faz indicações de que ele defende o realismo da construção da narrativa.

Comentário de André

Eu achei a história de vida dele interessante, pois ele passou por vários momentos, como é que foi traído por sua esposa, foi fiel aos feitos e perfeitamente adaptado a realidade. A narração dos acontecimentos com que o leitor se defronta se faz em primeira pessoa. Dom Casmurro narra os acontecimentos de suas infância, as impressões do seminário, o retorno da vida familiar e o relacionamento com a Capitu. Quis recuperar a adolescência na velhice.

Na entrevista coletiva no Colégio Estadual Professor Hugo Simas os alunos tratam do detalhamento feito na narrativa pelo narrador ao relatar os fatos. O aluno Daniel, embora julgue interessante a história, queixa-se da demora na leitura por ser o texto demasiadamente minucioso. Reconhece que os livros devam ser esmiuçados na narração ou descrição, pois é com este artefato pormenorizado que o leitor se envolve e segue na leitura da narrativa para alcançar o clímax do conflito. Nessa perspectiva ainda vai o segundo aluno ao defender serem necessários os detalhes, pois são estes que, de fato, revelam com propriedade os acontecimentos, os pensamentos, as intrigas e todos os elementos imprescindíveis para uma história render envolvimento. De acordo com a segunda leitora um resumo ou até um filme podem reduzir ou apagar as emoções e os sentidos que a abrangência descritiva ou narrativa proporciona.

Colégio Estadual Professor Hugo Simas

Pesquisador: Então, Daniel, me fale assim, das suas impressões gerais sobre a história, sobre...

Daniel: Ah, eu achei uma estória tipo, interessante, só que: ela demora muito pra, não chegar no clima certo, ela é muito tipo, nos mínimos detalhes. Mas todos os livros são nos mínimos detalhes, pra demorar mais tal, pra dar aquele tom de aí, tipo, de curiosidade no leitor, certo!? Mas, foi assim, eu achei que ela foi tão fragmentada nos mínimos detalhes que ah, o leitor, ele não consegue identificar ao certo qual que é a função ou objetivo do autor da história passar pra gente, sabe?! Então eu achei uma história legal, mas ela demora muito pra ser explicada assim, no meu ponto de vista.

Pesquisador: Quem mais quer falar assim de uma forma geral ainda?

Júlia: Eu acho que detalhes eles são necessários para formar uma estória, porque se não tivesse detalhes iria ser uma coisa assim, como se fosse um resumo. Iria ser do jeito que é nos filmes. Eu acho que tem que ter uns detalhes necessários para formar a estória. É o ponto de vista deles, mas eu não concordo. Eu acho que ele explica a estória de um jeito que te faz participar dela, isso é bom.

O detalhamento na narrativa, discutido pelos alunos, levanta uma relevante questão na qual todos admitem ser nos pormenores da descrição e da narração que o leitor é enredado. Ao mesmo tempo, é mediante a sua imaginação e sua visão de mundo que ele persegue as trilhas abertas pelo narrador para que o leitor participe da tarefa de abrir o caminho e nele encontrar o fim, partilhado com o narrador. Apenas o texto escrito pode proporcionar ao leitor a experiência da descoberta, em cada palavra, o sentido que o narrador procurou imprimir ou o significado que o próprio leitor vá descobrir no desenrolar da história.

Na entrevista coletiva realizada com os alunos do colégio de *Aplicação da UEL*, entre outras impressões, apareceram diferentes opiniões acerca do enredo de *Dom Casmurro*: com significativa frequência os leitores falam da monotonia que a leitura ocasiona; outros objetam acerca da forma de o livro ser escrito, uma vez que causa cansaço e desestímulo; há os que tratam do enredo da narrativa machadiana como confuso, complicado, fragmentado com muitos detalhes; e, por fim, há os que reivindicam que o livro fosse escrito com as normas atuais, ou seja, com outra linguagem.

Colégio de Aplicação/UEL

Leonardo O.: Um livro monótono que não ocorre muitos atos que faz um leitor juvenil se interessar pela leitura contínua do livro, mas de certa forma ela faz com que o leitor pense a conclusão do livro/desfecho.

Nathália C.: Então eu tenho o livro e tal mais eu comecei a ler até o capítulo 3 mais ou menos só que parei de ler por se um livro cansativo e difícil de ler.

Letícia B.: Gostei muito da história do livro, o que não gostei foi da forma que ele é escrito, a leitura é muito demorada e o livro acaba ficando meio chato.

Rafael S.: O livro me pareceu muito confuso. Palavras desconhecidas, tive que ler com um dicionário do lado. Parece que ele constrói a culpa de Capitu ao decorrer do livro, ou configura sua culpa junto com a dúvida que fica no final do livro.

Leonardo H.: Achei o livro meio confuso no começo até que a história foi se desenrolando, porém não achei o enredo tão interessante a ponto de gostar.

Daniel L.: Na minha opinião o livro conta uma história que é fragmentada nos mínimos detalhes que acaba ficando muito confuso, eu só consegui extrair do livro a parte mais importante, mais eu gostei muito da parte que eu consegui entender eu acho que ela tenta passar uma história de paixão.

Michelle M.: Achei o livro muito complicado, confuso. É uma história de romance, com drama. Ele conta sobre sua infância, como ele se sentia e como ele vivia.

Vinícius M.: Achei a obra um pouco confusa pelo fato de ser uma obra antiga e com uma linguagem mais difícil de se entender devido a obra

Hugo S.: A história do livro é muito legal e realmente interessante, mas eu me confundi muito em algumas partes do livro, com muitas palavras difíceis e antigas.

No geral o livro é muito intrigante, porém se a história fosse reescrita de acordo com as normas atuais, com uma linguagem mais atual, seria bem mais legal.

Juliana: O livro tem uma boa história, porém eu não gostei muito da forma como a autor conta a história. Ele não prende o leitor no livro, é uma leitura um tanto cansativa, eu, por exemplo, costumo ler livros rapidamente e, quando fui ler Dom Casmurro, demorei muito. Todas as vezes que eu lia só pensava uma coisa: “isso não acaba nunca?” Não basta somente ter uma boa história, a forma como irá contá-la é o que irá definir se o livro é bom ou ruim, não digo que é ruim, chato, é um clássico, porém, acho que a forma de se escrever deixou a desejar muitas vezes o narrador enrolado em algumas partes desnecessárias. Terminei dizendo que apesar de tudo, o livro tem uma boa história e me passou essa mensagem do ciúme de mais, onde ele pode levar uma pessoa.

Nesse quadro de insatisfação vislumbram-se, no pano de fundo, diferentes razões e justificativas: em primeiro lugar, a obra de Machado de Assis pode ter encontrado leitores com poucos requisitos, carentes de erudição, acompanhado de incompreensão, que apenas fazem uso de chavões, além de outros. Essas dificuldades transformavam-se em empecilhos para uma leitura que visa contemplar na recepção, o efeito estético do texto. Em segundo lugar, é possível afirmar que a leitura de *Dom Casmurro* não seja apropriada para este público, que cultivava um gosto estético que não se afina com ele. Por fim, segundo Jauss, um leitor assim pode ser excluído da posição de público privilegiado para ser colocado na condição de um terceiro, de um primário que, frente a uma realidade de sentido estranho, precisa ele mesmo buscar as perguntas a lhe indicar para a qual visão de mundo e para qual dificuldade humana encontra-se voltada à questão da literatura.

5.4.2 As personagens de afeição

Inquiridos na entrevista em relação à questão: *Ao qual dos personagens da história você mais se afeioou? Por quê?*, os leitores encontraram em Bentinho uma vítima. Assim se manifestaram, ou porque são condescendentes com o sofredor, ou porque aceitaram a manipulação do narrador.

Núbia: O Bentinho também.

Orlando: Em geral eu gostei da atitude dele né, porque quando ele descobriu que a mulher, a Capitu traiu ele eu achei que ele fosse matá-la ou alguma coisa.

Pesquisador: E até ele tinha preparado veneno para se matar também

Quênia: É e no final ele mando ela para o...

Robson: Para a Suíça e largou lá, achei interessante essa atitude dele.

Sueli: Sei lá, diferente né, ninguém tem uma atitude assim.

Teodoro: Por que eu acho que se ele matasse ele, ele ficaria com a culpa depois.

De acordo com um princípio que rege a moral cristã, mesmo que o pecado não se concretize, basta a intenção para o pecador ser considerado culpado. Contudo, não é esse o entendimento do leitor que atribui mérito ao comportamento de Bentinho por ter poupado da morte de envenenamento a sua amada. Em outras palavras, a intenção de matar tornou-se fator de pequena importância, considerando que intentar sem concretizar a ação criminosa invalida a diligência. Impressionado com a atitude de Bentinho em relação à Capitu, ao que tudo indica, o leitor parece estar convencido de que ela tenha cometido adultério e que numa história trivial, com personagens comuns, a sorte de Capitu seria outra. Para todos os efeitos, resta a afeição e a admiração do leitor a Bentinho por ter retaliado ao delito da mulher amante meramente com o castigo do exílio na Suíça.

Capitu cai nas graças e na afeição do leitor moderno especialmente pela sua inteligência, esperteza e por ser uma mulher diferente das do seu imaginário.

Gabriel: Ela sabe dissimular, e sabe assim, como se nada tivesse acontecido né. Ela sabe:, Assim, manipular o que ela tava fazendo e, consegue entender bem essa parte.

Laís: Pela inteligência dela também...

Daniel: Ela tinha essa opinião diferente né, é que nem eu falei né, tipo, ela, só pelo fato assim, dela ter essa opinião tipo, de ser meio que fora da época dela né, dela pensar desse jeito, já dá aquele...

Eloísa: Já chama atenção né. Isso, nossa já, isso já, eu acho que é um, esse ponto do livro foi o que me chamou atenção. Agora você vai conversando, você vai entender né, um pouco melhor...

Capitu é caracterizada por ser dissimulada, manipuladora e de estar um tanto deslocada de seu tempo. Esse seu comportamento, longe de afastar o leitor dela, a faz ser admirada por ele. Essa fama foi plantada na narrativa pelo narrador e pela boca de José Dias, mas isso não constitui motivo para que leitor desgoste dela, ao contrário, a sua inteligência e esperteza se sobressaem, eclipsando tal imagem. Já a Capitu manipuladora supõe atitude, iniciativa, postura de quem é líder e tem opinião. Assim o aspecto manipulador assume, não mais o caráter pejorativo, recriando outro conceito da personagem e novamente para o agrado do leitor. E, por fim, a Capitu que estaria à frente de seu tempo, em consciência e atitude, a projeta como uma heroína quase inacessível, ilesa às vicissitudes. É essa mulher forte de

Machado de Assis, com a energia que a distingue, atrai a devoção do leitor, colocando-a em espaço privilegiado de seu afeto.

José Dias chama a tenção do leitor pelo seu envolvimento com a família de D. Glória e Bentinho, a sua capacidade de promover união, bem como a sua dedicação que o colocam na conta de quem seja digno de afeto. Apesar de ser uma personagem coadjuvante, aparece entre as preferências do leitor e também como querido por estar integrado à família, ao mesmo tempo em que mostra boa vontade em resolver as dificuldades que a aflige. Este comportamento, por mais singelo que pareça, comove os jovens, sensíveis ao valor da solidariedade.

Fábio: É. Então eu acho que eles eram bastante unidos ali. O José Dias apesar de ele não ser da família, ele era como se ele fosse exatamente por isso. Pela união; pelo envolvimento que ele tinha com o Bentinho com a mãe do Bentinho.

Gabriel: É. Dedicação pela família dele, entendeu? Não era a família dele, mas ele se dedicava bastante.

Sendo a família uma instituição de valor para os entrevistados, pode-se dizer que José Dias incorpora os elementos a garantir na família um espaço de aconchego, segurança e apoio. Por mais que o jovem se rebele, muitas vezes, com a imposição dos pais, pois anseiam por liberdade e autonomia, são os valores projetados na personagem de José Dias que dão estabilidade e tranquilidade para a vida a se firmar. José Dias é a personificação do esteio da família, o que garante um convívio sólido, maduro e saudável. Pessoa comum, mas a exercer liderança no meio em que vive, toma iniciativa, é sensível ao que se passa a sua volta, sem ser chefe de família, atua como se fosse, agregado apenas, mas sem ser inconveniente, zeloso, aberto a propor e acolher soluções. Por isso tudo, dificilmente Dias não seria aceito pelos jovens se não encontrassem nele, a cada passo, uma possibilidade e uma alternativa de solução diante das adversidades.

Enquanto Escobar tem a afeição dos alunos leitores pelo valor da amizade que o ligava a Bento desde o seminário, estendendo-se pela vida afora com o mesmo vínculo. Há até a complacência do leitor em relação à suposta vacilação do marido de Sancha, perdão que se concede porque a fidelidade ao amigo tem valor maior para este leitor.

Wollison: Óh, poderia ser o Escobar... Pensamento diferente; e o Escobar, porque assim, ele foi, foi quando ele conheceu o Dom Casmurro lá no seminário né. Seria um dos primeiros amigos dele né, e que mesmo depois do seminário continuou sendo amigo dele. Após o seminário ele teve essa relação maior com o Dom Casmurro, né. Aí eu acho que seria ele assim, sabe?! Esses dois, entre a Capitu e o Escobar.

Diego: Porque ele, na hora em que o Bentinho precisava ele tava sempre do lado, ele tava sempre apoiando ali. Tipo, ele (Escobar) nunca deixava de tá do lado. Mesmo ele fazendo as coisas erradas, sabe?! Não sendo tão amigo assim, mas ele sempre tava ali do lado, entendeu?! Sempre apoiando, então é isso.

Assim como o amor, a primeira amizade também não se esquece. Tal é a marca de Escobar pela ótica do leitor. Mas a fidelidade de sua amizade também é marcante para o estudante, pois passou-se o tempo, mudaram de lugar e de ocupação, nem assim a amizade cessou. Escobar era o apoio de Bentinho, eternamente presente, mesmo incorrendo em pecado, a sua fidelidade estava acima de qualquer escolha. Se nem Bentinho esboçou ódio por Escobar, o leitor o tem na condição de modelo de amigo. Entre as afeições do entrevistado, portanto, encontra-se Escobar, não um amigo, mas o amigo.

5.4.3 As personagens em suas relações

Em vista da questão: *No relacionamento dos personagens entre si nessa história o que foi mais interessante para você? Ou o que mais chamou sua atenção neles? E como você os percebeu resolvendo seus conflitos?*, os leitores consideraram as soluções encontradas por eles, assim como comentaram a sua percepção em relação ao comportamento das personagens em particular e conjuntamente.

Observados como cobaias, as personagens são vigiadas e avaliadas a cada passo. Assim, Bentinho com o seu drama inicial, o de desincumbir-se da missão e do destino de tornar-se sacerdote pela promessa da mãe, tem o olhar atento do leitor sobre ele na expectativa de saber qual seria a saída do filho da beata. Não vendo perspectiva para o problema se insistisse com a mãe, nem Bentinho, nem leitor acreditam na anistia por parte de Dona Glória. O menino então procura José Dias, espreitado pelo leitor que não viu solução, ao menos para o momento.

Felipe: É, tipo, mesmo que não resolvendo assim, o Bentinho foi um pouco esperto porque ele sabia que mesmo que ele falasse com a mãe dele, a mãe dele não ia acatar a ordem dele né? Aí ele tentou essa intervenção pelo José Dias né. Aí eu achei ele bem esperto assim, vou falar, só que daí não deu muito certo (risos) mas pela tentativa, assim, foi boa né?

Gabriela: Foi equilibrando né, deixando um pouco mais... menos aquele tom assim, você vai e cabô. Sabe?

O mérito de Bentinho está em buscar uma saída para as seus problemas, apelando para "padrinhos", enquanto não se encontra emancipado para tomar decisões diante de dificuldades, como é o caso da promessa, responsabilidade imputada pela mãe e da qual Bentinho tentava desincumbir-se. O leitor, de sua parte, observa com admiração as tentativas da personagem e a maneira de como procura resolver as suas adversidades. A arte literária com as personagens de suas narrativas, bem como a arte cênica e a atuação de seu elenco, possibilitam ao espectador um exercício de transposição da realidade ficcional para a realidade concreta em que se processa uma espécie de antevisão do espectador que, ao acompanhar a solução para os problemas das personagens, permite encontrar a saída para os próprios, ocorrendo aí novamente o processo catártico e emancipatório do receptor da obra de arte.

Há um estranhamento por parte do aluno, no excerto seguinte, em relação ao comportamento de Capitu, porquanto ela não realizava grandes esforços na intenção de defender-se. O leitor tem a impressão de Capitu não se dar conta da dimensão do sentimento do marido, ou ainda, se ela não se defendia, é porque, pela ótica do leitor, ela confessava a sua traição.

Sabrina: A Capitu, ela negava mas, parece que ela nem percebia que ele era tão ciumento assim também, ela falava mas só que eu não senti um exagero da parte dela falando não não, parece que ela falava, eu não traí você, não to te traindo, você não acredita em mim, tudo bem, é como se dá nada...

Teodoro: É, não fez muito esforço pra convencer ele, se ela realmente tivesse a vontade, ela ia ficar em cima dele, mas porque eles não aparecem muito juntos, parece ele fala mais dela, mas não tem um dialogo entre os dois assim, aquele dialogo amoroso tal, um casal, uma conversa, parece que tipo ele só fica falando dela e como ela foi que aconteceu, como se eles se encontrassem poucas vezes.

Vitória: Eu acho que sim, porque se ela não tivesse mesmo traído, pra mim ela traiu, então eu acho que ela se defenderia mais, ela teria mais convicção, ela ia tentar convencer ele.

O narrador conseguiu definitivamente cravar a dúvida na mente do leitor. Se não é suficiente a acusação de Capitu traidora por parte de Bentinho, todos os outros fatos: a aproximação de Capitu e Escobar, a suposta semelhança de Ezequiel com Escobar, por fim, a atitude silenciada e aparentemente conformada e inerte dela, convencem o leitor de sua culpa. Vale o ditado: "quem cala, consente". Com esta máxima o narrador de *Dom Casmurro* parece ter desestimulado o leitor a acreditar na inocência de Capitu. Talvez nesse particular haja um lapso entre a personalidade tão marcante de Capitu no início para uma Capitu entregue ao conformismo da acusação de Bentinho, dando brecha para se admitir que ela tenha traído de

fato. Se, portanto, Bentinho granjeou a admiração do leitor pela sua capacidade de transpor obstáculos, neste quesito Capitu teve a sua atuação reprovada por parte do leitor pela falta de habilidade em conseguir provar a sua inocência. A única forma de o leitor poder anular a cumplicidade de Capitu é dizer que ela, embora mais forte que Bentinho na constituição da personalidade, não tem vida própria, pois é manipulada pelo narrador, seu criador.

Se o narrador machadiano questiona, nessa narrativa, a educação e o comportamento dos pais que impunham a sua escolha em relação à profissão dos filhos, o leitor se enternece com a atitude de Dona Glória pelo fato de ela reconhecer que o filho, se não tivesse vocação para o sacerdócio e fosse infeliz com a sua imposição, deveria abrir mão do propósito, todavia era necessário procurar uma alternativa para compensar a promessa feita.

Wanderley: É o outro menino, é isso aí mesmo, e a mãe, foi legal, porque ela, ela não quis, ela queria a felicidade do filho, entendeu, mesmo não tendo cumprido a promessa religiosa ela sabia que tinha que cumprir, então ela, já que ela tinha desculpa, ela preferiu aceitar a desculpa e deixar o filho ser feliz, já que ela viu que o filho não queria mesmo ir no seminário, eu senti que ela tava sofrendo mesmo, porque ela, porque o filho, não ir.

Carolina: Olha, ela afetou a felicidade do filho, ela teve um sentimento, ela amava o filho, ela queria a felicidade do filho, mesmo sabendo que ela tinha que cumprir aquilo, ela amoleceu pelo filho, ela deixava o filho...

Ivonete: É, ela foi coerente porque ela queria a felicidade...

Promessas sejam cumpridas e justiça seja feita. Este é o parecer e a convicção do leitor. Os leitores, porém, divididos pela dificuldade imposta pela promessa de D. Glória e ao mesmo tempo em que deseja salvaguardar a felicidade do filho, estes leitores veem-se enternecidos com o comportamento da mãe a lutar angustiadamente pela possibilidade de livrar o filho do jugo sem ser infiel ao prometido. Resta ao leitor enaltecer a atitude de D. Glória pela escrupulosa coerência com que buscou solver o embaraço sem dar margem para equívocos.

5.4.4 A personagem pivô

Acerca da personagem indispensável para a história na pergunta: *Quem é o personagem envolvido na grande trama e causador dos maiores conflitos? Como ele lhe parece? Você agiria como ele? Por quê?*, os estudantes elegeram Bentinho, Capitu e Escobar como personagens articuladores e indispensáveis. Em relação a Bentinho ser o pivô, diversas

razões explicam a escolha pelo leitor: o ponto de vista na história é de Bento, não há a voz e a expressiva presença de Capitu senão por Bentinho, além do mais é Bento, junto da Capitu, a personagem principal.

Edson: Ele na estória faz parte do que é a vida dele. Então sem ele não teria estória.

Fábio: Porque ele começa a falar sobre a família; a casa; o lugar; como ele vivia antes de contar estória, casamento, seu filho. Tudo o que aconteceu.

Isadora: O Bentinho, porque ele que conta a historia, ele, só ele praticamente.

André: Dom Casmurro narra os acontecimentos de sua infância, as impressões do seminário, o retorno da vida familiar e o relacionamento com a Capitu. Quis recuperar a adolescência na velhice.

Helena: É, ela não se manifesta, é isso ai mesmo, ela praticamente não revela como ela é, você vê o que ela é pelo Bentinho.

Késia: Porque o ciúme dele, a historia praticamente se baseia nele, por um lado, porque ele que monta.

Jeniffer: Hum, o Bentinho, né, porque o próprio livro já tem o apelido que foi dado a ele, né, Dom Casmurro, então eu acho que ele que conduz a história do início ao fim. Sem ele não teria muito sentido, porque ele é o personagem principal, ele e a Capitu, certo?! Mas ele aparece mais que a Capitu na história. Eu achei isso. (risos)

O leitor está convencido de ser Bentinho a peça *sine qua non* da narrativa, pois além de sua atuação acumula o papel de narrador o que lhe faculta a manipulação das demais personagens de acordo com os seus caprichos. O aluno defende que o espaço onde se passam os fatos é o lugar de Bentinho, de sua família e dos amigos. A casa em que passa a maior parte dos acontecimentos iniciais é a de D. Glória, mãe de Bento. O seminário é o espaço de destaque para o cumprimento parcial da promessa da mãe em que Bentinho deveria ser padre. A casa, réplica da residência de Matacavalos, construída para lembrar o passado feliz, é idealizada pelo próprio Bentinho. Outros elementos ainda revelam a centralidade de Bentinho no conflito: a narrativa conta a história de Bentinho desde a sua infância até a casmurrice, prova disso é o início da história contada pelo próprio Dom Casmurro que não é outro senão o Bentinho velho, solitário e triste. Fica claro, portanto, que a história contada não é outra senão a das reminiscências de Bento e tudo isso para sustentar a tese do leitor de que ele seja inequivocamente o pivô da história.

Já há os que estão decididamente convencidos de que seja a Capitu a chave do conflito. Prova disso é que Bentinho começa a história falando de sua vizinha, a pequena Capitu. Ela teria despertado a atenção de Bentinho porque foi ela própria a se declarar

primeiro, despertando o amor dele e de quem se fez amada, e dela falou-se até a última página.

André: Eu acho que é o personagem mais focado no livro inteiro foi a Capitu né, ele fala dela desde a primeira página até o final, sabe assim, então foi o personagem que ele mais focou, que mais descreveu, mais falou dela, da personalidade dela, então a chave do livro por exemplo, sabe, que foi o que ele mais focou no livro inteiro, foi ela.

Carolina: Mesmo após a morte dela, ele cita ela no livro, até o final do livro, até a última página.

Alexandre: Acho que a Capitu porque se ela nem morasse perto deles, se ela nem fosse amiga do Bento... por ele ser meio fraco talvez ele nem tivesse pensado em sair do seminário... talvez ele poderia até ter saído mas não aconteceria tudo isso que aconteceu na vida dele... então acho que a Capitu é a pivô.

Núbia: Eu também acho que a Capitu, se ela não existisse não haveria tudo esse conflito, entre a mãe dele e a promessa, o seminário. Entre tudo. Não existiria tanta dificuldade em cumprir as coisas que a mãe dele impôs para ele.

Quênia: Porque ela que declarou o amor por ele, entendeu, ela que fez ser amada por ele, então, ela que despertou o amor dele, então se fosse outra, poderia não despertar, então ela é importante por ter despertado o amor e ter falado que ela ama ele e no começo da história feito aquele romance entre os dois, então os dois são importantes.

Se a Bentinho é atribuído o papel de agente causador e desencadeador do conflito porque a história é a de suas memórias, seria um paradoxo ignorar o agente provocador deste conflito que não é outro senão Capitu, razão de suas lembranças, de suas decisões, de seus afetos, de seus delírios, de seus empenhos enquanto não se acham outros motivos.

O leitor não dispensa a participação importante de Escobar e o inclui como personagem decisivo para o conflito. É Escobar que acompanha Bento em sua trajetória, mas também é cúmplice do drama de Bentinho pela suposta aproximação de Capitu. Além de tudo Ezequiel parece-se por demais com Escobar.

Heloísa: Porque ele ajuda o Bentinho a sair do seminário, e também ele é o suposto amante da Capitu.

José Alexandre: Por que a estória acontece com ele.

Isadora: Eu acho o Escobar muito importante também, sem ele não teria a suspeita de adultério, sem ele não teria esse... A estória se resumia depois da morte dele.

Se a história é a história de seus personagens, é preciso admitir com o leitor ser Escobar peça considerável no conflito já que ele é o terceiro no suposto triângulo amoroso e ao admitir a sua ausência, a trama efetivamente não teria a mesma excitação. E mesmo que o adultério seja apenas uma especulação ou suspeita, é necessário que haja um agente influenciador da especulação que possa desencadear o estado da suspeita, ou o estado de

espírito, a esperança ou os receios conforme a expectativa do leitor. Ainda assim, pode-se discordar do leitor, uma vez que a centralidade na atuação das personagens encontra-se em Bentinho e Capitu, pois Escobar funciona mais como elemento influenciador do que agente determinante da trama, o que não é essencial.

5.4.5 O espaço

Os espaços na narrativa machadiana não possuem nada de extraordinário, ao menos aparentemente. Os lugares que correspondem ao mundo social apresentam-se nada exóticos, mais ou menos ricos e geralmente urbanos como é o caso de *Dom Casmurro*. Do ponto de vista do número são frequentemente poucos entre dois ou três mais importantes e no contexto do romance em questão: a casa de Matacavalos, depois a sua réplica construída por Bento Santiago, o seminário e a casa dos Pádua. Quanto ao modo de construção não são nada detalhados, a não ser algum aspecto que chame a atenção a exemplo do busto de Massinissa, pintado na parede da casa de Bentinho e admirado por Ezequiel. Em relação à importância funcional, apresentam-se como meras molduras sem grande relevância para as personagens. É importante dizer que é a casa da mãe de Bentinho a ganhar maior relevância pelo espaço social pelo que representa. Mais significativo ainda, pois anos mais tarde Santiago constrói uma idêntica em razão do valor afetivo e dado ao apelo das lembranças do passado.

Os leitores, pouco valor observaram no espaço da narrativa ou porque pouco foi mostrado pelo narrador, limitaram-se a apontar algum sentido à casa de Dona Glória, mãe de Bentinho, onde revelou-se o convívio familiar e a relação com Capitu. Assim, fazem menção também ao seminário, espaço da clausura, considerado-o mais em virtude da amizade com Escobar. E os leitores lembram ainda da casa do próprio Escobar, do quintal dos Pádua e da cidade do Rio de Janeiro.

Inicialmente, o leitor do trecho que segue entende que o espaço não apresenta destaque na narrativa de *Dom Casmurro*, pois qualquer lugar apresentado seria apenas uma moldura para o cenário, um pano de fundo qualquer.

Pesquisador: Bem, quem pode me falar de um espaço, de algum lugar onde se passou essa estória. Vocês acham que é significativo, que acrescenta para essa estória, para essa trama?

Luiz: Você não presta muita atenção no ambiente, não tem muita importância.

Pesquisador: Você acha que isso é coisa do escritor mesmo, não dá muita importância.

Patrícia: Você sabe que é na casa, até porque ele descreve a casa, mas se fosse em outro lugar não iria mudar muita a estória. Não tem muita importância.

Pesquisador: Pano de fundo. Mas tem algum lugar que parece que é significativo para Bentinho?

Patrícia: A casa X, porque depois que ele vai embora daquela casa ele constrói uma igual, era o lugar que ele conheceu Capitu.

Pesquisador: Então você acha que esse espaço é significativo para Bentinho?

Patrícia: Ele fala que esta tentando atar as pontas da vida. Quando ele constrói a casa igual àquela que ele morava quando ele era pequeno.

Pesquisador: O que é isso "atar as pontas da vida"? Você pode desdobrar um pouco?

Patrícia: Ele já está adulto, não chegou à velhice, mas a melhor a parte da vida dele para ele, é quando ele era pequeno. Ele quer manter isso com ele, por isso ele faz uma casa igual, era como se fosse uma lembrança.

Seja porque o lugar não aparece notável na história ou porque o leitor não foi sensível bastante para observar algum sinal de importância nele, via de regra, não é no espaço que o narrador machadiano coloca o seu foco. Segundo relato de Lúcia Miguel Pereira (1988), esse foco o autor já não cultivou desde a sua adolescência de seus 13 ou 14 anos, quando ia para o trabalho numa barca no trajeto de São Cristóvão para o Cais Pharoux: "Mal se sentava, logo afundava na leitura, e assim ia e voltava, parecendo ignorar os que o cercavam, sem levantar os olhos do livro, indiferente aos obstáculos da viagem, à beleza da baía, às embarcações que encontravam. Era Machado de Assis". (PEREIRA, 1988, p. 45).

Se a exterioridade do espaço físico na narrativa machadiana não apresenta destaque enquanto lugar concreto da ação das personagens, é na questão afetiva que emerge o significado dele. Assim como as personagens de Machado, de caráter densamente psicológicas, também o espaço na narrativa manifesta a sua vida interior. Quando o leitor relata em seu texto que é "como se ele (Bentinho) tivesse sentindo falta de como era antes", isso revela o quanto o espaço é cúmplice de seus sentimentos, de suas emoções que ficaram no antigo lar e que mesmo tendo construído uma cópia da residência, nada traz de volta acerca do que viveu e sentiu em sua vida feliz de menino, enquanto tentava desvencilhar-se do seminário e envolvia-se nas tranças de Capitu.

Assim o leitor do trecho abaixo elege a casa da infância de Bentinho como um lugar de privilégio, pois aí é que se encontra o espaço da afetividade e da memória dos melhores

momentos de sua vida que, aliás, ele tenta recuperar a qualquer custo, a ponto de construir uma casa idêntica à de sua mãe.

Pesquisador: Nos já falamos que o espaço não é tão relevante, você viu algum lugar que chamou a atenção, algum espaço físico na história que foi significativo ou contribui para a história ser significativa?

Ana Luiza: A casa dele que ele cresceu o jeito da casa enfim aonde ele mora, e eu acho assim que foi importante que ele pegou o jeito da casa onde ele mora e fez mais pra frente tipo e eu acho que isso foi importante que como se ele quisesse lembrar como era antes tipo como ele tivesse sentindo falta de como era antes, e assim acho que tudo o que ele passou uma parte de como ele viveu antes ele era uma pessoa que ele admirava, antes de ter acontecido um monte de coisas ruins com ele. E ele tentou conectar tudo isso com o que depois que aconteceu.

Pesquisador: Que outro lugar que é interessante ou significativo também afetivamente?

Ana Luiza: A casa da mãe dele.

Pesquisador: A casa dos primeiros anos?

Ana Luiza: Sim, se ele não fosse visitar a Capitu, ele não teria conhecido ela, eles não teriam se apaixonado. Então a casa foi importante no aspecto de ele conhecer a Capitu e se apaixonar por ela.

Pesquisador: Foi fundamental. O que mais? / Bem, encerrando já esse aspecto dos personagens eu queria saber que espaço que lhe da nessa estória que tem importância que ajuda a contar a estória; que é significativo pra ajudar a contar a estória.

Ana Luiza: A casa, porque é a metade como um seminário. Foi muito importante porque é o foco da estória, né. Que é ele e o seminário, foi um lugar muito importante, e também tinha o melhor amigo dele.

Alguns leitores ainda apontam o seminário como lugar significativo graças à questão religiosa a cercar a vida da família de Bentinho e pelo fato de ele ter sido prometido a Deus pela mãe em gratidão por ter sobrevivido, pois o primeiro filho de Dona Glória pereceu. Em outro sentido, é porque no seminário nasceu a grande amizade entre Bentinho e Escobar. Além do seminário, o quintal da casa vizinha tem destaque porque é aí que se encontra o espaço do afeto descoberto e que foi crescendo enquanto nele brincavam.

Pesquisador: Eu queria saber um pouco dos lugares desta estória, algum lugar do convívio desses personagens que foi significativo, que ajudou a contar a estória?

Jhenifer: O seminário.

Pesquisador: Em que sentido você achou?

Jhenifer: Ele conheceu o Escobar lá, acho que se ele não tivesse conhecido o Escobar, a estória tomaria outro rumo. Então acho que o seminário foi um ponto importante.

Pesquisador: Além de o seminário ser um ponto de encontro, o que mais o seminário como um espaço traz um sentido aí para a estória?

Jhenifer: Eu acho que traz a religiosidade da mãe dele também, se a mãe dele não fosse tão religiosa não teria cumprido a promessa. Exemplo, hoje em dia é fácil fazer uma promessa e não cumprir, antigamente as pessoas tinham mais palavras, elas falavam e cumpriam. Hoje em dia não tem mais isso, então a questão da promessa da mãe dele, o seminário foi bastante contundente a isso. Ela prometeu e cumpriu, querendo ou não ela cumpriu.

Pesquisador: Alguém mais concorda que é o seminário?

Vanessa: O seminário foi o lugar que fez ele refletir um pouco sobre a vida dele, se ele queria aquele caminho que a mãe dele impôs na vida dele ou se ele queria ir atrás do sonho dele.

O seminário, em primeiro lugar, é o espaço do sagrado, mas também do refúgio e da privação. O lugar de cumprir a promessa, mesmo que fosse uma forma de mostrar boa vontade em realizá-la e assim não ofender a Deus. O espaço do refúgio não de Bentinho, mas para ele, pela vontade da mãe e de José Dias que o desejavam distante de Capitu responsável por comprometer a realização da promessa. O seminário, como espaço de privação, cumpria o papel de testar e experimentar se Bentinho teria ou não vocação para o sacerdócio. Nesse sentido, o leitor declara que no seminário Bentinho teria tido o tempo para a reflexão e por meio dela poder decidir o que ele realmente queria de sua vida: seguir com o destino prometido pela mãe e tornar-se sacerdote ou correr atrás do sonho e ficar com Capitu. De outra forma, o espaço do seminário também foi decisivo, pois lá encontrou Escobar. Se para o narrador este serviu como cúmplice no conflito, para Bentinho foi o grande e aficionado amigo.

O quintal da casa vizinha mesmo de caráter muito singelo, parece ser a medula da vivência afetiva na observação de outros leitores, como se verifica nos fragmentos a seguir.

Alessandra: O quintal da casa, porque foi ali que ele descobre que ele é apaixonado por ela, talvez se ele não descobrisse e ela não falasse.

Pesquisador: Esse quintal esse remete algumas vivencias vocês podem falar?

Alessandra: Acho que é um lugar sentimental para eles.

Pesquisador: Sentimental? Você pode dizer como é esse sentimento? Bom, gostoso ou exagerado?

Alessandra: Eu acho que é sentimento bom, porque fala o início da vida deles.

Pesquisador: Sim, que outro lugar poderia ser significativo.

O quintal da casa vizinha de Bentinho, ou seja, da residência de Capitu, era o espaço e o palco das primeiras emoções: do rabisco dos seus nomes no muro, das tranças de Capitu, uma amarrada à outra, "daquela criatura de catorze anos, alta, forte e cheia, apertada em um vestido de chita, meio desbotado" (...) "Morena, olhos claros e grandes, nariz reto e comprido, tinha a boca fina e o queixo largo" (...) "Calçava sapatos de duraque, rasos e velhos, a que ela mesma dera alguns pontos" (ASSIS, 2008, p. 944). A descrição de Capitu comprova o que o leitor trata em seu depoimento ao dizer que foi no quintal que se iniciou o romance dos adolescentes. Isto é, a observação atenta de Bentinho a perceber cada passo de Capitu, cada detalhe de seu corpo e sua indumentária, bem como a declaração de Capitu ao escrever no muro os nomes dos dois - "Bento Capitolina" - e correndo para apagá-los para acender o fogo da curiosidade de Bentinho.

No excerto a seguir, outros espaços acabaram revelando-se expressivos pela ótica dos leitores: a cidade do Rio de Janeiro, terra de Machado de Assis e palco de suas histórias, além da casa de Escobar, justificado pelo leitor por ser a do maior amigo de Bentinho.

Pesquisador: Quem mais quer dizer sobre esse espaço, ou algum outro lugar.

Jéssica: Eu acho que o Rio de Janeiro inteiro, cada lugar aconteceu uma coisa diferente, e eu gostei dessa troca de cenário assim, sabe? E por conhecer alguns lugares que são citados lá; algumas ruas e coisas assim, tipo algumas das casas que a mãe dele tinha alugado. Alguns dos lugares eu já fui. Então pra mim é muito legal pensar que ele escreveu aqueles lugares, pra mim todo livro é muito legal.

A menção de espaços na cidade do Rio de Janeiro na narrativa tem importância para o leitor porque este também os conheceu e visitou. Daí o seu entusiasmo, pois quando se está no campo da ficção e, ao mesmo tempo verifica-se ter ocupado e experimentado um espaço em que o herói também passou, é maior a emoção do espectador. Os espaços das narrativas de Machado são reais, são, de fato, lugares da cidade do Rio. O leitor redobrou, portanto, a sua emoção ao ler *Dom Casmurro*, em vista da experiência real com os lugares aludidos na narrativa.

5.4.6 O tempo/época

Assim como o espaço, o tempo da narrativa em relação aos modos pode ser estruturado conforme alguns eixos essenciais, de acordo com REUTER (2007, p. 56 - 57). Nesta perspectiva, *Dom Casmurro* é uma narrativa que se apresenta com o cenário seguinte:

uma família ou a um grupo como é o caso da família de Bentinho e de seus relacionamentos seja de amizade ou de afetos. O modo de construção do tempo da narrativa machadiana é identificável, embora inverta-se a ordem, pois começa pelos anos finais da vida do protagonista. No que diz respeito à importância funcional, se não é sinalizado cronologicamente, segue, após a inversão inicial, um curso linear.

Quanto às funções do tempo, as suas indicações cooperam, primeiramente, para fixar a história de maneira realista. Nesse sentido, os eventos ocorrem de modo preciso e harmonioso com a ordem universal, dando a impressão de que funcionam como se estivessem fora do romance para resultarem como efeito de acontecimento real.

Em outro sentido, as indicações temporais da narrativa determinam a orientação temática. O texto machadiano caracteriza-se por ser romance psicológico e a sua orientação se pauta pelas reminiscências da infância e adolescência da personagem protagonista e narrador. No mais, o conflito e a sua temática, estão ligados fundamentalmente ao tempo, implacável e cruel, que não possibilita mais o retorno e nem traz de volta a experiência vivida pela personagem.

Em *Dom Casmurro* as indicações temporais também assumem funções narrativas. Assim, os espaços, mesmo que escassos e ainda que pouco valorizados pelo narrador, contribuem para a construção do conflito, especialmente por tratar-se de memórias, pois lugares evocam lembranças. Além dos lugares, a narrativa distingue grupos de personagens (os familiares, os amigos, o clero, o imperador), que imprimem realidade à narrativa, e inserem-na na coisa temporal porque são depositárias de experiências, conhecimentos e maturidades distintas, considerando o tempo de existência e as etapas de vida pelas quais são marcadas.

Em relação ao que o leitor de *Dom casmurro* viu relativamente ao tempo ou à época, revelam-se diferentes temáticas percebidas com um olhar *de túnel do tempo*, ou seja, ele observa o comportamento social do século XIX comparando-o com o de hoje; observa o leitor muitas vezes, entre surpreso e estupefato, o modo de vida das pessoas e a maneira de pensar daquela época na comparação com a realidade dos dias atuais. Entre os temas de maior relevância citados pelos alunos, merecem ser referidos os seguintes: "não tinham muita liberdade no século XIX"; "a igreja era bem forte"; "havia muitos escravos no livro"; "a relação entre marido e mulher"; "a escolha da profissão entre os jovens"; "a forma de comunicação era diferente".

O leitor declara na entrevista que observa no século XIX tempos muito diferenciados dos atuais, considerando o uso da indumentária, da linguagem e apontando a igreja católica

como detentora da moral e determinando o comportamento social daquela época, tempos da produção de *Dom Casmurro*.

Pesquisador: Bem, você já ficou impressionado desde o início com a coisa do tempo, o tempo, a gente pode considerar aqui quanto tempo durou isso, queria me referir primeiramente ao termo a época, queria que você falasse um pouco mais sobre esse tempo que se refere, do jeito deles viverem, aquela época.

André: Aquela época era bem diferente de hoje, diferente de tudo, do jeito de se vestir, do jeito de falar, na linguagem enfim, por exemplo assim também a igreja católica, parecia que a igreja católica tinha mais poder assim sobre as pessoas, então era um tempo que acho que as pessoas, elas não tinham muita liberdade pra serem quem elas querem ser, aquilo que realmente fariam elas felizes assim, seguiam as ordens da igreja, seguiam as ordens da família, então as pessoa sempre viviam fechadas assim mesmo, elas poderiam se abrir, não importa pra quem sabe, tanto que elas pudessem, sempre lá no fundo elas seriam fechadas, elas não poderiam ter total liberdade de fazer o que elas querem.

A liberdade do homem brasileiro era comprometida, segundo o leitor, em vista da imposição das instituições como a da família e a da igreja. A imposição da moral por estas entidades sufocava a real manifestação da vontade das pessoas para fazerem suas escolhas e viverem plenamente. Se era autoritária a família e a igreja, também o era a escola, o governo entre outras esferas sociais, pois era com base no exercício da autoridade que se poderia manter a ordem e o progresso no entendimento daquele grupo social. Para o atual leitor machadiano, aquela sociedade apresenta-se bastante distinta da dos dias atuais. Daí a leitura literária fez o leitor perceber de que as sociedades alteram historicamente os seus costumes e seu modo de pensar nas diferentes épocas.

Pesquisador: Então esse valor da igreja, da religião era muito forte?

Antônio: Era, esse valor da igreja, era um valor que praticamente todas as famílias tinham, como um, aí depois com o passar do tempo, esse valor ainda continuou nas famílias, mas esse valor foi ficando mais fraco, porque as pessoas assim, eu acho que elas têm que ser feliz assim, não importa o que elas façam, tem que ser feliz, elas não podem por exemplo, fingir ser uma pessoas que elas não são pra fazer a sociedade feliz, e naquele tempo era praticamente assim, elas faziam uma coisa que elas não queriam, mas que iria fazer a família feliz, ia fazer por exemplo o padre da igreja feliz, os vizinhos felizes, sabe assim.

Pesquisador: Certo, a mentalidade mudou?

Antônio: Aham, a mentalidade mudou muito, as pessoas cresceram assim.

Pesquisador: E com relação aos assuntos que discutiam, os assuntos são os mesmos né, fala de religião, fala de política, fala de família, é como é que você percebe essa diferença, da época e hoje?

Antônio: Eu acho que naquela época uma família assim, as pessoas falavam mais assim, elas se expunham mais assim pra família, e hoje assim é uma coisa muito mais fechada por exemplo em casa, em casa eu quase não converso com o meu pai e a minha mãe assim, fico mais no meu quarto por exemplo, meu irmão fica mais no quarto dele brincando, minha mãe fica assistindo uma televisão na sala com meu pai, então assim, antigamente as pessoas conversavam mais, as famílias tinham

mais relacionamento do que tem hoje sabe, hoje as pessoas são mais fechadas, assim as famílias.

Em vista dos comentários dos alunos em seus textos, observa-se a sua compreensão de sociedade e de mundo diante da leitura da obra. Com relação ao comentário do leitor: "elas faziam uma coisa que elas não queriam, mas que iria fazer a família feliz, ia fazer por exemplo o padre da igreja feliz, os vizinhos felizes", diante disso, a impressão é de que o indivíduo seria o último da face da terra a ter direito à realização para realizar o desejo dos outros, ou seja, o indivíduo vivia em função da aspiração do imaginário social, sacrificando o desejo pessoal. Se é possível fazer uma leitura do que está implícito neste discurso pode-se concluir que, primeiramente, o regime de ascese que a igreja católica assimilou da cultura grega, pode estar no pano de fundo desse comportamento e dessa moral que contempla o plano espiritual em detrimento da vida pessoal e terrena. Consequentemente é essa moral também criticada pelos literatos realistas do século XIX que denunciam a hipocrisia de relacionamentos conjugais de fachada que procuravam evitar comentários ou escândalos na sociedade e assim conviviam no desacerto.

Pesquisador: Você acha que a religião era assim meio uma imposição?

Luana: Assim, não uma imposição, tem que rever os fatos da imposição, tem coisas que eu acredito que seja verdade, mas tem coisas que eu acho assim meio absurdas, deixa eu te dar um exemplo, não sei se você já leu a bíblia por exemplo, na bíblia fala coisas que as pessoas nem sigam mais assim, por exemplo assim, uma mulher em fase de menstruação tinha que ficar numa sala sozinha e quem tocar nela vai ficar impuro por exemplo, pode ser que muito tempo atrás, mas muito tempo atrás, uma parte que não é do livro, isso era seguido, mas agora isso não é seguido entendeu, mas as pessoas, a gente não sabe quando uma pessoa tá ou não tá, uma mulher assim, e ninguém mais discutia sabe assim, acho que isso não é verdade sabe assim, eu acho que uma mulher não vai ficar impura por causa disso, se alguém tocar nela por exemplo.

Os comentários no fragmento acima e especialmente no trecho a seguir: "uma mulher em fase de menstruação tinha que ficar numa sala sozinha e quem tocar nela vai ficar impuro por exemplo, pode ser que muito tempo atrás, mas muito tempo atrás, uma parte que não é do livro", o aluno alude a um intertexto de ordem bíblica que remete a crenças em torno da imagem criada acerca da mulher na cultura judaico-cristã. Este exemplo é dado pelo leitor para sustentar o argumento de que a mentalidade se altera de tempos em tempos. Assim, as leituras de cunho religioso realizadas pelo leitor, acrescente-se as literárias, contribuem para observar essas diferenças ao longo da história.

Pesquisador: Você acha que a religião era assim meio uma imposição?

Luana: Assim, não uma imposição, tem que rever os fatos da imposição, tem coisas que eu acredito que seja verdade, mas tem coisas que eu acho assim meio absurdas, deixa eu te dar um exemplo, não sei se você já leu a bíblia por exemplo, na bíblia fala coisas que as pessoas nem sigam mais assim, por exemplo assim, uma mulher em fase de menstruação tinha que ficar numa sala sozinha e quem tocar nela vai ficar impuro por exemplo, pode ser que muito tempo atrás, mas muito tempo atrás, uma parte que não é do livro, isso era seguido, mas agora isso não é seguido entendeu, mas as pessoas, a gente não sabe quando uma pessoa tá ou não tá, uma mulher assim, e ninguém mais discutia sabe assim, acho que isso não é verdade sabe assim, eu acho que uma mulher não vai ficar impura por causa disso, se alguém tocar nela por exemplo.

O outro trecho dos leitores nesta temática: "antigamente as pessoas conversavam mais, as famílias tinham mais relacionamento do que tem hoje sabe, hoje as pessoas são mais fechadas", indica que o jovem percebeu na história lida de que o comportamento das pessoas mudou inclusive na relação familiar, já que se dialogava mais, segundo eles, nos idos do século XIX. Se a intromissão da tecnologia como a TV e os aparelhos celulares entre outras mídias dão a impressão aos leitores de que a comunicação está comprometida nos tempos modernos, eles também desconhecem o contexto do século XIX em que o adulto, se por um lado tratava a crianças com os cuidados básicos como a alimentação e saúde, a relação de diálogo certamente era muito distinta dos dias de hoje. A criança era vista como um pequeno adulto. Basta observar o fenômeno na tela de *Las Meninas* de Velazques para comprovar tal mentalidade. E embora fossem pequenos adultos, as crianças não tinham voz nem vez na sociedade. Se, contudo, a comunicação encontra-se comprometida aos olhos dos leitores ao ler o texto machadiano, eles também entendem que a geração contemporânea é privilegiadamente mais livre ao comparar-se a séculos anteriores.

Pesquisador: [era mais pelo gosto] Você acha que esse comportamento era uma pressão, não só pelo o que fazer na vida; ser Padre; ser um advogado; ser um marido assim ou assado. Você acha que existia pressão?

Ana Carolina: Era muita pressão de ser a família perfeita, de pessoas perfeitas, não sei. Eu acho que existia muito essa pressão que hoje em dia não tem mais. hoje é mais livre, posso fazer o que eu quiser, posso casar com quem eu quiser, eu acho que existia muito mais pressão antes.

A escravidão, embora discretamente abordada na obra, é observada pelo leitor. A sua constatação, porém, se dá sob dois aspectos: por um lado ele a percebe leniente, uma vez que o tratamento uns com os outros acontece de forma amistosa e respeitosa. Por outro lado, não é concebível ao leitor deparar-se com um negro escravo a servi-lo como senhor.

Pesquisador: Você falou da escravidão?

Isabela: Então tem muitos escravos no livro, é muito / é uma realidade muito diferente, porque ele coloca "ah apareceu um preto" e depois ele fala "hum, e aí" é

muito engraçado os que participam da estória em relação ao Bentinho são muito respeitosos e carinhosos com ele, não é uma relação de chicote, eles são muito carinhosos. Eu não consigo imaginar; pensar em uma época que eu vou sair e vai ter um negro ali na saída me esperando com um caldo ali pra levar pra casa. É um absurdo.

A escravidão era um dos assuntos a afligir profundamente Machado de Assis, pois era neto de escravos e ainda que fosse branco, o seu caráter não lhe permitiria ignorar os fatos ou entender que isso fosse natural como a ideologia da elite branca desejava. Assis Duarte (DUARTE apud BERNARDO, 2010) destaca no binômio nacional/universal, reiterada crítica a Machado de Assis, sem apagar o selo tão importante quanto que é a do autor. É importante lembrar, de onde veio, por onde passou e onde chegou, considerando o homem de imprensa que foi, ser mulato no século XIX, descendente de escravos, embora nascido livre, porém pobre, para se fazer aceito na cidade letrada. Este é o viés de uma cosmovisão não-racista e não-branca. E é também por ele que Machado de Assis se distancia do projeto de construção de uma identidade nacional, uma das bases da estética romântica brasileira, assim como não comunga da literatura de José de Alencar, Joaquim Manuel de Macedo ou Bernardo Guimarães que carrega um abolicionismo benevolente, preconceituoso e arianista, como demonstra Heloísa Toller Gomes (1994). Não é à toa que Machado de Assis se fizesse cético quando se produzia uma literatura que, além do mais, rebaixava negros e mulatos a entes de segunda categoria.

No contexto social do século XIX, o leitor aponta a questão da relação entre os casais que mudou daqueles tempos para a contemporaneidade. O leitor se refere especialmente ao machismo tão presente pelo fato de o "homem mandar na mulher", o que era habitual daquela sociedade, também de acordo com a impressão do aluno.

Pesquisador: Foi justamente nessa época da abolição, da discussão a abolição. Além dessa aproximação, pelos dados que tem no livro, quem poderia falar de como é diferente o que vocês notaram de diferente entre hoje e daquela época. Quem se surpreendeu com isso, como é diferente isso. Como eles faziam? Como eles pensavam?

João Vitor: A relação deles, de mandar na esposa, hoje não tem mais esse negócio de mandar na mulher.

Pesquisador: Você acha que a mulher hoje tem mais voz? Você acha que hoje as coisas são mais na base do diálogo, como você defendeu?

Renan: É muito diferente hoje a relação entre marido e mulher em relação a aquela época.

Um sinal de reticência da participação da vida social da mulher era o seu confinamento em casa. O seu isolamento e exclusão do convívio com hóspedes e visitantes se

dava ainda no início do século XIX. Flandrin (FLANDRIN apud COSTA, 1979, p. 101) faz referência a acontecimentos semelhantes a camponeses franceses de Auvergne, no século XIX com a explicação de que as mulheres eram consideradas “espécie inferior”. Shorter (SHORTER apud COSTA, 1979, p. 101) também relata que em Deux-Sèvres as mulheres “não se sentavam à mesa com os maridos”. E Jura (1979) diz que “elas se retiravam dos locais em que se encontravam pessoas estranhas” (JURA apud COSTA, 1979, p. 101). Este autor também acredita ser a divisão rígida do trabalho, ou seja, o homem fora e a mulher no interior da casa e mais a ausência de afeição entre o casal, aliada a um casamento por razão e não por afeto, as causas naturais do fenômeno.

Muito diferente de hoje é a escolha da profissão por parte do jovem, segundo o leitor, ao inferir acerca da problemática de Bentinho que, se não fosse sacerdote deveria fazer o curso de direito, por escolha da família ou do agregado, jamais dele.

Pesquisador: Você pode me dizer um pouquinho do que você notou desta diferença? Os assuntos discutidos naquela época. O que se discutia lá hoje se discute diferente ou não se discute?

Allan: A relação.

Pesquisador: A relação de marido e mulher, por exemplo?

Allan: Sim.

Alline: Eu acho que José Dias falava que Bentinho, que Bentinho falava que não queria ser Padre, e José Dias queria que ele fizesse Direito e tal que era uma coisa de profissão mesmo né. Hoje não tem mais isso né, você faz Direito, mas porque Direito era importante? É uma coisa que pode escolher mesmo e Bentinho era pressionado, ou ele era padre ou ele fazia direito. ele não podia escolher...

Este tema novamente surpreende o leitor, visto que nos tempos modernos, por mais que os pais ou responsáveis orientem os filhos na escolha da profissão, de modo geral, a decisão passa pelo desejo do jovem. Nessa perspectiva, muitas universidades promovem feiras dos cursos que oferecem com o intuito, obviamente de divulgar os produtos oferecidos, mas proporcionam, simultaneamente, uma compreensão panorâmica da formação a ser dada pela instituição de ensino ao candidato. A subserviência do jovem ao alvitre do adulto, nos tempos passados, remete ao mesmo contexto da questão do autoritarismo discutido no item acima, bem como está ligada à submissão da mulher igualmente debatida em outro trecho deste texto. A narrativa de Machado de Assis, portanto, é reveladora, pelo olhar do participante da pesquisa, de uma mudança de perspectiva na contemporaneidade em que se tira o elemento masculino da centralidade ou do pedestal, para democratizar a relação entre o

elemento masculino e o feminino, bem como entre o adulto e a criança (inclua-se o adolescente e o jovem).

A aluna Nassíria acha-se por demais admirada com a comunicação por meio de carta, mencionada no livro. E como se a sua avó fosse anterior a Machado de Assis, ela declara: "só a minha avó escrevia cartas!" E para reafirmar o espanto declara que a comunicação moderna se dá é por e-mail.

Pesquisador: Lá no século 19. Já faz bastante tempo. Que outra coisa que você viu de diferente nesta época?

Nassíria: A forma de comunicação.

Pesquisador: O que, por exemplo?

Nassíria: Escrever com carta (risos) imagine.

Pesquisador: Sei. As pessoas mal conhecem cartas hoje em dia. Só os mais velhos. Por que você ri dessa coisa de cartas?

Nassíria: Só a minha avó escrevia cartas.

Pesquisador: Ah é? Você achava engraçado isso?

Nassíria: Não, mais só minha avó escrevia cartas, ela é bem velhinha. Hoje em dia é só e-mail. É bem difícil se comunicar com cartas.

Pesquisador: Sei, a comunicação é muito diferente né. O que mais assim você notou além da comunicação, de ser diferente naquela época?

Nassíria: Os estudos, por exemplo, ele foi estudar direito, ele não foi estudar outro tipo de coisa. Tipo: publicidade.

Pesquisador: Por que você acha que (+) ele só estudou Direito, não estudou outra coisa?

Nassíria: Acho que não tinha muitos cursos, só tinha Direito, Medicina. Tradicionais.

Pesquisador: Certo. É / Mais alguma coisa que lhe chamou a atenção naquela época?

Nassíria: O modo de agir das pessoas.

Pesquisador: Modo de agir. Como assim o modo de agir?

Nassíria: As mulheres ficavam mais em casa; não saíam para trabalhar.

Pesquisador: Sei. Me fala um pouco mais sobre o que você falou das mulheres.

Nassíria: O fato de elas serem mais submissas aos maridos; ter que ter marido, se não fica solteirona.

Em relação à estupefação diante do recurso das cartas como meio de comunicação a leitora não poupa comentários de que cartas eram coisas da avó e sendo a avó já velhinha, portanto, isso seria uma coisa do passado. Ora, os que não experimentaram, não têm ideia de quanto uma carta trazia emoção quando depois de dias se recebia uma como resposta, na qual

vinham redigidas palavras de letras tremidas e caras como as seguintes: "Querido Pedro. Estou escrevendo esta a você para dizer o quanto você me faz falta. Não vejo a hora de você voltar para casa e a gente poder conversar... Sua mãe, Camila". Ora, os meios atuais de comunicação, a exemplo do e-mail ou *facebook*, são muito mais eficientes e cercados de recursos, porém são efêmeros, não são capazes de alimentar, com a espera, um sentimento amargosamente gostoso de um amor ausente. Talvez Fernando Pessoa, ao assimilar o espírito da modernidade, pelos meios inovadores de comunicação, tenha dito num lamento que: "todas as cartas de amor são ridículas" (PESSOA:Álvaro de Campos, 21/10/1935). Se a presença das cartas causou à leitora um efeito de estranhamento por se tratar de um suporte de comunicação superado, ela certamente ignora a comoção que uma simples carta pode despertar desde a sua espera, a busca no correio até a expectativa em abri-la.

5.4.7 Narrador

O narrador de *Dom Casmurro* conta e evoca o mundo, mas também, na função da direção, organiza a narrativa em que alterna narração, descrição e as falas das personagens.

Nos fragmentos seguintes, os alunos falam de Bentinho narrador como alguém que age de modo a emitir juízos. No primeiro trecho ele faz um autojulgamento, com escrúpulo dostoevskiano, ou seja, o próprio Bentinho recrimina-se por ter-se regozijado ao imaginar a mãe morta e com sua morte tirar proveito da situação, já que a promessa da mãe em fazê-lo padre anulava-se com a morte dela. No segundo excerto o julgamento pode vir do leitor, daí a personagem dar justificativas a esse leitor. E, por fim, o julgamento parte do narrador que procura julgar a personagem Capitu, naturalmente transformando-a em vilã.

Pesquisador: O que você pensa do narrador aqui o narrador é o próprio protagonista o Bentinho o que você pensa dele? Você já falou um pouquinho de que ele tem vantagem sobre os outros porque ele conta o lado dele né, mas o que mais você poderia dizer desse narrador?

Alexandre: É porém quando ele tá indo na rua pra casa dele e ele tá doente e ele imagina que a mãe dele podia ter morrido e por um segundo ele fica feliz por não ter mais que ir pro seminário e ele fala isso mas depois começa se justificar o quanto ele se sentiu mal por isso, ele não quer que a gente pensa que ele é uma pessoa ruim que a gente se preocupe.

Pesquisador: sim o que acha que o narrador vê e pensa do leitor como ele se refere ao leitor?

Alexandre: Ele considera como se o leitor fosse, como se ele estivesse escrevendo um diário ele conta bastante sobre os sentimentos dele, ele quer divulgar a historia dele ele quer falar o que aconteceu ele se acha importante diferente, e o leitor, ele se preocupa com que o leitor pensa dele... porque se justifica.

Pesquisador: E quando ele olha para o leitor, o que ele espera do leitor.

Ana Carolina: Ele é como se fosse o juiz, e tenta te convencer sobre o culpado.

A percepção dos leitores acha-se de acordo a função avaliativa da teoria literária que se revela quando o narrador manifesta algum julgamento sobre as personagens. Depreende-se da observação dos estudantes que o narrador em *Dom Casmurro* de fato faz valer a função avaliativa em diferentes circunstâncias, seja fazendo o *mea culpa*, isto é, julgando a si mesmo, ora julgando as demais personagens ora julgando o leitor ou ainda entendendo que o leitor o faça em relação ao narrador.

O outro momento da exposição dos alunos remete à análise da narrativa pela presença da função comunicativa em que o narrador dirige-se ao leitor no sentido de manter contato e agir sobre ele. Interação é a palavra chave do que trata o leitor no trecho abaixo. Ele entende que o narrador provoque o leitor para a continuidade da leitura. Esse leitor diz-se satisfeito nesta condição, pois achou muito boa a leitura também graças ao comportamento de interação provocado pelo narrador. Em vista disso o aluno cita o vocativo utilizado pelo narrador: “querida leitora”.

Débora: Eu adorei porque ele interage com o leitor, ele sempre chama o leitor de “querida leitora”...

O diálogo com o leitor é uma prática comum do escritor Machado de Assis, aliás herdada indiretamente do escritor inglês Stern e diretamente do português Almeida Garret que utilizava a forma livre que se concretizou na função comunicativa que se assenta entre narrador e leitor. A outra função do narrador na análise da narrativa define-se como a explicativa, que consiste em dar ao leitor alguma informação para compreender o que se vai passar e é indicada pelos leitores já acima mencionado ao citarem o fragmento de *Dom Casmurro*: “olha eu sei que está tomando um rumo muito trágico na minha estória”. Este é mais um exemplo da forma livre utilizada por Machado no intuito de dialogar com o leitor, promovendo interação. Quanto à ironia, empregada largamente pelo narrador machadiano, é outra influência do senso de humor de Stern, trazendo harmonia a sua desiludida filosofia de vida. A abordagem das funções avaliativa, comunicativa e explicativa, bem como a adoção do humor na narrativa machadiana permite atribuir à percepção do leitor de *Dom Casmurro* um olhar atento e criterioso, embora tenha recebido e comentado o texto de forma modesta e espontânea.

De outro modo, um dos entrevistados menciona um trecho guardado da leitura em que o narrador dirige-se ao leitor para dar-lhe explicações acerca da direção que a história tomaria, conforme mencionado acima.

Pesquisador: Você gosta dessa coisa?

Andréa: Eu adorei porque ele interage com o leitor, ele sempre chama o leitor de “querida leitora” e ele fala assim: “olha eu sei que esta tomando um rumo muito trágico na minha estória”. Então é muito legal e você olha tem um capítulo falando de você é engraçado um capítulo só pra você.

Pesquisador: Ele conversa com o leitor?

Andréa: Acho que ele dá valor ao leitor, ele está referindo leitor como se fosse um amigo, ele estava contando para mim o que eu estava acontecendo naquela vida dele, mas ao mesmo tempo ele explica de uma forma irônica o que estava acontecendo. Eu achei muito engraçado, não sei por que, mas achei engraçada a forma irônica dele falar.

Pesquisador: Apesar de ter desgraças, você viu graça em o que exatamente?

Andréa: Sim, a forma como ele era irônico a forma que ele coloca. Engraçado que tem um seriado que foi feito do livro dele, e os dois tem muito dessa ironia. O seriado tem muita essa ironia.

Pesquisador: Você achou engraçado porque ele não levou a sério?

Andréa: Eu gosto muito de livro que tem pessoas irônicas. A maioria que me atraem, as pessoas é irônica, o narrador ou um amigo; alguma coisa assim, a ironia eu gosto muito.

Andréa: Na verdade assim, eu estava levando a sério aí ele falava alguma coisa irônica; engraçada que me fazia rir.

Nesse sentido ainda, os entrevistados dos quatro trechos finais deste item comentam a comunicação estabelecida pelo narrador por fazê-lo de um modo engraçado e utilizando frequentemente a ironia, o que é de grande agrado dos leitores. Os alunos apreciam a interação promovida pelo narrador que ganha o leitor pelo humor que faz.

5.4.8 Verossimilhança

Os alunos leitores, em sua maioria, veem a história como verossímil. O que sustenta as suas afirmações é apontado por eles por meio dos seguintes tópicos: os eventos são de tal forma narrados que muito se parecem com o mundo moderno, ou melhor, o escritor parece prever o que ocorre na contemporaneidade; Convence ainda outro leitor o episódio no qual

Bentinho deseja matar o filho ao colocar veneno no café, impressiona a realidade com que o fato é descrito que leva esse leitor a crer que isso efetivamente aconteceu. Por fim, o depoimento do último leitor é reconhecidamente pela aceitação da verossimilhança da narrativa, pois os diversos tipos sociais caricatos estão presentes: adolescente rebelde, esposa infiel, amigo traidor, mãe superprotetora.

Pesquisador: Você achou essa história é verossímil? Quer dizer, ela realmente podia ter acontecido na realidade, ou você achou meio fora?

Flávia: Eu acho que, ela já aconteceu com várias pessoas assim, né já deve ter acontecido, porque nossa, ela tem uma identificação com o mundo moderno, sabe, que é fora de época, sabe?! E você pensa assim, o cara que escreveu essa história faz muito tempo já, e como que ele sabia que hoje o mundo moderno ia tar desse jeito? Parece que ele tinha, ele teve uma breve visão do futuro assim, porque foi, eu acho que tá muito parecido com o que acontece hoje em dia, sabe, com os casais. Foi uma história assim, que deixa você fascinado pra continuar lendo tudo. Foi bem interessante. (risos)

A constatação dos leitores é de que a obra de Machado de Assis, mesmo escrita há muito tempo, parece-lhes tão atual a ponto de acreditarem de que houve uma previsão do autor em relação a descrição dos eventos como se ocorressem no momento presente. O tempo/época na narrativa implica em fator essencial para o seu caráter verossímil, pois esta se constrói pela coerência dos fatos em relação ao seu contexto.

Para responder à admiração do leitor, pode-se dizer que o autor obedeceu à lógica dos fatos dentro do referido contexto, somado ao fator de sua excepcional aptidão em imprimir no papel a realidade a parecer irremediavelmente incontestável.

*Pesquisador: Parece que está acontecendo de verdade.
Cleide: Aham*

Pesquisador: Você pode dizer alguma situação que pareceu muito real? Alguma coisa que fosse indiscreta?

Cleide: Na parte que ele ta com o café com veneno... e ele quer dar para o filho dele ou ir tomar e desiste de tudo, essa parte eu achei bem, bem real, e os sentimentos, como ele descreve os sentimentos parece ser bem real também.

O episódio da tentativa de envenenamento do filho por Bentinho cabe como detalhe, sem muita utilidade narrativa para mascarar a realidade, mas se concretiza em efeito relevante para passar a impressão de que os fatos acontecem na realidade. E no trecho a seguir o leitor admite a verossimilhança presente no texto de Machado em vista da realidade com que o narrador apresenta os mais diversos estereótipos tão familiares e atuais na sociedade.

Pesquisador: Então, ele te convenceu? A história... (interrompido)

Cláudia: Sim, bastante.

Pesquisador: As coisas que... (interrompido)

Cláudia: Tipo, tudo convenceu que hoje tem aquele, é: aquela visão do adolescente que é rebelde, certo?! tem a visão da esposa infiel; do marido que só busca a mulher, a melhora da família; do amigo que é traidor; tem tudo isso. a mãe que é super-protetora, certo?!

Pesquisador: Você achou que ele caracterizou direitinho cada um?

Cláudia: Direitinho, todos com tudo. Com o que a sociedade dá como, é:, uma visão prévia do que na verdade as pessoas são, sabe?!

Diante do exposto pelo leitor em seu texto, observa-se que a história machadiana, ao invés de heróis, traz seres comuns. Ao contribuir para a verossimilhança a construção do efeito realista sustenta-se em grande parte na redução das incertezas e surpresas da história. Ele baseia-se fundamentalmente na clareza e na justificação do encadeamento das ações e não naquilo que as contesta e interrompe. Tudo isso explica a impressão de previsibilidade frequentemente sentida e declarada pelo leitor no excerto supra mencionado. Conclui-se, pela observação do leitor de *Dom Casmurro*, que os aspectos acima descritos ajudam a dar à narrativa um incontestável caráter de verossimilhança.

5.5 A linguagem

O vocabulário na obra de Machado de Assis não é complexo, ficando próximo da linguagem oral de seu tempo. No entanto não são simples os processos compositivos porque ele tinha uma mente de computador, ou seja, ele defendia a ideia de que um sistema não resulta dos elementos em si, mas da combinação entre eles mesmos. Porém, para o leitor de *Dom Casmurro* a linguagem do texto é um dos fatores de dificuldade que de forma sucinta assim se apresenta: inicialmente, um dos leitores revelou que a linguagem não fosse tão difícil; mas o outro estudante afirmou se apresentar bem difícil; uma linguagem de maior formalidade foi a expressão utilizada por um aluno para caracterizar o texto machadiano; houve ainda os que tiveram dificuldade com o vocabulário de maneira que precisaram ler com um dicionário ao lado; alguns ainda garantiam o significado da leitura pelo contexto da obra; e finalmente, um leitor afirma que a leitura dessa obra fica facilitada se o leitor tiver hábito de ler.

Pesquisador: Como é que você percebeu a linguagem deste livro foi difícil de ler palavra difícil?

Victor: Não, não tão difícil tinha palavras assim que eu não sabia muito bem.

Pesquisador: alguma que você lembra?

A: Não.

Pesquisador: Uhum assim citações que ele coloca na história?

Victor: igual a citação de religião, palavras gregas...

Pesquisador: Mas não foi difícil, nada assim ininteligível.

Victor: é

Pesquisador: E como você viu o jeito das personagens falarem foi diferente?

Victor: Não, não foi diferente.

Pesquisador: Alguma coisa daquele tempo que te chamou atenção que é diferente de hoje? Assim... Nossa como era estranho...como era diferente...do que agente vê as coisas hoje..fala...

Victor: A linguagem... sim é muito diferente.

Pesquisador: Os personagens falavam diferente?

Victor: Fala difícil assimnão to acostumada.

Pesquisador: Você fala do livro, do autor ou fala das pessoas da época?

Victor: De tudo... Assim é bem diferente.

Pesquisador: Você falou um pouquinho já da linguagem mas me fala foi difícil né..

Victor: Foi bem, foi difícil.

Pesquisador: Palavras? O que foi mais difícil?

Victor: A linguagem porque tipo eu li mas é uma linguagem muito mais fácil de entender...então ... tipo se eu lia alguma coisa eu tinha que ir atrás do livro para ver o que significava... algumas palavras que eu nem conhecia... difícil...não conseguia ler.

Pesquisador: Você tentou ler no contexto? Ou você foi para o dicionário?

Victor: Eu ficava lendo atrás do livro... tinha assim...

Quando a linguagem não pareceu tão difícil a alguns leitores, as citações de diferentes áreas é que se apresentam como empecilho de uma leitura mais proveitosa. Machado de Assis, uma biblioteca ambulante, é célebre por citar em suas obras - romances, contos, crônicas, peças teatrais e poemas - desde conhecimentos científicos, da geografia, da política, da história, da filosofia, da literatura, da religião, das artes, até citações em diversos

idiomas, os quais aprendeu como autodidata. É diante deste autor que o aluno se depara, embasbacado, procurando ler com a maior boa vontade.

A dita formalidade encontrada no texto de Machado de Assis causa estranhamento ao leitor. Para se ter maior clareza desse fenômeno considere-se primeiro a distinção da linguagem oral e coloquial em relação à linguagem culta. O segundo aspecto é que, se a obra de Machado de Assis, escrita há mais de cem anos, traz algum estranhamento para o leitor da atualidade é pelo fato de terem naturalmente ocorrido mudanças no comportamento de língua na sociedade de lá para cá. O terceiro fator que envolve a ideia de formalidade no texto de *Dom Casmurro* pode ser explicada pela falta de convívio do leitor com o texto clássico.

Pesquisador: Alguma outra expressão chamou atenção de vocês, mesmo que vocês não tenham entendido. Alguma coisa que ele falou? Bem, ainda dentro desse estilo, dessa coisa mais formal. A fala dos personagens chamou atenção de vocês? Eles falam diferentes ou falam iguais?

Cristina: São bem formais, até mesmo na família.

Pesquisador: Por exemplo, você pode dizer uma citação?

Cristina: A conversa quando ele fala com a família dele, ele falando com a mãe dele. Não é igual quando eu falo com minha mãe em casa.

Pesquisador: Quem poderia dizer o jeito do escritor de ele narrar essa estória, o jeito de ele escrever, vocês acham que ele escreve bem, acha que ele jeito escreve do jeito que vem na mente, ou é pensado? Como foi isso?

Cristina: A estória é muito bem construída, talvez se fosse outra pessoa escrevendo talvez fosse muito mais "entedioso". Acho que a gente não iria aguentar ler a estória escrita do jeito que ele escreve. Parece que é fácil escrever assim.

Pesquisador: A impressão que dá quando um aluno toca um instrumento na sua frente, você apreço que sabe tocar, mas quando vai ver não é assim. Não é tão fácil. Quer dizer ele é muito bom porque ele consegue prender. Tá, alguém que não falou ainda? Esse final te deixou triste, ansiosa, angustiada, alegre ou infeliz? Meio triste? Por quê?

Cristina: Porque é diferente X.

A dificuldade com o vocabulário no texto dos alunos no trecho abaixo instigou o leitor à utilização do dicionário, bem como fazer pesquisa em outras mídias como a internet. O aluno, porém, explica que a leitura do texto machadiano, além do uso do dicionário, não prescinde do empenho de se entender o termo por meio do contexto.

Pesquisador: Você já falou um pouquinho da linguagem, mas como você viu a linguagem. A dificuldade ou não de ler essa estória por conta das palavras.

Luciana: Ah eu acho que a dificuldade só nessas palavras mesmo. Tipo eu não iria saber o que é (febre tifoide) nunca tinha ouvido falar disso.

Pesquisador: Você foi procurar?

Luciana: Ah é tipo uma febre amarela, alguma coisa assim.

P: Você foi no Google?

Luciana: É (risos) então eu acho mais as palavras em si, mas se você ler no contexto você tem uma ideia do que significa aquela palavra. Então eu acho que foi mais complicada a palavra, mas fácil no contexto no geral.

Pesquisador: Além das palavras, alguma outra coisa que falou e você não entenderam?

Luciana: Não que eu me recorde.

Pesquisador: Sobre aquelas imagens que tinha lá na casa dele, que não gostava do Ezequiel.

Luciana: Eu acho que não. Das descrições das imagens?

Pesquisador: [É]

Luciana: É não deu para ter uma noção assim, mas acho que com o contexto não comprometeu não.

O significado pelo contexto exige do leitor a compreensão vocabular, porém requer conhecimento para além das palavras, especialmente quando se lê um texto de Machado de Assis que é denso no conteúdo interpretativo, complexo pelas citações que o integram, além do distanciamento do contexto histórico e social do tempo de sua produção. Daí vale repetir o entendimento do próprio Machado de Assis de que um sistema não resulta dos elementos em si, mas da combinação entre eles mesmos.

Pesquisador: Alguém de vocês falou das linguagens, gostaria que falassem de forma geral, os aspectos formais da estória, seja a linguagem, as palavras, as pessoas se isso foi difícil. O que vocês acharam difíceis?

Verônica: Meio complicado as palavras de 1960, então de hoje muda muita coisa, o sentido, entende? É meio complicado.

Pesquisador: Umhas palavras diferentes? Você precisou ir ao dicionário?

Verônica: Nem tanto, eu tentava ir pelo contexto.

Verônica: Eu acho que apesar de não saber o significado de algumas palavras, você indo pelo contexto você pode deduzir o que eu elas significam, foi um pouco complicado nesse aspecto ter que ler o contexto para deduzir aquela palavra.

Pesquisador: Além das palavras, citações ou expressões que vocês acharam estranhas? Mais algumas coisa que ficou inteligível para vocês? Não? E o que acharam do final?

Verônica: (Tifóide) não faço a mínima ideia o que é.

O leitor admite, no trecho abaixo, de que para se ler um romance de época é mais fácil para quem está acostumado a ler, ou seja, tem o hábito da leitura, o que concorre para

obter maior conhecimento e, conseqüentemente, maior maturidade para compreender tais leituras. Ora, Machado de Assis, por sua parte, foi um homem de extraordinária cultura. Sem ela, talvez, não tivesse alcançado a perfeita posse de suas qualidades e assim também não tivesse conquistado a clareza de concepção que conseguiu. Com cultura não somente enriqueceu a sua visão de mundo, bem como direcionou “o temperamento e as instituições” numa perspectiva filosófica. Os elementos a caracterizar sua representação de mundo já estavam nele em estado embrionário e latente. Estimulados pelas suas leituras e especialmente no encontro com as teorias e formas a ajustar a sua sensibilidade fizeram com que despertassem os germes de modo que sua configuração espiritual e estética fosse definitivamente estabelecida.

Pesquisador: Sobre a questão, quando você leu, você teve dificuldade com a linguagem, palavras e expressões?

Dagrielen: Um pouco na linguagem.

Pesquisador: Me fala um pouco disso.

Dagrielen: É assim, como a gente, igual exemplo assim do dia-a-dia. Primeiro porque um jovem de hoje em dia, vou falar assim, pode até falar que é geral, não tem esse muito costume de ler né. E principalmente por ser uma obra de época, tem bastante, muitas palavras assim, difíceis né.

Pesquisador: Diferentes de hoje?

Dagrielen: Diferentes, aí a pessoa que se não interessar, ela não vai atrás e continua sem saber o que é aquela palavra, e deixa, sabe?! Mas se a pessoa já tem o costume de ler, né. Assim, mesmo obras de época né, obras mais assim, que tem uma linguagem mais formal assim, ela vai ter um, não vai sentir muita dificuldade né. Aí como eu já não leio muita obra assim, de época eu tive assim, um pouco de dificuldade né.

Pesquisador: Mas deu pra entender a história?

Dagrielen: Deu pra entender a história. Dá pra entender.

Pesquisador: Foi mais pelo contexto?

Dagrielen: É, você vai ligando os fatos e encontra né.

Por outra ótica, o estudante Hugo S., no fragmento seguinte, defende a possibilidade de se ler o livro de Machado de Assis por uma adaptação de seu texto para a linguagem contemporânea. Mal sabe este leitor que a sua proposta já se vê realizada no conto "O Alienista" (ASSIS, 2008, p. 237) deste mesmo autor e ao mesmo tempo inflamadamente debatida no âmbito da crítica.

Hugo S.: A história do livro é muito legal e realmente interessante, mas eu me confundi muito em algumas partes do livro, com muitas palavras difíceis e antigas. No geral o livro é muito intrigante, porém se a história fosse reescrita de acordo com as normas atuais, com uma linguagem mais atual, seria bem mais legal.

Recentemente houve a reação da crítica brasileira ao fato de a autora Patricia Secco, escritora, empresária e artista plástica carioca, ter reescrito uma obra de Machado de Assis numa versão atualizada. As opiniões se dividem entre os próprios escritores. Se o professor e poeta Alcides Villaça, titular de literatura brasileira na USP é radicalmente contra reescrever um clássico, já o escritor jornalista, roteirista, professor e tradutor Ronaldo Bressane confessasse completamente a favor. Se o primeiro põe foco no estilo do autor, o que é traído pela versão atualizada, para o segundo, a versão renovada serve de motivação para se ler um clássico de modo que o público ao menos leia alguma coisa e o conheça. Hans Robert Jauss poderia participar desta discussão numa terceira perspectiva:

Se, inversamente, trata-se de avaliar o caráter artístico de uma obra pela distância estética que a opõe à expectativa de seu público inicial, segue-se daí que tal distância – experimentada de início com prazer ou estranhamento, na qualidade de uma nova forma de percepção – poderá desaparecer para leitores posteriores, quando a negatividade original da obra houver se transformado em obviedade e, daí em diante, adentrado ela própria, na qualidade de uma expectativa familiar, o horizonte da experiência estética futura. (JAUSS, 1994, p. 32)

Pelo sim ou pelo não, conciliar obras com públicos de tempos diferentes é um desafio. Na tentativa de encontrar uma resposta a essas indagações a presente pesquisa colocou-se em campo a fim de buscar dados que pudessem responder a essa complexidade. O que já se descortina, embora sem uma definição conclusiva, é que os alunos deste trabalho revelam embaraços com a linguagem, confessam dificuldades de compreensão do contexto histórico e do formato do enredo. Pode-se afirmar que se repete a experiência vivida pelo professor inglês A. Richards com os seus alunos na Universidade de Cambridge, já citado neste texto, na qual verifica-se o típico comportamento de leitores pouco maduros, com pouca erudição, acompanhado de diferentes incompreensões. O que já se pode apontar é que a leitura de um clássico requer maturidade para a sua compreensão e maior aceitação. O que se observa nos leitores jovens é a falta desse pré-requisito. Numa análise abrangente, portanto, é preciso considerar a maturidade do leitor para o êxito da leitura de um clássico nos moldes dos que defendem os teóricos da Estética da Recepção. Já acerca dos ataques e das defesas dos autores em relação à reescrita da obra machadiana por Patricia Secco, observam-se enfoques diferentes, pois um crítico defende a originalidade do estilo, isto é, o caráter

literário, e o outro defende especialmente a motivação para a recepção da obra, ou seja, um caráter preponderantemente pedagógico.

5.6 O realismo visto pelo leitor

Diferente de como enquadram outros estudiosos, segundo Afrânio Coutinho (1997), as obras de Machado de Assis se distanciam dos exageros românticos, bem como não retratam a mesma frieza da estética naturalista e que isso revelaria o caráter de um artista de grande vocação. E neste aspecto Coutinho (1997) e Bernardo (2011) comungam a opinião que contradiz a tese de que Machado de Assis seja um autor realista, esclarecendo que suas obras vão além da configuração estética de sua época.

Antes de trazer os posicionamentos dos alunos acerca do realismo da obra é importante esclarecer que a proposta do pesquisador na orientação inicial era de que os alunos fizessem a leitura das obras sem explicação alguma acerca da teoria literária. Entretanto, por questões de ordem escolar ou de calendário (cronograma e avaliações bimestrais) ou ainda, para garantir que os alunos tivessem bom desempenho em suas respostas nas entrevistas, algumas docentes passaram a administrar o conteúdo aos alunos antes da coleta dos dados, o que acabou contaminando, de certa forma, a sua recepção. Em razão disto pode se observar que as falas desses alunos compreendem informações acadêmicas acerca da escola realista.

O realismo de que trata o leitor de *Dom Casmurro* é o da escola literária, mas também o da sua percepção intuitiva. Há, segundo o leitor, o Realismo com a presença do determinismo, o da falta de idealização da mulher, mas também descreve detalhada e realisticamente os afetos sem os sentimentalismos próprios do caráter romântico. Além do mais, menciona o abandono do clichê "final feliz".

O trecho a seguir é revestido de princípios naturalistas, no qual o leitor aponta o determinismo como mecanismo para explicar o comportamento da personagem Capitu.

Débora: A obra Dom Casmurro pertence ao realismo e trás o determinismo que é comprovado pela ação de Capitu que é influenciada pelo meio que vive, ao trair seu marido.

Que o leitor sustente o fato da traição de Capitu pelo viés do determinismo da escola naturalista pode ser, além de sua percepção individual, em razão da orientação escolar. Contudo, não se encontram, na narrativa, evidências de que a personagem frequentasse um

meio promíscuo e não há indícios de que a amizade que existia entre os casais Escobar/Sancha e Bentinho/Capitu prefigurasse esse painel. E quando o leitor enquadra a obra de Machado de Assis na escola realista, tal posicionamento encontra explicação na teoria literária que tem disseminado essa ideia. Tal informação estende-se para os livros didáticos e os professores da escola básica a repassam como conteúdo, muito embora se saiba que, para além do que dizem Afrânio Coutinho (1997) e Gustavo Bernardo (2011), o próprio Machado de Assis declara: "A realidade é boa, o realismo é que não presta pra nada" (ASSIS, 2008, p. 830).

A leitora e autora do seguinte excerto explica o realismo da obra pela temática da mulher na sociedade do século XIX, quando a estética romântica perde para a escola realista o modo de conceber o sexo frágil, lânguido, inacessível para um ser de carne e osso, portador da mais nua humanidade.

Camila F.: E pelo fato de lermos esta obra enquanto estudávamos o realismo, podemos ver na obra uma presença de características realistas como: o abandono da idealização da mulher, do amor eterno, da dramaticidade, e se adquire características mais racionais do homem, uma visão de virtudes mais também dos defeitos da mulher e principalmente a existência do adultério, o amor infiel (neste caso da parte da mulher, Capitu).

Na visão da aluna Camila, a presença do aspecto realista na obra de Machado de Assis se dá porque os relacionamentos não apresentam mais os ideais acerca da mulher como se configurava no romantismo; assim como o *clichê* "viveram felizes para sempre" também é substituído pelo abandono da pessoa que era amada; instala-se a racionalidade novamente no lugar do sentimentalismo; por meio do adultério e da infidelidade a natureza realista toma forma, pois é sustentado por uma realidade sem ilusões.

Já a apreciação feita pela Núria M., no fragmento a seguir, revela além de tudo, a sua preferência por uma narrativa pautada pelo caráter realista, mais do que toda a problemática a envolver a estética do Realismo.

Núria M.: Achei muito interessante e gosto da história do livro porque é uma história que narra um romance sem "melações" e bem realista.

A expressão "melações" reflete de modo pertinente de como as gerações modernas e contemporâneas reagem ao comportamento dos românticos derramados. Manifestamente mais objetiva e direta nas relações, os jovens fazem comentários jocosos em torno do comportamento da estética hugoniana, preferindo a escola realista que mais se aproxima do caráter das novas correntes em termos de performance e estética literária.

No trecho seguinte o leitor faz uma apreciação na perspectiva realista no que toca a realidade dos sentimentos retratados com o realismo peculiar de Machado de Assis.

Natalino: Eu achei um livro muito bom, uma história muito realista, pois o que o autor conta é uma coisa comum. O autor procurava contar a história de um modo fácil para se compreender, descrevendo todos os detalhes e sentimentos perfeitamente.

A familiaridade encontrada no texto de Machado de Assis pelo aluno Natalino, participante da pesquisa, pode ser explicada porque o leitor aceita melhor as narrações de ficção que tratam da realidade como ela realmente é, pois as efusões de sentimentos que explodiam por ocasião da estética do Romantismo eram aparentemente menos verossímeis para esse leitor, bem como não condizem mais com a estética de que este leitor é afeito.

O realismo da narrativa e das personagens é também apontado pela ausência do *happy end* em *Dom Casmurro*, já que o famigerado amor propalado na narrativa aparentemente se dissipa.

Ana Beatriz H.: O amor na infância, o amor não correspondido e a traição, a discriminação social. Bentinho que era uma criança pobre, cresce e da a volta por cima. Consegue a amada Capitu mas não seu amor. O amor infantil, puro e forte. Achei a obra muito interessante, e te prende por querer saber a que fim Bentinho e Capitu chegarão, muito interessante o enredo, por Capitu não se apaixonar por Bentinho, sai do clichê “final feliz”.

O desfecho reputado como *final feliz* pode ser emblemático quando se trata da estética romântica. Entretanto, depreende-se do comentário de Ana Beatriz de que o banal *happy end*, enfastiou e desacreditou o expectador ao longo dos tempos, de modo a saturar o gosto do público para que este aceitasse melhor a narrativa realista em vista de parecer mais verossímil e mais convincente pela ótica do leitor contemporâneo.

5.7 *Dom Casmurro e Madame Bovary*

Na observação do leitor há semelhanças entre as narrativas de *Dom Casmurro* e *Madame Bovary*, pois em ambas ocorre traição. O que difere, no entanto, são os modos de narrar. Enquanto no texto machadiano paira a dúvida, em Flaubert há a certeza da traição.

Pesquisador: Alguém já viu uma estória parecida com essa em filme?

Bruna: Sim, Madame Bovary.

Pesquisador: O que você notou?

Bruna: Era parecido, em Dom Casmurro você não fica sabendo e é narrado pelo traído e o narrador conta da Ema e tem certeza que ela traiu.

A narrativa de Gustave Flaubert (*Madame Bovary*), se é mais explícita que *Dom Casmurro* no caso da traição, o realismo e as circunstâncias põem as duas obras *en pendant*. Tanto em *Madame Bovary* como em *Dom Casmurro* realiza-se uma experiência afetiva rica, pois em ambas as narrativas liga-se o leitor ao destino dos protagonistas - pontos de vista, aliás, opostos - o que também possibilita que este questione a perspectiva do narrador. Acha-se, nas transformações dessa peripécia de leitura, a completa ambiguidade que faz de Emma uma heroína negativa e positiva ao mesmo tempo: negativa porque fútil, positiva porque vítima. E Capitu da mesma forma uma anti-heroína e uma heroína: negativa porque possível adúltera, positiva pelos dotes de beleza e inteligência. Assim, o leitor, cindido entre o olhar longínquo que o narrador impõe nos dois extremos da história e uma participação compreensiva dos sentimentos primeiramente de Charles, depois de Emma e do outro lado Bentinho, seguido de Capitu levam o leitor, no mesmo movimento, a se debater numa ambiguidade interior.

Contemporâneos os autores francês e brasileiro comungam, se não do nome definido de uma escola literária, compartilham do mesmo caráter em fazer literatura. Caráter no qual imprimem racionalidade e objetividade, poupando afetação e, sobretudo por tratar dos eventos com têmpera de realidade.

5.8 Dom Casmurro e Othelo

O aluno do ensino médio José Alexandre perscruta, na narrativa de *Dom Casmurro*, uma marca de *Othelo* quando compara Ezequiel ao lenço de Desdêmona, cúmplices nos conflitos. Foi quase no final da interlocução que o entrevistado resolve afirmar que havia percebido uma coincidência entre os textos de Machado de Assis e de Shakespeare. Entre a surpresa e os titubeios desenvolve o seu raciocínio e a sua defesa:

Pesquisador: É? Modelo?... Othelo? Por que Othelo?

Alexandre: Tipo, ele sabia que num tinha acontecido a traição, mas ele num foi procurar saber, mais tipo assim pela... pelo orgulho, porque envolveu eles bem na trama né, e ele foi mais pelo orgulho, mas foi mais por uma forma bem vista né.

Pesquisador: Você leu essa história inteira?

Alexandre: Eu vi tipo... ahh o livro ahh eu li uns trecho na biblioteca, eu li Othelo razoavelmente, acho que Folha do Madre também...

Pesquisador: Como é que você fez essa relação do Dom Casmurro com o Otelô?

Alexandre: Ahh que tipo assim, quando que terminar de ler eu fiquei pensando né... Ele tava suspeitando, daí tipo assim, se ponha eu no lugar dele, se colocar uma coisa absurda na cabeça, vai te incomodar também né;

Pesquisador: Sei.

Alexandre: Num sei se ele quer tipo, mandar la pra longe, porque ele matava ela, matava o rapaz, talvez até o menino né que num tem nada a ver né e acabar sozinho, solteiro...

Pesquisador: Já que você falou em Otelô, o que seria o lenço da Desdêmona no Dom Casmurro?

Alexandre: Hum...

Pesquisador: Por que aquele lá foi o lenço do... do...

Alexandre: Num é o do cara que mata o rapaz, eu num lembro vem mas já to lembrando... Tem o rapaz que o nome começa com O né...

Pesquisador: Otelô.

Alexandre: Eu num lembro o nome do rapaz, mas ele pega o lenço... ele faz a massagem e cata o lenço... a não, ele ta com a faca e ela com o lenço.

Pesquisador: Aham

Alexandre: Seria até o menino esse lenço.

Pesquisador: Ah é?

Alexandre: Seria até o filho dela com o amigo dele.

Pesquisador: Ahh o Ezequiel seria...

Alexandre: Ah podia até ser... ahh eu fui notando umas coisas né.

Pesquisador: Ahh interessante.

Alexandre: Você vai pegando umas coisas assim, que vão ficando no ar, tipo assim... tipo esse aí, o amigo dele, convivia com a família, com ele, a Capitu e o menino crescendo né... tipo assim, eu e meu pai e meu irmão, é a mesma coisa... se vê que o moleque num... sei lá, você vai sentindo né... num sei, que uma coisa vai acontecendo, que num sei o que, que vai mais pra frente e depois num acontece mais nada.

Pesquisador: Aham

Alexandre: Aí esse menino seria até uma coisa pra desenvolver uma coisa assim pra...

Pesquisador: Então assim é... o fato de você ter visto uma semelhança entre Otelo e Dom Casmurro, foi agora no final...

Alexandre: É foi uma coisa que eu pensei só no final... no final

Pesquisador: Achou algum tipo de semelhança.

Alexandre: É uma semelhança.

A observação de José Alexandre pode ser associada aos estudos feitos por Helen Caldwell em sua obra *Otelo Brasileiro de Machado de Assis* (2008). A discussão aqui limita-se ao princípio do segundo capítulo de - O lenço de Desdêmona - em que a autora defende ser a história de *Dom Casmurro* um episódio de traição da mulher de Santiago com o seu melhor amigo. O lenço de Desdêmona é acessório, ou seja é um detalhe com função de pretexto para o delito, o que em *Dom Casmurro* é papel de Ezequiel com sua suposta semelhança. O próprio Machado de Assis, ao criticar a obra *O Primo Basílio*, de seu admirador português Eça de Queirós assim declara:

Ora, a substituição do principal pelo acessório, a ação transplantada dos caracteres e dos sentimentos para o incidente, para o fortuito, eis o que me parece incongruente e contrário às leis da arte. [...] o lenço de Desdêmona tem larga parte na sua morte; mas a alma ciosa e ardente de Otelo, a perfídia de Iago e a inocência de Desdêmona, eis os elementos principais da ação. O drama existe, porque está nos caracteres, nas paixões, na situação moral dos personagens: o acessório não domina o absoluto; é como a rima de Boileau: *il ne doit qu'obeir*. (MACHADO DE ASSIS apud CALDWELL, 2008, p. 32).

No contexto da Estética da Recepção, pode-se afirmar com confiança que ao constatar o encadeamento de leituras por leitores de uma determinada obra e simultaneamente fazendo relações intertextuais como aqui se realizou, opera-se o que Jauss diz quando se trabalha com a interpretação de uma obra: "A história das interpretações de uma obra de arte é uma troca de experiências ou, se quisermos, um jogo de perguntas e respostas" (JAUSS apud ZILBERMAN, 2009, p. 62).

6 MEMÓRIAS PÓSTUMAS DE BRÁS CUBAS, POR UM OLHAR DO SÉCULO XXI

(...) flagelos e delícias, desde essa coisa que se chama glória até essa outra que se chama miséria, e via o amor multiplicando a miséria, e via a miséria agravando a debilidade. Aí vinham a cobiça que devora, a cólera que inflama, a inveja que baba e a enxada e a pena, úmidas de suor, e a ambição, a fome, a vaidade, a melancolia, a riqueza, o amor, e todos agitavam o homem, como um chocalho, até destruí-lo, como um farrapo (ASSIS, 2008, p. 635).

Observando o leitor, a análise da recepção de *Memórias Póstumas de Brás Cubas* realiza-se também por meio de trechos das entrevistas e demais textos redigidos pelos alunos a partir da leitura da obra de Machado de Assis. Lembrando que o objetivo desta análise é a leitura da obra machadiana pelo olhar dos estudantes da 2ª série do ensino médio, com idade entre 15 e 18 anos, considerando as suas impressões com a recepção da obra.

O estudo emprega duas estratégias metodológicas para a análise: a primeira integra oito categorias da Estética da Recepção que se apresentam como conceitos fundamentais da teoria: *Concretização, Horizonte de expectativas, Experiência estética, Distância estética, Efeito, Estrutura de apelo, Identificação e Emancipação*. A segunda estratégia compõe-se dos elementos da narrativa: *enredo, personagens, conflito, tempo, espaço, narrador e verossimilhança* que nas entrevistas já serviram de mote para a realização das perguntas aos alunos. Consequência do levantamento dos dados, a análise integra ainda alguns temas escolhidos pela importância dada pelos alunos durante a pesquisa: *A Filosofia no texto de Machado de Assis; A linguagem; O autor Machado de Assis; O realismo; A literatura para o leitor*.

6.1 Uma questão objetiva sobre a obra

Indagados na pesquisa numa questão objetiva, de como aceitaram a leitura da obra: a) adorou, b) gostou, c) achou interessante, d) não interessou, e) não gostou f) odiou, os alunos das duas escolas em que *Memórias Póstumas de Brás Cubas* foi lida por duas turmas, assim se manifestaram os leitores:

Quadro sobre a questão objetiva - Colégio PGD - particular

Questões objetivas acerca da leitura do livro <i>M.P.B.C.: O que achei do livro?</i>				
1	Adorei	00	00%	
2	Gostei	05	08%	
3	Achei interessante	09	36%	
4	Não me interessou	08	32%	
5	Não gostei	03	12%	
6	Odiei	01	04%	
	Total	25	100%	

Um quadro sobre a questão objetiva - Colégio Estadual da Warta

Questões objetivas acerca da leitura do livro: O que achei do livro?				
1	Adorei	02	40%	
2	Gostei	02	40%	
3	Achei interessante	01	20%	
4	Não me interessou	00	00%	
5	Não gostei	00	00%	
6	Odiei	00	00%	
	Total	05	100%	

No primeiro colégio, *PGD*, particular e no segundo, colégio estadual da *Warta*, pública e rural, observa-se uma aceitação desigual da obra *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, já que a primeira escola não se revelou entusiasmada como a segunda. O comportamento da primeira escola em relação à recepção é, inicialmente, coerente com os posicionamentos nas entrevistas. A dificuldade com a linguagem, a morosidade no movimento do enredo, um contexto estranho para um leitor da atualidade, uma obra antiga entre outras críticas. De posicionamentos honestos, os depoimentos condizem com um público que, via de regra, está pouco habituado ao contato de uma obra de valor literário como o é uma obra de Machado de Assis.

Já em relação à escola da *Warta*, é preciso esclarecer que, se apenas cinco alunos participaram lendo a obra, essa turma somava vinte estudantes no total. É possível que a euforia se deva por ser um grupo seletivo que tenha gosto pela leitura, pois isso se revelou nas entrevistas. Houve equilíbrio em relação ao segundo item - *gostei* - considerando a proporção entre os dois grupos. A aceitação menos expressiva da primeira escola em relação à segunda também ficou explícita no item *achei interessante*. Da análise como um todo, contudo, resulta que a obra machadiana tem uma razoável aceitação.

6.2 Análise com categorias da Estética da Recepção

6.2.1 Concretização

De acordo com Hans Robert Jaus (1994), a obra literária somente se recria ou efetivamente se concretiza quando o leitor a legitima. Não há livro sem leitor, segundo a sua tese. O trabalho do autor e o próprio texto perdem, por isso, a sua prioridade para este leitor. Ao concretizarem a leitura de *Memórias Póstumas de Brás Cubas* os leitores, de modo geral, reclamam da obra machadiana por ser cansativa de ler. A segunda dificuldade é com a linguagem ou pelas palavras que não são do repertório atual. Outros dizem ser Machado de Assis "muito filosófico" acerca da sociedade, ou seja, muito denso. Também impressiona o leitor o fato de a história ser narrada por um defunto autor e pela liberdade que ele encontra ao falar da sua vida na condição de finado. E na opinião dos entrevistados, ao interagir ou dialogar com o leitor, o narrador torna o texto mais bem humorado. Já em relação ao protagonista, acusam-no de fraco e leviano diante do seu comportamento durante a vida. A concretização da leitura dos alunos com as impressões gerais espelham já as expectativas dos leitores em relação à obra, ao mesmo tempo em que refletem os efeitos de sua leitura.

No excerto abaixo o aluno Leonardo, ao ser entrevistado, confessa ter lido pela primeira vez uma obra literária, o que lhe acrescentou pelo conhecimento de um novo vocabulário, porém considerou uma leitura penosa porque é cansativa, demasiadamente descritiva e detalhada.

Pesquisador: Eu queria que você me dissesse assim, inicialmente, quais foram as suas impressões gerais sobre a história (interrompido)

Leonardo: Eu gostei um pouco da história porque eu nunca tinha lido, tipo eu não leio geralmente livro de literatura. Eu sempre leio, sabe, eu nunca li livros pra minha idade. Mas eu nunca li muito livro de literatura. Aí eu gostei um pouco da linguagem, dos termos usados porque, por exemplo, eu achei que é uma coisa que eu posso acrescentar, por exemplo, as palavras, as coisas ao meu vocabulário. Alguma coisa assim. A história em si, pra mim, a parte dela ser um pouco, muito descritiva, foi um pouco cansativo.

Pesquisador: A história foi cansativa?!

Leonardo: Ele descrevia todos os detalhes, entendeu?! Muitos detalhes ou se não descreve, por exemplo, pensamentos, todas as coisinhas, sabe?! Tipo,

minuciosamente?! Por exemplo, ele demora umas, muitas pra descrever um dia ou algumas horas. E isso foi bem cansativo.

Acerca das primeiras impressões do leitor de *Memórias Póstumas de Brás Cubas* pode-se observar que o aluno fez grande esforço para ler, motivar-se para continuar a ler e a compreender o que lia. Apesar dos obstáculos, a leitura seguiu pela maioria dos participantes. Para se entender um pouco dessa obstinação é importante saber do contexto no encaminhamento da proposta e a motivação para que se chegasse ao termo. Para a consecução deste trabalho houve um convite a que os alunos participassem de um projeto de leitura numa pesquisa de doutorado, o que os motivou a aceitar e se envolver, pois perceberam que a proposta lhes dava uma razão a mais do que a de meramente ler por uma exigência escolar, consequentemente isso lhes proporcionava um crédito e status. Em contrapartida a professora de literatura do colégio particular, PGD, tem como prerrogativa a leitura de obras literárias para os alunos do ensino médio. Essa exigência, além de contribuir para a formação em particular do aluno, serve para sustentar a orientação da teoria literária em suas aulas. Por isso determinou, por ocasião da pesquisa, a leitura *Dom Casmurro* para a turma da 2ª série A e de *Memórias Póstumas de Brás Cubas* aos alunos da turma da 2ª série B. Esses motivos foram responsáveis pelo envolvimento e a realização da leitura da obra machadiana na escola privada. Já no colégio estadual da Warta não havia a mesma prescrição por parte da professora, além do mais, os alunos aparentemente revelavam ter pouco o hábito da leitura. Foi possível, porém, o trabalho com esse público por meio da leitura da obra e das entrevistas com a participação de aproximadamente metade da turma, num total de vinte, alcançada com a orientação do pesquisador. Ora, se os alunos, tanto de uma escola quanto da outra pudessem escolher, muito dificilmente leriam uma obra literária com a densidade de *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, afora o seu caráter extemporâneo. Contudo o retorno proporcionado com as entrevistas permite uma importante análise da recepção e do efeito estético que a leitura ocasionou.

O estudante do excerto abaixo declara que a leitura de *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, além de ser cansativa, é difícil em razão da complexa linguagem usada pelo autor. Se a expectativa era encontrar uma narrativa com mais ação e de maneira mais linear, a aluna Mirian diz que Machado de Assis ocupa-se muito em pensar de modo filosófico a sociedade de sua época.

Pesquisador: Eu queria que você me falasse assim, inicialmente, das suas impressões gerais, em todos os aspectos.

Mirian: É:, o livro, ele é meio cansa, muito cansativo. Primeiramente, assim, porque quando você lê algumas partes, você já meio que quer parar, mas (incompreensível) chamou atenção. Ele me chamou muita, muita atenção, sabe?! Ah, linguagem dele é bem difícil. (risos)

Pesquisador: Você achou difícil?

Mirian: Aham. E também em relação é:, ele não é um livro que tá muito narrando, ele não é muito preocupado em narrar fatos numa ordem cronológica. Ele coloca muito, é:, com relação de coisas, fatos é:, a filosofia do autor talvez, não sei, alguma coisa assim, que ele coloca muito o que ele pensa sobre toda a sociedade assim, todos os fatos que ocorrem, é:, sobre os temas que ele coloca lá também, traição. Assim, como a, principalmente a classe média vivia naquela época. E, então nesse, em relação a isso é meio difícil, porque eu tô acostumado a livros que tem uma é:, narra fatos numa ordem cronológica e ele já não, ele coloca muito essa questão de pensamento assim, aí fica meio difícil.

Em resposta ao leitor queixoso da leitura lenta e cansativa, o próprio Machado de Assis, pela sua costumeira graça com seus leitores e leitoras poderia dizer sob a forma sterniana livre de narrar:

... o maior defeito deste livro és tu, leitor. Tu tens a pressa de envelhecer, e o livro anda devagar; tu amas a narração direta e nutrida, o estilo regular e fluente, e este livro e o meu estilo são como os ébrios, guinam à direita e à esquerda, andam e param, resmungam, urram, gargalham, ameaçam o céu, escorregam e caem... (ASSIS, 2008, p. 698).

Numa observação preliminar verifica-se que o aluno não tem o hábito de ler obras literárias, especialmente densas como as de um Machado de Assis. As suas dificuldades são da ordem da linguagem porque o livro contém grande número de termos desconhecidos para este leitor. Por outro lado, a exposição do assunto da narrativa parece demasiadamente enfadonha ao estudante e a narrativa, que o leitor esperava linear, foge do padrão de suas leituras. Além de tudo, a abordagem filosófica feita na obra machadiana é apontada como mais um fator complicador de leitura. Em vista disso, observa-se que ao concretizar a leitura esse leitor reúne uma sucessão de obstáculos para realizar a recepção da obra de *Memórias Póstumas de Brás Cubas*. De acordo com Jauss (1994), a efetivação da experiência literária do leitor supõe que este possua um "saber prévio", ou seja, o universo de suas experiências de leitura e de vida suscitem expectativas acompanhadas da mobilização de uma certa postura emocional. Pode-se afirmar, por isso, que pelas primeiras impressões do aluno, ao ler *Memórias Póstumas de Brás Cubas* à luz da *Estética da Recepção*, apresenta-se numa *ruptura do horizonte de expectativas*, daí abalarem-se as suas certezas e hábitos diante da obra literária, perdendo-se o chão.

6.2.2 O horizonte de expectativa

O *horizonte de expectativa* estabelece-se quando, ao ler *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, o leitor se depara com um cenário que o deixa perplexo e diante de inúmeras possibilidades de entendimento da narrativa e de seu conflito. Entre diferentes surpresas do leitor na recepção da obra, um deles é a de um autor defunto colocar o leitor a refletir sobre a liberdade do narrador em escrever e se manifestar acerca de sua vida fútil. Nada a temer, nenhum pudor, nem medir consequências pelo que fala ou faz.

Pesquisador: Você acha que ele teve mais liberdade?

Laion: Aham, porque agora ele... ele começou a falar tudo, ele não teve vergonha de falar, ele mesmo fala que é diferente agora.

Pesquisador: Sim!

Laion: O mundo dos mortos e tal, aí ele... ele não tem mais é... as mesmas vergonhas sei lá o que, de... daquilo no mundo real.

Pesquisador: Sim!

Laion: Então ele... ele já conta a história de um modo diferente.

Pesquisador: Aham! Você acha que isso favorece?

Laion: Porque aí a história é mais é... é mais realista, ele não... ele não omite fatos, ele não tem, ele não tem medo de, de falar do amor.

Pesquisador: Porque se tivesse vivo teria medo do que?

Laion: De alguma repressão, de ele se... de alguém falar mal dele.

Observa-se, no comentário deste leitor, que há um princípio de questionamento em seu *horizonte de expectativas*. Ao conjecturar acerca das circunstâncias do defunto autor, o leitor observa que o narrador pode manifestar-se destemidamente, sem que ninguém o atinja, pois está completamente imune às contingências de um ser humano vivo. Uma vez defunto não há impedimento em difamar impunemente amigos ou inimigos para confessar suas ações vis e suas intenções mais sórdidas, já que está acima de qualquer vingança ou punição. O aluno leitor, salvo todas as dificuldades com a leitura acima referidas, parece atinar com significativa propriedade à pretensão do narrador machadiano que, ao contar a sua saga de autor defunto, pode fazê-lo despreocupadamente, possibilitando-lhe total transparência. Ao contrário desta, as histórias triviais trazem heróis imaculados, cercados de virtudes e quase inacessíveis. Machado de Assis, contudo, escolheu construir uma narrativa mediante um herói

às avessas e, assim, este garante a verossimilhança, com a transparência e ousadia do narrador, por estar morto. Em outras palavras, para se admitir tanta humanidade e estar sujeito a tantas imperfeições como é o caso de Brás Cubas, isso tudo não se faz comumente com tanta lealdade, estando vivo.

Por meio dessa reflexão, a expectativa alimentada pelo leitor frente à recepção da narrativa de *Memórias Póstumas de Brás Cubas* parece apresentar-se sintonizada com a aspiração do narrador que conta, defunto, a sua história para poder despir-se de todo pudor, despojar-se de toda materialidade e desprender-se de qualquer relação humana. O efeito produzido neste leitor com a recepção da obra machadiana se dá para além do envolvimento com o enredo e o conflito, revela-se mesmo é na interpretação da proposta do narrador que procura desmontar o arquétipo das histórias dissimuladas que ao desvelar o herói, desmascara o ser humano.

6.2.3 Experiência estética

Com a indagação aos alunos na entrevista coletiva no colégio estadual da Warta acerca do impacto da leitura de *Memórias Póstumas de Brás Cubas* a reflexão pautou-se em relação às escolhas feitas pela personagem Eugênia em sua vida, contrariando os apelos de uma sociedade que vive de aparências.

Colégio Estadual da Warta

Pesquisador: Essa estória refletiu na vida de vocês, teve alguma consequência depois que vocês leram “ah_minha vida esta um pouco diferente” ou vocês pensaram valores ou convicções de modo diferente depois que leram. Mexeu um pouco com vocês?

José Alexandre: Deu vontade de voltar, morrer e depois contar de novo. Não em hipopótamo, mas prefiro em formiga.

Naiara: [Unicórnio.]

José Alexandre: X Eu ia contar as coisas que deu errado, quando eu machuquei o pé e não consegui jogar bola sei lá. Até porque ele não dedica pra ninguém que leu o livro.

Pesquisador: Pra quem mais impactou a vida?

Naiara: Não sei se é um impacto assim, mas mesmo assim sendo uma época bem remota, alguns temas que ele abordou não tem pra gente hoje. Então não é uma obra assim, naquela época as pessoas batalharam. Igual a estória de (Eugênia) que acaba em um dilema se escolhia viver o romance com (Brás Cubas) ou se continuava com a vida dela, com dinheiro com a família dela. É como a nossa vida

de hoje, temos que fazer escolhas. Talvez aquilo que é bom para gente, pra sociedade é diferente, então a gente tem que viver aquilo que aos olhos da sociedade seja bom, mas talvez pra mim não seja. Então foi bom ela escolher continuar, mesmo não estando tão bem como ela estava em Brás Cubas, mas ela escolheu continuar com a família dela. Literatura é como a sociedade via como certo.

O leitor infere da recepção da obra de Machado de Assis, especialmente pela atuação da personagem Eugênia, que "bonita, mas coxa", se pudesse escolher entre ter um casamento promissor no sentido econômico ou optar por uma vida de solteira e com outros valores, a alternativa de Eugênia seria a segunda, ou seja, abrindo mão de uma vida cômoda em detrimento de uma de mulher submissa, como era muito comum nos idos do século XIX. A identificação do leitor com a heroína fica clara no fragmento no interior do excerto: "É como a nossa vida de hoje, temos que fazer escolhas. Talvez aquilo que é bom para gente, pra sociedade é diferente, então a gente tem que viver aquilo que aos olhos da sociedade seja bom, mas talvez pra mim não seja" (NAIARA). Ou seja, a comparação feita pela leitora Naiara em relação à personagem e a realidade de hoje coloca leitor e personagem num estado de empatia frente às escolhas no transcurso de suas existências. Nesse sentido, a *identificação* constitui uma categoria da Estética da Recepção definida por Zilberman (2009) como a "resposta do leitor quando da experiência estética e tem um significado tanto intelectual, quanto afetivo. Por isso, uma obra pode atuar sobre a audiência, oferecendo-lhe padrões de identificação e também emancipando-a" (ZILBERMAN, 2009, p. 113). Jauss defende os modelos de integração encontrados nas reações instigadas pela atitude das personagens ao invés das regras transmitidas. As reações das personagens podem acarretar as seguintes formas de identificação:

- a *associativa*, quando a representação se torna uma espécie de jogo [...]
- a *admirativa*, produzida pelo herói que corporifica um ideal e "dispõe o indivíduo na direção do conhecimento e adoção de modelos"[...]
- a *simpatética*, desencadeada pelo herói quando este se confunde com o "homem comum";
- a *catártica*, própria da tragédia, tendo, pois, um fundo libertador, conforme a lição de Aristóteles;
- a *irônica*, compreendida como "um nível de recepção estética em que uma identificação esperável é apresentada ao espectador ou leitor só para ser, a seguir, ironizada ou completamente recusada (ZILBERMAN, 2009, p. 59-60).

A observação de outra experiência estética, agora pela disposição receptiva de admiração do leitor pelo herói, o aluno José Alexandre manifesta esse sentimento primeiramente por Cubas pai, ao qual o leitor atribui um caráter de homem zeloso da família, além de ter suas ambições. Também Virgília tem a veneração do estudante leitor por ser uma

mulher abnegada e por isso tem o seu pecado atenuado. Perdoa-se, pois mesmo incorrendo em erro na relação adúltera, faz opções pela família, sacrificando, de certa forma, o seu desejo individual, isto é, ficar com Brás.

Pesquisador: É... É... e assim... Algum personagem que você admirou atitudes... Que você percebeu qualidades... de valores que passam as qualidades de uma pessoa que você havia...

José Alexandre: O pai do Brás.

Pesquisador: O pai do Brás? Aham

José Alexandre: É.

Pesquisador: O que você viu nele?

José Alexandre: Ahh, é uma cara assim... trabalhador?... Cuidou dos filhos... Queria muitas coisas...

Pesquisador: Alguém mais admira essa personagem? Ou um outro?

José Alexandre: A Virgília. Ela ate tinha os valores. Tipo ela amava o Brás Cubas, mas ela preferiu ficar com a família dela. Ela não pensou só nela, ela pensou no marido que amava ela, pensou em tudo o que ela tinha para traz, se ela as abandonasse pessoas que ela podia machucar, era mais do que um né. Então ela foi uma pessoa de valor. Ela abriu mão do que ela queria por bem dos outros.

Pesquisador: Você acha que ela tem valor por quê?

José Alexandre: Ela não foi egoísta, ela pensou nos outros. Ela não abandonou a família dela para ficar com ele, ela abandonou ele pra ficar com a família. Ela pensou mais nos outros do que nela.

Pesquisador: Sim...

José Alexandre: Esse valor da admissão foi importante. Ela teve a opção de ficar com os dois, durante um tempo foi o que ela fez como ela é uma pessoa de valor ela não estava conformada com aquilo. Talvez não sei se por medo ou simplesmente por valores, mas ela tomou uma decisão. Ela fez bem em ter escolhido, ela sabia que o que ela estava fazendo não seria bom pra ela e nem para outras pessoas.

A *afeição* se insere como um significado ao lado do *intelectual* como experiência estética na forma de *identificação*. Em outras palavras, a identificação manifesta-se pela disposição admirativa do espectador diante do seu herói. Tanto uma personagem quanto a outra ativam no leitor experiências de valores éticos ou os da família, pois o zelo do homem por sua prole e a escolha que faz a mulher para ficar junto do marido e dos filhos aproxima a personagem da vivência desse leitor que pode tomá-los como modelo de vida. Isto confirma os termos de Zilberman (2009) ao tratar da ocorrência do envolvimento intelectual, sensorial e emotivo, na recepção do espectador com a obra. A tendência do leitor é, por isso, a de *identificar-se* com tais regras, convertidas em padrões de ação.

6.2.4 Distância Estética

Na observação da leitura de Julia, no seguinte excerto, a história é interessante porém carece de ação. A impressão de monotonia se dá para além falta de ação da narrativa. Brás teve uma vida tediosa, destituída de sentido e assim, do começo ao fim, tateou cambaleante da mesma forma que o enredo.

Julia B.: A obra foi bem elaborada e mencionou alguns aspectos cotidianos que eram pouco discutidos na época como a escravidão. Machado também, durante o livro, especifica bem o porque do formato do livro. Curtos capítulos entre outros, o que facilitou a leitura de uma forma geral. Achei interessante também o fato de Brás Cubas estar contando sua vida depois de morto e ressaltando sua opinião sobre sua própria vida. De uma forma geral o livro é bem interessante, mas talvez o enredo, a história precisasse de mais ação.

Machado de Assis conta a história da personagem na forma livre como o fez Sterne, em *zigzague*, fragmentada, como um ébrio sem rumo. As dispersadas digressões são experiências do narrador morto que procura compreender a vida sem sentido nem razão de ser. Assim, no romance, os eventos da vida de Brás Cubas são sem sentido no instante em que a personagem os vivencia, apenas na narrativa do defunto autor é que esse sentido se revela. São aspectos que, possivelmente, indicam a frustração do *horizonte de expectativa* dos leitores que se manifestam em seus textos.

Primeiramente vem Fernanda G., para quem a narrativa parece ser bastante confusa. Já a Juliana diz que não gostou do modo como a história foi contada. Enquanto a Isabela, que não gosta de leitura imposta, leu a obra mais em consideração ao avô que lhe falou bem dela. Por fim, o Lucas reclama de uma leitura cansativa com esse livro e, em vista da ausência da ordem cronológica ou linear, dá a ele a sensação de um enredo destituído de movimento. Além do mais, a presença da reflexão filosófica compromete sobremaneira o ânimo deste estudante para a realização da leitura.

*Colégio Particular - PGD
Impressões escritas acerca da narrativa*

Fernanda G.: Lendo o livro a história me pareceu meio confusa e a maioria das palavras eu não entendia. Eu não gostei muito do livro por causa disso, mas a história em si me parece muito boa e se fosse escrita com palavras mais adequadas para a nossa época (não na linguagem antiga) acho que faria sucesso e os alunos se

interessariam mais por ela. Uma ideia que dou é reescrever o livro em linguagens atuais. Brás Cubas me pareceu um cara muito interessante e com muita coisa vivida já, nos contou tudo e com um ar de humor nos interessou por sua história e como desse o “erro” está na linguagem.

Juliana T.: Tive a impressão de que o autor exagera na ironia, e faz pouco caso de seus leitores. Eu não gostei da maneira como é contada a história.

Colégio particular - PGD

Entrevista individual

Pesquisador: Sim, as pessoas achavam que é um livro chato e você parece que não concorda muito e por ser diferente não ter aquela linearidade né que tem nas outras histórias talvez as pessoas achem chato, mas o que é..., o que vc percebeu de legal, de interessante?

Isabela: E que também meu vô ele falou bem do livro pra mim.

Pesquisador: Ah, sim.

Isabela: Tinha uma aula para ler o livro. As pessoas falavam que o livro era chato e eram obrigadas a ler o livro para ir bem na prova e... E pra mim quando agente é obrigado a ler uma coisa nunca é legal! Então...

Pesquisador: Mas aqui também, de certa forma foi determinado, não é?

Isabela: É que tinha prova. Então a gente era obrigado a ler pra ir bem na prova, né?

Pesquisador: Sim, mas o que motivou você a ler com uma outra expectativa foi o seu avô?

Isabela: Hmm. Que ele foi, na semana que o professor pediu pra ler o livro ele foi na minha casa e eu perguntei pra ele. E ele me contou que era uma história diferente... contada de uma forma diferente e que era muito interessante de se ler...

Pesquisador: Eu queria que você me falasse assim, inicialmente, das suas impressões gerais, em todos os aspectos.

Lucas: É, o livro, ele é meio cansa, muito cansativo. Primeiramente, assim, porque quando você lê algumas partes, você já meio que quer parar, mas (incompreensível) chamou atenção. Ele me chamou muita, muita atenção, sabe?! Ah, linguagem dele é bem difícil. (risos)

Pesquisador: Você achou difícil?

Lucas: Aham. E também em relação é:, ele não é um livro que tá muito narrando, ele não é muito preocupado em narrar fatos numa ordem cronológica. Ele coloca muito, é:, com relação de coisas, fatos é:, a filosofia do autor talvez, não sei, alguma coisa assim, que ele coloca muito o que ele pensa sobre toda a sociedade assim, todos os fatos que ocorrem, é:, sobre os temas que ele coloca lá também, traição. Assim, como a, principalmente a classe média vivia naquela época. E, então nesse, em relação a isso é meio difícil, porque eu tô acostumado a livros que tem uma é:, narra fatos numa ordem cronológica e ele já não, ele coloca muito essa questão de pensamento assim, aí fica meio difícil.

Pode-se afirmar que a obra é produzida por um escritor maduro e vivido, que escreve de modo denso uma história carregada de profundas reflexões, contrastando com um leitor

jovem, de pouca maturidade intelectual para absorver tais reflexões metafísicas, o que compromete, conseqüentemente, a fruição da obra. Considere-se, ainda, o contexto social e histórico do século XIX de Machado de Assis em comparação com o século XXI, o que acarreta imensa *distância* para a compreensão dos eventos daquela época para os tempos de agora. Além disso, o repertório e a linguagem afastam consideravelmente este leitor da obra e de seu escritor. Enfim, os romances contemporâneos obedecem a outra dinâmica, contemplam outras temáticas que possibilitam ao leitor moderno maior familiaridade e acessibilidade, sem precisar sair da zona de conforto.

Todos esses entraves são sinalizadores de uma leitura que impede a satisfação do *horizonte de expectativa* dos leitores, os quais deparam-se com um texto denso, porque especialmente reflexivo e que nele encontram, pelo seu julgamento, um enredo diferenciado, contrariando o de uma narrativa trivial. Por essas razões ocorre o estranhamento frente à obra e rompe com o horizonte de expectativa desses alunos leitores.

A aluna, cujo avô motivou a leitura de *Memórias Póstumas de Brás Cubas* não completou a sua informação acerca da recepção da obra, ou seja, não comentou se lhe proporcionou prazer ou não e nem tampouco os outros leitores concluíram por dizer se houve ou não alguma satisfação após a leitura. O que a Estética da Recepção prevê é que, ultrapassados os obstáculos, é possível que leitores alcancem uma percepção nova da realidade após a experiência com a leitura de uma obra com o valor literário e artístico como a de Machado de Assis.

Os leitores Ruy A. e Victor S. e autores dos trechos a seguir também comentam a dificuldade com a leitura do livro. Primeiramente, na opinião de Ruy é enfadonho e desnecessário o comportamento do narrador que dialoga com o seu leitor. Esse leitor encontra entraves para entender as citações e referências feitas pelo autor alusivas a outras obras e escritores. O Victor S., comunga da ideia de seu colega em relação às intertextualidades que faz o autor de *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, além de deparar-se com embaraços com a linguagem e queixar-se do excesso de descrição na narrativa.

Ruy A. O narrador fica falando com o leitor no livro e isso é chato e desnecessário, pois o livro acaba ficando confuso. Ele também faz menção de outras obras, outras pessoas, etc. com essas menções fica complicado, porque, alguns leitores que não conhece os mencionados fica sem entender nada.

Pesquisador: Certo. E além da expressão das palavras difíceis você achou outros aspectos, outras coisas difíceis, ou assim a história não foi difícil de ler?

Ruy A.: Ahh ela era um pouco de confuso, né, porque se... primeiro se não presta bem atenção você não entendi a história porque ela vai e volta varias vezes né.

Victor S. Um livro bastante descritivo, uma linguagem bastante complexa, o que dificulta um pouco na hora da leitura. Não é um livro longo, mas exige uma grande concentração na hora da leitura devido as citações que ele faz referente às passagens da sua vida. Apresenta vários capítulos com nomes bem específicos e são capítulos bem curtos, o que transmite uma dinâmica maior na hora da leitura.

É importante lembrar da estrutura da obra machadiana para entender a razão da dificuldade do leitor. *Memórias Póstumas de Brás Cubas* obedece a uma lógica inovadora e surpreendente. A ordem do livro não é determinada pela cronologia dos eventos, mas pela construção das reflexões da personagem. Uma recordação faz aparecer a outra e Brás Cubas, o narrador, que promete narrar uma história qualquer, passa a discorrer acerca de todos os outros fatos que a cercam e só retoma o assunto indicado muitos capítulos após. Arranjados em blocos curtos, os cento e sessenta capítulos de *Memórias Póstumas de Brás Cubas* singram de acordo com o ritmo do raciocínio do narrador. O que se vê como falta de coerência da narrativa, confusão mencionada pelo leitor e recheada de digressões, esconde uma expressiva coerência interna, dando ao leitor todos os dados que lhe possam servir de instrumento para conhecer a cosmovisão de um homem que levou a vida toda ao sabor de seus desejos e sem nada realizar.

O bloqueio do leitor com a recepção da obra machadiana faz sentido quando se fala em *distância estética*. Esse fenômeno explica-se pela intermitência entre a produção de uma obra artística renovadora para compreendê-la em outro momento histórico, possuidor de um aparato estético notadamente distinto. Diante disso, se o público contemporâneo encontra dificuldade em aceitar a leitura de uma obra literária comprova-se, portanto, segundo Zilberman (2009), a sua originalidade e o seu valor.

6.2.5 Efeito estético

No trecho a seguir, as leitoras fazem uma tentativa de extrair um sentido diante do relacionamento dramático das personagens de *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, considerando o mendigo como um sujeito que muda de vida ao realizar um importante trabalho junto de um burguês e político feito o Brás Cubas. E a leitora Ingrid quer concluir por um possível determinismo ou uma compensação do destino, a sorte das duas personagens.

Jakeline: É uma trama bem difícil de entender...

Ingrid: Uma das coisas que mais me tocou foi que quando ele encontrou o Quincas Borba de novo, ele tava maltrapilho, tava feito um mendigo e depois eles acabam fazendo um trabalho juntos... e eu achei coisa muito legal que talvez você perdeu uma coisa na sua vida e acaba meio que o futuro... e achei isso muito legal...

Esse exercício de interpretação, realizado pelo leitor, é para Iser (1996) de sentido estético, dado que se trata de um produto da experiência e da reelaboração do receptor, uma marca dos conceitos estéticos da teoria do *efeito estético* que não se orienta por concepções limitadas ou com normas rígidas de interpretação. Se o leitor tem liberdade para tirar as suas conclusões ele também não foge da coerência do texto original. Ao que parece, o leitor do texto machadiano não oferece risco no sentido de ferir a coerência do texto, nem tampouco fica no reducionismo interpretativo.

Na entrevista coletiva marcada pelo excerto a seguir aparecem posicionamentos com juízo de valor por parte do leitor ao se referir à conduta das personagens, mas antes observa-se, durante o debate, um desejo de defender a personagem Virgília.

Pesquisador: Vocês estão defendendo bastante a Virgília. Você no lugar dela faria isso também?

Igor: Fazer o que?

Pesquisador: Isso que ela fez, de ficar com os dois?

Sabrina: Não.

Pesquisador: Embora você defenda ela?

Sabrina: Eu não defendo ela ter ficado com os dois, já que ela fez isso que ela não tivesse prolongado isso. Ela tomou um caminho, tomou uma decisão isso eu defendo, mas não a questão de ela ter ficado com os dois.

Para se entender o fenômeno é preciso lembrar que se encontra na própria história de *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, no capítulo LXX o primeiro motivo. Capítulo em que o narrador trata de Dona Plácida, em certa altura observa-se que Virgília e Plácida mantinham uma relação amistosa. "Ela acrescentou que eu me aproveitara da fascinação exercida por Virgília sobre a ex-costureira, da gratidão desta, enfim da necessidade" (ASSIS, OBRA COMPLETA, 2008, P. 701). Mesmo que a fascinação seja de Virgília por Plácida, entende-se que Virgília tinha carisma para um bom convívio. E também já se verificou em outros trechos que Virgília tem o respaldo dos leitores, pois segundo eles, a virtude dela era a de pensar no bem de todos, ainda que incorresse em incoerência moral, ou seja, a de manter uma relação adúltera com Brás.

No trecho final da entrevista o aluno justifica a opção de vida da personagem em razão da sua liberdade de escolha, porém, não concorda com a permissividade do adultério, ou melhor, no acomodar-se à situação. Esse arbítrio do leitor revela que a narrativa e a atuação das personagens provocaram nele reflexão que redundou num refinamento de opinião. Em face da reação do leitor Jauss (1994) postula que esse fenômeno é "um processo no qual a nova obra pode resolver problemas formais e morais legados pela anterior, podendo ainda propor novos problemas" (JAUSS, 1994, p. 41). Com esta postura, o leitor comprova que participa da recriação da obra porque explica o comportamento das personagens, abrindo perspectivas para uma nova leitura da obra literária.

6.2.6 Estrutura de apelo

Nos trechos da entrevista a seguir, observa-se a interpretação do texto machadiano dando sinais de que os leitores refletem acerca da atitude das personagens, procurando entendê-los, fazendo inferências segundo o seu modo de ver o drama de seus heróis. Nota-se que o primeiro entrevistado discorda da pergunta do pesquisador, contribuindo com a interpretação do texto, bem como em completá-lo.

Pesquisador: você acredita que ele tinha medo de fazer escolhas?

João Augusto: Não, eu não acho que ele tinha medo de fazer escolhas... Eu acho que ele só fez escolhas erradas pensando o que era melhor pra ele... Ou acabou levando a vida de uma forma que levou ele... E acabou... Hee... fazendo as coisas erradas!!

Prova-se, desse modo, que o leitor constrói as próprias representações, dispositivo de que trata Iser (1996) em seu livro *O ato da leitura; uma teoria do efeito estético*. Nesse livro o autor defende que a qualidade estética de uma obra está ligada à estrutura de realização do texto e no modo de sua organização, uma vez que tais estruturas é que proporcionam ao leitor reais experiências de leitura e, como ele mesmo diz: "O papel do leitor representa, sobretudo, uma intenção que apenas se realiza através dos atos estimulados no receptor. Assim entendidos, a estrutura do texto e o papel do leitor estão intimamente ligados" (ISER, 1996, p. 75).

Em outra participação do entrevistado já há mostras de que o texto de Machado recebe contribuições, ao menos pela inventividade do leitor. Ao ler, nas entrelinhas o comportamento de Brás Cubas como o reflexo de uma vida de fracassos, realiza-se não apenas uma interpretação por parte do leitor, mas este ao mesmo tempo preenche com sua imaginação o que texto original permite atualizar.

Lucas: Também tive a impressão que o personagem principal (Brás Cubas) passou por muitas desilusões e frustrações durante toda a sua vida profissional, particular e principalmente, amorosa.

Lucas: Brás: esperto, sabedoria, se formou em advocacia. Seus fracos: se apaixonou por uma prostituta, gastou dinheiro com ela, isso é errado! Mulher tem bastante no mundo né?!

Elisabeth: Tinha alguns personagens que eram bonzinhos. A moça (Eugenia) que ia se casar.

A figura do leitor para a Estética da Recepção, diferente de como entendiam os formalistas russos é de um papel efetivamente relevante porque o tripé autor/texto/leitor é peça indispensável para completar a realização da obra literária mediante o seu horizonte de sentido.

Assim, ao imaginar a sorte do herói da narrativa, o leitor atualiza de forma ativa a obra machadiana, ampliando ao longo do tempo (diacronicamente) o sentido plantado pelo autor para aquele com o qual o receptor na atualidade o compreende em seu novo contexto e pela sua visão de mundo. Essa é a tônica da quinta tese de Jauss (1994), na qual o autor advoga que o lugar de uma obra literária não pode ser definida somente em virtude de sua primeira recepção. As leituras posteriores alteram uma obra, situando-a em momento diverso daquele de seu contexto de produção histórica. Na perspectiva da Estética da Recepção, consideram-se as obras um conjunto com múltiplas possibilidades, já que são suscetíveis de novos sentidos a cada ocasião de leitura. Isso permite que se reavalie constantemente os textos literários e lhes acrescentar novas propostas.

À impressão do aluno Felipe, ao declarar "parece que ele nunca descobre", referindo-se a Lobo Neves - aparentemente alheio ao que ocorria a sua volta na circunstância em que era traído pela mulher e o amigo - evidenciam-se lacunas que o leitor procura preencher no texto. Aqui o texto de Machado de Assis parece dialogar com a teoria do *efeito estético*, pois o autor sabe de fato semear no texto, por meio das dubiedades e dos vazios, o intuito de o leitor participar efetivamente do enredo e em consequência sofrer o efeito da recepção da obra.

Felipe: Não, eu acho que ele (Lobo Neves) não sabe. Pelo que eu consegui ver do livro assim, parece que ele não tem nem noção, não tem uma mínima ideia, não suspeita de nada. Só algumas partes que ela, tipo fala que ele tá um pouco desconfiado ou alguma coisinha assim, mas parece que ele nunca descobre, sei lá...

Se o autor coloca suas personagens na corda bamba da incerteza para, como efeito, provocar no leitor o suspense, a estética do efeito, estudada por Iser (1996) explica também que o leitor é chamado a completar os espaços vazios do texto, ideia herdada de Ingarden (1979) que utiliza a expressão indeterminações a serem concretizadas.

6.2.7 Identificação

Ao espelhar-se na personagem, a leitora aponta Eugênia com o primeiro crédito porque tem em comum com a personagem a timidez. No segundo trecho, Brás é outro alvo da identificação por parte do leitor, pois reflete-se na experiência da personagem, isto é, caledado. O leitor do terceiro fragmento tem em Virgília a identificação e sente-se impelido a imitá-la nas atitudes, ou melhor dizendo, em suas intenções. E o leitor do quarto excerto admira o caráter de Quincas Borba, pois diz ter em comum com a personagem o mesmo senso de responsabilidade e honestidade.

Pesquisador: Com qual das personagens você se identifica?

Nassíria: Eu sou meio tímida (risos).

Pesquisador: O próprio Brás, o que você tem em comum com ele?

Nassíria: Com o Brás? Eu tenho em comum com ele é, a experiência né, é lógico, que ele vai pegando experiência, conforme vai passando o tempo.

Pesquisador: Você vê valor nessa coisa da experiência.

Nassíria: Lógico, e deixa eu ver, a Virgília, a Virgília ela era legal, ela tenta, ela tenta ver o que é melhor pra ela, só que ela descobre tipo, não tem jeito, ela tá sem saída, não tem o que ela fazer pra coisa, então eu faria a mesma coisa que ela, talvez, que ela tentava não prejudicar nenhum dos dois, eu tentaria fazer isso.

Pesquisador: Você na sua vida faz isso, você tenta arrumar de modo que todo mundo fique satisfeito.

Nassíria: É isso aí, que todo mundo fique satisfeito.

Pesquisador: Bem, teve algum personagem com o qual você se identificou? Coisas que batem com o seu jeito, a forma de pensar.

Nassíria: O Quincas Borba, por exemplo, em relação a devolver as coisas assim, se eu precisasse de alguma coisa, com certeza eu iria depois buscar devolver.

Esta observação situa-se no âmbito da *identificação* de atividade de comunicação estética, não apenas na perspectiva de admirar valores no outro, mas por identificar-se igualmente com o seu comportamento. Neste sentido é que, de acordo com as categorias de Jauss (2013, p. 165) é possível afirmar que a *associativa* é a que melhor se enquadra em relação à *identificação* do leitor com o seu herói neste texto. Como a própria palavra indica, há uma associação entre o comportamento de um e de outro, caracterizado pelo estudioso alemão como um jogo, no qual um assiste, na atitude do outro, a própria cena.

Em outro sentido, no enunciado que finaliza o trecho da entrevista, o leitor pronuncia-se de modo a revelar outro aspecto importante na recepção pela teoria de Jauss que é novamente a *identificação*.

Pesquisador: Como você viu o fato de o pai de Brás leva-lo à força para a Europa?

Alexandre: Aham, então, assim, ele tinha que ser firme, por causa da época, então... é, ele queria o bem pro Brás Cubas, era o jeito dele, de pegar a força, eles pegaram ai e até a Marcela não foi né, não deu tempo dela ir, e ele ficou muito bravo com isso ai, ele queria se matar no barco, só não se matou por causa do, da historia do, do capitão...

Pesquisador: Você acha que o rigor dos pais justifica pelo bem dos filhos.

Alexandre: Foi bom... foi bom...

Pesquisador: Você também concorda que hoje a educação seja assim?

Alexandre: Não, eu não concordo que seja assim, tem que ser na conversa.

Pesquisador: Tem que ser na conversa...

Alexandre: A intenção era boa né, mas ele poderia ter conversado mais com o filho, e tentado assim, só pela conversa mesmo.

A tipologia do herói percebida neste trecho da entrevista está, se não de todo, para a modalidade de *identificação irônica*. A ironia é entendida pela teoria de Jauss como "um nível de recepção estética em que uma identificação esperável é apresentada ao espectador ou leitor só para ser, a seguir, ironizada ou completamente recusada" (ZILBERMAN, 2009, P. 60). O leitor de *Memórias Póstumas de Brás Cubas* observa, ao que parece, com satisfação o desenrolar dos acontecimentos em que o Brás é pego de surpresa e com violência pelo pai e os tios para ser carregado até a embarcação que o levaria para a Europa. Contudo, quando interrogado pelo pesquisador se concordava com a atitude dos adultos, o aluno diz que *foi bom*, mas esquiva-se para concordar que a atitude do pai fosse um modelo, pois defende uma boa conversa. Esta saída do leitor deve-se porque ele colocou-se no lugar de Brás Cubas

temendo o mesmo tratamento. Ora, é dessa recusa observada no leitor que trata a *identificação irônica* da Estética da Recepção de Robert Jauss. Portanto, a leitura nesta pesquisa revela também experiência com a *identificação irônica* em relação ao herói da obra machadiana.

6.2.8 Emancipação

De acordo com o leitor do excerto abaixo, o protagonista Brás Cubas é visto primeiramente como um débil porque deixa-se explorar pela mulher por quem é apaixonado e que o explora ao gastar, com presentes, o dinheiro do pai.

Pesquisador: Como você vê Brás quando se deixa seduzir assim por Marcela?

Felipe: O seus fracos né!

Pesquisador: Tem seus fracos!

Felipe: Porque ele, no começo ele se apaixonou por uma prostituta.

Pesquisador: Sim, você acha que isso é uma fraqueza?

Felipe: É!

Pesquisador: Aham, fraqueza, por quê?

Felipe: Até gastou dinheiro com ela né?!

Brás, ao reconstituir sua existência de sujeito abastado, inteligente, culto, ambicioso, excêntrico, cínico, sádico, leviano, preguiçoso diverte-se em narrar sua vida frustrada, a sua mediocridade e das outras pessoas, compondo em fragmentos, uma análise fria do homem de todas as épocas e de seu tempo. A sua debilidade, vista pelo leitor, contudo, restringe-se ao personagem, sem refletir acerca do sentido metonímico implícito na narrativa machadiana. O leitor ingênuo não visualiza o que Schwarz (1990) investiga mais aprofundadamente nos processos utilizados por Machado de Assis em sua obra *Um mestre na periferia do capitalismo /Machado de Assis/*. Sempre haverá, segundo Schwarz, um segundo sentido a se descobrir e elucidar.

A atitude autoritária do pai de Brás Cubas encontra apoio no jovem de hoje em virtude da incoerência e demasiada irresponsabilidade do jovem do romance.

Camila: E o pai dele tinha que corrigir, e de maneira que ele ajudou ele também, mandou ele, não foi só à toa pra Europa, ele foi estudar também né?

Pesquisador: Aham! E mesmo na força, você acha que isso estava correto?

Camila: Estava!

Pesquisador: É?!

Camila: Corretíssimo!

Na contramão do posicionamento do leitor, o professor Rudimar Birgman (21/09/2013), da Pontifícia Universidade Católica do Paraná (TECPUC), diz que atualmente “O jovem tem uma certa dificuldade de obedecer, principalmente se o chefe não está alinhado tecnologicamente com ele. É uma peculiaridade da geração” (Jornal de Londrina de 21/09/2013, Anna Simas).

Embora os jovens da atual geração tenham aversão à imposição e ao autoritarismo - adeptos do diálogo que os põe em pé de igualdade na relação comunicativa - este aluno concorda com a atitude do pai de Brás em usar a força para arrancá-lo de Marcela. Para entender o seu posicionamento consideram-se ao menos duas razões. Primeiramente, no entendimento do leitor, uma conversa entre Cubas pai e Cubas filho, naquelas alturas já não resolveria, já que o rapaz encontrava-se obcecadamente envolvido pela moça. Em segundo lugar, porque o menino entrevistado nesta pesquisa, de meio rural, com uma formação tradicional e voltada para fortes valores morais, foi enfático em sua defesa.

Numa outra situação de conduta ou comportamento moral, na opinião do leitor, tomar a mulher do amigo talvez não fosse motivo de questionamento, mas o fato de a traição se dar debaixo do próprio teto do traído encontra a reprovação do entrevistado.

Pesquisador: Aham... Ta... Alguma outra situação que você faria diferente?... Se você fosse o Brás e tivesse envolvido com a mulher do seu amigo (risos) você... o que você faria? Se você gostasse muito dela?

Gabriel: Ahh num sei... ia fugir porque ficar assim na casa dele... ficar encontrando assim dentro da casa dele...

Se o jovem, sem desejar ser hipócrita, admite a possibilidade da infidelidade ao amigo, rejeita o fato de alguém, com tamanho descaramento, trair seu amigo debaixo de suas barbas. Esse valor, defendido pelo leitor, revela que ele tem escrúpulos. E como entender esse pudor diante de uma atitude como a da narrativa e diante do herói machadiano? Por mais contundente que seja o seu posicionamento, essa honestidade é relativa. Pode-se ser honesto em relação à preservação do patrimônio dos amigos, o que levaria o jovem a sentir-se culpado

ou envergonhado se, por exemplo furtasse um objeto de uma pessoa conhecida, mas se o fizesse com um estranho não se sentiria da mesma forma. Entretanto, o que está em jogo no comportamento do jovem é a sua imagem. E é isso que ele tenta preservar a qualquer custo. Assim, ao condenar a atitude da personagem, com a qual se identifica, é a sua imagem que procura salvaguardar.

Questionado em relação ao comportamento do narrador que interpela o leitor de modo bem humorado em *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, o aluno responde que a história se torna mais divertida com a intervenção do narrador e, conseqüentemente, mais leve a sua leitura.

Rodrigo V.: Como eu não li o livro inteiro, não posso dar muitas impressões, mas pelo que eu percebi, o Machado de Assis ta muito preocupado com o envolvimento do leitor e narra a história com um pouco de humor, deixando a leitura um pouco mais divertida.

O leitor reconhece o *humor* no texto de Machado de Assis, o que deve ser considerado uma importante percepção, haja vista a sua recorrência em seus textos e as inúmeras obras de estudiosos machadianos que tratam do tema em sua obra. É preciso dizer que o humor é um ingrediente inserido sobretudo nas suas últimas obras, pois esse caráter, se não se faz presente nas iniciais é porque isso lhe foi despertado mais tarde, especialmente pela influência de Charles Dickens e Thackeray.

6.3 Análise com os elementos da narrativa

[...] o sentido não é mais algo a ser explicado, mas sim um efeito a ser experimentado (Wolfgang Iser).

6.3.1 O enredo

Memórias Póstumas de Brás Cubas apresenta uma modalidade narrativa em que o narrador acha-se explicitamente presente, o que se observa nas primeiras linhas do enredo: "(...) eu, Brás Cubas, se adotei a forma livre de um Stern, ou de um Xavier de Maistre, não sei se lhe meti algumas rabugens de pessimismo" (ASSIS, 2008, p. 625). Este trecho confirma

ainda que, quanto ao discurso, predomina a narrativa direta, visto que é realizada em primeira pessoa, porém também o discurso indireto livre cumpre o seu papel de veículo das reflexões de Brás. O narrador caracteriza-se pela volubilidade, de acordo com Roberto Schwarz (1990) ou como um narrador mímico-dramático, segundo Ronaldo de Melo e Souza (2006). Já quanto às cenas e sumários, a narrativa se estrutura num processo em que os contrários convivem numa relação de dependência com o outro, em que o sentido se harmoniza com a ausência de sentido e o ser com o nada. Dessa forma, esse dualismo antagônico dá forma à narrativa de Brás Cubas. Quanto às perspectivas, essa narrativa revela-se neutra aos olhos do leitor e em seu modo de contar, a perspectiva é da mediação do narrador personagem que narra a sua história em companhia dos demais.

Os alunos leitores da pesquisa criticam a obra pela ausência de *movimento*. A leitura de *Memórias Póstumas de Brás Cubas* é complicada e cansativa porque o narrador é demasiadamente minucioso. No entendimento do leitor, a obra carece de ação, além do que este ainda considera desnecessária a evocação do leitor pelo narrador porque deixa a narrativa enfadonha. Se é necessário concentração para entender a complexidade da obra, os capítulos curtos amenizam a dificuldade proporcionando maior dinamismo ao texto.

O narrador detalhista, crítica do leitor, deixa a leitura cansativa. Na expectativa de encontrar a obra machadiana em outro formato, o aluno reclama da complexidade do texto e de não oferecer nenhum atrativo para um leitor adolescente.

Beatriz: Ele descrevia todos os detalhes, entendeu?! Muitos detalhes ou se não descreve, por exemplo, pensamentos, todas as coisinhas, sabe?! Tipo, minuciosamente?! Por exemplo, ele demora umas, muitas pra descrever um dia ou algumas horas. E isso foi bem cansativo...

Carlos H.: O livro é interessante por apresentar uma linguagem formal e um enredo bem construído. Minhas impressões foram um pouco de espanto pois como a linguagem é mais elaborada, o livro se tornou complicado de entender e cansativo.

Bruna B.: Apesar de ter sido escrito por Machado de Assis nome da literatura brasileira, achei um livro muito complicado de ler, achei a história um pouco cansativa e chata é um livro que não chama a atenção dos adolescentes.

Em *Memórias Póstumas de Brás Cubas* os episódios são entrelaçados de uma estratégia comum, hilária e instantaneamente captada pelo leitor: o desenrolar de uma ação cede à repetição pontual, variada, de idêntica e imutável insuficiência, típica da condição humana.

Com essa manobra narrativa observa-se a *frustração do horizonte de expectativas* do leitor, no âmbito do enredo. O horizonte de expectativa, uma das primeiras noções apresentadas por Robert Jauss (1994) para a nova História, compõe-se das potencialidades de

um leitor em vista de uma obra. Esse horizonte seria determinado por leituras anteriormente feitas, pelo contexto histórico, pela tradição literária entre outros.

Memórias Póstumas de Brás Cubas (1881), insere-se na história do Brasil do fim do Império, em tempos de uma escola romântica preocupada com problemáticas sociais e críticas, intensamente marcada por José de Alencar. A recepção da obra machadiana deverá ser intrinsecamente marcada por tais fatores. E a sua receptividade positiva ou negativa precisa de um outro conceito de Jauss denominado *distância estética*, ou seja, a frustração causada no horizonte de expectativas de um leitor. Assim, um leitor de fins do século XIX, imerso em seu momento histórico, aguardando uma obra do nível das demais, rompe seu horizonte de expectativas pela presença de um autor defunto, de um constante diálogo do narrador com o leitor, de capítulos fragmentados e curtos, além de outros elementos dessa obra singular. É a chamada *distância estética*, que responde pelas contingências de que trata Iser (1996), ou seja, pelas inúmeras interações entre obra e leitor.

6.3.2 Personagens

O herói em *Memórias Póstumas de Brás Cubas* nada tem de herói no sentido original da palavra, defende o leitor mirim. Considerando as atitudes adúlteras de Brás e Virgília, o leitor declina da atribuição de status de herói aos protagonistas. Na mesma perspectiva moralista, os verdadeiros heróis seriam os empregados. Porém, as personagens que menos merecem ser chamadas de heróis, na opinião dos leitores, são Marcela e Brás.

Vitória: Ele não tem muito um herói assim, alguma pessoa que você possa meio que se inspirar, porque, por exemplo, o: personagem principal que é... O Brás Cubas, ele é, no caso ele traía com a mulher a... É, traía o Lobo Neves, no caso com a Virgília. Então, no caso e também tinha a Virgília que no caso traía. Mas o personagem que eu acho que talvez fosse mais ã: correto, talvez seriam os empregados dele. Agora eu não sei, eu não vi nenhuma pessoa que seja assim, um herói mesmo...

Giovani: Logicamente, nossa, ela - Marcela - é, pra mim ela é a pior da história. Mas que ele (Brás) num teve sucesso na maioria das coisas que ele tentou, que sempre que ele tentava num dava certo, ele tentou com a Marcela num deu, foi estuda também num deu também como tinha que dado, com a Virgília também não foi aquilo que ele esperava, eu lembro que no início dava certo, mas depois acabavam fracassando.

As personagens contrariam o perfil de herói conhecido comumente na ficção ou na literatura. A sua conduta nesta narrativa traz as imperfeições das personagens, enquanto que nas histórias românticas o herói é impecável. Na narrativa machadiana, mesmo as personagens secundárias ou até consideradas vilões não se regeneram, continuam nas suas imperfeições. Na tentativa de entender o herói que o leitor considera como ideal é possível que se encontre na descrição dos dois tipos seguintes: o de Kothe (1987), o herói alto que é representante da aristocracia e o baixo, o que representava os escravos e burgueses ambiciosos no século XVI. Revelava assim o nível social de duas classes, uma elevada outra inferior, também com o sentido dos que tinham honra e os sem honra. E o outro modelo de herói, também descrito por Kothe (1987) é o clássico da epopeia e da tragédia. O herói épico que enfrenta grandes desafios, e sem escrúpulos para superá-los (engana, mente, tripudia, mata) transforma a negatividade em positividade. Consequentemente o herói épico representa uma trajetória elevada em detrimento do herói trágico, em queda. Soma-se a esse conceito o herói que é modelo nas narrativas literárias e cinematográficas do imaginário do leitor. Esses modelos sofrem uma ruptura pelo leitor que recebe o texto de Machado de Assis, pois este rompe com o *horizonte de expectativas* desse leitor que esperava encontrar em Brás Cubas os elementos habitualmente presentes nos acima descritos ou no das mídias do circuito comercial.

Aqui acontece a intersecção entre a expectativa do espectador por uma literatura trivial (muitas vezes inferior), para uma obra de qualidade, o que obriga o leitor a reestruturar o horizonte interno de suas percepções. Tema da terceira tese de Jauss (1994), o estudioso alemão introduz o conceito de *distância estética* da obra em relação às expectativas do leitor, como uma das formas de se examinar o seu valor estético. *Distância estética*, uma categoria da Estética da Recepção definida na obra de Zilberman (2009) como o que "corresponde ao intervalo entre uma criação artística renovadora e os códigos estéticos vigentes; quanto maior a distância, maior a originalidade e o valor da obra, menor também a probabilidade de o público aceitá-la e entendê-la" (ZILBERMAN, 2009 p. 112). Depreende-se daí que uma obra valorosa traz as condições de ampliação e modificação de expectativa do leitor. Ao contrário, as obras que meramente atendem às expectativas do público, chamadas por Jauss de "culinárias", são as consideradas comumente de literatura de massa.

O herói de Machado de Assis, por sua vez, é burguês. Os seus personagens vem, quase todos, da alta sociedade. Os escravos, mesmo que sejam 40% da sociedade, estão pouco presentes em sua obra. Além do mais, ele tende a revelar as baixezas da sociedade a exemplo de Brás Cubas, Virgília, Marcela e Plácida. Moralista, questiona e degrada os

comportamentos de ordem moral. No caso de Brás, negado como herói pelo leitor, é o mais corrosivo, debochado, cínico e irônico dos personagens de Machado. Não um herói às avessas exatamente, porém, um ser humano real, exposto a todas as vicissitudes.

O estranhamento do leitor dá-se porque, provavelmente a sua expectativa era a de encontrar um herói trivial, romântico, ou seja, feito cavaleiro medieval, coberto de virtudes. Ou ainda um herói da literatura de massa, que reproduz um herói repleto de qualidades, frustrando, portanto, o seu *horizonte de expectativas*. O estranhamento, porém, terá sua eficácia no processo de criação literária, na medida da maior *distância* do padrão dominante dos elementos fornecidos pelo artista à contemplação porque rompe com o horizonte de leitura do receptor, impedindo que este fique no senso comum da arte "ligeira ou culinária", assim tratada pejorativamente por Jauss (1994) e que, de acordo com a Estética da Recepção não exige nenhuma alteração de horizonte, isto é, uma recepção que continua a atender a expectativas que obedecem à tendência dominante do gosto do público.

Não há herói canônico em *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, de acordo com o leitor. Plasmado por Machado de Assis, Brás Cubas é um herói de carne e osso, degradado, um anti-herói, contudo os demais também não são perfeitos. Pela ótica do leitor os que ainda poderiam ser considerados são os empregados, ou seja, os escravos já que eles é que trabalham corretamente sempre. O Brás é traidor, A Virgília cometia o mesmo pecado, o Lobo Neves fingia que nada via e a Marcela é a personagem mais degradada. Tais heróis são modelos da literatura romântica e pós romântica, gestados por autores realistas como Fielding, Stendhal, Tolstoi, etc. Personagens que, no lugar de se conformarem com os paradigmas de aceitação do público, revelam-se como indivíduos em conflito e em *ruptura* com o arquétipo, dando crédito ao que a regra social despreza, a exemplo do adultério, delinquência de Brás e Virgília. Por esse viés o herói adota um padrão de um anti-herói ao ser visto e considerado conforme o ângulo dos padrões sociais predominantes.

Pesquisador: Bem, e os personagens, quais que chamaram a sua atenção?

Ana Carolina: Ele não tem muito um herói assim, alguma pessoa que você possa meio que se inspirar, porque, por exemplo, o: personagem principal que é...

Pesquisador: O Brás.

Ana Carolina: O Brás Cubas, ele é, no caso ele traía com a mulher a:

Pesquisador: Virgília.

Ana Carolina: É, traía o Lobo Neves, no caso com a Virgília. Então, no caso e também tinha a Virgília que no caso traía. Mas o personagem que eu acho que talvez fosse mais ã: correto, talvez, seriam os empregados dele. Sei lá, alguma coisa

assim, acho que fica, não é que eles seriam corretos, é que eles ajudavam ele, obedeciam assim, ã: meio que, eles meio que eram escravos, que obedeciam assim, acho que talvez eles fossem, mesmo sendo por dinheiro. Talvez eles fossem, como posso dizer?!

Ana Carolina: É. Agora eu não sei, eu não vi nenhuma pessoa que seja assim, um herói mesmo. É que não tem assim, porque nos outros livros geralmente tem alguém que você fala "essa pessoa é perfeita, nunca comete erros". Lá todo mundo comete algum erro. Ninguém é perfeito, no caso, é uma coisa mais comum assim, as pessoas.

O Brás Cubas era um ser humano triste, na percepção do leitor. A sua vida é triste em função das escolhas que fez. Escolhas erradas: errou nos relacionamentos, nos desejos, nas decisões, no modo de conduzir as possibilidades de trabalho e da carreira política.

Nassíria: Eu acho que, por exemplo, o Brás Cubas ele é uma pessoa muito triste assim,

Pesquisador: Você achou ele triste?

Nassíria: É, ele poderia ter escolhido uma outra mulher assim, mas ele queria a Virgília, e no final meio que não trouxe nada pra ele, pra vida dele. Então eu acho que ele é uma pessoa que não teve sorte assim, e também fez escolhas erradas. Desde o começo que ele namorou a Marcela, que era uma pessoa politicamente incorreta, (risos) depois, foi no caso, a Virgília ele traía ela. Era uma traição em relação ao Lobo Neves.

E chamou a atenção também a Virgília poderia ter casado com o Brás Cubas, porque eles já se gostavam, só que ela por, pelo dinheiro assim, pela vantagem que ela ia ter, ela casou com o Lobo Neves, mesmo sendo errado. Eu acho que são esses pontos negativos que me chamou atenção.

A impressão de tristeza, vista em Brás pelo leitor, pode ser traduzida por pessimismo. A sensação de pessimismo em *Memórias Póstumas de Brás Cubas* já se dá antes da iniciar a narrativa, isto é, pela sua dedicatória: “Ao verme que primeiro roeu as frias carnes do meu cadáver dedico como saudosa lembrança estas memórias póstumas” (ASSIS, 2008, p. 624). No prólogo ainda, ao refletir acerca dos comentários de seus amigos escritores, Casimiro de Abreu e Macedo Soares que questionavam a publicação de *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, Machado responde em nome de seu próprio personagem: "Trata-se de uma obra difusa, na qual eu, Brás Cubas, se adotei a forma livre de um Stern ou de um Xavier de Maistre, não sei se lhe meti algumas rabugens de pessimismo" (ASSIS, 2008, p. 625). E no último capítulo o personagem faz um balanço de sua existência expondo novamente uma boa dose de pessimismo:

[...]. Não alcancei a celebridade do emplasto, não fui ministro, não fui califa, não conheci o casamento. Verdade é que, ao lado dessas faltas, coube-me a boa fortuna de não comprar o pão com o suor do meu rosto. [...] ao chegar a este outro lado do mistério, achei-me com um pequeno saldo, que é a derradeira negativa deste capítulo

de negativas: ---- Não tive filhos, não transmiti a nenhuma criatura o legado de nossa miséria (ASSIS, 2008, p.758).

Parece importante recolher também a opinião de Silvio Romero (1936), crítico contemporâneo de Machado de Assis, acerca da leitura da vida do autor pela obra, especialmente quando este analisa o pessimismo na produção de Machado de Assis:

[...] não é possível diretamente responsabilizá-lo pelo modo de pensar desta ou daquela de suas personagens. Não se vai concluir a impossibilidade absoluta de chegarmos a conhecer a índole, a visualidade interna d'alma dos romancistas e dramaturgos. Insurjo-me apenas contra certo método elementar que anda de ordinário a figurar o caráter dos autores como um modelo donde eles extraem as cópias das criações de suas fantasias, em contradição com o princípio da impersonalidade da arte, que é praticada conscientemente por muitos. (ROMÉRO 1936, p. 113)

A estética do pessimismo de que está imbuída a obra machadiana revela a crença ou a descrença no homem, ser social, em vista de todos os seus valores. Se esta ótica é fruto de influências ou da vivência pessoal do autor ou apenas uma percepção do mundo, tudo é uma possibilidade. O que não se pode negar, além do valor artístico, é a expressão que traz à tona a realidade da vida humana, o que provavelmente o aluno tenha percebido no aspecto triste de Brás.

Se Brás Cubas ao refletir, no final, sobre sua existência, ocultava um soluço, Jean-Paul Sartre (1989) completa o pensamento: "Um soluço totalmente nu não é belo; ele ofende. Um bom raciocínio também ofende, como Stendhal bem percebeu. Mas um raciocínio que oculta o soluço, eis o que nos interessa" (Jean-Paul Sartre, 1989, p. 27). Daí o caráter existencialista, outra marca das últimas obras de Machado de Assis, presente principalmente em *Memórias Póstumas de Brás Cubas*.

6.3.3 Impressões acerca das personagens

No tocante às impressões em torno das personagens, o elenco não agradou, generalizadamente, ao leitor. O protagonista (Brás), por sua vez, não alcança a simpatia pelas mais diversas situações: quando criança era uma peste, quando jovem esnobe, na relação amorosa desdenhoso, nas questões sociais preconceituoso. Virgília com Brás é traidora de Lobo Neves. A Marcela continua sendo a vilã da história, não perdoando o leitor o seu comportamento frio em relação ao Brás que, apaixonado, não se dava conta de ser explorado. Somente a doença dela é que pôs fim à sua impiedosa ambição.

Nassíria: É. (+) Os personagens não eram muito interessantes.

Pesquisador: Sei.

Nassíria: O Brás Cubas era meio metido.

Pesquisador:: Que momentos da vida você achou ele mais?

Nassíria: Quando ele era criança, ele era uma peste (risos).

Pesquisador:: É?(+) E depois achava ele esnobe?

Nassíria: Anham, ele não quis casar com a moça, porque ela era coxa.

Pesquisador: Tá, que outras coisas além do Brás Cubas que lhe chamou atenção nessa obra que você não curtiu tanto?

Nassíria: As diferenças sociais.

Pesquisador: [Diferenças sociais? É?]

Nassíria: O fato de ele ter traído; de ele ser o amante da mulher do Lobo Neves.

Pesquisador: [sim] O que você achou desta traição?

Nassíria: Ele não deveria ter feito aquilo (risos).

Poderia se falar das personagens segundo os seus designantes, as quais transportam valores do ser e do fazer, de que trata Reuter (2007), visto que Machado de Assis justifica em suas obras os nomes delas, mas os leitores restringem os seus comentários meramente ao comportamento dessas personagens.

Nessa perspectiva, pode-se endossar o caráter do elenco que se assim se apresenta: o Brás Cubas é o narrador que morre aos sessenta e quatro e pertence à classe dos senhores fidalgos. Quando criança é peralta, mimado pelo pai e um menino irresponsável na adolescência. Quando adulto um sujeito egoísta, o que se revela especialmente quando divide a herança com a irmã para depois se tornar amante da mulher do amigo. Virgília, nas palavras do narrador era bonita, fresca "(...) e era clara, muito clara, faceira, ignorante, pueril, cheia de uns ímpetos misteriosos; muita preguiça e alguma devoção - devoção ou talvez medo; creio que medo". (ASSIS, 2008, p. 661) Além disso, era amante de Brás, mas casa-se por interesse com Lobo Neves. Parece gostar realmente de Brás, embora não estivesse disposta a abrir mão da posição social, do conforto e do reconhecimento da sociedade para ficar ao lado do amado. O Lobo Neves, marido de Virgília, homem sério, ambicioso, inserido fielmente ao sistema, supersticioso, razão pela qual recusou inclusive nomeação à presidência de uma província por ter ocorrido num dia treze.

No triângulo amoroso Brás-Virgília-Lobo Neves se realiza o imbróglio que Sartre chama de embate das consciências, em que tais personagens vivem um eterno jogo de conflitos. Quando o outro se encontra em harmonia com os meus interesses não há desencontro, ao contrário, ele apresenta-se como um reflexo dos meus erros e mentiras. Isto se ilustra bem com a frase do personagem Garcin de Sartre: “O inferno são os Outros” (SARTRE, 2006, p.125). Se os outros são o inferno, o aluno leitor condena certas personagens, à geena. Condena-as pela incoerência, pelo preconceito, pela desumanidade e principalmente porque contrariam o ideal de herói esperado. Fica evidente a não aceitação e o *estranhamento* do leitor em relação ao herói que nega por completo a sua expectativa. Neste contexto é pertinente inserir na discussão o que postula Jauss (1994) em sua tese, na qual defende que o texto pode tanto satisfazer o *horizonte de expectativas* como acarretar a *ruptura* do horizonte de expectativas do leitor. Esse rompimento das expectativas do leitor e sua prática, denominado de *distância estética* por Jauss, novamente define “o caráter artístico de uma obra literária” (Jauss, 1994, p. 31). O *horizonte de expectativas* muda ao longo do tempo, assim uma obra, tendo surpreendido no início pela novidade, é possível converter-se em coisa comum, sem o mesmo encanto para leitores póstumos. Daí Jauss dizer que as obras de importância artística são as que podem instigar o leitor de todos os tempos, possibilitando diferentes leituras em qualquer época.

Se os protagonistas rompem com o *horizonte de expectativa* do leitor, Marcela e Quincas Borba ocupam forte importância pela sua atuação no conflito. Marcela, a primeira e grande paixão de Brás, uma prostituta de elite, moça sensual, dissimulada, amante de rapazes e mais de seu dinheiro. Ganha de Brás Cubas, quando moço, muitas joias e quase leva o pai à bancarrota. A menina contrai varíola, manifestada por bolhas na pele, sendo por isso evitada mais tarde por Brás.

Ana Luíza: Aham, porque, porque aquilo que ela fez com ele, com o Brás é imperdoável.

Pesquisador: Mas o que te deixou indignado, assim de uma forma mais concreta?

Ana Luíza: É a frieza dela, porque depois ela, ele foi lá atrás dela e ela, ela ficou quieta, entendeu, como se ela não reconhecesse ele.

Pesquisador: Você acha que ela não tinha sentimento nenhum?

Ana Luíza: Naquele momento lá, eu acho que ela, ela deve ter mudado um pouco, mas aquela Marcela lá...

Pesquisador: Tipo de ser humano que você abomina?

Ana Luíza: Aham, isso mesmo!

Pesquisador: Assim, porque tanto? Pelo...

Ana Luiza: Porque assim, ela se aproveitou do Brás, e ela não expressava nenhum sentimento, nenhuma, nenhum arrependimento.

Observa-se em Marcela uma personagem feminina forte, o que é a marca da obra machadiana. Se é prostituta, não o é porque não achou outro meio de vida, mas por ser dotada de plástica atraente e inteligência viva, optou por canalizar o seu potencial para uma existência pautada num pragmatismo sem escrúpulos morais. Somente a natureza boa e má, no conceito de Brás, é que interrompe a sua trajetória.

Alexandre: Era, ela era fria, ela não ligava.. “ ah eu vou extorquir o moleque lá e não to nem aí”

Pesquisador: Você não aceita de jeito nenhum, acha uma injustiça. Tá, é, tá mais ele se deixava levar...

Alexandre: É porque ele amava ela, ele gostava dela, então pra ele, ele não ligava, vai dinheiro, vai dinheiro...

Pesquisador: Sim...

Alexandre: Desde que, desde que ela corresponda.

Pesquisador: Correspondesse, ele era, ele se sentia feliz mesmo que tivesse que comprá-la, ele...

Alexandre: É isso aí, ele só comprava a felicidade dele.

Pesquisador: Sim. Nessas alturas ele já era um menino esperto né, desde novo, mas ali ele parece, vira um palhaço, meio bobão né, como é que você entende isso?

Alexandre: É porque, a idade né, é a idade, são os sentimentos por, então ele, ele se deixa levar e vê ali a mulher, gosta dela...

O tipo de *personagem* que integra o elenco principal, embora não seja necessariamente protagonista, pode ser enquadrado no que Reuter (1996) denomina de *influenciador*, ou seja, "que intervém anteriormente para criar o estado de espírito do agente ou do paciente" (REUTER, 1996, p. 56). A exemplo de Circe em Odisseia ao advertir Ulisses: "Primeiramente, será preciso passar perto das sereias. Elas encantam todos os mortais que se aproximam delas. Mas muito louco é aquele que se detém para ouvir seus cantos!". (REUTER, 1996, p. 56).

Tal é o papel de Marcela. Se de um lado o leitor despreza o comportamento da personagem pela vileza e frieza em relação ao seu amante incondicional, do outro Machado de Assis imprime na ficção de Marcela o *modus operandi* do ser que encanta para em seguida solapar a sua vítima.

De Marcela vai o leitor para Quincas Borba, que era um menino travesso e hostilizava o paciente professor Barata. Amigo de infância e colega de escola de Brás, tinha um temperamento exaltado e muito ativo, queria sempre ter vantagem nas brincadeiras. Anos mais tarde Quincas, mendigo, encontra o antigo companheiro e lhe rouba um relógio. Ao receber, posteriormente, uma herança devolve a Brás o relógio furtado. Antes pobre mendigo, agora capitalista, Quincas Borba desenvolve um sistema filosófico denominado Humanitismo com pretensões doutrinárias para se transformar em religião, o que também encanta Brás Cubas.

Leonardo: Quincas Borba. O cara era mendigo, roubou o relógio do Brás Cubas e depois ele vira filósofo, teológico. Não, é comunista, e devolve o relógio do cara. É como a gente estava estudando, ele não aceitou a ser mendigo e foi e foi, virou falso teológico. O Humanista ele elaborou essa teoria.

Quincas Borba lembra o pensamento de Machado de Assis nesta mesma obra: "o menino é pai do homem", um verso do poeta inglês William Wordsworth (1770-1850) que o autor brasileiro aproveita com um sentido determinista para mostrar que os feitos de Quincas, quando menino, eram apenas um germe do que poderia ser quando adulto. Uma personagem surpreendente, marcada pela antítese: ora rouba, ora devolve; uma vez é mendigo, depois se torna rico e filósofo. Quincas Borba é daquelas personagens nas quais o autor esconde suas surpresas. Talvez seja essa a razão pela qual o leitor tenha se identificado, ou ao menos admirado, ao contrário dos outros. Aliado a isso estão a surpresa em relação ao seu comportamento, a sua atitude correta e até a capacidade de instigar o espectador para o idealismo. Nesta perspectiva, o herói Quincas Borba inclina-se para aquele idealizado pelo leitor, ou seja, está mais próximo do seu horizonte de expectativa.

6.3.4 Personagens que chamam a atenção

Na questão: *Quais personagens que chamam a atenção na narrativa Memórias Póstumas de Brás Cubas*, os que se destacaram foram: Quincas Borba, Lobo Neves, Virgília e Marcela. Quincas Borba é visado pela mudança radical da condição de mendigo para filósofo. Lobo Neves, desperta o interesse do leitor pela ingenuidade diante dos fatos ao seu redor e em relação ao casamento. Virgília tem a admiração do jovem pelos seus valores. E Marcela por ser dona de um inescrupuloso caráter explorador do amante.

Em primeiro lugar, Quincas Borba tem a admiração dos leitores pela superação de sua condição social-econômica e porque era determinado quanto à convicção de sua teoria com a qual procurava fazer adeptos.

Laion: Igual ele esta falando do personagem, a filosofia Humanista era uma coisa que ele acreditava, mas como um mendigo ninguém ia dar ouvido a ele ou acreditar em que ele pensava, na forma que ele via as coisas. Mas ele procurou meios de ele conseguir mostrar para pessoas que o que ele pensava fazia sentido de alguma forma. Houve um momento na vida de Brás Cubas que ele tentava colocar isso na cabeça de Brás Cubas algum conflito, alguma coisa. Então ele queria que as pessoas acreditasse naquilo que ele acreditava também, e foi assim que ele foi crescendo. Isso reflete pra gente, se eu acredito nisso, só acreditar e pronto isso fica pra mim. Se eu acredito mesmo tenho que fazer que as pessoas também acreditem. Aí elas escolhem se elas querem acreditar ou não.

Diante da determinação da personagem o leitor sai convencido de que é preciso ter alguma convicção quando se deseja realizar um objetivo, seja de qualquer ordem. Essa interpretação do aluno não está fundada em objeções tradicionais, ou seja, de quando se tratava da intenção do autor no texto e das diversas significações: contemporâneas, históricas, psicanalíticas ou ainda de sua construção formal. Nesse sentido Iser (1996) denuncia os críticos que nem se davam conta de que o texto precisasse ser lido para se operar tais análises. A leitura do texto, ou seja, um leitor que a faça, é a perspectiva pela qual se inicia o processo do *efeito estético*.

Em contrapartida, mesmo que essa leitura comece primária ou ingênua, ainda distante do *leitor ideal*, o que se observa é a construção de sentido que vem do leitor comum, que completa a obra, que reconhece o autor, e põe o texto no mundo sem controles nem exames.

Neste sentido, ao tratar de Virgília, embora seja amante adúltera, ela é percebida pela leitora com um olhar benévolo, pois uma vez casada e com filhos, não quer pôr em risco o equilíbrio familiar. Ainda que mantenha, simultaneamente, a relação com o amante para não abrir mão da própria felicidade.

Pesquisador: Alguém mais admira essa personagem? Ou um outro?

*Mirian: A Virgília. Ela ate tinha os valores. Tipo ela amava o Brás Cubas, mas ela preferiu ficar com a família dela. Ela não pensou só nela, ela pensou no marido que amava ela, pensou em tudo o que ela tinha para traz, se ela as abandonasse pessoas que ela podia machucar, era mais do que um né. Então ela foi uma pessoa de valor. Ela abriu mão do que ela queria por bem dos outros.
(...)*

Compactua o leitor com uma imoralidade? É bem provável que não, pois considera primordialmente os valores familiares, a afeição e a atitude pacífica da personagem. A

reflexão do leitor, em torno do comportamento de Virgília, dá-se, portanto, pelo peso dos valores em jogo: o da família e o do senso de humanidade. A defesa feita à personagem e o valor a ela atribuído resultam do contato do leitor com o texto que lhe desperta tais conclusões. Esta é a dinâmica da qual deve resultar, de acordo com Iser (1996) *o efeito* que a obra promove. Em vista disso, o texto apenas se realiza quando uma consciência receptora o constitui. E o efeito estético provocado pela obra machadiana neste leitor resultou num exercício pleno de reconhecimento de valores inerentes ao homem que o tornam mais humano.

Marcela é admirada pela leitora por sua beleza, mas repudiada pela atitude porque ela tira vantagem de sua formosura explorando o seu amante. No final é, de certa forma, absolvida; ao adoecer o atrativo se esvai e o seu comportamento também altera-se, como se operasse uma conversão em sua vida.

Naiara: Ela era uma moça muito bonita, que ficava tirando vantagem em tudo.

Pesquisador: [Certo] Tirava vantagem por causa de sua beleza.

Naiara: Depois ela fica bem feia.

Pesquisador: O que te chamou a atenção na Marcela assim, que te impressionou?

Naiara: Porque ela... ela mudou né depois... depois da última vez que ele viu ela, ela foi atacada pela doença lá e ela mudou, parece que ela ficou mais, parece que ela ficou mais é ela ficou mais... como diz a palavra...

Pesquisador: Madura?

Naiara: Amadura é... ela ficou mais legal com ele.

Pesquisador: Ah sim!

Naiara: Porque, porque antes ela... ela queria pegar todo dinheiro dele.

Pesquisador: Explorar!

Naiara: Explorar ele, ai depois ela... ela parece que ela da alguma coisa pra ele, não dá?

Pesquisador: Ela atende ele, porque ele estraga o relógio né.

Naiara: Aham... Ela atende de graça o relógio né.

A interpretação empreendida pelo leitor neste trecho acerca de Marcela é de uma personagem *twice born*, já que ela se apresenta como que renascida, após o retorno de Brás Cubas. A enfermidade a teria transformado numa pessoa melhor, mais generosa. O que o aluno infere a partir do texto *Memórias Póstumas de Brás Cubas* de Machado de Assis não é

resultado da pergunta: *qual é o significado do texto?* Se assim ainda se procede, segundo Iser (1996) o efeito desaparece. E com as suas palavras:

(...) pois esse efeito é só efeito, enquanto o que é significado por ele não se funda em nada senão nele mesmo. Esse efeito, em um primeiro momento, pode ser definido como recusa à categorização ou ainda como situação em que o receptor se afasta de suas classificações. Daí segue que devemos substituir a velha pergunta sobre o que significa esse poema, esse drama, esse romance pela pergunta sobre o que sucede com o leitor quando com sua leitura dá vida aos textos ficcionais (ISER, 1996, p. 53).

O *efeito estético*, portanto, dá-se quando, no lugar de antecipar uma ideia à obra e que nela se manifesta, é preciso que se compreenda a significação mais como um resultado de efeitos experimentados pelo leitor ou pelo espectador. Essa transformação vista na personagem por parte do leitor é tal qual o *efeito catártico* resultante do sofrimento físico que revigora a alma. Mas o *efeito estético* atinge o leitor e é resultado de seu contato com a obra.

Já o *efeito estético* verificado pelo leitor quando trata de Lobo Neves é o de *estranhamento*. Paira um mistério, pois na sua ótica, a personagem soturnamente não reage ao que ocorre debaixo de seu nariz.

Pesquisador: E, bem, qual dos personagens assim, que chamou sua atenção nessa história?

João Augusto: Personagens. O que me chamou mais atenção foi o Lobo Neves.

Pesquisador: Lobo Neves?

João Augusto: Aham. Porque, por exemplo, ele mesmo sendo marido da Virgília parece que ele não desconfia em nenhum momento que está sendo traído, entendeu?! Ao longo da história, até certo ponto, parece que ele não tem a mínima ideia, nada, nada. Como que ele não percebeu nada?! Sabe?!

Do admirado estranhamento de que o leitor é tomado em vista do comportamento (ingênuo?, ponderado?, prudente?) da personagem desperta curiosidade, mas também malícia, pois numa cultura machista a inércia em vista da traição do cônjuge, sempre rende conclusões pejorativas. Mesmo que esse estranhamento se refira ao comportamento de uma personagem e não ao efeito causado pela leitura da obra como um todo, o impacto sobre o leitor é de experiência estética, pois depara-se dentro da estrutura da obra, com uma situação do cotidiano descrita de forma singular, já que não faltam à personagem capacidade nem indícios para ignorar os fatos. Por outro lado, entende-se que o efeito é de ordem estética porque a manobra é do narrador que propositalmente manipula o leitor com a atitude de sua personagem.

Na teoria da Estética da Recepção o *estranhamento* terá maior eficácia no processo de criação literária quanto mais distante do padrão dominante estiverem os elementos fornecidos pelo artista à contemplação. Em outras palavras, quanto maior a distância, maior a originalidade e o valor da obra, o que corresponde à *distância estética*. O leitor, por sua vez sofre o efeito da obra porque esta se lhe revela estranha na aceitação e no entendimento.

6.3.5 As personagens de afeição

Às personagens de afeição do leitor se relacionam Quincas Borba pela sua perseverança e fidelidade; O Brás e o Lobo Neves são vistos como pessoas civilizadas, pois mesmo que Brás traia o amigo debaixo de suas barbas, este sabe contemporizar; Virgília é lembrada por sua bondade, ou seja, o pecado de sua traição é atenuado porque ela tem bom coração e dona Plácida é admirada com compaixão em razão da sofrida história de vida.

Pesquisador: Bem, eu queria que vocês me falassem um pouquinho sobre algum personagem que vocês perceberam algum valor que vocês admiraram, além da questão afetiva, alguma qualidade, alguma virtude, algum valor de um personagem típico que vocês diriam: “esse é o cara ou essa é a cara”.

Lucas: Quincas Borba tinha perseverança.

Mirian: E assim, ele era uma pessoa mais racional na história. Mesmo ele sendo um filósofo, é que ele humanitismo. É muito estranho, mas ele pensava de uma maneira mais racional. E ser fiel também...

Leonardo: Eu acho que se fosse uma época igual hoje, talvez pudesse sei lá haver um desentendimento entre os dois ou alguma coisa assim, mas não foi assim, como eu posso dizer. A lógica seria ele (Brás) não ia gostar ou brigasse com Lobo Neves ou alguma coisa assim. Mas não foi assim, eles se cumprimentaram numa boa, tipo deixaram isso de lado.

Pesquisador: [Civilizadamente].

Luiz: Ate a suspeita de Lobo Neves que foi o caso X. Eu acho que eles agiram de acordo.

Igor: Ele não levou no impulso, ele foi deixando. Eu achei isso bacana da parte dos dois.

*Pesquisador: É me fale também assim do, desses que você mais gostou assim, que mais se afeioou? Que você poderia ser amigo.
E tá. Mas você tá falando da Virgília, então você, assim, simpatizou com ela?*

Jakeline: Aham, simpatizei com ela, só com ela, porque ela tinha essa, ela era boa entendeu, ela, ela não queria decepcionar nenhuma das duas partes.

Ingrid: foi aquela Dona Plácida, lá que era empregada deles. Eu sei lá. Eu achei que ela tem uma simplicidade, a simplicidade dela me chamou atenção... Por exemplo, a história dela é uma história comum, ela narra o sofrimento que ela passou, essas coisas. Gostei bastante.

6.3.6 As personagens e seus valores

À interrogação, na entrevista, acerca das *personagens e seus valores*, o leitor aponta neles amizade, correção, fidelidade e a boa índole. Mas condena nelas a infidelidade, o esnobismo e a frieza. No seguinte trecho a leitora Ana Carolina acusa Brás de ser um sujeito frio, pois frequenta, sem escrúpulos, a casa do amigo cuja esposa é sua amante. O valor é o da amizade, mas a amizade de Brás com Lobo Neves está corrompida pela traição.

Ana Carolina: Eu reparei em uma certa frieza por parte do Brás Cubas, por ele estar, por exemplo, ser amigo do Lobo Neves, e mesmo assim estar sabe?! Junto com a esposa dele lá.

Pesquisador: Achou ele frio?

Ana Carolina: Achei ele um pouco frio nesse aspecto. Porque ele trai sem ter nenhum sentimento de remorso, nada. Porque ele é amigo.

No que diz respeito aos valores apontados neste grupo de personagens não são outros senão os próprios valores do leitor, pois refletem a sua visão de mundo. Nesta direção a Estética da Recepção, por meio do conceito de *estrutura de apelo*, acima explicitado, põe a obra de arte num contínuo processo. E a obra de arte literária, em questão, é apreendida e interpretada pelo leitor que a transforma constantemente e a completa, de acordo com a sua ótica, suas referências, sua cosmovisão. Nesta perspectiva, ao confrontar o comportamento de Brás Cubas, frio e sem escrúpulos diante do amigo traído, Lobo Neves, o leitor não se reconhece no herói, dado que seus valores não são os mesmos ou ao menos não os deseja.

Já a Eugênia, mesmo que não haja *identificação* com o espectador, a sua atitude tem outra aceitação, pois o seu comportamento não fere os princípios do leitor como os de Brás. Eugênia é caracterizada pela aluna leitora como pessoa boazinha e sem o esnobismo presente em Brás Cubas.

Beatriz: A moça que ia se casar.

Pesquisador: A Eugenia? O que você via nela?

Beatriz: [É:] Ela era uma pessoa boazinha. Uma pessoa legal.

Pesquisador: Sei. Você seria amiga dela? Ela era legal em que sentido? Como você via esse jeito legal dela?

Beatriz: Ela não parecia ser esnobe, ou se achar assim.

As características encontradas nas personagens, na categoria da *identificação*, revelam-se entre *afetivas* (esnobe, frio, boazinha) e *objetivas* (fiel, correto, racional). Entre Brás, Eugênia e Quincas Borba, é possível que este último se enquadre no padrão de herói da categoria *admirativa*, no aspecto tipológico. Herói que, segundo Jauss (2013) materializa um ideal e "dispõe o indivíduo na direção do reconhecimento e adoção de modelos" (JAUSS, 2013, p. 165). Aliás, a própria personagem na narrativa sugere que seja modelo por meio da liderança à frente de sua filosofia humanitista, desejando contar com prosélitos e com pretensões de que a dita filosofia se tornasse religião. O aluno leitor considera o *humanitismo* como a marca da racionalidade de Quincas Borba. Já Matoso Câmara (1979) assim justifica a origem dessa filosofia na obra de Machado de Assis:

O próprio nome de Humanitismo, com a sua concepção de Humanitas, lembra imediatamente a Religião da Humanidade de Comte e hipóstase de uma Humanidade em si, acima dos homens, de que essa religião decorre. Nem é menos esclarecedora a circunstância de o Humanitismo não ser apenas uma filosofia, mas, além disto, ou antes, sobretudo, uma religião, que se propõe a substituir todas as outras e especialmente o Cristianismo. (CÂMARA JR, 1979, p. 99).

Porém a admiração do leitor pela personagem é menos de ordem filosófica do que pessoal. Quincas Borba apresenta-se com valores aos quais o leitor se liga - correto, racional, fiel - e que são dignos de admiração, posto que um herói precisa de um conjunto de virtudes que nele se personifiquem e revelem a sua *identidade*. É muito provável que esta fixação não tenha, nem de longe, a intensidade de Werther, do escritor Goethe (1774), contudo é suficiente para caracterizar um modelo a ser seguido. Quincas Borba é o mais apreciado de todos os alunos leitores e recebe deles também o maior número de qualificativos.

Carlos: Tinha a, o amigo dele, esqueci o nome. É o Quincas?

Pesquisador: Quincas Borba, o filósofo.

Ana Luiza: Então, ele, eu acho que era a pessoa mais correta da história. Assim, ele tem aquele fato lá do relógio, depois ele devolve, achei uma coisa muito incomum.

Pesquisador: Só pegou pela necessidade mesmo?!

Pedro: É, depois de anos né, ele devolve. E assim, ele era uma pessoa mais racional na história. Mesmo ele sendo um filósofo, é que ele humanismo. É muito estranho, mas ele pensava de uma maneira mais racional.

Pesquisador: Ele tinha um objetivo,

Gabriel: Eu acho que ele era a pessoa mais racional.

Pesquisador: Racional. Aham. E isso chamou a sua atenção, o caráter dele?

Vitória: É. E ser fiel também.

O texto machadiano, recebido pelo aluno leitor, está no interior da arte literária e da arte como um todo. Deixa de ser uma reprodução objetiva do mundo para manifestar-se como abordagem possível no âmbito da recepção. Esta abordagem envolve o novamente o conceito de *concretização* que, além de responder pela realização da leitura propriamente dita, explica o trabalho do leitor que preenche as lacunas ou os vazios do texto, deflagrando assim o processo de comunicação próprio da arte literária. Para Iser (1999) o significado estético se revela como produto da experiência e da reelaboração do receptor, o que caracteriza os conceitos estéticos dessa teoria como abertos, uma vez que não se apresentam por definições restritas ou padrões rijos de interpretação.

Distante no tempo de sua produção, o texto machadiano encontra ressonância e desperta a reflexão por parte do leitor que coloca em xeque os seus valores, ao mesmo tempo em que interpreta o texto e o completa conforme a sua vivência.

6.3.7 A personagem pivô

Na averiguação acerca da *personagem fio condutor da história*, o entendimento do leitor é de que se trata de Brás, o condutor por excelência, afinal de contas é ele o protagonista e narrador da história.

Paulo: Ah, o Brás Cubas, óbvio né. E que mais?

Pesquisador: Principalmente pelo quê?

Paulo: Ah sim, primeiro porque ele conta a história, (risos) ele narra a história. E também ah, sem ele, se ele não existisse não teria nada disso. Os fatos ocorrem por causa dele. Ele que tá lá na história assim.

Os eventos giram em torno de Brás Cubas, já as demais personagens acabam esbarrando nele, quando não decisivamente envolvidas. Muitos títulos de livros e de filmes

levam, a exemplo de *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, o nome dos seus protagonistas, deixando claro desde o título sua evidência. Isso ajuda a sinalizar de que o *ser* das personagens, mais do que as suas ações, é o mote da história. São elas também, na percepção do aluno leitor, as que organizam a história por intermédio das ações e pelas quais lhe dão sentido.

Entretanto as personagens, como as ações, funcionam como elo, já que o conflito narrativo se dá na relação das personagens. Brás, que articula entre realizar (*fazer*) as ações e o *ser* personagem, apresenta-se como a personagem mais importante, uma vez que aparece na relação com os outros, inserindo-se nos diferentes núcleos ou sozinho em inúmeros momentos. O leitor evidencia isso quando responde à entrevista:

Bruna: A estória é sobre a vida dele, então ele é o único personagem que fica e (destaca) o livro inteiro.

Pesquisador: E como você vê esses destaques? Em que aspectos?

Bruna: Ele só mostra quando (+) os outros personagens não estão perto dele, ele só fala o que está acontecendo com ele, não com outras pessoas...

O aluno não aponta o papel da personagem como *suporte ideológico* do qual o Machado de Assis se utiliza para veicular as ideias que povoam a sociedade e de que trata a narrativa. Reuter (2007) chama a atenção para não se negligenciar "o fato de que a personagem é um dos suportes essenciais do investimento ideológico e psicológico dos autores e dos leitores" (REUTER, 2007, p. 51). Neste sentido, Schwarz (1990) quer exemplificar, com as próprias personagens machadianas em *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, o caráter de viés naturalista impresso em seu elenco:

Daí a excelente galeria de tipos, traçados à maneira do retrato moral universalista, mas visando realidades sócio-históricas: o ricaço que tudo permite a seu filho e herdeiro, a santa senhora enfiada em casa com as suas superstições, a sexualidade de arrabalde e senzala do tio João, o catolicismo detalhista, obediente e vazio do cônego. O conjunto forma um ambiente social, dotado de força causadora, a ser contrastado com a causação quase física, e por isso mesmo "científica", proposta pelo Naturalismo (SCHWARZ 1990, p. 123-124).

O leitor, que naturalmente não chega ao refinamento schwarziano, não percebe em Brás Cubas um veículo ideológico, senão um ser humano ensimesmado, egocêntrico, mas na hipótese de se forçar a reflexão com o estudante este poderia sim reconhecer no menino mimado pelo pai burguês, o fruto da criação adúladora.

Para responder ainda à pergunta: *quem é o personagem fio condutor da história*, há os que defendem Virgília como pivô porque, segundo os leitores, sem ela boa parte do conflito estaria comprometido.

Sonia: Eu acho que seria a Virgília, porque o Brás Cubas é o principal, e sem ela não haveria traição, então não haveria nenhum caso e nada de história.

Pesquisador: Por mais que Brás Cubas seja o condutor da história, mas a Virgília é que amarra as situações?

Rogério: Aham. Porque, por exemplo, desde o início quando ele teve aquela proposta do pai dele lá pra se casar com uma mulher e, começar uma carreira política, se não tivesse a Virgília, por exemplo, eles não teriam se conhecido no passado, ou se não no futuro quando eles, não iam ter com quem eles se reencontrar, e com quem eles se apaixonar, e aí não ocorreria nenhuma coisa.

Ao defender Virgília no papel de fio condutor revela-se no leitor uma orientação na qual a personagem em questão, mesmo não sendo imprescindível, lhe pareça essencial em decorrência do papel por ela ocupado no conflito. Por este raciocínio o leitor convence-se da condição de pivô pela personagem Virgília, já que este entende que as personagens estão implicadas numa ação conivente na representação de seus papéis. Nesta perspectiva, o leitor se alfabetiza nesse mundo de palavras da narrativa. E para tratar da relação do conjunto de traços globais de que se compõe a personagem, merecem atenção as palavras de Brait (1990, p. 67):

permite inúmeras leituras, dependendo da perspectiva assumida pelo receptor, dos códigos utilizados em determinados momentos para viabilização dessas leituras, isso não significa que a dimensão da personagem seja ditada unicamente pela capacidade de análise e interpretação do leitor.

Não se descarta a possibilidade de uma leitura errada por parte do leitor pela falta de entendimento do que seja uma personagem fio condutor da história. Entretanto, quando se pode arriscar uma leitura feita pelo aluno que procura distinguir entre protagonista e pivô, então Virgília é vista como a personagem sem a qual o autor não poderia costurar a trama na mesma direção, ao menos no formato em que *Memórias Póstumas de Brás Cubas* se apresenta.

6.3.8 As personagens e seus conflitos

Ao tratar das *personagens resolvendo seus problemas*, o leitor esmera-se em procurar interpretar o comportamento delas. O diálogo, a coerência, a preocupação em atenuar as dificuldades são marcas encontradas pelo aluno para caracterizar a sociedade do século XIX. Ao imprimir naquela comunidade esse caráter entende-se que, por meio do texto, o estudante constrói um modelo, como se fosse um *modus operandi* das pessoas daquela época.

Reginaldo: Parece que eles dialogavam, sei lá, não sei como explicar. Por exemplo, quando eles tinham alguma desavença, eles... Eles procuravam dialogar, achar alguma forma, como vou explicar?! Coerência tipo, eles achavam uma forma de amenizar aquilo que acontecia.

A reação do aluno diante do texto machadiano é predeterminada pelo que a Estética da Recepção denomina de *estruturas de apelo*, categoria que explica a necessária presença do leitor para o texto obter sentido. Segundo Zilberman (2009), Iser retoma a estética de Mukarovski para dizer que é o sujeito o responsável pelo acesso à obra de arte por meio do artefato artístico. E como o texto literário não é de constituição fechada, ao contrário tem lacunas e pontos de indeterminação, conforme diz Iser (1996), apoiado por Ingarden, observa-se que o leitor machadiano infere, no comportamento das personagens de *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, de que deveriam ser de um nível altamente civilizado, pois resolviam suas dificuldades na base do diálogo e com muita discricção. As razões que o levaram a essa conclusão não estão explicitadas, mas a interpretação do aluno está intimamente ligada às percepções subjetivas por meio da leitura. Como já não se procura mais um único significado da leitura da obra, esta também conta com a contribuição do leitor que completa a obra do autor.

Na investigação com o quesito *as personagens resolvendo seus conflitos* os alunos leitores entendem que as pessoas na narrativa machadiana resolviam bem os seus conflitos porque procuravam solucioná-los com boas conversas. Em contrapartida, há as que dissimulavam sem querer encarar o problema e o leitor, ao que parece, não aceita ou condena tal atitude.

Mario: Mas uma hora parece que ele (Brás) queria resolver o negócio, mas aí ela chegava e não deixava ele resolver.

Pesquisador: E como eles resolveram pra poder ficar juntos, como você viu isso?

Mario: Ah, eles tentaram se esconder, porque então ele, eles tentaram não, não mexer no negócio, se esconder e ficar quieto lá na casinha.

Pesquisador: E mesmo essa solução que eles encontram e se esconder, como é que você viu essa medida?

Mario: Humm, é fugitivo, mas é, foi boa, não, foi boa de um lado né, porque tentou não envolver uma briga, uma discussão, talvez morte...

Pesquisador: Aham, eles evitaram...

Mario: O pior... mas foi meio fugitivo, meio covarde.

Pesquisador: Covarde?

Mario: É, porque não encarou o problema de frente.

Pesquisador: Mas ao mesmo tempo, encararam, porque alugaram uma casa...

Mario: É então, mas não resolveram, o problema continuou.

Ao utilizar a palavra covarde para definir a atitude das personagens se comprova a depreciação feita a elas pelo leitor para mostrar que este não aceitava a conduta delas. Fugir, não encarar o problema é inerente ao ser humano, porém tal comportamento, ao ser percebido no outro, seja num filme ou numa narrativa literária, é rejeitado pelo espectador. De acordo com a Estética da Recepção, a reação do leitor diante do texto explica-se pelo *efeito*, o que "equivale à resposta ou reação motivada pelo texto no leitor", na definição de Zilberman, (2009, p. 112). Essa resposta do espectador pode ser pela aceitação da personagem ou *identificação* com ela, assim como pode ser de total rejeição. Na atual circunstância observa-se que a covardia atribuída às personagens é vista com repugnância por parte do leitor.

Dona Plácida não tinha muita escolha e por isso foi conivente com a mentira e ajudou a esconder os fatos em relação à vida clandestina de Brás e Virgília. A governanta, embora não seja explicitamente julgada, é tida como coparticipante da conduta traidora de Brás e Virgília. E se ela não é condenada, ao menos é vista com desconfiança por parte do leitor.

Tamires: A Dona Plácida né, ela sabia do relacionamento dos dois e ela foi acobertando por algum tempo né. Então Brás Cubas até tinha algum medo de ela desistir ou falar para o Lobo Neves ou para alguma outra pessoa até chegar ao ouvidos dele. Até ofereceu dinheiro, então eu acho que ele estava buscando uma solução, não que houvesse uma suspeita que fosse acontecer, como a sociedade via de uma maneira muito diferente do que é de hoje. Então ele estava tentando prevenir algo que pudesse acontecer, então ele estava procurando solucionar esse problema.

De acordo com o leitor, ao subornar Plácida, Brás talvez temesse a denúncia em relação ao que ocorria na casa que servia de refúgio aos amantes, delatados pela própria testemunha, a doméstica. E Brás, na condição de narrador, exprime o drama diante de sua atitude e a justifica ao referir-se à condição da ex-costureira e do mérito que lhe restava. Se o

comportamento de Dona Plácida comove Brás e também o leitor, é espetacularmente poético o que o narrador machadiano declara:

Medianeira não era melhor que concubina, e eu tinha-a baixado a esse ofício, à custa de obséquios e dinheiros. Foi o que me disse a consciência; fiquei uns dez minutos sem saber que lhe replicasse. Ela acrescentou que eu me aproveitara da fascinação exercida por Virgília sobre a ex-costureira, da gratidão desta, enfim da necessidade. Notou a resistência de Dona Plácida, as lágrimas dos primeiros dias, as caras feias, os silêncios, os olhos baixos, e a minha arte em suportar tudo isso, até vencê-la. E repuxou-me outra vez de um modo irritado e nervoso. Concordei que assim era, mas aleguei que a velhice de Dona Plácida estava agora ao abrigo da mendicidade: era uma compensação. Se não fossem os meus amores, provavelmente Dona Plácida acabaria como tantas outras criaturas humanas; donde se poderia deduzir que o vício é muitas vezes o estrume da virtude. O que não impede que a virtude seja uma flor cheirosa e sã (ASSIS, OBRA COMPLETA, V. I, p. 701).

Quando inquirido se o pai de Brás agiu acertadamente ao levar o filho à força para a Europa o leitor vai em defesa do progenitor, pois se tratava, não de violência, mas de rigor para ajudar o filho. A atitude de Cubas pai, porém, não poderia ser uma conduta corriqueira porque a melhor maneira de se resolver tais dificuldades, segundo o jovem leitor, seria o diálogo. Pode se afirmar que o comportamento social entre as duas épocas seja distinto no sentido de procedimento. Em outras palavras, nos dias atuais há, aparentemente, uma conduta mais democrática em qualquer esfera social, enquanto que nos idos do século XIX o comportamento era mais autoritário. Embora imbuído desse entendimento, o leitor não defende Brás Cubas moço em relação ao autoritarismo de seu pai. Nessa perspectiva, o leitor *concretiza* o que se denomina de *fusão de horizontes*, categoria da Estética da Recepção em que coincidem entendimentos entre leitor e a obra cronológica e contextualmente distintos.

Pesquisador: E a atitude do próprio pai do Brás em pegá-lo a força e mandá-lo para a Europa de qualquer jeito, como é que você vê isso?

Jéssica. Bom, foi boa, porque é o pai dele né, ele quer o bem pra ele.

Pesquisador: Você acha que não daria nada se o pai dele não tivesse aquele rigor.

Jéssica. É a época ne, o rigor da época, do pai da época...

Pesquisador: O pai precisa ser firme...

Jéssica: Naquela época os pais eram firmes, até hoje são, meus pais ainda tem alguma coisa...

A *fusão de horizontes* é manifestada também no final deste excerto quando o estudante põe lado a lado o comportamento dos pais, ou seja, eram firmes os pais daquela

época e os pais do leitor ainda o são hoje com ele próprio. A similaridade da concepção de educação defendida pelo leitor entre os tempos de hoje e os do século XIX sintonizam os *horizontes de expectativa* do homem contemporâneo aos valores vivenciados por aquele de quase dois séculos atrás. Esta coincidência de experiências com que se depara o leitor diante do texto literário remoto é, segundo os estudiosos da Estética da Recepção um dado relevante para a realização do intercâmbio entre as épocas distintas, para não dizer somente do passado, bem como para somar e enriquecer vivências, ainda que a interpretação seja em razão do fato em si. O conceito de *fusão de horizontes* que vem de Gadamer (1997) assim o elucida:

Antes, compreender é sempre o processo de fusão desses horizontes presumivelmente dados por si mesmos. Nós conhecemos a força dessa fusão sobretudo de tempos mais antigos e de sua relação para consigo mesmos e com suas origens. A fusão se dá constantemente na vigência da tradição, pois nela o velho e o novo crescem sempre juntos para uma validade vital, sem que um e outro cheguem a se destacar explicitamente por si mesmos (GADAMER, 1997 p. 457).

A discussão que se realiza no excerto a seguir é em relação ao tema da separação de casais, vistas distintamente entre o século XIX e o século XXI. Segundo o leitor observa-se que nos tempos atuais a separação é encarada de modo diferente. Assim, para aquela época: não tolerada, absurdo, erro, escândalo; já para os dias atuais: normal, aberto, de maior aceitação.

Pesquisador: As pessoas conversam mais abertamente?

Elisabeth: As pessoas aceitam mais onde pode haver separação. Aceitam a separação de uma maneira diferente do que antes. E também as pessoas iam, ou atualmente pensam que é uma coisa errada, mas não é tipo uma coisa absurda assim, normalizou assim, sabe?! Antes não. Então se ela fosse contar, no caso ela ia ter, ia virar problemas sobre o que todos iam pensar sobre ela, e talvez ela não ia querer mais nem sair na rua. Então é complicado se ela contasse. Mas seria a coisa certa a fazer, ou se eles se separassem também, porque ela já tinha se casado com o Lobo Neves e separar do Brás Cubas né, no caso. E não do Lobo Neves. Mas eu acho que seria a coisa mais correta pra época.

O leitor, ao se deparar com uma temática social que em contextos históricos se apresentam distintamente na concepção das duas sociedades, enquadra-se na reflexão da Estética da Recepção no quesito *história dos efeitos*. "H. G. Gadamer refere-se à consciência da história dos efeitos, que dá conta do impacto dos eventos passados (históricos) sobre o presente e confunde-se à tradição". E "H. R. Jauss transporta-a à hermenêutica literária, que, na etapa da aplicação, registra o impacto de uma obra sobre o público leitor e o sistema literário" (ZILBERMAN, 2009, p. 113). O impacto causado no leitor ao perceber, pela leitura da obra literária machadiana, a dimensão da distância de mentalidade entre os dois tempos, a

exemplo do casamento e de sua dissolução, comparando-se as duas épocas, coincide, portanto, com o que os teóricos alemães discutem.

A recepção do texto machadiano em nenhum momento suscitou por parte do aluno leitor a pergunta: o que o texto significa? Nem o pesquisador tampouco a fez. Não vale mais a pergunta: *o que o texto significa?* Mas por quê? Iser (1996) assim se manifesta:

Em face da arte moderna, assim como de muitas recepções de obras literárias, o leitor não mais pode ser instruído pela interpretação quanto ao sentido do texto, pois ele não existe em uma forma sem contexto. Mais instrutivo seria analisar o que sucede quando lemos um texto. Pois é só na leitura que os textos se tornam efetivos, e isso vale também, como se sabe, para aquelas cuja significação já se tornou tão histórica que já não tem mais um efeito imediato, ou para aqueles que só nos tocam quando ao constituirmos o sentido da leitura, experimentamos um mundo que, embora não exista mais, se deixa ver e, embora nos seja estranho, podemos compreender (ISER, 1996, p. 48).

A recepção do texto, de acordo com a Estética da Recepção em sintonia com a concepção da *arte moderna*, dispensa buscar o seu significado, pois resolve-se mediante o *efeito* que a obra produz em seu receptor. Disso decorrem sentidos múltiplos que, independentemente do que o autor tenha pensado ao produzir, ou do crítico que sempre se pronunciou avaliando e ditando o que se deveria entender acerca da obra literária. Tais sentidos dependem de cada leitor em particular, pois cada um os infere de acordo com a sua vivência, seu conhecimento e sua cosmovisão. Poeticamente, Gadamer, (1997) diz que "Como viajantes, sempre voltamos para casa com novas experiências. Como perambulantes, que jamais irão voltar para casa, também não poderemos esquecer totalmente" (Gadamer, 1997, p. 650).

Já Iser (1996) teoriza acerca dessas experiências ao estruturá-las no modo de como se processam entre o produtor artístico e o seu receptor. E assim se pronuncia: "a obra literária tem dois polos que podem ser chamados polos artístico e estético. O polo artístico designa o texto criado pelo autor e o estético a concretização produzida pelo leitor" (ISER, 1996, p. 50).

Decorrente do que fala o autor alemão, Jouve, (2002) entende que "existem sempre, portanto, duas dimensões na leitura: uma, comum a todo leitor porque determinada pelo texto; a outra infinitamente variável, porque depende daquilo que cada um projeta de si próprio" (JOUVE, 2002, p. 127). Pode se concluir que o leitor de *Memórias Póstumas de Brás Cubas* insere-se no conceito descrito. É bem provável de que a metodologia da pesquisa já propiciasse a abordagem do tema e das leituras sem a preocupação em buscar significados nos moldes das interpretações tradicionais, porém os alunos participantes da pesquisa em nenhum momento tiveram a mesma preocupação. A postura deles, aparentemente em sintonia com a

proposta da Estética da Recepção, apresentou-se de modo que a orientação pelo efeito estético estivesse já há muito internalizado.

6.3.9 O espaço

Questionados acerca do espaço na entrevista, os leitores encontram em *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, alguns lugares que lhe parecem significativos e que contribuem para o sentido da construção do conflito. Assim apontam a casa de Lobo Neves, o teatro, a câmara dos deputados, a casa da chácara e a rua de Eugênia no morro da favela.

Lucas: Eles se encontram na... Primeiro ele encontra a Marcela na vizinhança, depois eu não tô lembrando onde eles se encontram. Eu não lembro onde eles se encontram.

Diante do espaço na narrativa de *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, o leitor o enxerga meramente como pano de fundo, ou seja, se explica pura e simplesmente pela função que este desempenha. Machado de Assis naturalmente imprime em cada um, seja do ponto de vista estético ou ideológico, um sentido que extrapola a sua funcionalidade. A narrativa machadiana, além de seu aspecto literário, é carregado de valor ideológico, por meio do qual é possível perceber o seu posicionamento acerca da sociedade de seus tempo. Essa percepção, teoricamente iluminada, pode ser ainda melhor compreendida com olhar enunciativo de Milton Santos (2008):

[...] o espaço não é nem uma coisa, nem um sistema de coisas, senão uma realidade relacional: coisas e relações juntas. Eis porque sua definição não pode ser encontrada senão em relação a outras realidades: a natureza e a sociedade, mediatizadas pelo trabalho. [...] O espaço deve ser considerado como um conjunto indissociável de que participam, de um lado certo arranjo de objetos geográficos, objetos naturais e objetos sociais, e, de outro, a vida que os preenche e que os anima, ou seja, a sociedade em movimento (SANTOS, 2008, p. 27-28).

Com base nesse conceito é possível encontrar respostas para o sentido do espaço no romance machadiano, mesmo que o leitor pouco preencha, neste quesito, as lacunas sugeridas por Ingarden. Considere-se aqui especialmente as relações de poder por trás das diferentes cenas da narrativa. Nesse sentido, no romance em estudo, aparece historicamente como identidade da sociedade burguesa que ascende ao poder nos séculos XVIII e XIX.

Iniciando pelo espaço da mulher, a questão é: como entender a relação desse espaço em *Memórias Póstumas de Brás Cubas* diante do emaranhado de interesses da sociedade daquela época por meio do texto?

Observa-se uma visível associação entre personagem (Marcela) e o capital, ou seja, esta mulher tem um preço na sociedade burguesa. O trecho a seguir ilustra bem: "Marcela amou-me durante quinze meses e onze contos de réis; nada menos. Meu pai, logo que teve aragem dos onze contos, sobressaltou-se deveras; achou que o caso excedia as raias de um capricho juvenil" (ASSIS, OBRA COMPLETA, 2008, V. I, p. 648).

Ironicamente, o narrador vincula o "amor" que nutria por Marcela e a coisa financeira, realizando a crítica implícita à sociedade burguesa da época que a tudo e a todos atribuía um valor pecuniário determinado pelo mercado. Os espaços ocupados por Marcela na primeira fase da narrativa estavam sempre relacionados a um ir e vir de inúmeros rapazes, a relações interesseiras, a presentes caros, isto é, um mundo promíscuo que se explica não apenas pela atuação da mulher, mas do sistema social.

Quem quer que fosse, porém, o pai, letrado ou hortelão, a verdade é que Marcela não possuía a inocência rústica, e mal chegava a entender a moral do código. Era boa moça, lépida, sem escrípulos, um pouco tolhida pela austeridade do tempo, que lhe não permitia arrastar pelas ruas os seus estouvamentos e berlindas; luxuosa, impaciente, amiga de dinheiro e de rapazes. (ASSIS, OBRA COMPLETA, 2008, v. I, p.645)

O espaço que cabe a Marcela, no seu segundo momento, é o da loja na rua dos Ourives: "era um cubículo - pouco mais - empoeirado e escuro". (ASSIS, OBRA COMPLETA, 2008, v. I, p. 669). Este espaço, depreciado pelo narrador, revela a decadência dessa mulher, como símbolo da própria sociedade burguesa.

Na segunda parte da narrativa o foco volta-se para Virgília. Esta, ao contrário de Marcela, era filha de um político influente daqueles tempos, de posição social superior ao de Brás Cubas. Esta distinção reflete-se no espaço de cada personagem no interior da obra. Diferente do espaço da prostituição, distintivo de Marcela, o espaço de Virgília é marcado pela família, uma vez que está vinculado ao espaço da casa de Conselheiro Dutra, seu pai.

A terceira personagem feminina, mencionada pelo leitor em relação ao espaço é Eugênia, diverge da imagem construída até o momento das figuras de Marcela e Virgília. Eugênia tem outros atributos: é pura e inocente, próprios da mulher romântica. O narrador a descreve como a flor da moita, fruto do episódio em que Vilaça e Euzébia, são descobertos por Brás, menino, beijando-se escondidos atrás de uma moita.

João Augusto: A moita, a fazenda lá.

P: Na festa que o Brás deu né?

João Augusto: As vezes tem hora que não são tão detalhista né. É uma festa aconteceu isso e aquilo. Mas Machado de Assis foi mais detalhista explicou quem estava na festa, o que estava acontecendo, quem estava na janela, quem estava atrás da cortina, da porta. Ele dá detalhes, então é legal para gente imaginar como era o espaço o lugar que isso estava acontecendo.

E nas minuciosas observações de Brás, Eugênia assim lhe parecia: "Em verdade, ela (Eugênia) parecia ainda mais mulher do que era; seria criança nos seus folgares de moça; mas assim quieta, impassível, tinha a compostura da mulher casada. Talvez essa circunstância lhe diminuía um pouco da graça virginal. [...]" (ASSIS, OBRA COMPLETA, 2008, v.I, p. 664).

Eugênia é a única mulher que efetivamente é percebida na narrativa a dar passeios pela rua. Daí é possível depreender que ela seja verdadeiramente a única personagem pura na visão da sociedade burguesa, já que ela não carregava nenhuma carga moral, diferente das demais personagens mulheres, o que lhe dava o direito de andar sem pejo na via pública.

Igor: A briga do galo. Eu achei legal falar o que estava acontecendo, não sei se era favela ou morro, aí ele explica que tinha tantos homens e o lugar. Eu achei legal.

Pesquisador: [Morro] Naquela época não era proibido a briga do galo. E desse lugar o que você achou. O que evocou de interessante pra você? Chamou-lhe atenção?

Igor: Talvez por acontecer essa briga do galo, não foi em um lugar tipo assim lá na praça, foi em um lugar mais reservado, mas não porque era proibido porque não era né? Mas era uma coisa mais assim, quem quer ver vai lá ver.

Porém, confrontando o caráter de Marcela e Virgília às de Eugênia, percebe-se que Eugênia, mesmo sem ter que responder por uma moral comprometida como as demais personagens, paga pela sua inocência. Esta compensação da natureza, no entanto lhe atribui outro fardo, o de ser coxa, conseqüentemente não casa. Manca, Eugênia é desqualificada diante das outras, uma vez que para a sociedade burguesa a aparência é um valor que evidentemente não corresponde com pureza e inocência, vistas como defeito pela sociedade à sua volta. Em vista disso, os espaços de Marcela e Virgília são adversos ao de Eugênia, pois o desta última configura-se como espaço marginal em relação aos do interesse da sociedade burguesa. Esta exclusão manifesta-se no defeito físico da personagem, ser manca.

O espaço do homem, por outro lado, é o do proprietário, ou seja, é ele o dono da casa, da chácara, do escravo e porque não dizer, o dono da mulher. É ainda o espaço

masculino o do poder, pois o político - deputado, ministro, presidente - são atribuições exclusivas deste gênero, naqueles tempos.

A casa do marido traído é um lugar que favorece o suspense para o conflito que envolve os amantes, mas é, ao mesmo tempo, um espaço social de amigos e do político Lobo Neves. Do ponto de vista ideológico entende-se que se o espaço das decisões públicas oficiais dava-se na câmara dos deputados, espaço público; já os acordos e conchavos eram costurados na residência do político, espaço social privado. Aliás ao conceito distorcido da coisa pública e privada entre a sociedade burguesa pode-se atribuir novamente o entendimento de que o espaço público fosse uma extensão da casa e vice-versa.

Luís Henrique: A casa onde ele morava; a casa onde ele se encontrava com a Virgília; a casa do Lobo Neves. Era onde ele vivia e fazia muitas coisas lá. É um espaço íntimo para ele, já que não tinha o amor da vida dele. Eu acho que é um lugar bem sentimental pra ele. Eu via essa casa (Lobo Neves) como um lugar onde ele encontrava as pessoas da sociedade.

Luís Henrique: A casa da Virgília, ela assim, ela vive com o Neves e ao mesmo tempo o Brás Cubas sempre vai lá, eles são amigos.

Pesquisador: Ela o recebe com um suspense.

Luís Henrique: Aham. E que também, a qualquer momento alguém pode, sei lá, por algum motivo ir até lá e alguém contar pro Lobo Neves que viu eles indo, alguma coisa assim. Então nesse sentido e também pode acontecer dele descobrir e também acho que são os lugares que dão mais suspense assim, dão mais, mais

Pesquisador: Ajudam no conflito.

Luís Henrique: Dão interesse na história, deixam a história mais interessante.

O espaço do teatro, frequentado pela sociedade burguesa, apresenta-se como um lugar de brincadeira de esconde, esconde, para Virgília e Brás que não poderiam ser reconhecidos juntos para não serem alvo de comentários e escândalos. Mas também é o espaço que pode ser interpretado na narrativa como o da representação, não somente das personagens de uma peça de ficção, porém o da encenação dos próprios frequentadores que se fazem personagens a fingir a sua vida.

Camila: Aquele teatro lá onde eles iam, porque lá que eles viam que o Brás tava com a Virgília, o Brás tinha que ficar fugindo, ele ficava fugindo, toda hora ele mudava de lugar lá, lá que viram ele pela primeira vez com a Virgília, então aquilo lá foi legal, aquele lugarzinho lá, porque lá que eles se encontravam, se reuniam, todo...e lá ele ficava fugindo, eu achava legal, porque ele não podia ser visto com ela...

Pesquisador: Você achou legal porque, por causa da, do suspense, por causa da coisa...

Camila: Por causa da coisa ali, aquele alvoroço, ele ficava fugindo, tem uma ação...

A casinha, na descrição do próprio Brás assim se apresenta: "Um brinco! Nova, caiada de fresco, com quatro janelas na frente e duas de cada lado - todas com venezianas cor de tijolo - trepadeira nos cantos, jardim na frente; mistério e solidão. Um brinco!" (ASSIS, OBRA COMPLETA, 2008, v. I, p. 695). Ou seja, um sonho romântico. A casa da Gamboa é, simultaneamente o espaço da clandestinidade, da aparência e da hipocrisia social burguesa.

Mirian: Que contribui pra história, mas um pouco mais do meio da história é a casa que eles ficam, aquela casa que o Cubas se encontra com a Virgília, é uma chácara, não lembro direito da casa. E eu acho que também contribui, pra dar um incentivo, não uma coisa mais, não sei se ele fez isso, mas no sentido, não no sentido, uma ideia mais romântica da história, não sei, ele procura, acho que o ambiente da época, a sociedade da época dá uma ideia mais romântica da história além de se passar... eu acho que é mais o ambiente daquela época e o ambiente físico, pra, que colabora pra história é a casa.

Outro espaço indicado pelo leitor é a câmara dos deputados. Lugar de pessoas importantes e dignas na crença do leitor e também do próprio Machado de Assis quando era jovem.

Julio: A Câmara do deputado que foi o reencontro do Brás Cubas e a Virgília e Lobo Neves, que até suspeitava. Então acho que foi um lugar importante que pode até ter gerado o conflito. Ele estava encontrando a amante dele e o cara estava vendo que era amigo da mulher dele.

Naiara: Tinha bastante gente né, então por estarem exposto eles não fizeram escândalos. Então para o leitor ajuda para compreender, porque nem tudo você precisa escrever para gente entender, o espaço ajuda a gente entender porque tomou aquela atitude. Então pelo espaço a gente pode imaginar se eram deputados, eram pessoas importantes naquela época e eles não iam fazer escândalos para sujar a imagem de ambos. Então se eles quisessem brigar ele iriam em lugar sei lá, tipo um morro.

A Câmara dos deputados apresenta-se cômica aos olhos irônicos de Brás Cubas. Haja vista o testemunho da própria personagem quando denuncia o comportamento da classe política, ao vê-la em cena na câmara legislativa: "Era deputado, e vi a gravura turca, recostado na minha cadeira, entre um colega, que contava uma anedota, e outro, que tirava a lápis, nas costas de uma sobrecarta, o perfil do orador. O orador era Lobo Neves" (ASSIS, OBRA COMPLETA, 2008, v. I, p. 740).

Espaço público e interesse pela coisa pública pouco considerados, reforçam-se quando mais uma vez, ironicamente, o narrador trata de Brás Cubas deputado defendendo, na tribuna, a barretinha dos soldados:

Comecei devagar. Três dias depois, discutindo-se o orçamento da Justiça, aproveitei o ensejo para perguntar modestamente ao ministro se não julgava útil diminuir a barretina da guarda nacional. Não tinha vasto alcance o objeto da pergunta; mas ainda assim demonstrei que não era indigno das cogitações de um homem de Estado; e citei Filopêmen, que ordenou a substituição dos broquéis de suas tropas, que eram pequenos, por outros maiores, e bem assim as lanças, que eram demasiado leves; fato que a história não achou que desmentisse a gravidade de suas páginas. O tamanho das nossas barretinas estava pedindo um corte profundo, não só por serem deselegantes, mas também por serem anti-higiênicas. Nas paradas, ao sol, o excesso do calor produzido por elas podia ser fatal. Sendo certo que um dos preceitos de Hipócrates era trazer a cabeça fresca, parecia cruel obrigar um cidadão, por simples consideração de uniforme, a arriscar a saúde e a vida, e conseqüentemente, o futuro da família (ASSIS, OBRA COMPLETA, 2008, v. I, p. 744).

Literária e ideologicamente tratado, o texto machadiano trabalha também com o espaço. Este elemento ajuda a construir a narrativa e seu conflito de modo que revele implícita e explicitamente os valores da sociedade burguesa do século XIX. A sua crítica pode ser sutil, mas é implacável, pois a sua ironia cítrica tem um poder corrosivo, capaz de desmascarar a falsa seriedade de que se revestiam os poderosos de seu tempo.

Por fim, ainda que o leitor não vislumbre sentido para além do espaço concreto, discute-se este tópico dando voz aos críticos e estudiosos de Machado de Assis que imprimem relevantes significados para os espaços que o autor sutilmente introduz na composição da trama de suas personagens. Do leitor da pesquisa trazem-se alguns excertos em que ele aponta lugares e se deles não é possível extrair mais sentidos é porque este leitor carece de maior maturidade, se comparado aos estudiosos que aqui se mencionam. A presença desta lacuna contribui para uma reflexão sobre a *distância estética* que se estabelece quando há carência de preparo do leitor para desfrutar de modo mais completo da recepção da obra. Em vista disso o leitor, enquanto ainda se prepara para uma leitura mais crítica, pouco participa da discussão acerca do elemento espaço da narrativa machadiana.

6.3.10 O tempo/época

Dos temas percebidos pelos leitores de *Memórias Póstumas de Brás Cubas* na pesquisa destacam-se basicamente seis: a escravidão, a condição da mulher do século XIX, a questão da traição, o casamento, a política e a moral. Naturalmente há outros não percebidos ou ao menos não apontados aqui como a mundividência tragicômica do mito de pandora, do humanismo e a lei da equivalência das janelas. Também como temática poderiam ser apontados o ceticismo e a ironia.

A começar pela escravidão, o que impressiona o leitor nesse tema é a naturalidade com que a sociedade trata a questão, de modo que no primeiro trecho o leitor registra, parafraseando Schwarz (1990) que até as crianças tinham esse entendimento referindo-se às cavalgadas de Brás tendo o negro Prudêncio por animal de montaria.

Sabrina: Era natural, o escravo era uma propriedade então ele podia fazer o que bem entender.

Pedro: Ele queria provar que ele também podia ter um escravo. Isso devia ser muito importante para ele. O preconceito; as diferenças sociais. É isso. Quando ele não quis casar com a moça coxa só porque ela era coxa.

Flávia: como se fosse uma coisa normal, ele vai, ele fala, comenta, até as vezes, ele fala que eu não acho legal, mas nada a ver, não da, não chega a fazer um parágrafo inteiro para falar mal da escravidão.

É em *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, publicado em 1881, que Machado de Assis adota postura mais contundente do ponto de vista político, segundo Sidney Chalhoub (2003) que assim analisa o texto de Brás Cubas:

Machado cifra o significado do romance na trajetória de Brás, que é o Brasil que vivera até 1869, e então agonizara, morrera e fora entregue aos vermes em 1870 e 1871, anos de intensa movimentação política em torno da questão do 'elemento servil' (CHALHOUB, 2003, p. 73).

Já a leitora Jakeline refere-se ao regime da escravidão nestes termos quando lembra do negro Prudêncio:

Jakeline: Eu desprezei esse cara (Prudêncio) na verdade. Do que valeu os antepassados dele, o Zumbi; o Rei dos Palmares que vieram da África, pra ele fazer isso aí? Eles pagam por liberdade, não é pra nenhum escravo ser livre, é pra um escravizar o outro. Do que vai adiantar um escravizar o outro? Vai ser em vão, até o que ele defendeu quando ele era escravo vai ser em vão.

A impressão do leitor é muito verdadeira quando capta o sentido que Machado de Assis imprime no romance, de modo oblíquo e irônico, a realidade da escravidão, assim como é cínico o ponto de vista do senhor de escravos. Neto de escravos alforriados, Machado de Assis vivenciava os fatos, porém, por meio da imprensa tomava conhecimento da fuga de escravos negros. Impotente para mudar o rumo da história, Machado aproveita da literatura e de seu talento para denunciar junto de outros literatos, não os fatos pontuais, mas a crença etnocêntrica que colocava os negros no último grau da escala social. Em outras obras o tema também aparece, porém é em *Memórias Póstumas de Brás Cubas* que este encontra maior

expressividade. Essa obra, ao narrar o episódio do negro liberto, Prudêncio, que compra o seu próprio escravo como uma forma de vingança é das páginas literárias de ficção mais inquietantes já escritas acerca da psicologia do escravo negro.

A política, ou seja, a vida pública, era fator de interesse da sociedade dominante já que, além do status, era a forma da sociedade, economicamente privilegiada garantir seus interesses. Em razão disso o aluno leitor destaca o interesse dos diferentes personagens por esse tema.

Felipe: A política, você vê assim que o pai da Virgília era influente na política. O pai de Brás Cubas aproximou ele dela para conseguir um meio mais fácil para chegar na política. O Lobo Neves também tinha esse interesse na política.

Astrojildo Pereira (2008) comunista convicto, antecipa-se em desfazer a versão equivocada dos que acusavam Machado de Assis de ter estado alheio à realidade social de sua época. No ensaio *Machado de Assis, romancista do Segundo Reinado*, Pereira (1939) faz desdobramentos do que já é evidente, porém negligenciado por muitos ainda: as narrativas de Machado de Assis são o reflexo de um período da civilização brasileira. O que ocorre é que o romancista não tomava partido, não atacava nem defendia as instituições e os tipos por ele apresentados. Ao contrário, era um artista e se posicionava como tal, para além do particular e do nacional, o foco era o universal, mais do que o homem brasileiro, ou seja, o homem na sua essência.

Já em *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, no estágio mais maduro do escritor e ao mesmo tempo mais cético e desencantado, a desilusão manifesta-se no amor e na política. A narrativa desenvolve-se em duas perspectivas: a de uma frustrada pretensão política e de um amor que se dilui sem se concretizar plenamente. Entre os que discutem o reflexo da vida pessoal de Machado de Assis em suas obras, dos que o conheciam mais intimamente, querem crer que Brás Cubas seja o retrato do próprio escritor, psicologicamente descrito. Ao contrário, qual seria o mote para que o romancista tivesse criado uma obra caracterizando um herói que vivencia um drama político?

A condição da mulher no século XIX, diferente dos dias atuais, na observação dos leitores, é a de que ela era preparada para o casamento, ou seja, ter filhos, cuidar do marido e zelar da própria imagem, já que o casamento era a sua garantia de sobrevivência. A exemplo disso, Virgília cumpre perfeitamente o ritual de uma esposa, mesmo que infrinja a orientação da fidelidade. A palavra chave encontrada para caracterizar a situação da mulher é submissão, não que isso implicasse, em última análise, em falta de respeito.

Ana Carolina: Antigamente uma moça era criada para casar e ter filhos e ter um só marido. Ela não podia namorar uma pessoa e tocar em um homem antes de casar. Muitos têm filhos antes de casar, naquela época se acontecesse isso com uma mulher ela nunca iria conseguir se casar com nenhum homem.

Ana Luíza: Várias vezes que Lobo Neves chega ela tira o casaco dele. A Virgília pega o chapéu pendura, vê alguma coisa para ele comer, senta na poltrona. Então a mulher como não tinha tanto direito na sociedade, não tinha voz, esse era o papel. Ela era instruída desde criança para esse papel para exercer quando ela tivesse uma família. Então a mulher tanto naquela época quanto a de hoje é bem diferente, né.

Carlos: Acho que submissão. Alguns respeitavam, mas independentemente do respeito, submissão era bem importante...

Daniel: Não é porque eles achavam que a mulher só servia para procriar e cuidar da casa, não podia trabalhar e tinha que cuidar da imagem dela para conseguir marido e ter uma família.

Acerca da condição de submissão da mulher ser ideologicamente natural, é preciso entender que se trata de uma construção histórica. De acordo com Michelet, em sua obra *O Povo*, (1988) e *A Mulher* (1995), as mulheres simples da Europa do século XIX, condenadas a viver nas ruas, estão sujeitas a serem possuídas por qualquer um a troco de alimentação. Famintas, e desesperançadas em relação a sua sobrevivência. E quando a mulher se dispõe a disputar uma vaga no mercado de trabalho, revela-se de novo a concorrência estabelecida entre os sexos e o preço pago por ela para não tentar. E nas palavras de Michelet (1995):

Apenas o patrão é bom para ela. Ele a consolaria, se ousasse. Bom ver que nesse estado aflitivo, em que a garota nunca tem uma palavra amável, ela pertence de antemão a quem lhe demonstrar um pouco de amizade. Logo chega a oportunidade, quando a senhora está no campo. A resistência não é grande. É seu patrão, e é forte. Fica grávida, grande tempestade. O marido envergonhado baixa os ombros. Ela é expulsa e, sem pão, na rua, à espera de poder dar à luz no hospital. [História quase sempre invariável vede as confissões recolhidas pelos médicos (MICHELET, 1995, p. 19)

Já a obra *A formação da leitura no Brasil*, de Lajolo e Zilberman (1996), traz, por meio de cronistas, intelectuais e artistas, dados que revelam a situação da mulher no Brasil do século XIX. É por meio da literatura que se sabe como as mulheres eram tratadas no país. Segundo as autoras John Luccock, cronista que conheceu o Brasil entre 1808 e 1818 mostra a impressões tidas acerca do tratamento aqui dado ao sexo feminino.

(...) as mulheres das classes altas e médias, e especialmente as moças, vivem muito mais reclusas que em nossa própria terra. O pouco contato que os costumes com elas permitem, dentro em breve, põe a nu a sua falta de educação e instrução.[...] A ignorância que entre elas predominava, ao tempo em que vieram o Regente com seu séquito, era enorme, de todos reconhecida e muito lamentada pelos recém-vindos; (...). (JOHN LUCCOCK Apud LAJOLO E ZILBERMAN, 1996, p. 240).

Na observação do leitor a condição da mulher, contemporaneamente às obras de Machado de Assis, revela-se na narrativa quando a educação dos meninos era significativamente diferente da educação das meninas.

Francisco: Como a educação era muito importante, a maneira que eles instruíam as mulheres elas tinham que ser submissas, até as criancinhas sabiam que você era negro e podiam subir em cima.

Pesquisador: Ele não era filho único, mas homem sim.

Sonia: É, o filho homem, isso! Por ele ser o único filho homem, entendeu?! Até na minha família tinha essas coisas, porque meus avós tinham acho que oito filhas mulheres e um filho só, e por isso ele se destacava e recebia tratamentos melhores, entendeu?! Os pais dele eu acho que eles mimaram demais ele, e por isso ele apresenta uma certa rebeldia e algumas coisas do caráter dele. Tipo, eu acho que ele formou alguns conceitos errados, alguma coisa assim, relacionado a isso.

Sintonizado com o contexto social da época da produção da obra machadiana, o leitor traz impressões que coincidem com o lamento de Belman ao criticar a diferença de educação das meninas em relação aos meninos, não tenha alterado nem mesmo após a Proclamação da Independência, uma vez que o Brasil já se tivesse feito nação.

A educação das meninas é negligenciada quase da mesma maneira e também elas são, em geral, deixadas aos cuidados das negras. Até se casarem quase nunca saem de casa, a não ser quando sob a vigilância da mãe vão à missa; a companhia dos homens lhe é absolutamente proibida, e este rigor as leva frequentemente a se entregarem a uma negra de sua confiança, que por caridade cristã assume o honrado papel de alcoviteira [...] (BELMAN Apud LAJOLO E ZILBERMAN 1996, p. 242).

Eni de Mesquita Samara, em sua tese de doutorado (1989) diz ter Saint Hilaire observado, ainda no início do século XIX, o aspecto patriarcal da família paulista. Assim, as mulheres de famílias abastadas tinham como ocupação fazer trabalhos de mão, como bordados, arranjos de flores, mas também executar um instrumento musical. Já as de famílias humildes, pela situação de pobreza, eram entregues à prostituição.

A condição das mulheres de classe econômica privilegiada revelava evidências de que vivessem fechadas em casa ou ainda entregues ao ócio. Essa realidade, contudo, é contradita pelo fato de que as mulheres teriam participação mais produtiva e ativa na sociedade, no que diz respeito à família e os negócios, e assim, contribuíssem efetivamente com as finanças para a economia da casa. E Saint Hilaire especifica o exercício dessas atividades. "Em São Paulo, além das atividades avulsas (doceiras, engomadeiras, cozinheiras

e costureiras) apareciam os teares domésticos (rendeiras e tecelãs) e as pequenas indústrias, estas já em meados do século passado". (SAMARA, 1989, p. 103).

Tudo indica que as duas possibilidades coexistiam, associadas a um duplo modelo moral e de perspectiva social em que as garotas eram educadas para desempenhar as funções domésticas.

O quadro apresentado pelos intelectuais confere com o que o leitor percebe em sua interpretação. Observa-se que nessa temática o leitor *concretiza* a sua atividade de leitura pelo *preenchimento das lacunas* acerca do conhecimento que Machado de Assis sinaliza indiretamente, ao tratar da sociedade de sua época. Mesmo estando distante da produção literária, ocorre aí *a fusão de horizontes*, quando obra e leitor estabelecem o intercâmbio no tocante ao assunto discutido.

O casamento, segundo o leitor, tratado de modo diferente dos dias atuais, era visto como uma instituição declaradamente moral, e se a mulher não estivesse nele ou dele saísse, ela não era bem vista na sociedade, pois o seu papel era ser dona de casa, educadora dos filhos e zeladora do esposo. Já o tema da traição, por sua vez, é visto pelo leitor como algo que não muda de uma época para a outra.

Miguel: as pessoas aceitam mais onde pode haver separação. aceitam a separação de uma maneira diferente do que antes e também as pessoas iam, ou atualmente pensam que é uma coisa errada, mas não é tipo uma coisa absurda assim, normalizou assim, sabe?! antes não então se ela fosse contar, no caso ela ia ter, ia virar problemas sobre o que todos iam pensar sobre ela, e talvez ela não ia querer mais nem sair na rua. então é complicado se ela contasse.

Helena: (Nícolás T.) Uma crítica que podemos citar é a ideias que todos tem de que o humano sempre se espelha ou se mira se foca no espelho social. Eu acho que isso é uma coisa errada por que cada um tem seu jeito, muitas vezes influenciado pela sociedade mas nem sempre é assim.

Bruna: (+) A traição dele e a solução para não ficar muita à mostra.

A tônica do leitor em torno da temática do casamento é a traição e a separação. E é também o foco da narrativa. É importante, contudo, voltar no contexto do século XIX para se observar o que ocorria em torno da instituição do matrimônio e assim aproximar o entendimento das temáticas em jogo.

Michelle Perrot (1992, p. 287-303) em seu artigo *À margem: Solteiros e Solitários*, fala que o celibato era muito comum tanto entre os homens como entre as mulheres no século XIX no Brasil e também na França. O recenseamento de 1851 mostrou que na França havia 46% das mulheres acima de 50 anos celibatárias, 12% solteiras e 34% viúvas. Já no Brasil, o primeiro recenseamento do Império no ano de 1872, revelou que a população feminina livre

somava 67% era de solteiras e 55% eram viúvas. Entre as escravas eram 89,34% as solteiras e 2,44% as viúvas.

O casamento, no século XIX do Brasil, apesar das dificuldades, representava a comunhão de interesses, conservação do prestígio e da estabilidade social e econômica, ao menos para uma parte da população. Era preferível levar as filhas para os conventos no lugar de casá-las com funcionários públicos, já que isso era diminuir-se na categoria social.

Neste sentido, Samara (1989) em sua obra *As Mulheres, o Poder e a Família. São Paulo. Século XIX*, observa que

Isso significa que os casamentos predominaram em certos estratos da população e estiveram preferencialmente circunscritos aos grupos de origem, representando a união de interesses, especialmente entre a elite branca. Esta, preocupada em manter o prestígio e a estabilidade social procurava limitar os matrimônios mistos quanto a cor, e em desigualdade de nascimento, honra e riqueza (SAMARA, 1989, p. 87).

Nesse contexto, Machado de Assis coloca as suas personagens. Félix, em *Ressurreição* era um solteirão assumido. E em *Memórias Póstumas de Brás Cubas* o celibato de Brás não se justifica, como se pode crer, como mera falta de sorte. Aliás, o próprio Brás fala de seu celibato: "A vida celibata podia ter certas vantagens próprias, mas seriam tênues e compradas a troco da solidão". (ASSIS, OBRA COMPLETA, 2008, p. 734).

Já a traição no meio conjugal, apontada pelo leitor na pesquisa, é mais uma discussão que Machado de Assis traz para as suas narrativas como forma de denúncia à farsa das relações entre os casais oficialmente vinculados pelo matrimônio. Dentro da estética realista, o autor segue a vertente francesa de Gustave Flaubert, autor de *Madame Bovary* (1856) bem como Émile Zola, com *Thérèse Raquin* (1867) e o português Eça de Queiroz com *Primo Basílio* (1878). A delação à instituição, pelos literatos se deve ao arrocho moral a que estão sujeitos os casais de relação conjugal corroída e ainda assim continuam sob o mesmo teto, experimentando a traição. Este modelo de instituição que deve ser mantido graças a convenções religiosas, especialmente católicas e a ideologia burguesa, pelos seus interesses, ao fugir de seu real objetivo, parece ser a razão da denúncia pela literatura realista e naturalista.

A moral é um aspecto cujo conceito tem mudado da sociedade do século XIX para a de nossos dias, na observação do leitor. Segundo ele, a sociedade daquele século era de maior rigor em relação à nossa, porém se antes a correção na conduta das pessoas vinha pela coerção, hoje, com maior liberdade, as coisas se resolvem pelo diálogo, isto é, de maneira menos penosa.

André: Moral.

Pesquisador: Mais moral do que hoje?

André: Muito mais, mas hoje ainda tem.

Pesquisador: Ah, você acha... nós relaxamos?

André: Nós relaxamos, antigamente era tudo rígido, rígido, rígido, pra mim, porque eu não vivi naquela época, então eu acho que naquela época, segundo os meus pais dizem, era tudo rígido.

Pesquisador: Você falou que hoje existe mais dialogo, então...

André: Aham, então é mais aberto, você tem mais liberdade, não tem mais aquela coerção, então é, antigamente era rígido, mas as pessoas faziam também, elas seguiam, elas não saiam da linha, hoje por ser mais aberto, as pessoas saem mais da linha, mas isso é bom de ser mais aberto, porque você tem mais liberdade, você não precisa sofrer, antigamente as pessoas sofriam.

A leitura que o aluno faz da sociedade do século XIX, nas entrelinhas do texto literário, vem interpretada de uma mudança de concepção acerca da moral de lá para cá e não do entendimento de que a sociedade moderna seja imoral ou amoral diante daquela. Talvez se possa dizer que havia um comportamento mais moralista do que agora. Aliás, os textos de Machado de Assis revelam essa postura pelo seu discurso. Exemplo disso é a frase de efeito utilizada no capítulo em que trata de Dona Plácida: "(...) donde poderia deduzir que o vício é muitas vezes o estrume da virtude. O que não impede que a virtude seja uma flor cheirosa e sã" (ASSIS, OBRA COMPLETA, 2008, v. I, p.701).

A tônica moralista encontra-se presente nos idos do século XIX na conversa cotidiana, no sermão do sacerdote, no discurso do político, na pedagogia do professor e no texto literário. Discursos todos com a preocupação e o dever de ensinar algo. Um exemplo apenas, no âmbito da literatura, é o característico romance de tese. O objetivo do moralismo não é, necessariamente, a moralidade, porém o discurso que quer persuadir pela adesão a uma ideia ou conduta.

6.3.11 O narrador e o leitor

O narrador em *Memórias Póstumas de Brás Cubas* é uma das maiores sensações do aluno leitor, a começar pelo estranhamento de um defunto narrador. Na visão do leitor esse

narrador surreal não tem receio em relação ao que diz, dando-se ao luxo de ser irônico, debochado, não se importando com o que o outro pense ou fale. Não é à toa que provoque o leitor, dele zomba, dando-se o direto até de subestimá-lo.

Bruna: Meio estranho um defunto contando essa estória, mas se parar e pensar depois que ele morreu tanto fez como tanto faz. Se as pessoas gostarem ou não, se elas criticarem ele mesmo vai responder essas perguntas.

André: Primeiro ele não tem preocupação em falar o que ele pensa, porque ele já morreu. (risos) Então ele pode falar o que ele quiser, ele pode falar mal das pessoas, é assim sem preocupação. Então, ele é uma pessoa muito, é:, no final da vida ele não concluiu nada do que ele queria, a vida inteira dele foi um desperdício, talvez.

Julio: (Bruno P.) Achei o livro muito bacana, já no começo com um diferencial que é começar a história de trás, Brás Cubas narra sua história já morto. O interessante é que Brás Cubas convida muito o leitor para participar da história fazendo o leitor se interessar e ficar mais focado cada vez mais na história.

Helena: A. Ele tentava abrir tudo para o leitor, ele, ele conversa bastante com o leitor, todo trecho, todos os três livros parece, ele tentou falar com o leitor, ele escreve visando, isso é pra você...

O que se observa é que o aluno capta intuitivamente o que se dá no texto machadiano entre o narrador e o leitor. Para sistematizar a análise, entretanto, entende-se que Machado de Assis, na sua relação com a figura do leitor, ou o adota como um interlocutor formal ou o enche de qualificativos para enfeitar a descrição, o tom da intriga, da discussão, da perspectiva que sustenta sua narrativa. E com talento, Machado de Assis enreda o seu leitor cotejando a aproximação e a qualificação.

Dirige-se ao leitor ora para refletir, assim com expressões como “curioso leitor”, “leitor curioso”, ou para entregar a decisão a ele:

Veja o leitor a comparação que melhor lhe quadrar, veja-a e não esteja daí a torcer-me o nariz só porque ainda não chegamos à parte narrativa destas memórias. Lá iremos. Creio que prefere a anedota à reflexão, como os outros leitores, seus confrades e acho que faz muito bem. Pois lá iremos[...] (ASSIS, OBRA COMPLETA, V. I, p. 629)

Em outras ocasiões, permitindo a intriga rolar, deixa a "batata quente" na mão do leitor. É quando definitivamente encerra o episódio com a declaração: “decida o leitor.” (ASSIS, OBRA COMPLETA, v. I, 2008, p. 628). Ou ainda, ao conceder um período para amadurecer o processo: “deixemos ao leitor o tempo de decifrar este mistério” (ASSIS, OBRA COMPLETA, v. I, 2008, p. 710). Com sensibilidade de artista entende o momento de sofrer a extemporânea curiosidade do leitor, ao dirigir-se por exemplo à “impaciente leitora” (ASSIS, OBRA COMPLETA, v. I, 2008, p. 881). Responde adequadamente ao “curioso

leitor” (ASSIS, OBRA COMPLETA, v. I, 2008, p. 697). Enfim, dirige-se confidencialmente ao leitor: “O maior defeito deste livro és tu, leitor. Tu tens pressa de envelhecer e o livro anda devagar.” (ASSIS, OBRA COMPLETA, v. I, 2008, p. 698).

Giovani: Parece que às vezes ele subestima o leitor, não sei, o sentido de compreensão do leitor, eu acho que ele subestima um pouco.

Igor: ... Ele quer mostrar pra gente, tem alguns trechos que ele parece tentar conversar com o leitor, entendeu?! Explicar, dialogar com o leitor.... Parece que às vezes ele subestima o leitor, não sei, o sentido de compreensão do leitor, eu acho que ele subestima um pouco. Por exemplo, tem até uma dedicatória que ele coloca lá “aos vermes que primeiro comeram minha carne”, uma coisa assim (risos), e eu achei isso estranho. Isso foi o que mais chamou atenção...

Na observação do leitor de *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, o narrador conversa e convida o leitor a ler os episódios de sua história, promove um jogo entre si e o leitor, facilita-lhe a leitura com capítulos curtos para não ser enfadonho, além de propiciar a participação do leitor na confecção de sua história mediante as reticências. Se esse narrador assim procede é, provavelmente, em função das influências que aparecem em Machado de Assis, sobretudo em suas últimas obras. Daí o sinal do traço de Thackeray na obra machadiana é o que deriva da promessa do narrador, ou seja, o diálogo com o leitor e possivelmente a ideia do *jogo* entre os dois. A brevidade dos capítulos herda do inglês Fielding, já o artilho do pontinhos vem de Almeida Garret igualmente utilizados por Xavier de Maistre.

Paulo: Tipo assim, ele fala assim para esses leitores ele sabe que a pessoa está entendendo, que ele está confundindo, está fazendo joguinho para sua cabeça. Tipo se você pega uma pessoa que está lendo só por ler, a pessoa se confunde e já se perde e para de ler. Um bom leitor, ele já volta, ler de novo e tenta compreender de novo.

Kátia: É que do jeito que ele faz capítulos curtos... Depois o livro. Fala alguma coisa... Pra mim pareceu que ele escreveu capítulos curtos para não cansar o leitor...

E Machado de Assis assim principia, mediante seu narrador, a sua história de capítulos curtos para não cansar seu leitor, explica-lhe o processo da construção da narrativa e em tom jocoso dirige-se ao interlocutor, na tentativa de provocá-lo a ler.

Mas eu ainda espero angariar as simpatias da opinião, e o primeiro remédio é fugir a um prólogo explícito e longo. O melhor prólogo é o que contém menos coisas, ou o que as diz de um jeito obscuro e truncado.

Conseqüentemente, evito contar o processo extraordinário que empreguei na composição destas Memórias, trabalhadas cá no outro mundo. Seria curioso, mas nimiamente extenso, aliás desnecessário ao entendimento da obra. A obra em si mesma é tudo: se te agrada, fino leitor, pago-me da tarefa; se te não agrada, pago-

te com um piparote, e adeus. Brás Cubas (ASSIS, OBRA COMPLETA, 2008, p.626).

A *ironia* de Machado de Assis é descoberta pelo aluno leitor e na relação com o leitor machadiano em ao menos dois entendimentos: ou porque acha que o autor a utiliza demasiadamente ou porque escreve com tanta despreocupação que passa a ideia de brincar com o leitor, como se estivesse sem direção.

Francisco: Tive a impressão de que o autor exagera na ironia, e faz pouco caso de seus leitores. Eu não gostei da maneira como é contada a história.

Carolina: ele esculachou com o leitor.

Bárbara: num podia ser muito irônico.

Diego: achei irônico... A: Aham, ele colocava meio que em figuras de linguagem o que queria dizer. Então várias coisas que ele, quando usava uma linguagem diferente.

Juliana T.: Tive a impressão de que o autor exagera na ironia, e faz pouco caso de seus leitores. Eu não gostei da maneira como é contada a história.

André: Acho que ele foi meio irônico às vezes.

Tiago: Igual, por exemplo, ele começa falando de uma coisa em um capítulo e de repente ele fala assim: "não, agora acho que vou falar disso". E ele começa outro, então de alguma forma pra que começou então se não vai terminar. Talvez essa foi uma das intenções dele para o leitor, não importa se tem cem ou duzentos leitores.

Jaqueline: [Não importa ter trinta leitores no livro, o que importante é ter três leitores que entenda o mesmo texto]

O próprio Machado de Assis, em seu conto *Teoria do Medalhão* assim se manifesta:

"Somente não debes empregar a ironia, esse movimento ao canto da boca, cheio de mistérios, inventado por algum grego da decadência, contraído por Luciano, transmitido a Swift e Voltaire, feição própria dos cétricos e desabusados" (ASSIS, OBRA COMPLETA, 2008, v. II, p. 275).

A obra machadiana parece estar contaminada pelo que diz Anatole France: "A ironia é a ultima fase da desilusão"... E "Sem a ironia o mundo seria como uma floresta sem pássaros; a ironia é a graça da reflexão e a alacridade da sabedoria" (FRANCE Apud PONTES, 1949, p. 251).

Segundo France a ironia faz as pessoas crerem em coisas não necessariamente verdadeiras, porém com outro sentido para quem se utiliza dela. *Memórias Póstumas de Brás Cubas* é uma história narrada por um defunto autor no qual revela-se a ironia de forma intemporal e universal, manifestada aos leitores com aspecto niilista, isto é, de total negativa, combinada à filosofia e à metafísica. Aparentemente, *Memórias Póstumas de Brás Cubas* foi

escrito por um defunto autor, quer dizer, um narrador-personagem que conta sua vida depois de morto e a ironia é utilizada como um recurso para fazer o leitor desconfiar das declarações, ideias e conclusões de seu narrador, Brás Cubas. A ironia é um dos traços mais marcantes da obra de Machado de Assis, mormente na obra em análise.

Na perspectiva da Estética da Recepção a desaprovação da ironia machadiana por parte do leitor dá-se pela frustração do seu *horizonte de expectativas*. A ironia é vista sob duas perspectivas: uma é em função do deboche do narrador com o leitor e outra é pela falta de compreensão do sentido figurado empregado pelo autor. A dificuldade do leitor diante da aporia do texto machadiano pode ser descrita do seguinte modo: o narrador apresenta uma polissemia que obscurece a compreensão do leitor em relação ao "verdadeiro sentido" ou "sentido unívoco" do texto. O tom galhofeiro utilizado pelo narrador revela a situação irônica que torna ainda mais problemático o sentido do texto. Diante dessa situação irônica, frustrado na busca de um sentido unívoco, resta ao leitor aceitar a indeterminação do sentido. O gracejo é, possivelmente, o efeito para o leitor. Em sentido amplo, o efeito da galhofa pode ser caracterizado como uma reflexão irônica sobre a ironia. Em outras palavras, uma relação entre sentidos opostos.

Se há uma fonte para a ironia machadiana, a de cunho literário parte de Aristófanes e de Luciano de Samósata. Dela participam Erasmo, Cervantes, Sterne, Swift, Fielding, Diderot etc. Essa influência, no aspecto formal das narrativas deixou sua marca no pensamento do autor brasileiro e infundiu nele "um senso de humor" trazendo harmonia a sua desiludida "filosofia de vida".

É relevante lembrar que a *tática de comunicação* com o leitor tem origem em Sterne e Xavier de Maistre, prováveis influências de Machado de Assis neste particular. Porém a explicação para o número de leitores que queiram ler ou não a sua história encontra-se no contexto em que Machado de Assis vivia, declarada especialmente numa missiva ao seu contemporâneo e amigo José Veríssimo, autor também da Revista Amazônica (1883):

Há alguns dias, escrevendo de um livro, e referindo-me à Revista Brasileira, tão malograda disse esta verdade de La Palisse: "que não há revistas, sem um público de revistas". Tal é o caso do Brasil. Não temos ainda a massa de leitores necessária para essa espécie de publicações. A Revista Trimestral do Instituto Histórico vive por circunstâncias especiais, ainda assim irregularmente, e ignorada do grande público. Esta linguagem não é a mais própria para saudar o aparecimento de uma nova tentativa; mas sei que falo a um espírito prático, sabedor das dificuldades, e resolutivo a vencê-las ou diminuí-las, ao menos (ASSIS, OBRA COMPLETA, 2008, v. III, p. 1359).

Ou seja, ao questionar acerca de quantos leitores supostamente o leriam – Cinquenta? Vinte? Dez? Cinco? - o autor, por meio de Brás Cubas, destaca a situação desfavorável da leitura com um público reduzido, a falta do hábito de ler e o imenso número (70 %) de analfabetos em meados do século XIX. Os alfabetizados, por sua vez, tinham predileção pelos livros estrangeiros, principalmente os franceses.

José Alexandre: Eu acho que vai do interesse do leitor. Como ele sabia que ia confundir, porque foi ele que escreveu. Então como ele era conhecedor disso ele fez dessa forma. Ele sabia que iria ter muitos leitores que iam desistir ou que talvez ia criticar a forma que ele ia colocar. Mas ele sabia quem fosse ler de verdade iria entender o motivo por ele ter feito isso.

Nessas conversas com o leitor o estudante na pesquisa atentou para um destinatário em especial, a mulher. E a sua relação com ela é, ao que parece, muito familiar e espontânea, já que se observa um *esconde, esconde* ao tratar com a mulher.

Gabriel: Tem uma parte que ele fala assim: “se você é uma mulher sensível, então não continue lendo” tipo zombando, como se a leitora não tivesse assim né. Ele quer um leitor que quer ler, então “eu vou confundir você mesmo, se você não entendeu, procure ler de novo. Porque é isso que eu quero passar para você.” Ele dá esse desafio para gente.

Homem e artista sensível, Machado de Assis considera o público feminino primeiramente porque um escritor, *avant la lettre*, tinha consciência do potencial deste público. Em segundo lugar porque observava-se que os leitores dos folhetins de contos em forma de novela eram, especialmente, as moçoilas e as mulheres da elite daquela época, já que a escolaridade, não obrigatória, não atingia a classe pobre. Em terceiro lugar, por ser crescente o público feminino, o *Jornal das Famílias*, da editora Garnier, do qual Machado de Assis foi um dos maiores colaboradores, publicava mensalmente contos, além de poemas sentimentais, uma coluna com moda ilustrada a cores, crônicas culinárias a instruir as donas de casa e as jovens noivas. Em quarto lugar, é curioso saber, que foi Machado de Assis a inaugurar os saraus com acentuada presença das mulheres, o que era antes um programa frequentado essencialmente pelos homens de letras.

Aliás, nenhum escritor de seu tempo promoveu tanto a mulher como personagem capital e *leitmotiv* básico de seus textos como o fez Machado de Assis. Ele escrevia para as mulheres e sobre elas: a partir de sua primeira obra publicada, *Queda que as mulheres têm para os tolos*, em sua extraordinária novela Casa Velha, depois o seu romance inicial, *Ressurreição*, seguindo com *A Mão e a Luva*, *Helena*, *Iaiá Garcia*, ainda na grande maioria de seus contos, até *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, *Quincas Borba*, *Dom Casmurro*,

Esaú e Jacó, Memorial de Aires, são as mulheres protagonistas, as personagens basilares, o foco da trama e da narrativa.

No âmbito da Estética da Recepção Jauss, a partir dos anos 60, propõe mudar o foco da pesquisa literária, “do texto enquanto estrutura imutável, ele passa para o leitor” (ZILBERMAN, 2009, p.10-11). O leitor, na teoria do teórico alemão, assume sua função no processo da leitura. A atuação do narrador nas obras de Machado de Assis coincide com o entendimento da teoria jaussiana em que o narrador interage com o leitor. Nesta relação, o narrador empresta a sua voz, narra a sua história, infunde vida às personagens. O narrador existe graças ao leitor e existe para dar vida ao texto que narra. De acordo com Zilberman (2009) “o leitor evidencia-se como pertencendo ao texto, um componente seu a quem compete acompanhar a partitura apresentada pelo narrador” (ZILBERMAN, 2009, p. 99). Parte do texto, o leitor dá ao narrador a sua voz emprestada, porém avança no caminho indicado pelo narrador, uma vez que é este que tem a consciência do que será contado e a maneira de como se dará.

6.3.12 A verossimilhança

A exemplo das personagens, espaço e situação não estão sujeitos a serem descritos por completo, pois o leitor deve completar a narrativa por meio de sua imaginação de acordo com aquilo que lhe afigurar verossímil. O leitor da pesquisa, por sua vez, discute a verossimilhança da narrativa de Machado de Assis pelo sim e pelo não, ou seja, as opiniões divergem sobre ser a narrativa crível de ser ou não parecida com a realidade. Na concretização da leitura pelo preenchimento das lacunas do texto machadiano, um dos alunos acredita que se trata de uma autobiografia assinado por um pseudônimo e revelando-se verossímil porque o leitor diz serem os eventos tão reais como os da vida na sociedade atual. Se o texto não é verossímil pela ótica do terceiro leitor é porque não houve entendimento suficiente do texto, mas é categórico o último leitor ao dizer, rindo, que defunto não fala e, em consequência disso, tudo muda por causa desse particular.

O leitor do trecho seguinte não tem certeza acerca do que afirmar sobre a *verossimilhança*, pois apenas desconfia de que se trata de uma autobiografia. Considerando os elementos de pré-texto como o título que se refere a memórias, há nele também o nome

completo de um homem, que por sinal morreu, mas que volta para contar a história. São dados que este aluno avalia para concluir que alguém tenha narrado a própria história ou a de outra pessoa.

Ana Luiza: É, esse fato, é claro que não é, é a ficção, talvez não seja bem a ficção, mas talvez seja alguém escrevendo. É claro que é o, o Machado de Assis, e tal, mas talvez o Brás Cubas seja uma pessoa, tenha um objetivo assim de mostrar que tem alguém escrevendo e talvez dar outros nomes pras pessoas de uma história verdadeira, entendeu?! Falar que ele morreu, mas que pra homenagear alguém que escreveu vivo né, tá contando a história da vida dele, alguma coisa assim. Talvez, não sei. Pode ser isso, mas eu acho que realmente tem um objetivo. Pode ser o do Machado de Assis né, eu acho que ele tá mudando o nome.

A leitura do aluno combina com a análise de Schwarz (1990). Segundo este autor, a forma do romance de *Memórias Póstumas de Brás Cubas* é biográfica, embora solta, além de entrelaçada por digressões e episódios cariocas. Como num documentário, assiste-se à vida de um brasileiro abastado e desocupado:

(...) nascimento, o ambiente da primeira infância, estudos de Direito em Coimbra, amores de diferentes tipos, veleidades literárias, políticas, filosóficas, científicas, e por fim a morte. Estão ausentes do percurso o trabalho e qualquer forma de projeto consistente. A passagem de uma estação a outra se faz pelo fastio, imprimindo ao movimento a marca do privilégio de classe. As relações são *incivis* em sentido próprio, isto é, não se pautam pela igualdade moderna, que no entanto está postulada. A volubilidade de Brás aparece, noutras palavras, como o reverso da exclusão de trabalho ou empenho autêntico, e como extensão da iniquidade social (SCHWARZ, 1990, p. 61).

Ao ler uma obra literária e alertado para a confusão entre realidade e ficção, chama a atenção do leitor o fato de a obra apresentar-se não verossímil. Isto desmancha, no espírito do leitor, a ilusão vivida por meio da vida romanesca durante a leitura, como se tivesse o mesmo valor de realidade da vida do dia a dia.

meu cérebro foi um tablado em que se deram peças de todo gênero, o drama sacro, o austero, o piegas, a comédia louçã, a desgrenhada farsa, os autos, as bufonarias, um pandemonium, alma sensível, uma barafunda de cousas e pessoas, em que podias ver tudo, desde a rosa de Esmirna até a arruda do teu quintal, desde o magnífico leito de Cleópatra até o recanto da praia em que o mendigo tiritava o seu sono. Cruzavam-se nele pensamentos de vária casta e feição. (ASSIS, OBRA COMPLETA, V. I, p. 667).

Na pergunta feita "você achou a história verossímil", o aluno respondeu "a queima roupa": "defunto não fala!". Na continuidade, o leitor discute o impacto da obra pelo fato de ter nela um narrador defunto, o que constitui uma não verdade.

Sabrina: Não (risos) defunto não fala.

Pesquisador: Ele teve essa possibilidade de contar a estória já que estava morto, ele poderia contar sua estória completamente. Mas ele se favorecendo estando morto para contar uma estória da sua vida do jeito que ele contou assim tão livro aberto, tão cartas na mesa?

Sabrina: Acho que sim. Porque se estivesse contando a verdade não teria mais consequências.

Pesquisador: E essas consequências seriam o que exatamente?

Sabrina: As pessoas não pensarem nele do jeito que pensavam, agiria com ele de forma diferente.

Em outra perspectiva, considerando que Machado de Assis contraria as estéticas narrativas de seu tempo, é o narrador afirmar no primeiro capítulo que não é “propriamente um autor defunto, mas um defunto autor” (ASSIS, OBRA COMPLETA, V. I, p. 626), ou seja, apenas depois de morto veio-lhe à mente a possibilidade de ser um escritor. A ideia de se matar o narrador, pondo em risco a verossimilhança da narrativa pode considerar-se uma das mais criativas iniciativas de Machado de Assis. Para pensar-se acerca da ficção (como forma de impacto sobre a realidade social da época) era necessário acabar como escritor de acordo com o horizonte de expectativas do espectador da época. Brás Cubas morto, coloca-o fora do modelo estético em voga para introduzi-lo num universo em que se privilegia os arranjos da imaginação, da reflexão e do dinamismo.

Aqui cabe uma observação: se a obra de Machado de Assis não dá margem para o leitor confundir ficção e realidade, como se mostra o realismo na obra de Machado de Assis? Primeiramente, o seu realismo é *sui generis*, depois é preciso compreender que a realidade machadiana é, antes de mais nada, uma realidade mascarada, precisando ser desenvolvida em sua composição.

Percebe-se que a técnica narrativa que Machado de Assis emprega era pouco conhecida no Brasil já que se lia bastante literatura realista francesa que influenciou os românticos e realistas brasileiros. Consequentemente o Brasil possuía um significativo número de escritores sem as características do realismo de Machado que combinava com uma estilística avessa aos realistas (a exemplo de Laurence Sterne, sua influência). Essa conduta narrativa em primeiro plano e a mediação por consequência do estilo de vida de Brás Cubas resultam num efeito surpreendente, o que garante ao romance a coesão e a verossimilhança, marcadas por muita observação de realidade e tipos culturais brasileiros. Ou seja, fica evidente que se deseja caracterizar um modelo representativo da classe burguesa por meio das relações típicas dessa classe, ao dar vida ao protagonista pelo recurso de pôr-se em cena um grupo de personagens, que de certa maneira, condensasse a sociedade brasileira.

6.4 A linguagem

O leitor reclama da dificuldade em ler o texto machadiano pela linguagem complexa e o vocabulário que escapa ao seu repertório. Na questão estilística, os alunos julgaram agressiva a ironia do narrador. Os capítulos curtos ou os capítulos apenas intitulados foram interpretados pelos alunos como possibilidade de o leitor participar mais efetivamente da história. E, ainda, para ler Machado de Assis é preciso ser muito culto, com muito conhecimento de literatura, história e política.

Rodrigo V.: Não gostei muito do livro pois a linguagem é muito difícil e a história não conseguiu prender a minha atenção.

Fernanda G.: O texto é muito bom, mas como já disse a linguagem é muito difícil e fora de nossa época. Nós jovens de hoje não temos interesses por obras antigas por ter linguagens difíceis. Já dei essa ideia antes, mas repito: reescrevam na linguagem atual os livros que há muito mais chances de os jovens gostarem.

Francisco: É muito velho as palavras que ele escreve... Eu acho que algumas são antigas e algumas difíceis... Tinha, só que era, ficava meio confuso... Depende do leitor... Ele tem que ser muito culto... Ele precisa ter bastante conhecimento... Em estudar literatura... Da política, história.

Ana Cláudia: Mas eu não, as expressões que ele usa, algumas palavras que foge um pouco do vocabulário que tornou difícil a compreensão.

Pesquisador: Você precisou olhar no dicionário?

Isabela: Algumas vezes. Mas pelo contexto lá, pelo contexto a gente consegue ter uma noção do que ele está se referindo. Dificultou muito pouco.

Mariana C.: A obra “Memórias Póstumas de Brás Cubas” é diferente porque o autor relata suas histórias já depois de morto, o que nunca aconteceu em nenhuma obra que eu li; convida o leitor a participar da leitura; a linguagem é difícil e típica da época. Faz críticas sobre a sociedade; há o pessimismo, pois fala de sua morte sempre; há ironia.

João Henrique: Porque ele coloca o nome dos capítulos, mas não escreve nada?

Ana Cláudia: Porque ele não quer que você fique presa nos capítulo, ele quer que você leia entrelinhas, os contextos das coisas.

Para responder ao leitor, às voltas com a complexidade da linguagem, é necessário dizer que o vocabulário na obra de Machado de Assis não é complexo, ficando próximo da linguagem oral de seu tempo. No entanto não são simples os processos compositivos porque

ele tinha uma mente de computador, ou seja, ele defendia a ideia de que um sistema não resulta dos elementos em si, mas da combinação entre eles mesmos.

Tomados como problematização da vida, a atualidade da ficção de Machado de Assis alimenta-se do pessimismo e do humor. Desta perspectiva vem uma de suas características mais marcantes de seu espírito, a ironia. E conforme Ivan Teixeira (1988) ao definir “ironia, que é o riso dividido, pelo excesso de lucidez, entre o desencanto e o cinismo” (IVAN TEIXEIRA, 1988, p. 4).

Machado de Assis é ainda o criador do romance poético no Brasil, um romance que coloca seu foco mais na estrutura das palavras do que no enredo propriamente dito. Para ler seu texto é necessário que se tenha paciência e sensibilidade linguística, uma vez que os elementos de sua frase precisam ser, mais do que entendidos, sentidos e até vistos. É necessário lê-los como se lê poesia.

Pode-se afirmar que é no aspecto da linguagem que o leitor encontra a maior barreira na leitura da obra de Machado de Assis. É natural esse estranhamento em razão da distância histórica e a linguagem é somente mais um elemento dessa estranheza em contextos social e histórico diferentes.

O impacto que a linguagem causa no leitor da obra machadiana pode ser creditada na conta da história dos efeitos, explicado por Gadamer (1997). A separação do leitor com o passado não causa estranhamento apenas numa relação de alteridade. A distância que separa um indivíduo de outras épocas inclui um fator de pertencimento. Ou seja, um historiador que deseja compreender certo documento deve ter com ele alguma relação por meio da linguagem, uma vinculação com o lugar histórico ou sua tradição. Esta ligação dá-se nem mais nem menos mediante os preconceitos, indagações, ideias prévias com a qual o pesquisador apresenta seu material de pesquisa. Com este entendimento Gadamer (1997) afirma que "quem quer compreender um texto tem sempre um projeto. Assim que se desenha um primeiro sentido no texto, o intérprete antecipa um sentido para o todo" (GADAMER , 1997, p. 107). E a compreensão vem da revisão permanente desses "projetos" enquanto se lê o texto ou na relação que se estabelece com o material pesquisado.

Da parte do aluno leitor, o estranhamento dá-se justamente porque ele não está familiarizado com o material textual com o qual se sinta à vontade, isto é, o conhecimento vocabular requer, não apenas uma pesquisa superficial, mas exige certa maturidade filológica para compreender e gostar de um texto carregado de termos em desuso pelo leitor, além da presença vocabular em diferentes idiomas.

Em relação ao estranhamento com o passado junte-se à capacidade de ouvir o que ele tem a dizer. A isso Gadamer (1997) chama de “consciência da eficiência histórica” (GADAMER, 1997, p. 107), ou seja, que se saiba de que a tradição histórica não está sepultada, mas viva na cultura e nos "preconceitos" do leitor hodierno. Os textos e fenômenos históricos somente ganham sentido porque têm importância para o ser humano de maneira geral e particularmente para a historiografia em razão do efeito que historicamente causaram.

Ainda que a leitura seja complexa devido ao vocabulário, às expressões de contexto estranho para o leitor, os termos em outras línguas, o contexto social e histórico abordado, este leitor reconhece o valor do texto e do autor pela literariedade impressa em sua obra, pelo conhecimento cultural e de mundo do escritor, pelo domínio de diferentes idiomas e é claro, também por saber quem é este escritor no contexto da literatura nacional e até internacional. Esse efeito da obra sobre o leitor é fruto de um conjunto de aspectos que levou o leitor do estranhamento na *história dos efeitos* para a *emancipação* ao perceber novas dimensões a partir da leitura.

A "história dos efeitos" age em qualquer fato compreensivo de modo inconsciente fazendo parte da tradição e dos preconceitos que definem a compreensão.

Daí Gadamer (1997) propor, em contrapartida, que o intérprete da tradição desenvolva um grau de consciência de tais efeitos mesmo que seja impossível uma consciência completa. Atender a este cruzamento de efeito histórico e simultaneamente de consciência histórica é de fundamental relevância primeiramente para desviar os preconceitos danosos à compreensão, segundo e especialmente, para elucidar as "pressuposições sustentadoras" que dirigem a compreensão na direção de melhores e mais coerentes questões. Este é o instante capital, de acordo com Gadamer (1997), para a realização da compreensão, ou seja, da consciência da "situação" hermenêutica. Em outras palavras, a conquista do horizonte de questionamento coerente relativamente à tradição.

6.5 O leitor e Machado de Assis

São inúmeros os atributos conferidos ao autor Machado de Assis por parte do leitor: "homem pouco comum, inteligente, ótimo escritor, bem culto, esperto, que domina diversos idiomas, que tem uma filosofia, que é crítico e observador".

Francisco: Eu acho que num é o homem muito comum assim.

Ana Maria: Ele era muito inteligente, só isso (risos).

João Henrique: Ah, ele era um ótimo escritor. as pessoas não falavam na época.

Ana Cláudia: Ele é bem culto, conhece muitas palavras e ele se importa com o leitor, vê que ele se importa com o leitor, então eu gostei dele, eu gostei, achei ele legal.

Assíria. O Machado é um cara meio esperto né?

Helena: É, tem várias situações que a gente percebe que é em outra língua, latim talvez ...

Daniela: Francês, devo ter visto Latim também, então, então tem bastante coisa.

Edson: Ele fez, ele deve ter feito historia, que ele sabia bastante coisa da historia ali, ele deve ter feito, geografia ele não fez, matemática também não.

Gabriel: Ele pensava mais longe, ele tinha uma filosofia que né... ele acreditava bastante na própria história que tinha muito filosofia assim.

Antônio: Eu acho que ele é um crítico em relação à sociedade da época, e ele coloca, uma coisa que eu percebi também, é assim, ele meio que entra, ele quer criticar alguém, ele coloca o personagem dele sendo aquela pessoa assim, ele quer criticar a pessoa que trai? No caso, o protagonista da história, que narra a história é a pessoa que trai. Então ele meio que, no caso do Memórias Póstumas, ele queria criticar a classe média ele colocou...

Alice: Ã. Como eu posso dizer?! Não observador. Como eu posso dizer?!

Se ocorre o fenômeno da *distância estética* diante da leitura do presente leitor em relação a diferentes aspectos que a obra machadiana apresenta como dificuldade de compreensão (vocabulário, repertório e o contexto social histórico) da obra, assim como a sua estética (o movimento do enredo, o tipo de herói e o estilo), os atributos do autor, diante de suas faculdades, apresentam-se como *fusão de horizontes*. Mesmo que a sua narrativa não tivesse agradado, o leitor depreende da leitura que o criador do texto não poderia ser alguém comum. Isso leva a crer que, excluídas as dificuldades de compreensão do texto e estética pouco condizente com o gosto do aluno, o autor merece o crédito e a admiração do leitor.

Uma *fusão de horizontes* concretiza-se igualmente quando o leitor percebe em Machado de Assis um homem: *inteligente, ótimo escritor, culto, esperto e que domina diversos idiomas*, já que tais faculdades são dignas de respeito no ser humano em qualquer tempo. Ocorre, com a projeção destes valores ao escritor, que o leitor tem verdadeira veneração pelo autor, o que remete à experiência estética de *identificação* do leitor com o escritor tal qual acontece entre o espectador e o herói na narrativa. É evidente que a teoria de Jauss (2013) trata da relação entre herói e leitor diante da narrativa de ficção. Mas observa-se, nos depoimentos do leitor da pesquisa em relação ao escritor, o mesmo jogo associativo

que há entre o ser herói e o espectador, ou seja, as faculdades atribuídas ao autor da obra fascinam o leitor na perspectiva de espelhar-se no herói, que é o escritor.

Portanto, o papel do escritor tão bem exercido, faz com que o espectador alimente o desejo de o imitar, ou seja, de espelhar-se na figura do autor com os mesmos atributos: ser *inteligente, culto, esperto, falar diferentes línguas*, etc. Nesse jogo associativo há um anseio em cada um de poder exercer o papel do outro, colocando-se na mesma posição na vida social.

6.6 O leitor e o realismo

De acordo com o comentário dos alunos, há mais realismo na narrativa machadiana do que em outras obras e autores. Em outro momento observa-se que o leitor, lembrando da matéria da aula, trata do realismo no sentido de vincular a obra machadiana à escola literária do Realismo. No trecho a seguir, o leitor atribui à obra *Memórias Póstumas de Brás Cubas* maior realismo, pois o defunto autor, não tendo nada a perder, permitiu que também nada precisasse ocultar, já que nada precisaria temer; tudo isso contribuiu para o caráter realista da obra.

Carlos: Eu acho que ele mostra realmente como é a vida da maioria das pessoas, assim. Não no sentido dos mesmos fatos, mas a sociedade como ela é mesmo, como a vida de todo mundo é, segue. E também a vida das pessoas, tem livros que você e tudo é perfeito assim, ele já mostra que não é sempre que a sua vida vai ser perfeita, a vida das pessoas geralmente não é perfeita.

O próprio Machado de Assis declarava-se explicitamente acerca da questão de a arte ser uma mera reprodução da realidade. "Se a missão do romancista fosse copiar os fatos, tais quais eles se dão na vida, a arte era uma coisa inútil; a memória substituiria a imaginação [...]" (BOSI, 2006, p.138).

Em outra ocasião (1879), ao fazer a crítica do poema "Interior" de Alberto de Oliveira, Machado de Assis chama a atenção do poeta sobre o exagero na descrição dos fatos em relação à interioridade e julga uma falha não haver tal conformidade, responsabilizando o Realismo por esta imperfeição, denominando de "poética do inventário" essa listagem de aspectos "exteriores" do real sem a equivalência do uso de tais aspectos com o fator humano. Daí ser este o amparo de sua crítica ao Realismo/Naturalismo: "O realismo não conhece

relações necessárias, nem acessórias, sua estética é o inventário." (ASSIS, OBRA COMPLETA, 2008, v. III, p. 1275).

No seguinte excerto é realçado o realismo vivido pelas personagens em que o leitor aponta os eventos da narrativa com as suas imperfeições, como um retrato da vida real. E, finalmente, o aluno menciona o realismo dentro da estética ou da escola literária.

Felipe K.: Achei muito bem escrito, me chamando muito atenção no começo do livro de Machado de Assis, sua dedicatória. outro ponto que me chamou atenção foi a constante interação com o leitor, essa obra, Memórias póstumas quebra a estética romântica e começa marca uma nova geração realista, fazendo críticas sociais a igreja e até mesmo ao próprio leitor, realmente tenta demonstrar a realidade sem contar de vários ou finais felizes e essas foram minhas impressões sobre o livro de Machado de Assis.

Essa discussão é um lema comum na crítica de Machado de Assis, defendida em concernimento com inúmeros escritores, até mesmo Eça de Queirós. Este também responde pela mesma posição de Machado de Assis que advoga em favor da relevância do "sentimento íntimo", cuja medida vale para o escritor e para suas personagens, já que o brasileiro não põe fé em descrições de contextos e ações sem o retorno dado pelos personagens quanto e como sentem-se no que diz respeito a ambos. Assim sendo, não se trata de negar aspectos ditos "exteriores" na composição do romance, porém da pretensão de haver uma correspondência coerente em vista da interioridade das personagens que transitam nestes "exteriores". Machado de Assis, no intuito de elucidar a sua defesa de que somente a maneira "inventariante" de ocupar-se da realidade (falha do Realismo/Naturalismo) não é aconselhável, assim assegura: "... a realidade é boa, o realismo é que não presta par a nada." (ASSIS, OBRA COMPLETA, 2008, v. III, p. 1279).

Machado de Assis, ao fazer críticas irônicas ao poeta romântico em *Memórias Póstumas de Brás Cubas* nega conjuntamente o *Romantismo* e o *Realismo*, pois ele é contrário aos modismos das escolas literárias. Daí o próprio Brás Cubas negar a postura realista do realismo num discurso de comediante:

Ao cabo, era um lindo garção, lindo e audaz, que entrava na vida de botas e esporas, chicote na mão e sangue nas veias, cavalgando um corcel nervoso, rijo, veloz, como o corcel das antigas baladas, que o romantismo foi buscar ao castelo medieval, para dar com ele nas ruas do nosso século. O pior é que o estafaram a tal ponto, que foi preciso deitá-lo à margem, onde o realismo o veio achar, comido de lazeira e verme e, por compaixão, o transportou para seus livros (ASSIS, OBRA COMPLETA, V. I, 2008, p. 644).

O Realismo em torno de *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, visto superficialmente, envolve um paradoxo de complexidade conceitual abrangente. Talvez desfaça-se a

problemática por meio da elucidação conceitual do realismo. Assim, a primeira manifestação vincula-se a uma perspectiva historicista da literatura. Como estilo de época o realismo restringe-se a um determinado período da história da manifestação artística e literária, iniciado pela publicação de *O Mulato* de Aluísio Azevedo (1881) e *Memórias Póstumas de Brás Cubas* (1881), encerrando-se em 1902 com a inauguração do Pré-Modernismo com *Os Sertões* de Euclides da Cunha.

Já a segunda manifestação não está ligada particularmente a uma época da história, porém define-se como categoria estética que faz uso de um conjunto de normas de composição, ou seja, é uma categoria normativa de arte. Nesta perspectiva Ian Watt, (1990, p. 13) afirma que o realismo “procura retratar todo tipo de experiência humana e não só as que se prestam a determinada perspectiva literária: seu realismo não está na espécie de vida apresentada e sim na maneira como a apresenta”. Watt vincula a palavra "realismo" a uma estratégia de construção romanesca que não tem mais referência a fins literários específicos, porém a um conjunto de técnicas que se acham muito comumente no romance e escassamente em outros gêneros literários. Estes tidos como típicos dessa forma, denominando-o de "realismo formal", isto é, a técnica narrativa em que o romance assume a perspectiva circunstancial da vida. E a obra *Memórias Póstumas de Brás Cubas* deve mostrar a realidade envolta por um arranjo técnico do narrador, Brás Cubas.

Uma terceira expressão conceitual do realismo (extensão da segunda) é compreendida como uma mera operação mimética, ou seja, uma cópia fiel do real. A linguagem nesta manifestação precisa ser límpida para poder representar o real com fidelidade, isto é, os eventos, bem como os hábitos das personagens em seu meio são mais representativos em vista das outras manifestações.

Memórias Póstumas de Brás Cubas carece de uma definição para o seu objeto no sentido de uma representação da natureza e a assimilação do plano do representado. Assim sendo, o realismo apresenta-se relativo tanto ao período histórico quanto aos outros dados da realidade objetiva desse período. Em outras palavras, mediante a extensão exterior do mundo sem limites, pode se obter a essência dos fenômenos psicológicos, sociais e históricos do universo físico representado.

Gustavo Bernardo (2011) em sua obra *O problema do realismo de Machado de Assis* levanta uma significativa bibliografia para sustentar a sua tese: Machado de Assis não é realista. Assim conta com José Veríssimo, Souza Afrânio Coutinho, Antonio Candido, Luiz Costa Lima, Sebastião Jr, Paul Dixon, João Adolfo Hansen, Abel Barros Baptista, Luiz

Antonio Aguiar, Roberto Schwarz, Silviano Santiago e Silvia Regina Pinto, autores que, se não evitam a definição, negam o conceito de escola realista atribuído a Machado de Assis.

Bernardo (2011) revela que na literatura machadiana inexistente uma realidade objetiva, pois ele descreve um real que é mero alvoroço, instabilidade e movimento. Na condição de estudioso e crítico do autor parece ser necessário enquadrá-lo nas molduras canônicas. O realismo não revela o real, mas o que sobra dele ao reduzi-lo nos modelos da realidade. E a realidade é uma ilusão em forma de ordem de um mundo que é somente curso.

6.7 O leitor e a literatura

O leitor observa que a literatura tem o crédito da sociedade, pois nela, segundo ele, se revela a verdade. O aluno manifesta-se contente com a experiência realizada ao dizer que a leitura da obra machadiana contribuiu para que ele desse maior valor à literatura, ao mesmo tempo reconhecendo que as reflexões do texto literário tiraram-no do senso comum.

Alexandre: Literatura é como a sociedade via como certo.

Beatriz: Eu acho que depois que eu li todos esses livros durante essa experiência que eu escolhi esses livros, eu passei a apreciar um pouco mais a literatura brasileira, porque eu gostei da forma como ele escreve, com ah, tipo esses pensamentos essas cogitações dele um pouco mais complexas do que a gente vê geralmente nesses livros, como o cotidiano.

A literatura, como uma manifestação artística, tem papel de destaque na vida do homem em virtude de ser acessível a todos mediante a palavra, ao menos pela oralidade. A palavra é a materialidade simples e complexa que distingue o humano dos outros seres e por ser o instrumento que elabora e sistematiza o pensamento. A literatura é a possibilidade da representação simbólica que se instaura entre o produtor de uma obra e o seu leitor e representa a vida real e a das personagens imaginariamente criadas dentro de cada ser humano. A literatura é motivada pelos mais variados sentimentos, mas especialmente pelo temor de esquecer, fazendo com que a palavra recupere as vivências e a história do homem como uma forma de felicidade. Ao criar e inventar a literatura o homem sinaliza com a possibilidade e o estado provisório do que ainda não o seja.

Umberto Eco (2001) em seu texto *A literatura contra o efêmero* trata do papel da arte da palavra e diz que a literatura, como a arte, não serve para nada. Essa gratuidade da arte da palavra, de simplicidade aparente, vai além da trivial informação e da fruição. A literatura

contribui para a construção da história do homem, das suas relações comunicativas, da garantia de sua memória e, ao observar a história do outro, pode espelhar-se nela e resolver os próprios conflitos. Nesta perspectiva Eco (2001) diz que "Os grandes livros contribuíram para formar o mundo. A 'Divina Comédia', de Dante, por exemplo, foi fundamental para a criação da língua e da nação italianas. Certos personagens e situações literárias oferecem liberdade na interpretação dos textos, outros se mostram imutáveis e nos ensinam a aceitar o destino" (ECO, 2001, p. 12). A literatura chama o leitor para uma atividade de recriação e imaginação de tal forma que se firmem, entre as pessoas e o mundo, outras formas de relações por meio da palavra.

Segundo Eagleton (1997) se a literatura envolve imaginação e pensamento, esta põe o homem em diferente condição diante dos outros animais e os juízos de valor com os quais a literatura se alicerça diferenciam-se historicamente, porém tais juízos têm relação afinada com as ideologias. Esses juízos não aludem ao gosto individual somente, mas na medida em que determinados grupos atuam subjugando os outros.

Se a literatura tem um papel de representação do real, Antonio Candido constrói o seu conceito acerca da literatura nos seguintes termos:

A arte, e portanto a literatura, é uma transposição do real para o ilusório por meio de uma estilização formal da linguagem, que propõe um tipo arbitrário de ordem para as coisas, os seres, os sentimentos. Nela se combinam um elemento de vinculação à realidade natural ou social, e um elemento de manipulação técnica, indispensável à sua configuração, e implicando em uma atitude de gratuidade... (CANDIDO, 1972, p. 53).

De acordo com Antoine Compagnon (2009) tratando-se de um saber especial e embasado em Aristóteles, a literatura tem dois fins: instruir e deleitar. E a origem do prazer de aprender estaria na arte poética. A literatura tem igualmente o papel de compreender e regular o comportamento do homem e a vida social. Mas quanto ao efeito sobre o leitor a sua manifestação é de modo sutil e sorrateiro. E no desdobramento desse pensamento Compagnon diz:

a literatura (...) percorre regiões da experiência que outros discursos negligenciam, (...) arruína a consciência limpa e a má-fé, (...) resiste à tolice não violentamente, mas de modo sutil e obstinado (...) visando menos a enunciar verdades que a introduzir em nossas certezas a dúvida, a ambigüidade e a interrogação (COMPAGNON, 2009, p. 50, 52).

A literatura, no entendimento de Zilberman (1990) desperta no leitor a fantasia, provocando-lhe o mundo interior, ao mesmo tempo em que gera nele uma postura intelectual.

A literatura, segundo a autora, institui uma relação fraternal entre os homens, assim como rompe as barreiras do tempo, já que proporciona a impressão de compartilhamento da experiência coletiva nas dimensões do tempo e do espaço. Pode se dizer que a literatura é a grande conquista da cultura e nada a substitui, de geração a geração, para renová-la. Se a literatura já contribuiu com a humanidade, uma de suas primeiras heranças é a linguagem. O que também vale para o indivíduo, porque os que raramente ou nunca leem, mesmo que falem bastante, o seu repertório vocabular é pobre, bem como é reduzido o seu repertório cultural. Portanto, é possível afirmar que disciplina alguma substitui a literatura na constituição da linguagem.

O aluno leitor, após a experiência com a leitura da obra machadiana, diz ter apreciado mais a literatura nacional porque, além de ter se agradado com a forma da narrativa, também o instigou a maior complexidade de pensamento presente na obra, em relação àquele vivenciado no dia a dia. Ao defrontar o texto do aluno leitor às opiniões dos teóricos aqui discutidas, observa-se que há afinidade no que afirmam. Isto, sob a ótica da Estética da Recepção, mostra que este estudante, além de *concretizar* a sua atividade como leitor que preenche as lacunas e os vazios do texto, revela-se em leitor *emancipado* quando se depara com novas dimensões existenciais e de conhecimento.

6.8 A Filosofia em *Memórias Póstumas de Brás Cubas*

É inevitável tratar do aspecto filosófico no texto machadiano e os alunos naturalmente o percebem e tecem diferentes comentários acerca da filosofia presente na obra. O humanismo, a filosofia do personagem Quincas Borba, é observada pelo leitor por estar presente do começo ao fim da obra. A filosofia também aparece nas frases que expressam a reflexão e os princípios do narrador. Já o filósofo Nietzsche é reconhecido pelo leitor no pano de fundo da narrativa.

Mirian: O jeito dele, ele só acreditava no "Humanismo", ele ficava só falando disso a estória inteira. É: as pessoas tem que passar pelo que é natural. A natureza é a natureza.

Carolina: Não, a natureza não é nenhuma vilã, mas também não é uma santa. Que ele não queria colocar um filho em um lugar ruim. Um lugar que não fosse ótimo, muito bom pra se viver.

Carlos: Vamos supor assim, ele parece bastante com o Nietzsche, um filósofo.

O aluno do ensino médio revela-se sensível em perceber que o artista, como o escritor, é dotado de uma capacidade que os demais pobres mortais não têm para poder expressar o que sentem. É o que o leitor tenta dizer no excerto:

Aline: As pessoas não expressam, aí ele começou a escrever...

O aluno não está sozinho para demonstrar o que conseguiu apreender a partir da obra no artista literário Machado de Assis. O leitor faz coro com Ezra Pound que diz: "os artistas são as antenas da raça" (POUND, 1989-1990, p. 71). Se, portanto, não o crítico ou o escritor, mas o leitor comum interpreta desse modo o texto machadiano, acredita-se que ele realiza a *fusão de horizontes* prometida pela Estética da Recepção ao conseguir a interação com a obra do passado e perceber no autor de *Memórias Póstumas de Brás Cubas* uma portentosa antena do mundo.

No interior da obra de Machado de Assis encontram-se reunidos pensamentos esparsos recolhidos por Miguel Reale (1982) que podem ilustrar a percepção dos alunos leitores na recepção da obra machadiana.

Dormir que é um modo interino de morrer (ASSIS, OBRA COMPLETA, v. I, 2008, p. 652).

O sonho é uma fresta do espírito (ASSIS, OBRA COMPLETA, v. I, 2008, p. 666).

A conclusão, portanto, é que há duas forças capitais: o amor, que multiplica a espécie, e o nariz, que subjuga ao indivíduo. Procriação, equilíbrio (ASSIS, OBRA COMPLETA, v. I, 2008, p. 679).

(...) descobri uma lei sublime, a lei da equivalência das janelas, e estabeleci que o modo de compensar uma janela fechada é abrir outra, a fim de que a moral possa arejar continuamente a consciência (ASSIS, OBRA COMPLETA, v. I, 2008, p. 681).

(...) donde se poderia deduzir que o vício é muitas vezes o estrume da virtude. (ASSIS, OBRA COMPLETA, v. I, 2008, p. 701).

Digam o que quiserem dizer os hipocondríacos: a vida é uma coisa doce (ASSIS, OBRA COMPLETA, v. I, 2008, p. 706).

Leitor ignaro, se não guardas as cartas da juventude, não conhecerás um dia a filosofia das folhas velhas (ASSIS, OBRA COMPLETA, v. I, 2008, p. 731).

Um cocheiro filósofo costumava dizer que o gosto da carruagem seria diminuto, se todos andassem de carruagem (ASSIS, OBRA COMPLETA, v. I, 2008, p. 734).

Não se compreende que um botocudo fure o beijo para enfeitá-lo com um pedaço de pau. Esta reflexão é de um joalheiro (ASSIS, OBRA COMPLETA, v. I, 2008, p. 734).

Não tive filhos, não transmiti a nenhuma criatura o legado da nossa miséria. (ASSIS, OBRA COMPLETA, V. I, 2008, p. 758).

Se Machado de Assis bebe em fontes da literatura Ocidental que o influenciam desde as temáticas ao estilo, o leitor também identifica o caráter filosófico em seus textos. Com um pouco mais de atenção e auxiliado pela obra de Miguel Reale (1982) pode-se mencionar as influências filosóficas em Machado de Assis: Pascal, Renan, Schopenhauer, Nietzsche, Schelley, o Eclesiastes, Spencer, mas também Darwin, que não é filósofo exatamente.

Machado não foi filósofo no sentido estrito quando se considera o que prevalece em sua vocação. Porém a sua experiência introspectiva, as suas reflexões apaixonadas e seu *olhar oblíquo* na direção do homem e da sociedade exige o questionamento feito por Reale (1982): "que representa Machado de Assis na história das ideias no Brasil?" (REALE, 1982, p. 22).

Enquadrar Machado de Assis numa escola filosófica ou dar-lhe o título de filósofo não é relevante neste estudo e nem em qualquer monografia, já que não aceitou nem mesmo ser batizado de realista. Mas é pertinente a provocação de Reale (1982) na perspectiva de se entender o homem e o escritor Machado de Assis no contexto brasileiro, uma vez que ele nunca saiu do país, tendo assimilado tanto e quanto do que estava fora do universo brasileiro. Com a palavra Reale:

Num país como o nosso, que não viveu os embates da Reforma protestante, nem passou pela crise espiritual que se desenrola criadoramente de Descartes a Kant; numa sociedade alheia ao sorriso cético de Montaigne e Voltaire, ou ao grito angustiante de Pascal; numa Nação, onde as atitudes dogmáticas se sucedem, revezando-se, no domínio de nossa "Inteligentzia", os escolásticos, os espiritualistas ecléticos, os monistas ou os positivistas, Machado de Assis trouxe-nos algo que transcende a sua posição de homem de letras: é fermento crítico injetado no cerne de nossa cultura, ao focalizar as perplexidades todas do ser humano, paradoxalmente visto como valor fundante e, ao mesmo tempo, destituído de sentido próprio na imanência de sua dolorosa e imprevisível trajetória (REALE, 1982, p. 22).

7 CONVERGÊNCIAS E DIVERGÊNCIAS ENTRE AS OBRAS

Ao comparar-se a recepção de *Dom Casmurro* e *Memórias Póstumas de Brás Cubas* realizada com os alunos da pesquisa quanto à leitura como um todo e de modo especial em relação às duas modalidades de análise, os resultados se revelam bastante semelhantes. Contudo é importante que se faça minimamente um paralelo entre a recepção das duas obras de modo a contribuir com mais um dado resultante do estudo.

Inicialmente, examina-se a avaliação objetiva das obras lidas, realizada pelos leitores mediante o seguinte conjunto de perguntas objetivas: *adorei, gostei, achei interessante, não me interessou, não gostei, odiei*. A aceitação da recepção das obras duas de Machado de Assis se dá por 42% dos leitores, observando-se que esse prestígio poderia cair se a sua apreciação não estivesse acompanhada de motivações subjetivas como, por exemplo, saber que as obras lidas são de autoria do mais importante escritor nacional; por saberem os participantes que no universo das obras literárias e no saber coletivo *Dom Casmurro* e *Memórias Póstumas de Brás Cubas* são de incontestável valor; leitores motivados pelo desejo de colaborar com um projeto de pesquisa de nível de doutorado; e ainda porque familiares dos alunos falaram bem da obra e do autor.

Comparadas ambas as obras quanto à aceitação, *Dom Casmurro* apresenta-se com 33, 2% de aprovação para 24% de acolhimento de *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, tomando como parâmetro o item *gostei* da modalidade objetiva de avaliação. A preferência pelo drama de Bentinho em relação às confissões de Brás deve-se pelo que os próprios leitores declararam nas entrevistas, isto é, em *Dom Casmurro* ainda há um enredo mais linear e menos carregado de reflexões. Esses constituem, provavelmente os principais motivos a considerar em relação aos critérios adotados pelos estudantes em sua escolha, já que os outros aspectos apontados por eles são coincidentes.

No comparativo entre as narrativas de *Dom Casmurro* e *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, em vista da recepção dos alunos, nos tópicos a seguir, inicialmente expõem-se as coincidências na aceitação dos leitores em relação às obras, para no final se assinalar com as divergências entre ambas.

7.1 Rejeição

O fator de negatividade pela aceitação da obra pode ser explicado pela própria teoria da Estética da Recepção com o seu conceito de *distância estética*. Se o leitor acolhe a obra é porque esta coincide com o seu horizonte de expectativa e ela, então, acaba despercebida ou passa por *arte culinária*. Nesse sentido, os números acima mencionados refletem a pouca aceitação da obra machadiana e os posicionamentos dos alunos ratificam as cifras.

Há coincidências na aceitação das duas obras de Machado de Assis nos seguintes aspectos: Em primeiro lugar diz respeito ao intervalo entre a produção e a recepção, fator que ocasiona o distanciamento estético previsto pela Estética da Recepção. Daí encontrar-se também a dificuldade dos leitores com a linguagem em razão de palavras, expressões e até da sintaxe que se modificam, ao longo dos tempos.

O segundo aspecto descrito nas críticas do leitor é em relação à morosidade da narrativa, de uma leitura penosa, chata, além de demasiadamente detalhada e antiga. Da história assim avaliada, é possível inferir algumas hipóteses: uma delas deve-se ao repertório, notadamente distante de temáticas atuais como o da escravidão, ou de temas que pouco interessam ao jovem, a exemplo da política.

Em terceiro lugar aponta-se a dinâmica do narrador que volta a atenção e o interesse para a experiência interior das personagens, o que exige do leitor um preparo, uma vez que este está habituado a ler ou assistir principalmente a histórias de movimento exterior, feitas as narrativas de aventura.

O que salva a narrativa de *Dom Casmurro* na apreciação do leitor é a trama amorosa do conflito que envolve o adultério, prendendo-o na expectativa do desfecho. Já em *Memórias Póstumas de Brás Cubas* o movimento da narrativa, de caráter memorialista e repleta de reflexão, de novo distancia o leitor jovem, pouco dado ao gênero. Soma-se a isso a ausência da ordem cronológica, apontada por alguns leitores, a excessiva reflexão filosófica, o comportamento do narrador que dialoga com o leitor considerado fator de enfado, a objeção com as citações intertextuais, além da descrição e narração prolongadas. Assim a narrativa revela-se mais complexa, pouco linear, por isso mais entediante e truncada. Tal enumeração de motivos reforça o quadro de leitura que explicita o conceito de *distância estética*, conforme a teoria da recepção.

7.2 A leitura concretizada

À revelia das dificuldades já descritas, a concretização de *Dom Casmurro* pela leitura dos alunos apresenta outro quadro, um pouco mais animador. Nessa perspectiva, a linguagem deixa de ser empecilho para realização da leitura porque o aluno observa no contexto o sentido que as palavras possam oferecer. Assim, superadas as dificuldades iniciais, o que prende o leitor na leitura da obra é o conflito da narrativa, na qual o narrador busca envolver este leitor na trama mediante estratégias que mobilizam o interesse e a curiosidade, na tentativa de desvendar o mistério que envolve a história. E, embora tenha demandado esforço considerável, o leitor percebe benefícios pelo aprendizado vocabular e, sobretudo, por ter feito relações com outras literaturas, reconhecendo, desta forma, o valor da obra literária nacional. Além do mais, a concretização da leitura revelou a capacidade de percepção e considerações do leitor acerca de temáticas (*Escravidão, Dom Casmurro e Otelo...*) com as quais teóricos e estudiosos da obra machadiana também já se debruçaram com reflexões em obras de cunho crítico. As discussões por meio das entrevistas individuais e coletivas, além dos debates entre os colegas, a concretização da leitura propiciou a oportunidade para o leitor por trazer novos dados para a interpretação da obra, como o da suposta homossexualidade de Bentinho, defendida por um dos estudantes.

A concretização da leitura de *Memórias Póstumas de Brás Cubas* apresenta-se em forma de um polígono pela diversidade de ângulos pelos quais podem ser representadas as impressões que a narrativa e suas personagens suscitam aos olhos desse leitor. Assim sendo, há leitores que se queixam de um enredo cansativo, como existem os que reclamam do vocabulário complexo, outros criticam o narrador por ser muito filosófico em relação à sociedade. Por outro ângulo revela-se um leitor impressionado com a narração de um defunto autor que pode expor a sua vida com total liberdade sem medo de sofrer represálias. E o estudante que elogia o narrador pelo seu humor porque, ao dialogar com o seu leitor, faz a narrativa ficar mais engraçada e envolvente. Assim como também observa-se um leitor a acusar o protagonista de leviandade pelo modo com o qual conduz a sua vida.

7.3 Perspectivas

Todo leitor, ao se deparar com a obra literária, apresenta uma expectativa que resulta de diferentes estímulos de acordo com a sua visão de mundo. Essa interação entre leitor e obra é estabelecida por elementos do *horizonte de expectativa*. E se na obra de *Dom Casmurro* as perspectivas não são nada animadoras para o leitor que aguarda uma história pouco envolvente, descobre, no desenrolar da narrativa, mistério e conflito com surpresas e encantos, expressões do próprio estudante. Se a história prometia ser tediosa, pela previsão do leitor, este se surpreende com dúvida angustiante que o impele na continuidade da leitura. Outra expectativa era em relação ao desfecho da história que aos olhos do leitor deveria ser de um trivial final feliz, o que porém não ocorre, para a sua surpresa e também inesperada satisfação. Mesmo o leitor que leu pela segunda vez o livro encontra novidades e uma nova perspectiva de interpretação dos eventos da narrativa. Conclui-se com isso que é a partir da reconstrução deste horizonte de expectativas que o caráter artístico de uma obra pode ser determinado, levando em conta o modo e o grau com o qual essa obra cria seu efeito sobre o público.

Já o leitor de *Memórias Póstumas de Brás Cubas* discute o fenômeno surreal de um autor defunto que narra a sua história dos tempos em que vivia. E o que se apresenta como expectativa para esse leitor não é a inverossimilhança da história, mas chama a atenção a liberdade do narrador pela possibilidade de contar a sua saga, primeiramente, sem escrúpulos de um ser humano vivo, já que nessas condições não há mais temores de atentados físicos nem morais, muito menos danos econômicos ou judiciais que o penalizem. Em segundo lugar, não há que temer represálias por expor ou acusar quem quer que seja. Por encontrar-se nessa posição, o narrador abre uma perspectiva de reflexão dos valores do homem, pois escancara a sua vida de modo que coloca em xeque os bens que tanto se preza, sejam estes pecuniários, de poder, de beleza ou de vaidade. O leitor parece estar sintonizado com a perspectiva do modo de narrar do narrador que, longe de parecer ausente, se faz vivo estando morto para possibilitar a discussão do que realmente pode importar ao ser humano em última análise. Quando esse narrador desmascara a si mesmo como herói, põe também a nu a sociedade que, via de regra, defende valores que num outro horizonte tem importância nenhuma. Nesse sentido, *Memórias Póstumas de Brás Cubas* em relação a *Dom Casmurro*, abre uma importante possibilidade de reflexão acerca de questões existenciais do homem pela exposição de uma gama diferenciada de valores.

7.4 Experiência com a arte

Pela participação na produção do artista, profundamente internalizado na cultura contemporânea, o leitor da pesquisa sente-se bastante familiarizado pela possibilidade de dar outro rumo para o enredo machadiano, embora se saiba que a criação do autor literário já foi considerada sagrada em outros tempos, ou seja, algo intocável. No plano da *poíesis*, o primeiro da experiência estética, o leitor é convidado a participar da criação da obra artística. Nesse sentido, um dos leitores da pesquisa, ao não aceitar o desfecho em *Dom Casmurro*, propõe ao menos outro tom para o fim da narrativa, embora admita ser aquele o estilo do escritor. Outro leitor ainda, ao não concordar com a sorte de Capitu sugere outro destino para ela, diferente daquele do exílio. Um terceiro leitor deseja reconstituir o final da história com a aproximação de Bentinho e Capitu, bem como pela aceitação de Ezequiel como filho legítimo de Santiago. Estes três são apenas exemplos de outras propostas sugeridas pelos leitores. Estas alterações na narrativa demonstram emblematicamente o que ocorre com o leitor diante da leitura de uma obra literária. No desdobramento da proposta, resulta o desejo deste leitor em participar, ao menos da recriação do autor original. Estendendo a experiência do leitor da pesquisa, vale lembrar aquele que transpõe uma história de um livro para o cinema participa igualmente da criação do autor da obra escrita. No mesmo sentido vão as paráfrases e as paródias, além de outras recriações no mundo da arte.

Na perspectiva da *aisthesis* (quando ocorre a ampliação do conhecimento do leitor) observa-se a experiência da emoção provocada numa das leitoras pela leitura da obra, bem como a satisfação pelo conhecimento de novas palavras. Já um segundo aluno, ao procurar explicar a complexidade e a grandeza de Capitu, não encontra outra forma senão transpondo modelos reais de mulheres que o impressionam pela desenvoltura em seu local de trabalho, para aproximar minimamente ao que ele observou na personagem machadiana. Em vista disso, quando o leitor se depara com novos conhecimentos diante da obra de arte e ao refletir sobre os valores que envolvem a experiência do homem pelo comportamento das personagens, desencadeia-se nele a chance de despertar da alienação para uma nova realidade.

Pela experiência catártica, um dos leitores da pesquisa diz identificar-se com Bentinho, visto como inseguro diante de Capitu. E o leitor admite que, semelhantemente ao seu herói, sofre com a mesma fraqueza. Outro leitor é solidário com Bentinho quando perdoa o atentado à vida do filho, pois entende que Bento fosse uma vítima da traição adúltera e a sua atitude não deveria ser julgada com tanto rigor. Observa-se, portanto, pelos posicionamentos de ambos os leitores, uma empatia com a personagem, já que se colocam no

lugar dela pensando que podem ter experiências semelhantes. A modalidade de identificação *simpatética* que aqui se revela é atribuída não a um super herói, porém a um herói que se confunde com o homem comum. O leitor, por sua vez, ao perceber a atuação desse herói comum, nele se espelha, e passa a redimensionar as suas atitudes em virtude do comportamento da personagem, emancipando-se, pois aprende com ela para não incorrer na mesma falha.

Uma das importantes manifestações da experiência estética do leitor em *Memórias Póstumas de Brás Cubas* se concretiza pela observação da personagem Eugênia bela, mas coxa, em vista da atitude desdenhosa de Brás, vaidoso e esnobe. Colocam-se novamente em jogo o valor estético, considerando aspectos exteriores ou aparentes, em detrimento da dignidade humana. O leitor reflete acerca da denúncia que o narrador faz por meio de sua personagem Brás que privilegia a aparência em relação à mulher com a qual poderia relacionar-se não fosse o seu defeito físico. Em outro sentido o leitor considera os valores defendidos por Eugênia que, distintos de Brás, são os da honra, da honestidade, da integridade e da dignidade.

Embora não sejam heróis no conceito daqueles inacessíveis e perfeitos, mas de pessoas comuns, suscetíveis de erro, há aqueles, como Cubas pai e também Virgília que, sob a ótica do leitor, são dignos de admiração. Assim, o velho Cubas, pai dedicado e preocupado com o bem estar material e os valores da estirpe ganha a estima do jovem leitor. Igualmente Virgília tem o crédito do leitor, pois esta se esmera em cultivar o afeto responsável pelos entes queridos. Esta experiência do leitor envolve afeição e intelectualidade em relação aos heróis porquanto observa neles os próprios valores, identificando-se, portanto, com eles.

7.5 Espelho

Conforme a tipologia do herói e os padrões de integração da Estética da Recepção os leitores da pesquisa deparam-se igualmente com a identificação admirativa. Esta se compreende como a identificação de reconhecimento do herói pelo leitor e assumido por este como exemplo de conduta. A identificação do leitor tem em Bentinho um herói que alimenta sonhos e faz planos para a sua vida. Em vista disso o leitor tem a admiração da personagem, uma vez que o jovem leitor também alimenta sonhos, colocando ambos vivenciando

experiências idênticas. Também Capitu tem a admiração do leitor porque este observa na personagem a mesma dificuldade em aceitar, por exemplo, o sentimento do ciúme como algo possessivo e mórbido. Essa vivência aproxima leitor e herói, ao passarem por experiências com as quais se identificam. Ezequiel é outro alvo do leitor que se identifica com a personagem, pois o leitor admira-lhe a sobriedade no relacionamento com o pai que o renega. A admiração do leitor pelo herói estabelece-se ao identificar-se com a personagem na qual observa sentimentos comuns. Tal admiração se traduz em reconhecimento com o qual o leitor se espelha em seu herói para adotar o seu comportamento como modelo.

Ao ler a narrativa de *Memórias Póstumas de Brás Cubas* os leitores observam, em diferentes personagens, a possibilidade de identificação. O primeiro vê em Eugênia uma personagem com a qual pode identificar-se pelo seu comportamento de timidez. O segundo aluno percebe algo em comum com Brás, já que encontra nele a característica da determinação e da experiência, seja como algo que o leitor já possui ou ainda almeja em seu comportamento. O terceiro leitor deseja imitar Virgília em seus propósitos, pois repara em suas louváveis intenções mérito maior do que em suas ações. Já o quarto leitor admira Quincas Borba com o qual quer identificar-se, uma vez que suas virtudes são a honestidade e o senso de responsabilidade. Essa *identificação* dos leitores com os heróis reflete-se no conceito da experiência estética de *identificação* do tipo *associativa*, pois combina o comportamento de ambos, isto é, associa personagem e espectador na obra literária.

Por outro lado um dos leitores, observando a atuação do pai de Brás Cubas que age com a força bruta para orientar o filho, simultaneamente apoia o procedimento do progenitor, porém recusa tal conduta por um modelo pedagógico. Neste quesito observa-se que a percepção do leitor frente às personagens das duas narrativas, bem como a sua identificação com elas, dá-se em vista de sua atuação como seres humanos, independentemente do conflito assistido no decorrer da história. O leitor, portanto, tem vistas nos valores que estas personagens representam e que refletem também em sua vida.

7.6 Da trama

Ao comparar-se o rendimento entre *Memórias Póstumas de Brás Cubas* e *Dom Casmurro*, depreende-se que ambas as narrativas são criticadas por serem lentas, cansativas e

excessivamente detalhadas em suas descrições e aspectos narrativos. Há, contudo, a aceitação de um maior número de leitores da história de Bentinho e Capitu. Ainda que detalhada, alguns leitores defendem as minúcias dessa narrativa, pois percebem que é no detalhamento da realidade das personagens que se encontra o trunfo para o reconhecimento de sua riqueza, visto que com isso revela-se o mundo interior das personagens com as suas emoções, capacidades e os seus diferentes traços e valores explorados pelo narrador. O enredo de *Dom Casmurro* é melhor acolhido em relação ao drama de Brás Cubas porque o enredo daquele é mais linear e o conflito aproxima-se mais das obras comuns. É possível, entretanto, vislumbrar o avanço por uma leitura madura pelo fato desse leitor começar a reconhecer, no caráter descritivo que cerca as personagens machadianas, um refinamento para a interpretação da obra de Machado de Assis. Um pouco mais experiente, portanto, esse leitor também alcançará em *Memórias Póstumas de Brás Cubas* entendimento e prazer.

7.7 Atuação do elenco

No item *personagens*, ocorre em ambas as obras admiração, identificação, mas também despreço e rejeição por parte do leitor em relação aos heróis. Os expoentes em sua consideração encontram-se do lado de *Dom Casmurro* com Bentinho pela comiseração do leitor por parecer uma vítima e de outras vezes pela irritação desse estudante leitor porque a personagem, na condição de também narrador, manipula a sorte dos demais participantes do elenco. Igualmente Capitu mexe com o humor do leitor, pois se esta apresenta-se sagaz no início do episódio, no fim do conflito entrega-se a uma inércia que além de desacreditar o leitor o enfurece.

Em *Memórias Póstumas de Brás Cubas* as personagens responsáveis por moverem os ânimos do leitor são Brás e Marcela. Brás Cubas desaponta esse leitor em vista de seu comodismo e orgulho entre outras atribuições. Em outros momentos tem a comiseração do leitor em razão de sua falta de sorte. Já Marcela encontra rejeição porque a sua conduta imoral a coloca na condição de um ser humano desprezível e não apenas pelo exercício de uma prostituição de luxo, mas pelo tratamento frio e interesseiro dispensado ao seu amante Brás.

7.8 *Nos tempos de Machado de Assis*

O leitor observa, nas duas narrativas, algumas temáticas acerca do século XIX que lhe impressionam pela distinção de como são vivenciadas nos tempos atuais. Surpreende o leitor a liberdade restrita das pessoas da sociedade dos tempos de Machado de Assis, nas diferentes esferas sociais e marcadamente na família, pois é nesse meio que se encontra o foco da narrativa.

Inicialmente, a influência da igreja católica mediante seus princípios e sua moral, muito fortemente marcada naqueles tempos, diferente dos dias de hoje quando divide com outras confissões os fiéis, é uma temática que chama a atenção do leitor.

Em outro aspecto, o leitor observa a interação interpessoal e acredita que nos tempos modernos reduziu-se a comunicação especialmente no âmbito familiar, já que percebe, por meio da narrativa, uma maior interação entre os elementos da família resolvendo conjuntamente os seus problemas, enquanto que hoje nem sequer as refeições são feitas em comum.

Outra temática a sensibilizar o leitor é a problemática da escravidão que é encarada de dois modos: por um lado é surpreendente, pois ele não tinha, antes da leitura, a percepção do modo pelo qual a escravidão era experimentada no dia a dia entre escravo e patrão, isto é, ver o cativo trabalhar muito tranquilamente e em boa paz com o seu dono como se fosse a coisa mais natural. De outro lado é o estranhamento, ou seja, é inconcebível para o leitor a ideia de receber, se fosse nos tempos de hoje, os benefícios de um trabalho escravo.

Muito diferente dos dias atuais era a decisão do jovem em relação à sua formação e vida profissional. Se os de vida econômica abastada, ou seja, a burguesia determinava que seus filhos estudassem direito, medicina, engenharia ou teologia, os filhos dos pobres deveriam sujeitar-se ao que também já era da tradição paterna.

Os principais temas destacados pelos alunos em relação à época da produção de *Memórias Póstumas de Brás Cubas* observados em sua leitura tratam da escravidão, da política, da moral, da condição da mulher naqueles tempos, do casamento e do adultério. O que chama a atenção do leitor quanto à escravidão é, de modo particular, a naturalidade com que a sociedade encarava tal realidade, sem quase nenhum questionamento.

A leitura das obras literárias propiciou ainda a esses leitores, descobertas acerca da vida e da condição da mulher do século XIX. Nesse sentido, em relação à mulher casada, o seu papel era cuidar do lar, da educação dos filhos, do serviço ao marido e, além de tudo,

zelar pela própria imagem, o que servia, aliás, como avaliação de sua conduta, pois tal descuido custava-lhe a honra perante o marido e a sociedade.

Já para o homem, o adultério constituía comportamento de pouco prejuízo na sociedade machista da época, uma vez que os direitos dele prevaleciam sobre os dela. A mulher, porém, deveria pagar um preço alto se desejasse outro, custando-lhe muitas vezes o degredo.

Finalmente, das temáticas apontadas pelo leitor acerca da sociedade do século XIX e refletidas tanto em *Dom Casmurro* quanto em *Memórias Póstumas de Brás Cubas* não encontram grande distinção no interior de ambas as narrativas e nas impressões desse leitor, já que as descobertas, as surpresas e os estranhamentos são idênticos na comparação dos dois grupos sociais.

7.9 Os lugares

Quando se colocam, lado a lado, os espaços das histórias de Machado de Assis, observa-se que lugares comuns como o do quintal dos Pádua, no qual Bentinho e Capitu brincavam inicialmente para depois se apaixonarem, ganham sentido de convivência e servem de retrato de recordação para a prova do sentimento que um alimentava pelo outro e se transformar numa das mais intrigantes histórias de amor e ciúme da história.

Com a mesma estratégia, o narrador de *Memórias Póstumas de Brás Cubas* estabelece a casa da Gamboa, em que os afetos de Brás e Virgília tenham privacidade e a relação adúltera, seja preservada de comentários de conhecidos e tampouco seja flagrada por Lobo Neves, o marido traído. Esse espaço particular e clandestino permite, de outro lado, ao leitor erigir um cenário graças à sua imaginação e fantasia, contudo alimentada com toda a maestria do narrador machadiano.

Esses espaços tão modestos presentes nas duas narrativas de Machado de Assis, ao invés de se contraporem, revelam, em sua simplicidade, a capacidade criativa do narrador que neles faz brotar a alma humana em sua imensurável capacidade de manifestar o que sente um homem e uma mulher e como podem vivenciar as suas experiências.

Já, na visão do leitor, o lugar da narrativa nas duas obras não oferece destaque e motivos para se discutir acerca de uma possível comparação. O que esse leitor comenta sobre

cada espaço apontado, numa e outra narrativa, sempre está vinculado aos afetos das personagens. Assim também, em qualquer história de Machado de Assis, o espaço da narrativa será igualmente a história das personagens.

7.10 *Sobre quem conta a história*

Se o narrador de *Dom Casmurro* organiza a narrativa alternando narração, descrição e o diálogo das personagens, a percepção do leitor é de que esse narrador atue inclusive com a emissão de juízos. E inicia por julgar a si próprio no momento em que imagina a mãe morta, alegrando-se simultaneamente, pois assim estaria desobrigado da promessa dela. O narrador julga igualmente Capitu quando a transforma em ré pelas suas afirmações ou insinuações e pelas palavras de suas personagens a exemplo de José Dias.

A comunicação com o leitor faz-se pelo narrador quando este, por meio de vocativos interpela o seu leitor ou leitora para a continuidade da leitura ou dando explicações em relação ao andamento da narrativa. O aluno leitor, por sua vez, aprecia essa interação, pois isso também lhe passa a sensação de participar efetivamente do conflito. Além do mais, o leitor acha graça nos deboches do narrador e vê em sua ironia outro modo de fazer humor, o que igualmente agrada a quem faz a leitura.

Em *Memórias Póstumas de Brás Cubas* inicia-se com o estranhamento do leitor por encontrar um autor defunto, caráter surreal para ele, mas que se torna um atrativo pela irreverência com que esse narrador pode conduzir os relatos e os seus posicionamentos. Nessa posição, o descritor não tem receio, podendo ser irônico, debochado, não se importando com os comentários alheios. Quanto ao leitor, o narrador dele zomba e provoca a ponto de subestimá-lo. Ainda assim o leitor aprecia o jogo e envolve-se na leitura da história em razão do comportamento desse relator que evoca o leitor a continuar lendo, explicando-lhe os passos seguintes da história, além de avaliar a própria narrativa e suas personagens. Tais estratégias, aliadas à dos capítulos curtos, do narrador que planta reticências no intuito de fazer o leitor participar concorrem para tornar a leitura da narrativa mais leve.

A ironia, já de reconhecimento da crítica literária, é um dos expedientes utilizados pelo narrador que contribui, segundo o leitor, para tornar a narrativa mais marcante. Vista sob duas perspectivas, a ironia é num sentido apenas um deboche, uma irreverência, mas em

outro, apresenta-se como uma figura de linguagem veiculando um duplo sentido. Isso tudo enriquece o texto, agradando o leitor, pois além de brincalhão, é também um jogo que instiga a participação do leitor.

Os comentários e posicionamentos dos leitores acerca do narrador nas duas narrativas coincidem, pois ambas são constituídas de narrador em primeira pessoa numa relação dialógica com as personagens e com o leitor. Fica claro para esse leitor que em *Dom Casmurro* Bentinho faz manobras com a atuação das personagens, bem como manipula o leitor para o direcionamento do conflito. E *Memórias Póstumas de Brás Cubas* só é marcadamente diferente para o leitor porque o seu narrador é defunto, porém coloca-se com posicionamentos muito semelhantes em relação às demais personagens, inclusive com o seu humor irônico.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Se a teoria da Estética da Recepção é reconhecida por colocar o leitor no foco do processo da relação autor/texto/recepção, esta pesquisa buscou observar o seu comportamento diante do texto literário pela leitura de *Dom Casmurro* e *Memórias Póstumas de Brás Cubas*. E nessa trajetória os fundamentos da teoria literária integraram as análises dos textos dos alunos especialmente no que concerne os estudos literários pela concepção da Estética da Recepção que, por sua vez, resulta de diferentes vertentes a partir de Platão e Aristóteles. A leitura das obras literárias e a sua fruição no âmbito artístico determinaram as reflexões em consonância com categorias da Estética da Recepção e os elementos da narrativa que serviram de estopim para a manifestação do leitor por meio das entrevistas e em seus textos escritos. Com este aporte é que se estudou a recepção da obra machadiana com o leitor cuja participação foi decisiva para resultar nas reflexões observadas nas análises das duas obras de Machado de Assis.

Sendo o leitor o foco da Estética da Recepção, a contribuição desse trabalho se reflete na seguinte descrição: primeiramente, mediante a leitura da obra machadiana por parte dos alunos e as reflexões trazidas para o texto da tese, esta pesquisa contribui para orientar novos leitores, bem como trazer a professores do ensino de literatura uma mostra de recepção de obra literária como uma possibilidade de trabalho que resulte num ensino de literatura em que a sua tarefa se volte para a leitura e exame da obra literária propriamente dita e na qual se encontram o cerne de seu objeto de estudo.

Em segundo lugar, por meio da recepção o leitor recria a obra de arte, pois mediante a sua interpretação a completa, participando da produção de seu autor primeiro. A recriação da obra por meio de uma leitura mais produtiva, ou seja, na qual o leitor envolve-se objetando, mas também sugerindo e concretizando outras leituras ou interpretações para o texto, possibilita a esse leitor, não apenas um mergulho mais profundo na cultura literária, bem como o instrumentaliza a fazê-lo com maior propriedade.

Em terceiro plano, pela leitura da obra literária, o leitor enriquece a sua experiência estética, ao mesmo tempo em que a valoriza, ajudando a perpetuar a sua existência. Ora, observa-se um intenso esforço por parte do artista na tentativa de produzir uma obra de qualidade. Como esse indivíduo cria um produto cultural do qual a humanidade beneficia-se e a faz crescer, é possível igualmente, mediante a leitura orientada, aproximar os dois esforços, isto é, formar um leitor com melhores condições para a recepção da produção literária.

Em quarto lugar, é possível afirmar que esta pesquisa contribui para o início de um novo processo de leitura e crítica literária em que o leitor comum sente-se integrado ao participar do diálogo da arte literária, de suas obras e seus autores.

A Estética da Recepção, ao colocar o leitor sob o *spot* da atenção teórica, mesmo sendo alvo de crítica, fez render a ampliação das fronteiras da teoria da literatura. Nessa perspectiva, a pesquisa realizada com os alunos, pela recepção das duas obras de Machado de Assis, endossa a tese de Jauss de que se revisa os autores do passado pela avaliação de novos leitores de momentos históricos diferentes e conseqüentemente com visão de mundo distinta em razão de outros contextos.

Observa-se que o leitor, na aceitação da obra machadiana, para mais ou para menos, contribui para a rediscussão de sua estética em vista de outras escolas literárias para testar novamente o seu valor e permite, desse modo, o revigoramento de sua importância no mundo literário. Com efeito, se a escola, com o ensino de literatura, sob este prisma, pode cooperar com a ampliação das fronteiras da teoria literária, a partir desta pesquisa é possível concluir que o binômio professor/aluno tem um importante papel nesse processo. Daí há que se ter maior clareza em relação ao trato com esse ensino de leitura literária em consonância com as teorias pedagógicas, na contingência de não comprometer o prazer da tarefa, ao mesmo tempo em que não se descuide da necessidade em realizá-la.

A experiência estética é discussão substancial neste estudo. A partir dela, a proposta deste trabalho contempla o aluno leitor e a atuação do professor pesquisador em que ambos se colocam no meio do processo da produção artística e da recepção, transformando-se em agentes que procuram valorizar a experiência estética, ao mesmo tempo em que exercem um papel produtivo. Essa produtividade, conforme Jauss, resulta da identificação do leitor com o texto recebido, o que reforça a concepção de que uma obra literária pode ser avaliada, de fato, quando há a interação com o seu público. Por isso, ignorar a experiência de leitura desses agentes, por mais simples que sejam as suas reflexões e análises, é negar a literatura como fato social, desconsiderando o que ela pode proporcionar de modo mais amplo.

Esse movimento pode ganhar outra dimensão se no âmbito escolar os professores de literatura e a esfera da produção e crítica literária se aproximarem na observação das apreciações e críticas feitas também pelo leitor leigo. Valorizados ambos os lados, possibilita-se um horizonte em que se formarão um número superior de leitores, com maior maturidade para esse gênero de leitura e, conseqüentemente, de uma crítica cada vez mais equilibrada e perspicaz. Do outro lado, os autores em literatura poderão, com leitores em maior número, mais qualificados e maduros, exercerem uma criação ou produção literária que os satisfaça, já

que a assimetria entre autor e leitor compromete também a produção da obra de arte e o compromisso com ela, numa sociedade culturalmente ativa.

Se a motivação é um fator importante para o trabalho com leitura entre os jovens, pode-se afirmar que a experiência realizada na presente pesquisa contribuiu para compreender que a atividade de leitura por parte do público em questão apresenta-se em diversas facetas. Nessa perspectiva, constataram-se diferentes dificuldades entre os alunos leitores, a começar pela própria decodificação. O entrave para o envolvimento e a recepção de uma obra passa pela falta de vivência com o ato de ler, pois o vocabulário restrito do leitor, a reduzida erudição, a pouca familiaridade com o texto escrito e especialmente longo, comprometem consideravelmente o sucesso da leitura, aos olhos desse leitor.

Os obstáculos da fase subsequente com a leitura das duas obras pelos alunos devem-se, para além de problemas com o vocabulário, à dificuldade de compreensão do texto inteiro, da estilística, da intertextualidade, das temáticas extemporâneas e inclusive às reflexões filosóficas do narrador. Diante disso, as possibilidades de um leitor prosseguir com a leitura de uma obra também diminuem. Essa fase é a do processo cognitivo, no qual o leitor tenta entender do que trata o texto depois de decifrar os signos. É esse mais um bloqueio para o leitor para o qual a recepção fica mais no âmbito denotativo, isto é, sem aprofundar a sua interpretação para a percepção de outros sentidos do texto.

Se alguns leitores declararam que o início da leitura das obras foi penosa, para depois envolverem-se com ela e até encantarem-se com a história, pode-se concluir que a recepção do texto, ao mesmo tempo em que passa pela capacidade de reflexão do leitor, atua também em sua afetividade, já que as emoções são o dínamo da leitura ficcional. Nessa perspectiva não é difícil de se entender a função das emoções no ato da leitura, pois quando se trata de prender-se a uma personagem, por exemplo, isto resulta também no interesse pelo que lhe acontece. Nesse sentido, o caráter afetivo demonstrou-se relevante na apreciação das personagens tanto de *Dom Casmurro* quanto de *Memórias Póstumas de Brás Cubas*. No que diz respeito à recepção bem sucedida talvez o processo afetivo é que tenha feito, de fato, a grande diferença na leitura das duas obras lidas.

Mesmo que a função argumentativa esteja presente especialmente no romance de tese, também em outros textos esta se revela. Em *Dom Casmurro*, por exemplo, a argumentação de Bentinho dá-se para convencer o leitor da culpa de Capitu adúltera. Assim, as mudanças do ponto de vista do narrador e as ambiguidades espalhadas no texto fazem o leitor questionar-se acerca do seu sentido. De uma forma ou de outra, o propósito de convencer encontra-se em qualquer narrativa. O leitor do texto machadiano vê-se manipulado

de modo especial pelos argumentos de Bentinho, mas entende que estes argumentos não passam de sofismas para condenar Capitu e Escobar enquanto Bentinho passa por pobre vítima.

Observa-se, por tudo isso, que o leitor da pesquisa encontra-se no processo de amadurecimento para poder realizar a leitura de uma obra literária, de modo que possa lê-la com menor dificuldade, compreender melhor a sua temática e o contexto, além de reconhecer nela o devido valor e conseqüentemente contribuir com reflexões, o que concorre, enfim, para o enriquecimento da fortuna crítica do autor e da obra literária.

Considerando as dificuldades do leitor diante do texto, recorde-se o que ele próprio declarou ao criticar o movimento da narrativa e quando lamenta o excesso de descrição, além dos entraves pela compreensão do vocabulário. Esse quadro revela, evidentemente, um leitor de preparo limitado para a recepção de um clássico da literatura, visto que são primários os obstáculos. Via de regra, o leitor dessa pesquisa acha-se pouco preparado para formalizar uma crítica à obra literária dos cânones da literatura, pois pouco conhece, pouco leu de narrativas e muito menos da fortuna crítica que cerca o autor e suas obras. Entenda-se que essa avaliação do leitor não tem o fim de condená-lo, mas se dá como constatação e exame da realidade do jovem num determinado momento de sua história, fazendo parte de um processo de amadurecimento que, se alimentado com mais leituras, poderá atingir o senso e a reflexão necessários para o criterioso exame de uma obra de arte.

Entretanto, independentemente dessa maturidade a ser construída, ocorre, a história dos efeitos de acordo com a qual as conseqüências da obra do passado agem sobre o sujeito, indicando sua interpretação. Fica evidente a concretização do efeito causado pela recepção da obra machadiana, visto que o leitor passa por um momento de reflexão em seus textos escritos, bem como nas discussões realizadas durante as entrevistas coletivas, seja quanto à conduta das personagens com as quais se identifica, seja quanto à sensação em relação à época da produção da obra em que se verifica uma sociedade com um comportamento diverso dos dias do leitor do século XXI. O que resulta do contato do leitor com as obras é o efeito que também tem papel formador, pois age sobre este leitor, convidando-o a participar de um horizonte diferente do seu. E o efeito culminante desse processo, embora não esteja declarado pelo leitor em questão, é a emancipação, pois a arte literária possibilita a esse leitor alargar seu horizonte, tirando-o da solidão e ampliando as suas perspectivas existenciais.

O efeito da obra, categoria de objetivo principal nesta pesquisa, é também um dos seus aspectos reveladores. A leitura nesta perspectiva reflete sobre o leitor que reage satisfeito ou insatisfeito, questionando a atitude das personagens, avaliando o comportamento da

sociedade da época de produção da obra, o movimento da narrativa, sua estética, entre outros aspectos, confirmando o prognóstico da teoria da Estética da Recepção quando afirma que a obra literária provoca determinado efeito sobre o seu público.

Há uma diferença de percepção da obra pelo leitor que a recebeu nos tempos de sua criação em relação ao que a recebe agora, é o que se verifica em outra modalidade preconizada por Jauss. Nesta última variedade observam-se leituras distintas, pois o leitor da pesquisa revela inúmeros estranhamentos em vista do diferente momento histórico entre a criação e a recepção da obra machadiana: a linguagem do autor, o seu repertório, a sua estética, o contexto social, político entre outros.

No processo comunicativo, por outro prisma, a teoria do efeito possibilita que se observe o entrecruzamento das vozes do autor do texto e do leitor no ato da leitura. Nesse diálogo entre o autor e o leitor descortina-se um cenário de temas que emergem relevantes porque o autor assim os considera e o leitor aceita discuti-los, pois reverberam em sua visão de mundo.

Assim, a escravidão apresenta-se como exemplo de temática abordada por Machado de Assis, especialmente em *Memórias Póstumas de Brás Cubas*. Já da parte do leitor, a escravidão é vista com estranheza, uma vez que tal regime encontra-se, ao menos sistematicamente, distante da sociedade atual. Mas se a estrutura social mudou, o horizonte de expectativa do autor e a consciência do leitor acerca da simetria entre um ser humano e outro, independentemente de cor e raça, encontram-se harmonizados.

Em relação à temática do adultério, o autor parece denunciar a hipocrisia vivida entre casais que, sem considerar o sentimento que devia uni-los, convivem sob o mesmo teto por questões externas ao afeto, ou seja, razões de ordem moral e religiosa, quando não econômicas ou políticas. Mais transparente, a relação conjugal na sociedade contemporânea, o leitor a observa distinta entre as duas sociedades. Quanto à perspectiva por um convívio mais franco entre os cônjuges, aproximam-se num consenso as duas vozes, a do autor e a do leitor.

Qual foi a contribuição que a teoria da Estética da Recepção trouxe para a realização e o proveito do presente estudo? Primeiramente a crítica de Jauss em sua aula inaugural que abalou a convicção de muitos, ao mesmo tempo em que apontou uma luz para o trato da literatura ocidental e seu ensino, esta pesquisa concorre para dar sustentação às reflexões realizadas no campo do ensino da literatura mediante o exercício realizado com os participantes da pesquisa.

Em segundo lugar, os dois conceitos, o da recepção e do efeito estético, de Jauss e Iser, são fundamentais no sentido de compreender-se o fenômeno da leitura de uma obra

literária. A partir destes estruturou-se o trabalho da pesquisa para a coleta dos dados e o exame dos textos dos leitores para a produção do texto da tese.

Em terceiro lugar, serviram de instrumento metodológico as oito categorias da estética da recepção (*concretização, horizonte de expectativas, experiência estética, distância estética, efeito, estrutura de apelo, identificação e emancipação*) com as quais estudou-se a recepção dos alunos. Esses conceitos, responsáveis pela extração das questões e respostas dos alunos, contribuem para dar a dimensão da recepção de uma obra literária, bem como ajudam revelar o impacto da obra sobre o leitor. Além do mais, tais conceitos favorecem uma análise pela lógica: de onde se parte e onde se quer chegar. Com este aporte teórico assim estruturado é possível construir um modelo de estudo e reflexão com qualquer obra literária para, a partir dela, compreender a sua recepção.

Depois das categorias da teoria da Estética Recepção, os elementos da narrativa são determinantes nesta pesquisa, uma vez que o objeto de estudo é a narrativa. Nesse sentido o subsídio de tais elementos concorre para compreender-se o mecanismo de uma narrativa para poder extrair, mediante a recepção da obra literária, interpretações pertinentes à discussão das temáticas abraçadas pelo autor. Por meio do elemento personagem é possível penetrar no mundo de cada um dos que figuram no elenco, observar a criação do autor na sua percepção do ser humano, ao mesmo tempo em que permite ao leitor espelhar-se no herói com o qual se identifica.

O tempo ou a época em que se passa a narrativa oferece ao leitor um cenário e uma sociedade com valores e hábitos que o levam a refletir sobre os próprios valores, e por que não dizer, sobre si mesmo.

O espaço da narrativa não reflete apenas o *habitat* no qual o homem vive, porém é nele que se revelam interesses e valores. O lugar na história, portanto, concorre para a construção do sentido que o autor nela deseja imprimir quando a narra com as personagens e suas ações.

O enredo, elemento que reúne os demais na constituição do conflito, também organiza o movimento da narrativa mediante estratégias como a do suspense, os sinuosos argumentos entre outros trunfos do narrador como a de provocar ao leitor.

O narrador que se apresenta com diferentes posturas na narrativa, administra a ação das personagens, assim como efetivamente participa da história. O narrador é, em última análise, o elemento do qual o autor se vale para construir a sua obra.

E a verossimilhança, responsável pelo crédito do leitor, é o elemento que ajuda garantir a convivência entre autor e leitor, resultando na apreciação e aceitação da história

contada. Com esse entendimento, acerca dos elementos da narrativa, foram constituídas as questões e a interpretação da leitura do texto machadiano pelo aluno, bem como a análise dos textos dos leitores pelo pesquisador.

Menos explícitas, além das categorias da Estética da Recepção e os elementos da narrativa, são as quatro questões feitas aos alunos depois da leitura das obras, às quais os participantes responderam escrevendo e que auxiliaram para a realização dos comentários dos dois primeiros aspectos: [a) Quais foram as suas impressões gerais acerca da obra? b) Escreva um resumo da narrativa lida. c) Escreva uma crítica à obra que você leu. d) Aponte as temáticas que você percebeu na história lida].

Redigidas de modo espontâneo, com a mínima interferência por parte do pesquisador e mesmo da professora regente da turma, esses quesitos permitiram dados importantes para a reflexão acerca da recepção das obras por parte dos alunos. Uma pergunta é suscetível de carregar um sentido que pode induzir o destinatário a responder o que o enunciador deseja. No entanto com a questão: *Quais foram as suas impressões gerais acerca da obra?*, o risco diminuiu muito. É possível perceber, pelos textos dos leitores, que a sua declaração manifestou-se de modo bastante original.

O *resumo* do texto machadiano, escrito pelos alunos deveria prestar-se para mais um dado a ser analisado, porém pouco se utilizou deste texto, já que os outros revelaram-se mais expressivos e possibilitaram mais elementos de reflexão.

Já a questão *escreva uma crítica à obra que você leu* trouxe importantes fundamentos para a observação das obras feitas pelos leitores. Pelas suas críticas foi possível inferir sobre diferentes aspectos da recepção, pois por meio delas os leitores avaliaram as obras objetiva e subjetivamente, revelaram a sua maior ou menor aceitação, bem como ponderaram sobre o movimento das narrativas e sua estética.

Por fim, o item *aponte as temáticas que você percebeu na história lida*, proporcionou dados significativos em relação à conformação de sociedade do século XIX, percebida pelos alunos com a leitura das obras. Este entendimento por parte do leitor contribuiu para se conferir a compreensão do texto literário em vista de seu contexto de produção e desse modo poder traçar o paralelo entre os dois grupos sociais como se observou na análise das entrevistas dadas pelos alunos. As quatro questões, portanto, auxiliaram numa despreziosa observação pelo leitor o que rendeu, por sua vez, uma análise especialmente confiável e sem contaminações.

No que tange à interpretação do texto machadiano à luz da hermenêutica, importante aspecto nos estudos da Estética da Recepção, a pesquisa recolhe elementos significativos a

partir da questão interpretativa do leitor que propôs outros direcionamentos para o conflito, ou seja, completou o texto mediante a sua criatividade e visão, assim como também pronunciou-se com julgamentos acerca das personagens e do enredo. No desdobramento desta ideia, observa-se que esse leitor, sem medo de opinar e fazer críticas, sugeriu interferências na narrativa por meio de sua leitura. E de modo bastante espontâneo aceitou o desafio de participar da recriação da obra machadiana e, para além de tão somente decodificar o texto, refletiu sobre a recepção, dela escreveu, a partir dela também se pronunciou de maneira responsável, empenhada e criteriosa nas entrevistas, o que resultou na exposição de suas ideias acerca da obra para contribuir na recriação e para a imortalidade da obra literária.

A relação entre a obra de Machado de Assis e outras obras tal qual *Otelo* de Shakespeare e *Madame Bovary* de Gustave Flaubert requer destaque, uma vez que os jovens leitores que a fizeram demonstraram capacidade de proceder com paralelos na literatura comparada e dialogar inclusive com autores e críticos nacionais e internacionais que estudam e escrevem acerca dos aspectos percebidos e discutidos pelos alunos em seus textos seja orais ou escritos. Embora em fase embrionária, esses leitores já revelam pendor para um exercício de leitura e crítica literária. Ao lembrar de *Otelo* de Shakespeare e ao compará-lo com *Dom Casmurro*, demonstram sensibilidade suficiente para observarem a coincidência e inclusive a influência de um autor sobre o outro. Já em relação à *Madame Bovary* em comparação à narrativa de *Dom Casmurro* o leitor tem a percepção do diálogo da temática entre o escritor francês e o brasileiro numa abordagem de denúncia e crítica social. Com tais abordagens esta pesquisa revela que o leitor, mediante a recepção das obras, revela-se, se faz e se constrói.

Com a recepção das duas obras de Machado de Assis, o que poderia se apresentar como distinto para o leitor? Inicialmente e a principal distinção encontrada nas obras está porque diferente de *Memórias Póstumas de Brás Cubas* a narrativa de *Dom Casmurro* é mais linear, ou seja, encontra-se mais próximo das narrativas comuns. Outro aspecto no interior desta crítica é a demasiada reflexão encontrada no episódio narrado por Brás Cubas, além da citação de intertextualidades, tornando a leitura densa e pesada para este leitor pouco maduro. Embora mais filosófica, a obra de *Memórias Póstumas* abre grandes perspectivas para considerações existenciais e de valores do homem. No que toca aos elementos da narrativa, em seu aspecto fulcral, as personagens, tanto numa quanto na outra história são admiradas e desprezadas pelo leitor em razão de suas atitudes ou comportamento. Por fim, o leitor não observa grande diferença entre o narrador de *Dom Casmurro* e *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, a não ser que este último seja, de modo inovador, um narrador defunto sarcástico.

A Estética da Recepção assume a perspectiva do leitor, conforme sua denominação sugere. Em vista disso, em que medida pode-se apostar na afirmação que considera o leitor a garantia da historicidade das obras literárias? Reiterando o argumento de que o leitor é que perpetua a existência da obra literária, esta pesquisa ajuda a compreender que, embora seja modesta a participação do estudante como leitor e crítico da obra literária, este apresenta-se como um potencial leitor e crítico para sair do amadorismo e se constituir, no futuro, um agente maduro e capaz, se lhe for proporcionada oportunidade para tal. Assim como o autor se forma e se constrói, igualmente o leitor pode ser formado e construído, tal é a perspectiva da Estética da Recepção e a da presente pesquisa. E no sentido inverso, a garantia da historicidade das obras mediante o leitor é possível na medida em que leitores descubram tais obras. Sempre haverá leitores curiosos e sensíveis a encontrar tais tesouros escondidos, contudo, é possível, com um esforço maior, contribuir para que um número mais significativos de leitores treinados na escola engrossem as fileiras dos que podem recebê-las e, assim, cooperar para imortalizar os monumentos da história da literatura.

Como esta pesquisa contribui para a compreensão do fenômeno da recepção da obra literária pelos estudantes do Ensino médio? Esta é uma importante e distante indagação que constituiu uma das razões para que este trabalho se colocasse em curso. Esta reflexão endossa e envolve o item anterior que tem a preocupação em garantir que a obra literária se mantenha viva por meio de novos leitores. No sentido oposto vem o leitor que necessita ser cultivado. Portanto, para assegurar o movimento e a circulação da criação literária, o leitor, na condição de terceiro elemento no processo, merece ser estudado para que, a partir de suas potencialidades construa-se uma nova ordem no campo da sua formação e conseqüente cultura pela recepção da obra literária. Nesse sentido, o que se aspirou nesse projeto foi o estudo do comportamento do leitor e seu desempenho na perspectiva de se descobrir o quanto ele pode ser relevante no contexto da leitura, da pesquisa e da crítica literária. A atuação do leitor, por sua vez, no cenário desta pesquisa rendeu, para além da expectativa do pesquisador, um sem número de possibilidades interpretativas dos textos de Machado de Assis, bem como um cenário caleidoscópico para o professor de literatura contar para estudar o fenômeno denominado leitor e a recepção da obra literária.

É oportuno ainda comentar minimamente acerca da comparação entre os alunos das cinco escolas com as quais se trabalhou a pesquisa. Considerando que *Dom Casmurro* foi lido em quatro unidades, assim se apresenta a apreciação feita pelos alunos. Assim, no colégio particular PGD o item *gostei* se apresenta com 66% de aceitação. Já no colégio público e de periferia da cidade, o Sagrada Família, o item *gostei* mostra 30% de aprovação. O colégio

público Hugo Simas, de localização central na cidade, vem com 25% de aceitação no item *gostei*. E o colégio estadual e de aplicação da UEL se apresenta com 12% no item *gostei*.

Ao avaliar esses números em relação ao perfil das escolas, observa-se que o colégio particular se apresenta pela maior aceitação com a leitura da obra, ou seja, 66%. Se vale uma observação, o alunado desta escola tem mais hábito de leitura, uma vez que se observou que a professora determina a leitura de uma obra a cada escola literária estudada. O que surpreende com essa explicação é que o colégio estadual de periferia, o *Sagrada Família*, onde não há essa exigência, pois se observou que os alunos não fazem leitura literária com a mesma frequência, ainda assim registram maior número, isto é, 30%, em vista das demais escolas, perdendo apenas para a particular. Nesse sentido, surpreende igualmente o Colégio de Aplicação da UEL que têm um público de alunos distinto das demais escolas públicas, no entanto, demonstra aceitação de somente 12%.

Após a realização da experiência com a recepção de obras dos cânones da literatura brasileira com alunos do ensino médio é oportuno refletir acerca de como os jovens aceitaram o desafio de ler tais obras, ou seja, de que maneira foi possível motivá-los para este tipo de leitura de modo que o trabalho não fosse tão penoso, visto que há um vácuo entre a sua realidade e o modelo do *script* de tais obras.

Embora não se tenha solicitado nenhum registro para que o leitor justificasse a adesão ao projeto de leitura dos livros, observou-se nas entrelinhas dos comentários dos textos que a sua adesão deu-se por diferentes razões. Primeiramente, é conveniente registrar que as escolas utilizam, em sua rotina, inúmeras estratégias para envolver os alunos na leitura das obras literárias desde a mera exigência, especialmente em colégios privados. Há, contudo, outras iniciativas de professores a exemplo dos que desenvolvem projetos transpondo textos literários para outros gêneros discursivos ou literários, como é o caso do texto dramático, que tem por objetivo buscar experiências sinestésicas e mais significativas, além de provocar maior efeito nos leitores alunos.

No que diz respeito à pesquisa, o que chamou a atenção dos estudantes para participarem de modo mais entusiasmado foi a notícia de que as obras a serem lidas eram de autoria do maior escritor brasileiro, o que os moveu pela curiosidade a saber qual seria o segredo do célebre escritor. No conjunto das estratégias do projeto que os animou a cooperar nessa operação ficou por conta do aspecto da socialização que se desenhou quando cada turma dos estudantes foi convidada a participar de uma mesa redonda ou entrevista coletiva a ser gravada e filmada. Este evento, além de provocar diferentes sensações entre os participantes, trouxe importância para a atividade. Por fim, como já foi mencionado em outro

trecho deste texto, um dos encorajamentos dos alunos para fazer parte do projeto de leitura se credita no fato de se sentirem prestigiados a participarem de uma proposta de pesquisa universitária no nível de pós-graduação. Todas essas motivações constituem elemento significativo no estudo de uma obra literária, não para o professor que ensina literatura, nem tampouco para o pesquisador. Conclui-se, porém, que sejam indispensáveis na perspectiva de se conseguir o envolvimento e engajamento no projeto de leitura por parte dos alunos jovens.

A leitura das obras de Machado de Assis realizada pelos alunos, a reflexão feita com base nos dados fornecidos por eles em seus textos e por meio das entrevistas, por si só podem suscitar numerosas perspectivas e possibilidades no estudo de obras literárias com os jovens leitores no interior da escola. Se antes da teoria da Estética da Recepção eram considerados o autor e a obra como objeto de estudo e crítica, agora abre-se um novo horizonte e foi com este entendimento que se trabalhou nesta pesquisa. Após diferentes autores, a exemplo de Ingarden, Iser e Eco, afirmarem que o leitor completa o texto do autor ou que o leitor continua a obra de seu criador, esse leitor apresenta-se igualmente como um novo objeto a ser explorado. Nesse sentido também comunga Jauss, de ideia análoga, quando afirma que a recepção de um texto e de um autor por um determinado leitor que, por sua vez, é lido por um terceiro e assim sucessivamente, tais leituras devem dar origem a um outro texto, uma vez que diferentes leitores, em épocas diversas, mesmo que se trate da mesma obra, a percebem de modo distinto em vista de sua idiossincrática visão de mundo. Portanto, com o foco no leitor, o estudo de obras literárias, a exemplo do presente trabalho, abre novas perspectivas, pois trazem maior amplitude, além de desencadear um diálogo ainda maior entre autor, crítico e agora inclusive com o leitor comum.

Ao voltar para o questionamento do princípio desta pesquisa, ou seja, quais eram as perspectivas do pesquisador antes da realização dos trabalhos de leitura, investigação e análise dos textos dos alunos? Pode se afirmar que a sensação consistia num misto de curiosidade, de impotência, de ceticismo, de caminho nebuloso, mas também de determinação e obstinação para superar um imenso obstáculo. Já em relação ao estudo e ao trabalho com a pesquisa de campo esperava-se que fosse árduo, uma vez que o projeto envolvia uma dupla investigação: a teórica e a prática. Porém, apesar de exaustivo, trouxe satisfação com o estudo do autor e da obra machadiana e da teoria da recepção, além do envolvimento com os leitores e da coleta dos dados.

No que diz respeito aos resultados, a expectativa era a de poder trazer dados suficientemente importantes no sentido de proporcionar, especialmente ao professor do ensino básico, uma referência com elementos que pudessem, primeiramente levá-lo a refletir acerca

da questão do trabalho com a literatura no chão da escola e ao mesmo tempo instrumentá-lo por meio do texto da pesquisa como um modelo de trabalho a ser aplicado a outras obras e autores. Para fechar este tópico, é preciso dizer que as dúvidas diminuíram e o problema desmistificou-se, pois a realidade da pesquisa e a reflexão trouxeram maior objetividade na compreensão do fenômeno. Portanto, no que tange aos frutos e em quanto este trabalho pode contribuir na questão social que envolve especialmente o ensino, entende-se que ainda é cedo para fazer qualquer conjectura.

O que pode ser apontado como uma importante revelação da pesquisa? Ao contrário do que se acredita generalizadamente que o jovem não lê, a grande maioria dos participantes desta pesquisa leu as obras. Isso provavelmente se deve porque houve motivação suficiente para que isso ocorresse. É importante salientar que se o motivo principal, o da leitura de um livro, não atrai por si só o aluno, ou não chama a sua atenção, na observação feita nesta pesquisa revela-se que são as atividades do entorno que movem o jovem e, conseqüentemente, é no compartilhamento com seus pares e na observação do outro que o interesse e a motivação se constroem.

Serve igualmente como dínamo para a participação o fato de a atividade oferecer relevância no mundo social, quando, por exemplo, se trata de um trabalho notável e que traga ao jovem, por exemplo, motivos para ficar envaidecido por integrar um projeto importante na esfera acadêmica.

E depois da leitura, o que chamou a atenção foi a calorosa participação no debate acerca da obra. A dinâmica da entrevista coletiva instiga a participação, pois ao mesmo tempo em que se oportuniza a manifestação de cada leitor que deseja expor as suas impressões e defender o seu ponto de vista, este também quer ouvir o que tem a dizer o colega que leu a mesma história para, então, partilharem suas observações. Portanto, de acordo com o que se observou na pesquisa, a interação é particularidade imprescindível quando se pretende envolver o adolescente e o jovem nalguma atividade. Em síntese, se o adulto privilegia a leitura por si só, o público jovem prioriza a forma. Compreende-se, diante disso que se antepõe a estratégia ao conteúdo para que o escopo se concretize.

A partir das conclusões da pesquisa, que ações poderiam contribuir para a problemática da leitura de obras literárias? A leitura e o trabalho com tais obras são um importante passo para uma sociedade que se quer próspera e cultive valores como o da liberdade, da arte, da erudição, e do bem estar social em diferentes sentidos. O nível cultural de uma sociedade passa necessariamente pelo saber e este pode encontrar a sua maior e melhor expressão na literatura, onde outros campos do conhecimento tem procurado beber.

Por mais que os Parâmetros Curriculares Nacionais preconizem um cidadão consciente e crítico a partir da educação, não há iniciativas suficientes, assim como há pouco investimento em projetos que envolvem a leitura literária. Assim, as diferentes esferas da sociedade envolvidas e diretamente responsáveis pela educação, cultura e arte têm o dever moral e cívico do fomento e do desenvolvimento desta área.

No nível governamental as ações devem traduzir-se em orientação e investimento nos diversos canais e nos diferentes setores, especialmente nas escolas do ensino básico, porém também no ensino superior, por meio de projetos especiais e criativos, de acordo com a natureza do adolescente e do jovem, de modo a alavancar um movimento pelo prazeroso gosto em ler obras literárias.

Nos cursos de letras a pesquisa precisa ser intensificada de modo especial na linha da leitura literária pela qual professores e alunos criem projetos na perspectiva das mais diversificadas motivações por ler obras literárias, estudá-las e disseminá-las mediante trabalhos monográficos entre outros.

Nas escolas e, portanto, em cada comunidade em que esta se insere, as suas lideranças produzam projetos de leitura literária de acordo com a vocação e o caráter de cada núcleo coletivo. É importante que cada sociedade descubra seus valores e suas potencialidades e em vista deles elenque obras com as quais identifique-se e a partir delas possa promover reflexões junto ao seu grupo social, de modo que tal identidade se firme e se estabeleça cada vez mais sólida e madura social e culturalmente.

No interior da escola, a alma das reflexões, das iniciativas e das ações é o professor. Com uma postura de abertura para o novo e para o desafio, ao mesmo tempo sensível ao público jovem a sua liderança é decisiva para a criação de um novo modelo de prática de leitura junto a esse público. Assim, se é da competência do educador indicar a obra pela sua importância e inserção curricular, é de fundamental importância que a forma de se organizar os trabalhos de recepção seja partilhada com os alunos leitores, já que os meios é que são determinantes para se alcançar o fim aspirado. E depois de realizar-se ações significativas com os jovens em torno da leitura de obras literárias, que ao mesmo tempo lhes proporcionem experiências prazerosas e de interação com os seus pares, é possível que se instale também individualmente o hábito da leitura. Isso há de constituir um novo movimento na relação da leitura literária no meio escolar para que o aluno que conclui os seus estudos no ensino básico não saia mais desprezando o ato da leitura, mas que continue a sua vida com o prazer de fazê-la.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Vera Teixeira de. O leitor competente à luz da teoria literária. In: *Revista Tempo Brasileiro*, Rio de Janeiro, 24: 23/34, Jan. – mar., 1996.

ASSIS, Machado de. A nova geração. In: ASSIS, Machado de. *Obra completa*. Machado de Assis, org. Aluizio Leite Neto, Ana Lima Cecilio, Heloisa Jahn. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2008.

_____. *Páginas recolhidas*. Ed. São Paulo: FTD, São Paulo, 2012.

BARDIN, Lawrence. *Análise de conteúdo*. Ed. 70. São Paulo, 2011.

BERNARDO, Gustavo. *Machado de Assis – O enigma do olhar*. Ed. Ática. São Paulo, 1999.

_____. *Machado de Assis*. Publifolha. São Paulo, 2002.

_____. *História Concisa da Literatura Brasileira*. 47. ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

_____. *O problema do realismo de Machado de Assis*. Ed. Rocco. Rio de Janeiro, 2011.

BLOOM, Harold. *Gênio: os 100 autores mais criativos da história da literatura*. Ed. Objetiva, Rio de Janeiro, 2003.

BRAIT, Beth. *A personagem*. São Paulo: Ática, 1990.

BROCA, Brito. *Machado de Assis e a política e outros estudos*. Organização Editora Simões. Rio, 1957.

CALDWELL, Helen. *O Otelô brasileiro de Machado de Assis - um estudo de Dom Casmurro*. Editora: Ateliê Editorial. Tradução Fábio Fonseca de Melo. São Paulo, 2008.

CÂMARA JR, J. Mattoso. *Ensaio Machadianos*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1979.

_____. *Vários Escritos*. 3ª edição, Duas Cidades: São Paulo, 1995.

_____. *A literatura e a formação do homem*. In: CÂMARA JR, J. Mattoso. Textos de intervenção. São Paulo: Duas Cidades/Ed. 34, 2002 [1972].

CAPATTO, Renata Macedo C236n Nas malhas do leitor: um estudo de teses e dissertações sobre leitura/recepção de textos (1980-2003) /. Assis, 2005.

CARPEAUX, Otto Maria. *História da literatura Ocidental*. 2ª edição, VIII volumes, Ed. Alhambra, Rio de Janeiro, 1978.

_____. *Ensaaios Reunidos*. Ed. Topbooks. Rio de Janeiro, 2005.

_____. Perspectivas da interpretação, em *Livros na Mesa*). [N.E.]
<http://www.olavodecarvalho.org/textos/carpeaux.htm>

CECCANTINI, João Luís C. T. *Vida e paixão de Pandonar, o cruel de João Ubaldo Ribeiro: um estudo de produção e recepção*. (Dissertação de mestrado) Unesp de Assis, São Paulo, 1993.

CHAGAS, Wilson. *A fortuna crítica de Machado de Assis*. Ed. Movimento. Porto Alegre, 1994.

CHALHOUB, Sidney. *Machado de Assis historiador*. Ed. CIA DAS LETRAS. São Paulo, 2003.

CHKLOVSKI, Viktor. *A arte como procedimento* in Teoria da literatura: os formalistas russos, Porto Alegre, Globo, 1976.

COMPAGNON, Antoine. *Literatura para quê?* Tradução de Laura Taddei Brandini. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

_____. *O demônio da teoria. Literatura e senso comum*. Ed. UFMG. São Paulo, 2012.

COSTA, Jurandir Freire. *Ordem médica e norma familiar*. Ed. Graal. Rio de Janeiro, 1979.

COUTINHO, Afrânio. *Machado de Assis na literatura brasileira*. Livraria São José. 2ª edição. Rio de Janeiro, 1966.

_____. *A literatura no Brasil*. Global Editora e Distribuidora Ltda. 4ª edição. São Paulo, 1997.

EAGLETON, Terry. *Ideologia – Uma introdução*. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista e Editora Boitempo, 1997.

_____. *Teoria da literatura: uma introdução*. Trad. Waltensir Dutra. 6ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

ECO, Umberto. *Leitura do texto literário lector in fábula*. Ed. Presença. Lisboa, 1983.

_____. *A literatura contra o efêmero. Folha de São Paulo. São Paulo, 18 de mar, 2001. Caderno Mais*.

_____. *Seis passeios pelos bosques da ficção*. Editora Companhia das Letras, São Paulo, 2009.

FACIOLI, Valentim. *Um defunto estrambótico*. Editora Nankin. São Paulo, 2002.

FISH, Stanley. *Literature in the Reader: Affective Stylistics, New literary History 2*, 1970.

FOUCAMBERT, Jean. *A leitura em questão*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler: em três artigos que se completam*. São Paulo: Autores Associados, 1986.

FREITAS, Marcos Cezar. (Org.) *Historiografia brasileira em perspectiva*. (São Paulo/ USF) Contexto, São Paulo, 1998.

GADAMER, Hans-Georg. *Verdade e método*. Editora Vozes: Petrópolis, R.J. 1997.

GLEDSON, John. *Machado de Assis: Ficção e História*. Editora: Paz e Terra. Rio de Janeiro, 1986.

_____. *Machado de Assis – impostura e realismo*. Editora: Companhia das letras. São Paulo, 1991.

GOMES, Eugênio. *O enigma de Capitu*. Livraria José Olympio. Rio de Janeiro, 1967.

_____. *Machado de Assis - Influências inglesas*. Ed. Pallas S.A. Rio de Janeiro, 1976.

GOMES. Heloísa Toller. *As marcas da escravidão*. Ed. UFRJ. Rio de Janeiro, 1994.

HAUSER, Arnold. *História social da literatura e da arte*. Ed. Mestre Jou: São Paulo, 1972, 1º tomo.

INGARDEN, Roman. *Das literarische kunstwerk*. (2ª ed.) Tübingen, 1960.

_____. *A obra de arte literária*. Tradução: Albin E. Beau, Maria C. Puga e João F. Barrento. 2. d. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1979.

ISER, Wolfgang. *O fictício e o imaginário: perspectivas de uma antropologia literária*. Trad. J. Kretschmer. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1996.

_____. *O ato da leitura I*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1996.

_____. *O ato da leitura II*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1999.

KOTHE, Flávio. *O herói*. 2. Ed. São Paulo: Ática, 1987.

JAQUES, Alfredo. *Machado de Assis. Equívocos da Crítica*. POA, Movimento, em convênio com o IEL, 1974.

JAUSS, Hans Robert. *História literária como desafio à ciência Literária*. Literatura medieval e teoria dos gêneros. Porto, Livros Zero, 1974.

_____. *A obra de arte literária*: Lisboa: Calouste Gulbenkian, 1979.

_____. *Esthétique de la réception et communication littéraire*. Critique, Paris, v. 37, n. 413, p. 1116-1130, oct. 1981.

_____. *Ästhetischen Erfahrung und literarische Hermeneutik*. Frankfurt, Suhrkamp, 1977. {Tradução para o português, o inglês e o francês}, 1982.

_____. *A história da literatura como provocação à teoria literária*. Tradução de Sérgio Tellaroli, ed. Ática: São Paulo, 1994.

_____. *Pequeña apología de la experiencia estética*. Ediciones Paidós Ibérica, S.A. Barcelona, Buenos Aires, México, 2002.

_____. *Pour une esthétique de la réception*. Paris: Gallimard, 2013.

JOUVE, Vincent. *A leitura*. Ed. UNESP: São Paulo, 2002.

LAJOLO, Marisa & ZILBERMAN, Regina. *A formação da leitura no Brasil*. São Paulo: Ática, 1996.

LIMA, Luiz Costa. *A Literatura e o Leitor: Textos de Estética da Recepção*. Seleção, tradução e introdução: Luiz Costa Lima. São Paulo: Paz e Terra, 2001.

LOBATO, Monteiro. 1941. *Machado de Assis*. Autores e Livros, 28 set.

MAGALHÃES JUNIOR, Raimundo. *Machado de Assis*. Editora Record: Rio de Janeiro, 2008.

MAGNANI, Maria do Rosário M. *Leitura, literatura e escola: sobre a formação do gosto*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

MASSA, Jean-Michel. *Juventude de Machado de Assis – 1839-1870*. Trad. Marco Aurélio de Moura Matos. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1971.

MEYER, Augusto. *Machado de Assis – ensaios*. Editora: José Olympio. Rio de Janeiro, 2008.

MICHELET, Jules. *O Povo*. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

_____. *A Mulher*. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

PEREIRA, Astrojildo. *Machado de Assis, ensaios e apontamentos avulsos*. Fundação Astrojildo Pereira, Brasília, 3ª edição, 2008.

PEREIRA, Lúcia Miguel. *Machado de Assis*. Editora Itatiaia Ltda. Belo Horizonte, 1988.

PERRROT, Michelle. *À Margem: Solteiros e Solitários*. In. ARIÈS, Philippe & DUBY, Georges. *História da Vida Privada*. São Paulo: Cia das Letras, 1992. V. 4.

PONTES, Eloy. *Ironia e desencanto*. Livraria José Olympio. Editora Ouvidor, 110, Rio, Gusmões, 104, São Paulo, 1949.

POUND, Ezra. *ABC da literatura*. Ed. Cultrix Ltda. São Paulo, 1989-1990.

- PROUST, Marcel. *À la recherche du temps perdu*. Edition Humanis, 2012. Collection Classiques. Luc Deborde BP 30513 5, rue Rougeyron Faubourg Blanchot 98 800 - Nouméa Nouvelle-Calédonie.
- PUJOL, Alfredo. *Machado de Assis*. Livraria José Olympio. Rio de Janeiro, 1934.
- REALE, Miguel. *A filosofia na obra de Machado de Assis E Antologia filosófica de Machado de Assis*. Ed. Pioneira. São Paulo, 1982.
- REGO, Enylton de Sá. *O Calundu e a panacéia – Machado de Assis, a sátira menipeia e a tradição luciânica*. Editora Forense Universitária Ltda. Rio de Janeiro, São Paulo, 1989.
- _____. *A Análise da narrativa. O texto, a ficção e a narração*. Ed. Difel. Rio de Janeiro, 2007.
- RIFFATERRE, Michael. *Strukturelle Stilistik*, trad. de Wilhelm Bolle, München, 1973.
- ROMERO, Sílvio. *Machado de Assis*. 2. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1936.
- SAMARA, Eni de Mesquita. *As mulheres, o poder e a família*. São Paulo. Século XIX. São Paulo: Secretaria de Estado da Cultura de São Paulo, 1989.
- SANTOS, Milton. *Metamorfoses do espaço habitado*. 6 ed. São Paulo: Edusp, 2008.
- SARTRE, Jean-Paul. *Entre quatro paredes*. São Paulo: Abril, 1977.
- _____. *Que é a literatura*. Ed. Ática. São Paulo, 1989.
- SHAKESPEARE, William. "*Measure for Measure*", Act 1 scene 4
Greatest English dramatist & poet (1564 - 1616).
- SCHWARTZ, Roberto. *Um mestre na periferia do capitalismo /Machado de Assis/*. Ed. Livraria Duas Cidades: São Paulo, 1990.
- SENNÁ, Mata de. *O olhar oblíquo do bruxo – ensaios em torno de Machado de Assis*. Editora Nova Fronteira. Rio de Janeiro, 1998.
- SILVA, Ezequiel Theodoro da. *Leitura e realidade brasileira*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988.
- SMITH, Frank. *Leitura significativa*. Trad. Beatriz Affonso Neves. 3^a ed. - Porto Alegre: Editora Artes Médicas Sul Ltda, 1999.
- SOUZA, R. de M. e. *O romance tragicômico de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2006.
- TEIXEIRA, Ivan. *A apresentação de Machado de Assis*. Martins Fontes. São Paulo, 1988.

TERESA: Revista de literatura brasileira, edições 6-7. Editora: Serviço de biblioteca e de documentação da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 2004.

WATT, Ian. *O realismo e a forma romance*, in:_____. *A ascensão do romance*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

ZILBERMAN, R. & SILVA, E. T. da. *Literatura e pedagogia:ponto e contraponto*. Porto Alegre:Mercado Aberto,1990.

ZILBERMAN, Regina. *A literatura infantil na escola*. São Paulo: Global, 2003.

ZILBERMAN, Regina. *Estética da recepção e história da literatura*. São Paulo: Ática, 2009.

ANEXOS

ANEXO I – Dados da Pesquisa de Campo

Seguem os dados obtidos em pesquisa de campo com os alunos de cinco colégios no município de Londrina, Paraná, onde foi realizado o trabalho com 107 estudantes. Os discentes do 2º ano do Ensino Médio de cada unidade escolar foram submetidos a quatro modalidades com atividade para a obtenção das informações. A pesquisa obedeceu às quatro unidades que assim se apresentam:

- I. Dados sócio-econômico-culturais (perfil dos alunos pesquisados).
- II. Questões (em nº 4) descritivas acerca das impressões da leitura. E mais uma questão objetiva.
- III. Entrevista individual com seis alunos em cada unidade, na qual cada aluno respondia a questões sobre uma das três obras lidas na escola: *Dom Casmurro*, *Helena e Memórias Póstumas de Brás Cubas*.
- IV. Entrevista coletiva com a turma que leu uma das três obras escolhidas (Idem item de nº 3).

I. Dados sócio-econômico-cultural (perfil dos pesquisados).

Turma: 2º A - O sexo

Sexo	Nº de alunos	percentual
Masculino	11	
Feminino	08	
Total	19	100 %

A idade

Idade	Nº de alunos	percentual
15=	02	
16=	16	
17=	00	
18=	01	
total	20	100,00

Turma: 2º B - O sexo

sexo	Nº de alunos	percentual
Masculino	07	
Feminino	10	
Total	17	100 %

A idade

idade	Nº de alunos	percentual
15=	07	
16=	09	
17=	01	
18=		
total	17	100,00

A renda familiar

classe	Rendimentos da família, em salários.
A – mais de R\$ 12.000,00	Mais de 20 \$alários

B – entre 6 e 12 mil	10 a 20 \$alários
C – entre 3 e 6 mil	5 a 10 \$alários
D – R\$ 1.800,00 e R\$ 3.000,00	3 a 5 \$alários
E – entre R\$ 600,00 e R\$ 3.000,00	

Turma: 2º A - Distribuição dos alunos de acordo com as cinco classes:

classe	Nº de alunos	percentual
A	01	9,0%
B	08	40,0%
C	10	51,0%
D	00	0,0%
E	00	0,0%
		0,0%
Total	19	100 %

Turma: 2º B - Distribuição dos alunos de acordo com as cinco classes:

classe	Nº de alunos	percentual
A	07	37,5%
B	10	62,5%
C	00	0,0%
D	00	0,0%
E	00	0,0%
Total	17	100 %

Turma: 2º A - A escolaridade dos pais

Nível de escolaridade	pai		Mãe		responsável
	Nº	%	Nº	%	%
• Analfabeto	–	–	–	–	–
• Indefinido	02	11%			
• Ensino fundamental incompleto	01	06%			–
• Ensino Fundamental completo	01	06%			–
• Ensino Médio incompleto			03	16%	–
• Ensino Médio completo	05	27%	05	27%	–
• E. técnico			01	06%	
• Graduação (faculdade) incompleta					–
• Graduação	02		02	11%	
	08				

(faculdade) completa			08	43%	
Total	19	100,0%	19	100,0%	—

Turma: 2º B - A escolaridade dos pais

Nível de escolaridade	pai		Mãe		Responsável
	Nº	%	Nº	%	%
• Analfabeto	—	—	—	—	—
• Indefinido	02	12%			—
• Ensino fundamental incompleto					—
• Ensino Fundamental completo					—
• Ensino Médio incompleto					—
• Ensino Médio completo	01	06%	03	18%	—
• E. técnico			01	06%	—
• Graduação (faculdade) incompleta	04	24%	03	18%	—
• Graduação (faculdade) completa	10	59%	10	59%	—
Total	17	100,0%	17	100,0%	—

Turma: 2º A - O que você faz em seu tempo livre?

Atividade	Frequência
Joga futebol	02
Pratica esporte	02
Pratica corrida	01
Assiste TV	06
Joga vídeo-game	04
Ouve música	01
Sai com os amigos	05
Namora	01
Ajuda em casa	01
Cuida dos primos	01
Lê	08
Vai à igreja	01
Dorme	02
Descansa	01
Estuda	05
Pratica artes marciais	01

Vai à academia	04
Navega na internet	07
Executar um instrumento musical	01
Estagia na UEL	01
Estuda inglês	01
Come	01
Escreve	01
Escreve no <i>blog</i>	01
Assiste a filmes	01
Anda de bicicleta	01
Conversa com os pais	03
Assiste a filmes e séries	01
Vai a festas	01

Turma: 2º B - O que você faz em seu tempo livre?

Atividade	Frequência
Joga futebol	04
Pratica natação	02
Assiste TV	04
Joga <i>vídeo-game</i>	01
Ouve música	03
Sai com os amigos	03
Lê	07
Desenha/pinta/tricota/faz origame	01
Dorme	04
Estuda	05
Pratica exercício físico	02
Navega na internet	07
Executa um instrumento musical	02
Dança	01
Estuda inglês	01
Assiste a filmes	02
Treina	01
Pratica corrida	01
Resolve sudoku	01

Turma: 2º A - O que você gostaria de fazer em seu tempo livre e não pode?

Atividade	Frequência
Curso de inglês	02
Descansar mais	01
Nada	01
Sair com os amigos	01
Não estudar	01
Estudar mais	01
Jogar videogame	01
Viajar	02
É segredo...	01

Turma: 2º B - O que você gostaria de fazer em seu tempo livre e não pode?

Atividade	Frequência
Aula de violão	01
Fazer nada	03
Praticar luta	01
Fazer musculação	01
Praticar polo aquático	01
Andar de bicicleta	01
Prender latim	01
Escrever	01
Tocar teclado	01
Fazer natação	01
Ter aula de canto	01
Ter aula de teatro	01
Viajar	01

Colégio particular PGD - 2º A

II. Questões descritivas acerca das impressões da leitura

Os textos a seguir foram transcritos conforme o registro feito pelos alunos leitores, isto é, com os problemas ortográficos, sem a devida correção por parte do pesquisador.

- O que você achou do livro e quais as impressões que você pode descrever agora sobre a leitura?

1.(Alison H.) Um livro capaz de manter a atenção durante a desenvoltura, durante todo o desenrolar da história, utilizando de métodos linguísticos marcantes, frases bem elaboradas e providenciando variadas emoções. A história da obra é muito bem desenvolvida, contém personagens com diferentes personalidades capazes de nos comover durante a leitura. Dom Casmurro é um livro de leitura relativamente fácil, pois tanto pode acontecer de uma pessoa ler e compreender com total clareza, quanto uma outra pessoa com a mesma idade que a outra pessoa não compreenda.

2.(Manuele B.) A obra Dom Casmurro pertence ao realismo e trás o determinismo que é comprovado pela ação de Capitu que é influenciada pelo meio que vive, ao trair seu marido. Nele também apresenta verdade sobre o o homem inclusive seus defeitos. Durante a obra pode-se imaginar um amor eterno e que supera tudo, mas no desfecho da história se percebe que tudo acaba com a suposta traição da esposa e ainda vem comprovar o que é retratado no começo, que o livro seria uma tentativa de Bentinho se convencer que fez o certo.

3.(Lariane K.) O livro "Dom Casmurro" é um bom livro com um conteúdo valiozo. Para mim este livro foi um grande aprendizado além de possuir um vocabulário amplo, o livro também nos faz entender o que realmente acontecia naquela época.

4.(Caio F.) O livro é uma obra interessante, mas muito entediante no começo. A leitura não muito difícil, o assunto abordado era um assunto muito polêmico naquela época. Por isso acabei gostando do livro e do autor. Gostei do jeito que o autor o

escreveu com bastante suspense e decepção. Não gostei do final pois todo mundo acaba morrendo, não tendo continuação.

5. (*Fernando V.*) Eu não gostei muito, pois não faz o meu estilo, eu não gosto de histórias desse tipo.

6. (*Amanda L.*) A história é intrigante e prende o leitor. Gostei da leitura e pude perceber quão grande é a diferença dos valores daquela época em relação a atualidade. Existe também um pré-conceito interessante da parte de Bentinho que caracteriza muito bem o realismo, ao crer que foi traído pelo seu grande amor. Começa a se lembrar de sua infância e da maneira que olhava para outros garotos, então tem certeza de que foi traído e se desespera. Bentinho é muito intenso é muito real, e é interessante a intriga presente no livro e a maneira que ela nos faz pensar.

7. (*João V.*) um livro complexo de ser compreendido pois exige do leitor que faça a análise das entrelinhas, também quando você começa a se convencer de uma coisa o autor vem e faz um jogo com os ideias de sua cabeça como um gato brinca com um novelo de lã. Machado de Assis deicha, se permite que seja transpassado ao leitor também um certa característica dele o machismo querendo incriminar Capitu.

8. (*Núria M.*) achei muito interessante e gosto da história do livro porque é uma história que narra um romance sem “melações” e bem realista. Mostra que o Amor não é perfeito e que ele pode acabar sim. Me identifiquei com Bentinho em relação à sua insegurança no relacionamento com Capitu e o modo d traição por parte dela.

9. (*Camila F.*) Eu gostei bastante deste livro, pois apresenta uma história agradável de se ler. Sinceramente foi uma das primeiras obras que foram passadas para nós que eu realmente tive vontade de continuar lendo após começar a leitura da obra, pois é uma história intrigante que enquanto lemos vamos ligando os fatos até chegarmos a uma conclusão, e mesmo assim não chegamos a uma conclusão completa, definição que a torna mais interessante. E pelo fato de lermos esta obra enquanto estudávamos o realismo, podemos ver na obra uma presença de características realistas como: o abandono da idealização da mulher, do amor eterno, da dramaticidade, e se adquire características mais racionais do homem, uma visão de virtudes mais também dos defeitos da mulher e principalmente a existência do adultério, o amor infiel (neste caso da parte da mulher, Capitu). Tudo isso nos mostra que ao fazer a leitura desta obra você consegue encontrar uma história onde poderemos identificar situações mais viáveis de encontrarmos no enredo de nossas vidas.

10. (*João Pedro G.*) Achei a história do livro legal, como Machado de Assis explora o pensamento do protagonista, Bento e sua crença de que Capitu o traiu e a loucura que ele chega por causa de sua imaginação. A dúvida que fiquei se Capitu traiu Bentinho me fez analisar o livro desde o começo, e acho que Capitu não o traiu.

11. (*Ana Beatriz H.*) O livro Dom Casmurro é muito interessante já que trás a história de Bentinho e Capitu romântico, fala do amor e admiração já na infância. Uma obra bacana que foge dos clichês e padrões do romance. Não gostei do final a qual Bentinho chegou.

12. (*Naomi N.*) O livro apresenta palavras cultas, o livro é difícil mas muito gostoso de ler. O final do livro deixa o leitor, indagando sobre o final. Tudo no livro é muito bem explicado, detalhado, fácil. A imaginação, o narrador fala sobre um lugar ou uma pessoa e nós leitores, com a explicação da narração podemos ter lugar, em mente.

13. (*Camila T.*) Eu gostei do livro, pois mostra os pensamentos do personagem de um jeito íntimo. A história é cativante, mas o que mais me chamou a atenção foram os pensamentos, preocupações, a inocência, os sentimentos do personagem, que foram muito bem inseridos no livro por ser contado em primeira pessoa. Gostei que trata das

atitudes do homem sob várias situações, seus extremos, como seus sentimentos afetam seu pensamento e suas ações e como o tempo pode mudar muito.

14. (*Douglas F.*) Eu achei um livro bom, não ótimo pois achei ele meio devagar e sem muita emoção. É um romance muito bom, onde os personagens são muito interessantes pois cada um tem um jeito diferente de pensamentos e de relacionamentos, e o livro, a história, que mostra o ciúme, torna o livro muito mais interessante.

15. (*Bruno M.*) A história do livro *Dom Casmurro* é bem interessante escrito por Machado de Assis, remete obviamente, características machadistas e o livro nos trás um verdadeiro mistério que é a dúvida: Capitu traiu ou não traiu? O livro tem uma linguagem mais objetiva e apresenta características realistas (período o qual o autor faz parte).

16. (*Isabela F.*) Esta foi a segunda vez que li a obra *Dom Casmurro* – a primeira foi há três anos atrás. Após aquela primeira leitura, eu havia ficado absolutamente convencida de que Capitu era inocente e Bentinho, paranoico. No entanto, agora, quando terminei o livro pela segunda vez, minha opinião mudou bastante: não digo que já a considero culpada, mas minha tendência em acreditar em Bentinho aumentou significativamente. Acredito que esse tipo de mudança de impressão pode ocorrer com muito livros (bons) que sejam lidos uma segunda vez, porém *Dom Casmurro* tem uma complexidade especial, que faz com que essa mudança de impressão seja muito mais radical: dela depende a índole de uma das personagens mais importantes. Durante a leitura, pude observar que me alternei entre momentos em que tinha raiva de Bentinho por ser tão ciumento e outro em que odiava Capitu, achando-a falsa, e perversa. Ao final da leitura, acabei por não chegar a uma conclusão sobre o adultério de Capitu (se houve ou não) mas também, se houve, penso que Bentinho quase que o mereceu.

17. (*Guilherme A.*) Gostei, achei um livro muito bom pois Machado escreve de uma certa forma que o leitor se sente um membro da história, o leitor caminha junto com a história. Ele critica, ele pensa é só isso que eu achei bem legal e interessante, esse modo que o Machado faz com que Sentirmos parte do livro.

18. (*Luisa F.*) É um livro bacana, pois gosto muito dos livros de Machado de Assis. Esse livro faz agente “tentar descobrir” se Capitu traiu ou não Bentinho, pois em nenhum momento é falado que ela traiu ele.

19. (*Kesia B.*) Eu gostei da obra *Dom Casmurro* pois é um romance que não termina com um final feliz como todos os contos infantis ou como a maioria dos livros. Uma característica muito legal dessa obra é ela te envolve de uma maneira surpreendente e te faz questionar várias coisas principalmente a traição de Capitu. O livro, por ter como característica o Realismo trás uma história que podemos ver como algumas pessoas, não é algo que nós lemos e podemos ter certeza que não é algo real.

21. (*Felipe G.*) O livro é muito bom, mais tem um vocabulário difícil, a história em si é confusa ela é bem clara e não tem como o livro ser ruim, afinal foi escrito pelo grande escritor Machado de Assis. Eu fiquei impressionado com a habilidade de Machado de Assis escrever bem, fiquei impressionado também ao machismo que o escritor põe no livro, ele fala sobre um assunto que é muito discutido por todas as pessoas e que é algumas vezes motivo de muitas brigas e separação.

21. (*Vinicius S.*) O livro é interessante e nos dá a impressão que foi realmente bem escrito pelas causas da linguagem, o modo que escolhe o nome dos personagens, querendo parecer santo, mas é uma personagem ruim, também é muito interessante pois você não sabe ao certo o final do livro, pois nos não temos caminho concreto se houve ou não traição.

22. (*Isabella B.*) É um livro muito interessante, o qual apresenta vários fatos que ocorrem por várias partes do mundo, tem um aspecto romântico e apresenta drama

durante a história contada. O livro apresenta um certo mistério no final da leitura, deixando os leitores em dúvida sobre como acaba esta história. É um tipo de livro que pode ser indicado para os jovens, adultos e pessoas da 3ª idade podemos encontrar nele vários sentimentos expressados como: o amor, a felicidade assim como a tristeza e a raiva.

23. (*Igor G.*) Particularmente gostei do livro e da maneira com que Machado de Assis passa ao leitor o que ele pretende mostrar com o livro Dom Casmurro. Dom Casmurro é um livro gostoso para se ler, às vezes com algumas palavras difíceis com um vocabulário meio refinado de sua época, mas contudo é uma obra que contém uma história agradável que você fica cansativo em nenhuma parte do livro.

24. (*Mateus H.*) Eu achei o livro muito legal e interessante pois ele te prende na história. No livro há muita intriga e fatos que leva o leitor a querer ler mais e cada vez mais. O livro te empregona. Várias vezes porque aquilo que você acha sobre tal personagem muda repentinamente fazendo você mudar de opinião sobre a personagem e assim você consegue ver a história de outro ponto de vista e de outra forma. Assim a leitura no livro fica interessante e te prende mais.

25. (*Gabriel C.*) O livro nos traz uma história muito legal e eu gostei muito pois é um livro que nos faz ficar meio entesados com mais vontade de ler pois tem aquele momento quando ocorre a traição que não sabemos se foi Bentinho ou Capitu e com esse problema de não saber nos traz uma curiosidade muito grande pois queremos saber quem foi que traiu e o livro é muito bom pois ele se trata de um romance e esses livros de Romances são muito “legais”

26. (*Vitória C.*) Após a leitura dessa obra minhas impressões mudaram. Essa é uma obra maravilhosa, é uma leitura que flui naturalmente, é uma obra intrigante que nos deixa muito curioso. No decorrer da história você se sente envolvido nos conflitos, nos mistérios, nas descobertas. Na obra pode-se perceber uma pitada de machismo, uma característica suave do autor, mas junto com o enredo da obra, entende-se que esse machismo faz parte da estratégia do autor de deixar os leitores curiosos.

27. (*Rafi C.*) As impressões que descrevi sobre a leitura da obra foi um desconfiamento de Bentinho sobre Capitu achando que Capitu havia-lhe traído com seu melhor amigo Escobar.

28. (*Bruno N.*) O livro é uma verdadeira obra de arte, o romance entre Bentinho e Capitu que nos atrai mais a obra, por ficar subentendido ao final do livro se Capitu traiu ou não. É um romance com muita amizade, obstáculos, ciúmes entre outras coisa que deixam o desenrolar da história mais fascinante.

Colégio particular PGD - 2º A

- Escreva um resumo do enredo ou da história.

1. (*Alison H.*) Duas crianças muito amigas Bentinho e Capitu, compartilharam alegrias, tristezas e segredos. O tempo passou, Bentinho transformou-se em um rapaz formoso, esperto mas tímido, Capitu por sua vez, virou uma verdadeira beleza. Um amor floresce entre eles, causando uma maior aproximação entre eles, chegou um momento em que o amor é tão grande que ambos resolvem seguir adiante. Eles se casam, mas como tudo que é bom dura pouco, Bentinho receou que Capitu estaria traindo-o com seu melhor amigo. Consumido pelo ciúme e desconfiança, Bentinho resolve acertar as contas com Capitu, no final, Bentinho se viu consumido, que cometeu um grande erro.

2. (*Manuele B.*) A história gira em torno de dois adolescentes apaixonados, que pretendem se casar, mas existe um empasse, que seria a promessa da mãe de Bentinho que se ela tivesse um filho que fosse homem, ele havia de ser padre. Durante a obra ocorre o primeiro beijo do casal e aparece conflitos que é resolvido com a promessa

que eles irão casar somente um com o outro. Após Bentinho conseguir sair do seminário ele se casa com Capitu e que após alguns anos fica grávida. Depois da morte de Escobar, Dom Casmurro percebe a semelhança de seu filho Ezequiel com esse seu falecido amigo, então passa a acusar a Capitu de traição. O casal se separa e Capitu e Ezequiel vão para outro país, onde Capitu adoece e morre. E anos depois Ezequiel também morre.

3. (*Lariane K.*) A história do livro “Dom Casmurro” é basicamente a história do narrador Bentinho. Dona Glória pretendia mandar Bentinho para o seminário. Bentinho e Capitu vizinhos e muito amigos e com essa amizade acabaram se apaixonando. Bentinho vai para o seminário, porém promete a Capitu que voltaria. No seminário Bentinho conhece seu melhor amigo, Escobar. Capitu e Dona Glória ficam amigas e Dona Glória decide deixar Bentinho sair do seminário. Bentinho sai e então vai estudar direito. Bentinho e Capitu se casam e Escobar casa-se com Sancha. Capitu e Bentinho, depois de um grande tempo tentando, tem um filho, chamado Ezequiel. Bento não consegue suportar o fato de ver uma grande semelhança entre Escobar e Ezequiel.

4. (*Caio F.*) O personagem principal se chama Bentinho (Dom Casmurro), Bentinho é levado a um seminário, pois sua mãe já havia perdido um filho e prometeu que se seu segundo filho nascesse saudável ela o faria um padre, mas Bentinho acaba saindo de lá após um tempo, com a ajuda de Capitu; Escobar e sua mãe (colocando um órfão em seu lugar). Após um tempo Escobar conhece Sancha (uma amiga de Capitu) e acabam se casando, junto com Capitu e Bentinho. Escobar e Sancha acabam tendo um filho e Bentinho e Capitu ficam chateados pois não conseguem fazer o mesmo. Após um tempo Capitu finalmente engravida e o nomeiam-o Ezequiel em forma de homenagem a Escobar. O tempo passa e Bentinho começa a ver Ezequiel crescer e parecer com o Escobar (faces, expressões), isso o deixa preocupado, pois isso poderia justificar uma traição de Capitu com Escobar. Bentinho briga com Capitu que acaba se mudando para a Europa. Ezequiel tenta reatar com seu pai, mas Bentinho não consegue suportar tal semelhança com seu amigo Escobar. Após alguns anos, Capitu morre. Ezequiel morre também. Bentinho acaba cada vez mais virando Dom Casmurro.

(*Fernando V.*) O livro é narrado por Bento Santiago, no qual ele conta o seu passado. Logo no início do livro, Bentinho (que é Bento Santiago quando criança) escuta sua mãe falando com José Dias que queria levar o Bentinho para o seminário para cumprir uma promessa. Lá no seminário ele conhece a Capitu, com quem se apaixona e não deseja mais virar padre. mãe dele, então, manda um escravo no lugar dele.

6. (*Amanda L.*) Bentinho mora com a mãe, viúva, dois tios e uma tia, também solteiros. Tem uma boa relação com esses familiares e uma grande intimidade com sua vizinha Capitu, que sempre foi sua grande amiga e ao longo da obra se torna sua namorada. Quando nasceu, sua mãe prometeu que o levaria ao seminário para ser padre, e apesar de resistir por muito tempo aos quinze anos Bentinho vai. Antes de ir promete a Capitu que se casaria com ela. Durante todo o seminário planeja, junto com seus tio José Dias uma maneira de sair de lá e faz um amigo, Escobar, que o ajuda e se torna seu confessor. Aos 17 anos sai do seminário e assim que possível casa-se com Capitu. Seu amigo Escobar casa-se com a melhor amiga de Capitu, Sancha, e os casais se tornam muito próximos. Escobar e Sancha tem um filho e colocam o nome de Ezequiel. Ezequiel cresce e a medida que se desenvolve, Bentinho nota que ele se assemelha a seu amigo Escobar e começa a se sentir traído. Então planeja sua morte, mas desiste. Resolve planejar uma viagem a Europa e lá abandona Capitu e Ezequiel. Anos depois recebe a notícia que Capitu morreu, e Ezequiel vai visitá-lo. Ao ver o

filho com traços evidentes de Escobar, tem certeza da traição. Ezequiel morre e Bentinho fica sozinho, viúvo e traído.

7. (*João V.*) A mãe de Bento Santiago perde seu 1º filho por esse fato faz promessa de entregar a igreja o próximo que viesse quando atingisse uma certa idade, enquanto criança conversaria com Capitu por quem se apaixona e se casa, depois de muitos fatos terem ocorrido, tem um filho que é a cara do seu melhor amigo por esse fato se desenvolve toda uma história dentre elas até por parte de Machado depois de anos é tentado a reaproximação de pai e filho que não é bem sucedido.

8. (*Núria M.*) Bentinho é apaixonado por sua vizinha Capitu, mas eles não podem ficar juntos porque D. Glória, mãe de Bentinho, prometeu a Deus que Bentinho seria padre. Bento convence José Dias a ajudá-lo a convencer sua mãe a não mandá-lo para o seminário, mas ambos falham. Bento, sem dúvida, vai para o seminário e ele e Capitu juram que se casarão quando ele voltar. Lá, Bento conhece Escobar e os dois se tornam muito próximos. Bentinho e José Dias vão para Europa, para Bento estudar Direito, e deixam um menino no seminário em seu lugar. Na volta, Bento e Capitu se casam e ficam muito próximos do Escobar e Sancha, amiga da de Capitu que se casou com Escobar. Capitu dá à luz um suposto filho de Bentinho, suposto porque Bento vê muitas semelhanças entre seu filho e Escobar, o que gera desconfiança de Bentinho em Capitu. Escobar morre e Bento percebe um olhar apaixonado de Capitu pelo defunto o que aumenta as suas suspeitas. O filho, Ezequiel, cresce e cada vez mais se assemelha a Escobar. Bento tenta se envenenar e depois pensa em envenenar o filho, mas não faz nenhum dos dois. Capitu se sente ofendida pela desconfiança e se muda para a Europa com o filho. Capitu morre e Ezequiel volta para a casa do pai, depois de um tempo acaba morrendo também, deixando a dúvida sobre quem era seu pai.

9. (*Camila F.*) Bentinho é o personagem narrador desta história que vive com sua mãe, primos e um agregado (José Dias), este último no começo da história relembra a mãe de Bentinho de uma promessa antiga que ela fizera se tornar o Bentinho padre e levá-lo ao seminário. Isso ele tinha 15 anos e estava apaixonado por Capitu, sua vizinha.

10. (*João Pedro G.*) A história conta a vida de Bento que conhecia Capitu desde criança e os dois se gostavam. Capitu é uma mulher fofa, muito feminina. Bento obrigado pela sua mãe, teve de ir ao seminário onde conheceu Escobar. Quando saíram do seminário, Bento se casou com Capitu e apresentou Escobar a sua família. Bento começou a desconfiar da relação de sua mulher com Escobar, até que Capitu engravidou. Depois de alguns anos Bento ainda acredita na traição, pois Ezequiel, seu filho, parece muito com Escobar, nessa situação ele decide se matar, mas não conseguiu, então ele abandona sua família e vive sozinho.

11. (*Ana Beatriz H.*) Bentinho e Capitu são os protagonistas da história na infância Bentinho conhece Capitu e se apaixona fica admirado com sua beleza e inteligência, mas o que os “separa” é o fato da diferença social entre eles. Ambos crescem e Capitu se apaixona por outro homem mas acaba se casando com Bentinho que deu a volta por cima e virou um advogado conceituado. O homem por quem Capitu se apaixona casa com outra mulher, mas a trai com Capitu, e essa traição nasce um filho Ezequiel. Escobar adoece e morre, Capitu finge não “ligar” para desfarçar e não mostrar seus sentimentos. Por fim Capitu morre e Bentinho fica com Ezequiel e aprende a amá-lo.

12. (*Naomi N.*) O livro começa com Bentinho explicando o porque do nome Dom Casmurro, como ele consegue esse apelido depois ele conta sobre casa e família. Como a promessa da mãe dele se tornar um padre e ir ao seminário atrapalha de um certo modo a relação que ele tinha com Capitu. Enquanto Bento está no seminário ele conhece um garoto – Escobar – que passa ser seu amigo até os dias futuros. Os três,

Bento, Escobar e Capitu ficam amigos. Depois de um certo tempo quando Capitu e Bentinho estão casados e Escobar casado com Sancha (amiga de Capitu). Sancha tem um filho e Capitu está grávida. Escobar morre afogado e Capitu tem um filho, Bento depois de um tempo nota a semelhança que seu filho Ezequiel tem com seu amigo morto, e desconfia da traição da mulher. Tenta matar o filho, a mulher e ele mesmo mas não consegue. Deixa Capitu, e viaja. Sua família (mãe, tio) estão mortos, seu amigo morreu e ele soube que Capitu morreu também, ele diz que como sendo pai do garoto paga a ele viagens. Após um certo tempo Ezequiel faleceu e Bento ficou sozinho e depressivo.

13. (*Camila T.*) Bentinho é um menino que cresceu com sua mãe viúva, um empregado, José Dias: seu tio e sua prima. Mas principalmente viveu ao lado de Capitu, uma menina bonita que era sua vizinha e de quem gostava muito. Quando tinha 15 anos, Bentinho ouviu José Dias comentar sobre uma promessa que a mãe do menino havia feito para torná-lo padre, dizendo que era necessário fazer isso logo, já que Bentinho estava envolvido romanticamente com Capitu. Isso trouxe à vida os sentimentos do menino que percebeu sua paixão pela vizinha. Assim os dois tinham sentimentos mútuos, se amavam, e por isso eram contra a entrada de Bentinho no seminário. Mesmo com a ajuda de José Dias eles não conseguiram evitar isso, então prometeram um ao outro se casarem depois de tudo. Passado tempo, Bentinho volta para casa livre, após ter feito um amigo no seminário, o Escobar. Capitu e Bentinho se casam, Escobar se casa com a melhor amiga de Capitu e os dois casais tem filhos. Vivendo longe de sua família, Bentinho começa a perceber a relação com Capitu se enfraquecendo. Escobar acaba falecendo e assim se fala muito dele. É quando Bentinho passa a acreditar que seu próprio filho com Capitu é na verdade de Escobar. Bentinho fica muito mal, pensa em se matar e em matar o filho. Anos depois Capitu falece e o filho procura por Bentinho, quem já está muito melhor e não rejeita mais o menino.

14. (*Douglas F.*) Bento (personagem principal) escreve sobre suas reminiscências da juventude, sua vida no seminário, seu caso com Capitu e o ciúme que advém desse relacionamento, que se torna enredo central da trama. Bento começa suas reminiscências a contar as experiências que teve quando sua mãe, viúva D. Glória, lhe enviou para o seminário. A mãe fez bastante promessa caso acabasse concebendo um novo filho depois de seu primeiro, que morreu no parto. Bento era apaixonado por Capitu e no seminário, Bento conhece seu melhor amigo Ezequiel. Bento larga o seminário e estuda direito em SP. Enquanto Ezequiel torna-se comerciante e casa-se com Sancha amiga de Capitu. 1865 Capitu e Bento casam-se e Escobar companheiro de Bento o qual era nadador morre afogado. Em 1871 e no enterro tanto Sancha quanto Capitu pareciam estar muito diferentes na aquela ocasião. Então Bento começa a desconfiar que seu melhor amigo e Capitu o traíram as escondidas.

15. (*Bruno M.*) Bentinho é um menino rico e mora na rua Matacavalos e acabara se apaixonando por sua melhor amiga de infância Capitu. José Dias, o “empregado” notara esse romance e conta para D. Glória, mãe de Bentinho, a qual fez promessa que gostaria que seu filho se tornasse pastor. Então, manda o filho para o seminário contra a vontade de seu filho, que depois acaba saindo. Bentinho conhece Escobar, que torna o seu melhor amigo. Quando Bentinho sai, se torna advogado e se casa com Capitu. O seu melhor amigo também sai, e casa com a melhor amiga de Capitu, Sancha. Capitu tem um filho chamado Ezequiel cujo mostra muita semelhança com Escobar. Escobar morre por conta de um afogamento e Capitu fica triste. Bentinho desconfia mais ainda e acabam se separando. Eles se mudam para Europa e Ezequiel traz notícias que Capitu morrera. O pai nota uma semelhança maior ainda, e tenta cometer os chamados

“ímpetos”. Ezequiel volta para Europa, e morre de febre. Sozinho, Bentinho vive sozinho, onde é chamado de Dom Casmurro e quase não sai de casa, e acaba escrevendo sua autobiografia.

16. (*Isabela F.*) A história de Dom Casmurro narra a relação de Bentinho e Capitu desde sua infância até sua separação na vida adulta. Em crianças, os dois eram muito próximos e faziam planos para se casar, situação que foi perturbada pelo envio de Bentinho ao seminário, uma forma da mãe pagar a promessa religiosa que havia feito em troca do nascimento de um filho. No entanto Bentinho, com a ajuda de seu amigo seminarista Escobar, encontra uma forma de sair do seminário e casa-se com Capitu. O filho que Bentinho tanto desejava só vem anos mais tarde, e a semelhança do pequeno Ezequiel com Escobar somada a atitude de Capitu levam Bentinho a suspeitar de traição. Após a morte de Escobar e o crescimento do filho, as suspeitas se agravam e a família dissolve-se, com Capitu indo embora para a Europa e lá morrendo, e Bentinho termina sozinho.

17. (*Guilherme A.*) Bentinho é apaixonado por Capitu. Desde a infância um gostava do outro mas o destino separou o casal um tempo depois Bentinho volta e não volta sozinho, trás um amigo na verdade seu melhor amigo conhecido como Escobar. Logo após sua chegada Bentinho se casa com Capitu e Escobar se casa com a melhor amiga de Capitu. Os casais acabam virando melhores amigos, até que um dia Escobar morre e no dia do velório Bentinho percebe que Capitu olha para o corpo com um olhar de apaixonada, como se ela tivesse perdido um amor e ai então Bentinho começa a suspeitar de uma semelhança entre os dois, na verdade Ezequiel é a cópia de Escobar e então a desconfiança de Bentinho aumenta e faz com que se separe de Capitu mesmo ainda amando ela e manda mãe e filho para a Europa onde lá Capitu morre e logo após seu filho também. E ele acaba sozinho nesse mundo.

18. (*Luisa F.*) Bento era conhecido como Dom Casmurro, como era viúvo e não tinha filhos, ele resolve contar a sua história na adolescência. E conta que se apaixonou pela menina da casa ao lado, Capitu. Capitu convenceu Bentinho a não aceitar com o projeto de sua mãe que era ser padre. Depois do seminário eles casaram-se. A vida amorosa transforma-se em uma suspeita de traição. Como ele viu semelhança na criança e em seu amigo Escobar, Bentinho rompe seu relacionamento com Capitu. Depois disso Bentinho nunca mais encontrou Capitu, que morreu na Europa. Ele só viu o filho de novo uma vez antes de morrer.

19. (*Kesia B.*) Bentinho e Capitu cresceram juntos e eram muito amigos. Bentinho recebeu o apelido de Dom Casmurro pois um dia no trem um homem foi ler um poema para ele mas ele acabou dormindo, a partir disso começaram a chamá-lo de Dom Casmurro. Bentinho quando atingiu 15 anos sua mãe o mandou para o seminário por causa de uma promessa que havia feito. Bentinho e Capitu não gostaram muito. Lá ele conheceu o Escobar. Ficaram muito amigos. Quando voltaram do seminário Bentinho e Capitu se casam e tem um filho, Ezequiel. Seu amigo Escobar morre afogado na praia e em seu velório Capitu olha para ele com um olhar de ressaca e a partir daí é que Bentinho começa a desconfiar da traição de Capitu pois ele também via em seu filho atitudes muito parecidas com as de Escobar. Capitu fica doente e morre, Bentinho confuso com tudo tenta se matar. Mas não consegue então tenta matar o filho mas também não tem coragem. Depois de um tempo seu filho fica doente e acaba morrendo e Bentinho fica sozinho.

20. (*Felipe G.*) A história trata-se de Bentinho, sua mãe Dona Glória quer por, por, causa de uma promessa, tentar e conseguiu por Bentinho num seminário, mas ele e sua amiga Capitu tentam armar planos para não deixar Bentinho ir para o seminário, essas tentativas são falhas e Bentinho acaba indo para o seminário. Passado alguns anos

Bentinho sai do seminário e lá faz uma boa amizade com Escobar. Bentinho reencontra sua amiga e amada Capitu. Bentinho e Capitu se casam esse tornam muito amigos de Escobar e sua mulher Sancha, esse casal de amigo tem um filho e isso fazia com que Capitu ficasse mal por que ela não conseguia dar um filho para Bento. Passa mais um tempo nasce Ezequiel filho de Capitu e de Bentinho e com o passar do tempo bentinho começa a perceber que seu filho parecia muito com seu amigo e começa a desconfiar que Capitu traiu ele, ai começa toda a discussão se ela traiu ou não e o ciúme de Bentinho.

21. (*Vinicius S.*) Bentinho e Capitu cresceram junto. Sempre foram bons amigo. Quando cresceram se gostaram mais que amigos ai resolveram se casar, foram sempre apaixonados mas o ciúme de Bentinho estava dando conta dele então ele estava com cabeça que ela o estava traindo. Esta ideia foi por longo período pois ela andava muito com um homem (amigo dela) e depois ele ficou grávida mas não tinha a cara de Bentinho então ele aumentou muito mais a desconfiança. Mas esse homem morreu e ela quase não ficou triste e Bentinho percebeu, no final da obra não se sabe ao certo se ela traiu realmente Bentinho ou não ou se o filho de Capitu era filho dele também ou do falecido amigo de Capitu.

22. (*Isabella B.*) Dom Casmurro é um livro que inicialmente relata a vontade de ter na velhice a adolescência em seguida conta sobre a infância e do relacionamento com Capitu. Bentinho e Capitu foram criados juntos e após crescerem acabaram se envolvendo, o relacionamento deles, foi cheio de amor, felicidade e paixão mas depois de um certo tempo foi substituído por muita tristeza e raiva. Cheio de mistérios e emoções.

23. (*Igor G.*) O livro começa com Bentinho criança, muito arteiro como qualquer outra criança, adquirida certa idade começa seu interesse por sua vizinha chamada Capitu, seu tio logo descobre esse interesse e conta a mãe de Bentinho. Após sua mãe ficar sabendo de tal interesse resolve mandar Bentinho para o seminário e torná-lo padre. Sabendo disso Bentinho bola vários planos para tentar escapar de sua mãe mas nada adiantou e ele acabou indo para o seminário. Lá ele conhece Escobar que se torna o seu melhor amigo dentro do seminário, durante os estudos Bentinho teve a ideia de começar uma faculdade de direito. Após a faculdade Bentinho volta para sua cidade ao encontro de Capitu e se casam. Escobar se casa com Sacha melhor amiga de Capitu. Escobar acaba falecendo depois de algum tempo e Bentinho acaba percebendo o ??? anormal do sofrimento de Capitu e com tudo isso ele percebe a semelhança de seu filho com seu melhor amigo já falecido.

24. (*Mateus H.*) A história ocorre em volta de dois personagens principais, Bentinho e Capitu. Bentinho era um menino que vivia com sua família e foi levado para o seminário onde ele fez seu melhor amigo e conheceu Capitu uma menina bonita e logo bentinho se apaixona-se por ela, ela tem a sorte de seu amor ser correspondido então a história vai se desenrolando. No decorrer da história bentinho e Capitu brigam e terminam. Capitu trai o bentinho, e no final da história Capitu tem bentinho como escravo por causa de uma dívida que tinha com ela, ele consegue pagar a dívida mais os dois vem que se amam e eles acabam juntos novamente.

25. (*Gabriel C.*) É um romance entre Capitu e Bentinho um casal muito contente e sempre muito amoroso e esse romance acaba dando um pouco mal pois descobrem que ocorre uma traição entre Bentinho e Capitu. Mais não descobrem quem foi que traiu e com isso eles terminam e ficam um tempo afastados mais depois voltam. O livro nos trais uma curiosidade muito grade pois ele não retrata que foi o traidor se foi bentinho que traiu Capitu ou se Capitu que traiu bentinho e com isso o livro fica mais interessante. E mais dinâmico.

26. (*Vitória C.*) A história do romance entre Bentinho e Capitu, já é um amor antigo, uma paixão que surgiu quando crianças. No meio dessa paixão Bentinho é levado para o seminário, o que deixa Capitu muito triste, enquanto Bentinho está no seminário, entende-se que Capitu tem um romance com outro homem pois se sente desolado sem seu amado. Quando Bentinho abandona o seminário e volta, achando que tudo está como antes, ele descobre da traição de Capitu, e desolado, acabado termina seu romance com ela.

27. (*Rafi C.*) Bentinho era apaixonado por Capitu desde quando era pequeno. Quando Bentinho cresce um pouco teve que ir para o seminário pois sua mãe queria que seu filho sejasse padre, no entanto Bentinho não queria ir pois iria deixar Capitu seu verdadeiro amor. Quando Bentinho volta para sua casa várias discussões com Capitu muitas brigas e etc. em um belo dia Escobar sai para nadar e o mar estava bravo ele acaba morrendo, com isso, Bentinho escreve uma carta para seu amigo e Le no seu velorio. Em uma parte do livro acontece muita desconfiança entre Bentinho e Capitu pois o filho que se chamava Ezequiel era muito parecido com Escobar, nos jeitos de andar em tudo, isto é, isso deixou ainda mais Bentinho desconfiado. Capitu faz uma viagem a Europa e acaba morrendo e Ezequiel volta para sua casa pois não via seu pai a muito tempo. E logo em seguida vai para uma viagem para os estudos e acaba morrendo por adquirir uma doença muito forte, ou seja, Bentinho perdeu o filho e a mulher que amava.

28. (*Bruno N.*) A história é descrita em flashbacks, quando Bentinho já velho decide reconstruir sua antiga casa em Matacavalos e então, lembra de sua juventude composta de amores e desastres. Bentinho quando criança conheceu uma garota de sua vizinhança muito inteligente, bonita, com olhos marcantes e se apaixona por ela, porém a algumas pois sua mãe havia feito uma promessa que o seu filho viraria padre, então quando adolescente é muito apaixonado foi mandado para o seminário e já pensava em muitas formas para não ter que virar padre. lá no seminário que ele conhece seu melhor amigo Escobar. E com ajuda bola um plano para não ter de virar padre. então em vez de Bentinho sua mãe adota um escravo para virar o padre ao enves de Bentinho. Então Bentinho e Capitu se casam, tem um filho chamado Ezequiel em homenagem a Escobar, então ao desenrolar da história Bentinho começa a ter desconfiança de Capitu estar lhe traindo pela grande semelhança do filho com Escobar. Então Escobar morre afogado, e no entanto Bentinho vê Capitu chorando e olhando para Escobar com olhos de vontade de traga-lo de tristeza absoluta. Então Bentinho tem certeza de que Capitu está lhe traindo tenta maneira de suicídio, homicídio porém não dá certo. Ele termina com Capitu e depois de um tempo acaba que sua mãe, Capitu e filho morrem.

Colégio particular PGD - 2º A

- Elabore um texto crítico a respeito desta obra. Faça comentários, avalie, opine, critique a obra sob os mais vários aspectos.

1. (*Alison H.*) Um livro como Dom Casmurro e muitos outros do gênero, certamente não interessam para nós, adolescentes, jovens melhor dizendo do século vinte e um. Com uma infinidade de outras coisas mai interessantes para se fazer, a leitura fica muitas vezes como última opção. Sem falar de que procuramos mais ação, aventura e - muitas vezes também – erotismo em livros. Dom Casmurro é um bom livro, quando analisado por olhos mais críticos, e infelizmente não valorizam esse meio tão importante que é a leitura.

2. (*Manuele B.*) Durante a obra *Dom Casmurro* se refere a Capitu como uma amiga, a não ser quando ele conta a história na sua infância, como se ele tivesse uma certa mágoa por tudo que aconteceu, mas ao mesmo tempo ele apresenta uma certa insegurança sobre o que aconteceu, afinal ele tenta se convencer que fez certo.

3. (*Lariane K.*) Não escreveu.

4. (*Caio F.*) O autor foi muito ousado tratando de um assunto tão polêmico nesse livro. Acho que o livro deveria ter uma continuação falando se ela traiu ou não Bentinho com Escobar. O livro deveria ser um pouco mais objetivo e menos descritivo, pois acaba entediando o leitor e atrapalhando a fluidez da obra. O livro foi muito bem escrito pois de tanto que Bentinho tem certeza que ela o traiu, você acaba acreditando também.

5. (*Fernando V.*) O livro é muito bom.

6. (*Amanda L.*) O autor é muito sutil ao retratar a traição e a história em geral, ele é muito inteligente pois nos faz pensar junto com ele. Porém é preconceituoso ao colocar a mulher como mentirosa e dissimulada durante toda a obra. Retrata uma realidade difícil para época e consegue fazê-la de maneira que choca até hoje, isso torna o livro interessante e prende a atenção gerando curiosidade e também decepção.

7. (*João V.*) Obra muito boa que gera intriga e curiosidade no leitor pois se diz e contradiz toda hora e consegue manter a atenção.

8. (*Núria M.*) É uma obra impecável, Machado de Assis teve muito cuidado ao fazê-la. A única coisa que me incomoda são os “flashbacks” explicativos.

9. (*Camila F.*) Não escreveu.

10. (*João Pedro G.*) A obra foi muito bem elaborada, de modo que o autor mostra os pensamentos dos personagens, explica cada momento. A dúvida que o leitor fica ao final do livro, “Capitu traiu Bento ou não?” O faz refletir todo o livro, desde o começo.

11. (*Ana Beatriz H.*) A obra *Dom Casmurro* de Machado de Assis é um clássico nacional, muito bom livro onde a história de um amor não correspondido o que é muito triste, surpreendente.

12. (*Naomi N.*) Essa obra tem aspectos bem interessantes que deixa o leitor prestando atenção na leitura. Uma das coisas que eu mais gostei foi a reação de Capitu e Bentinho no começo do texto. O amor e o carinho que tinham um pelo outro, eu achei bonito como Bento falava de Capitu e dava valor a cada mínima coisa nela, como se enxergasse as coisas belas nela.

13. (*Camila T.*) Esse livro começa como uma história romântica. Trata de amor que cresceu desde a infância, amor que para mim é muito verdadeiro e comovente no início. Agora é interessante que o livro desenvolve a história de uma maneira trágica e triste, mostrando o que na verdade é a realidade: o amor nem sempre sobrevive, ele vai se enfraquecendo aos poucos e mesmo que sem perceber ele pode separar aqueles que estavam antes tão próximos. A história fica forte com a tentativa de suicídio e a perturbação sentida por Bentinho. Mostra um lado extremo do personagem que quase mata uma criança por se sentir traído. Aparece o ódio o que ele é capaz de fazer com uma pessoa.

14. (*Douglas F.*) Esta obra é uma obra onde.

15. (*Bruno M.*) A obra nos traz a dúvida em relação ao adultério, onde há um mistério que não é apresentado e já gerou várias discussões. O livro é muito bom, uma leitura fácil, rápida e viciante. Os temas presentes são bem interessantes. Porém há uma certa “enrolação” para contar os mistérios, que no fim não foram desvendados.

16. (*Isabela F.*) Por tratar-se de uma história narrada a partir de um único ponto de vista, torna-se um desafio para o leitor decidir se acredita ou não. Um livro narrado

deste modo tinha tudo para ser tedioso, maçante, mas é justamente essa dúvida que temos como leitor que torna o texto interessante. Não se pode dizer que é uma história movimentada, mas lê-se o livro sempre procurando indícios que qualifiquem ou desqualifiquem Bentinho. A obra é muito bem construída de forma que nenhum dos indícios que encontramos serve de prova verdadeira, conferindo ao livro uma profundidade que justifica todos os estudos feitos sobre ele.

17. (*Guilherme A.*) É o tipo de obra envolvente, de sentimentos digamos que um pouco cruel por causa da incógnita deixada na obra. É o tipo de livro que se pode dizer que tem a medida certa. É um livro que você quer ler e nunca mais parar, você fica sempre a procura da verdade se houve ou não traição, mais Machado não fala, em uma hora você tem absoluta certeza que há traição e depois em outro certo momento você tem a certeza que não houve, essa obra brinca com a cabeça do leitor. É um livro muito bom de se ler.

18. (*Luisa F.*) É um livro que faz o leitor pensar, é um livro “pesado”, mostra uma impressão da mulher. Porém é um livro gostoso de ler pois debate diferentes assuntos, ou melhor, faz nosso pensamento debates coma as ideias do livro.

19. (*Kesia B.*) A obra tem como características o Realismo e tem uma grande capacidade de envolver os leitores em uma narrativa onde vemos que nem sempre o amor vence no final e acaba tudo bem. Mostra também um lado sobre a traição onde não sabemos na verdade se Capitu cometeu ou não adultério. Temos também uma parte meio religiosa quando Bentinho vai para o seminário mas contra a vontade dele e também podemos ver uma amizade muito pura de criança quando todos falam que eles se gostam, mas no entanto, são apenas grandes amigos.

20. (*Felipe G.*) Eu não gostei muito do final do livro porque aconteceu muita tragédia com todos, uns morrem, outros ficam mals. Eu não gostei muito também deste olhar machadista que Machado de Assis teve com Capitu. Bentinho judiou dela e ela que tem morrer.

21. (*Vinicius S.*) Dom Casmurro é um livro que exige muita atenção em sua leitura e paciência de seus leitores

22. (*Isabela B.*) Dom Casmurro é um livro que exige muita atenção em sua leitura e paciência de seus leitores, pois não são todas as pessoas que se interessam sobre este estilo de livro. Certamente na minha opinião, algumas partes do início do livro poderiam ser retiradas, mas é um ótimo livro em muitos aspectos.

23. (*Igor G.*) A obra lida (Dom Casmurro) é uma obra que nos mostra uma visão muito grande de sentimentos dentre os personagens que nela estão. O enredo da obra é muito bem elaborado de maneira que não fique cansativa a leitura do livro, um vocabulário mais ou menos difícil mais compreensível por uma pessoa que entende não muito da forma culta.

24. (*Mateus H.*) A obra Dom Casmurro é uma obra bem intelectual. Na minha opinião ela consegue satisfazer o leitor sensato com sua história, tem uma linguagem um pouco quanto difícil mais dá para entender facilmente a história. Eu gostei da obra pois ela muda completamente seu lado de uma hora para outra entreendendo o leitor de várias formas, considero uma obra que todos devem ler um dia na vida. E é construída muito bem. Ela foi feita de modo que que essa obra gosta dela e queira ler cada vez mais sua história.

25. (*Gabriel C.*) O livro Dom Casmurro escrito por Machado de Assis é um livro muito bom, porém é muito enrolado pois ele gera em seu livro uma crítica uma animosidade pois não fala logo de cara quem foi o causador da traisão, quem foi o causador do do romance tão belo e com isso tem muitos leitores que abandonam essa obra pelo motivo de não “falarem” esse motivo do termino – da traisão.

Mesmo o livro sendo uma obra curiosa e uma obra muito atrativa pois é muito lida “famosa” e o autor dela é muito bom e com isso faz dela uma obra muito interessante.

26. (*Vitória C.*) No meu ponto de vista a única crítica que tenho a fazer é que o autor trata muito o machismo como um assunto principal, ele inferioriza, de forma suave, a figura feminina, trata a mulher como uma segunda opção, dando sempre razão para os atos masculinos. Essa é a minha única crítica, que a mulher poderia ser tratada na obra igualmente ao homem.

27. (*Rafi C.*) A obra é uma obra muito boa pois aborda aspectos do realismo mostrando várias características, este livro mostra o amor de duas pessoas que sempre se amavam que um dia pode levar a muitas confrontos, mortes que o amor é preciso para a vida o homem e todos nós temos amor ao próximo mas também que é muito perigoso podendo “machucar”, magoar os sentimentos da pessoa amada.

28. (*Bruno N.*) A obra possui poucos aspectos a serem criticados, na minha opinião o livro traz um fim muito trágico e triste no qual a traição nem é comentada, para tal fatos ocorrer de maneira tão trágica.

- Por meio desta narrativa, o que você acha que o autor discute, ou seja, que temas são abordados por ele? Faça comentários a partir deles.

1. (*Alison H.*) Ele trata o adultério como algo natural entre as mulheres, desqualifica-as como nada e dá moral ao “homem” como ser.

2. (*Manuele B.*) Na narrativa o iluminismo é abordado pelo autor que comprova que o meio que o homem vive exerce influência sobre ele. Mas o autor vai um pouco mais além ao tratar de uma suposta traição na tentativa não só de convencer somente o leitor que estava certo, mas a si mesmo também.

3. (*Larlane K.*) Não escreveu.

4. (*Caio F.*) Os temas eram muito polêmicos naquela época, como por exemplo o adultério que é o assunto principal abordado nesse texto.

5. (*Fernando V.*) O autor discute o fato de padres não poderem se casarem, e ele é contra isso.

6. (*Amanda L.*) O autor mostra de forma clara o determinismo, em que Capitu desde pequeno é dissimulada e isso reflete no seu futuro quando Bentinho julga-a como traidor e se lembra que sempre fora dissimulada.

7. (*João V.*) A questão do adultério quando lança ao leitor essa questão acuzando severamente a Capitu com Escobar de ter traído e critica a igreja em relação a castidade.

8. (*Núria M.*) Traição, por parte de Capitu. Confiança, por causa de Escobar. Religiosidade, a promessa de sua mãe.

9. (*Camila F.*) Não escreveu.

10. (*João Pedro G.*) O ciúmes, Machado de Assis discute o ciúmes que algumas pessoas tem, podendo ser até doentio e que faz elas cometerem erros, como Bento cometeu quando abandonou sua família e quando tentou se matar.

11. (*Ana Beatriz H.*) O amor na infância, o amor não correspondido e a triação, a discriminação social. Bentinho que era uma criança pobre, cresce e da a volta por cima. Consegue a amada Capitu mas não seu amor. O amor infantil, puro e forte. Achei a obra muito interessante, e te prende por querer saber a que fim Bentinho e Capitu chegarão, muito interessante o enredo, por Capitu não se apaixonar por Bentinho, sai do clichê “final feliz”.

12. (*Naomi N.*) Um dos temas é como o meio em que o homem vive influencia ele como a morte, o lugar em que Bento vive influencia ele a fazer certas coisas, a pensar certas coisas.

13. (Camila T.) O amor e o que o tempo faz com ele e com as pessoas, o ódio e a traição como fortes forças que acabam com a inocência de alguém, o desejo e a rejeição por alguém ou algo, entre outros.

14. (Douglas F.) Não escreveu.

15. (Bruno M.) Os temas presentes nessa obra são: - Dúvida de Bentinho em relação à traição de Capitu com o seu melhor amigo Escobar, notado a partir das características físicas de seu filho Ezequiel, o que deixara uma certa desconfiança de Bentinho. - Determinismo.

16. (Isabela F.) Acredito que o tema abordado é o da relação entre amor e confiança: até onde o amor de Bentinho justificava o ciúme que tinha de Capitu? Além disso, o tema do adultério também é tratado. Ao final do livro, acabei chegando a conclusão de que Capitu não seria assim tão má se tivesse traído, porque Bentinho era mesmo um pouco irritante. Machado de Assis consegue mudar nossa concepção de certo e errado, de moral e imoral.

17. (Guilherme A.) A intriga feita em cima da traição ou não traição de Capitu, ele deixa um ar de mistério, será que traiu? Será que Ezequiel é filho ou não de Bentinho. Creio que ele quis mostrar o duelo entre amor x traição, deixando o leitor aflito com o que está acontecendo e com dúvidas sobre o que é realmente verdade.

18. (Luisa F.) Traição, se Capitu traiu ou não. Machado de Assis não fala diretamente que Capitu traiu Bentinho, mais por meio de pistas ele dá a entender que houve sim traição. Mais vai do ponto de vista de cada leitor. Ele discute também o naturalismo e o realismo.

19. (Kesia B.) O tema do amor de criança, quando duas pessoas crescem juntas e acabam se casando.

20. (Felipe G.) Ciúmes – Bentinho tinha um ciúme muito grande por Capitu, um ciúme que fazia com que ele parece louco e logo depois que ele desconfia da traição de Capitu esse ciúme só tende a aumentar. Traição – Bentinho começa a desconfiar de Capitu porque seu filho Ezequiel parece muito com seu amigo Escobar, ele fica tão louco com essa ideia que pensa até em matar o filho. Manda Capitu para a Europa e lá ela morre e ele acaba sofrendo muito. Estes dois temas são muito polêmicos, mas Machado de Assis consegue elaborar tão bem que não teme tais polêmicas.

21. (Vinicius S.) O tema é a relação não conjugal com outra pessoa (Capitu), e o excesso de ciúmes por uma pessoa. São temas interessantes pois aborda a opinião de quem é a favor de Bentinho ou contra ele, seu ciúmes. Mostra pessoas que quando vê que ele está prestes a fazer um desastre e todos batem palmas, mesmo sabendo que sua mulher fez nada apenas uma ideia.

22. (Isabela B.) São vários os temas abordados pelo autor como: amor, tristeza, felicidade, ódio, raiva, traição e compaixão. No começo da história o relacionamento de Bentinho e Capitu é ótimo demonstrando apenas alegria e paixão, mas já no meio do livro as coisas começam a mudar apresentando traição, mistérios e tristezas.

23. (Igor G.) O autor da obra aborda muitos aspectos mais dentre vários algum ele expõe com maior entusiasmo para quem lê a sua obra. Como o amor entre duas pessoas que o tempo não separou, a desconfiança que o protagonista começou a ter depois de algum acontecimento do livro e o ciúme que é causador da traição desse amor que levou Bentinho a ter o resto de sua vida solitária.

24. (Mateus H.) Eu acho que o autor discute um tema de amor, entre Capitu e Bentinho, muito machucado antes tem várias intrigas a falha nesse amor, um amor que é correspondido mais também é traído um amor que existe mais fica desaparecido na história eu acho que ele discute o amor mais principalmente a relação amante entre um homem e uma mulher que dá vários conflitos e desfeixos.

25. (*Gabriel C.*) O autor que retrata aos leitores o romance entre Bentinho e Capitu e a traição entre eles que um romance tem que ser uma coisa mais sincera mais leal pois quando ocorre uma traição o romance fica mais pesado mais chateado e acaba ocorrendo o termino do romance e muitas vezes o casal não volta e acaba atrapalhando o emocional dos filhos da família.

26. (*Vitória C.*) O autor trata de temas como a traição, o romance, o machismo. E é muito interessante pois o autor escreve sobre esses temas com muita facilidade, ele faz os temas, totalmente diferentes um do outro, interagirem entre si de uma forma muito suave, acho que é isso que torna a obra mais interessante para os leitores.

27. (*Rafi C.*) O autor aborda nestes textos um tema ligado ao realismo e naturalismo como por exemplo a crença na razão. O problema patológico e o determinismo. Ele aborda muita desconfiança, representando a hipótese de uma traição.

28. (*Bruno N.*) Os temas de traição, amor, família. Os temas muito bem elaborados para uma obra de romance, o livro é ótimo por suas perguntas subentendido, o grande amor expresso na obra entre Bentinho e Capitu. A tragédia da traição e das mortes. Os temas foram bem abordados, um livro fantástico.

Colégio particular PGD - 2º B

Questões descritivas acerca das impressões da leitura.

- O que você achou do livro e quais as impressões que você pode descrever agora sobre a leitura?
 1. (*Mariana A.*) Eu achei o livro interessante e diferente, pois foi o único livro que eu li em que o narrador escreve sua história e depois de morto. O livro também critica várias coisas da época da sociedade que vivem, como a ascensão social e a relação entre escravos e patrões.
 2. (*Guilherme*) Um livro interessante com uma história boa, mas não comum, pois trata de um defunto autor. O livro às vezes é muito preconceituoso, mas há história me interessou e eu gostei da obra.
 3. (*Thiago T.*) Achei que esse livro é um livro interessante mas um pouco difícil de entender. A impressão é que Brás Cubas é um menino meio diferente mas não chega a sair do padrão. Outra impressão que deu é que o autor falava dos leitores, que eles não eram capazes de poder entender o livro. A impressão também era que tudo ocorreu antigamente.
 4. (*Fernanda G.*) Lendo o livro a história me pareceu meio confusa e a maioria das palavras eu não entendia. Eu não gostei muito do livro por causa disso, mas a história em si me parece muito boa e se fosse escrita com palavras mais adequadas para a nossa época (não na linguagem antiga) acho que faria sucesso e os alunos se interessariam mais por ela. Uma ideia que dou é reescrever o livro em linguagens atuais. Brás Cubas me pareceu um cara muito interessante e com muita coisa vivida já, nos contou tudo e com um ar de humor nos interessou por sua história e como desse o “erro” está na linguagem. NÃO LEU
 5. (*Ruy A.*) A história é legal, mas a linguagem é muito difícil e chata de ler. O autor fica conversando com o leitor, mencionando o leitor e faz várias críticas no livro sobre diversas coisas. NÃO LEU
 6. (*Julia B.*) No começo não tive muito interesse em ler o livro, mas conversei com meu avô e ele me falou sobre o livro. Falou um pouco sobre o Machado de Assis e acabei me interessando mais pela obra no fim me surpreendi bastante com o livro, de uma forma muito boa.

7. (*Gustavo M.*) É um livro interessante, pois Machado de Assis se comunica diretamente com o leitor, no entanto, ele menciona vários fatos históricos, que, de certa forma, assustam o leitor, mas realçam a inteligência do escritor. NÃO LEU

8. (*Lillian B.*) Achei interessante a forma como ele começa a história e a interação que se tem com o leitor, porém a história em si não surpreende e nem chama muita atenção. NÃO LEU

9. (*Bruno P.*) Achei o livro muito bacana, já no começo com um diferencial que é começar a história de trás, Brás Cubas narra sua história já morto. O interessante é que Brás Cubas convida muito o leitor para participar da história fazendo o leitor se interessar e ficar mais focado cada vez mais na história. O livro tem um diferencial por não ficar enjoando quando ler, fazendo ainda uma relação com o realismo, porém a linguagem do livro é muito complexa de se entender.

10. (*Rodrigo V.*) Não gostei muito do livro pois a linguagem é muito difícil e a história não conseguiu prender a minha atenção. Porém, a história é muito boa e se fosse contada de um jeito melhor, seria um livro excelente. Como eu não li o livro inteiro, não posso dar muitas impressões, mas pelo que eu percebi, o Machado de Assis ta muito preocupado com o envolvimento do leitor e narra a história com um pouco de humor, deixando a leitura um pouco mais divertida.

11. (*Victor H.*) Este livro é bom para poder entender como era na época. Mas tem palavras difíceis, é difícil para entender o livro.

12. (*Felipe K*) Achei muito bem escrito, me chamando muito atenção no começo do livro de Machado de Assis, sua dedicatória. outro ponto que me chamou atenção foi a constante interação com o leitor, essa obra, Memórias póstumas quebra a estética romântica e começa marca uma nova geração realista, fazendo críticas sociais a igreja e até mesmo ao próprio leitor, realmente tenta demonstrar a realidade sem contar de vários ou finais felizes e essas foram minhas impressões sobre o livro de Machado de Assis.

13. (*Carlos H.*) O livro é interessante por apresentar uma linguagem formal e um enredo bem construído. Minhas impressões foram um pouco de espanto pois como a linguagem é mais elaborada, o livro se tornou complicado de entender e cansativo.

14. (*Isabelle B.*) Não escreveu.

15. (*Vinicius S.*) Ao ler o livro “Memórias Póstumas de Brás Cubas” consegui compreender um pouco essa “forma” do Machado de Assis de prender o leitor, fazendo-o querer saber como irá acabar, o que irá acontecer a seguir, etc. sobre o livro, tive algumas dificuldades no vocabulário, o que era de se esperar, mas através dessa obra consegui visualizar um pouco de como era a vida naquela época.

16. (*Nicolas T.*) Memórias Póstumas de Brás Cubas é um livro muito interessante por ter sido escrito por um escritor que supostamente estava morto. É uma história muito interessante de ser lida, com vários trechos emocionantes com uma ideia de romantismo, tragédias tornando-se um livro apreensivo e empolgante de se ler.

17. (*Beatriz M.*) Eu achei o livro muito interessante. Machado de Assis aborda temas e discussões que envolvem a vida de Brás Cubas, o personagem principal. Primeiramente o próprio Brás Cubas que se apresenta como um sujeito bem peculiar. Mimado, rico, indiferente a decisões e atitudes sérias na vida. Influencia (de uma maneira ou outra) bastante as pessoas que o rodeiam, principalmente as mulheres – mesmo sendo bastante submisso a Marcela – no começo – e a Virgínia. Pelo fato do livro já começar pelo fim, podemos perceber que não segue uma linha usual, percebendo que o autor brinca um pouco com a trama e a ordem dos fatos. Outro fato interessante é a jogada de certas frases como “leitor autor defunto ou defunto autor”, que desafia o leitor a uma boa interpretação.

18. (*Gabriel M.*) Achei que foi um livro bom, com alguns elementos que fazem com que haja todo um enredo por trás disso. E o modo com que Machado de Assis escreve é bem fascinante. Tive a impressão de que esta obra, levando em conta o período em que ela foi escrita, pode ter sido um grande sucesso na literatura.

19. (*Juliana T.*) Tive a impressão de que o autor exagera na ironia, e faz pouco caso de seus leitores. Eu não gostei da maneira como é contada a história.

20. (*Bruna B.*) Apesar de ter sido escrito por Machado de Assis nome da literatura brasileira, achei um livro muito complicado de ler, achei a história um pouco cansativa e chata é um livro que não chama a atenção dos adolescentes.

21. (*Gabriela G.*) Com a leitura desse livro escrito por Machado de Assis, pude reforçar a minha ideia que o autor é muito bom, pela maneira que usa as palavras, pelo jeito que ele trata o leitor e também pela maneira em que a história é relatada.

22. (*Victor C.*) Gostei da história contada, principalmente da forma que o autor começa a história, enicada pelo fim. O livro apesar de conter uma história envolvente acaba cansando um pouco o leitor e apresenta vocábulos de difícil compreensão a um leitor jovem com pouca experiência no ramo de obras literárias e não domina a língua portuguesa por “completo”.

23. (*Victor S.*) Um livro bastante descritivo, uma linguagem bastante complexa, o que dificulta um pouco na hora da leitura. Não é um livro longo, mas exige uma grande concentração na hora da leitura devido as citações que ele faz referente às passagens da sua vida. Apresenta vários capítulos com nomes bem específicos e são capítulos bem curtos, o que transmite uma dinâmica maior na hora da leitura.

Colégio particular PGD - 2º B

- Escreva um resumo do enredo ou da história.

1. (*Victor S.*) O personagem começa morto, em seu velório, para depois contar sobre sua estória. Em sua infância era um menino travesso, mal educado em alguns pontos, era um garoto de família rica e sempre que pedia algo conseguia sem muito esforço. Foi crescendo aprendendo com a vida as dificuldades foram aparecendo, até encontrar um rumo e um objetivo. A criação de um remédio que traria fama, dignidade e dinheiro para o seu nome. Depois de passar algum tempo em Portugal onde conhece uma mulher por qual ele se apaixona e trás consequências financeiras para sua família. Sua família morre causando uma enorme tristeza. Ele fracassa quase em todas as tentativas de se tornar uma grande pessoa, morre sem mulher, sem objetivo, porém com um ponto positivo: não deixou nenhum filho.

2. (*Victor C.*) Brás começa a história contando , a parte de sua morte. Brás após se envolver com a Marcela, uma prostituta, é mandado por vontade de seu pai para estudar direito no exterior onde confeça o próprio Brás ter se envolvido em romances mais do que o tempo que passara estudando. Brás retorna ao Rio após receber uma carta de seu pai enformando que sua mãe estava doente, quando ele volta e sua mãe falece tempo após seu retorno Bras se instala no sitio da família, localizado na Tijuca. Após alguns tempo o pai aconselha a ele que já hora de se casar e ocupar um lugar de importância estatal. Brás por meio de seus pai conhece Virgília, nesse contexto onde Brás se envolve com Virgília aparece Lobo Neves que toma dele não somente Virgília como o posto de deputado. Lobo Neves sai da cidade com Virgília e após algum tempo volta. Brás começa a frequentar a casa do casal e acaba se envolvendo com Virgília. Lobo Neves morre, já avançado em idade Brás começa a bolar um emplasto, que após pensar tanto abre a janela para tomar umas e pega pneumonia que acaba calando sua morte.

3. (*Gabriela G.*) O livro se trata de memórias de Brás, ou seja, é contada depois que ele já havia morrido. Brás estava na cama em seus últimos momentos de vida e ele descreve tudo o que ele sentiu naquele momento, até que ele parte e assim conta-se a sua história desde quando era criança, um menino muito ardeiro que aprontava muito. Foi crescendo e, seu primeiro amor foi pela Marcela, uma prostituta, onde Brás gastou parte de sua herança com presentes para ela. Até que seu pai ficou irritado e o mandou para estudar fora do país, onde fica bastante tempo, mas teve que voltar pois sua mãe estava quase morrendo. Ele volta e vive um romance curto com uma menina filha de um amigo de sua família, a menina era bonita, mas coxa. Até que Brás conhece Virgília, mas logo ela se casa então faz adultério e vive se encontrando com Brás. Porém depois de algum tempo Virgília e o Brás conhece uma amiga de sua irmã e pretende se casar com ela, porém morre de febre amarela. A vida de Brás vai chegando até que ele cai doente na cama, sem esposa, sem nada e morre.

4. (*Bruna B.*) Brás começa o livro contando a sua morte, depois conta sobre a sua infância, sobre Marcela por quem se apaixona, porém seu pai o obriga a ir para fora do Brasil para estudar direito, quando ele volta sua mãe morre e o pai dele arruma uma noiva chamada Virgília mas trai ela com Eugenia. Virgília troca ele por Lobo Neves e vai embora ao voltar tem um caso com Brás e engravida mas perde o bebe. Depois Virgília vai embora com Lobo Neves que morre. Brás entra no Humanismo com Quincas Borba. No final morre sem nada.

5. (*Juliana T.*) Brás Cubas em seu leito de morte relata, relembra sua vida, desde a infância até sua situação atual. Ele relata/relembra sua família as mulheres com quem se envolveu, os amigos e a situação em que eles se encontrava ao longo da história. Ele relata sua relação proibida com Virgília, que já era casada.

6. (*Gabriel M.*) O livro começa em ordem psicológica, com Brás narrando seu próprio enterro. Depois volta para o tempo cronológico, contando desde seu nascimento, infância, onde ele tinha um escravo que era mal tratado por ele. Já no final da adolescência, ele conhece Marcela, uma prostituta que pega todo o seu dinheiro. Logo após seu pai manda-o para faculdade de Coimbra, Portugal. Ele só volta para o Brasil após receber a notícia da morte de sua mãe. Depois disso só aparece decepções, seu pai morre, ele perde Virgília para o lobo Neves. 7. (*Beatriz M.*) Ao longo do enredo vamos conhecendo um pouco da história de Brás Cubas. Um jovem que vem de família rica e desde criança é mimado (principalmente por parte do pai). Sua primeira paixão é Marcela, uma meretriz, que o leva a gastar muito dinheiro vindo do pai. Indignado, o pai de Brás Cubas o manda para Europa, afim de cursar uma universidade (que foi aliás “levada nas coxas”). Chegando ao Brasil, Cubas recebe uma proposta do pai para um emprego na política e um casamento. Mas antes de embarcar conheceu Eugênia, uma coxa e ficou tentado a casar com ela, porém mudou de ideia e foi atrás da proposta do pai. Lá conhece Virgília e se apaixonou. Porém, em uma reviravolta ele se casa com outro, porém, eles mantem um caso. Os anos se passam. Virgília fica grávida de Brás, porém ela muda de cidade. Ele quase se casa, porém a mulher morre. Ele reencontra Quincas Borba um amigo de infância. No final volta ao começo, um solteirão morto.

8. (*Nícolás T.*) Não escreveu.

9. (*Vinicius S.*) Brás Cubas, um garoto rico e bom de família tem a sua adolescência atormentada por amores, não só sua adolescência e sim sua vida, porém Marcela, seu primeiro amor, foi quem o marcou fortemente, amando-o durante 15 meses e 11 contos de réis, o que mostra a sua ganância por dinheiro/joias e a estupidez de Brás Cubas, o que quase leva seu pai a falência, passado algum tempo, depois de se graduar na universidade de direito e ter conhecido novos amores, conheceu Virgília, a quem amaria pelo resto de sua vida, mesmo ela sendo casada.

10. (*Isabelle B.*) O livro começa no dia de sua morte, e logo depois de contar como morreu o personagem começa a contar sobre sua infância de como aprontou quando viu os amantes se beijando escondido e saiu gritando para todos o que havia visto, e também de quando subiu nas costas do filho do escravo negro, depois fala de sua adolescência, conta da sua primeira namorada (Marcela), por quem se apaixonou, porém ela era uma prostituta de luxo, e também muito ambiciosa, levando a família de Brás quase à falência, até que seu pai o mandou para Portugal para estudar direito em Coimbra. Quando termina a faculdade, Brás volta para o Brasil, e depois de um tempo, conhece Virgília, por quem se apaixonou, porém, ela se casa com Lobo Neves que se torna deputado, cargo que o pai de Brás tanto aspirava para o filho, e isso acaba acelerando sua morte. Depois de um tempo, Virgília e Brás começam a se encontrar na casa de D. Plácida, porém a amada ainda casa. Até que volta no dia de sua morte (morreu de pneumonia).

11. (*Carlos O.*) Começa contando sua história a partir da morte e continua pela sua infância isto se deve por que ele relata suas memórias através de fatos decisivos como de quando era criança.

12. (*Felipe K.*) A história é contada pelo próprio Brás depois de morto, mostrando sua infância, onde o menino de uma família com boa condição financeira, maltratava seus escravos e escravas, apaixonado perdidamente por Marcela que no futuro se tornara uma prostituta, Brás Cubas mostra a realidade de um menino rico que sempre tinha o que queria, com algumas desilusões amorosas seus desejos eram realizados por prostitutas, a mais ao final o Sr. Brás acaba pegando uma pneumonia e morre.

13. (*Vitor H.*) Este livro é bom para entender como era a época, mas tem palavras difíceis, é difícil para entender o livro.

14. (*Rodrigo V.*) Não escreveu.

15. (*Bruno P.*) Brás Cubas é bem sucedido de vida, é um menino mimado e só da problemas em sua infância. Em sua juventude tem um caso com Marcela (uma prostituta) e a enche de caros presentes. Ao saber desses fatos, seu pai o manda para Lisboa para se formar. Fica por um tempo lá e volta pois sua mãe estava morrendo. Seu pai tem uma proposta (carreira política e casamento) foi aí que surge Virgília (seu pai era político) e Brás tem um caso com ela. Mas aí surge Lobo Neves que “rouba” Virgília de Brás. Os dois viajam e voltam por um tempo e Brás e Virgília viram amantes, se encontrando em uma casa (com D. Plácida cuidando do lugar). Brás reencontra seu amigo de infância Quincas Borba que está pobre. Anos depois herda uma herança e fica rico, relacionamento entre Brás e Virgília acabam. Quincas começa a estudar a filosofia do humanismo convidando Brás. Mas tem um problema, Brás não deixou seu nome marcado e nem herdeiros e filhos, foi aí que ele tem a ideia do emplastro (um remédio) com o nome para ficar marcado. Ele tem muitos problemas até que pega uma pneumonia e acaba morrendo.

16. (*Lilian Z.*) Começa contando como foi sua morte. Infância de Brás Cubas – Brás se apaixonou por Marcela – o pai de Brás o obriga a estudar direito fora do Brasil – Brás volta ao Brasil para ver sua mãe pela última vez – sua mãe morre – o pai arruma uma noiva chamada Virgília – Brás fica noivo de Virgília mas tem um caso com Eugênia – ele larga Eugênia para se casar, mas a Virgília o larga pelo Lobo Neves e vão embora – Virgília volta e começa a ter um caso com Brás que dura muito tempo – Virgília engravida de Brás mas perde o bebe – Virgília e Lobo Neves partem novamente, e assim que voltam Lobo Neves morre. Brás entra em um movimento chamado de Humanista junto com Quincas Borba – e no fim morre sem mulher, filhos ou grandes feitos.

17. (*Gustavo M.*) O livro narra a história de Brás Cubas com narrador em 1ª pessoa, contando as memórias deste homem. Se inicia por sua morte e, então volta um pouco no tempo para contar a causa de sua morte, uma ideia fixa ou o emplastro Brás Cubas, seguindo o livro até chegar em um ponto crítico (a transição de vida para morte), onde ele

faz uma viagem longa pelo tempo até chegar no dia de seu nascimento. A história, após este ponto crítico, narra os amores, as aventuras, as traveçuras que Brás Cubas vivenciou, mencionando muitas referências históricas e literárias ao longo da obra, criticando, de certa forma, a sociedade e acabando em memórias antes de sua ideia fixa, que foram contadas no começo do livro.

18. (*Julia B.*) O livro começa com Brás Cubas falando sobre seu enterro. Fala sobre sua infância e da relação que tinha com o pai. Na adolescência ele se apixona por Marcela e é obrigado a terminar o romance para ir estudar na Europa. Quando volta a mãe morre e o pai tenta colocá-lo em um cargo político mas não consegue. O pai propõe ao Brás que se case com Virgília. Ele aceita sem conhecer a moça e um tempo depois conhece Eugênia e desiste do casamento para ficar com a moça. A relação com Eugênia não dá certo e ele volta a proposta do casamento mas a Virgília larga ele para se casar com Lobo Neves. Depois de um tempo os dois se encontram e mantêm uma relação secreta que acaba quando Virgília viaja. Os anos passam ele encontra Quincas Borba acaba trabalhando com ele e morrendo logo após, solteiro e sem família.

19. (*Ruy A.*) O autor começa o livro narrando a sua morte e depois passa para a sua infância e conta que ele era muito travesso e abusava de seus escravos, utilizando eles como se fossem objetos. Conta depois sobre Marcela seu primeiro amor, ela era prostituta e ele gastou muito dinheiro com ela. Seu pai o levou para a Europa para ele se formar e depois ele volta para o Brasil e sua mãe tinha morrido, seu pai lhe oferece um cargo político e uma esposa e ele de começo rejeita. Brás conhece uma menina e tem casos com ela, mas ela é coxa e então ele a abandona. Brás aceita a proposta de seu pai, depois de um tempo sua esposa Virgília o abandona e se casa com outro homem, com isso seu pai morre e divide a herança com sua irmã, eles brigam. Depois de um tempo ele se reencontra com Virgília e eles viram amantes. Se encontram sempre em uma casa que compraram para disfarçar o caso deles e lá mora D. Eusébia. Passando um longo tempo o marido de Virgília e ela se mudam de cidade e eles para de se encontrar. Brás se reconcilia com a sua irmã e ela apresenta para ele uma menina e eles se apaixonam, mas esta menina morre pouco tempo depois. Brás se encontra com um velho amigo de infância que um tempo atrás era mendigo e agora é um filósofo e criou uma filosofia que se chama humanismo e depois Bras vira deputado e se reencontra com Virgília, mas agora não possuem mais um caso.....

20. (*Fernanda G.*) Brás Cubas morre e a partir daí começa a contar sua história, começa falando de quando nasceu que foi grande alegria pro seu lar. Quando cresceu um pouco já “judiava” de Prudêncio, seu escravo, andava trepando nele fazendo-o de cavalo. Cresceu e já era moço, ele conhece Marcela, uma prostituta, e ele diz que ela o amou 11 meses e 10 conto d reis. Se separam e ele foi estudar fora e esse tempo que esteve fora conheceu várias mulheres e quando voltou conheceu Eugênia, mas não a queria porque era coxa “bonita”, mas coxa. Depois disso conheceu Virgília que foi roubada dele por Lobo Neves que era mais rico que Brás. Um dia reencontrou seu amigo de infância Quincas que lhe roubou o relógio e depois de ficar rico o devolveu. Brás começou a se encontrar com Virgília em uma casinha onde D. Plácida ficava, Brás pagava pra ela ficar queta. Quincas contou ao Brás Cubas sobre a filosofia do Humanismo e Brás se interessou. Lobo Neves convidou Brás pra ser político junto a ele, mas Brás recusou e assim Virgília e Lobo viajam. Brás Cubas reencontra a prostituta Marcela, estava mais velha e feia. Ele começou a ter uma ideia que Quincas havia lhe contado. Ele começou a ter uma ideia de inventar o emplasto e um dia cansado abre a janela e pega pneumonia e logo uns dias morre. Morre de emplasto.

21. (*Thiago T.*) Ele começo contando a história ao contrário, desde quando ele morreu para frente, quando ele era mais jovem, ele já jovem conhece uma prostituta chamada

Marcela, e acaba se apaixonando por ela, dando joias presentes para ela, quando mais criança ele tinha um escravo, que ele fazia o escravo até de cavalinho. Ele era de família rica.

22. (*Guilherme*) Não escreveu.

23. (*Mariana C.*) Brás Cubas narra sua história de morto, começando pela sua morte e depois narra no tempo cronológico da infância até sua morte. Fala de suas várias mulheres que teve em sua vida e que uma delas foi a que mais marcou para Brás Cubas que é a Virgília, no qual se apaixonou mas que depois acabou se casando com Lobo Neves. E no final ele acaba sozinho estudando com seu amigo Quincas Borba sobre Humanitismo.

Colégio particular PGD - 2º B

- Elabore um texto crítico a respeito desta obra. Faça comentários, avalie, opine, critique a obra sob os mais vários aspectos.
1. (*Victor S.*) Livro cansativo, porém se for lido com um intento objetivo, temos ótimos resultados de compreensão e satisfação. Um ótimo e incomparável escritor que diz não se preocupar com o leitor e passa muitos detalhes para ajudar na imaginação.
 2. (*Victor C.*) Há vocábulos de difícil compreensão, a obra causa cansaço em alguns trechos. Machado de Assis mostra-se muito detalhista ao longo da obra. Aborda críticas sociais como a escravidão e etc.
 3. (*Gabriela G.*) No começo do livro estava um pouco difícil de entender a história, pois ela é escrita com palavras que muitas delas eu não conheço, mas com o desenvolver do livro eu passei a entender mais e pude até mesmo gostar da história relatada.
 4. (*Bruna B.*) O livro muito complicado de ler no começo, o que faz que o leitor (jovem) se desinteresse pela obra e desista de ler. Os temas abordados também não são interessantes pois, para mim, eles são muito diferentes da realidade dos dias de hoje e são coisas meio difíceis de acontecer, o que torna o livro entediante.
 5. (*Juliana T.*) O modo como a história é contada é muito confusa. Em certos capítulos tem que voltar a leitura para entender o que o autor quer dizer. A história toda é confusa.
 6. (*Gabriel M.*) Na minha opinião Machado faz bem o uso do defunto-autor, com isso ele usa recursos que se livra de julgamentos e pré-conceitos e pode falar o que ele quiser de quem ele quiser. Machado também interage com o autor (deve ser leitor), convoca o autor a participar da narrativa, um dos pontos que torna Machado um dos grandes escritores realistas.
 7. (*Beatriz M.*) Eu achei o texto diferente. Certas partes meio monótonas, pois o personagem começa a falar linha filósofas com ele mesmo - até com Quincas Barros – que eram longos e fugiam um pouco do assunto principal. Eu não gostei de várias atitudes de Brás Cubas. Mas o livro foi bem escrito com muitas referências (mais do que eu consegui perceber).
 8. (*Nícolas T.*) Uma crítica que podemos citar é a ideias que todos tem de que o humano sempre se espelha ou se mira se foca no espelho social. Eu acho que isso é uma coisa errada por que cada um tem seu jeito, muitas vezes influenciado pela sociedade mas nem sempre é assim.
 9. (*Vinicius S.*) Consegui perceber pela leitura desta obra alguns aspectos negativos, os quais de uma certa forma dificultam tanto a leitura como o entendimento da história, como exemplo posso citar o jeito confuso com que ele nos apresenta a história, o vocabulário, e por não ser uma obra romântica nem não-romântica, acaba gerando um “cansaço” na leitura.
 10. (*Isabelle B.*) O livro começa com Brás dizendo ser um defunto-autor pois começou a escrever depois de sua morte. Por estar morto, Brás não precisa esconder nada de ninguém nem ter vergonha, por isso ele diz tudo o que pensa sobre a elite da época e sobre certos

assuntos de sua vida, refletindo sobre o que deveria ter feito e sobre seus erros, e o que se passa em sua (turbulenta) mente, por isso diz que quase ninguém conseguiria entender seu livro.

11. (*Carlos O.*) Não escreveu.

12. (*Felipe K.*) No texto de Machado de Assis as críticas feitas na obra mostram (refletem) a vida do autor, também ele não mostra uma real solução para os problemas apenas trás atona os problemas da vida real, fazendo críticas que podem ser consideradas um tanto que falta de respeito.

13. (*Vitor H.*) Não escreveu.

14. (*Rodrigo V.*) A obra é muito boa, embora o narrador demore um pouco para começar de verdade a história, ela tem um bom desenvolvimento e um conteúdo muito bom.

15. (*Bruno P.*) É uma obra que retrata um livro de cultura e não um livro de aventura. Mostra a vida no decorrer desde a infância até a morte.

16. (*Lilian Z.*) A história não surpreende, não é nem uma obra romântica e nem uma obra pessimista e por ficar no meio termo não chama atenção.

17. (*Gustavo M.*) Machado de Assis, usando de um tempo, cronológico incomum, escreveu muito bem a história, pois dissertou da vida de um homem deixando a história instigante, através d técnicas que usou, como mencionar pessoas e fatos históricos.

18. (*Julia B.*) A obra foi bem elaborada e mencionou alguns aspectos cotidianos que eram pouco discutidos na época como a escravidão. Machado também, durante o livro, especifica bem o porque do formato do livro. Curtos capítulos entre outros, o que facilitou a leitura de uma forma geral. Achei interessante também o fato de Brás Cubas estar contando sua vida depois de morto e ressaltando sua opinião sobre sua própria vida. De uma forma geral o livro é bem interessante, mas talvez o enredo, a história precisasse de mais ação.

19. (*Ruy A.*) O narrador fica falando com o leitor no livro e isso é chato e desnecessário, pois o livro acaba ficando confuso. Ele também faz menção de outras obras, outras pessoas, etc. com essas menções fica complicado, porque, alguns leitores que não conhece os mencionados fica sem entender nada.

20. (*Fernanda G.*) O texto é muito bom, mas como já disse a linguagem é muito difícil e fora de nossa época. Nós jovens de hoje não temos interesses por obras antigas por ter linguagens difíceis. Já dei essa ideia antes, mas repito: reescrevam na linguagem atual os livros que há muito mais chances de os jovens gostarem.

21. (*Thiago T.*) A obra é muito boa, interessante e tudo de bom. Mas é um texto muito complicado de entender. Pouco claro, que até fala do leitor como ser uma pessoa (...) para poder ler a obra.

22. (*Guilherme*) A obra “Memórias Póstumas” é bem crítica, preconceituosa e muitas vezes desrespeitosa até com os deficientes físicos. Opino que poderia ser menos direta a respeito de certos assuntos, mas como se trata de uma pessoa já morta não há do que temer. Com isso o personagem pode expressar sua opinião da maneira que ele desejar.

23. (*Mariana C.*) A obra “Memórias Póstumas de Brás Cubas” é diferente porque o autor relata suas histórias já depois de morto, o que nunca aconteceu em nenhuma obra que eu li; convida o leitor a participar da leitura; a linguagem é difícil e típica da época. Faz críticas sobre a sociedade; há o pessimismo, pois fala de sua morte sempre; há ironia.

Colégio particular PGD - 2º B

- Por meio desta narrativa, o que você acha que o autor discute, ou seja, que temas são abordados por ele? Faça comentários a partir deles.

1. (*Victor S.*) No fim da obra faz referência ao Humanitismo. Algumas críticas indiretas ao Romantismo. Fala um pouco da escravidão e alguns objetivos na vida que deverão ser traçados ao longo da história.
2. (*Victor C.*) Escravidão – escravo que quando Bras era pequeno ele espancava após conseguir sua liberdade fazia igual ao seu escravo. Sociedade – crítica por meio de toda a história contando que os “bem nascidos” tinham sempre um lugar de êxito na sociedade. A vida sem sentido.
3. (*Gabriela G.*) Escravidão, adultério, dinheiro e amor. O autor utiliza esses temas no livro.
4. (*Bruna B.*) O livro é muito complicado de ler no começo o que faz com que o leitor (jovem) se desinteresse pela obra e desista de ler. Os temas abordados também não são interessantes pois, para mim, eles são muito diferentes da realidade dos dias de hoje e são coisas meio difíceis de acontecer, o que torna o livro entediante.
5. (*Juliana T.*) a vida de um homem mesquinho e mimado, que se acha melhor que os outros. Ele aborda também a questão da escravidão.
6. (*Gabriel M.*) Existem alguns temas discutidos neste livro, como a crítica que Machado faz em relação à escravatura e à violência e suas consequências. Há também, principalmente, uma crítica geral ao ser humano, com temas como a traição, o suborno, a busca pela supremacia, etc.
7. (*Beatriz M.*) Preconceito com as mulheres ou escravos talvez com os mais pobres pois ele ajuda, por exemplo, a mulher que cuida da casa que ele e Virginia tinham um caso, se nenhuma importância. Visões de vida, que não levam coisas muito a sério, discussão sobre a incorporação da violência, sobre adultério, entre outros.
8. (*Nicolas T.*) em minha opinião o texto aborda a questão da beleza exterior e não interior e também a questão da prostituição no caso citado em Marcela.
- 9 (*Vinicius S.*) A obra aborda uma série de fatos que caracterizam as obras de Machado de Assis, como a relação de senhor e escravo, a tradição. Filosofia Humanista e a desvalorização da mulher.
10. (*Isabelle B.*) Não escreveu.
11. (*Carlos O.*) Não escreveu.
12. (*Felipe K.*) O autor trás atona varias questões sociais que se vivenciavam naquela época, como por exemplo os escravos como os “patrões” maltratavam eles, mostra também as prostitutas, os adultérios dentro do ambiente familiar, critica o leitor que é muito superficial e trás também uma sutil crítica ao romantismo.
13. (*Vitor H.*) o autor trás no livro várias questões sociais que são discutidas e que eram vivenciadas na época pelo personagem descrito no texto e conta também sobre adultério e prostitutas.
14. (*Rodrigo V.*) Não escreveu.
15. (*Bruno P.*) Não escreveu.
16. (*Lillian Z.*) Relação entre senhor e escravo, adultério, filosofia humanista. A importância de se mostrar rico, os vários amores na vida de um homem.
17. (*Gustavo M.*) Percebi algumas críticas sociais, no entanto, a que mais me instigou foi a discriminação racial, através da escravidão relatada por Brás Cubas, onde um menino branco quebra a cabeça de uma escrava e usa um menino como seu cavalo.
18. (*Julia B.*) Ele mostra, um pouco, sua opinião sobre a escravidão e o modo como ele via a relação de escravo e seus senhores e fala um pouco sobre a educação desde criança e as influências que essa educação e convivência podem trazer como exemplo quando Brás Cubas vê seu escravo, depois de alforriado, tendo seu próprio escravo e tratando ele de maneira semelhante a forma que ele tratava os seus. Ele menciona adultério.
- 19 (*Ruy A.*) A escravidão, a traição, a ambição, acontecimentos da vida.

20. (Fernanda G.) Sobre as escolhas que fez em sua vida, com a prostituta, com Eugênia, com Virgília, que dinheiro cala qualquer princípio. Fala sobre erros cometidos em sua vida e pessoas se dando bem melhor que ele e mostra como é a humanidade e ele fica feliz por não por filho no mundo por causa disso.

21. (Thiago T.) Ele fala do romance (com Marcela) ele mostra como era antigamente na época.

22. (Guilherme) Os temas abordados são as diversas namoradas que ele teve, como a vida dele foi frustrada por nunca ter arrumado um emprego uma mulher e nunca ter acabado a faculdade. Aborda também os seus diversos preconceitos e como a violência que violência (aparece este fato na obra do momento em que ele vai visitar o ex escravo que ele maltratava, e este mesmo escravo está maltratando outra pessoa, ou seja, seu escravo).

23. (Mariana C.) Os temas que o autor discute são a ascensão social, a relação entre escravos e patrão.

2º A - Um quadro sobre a questão objetiva, nº 5, presente no item 2.

Questões objetivas acerca da leitura do livro: O que achei do livro?		
1	Adorei	00
2	Gostei	18
3	Achei interessante	06
4	Não me interessou	03
5	Não gostei	00
6	Odiei	00
	Total	27

2º B - Um quadro sobre a questão objetiva, nº 5, presente no item 2.

Questões objetivas acerca da leitura do livro: O que achei do livro?		
1	Adorei	00
2	Gostei	05
3	Achei interessante	09
4	Não me interessou	08
5	Não gostei	03
6	Odiei	01
	Total	26

Colégio particular PGD

Entrevista individual I

Obra: *Dom casmurro*

Pedro: Camila, o que você faz além de ser estudante no PGD?

Aluno: Eu fico muito em casa gosto de séries de TV.

P: Mas como você se diverte?

A: Ah eu faço mais isso mesmo e gosto de jogar bola

P: Futebol, ah legal, você joga em algum time?

A: Não só jogo mesmo.

P: Aqui na escola fazem (campeonatos)?

A: quando tinha eu jogava agora não.

P: Você é daqui mesmo, sempre morou aqui, gosta de Londrina da cidade?

A: Sou, gosto.

P: Você gosta de estudar ou faz por obrigação?

A: Ah, um pouco dos dois sei que preciso estudar, mas, acho que não tem alguém que gosta de estudar, eu faço por obrigação, mas não é assim se alguém não me obrigar eu ia fazer do mesmo jeito.

P: E ler você gosta?

A: Não muito, mais ou menos.

P: Bem Camila é qual foi a impressão, a primeira impressão que você teve de Dom Casmurro?

A: Eu já tinha ouvido falar já de Dom Casmurro, daí quando eu li eu gostei assim que foi o livro em primeira pessoa neh e mostra muito o Bentinho ali, eu gostei que mostra o pensamento dele e sentimento em primeira pessoa, bem aberto, eu gostei.

P: E o porquê você gostou de ser em primeira pessoa?

A: Porque ai dá pra confiar que ele não está mentindo, da pra ver que ele está desabafando e que eu posso acreditar nele.

P: Gera veracidade na história certo fica mais autentico?

A: sim

P: E da história assim da trama do conflito como é que você vê isso?

A: Ai eu , eu achei, a trama eu gostei, eu achei que apareceu foi bem dramático assim muita gente morre e o Escobar melhor amigo dele e a mulher que ele ama, eu achei bem interessante por causa disso.

P: Aham e você percebeu assim uma historia bem diferente ou você já viu assim em filme alguma outra discussão semelhante ?

A: É ... já vi sim.

P: Trata do mesmo tema?

A: é

P: Bem é você pode perceber que o Machado de Assis ele não se importa muito com o lugar neh com o tempo com outros aspectos da narrativa ele parece que concentra mesmo com a ação, mas parece que não tem tanta ação assim neh até porque é uma história mais romântica ele centra e poe o foco nas pessoas né nos personagens você concorda com isso?

A: aham

P: E nesses personagens qual chama mais sua atenção?

A: Eu posso começar pelo Bentinho eu gosto bastante dele do jeito que ele é do jeito que ele está pensando e sentindo, achei interessante também a Capitu porque ele é toda misteriosa desde o começo que nem fala olhos de metáfora então é bem isso mesmo que da pra pegar dela, quando ele estava desconfiado dela que ela estava com outra pessoa, ela não tem uma resposta de que você tenha certeza de que ela ainda é apaixonada por ele ou que , sabe.

P: você acha ela misteriosa?

A: é

P: Você acha que esse jeito dela esse comportamento dela contribui para que o Bentinho fosse o que foi na historia?

A: Continuar sendo fiel...

P: é continuar sendo fiel ao mesmo tempo tendo esse sentimento tão forte, que sentimento tão forte assim?

A: Ah eu to percebendo assim

P: Além de gostar muito dela ele tem um sentimento tão forte.

A: A eu percebo que assim não é que.. o tempo passou e ele percebeu que não era como era antes quando eles era mais jovens .

P: você acha então que a Capitu contribuiu muito com isso? E da parte dele pelo fato dele contar a historia de ter tudo isso na mão isso não favoreceu?

A: hum ah favoreceu porque, mas eu acho assim porque ele não mostra tanto da Capitu o Bentinho porque ele ta contando, mas eu acho que na história os dois tem parte.

P: Os dois tem parte ou que quer dizer?

A: Acho no... sentido de ...

P: Responsabilidade?

A: é no ...de ..liberdade

P: Você não acha que o Bentinho pelo fato de contar a história não puxa a brasinha pro seu assado?

A: É um pouco neh

P: Você acha que a Capitu ficaria em desvantagem?

A: Ficaria porque ele vai tentar contar do ponto de vista dele, ele tá contando então ...

P: Você acha que isso convence o leitor?

A: hum?

P: Você acha que isso nos convence? O Fato de ele falar e ter mais voz na história?

A: Ah acho

P: No final você fica inclinado a pensar o que dos dois, a quem você atribui mais crédito?

A: Ah eu acho que no final do jeito que ele conta da pra gente ficar bem o coitado que foi traído ou ficou desconfiado.

P: Você saiu com essa ideia?

A: Sim só que é acho que é rsrs

P: rsrs e ela mereceu sair embora ir embora pra outro país?

A: Na verdade como ele é misteriosa difícil de saber assim a parte tamanho da responsabilidade que ela teria nessa passagem toda, mas eu acredito que ela que sim assim tipo ela perdeu muito crédito.

P: Uhum tá , e qual destes personagens todos fora o bentinho e a Capitu qual deles você mais se afeiçoou? Pode incluir eles também todo o elenco neh mais qual deles você mais gostou? Que você poderia ser amigo?

A: Eu gostei Escobar e José Dias que ele , no começo tava falando da mãe do bentinho querendo mandar ele pro seminário só que se o Bentinho fosse morar com ele ele ia tá ajudando e ele é bem fiel a mãe do Bentinho.

P: Bem assim você gostou do José Dias mas que personagem você pode mencionar que chamou a atenção pelas suas características suas qualidades seus valores? Você falou da fidelidade do José Dias neh se você quiser acrescentar nesse personagem ou falar mais de outro.

A: Eu acho a mãe do Bentinho , ela fez uma promessa que ela descobriu depois que o filho dela não queria cumprir a promessa que ela fez em nome dele praticamente , então mostrou que ela ama muito o filho dela , porque ela teve que achar uma solução pra essa promessa...

P: Essa convicção religiosa e ao mesmo tempo de ser grata a Deus por ter salvo a vida dele , hum tá, e com qual personagem você mais se identificou, que tem meus valores minha cara meu jeito eu me identifico com ela?

A: Ah não sei rsrs

P: Assim coisas que bateram você e essa pessoa?

A: Ham

P: A lealdade de José Dias?

A: Acho que sim.

P: Você é muito sensível a este valor da Lealdade?

A: é que eu ah não sei rsrs

P: Tá mas se identificou por alguma razão com algum deles?

A: Acho que não.

P: Não, os personagens ficaram mais distantes cada um na sua e não tem nada a ver com você?

A: é

P: Uhum é entre os personagens entre eles o que chamou assim a atenção em como eles resolviam as coisas entre eles , como eles se relacionavam em que aspecto chamou sua atenção como eles resolviam os problemas os conflitos?

A: Eles sempre procuravam logo.

P: Por exemplo?

A: É o Bentinho por exemplo procurando José Dias ou a mãe dele procurando o filho pra decidir cumprir a promessa qualquer coisa..

P: a sim já que viu que ele não era muito afim.

A: Sim eles eram bem, confiável um no outro pra alguma opinião que tão precisando.

P: Pra você é coerente?

A: uhum

P: Tá enfim muito bom, é , quem você acha que é o grande personagem, bem fica um pouco evidente que Bentinho porque ele conta a história mas você agiria como ele ou como algum outro personagem?

A: Hum o Bentinho...mas eu acho que tipo ele não tem nada a ver comigo, mas quando ele desconfia por exemplo...

P: O que você faria se você desconfiasse, por exemplo, da sua companhia.

A: Se ele comprovasse pelo menos porque ele não tem tanta certeza de que o filho é dele, eu ia ficar chateado ia ficar bravo e separar.

P: Mas não pensaria em outra coisa mais trágica como ele fez.

A: Não

P: Você acha que isso não faz parte do seu feitio neh ?

A: uhum

P: Alguma outra coisa assim que te chamou a atenção sobre em relação a atitude pode até ser da Capitu como ela reagiu a esta pira do bentinho?

A: Acho que ela se sentiu um pouco culpada ela deve ter se sentido um pouco mal de ter feito aquilo.

P: Aquilo o que?

A: O filho dela ser do Escobar .

P: Você acha que é que ela traiu o Bentinho?

A: Eu acredito que sim.

P: Você acredita que tudo indica que sim?

A: Eu acredito que sim porque pelo jeito né ela é bem misteriosa eu acho ...

P: Mesmo que isso tenha ficado claro pra você, como é que você vê essa atitude dela de conseguir deixar o Bentinho com essa atitude dramática ainda sem partir sem total certeza como então você entendeu o comportamento dela como você analisa sua atitude?

A: Eu acho que ela era ruim o fato do Bentinho que ele queria acreditar, ... e é isso que acontece assim ele fica pensando que quer acreditar e a Capitu...

P: Ela não assume mas também não nega.

A: Então ele não tem certeza do que aconteceu mas ele acha que é .

P: Como você analisa então no final das contas a Capitu o jeito dela, porque tem mulher que se entrega que fala então tudo bem assume e abre o jogo.

A: Eu acho que ela era esperta que ela queria esconder...que era ruim o que ela fez com o Bentinho .

P: Nos já falamos que o espaço não é tão relevante, você viu algum lugar que chamou a atenção, algum espaço físico na história que foi significativo ou contribui para a história ser significativa?

A: A casa dele que ele cresceu o jeito da casa enfim aonde ele mora , e eu acho assim que foi importante que ele pegou o jeito da casa onde ele mora e fez mais pra frente tipo e eu acho que isso foi importante que como se ele quisesse lembrar como era antes tipo como ele tivesse sentindo falta de como era antes , e assim acho que tudo o que ele passou uma parte de como ele viveu antes ele era uma pessoa que ele Admirava , antes de ter acontecido um monte de coisas ruins com ele. E ele tentou conectar tudo isso com o que depois que aconteceu.

P: Muito bem , ta certo algum outro espaço significativo além da casa?

A: Não

P: E o tempo que se passa na historia como você se sentiu é diferente de hoje?

A: É olha eu acho mesmo que o tempo é diferente a historia não é tão longe do que pode acontecer hoje.

P: Ah sim, como assim porque não é tão longe ?

A: Porque assim ainda fala muita coisa de traição é..

P: Do sentimento humano?

A: É a mesma coisa a história fala muito do que as pessoas falam e sentem e eu acho que isso hoje não mudou .

P: E o que diferencia aquela época com hoje os conflitos os dramas?

A: Eu acho que hoje a religião está um pouquinho mais calma em relação as promessas assim , mas ainda tem gente que faz.

P: Aonde você viu a presença forte da religião assim?

A: Por ela ter feito a promessa e por não querer romper com Deus.

P: Não querer enganar a Deus. Há algum outro tema além da religião que te chamou a atenção ficou realmente claro?

A: hum eu acho que ..

P: Lembra do pai do Bentinho da mãe do Bentinho do tio.

A: Lembra bastante a família, chama a atenção as primas o valor da família.

P: O valor da família é uma coisa forte?

A: é

P: E quanto ao assunto a do livro atrás desta historia que você acha que discutiu algum tema?

A: Ah eu Acho que discutiu os sentimentos de uma pessoa e o que ela pode fazer.

P: Sentimento de quem principalmente?

A: O de Bentinho

P: Há e o que ele mostra?

A: ...Ele mostra desespero ..ele se sente bastante traído..

P: É que sentimento revela traído?

A: raiva

P: Será que raiva só, primeiro muito amor admiração e a Capitu modelo de mulher que ele era apaixonado, mas esse sentimento vai se transformando que sentimento era esse ao ponto dele querer se matar e matar o próprio filho?

A: Esse sentimento é diferente do amor. ..

P: Qual é o sentimento dele?

A: Ele se sente muito traído com ódio, fica pensando que tudo o que ele viveu pode ter sido mentiras na sua cabeça.

P: Mas você acha que pode haver algum outro sentimento além do ódio além do amor além da paixão que provocou isso que chegou a esses extremos, parece que foi um sentimento que foi alimentado para que chegasse a esses extremos a essas atitudes ? Começou do amor mas daí houve outro sentimento que tomou conta dele. Qual sentimento será?

A: Desconfiança é acho que é isso.

P: Hum tá, você pode comparar esta historia a alguma outra que você já ouviu num filme, ou mesmo livro que te escute as mesmas coisas?

A: É agora não sei

P: Nem filme, nem novela, alias por falar nisso nessas modalidades todas essa história pra você se aproxima mais de um filme, uma novela, um teatro?

A: Eu acho que se aproxima mais de uma novela porque vai passando muita coisa na nossa cabeça, de novela está mais próxima.

P: O que você pensa do narrador aqui o narrador é o próprio protagonista o Bentinho o que você pensa dele? Você já falou um pouquinho de que ele tem vantagem sobre os outros porque ele conta o lado dele né mas o que mais vc poderia dizer desse narrador?

A: Eu acho que ele contou a vida dele que lá na frente quem tiver vendo esta história, como vão enxergar ele, tudo o que aconteceu com ele.

P: Você acha que ele tenta convencer o leitor?

A: É porém quando ele ta indo na rua pra casa dele e ele ta doente e ele imagina que a mãe dele podia ter morrido e por um segundo ele fica feliz por não ter mais que ir pro seminário e ele fala isso mas depois começa se justicar o quanto ele se sentiu mal por isso , ele não quer que a gente pensa que ele é uma pessoa ruim que a gente se preocupe.

P: Que entenda ele ..você acha que ele sofre muito?

A: Eu acho que ele sofre.

P: Pelo fato dele tentar convencer o leitor?

A: É porque ele fala muita coisa ele admite o que Ele fala e o que ele pensa mas se defende, tenta se explicar.

P: Se fosse pra colocar na atitude de um profissional com qual ele se identificaria? Se ele fosse um profissional qual você acha que ele se identificaria?

A: Com um advogado.

P: Porque você chegou a esta conclusão?

A: Porque o advogado tem que procurar uma coisa pra defender o cliente ou acusar e..

P: você acha que o bentinho ao contar a historia tem essa preocupação?

A: É ele quer procurar uma coisa pra acusar ou pra defender ele quer convencer.

P: sim o que acha que o narrador vê e pensa do leitor como ele se refere ao leitor?

A: Ele considera como se o leitor fosse, como se ele estivesse escrevendo um diário ele conta bastante sobre os sentimentos dele, ele quer divulgar a historia dele ele quer falar o que aconteceu ele se acha importante diferente, e o leitor , ele se preocupa com que o leitor pensa dele., porque se justifica.

P: Ótimo bem só pra terminar mais umas perguntinhas , você acha que essa historia se parece com uma história real ou logo pareceu uma ficção?

- A: Eu acho que uma historia real sim.
- P: É e o que você percebe que parece muito real?
- A: Porque é .. não é uma coisa tão horrível assim que não pode acontecer, uma pessoa que cresce com alguém se apaixona e acaba sendo traído, acontece.
- P: Ai esse sentimento vem tão forte que faz com que as pessoas cheguem a atitudes extremas como ele chegou?
- A: É, depende da pessoa. Pode acontecer sim, mas se comigo não teria tanto peso, mas acho que...
- P: Você não se deixaria levar por tanto?
- A: É não que não tenha pessoas que não tragam males.
- P: Como é que você percebeu a linguagem deste livro foi difícil de ler palavra difícil?
- A: Não, não tão difícil tinha palavras assim que eu não sabia muito bem.
- P: alguma que vc lembra?
- A: Não.
- P: Uhum assim citações que ele coloca na história?
- A: igual a citação de religião, palavras gregas...
- P: Mas não foi difícil, nada assim ininteligível.
- A: é
- P: E como vc viu o jeito das personagens falarem foi diferente?
- A: Não , não foi diferente
- P: E do jeito do autor escrever, o estilo dele? Achou diferente, não sentiu nada travado, você gostou?
- A: Eu gostei, ele não define muito assim deixa na duvida sei lá...
- P: E o que vc achou do final do livro você gostou da história?
- A: Eu gostei do final porque ...(não da pra entender) Escobar trata ele bem.
- P: O final da história te deixou com qual sentimento triste, esperançosa, leve , angustiada leve?
- A: Eu acho que me deixou esperançosa e aliviada no final porque é como se ele tivesse passado tudo isso e passasse seu sentimento e ficou de bem.
- P: Você mudaria o final desta historia?
- A: O filho dele morreu ne e eu não gostei rsrs.
- P: e o que você pensa do autor do livro só pra terminar?
- A: Ah eu não leio muito mais por esse livro.
- P: Mas diante desta história o que você pensa dele, o que ele te passa?
- A: Ah é bem acho que bem inebriante assim o jeito que acontece
- P: Do jeito que ele arma a trama do jeito que acontece?
- A: É acho que é um ótimo livro.
- P: Ta bom então muito obrigado, Camila.

Colégio particular PGD

Entrevista individual II

Obra: *Dom casmurro*

- P. Bem, me diga seu nome.
- A. Giulia.
- P. Só pra eu registrar aqui... Você leu “Dom Casmurro” né? Ta.. Deixe eu fechar essa porta. Vou deixar mais perto de você porque eu preciso que sua fala apareça bem...
- A. Tá
- P. Me diga, quais seriam as suas impressões gerais sobre a estória?
- A. Ah, sim, é uma estória muito interessante, a única coisa que eu achei ruim foi a linguagem...muito pesada assim ... foi difícil.. mas a estória eu achei interessante. Fala do *DomCasmurro* né, do Bentinho, da vida dele eu achei bom mas só que eu fiquei na dúvida porque só conta o lado dele, não sabe se é verdade ou não, só tem um ponto de vista..
- P. Sim,o que te impressionou foi o ponto de vista do Bentinho que aparece aí..
- A. Então.. não abre espaço pra Capitu se explicar.

P. E outras coisas além da linguagem, você acha muito centrado no narrador, no Bentinho. Que outras coisas te impressionaram? Te chamaram atenção? Você poderia dizer se é diferente de outra estória de outro livro?

A. Humm ... não sei. Acho que fala muito da família também, fala de traição né, e também de dúvidas... acho que é isso...

P. Das coisas do ser humano, família, mas de um jeito diferente que se fala hoje né?

A. É mas acho que mostra mais real assim ...coisas como traição..entendeu... ele fala sobre isso..

P. Escancara né? (Aham) Revela. Tá bem. Bem, Você percebeu assim, você que gosta de ler, você pode fazer comparações. Foi diferente? Essa estória e esse livro?

A. Foi. Todos os livros são diferentes assim... nunca li nem um livro parecido com outro assim.. Ah.. é diferente porque não to acostumada a ler literatura brasileira assim..

P. Você lê mais estrangeira...

A. Aham

P. Sim, e esse diferente é...como você viu especialmente “Dom Casmurro”? As outras estórias são lineares ou também são como esse daqui q fala muito... ele divaga ele filosofa um pouco..

A. Geralmente as estórias que eu leio são ficção assim.. ta essa ta mais mais perto do real assim.

P. ”Dom Casmurro” é mais real?

A. Acontece mais no dia a dia assim...

P. Você percebeu que o Machado de Assis nas suas estórias centra fogo nas personagens né? O que mais aparece..digamos assim,que o espaço.não é tão importante para ele.... quais os personagens que mais chamaram a sua atenção?

A. Acho que a Capitu porque ela é misteriosa, ela é envolvente e o Bentinho também porque no começo mostra que ele era feliz e depois ele foi ficando mais sofrido assim com o passar do tempo..foram esses...

P. Os dois principais é que chamaram mais sua atenção pelos seres humanos que eles eram.. um pelo mistério e o outro por ter sofrido mesmo né

A. Sim

P. ... realmente ele sofre muito para ter contado a estória desse jeito e chegar no final tão aborrecido . Algum outro periférico que chamou sua atenção por alguma razão? Qual deles você mais se afeiçoou? Assim, se ligou mais afetivamente?Que você poderia ser amigo dele?

A. Acho que o filho dele porque o filho dele não tem culpa, sabe, mas ele descontou na raiva que ele tinha, essa dúvida, no filho.

(P. Sim)

A. Acho que ele.

P. Mas o que o caráter do filho, o jeito do filho faz com que você se identifique com ele?

A. Acho que tipo ele tentar se relacionar com o pai e o pai não aceitar (P.sim)

P. Ele tenta, insiste e você percebe que ele não briga com o pai dele né

A. Não, não briga. Mas o pai dele vê nele a traição pode ser que nem tenha acontecido né..

P.Você vê no Ezequiel uma vítima.

A. Aham, Uma vítima

P. Desse exagero do pai dele, desse ciúme. doentio..

A. Sim

P. Mas o que você admira nele, o que faz com que você se identifique com ele,ou melhor, que você se afeiçoe a ele?

A. Porque apesar do pai dele não tratar ele bem, ele não tenta brigar com o pai dele assim , ... acho que isso.

P. Ele é manso... é tranqüilo ..aham é ...e agora os personagens se relacionaram, como que você percebeu eles resolvendo seus problemas, as suas dificuldades? Você pode escolher personagens ou situações que você pode falar ... “ah... achei interessante como eles resolveram tal situação.

A. Acho que eles tentavam planejar bastante. Tipo, o Bentinho não queria ser padre.. ele tentou de várias formas mas acho que ele só foi conseguir quando ele tava lá dentro... com um pouco de dificuldade para resolver os problemas dele... Acho que isso.

P. É ..dificuldade ... uma dificuldade pessoal dele..

A. Acho que dificuldade de impor o que ele queria ... porque ele tava fazendo o que a mãe dele queria não o que ele queria.

P. Ele era meio fraco de caráter,você acha?

A. Acho que ele não conseguia dizerr o que ele queria.

P. Não conseguia se impor?

A. É não conseguia se impor.

P Aham... é, tá, mas mesmo assim ele se impôs no sentido de não aceitar ser padre...

A. Mas só depois de algum tempo.. só depois que já tava lá dentro né...

P. Você acha que ele se livrou desse, dessa obrigação por mérito dele ou porque os outros fizeram?

A. Ah.. ele teve ajuda dele e também porque a mãe dele começou a fazer amizade com a Capitu então ela viu que ela era uma boa pessoa.

P. Que ela era uma boa pessoa, desmontou a convicção dela... é... e algum outro personagem que você percebeu que resolveu de uma forma convincente , que você achou interessante a forma que foi resolvendo a dificuldade?

A. Hummm... não sei

P. Bentinho foi ficaram com pena dele... ajudaram né...,embora ele também se esforçasse, ele chamasse... até apelou lá para a imaginação com D.Pedro , como se D. Pedro ele fosse na casa dele... usou de todos os meios mas também ele se safou porque os outros tiveram pena dele,o próprio José Dias, o próprio tio dele ajudou nesse aspecto. Algum outro personagem que resolveu, por exemplo, Dona Glória como você viu isso , tão convicta e religiosa, ter prometido o filho para Deus e ter que abrir mão disso?

A. Acho que ela foi inteligente ... ao mandar um escravo. Porque na promessa dela ela tinha que mandar um homem para o seminário para virar padre....mas acho que ela não foi específica que ia mandar o filho dela... Então depois ela mandou um escravo então acho que ela conseguiu se livrar dessa promessa que ela tinha feito para o filho dela.

P. Essa dívida que ela tinha com Deus... você acha que essa foi uma solução coerente?

A. Não muito porque tipo ela mandava o escravo acho que não foi muito justo para ele...

P. Você acha que ela traiu Deus essa estória?

A. E também o escravo porque ela não deixou ele escolher.

P ...o escravo coitado teve que pagar por isso...Algum outro personagem? Nem a Capitu? Ela não resolveu muitas coisas? Resolveu quando ela era menina né... porque depois parece que ela se apagou... ela não se defendia muito né... mas como ela resolvia as coisas quando ela era pequena?

A.Parecia que ela era muito convicta do que ela queria né... ela gostava do Bento ela queria de alguma forma conseguir casar com ele ...

P. Você acha que ela era mais forte que ele?

A. Acho que sim.

P. Ela conseguia.... ela era mais determinada?

A. Sim, quando mais nova ela era.

P. Eu não te perguntei com qual personagem você mais se identificou né? Quem deles seria mais a sua cara? Mais o seu jeito?

- A. Meu jeito?
- P. Pode ser homem, pode ser mulher... do ponto de vista do caráter, do comportamento...
- A. Acho que a tia dele... porque fala que ela não em papas na língua por que ela fala assim..
- P. Você também o que tem pra você dizer, você fala..
- A. É . O que tem pra eu dizer eu falo na cara mesmo...
- P. Já pagou algum preço por isso?
- A. Sim, as pessoas falam que eu sou chata sabe..
- P. Mas é honesta.
- A. Sim, sou honesta.
- P. E isso te tranqüiliza.
- A. Sim.
- P. Quem você acha que , dos personagens aqui, é o pivô dessa estória? Sem ele as coisas não aconteceriam...
- A. Acho que a Capitu porque se ela nem morasse perto deles, se ela nem fosse amiga do Bento... por ele ser meio fraco talvez ele nem tivesse pensado em sair do seminário.. talvez ele poderia até ter saído mas não aconteceria tudo isso que aconteceu na vida dele...então acho que a Capitu é a pivô.
- P. Ela que é o centro da trama e assim porque ela ... porque ele não esquece dela o tempo todo, o tempo todo ele fala dela ..
- A. Passa anos.. ele ta velho e ainda conta história da Capitu..
- P. Conta história da casa pra tentar lembrar dela quando ele era mais pequeno, quando eles conviviam.....Tá tudo bem com vc?
- A. Tá tudo bem.
- P. Ta nervosa?
- A.Não, não.
- P. Bem, os personagens é que são o forte da história, mas mesmo assim ele tem alguns espaços, poucos que sejam e eu queria saber de um espaço desse que foi significativo na história e que ajudou a contar a história é ... que foi significativo para ajudar contar essa história... Você poderia me dizer?
- A.Como assim?
- P. Algum lugar lá ... dessa história seja a casa do Bentinho, seja o seminário.... seja a casa da Capitu, seja a praia enfim, algum lugar que foi significativo nessa história e que você acha que ajude a contar a história.
- A. Acho que a casa onde moravam...onde ele morava... porque foi lá que tudo começou né...
- P. Que sentido tem esse espaço além da presença das pessoas? Que significado você percebe? Por que que é tão importante?
- A. Não sei...
- P. Você acha que é só pelo fato delas estarem ali...
- A. É
- P. E nem te diz muita coisa o fato de ele ter reconstruído a casa depois? Ter cavalos?
- A. Me diz que foi importante para ele naquele momento.
- P. Ah ta, foi importante... Você pode imaginar por que foi importante?
- A. Porque foi lá que ele começou a história com a Capitu. Foi lá que a história dele começou.
- P. Você acha que ele queria resgatar alguma coisa do passado com essa casa?
- A. Ele queria resgatar o passado dele..
- P.Você acha que ele conseguiu puxar as duas pontas da fita e fechar essa história de um jeito bom, fazendo com aquela casa voltasse as lembranças boas dele?

- A. Acho que não porque depois ele perdeu a Capitu, perdeu tudo e acabou sozinho.
- P. Então foi uma frustração ele ter construído a casa...
- A. Acho que só fez ele lembrar mais ... da tragédia que foi a vida dele.
- P. Então a casa é que é o espaço mais significativo... você acha?
- A. Aham.
- P. Me fala um pouquinho do tempo dessa época que se passou... você lembra que época que foi? Que século?
- A. Não lembro que século, mas é na época do Império.
- P. Século XIX?
- A. É
- P. Metade do século XIX. O que fez você ver nas pessoas daquela época, os assuntos, da forma como eles discutiam diferente do que é hoje? Além de que hoje têm carros, tem telefone e avião e lá (naquela época) só tinha cavalo e carroça... Mas o que que era diferente de lá pra cá? O que que você acha?
- A. Acho que o fato dele obedecer tanto assim a mãe dele. Acho que hoje não é mais assim. Acho que se a mãe fizer uma promessa em nome do filho, acho que hoje em dia ele não ia querer cumprir assim.
- P. Não tem essa mesma importância..
- A. Acho que não
- P. (...) Nem é preciso fazer toda essa ginástica que a Dona Glória fez, nem ele próprio né... Você acha que hoje o filho fala não e pronto e acabou?
- A. Acho que sim...
- P. Você imagina por que isso mudou assim?
- A. Por que? Ah sei lá... porque acho que eles querem ficar mais adultos e não sei e não querem obedecer tanto os pais e querem fazer o que eles quiserem da vida.
- P. Alguma coisa daquele tempo que te chamou atenção que é diferente de hoje? Assim... Nossa como era estranho... como era diferente... do que agente vê as coisas hoje.. fala...
- A. A linguagem... sim é muito diferente.
- P. Os personagens falavam diferente?
- A. Fala difícil assim não to acostumada.
- P. Você fala do livro, do autor ou fala das pessoas da época?
- A. De tudo... Assim é bem diferente.
- P. Algum outro comportamento deles que assim você também percebe que é gritante a diferença daquela época para cá ?
- A. O Bentinho e a Capitu tavam juntos escrevendo no muro o nome deles e tipo eles já ficavam com medo do pai dela r ver e achou que ele fosse ficar bravo tal e hoje em dia as pessoas tão novas já começam a namorar e naquela época eles só tavam escrevendo o nome no muro e já ficavam com medo.... acho que é isso.
- P. Você acha que havia muita austeridade por parte dos pais?
- A. Sim, havia.
- P. E os filhos eram mais.....
- A. Mais recatados.
- P. Recatados.... mais respeitosos?
- A. Sim
- P. Que temas assim ... você percebeu que o autor tentou discutir através dessa história?
- A. Família, traição.... amargura também, que o Bentinho tinha...
- P. Alguns sentimentos humanos.
- A. Ahã ...sentimentos humanos.
- P. Mais alguma coisa assim?
- A. Não, que eu me lembre, só.

- P. Tinha o o fato de ser padre né..
- A. Bem, ele era religioso...porque fala do seminário..tinha o padre também...
- P. Você acha que o fato dele ter sido prometido para o seminário... isso você acha que era uma discussão... um tema que foi discutido....?
- A.Sim
- P. A religião, né? Tá. O que você acha do narrador?
- A. Do narrador?
- P. É.... o narrador como é que ele se coloca nessa história? Que pessoa que ele fala?
- A. Ele é um narrador presente..
- P. Presente... presente até porque é um dos personagens né. Então ele narra em... que pessoa?
- A. Primeira pessoa.
- P. Como você vê ele atuando nessa história?
- A.Como que eu vejo ele atuando na historia?
- P.Como narrador, como é que ele traz essa história?
- A. Ele conta sobre seu ponto de vista né, ele conta a vida dele...tudo que passou desde a juventude até sua velhice mas só com as suas palavras, só com sua opinião , com seu ponto de vista... sem deixar espaço para as outras pessoas...
- P.Você acha que ele sufoca ou você acha que ele tira do foco dos outros personagens?
- A. É... Ele não dá oportunidade pra se falar.
- P. Isso compromete a história?
- A. Não compromete, mas sei lá deixa mais mistério... porque você não sabe o que realmente aconteceu.
- P. E como é que você acha que o narrador vê o leitor ? O que que ele acha do leitor? Dá pra perceber né... “ Ele acha que o leitor é um bobão”...
- A. Ele acha que o leitor vai se convencer do que ele tá falando...
- P. É?
- A.Ahã
- P. Até porque e ele usa de muitos argumentos né...
- A.Sim. Ele porque ele era advogado né...
- P. Ah...você acha que isso contribuiu...
- A. Sim. Ele tinha uma boa lábia então ele sabia como convencer...
- P. Como convencer , como manipular...A última pergunta ainda sobre o narrador? O que ele acha do leitor?
- A. Ele acha que pode convencer o leitor.
- P. É? Que é fácil.
- A.É
- P. Ele se acha bom nisso.
- A. Acho que sim.
- P. Essa história te convenceu?
- A. A história do Bentinho?
- P. É... do Bentinho e de todos os fatos. Ou você achou alguma coisa absurda?alguma coisa forçada?
- A. Não. Me convenceu sim.
- P. É? Acha que as personagens poderiam ser seres reais?
- A. Poderiam.
- P. Poderia mesmo ter acontecido tudo aquilo? Mesmo aquela trama? Essa traição?
- A.Poderia.
- P. Você falou um pouquinho já da linguagem mas me fala foi difícil né..
- A. Foi bem, foi difícil.

P. Palavras? O que foi mais difícil?

A. A linguagem porque tipo eu leio mas é uma linguagem muito mais fácil de entender...então ... tipo . se eu lia alguma coisa eu tinha que ir atrás do livro para ver o que significava... algumas palavras que eu nem conhecia... difícil...não conseguia ler.

P. Você tentou ler no contexto? Ou você foi para o dicionário?

A. Eu ficava lendo atrás do livro... tinha assim...

P. Atrás tinha né...

A. Eu lia melhor

P. Alguma citação que você não conseguiu entender?

A. Não,não lembro

P. Ou algum comentário que ele fez que você “enrolou”?

A.Vários...mas agora não lembro nenhum.

P. Você atribui essa dificuldade ao que? Ele é muito complexo para escrever ou ele tinha muitas informações, muito conhecimento?

A. Ele tinha muito conhecimento... e a gente hoje em dia tem pouco conhecimento para conseguir ler.

P. Do estilo dele de escrever...o que você me diz? Você que já leu outros livros...

A. Ele é bem realista assim...

P. Da forma como ele escreve para envolver o leitor, a linguagem que ele usa, você percebe que ele tem um estilo diferente...se você lê outros autores...ah não...Quando você lê um texto de Machado de Assis você logo fala : “Tem cara do Machado..”

A. Não sei porque esse é o primeiro livro que eu li dele...

P. Então não dá ...

A. Não dá para identificar...

P. Mas de agora em diante? Você acha que vai perceber o estilo do Machado?

A.Acho que sim.

P.No que assim...mais especialmente?

A. Acho que na tragédia porque eu comecei a ler Helena também... é muito trágico os livros dele.

P. Figuras de linguagem... alguma que aparece?

A.Não sei...

P. Ironia?

A.É ... talvez.

P. O que você achou do final da historia?

A. O final é trágico né ... porque ele acabou sozinho...com a mulher e o filho mortos. Então, foi trágico pára mim.

P. E você...mudaria o final dessa história?

A.Se eu mudaria o final? Acho que não.

P. Não?

A. Acho que é legal porque fica uma dúvida no final. Passou anos que ele escreveu mas até hoje cabe ao leitor ver...decidir... achar se ela traiu ou não.Então, eu acho que não mudaria o final.

P. Até porque tem um caráter dessa estória... tem esse jeito né..misterioso e acaba meio que... Bem,isso que eu queria perguntar para você.. Como que você se sente no final? Triste? Angustiada? Feliz? Indiferente?

A. Triste porque o final foi bem triste...não teve um final feliz .

P. Triste por causa do desfecho com os personagens?

A.Sim..

P. Mas ficou frustrada também? Ou não ? Porque você concorda que a historia poderia ter esse final mesmo.

A. Acho que frustrada... porque a Capitu foi embora e simplesmente morreu lá, entendeu? Acho que devia ter um outro final para ela.

P. O que você pensa do autor? Do Machado de Assis? Você não tem muita informação dele né?

A. Não.

P. Depois de ter lido ... só “ Dom Casmurro” que você leu né...

A. Eu li Helena..

P. “Helena” né... Depois de você ter lido esses dois, o que você pensa dele como escritor? Já que você pode também fazer comparativos com outros escritores..

A. Que ele escreve coisas próximas do real... que podem acontecer mas mais inspiradas parece tragédias gregas porque no final sempre... porque Helena também..uma tragédia grega no final... ela morre sem nem ter beijado ele,sabe...

P. Sim...Ahã

A. Acho que se inspira em tragédias porque é muito trágico.

P. O que você perguntaria pra ele se você encontrasse Machado? O que te deixou intrigada?

A. Se alguma dessas coisas aconteceu com ele de verdade ou não.

P. Por que? Você achou que tem alguma coisa a ver, escritor e a ficção?

A. Acho que ele nunca teve filhos né.. então queria saber se alguma coisa aconteceu com ele para ele não ter um relacionamento e tal... acho que eu perguntaria isso...

P. Você acha que ele transfere da vida real dele um pouco para a literatura.

P. Bem,... é isso. Queria falar mais alguma coisa?

A. Não.

P. Que foge das minhas perguntas?

A. Não

P. Bem, então obrigadíssimo por você ter me ajudado na minha pesquisa

Colégio particular PGD

Entrevista individual III

Pedro: Então, Beatriz, você gosta de estudar?

Beatriz: Eu gosto mais ou menos. Eu gosto de ler.

Pedro: O que você lê?

Beatriz: Eu leio bastante ficção como Harry Potter .

Pedro: Preciso ler Harry Potter, eu comecei só, pois estou muito focado nas minhas leituras de estudo então não tenho muito tempo.

Pedro: Bem Beatriz você leu qual obra?

Beatriz: Memória Póstumas de Brás Cubas.

Pedro: Eu deixo isso claro para gravar quem esta falando e sobre o que, assim por meia hora vou judiar de você (rrsrs), queria saber qual foi a impressão que você teve deste livro quais ideias, sentimentos, o que você pensou: o que isso? Achou legal?

Beatriz: Ah eu gostei achei diferente o jeito que ele escreve, é que eu não pensei que na época tinha muita ironia.

Pedro: Você percebeu essa ironia logo no inicio?

Beatriz: ah logo na dedicatória (rrrs), e mais ao longo do livro.

Pedro: Por algum comentário ou você mesmo percebeu do livro na historia o jeito dele?

Beatriz: O jeito de falar assim.

Pedro: Por exemplo, uma situação?

Beatriz: Por exemplo, quando ele fala do amor sério... Geralmente não fala assim né.

Pedro: Sei, sou bem irônico, ele gostava dela, mas o interesse dela era outro isso seria uma ironia. E assim da história, da trama o que você achou, é diferente de outros que vc leu?

Beatriz: É, é diferente.

Pedro: É diferente em que sentido? Como vc viu diferente?

Beatriz: É porque vai ficando meio sem nexo.

Pedro: Não é linear.

Beatriz : É logo no começo ele começa imaginar o negócio, daí depois...

Pedro: O que ele imagina?

Beatriz: Quando ele vê o século.

Pedro: daquela viagem que ele fez com o hipopótamo...

Beatriz: é...

Pedro: O que mais que te chamou atenção nesta passagem depois que ele encontra lá aquela..
?

Beatriz: primeiro foi o monstro né que é de uma mitologia grega, ah eu gostei bastante porque cita bastante fato...

Pedro: Você acha que ele cita fatos ou pensamentos ou faz citações de outros livros referencias?

Beatriz: Não né quando ele falou fez referencia né ele traz e coloca...eu acho legal quando traz uma coisa de fora assim.

Pedro: Uma parte histórica né...como o ser humano quer que as coisas aconteçam.

Beatriz: isso

Pedro: E da natureza? O que ele esperava da natureza, e ela parece que decepciona ele.

Beatriz: ?

Pedro: Você achou que essa viagem que ele fez pelos séculos é significativa pra vc?

Beatriz: Foi confuso mais eu gostei...

Pedro: Você acha que tem mais conotação religiosa ou filosófica?

Beatriz: Acho mais filosófica.

Pedro É e tirou alguma conclusão? Nesta parte dessa viagem que ele fez desta fantasia?

Beatriz: Não.

Pedro: Bem vc notou que o Machado de Assis ele não da muita importância a certas coisas como tempo e espaço é irrelevante pra ele mas os personagens são a alma do negócio concorda comigo? Enquanto outros autores descrevem espaço minuciosamente ele não concorda?

Beatriz: Sim ...ele não fica falando toda a hora sobre o espaço.

Pedro: Mas as pessoas você conhece profundamente?

Beatriz: É, a Eugenia né mas ela que a gente vê como ele vê.

Pedro: É quais das personagens assim mais chamaram sua atenção? E por quê?

Beatriz: A Eugenia, porque não sei dizer, mas fugiu um pouco porque geralmente em livros assim...eu achei que ele ia ficar com ela, mas não ele largou, achei diferente.

Pedro: Vc acha que ele não ficou com ela por quê? Porque era aleijadinho? Porque ele a achava bonita, e ficava naquela duvida é bonita, mas é coxa. Você acha que ele tem algum preconceito?

Beatriz: Ah sei la um pouco mas não sei se ele não amava ela ou se foi por causa do pai mesmo.

Pedro: O pai dela naquelas alturas já tinha morrido né .

Beatriz:...ele não tinha viajado?

Pedro: Quando ele foi ele foi pra Europa e quando voltou encontrou a mãe dele e a Eugenia que é filha daquele casal que estava atrás da moita quando a mãe dele deu uma festa. Mas quando ele se encontra no final com a Eugênia o pai dele já morreu.

Bem parece que ele até gostava dela, mas acha que foi pudor vergonha de casar com uma pessoa que tinha problemas físicos, vc acha que isso interfere?

Beatriz: acho que sim porque ele repete varias vezes que ele é coxa.

Pedro: Vc acha que isso tem a ver com a personalidade dele, que ele não é um sujeito digamos muito humano que é esculachado?

Beatriz: Não acho que é machismo.

Pedro: E porque vc acha isso?

Beatriz: Não sei só sei que quando eu lia assim não gostava...

Pedro: Queria mandar, mas ao mesmo tempo ele se sujeitou a ficar com a Virgínea as escondidas... é qual dos personagem vc gostou mais afetivamente?

Beatriz: Da mulher que ficava na casa, eu gostei dela.

Pedro: Tá, certo e porque vc gostou mais dela?

Beatriz: É porque assim principalmente a história dela, ela ajudou eles a ficarem juntos, e também no final ele também foi ajudar ela , mas não ajudou tanto só deu...

Pedro: Ele a ajudou com tantos mirreiros que afinal ele achou na praia né.

Beatriz: é eu fiquei com dó dela.

Pedro: E vc sentiu algum drama nela além da pobreza, separação criar os filhos naquelas condições, algum drama que ela passou tendo que conviver naquela situação?

Beatriz: É tinha uma opressão nela...

Pedro: Hum ela ficava num fogo cruzado.

Beatriz: é

Pedro: E que características assim que jeito, qualidade, virtudes, valores você viu em alguns dos personagens que teria haver com vc, que batia com seus valores e qualidades?

Beatriz: Ah não sei..tipo teimosia dele quando a irmã pedia pra ele se casar e ele não queria.

Pedro: Mas essa teimosia era por personalidade não era uma coisa só de birra né, só por contrariar, porque quer preservar seu jeito de ser sua liberdade, nesse sentido que vc viu?

Beatriz: é, mas acho que quando ele queria fazer um negocio...

Pedro: “Entenda como quiser mais a vida é minha”.

Beatriz: é rsrs

Pedro: E no relacionamento dos personagens entre Bras e a Virginia, ou Bras e o pai e os tios deles como se relacionavam, como vc viu isso, como eles resolviam seus problemas? Alguma coisa te chamou a atenção da forma como eles pensavam e iam resolvendo as dificuldades entre eles, mesmo nessa situação do Bras que não casou que não teve profissão praticamente mas ia resolvendo a vida dele assim e do jeito que ele fazia; ah não da pra ficar com essa , vamos arrumar um lugar pra ficar com a mulher dou outro , ou como ele resolveu as coisas pra Portugal, ou da forma como o pai dele pensava e queria que o filho fosse, fosse deputado tivesse uma mulher , como eles iam resolvendo as coisas que te chamou a atenção?

Beatriz: Pra mim eles sempre iam levando, ele não ficava muito sério em alguma coisa, a Virginia era mais serio né, ela pensava no filho dela.

Pedro: Você acha que é seriedade mesmo ou acha que ela queria se beneficiar pelas duas coisas, porque ela não largava ele né, era pela convivência ou ela era responsável e priorizava o filho e o marido.

Beatriz: Eu acho que ela priorizava o filho, mas por um lado ela tinha a vida dela certa la...

Pedro: Algum outro personagem teve alguma atitude forte, determinada, alguma atitude que te chamou a atenção?

Beatriz: Quincas Borba.

Pedro: O que você viu nele?

Beatriz: Ah ele é meio, eu não entendi quase nada do humanismo lá que ele falou, mas...

Pedro: Humanitas.

Beatriz: É, então eu não entendi direito.

Pedro: A filosofia dele né?

Beatriz: É, achei meio confuso, mas mesmo assim né, ele era pobre daí ele foi lá...

Pedro: Ele era uma cara inteligente!

Beatriz: Ele era uma cara inteligente!

Pedro: Tinha uma ideia, e não importava muito a condição social. Você admirou este personagem e a ideia dele?

Beatriz: É eu achei legal!

Pedro: Até por que influenciou o Brás.

Beatriz: Foi aí ele devolveu o relógio e ajudou ele a guiar a vida dele.

Pedro: Tá. Quem você acha então que é o personagem, bem o personagem que conduz que é o fio condutor é o próprio Brás né?

Beatriz: Sim.

Pedro: Assim de uma forma mais resumida como é que ele parece pra você?

Beatriz: Brás Cubas?

Pedro: Como é esse cara, o que se passa, como você traduziria, como que traduziria o jeito dele, o estilo de vida dele?

Beatriz: Ah... ele é um cara irônico, que sempre quer tentar coisa nova.

Pedro: Você agiria como ele? Você faria as coisas como ele fez, ou melhor, foi resolvendo do jeito que ele podia as coisas? Na vida matrimonial, profissional, nas coisas que ele fez, você concorda ou acha que é muito diferente dele?

Beatriz: Acho que eu faria algumas coisas diferentes, não iria escolher ir para cidade lá...

Pedro: Ele quase foi.

Beatriz: Ele quase foi eu não iria, tipo ela o chamou, mas sei lá eu não quero ir, não vale a pena.

Pedro: Apesar do espaço lá nessa estória não ser relevante, algum lugar te chamou atenção? Onde eles viviam, onde estes personagens estavam. O espaço contribuiu de alguma forma pra se dar um sentido, nas tramas, nos conflitos, na estória, algum espaço significativo? Tinha a casa do pai dele, onde davam festas. Tinha a casa que eles alugaram ele e a Virgília. Tinha também a casa da Virgília com o marido. Tinha o restaurante onde eles iam comer.

Beatriz: Acho que foram a casa do pai dele e a casa que ele alugou com a Virgília. A casa do pai dele era bem...

Pedro: É por que não tinha energia elétrica naquela época. Rsrtrs

Beatriz: Rsrtrs...

Pedro: E a casa da Virgília é interessante por que? Por que aparece mais, ou por que tem uma relação com o convívio ali?

Beatriz: Bom passa bastante parte da estória lá também, achei que eles não gostavam da casa, tipo assim parece uma casinha de fazenda.

Pedro: Sim pequenininha, você achava ela aconchegante?

Beatriz: Sim!

Pedro: Por quê?

Beatriz: Acho que pelo jeito que eles falavam casa.

Pedro: Pelo próprio relacionamento deles ali, tão íntimo. Onde escondiam o amor deles?

Beatriz: É...

Pedro: O tempo que se passou esta estória, você imagina qual foi? Em que época? Em que século?

Beatriz: Eu acho que no século XIX!

Pedro: Certo isso, mais no final. Você acha que os hábitos deles, os jeitos deles daquela época pra cá, muito diferente?

Beatriz: Ah... sim tipo... quando ele foi fazer faculdade na Europa, na época o que fazia era isso, mas é mais difícil agora, eu acho diferente...

Pedro: Os sentimentos das pessoas?

Beatriz: Não muda.

Pedro: Não muda?

Beatriz: Só o jeito da relação...

Pedro: O jeito de encarar a vida, por exemplo, do ponto de vista ético? Por que ali parece que tem alguma coisa haver com o ponto de vista ético né? Por que o relacionamento de Brás e Virgília, como é que você vê isso hoje? Muito diferente?

Beatriz: Eu acho que existe, pessoas que se parecem com eles... eu acho que é meio extremo né.

Pedro: Se parece em que sentido?

Beatriz: Tipo, que não vive o mundo... eu não entendi também como é que eles tinham dinheiro no final da vida, por que eu não lembro se diz que eles trabalhavam? Essa parte eu não entendi!

Pedro: Interessante! Mas o que o pai dele era?

Beatriz: Era rico.

Pedro: Era rico! Ele vivia de renda, aluguel de imóveis, ele tinha propriedades. É que ali não fica muito explicito, mas na época por exemplo, se tinha escravos as pessoas alugavam escravos pra outros e eles tinham renda sobre isso. Ou tinham casa e tiravam lucros desses apartamentos alugados. E o pai dele então, morreu e deixou muita coisa!

Beatriz: E isso ficou pra ele?

Pedro: É e o cunhado o Cotrim era comerciante, vivia de escravo. Naquela época ainda tinha comércio de escravo. Mas ele era realmente um bom vilão né?

Beatriz: Hum...

Pedro: Que tema você acha que se discute, ou existe algum tema discutido no meio desta estória, entre as linhas? Algum assunto que o autor coloca que esta no enredo, mas que ele discuti indiretamente?

Beatriz: Ah... comenta do do escravo dele que ficou livre, e depois ele fica tratando dele, eu não sei tem um significado.

Pedro: Você pensa que significado se pode ter? É boa essa sua colocação!

Beatriz: Que... eu não sei... hahaha...

Pedro: Você acha que ele indiretamente discute alguma coisa ai?

Beatriz: Sim!

Pedro: Discutiria o que, por exemplo?

Beatriz: Talvez que... rrsrsrs... eu não sei como falar isso.

Pedro: Pode falar, fique a vontade!

Beatriz: Talvez uma pessoa, não que ele queria vingança. Ele estava acostumado a viver daquele jeito, aquilo pra ele, ele era o certo!

Pedro: Ele quem?

Beatriz: O escravo!

Pedro; O escravo que era negro?

Beatriz: Que era negro! Né.

Pedro: Você acha que em algum...

Beatriz: Ele aprendeu que aquilo lá era o certo.

Pedro: Você acha que então os escravos se acostumavam em ser escravos?

Beatriz: É...

Pedro: E aceitavam a situação?

Beatriz: Fazia como rotina, por que o que vi é que ele não era escravo.

Pedro: O que esse escravo, você falou assimilava por educação, o que esse escravo aprendeu? Com a historia dos brancos e dos negros? Naquela época os brancos que escravizavam os negros, o que você acha que o Prudêncio aprendeu, com esse jeito dessa sociedade?

Beatriz: Ele aprendeu que, eu sei que possa lutar, por que ele é superior do que ele!

Pedro: O branco é superior?

Beatriz: Não talvez o branco...

Pedro: Mas passava essa ideia?

Beatriz: Passava, mas também que o dono dos escravos era superior aos escravos.

Pedro: E ele entendia que isso era uma coisa natural?

Beatriz: É!

Pedro: Muito bom! Tá. O que você pensa do narrador? Só pra terminar assim, essa pergunta!

Beatriz: Brás Cubas?

Pedro: É... Como ele se coloca, conta esta estória? Pra quem ele conta? Que ideia você faz dele? O que ele pensa, o que ele pensa do leitor? Do jeito que ele conta essa historia?

Beatriz: Ah... ele pensa que o leitor não é assim uma pessoa tipo... muito estudiosa.

Pedro: Que?

Beatriz: Por que, ele fala, não vou continuar falando sobre isso porque não vai fazer você ficar...

Pedro: Chateado.

Beatriz: É.

Pedro: Ou que vai ser difícil de entender?

Beatriz: É também, sabe uma pessoa...

Pedro: Enfadado. Não qual o termo que ele usa.

Beatriz: Acho que cansado.

Pedro: Ele tinha uma necessidade de contar a estória, mas também não queria deixar o leitor, assim sem vontade de ouvir. Chatear o leitor ou deixa-lo cansado.

Beatriz: É... ele ia contando...

Pedro: Você acha que esta estória, tem algo a ver com a realidade ou ela já te parece assim claramente que é ficção?

Beatriz: Ah, eu acho tipo... que ela não totalmente ficção, mas ela é um pouco exagerada.

Pedro: Por exemplo?

Beatriz: Ah...

Pedro: Naquela estória do inicio que ele coloca uma fantasia, isso você acha que é exagerado?

Beatriz: Ah... aquilo lá, é que ele...

Pedro: Só imagina?

Beatriz: É, tá só imaginando, né. Não sei se ele ia deixar só...

Pedro: Só festar.

Beatriz: Só festar, ia passar.

Pedro: Você acha que ele fez pouco caso do pai dele?

Beatriz: Sim. Tipo que ele passar a universidade...

Pedro: Você acha que existe jovem que faz isso?

Beatriz: Existir existe. Não penso passar a universidade.

Pedro: Acha que lá a coisa seria mais seria?

Beatriz: É...

Pedro: De qualquer forma parece real?

Beatriz: É só que muito...

Pedro: Com poucos exageros?

Beatriz: é...

Pedro: Enquanto a linguagem do livro, você achou difícil de ler? Fácil? Encontrou palavras difíceis?

Beatriz: É tem palavras difíceis de eu ler.

Pedro: Você lembra-se de alguma? Assim expressões que ele usou, que te chamou a atenção?

Beatriz: Eu não sei na hora, mas quando ele fala...

Pedro: O menino é o pai do lobo?

Beatriz: É isso eu não entendi!

Pedro: Não entendeu?

Beatriz: Não!

Pedro: Assim coisas que você não entendeu na linguagem, ou só quanto em pensamento?

Beatriz: Ah...

Pedro: Enquanto seguia, você conseguia entender do ponto de vista das pessoas, das palavras, tudo bem?

Beatriz: sim.

Pedro: Só que algumas sacadas filosóficas é que ficou meio complicado?

Beatriz: É principalmente do amigo dele.

Pedro: Do Quimcas?

Beatriz: é.

Pedro: E aí, você gostou do final do livro?

Beatriz: Não.

Pedro: Não? Decepcionante?

Beatriz: Achei!

Pedro: É?

Beatriz: Por que de repente ele casa, eu não sei achei que ele tinha morrido no começo, mas o final não foi triste foi só...

Pedro: Sim, acaba assim sem mais sem menos?

Beatriz: Assim.

Pedro: E aí esse final te deixou com qual sentimento? Ficou triste, ansiosa, angustiada, alegre, como ficou?

Beatriz: Eu não sei se fiquei... Acho que fiquei um pouco decepcionada, por que achava que ia acontecer alguma coisa legal no final! Só que...

Pedro: Ficou assim mesmo? Você mudaria o final se fosse o autor?

Beatriz: Eu acho que eu colocaria, eu voltaria pra terra que ele ficou com a Virgília.

Pedro: Depois da morte do marido dela?

Beatriz: É!

Pedro: Você juntaria os dois?

Beatriz: Não é que... não eles deitado, ela tava lá. Ela não foi visitar ele?

Pedro: A sim!

Beatriz: Voltaria lá pra terra...

Pedro: Daria outro curso?

Beatriz: Sim.

Pedro: E o que você acha do autor? Do Machado de Assis? Depois de você ter lido essa estória, o que você pensa dele? Como é que é esse cara? Você não leu os dados biograficamente, né? Do tempo dele não tem informações, mas pela estória o que você acha dele?

Beatriz: Eu acho que ele escreve um pouco diferente.

Pedro: Diferente?

Beatriz: É, por exemplo. Totalmente diferente do estilo que leio.

Pedro: Huhum.

Beatriz: Ah, eu gostei. Como eu falei é ironicamente, é engraçado.

Pedro: Parece uma coisa muito real do dia-a-dia?

Beatriz: É...

Pedro: Aí, assim em uma palavra, o que você pensa. O Machado de Assis é um cara, um homem, a cabeça dele? Caráter dele? A inteligência dele? O que você acha? Você não conhece a pessoa, mas você leu a estória e pode ter uma ideia de como ela pode ser.

Beatriz: Talvez uma pessoa sarcástica.

Pedro: Sarcástica?

Beatriz: É.

Pedro: E da capacidade intelectual dele?

Beatriz: Acho que ele era muito inteligente!

Pedro: uhum.

Beatriz: Que ele conhecia tipo um pouco de cada coisa.

Pedro: Você acha que ele é culto?

Beatriz: É bem culto!

Pedro: Como que você percebeu isso na história?

Beatriz: Ah... do jeito que ele faz a história, do jeito dele...

Pedro: As citações?

Beatriz: É.

Pedro: Muito bem Beatriz é isso, obrigado pela sua participação!

Colégio particular PGD

Entrevista individual IV

Obra: *Memórias Póstumas de Brás Cubas*

Bem, Isabela, gostou do livro?

P. Ah, eu achei bem legal... Foi meio difícil de entender, mas eu...

P. Você leu *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, né?

A. É...

P. É *Memórias Póstumas* é mais complicadinho...

Achei meio complicado a linguagem.

P. É...

P. Muito bem! Bem, obrigado por você ter aceitado meu convite!

P. É... Assim, quanto a... Assim, que impressão você teve desse livro?... Você deve ter lido muitos outros, não é? Que impressão você teve... uma primeira impressão?

A. De ler?

P. Assim no geral... Assim... É... Que idéia... Que sentimentos, evocou em você? Despertou em você? Que livro é esse?

A. Eu achei interessante porque ele conta a história da vida dele e... tem problema não é?

P. Huh!

A. E eu fiquei pensando que, por exemplo que tem coisas que a gente faz... que cometeu bastante erros e bastante coisas absurdas e eu achei que..

P. Absurdas em que?...

A. E. eu esqueci agora o nome dela, mas ele teve um caso com uma mulher casada e... esse tipo de coisas... Eu achei que...

P. Você achou isso um absurdo?

A. É, meio errado, digamos assim...

P. Hhm!

A. É porque a gente tem escolhas...

P. É interessante! O que mais? Impressões...

A. Eu acho que... Eu tinha bastante impressão de que o livro iria ser chato!

P. Hhhm!

A. Porque eu nunca tinha conversado com gente mais... mais velha do que eu dos que disseram que já leu, disse que o livros era muito chato... Mas...

P. Você concorda?

- A. Não achei interessante! Muito legal! E eu o meu avô na minha família gosta muito de ler. Meu avô ele lê muito, muito, muito. Aí conversei com ele sobre o livro e ele me passou bastante coisa e eu acabei me interessando bastante pelo o livro.
- P. E assim da trama, da história ou é do conflito? Como você viu isso em relação a já que é um conta a história da vida dele....Como você viu isso em relação a outras história?
- A. Ah, de vejo uma maneira meio, meio diferente porque eu nunca tinha lido um livro assim... Mas eu acho muito interessante porque é... ele conta a vida dele e ele aponta os erros que ele acha que ele mesmo cometeu.. E eu acho que...
- P. Ele faz um *mea culpa*? Você acha?
- A. É ele conversa com vocêê...
- P. Ah, sim.
- A.É eu achei isso muito legal!
- P. E assim como é que você vê isso diferente de outras histórias que já você já leu? Como isso te pareceu?
- A. Ah, então, bem diferente, né, mas....
- P. Isso acrescenta? Isso é diferente em que sentido? Você acha que é É criativo?
- A. É bem criativo, porque ultimamente não tem muito livro assim... Pelo menos do que eu tinha lido ainda... eu achei muito legal, mas eu não tinha lido antes...
- P. Sim, as pessoas achavam que é um livro chato e vc parece que não concorda muito e por ser diferente não ter aquela linearidade né que tem nas outras histórias talvez as pessoas achem chato, mas o que é..., o que vc percebeu de legal, de interessante?
- A. E que também meu vô ele falou bem do livro pra mim.
- P. Ah, sim.
- A. Tinha uma aula para ler o livro. As pessoas falavam que o livro era chato e eram obrigadas a ler o livro para ir bem na prova e... E pra mim quando agente é obrigado a ler uma coisa nunca é legal! Então...
- P. Mas aqui também, de certa forma foi determinado, não é?
- A. É que tinha prova. Então a gente era obrigado a ler pra ir bem na prova, né?
- P. Sim, mas o que motivou você a ler com uma outra expectativa foi o seu avô?
- A. Hhmm. Que ele foi, na semana que o professor pediu pra ler o livro ele foi na minha casa e eu perguntei pra ele. E ele me contou que era uma história diferente... contada de uma forma diferente e que era muito interessante de se ler...
- P. E qual é a formação do seu avô, o que ele faz? O que ele estudou?
- A. Meu avô ele tinha uma empresa... Faculdade que ele fez eu não sei. Ele tinha uma empresa...
- P. Ele era empresário. E ele gosta de ler?
- A. Hhm.
- P. Muito bem! Deixa eu falar um pouquinho dos personagens... Que Machado de Assis tem com eles... Muitos aspectos são dos enredos... Tem os que priorizam o espaço outros falam do tempo, outros priorizam a ação... Machado de Assis parece que fica muito em cima dos personagens. Eu queria saber quais mais chamaram a sua atenção?
- A. A minha atenção?...
- P. É.
- A. Eu acho que foi o próprio Brás Cubas mesmo.
- P. É. Hhm.
- A. Pela forma de como ele conta que ele se arrependeu das escolhas que ele fez... ele sabe que se arrependeu de ter fito as coisas erradas. Eu, sei lá...
- P. Você acha que ele tinha medo de fazer escolhas por isso que ele ficou meio sem avançar na vida? O pai tentou determinar, mas...

A. Não, eu acho que ele tinha medo de fazer escolhas... Eu acho que ele só fez escolhas erradas pensando o que era melhor pra ele... Ou acabou levando a vida de uma forma que levou ele... E acabou... Hee... fazendo as coisas erradas!!

P. Você acha que era preguiça? Má vontade?

A. E praticamente ele foi empurrar com a barriga! Sabe? Hee! Deixar acontecer...

P. Ah, deixar rolar! Ahh.

A. Hhm.

P. E... qual dos personagens você mais se afeioou, digamos assim? Que você gostou mais... esse até porque é protagonista... Ele contou a história... Qual que você teria assim... uma ligação mais sentimental? Mais afetiva? Que você gostou? ...

A. ...

P. Não importa se é esse mesmo...

A. Eu achei que foi o Brás Cubas... ele mesmo.

P. É? Você acabou se afeioando a ele? Por quê?

A. Ah, foi pelo que eu falei... porque eu me caracterizei (identifiquei) com o personagem...

P. Ah, tá, você se identifica com ele? Ah, você respondeu uma pergunta lá atrás. Hee... Tá. E... bem, já que você se identificou... Que características assim, que qualidades, virtudes, valores você percebeu nele que marcou os seus...

A. Eu acho que... acho que foi bem o negócio que ...

P. Alguma, algumas outra qualidade que marcou nele... Apesar que tenha sido meio folgadinho... Hehe.

A. Uma qualidade?

P. É... uma qualidade, uma virtude... uma coisa... positiva... Ou pode ser um defeito também, mas... Até pelos defeitos se admira as pessoas...

A. É eu acho que, o fato de ele... de as coisas ruins acontecerem com ele, e ele vê a vida dele de uma forma positiva...

P. Sim.

A. Não. Por não deixar ... Não fica lamentando... Achei...

P. Bem você já disse que se identificou com o Brás mesmo? Não é? Bom, no relacionamento dos personagens entre si, né? O Brás, a Virgília, o próprio pai dele..., os tios, o que era padre, o Prudêncio, ele o, o loquinho lá... como chama? É... Quincas, não é?... Hehe.

A. O Quincas Borba.

P. Enfim..., todos eles... A Marcela... Nesse relacionamento entre eles é... o que você achou interessante... o que te chama a atenção? Como você percebeu eles se relacionando... resolvendo as suas dificuldades, seus problemas... Ele entre a Eugênia? Ele até gostou, mas ele lamentava que ela era coxa?

A. É eu achei que ele, não nunca, assim, ele não manteve uma boa relação por muito tempo coma as pessoas...

P. Ahh.

A. E acho que talvez ele fugia dos problemas que aconteciam...

P. Você acha que ele fugia da vida e das pessoas?

A. Eu acho que as coisas iam acontecendo e não lutava pelas coisas que ele realmente queria...

P. Ahh.

A. Ele, por exemplo quando ele teve problema com a Virgília ele deixou pra trás... Ah, eu acho que...

P. Ele não se incomodou quando ele a perdeu pro outro... Perdeu a vaga na Câmara dos Deputados?

A. É... Ele... sei lá... Ele não tinha uma forte emoção...

P. E... Bem... O grande personagem aqui envolvido na trama é o próprio Brás é... Você de certa forma já respondeu, mas é... como você se identifica com ele...é... Você teria alguma, talvez atitudes como ele? Você concorda plenamente? Ou você acha que poderia acontecer? Como você agiria, se você fosse...

A. Eu não sou mais ou menos folgada, de empurrar coma a barriga, mas agir como ele eu não agiria! Eu tentaria compensar... conversar, resolvido com as pessoas...

P. Ahha. Em que situação, por exemplo, que mais chamou a atenção, que mais te tocou?

A. Uma das coisas que mais me tocou foi que quando ele encontrou o Quincas Borbas de novo, ele tava maltrapilho, tava feito um mendigo e depois eles acabam fazendo um trabalho juntos... e eu achei coisa muito legal que talvez você perdeu uma coisa na suas vida e acaba meio que o futuro e achei isso muito legal...

P. Ahh. Acaba tendo valor isso... O valor do amigo de novo?

A. Hhm.

P. É. Bem, o, o, o espaço, não é, como já falei pra você, o Machado parece que não considera lá tanto, mas eu queria que você falasse um pouquinho de onde as coisas aconteceram, que importância isso teria pra a história, pra essa trama toda, os lugares onde... Ele iria, ele ficou... Que lugares foram significativos, que chamaram a atenção por alguma razão?

A. Os lugares que mais chamaram a atenção foi a casa onde ele ia se encontrar com a Virgília.

P. Hhm.

A. Eu acho o Machado ele conta bastante sobre o caso dele com a Virgília, então, eu acho que isso que mais chama a atenção...

P.O que assim da casa? Nem tanto assim o aspecto físico não é, mas ... O que te chamou a atenção?

A. Ah, porque um lugar onde eles tinham um momento pra ficar juntos, se amarem..., conversarem, agirem de uma forma íntima que eles não podiam agir na frente das outras pessoas por serem casadas.

P. Tá e o fato de escolherem esse lugar? Como é que você...

A. Ah, não sei... acho que escolheram esse lugar porque era um lugar mais isolado...

P. Mas o fato de escolherem um lugar isolado é... que você... sim, as pessoas escolhem...

A. Ah, sei lá, por ser valor emocional... Ah, como posso falar?

P. As pessoas quando escondem um relacionamento, no caso de amantes, né... Vão pra algum motel, ou se escondem nalgum lugar. Mas eles alugaram uma casa, pra, pra ficarem tranquilas, naturalmente... Mas alugaram uma casa, fizeram um investimento pra poderem levar uma vida dupla, né? Como é que você achou isso, do ponto de vista da iniciativa? Ousado? Ou isso engraçado... Inteligente?

A. É, eu acho que achei meio inteligente porque é uma forma de eles parecerem ter uma vida normal ... como se eles fossem realmente casados... Ter uma casa deles, um lugar deles. Eu achei uma forma inteligente.

P. Bem, e... com relação a, a quando isso aconteceu? Se, se tem idéia de que época que foi isso? Que tempo? Que século?

A. Século XVIII, XIX... Não foi?

P. XIX. 1850 e pouco... E o que que esse tempo diz pra você, a forma como as pessoas viviam naquela época? Quais eram os assuntos?

A. As pessoas eram muito reservadas. Além de serem reservadas, tinham ...

P. Eram reservadas como, assim?

A.Ah, elas preservavam, tentavam preservar os valores... Preservavam os sentimentos. Valorizavam bastante.

P. A coisa da ética.

- A. É. Por exemplo. Eu já li sobre isso, né? No século XIX.
- P. Você acha que eles eram mais moralistas do que nós?
- A. Ah... Um pouco!
- P. É.
- A. Eu acho que... As pessoas não podiam, sei lá... Não tinham... Não tinham muito a questão de decidir sobre o livre arbítrio...
- P. Como é que você percebeu isso assim... Por meio de quem? Que personagens? Ou na história? Como você percebeu que eles seriam travados?
- A. Eu não percebi muito isso na história, mais sobre coisas que eu li mesmo. Eu me interessei bastante por...
- P. Ah. Pela, pela sua cultura.
- A. Não tanto pelo século XX, mais pelo século XIX.
- P. Hmm. Tá. Mas você conseguiu sentir um pouco, por essa história, que isso se confirma, que eles eram mais reservados?
- A. Hmm.
- P. Você sentiu que essa reserva era, digamos, em determinados tipos de pessoas? Tinham as que tinham mais voz, mais opinião, mais vez?
- A. Não, acho que ... Brás Cubas e a Virgília eram bastante reservadas, né... E não queriam porque Ela
- P. Ah, nesse aspecto do relacionamento... Hmm.
- A. Sim, porque eles brigaram com o marido dela por carta, quase no final lá... Eu acho que....
- P. Que eles podiam ter manifestado sua opinião, ter iniciativa ou como uma voz da sociedade...
- A. Hmm.
- P. É... Bem, em que sentido você poderia me dizer, é, aquele tempo é diferente de hoje? O que ficou mais claro assim, o que é diferente no comportamento naquelas pessoas do que nós somos hoje?
- A. O que eu percebi que tem de diferente?
- P. Além de serem reservadas...?
- A. Por exemplo, no caso da traição hoje em dia tem lei que protege a mulher... tem hoje não é uma coisa tão absurda, por exemplo... é uma coisa até meio normal... que os casais hoje podem se separar, com mais frequência... que hoje por exemplo o Brás Cubas teria ..., tinha uma vida rica... que não tinha nem mulher nem filhos...
- P. Você acha que hoje não tem tanto preconceito?
- A. Não. Tem bastante gente que não tem mulher nem família e não tem...
- P. As pessoas não cobram.
- A. Não. Naquela época, por exemplo... que era normal numa mulher, mas hoje...
- P. Hoje é a atividade profissional...
- A. Lugares na sociedade...
- P. Por que a insistência do pai? Para que ele fosse alguma coisa na vida ou por que tinha outra intenção?
- A. E acho que também para que ele fosse um político bom, né. Um político que tinha uma vida formada. E também porque tinha pessoas meio que designaram quem mantinha lá. Família ou uma vida definida.
- P. Mas que ele pensava só no filho, você acha, ou tinha alguma outra razão? Para que o filho fosse bem sucedido, sei lá, uma celebridade?
- A. Ah, eu acho que ele pensava mais no filho.
- P. Como influência ou para manter a imagem da família?
- A. Ah, eu acho do filho.

- P. E quanto ao tema, qual seria assim, o assunto do livro, além dessa história de um defunto que conta a sua história? Que temas, que assuntos existem por trás dessa trama? Ele discute alguma idéia? Ele discute algum assunto nesse conflito?
- A. Eu acho, pra mim o assunto que ele comenta é coisas que a gente faz na vida. E sei lá, naquela época o pai se importavam com a decisão que ele ia tomar também com a família, da política também...
- P. Política é um assunto que aparece, né?
- A. Hhm.
- P. Alguma outra coisa que aparece como assunto ou como tema? E que ele passa assim mais discretamente? Mas... Lembra um pouquinho do Prudêncio? É... O Prudêncio que apanhava?
- A. Ah, ele passa de leve sobre o escravo...
- P. Você acha que ele discute alguma coisa?
- A. Acho que, pra mim, ele gosta dessa coisa de escravo... O modo de agir... acho que é isso...
- P. O que você acha do narrador dessa história? Como se coloca? Como se coloca como contador da história? Fazendo alguns desdobramentos... Ele conta a história da vida dele... Ele faz um mea culpa... O que você pensa depois disso tudo, dele, do narrador? Para quem ele conta essa história? Qual é a intenção dele? E como ele trata daí, o leitor?
- A. É, ele tenta tratar o leitor de uma forma meio... De uma forma... Tentar fazer o leitor gostar mesmo da vida dele... É uma história meio prolongada, cheia de detalhes...
- P. E você vê alguma coisa de especial ao contar a história, que ele não queira chatear o leitor? Alguma coisa bem concreta, assim?
- A. Lembrar de algum fato que eu vi no livro não, mas...
- P. É até mesmo a forma como ele faz no próprio livro?
- A. É que do jeito que ele faz capítulos curtos... Depois o livro. Fala alguma coisa... Pra mim pareceu que ele escreveu capítulos curtos para não cansar o leitor...
- P. E quando ele coloca só reticências?
- A. Ahh. Talvez foi por, sei lá... mais curiosidade...
- P. Só, só pra terminar. Você achou que essa história pareceu real ou logo te pareceu ficção?
- A. Ah, não achei que fosse ficção. Não pareceu coisa tão diferente... É só a vida de uma pessoa que tem sonhos... que tem problemas... Que amou... Que duvidou por causa de uma menina... Eu acho uma coisa normal...
- P. É... Bem, você já falou da questão dos capítulos curtos. Eu queria saber um pouquinho da linguagem... Como é que você sentiu essa linguagem do Machado? Considerando que ele escreveu isso na metade do século XIX...
- A. É pelo fato de ser do século XIX a linguagem dificulta um pouco a leitura.
- P. Dificulta em que sentido?
- A. Das palavras...
- P. As palavras são diferentes.
- A. É.
- P. Diferente ??
- A. Não mas tinha que parar de ler. E verificar alguma palavra.
- P. E assim como fluíu a leitura do texto, além de ter que parar e procurar as palavras? Difícil?
- A. Não.
- P. E o jeito das personagens falar? Você achou alguma diferença em relação a hoje?
- A. Não muito. É que eu também não leio muito isso. Atual né? Eu não leio mais livro velho.
- P. Livro moderno.
- A. É.

- P. Bem. Você gostou do final?
- A. Achei bem legal!!
- P. Por quê?
- A. Pelo fato de ele terminar com... trabalhando com o Quincas Borba. Achei legal...
- P. O que na relação com o Quincas Borba que você achou de concreto?
- A. Achei que ele deu uma ajuda a Quincas Borba
- P. Mas o que aconteceu que fez ele tomar tal iniciativa?
- A. Não sei... Não sei dizer.
- P. Ele até foi chamado atenção pelo cunhado dele, pelo Cotrim... Por que ele tomou tal iniciativa... Abrir um jornal!!! Pra escancarar as coisas da política...
- A. É eu acho que depois das decepções que teve na vida ele tentou tomar uma iniciativa para tentar fazer o certo a vida...
- P. Tentou fazer certo ou tentar ser um pouco mais definido...
- A. Tentar ser mais definido, fixo...
- P. O final da história te deixou como: triste, angustiada, alegre, indiferente?
- A. Me deixou meio... surpresa. Não esperava o final desse jeito...
- P. Você mudaria?
- A. O final. Não. Porque ele tinha uma visão... acho que me alertou de uma forma... pra não tratar as coisas diferente como se não tivessem valor... Eu acho que do jeito que foi importante pra mim também foi pra as outras pessoas... Acho que não mudaria...
- P. E o que você acha do autor?
- A. Machado de Assis? É, pra mim pareceu um cara... Não li todo o Machado, mas o que eu li dele me pareceu ser um cara bem culto e novo...
- P. Culto e?
- A. Novo.
- P. P. Que idade você daria pra ele?
- A. Acho que uns vinte e dois anos.
- P. Hmm! Que impressão você teve do autor pela história?
- A. Ah, acho que foi isso... Que ele tentava questionar bastante a sociedade na época...
- P. Muito bem! É isso! Obrigado, mesmo! Ta bom. Fico muito agradecido pela sua contribuição! E queria que você aceitasse um carinho meu... (bombom)
- A. Ah, eu vou aceitar. Obrigada!

Colégio particular PGD

Entrevista coletiva

Obra: *Dom Casmurro*

- A1: Uma coisa tão linda de romance que não teve um final feliz, uma coisa de traição nem em todo livro, uma coisa que a gente é acostumada a ler apresenta.
- P: Nos estamos falando da obra Dom Casmurro de Machado de Assis. Eu queria perguntar, quem quer falar? Quem queria dizer assim: a primeira impressão, o que achou, pode falar. Que aspecto você gostou?
- A2: Eu gostei da estória, tipo foi muito trágico o final não foi tão inesperado como eu achei que fosse ser. Eu achei que o Bentinho fosse morrer /. Que a Capitu...
- P: Você achava que?
- A2: Que o Bentinho ia morrer e não a Capitu e nem Ezequiel.
- P: Por essa estória triste dele, você achou que ele devia sofrer. Outra impressão?
- A3: Sei lá. Tipo eu achei legal e eu não esperava tipo uma traição.
- P: Não esperava?

A3: Eu achei que ia acontecer alguma coisa, mas não que poderia ter uma traição ainda mais, eu achei que... Ah eu não sei.

P: Mais alguém ficou frustrado, ou tinha uma outra expectativa?

A4: Eu achei que eles iam continuar, e que ele ia descobrir que na verdade o filho era dele mesmo, sabe? X

P: Alguma outra opinião sobre esse segredo, sobre essa estória, sobre essa frustração de expectativa? Parece que o livro induz alguma coisa e de repente da outra coisa, alguém gostaria de falar sobre?

A4: Eu acho que assim, o livro não dá pra saber o que aconteceu de verdade se ela traiu ou não. Eu achei que ela era de boa, mas depois o filho nasceu parecido com o outro.

P: Essa coisa se der parecido, essa semelhança do Ezequiel com Escobar.

A4: Essa semelhança. Agora eu não sei se dá pra acreditar nele, porque eu acho que ele é meio doidão.

P: Bentinho?

A4: É Bentinho, do ponto de vista dele né, se ela estivesse contando o livro acho que podia ser diferente.

P: Você pode falar da estória, da trama. O que você achou?

A4: Achei legal.

P: Você se envolveu? Gostou? Curtiu um pouco?

A4: No final, porque não dá pra saber.

P: Era frustrante?

A4: É.

P: Alguém já viu uma estória parecida com essa em filme?

A5: Sim X

P: O que você notou?

A5: Era parecido, em Dom Casmurro você não fica sabendo e é narrado pelo traído e o narrador conta da Ema e tem certeza que ela traiu.

P: Madame Bovary de Gustave Flaubert. Muito bom. Tá, mais alguém viu um filme ou leu algum outro livro.

A6: Eu assisti a um filme que se chama ("Dom") é muito parecido com Dom Casmurro, é um filme brasileiro. Um cara que também era casado com uma mulher que ele conheceu quando era criança, eles têm uma filha só que a mulher começa a se envolver com o trabalho do amigo do marido, e ela começa a viajar sempre com ele e o marido sente muito ciúmes e ele pensa em se matar. Ele chega a escrever uma carta, e ele briga com ela várias vezes, e ela muda de cidade e vai trabalhar junto com esse amigo e leva a filha junto. Daí ele fica super triste e tal, e é bem parecido. Chama *Dom* né, é bem parecido.

P: Mais alguém? Bem, com relação à trama acho que parte. Eu queria falar dos personagens, quais foram que mais chamou atenção. Quem quer falar? Personagem que mais chama atenção nessa estória? Vocês não gostaram dos personagens? Nenhum chamou atenção?

A6: A Capitu. Ela é muita mulher.

P: Você pode falar um pouco sobre essa ideia?

A6: Ele fala que ela era muito fofosa, foi ela que foi lá e beijou ele.

P: Sei, sei. Ela que tomou a iniciativa né. Boa essa sua ideia X, você lembra de alguma passagem que fala isso. / Mais alguém achou que a Capitu é que chama atenção nessa estória? / Quem pode falar? Alguém gostou se apaixonou pela Capitu? Meninos? / Tá, é qual dos personagens que você mais se afeioou, mais gostou?

A3: Da Capitu, gostei que ela tem atitude, sabe? Não é só o homem tem que ter iniciativa.

P: Ela tem personalidade, é forte? Ela é mais forte que bentinho?

A3: Eu acho que sim.

P: Quem concorda com A3 (Vitoria)?

A7: A Capitu é mais forte que o Bentinho, ele deixa claro isso mesmo ele sendo o narrador. Ele admite que ela tome mais iniciativa que ele.

P: Quem mais gostou afetivamente ou admirou? / Essa é uma questão mais fácil né, porque fala de afeto. Quem gostou de outro personagem?

A8: Eu gostei de, apesar de que no final tomou um rumo, que não foi parecido comigo assim. Mas eu acho que me vi um pouco no Bentinho, porque ele é muito inseguro no relacionamento e tal. Eu acho que às vezes eu sou assim também. E sei lá eu me identifiquei.

P: Quem mais se identificou com Bentinho? Algum outro personagem? / Bem, quem gostaria de responder mais uma questão pra mim. Que característica, que jeito, qualidades, virtudes ou valores de algum personagem que chamou atenção? Pode ser Bentinho, Capitu. Que valores, jeito deles lhe chamou atenção?

A9: José Dias é bem diferente. Ele muda as convicções dele ao longo da estória pra ficar a favor da Capitu. Ele quer que a família continue obedecendo ele. Então ele muda de ideia.

P: Ele é volúvel? Você acha que ele é interesseiro? Ele não estava tentando ser coerente?

A9: No começo do livro ele falava mal da Capitu, ele falava que achava ruim eles serem amigos e andarem juntos e tal e no final quando eles se casam ele vai lá a casa deles e dá os parabéns pra eles, e ele fica a favor dela. Porque a família deles está ligada agora.

P: Alguém concorda com A9 (Isabela) também acha que é o José Dias ou discorda? Algum desses personagens pode ser José Dias ou pode ser qualquer um dos outros, que tenha a ver com você, que bateu com você. Poderia ser minha alma gêmea?

A3: Ah tipo, o Bentinho é bem ciumento né, eu também sou, não tanto igual ele.

P: Você acha que é exagero?

A3: Sim, é exagero. X

P: Tá ótimo. Alguém mais com um sentimento, ou uma empatia?

A10: Ezequiel, depois de um tempo ele voltou para tentar, e eu achei legal isso. Ele tentou se reaproximar do pai depois, eu achei bem legal. Não parece, mas é uma relação de pai e filho.

P: Mais alguém quer falar de Ezequiel? Concordam com A10 (Felipe)? Algum personagem que vocês mais se identificaram?

Algum personagem que tem a ver com você?

A11: Ezequiel. Eu gostei da atitude dele, eu acho que faria isso, tentaria me aproximar do meu pai.

P: Certo. Perdoar aquele peso inicial? Você acha que atitude é louvada? Isso seria um valor seu também?

A11: Sim. Eu faria isso.

P: Quem gostaria de falar de outro personagem, ou de Ezequiel?

A12: Ah tem um pedaço, do Bentinho eu não me acho parecido com ele. Mas um exemplo na hora que ele pensou em fazer aquilo com Ezequiel. Eu me identifiquei com ele, porque às vezes na hora eu penso, mas depois eu acabo me corrigindo, eu achei bacana dele ter pensado.

P: Quem mais identificou? Essa é uma questão interessante, essa identificação se alguém pudesse falar. Quando vocês assistem a um filme, vocês se veem em algum personagem? E depois “Ah cometi esse tipo de erro e depois eu me concerto e acabo fazendo essa leitura eu acabo repensando nos meus valores”. Algum desses personagens fez vocês pensarem nos seus valores, ou bateu. Esse personagem tinha a ver com você? Mexeu? Às vezes a gente fica ate chateada, porque esse personagem tem a ver comigo, parece que a gente se vê diante do espelho né, a gente vê os defeitos. O personagem às vezes parece um espelho. Alguém percebeu isso em algum deles? / Mais um pouquinho sobre os personagens, no relacionamento entre eles, o que chamou a atenção, do jeito que eles resolviam seus problemas, seus conflitos. Alguém poderia dizer de alguma coisa que chamou a atenção, ou que admirou a maneira que resolveu o problema. “Ah gostei da atitude do José Dias, ah eu gostei da atitude do Ezequiel de perdoar”, por exemplo. Algum outro personagem que tentou

resolver, pense um pouco na Dona Glória que queria que o Bentinho fosse padre e ele não queria, tinha gente que era favor e tinha gente que era contra. Isso faz parte de um conflito inicial.

A11: Ah interessante que o Escobar que da a ideia para o Bentinho para esquecer o seminário, apesar de a mãe dele não ter gostado muito da ideia. O Bentinho sabia que ia sair, mas quem tinha o plano no final era o amigo dele. Mas no fim se a Capitu o traiu, ela o traiu com o melhor amigo dele.

P: Alguém se comoveu com a ideia? Ou admirou outra solução ou problemas do jeito que os personagens resolvem as coisas.

A12: Achei errado o que o Bentinho fez de mandar a Capitu pra fora, afastou muito a relação entre eles, se degastou bastante. Achei uma atitude errada.

P: Se você estivesse no lugar dele, você arrumaria outra solução? Por que você achou errado? Em que sentido?

A12: Poderia ter conversado, mandasse de volta, e teria um dialogo. Faltou dialogo entre eles.

P: Vocês concordam que o Machado de Assis foca mais no ser humano, nos personagens. Parece que ele não se preocupa muito com a ação. A gente acaba conhecendo muito mais o ser humano, vai fundo nas personalidades. Ele escreve a parte que tem mais importância. Por isso estou dando ênfase ao falar dos personagens, por que não sobra muito da ação, do espaço físico, porque os personagens são a alma do negocio. Eu queria arrebatrar essa parte, alguém gostaria de falar ou lembrou-se de algum personagem que lhe chamou atenção, que foi significativo a atitude?

A13: Eu queria falar que eu gostei bastante da mãe do Bentinho, porque em fazer o bentinho ser padre e depois ter que renunciar.

P: Que valores você vê?

A13: Comprometimento.

P: Comprometimento com o que?

A13: Com a promessa.

P: Com a religiosidade. Você acha que ela tentou ser coerente? Quem mais consegue falar da dona gloria, o que achou dessa atitude de cumprir a promessa.

A14: Eu achei legal quando ela viu que não era o que ele queria ela não foi e obrigou ele e tal. Sei lá ela não o obrigou. Eles deram um jeito de contornar a situação, ela deixou ele escolher.

P: E que você achou desse jeito, desse argumento. Além dos argumentos, parece que um consultou o outro, como você viu isso?

A14: Ela cumpriu o que ela tinha prometido a Deus, só que ela não castigou o filho. Acho legal isso.

P: Alguém mais gostaria de falar da Dona Glória?

A15: Eu acho que a Dona Glória representa muito, qualquer mãe. Ela conseguiu contornar a situação.

P: Essa forma de resolver, como você viu?

A15: A princípio ela se sentiu culpada e depois ela ignorou X

P: Algum outro personagem que vocês gostariam de falar? Ninguém falou da Sancha, ou ela é apagada mesmo? Ela tem um compromisso? E o relacionamento de Bentinho e Sancha, de repente rolou um clima? Não quero insistir, é vocês que devem me dizer o que vocês viram. Bem, quem pode me falar de um espaço, de algum lugar onde se passou essa estória. Vocês acham que é significativo, que acrescenta para essa estória, para essa trama?

A3: X Você não presta muita atenção no ambiente, não tem muita importância.

P: Você acha que isso é coisa do escritor mesmo, não dá muita importância.

A3: Você sabe que é na casa, ate porque ele descreve a casa, mas se fosse em outro lugar não iria mudar muita a estória. Não tem muita importância.

P: Plano de fundo. Mas tem algum lugar que parece que é significativo para Bentinho?

A3: A casa X, porque depois que ele vai embora daquela casa ele constrói uma igual, era o lugar que ele conheceu Capitu.

P: Então você acha que esse espaço é significativo para Bentinho?

A3: Ele fala que esta tentando atar as pontas da vida. Quando ele constrói a casa igual àquela que ele morava quando ele era pequeno.

P: O que é isso “atar as pontas da vida”? Você pode desdobrar um pouco?

A3: Ele já está adulto, não chegou à velhice, mas a melhor a parte da vida dele para ele, é quando ele era pequeno. Ele quer manter isso com ele, por isso ele faz uma casa igual, era como se fosse uma lembrança.

P: A casa é que vai ser esse espaço para lembrança. Alguém percebeu isso também, ou gostaria de dizer. É favor, concorda? Alguém acha que espaço tem importância mínima, ou algum outro espaço algum outro lugar? / Está bem, eu acho que esgota aí. Quem poderia me falar da época que se a estória. Vocês desconfiam pela descrição, pelo jeito das pessoas, pelos assuntos? Vocês tem ideia?

A16: Tem uma parte que ele fala que ele começa a sonhar que o imperador intervinha contra de ele ir ao seminário.

P: Metade do século dezenove daí pra frente. Como você enxerga além de falar do Dom Pedro, que outros hábitos você percebeu?

A16: Eles andavam de carruagem, de cavalo.

P: [Ah sim, isso carruagem]

A16: Tinha escravos.

P: Foi justamente nessa época da abolição, da discussão a abolição. Além dessa aproximação, pelos dados que tem no livro, quem poderia falar de como é diferente o que vocês notaram de diferente entre hoje e daquela época. Quem se surpreendeu com isso, como é diferente isso. Como eles faziam? Como eles pensavam?

A12: A relação deles, de mandar na esposa, hoje não tem mais esse negócio de mandar na mulher.

P: Você acha que a mulher hoje tem mais voz? Você acha que hoje as coisas são mais na base do diálogo, como você defendeu?

A12: É muito diferente hoje a relação entre marido e mulher em relação a aquela época.

A3: Eu também achei assim, porque no livro antes de ele ir pro seminário, ele fala que quando ele voltar eles vão se casar e tal, tipo um espera o outro se fosse hoje em dia isso não seria assim. Acho que antigamente tinha esse negócio do o amor era mais “melosinho” assim.

P: Era mais romântico?

A3: É: esse negócio de esperar e acho que hoje não tem mais dessa.

P: Hoje é mais pragmático?

A3: É:.

P: Alguém mais gostaria de falar dessa relação? Esse jeito de as pessoas se entenderem, eles tinham uma mentalidade diferente? Você percebeu uma mentalidade diferente? Ou é igual hoje daquela época?

A17: Era bem diferente antes e depois.

P: Você pode me dizer um pouquinho do que você notou desta diferença? Os assuntos discutidos naquela época. O que se discutia lá hoje se discute diferente ou não se discute?

A17: A relação.

P: A relação de marido e mulher, por exemplo?

A17: Sim.

A18: Eu acho que José Dias falava que Bentinho, que Bentinho falava que não queria ser Padre, e José Dias queria que ele fizesse Direito e tal que era uma coisa de profissão mesmo né. Hoje não tem mais isso né, você faz Direito, mas porque Direito era importante? É uma coisa que pode escolher mesmo e Bentinho era pressionado, ou ele era padre ou ele fazia

Direito. Ele não podia escolher. E nessa questão do amor que era mais valorizado também o jeito que Bentinho trata essa traição sabe, era a pior coisa que qualquer pessoa pode fazer. Não que hoje seja uma coisa normal, é uma coisa ruim. Mas a visão que ele teve de matar o filho, por que não era filho dele. E mandou a mulher para Europa para ficar longe, sabe? Por que era uma coisa terrível mesmo, e hoje é mais comum, mais tranquilo. Não que hoje seja certo ne, mas hoje é visto de uma forma diferente de como era visto naquela época. A idealização do amor.

P: [era mais pelo gosto] Você acha que esse comportamento era uma pressão, não só pelo o que fazer na vida; ser Padre; ser um advogado; ser um marido assim ou assado. Você acha que existia pressão?

A18: Era muita pressão de ser a família perfeita, de pessoas perfeitas, não sei. Eu acho que existia muito essa pressão que hoje em dia não tem mais. Hoje é mais livre, posso fazer o que eu quiser, posso casar com quem eu quiser, eu acho que existia muito mais pressão antes.

P: Quer dizer que cento e cinquenta anos atrás a sociedade mudou a forma de pensar. Quem mais gostaria de falar? / Eu queria ainda saber de vocês atrás dessa estória, quando vocês assistem a um filme, quando vocês leem a uma novela, vocês percebem que não há só a estória ou só um enredo. Atrás se discute algum tema, se discute algum assunto, que assunto da pra perceber atrás de Dom Casmurro? Atrás desta trama o que será que Machado de Assis discute algum assunto? Vocês podem pegar carona no que vocês estão falando.

A19: Adultério.

P: Você acha que é uma forma de Machado denunciar o adultério na sociedade como fez o autor que a A9 (Isabela) citou?

A19: Eu acho que ele também deixa passar assim, em minha opinião, um pouco de machismo na parte dele em relação à Capitu. Eu acho que ele, como eu li o livro, é muito de opinião, e hoje com relação a adultério vai mudar. Tanto é que hoje quem tem pai junto é uma coisa assim, diferenciada. Por que hoje “ah se separou” tem madrasta, tem padrasto.

P: Porque hoje tem mais gente cuidando de crianças do que pai e mãe. Agora essa questão do machismo é interessante. Onde você percebe esse machismo, que atitudes, que situações? Ele fala o tempo todo ne, mas pode me dar mais dados assim onde esse machismo aparece?

A19: Eu acho que assim quando ele joga muito a culpa de tudo o que aconteceu no ombro da Capitu. Não se responsabilizando que ele deixou faltar alguma coisa para ela, e ele também nem sabe o que aconteceu. Mas ai ele acaba se tirando da linha de fogo e diz “não, foi ela”. Senta no rabo dele e sai.

A3: Ele também acha que ela traiu ele com o Escobar, ele fica bravo com ela e não com Escobar. E ele tem a mesma culpa que ela, se for pensar assim.

P: É sexo frágil aí. Além do machismo, qual foi o outro tema que vocês falaram?

A19: [Adultério].

P: Tem mais algum outro assunto que é discutido aí? Vocês perceberam por trás dos panos? A traição ne, adultério, machismo. Bem, se fosse para classificar esse romance, ele seria uma estória que se discute relações de antes, tem um fundo psicológico forte. Quem mais poderia me dizer sobre algum tema? Sobre algum outro tema. Um outro tema que se discute atrás dessa estória. Esse drama da Dona Glória de mandar o Bentinho para o seminário e depois recuou, quer dizer que acha momentos de opor opiniões. Isso tem alguma outra discussão, um outro tema?

A20: A religião.

P: A religiosidade você acha que tem a ver? Em que sentido você percebeu a discussão da religião.

A20: A promessa que ela fez.

P: A promessa sim. Essa religiosidade se caracteriza pelo quais formas de confissões religiosas que tem hoje na sociedade? (É treino) de cristões, cristões católicos, evangélicos. E

qual dessas confissões mais aparece aqui. Com essa coisa da promessa mais católica. Padre, seminário, isso promessa, Nossa Senhora. Parece que a sociedade naquela época era muito mais católica. Tá bem posso perguntar assim, quem não respondeu ainda e poderia. Se eu te perguntar do narrador, o que você acha desse cara? Quem pode falar do narrador? Como ele se coloca?

A20: [Promessa] [padre, seminário].

A21: Ele espera que o leitor seja interpretativo, mas do ponto de vista dele na estória toda. Ai fica ao seu critério. Só tem o que ele acha.

P: Isso favorece muito, já que ele faz as defesas, ele que é o centro da estória, ele que narra. A gente acredita mais nele. E se vocês fossem classificar esse narrador como profissional, que profissão ele teria? Pelo jeito dele?

A20: [Só na versão dele].

A19: Advogado, ele tenta te convencer.

P: E quando ele olha para o leitor, o que ele espera do leitor.

A19: Ele é como se fosse o juiz, e tenta te convencer sobre o culpado.

P: E como ele vê o leitor do ponto de vista da compreensão, do entendimento da sua estória, do seu conflito. Ele espera que o leitor entenda, ele espera que o leitor seja um sujeito que interroga ou é meio atrapalhado?

A21: Eu acho que é meio atrapalhado, porque se ele diz que prefere ter poucos leitores, mas leitores bons para entender o livro.

P: Ele fala isso Memórias Póstumas, mas isso mesmo. Parece que manipula o leitor do jeito que ele quer e parecer ser fácil né. Quem mais poderia me dizer essa estória parece real ou ela logo parece ficção? O que você acha? Parece que isso poderia acontecer mesmo?

A20: Acho que sim.

A22: Eu não acho que seria verdade.

P: Você não acha isso seria seria uma invenção? Ou é tudo ficção mesmo? Mas poderia acontecer? Te convenceu de que os fatos parecem reais?

A22: Anham.

P: Alguém concorda com A22 (Fernando) que essa estória parece real? O que você acha?

A3: Eu acho que parece real, traição acontece.

P: Te convence, como o que por exemplo?

A3: Eu acho que pode ter acontecido com ele ou com mais. Eu não acho que seja so invenção, entendeu?

P: As dificuldades das pessoas são reais?

A3: Tipo nos dias de hoje é mais normal acontecer esse negocio de traição, mas eu acho que ele querer mesmo ate tentar se matar, ou matar o filho pode ter acontecido.

P: Convince né? Quem mais pode falar? Algum fato assim “nossa, parece real!”. É, está bom! E quanto à linguagem do livro foi difícil? Em que sentido, havia palavras difíceis? Você precisou muito ir ao dicionário?

A22: Foi, anham.

P: Você se lembra de alguma palavra?

A22: Não.

P: E assim quanto a ler a estória?

A22: Ah não, foi só algumas palavras que enroscou.

P: E quanto ao contexto da época, cento e cinquenta anos né.

A22: A gente já leu bastante livro também dessa época e acaba acostumando, senão teria se perdido um pouco.

P: De forma geral então não é difícil?

A22: Só algumas palavras que dão uma enroscada.

P: Alguma ação, alguma referência que chama a atenção de vocês?

A23: A forma de pensar.

P: O que chamou atenção de vocês?

A23: Eu não sei se cheguei a entender assim, ela consegue seduzir muito fácil. A (ressaca do ar), ela não consegue ficar bêbada. Ela consegue, tanto é na traição ela que faz tudo né. Então Escobar foi uma vítima em Dom Casmurro.

P: Uma forma de ele manipular.

A23: Alguma outra expressão chamou atenção de vocês, mesmo que vocês não tenham entendido. Alguma coisa que ele falou? Bem, ainda dentro desse estilo, dessa coisa mais formal. A fala dos personagens chamou atenção de vocês? Eles falam diferentes ou falam iguais?

A24: São bem formais, até mesmo na família.

P: Por exemplo, você pode dizer uma citação?

A24: A conversa quando ele fala com a família dele, ele falando com a mãe dele. Não é igual quando eu falo com minha mãe em casa.

P: Quem poderia dizer o jeito do escritor de ele narrar essa história, o jeito de ele escrever, vocês acham que ele escreve bem, acha que ele jeito escreve do jeito que vem na mente, ou é pensado? Como foi isso?

A24: A história é muito bem construída, talvez se fosse outra pessoa escrevendo talvez fosse muito mais “entediado”. Acho que a gente não iria aguentar ler a história escrita do jeito que ele escreve. Parece que é fácil escrever assim.

P: A impressão que dá quando um aluno toca um instrumento na sua frente, você apreço que sabe tocar, mas quando vai ver não é assim. Não é tão fácil. Quer dizer ele é muito bom porque ele consegue prender. Tá, alguém que não falou ainda? Esse final te deixou triste, ansiosa, angustiada, alegre ou infeliz? Meio triste? Por quê?

A25: Porque é diferente X

P: Ficou triste? Você mudaria o final dessa história? (Alisson)

A26: Ah eu daria, sempre no final de um romance tem um final feliz.

P: Você daria um “*happy ending*”?

A26: Os dois voltariam a ficar juntos, o Bentinho reconheceria o filho.

P: Certo, o que você diria do autor, do Machado de Assis. Quem poderia falar? Quem pode falar alguma coisa do autor? / Eu queria saber de alguns de vocês o que acharam de fazer uma avaliação, de discutir a obra em forma de entrevista?

A25: Eu achei bacana, porque você pode expor seu ponto de vista, mas você sabe que alguém pode te contradizer. Você tem que ter argumentos, uma base para poder falar.

P: Quem mudou a opinião que tem depois que leram tinha uma opinião, agora com a entrevista mudou a posição.

A3: Essa foi a segunda vez, da primeira vez uns quatro anos atrás, eu achava que a Capitu era inocente, agora não acho mais.

P: Alterou um pouco por causa da nossa conversa?

A3: Depois da segunda leitura.

A26: Existe uma teoria falando se ela traiu ou não?

P: Nossa, tem um monte de críticos. Alguém falou é “um ponto de vista de Bentinho”. Tem muita gente que fala os ciúmes que Machado tinha da mulher dele ele passava para Bentinho. Bentinho também seria doido, né. Ele seria meio covarde né, ele que narra a história.

II Unidade. Colégio Estadual da Warta

I. Dados sócio-econômico-culturais (perfil dos alunos pesquisados).

II. Questões (em nº 4) descritivas acerca das impressões da leitura. E mais uma questão objetiva.

III. Entrevista individual com seis alunos em cada unidade, na qual cada aluno respondia a questões sobre uma das três obras lidas na escola: *Dom Casmurro*, *Helena* e *Memórias Póstumas de Brás Cubas*.

IV. Entrevista coletiva com a turma que leu uma das três obras escolhidas (Idem item de nº 3).

Turma: 2º A - O sexo

sexo	Nº de alunos	percentual
Masculino	03	50%
Feminino	03	50%
Total	06	100 %

A idade

idade	Nº de alunos	percentual
15=	02	33%
16=	02	33%
17=	01	17%
18=	01	17%
total	06	100,00

A renda familiar

classe	Rendimentos da família, em salários.
A – mais de R\$ 12.000,00	Mais de 20 \$alários
B – entre 6 e 12 mil	10 a 20 \$alários
C – entre 3 e 6 mil	5 a 10 \$alários
D – R\$ 1.800,00 e R\$ 3.000,00	3 a 5 \$alários
E – entre R\$ 600,00 e R\$ 3.000,00	

Turma: 2º A - Distribuição dos alunos de acordo com as cinco classes:

classe	Nº de alunos	percentual
A	00	00,0%
B	01	17,0%
C	04	66,0%
D	01	17,0%
E	00	00,0%
Total	06	100 %

Turma: 2º A - A escolaridade dos pais

Nível de escolaridade	pai		mãe		responsável
	Nº	%	Nº	%	%
Analfabeto	—	—	—	—	—
Indefinido	—	—	—	—	—
Ensino fundamental incompleto	—	—	—	—	—
Ensino Fundamental completo	—	—	—	—	—
Ensino Médio incompleto	—	—	—	—	—

Ensino Médio completo	–		–		–
E. técnico					
Graduação (faculdade) incompleta	–		–		–
Graduação completa	01	17%	01	17%	–
	02	33%	01	17%	–
	–		–		–
			01	17%	
Total	03	50,0%	03	51%	–

Turma: 2º - O que você faz em seu tempo livre?

Atividade	Frequência
Joga futebol	01
Sai com os amigos	01
Namora	02
Lê	01
Descansa	02
Estuda	01
Navega na internet	01
Assiste a programas esportivos	02
Treina	01
Vai ao shopping	01
Vai ao clube	01
Vai ao sítio com a família	01
Vai ao cinema	01
Visita a família	01
Aproveita para cuidar mais de si	01
Pesquisa a vida de Luan Santana	01

Turma: 2º - O que você gostaria de fazer em seu tempo livre e não pode?

Atividade	Frequência
Sair com os amigos sempre	01
Viajar	02
Um curso	01
Jogar tênis de mesa	01
Sair mais	01
Correr atrás do meu sonho (cantar)	01
Conhecer Luan Santana pessoalmente	01

Colégio Estadual da Warta

II. Questões descritivas acerca das impressões da leitura

- O que você achou do livro e quais as impressões que você pode descrever agora sobre a leitura?

1. *(Eduardo)* Primeiro elogiar Machado de Assis por ser um digno escritor. Achei uma boa história até parece que estamos envolvidos na história. A primeira impressão é que o livro começa com um defunto autor que é muito interessante. Até onde vai a imaginação do escritor.
2. *(Gabriel)* Eu percebi que a história é em geral muito lenta. Mas pelo que li é interessante, pois ele exprime muito bem todas as sensações, sentimentos, detalhes.
3. *(Ingridy)* Helena é um livro que em si o começo não o prende ao livro, pelo menos não a mim, mas, a partir do momento em que ela se interessa pela casa da bandeira azul, que chamou sua atenção, e causa assim um leve desconforto em Estácio, fica interessante. É uma obra que consome e conquista aos poucos, faz com que você queira saber como termina o quanto antes. Machado de Assis quis passar, na minha opinião, que amores proibidos acontecem, não somente com homens casados que tem amantes, mas também entre irmãos, porém são irmãos que não cresceram juntos, se conheceram já formados, e faz com que o leitor indague e questione o que é certo ou errado perante os homens e Deus.
4. *(José)* Começarei com Dom Casmurro achei o livro muito bom achei muito bem montado com um enredo espetacular e que faz o leitor ficar vidrado a cada página. Memória Póstumas de Brás Cubas uma obra que marca o início do realismo que faz uma coisa esplêndida com o leitor faz as pessoas se fascinarem e uma viagem e uma viagem épica numa história contada por um defunto-narrador dedicada aos vermes, que amei.
5. *(Juliana)* Achei que a obra seria mais romântica e não triste como foi que Helena morreu no final da história, pensei que ele iriam viver uma história de amor, mas as circunstâncias não deixaram.
6. *(Michelly)* O livro em alguns momentos mostrou uma linguagem um pouco complexa, entretanto não foi o suficiente para interferir ou prejudicar a leitura ou compreensão do texto. Com a leitura da história minhas impressões foram que o autor, muitas vezes não se preocupava com a minha opinião, com a quantidade de leitores dentre outros. Também tive a impressão que o personagem principal (Brás Cubas) passou por muitas desilusões e frustrações durante toda a sua vida profissional, particular e principalmente, amorosa.
7. *(Natalino)* Eu achei um livro muito bom, uma história muito realista, pois o que o autor conta é uma coisa comum. O autor procurava contar a história de um modo fácil para se compreender, descrevendo todos os detalhes e sentimentos perfeitamente.
8. *(Rita)* Não escreveu.
9. *(Vitória)* Bem na verdade o começo do livro é bem assustador, pois como pode um morto ressurgir das cinzas? E contar a história da sua vida em um livro? É um pouco bizarro, mais o livro é bem interessante. A vida dele várias surpresas, é complicada ao mesmo tempo. Teve de tudo um pouco, amores, romances, traição, intriga, drama e etc.
Colégio Estadual da Warta

- Escreva um resumo do enredo ou da história.

1. *(Eduardo)* Não escreveu.
2. *(Gabriel)* Não escreveu.
3. *(Ingridy)* Quando o velho conselheiro Vale morre, declaro em seu testamento que possui uma filha, Helena, e que adoraria que a moça fosse morar com seu filho Estácio e sua irmã Úrsula. No começo o único animado com a ideia é Estácio. Com o tempo Úrsula também começa a gostar da menina. No aniversário do irmão Helena lhe dá de presente uma pintura pelo qual se apaixona. Era uma casa velha com uma bandeira azul em um mastro. Com o passar do tempo veio um amigo de Estácio, passar alguns dias com ele, esse se

chamava Mendonça. Mendonça com os dias que correram se apaixonou por Helena, do qual fica noiva. Helena tinha por rotina sair a cavalo com um pajem todas as manhãs e visitar uma casa, a casa da bandeira azul, Estácio curioso, pelo motivo que ligava a garota a casa foi verificar, foi quando conheceu Salvador com quem teve uma curta conversa. Quando volta a casa pergunta a irmã, quem era e qual a importância daquele homem ela não responde. Então Estácio volta a casa do homem, com o padre e amigo da família Mechior, que lhe conta tudo. Contou que Helena era sua filha, com uma moça pela qual se apaixonou perdidamente, de nome Angela, porém um dia ele teve que voltar para casa de seu pai, donde fugira após o pai ser contra o casamento, pois seu pai havia caído de cama, quando retornou encontrou Angela casada com Vale, pai de Estácio, que o partiu daí torna-se pai da menina. Estácio pasmado com a notícia, e volta para casa, onde encontra Helena acamada por recusar-se a comer, ela acha errado mora ali já que todos descobriram a verdade, mas eles não permitem que ela vá. A garota adoce terrivelmente e acaba por morrer. Quando acontece o velório é quando Estácio a beija pela primeira vez. E assim ele casa-se com Eugenia, cumprindo assim a vontade de Helena.

4. *(José)* Dom Casmurro é um apelido dado a bentinho que cresceu melhor amigo de Capitu sua namorada e futura esposa, bom bentinho ia ser padre por conta de uma promessa de sua mãe ele chega a ir ao monastério conhece Escobar de quem desconfia de um caso com Capitu. Bom bentinho e Capitu tem um filho Isac que morre quando vai estudar para o exterior Capitu morre na Suíça e Bentinho tem certeza de seu caso com Escobar pois Isac era cópia perfeita de Escobar. Isac é como o lenço de Desdemona em Otelo e Escobar é como amante de Desdemona e bentinho é como Iago e culpado por ele aproxima Capitu de Escobar.
5. *(Juliana)* A história se passa no interior da cidade de Andaraí, lá vivia o Conselheiro Vale, pessoa bem admirável por todos e de boa posição social. No dia 25 de abril de 1859 ele faleceu devido a um infarto fulminante, deixando um filho Estácio de 27 anos e uma irmã já senhora que é a Dona Úrsula que cuidava da casa deles. Passado alguns dias da morte do Conselheiro, o filho e o advogado da família, Dr. Camargo abriram o testamento, e o testamento revelou que ele tinha uma filha que se chama Helena, ela tinha 17 anos e que ele recomendou que Helena tivesse direito da parte da herança deixado por ele e que ela deveria fazer parte e conviver com a família. Obedecendo a vontade de seu pai, Estácio levou Helena para morar com ele e a tia. Passado algum tempo a jovem Helena conquistou a confiança de seu irmão Estácio e de sua família. Estácio ficou noivo da moça Eugênia, filha de Camargo que por sinal se tornou amiga de Helena. Helena tinha um fiel amigo, Vicente, o serviçal da casa e protetor de Helena. Tendo passado algum tempo, Estácio descobriu que Helena na verdade não era filha do conselheiro e sim de um gaúcho chamado Salvador que era casado com sua mãe. Salvador teve que voltar para o Rio Grande do Sul pois seu pai, avô de Helena, tinha falecido, quando voltou, descobriu que a mãe de Helena tinha se envolvido com o conselheiro e decidiu se manter afastado. Assim o conselheiro adotou Helena como filha e a incluiu em seu testamento. Estácio disse que isso não iria mudar em nada o fato de Helena continuar sendo sua irmã o mesmo aconteceria em relação aos sentimentos. O pai de Helena foi embora deixando uma carta dizendo que não queria ser uma dificuldade na vida dela. Helena ficou triste e arrasada, pouco tempo depois ficou doente e cada vez piorando mais seu estado, nenhum médico conseguiu descobrir o que a moça tinha e cada vez aumentando o sofrimento da família. Estácio não ficou e nenhum momento longe de Helena, sempre doando seus carinhos e cuidando. Helena foi ficando cada vez mais doente e não aguentou acabou falecendo para a tristeza da família. Após a cerimônia fúnebre Estácio ficou só com a amada já morta, entendendo assim que o grande amor de sua vida não foi Eugênia, sua noiva e sim Helena, sua suposta irmã.

6. *(Michelly)* A história é uma biografia, incluindo praticamente todos os passos e situações do personagem. Brás Cubas sempre quis que sua ideia (emplasto) se concretizasse, funcionasse, mas infelizmente isso não aconteceu – sendo essa mais uma frustração dentre tantas que ele teve em sua trajetória de vida. Ele se apaixonou por uma prostituta e gastou com ela grande parte do dinheiro de seu pai, que o mandou para o exterior para que Brás Cubas estudasse e fosse um homem que causasse orgulho ao seu pai. Porém não foi tudo como seu pai esperava, em toda a sua vida, Brás Cubas não teve filhos, não casou-se, não realizou o objetivo do emplasto, enfim, não teve uma vida como ele e toda a sociedade gostaria de ter. “Não tive filhos não transmiti a nenhuma criatura o legado de nossa história”
7. *(Natalino)* A história fala de dois adolescentes que se amam embora no início este relacionamento tenha algumas dificuldades de conseguirem casar-se, mas o melhor amigo de Bentinho se relacionou com sua esposa. Bentinho mandou sua esposa para a Europa depois que seu amigo morreu.
8. *(Rita)* Não escreveu.
9. *(Vitória)* O livro começa por um defunto-autor contando sua própria história da sua vida. Ele começa a contar desde a sua infância era uma criança mimada pelos pais e tinha tudo o que queria na sua adolescência. teve sua paixão Marcela a “espanhol”, lhe dava tudo e com isso foi perdendo uma boa parte de sua herança. Seu pai queria que ele viajasse para ele cursar a faculdade, ele queria que Marcela fosse junto, mas ele foi sozinho depois de algum tempo que ele voltar porque sua mãe estava para morrer. Voltou seu pai lhe propôs uma carreira política e o casamento com Virgília. Não aceitou no começo teve um romance com uma moça mais abandonou porque era coxa e estava para casar com uma mulher que acaba morrendo de febre amarela. Aceitou o acordo com seu pai. Virgília se casou com Lobo Neves na qual Brás Cubas viveu um romance proibido. Inicia a carreira política com Neves como seu secretário, mais acabou por uma boba superstição e juntou-se com seu amigo Quincas para o Humanismo depois com a morte de Borba ele morreu com várias alucinações.

Colégio Estadual da Warta

- Elabore um texto crítico a respeito desta obra. Faça comentários, avalie, opine, critique a obra sob os mais vários aspectos.
1. *(Eduardo)* Não escreveu.
 2. *(Gabriel)* Como a obra é muito antiga contem muitos termos desconhecidos, pra mim não existe obra ruim, todas são boas.
 3. *(Ingridy)* Foi um pouco difícil de ler uma obra de Machado. Havia palavras que eu nem sequer ouvi falar uma única vez, confesso que algumas nem no dicionário encontrei. É uma obra muito bem escrita, elaborada e decerto modo aborda a realidade. Estácio por exemplo ama Eugênia, mas quando conhece Helena e o padre Melchior indaga-o se a ama, e ele perplexo, prefere não acreditar em tão absurdo que soa até incestuoso. Contudo entre todos os livros que já li, confesso que foram poucos, foi o que eu menos me interessei, porém foi pelo qual mais me apaixonei.
 4. *(José)* Eu faria um final mais trágico como de Hamlet. Eu como um apaixonado de Shakespeare acho um ponto positivo a história assemelhasse com Otelo e é muito boa pois o autor não se preocupa com a opinião do leitor. E isso torna o livro muito interessante bom seria melhor se todos morrecem mas assim esta ótimo.
 5. *(Juliana)* Acho que o final deveria ser mais emocionante apaixonado, pois o Estácio só revelou a si mesmo o amor por ela, quando ela morreu. Não gostei das atitudes que o fazendeiro pai de Helena fez com ela. Eu não gostei do advogado Dr. Camargo pois acho que havia interesse da parte dele na herança e com o casamento da sua filha.

6. *(Michelly)* Ao meu ver essa obra de Machado de Assis é muito interessante porque é uma biografia, diz tudo sobre a vida de personagens – o que faz com que o leitor busque o máximo de compreensão possível. É necessária muita atenção (devido a linguagem que o autor faz uso); porém, em geral, a obra me agradou muito. A história nos faz lembrar e relacionar com os acontecimentos que atualmente ocorre com muitas pessoas – com a questão do preconceito, das dificuldades de uma família, traição, dentre outros.
7. *(Natalino)* É uma obra boa, porém o autor é um tanto debochado perante o leitor, em algum ponto isso é bom pois incentiva o leitor a querer sempre terminar de ler o livro. O final do livro deixou a desejar mas a história é boa.
8. *(Rita)* Não escreveu.
9. *(Vitória)* Bom a obra de Machado de Assis, é uma obra meio complicada de entender, mais tem seus pontos críticos. Na obra o autor do nada para para conversar com nós leitores e as vezes ele deixa de falar para começar um outro assunto do nada. E em vários capítulos ele só usou pontos, e não escreveu nada. Mas gostei do livro. Por ele ser bem detalhista em algumas partes.

Colégio Estadual da Warta

- Por meio desta narrativa, o que você acha que o autor discute, ou seja, que temas são abordados por ele? Faça comentários a partir deles.

1. *(Eduardo)* Não escreveu.
2. *(Gabriel)* Não escreveu.
3. *(Ingridy)* Ele aborda temas um pouco delicado, como amor, talvez incesto, família, adoção, morte. Ele trata do amor referindo-se a Estácio e Eugênia, Salvador, Angela, e Vale e Angela, que são todos perdidamente apaixonados um pelo outro. O incesto ocorre quando Estácio acredita estar apaixonado pela irmã. A família, em si, é todo o carinho todo afeto, paixão e cuidado ao qual ele fala trata também da adoção de Helena e reconhecimento como filha do Vale e a morte trágica da garota, por sofrer tanto por algo que acha errado.
4. *(José)* Dom Casmurro aborda em seu início uma família unida com sintonia e muito bem introzada. Depois um amor adolescente de amigo. Depois de um casal em que a espoza se torna adúltera. E seria melhor se todos morrecem tragicamente.
5. *(Juliana)* Acho que política que quando Estácio é chamado para trabalhar com política.
6. *(Michelly)* Os temas abordados pelo autor são: a) traição, que acontecia naquela época (mesmo que não tão comum como hoje), não era vista com bons olhos, a sociedade criticava muito esse ato; b) o valor da família tendo um grande destaque na obra – quando se trata de Virgília e sua família, na questão: “Brás Cubas x família” –ou ela ficava definitivamente com Brás Cubas ou renunciava esse romance e continuava com sua família. c) política, que na época era o caminho para o sucesso de um homem.
7. *(Natalino)* O texto fala um pouco a respeito de algum escravo e das diferenças raciais de um personagem para outro.
8. *(Rita)* Uma obra que é dedicada aos vermes que faz o leitor viajar nas ideias de um defunto.
9. *(Vitória)* Ele faz questão da política que na política era a melhor carreira que um homem possa ter. Romance ele tem vários paqueras, muitos romance pela sua vida. Mais seu único amor foi Virgília. Traição ele tem um romance proibido com uma moça, e ambição pelo dinheiro, ele queria toda a herança do pai e na sua carreira da vida teve uma boa condição financeira, mais não teve filhos.

Colégio Estadual da Warta

Um quadro sobre a questão objetiva, nº 5, presente no item 2.

Questões objetivas acerca da leitura do livro: O que achei do livro?		
1	Adorei	02
2	Gostei	02
3	Achei interessante	01
4	Não me interessou	00
5	Não gostei	00
6	Odiei	00

Colégio Estadual da Warta

Entrevista individual I

Obra: *Dom Casmurro*

P: Você... José né?

A22: Sim

P: José você leu então?...

A22: *Dom Casmurro*.

P: Dom Casmurro, e é sobre esse que você vai me falar né. É... me diga assim, espontaneamente, quais foram as impressões que você teve lendo essa história?

A22: Ah é uma história que te prende bastante pelo contexto né. Porque lá ele é um menino que conhece uma menina bem pequenininha, vão crescendo, a mãe dele queria pagar o negócio da promessa lá, aí ele conheceu o pai dele, aí ele fez um família, tem um agregado... e assim, no começo é que eu achei mais interessante, mas eu fui lendo assim e fiquei pensando... porque ele é muito ele, tipo ele vai muito por ele, ele num vai querer agradar, ele num vai tipo pra... ele vai por ele, ele quer que você leia e interpreta o dele.

P: Você fala do autor?

A22: Do autor, isso aí ele... tipo assim eu gosto muito da parte dos verbos lá né... aí que o menino pergunta pro Jarbas, que o Jarbas fala para os meninos lá o que eles leram, mas numa sabiam o que eles leram, aí... mas eles num entenderem o que eles leram, mas ele perdeu aquele pedaço né, foi aquilo lá que me chamou a atenção, vou ter que ter... precisa de muita atenção para quem enxerga as partes... a sei lá né, aquilo prendeu bastante na minha cabeça aquilo lá

P: Te chamou atenção?

A22: Chamou bastante, aí achei que enlaçou no fim, sei lá né, no mesmo tempo eu acho que assim né, porque ele num passou do tempo, acho que o tempo passou dele né, porque ele é bem foda né, porque ele num tem esse negocio de cronograma, porque ele fala uma coisinha, depois ele volta, depois ele vai, uma coisa muito....

P: Fora do normal?...

A22: É, num sei como explicar, achei bem legal, bem interessante.

P: Ele desloca um pouco né...

A22: É, isso até prende mais a gente, porque qualquer livro que você pega assim, você vai muito seguindo a linha, prende mais a gente, é mais interessante.

P: Você falou que num entendeu muito bem a coisa dos vermes...

A22: A coisa dos verme é, eu num entendi muito o que que foi, porque me chamou a atenção aquilo lá.

P: Pelo fato dele ele falar em verme, que é uma coisa repugnante, você acha que ele foi, que ele queria debochar, o...

A22: As vezes até criticar mais.

P: O que que ele acha do ser humano, falando em verme.

A22: Ahh ele queria saber o que que tava na nossa cabeça né, que é uma coisa sei lá... interessante.

P: O velho rói...

A22: É, e eu gostei da parte, da parte da vida é um ópera, só que eu num entendo muito de ópera né, eu sei que tem dois soprano...eu gostei muito daquela parte também... ele é uma cara bem foda assim, porque eu sei que ele explica as partes e , sei lá, ele sabe levar você na história, aí né, acho que ele vai pro seminário lá, aí tem o amigo dele, aí tem a coisa do amigo dele, aí do final né... aí ele despacha ela, ela via pra longe mas...ai vem a questão, eu tava aprendendo filosofia né, eu leio bastante filosofia né.

P: A é? O que você lê de filosofia?

A22: Ahh eu leio muito Nietzsche...

P: A é? Ahhhh.

A22: Porque também né... foda.... aí né, eles tavam fugindo um pouquinho, eu fiquei um tempo sem ler, aí eles tavam fugindo um pouquinho, aí caralho, daí eu fiquei pensando, caralho, mas o Escobar fica com a Capitu, como vai ter caráter né.

P: Certo.

A22: É que minha mãe, minha mãe lê bastante, só que ela tem lá “O Cortiço” os negócio lá né, ela tem umas coisas lá assim... e ai eu fiquei pensando, que foi um tratamento assim que eu aprendi bastante assim, o que eu precisava entender, foi...

P: Uma das coisas que ajudou você entender melhor, entender o que?

A22: Ahh, entender mais a questão do caráter, porque tipo assim, tem aquele negocia da amizade né, você tem um amigo e tudo, se você tem um caráter bom assim, você num vai ter um filho com a esposa do seu melhor ami... um dos melhores amigos dele né, do seminário, e outra, num é qualquer pessoa, num é uma esposa que de repente é uma esposa, é alguém da vida dele, que vem de pequene, ele acabou brincando, ele pegou o negocio do muro lá, aí ele são desde de pequeno... que o cara lá já preveu toda aquela história de namoro.

P: Uhum.

A22: Aí o cara vai, e bem mais cagada dela também, mas tudo bem.

P: Você achou que, foi insuficiência de caráter?

A22: Ahh nem tanto porque... ahh é num negócio que dura tanto né

P: Então você acha que ela traiu mesmo.

A22: Ahh é que assim, é que minha mãe falava, eu falei com ela bastante, daí ela assim, ela só falou assim ó, mas ele só teve um filho que num sei o que, então essa parte, que eu gostei muito dessa parte né, sobre tudo com ela, daí eu fui comentando... bem na parte que eu tava brigando sobre isso... por questão né

P: A coisa do caráter balançou você?

A22: Ah um pouquinho né, daí eu pensei até mais, até voltei no Nietzsche daí né

P: O que que você leu do Nietzsche?

A22: O que eu li? Eu li o Zaratustra, o Nietzsche para estressado... E eu fui estudando a autobiografia dele também.

P: Uhum.

A22. Que, o século também passou por ele assim né, por que ele duvidava da... de bastante coisa né, igual a família dele era de pastor né, mas ele num era pastor, ele nem gostava de religião né... aí ele foi quebrando as coisas, aí você vê que o livro dele assim, no toma coisa muito falada, daí eu peguei um livro dele que tava pra lá né, aí tava assim: “um livro para todos, um livro para ninguém” aquilo lá foi muito interessante porque lá eles são muito eles... eu num conheço muito o Machado, mas eu achei que parece muito ele e o Nietzsche...

P: Desculpe José, você estava falando então, isso, que eles tinham...

A22: Um vínculo bem forte, que eles eram bem influenciados...

P: Sim.

A22: Assim, mas naquela, é que num foi a data né, mas acho que naquela época num era época, acho que tinha bastante guerra, tinha bastante influência num é não?

P: Sim

A22: Mas na Europa tinha bastante influência também no mundo inteiro também né.

P: Aham

A22: Por que tipo... ela assumiu um compromisso quando ele nasceu só que ele não queria descumprir esse compromisso, só que ela também num queria abrir mão dele.

P: Certo

A22: Ele tipo, ele falava que num tinha vocação para ser pai.

P: Sei.

A22: Só que num acho que era por cause disso, eu acho que tinha alguma coisa fora da igreja nele também.

P: Uhum

A22: Que era a Capitu né

P: Muito forte o vinculo com a Capitu.

A22: Daí depois que ele descobriu que ele gostava então...

P: Foi de uma vez.

A22: Foi de uma vez, daí num...

P: E como é que você vê essa... essa seriedade da Dona Glória, e até dos outras lá, do José Dias e a preocupação do Bentinho em relação a igreja e a religião em vista do que se vê hoje... isso mudou muito?

A22: Ahh deu até uma mudada, porque antigamente eles iam na missa e prestavam atenção naquilo que o padre falava... tipo assim, num tinha aquela assim: ahh hoje você vai na missa?" tipo a gente vai... toda a primeira missa do mês, a missa é grupo de idosa, a gente vai lá, aí você olha pro lado aí tem um rapaz conversando, aí, os mais metidos tão prestando atenção no padre, aí tem uns muleque lá que fica fuçando no celular, tem uns que fica meio que... meio que longe... num presta atenção naquilo alí, tipo... tem uma coisa que eu acho meio que fica meio duvidoso, porque as próprias pessoas tem hora, mas num tão nem aí com nada né, num leva a serio, eu até acho fala de respeito né, porque tipo, o padre ta falando e a pessoa tá sentando.

P: Uhum

A22: Aí tem gente que num sei, sai no meio da missa, muitas coisas assim, falta de respeito para manter no mesmo lugar... antigamente não, antigamente tinha mais respeito, ia por que o pai e a mãe mandava eles ir, mas eles iam e prestava atenção, mas hoje a pessoa num age certo né.

P: Tem um comportamento diferente né.

A22: É, porque se for uma tradição familiar, alguma coisa assim de manter a tradição, é claro que algumas coisas vai ficar ultrapassada, mas umas coisas assim de respeito... por que assim, quando a gente cresceu, eu e a minha irmã né.

P: Ahm

A22: Eu ia com a minha mãe e tipo assim, a gente ia na igreja e ficava na igreja, então, lá em casa assim, a gente vai, e vamo todo mundo junto ainda, então minha mãe, até meu padrasto e meu pai eles se fala, eles num precisa a gente fazer sem, sabe assim... você vê que tem uma autoridade mais assim, você já vai ensinando... hoje a pessoa num ta nem aí, num respeita a mãe o pai né.

P: Uhum

A22: Sei la, tem gente que po né, num obedece o pai e a mãe que tem, e falta muito isso, falta muito respeito até hoje.

P: Certo, entendi.

A22: Vão perdendo os valores.

P: Tá... o que você achou do narrador dessa história? Quem que é o narrador?

A22: Narrador, narrador...

P: É, quem que narra essa história? Quem que conta, você lembra.

A22: Só na mente não, tinha um narrador que... eu lembro que eu num entendia uma coisa daí eu voltava, daí eu lida de novo, de novo, de novo... daí eu ficava pensando, tipo... quem que é o narrador dessa história?, num sei, eu deixei passar um pouco. Daí eu posso ler de novo e prestar mais atenção por que isso passou...

P: Ahh assim, se você lembra... Você acha que foi um... Muitos personagens para um personagem que era narrador nessa história...

A22: Hum eu num sei, eu lembro que eu li do lado da rodoviária, ou na linha do trem... bom com todos as partes eu acho que o autor fala mais pelo Bentinho né.

P: É?

A22: Daí o autor que fala eu acho que é o Bentinho né, porque você vê que ele dá tia... aí ele falou assim, mas é o Bentinho e num sei o que, eu acho que é o Bentinho.

P: E quando ele fala da Capitu?

A22: Da Capitu, do vestidinho dela, do sapatinho dela... acho que num a fala nada né, do sapatinha dela, do vestidinho dela... acho que ele forca bastante em... como que diz, o Machado tipo assim, eu achei que sei qual, mas você identifica o Narrador pelo trecho né, mas não que eu prestei muita atenção no que ele faz, do jeito que ele faz....

P: E considerando já que você lembrou, já que é o Bentinho que conta a história, o que você acha, como é que ele se relaciona com o leitor?

A22: Eu acho que tipo assim... ele num tenta agradar, ele num tem essa preocupação, aí uma coisa que é legal né, ele num tem essa preocupação de te agradar né.

P: Aham.

A22: Você vê assim que essa parte que ele também usou, ele até brinca com a gente... porque tipo assim, se ele fosse te agradando, você num ia ficar meio que lá né, mas como ele vai brincando, ele vai te enganando, vai entrando no jogo dele, ele num dá muita bola... você vai viciando, como se fosse um bandido, quanto mais você pega mais você vai atrás.

P: (risos)

A22: Ai você vai indo, vai indo, e aquele negócio vai ficando viciante para você

P: Certo... é... essa história assim para você pareceu real que podia ter acontecido, ou você acha ela meio absurda?

A22: Num é absurda não porque possivelmente podia ter acontecido essa história com alguém, não parte do seminário assim, vamos supor, você tem uma amiga, passa para melhor amiga, daí de melhor amiga vaia vai para namorada e para esposa, pô daí chega um amigo seu... tipo daí ele vai, vai, daí os dois vai daí comete o adultério com o amigo né.

P: Sei.

A22: Daí tem um filho né, daí você suspeita muito deles, acho que essas coisas num é muito difícil de acontecer não.

P: E te convence a história? Te convenceu?

A22: Ahh convenceu bastante, eu to gostando muito.

P: Como é que foi... como é que é ler? É difícil?

A22: Ó, não tanto.

P: A linguagem.

A22: As vezes tem umas palavras que você num acha, mas ta lá em baixo né.

P: Sim, no rodapé.

A22: Num é uma coisa difícil, mas acho que é uma coisa assim tipo... como é que eu vou explicar pra você?... É uma coisa meio que distante, sei lá, que você vai querer saber cada vez mais.

P: Vai desenvolvendo?

A22: Você vai desenvolvendo muito, vai te prendendo, vai te prendendo, você pode até num gostar, mas ele te prende de uma forma que “Ah eu num vou ler mais, mas deixa eu só ver esse pedacinho aqui que ficou para trás”, é uma história bem convincente pra caramba que faz o leitor ficar nela que você num tem mais...

P: Você num acha que esse é o mérito do narrador ou do próprio autor?

A22: Ahh é o jeito dele né.

P: Você acha que ele sabe desenvolver o negócio?

A22: Ahh ele tem... ele tem um dom né, ele é um cara sabe escrever, que sabe fazer você pensar, sabe brincar com a sua mente...

P: Você tem a impressão de que essa história poderia realmente ter acontecido?

A22: Poderia né.

P: Aham, tá... é, o que você achou do final do livro?

A22: Eu achei que, da pra saber que ele desconfia né, no fundo, no fundo eu acho que ele tinha certeza, porque quando tava ou não, você fica com o pé em cima, e como ele tinha certeza, ele num podia falar com a Capitu... ele pegou e mandou ela pra longe, mandou o filho pra longe, ela morou longe dele e tudo... então acho que ele ficou meio desgostoso né, um final meio que assim... eu achei um final bom até... O Bentinho sabia, tipo ele sabia... só que ele falou que suspeitava... e ele tipo, até você sabe que não, que ele num tinha cometido, ele já sabia... foi um final assim que... acho que vai ser bom...

P: E que impressão que dá, já que você tá fazendo meio uma prévia, que sensação tá te dando isso? De tristeza...

A22: Ahh um desânimo... como é que fala... ahh decepção através dele, dele com ela, ou com o amigo dele... vai ver até uma decepção de tristeza que ele confiou nela, e confiou nele, e num foi retribuído pra ele né, essa confiança.

P: Tá.

A22: Meio que num sei né.

P: Ah, você nem terminou de ler então.

A22: Não, exatamente não, mas da pra...

P: Da pra concluir mais ou menos?

A22: Vai indo assim, você sabe.

P: Uhum, você mais ou menos desconfia de como termina?

A22: Ahh vamos ver... ó, o José já é velho então que acho que ele morre só que ele morra, então num tem graça, as pessoas vão morrendo, num sei ele morre, mas vamos supor que ele morra por último né, mas daí vai vendo né.

P: O Bentinho?

A22: É.

P: Não

A22: Então vamos ver... como terminar essa história? Ahh provavelmente ele tava tipo num hotel alí sabe.

P: É? Modelo? Otelo? Por que Otelo?

A22: Tipo, ele sabia que num tinha acontecido a traição, mas ele num foi procurar saber, mais tipo assim pela... pelo orgulho, porque envolveu eles bem na trama né, e ele foi mais pelo orgulho, mas foi mais por uma forma bem vista né.

P: Você leu essa história inteira?

A22: Eu vi tipo... ahh o livro ahh eu li uns trecho na biblioteca, eu li Othelo razoavelmente, acho que Folha do Madre também...

P: Como é que você fez essa relação do Dom Casmurro com o Otelo?

A22: Ahh que tipo assim, quando que terminar de ler eu fiquei pensando né... Ele tava suspeitando, daí tipo assim, se ponha eu no lugar dele, se colocar uma coisa absurda na cabeça, vai te incomodar também né;

P: Sei.

A22: Num sei se ele quer tipo, mandar la pra longe, porque ele matava ela, matava o rapaz, talvez até o menino né que num tem nada a ver né e acabar sozinho, solteiro...

P: Já que você falou em *Otelo*, o que seria o lenço da Desdêmona no *Dom Casmurro*?

A22: Hum...

P: Por que aquele lá foi o lenço do... do...

A22: Num é o do cara que mata o rapaz, eu num lembro vem mas já to lembrando... Tem o rapaz que o nome começa com O né...

P: Otelo.

A22: Eu num lembro o nome do rapaz, mas ele pega o lenço... ele faz a massagem e cata o lenço... a não, ele ta com a faca e ela com o lenço.

P: Aham

A22: Seria até o menino esse lenço.

P: Ah é?

A22: Seria até o filho dela com o amigo dele.

P: Ahh o Ezequiel seria...

A22: Ah podia até ser... ahh eu fui notando umas coisas né.

P: Ahh interessante.

A22: Você vai pegando umas coisas assim, que vão ficando no ar, tipo assim... tipo esse aí, o amigo dele, convivia com a família, com ele, a Capitu e o menino crescendo né... tipo assim, eu e meu pai e meu irmão, é a mesma coisa... se vê que o moleque num... sei lá, você vai sentindo né... num sei, que uma coisa vai acontecendo, que num sei o que, que vai mais pra frente e depois num acontece mais nada.

P: Aham

A22: Aí esse menino seria até uma coisa pra desenvolver uma coisa assim pra...

P: Então assim é... o fato de você ter visto uma semelhança entre Otelo e Dom Casmurro, foi agora no final...

A22: É foi uma coisa que eu pensei só no final... no final

P: Achou algum tipo de semelhança.

A22: É uma semelhança.

P: Ahh ta bom José, já que você num terminou, exatamente de ler, então eu num vou te perguntar como você fari o final da história, mas se você quiser...

A22: Como eu faria o final?

P: É

A22: Como eu faria o final? Vamo ver.

P: Você acha que nem sabe exatamente então...

A22: Ele tá lá suspeitando, tipo assim, eu como autor eu faria assim, faria a pessoa perceber que ele tava cada vez mais na cabeça dele, vai envenenado ele, até que ele faz um jogo de percepção assim... Você vê tipo, beijando a menina, ela, o rapaz junto e ele percebendo, ia deixar um sinal observável, ia ponhando umas coisas assim no ar sabe.

P: Sei.

A22: Até que a pessoa prestasse atenção, até que... ele deixasse alguma coisa dizível que eles eram amantes, ele descobria, e tipo um racho, e daí morria todo mundo.

P: Inclusive o Bentinho?

A22: Até o Bentinho porque ele ia morrer de desgosto na verdade né.

P: (risos)

A22: Mas assim, ele ia morrer de desgosto, provavelmente eu ia fazer ele matar ela. Ou eu ia fazer a Capitu sentir tanto remorso e se matar né, e o moleque ia ser... ia viver né.

P: Ah o moleque você ia deixar viver?

A22: Ahh eu fazer ele rever a história dela e do Bentinho, até a parte em que ela se matava, e ele morrer de desgosto... ele um tempinho depois matar o rapaz e morrer de desgosto...Eu ia fazer assim.

P: Tá com... beleza José, muito obrigado mesmo pela sua...

Colégio Estadual da Warta

Entrevista individual II

Obra: *Dom Casmurro*

P: Você leu *Dom Casmurro*, Natalino?

A19: Dom Casmurro.

P: E assim, me fale espontaneamente o que que te marcou na leitura dessa história?

A19: O final, que nem, o que mexeu comigo mesmo foi o final, esperava outra coisa assim, não...

P: Você ficou meio assustado com o final?

A19: Sim, bastante.

P: Você imaginou que seria bem diferente?

A19: Diferente, achei que ia ser uma coisa mais feliz assim.

P: Esse é triste?

A19: É

P: Como é que você ficou daí no final? Meio triste, meio...

A19: A meio sei lá né, mesmo porque um pouco no começo do livro ele fala né que ele era Dom Casmurro né.

P: Sei,

A19: Aí eu num imaginei que ia acontecer isso, que a mulher a sair, alguma coisa assim.

P: Por que era tanto...

A19: É, amor lá de juramento e tal né.

P: É isso, com tanto escrúpulo por ser padre ou não ser...

A19: Aham.

P: Daí no final acaba assim, ficou meio decepcionante?

A19: Aham, mas interessante.

P: Você já leu alguma outra história parecida?

A19: Não.

P: De um ciúme imensurável assim?

A19: Não.

P: Nem um filme?

A19: Também não, não que eu me lembre.

P: É, qual das personagens... qual deles assim chamou mas a atenção? Qualquer um deles... você lembra dos nomes? Você quer que eu...

A19: Não dos nomes eu num lembro exatamente, mas eu...

P: Tem o Bento, tem a Capitu, tem o José Dias...

A19: É acho que é desse que eu... porque ele tava sempre em tudo né, ele tava sempre com o Casmurro, e com a mãe dele, e com a família e com um amigo dele também, esqueci o nome dele.

P: Aham, O Tio Cosme?

A19: Não, o amigo do... lá do seminário.

P: Ahh certo o... o Escobar

A19: Isso.

P: O Escobar, e o que você admirou nele? No José Dias?

A19: Não, eu admirei bastante a, ele era bem inteligente né, dava bons conselhos, isso era interessante.

P: Ele acudia cada um?

A19: Aham

P: Agradava a Dona Glória, mas também tinha pena do Bentinho. Pois ela resolveu a vida de cada um.

A19: É

P: Uhum, e assim, uma atitude dele, alguma qualidade que mais marcou?

A19: Inteligência.

P: Inteligência, ah é? Você acha um valor importante no ser humano a inteligência?

A19: Aham

P: Por que? Por que é importante? Por que é importante inteligência?

A19: Porque...

P: Por que que é o sujeito inteligente seja bom no mundo, na sociedade?

A19: É bom para auxiliar os homens todos...

P: Não só para ele se virar no mundo, mas também para todos

A19: Aham.

P: Você acha que ele, com a inteligência dele, ele conseguia ajudar as pessoas?

A19: Conseguiu ajudar.

P: É

P: Mais algum outro que te chamou atenção?

A19: O Escobar.

P: Escobar, aham, o que é interessante no Escobar?

A19: Ahh eu achei que pelo o que o Dom Casmurro fala dele no começo do livro, num dava pra acreditar que ele ia fazer aquilo né contra o melhor amigo né.

P: A suspeita de que? Do bentinho você acha?

A19: É

P: Mas mesmo assim parece que ele num incrimina o Escobar né.

A19: Não.

P: A culpa acaba meio que caindo em cima da Capitú né.

A19: Verdade

P: Você acha que tem alguma explicação isso?

A19: Eu acho que ele num culpou tanto o Escobar porque quando ele descobriu o Escobar já tinha morrido né... o livro é esse?

P: É é, a encanação ficou antes, mas ficou mais intensa e insistente depois que o Escobar morreu né. Então você acha que num adiantava descontar num defunto?

A19: É.

P: Mas mesmo assim a Capitú foi bem penalizada né

A19: É

P: E... o que mais te chamou a atenção no Escobar?

A19: No Escobar?

P: É, você sabe que a maior surpresa foi do Bentinho né, em relação ao melhor amigo né, ter traído, mas o que do Escobar marcou em você?

A19: A amizade dele com o Bentinho né.

P: É? Você acha que a amizade também é uma coisa forte?

A19: É, foi um...

P: E você também considera que a amizade é uma coisa muito forte?

A19: Forte.

P: Você acha que a amizade é uma coisa muito forte entre os homens, ou entre os adultos isso também é...

A19: Acho que entre os adultos também é.

P: Depois dum relacionamento com um mulher, amizade é uma coisa que você também presa muito?

A19: Sim

P: É...Qual dos personagens assim você ficou mais ligado afetivamente? Mais se afeiçãoou?

A19: A Capitú no começo, antes do final do livro foi a personagem que mais...

P: Sim, você acha assim que ela matou a sua... bem você gostou dela por que motivos? Por ela ser bonita, por ela ser esperta.

A19: Pela inteligência dela também

P: Pela inteligência também, aham. A inteligência é uma coisa que marca você?

A19: É

P: E decorrente a essa inteligência, o que marcou em você as atitudes dela?

A19: Na Capitú o que marca bastante foi a capacidade que ela tinha de disfarçar né, porque sempre que alguém, antes de eles estarem juntos mesmo, sempre que alguém aparecia ela disfarçava muito bem.

P: Aham, você entendeu aquela expressão “olhos oblíquos e dissimulados” ? parece que caracterizou a personagem.

A19: Aham, é mais ou menos.

P: Dissimulado você entendeu?

A19: Aham, é

P: O que você entendeu por dissimulado?

A19: Dissimulado para mim é que ela num olhava muito olho no olho, ela era meio...

P: Esquiva?

A19: Aham.

P: É um método de quem sabe esconder as coisas.

A19: É

P: É, alguma personagem assim que, num precisa ser a Capitú, mas assim, que marcou pela amplitude, pela personalidade, pela gestude, alguma qualidade que... também o Jose Dias pela clemência, o Escobar...

A19: O Bentinho também.

P: O Bentinho... o que você viu nele?

A19: Em geral eu gostei da atitude dele né, porque quando ele descobriu que a mulher, a Capitú traiu ele eu achei que ele fosse mata-la ou alguma coisa.

P: Aham.

A19: E até ele tinha preparado veneno para se matar também.

P: Para matar a si próprio?

A19: É e no final ele mando ela para o...

P: Para a Suíça.

A19: Para a Suíça e largou lá, achei interessante essa atitude dele.

P: Mesmo ele entendendo que ela tinha culpa, que ela traiu, ele num ia puni-la, ele ia se punir.

A19: É

P: Você acha que isso seria uma atitude mais moldada?

A19: Sei lá, diferente né, ninguém tem uma atitude assim.

P: Aham.

A19: Por que eu acho que se ele matasse ele, ele ficaria com a culpa depois.

P: Aham.

A19: E se matando, ia acabar ali a história.

P: E ele ai ficaria livre?

A19: Aham.

P: Você recorda que ele tá contando essa história né, e parece que, o que parece... o que vai parecer para os outros é importante para ele né.

A19: Aham.

P: Ele tentando o tempo todo contar o que muda, o que aconteceu.

A19: Aham.

P: É... mais algum personagem, ou alguma coisa no próprio Bentinho que marcou como valor... como uma marca que personagem?

A19: O Bentinho eu acho interessante ele trocar as cartas com o leproso né, que eles ficavam trocando cartas mas depois desistiu né, mas eu achei interessante. O debate dele né.

P: Sim

A19: Sobre a guerra né.

P: Por que que isso foi importante ara você?

A19: Achei interessante porque o outro num tinha com o que distrair em nada né, aí eles juntaram as cartas e... tinham alguma coisa para fazer.

P: Você acha que foi uma atitude humana?...

A19: Uma atitude do bem.

P: E com qual personagem você mais se identificou, que bateu assim com o seu ver?

A19: O Bentinho.

P: O Bentinho, pelo que?

A19: A pelo, no começo do livro que ele tinha amizade com o Escobar e pelo amor que ele tinha com a Capitú também... O amor pela mãe que ele tinha também.

P: Você acha que esse a amor, esse afeto que ele tinha pela mãe, nem sempre é a amizade que você desperta né.

A19: É

P: Tá é... e no relacionamento entre os personagens, entre eles, o que você, o que chamou a atenção assim de como eles resolviam as... as dificuldade entre eles, as soluções que usavam para as coisas? Você admirou?...

A19: Admirei sim as soluções que o Jose Dias tinha e a Capitú também né.

P: O José Dias solucionou o que para você que você admirou?

A19: Ahh ele conversou bastante com a mãe do Bentinho né, sobre o seminário.

P: Sim, ele viu uma dificuldade, ele num queria, ele tinha feito a promessa que deve escondê-los.

A19: E depois a Capitú deu a ideia dela adotar uma criança né.

P: Sim, foram soluções que você acha que.

A19: Aham

P: E essa discussão cabe hoje nos nossos dias? Um sujeito que é prometido para Deus sofrer...

A19: A eu acho que não. Hoje eu acho que a...

P: Num é um assunto que se dariam hoje?

A19: Não

P: Por que será? As pessoas estão mais livres, decidem mais sozinhos a vocação?

A19: É.

P: É? Hoje os pais num interferem mais tanto?

A19: Hoje os pais num interferem tanto né mais, e também essa parte de jovens hoje ta bem mais fraco do que antigamente.

P: As pessoas estão mais...

A19: Eram bem mais devotas né, acho que antigamente.

P: Sim, tinham mais convicção, ou mais medo?

A19: Os dois né.

P: É? Você acha que tinha mais respeito antes?

A19: É mais respeito né

P: Certo... alguma outra saída assim que eles deram para as dificuldades... que te chamou a atenção?

A19: Do geral ou?...

P: É do geral entre eles né, como é que eles resolviam, essa mudança de situação com dificuldades que ele tinham que resolver a vocação do Bentinho, então você viu duas situações né, a parte da cultura, a parte dos amigos, mas uma outra situação, uma outra dificuldade que eles tiveram, como é que você viu isso?

A19: Isso é como falei né, a solução do Bentinho de mandar a Capitu para a Suíça né, pra mim foi uma das melhores decisões que ele teve.

P: Para num matar ela...

A19: É para num matar ela, num matar o filho e num se matar.

P: Por que ele tava sendo perigoso naquela chance e tal, então vou acabar com isso, me distanciando e aí ele manda ela para Suíça, e você acha que essa solução foi melhor do que ele se matar ou matar alguém?

A19: Aham concordei com ele.

P: Aham, tá e... quem você acha que é o personagem fundamental aqui nessa história?

A19: A Capitu

P: A Capitu?

A19: A Capitu.

P: Sem ela... a história num teria nenhum conflito você acha?

A19: Num teria não.

P: Mesmo o Bentinho que conta a história, sem a Capitu?

A19: É.

P: Num faz sentido.

A19: Aham.

P: Uhum, tá... E como é que você acha que ela amarra essa história, como que ela...

A19: Num sei porque o Bentinho sempre falando dela, o tempo inteiro praticamente é falando nela né. Ela é o amor dele quando criança, durante o seminário, depois de casado.

P: Então ele gostava dela e depois quando se desentendeu...

A19: Depois da traição, no final, até o final do livro é sempre ela.

P: Bem ou mal era ela o foco?

A19: Aham

P: E... Mas ela... ela praticamente não falava, num se defendia.

A19: Aham.

P: Como é que você vê entende que ela é tão presente nessa história? Mesmo que ela esteja presente ele faz com que o leitor fica sentido a falta dela né.

A19: É

P: É por que ela é uma personagem muito forte?...

A19: Acho que sim porque quando... ela num falava praticamente nada né.

P: Uhum.

A19: E na hora de cortar, de manda ela para a Suíça e tal, ela num falava nada e ele tava sempre falando dela.

P: Sim, quer dizer, ou ela era uma personalidade muito forte, ou o sentimento dele por ela era muito forte.

A19: Era muito forte.

P: E era...

A19: Ele sempre colocava ela...

P: É, ela tava sempre no centro das questões.

A19: Aham.

P: Então você acha que é a Capitu que amarra essa história

A19: É, porque dá emoção para o livro também.

P: Aham, que tipo de emoção ela te trás assim?

A19: Ah, no começo é a emoção do carinho, do amor entre eles, o juramento... e no final também o... a traição dela né.

P: Todos os sentimentos são fortes.

A19: Isso, mais forte.

P: Da forma que... ou ele quer se matar ou ele manda ela embora... sentimentos fortes né, paixão, ciúme... tá, bem... considerando que, os personagens é que são o forte da história né

A19: Aham

P: Você concorda que os personagens é o que mais aparece, ou o espaço, os lugares aí dessa história?

A19: Os personagens aparecem mais, mas o lugar também fala bastante, tinha uma casa, tinha o Mata-cavalo...

P: Que importância essa casa de matacavalos tem?

A19: Como diz no livro foi as imagens que ele tinha no teto né, na parede.

P: Sim.

A19: Que é a inspiração dele para escrever o livro.

P: Uhum.

A19: Daí é importante.

P: Que importância mais além dessas imagens, é lá na própria casa, que importância tem para ele reconstruir a casa depois em um outro lugar?

A19: Ahh essa parte eu num entendi, o por que ele construiu a casa, acho que foi para lembrar dos bons tempos que ele teve com Capítu, alguma coisa assim.

P: Certo, aham. Parece que é como ele fala né, parece que ele quer puxar as duas fitas né, a Santa da fita, com as lembranças que ele tinha, com os e o avô, para compensar essa falta.

A19: Aham

P: Parece que esse espaço, essa casa, tem essa importância né.

A19: Aham

P: Dos bons, das boas lembranças que ele tinha né

A19: É para manter as boas lembranças né, porque ele tava bem com a Capitu enquanto tava lá, naquela casa, depois que se casaram foi diminuindo o afeto assim né.

P: Sim.

A19: A desconfiança dele também,

P: Aham, e com a casa reconstituída, ele queria trazer de volta...

A19: Isso.

P: Aqueles bons momentos deles... uhum, tá, fala um pouquinho do tempo, você tem ideia de que época que era isso?

A19: Ah, mais ou menos assim.

P: Que século? 18, 19, 20? Você acha que faz, mais de cem anos?

A19: A faz mais de cem.

P: Mais de cem? Uns cento e cinquenta anos, século XVIII? Século XVIII não XIX, mil oitocentos e pouco né.

A19: Aham

P: É, considerando essa época, cento e cinquenta anos atrás, que que... como é que esse tempo era diferente do nosso tempo? Que coisas que aparecem lá, que assuntos são discutidos?

A19: A religião, a religiosidade deles né, hoje em dia a religião, a católica num é mais presente do que era antes né.

P: Uhum.

A19: As pessoas eram mais devotas também... porque as promessas, igual as promessas que a mãe dele fez, por ele não né, porque ele até tinha várias promessas e num cumpria né.

P: Num cumpria... a religião era um dos assuntos que você acha que eram discutidos porque levavam a sério na época. Por que só a igreja católica era tão forte na época? Num se falava em outra confissões né

A19: É

P: Porque os evangélicos se estabeleceram mais tarde né, e foi por muito tempo um país católico né. Que mais além da religião e da religiosidade que você falou que era discutido e que também foi discutido por ele nessa história?

A19: É, o que diferencia da época de agora eu acho que é isso.

P: Certo, e esse relacionamento homem e mulher, família você acha que isso tem alguma importância, alguma discussão por parte do autor?

A19: (riso), Acho que tem porque a Capitu, no começo o José Dias era contra né ao namoro deles, e depois.

P: Por que que ele era contra?

A19: Porque ele queria ajudar a mãe do Bentinho a cumprir a promessa dela né.

P: A é, e havia alguma tensão com a família dos Padua, que havia algum assunto social?

A19: É eu vejo.

P: Alguma confissão social que a mãe dele quis... a mãe do Bentinho era proprietária né, o marido dela era rico.

A19: Talvez por isso

P: Talvez por isso, tá... bem, deixa eu tentar pegar o gancho nessa questão aqui, você acha então, a coisa da religião por ser tão forte assim, tem algum tema que é discutido atrás dessa história? Num sei se você assiste novela, mas num filme existe um tema discutido como na novela, tem um tema discutido, atrás dessa trama, dessa historinha, discutem um tema né, as novelas veem discutindo homossexualismo, tráfico humano é bem, diversos temas, nessa história você percebe algum tema sendo discutido, denunciado pelo autor?

A19: Não.

P: Ou você acha que o que aparece é a religião mesmo?

A19: É o tema que profundo assim que aparece nessa história eu acho que é a religião mesmo né, num identifiquei mais nenhum.

P: Tá, e você já viu uma história semelhante?

A19: Não.

P: Não? Nem na TV, nem nos filmes? Um sujeito tão obcecado, com um ciúme tão doentio como o do Bentinho? Alguém que amava tanto?

A19: Não.

P: Como é que você viu o narrador dessa história, quem que é o narrador dessa história?

A19: É o Bentinho né.

P: O Bentinho?

A19: O Dom Casmurro né.

P: Como é que você vê o narrador dessa história em relação ao leitor, é... como é que ele se coloca, como é que ele se posiciona, o que que ele defende?

A19: Ahh num sei, ele defende... num sei direito mas ele num tenta puxar a atenção só para ele alguma coisa tipo assim, e nem sempre ele tá certo né.

P: Você acha que ele assumi a culpa também?

A19: Aham, assumi a culpa também.

P: Assumi e o que que você percebe que ele se culpa ou, qual é o fraco dele?... O que que a Capitu é mais que ele? O que que o Escobar seria mais que ele? Parece que ele tem um pouco de complexo né.

A19: É porque ele... ele sempre precisava de alguém para estar ali junto com ele né, ele nunca resolvia sozinho as coisas, a não ser o cara do final do livro que ele...

P: Ahh sim.

A19: Mas sempre ele, no caso de seminário ou o Jose Dias ele pediu ajuda, a Capitu também, sempre num resolvia as coisas sozinho.

P: Sim, isso era prudência dele, ou era meio fraqueza?

A19: Eu acredito que fraqueza.

P: Fraqueza, tá... e como é que ele se relaciona com o leitor? Qual a preocupação dele com o leitor... qual a preocupação dele?

A19: Eu vejo que ele quer que o leitor num pare de ler o livro, ele quer que o leitor termine de ler o livro, num lembro direito mas, fala que vai mudar o assunto para que o leitor num fique chateado para que ele continue lendo o livro.

P: Ele num quer cansar o leitor?

A19: É, ele num quer cansar o leitor.

P: Além dessa preocupação de ele num deixar leitor chateado, cansado, você acha que ele tenta convencer o leitor?

A19: Hummm é.

P: Em que situações você acha que ele tem essa preocupação?

A19: Ahh eu acho que em todas as situações ele tem essa preocupação porque ele escreve tudo muito perfeito né, tudo que precisa saber ele fala. E eu acho que a preocupação dele de convencer é, o leitor.

P: Se você fosse colocar ele como um profissional, que profissional ele seria? O Bentinho, com essa atitude de distribuir segredo.

A19: Político né.

P: Político? É? Só político? E profissional?

A19: Vendedor, alguma coisa.

P: A é?

A19: Ele quer tentar convencer né.

P: Num te ocorreu que ele seria advogado?

A19: Advogado? Eu num tive na cabeça, mas também seria uma boa.

P: Político.

A19: Aham.

P: É, vendedor...é, você acha que essa história, mesmo sendo uma ficção, uma coisa inventada, você acha que ela muito irreal, ou bem real.

A19: É muito real, eu inclusive lendo o livro, eu pensava que a história era real

P: Que era real?

A19: Aham sim, bastante, só que eu fui entender assim que num era real, sabia quer era real, não era real, mas lendo o livro parecia que era real a história.

P: Parece que está acontecendo de verdade.

A19: Aham

P: Você pode dizer alguma situação que pareceu muito real? Alguma coisa que fosse indiscreta?

A19: Na parte que ele ta com o café com veneno... e ele quer dar para o filho dele ou ir tomar e desiste de tudo, essa parte eu achei bem, bem real, e os sentimentos, como ele descreve os sentimentos parece ser bem real também.

P: Em que situação de sentimento?

A19: Ahh dele com a Capitu, e depois a amizade com o Escobar também...

P: Ahh parece uma coisa do dia a dia.

A19: É parece uma coisa bem real.

P: Tá e como é que foi para ser, você achou muito complicado?

A19: Não, eu achei um nível de leitura não muito complicado.

P: Ah é? Palavras complicadas?

A19: As palavras complicadas é quando ele tava no térreo lendo uma reportagem.

P: Alguma citação que você não entendeu?

A19: Não

P: Não?

A19: Num tive nenhuma.

P: Alguma reflexão que ele faz?

A19: Num me lembro não.

P: Aham e quando ele fala assim que a Capitu a mulher que.

A19: Não, num lembro mais.

P: Aham, e assim os personagens assim, você achou um jeito diferente dele falarem, deles se tratarem ou é uma linguagem normal também?

A19: Eu acho que é uma linguagem mais da época né, ei acho bem compreensível

P: Sim, o Machado fazia uma linguagem bem...

A19: Contemporânea né

P: Isso e bem coloquial assim na fala mesmo né.

A19: Aham

P: Mas hoje já, parece meio complicadinho, mas é que...

A19: Da época né

P: Da época, isso. E... o que que você achou do autor? Depois de ter lido essa história o que que você achou do autor? O que que você pensa do Machado de Assis? Um nome como um escritor?

A19: Eu acho, eu acho ele muito... Para mim foi o melhor livro que eu já li.

P: A é?

A19: Pelo o que eu conheço, o melhor autor.

P: Melhor assim em que sentido? O que você viu de importante de valor nele

A19: Ahh não, como eu falei, como ele descreve né, bem, parece ser real a história, os detalhes e tudo, diz tudo no livro.

P: Ah é? E do jeito que ele escreve, além de ser real te convence?

A19: Convence.

P: Aham, e é bom de ler?

A19: Bom de ler, num é chato é bem gostoso de ler.

P: E você acha que ele entende do ser humano?

A19: Sim.

P: É? Ele ia fundo na alma do ser humano... Tá é... o que que você achou do final?

A19: Foi o que me impressionou.

P: Ah é?

A19: Porque eu podia, eu poderia imaginar qualquer final, menos esse.

P: Ah é? Ele adianta para você

A19: Só a introdução.

P: Você daria outro final?

A19: Não.

P: Você acha que é da...

A19: Foi perfeito, eu num mudaria.

P: É do estilo dele e num tem que mexer.

A19: É

P: E o final te deixou triste, angustiado, alegre, indiferente? Como é que foi isso?

A19: Foi triste.

P: É? Triste por que? Pelas mortes?

A19: Pela traição.

P: Ah sim, porque nos últimos seis capítulos isso aparece bem né, essa encenação, a traição se aflora né.

A19: Aham

P: Bem, só para terminar então, É... que imagem você faz do autor assim?

A19: Do autor?

P: Como era esse cara Machado de Assis?

A19: Ahh para mim... num sei.

P: Nessa história... você num tem outra informação porque você num outra coisa, você só leu a história né.

A19: Só a história

P: Isso é uma ficção, mas indiretamente você acaba conhecendo quem escreveu, que ideia que você faz dele?

A19: Ahh um cara inteligente.

P: Inteligente por que você percebe é... como é que ele manifesta essa inteligência?

A19: Então, ele surpreende ta sempre surpreendendo a gente no livro né.

P: Aham, leva o leitor pra lá e pra ca,

A19: É.

P: Conduz por um lado, conduz por outro, faz o que bem entende né.

A19: É e debocha um pouco do leitor em algumas partes

P: Ah é? Você sentiu também, deboche aqui?

A19: É... interessante que...

P: Onde? Onde você viu deboche?

A19: Acho que eu num me lembro muito bem, mas parece que ele num fala, tem uma parte que ele fala que num vai dar data ou endereço para agradar o leitor.

P: Tá.

A19: Num lembro a palavra que ele usa, mas leitor... uma palavra mais assim, forte.

P: Sim, e num interessa quantos né?

A19: Sim.

P: O que interessa para ele é um leitor bom, inteligente né.

A19: Sim, aham.

P: O legal é que ele quer um leitor inteligente né. Ahh ta bom Natalino, brigadíssimo e a gente se ver na próxima semana.

A19: De nada.

Colégio Estadual da Warta

Entrevista individual III

Obra: *Memórias Póstumas de Brás Cubas*

P: Alexeandre, você leu então...

A16: *Memórias Póstumas*.

P: Ahh, *Memórias Póstumas*, isso você e mais alguém leu *Memórias Postumas*... Bem, me dia assim, em linhas gerais, as impressões que você teve... Já leu alguma coisa parecida?

A16: Igual a *Memórias Póstumas* acho que não.

P: Não? Achou muito diferente?

A16: Ahh, um pouco diferente né... meio... meio...

P: Você... Não tenha vergonha de falar (risos)

A16: Não, é que... pera ai, pera aí... Mas é que é a linguagem do livro.

P: Ahh você estranhou?

A16: Num sei é... Achei interessante assim.

P: A linguagem você achou interessante?... O que exatamente assim da linguagem?

A16: O jeito que ele fala. É...

P: As palavras ou os pontos...

A16: Como ele descreve...

P: Como ele descreve as pessoas? Tudo bem... Por exemplo.

A16: Não, é assim... quando ele fala, não quando ele descreve, quando ele fala... quando ele fala... por exemplo... Também a morte ao lado do irmão.

P: Ahh sim, isso você achou engraçado!?

A16: É... da uma sacada bem grande.

P: Sim, e você... Ele escrevendo desse jeito você... Que sentimento ele passa, ou melhor... que ideia que ele passa? Falando mais... melhor abordando os sentimentos que ele vai descrevendo.

A16: Que... aquela parte que fala do enterro. Por que... acho que (1:30)

P: Mas é, ahm... Ele... que sentimento que era na parte do enterro que ele descreve... que ele conta.

A16: Acho que dinheiro.

P: Você tem uma outra palavra?... pode puxar

A16: É... como fala?

P: Sarcástico?

A16: É sarcástico.

P: Aham, é... Bem, forcei um pouquinho mas ah... E... Você achou em outras situações que... Ele tinha essa... Essa mesma ideia? Esse... Sarcasmo?... Ou foi só nesse trecho que você percebeu isso?

A16: Quando... quando rola um assunto... com cai vai ficar o lugar dele.

P: Aham...

A16: É uma parte que eu acho bastante boa, por que ele finge que tá traindo o melhor amigo dele com a mulher, uma coisa assim que, meio que muda na história.

P: Aham... É, é... um artifício né... por que depois num tem nexó né... E... Vamo voltar um pouquinho aqui. É... na história... na trama total assim... geral... o que que te chamou a atenção? Além da construção da construção da linguagem de um modo todo, mas... Considerando a história... Você achou diferente?, engraçado?... o que que pareceu assim... lembra as histórias que já têm em algum filme?, ou talvez leu?

A16: Ahhh, acho que partes da história mesmo... que dá para lembrar alguma coisa.

P: O fato de que ele é um defunto que fala... isso... é... te diz alguma coisa... você achou engraçado?

A16: É nunca tinha visto.

P: Aham... Você acha que isso é uma... é uma maneira bem criativa de escrever?, Ou só para chamar a atenção que o defunto fale? Ou você acha que isso desperta uma reflexão interessante nas pessoas?

A16: Acho bem interessante por que o defunto... Ele pode falar o que quiser.

P: Ahh, só por que ele é defunto... Ele pode falar o que quiser?

A16: Não só, ele pode, por exemplo... Ele pode escrever o que ele quiser, por que ninguém vai perceber.

P: Por que ninguém vai se ofender mais né.

A16: É...

P: Ele num tem nada a perder.

A16: É...

P: Isso tem um pouco no livro, acho que você num lembra, mas teria que ir afundo né... Teria que pegar no livro. E... E você falou que é interessante que desperta reflexão?... Faz as pessoas... Faz as pessoas... Refletirem? Em que? É uma forma...

A16: É uma forma de criticar... sei lá, de ele chamar a atenção do indivíduo... ahh num sei.

P: De eles... De ele perceber o que ele errou, ou de as pessoas se perceberem no erro no personagem?

A16: De eles perceberem... Não na verdade não... de ele perceber, por que ele fala para as pessoas também... Por que ela... Para se darem conta.

P: Pois passam pela vida, erram um monte e não se dão conta...

A16: É.

P: É ele da um... Ele dá um jeito de fazer um... Passar um filme né, da sua vida e vê né... Onde errou né... aham... É que você já vai... É... Assim... Aprofundando lá pra frente. É... Eu queria uma coisa bem mais ali do início... É... Uma coisa que você achou... Ahh, a coisa mais... Elementar da história, só uma expressão rápida né do que acontecia lá... Alguma coisa que te chamou atenção... É... Como que ele era? O que que ele aprontava? Por que ele era um cara evitado né.

A16: É... parece que todo tempo ele era evitado.

P: E o que... que você achou?

A16: Ahh meio... a sei lá...

P:

A16:

P: E você acha que o... o... o Machado coloca isso é... Por que era tão normal acontecer ou por que você acha que tem alguma... algum propósito aí?

A16: Ahh por que tem algum propósito mesmo por que mexe com um lado...

P: Pelo... pelo menos em alguns resquícios não era tão normal... né... ele coloca ali dessa forma mas isso era normal. Que outra coisa... que dá para contar assim... Não só como moleque de cavalgar ... mas lá na festa do pai dele né

A16: É... ele era menininho... tava andando a cavalo e viu...

P: Denunciou o cara que tava beijando a moça.

A16: É...

P: Aham... E... Os namoros?

A16: Isso tá bem marcado no livro... ele, quanto a namoro e família... ele meio que critica isso... na verdade quanto ao amor, sei lá.

P: Você acha que quando ele é jovem é meio bobão assim (risos)

A16: É...

P: Ele precisa de outra “história” assim (risos)

A16: É começando outra história, sobretudo a o dialeto assim...

P: Sim... aham, era uma coisa forte né.

A16: Sim

P: Mas... acho que num tava aí... Mas foi bem forte né, por que o pai dele arrancou ele de Brasil, botou ele na rua e... mandou fora... E... Nesse contexto todo de ele relembrar todas essas histórias... é... isso foi... que impressão que passou para você... Eu queria te adiantar mais... Eu num queria arrancar de você uma resposta mas... só me diga assim... Com essas aprontadas dele... com essas... ele fez... ... É... que impressão que você teve, é normal isso num jovem ou ele é diferente, ele é meio diferente ou... ele é mais do que outros?

A16: É, acho que ele é meio diferente por que... acho que no intelecto, no jeito de ser... por causa do pai dele...

P: O pai dele no funeral não esteve né?

A16: O pai dele...

P: E como é que você viu a história depois?

A16: Ahh, meio que paga tudo... pelo que o pai dele ...

P: É, mesmo assim ainda não deu nada (risos)... se for casada tudo bem né... Mas naquela época o sujeito que... para ser um político respeitado tinha que casar.

A16: É acho que para o pai dele né... muito rico... ele morreu

P: Morreu... (risos)... Bem é... Pode ser o próprio Brás, mas... Eu queria você falasse de um algum personagem que te chamou a atenção?

A16: Ahh eu achei meio estranho aquele... O Pedro (Lobo) Neves... O que trabalhava no... Na vara...

P: No Ministério né.

A16: É...

P: Aham

A16: Por causa do...

P: Do número...

A16: Por que toda hora ele... devia ter...

P: Você acha que foi uma desculpa esfarrapada?

A16: É... assim... eu acho que ele já sabia mais ou menos o que tava...

P: Sacou... mais ou menos o que tava acontecendo?

A16: É, o que tava acontecendo...

P: O... O... Neves é que te chamou a atenção?

A16: É

P: Aham... É... Então me fala um pouco do dele... Ele era um cara assim discriminado?... Ele sabia de tudo?

A16: Ahh eu acho que... Ele também acreditava... Pelo fato de frequentar a casa dele e a filha dele também achava graça em mulher acho que até desconfiava só que não...

P: Por ele... Ele não desconfiaria... Das coisas que as pessoas falarem?

A16: É...

P: É... Bem... E assim, com quais desses personagens mais assim... mais você se afeiçoou melhor... É, é... Que você gostou mais... Mais afetivamente? Ou alguma das moças...

A16: Ahh acho que o mais normal... Acho que é o Duda... (?) por que a ... deu... sei lá... meio que amarelou...

P: Amarelou... Que o Brás Cubas é um vagal... Folgado... Até um certo sentido né... namora a mulher do outro, vive as custas da herança do pai... Isso... Isso dá, uma... Certa lá no final. Bem... É... o Lobo Neves é um sujeito que tem... Que vive da sua... da capacidade que tem né.

A16: É.

P: Um ser político, um sujeito que tem credibilidade, ocupa um alto cargo... E... Mas assim, de forma pessoal o que você... o que você viu nele, além dessa ... de ser um cara mais normal... Será que foi a herança dele que... apesar de ter isso ele num pensou na vida...

A16: É... é.

P: É... É... e assim... Algum personagem que você admirou atitudes... Que você percebeu qualidades... de valores que passam as qualidades de uma pessoa que você havia... O Lobo Neves é um sujeito centrado, um sujeito mais sério e tal que você pode ter se espelhado menos né... mas um outro personagem assim que... você acha que tem uma ideia boa ou... tem uma atitude pensante... é genioso ou tem valores por interesse.

A16: O pai do Brás.

P: O pai do Brás? Aham

A16: É.

P: O que você viu nele?

A16: Ahh, é uma cara assim... trabalhador?... Cuidou dos filhos... Queria muitas coisas...

P: Responsável... Tinha muita ambição... por que... a ambição... é... também tem coisa boa na ambição né. É... e no... no relacionamento desses personagens todos, como é que você viu eles

resolvendo seus problemas?... Você notou a forma como eles resolviam as suas... a sua honestidade?

A16: Não... não.

P: Não?

A16: Por que... Varias vezes eles subornam, sei lá...

P: É errado isso... por que...

A16: É...

P: Muito rolo... Hoje se fala que tem muito essa questão do poder hereditário né... de quem não tinha condição né... E naquela época você acha que...

A16: Naquela época também tinha.

P: Tinha né... Aham... E, por exemplo... A forma como o pai do Brás é... resolveu no final das contas a... dificuldade que ele tinha com filho dele que só gastava dinheiro com prostituta e gastava muito ... assinava muita nota promissória e catou o filho dele a força e levou para Portugal? Como é que ele fez daí

A16: Acho que o pai dele... por que sei lá... acho que se ele ficasse naquela vida boemia num daria certo por que o único jeito era...

P: Apelar?

A16: Apelar para a mãe e...

P: Levar a força mesmo?

A16: É.

P: Aham... Ta... Alguma outra situação que você faria diferente?... Se você fosse o Brás e tivesse envolvido com a mulher do seu amigo (risos) você... o que você faria? Se você gostasse muito dela?

A16: Ahh num sei... ia fugir por que ficar assim na casa dele... ficar encontrando assim dentro da casa dele...

P: Você faria diferente então... Num concorda muito com esse negocio aí de ficar com a mulher dele... no mesmo quarto?

A16: É...

P: Bem... Até agora eu colo que algumas situações, mas que queria que você em detalhamento colocasse uma outra situação... Como outra... de como você resolveria ou... de relação como... ou de como ele resolveu o seu conflito lá...

A16: Eu acho que... com base naquilo que ele tinha... eu teria agradecido, num teria ficado assim... por que eu acho que ele poderia ter corrido atrás assim da...

P: Você acha que ele era muito errado mesmo? é... acomodado?... num queria compromisso com nada, com ninguém?

A16: Acho que podia ter... podia ter ocorrido uma...

P: Era mais comum...

A16: É... ter criado uma oportunidade com a família...

P: Mas a... a... a Virginia também é... se acomodou né...

A16: É...

P: Num era mais comum ficar nesse situação? ...

A16: É por que ela morava no interior e... ela podia ter decidido por que tipo... tinha uma situação...

P: Economicamente bem...

A16: É e... e ainda tava bem com o cara que gostava lá...

P: E ainda ficava bem com o cara que gostava?.

A16: É...

P: Bem... você é... Você acha que o Brás é o fio condutor dessa história? É o que conduz... é o que segura o tempo todo essa história? Por exemplo, se tirasse ele... ele dilui né.

A16: Eu acho que ele leva.

P: Aham... E o que é que... o que é que faz com que ele seja assim... chegue nesse ponto que... amarra tudo?

A16: Como o que?

P: Ele é um personagem que parece que amarra a história inteira né...

A16: Por que... por exemplo... ele é... ele trata bem o pai dele também e... e tipo... o pai dele tá doente e tal e também... ele... ele brigou um pouco com a irmã também e... acho que a irmã também acaba contrariando... e acho que ele foi... ele foi... mas com... os dois amigos que num fez nada...

P: Uma frustração?

A16: É... Por que ele tava lá em Portugal e tal... poderia ter casado... sei lá... ter feito um pouco mais.

P: É ta... ele... na condição de filho ele decepcionou o pai né... ai foi para a Europa mas mesmo tendo ido para a Europa, ainda ele continuou sendo o fio condutor da história né? E... lá ele só esteve em festa né... Mas... é o Brás é que ... Mesmo que ele fez alguma coisa aí, pela família, os amigos né... O pai dele fica falando que o filho dele é brasileiro... depois que ele chega aqui, mesmo que ele seja aquele sujeito que não se decide para nada, ainda sim ele continua sendo o fio condutor da história né... e em torno dele tem a irmã, ele tem o Quincas, ele tem a Eugênia né... todo aquele pessoal lá né... que frequentava a casa deles né... é... mas, tudo gira em torno dele né.

A16: Sim.

P: Mas é... Ele não é expressivamente nem bom político, nem bom profissional né... ele é o... “frustrado” mas, é em torno dele que tudo acontece né... É... Como é que você vê assim essa... essa enfermidade... pouco valor, mas a história tá em volta dele.

A16: Acho que muda, por que, sei lá ele pela atitude dele, acho que ele perde o valor dele... pela atitude dele...

P: Você acha que o... o... O escritor tem algum propósito com isso? Se você voltar naquela ironia lá que você citou no início de ele ser um sujeito escrachado... você acha que o personagem tem essa ideia?... além... além de... das expressões debochadas? O próprio personagem tem essa conotação?... “Ahh vamos falar dum merda mesmo” (risos) “dum cara que num deu nada”

A16: Ahh assim...é que mais lá pra gente... conotação assim, como se fosse o...

P: Como se fosse uma metáfora do ser humano?

A16: É.

P: Aham... Tem algum espaço... é... apreciativo para você nessa história? Algum lugar que te chamou atenção?

A16: Ahh acho que num...

P: É o Machado assim ele... meio que não prioriza o espaço né, ele... meio que... descreve as pessoas né, fala da personalidade né... Mas algum espaço assim pequeno que seja, que tem alguma coisa a ver com a história?

A16: A casa do Lobo Neves, num sei...

P: A casa do Lobo Neves?

A16: Que tem uns pedaços... alugados

P: Alí é um clima de pensão né.

A16: É

P: Por que o Lobo Neves nunca sabe o que está acontecendo, num sabe dos outros, parece que ele nunca tem certeza das coisas né... Algum outro lugar? Quem tem alguma coisa a ver com esse arrependimento? Até quando o Brás passa a frequentar...

A16:

P: O que é significativo lá?

A16:

P: E como é que fica essa dona ... Nessa história... a moral dela?

A16: A bem massa por que, ela vai ganhar dinheiro...

P: É quase uma prostituição né

A16: É

P: Vai ganhar... vai ganhar, sem que cobrir a história mesmo...

A16: É.

P: Ta... E você alugaria uma casa? Para esconder... há, há, para poder se encontrar com a pessoa que você gosta?

A16: Ahh acho que não.

P: Não, você foge mesmo e não engana tanto?

A16: É a história.

P: Muito cara de pau (risos)... E o... e o... É, me fale um pouquinho dessa época na história... que naturalmente é diferente né, de hoje... Até por que você fala que você fez um outro... outro “assunto” né, você não daria né... Mulher ficar enganando o cara na cara dura né... Você acha que as coisas mudaram de lá para cá... Você acha que fica mais precária dum jeito ou de outro?

A16: Acho que nesse caso num muda muito não.

P: O sentimento num muda né?

A16: É... só na atitude mesmo

P: Aham... Mas alguma outra coisa que... algum tema que se discutia naquela época? Que é diferente de hoje? Pode ser o mesmo tema, mas que se tem... ahh... é... assim, um jeito próprio da época?

A16: A relação de... entre escravo...

P: Ahh A relação entre escravo... tá.

A16: Naquela época era normal... era uma coisa...

P: Você... Quando você fala que era normal... você é... você quer dizer o que com isso? Que as pessoas aceitavam ser escravo, porque era normal?

A16: Ahh acho que num tinha uma lei assim de... proibir, por que os escravos... num tinha muito escravo na época...

P: Houve uma lei que era... que era de direito possuir escravo... e... e... de que jeito que esses escravos eram afetados? E se esses escravos não aceitassem serem escravos, você acha que ele previa que já era marginal já?

A16: Sim, acho que sim por que né... acho que sim

P: O negro era discriminado?

A16: É... era muito discriminado na verdade...

P: Discriminado ou era visto como...

A16: Inferior.

P: Inferior? Aham... E isso é o que era o poder do branco de ter...

A16: É.

P: É, eu queria saber como é que... como é que você viu o narrador dessa história? É... Como é que ele se coloca? Diante do leitor...

A16: Acho que ele da um... critico pelo jeito... pelo jeito ele...

P: Ahh, você acha que é mais tudo crítica?

A16: É

P: Ele narra a história com uma atitude crítica né?

A16: É

P: É uma autocrítica? Ou uma atitude tentando mostrar também ora...

A16: É uma autocrítica e uma crítica às pessoas também... como é o ser humano.

P: Como é o ser humano... tá... essa história parece que para você é... poderia acontecer? Ela é verossimil?

A16: Ahh acho que poderia.

P: Poderia? Não o defunto né, mas é para rever essa... rever a vida né, como se fosse num filme né, que dá para a gente ver o que é que faz... se é certo, se é errado ou poderia ser diferente... É, você achou difícil a leitura do livro?

A16: Ah eu achei muito difícil por que... eu num leio então... embanana

P: E além dessa falta de prática, foi muito difícil de entender vocabulário?

A16: Ahh algumas palavras...

P: Sim, mas assim é... como o Machado cita, faz muitas citações, filósofa... isso foi difícil também?

A16: Um pouco.

P: Um pouco?

A16: É

P: Aham... é... e o final da história? Como é que você vê isso?

A16: Ahh eu achei interessante por que...ele queria criar um espaço... não para... não que eu... via alguma dificuldade, mas ele queria deixar o... ele queria deixar alguma coisa com o nome dele.

P: Ele queria ser uma celebridade?

A16: É

P: Aham

A16: E acaba morrendo... ele acaba morrendo, doente... ele num poder...

P: Ele mesmo num poder modificar...

A16: É

P: Aham, é... tá... O que você pensa do autor nessas horas? Se você só olha a história, é fácil de

A16: Acho que ela era bem... bem ... sincero.

P: Porque você acha que ele era sincero?

A16: Ahh porque ele falava o que ele pensava né.

P: Serio?, isso é, isso é uma coisa para ser interessante... Você sabe que ele era descendente de escravos, era pobre... para a época é bem difícil para o sujeito assim... dizer, escancaradamente o que bem entendesse.

A16: É

P: Corria o risco, podia ter perdido até o emprego. Porque ele foi funcionário público né. Então você acha que assim... foi puro gosto, que ele colocasse as coisas no livro assim, dessa forma? Além de honesto e sincero, assim... alguma coisa qualidade, sei lá... alguma coisa que você gostaria de acrescentar?

A16: O jeito que ele escreve.

P: Você acha que flui bem, para ler?... se fosse para dizer, é... ele escreve dum jeito é... inteligente? complexo? rebuscado?

A16: Acho que Inteligente.

P: Por que você acha que é inteligente?

A16: ahh pelo jeito... ele passa alguma coisa assim... sei lá

P: Mesmo assim ele passa com muito simplicidade né

A16: É.

Colégio Estadual da Warta

Entrevista individual IV

Obra: *Memórias Póstumas de Brás Cubas*

P: Vitória você leu *Memórias Póstumas de Brás Cubas* né?

A17: Sim

P: Tá, eu to colocando aqui para registrar para num... sua leitura

A17: Aham

P: Bem... é... eu queria saber assim... bem espontaneamente, é... o que você... é, qual foi a sua impressão dessa... leitura, dessa historia, o que é que você achou dela?

A17: Na verdade, Memórias Póstumas, até que foi um livro que eu gostei, por causa que, ao mesmo tempo, ele foi meio irônico com as palavras dele... e simplesmente com... ah, ele falava nas coisas com os mínimos detalhes, cada coisa que ele vê, ele fala nos mínimos detalhes.

P: Aham

A17: Daí é isso que eu gostei nessa obra.

P: Você fala que ele foi irônico assim...

A17: Sim é... teve umas partes que ele foi bem irônico com o leitor.

P: Ahh sim

A17: Aí as vezes ele deixava de falar alguma coisa num capítulo para parar em outro, daí ele deixava um espaço para falar, o que ele queria falar ele não falava em alguns capítulos.

P: Uhum.

A17: Bem por isso.

P: E como que você percebeu essa ironia com o leitor?

A17: Humm é que... é como ele falava, ele num queria dizer coisas, ele começava a... ele começava a falar e de repente “a não, num vô falar sobre isso agora”.

P: Uhum.

A17: Isso foi uma espécie de ironia da parte dele.

P: E assim, é... você acha que o personagem dele também era... criou um ironia em torno da história é... da vida dele?

A17: Humm, num sei acho que não... ironia com o personagem, acho que foi algo que ele deixou de fazer né.

P: Uhum

A17: Por que coisas assim é... num... num era possível acontecer.

P: Assim... Por exemplo?

A17: Por exemplo, ele queria uma mulher casada.

P: Uhum

A17: E deixou... e num podia tê-la né?

P: Uhum.

A17: E deixou... E também com uma mulher que ele teve... acho que... se eu não me engano...

P: A Marcela?

A17: Isso com a Marcela também.

P: Hum... E então ele foi... assim... criou, e... mais condutor assim...

A17: Aham.

P: Você acha que na conversa... condutor assim... é aquele que fala mais sobre a vida dele assim... ou...

A17: Não ele foi também.

P: Foi também?

A17: É

P: Aham... assim, nos episódios, nas coisas que ele contava?

A17: Nos episódios e nas coisas que ele contava.

P: Tudo na realidade na vida dele?

A17: Não mas na vida dele tem pouco.

P: Por que? Essa vida dele?... como é que você viu essa vida dela?

A17: É como eu fui imaginando né... como eu leio... quando, quando eu tava lendo eu já tava imaginando como é que seria. Da viagem que ele fez, o que ele viveu, dos amores que ele viveu, eu já fui imaginando.

P: Ahh já vi... é... você é... Já viu alguma outra história ou romance de uma história parecida como essa?

A17: Não

P: De um defunto voltar e contar e contar história?

A17: (risos) Num vi.

P: Foi a primeira vez?

A17: aham.

P: Então você curtiu?

A17: Aham, bastante.

P: Ahan, e... e essa... e o fato de ele voltar como defunto, você sentiu que isso é... deu para ele arrumar uma liberdade maior? Como é que você viu? Um sujeito que volta da morte e conta a sua vida? E conta e fala dos outros? Como é que você viu isso? Será que ele fica mais a vontade do que contar assim... vivo na frente dos outros?

A17: Ahh eu acho que sim, por que ele se sente mais a vontade contando o que ele fez depois de morto, mas eu achei mais interessante por que ele se sente mais a vontade de falar o que devia falar.

P: O que ele sente mais à vontade?

A17: Acho que depois de morto, como ele ia encarar a vida, ele ia falar o que aconteceu com ele... nisso eu achei que ele se sente mais a vontade, por que quando vivo ele tinha que pensar para falar as coisas.

P: Por que que ele tinha que pensar para falar as coisas?

A17: Num sei

P: Mudar será?

A17: Acho que vivo, como vai acontecendo as coisas é... quando tá acontecendo acho que, se ele vai contando da vida, acho que, acho que teria algum... acho que teria controvérsias, por que se ele falasse de um jeito ia acontecer de outro.

P: Uhum. Teria perigo?

A17: Uhum.

P: Assim, já tinha acontecido e já num tinha muito o que descobrir...

A17: Uhum.

P: Tá, bem é... Eu queria assim falar é... um pouco dos personagens... É, quais dos personagens, ou qual deles mais te chamou a atenção?

A17: Que mais me chamou a atenção?

P: É, que mais assim... te impressionou, ou que mexeu com você?

A17: Foi a... Virginia.

P: Aham, em que sentido?

A17: Em que sentido? Ela temia o marido, mas mesmo assim ela num deixava de... de querer ele.

P: Querer ele o... o...

A17: O Brás Cubas.

P: O Brás Cubas né.

A17: Por que, ao mesmo tempo que ela temia ele, ao mesmo tempo ele tava com Brás Cubas, mesmo sabendo de todo o medo que ela tava sentindo, mesmo que toda hora que poderia chegar o marido, ela mesmo assim tava com ele.

P: Você acha que... que que você acha que ela corria assim... um sério risco, o que dava força para ela, o que será que movia ela a arriscar um pouco?

A17: Acho que o amor né.

P: O amor, aham

A17: Que ela sentia por ele.

P: Você acha que tem amor mesmo e assim... num havia algum interesse?

A17: Num sei, se é por amor, ou se é por o... ou por prazer né... ou num sei.

P: Aham. E, por que será então que ela num lutou, pelo Brás? Por que o marido dela num era pobre... tinha recursos.

A17: Acho que é por que... que o marido prometeu à ela que... ela seria baronesa.

P: Ahhh sim... Além de ter uma vida cômoda, ela seria... famosa né, ela seria importante.

A17: Exatamente.

P: E aí ela resolveu mesmo é... correr o risco é... assumir o risco dessa vida dupla usufruindo da fama mas ao mesmo tempo construindo paixão que ela sempre sonhava... aham, ta e... havia um outro personagem que, além da Vigínia que fingia... O próprio Brás.

A17: Também.

P: aham.

A17: hun hun. Ele nem se fala.

P: O que você viu nele?

A17: Ele era um homem que, meio que num sabia o que queria né

P: Meio perdido na vida.

A17: Meio perdido.

P: Você acha que ele era perdido mesmo ou ele era um folgado mesmo?

A17: (risos) Num sei, acho que era mais perdido.

P: Perdido mesmo?

A17: Aham, num sabia o que queria, se queria casar, se num queria casar, se queria ter filhos também.

P: Uhum, por que ele foi tirado daqui do Brasil e foi levado para a Europa na amarra né?

A17: Uhum, na amarra.

P: E lá ele ficou... querendo isso?

A17: Ahh acho que... num lembro.

P: É mas ele só festou lá né.

A17: Uhum

P: Ainda mais que ele gostava de uma festa e era “colarinho”.

A17: Uhum

P: Já quando ele voltou, o pai dele tinha preparado... é assim... é já tinha entrado na câmara dos deputados.

A17: Uhum.

P: Para ele... quer dizer, um futuro profissional garantido para ele praticamente e... tinha até mulher, mas mesmo assim.

A17: Ele deixou...

P: Você acha que ele era perdidinho mesmo?

A17: É.

P: Que... num era a falta de vontade, num era a preguiça, num era má vontade, acho que só era um sujeito meio perdido.

A17: Por que se ele queria muito bem isso, ele teria lutado por tudo né, só que ele foi fazer só no finalzinho.

P: No final... e o que que quer dizer isso?

A17: No final que ele... que ele... uma indústria de energia queria que ele fosse... ah esqueci a palavra...

P: Secretário.

A17: É se secretário.

P: Uhum.

A17: Isso, daí nisso, ele foi buscando novos caminhos né... acho que foi, por essas partes assim.

P: É... E, qual é o personagem assim... você ficou mais... que você gostou mais, que você se afeiçoou mais... que você podia ser até amigo dele?

A17: (risos)

P: (risos) Afetivamente.

A17: Da irmã dele.

P: Da irmã?

A17: Do Brás Cubas.

P: A é da... da Sabina?, O que que você viu nela?

A17: Sei lá é... eu acho que ela tinha ideias mais formadas, por que ela queria que arrumasse o casório, por que ela queria que arrumasse uma esposa para ele, queria casar e pronto, ela ameaça... é ameaçava para casar mesmo.

P: Sim, e você acha que ela estava preocupada com ele por que assim então?

A17: Porque é irmão né. Por que acho que ela queria o bem para ele.

P: Uhum.

A17: Porque ela queria ter sobrinhos, queria que ele formasse uma família...

P: A família é uma coisa seria né...

A17: Sim.

P: Aham, e que ele fosse, cuidado...

A17: Aham.

P: Que ele tivesse...

A17: Alguém para cuidar...

P: Alguém para cuidar, exatamente. É, deixar o irmão largado, num dá né.

A17: É.

P: É... e assim... que característica, agora assim, pensando na vida desses personagens que você avaliou assim, porque tinha valores, porque tinha lá estudo... assim... esse personagem eu admiro porque ele tem estudo, porque tem qualidades... algum desses... inclusive tem um deles que você já mencionou.

A17: Com estudo?...

P: É, alguma pessoa com estudo, mais atitude, mais qualidade, um jeito que você admirou assim?

A17: Num sei, acho que foi o Brás Cubas mesmo.

P: A é, mesmo ele sendo meio perdido você acha que ele era...

A17: Porque quando ele lutava por aquilo.

P: Uhum. Quando que você viu que ele lutou por alguma coisa?

A17: Que nem, ele queria que... a Virgínia fugisse com ele.

P: Aham.

A17: E mesmo ela num querendo ele insistiu, e insistiu e insistiu.

P: Aham.

A17: Ele queria uma casinha só para ele.

P: Sim. Você acha que ele queria ser honesto, que ele tinha escrúpulos porque ele num queria ficar enganando o Neves, o marido da Virgínia? Ou... ou porque ele queria arrumar uma família... o que você via assim na personalidade dele que ele tinha essa... essa intenção?

A17: Num sei, acho que ele queria mesmo ter uma família, porque ele gostava muito... bem dela.

P: Aham.

A17: Mas mesmo longe com a viagem dele, acho que ele... se afastou um pouquinho, mas mesmo longe acho que ele num deixava de pensar nela.

P: Sim, aham é... e quando assim é... parece que ela queria ter um filho com ele né.

A17: Aham

P: e essa parte mexeu com ele né.

A17: Sim, mexeu.

P: Aham. Tanto é que a gente sentiu que... ele tinha vontade mesmo de constituir família mesmo né.

A17: Sim

P: Isso era um valor para ele né.

A17: Uhum.

P: Quer dizer, apesar de saber que ele era meio perdido, ele tinha seus valores.

A17: Ele tinha seus valores.

P: Aham, ele tinha consciência de... de família né...

A17: Aham.

P: De viver na família,

A17: Aham.

P: É, qual desses personagens assim, você mais se identificou, para pensar assim: "ahh esse personagem aqui podia ter feito uma outra escolha".

A17: (risos)

P: Em quem você se espelha?

A17: Humm...

P: Também pode ser alguém que você...

A17: Ahh eu voto na irmã dele de novo.

P: É

A17: É, eu voto nela.

P: Uhum, Por... pelo que assim?

A17: Pelos valores dela assim, acho que ela é bem forte assim e por... ela querer fazer alguma coisa, ela luta para conseguir.

P: Sim

A17: Por querer o bem do irmão.

P: É, e ela brigava com ele.

A17: Aham.

P: Procurava um briga boa.

A17: aham.

P: Para que ele tivesse o poder...

A17: Mas era pelo bem né. Porque ele era irmão ele queria o bem dele.

P: Aham, você acha que ela tinha um senso de responsabilidade e ao mesmo tempo forte no sentido de amor mesmo...

A17: Aham

P: Ele queria que ele estivesse bem?

A17: Sim

P: É... e no relacionamento dos personagens entre eles, como é que você via assim... eles resolvendo suas brigas... ahh suas dificuldades... mudou assim em alguma coisa?

A17: (risos) Ahh na hora de repartir a herança do pai, teve uma hora que eu comecei a dar risada.

P: Ahh ta você achou meio hilário.

A17: Ahh eles queria dividir, mas num sabiam como dividir, queria escravo, queriam isso, queriam aquilo, daí no momento de dividir eles ainda ficaram de mal por um tempo, daí depois vieram e fizeram para depois se arrepender.

P: Uhum.

A17: Mas daí até que eles se entende, eles conseguem se entender, os dois irmão.

P: Aham, é, mas até o patrão né, por que... apesar de ele ser meio injusto, mas ele...

A17: Sim, foi lá tudo.

P: Aham, e... o que você acha? Você achou isso engraçado?

A17: Aham, achei.

P: Pelas coisinhas que ele fazia todo dia?

A17: Aham. Eles queria dividir, num sabiam dividir, num sabiam o que que tinha demais, queriam pegar tudo.

P: Aham, Ahh e você riu sozinha enquanto você lia?

A17: Aham

P: É que outra situação assim que você achou interessante, engraçado que... eles iam resolvendo as coisas, como eles iam resolvendo as coisas entre eles?

A17: Entre ele?

P: É, entre eles, pode ser até o... o Brás e a Virginia, como é que eles resolveram... e', de alguma forma a relação... a situação deles, de relacionamento amoroso né... como é que você viu isso? Ou outra situação? Ou você achou isso inédito, ou você achou isso, humor? Achou isso imoral? Como é que você viu isso?

A17: Humm a num sei, acho que o jeito de eles resolverem as coisas, é como ele queria que ela ia morar com ele e ela não queria por causa do filho, ele vai e fala, faz de tudo para agradar ela para vim e ela num queria é... mesmo de qualquer jeito, mesmo ela insistindo acho que eles sempre chegavam a um acordo né.

P: aham

A17: Mas eles num queriam ir embora, acho que teve uma hora que ela falou que ia com quem?... num acho que não, acho que foi a outra, mas eles sempre conseguiam, arrumavam um jeito de resolver né.

P: Ahh sim, eles conseguiam essa... essa solução que ele sempre armava.

A17: Aham

P: E essa solução com a... com a dona Plácida? Como é que você viu isso? Eles armaram, uma pessoa lá para cuidar da casa? Para fazer de conta de a casa era normal? Como é que você viu isso?

A17: Hmmm sei lá. Num vou saber explicar.

P: Se você fosse a dona Plácida você faria tudo isso por ela e por ele?

A17: (risos) eu acho que sim.

P: Faria? Pelo que? Pela amizade? Ou pelo dinheiro dela?

A17: Acho que é pela amizade, porque eu enxergava assim uma amizade...

P: Por mais que ele cobrisse alguma coisa que num era real?

A17: Se eu visse que era ruim mesmo que... mas isso daí eu ia interferir também né, porque isso num é certo?

P: Ahh sim. A dona Plácida é muito humilde ela num aceitaria coisa errada.

A17: Uhum tanto que ela.

P: Sim sim

A17: Acho que também ela foi um pouco pelo dinheiro.

P: Bem, ela era bem fragilizada quanto a isso, tinha poucos recursos, mas ela aceitava e acabava até dominando e fazendo esse papel.

A17: Sim

P: É e alguma outra situação assim de como ele iam resolvendo as coisas... é eu num gostaria de dizer por que é a sua leitura né, mas eu só deu o exemplo da dona Plácida para ver se... mas algum outro personagem?, o pai dele lá, como que resolveu isso? É...

A17: Eu lembro que, como o pai, quando o pai dele descobriu daquele... do gasto que ele tava tendo com a...

P: Com a Marcela?

A17: Com a Marcela, o pai dele queria, porque queria que ele tivesse estudos longe, queria que ele se formasse e tudo, mas ele mesmo que num queria né.

P: Aham

A17: Então por isso o pai dele optou por uma... vamos dizer... ele optou parar de uma maneira mais violentamente pondo para fora, imediatamente.

P: Eu teria posto também.

A17: Sim, ele tá indo e já pegando ele e já levando.

P: Sim, certo. Como é que você achou... você achou que o pai dele fez certo? Tava certo fazer assim na base da violência?

A17: Num achei, achei...

P: Como é que você faria, na idade dele?

A17: ahh acho que eu num teria toda essa... capacidade de fazer isso.

P: Aham.

A17: Eu acho que eu ia conseguir fazer de um jeito bem diferente do que usando a força, porque à força você num consegue resolver nada, mesmo contra a vontade. Primeiro eu ia tentar convencer, ele tentou e num conseguiu, eu ia tentar uma segunda vez, com a família reunida, mas ele que era mesmo, num queria saber de nada. Queria mas...

P: Você acha que num resolveu isso? Levar a força e... num mudou muita coisa?

A17: Num deu, lá mais para frente ele num quis saber e estudar né... daí mais para frente daí chegou, daí viu a Marcela, viu a situação que ela ficou daí ele ficou... ficou meio que constrangido assim.

P: E aí ele, ele num voltou mais para ela?

A17: Não.

P: E como é que você viu isso? Será que ela tava feia? Por que ela tava doente? Ela tinha filhos? Você acha que isso foi uma atitude pouco humana para um cavalheiro... sei lá?

A17: Eu acho que... eu acho que... como ele ainda tava viajando, acho que ele nem pensava muito nela né.

P: Aham

A17: Com o tempo ele começou a não pensar mais nela.

P: Aham.

A17: Ele voltou à cidade com o propósito... eu acho que ele não queria mais reencontrar ela, eu nem vi mais essa ação de ele encontrar ela.

P: Num falo mais nada?

A17: Ele num falo mais nada, acho que depois que ele viu ela, acho que tinha um pouco de... de... acho que num sei se... se...

P: Pie...

A17: É, piedade dela.

P: Sei.

A17: Mas para ele... que nem aquela hora que a gente tava falando... acho que para ele... acho que... foi... foi meio frio.

P: Aham.

A17: Ele num sentia mais nada... por ela.

P: Tá. Mas bem de vida ela tava também, (risos), seria um bom partido para quem era da... da... nobreza la do... burguês né. Bem é... assim, só para a gente terminar com essa coisa dos personagens. É... como é que você viu o Brás, o principal nessa história é... ele... é ele que puxou assim o fio da... da história né, você viu essa história meio que... conduzida por ele, sei que mexe um pouco no começo, meio e fim né, é mais um relato da vida, um balanço da vida, porque ele já morreu daí ele voltou e conta é... como é que você viu a narrativa é... mais... mais assim, uma mudança de consciência, mais uma reflexão filosófica? Como é que você viu

o Brás nisso tudo? Nem tanto como um romance, nem tanto quanto uma história de ação né, mais uma reflexão mesmo.

A17: Mais uma reflexão mesmo.

P: A é?

A17: Porque ele ressurgindo da morte e contando da vida, eu até fiquei admirada em algumas falas dele, porque ele lembrava praticamente, tipo assim, eu lembrar e e contar tudo da minha vida eu num teria capacidade... ele por além de ter lembrado, ele fez um resumo da morte, como que é a borboleta preta para ele, ele praticamente viu, ele por andar de cabeça baixa, ele viu, acho que a mosca carregando a formiga pelo... pelo pé, e isso para mim foi muito impressionante, daí eu... eu li daí falei assim “puts” num pe verdade não, daí eu li de novo para ter certeza, porque ele foi muito detalhista em muitos pontos, eu admirei isso nele.

P: E o que que você entendeu dessa história da borboleta?

A17: Como assim?

P: Ahh por que que ele viu essa borboleta, por que ele ficou perdendo tempo com ela, o que que ela pensava? Com a borboleta, para prender a borboleta na casa, por que que borboleta ficou com ele?

A17: Acho que a borboleta surgiu e daí pousou nele e tudo daí ele começou a falar, contar né, e nisso ele começou a refletir sobre a borboleta, falando que... falando que ela pousou nele né, que ela acudiu ele vindo... vendo ela e tudo... e... pousou nele e tudo, pensando que ele era o... o que matou ela, o que fez ela ter surgido.

P: Aham

A17: Daí depois que ele abanou ela e ele lembrou da amizade do pai dele né, daí ele pensou assim: “poxa é esse... esse daqui é o pai da minha aventura... é... acho que foi isso.

P: Aham. Você acha que isso foi uma reflexão muito profunda?

A17: Foi (risos)

P: Você leu muito isso?

A17: Num foi, por que eu num teria a capacidade de pensar nisso... por exemplo, eu num teria essa capacidade, essa formulação dele.

P: Aham.

A17: Porque rolou toda uma história.

P: Sim, tem uma história, mas parece que tem um pensamento é... um pensamento... seria um pensamento religioso... seria a mais pagão?, como é que você viu isso?

A17: Acho que mais religioso...

P: É... religioso porque ele se sentiu... como se fosse um inventor dela?

A17: Uhum.

P: Ou criador dela?

A17: É

P: Como se tivesse total domínio sobre ela?... Aham, tá... E a mosca e a formiga? O que... o que que você viu nisso?

A17: Ele foi muito detalhista (risos) Ele foi muito detalhista, eu tive que reler para poder entender.

P: Uhum.

A17: Ele fica falando que muito tempo de amizade de relacionamento. Eu... eu vi a formiga... eu vi a mosca carregar a formiga pelo pé, e ainda falando: “Pobre mosca pobre formiga”.

P: Aham, mas por que que será que ele ficou fazendo as reflexões... é... é foi no momento do... do namoro né?

A17: Uhum.

P: É, você acha que ele se sentia meio apavorado? Ou ele se sentia uma formiga na mão da mosca? Ou o que que é esse momento de ficar pensando num momento tão insignificante como uma mosca carregando uma formiga? Você viu isso como uma atitude filosófica?

A17: Uhum. Eu acho que ele tava mais ou menos nas mãos da Virgínia, eu acho que...ele se comparou né.

P: Sim, ele se comparou como um inseto na mão do homem?

A17: Uhum.

P: Uhum... hum tá bem... interessante. Bem é...Você... Você concorda comigo que os personagens têm uma presença forte nessa história? O autor parece que centra fogo nas personagens né?

A17: Sim.

P: Você lembra de algum espaço? Ou lembra mais dos personagens?

A17: Como assim?

P: Do espaço, do lugar onde aconteceu ou você lembra mais das pessoas? Mais das personagens?

A17: Ai num lembro... por que teve um acidente que aconteceu no navio...

P: No navio...

A17: Aí sempre ele ia visitar a casa da Virgínia.

P: Uhum.

A17: E ele ia no teatro.

P: Alguns espaços assim. Tá, mas eles são muito importantes nessa históriaou teve mais alguns espaços?

A17: Espaço?

P: É esses lugares assim que ele pouco descreveu, mas aparecem né.

A17: Acho importante.

P: É? Qual você achou mais importante, mais significativo para a história?

A17: A casa da Vrgínia.

P: É?

A17: Porque mesmo, ele podia ter desrespeitado o espaço da família né.

P: Sim.

A17: Mesmo ele alí, ela traia a confiança do marido na própria casa e ao filho né

P: Ahh você diz na casa do Neves e da Virgínia?

A17: É

P: Aham, você acha que isso aí era uma afronta?

A17: Sim

P: Eu pensei que você estava falando do espaço da outra família que lá vivia. Você acha que isso... que esse espaço ele foi meio desrespeitado.

A17: Foi

P: Do ponto de vista do espaço da família. É... quer falar mais assim sobre isso?

A17: (risos)

P: Não?... E lá da casinha? Da casinha que eles alugaram? Como é que você viu esse lugar?

A17: Acho que alí que aconteciam as coisas né.

P: Certo:

A17: Onde eles se amavam, onde eles brigavam... ali foi... mas só que ali era o lugar deles né, só ali que eles poderiam ser feliz.

P: Sim, mas pelo fato de eles terem alugado esse espaço para ficarem só juntos e... se amarem etc. Isso... isso tem um sentido também, maior para você?

A17: Acho que... esse é o canto deles né, é a casa deles né.

P: Mesmo escondido é ali que.

A17: É ali que acontecia.

P: O sentimento deles pode é... ficar mais a vontade na casa. Bem você sabe que isso aconteceu numa época diferente da nossa né?

A17: Sim

P: Você tem ideia de quando foi isso? Que século?

A17: Não (risos)

P: Nem assim, desconfia? Século XVIII? Século XIX? XX?

A17: Num tenho nem noção, mas agora eu preciso saber.

P: Uhum, eles estão do século XIX né?

A17: Aham

P: É de mil oitocentos e pouco né, então, século XIX. É bem o que que tinha nessa época que você percebeu que era diferente de hoje assim é... nos assuntos, mesmo nas coisas materiais?

A17: Acho que era o envolvimento dele com a mulher.

P: Ah sim, que ele ficava?

A17: Aham

P: Ah certo. É por que além disso, nessa época também discutiam a libertação dos escravos né. É, tá, como é que você via isso? Como é que você via, por que naquela época, inclusive, alugavam escravos né, era uma forma de economia na época né, como é que você vê isso?

A17: Ahh acho que tem a parte da influencia dele né, porque ele fez um escravo de cavalo é, isso eu acho um horror, por que imagina isso agora no... agora?

P: Sim.

A17: Num tinha cabimento pegar um...

P: Você acha que a sociedade mudou muito?

A17: Mudou.

P: Você acha que a mentalidade das pessoas mudou bastante?

A17: Sim, teve uma parte que ele viu é... que ele achou um escravo do pai dele né, foi... foi horrível né, aí ele viu esse escravo judiando de um outro...

P: E ele comprou o outro escravo...

A17: Isso, e ele falava que... que tudo que esse doente sofreu ele tava castigando nas coisas, tudo o que ele tinha sofrido.

P: Sim

A17: Ficava tudo assim, repetindo.

P: Descontando né, por que será que os escravos ficaram nele e ele comprou um outro escravo?

A17: Acho que para ter igualdade igual aos outros.

P: Ahh isso foi uma forma de ser igual.

A17: Uhum, acho que...

P: Para ver como é ter um escravo.

A17: É para ter um escravo, para ele poder entender o que é ter um escravo.

P: Uhum.

A17: Porque ele sabe que é só dele e ele faz o que ele quiser.

P: Ahh, também... sim também, mas... você num acha que foi uma vingança?

A17: Acho que sim, pelo que tudo o que ele construiu, ele tava descontando tudo o que faltou no escravo.

P: Ahh sim, tava descontando, tá bom... muito bem. E algum outro assunto assim daquela época que você percebeu que é diferente de hoje?

A17: Hum...

P: Algum tema que pode ser discutido na... entre você quanto a diferença de...

A17: Genero?

P: É. Ou algum assunto, ou alguma coisa que você percebeu nos... da forma como eles discutiam naquela época... que não é igual a hoje...

A17: Hummm.

P: Você sabe que não tinha automóveis, num tinha avião, num dia telefone, num tinha celular né.

A17: Uhum.

P: Só tinham aquelas charretes como taxi... como meio de transporte né, enfim... era uma época muito diferente, mas é... algum assunto que eles discutiam que você achou muito diferentes... ou até talvez até a festa, como eles fazem festa lá, ou as crianças, como elas brincavam.

A17: Acho que naquela época eles tinham mais noção de política né.

P: Sim

A17: Porque... trabalhar... que nem, o pai dele queria que ele enriquecesse às custas de um salário, então nisso né... era tão valorizado o salário naquela época, na política.

P: Aham, bom, e que formação que o Brás precisava, que competência precisava para ser político?

A17: (risos)

P: Você lembra que ele estudou?

A17: Não

P: Que ele estudou direito lá no... em Portugal né, e os estudantes que viam para cá, os que tinham direito e medicina iam para a política também né, bem é que esses assuntos é que, você percebeu também né, que eram discutidos de forma diferente na época... É algum outro assunto que você viu diferente de lá para cá?

A17: Na época?

P: É... Você acha que atrás dessa história é... é uma mera história né, como se fosse uma novela, um filme né.

A17: Sim.

P: Mas você sabe que mesmo atrás das novelas existem temas discutidos né, você assiste novela de vez em quando?

A17: Sim.

P: E você vê que as novelas discutem né, ou homossexualismo, ou o tráfico humano, igual àquela última novela, a anterior, que discutia o tráfico humano né?

A17: Sim

P: É, você acha que algum assunto foi discutido pelo autor por meio dessa história?

A17: Pelo autor?

P: É, você acha que ele discutiu algum tema por meio do livro dele?

A17: Eu acho que sim mas eu num...

P: Num ta conseguindo se achar né.

A17: É.

P: Bem, tá bom, mas se você lembrar é, eu vou colocar como outro subtítulo e se você lembrar também você fala para mim. E como é que você viu, já que você falou no começo que ele era é, irônico com o leitor, como que você viu esse narrador? Contando essa história, do jeito que contou, colocando ironia, conversando com o leitor.

A17: Sim porque, tem livros que eu li que nenhum leitor vai conversar com o leitor.

P: Simplesmente contam a história.

A17: Uhum, simplesmente vai e conta a história e ele não, ele contava a história, parava em alguns trechos e conversava com o leitor naturalmente, meio que fazia parte da história.

P: E era você que gostaria de saber se o autor conversa com o leitor?

A17: Uhum

P: A é? E você achou isso...

A17: Bem interessante

P: Interessante por que assim?

A17: Porque assim, ele abusa muito... ele abusa muito.

P: Você acha que ele debocha do leitor?

A17: Aham.

P: O que que ele pensa do leitor então?

A17: Que nem ele fala... ele prefere, ele num prefere cem pessoas quem leem livro, ele prefere três ou cinco...

P: Poucos mas...

A17: Poucos mas que entendem a obra e que sabem... ler.

P: É.

A17: Aham

P: É ele tá... ele num tá tão preocupado com a quantidade né... tá... É, essa história te pareceu assim meio doida ou ela te pareceu meio assim... real? Parece... podia ter acontecido mesmo?

A17: Acho que poderia ter acontecido.

P: É, embora um autor defunto...

A17: (risos)

P: Mas é...

A17: Olhando por esse lado...

P: Mas, é as coisas que aconteceram é... são coisas normais, reais?...

A17: É pelo o que eu vi é meio doido mas, pelo o que aconteceu, pelo fato que ele contou o que aconteceu, acho que meio assim, podia ter acontecido.

P: Te convenceu?

A17: Uhum

P: Lembrou de algum tema?

A17: (risos) Não.

P: Não, é... e como é que foi ler esse livro que muita gente acha difícil, acha chato.

A17: É um livro que tem umas palavra complicadas de entender...

P: Algumas palavras, que você achou difícil... Você consultou o dicionário, você...

A17: Eu fui lendo a...

P: I depois para...

A17: Eu lia uma frase, eu via um palavra diferente na frase e pelo que a frase tava dizendo eu poderia sentir o que significava aí no meio do livro eu lia em voz alta, minha mãe até brigava comigo, porque eu lia em voz alta para eu mesmo entender.

P: Também você fez isso com tua mãe.

A17: (risos) É.

P: E o que que ela achou?

A17: Ela falou assim: pára de ler em voz alta, lê para você. É e é hoje... num foi à toa que foi hoje que eu acabei de ler.

P: (risos)

A17: Foi hoje que eu acabei de ler.

P: E a sua mãe ficou sabendo de alguma coisa?

A17: Não.

P: Não se interessou muito?

A17: Ela num se interessa muito por isso.

P: E... além das palavras difíceis, havia palavras que você entendia pelo contexto, alguma expressão, alguma diferente que eles faziam e você num entendeu?

A17: No capítulo, acho que teve dois capítulos que ele num colocou absolutamente nada.

P: Uhum, colocava reticências.

A17: Uhum.

P: E o que você entendeu disso?

A17: Eu acho que ele deixava para os outros.

P: A é? Deixava para os outros?

A17: É.

P: Alguma outra ideia?

A17: É...num sei, acho que ele tinha preguiça de falar, acho que ele num queria falar.

P: Preguiça de falar?

A17: É porque teve num capítulo que depois do recente ele fala assim: “Agora eu vou explicar o do capítulo anterior e bla bla bla”

P: Aham, e você num acha que ele esperava alguma coisa do leitor?

A17: Acho que sim.

P: É? O que será que ele esperava?

A17: Acho que ele esperava o leitor completar.

P: Digamos como se fosse só a preguiça de ele escrever, para ele completar, ou ele inovar e achar que ele poderia ter completado? Você acha que ele poderia ter pensado em mais coisas?

A17: Eu acho que ele queria formar um outro gênero.

P: A é? Tem alguma coisa que você imagina?

A17: A gente poderia imaginar o capítulo, como é que foi.

P: A é? O leitor poderia imaginar? Legal, o que mais? Que o leitor pudesse fazer o que?

A17: Conforme tava no meio do capítulo, acho que por isso o leitor tinha que se basear numa história para continuar o que ele tava falando.

P: Continuar o que ele tava falando?

A17: É.

P: Ahhh muito boa, você pensou isso então enquanto você lia?

A17: Aham.

P: E você é... fez esse papel? Você é, imaginou o que que ele poderia ter esperado de você? Ou foi lendo e só que ocorreu que “Ahh ele pode estar esperando aí que eu complete”.

A17: É isso decorreu na minha cabeça também mas...

P: Mas não da mesma forma que havia naquele tempo...

A17: (risos)

P: É... e como é que você achou, além da... das palavras alé das expressões, o que você achou do jeito do... do autor de escrever? Inventar essa história difícil e colocar um defunto... um autor defunto? Ou do jeito, do estilo dele?

A17: Que ele renovou.

P: Que ele renovou.

A17: Colocando um autor defunto que fala da sua vida.

P: Aham, e ele renovou, inovou, mas... inovou né e você acha que ele conseguiu o que com isso?

A17: Chamar a atenção.

P: É? E isso chama atenção pelo que exatamente?

A17: Chama a atenção por ser um livro onde um defunto ta cintando a história e...

P: Isso faz impressionar?

A17: Sim, porque ele morreu tá la, morre e depois num faz mais nada.

P: Aham

A17: Então nem vale a existência.

P: Num tem nada a perder?

A17: Hmm, mas ele conta a própria história.

P: Tá, e o propósito de ele voltar e contar a história dele, isso tinha também algum sentido para ele também será?

A17: Como assim?

P: Como se fosse passar um filminho da vida toda dele, foi uma forma de fazer uma reflexão de tudo o que fez da vida será?

A17: Acho que ele foi refletindo tudo o que ele fez na vida, num importa se ele tinha consciência como memória, o que importa é que ele foi refletindo mais.

P: Ele fazendo a reflexão?

A17: Aham

P: E essa reflexão você acha que com o propósito só dele fazer um balanço ou ele queria incitar as pessoas como se enfim... qualquer um podia viver e fazendo danças.

A17: Acho que ele sozinho.

P: Aham, tá, entendi té. É... o que você acha do final do livro?

A17: (riso) Eu tava... eu acho que foi porque eu num consegui entender muito, mas chega nossa falta pouco para ler, mas chega até uma parte assim e eu num consegui entender o final do livro, eu num consegui entender.

P: Ele termina meio sem graça você acha?

A17: Eu achei, porque na verdade não teve graça assim... num teve graça. Porque na verdade foi um meio feliz... feliz segundo a ótica dele porque eles resumiam tudo o que aconteceu, então foi mais ou menos ele que tava contando né.

P: Sim.

A17: Mesmo ele achando que não ia ter graça, ele acabou mesmo fazendo um relatório da vida dele.

P: O que que tinha graça para ele?

A17: Hum?

P: Você falou que num tinha graça?

A17. O... finalzinho.

P: Ahh o final, certo... porque a graça não acontecia durante as coisas que iam acontecendo? Será que a graça tava lá, mas que rolou a importância?

A17: Sim, mas também ele fez suas reflexões.

P: Aham.

A17: Ele também contou da morte né.

P: Aham, e você acha que ele conseguiu é... fazer alguma coisa ser importante na vida? Será que ele tinha alguma preocupação importante... deixar alguma coisa para a história... alguma coisas para os estudos?... lembra daquele remédio que ele tentou fazer e tal.

A17: Uhum.

P: (riso) E ele num conseguiu nem tomar ele próprio né. Você acha que ele, ou com esse remédio ou com alguma atitude fazer alguma coisa importante? Para a sociedade, para as pessoas?

A17: Sim.

P: É? Você lembra de alguma coisa? Ou você acha que ele se frustrou na vida?

A17: Não, ele num se frustrou na vida, para mim eu acho que... ele apenas num fez esse relatório de avaliar tudo.

P: Uhum.

A17: Para mim ele fez alguma coisa de importante, alguma coisa para poder mudar, diferenciar um pouco.

P: Refletir que a... a existência do ser humano aqui é assim mesmo, que cada um faz a sua história?

A17: Uhum.

P: Bem é... O que você diria para o autor depois dessa história?

A17: (risos) O que eu diria para o autor? Sei lá.

P: Tá maluco.

A17: Acho que mais ou menos isso (risos)

P: (risos) Que mais?

A17: Poderia maneirar um pouco nas palavras, colocar palavras fáceis para poder entender mais.

P: Aham.

A17: Num podia ser muito irônico.

P: Você acha que ele é muito ironico?

A17: Sim.

P: Irônico perante a história, perante o leitor?

A17: O leitor.

P: A é?

A17: Ele esculachou com o leitor.

P: Ele esculachou com o leitor, é... e o que que você pensa do autor, depois de ter elido essa história, você leu algum outro livro dele ou não?

A17: Não.

P: Depois de você ter lido essa história, o que você pensa do Machado de Assis? Como é que você imagina que foi esse cara?

A17: Foi um revolucionário.

P: Um revolucionário? Como é que você imagina a cabeça dele?

A17: Que eu queria ter um pouquinho... ser um pouquinho do que ele foi (risos).

P: Um sujeito inteligente?

A17: Em tudo,

P: Uma qualidade.

A17: Acho que com a capacidade que tem de fazer isso de renovar.

P: Ahh de escrever uma história tão diferente.

A17: Acho que eu tenho um livro, acho que eu to com um livro em casa dele que tenho que ver.

P: É, tem bastante coisa. Ahh então ta bom minha querida, eu acho que era isso que eu precisava falar com você.

Colégio Estadual da Warta

Entrevista individual V

Obra: *Memórias Póstumas de Brás Cubas*

P-Eduardo Né?!

A-Aham!

P-Eduardo só pra registrar então, você leu *Memórias Póstumas de Brás Cubas* né?!

A-Issso!

P-Ta!

P-Você pode me falar assim...é..De modo geral, como é que foi, quais as impressões que você teve lendo a memoria póstumas de Brás Cubas?

A-Assim...

P- É! Falar espontaneamente, o que você percebeu, o que você sentiu, como é que você depois de ter lido isso, ou enquanto ia lendo, que impressões você foi tendo?

A-Que o autor é um ótimo escritor?!

P- A.. Sim!

A-Historias muito bem contadas...

P- Aham!

A-Muito bem escritas...

P-Sim..

A-Muito bem formuladas...

P-Aham!

P- E assim... É... Enquanto ia acontecendo a historia como que você ia percebendo, essa, a própria a historia,é...O jeito dos personagens, e... E tudo mais, que impressões você foi tendo,é... De um autor defunto?

A-A, foi legal né que...

P-Ou, melhor de um defunto autor né?!

A-É que ele começou o livro de trás pra frente

P-Sim!

A-A impressão que eu tive que eles eram uma família né?!

P-Aham!

A-Tinha a mãe o pai...

P-Sim!

A-Ele teve suas namoradas...

P-Certo!

A-Os amigos...

P-Sei!

P-E assim... Como é que você foi, é... Percebendo essa vida dele, é... Naquela época...

A-Foi Quando ele começou a contar que...Foi logo ali depois,que ele conta que ele se envolveu com Marcela

P-Aham!

A-Que ele gastou bastante, e o pai dele mandou ele estudar...Foi de navio estudar pra fora

P-Aham!

A-Se formou em advocacia né?!

P-Sim.. Isso, aham!

A-Aí ele voltou pro Brasil, quando ele voltou á mãe dele já estavadoente

P-Aham!

A-Com câncer eu acho, no intestino, estomago... Não sei o que é

P-É...

A-Um câncer!

A-Aham!

P-E assim... É, além de você ficar... De você ter uma impressão do autor , como você falou no inicio, é...que sentimentos você teve, que impressões você teve, é... Diante dessa historia, é...Você já tinha visto alguma coisa parecido?

A-Não!

P-Não?

P-Nova?

A-Parece uma historia exclusiva!

P-Aham!

P-Coisa nova pra você?

A-É, coisa nova!

P-E foi... Foi bom de ler, você..

A-Foi!

P-É?!

P-Você achou interessante até?

A-Aham!

P-Apesar de ter sido meio imposto pela...

A-É!

P-Pela professora e pelo...

A-É por que... é se eu falar pro senhor, o senhor vai dar risada, foi o primeiro livro que eu li!

P-A é?!Foi o primeiro?!

P-É mesmo?!

A-É!

P-A então...

P-E como que foi essa experiênciade ler o primeiro livro?

A-A, foi boa...

P-É Foi boa?

A-Foi!

P-Issso te estimula a ler mais, ou te desanimou de uma vez?

A-Não... Não desanima não! É bom ler, mas... É muito corrido!

P-Sim!

A-Para nós lá e muito corrido!

P-A sim, por que você trabalha o dia inteiro.

A-A nossa senhora...

P-Você não tem muito tempo pra ler?

A-Não tenho!

P-Aham!

P-Mas, depois dessa experiência qual é o seu proposito? Você pretende fazer outras experiências de leitura ou...

A-A... O que aparecer a gente tem que lê né?!

P-Aham!

A-A gente lê sim.

P-Sim... Mas de literatura especialmente você gostou? Ou você...

A-Gostei!

P-É?!

P-Ou você pretende ler mais coisas da sua área?

A-Não! Leio bastante também, literatura, tudo...

P-Você lê...Lê mais que tipo de coisas? Tipo revista, jornal...

A-A é!

P-Internet?

A-É!

P-É?!

A-Essas coisas...

P-Dê todos esses veículos você lê?

A-Issso!

P-Aham!

P-Tá!

P- Vamos falar mais especialmente então dos personagens... Gostaria de saber assim, quais que mais chamara sua atenção?

A-Bom...

P-Ou qual deles digamos assim, como você preferir, ou se for mais!

A-Dom Casmurro né, a Marcela que era...

P-Dom Casmurro é outra obra né?! Você quer falar o Brás né?!

A-É o bras, isso!

P-Brás aham!

A-A Marcela!

P-A Marcela...

P- Esses te impressionaram mais?

A-Aham!

A-Tinha aquele doutor que... Que ele achou beijando atrás da moita uma, uma...

P-A sei!

A-Uma...

P-Que depois nasceu á Eugenia?

A-É!

P-Aham... Sei!

A-Ele achou... Era uma outra mulher também que ele acho, agora não lembro o nome dela, que ela era amiga da família.

P-Sim!

A-Que ele conta que ele saiu gritando...

P-Eu francamente não estou bem lembrado do nome daquele!! A Sabina é a irmã...

A-É aquele...

A-É tinha a Sabrina também!

P-Aham!

P-Virgília...

A-Aham!

P-A dona Plácida, a Eugênia, o Cotrim, o tio João, que era militar né?! Tio, que era o padre, ai tinha o Quincas Borba, Marcela, Lobo Neves, Sabina, Prudêncio...Mas desses personagens quem mais te impressionou assim, que você acho mais interessante, foi o Brás e?

A-Foi o Brás!

P-E a Marcela!

A-Marcela!

Aham!

P-O que você me fala da Marcela?

A-Que a Marcela foi o primeiro amor dele.

P-Aham, tá certo!

A-Ela era uma garota de programa...

P-Aham!

A-Que ele gastou bastante com ela...

P-Gastou muito dinheiro com ela!

A-É!

P-Gastava dinheiro do pai, que primeiro dava de boa vontade, depois... Depois ele acabou gastando muito, o pai dele teve que tomar providencia né?!

A-Aham, Quase Faliu o pai dele né?!

P-É!

P-Que mais que você vê na marcela? O que você achava dela, da personagem?

A-A,acho que é era só isso ai mesmo de Marcela né?!

P-É?

A-Acho que ela retrata...Ele fala bem pouco dela, fala mais no começo ali,que ele a ama, ai depois da aquela parada e já continua a historia né?!

P- É Foi forte no momento que ele...

A-É, isso!

P-Que ele estava namorando ela, antes de partir pra Coimbra né?!

A-Aham!

P-Para Portugal!

P-E o Brás, o que você pensa desse cara?

A-A, ele é um personagem esperto né?!

P-Hum...

P-Você acha ele esperto?

A-Aham!

P-Esperto em que sentido?Como...

A-Dê sabedoria mesmo!

P-É... E pelo o que você viu isso, assim da historia...

A-A... Na verdade na historia inteira

P-Na historia inteira você percebe isso, você podia pontuar algumas situações que você percebeu essa inteligência dele, essa esperteza, tem algumas circunstancias?

A-Na verdade já foi né quando ele se formou em advocacia né?!

P-Aham!

A-Por Que advocacia não é uma coisa tão fácil pra todos.

P-Sim... Você acha um curso...

A-É, puxado!

A-Difícil né, puxado, aham!

P-Acho que isso já prova, que ele é um sujeito...

A-Já prova!

P-Esperto, inteligente!

A-Com capacidade né?!

P-Aham!

P-E outras situações assim, nos relacionamento, tanto família, quanto com a Virgília...

A-Mas ele também tem seus, não sei se pode falar...

P-Podefalar, o que você quiser!

A-O seus fracos né!

P-Tem Seus fracos!

A-Por que ele, no começo ele se apaixonou por uma prostituta.

P-Sim, você acha que isso é uma fraqueza?

A-É!

P-Aham, fraqueza por que?

A-Até gastou dinheiro com ela né?!

P-Aham, sim! Gastou bastante...

A-É!

P-Você acha que é uma fraqueza do homem?

A-É, é mais dele né por que...

P-Sei...

A-Por que isso ai é besteira, isso ai não adianta.

P-Aham!

A-Iso não ia dar certo mesmo.

P-Você acha que isso mesmo, vale pra nos também, pra qualquer homem ?

A-Vale!

P-É ..Um homem se envolver assim...

A-A não!

P-É...

A-Iso é errado!

P-Acha que é errado,só... Você acha que é errado no sentido moral, ou você acha que isso é também leva pra ruína, como é que você entende isso?

A-A nos dois né!

P-É!

A-Nos dois...

P-Você acha que o homem que se envolve d essa forma é um fraco?

A-É... Ele se queima né?!

P-Aham!

A--Entre a sociedade.

P-A também, se queima... Queima sua imagem.

A-Aham!

P-A sim...

P-Ta!Tem fracos, mas, tem seus lados...

A-Esperto!

P-Esperto!

P-Queem uma outra situação de fraqueza que você viu nele, além dessa de se envolver com a prostituta?

A-Fraqueza?

P-É...Uma situação que você viu nele, a esse cara não.. Não parece ser muito, assim... Forte, não é tanto assim de se admirar, considerando que ele é um personagem principal né?!

A-Aham!

A-Eu acho, não sei se pode relatar como fraqueza, que ele sentiu muito a morte da mãe dele né!

P-Sim!

A-Ele fala ali que...Não sei se pode considerar isso como...

P-Como uma fraqueza?!

A-É!

P-É, eu acho que ai, é uma questão... Ele gostava dela né?!

A-É isso ai é logico!

P-É próprio do ser humano né?!

A-Aham!

P-Tem pessoas que se abalam mais né?!

A-A tem!

P-Mas, não constitui digamos assim uma fraqueza, fraqueza seria, é que poderia levar ele como home para alguma dificuldade, de não acertar, seja do ponto de vista profissional, seja do ponto de vista...

A-Aham!

P-De qualquer atitude que...

A-Teveuma outra mulher também, que ele... Que na...

P-Que ele se envolveu? Você querfalar da Virgília?

A-É!

P-Aham!

P-Com relação... Ele se envolveu..

A-É, ele se envolveu com ela tbm.

P-Depois da marcela, foi a Virgília.

A-Foi!

P-Então, ela é amante dele!

A-Aham!

P-Tá, e dai como você viu esse envolvimento com a Virgília, considerando que ela tinha .. tinha marido filho...

A-Tinha um marido...o marido era..

P-Lobo Neves!

A-É!

P-Polito..

A-Politico isso.

P-aham!

A-Aindalevou ele pra ser secretário se eu não me engano.

P-Iso é... Levaria né?! Acabou na verdade desistindo da promoção né?!

A-Aham!

P-Dai, como que você percebeu esse envolvimento com a Virgília? Você também acha que isso foi uma fraqueza?

A-Acho que sim né?!

P-É?!

A-Por que ele já sabia que ela era... Ele sabia não sabia?! Que ela era comprometida?

P-Sim, sim, claro! Por que ele frequentava a casa do Lobo Neves e da Virgília né?! E já estava lá com muita frequência.

A-Aham!

P-E...Bem, ai acabaram até alugando aquela casa pra poder..

A-É!

P-Pra ficar as escondidas, no... Nas intimidas e no amor deles.

A-Aham!

P-Masentão...Então você considera esse relacionamento do Brás um fraqueza?

A-Sim!

P-Aham!

P-Uma fraqueza assim...Como você poderia assim...Explicar um pouco melhor, como que você entende essa fraqueza?

A-Como que entende a fraqueza?

P-É!

A-Qual delas?

P-Do Brás em relação...

A-A Virgília?

P-Isso, nessa circunstancia...Nesse envolvimento com a Virgília.

A-A... Que a fraqueza dele foi, foi sabendo que ela estava casada, e se apaixonar e ter relação com ela.

P-Sim,se apaixonou por ela.

A-É!

P-E...Insistiu em ficar com ela.

A-Insistiu!

P-É...Quer dizer, a fraqueza seria no sentido de não controlar os seus instintos?!

A-É, seus instintos, isso!

P-O seus sentimentos.

A-Aham!

P-Você acha que ele poderia agir diferente?

A-Podia!

P-Como você agiria se tivesse no lugar dele?

A-A, ele tinha que sair dessa né?!

P-É?!

A-Mulher tem bastante no mundo né?!

P-A sim... Você procuraria outra, mas não se envolveria?

A-Não!

P-Aham!

P-Por que isso também como você achado...É...Em relação á Marcela, isso também comprometeria a imagem dele diante da sociedade?

A-A... Comprometeria né?!

P-Certo!

P-E,um outro valor dele, que você percebeu , a final de contas a historia, o Brás está na historia todo, é o protagonista, principal, além de ser o narrado, é como que você...Que outras coisas positivas você viu nele assim? Como valor, virtudes, como a alguma coisa de se admirar nele talvez? Você já falou da inteligência, esperteza...

A-Foi também na... Teve a divisão da herança né com Sabrina.

P-Aham, sim! Com a irmã dele.

A-Aham! Sabrina foi bem esperta também na divisão.

P-É... Ele não deixou se iludir.

A-É, aham! Acho que também isso ai.

P-É Você acha que ele agiu de uma forma prudente?

A-Prudente!

P-E também assim correta né?!

A-Eu acho que sim!

P-Elenão se aproveitou da situação né?!

A-Aham!

P-E também, embora eles tivessem ficado um tempo sem conversar, mas não foi uma briga definitiva né?!

A-É!

P-Se perdoaram né?!

A-É!

P-Você acha que isso é um valor?

A-Aham!

P-Essa...Essa atitude pacifica né?!

A-Defender seus direitos.

P-De defender seu direitos, mas de uma forma pacifica também né?!

A-É!

P-Aham!

P-Qual dos personagens você mais se afeioou, que mais gostou, que você podia ser até amigo dele ou dela? Por que tem...Você pode falar objetivamente dos personagens, a, você fez um uma critica aqui na verdade, sim?! Você considerou as atitudes...

A-Não, do próprio Brás!

P-Você também se afeioou a ele?

A-Não, a todos!

P-Aham! Mas especialmente o Brás?

A-Não, especialmente...É...De todos né, não tem um.

P-Você gostaria de falar de algum especial, que você gostou dele, da atitude, da forma de agir, a esse cara é legal...

A-A, acho que do próprio Brás mesmo.

P-É?! Aham!

P-Assim...Em que sentido você viu, esse de uma forma um pouco mais afetiva, pensando mais é...No sentido como se fosse amigo seu... Você seria amigo dele?

A-Seria!

P-Aham!

P-Você acha que ele seria um sujeito... Um amigo tem valores assim... Que a gente considera né?!

A-Aham!

P-Pra ser amigo né?! Que valores você veria nele? Amizade é uma coisa completa né?! Mas amizade envolve honestidade, sinceridade, companheirismos, solidariedade...

A-Sinceridade é...Teria que dar conselhos né?!

P-Sim!

P-Você se aconselharia com ele?

A-Aham!

P-Você pediria ajuda a ele?

A-Pediria!

P-Você também seria amigo dele, no sentido de ajuda-lo, no caso ele precisasse?

A-Aham!

P-Quais coisas mais assim, você percebeu nele, a, um cara legal...

A-Quais coisas?

P-É!

P-Pensando nesses valores, sinceridade, honestidade, justiça, enfim, tudo isso que envolve, pra você ter um envolvimento, a gente se distancia de pessoas que não tem certos valores né?!

A-Aham!

P-Você não vai ser amigo de um sujeito que te traia né?! Enfim que deboche de você.

A-Aham!

P-Tem certas coisas, respeito,né?!

P-A amizade envolve uma serie de valores.

A-É!

P-Um outro que você poderia apontar nele?

A-Um outro valor?

P-É, um outro valor, outra virtude, que você viu, uma qualidade...Talvez você pensasse..

A-A o companheirismo né?

P-É! Onde você viu o companheirismo assim...Lá na historia, com que outro personagem você viu isso acontecer?

A-Com as duas...Com a Marcela e a Virgília também né?!

P-Aham!

P-Você acha que além da paixão, tinha companheirismo?

A-Tinha!

P-É...Uma situação especial que você viu assim, por exemplo com a Virgília que seria companheiro mas... Além de ser amante, ou sei lá...

A-Acho que com Marcela tinha mais né?!

P-Tinha mais?

A-Companheirismo

P-Você acha que tinha... Assim... Além da questão amorosa tinha amizade também?

A-Tinha, tinha!

P-Aham!

P-E lá nos outros personagens, dos homens, até lá pro final da historia, como é que você... Ele tinha relacionamento com outros sujeitos...

A-Tinha!

P-Você lembra do Quincas Borbas por exemplo, que era amigo de infância?

A-Esse eu não lembro!

P-A você não lembra?

A-Não lembro!

P-O filosofo, da humanista, daquela filosofia...

A-A, aquele que fala que ele reencontra?

P-Isoo, aquele que roubou o relógio dele, mas depois devolveu.

A-A estou me lembrando meio por cima.

P-Aham!

P-Não aquela visão completa do autor, do personagem...

A-Sim!

P-Bem, e qual desses personagens todos, importa repetir também, você mais se identificou, a essa cara também, tem o jeito que bate com o meu jeito.

A-Com o meu jeito?

P-É, com quem você teria assim afinidade, o jeito de pensar, o jeito de conduzir as coisas, você é uma rapaz, embora seja novo, já é um rapaz de negócios né?

A-Aham!

P-E lá também tinha pessoas de negocio, você se afinou com o jeito de algum deles, de fazer negócios, de exercer a profissão...

P-O Brás enquanto estudante, era um festeiro.

A-Aham!

P-Praticamente não estudava, só levava na base da festa.

A-Aham!

P-Não sei se você é um tipo de estudante assim, você..

A-Não, não!

P-Você não se identifica com ele?

A-Não

P-E como não tinha outro estudante lá, não ser o Brás, mastinha outros homens de negócios, outros profissionais, o próprio pai do Brás, o cunhado dele né... O Cotrim né e outro tantos...

A-Eu acho massa, que ele... Com o doutor né? Como que era o nome dele, acho que Cotrim né?!

P-Cotrim era o negociante, o cunhado dele né?!

A-Não, então não era!

P-O Lobo Neves que é o marido da Virgília

A-Aquele doutor, que ele não se lembro se era ... Que ele encontro com aquele personagem beijando atrás da moita, e saiu gritando pra todo mundo.

P-Sei, sei!

P-Não estou lembrado do nome dele agora, mais tá pode falar, mesmo que não.

A-Mas acho que era dele! Acho que era um doutor, um doutor né?

P-Aham!

A-Me identifiquei mais com ele.

P-Em que sentido assim, como você viu ele? Esse personagem.

A-Um cara mais maturo né?

P-Mais maduro?

A-É!

P-Aham, tá!

P- Mais adulto, mais... aham!

A-É

P-Apesar de ter passado uma situação hilária lá né?!

A-Aham!

P-Ter beijado a moça atrás da moita né?

A-É!

P-Mas você ainda assim considera ele um sujeito..

A-Sim!

P-Que você se identificaria?

A-Aham!

P-Tá! É... Como que você percebeu os outros, assim... Os personagens de forma geral? Não sei se preciso lembrar aqui, é...Mas é...Como eles iam resolvendo as suas dificuldades, o seus problemas, é...Como é que você viu esse povo lá, naquela historia, naquela época, resolvendo as suas dificuldades?

A-Resolvendo suas dificuldades?

P-É! Suas dificuldades, seu problemas, enfrentando as situações, você enfrenta situações todos os dias, do trabalho, dificuldade.

A-Sim, mas acho que desenrolava mais era o passar do tempo, ia desenvolvendo, ia concluindo.

P-E como você via essas pessoas no passar do tempo resolvendo as suas situações?

A-Como o próprio Brás, e sua irmã Sabrina né?!

P-Certo!

A-Que foi desenvolvendo, com o próprio passar do tempo foi esquecendo...

P-A certo!!

A-A briga..

P-Aquela dificuldade...

A-Aquela dificuldade que teve entre os dois.

P-De dividir a herança?

A-Isso!

P-Aham!

P-Você achou que ali houve que tipo de atitude que você achou interessante, da parte de um e de outro?

A-Que tipo de atitude?

P-É... Isso, como eles resolveram a situação da divisão da herança.

A-Aham!

P-Você achou que isso foi legal, foi bonito do jeito deles resolverem, mas...

A-Sim!

P-Como é que você caracteriza esse comportamento deles, como é que você vê isso? Você achou que eles foram, assim... É... Pacíficos, tranquilos, responsáveis?

A-Eu diria pacíficos né, por que acho que... Sabrina se alterou um pouco né?!

P-Sim! Achou-se... É...

A-Ela própria acho que ia ser enganada né?!

P-Sim,ela...Isso, ela acho que ia ser lograda né?

A-Aham!

P-Tá! Mas, você achou que tanto um quanto outro tiveram cabeça no lugar?

A-A..tiveram sim.

P-É?!

A-Aham!

P-Então..certo! Em situações, assim por exemplo, eu não poderia falar né, eu gostaria que você dissesse de situações, mas, por exemplo, o pai dele teve uma dificuldade lá inicial, com o envolvimento com a macela né?!

A-Aham!

P-E gastando aquele dinheiro todo, embora ele fosse rico mas...Ai ele pegou o menino botou no barco, botou em um pequeno navio, e mandou pra Europa.

A-Aham!

P-Como você viu essa situação? Isso foi uma forma do velho resolver?

A-É, uma atitude que eu acho que foi certa, por que em ambas as partes ele estava errado, e...

P-Aham!

A-E o pai dele tinha que corrigir, e de maneira que ele ajudou ele também, mandou ele,não foi só atoa pra Europa, ele foi estudar também né?

P-Aham!

P-E mesmo na força, você acha que isso estava correto?

A-Estava!

P-É?!

A-Corretíssimo!

P-Você acha que as vezes é preciso usar a força mesmo?

A-A tem que ser.

P-Aham!

P-E na situação, lá do envolvimento do Brás com a Virgília, a mulher do Lobo Neves, como é que você viu esse relacionamento, Lobo Neves mais ou menos desconfiando, ele parece que ouvia as pessoas na sociedade falar...

A-Aham

P-Mas mesmo assim ele não foi truculento.

A-É, por que desde o começo foi um relacionamento errado né, ele se envolveu com uma mulher casada.

P-Sim!

A-Que não deveria.

P-E a forma como isso tudo aconteceu lá e eles foram resolvendo, como é que você vê isso da parte do Lobo Neves, em relação ao amigo dele, em baixo do mesmo teto o traia com a mulher?

A-É... Como você quer saber? Como que...

P-Como você vê, por exemplo, a atitude, pode ser de qualquer um deles, mas como você vê por exemplo a atitude de Lobo Neves?

A-Uma atitude severa né? Ele foi... Quando começou desconfiar, ele foi severamente, juntando, ligando os pontos, escutando aqui e ali.

P-Mas, você achou que ele foi severo? Ele não puniu, nem tomou nenhuma providencia pra...

A-Por que no final disso eu não lembro muito bem o que, que aconteceu, quando ele claramente descobriu que eles...

P-Aham!É No livro não dá pra perceber muito bem, se ele descobriu ou não né?!

A-É!

P-Ficou...

P-Ficou meio ali...

A-Ficou no ar né!

P-Aham

A-Por isso tenho a vaga lembrança de...

P-Aham

P-E comoque você vê assim, a forma do próprio Brás e a Virgília resolverem a sua situação, de ficarem juntos, e tomando algumas atitudes, algumas providencias, por exemplo de alugar aquela casa, como que você viu eles resolvendo isso?

A-Eu vi eles resolvendo de forma errada né?!

P-Você acha que continua sendo...

A-Foi erradíssimo!

P-Não considera nenhum mérito eles terem pelo menos arrumado a casa, pra não ficar em baixo do mesmo teto, traindo o Lobo Neves?

A-Não!

P-Não acha mérito nenhum?

A-Não!

P-Aham!

A-Por que ela já era mulher de Lobo Neves.

P-Sim! E como você a atitude da própria Virgília, então... É... Não assim, não proibindo, ficando com um, ficando com o outro.

A-Com a mesma dele né? Por que ela sabia também que ela era comprometida.

P-Aham!

A-Ela não deveria também aceitar.

P-Sim!

A-Os dois né?!

P-Você é radicalmente contra os dois?

A-Os dois!

P-O que eles faziam?

A-Ou ele largava né, ela do Lobo Neves, largava, terminava e assumia o namoro né?!

P-Assumia como Brás?

A-Aham!

P-Ou?

A-Ou largava.

P-Ou o Brás devia larga e arrumar outra mulher?

A-Issso!

P-E pronto, com você não tem meio termo?

A-Não!

P-Ou é assim ou é assado?

A-Ou é ou não é!

P-Ou é ou não é, aham!

P-Certo! E... Bem, quem dos personagens você acha que é o grande articulador de tudo? De toda trama, que sem ele não dá pra ficar, a historia não tem seguimento, a historia não se completa.

A-O próprio Brás né?!

P-O próprio Brás.

A-Por que ele é o personagem principal.

P-E como é que você vê ele,é...Sendo esse personagem principal, que faz com que essa historia tenha nexo, ligação, começo meio e fim. Por que não é uma historia linear né?!

A-Aham!

P-Como historias que você vem, por exemplo na TV e filme, é uma historia meio recortada.

A-É!

P-Meio filosofada, mas mesmo assim o Brás é centro da...

A-Das atenções né?!

P-Das atenções e da trama.

A-Aham!

P-E como você vê ele articulando com tudo? Como é que você vê ele fazendo a ponte entre os outro personagens e a própria...

A-É por que ele foi ligando né, o personagem envolve a família também né?!

P-Aham!

A-Então ali foi envolvendo a família, a Sabrina, o seu tio João.

P-O João, Erifonso...

A-É!

P-Tá!

A-Seu pai sua mãe.

P-Sim, aham!

A-Ai foi desencandeando a historia, o seu amor, sua amizade com lobo neves que era casado coma Virgília

P-Sim!

P-Tá! E o que essa articulação, essa ligação que ele tem com todos esses personagens, como é que ele é o centro? Como que você vê que ele seria o centro da, a...De toda trama que se desenrola ali? Ou que sentido faz, ele ser o centro dessa historia? Não poderia ser outro?

A-Foi na focalização do próprio autor né?!

P-Aham!

A-Focalizou demais nele foi...

P-Aham!

P-Por que você acha que o autor focou no Brás? É... Como a célula principal ali desse...

A-Por que ele tinha que focalizar em alguém né, observar bem.

P-Aham!

A-Analizar, descrever, como que seria o homem né?!

P-Tá!

P-A, isso é interessante.

A-Naquela historia.

P-Issso! E como é que você vê no Brás a intenção do autor? O que, que o autor... Parece que ele que passar alguma coisa pra nos leitores, por meio do Brás.

A-É ele quer passar como a maioria dos homens é, dos homens é, né?!

P-Aham!

P-Sim!

A-Alguns é, cafajeste.

P-A , sim sim!

P-Pode falar mais, assim..de como seria o Brás? Você acha que ele era um cafajeste?

A-Em ambas as partes, mexendo com...

P-Com A mulher aleia.

A-Com a Virgília é!

P-Aham!

A-Isso eu percebi que...

P-Você acha que ele foi um...

A-Foi!

P-Que outro comportamento do homem, que ele coloca no personagem do Brás que seria assim...é...O homem de forma geral? A o Brás é, mas ele representa os homens, nessa... Nesse comportamento, a ele é um cafajeste.

A-Sim!

P-Muito homens são cafajestes.

A-Representando né, na... No próprio, como é que se diz é... Na vida atual né?!

P-Aham!

A-Dos homens que tem bastante... Estudando direito, advocacia...

P-Sim! Pelo próprio exercício da profissão.

A-É da profissão dele.

P-Que mais além do direito ele...Que mais ele fazia, além de ser advogado? Embora ele não exercesse a advocacia.

A-Não!

P-Mas ele exerceu outros papeis.

A-Isso!

P-Quais por exemplo?

A-O papel foi...

P-Da questão assim... Bem, não exatamente profissional, mas ele teve papeis na sociedade, além de ser um amante, aluno, relapso mais foi, além de ser filho, o que ele fez mais na sociedade? Que representa um bom seguimento da sociedade, bom...

A-Essa eu não lembro em.

P-É!

P-Você não lembra que ele foi politico uma época?

A-Foi!

P-Se acha que isso também representa?

A-Representa!

P-Tá!

P-Ele é representativo da sociedade também por esse aspecto?

A-Sim!

A-Ele foi chamado também pra ser auxiliar do Lobo Neves.

P-A sim! Lobo neves.

P-Aham certo!

P-E das atitudes assim, mais de ser humano, além de homem, além de ser humano...

A-A por que ele na historia mesmo, já conta... Á historia real já conta como se fosse á vida de um ser humano.

P-Aham!

A-Por isso eu falo que ele é um... O Machado de Assis é um ótimo escrito!

P-Aham, Sim!

P-Ele pega esse personagem, e coloca características que são gerais dos seres humanos.

A-Dos seres humanos.

P-E, como se ele fosse representativo.

A-E joga ali, isso!

P-Aham!

P-E lá, naquelas atitudes, por exemplo, dele achar dinheiro e fica naquela dúvida, procura quem perdeu, esconde, depois da pra outro.

A-Eu não lembro.

P-Não lembra?

A-Não lembro!

P-Ele achou aqueles cinco contos de reis na praia, ai ele deu depois ele deu pra Dona Plácida que cuidava da casa...

P-Bem se você não lembra tudo bem.

A-Não lembro!

P-E a atitude dele em relação á Eugênia, lembra da Eugênia que tinha uma perna...é... Ela era “cocha”, ela era... Tinha uma deficiência na perna, ela era uma menina bonita, mas quando ele percebeu que ela era meio aleijada, ai ele a passou a evita-la, ele quase casou com ela, quer dizer, quase quis, até por insistência da irmã dele, mas... Ele foi caindo fora, você acha que ele era preconceituoso?

A-Era!

P-Era?

A-Era sim!

P-Aham!

P-Você acha que isso é também representativo no personagem?

A-Issso!

A-Dopróprio ser humano também né?!

P-Do próprio ser humano!

P-Aham, certo!

P-Em relação á própria família dele, é... Quando voltou de Portugal, ele chorou muito a mãe, depois... No comportamento, assim... No relacionamento com a Sabrina irmã dele, o cunhado, a sobrinha, como é que você viu isso?

P-Também é representativo, você acha?

A-Se é representativo?

P-É!

A-Acho que é né?!

P-É, tá!

P-Bem, eu tenho mais algumas questões pra fazer pra você, você quer interromper pra ir para o intervalo ou você pode terminar?

A-Acho melhor continuar depois né?!

P-É, então tá bom!

CONTINUAÇÃO...

P: Eduardo, só pra eu ter a referência.. É *Memórias Póstumas de Brás Cubas*.

P: Nos já tínhamos falado sobre os personagens né...

A1: Já.

P: A gente falou um pouquinho sobre o espaço também...

A1: Falo

P: A época, o tempo também você já falo sobre isso, ai então eu acho que eu tava perguntando sobre que tema que foram discutidos, você acha q atrás dessa historia o autor discuta algum

tema que te parece interessante, ou melhor, que parece que ele teve a intenção de discutir algum assunto?

A1: Teve.

P: É... é assim...Os filmes e as novelas eles não tem só o enredo, atrás eles discutem alguma idéia. Por exemplo tem, não sei se você assiste novela...

A1: Hhmm.

P: Novela, novela da globo das...das nove passada discutiu o trafico humano, então tinha esse tema atrás. Você percebeu nessa historia alguma discussão de algum tema interessante da sociedade?

A1: Eu não, não percebi.

P: Não percebeu. Eu vou te dizer alguns assim ai você vê se você se enquadra. Será q tinha política?

A1: Tinha

P: Será que tinha família, relacionamento... assim... adulterio . voce falo q política tinha...

A1: Política.

P: Em que aspecto você acha q o autor discutiu um pouco política? Que idéia q ele passo...

A1: Na historia? Na historia foi quando ele e o... aquele politico...

P: O lobo neves?

A1: O lobo neves, ele ia ser... ele ia ser o ministro, ele ia ser o ajudante dele...

P: Ia ser secretario...

A1: É secretario.

P: E...E o que você acha que ele discutiu nessa historia, ou melhor, nessa temática da política?

A1: O q ele discutiu?

P: É, você acha que ele tinha alguma intenção de passar alguma idéia da política da época?

A1: Bom acho que passo sim né, a idéia como que é.

P: E que idéia que você percebeu da da da política daquela época em relação por exemplo com a de hoje?

A1: É que la relatou bem pouco sobre política né, não foi aquele relato assim completo de, dos ministros, pelo.. para .. e.. agora eu não lembro o que que era lobo neves, o que ele era dentro da política, mas se tratou...

P: Ele era deputado né, depois virou ministro.

A1: Eu acho q era como essa.. como a de hoje mesmo.

P: Hmm...Tinha mais ou menos a mesma idéia.

A1: É porque tinha ministro, deputado...

P: Hmm, sim

A1: secretario

P: E a forma deles discutirem as coisas pra sociedade...

A: Sim, acho que era a mesma.

P: O Braz também foi deputado né, você lembra?

A: Acho que.. acho q foi.

P: E ele defendeu algumas coisas la na câmara dos deputados, lembra do

A: Hmmm...

P: Ele... ele defendia que os caps deviam ser menores porque eles eram muito pesados, eram muito feio e etc, etc, ..

A: Hmm não lembro...

P: Mais enfim, você acha que a política então foi uma das coisas que...é...dos temas que foi discutido..

A: Sim.

P: Hmm

P: Dentre esses outros temas que...

A: Adultério...

P: Você acha que isso...

A: Adultério quando ele se envolveu com a mulher do lobo neves...

P: A Vigília...

A: Vigília...

P: Sim, e você acha que ele tinha...é...queria passar alguma idéia sobre adultério da época?

A: Ahh teve de passar sim.

P: Como é que ele via esse adultério?

A: Como é que ele via?

P: É você acha que...

A: Bom da opç... opinião dele.. ele.. como eu vejo ele, ele achava que era certo né, porque se não ele não tinha se envolvido com ela.

P: Hmm. E digamos assim o autor como é que... discu...colocando esse tema nessa historia, você achou que era...porque que ele...discu...colocou esse ... é... esse relacionamento

A: Acho que pra mostra uma realidade né...

P: Pra mostra uma realidade.

A: Que acontece na sociedade...

P: Hmm. Quer dizer que seacon... se acontecia...

A: Hmm

P: Se ela coloco é porque acontecia com freqüência.

A: Com freqüência.

P: Será que ele tinha alguma intenção de denuncia?

A: Sim

P: Acha que...

A: De alerta né

P: De alerta...

A: De alerta também...

P: De alerta as pessoas de que isso...

A: É errado!

P: Ah é, hmm. Se condena completamente.

A: Hmm.

P: Você também acha que o autor também tinha intenção de coloca com sentido de condena.

A: Sim.

P: Algum outro tema você acha, escravidão?

A: Escravidão...

P: Você acha ... o que você achou do narrador dessa historia...

A: Quem?

P: Do, do narrador, do sujeito que conta essa historia, como é que ele se coloca, como é que ele...

A: Ahh, eu acho... na minha opinião é um ótimo narrador.

P: Ótimo em que sentido você acha, porque que ele é ótimo?

A: Ahh você percebe a historia...

P: Do jeito dele conta...

A: Do jeito dele conta...

P: Ou das coisas que ele traz pro leitor...

A: Também as coisas que lembram muito a, a sociedade...

P: A sociedade da época!

A: Hhmm!

P: Hmm. Você acha que essa, essa historia é pra retrata a sociedade da epoca, ou não tem essa preocupação de provar pro leitor de como era essa época, era simplesmente um relato?

A: Eu acho que era mais um relato, né

P: Hmm, não tinha a menor pretensão...

A: Vários fatos...

P: Hmm, sim, certo. E, e o que você ... como é que você viu o narrador em relação ao leitor, que parece que ele... o narrador sempre dirige ao leitor.

A: Ele dir... ele se dirige no começo do livro com formas meio cultas né, bem... ele não vai desenrolando já de uma vez a historia, ele vai dando os fatos, relatos, bem porque ate no começo quando você começa a ler parece que é um livro chato, mas depois na hora que você começa a passar das paginas 30, 35 ali já percebe mais a historia...

P: Ai você conseguiu...

A: Ai você já consegui se entende, porque no começo mesmo eu não tava entendendo muito bem a historia.

P: Entendi. Hhmm.

P: Ta. E você tirando o aspecto do defunto contar a historia, os episódios, as coisas que foram narrados dão uma idéia de realidade? Ou você acha que é difícil acontecer essas coisas que ocorreram lá ?

A: Eu acho que da sim.

P: É real.

A: É real.

P: Te convenceu de que aquilo poderia...

A: Poderia ter acontecido...

P: Aqueles fatos poderiam ter acontecidos...

A: Poderiam ter sido fatos reais.

P: Porque são... é... coisas...

A: São coisas que você vê na sociedade hoje!

P: Certo. Hmmm. Ta.

P: Como é que você viu a leitura do livro no sentido...é... da linguagem, foi difícil de ler, foi difícil de entender?

A: Foi. No começo foi.

P: No começo, por que... como é que você...

A: Uma pelas palavras, eu lia bastante ali com dicionário pra poder entender.

P: Ahh você usou dicionário...

A: Usei algumas palavras difíceis.

P: Certo. E alem da expressão das palavras difíceis você achou outros aspectos, outras coisas difíceis, ou assim a historia não foi difícil de ler?

A: Ahh ela era um pouco de confuso, né, porque se... primeiro se não presta bem atenção você não entendi a historia porque ela vai e volta varias vezes né.

P: Ahh sim, não é uma historia linear?

A: É!

P: E expressões assim, ou melhor referencias de fatos históricos, isso... algumas coisas ficaram um pouco difíceis de você entender?

A: Hmm.

P: E...e o por que o Machado ele traz alguns fatos históricos e políticos que requer que a gente tenha algum conhecimento né, e você teve alguma dificuldade nesse aspecto?

A: Não! Nesse não. Da política não.

P: É. Você achou que essa...isso...

A: Foi mais tranquilo.

P: E o final do livro, como é que você viu?

A: O final?

P: É, o que você achou? O que você achou do final do livro? Como é que você se sentiu triste, angustiado, apreensivo, alegre, feliz...

A: Não eu senti...

P: Frustrado...

A: Ahh como o fim de uma historia normal, não teve frustração, pra mim não.

P: Hmm. Não teve nenhum sentimento ...

A: Não, não, não.

P: De decepção, de angustia?

A: Não.

P: Também não ficou eufórico?

A: Não.

P: Hmm. Você mudaria o final?

A: Não.

P: Não...

A: Acho que termino...

P: Você acha que de acordo com o autor o final é esse que deveria ser.

P: Ta bom. Ta bom, eu acho que é isso.

A: Brigado Pedro.

P: Deixa, deixa eu te dar um presentinho... queria que você levasse um bombomzinho...

A: Brigado.

P: Pra degusta, pra degustação.

A: Brigado.

P: Brigado você!

P-Eduardo Né?!

A-Aham!

P-Eduardo só pra registrar então, você leu Memórias Póstumas de Brás Cubas né?!

A-Isso!

P-Ta!

P-Você pode me falar assim...é..De modo geral, como é que foi, quais as impressões que você teve lendo a memoria póstumas de Brás Cubas?

A-Assim...

P- É! Falar espontaneamente, o que você percebeu, o que você sentiu, como é que você depois de ter lido isso, ou enquanto ia lendo, que impressões você foi tendo?

A-Que o autor é um ótimo escritor?!

P- A.. Sim!

A-Historias muito bem contadas...

P- Aham!

A-Muito bem escritas...

P-Sim..

A-Muito bem formuladas...

P-Aham!

P- E assim... É... Enquanto ia acontecendo a historia como que você ia percebendo, essa, a própria a historia,é...O jeito dos personagens, e... E tudo mais, que impressões você foi tendo,é... De um autor defunto?

A-A, foi legal né que...

P-Ou, melhor de um defunto autor né?!

A-É que ele começou o livro de trás pra frente

P-Sim!

A-A impressão que eu tive que eles eram uma família né?!

P-Aham!

A-Tinha a mãe o pai...

P-Sim!

A-Ele teve suas namoradas...

P-Certo!

A-Os amigos...

P-Sei!

P-E assim... Como é que você foi, é... Percebendo essa vida dele, é... Naquela época...

A-Foi Quando ele começou a contar que...Foi logo ali depois,que ele conta que ele se envolveu com Marcela

P-Aham!

A-Que ele gastou bastante, e o pai dele mandou ele estudar...Foi de navio estudar pra fora

P-Aham!

A-Se formou em advocacia né?!

P-Sim.. Isso, aham!

A-Aí ele voltou pro Brasil, quando ele voltou á mãe dele já estavadoente

P-Aham!

A-Com câncer eu acho, no intestino, estomago... Não sei o que é

P-É...

A-Um câncer!

A-Aham!

P-E assim... É, além de você ficar... De você ter uma impressão do autor , como você falou no inicio, é...que sentimentos você teve, que impressões você teve, é... Diante dessa historia, é... Você já tinha visto alguma coisa parecido?

A-Não!

P-Não?

P-Nova?

A-Parece uma historia exclusiva!

P-Aham!

P-Coisa nova pra você?

A-É, coisa nova!

P-E foi... Foi bom de ler, você..

A-Foi!

P-É?!

P-Você achou interessante até?

A-Aham!

P-Apesar de ter sido meio imposto pela...

A-É!

P-Pela professora e pelo...

A-É por que... é se eu falar pro senhor, o senhor vai dar risada, foi o primeiro livro que eu li!

P-A é?!Foi o primeiro?!

P-É mesmo?!

A-É!

P-A então...

P-E como que foi essa experiênciade ler o primeiro livro?

A-A, foi boa...

P-É Foi boa?

A-Foi!

P-Issou te estimula a ler mais, ou te desanimou de uma vez?

A-Não... Não desanima não! É bom ler, mas... É muito corrido!

P-Sim!

A-Para nós lá e muito corrido!

P-A sim, por que você trabalha o dia inteiro.

A-A nossa senhora...

P-Você não tem muito tempo pra ler?

A-Não tenho!

P-Aham!

P-Mas, depois dessa experiência qual é o seu proposito? Você pretende fazer outras experiências de leitura ou...

A-A... O que aparecer a gente tem que lê né?!

P-Aham!

A-A gente lê sim.

P-Sim... Mas de literatura especialmente você gostou? Ou você...

A-Gostei!

P-É?!

P-Ou você pretende ler mais coisas da sua área?

A-Não! Leio bastante também, literatura, tudo...

P-Você lêe...Lê mais que tipo de coisas? Tipo revista, jornal...

A-A é!

P-Internet?

A-É!

P-É?!

A-Essas coisas...

P-Dê todos esses veículos você lê?

A-Isso!

P-Aham!

P-Tá!

P- Vamos falar mais especialmente então dos personagens... Gostaria de saber assim, quais que mais chamara sua atenção?

A-Bom...

P-Ou qual deles digamos assim, como você preferir, ou se for mais!

A-Dom Casmurro né, a marcela que era...

P-Dom Casmurro é outra obra né?! Você quer falar o Brás né?!

A-É o bras, isso!

P-Brás aham!

A-A Marcela!

P-A Marcela...

P- Esses te impressionaram mais?

A-Aham!

A-Tinha aquele doutor que... Que ele achou beijando atrás da moita uma, uma...

P-A sei!

A-Uma...

P-Que depois nasceu á Eugenia?

A-É!

P-Aham... Sei!

A-Ele achou... Era uma outra mulher também que ele acho, agora não lembro o nome dela, que ela era amiga da família.

P-Sim!

A-Que ele conta que ele saiu gritando...

P-Eu francamente não estou bem lembrado do nome daquele!! A Sabrina é a irmã...

A-É aquele...

A-É tinha a Sabrina também!

P-Aham!

P-Virgília...

A-Aham!

P-A dona Plácida, a Eugênia, o Cotrim, o tio João, que era militar né?! Tio, que era o padre, ai tinha o Quincas Borba, Marcela, Lobo Neves, Sabrina, Prudêncio...Mas desses personagens quem mais te impressionou assim, que você acho mais interessante, foi o Brás e?

A-Foi o Brás!

P-E a Marcela!

A-Marcela!

Aham!

P-O que você me fala da Marcela?

A-Que a Marcela foi o primeiro amor dele.

P-Aham, tá certo!

A-Ela era uma garota de programa...

P-Aham!

A-Que ele gastou bastante com ela...

P-Gastou muito dinheiro com ela!

A-É!

P-Gastava dinheiro do pai, que primeiro dava de boa vontade, depois... Depois ele acabou gastando muito, o pai dele teve que tomar providencia né?!

A-Aham, Quase Faliu o pai dele né?!

P-É!

P-Que mais que você vê na marcela? O que você achava dela, da personagem?

A-A,acho que é era só isso ai mesmo de Marcela né?!

P-É?

A-Acho que ela retrata...Ele fala bem pouco dela, fala mais no começo ali,que ele a ama, ai depois da aquela parada e já continua a historia né?!

P- É Foi forte no momento que ele...

A-É, isso!

P-Que ele estava namorando ela, antes de partir pra Coimbra né?!

A-Aham!

P-Para Portugal!

P-E o Brás, o que você pensa desse cara?

A-A, ele é um personagem esperto né?!

P-Hum...

P-Você acha ele esperto?

A-Aham!

P-Esperto em que sentido?Como...

A-Dê sabedoria mesmo!

P-É... E pelo o que você viu isso, assim da historia...

A-A... Na verdade na historia inteira

P-Nahistoria inteira você percebe isso, você podia pontuar algumas situações que você percebeu essa inteligência dele, essa esperteza, tem algumas circunstancias?

A-Na verdade já foi né quando ele se formou em advocacia né?!

P-Aham!

A-Por Que advocacia não é uma coisa tão fácil pra todos.

P-Sim... Você acha um curso...

A-É, puxado!

A-Difícil né, puxado, aham!

P-Acho que isso já prova, que ele é um sujeito...

A-Já prova!

P-Esperto, inteligente!

A-Com capacidade né?!

P-Aham!

P-E outras situações assim, nos relacionamento, tanto família, quanto com a Virgília...

A-Mas ele também tem seus, não sei se pode falar...

P-Podefalar, o que você quiser!

A-O seus fracos né!

P-Tem Seus fracos!

A-Por que ele, no começo ele se apaixonou por uma prostituta.

P-Sim, você acha que isso é uma fraqueza?

A-É!

P-Aham, fraqueza por que?

A-Até gastou dinheiro com ela né?!

P-Aham, sim! Gastou bastante...

A-É!

P-Você acha que é uma fraqueza do homem?

A-É, é mais dele né por que...

P-Sei...

A-Por que isso ai é besteira, isso ai não adianta.

P-Aham!

A-Iso não ia dar certo mesmo.

P-Você acha que isso mesmo, vale pra nos também, pra qualquer homem ?

A-Vale!

P-É ..Um homem se envolver assim...

A-A não!

P-É...

A-Iso é errado!

P-Acha que é errado,só... Você acha que é errado no sentido moral, ou você acha que isso é também leva pra ruina, como é que você entende isso?

A-A nos dois né!

P-É!

A-Nos dois...

P-Você acha que o homem que se envolve d essa forma é um fraco?

A-É... Ele se queima né?!

P-Aham!

A--Entre a sociedade.

P-A também, se queima... Queima sua imagem.

A-Aham!

P-A sim...

P-Ta!Tem fracos, mas, tem seus lados...

A-Esperto!

P-Esperto!

P-Queem uma outra situação de fraqueza que você viu nele, além dessa de se envolver com a prostituta?

A-Fraqueza?

P-É...Uma situação que você viu nele, a esse cara não.. Não parece ser muito, assim... Forte, não é tanto assim de se admirar, considerando que ele é um personagem principal né?!

A-Aham!

A-Eu acho, não sei se pode relatar como fraqueza, que ele sentiu muito a morte da mãe dele né!

P-Sim!

A-Ele fala ali que...Não sei se pode considerar isso como...

P-Como uma fraqueza?!

A-É!

P-É, eu acho que ai, é uma questão... Ele gostava dela né?!

A-É isso ai é logico!

P-É próprio do ser humano né?!

A-Aham!

P-Tem pessoas que se abalam mais né?!

A-A tem!

P-Mas, não constitui digamos assim uma fraqueza, fraqueza seria, é que poderia levar ele como home para alguma dificuldade, de não acertar, seja do ponto de vista profissional, seja do ponto de vista...

A-Aham!

P-De qualquer atitude que...

A-Teveuma outra mulher também, que ele... Que na...

P-Que ele se envolveu? Você querfalar da Virgília?

A-É!

P-Aham!

P-Com relação... Ele se envolveu..

A-É, ele se envolveu com ela tbm.

P-Depois da marcela, foi a Virgília.

A-Foi!

P-Então, ela é amante dele!

A-Aham!

P-Tá, e dai como você viu esse envolvimento com a Virgília, considerando que ela tinha .. tinha marido filho...

A-Tinha um marido...o marido era..

P-Lobo Neves!

A-É!

P-Polito..

A-Politico isso.

P-aham!

A-Aindalevou ele pra ser secretário se eu não me engano.

P-Iso é... Levaria né?! Acabou na verdade desistindo da promoção né?!

A-Aham!

P-Dai, como que você percebeu esse envolvimento com a Virgília? Você também acha que isso foi uma fraqueza?

A-Acho que sim né?!

P-É?!

A-Por que ele já sabia que ela era... Ele sabia não sabia?! Que ela era comprometida?

P-Sim, sim, claro! Por que ele frequentava a casa do Lobo Neves e da Virgília né?! E já estava lá com muita frequência.

A-Aham!

P-E...Bem, ai acabaram até alugando aquela casa pra poder..

A-É!

P-Pra ficar as escondidas, no... Nas intimidas e no amor deles.

A-Aham!

P-Masentão...Então você considera esse relacionamento do Brás um fraqueza?

A-Sim!

P-Aham!

P-Uma fraqueza assim...Como você poderia assim...Explicar um pouco melhor, como que você entende essa fraqueza?

A-Como que entende a fraqueza?

P-É!

A-Qual delas?

P-Do Brás em relação...

A-A Virgília?

P-Isso, nessa circunstancia...Nesse envolvimento com a Virgília.

A-A... Que a fraqueza dele foi, foi sabendo que ela estava casada, e se apaixonar e ter relação com ela.

P-Sim,se apaixonou por ela.

A-É!

P-E...Insistiu em ficar com ela.

A-Insistiu!

P-É...Quer dizer, a fraqueza seria no sentido de não controlar os seus instintos?!

A-É, seus instintos, isso!

P-O seus sentimentos.

A-Aham!

P-Você acha que ele poderia agir diferente?

A-Podia!

P-Como você agiria se tivesse no lugar dele?

A-A, ele tinha que sair dessa né?!

P-É?!

A-Mulher tem bastante no mundo né?!

P-A sim... Você procuraria outra, mas não se envolveria?

A-Não!

P-Aham!

P-Por que isso também como você achado...É...Em relação á Marcela, isso também comprometeria a imagem dele diante da sociedade?

A-A... Comprometeria né?!

P-Certo!

P-E,um outro valor dele, que você percebeu , a final de contas a historia, o Brás está na historia todo, é o protagonista, principal, além de ser o narrado, é como que você...Que outras coisas positivas você viu nele assim? Como valor, virtudes, como a alguma coisa de se admirar nele talvez? Você já falou da inteligência, esperteza...

A-Foi também na... Teve a divisão da herança né com Sabrina.

P-Aham, sim! Com a irmã dele.

A-Aham! Sabrina foi bem esperta também na divisão.

P-É... Ele não deixou se iludir.

A-É, aham! Acho que também isso ai.

P-ÉVocê acha que ele agiu de uma forma prudente?

A-Prudente!

P-E também assim correta né?!

A-Eu acho que sim!

P-Elenão se aproveitou da situação né?!

A-Aham!

P-E também, embora eles tivessem ficado um tempo sem conversar, mas não foi uma briga definitiva né?!

A-É!

P-Se perdoaram né?!

A-É!

P-Você acha que isso é um valor?

A-Aham!

P-Essa...Essa atitude pacifica né?!

A-Defender seus direitos.

P-De defender seu direitos, mas de uma forma pacifica também né?!

A-É!

P-Aham!

P-Qual dos personagens você mais se afeioou, que mais gostou, que você podia ser até amigo dele ou dela? Por que tem...Você pode falar objetivamente dos personagens, a, você fez um uma critica aqui na verdade, sim?! Você considerou as atitudes...

A-Não, do próprio Brás!

P-Você também se afeioou a ele?

A-Não, a todos!

P-Aham! Mas especialmente o Brás?

A-Não, especialmente...É...De todos né, não tem um.

P-Você gostaria de falar de algum especial, que você gostou dele, da atitude, da forma de agir, a esse cara é legal...

A-A, acho que do próprio Brás mesmo.

P-É?! Aham!

P-Assim...Em que sentido você viu,esse de uma forma um pouco mais afetiva, pensando mais é...No sentido como se fosse amigo seu... Você seria amigo dele?

A-Seria!

P-Aham!

P-Você acha que ele seria um sujeito... Um amigo tem valores assim... Que a gente considera né?!

A-Aham!

P-Pra ser amigo né?! Que valores você veria nele? Amizade é uma coisa completa né?! Mas amizade envolve honestidade, sinceridade, companheirismos, solidariedade...

A-Sinceridade é...Teria que dar concelhos né?!

P-Sim!

P-Você se aconselharia com ele?

A-Aham!

P-Você pediria ajuda a ele?

A-Pediria!

P-Você também seria amigo dele, no sentido de ajuda-lo, no caso ele precisasse?

A-Aham!

P-Quais coisas mais assim, você percebeu nele, a, um cara legal...

A-Quais coisas?

P-É!

P-Pensando nesses valores, sinceridade, honestidade, justiça, enfim, tudo isso que envolve, pra você ter um envolvimento, a gente se distancia de pessoas que não tem certos valores né?!

A-Aham!

P-Você não vai ser amigo de um sujeito que te traia né?! Enfim que deboche de você.

A-Aham!

P-Tem certas coisas, respeito,né?!

P-A amizade envolve uma serie de valores.

A-É!

P-Um outro que você poderia apontar nele?

A-Um outro valor?

P-É, um outro valor, outra virtude, que você viu, uma qualidade... Talvez você pensasse..

A-A o companheirismo né?

P-É! Onde você viu o companheirismo assim... Lá na historia, com que outro personagem você viu isso acontecer?

A-Com as duas... Com a Marcela e a Virgília também né?!

P-Aham!

P-Você acha que além da paixão, tinha companheirismo?

A-Tinha!

P-É... Uma situação especial que você viu assim, por exemplo com a Virgília que seria companheiro mas... Além de ser amante, ou sei lá...

A-Acho que com Marcela tinha mais né?!

P-Tinha mais?

A-Companheirismo

P-Você acha que tinha... Assim... Além da questão amorosa tinha amizade também?

A-Tinha, tinha!

P-Aham!

P-E lá nos outros personagens, dos homens, até lá pro final da historia, como é que você... Ele tinha relacionamento com outros sujeitos...

A-Tinha!

P-Você lembra do Quincas Borbas por exemplo, que era amigo de infância?

A-Esse eu não lembro!

P-A você não lembra?

A-Não lembro!

P-O filosofo, da humanista, daquela filosofia...

A-A, aquele que fala que ele reencontra?

P-Isso, aquele que roubou o relógio dele, mas depois devolveu.

A-A estou me lembrando meio por cima.

P-Aham!

P-Não aquela visão completa do autor, do personagem...

A-Sim!

P-Bem, e qual desses personagens todos, importa repetir também, você mais se identificou, a essa cara também, tem o jeito que bate com o meu jeito.

A-Com o meu jeito?

P-É, com quem você teria assim afinidade, o jeito de pensar, o jeito de conduzir as coisas, você é uma rapaz, embora seja novo, já é um rapaz de negócios né?

A-Aham!

P-E lá também tinha pessoas de negocio, você se afinou com o jeito de algum deles, de fazer negócios, de exercer a profissão...

P-O Brás enquanto estudante, era um festeiro.

A-Aham!

P-Praticamente não estudava, só levava na base da festa.

A-Aham!

P-Nãosei se você é um tipo de estudante assim, você..

A-Não, não!

P-Você não se identifica com ele?

A-Não

P-E como não tinha outro estudante lá, não ser o Brás, mastinha outros homens de negócios, outros profissionais, o próprio pai do Brás, o cunhado dele né... O Cotrim né e outro tantos...

A-Eu acho massa, que ele... Com o doutor né? Como que era o nome dele, acho que Cotrim né?!

P-Cotrim era o negociante, o cunhado dele né?!

A-Não, então não era!

P-O Lobo Neves que é o marido da Virgília

A-Aquele doutor, que ele não se lembro se era ... Que ele encontro com aquele personagem beijando atrás da moita, e saiu gritando pra todo mundo.

P-Sei, sei!

P-Não estou lembrado do nome dele agora, mais tá pode falar, mesmo que não.

A-Mas acho que era dele! Acho que era um doutor, um doutor né?

P-Aham!

A-Me identifiquei mais com ele.

P-Em que sentido assim, como você viu ele? Esse personagem.

A-Um cara mais maturo né?

P-Mais maduro?

A-É!

P-Aham, tá!

P- Mais adulto, mais... aham!

A-É

P-Apesar te ter passado uma situação hilária lá né?!

A-Aham!

P-Ter beijado a moça atrás da moita né?

A-É!

P-Mas você ainda assim considera ele um sujeito..

A-Sim!

P-Que você se identificaria?

A-Aham!

P-Tá! É... Como que você percebeu os outros, assim... Os personagens de forma geral? Não sei se preciso lembrar aqui, é...Mas é...Como eles iam resolvendo as suas dificuldades, o seus problemas, é...Como é que você viu esse povo lá, naquela historia, naquela época, resolvendo as suas dificuldades?

A-Resolvendo suas dificuldades?

P-É! Suas dificuldades, seu problemas, enfrentando as situações, você enfrenta situações todos os dias, do trabalho, dificuldade.

A-Sim, mas acho que desenrolava mais era o passar do tempo, ia desenvolvendo, ia concluindo.

P-E como você via essas pessoas no passar do tempo resolvendo as suas situações?

A-Como o próprio Brás, e sua irmã Sabrina né?!

P-Certo!

A-Que foi desenvolvendo, com o próprio passar do tempo foi esquecendo...

P-A certo!!

A-A briga..

P-Aquela dificuldade...

A-Aquela dificuldade que teve entre os dois.

P-De dividir a herança?

A-Issso!

P-Aham!

P-Você achou que ali houve que tipo de atitude que você achou interessante, da parte de um e de outro?

A-Que tipo de atitude?

P-É... Isso, como eles resolveram a situação da divisão da herança.

A-Aham!

P-Você achou que isso foi legal, foi bonito do jeito deles resolverem, mas...

A-Sim!

P-Como é que você caracteriza esse comportamento deles, como é que você vê isso? Você achou que eles foram, assim... É... Pacíficos, tranquilos, responsáveis?

A-Eu diria pacíficos né, por que acho que... Sabrina se alterou um pouco né?!

P-Sim! Achou-se... É...

A-Ela própria acho que ia ser enganada né?!

P-Sim,ela...Isso, ela acho que ia ser lograda né?

A-Aham!

P-Tá! Mas, você achou que tanto um quanto outro tiveram cabeça no lugar?

A-A..tiveram sim.

P-É?!

A-Aham!

P-Então..certo! Em situações, assim por exemplo, eu não poderia falar né, eu gostaria que você dissesse de situações, mas, por exemplo, o pai dele teve uma dificuldade lá inicial, com o envolvimento com a macela né?!

A-Aham!

P-E gastando aquele dinheiro todo, embora ele fosse rico mas...Ai ele pegou o menino botou no barco, botou em um pequeno navio, e mandou pra Europa.

A-Aham!

P-Como você viu essa situação? Isso foi uma forma do velho resolver?

A-É, uma atitude que eu acho que foi certa, por que em ambas as partes ele estava errado, e...

P-Aham!

A-E o pai dele tinha que corrigir, e de maneira que ele ajudou ele também, mandou ele,não foi só atoa pra Europa, ele foi estudar também né?

P-Aham!

P-E mesmo na força, você acha que isso estava correto?

A-Estava!

P-É?!

A-Corretíssimo!

P-Você acha que as vezes é preciso usar a força mesmo?

A-A tem que ser.

P-Aham!

P-E na situação, lá do envolvimento do Brás com a Virgília, a mulher do Lobo Neves, como é que você viu esse relacionamento, Lobo Neves mais ou menos desconfiando, ele parece que ouvia as pessoas na sociedade falar...

A-Aham

P-Mas mesmo assim ele não foi truculento.

A-É, por que desde o começo foi um relacionamento errado né, ele se envolveu com uma mulher casada.

P-Sim!

A-Que não deveria.

P-E a forma como isso tudo aconteceu lá e eles foram resolvendo, como é que você vê isso da parte do Lobo Neves, em relação ao amigo dele, em baixo do mesmo teto o traia com a mulher?

A-É... Como você quer saber? Como que...

P-Como você vê, por exemplo, a atitude, pode ser de qualquer um deles, mas como você vê por exemplo a atitude de Lobo Neves?

A-Uma atitude severa né? Ele foi... Quando começou desconfiar, ele foi severamente, juntando, ligando os pontos, escutando aqui e ali.

P-Mas, você achou que ele foi severo? Ele não puniu, nem tomou nenhuma providencia pra...

A-Por que no final disso eu não lembro muito bem o que, que aconteceu, quando ele claramente descobriu que eles...

P-Aham!É No livro não dá pra perceber muito bem, se ele descobriu ou não né?!

A-É!

P-Ficou...

P-Ficou meio ali...

A-Ficou no ar né!

P-Aham

A-Por isso tenho a vaga lembrança de...

P-Aham

P-E comoque você vê assim, a forma do próprio Brás e a Virgília resolverem a sua situação, de ficarem juntos, e tomando algumas atitudes, algumas providencias, por exemplo de alugar aquela casa, como que você viu eles resolvendo isso?

A-Eu vi eles resolvendo de forma errada né?!

P-Você acha que continua sendo...

A-Foi erradíssimo!

P-Não considera nenhum mérito eles terem pelo menos arrumado a casa, pra não ficar em baixo do mesmo teto, traindo o Lobo Neves?

A-Não!

P-Não acha mérito nenhum?

A-Não!

P-Aham!

A-Por que ela já era mulher de Lobo Neves.

P-Sim! E como você a atitude da própria Virgília, então... É... Não assim, não proibindo, ficando com um, ficando com o outro.

A-Com a mesma dele né? Por que ela sabia também que ela era comprometida.

P-Aham!

A-Ela não deveria também aceitar.

P-Sim!

A-Os dois né?!

P-Você é radicalmente contra os dois?

A-Os dois!

P-O que eles faziam?

A-Ou ele largava né, ela do Lobo Neves, largava, terminava e assumia o namoro né?!

P-Assumia como Brás?

A-Aham!

P-Ou?

A-Ou largava.

P-Ou o Brás devia larga e arrumar outra mulher?

A-Issso!

P-E pronto, com você não tem meio termo?

A-Não!

P-Ou é assim ou é assado?

A-Ou é ou não é!

P-Ou é ou não é, aham!

P-Certo! E... Bem, quem dos personagens você acha que é o grande articulador de tudo? De toda trama, que sem ele não dá pra ficar, a historia não tem seguimento, a historia não se completa.

A-O próprio Brás né?!

P-O próprio Brás.

A-Por que ele é o personagem principal.

P-E como é que você vê ele,é...Sendo esse personagem principal, que faz com que essa historia tenha nexo, ligação, começo meio e fim. Por que não é uma historia linear né?!

A-Aham!

P-Como historias que você vem, por exemplo na tv e filme, é uma historia meio recortada.

A-É!

P-Meio filosofada, mas mesmo assim o Brás é centro da...

A-Das atenções né?!

P-Das atenções e da trama.

A-Aham!

P-E como você vê ele articulando com tudo? Como é que você vê ele fazendo a ponte entre os outro personagens e a própria...

A-É por que ele foi ligando né, o personagem envolve a família também né?!

P-Aham!

A-Então ali foi envolvendo a família, a Sabrina, o seu tio João.

P-O João, Erifonso...

A-É!

P-Tá!

A-Seu pai sua mãe.

P-Sim, aham!

A-Ai foi desencandeando a historia, o seu amor, sua amizade com lobo neves que era casado coma Virgília

P-Sim!

P-Tá! E o que essa articulação, essa ligação que ele tem com todos esses personagens, como é que ele é o centro? Como que você vê que ele seria o centro da, a...De toda trama que se desenrola ali? Ou que sentido faz, ele ser o centro dessa historia? Não poderia ser outro?

A-Foi na focalização do próprio autor né?!

P-Aham!

A-Focalizou demais nele foi...

P-Aham!

P-Por que você acha que o autor focou no Brás? É... Como a célula principal ali desse...

A-Por que ele tinha que focalizar em alguém né, observar bem.

P-Aham!

A-Analizar, descrever, como que seria o homem né?!

P-Tá!

P-A, isso é interessante.

A-Naquela historia.

P-Iso! E como é que você vê no Brás a intenção do autor? O que, que o autor... Parece que ele que passar alguma coisa pra nos leitores, por meio do Brás.

A-É ele quer passar como a maioria dos homens é, dos homens é, né?!

P-Aham!

P-Sim!

A-Algunsé, cafajeste.

P-A , sim sim!

P-Pode falar mais, assim..de como seria o Brás? Você acha que ele era um cafajeste?

A-Em ambas as partes, mexendo com...

P-Com A mulher aleia.

A-Com a Virgília é!

P-Aham!

A-Isso eu percebi que...

P-Você acha que ele foi um...

A-Foi!

P-Que outro comportamento do homem, que ele coloca no personagem do Brás que seria assim...é...O homem de forma geral? A o Brás é, mas ele representa os homens, nessa... Nesse comportamento, a ele é um cafajeste.

A-Sim!

P-Muito homens são cafajestes.

A-Representando né, na... No próprio, como é que se diz é... Na vida atual né?!

P-Aham!

A-Dos homens que tem bastante... Estudando direito, advocacia...

P-Sim! Pelo próprio exercício da profissão.

A-É da profissão dele.

P-Que mais além do direito ele...Que mais ele fazia, além de ser advogado? Embora ele não exercesse a advocacia.

A-Não!

P-Mas ele exerceu outroa papeis.

A-Isso!

P-Quais por exemplo?

A-O papel foi...

P-Da questão assim... Bem, não exatamente profissional, mas ele teve papeis na sociedade, além de ser um amante, aluno, relapso mais foi, além de ser filho, o que ele fez mais na sociedade? Que representa um bom seguimento da sociedade, bom...

A-Essa eu não lembro em.

P-É!

P-Você não lembra que ele foi político uma época?

A-Foi!

P-Se acha que isso também representa?

A-Representa!

P-Tá!

P-Ele é representativo da sociedade também por esse aspecto?

A-Sim!

A-Ele foi chamado também pra ser auxiliar do Lobo Neves.

P-A sim! Lobo neves.

P-Aham certo!

P-E das atitudes assim, mais de ser humano, além de homem, além de ser humano...

A-A por que ele na historia mesmo, já conta... Á historia real já conta como se fosse á vida de um ser humano.

P-Aham!

A-Por isso eu falo que ele é um... O Machado de Assis é um ótimo escrito!

P-Aham, Sim!

P-Ele pega esse personagem, e coloca características que são gerais dos seres humanos.

A-Dos seres humanos.

P-E, como se ele fosse representativo.

A-E joga ali, isso!

P-Aham!

P-E lá, naquelas atitudes, por exemplo, dele achar dinheiro e fica naquela duvida, procura quem perdeu, esconde, depois da pra outro.

A-Eu não lembro.

P-Nãolembra?

A-Não lembro!

P-Ele achou aqueles cinco contos de reis na praia,ai ele deu depois ele deu pra Dona Plácida que cuidava da casa...

P-Bem se você não lembra tudo bem.

A-Não lembro!

P-E a atitude dele em relação á Eugênia, lembra da Eugênia que tinha uma perna...é... Ela era “cocha”, ela era... Tinha uma deficiência na perna, ela era uma menina bonita, mas quando ele percebeu que ela era meio aleijada, ai ele a passou a evita-la, ele quase casou com ela, quer dizer, quase quis, até por insistência da irmã dele, mas... Ele foi caindo fora, você acha que ele era preconceituoso?

A-Era!

P-Era?

A-Era sim!

P-Aham!

P-Você acha que isso é também representativo no personagem?

A-Issso!

A-Do próprio ser humano também né?!

P-Do próprio ser humano!

P-Aham, certo!

P-Em relação á própria família dele, é... Quando voltou de Portugal, ele chorou muito a mãe, depois... No comportamento, assim... No relacionamento com a Sabrina irmã dele, o cunhado, a sobrinha, como é que você viu isso?

P-Também é representativo, você acha?

A-Se é representativo?

P-É!

A-Acho que é né?!

P-É, tá!

P-Bem, eu tenho mais algumas questões pra fazer pra você, você quer interromper pra ir para o intervalo ou você pode terminar?

A-Acho melhor continuar depois né?!

P-É, então tá bom!

Colégio Estadual da Warta

Entrevista coletiva

Obra: *Memórias Póstumas de Brás Cubas*.

P: Queriam que vocês falassem as impressões gerais que vocês tiveram. O que vocês pensam do livro *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, dessa obra que estávamos falando, discutindo?

A1: Só vamos falar de *Memórias Póstumas*?

P: Nesse debate é só *Memórias Póstumas*. / O que vocês pensam? Quais suas impressões?

A1: Achei bom, achei loução. Achei legal o cara volta para contar a estória dele depois que ele morre, é legal. Eu gostei do livro.

P: O que você achou legal?

A1: Sei lá, primeiro isso sobre o hipopótamo, já é uma coisa assim estranha. E depois o cara morto contando a estória dele.

P: Como você coloca isso no livro, você acha uma coisa doida?

A1: Ele esta no delírio dele.

A2: É as alucinações dele antes de morrer. Acho que foi devido ele estava frustrado com a vida dele, e este delírio foi como se fosse a natureza que estava se vingando dele por algum motivo, ou sendo cruel com ele. Foi acho esse o significado do delírio.

P: Mais algum de vocês quer falar o desfecho? Você falou além dessa coisa estranha, você falou que ele é defunto. Como você viu isto um autor defunto, ou melhor, um defunto-autor?

A1: [Um defunto?] Eu estava lendo o livro e estava lá já.

A2: Como você viu isso? Se você acha o livro normal, interessante. Isso que ele quis dizer.

A1: A ta. Eu acho isso interessante na verdade.

P: Você pode falar o que é esse interessante?

A1: Esse fato de ele contar a vida dele depois que ele morreu, de ele contar a vida dele. Depois que você morre você volta e pode contar sua estória. Se for pra imaginar sua vida daqui pra frente, pode não dar certo e depois se eu for contar minha vida, eu não vou prejudicar ninguém. Tipo, eu posso errar, posso falar que vou fazer tal coisa e eu não consigo. E depois que eu já morri e já fiz, eu vou falar a verdade, já aconteceu.

P: Isso é exagero em relação aos outras pessoas, contar sua vida depois em relação a sociedade isso se torna mais fácil?

A1: Logico, você já tem uma visão formada do que já se passou por ali.

P: Alguém também percebeu esse estranhamento do defunto autor?

A2: Acho que foi a primeira vez que eu li, antes disso eu já tinha ouvido falar. E se é uma biografia, ele devia falar da vida dele. E se antes ele tivesse feito isso muito cedo, ou antes, de ele ter morrido, ou ter avançado na idade sei lá. Então a biografia seria ate ali né, mas depois quando ele já estava com vida ainda, depois dali poderia ter outra coisa. Não seria a vida dele toda, seria só aquele momento ali que escreveu, eu acho que essa é a diferença.

P: Mais alguém gostaria de dizer desse defunto autor, isso é uma coisa nova? Como vocês viram isso? Ou ele fez isso só para chocar as pessoas?

A3: A primeira impressão é meio estranha um defunto contando essa estória, mas se parar e pensar depois que ele morreu tanto fez como tanto faz. Se as pessoas gostarem ou não, se elas criticarem ele mesmo vai responder essas perguntas.

A4: Quando eu comecei a ler, eu não lembro muito, mas pelo o que eu li e entendi disso, ele deixou pronto esse livro pra quando ele morresse alguém viesse alguma pessoa a publicar. Por que Machado de Assis, esse livro que ele escreveu foi no começo do Romantismo né; foi o primeiro livro romântico né. E esse defunto autor, eu achei legal, tipo mostrou que ele é um autor que pensava muito além. Então no meu entender já deixou pronto as façanhas, tudo ocorrido pra depois alguém fosse lá e publicasse. Ele queria deixar, não uma boa impressão, mas a vida dele em si, falando os fatos mesmo se ele errou ou não errou. Ele não queria deixar uma imagem de bom de uma boa pessoa. Pode ser que ele tenha feito isso, mas ele é real: “Machado de Assis é o que eu sou, é o das ruas” é isso que eu entendi. Segue os planos, é verdadeiro, sabe? Tem muitos autores novos que fazem biografias, mas ele não tem uma história de vida interessante para passar, seria mais aquilo porque esta no auge da fama. Machado de Assis, eu acho que ele pensava assim, ele queria relatar ele é uma pessoa de cultura e tem muito que passar para uma pessoa.

A2: Eu acho que eles contam mais o lado positivo da vida, o lado bom, aquilo que chama a atenção “nossa é um herói, uma pessoa boa”. Ele não, ele conta o lado obscuro, as suas frustrações, aquilo que ele sempre quis. Tipo igual (Embasto) ele sempre lutou para ter, ele tentou ele não conseguiu. Mas mesmo porque ele não conseguiu, ele não deixou de falar. Ele disse mesmo foi um fracasso, mas ele contou foi aquilo que ele procurava realizar, mas não

deu. Então geralmente as biografias elas contam assim “eu quis fazer isso, mas não deu então eu não vou colocar, só vou colocar aquilo que deu sucesso” ele não foi assim ele foi diferente.

P: Você acha também que ele teve um proposito de colocar dessa forma?

A2: Sim, para o leitor perceber que não é sempre tudo assim que você tentar vai dar certo, mas o importante é você tentar. E não é porque não deu certo que não vai tentar de novo ou não da, tem que ir buscar.

P: Essa estória refletiu na vida de vocês, teve alguma consequência depois que vocês leram “ah minha vida esta um pouco diferente” ou vocês pensaram valores ou convicções de modo diferente depois que leram. Mexeu um pouco com vocês?

A1: Deu vontade de voltar, morrer e depois contar de novo. Não em hipopótamo, mas prefiro em formiga.

A2: [Unicórnio.]

A1: X Eu ia contar as coisas que deu errado, quando eu machuquei o pé e não consegui jogar bola sei lá. Ate porque ele não dedica pra ninguém que leu o livro.

P: Pra quem mais impactou a vida?

A2: Não sei se é um impacto assim, mas mesmo assim sendo uma época bem remota, alguns temas que ele bordou não tem pra gente hoje. Então não é uma obra assim, naquela época as pessoas batalharam. Igual a estória de (Eugênia) que acaba em um dilema se escolhia viver o romance com (Brás Cubas) ou se continuava com a vida dela, com dinheiro com a família dela. É como a nossa vida de hoje, temos que fazer escolhas. Talvez aquilo que é bom para gente, pra sociedade é diferente, então a gente tem que viver aquilo que aos olhos da sociedade seja bom, mas talvez pra mim não seja. Então foi bom ela escolher continuar, mesmo não estando tão bem como ela estava em Brás Cubas, mas ela escolheu continuar com a família dela. Literatura é como a sociedade via como certo.

A3: Uma pessoa que volta dos mortos para contar uma estória é uma coisa surreal. Nesse caso não seria bem aceita pela sociedade.

P: Bem, deixa eu dar um passo a frente. Eu queria saber dos personagens que mais lhe chamaram atenção de vocês?

A1: Quincas Borba. O cara era mendigo, roubou o relógio do Brás Cubas e depois ele vira filósofo, teológico. Não, é comunista, e devolve o relógio do cara. É como a gente estava estudando, ele não aceitou a ser mendigo e foi e foi, virou falso teológico. O Humanista ele elaborou essa teoria.

A2: [Comunista]

A2: Igual ele esta falando do personagem, a filosofia Humanista era uma coisa que ele acreditava, mas como um mendigo ninguém ia dar ouvido a ele ou acreditar em que ele pensava, na forma que ele via as coisas. Mas ele procurou meios de ele conseguir mostrar para pessoas que o que ele pensava fazia sentido de alguma forma. Houve um momento na vida de Brás Cubas que ele tentava colocar isso na cabeça de Brás Cubas algum conflito, alguma coisa. Então ele queria que as pessoas acreditasse naquilo que ele acreditava também, e foi assim que ele foi crescendo. Isso reflete pra gente, se eu acredito nisso, só acreditar e pronto isso fica pra mim. Se eu acredito mesmo tenho que fazer que as pessoas também acreditem. Ai elas escolhem se elas querem acreditar ou não.

A5: [Isso reflete né].

P: Mas que momento vocês viram o sujeito criando uma filosofia e tenta convencer os outros? Você achou interessante o personagem pelo fato de ele ter criado essa filosofia, mas qual o valor disso? Você pode fazer um desdobramento?

A1: Por exemplo, pra ele formular essa teoria ele teve dificuldade, pra ele ter conseguido, para ele acreditar ele teve que superar algumas coisas. Então tipo assim, se eu acredito em alguma coisa eu tenho que ficar tentando mesmo que as pessoas falem assim: “não vai dar certo” então ele continua ate o final, ele ate cria uma teoria, ele não parou por qualquer coisa

que veio e esbarrou no caminho dele, ele ainda era mendigo. Ele não parou por qualquer coisa, ele foi até o fim.

P: Você deu o mérito no fato de ele ter perseverança e pelo fato de ele pensar, refletir? Você acha que precisa disso?

A1: [Lógico].

P: Algum outro personagem que chamou atenção de vocês? / Tem a Virgília amiga do Lobo Neves e a amante do Brás. A Dona Plácida, que cuidava da casinha deles. A Eugenia a coxa. O Cotrim é o cunhado do Brás e marido da Sabina. Ai tem o tio João que era militar. Tio Defonso que era o Padre. Tem a Marcela que tirava o sono dos meninos. Tem o Prudêncio; o escravo que comprou outro escravo. O pai e mãe de Brás Cubas.

A1: Marcela, ela não me chamou tanto atenção assim. Sei lá, essa menina é meia estranha, acho que ela até amava Brás Cubas, ele dava joia aí o pai dele viu que o negócio estava apertando e mandou ele para longe. Tipo ela até amava ele, mas pra ela o dinheiro era mais importante do que levar o amor dela por ele mais sério. Ela vendeu o amor dela, ela podia muito bem viver o amor dele, casar, essas coisas de antigamente, ter filhos sei lá. X

P: Você acha que ela o amou?

A1: Um pouco sim.

P: Mas o que lhe chamou atenção?

A1: Não chamou muito atenção, ela também precisava do amor que ele tinha por ela.

P: E a Marcela na sociedade, como você a viu?

A1: Na sociedade? Uma pessoa normal. Ela vendia o amor dela.

P: Alguém mais admira essa personagem? Ou um outro?

A1: A Virgília. Ela até tinha os valores. Tipo ela amava o Brás Cubas, mas ela preferiu ficar com a família dela. Ela não pensou só nela, ela pensou no marido que amava ela, pensou em tudo o que ela tinha para trazer, se ela as abandonasse pessoas que ela podia machucar, era mais do que um né. Então ela foi uma pessoa de valor. Ela abriu mão do que ela queria por bem dos outros.

P: Você acha que ela tem valor por quê?

A1: Ela não foi egoísta, ela pensou nos outros. Ela não abandonou a família dela para ficar com ele, ela abandonou ele pra ficar com a família. Ela pensou mais nos outros do que nela.

A2: Esse valor da admissão foi importante. Ela teve a opção de ficar com os dois, durante um tempo foi o que ela fez como ela é uma pessoa de valor ela não estava conformada com aquilo. Talvez não sei se por medo ou simplesmente por valores, mas ela tomou uma decisão. Ela fez bem em ter escolhido, ela sabia que o que ela estava fazendo não seria bom pra ela e nem para outras pessoas.

P: Você concorda com isso A1 (Alexandre)? Você defendeu bastante a Virgília. Deixa eu provocar e a questão moral, como fica? Ela não vivia uma vida dupla?

A1: Tipo assim, ela namorava o Brás Cubas; ele estava quase com a menina e na política. Só que daí o Lobo Neves conquistou ela. Ela foi por momento, então tipo assim naquele momento o que ela queria era o Lobo Neves, mas o que a vida dela queria era o Brás Cubas, né. Então tipo, como ela foi pelo momento, ela decidiu nesse momento para viver a vida dela.

P: O que é esse momento?

A1: Momento, quando ele conquistou ela, ela amava ele só naquele momento, não amava ele pra sempre como ela amava o Brás Cubas, entende?

A2: Ela não amava ele, ela se apaixonou por ele.

A5: Ele prometeu pra ela que ela ia ser (Baronesa), como é?

P: [Vaidade né].

A1: É momento né, o que vale ser Baronesa e não viver a vida dela.

A2: E também tem aquela questão que o Lobo Neves convidou ele; Brás Cubas para ir na política e tal. Mas de algum modo seja com qual for que ela ficasse, estaria na política.

Naquela época estar na política era o sucesso na vida de um homem né, então de qualquer modo os dois, se ela amasse ou não, os dois da vida dela estavam lá. Então independentemente quem ela escolhesse nesse sentido ela gostaria dele. Então como a família dela gostava de Lobo Neves isso pesou bastante para ela escolher.

A1: Naquela época o (senso era mais apurado). Tipo assim a menina era criada, ela não namorava igual hoje, ela dava um ou dois beijos e já casavam. Naquela sociedade que ela estava vivendo, era de uma forma absurda de viver daquele jeito com um marido e um amante, essas coisas. Cometer o adultério naquela época as pessoas eram super católica e condenavam isso. Ai pesou nisso.

P: Naquela época era mais difícil do que hoje?

A1: Hoje a pessoa vai lá e faz, é uma coisa fácil.

A6: Antigamente uma moça era criada para casar e ter filhos e ter um só marido. Ela não podia namorar uma pessoa e tocar em um homem antes de casar. Hoje em dia não tem isso, uma pessoa namora e depois ela termina com um namorado e arruma outro namorado e não se casam. Muitos têm filhos antes de casar, naquela época se acontecesse isso com uma mulher ela nunca iria conseguir se casar com nenhum homem.

P: Vocês estão defendendo bastante a Virgília. Você no lugar dela faria isso também?

A6: Fazer o que?

P: Isso que ela fez, de ficar com os dois?

A6: Não.

P: Embora você defenda ela?

A6: Eu não defendo ela ter ficado com os dois, já que ela fez isso que ela não tivesse prolongado isso. Ela tomou um caminho, tomou uma decisão isso eu defendo, mas não a questão de ela ter ficado com os dois.

P: A sim. Bem, qual dos personagens vocês mais se afeiçoaram, mais gostaram?

A3: Quincas Borba

P: Você quer falar?

A1: Estou aguardando um pouco mais pra frente.

P: Quais dos personagens vocês seriam amigos? Ate agora vocês fizeram criticas dos personagens, falaram de uma forma mais critica. Mas agora eu queria saber qual bateu em vocês no sentido afetivo. Que vocês gostaram do jeito deles.

A1: Aquele negocio do escravo.

P: Do Beijo?

A1: É. Ele foi liberto, ganhava a correia dele. O que ele fez? Foi lá e comprou outro escravo para mostrar que ele tinha poder, tipo uma coisa assim. Ai o escravo dele foi e (escareou) e bateu no escravo dele em praça publica.

P: Você repudiou isso?

A1: Eu desprezei esse cara na verdade. Do que valeu os antepassados dele, o Zumbi; o Rei dos Palmares que vieram da África, pra ele fazer isso ai? Eles pagam por liberdade, não é pra nenhum escravo ser livre, é pra um escravizar o outro. Do que vai adiantar um escravizar o outro? Vai ser em vão, ate o que ele defendeu quando ele era escravo vai ser em vão.

P: Repete toda estória?

A1: Um escravo escravizar o outro tem que morrer.

A5: Não tem não.

P: Não tinha outro motivo, outra razão por ele ter feito isso?

A1: Tinha, naquela época tinha o Senhor.

A3: Ele podia ter escravizado esse outro escravo para descontar nesse escravo tudo o que ele já passou durante a vida, mas no escravo de outras pessoas.

P: Você acha que foi para se vingar?

A3: Sim.

A2: Eu acho que se ele queria se vingar, devia pegar o Senhor dele né.

P: Seria melhor?

A3: É.

A1: Se vingar? Se ele se vingasse depois ele iria ficar... Porque se eu me vingasse de alguém eu iria ficar com remorso depois. Pra eu me vingar eu vivia uma bela vida em nomes do que morreu e dos outros que já foram. Eu não me vingaria não, seria feliz.

A3: [Eu não sou a favor da vingança não].

P: Bem, minha pergunta era ao personagem que vocês mais se afeioaram e vocês falaram no sentido ao contrário, vocês falaram nos personagens que vocês condenam a atitude.

A1: Não são o que a gente condena. Ele sofreu ele tinha que descontar em alguém né. Ele não ia bater nele mesmo, ele já apanhou bastante.

A2: Então você acha que uma pessoa que sofre muito tem que descontar em outra pessoa e não acontece nada com ela?

A1: Eu não falei isso.

A2: Você disse que ele tem que descontar em outra pessoa por que ele sofreu.

A1: Eu não falei que ele fez isso porque ele sofreu. Eu falei que ele também sofreu e queria descontar isso e não que ele devia. Ele queria e não que ele devia. Tipo assim, como ele sofreu, ele devia pegar esse sofrimento dele como um aprendizado e não ter escravizado alguém. Nenhum homem foi feito para ser escravo do outro não.

A2: Professor eu queria que você me explicasse sobre a coxa, eu não me lembro bem. O papel que ela teve não me recordo no momento.

P: A Eugenia? Ela é filha daquele casal que se beijou atrás da moita, anos depois Brás volta. Ele visita a mãe a pedido de uma vizinha, se eu não me engano. Bem, a mocinha cresce e ele vai e visita a casa dela. E ele percebe que ela se esconde um pouco, e ela esta mancando e ele pergunta se ela se machucou. Ela nasceu com problemas na perna, e no final das contas fica lá, é uma situação ruim. Mesmo assim, Brás tem pena dela, mas não a ajuda. Você ficou afeioada a ela?

A2: De todos que eu lembrava no momento, nenhum seria meu amigo. Alguns têm algumas coisas que me chamou atenção, outros não. Ai como eu não me lembrava da estória dela, por isso eu perguntei.

P: Ninguém mais quer falar sobre quem se afeioou?

A3: A irmã dele né, ela defendia ele queria o bem dele. Queria que ele se cassasse.

P: De quem você esta falando?

A3: Da Sabina. Ela queria o bem dele, tanto que ela mesma arrumou uma esposa para ele, mas essa moça morreu né? Então ela queria um bem pra ela, ela queria sobrinhos. Ela queria o bem para ele.

P: Você gosta da Sabina por esse motivo?

A3: Sim.

P: Bem, eu queria que vocês me falassem um pouquinho sobre algum personagem que vocês perceberam algum valor que vocês admiraram, além da questão afetiva, alguma qualidade, alguma virtude, algum valor de um personagem típico que vocês diriam: “esse é o cara ou essa é a cara”.

A1: Quincas Borba tinha perseverança.

A2: Eu acho que se fosse uma época igual hoje, talvez pudesse sei lá haver um desentendimento entre os dois ou alguma coisa assim, mas não foi assim, como eu posso dizer. A logica seria ele não ia gostar ou brigasse com Lobo Neves ou alguma coisa assim. Mas não foi assim, eles se cumprimentaram numa boa, tipo deixaram isso de lado.

P: [Civilizadamente].

A1: Ate a suspeita de Lobo Neves que foi o caso X. Eu acho que eles agiram de acordo.

A2: Ele não levou no impulso, ele foi deixando. Eu achei isso bacana da parte dos dois.

P: Você acha que ele sabia?

A2: Ele podia não ter certeza, mas que ele desconfiava sim, porque no momento que ele chegava em casa os dois estavam. Talvez naquele momento ele não percebesse, mas depois que alguém foi falar alguma coisa sobre isso ele ligasse os pontos.

P: Será que essas discutidas de Lobo Neves era prudência porque era um meio público, ou será que era da própria personalidade dele?

A2: Eu acho que ele já era assim mesmo, porque talvez se ele não fosse assim independentemente do cargo dele, se ele fosse com uma personalidade mais forte ele poderia agir por impulso ou alguma coisa assim. Mas acho que tanto a personalidade dele como ele tendo um cargo exposto, talvez ele agiu dessa maneira.

A1: Ou talvez ele podia ser um pouco ingênuo, vai saber.

P: Você achou que ele era?

A1: Assim ele amava a Virgília né. Então ele falou assim: "não, ela não faria isso".

A3: Ou talvez mesmo se ele soubesse, talvez por ele amar mesmo a Virgília, ele preferiu não falar, porque se ele falasse, discutisse ou brigasse ela podia fugir com ele ou alguma coisa assim. Ai seria um motivo pra ela escolher Brás Cubas, mas como ele agiu de uma maneira boa ela continuou com ele. Acho que ele teve um pouco de medo, insegurança, porque a atitude que ele tomasse viesse interferir na decisão dela.

A1: Ele amava tanto ela, e ele confiava nela então a confiança que ele depositou nela ele achou que ela não tinha quebrado.

P: Como você vê esses personagens com costumes da sociedade, né? Eles se relacionando, eles resolvendo seus conflitos, seus problemas, suas dificuldades. Como vocês, por exemplo, admiraram alguma solução de algum problema deles. Como eles iam resolvendo as coisas?

A2: A Dona Plácida né, ela sabia do relacionamento dos dois e ela foi acobertando por algum tempo né. Então Brás Cubas ate tinha algum medo de ela desistir ou falar para o Lobo Neves ou para alguma outra pessoa ate chegar ao ouvidos dele. Ate ofereceu dinheiro, então eu acho que ele estava buscando uma solução, não que houvesse uma suspeita que fosse acontecer, como a sociedade via de uma maneira muito diferente do que é de hoje. Então ele estava tentando prevenir algo que pudesse acontecer, então ele estava procurando solucionar esse problema.

A1: [De uma forma desesperada].

P: E como você viu a solução, você também iria por ai? O que você viu de positivo nisso?

A2: X Eu acho que é o tinha quando ele crescesse né, por palavra ele fez. Mas talvez se ele pudesse pensar que ela não estava satisfeita com aquilo ou que ela estava cansada, então ele talvez pudesse sentir dessa forma de tentar resolver o problema. Não posso dizer se eu concordo ou não, ai vai de cada pessoa. Talvez esse foi a maneira como ele pensou.

A1: Eu acho que assim, (como ele amava ela), muitos ficam de palavras né. Então palavras pra ele não era o suficiente e ele queria garantia pra não perder a pessoa que ele amava. Ele queria segurar ela um pouquinho mais. Só que segurar foi uma ação meio desesperada né, ele ficou meio inseguro. Pra ele ficar mais confortável pra ter mais segurança pra ele, ele segurou. A Virgília, ela fez o que ela fez, chegou num ponto que estava ficando crítico ela escolheu. Ela escolheu o que ela achava certo.

P: Qual foi a escolha?

A1: De ir com a família dela e deixar Brás Cubas.

P: Sim, algum outro conflito que vocês perceberam que foi bem ou mal resolvido entre os personagens?

A1: O Brás Cubas e a Marcela. O pai dele viu que ele estava gastando e mandou ele estudar no exterior pra afastar ele dela né.

A2: Eu acho que o pai dele querer isso tanto para afastar, por que eu acho se ele ficasse ali ele não serio o homem que o pai dele sonhasse que ele fosse. Então de certa maneira aconteceu o

que ele queria que era que ele estudasse e tal, mas talvez ele não imaginasse que como aqui ele também fez umas coisas erradas lá ele também fez . Ele não estava lá só para estudar, ele também saía e se divertia. Então no sentido de estudar, ele estudou, mas não foi cem por cento como o pai dele esperava dele. Teria sido melhor se ele tivesse ficado eu acredito.

P: Como você viu esse Brás nessa situação diante do sogro, que queria que ele fosse político, que representasse bem a família Cubas?

A3: Naquela época a melhor profissão era seguir a carreira política e a vida que ele estava vivendo gastando todo o dinheiro com a Marcela não estava certo. E se o pai dele queria isso, porque dele queria o bem, queria que ele tivesse o futuro garantido, então pelo ponto de vista do pai dele estava certo, mas não que ele vá a força. Ele queria que ela fosse junto.

P: Como você faria isso?

A3: Eu tentaria conversar com ele, mas não deu certo. Para o pai dele a única solução foi levar a força.

P: Sim

A4: X o filho dele estava vivendo com o dinheiro do pai dele, então: “tudo bem se ele não quer ir para lá, mas ficar aqui gastando meu dinheiro não é certo.” Se ele não estivesse ali, mas com o trabalho dele se ele fosse honesto e não tivesse prejudicado o nome da família ele não teria obrigado o filho dele a sair.

P: [não teve jeito]

A4: anham.

P: Alguma outra solução?

A4: Ele também tinha conflito com a irmã dele né, eu achei a atitude de ela ir convencer e esclarecer foi uma boa forma. Porque é ruim família um de cada lado, ela tentou colocar as cartas na mesa. O ruim foi quando o cunhado dele falava algumas coisas e ele não gostava.

P: Você achou que a forma de como ele resolveram a questão da herança foi sensata?

A4: Anham.

P: Bem, eu queria falar um pouco do espaço na estória. Algum espaço significativo, que tem um significado para a estória? Algum lugar que vocês lembram?

A2: A moita, a fazenda la X.

P: Na festa que o Brás deu né?

A2: As vezes tem hora que não são tão detalhista né. É uma festa aconteceu isso e aquilo. Mas Machado de Assis foi mais detalhista explicou quem estava na festa, o que estava acontecendo, quem estava na janela, quem estava atrás da cortina, da porta. Ele da detalhes, então é legal para gente imaginar como era o espaço o lugar que isso estava acontecendo.

P: Porque hoje não se fala muito de moita né.

A2: É porque sei lá.

A1: Fala matagal.

P: E o que você achou de engraçado nesse espaço, pelo episodio do beijo escondido? Algum outro lugar, espaço interessante que foi intrigante na estória?

A2: A briga do galo. Eu achei legal falar o que estava acontecendo, não sei se era favela ou morro, ai ele explica que tinha tantos homens e o lugar. Eu achei legal.

P: [Morro] Naquela época não era proibido a briga do galo. E desse lugar o que você achou. O que evocou de interessante pra você? Chamou-lhe atenção?

A2: Talvez por acontecer essa briga do galo, não foi em um lugar tipo assim lá na praça, foi em um lugar mais reservado, mas não porque era proibido porque não era né? Mas era uma coisa mais assim, quem quer ver vai lá ver.

A1: A Câmara do deputado que foi o reencontro do Brás Cubas e a Virgília e Lobo Neves, que ate suspeitava. Então acho que foi um lugar importante que pode ate ter gerado o conflito. Ele estava encontrando a amante dele e o cara estava vendo que era amigo da mulher dele.

A2: Tinha bastante gente né, então por estarem exposto eles não fizeram escândalos. Então para o leitor ajuda para compreender, porque nem tudo você precisa escrever para gente entender, o espaço ajuda a gente entender porque tomou aquela atitude. Então pelo espaço a gente pode imaginar se eram deputados, eram pessoas importantes naquela época e eles não iam fazer escândalos para sujar a imagem de ambos. Então se eles quisessem brigar ele iriam em lugar sei lá, tipo um morro.

P: Bem, eu queria saber um pouco da época. O que vocês achavam dos assuntos que se discutiam, da formula? Só pra recordar, que época era? Vocês lembram?

A1: Mil e novecentos ou mil novecentos e cinquenta e sete.

P: Século dezenove né, metade do século dezenove. Considerando aquela época, mais de cem anos mudou muito? O que vocês perceberam?

A2: Mudou. Talvez não os conflitos, por que ainda hoje ocorre. Mas as formas de como eles lidavam é diferente. Tipo a traição, tinha naquela época e tem hoje só que o modo de com as pessoas viam daquela época pra hoje é bem diferente.

P: O que tem de diferente?

A2: Por exemplo, eles tentavam esconder ao máximo, porque isso dava escândalo e a família levava isso para sempre praticamente. E hoje em dia não, é algo comum, talvez algumas pessoas ficam impressionadas outras não, umas concordam e outras não. Então ate mesma a pessoa não tem tanto como a Virgília tinha esse medo, talvez a pessoa hoje em dia não tenha tanto medo. Talvez porque a sociedade não igual era naquela época.

P: Você acha que a moral rebaixou?

A2: Sim, bastante.

A1: Naquela época pra dar um beijo atrás da moita era difícil, hoje em dia tem coisa bem pior.

A3: Nem precisa ser atrás da moita, no meio de todo mundo.

P: Que outra coisa além do convívio familiar era diferente?

A2: Varias vezes que Lobo Neves chega ela tira o casaco dele. A Virgília pega o chapéu pendura, vê alguma coisa para ele comer, senta na poltrona. Então a mulher como não tinha tanto direito na sociedade, não tinha voz, esse era o papel. Ela era instruída desde criança para esse papel para exercer quando ela tivesse uma família. Então a mulher tanto naquela época quanto a de hoje é bem diferente, né. Não fica mais em casa esperando o marido ou traindo com Brás Cubas talvez. Tratando como tratando naquela época, hoje homem se for possível fazer sozinho, ele faz e mulher também. Acho que essa é a diferença.

P: Você acha que havia mais respeito ou submissão da mulher?

A2: Acho que submissão. Alguns respeitavam, mas independentemente do respeito, submissão era bem importante.

A1: O jeito de se portar era outro.

P: Como você notou isso na estória?

A1: A maneira que as pessoas falavam, dava bom dia na rua, os mais velhos eram mais respeitados. Em casa ficava todo mundo junto.

A2: É verdade, quando fala assim que tinha alguma reunião ou almoço, igual fala no livro, ficava a família toda reunida. Quando ele falava que quando era pequeno, ele chegava no pai dele e fazia umas gracinhas e tal. Então conta a estória de uma família toda reunida; não é só família de pai, mãe e filho, é tipo irmão, pai, vô, tio e essas coisas. Então essas coisas hoje em dia não é tão comum, talvez no natal, e é bem raro e olha lá. Para família se reunir de verdade. Talvez sei lá, a correria do dia-a-dia e pai e mãe trabalhando. E naquela época a mãe ficava em casa e hoje nem sempre, então eu acho que isso interferiu bastante.

A1: Naquela época as pessoas eram educadas de uma forma diferente. E naquela época, apesar de submissão ou não, todo mundo tinha respeito um pelo outro ate porque não conhecia.

P: Que temas vocês perceberam que foram discutidos atrás dessa estória, que assuntos vocês perceberam que chamou a atenção de vocês?

A1: Política, traição.

A2: Valores da família, preconceito na época da escravidão X. Quando ele era pequeno ele usava o outro de cavalo. Como a educação era muito importante, a maneira que eles instruíam as mulheres elas tinham que ser submissas, até as criancinhas sabiam que você era negro e podiam subir em cima. Apesar de ser comum na época, era um preconceito se for olhar nos olhos de hoje.

P: Preconceito por que era diferente? Era diferente no sentido de ser negro né. E como você falou era natural?

A2: Era natural, o escravo era uma propriedade então ele podia fazer o que bem entender.

P: E o escravo nem reagia?

A2: Como ele cresceu, aprendeu que não podia fazer bem o que queria. E o escravo naturalmente sabia, não sei se o pai dele avisou que ele era diferente que era considerado menos por que era negro ou que era escravo, mas era esse o papel dele. Como cada um dia tinha seu papel é assim que ele reagia.

A1: A política, você vê assim que o pai da Virgília era influente na política. O pai de Brás Cubas aproximou ele dela para conseguir um meio mais fácil para chegar na política. O Lobo Neves também tinha esse interesse na política.

P: O autor parece que gosta dos políticos.

A2: Ele até zomba deles né?

P: Defendendo né X. (Se tem alguém feio, alguém cansado). O que vocês acharam dessa defesa? Desse assunto colocado em pauta no poder legislativo?

A2: Acho que foi mesmo para zombar mesmo.

P: Zombar de quem?

A2: Da política em si. Como os políticos viam a política e não tinha assunto e estava lá para resolver, e colocou isso.

P: Tinha que achar algum motivo para estar lá?

A2: É, acho que ele pensou: "não estou fazendo nada, vou falar isso" talvez ele não gostasse de política no início, talvez pelo pai dele obrigar a participar ou sugerir, eu não sei. Ai ele achou essa oportunidade para expor isso.

P: Bem, queria saber o que vocês acharam do narrador?

A2: Acho que ele foi meio irônico às vezes.

A1: Presta atenção nos livros de Machado de Assis. Em Dom Casmurro ele brinca bastante, ele confunde bastante o leitor, e no começo ele bota assim: essa obra é dedicada a (Jose de Alencar). Só que ele morreu, tanto faz fazer um movimento farmacêutico. Só que se ele estivesse dedicando para (Alberto) ele não estava ligando pra quem era o manual ou não. Só que vamos supor se ele não estivesse ligando, ele estava tentando fazer uma cura, uma coisa.

A4: [Ele estava tentando te confundir, igual você falou]

A2: Igual, por exemplo, ele começa falando de uma coisa em um capítulo e de repente ele fala assim: "não, agora acho que vou falar disso". E ele começa outro, então de alguma forma pra que começou então se não vai terminar. Talvez essa foi uma das intenções dele para o leitor, não importa se tem cem ou duzentos leitores.

A1: [Não importa ter trinta leitores no livro, o que importante é ter três leitores que entenda o mesmo texto]

P: Ele estava provocando o leitor?

A1: É, ele não liga para a opinião do leitor. Então isso faz você querer ler mais o livro.

A2: Tem uma parte que ele fala assim: "se você é uma mulher sensível, então não continue lendo" tipo zombando, como se a leitora não tivesse assim né. Mas ele da liberdade, se eu

começar a ler de novo, ou voltar para o final. É a vida dele, independentemente da ordem que ele colocar, é aquilo.

P: Você falou mulher, porque ele se dirige ao leitor como leitora?

A2: Tem uma parte que ele fala: “se você é uma mulher sensível” ou alguma coisa assim.

P: Você acha que o público dele seria mais mulher?

A2: Se seria eu não sei, mas eu imaginava que teria mulheres que fossem ler sim, sei lá uma estória romântica ou ter esse conflito.

P: Como você acha que ele vê o leitor ou a leitora? Você diz que ele não quer qualquer leitor, ele desafia. Como ele vê o leitor?

A2: Acho que ele quer um leitor que busque compreender o que ele quer dizer, ele não quer um leitor que leia por ler. Ele quer um leitor que quer ler, então “eu vou confundir você mesmo, se você não entendeu, procure ler de novo. Porque é isso que eu quero passar para você.” Ele dá esse desafio para gente.

P: Você acha que ele subestima o leitor?

A1: Tipo assim, ele fala assim para esses leitores ele sabe que a pessoa está entendendo, que ele está confundindo, está fazendo joguinho para sua cabeça. Tipo se você pega uma pessoa que está lendo só por ler, a pessoa se confunde e já se perde e para de ler. Um bom leitor, ele já volta, ler de novo e tenta compreender de novo.

A2: Eu acho que vai do interesse do leitor. Como ele sabia que ia confundir, porque foi ele que escreveu. Então como ele era conhecedor disso ele fez dessa forma. Ele sabia que iria ter muitos leitores que iam desistir ou que talvez ia criticar a forma que ele ia colocar. Mas ele sabia quem fosse ler de verdade iria entender o motivo por ele ter feito isso.

A1: Acho que ele tinha um alvo certo né.

P: Você falou ele quer confundir, é o fato de ele não fazer a estória delinear e ficar discutindo um assunto e depois ele volta?

A1: Um dos fatos é esse, ele faz umas coisas pra você pensar, não é que não se encaixa é pra você pensar e pensar e ficar com aquilo na cabeça. Acorda com ele e chegar em casa e ler de novo. Não é uma opinião assim que você vai pensar que está certo, é uma opinião sua que talvez pode até estar equivocada, mas é uma opinião que você se esforçou para chegar. Então ele quer gerar dúvida para gerar seu conhecimento.

A2: [Uma coisa que não se encaixa] Eu gosto daquela parte que ele diz assim: “às vezes eu penso que não está valendo a pena escrever não porque eu estou cansado ou porque não tenho tempo, isso distrai escrever aquele livro.” Então eu também fico pensando assim mesmo que fosse cansativo para o leitor é uma forma de distrair o leitor. Porque não é um livro comum assim, tipo esse aqui é o primeiro, é o segundo, o terceiro. Eu vou lendo ali e pronto acabou. Não, ele está em tal capítulo e ele fala como ele começou e agora vai continuar e tal. É uma coisa assim que eu posso voltar lá pra ver alguma coisa que eu não entendi, eu posso terminar posteriormente. Então é uma forma de envolver o leitor na vida dele, naquilo que ele está dizendo.

P: O fato de ele fazer capítulos curtos é para não cansar o leitor?

A2: Eu acho que sim.

A3: Porque ele coloca o nome dos capítulos, mas não escreve nada?

A1: Porque ele não quer que você fique presa nos capítulos, ele quer que você leia entrelinhas, os contextos das coisas. Vamos supor assim, ele parece bastante com o Nitre, um filósofo.

P: Em que sentido, fale uma frase que você pensa no Nitre ou o que ele defende para fazer esse balanço?

A1: O Nietzsche é um cara muito complexo.

III Unidade escolar. Colégio Sagrada Família

I. Dados sócio-econômico-culturais (perfil dos alunos pesquisados).

II. Questões (em nº 4) descritivas acerca das impressões da leitura. E mais uma questão objetiva.

III. Entrevista individual com seis alunos em cada unidade, na qual cada aluno respondia a questões sobre uma das três obras lidas na escola: *Dom Casmurro*, *Helena e Memórias Póstumas de Brás Cubas*.

IV. Entrevista coletiva com a turma que leu uma das três obras escolhidas (Idem item de nº 3).

I. Dados sócio-econômico-cultural (perfil dos pesquisados).

Colégio Estadual: *Sagrada Família*

Turma: 2º A - O sexo

Sexo	Nº de alunos	percentual
Masculino	07	58%
Feminino	05	42%
Total	12	100 %

A idade

Idade	Nº de alunos	percentual
16	08	66%
17	01	09%
18	01	09%
21	02	16%
Total	12	100,00

A renda familiar

Classe	Rendimentos da família, em salários.
A – mais de R\$ 12.000,00	Mais de 20 \$alários
B – entre 6 e 12 mil	10 a 20 \$alários
C – entre 3 e 6 mil	5 a 10 \$alários
D – R\$ 1.800,00 e R\$ 3.000,00	3 a 5 \$alários
E – entre R\$ 600,00 e R\$ 3.000,00	

Turma: 2º A - Distribuição dos alunos de acordo com as cinco classes:

Classe	Nº de alunos	percentual
A	00	00,0%
B	02	15,0%
C	06	47,0%
D	03	23,0%
E	01	15,0%
Total	12	100 %

Turma: 2º A - A escolaridade dos pais

Nível de escolaridade	pai		mãe		responsável
	Nº	%	Nº	%	%
• Analfabeto	–	–	–	–	–
• Indefinido	–	–	–	–	–
• Ensino fundamental incompleto	–	–	–	–	–

• Ensino Fundamental completo						–
• Ensino Médio incompleto						–
• Ensino Médio completo	04	34%	03	-	25%	–
• E. técnico	01	09%				–
• Graduação (faculdade) incompleta	01	09%	-	02	-	17%
• Graduação completa	01	09%	-	03	-	25%
	03	25%	-	01	-	09%
	01	09%	-	02	-	17%
Total	12	95%	12	95%	10%	

Turma: 2º - O que você faz em seu tempo livre?

Atividade	Frequência
Anda de carro	02
Assiste à TV	03
Canta	01
Come	02
Dorme	03
Estuda	02
Faz academia	01
Faz musculação	01
Fica com a família	01
Fica no computador	05
Internet	03
Joga bola	02
Limpa a casa	01
Música	01
Namora	01
Sai com a namorada	01
Sai com os amigos	01
Toca	01
Vai à igreja	01

Turma: 2º - O que você gostaria de fazer em seu tempo livre e não pode?

Atividade	Frequência
Correr	01
Dormir mais	01
Fazer compras	01
Fazer mais musculação	01
Nadar	01
Pescar	01

Talvez sair mais	01
Tocar em lugares públicos	02
Trabalhar	01
Viajar	

Colégio Estadual *Sagrada Família*

I. Questões descritivas acerca das impressões da leitura

- O que você achou do livro e quais as impressões que você pode descrever agora sobre a leitura?

1. (*Adriano*) Eu achei um livro bem interessante um pouco complicado, tanto na linguagem usada quanto ao final o autor deixa uma dúvida no ar.

2. (*André*) Não li o livro pois não me interessa por esse tipo de livro ou leitura.

3. (*Débora*) Eu gostei do livro. E a impressão que eu tive foi que Bentinho não confiava em sua esposa Capitu, e começou então a criar em sua cabeça situações que tivesse levado Capitu a trair ele. E por ele ter ficado com essa dúvida na cabeça começa a criar semelhanças entre seu filho e seu melhor amigo, mas isso não passava de ilusões criadas por ele. Eu acho que Capitu não traiu ele e ele não tinha motivos para desconfiar que ela tenha traído ele.

4. (*Felipe*) A impressão que deu era que deus estava tomando conta de todas as coisas que estavam acontecendo e não parecia que os acontecimentos eram por coincidência. Até porque a mãe dele queria que ele se tornasse padre.

5. (*Govani*) A história conta muita coisa interessante sobre a vida de Dom Casmurro e Capitu você vai descobrir a história daqui a pouco.

6. (*Gabriel*) Achei a história interessante. Um pouco comum com os acontecimentos de hoje em dia. É uma história bonita de amor, como muitas que não dão certo hoje em dia, que as vezes tem um final não muito feliz. Achei que uma história de um personagem de princípios, principalmente.

7. (*Gustavo*) Até o que eu li eu achei o livro bom, mas não me senti muito atraído pela obra apesar de ser um livro considerado por mi um livro bom.

8. (*Lays*) Achei meio confuso, umas palavras diferentes complicadas. Aí saí sem entender, será que traiu? É um mistério. Achei meio complicado de lê pois peguei o livro de 1960. Então o vocabulário é muito diferente aí nesse caso fico complicado.

9. (*Letícia B.*) Achei um livro muito interessante. Com uma linguagem coloquial da época, mais formal, com bastante descrições. Um livro muito realista, com fatos da realidade da vida.

10. (*Letícia M.*) A leitura do livro é cansativa mesmo a história sendo interessante a linguagem usada confunde um pouco e faz perder o foco, isso também acontece em alguns pontos da história em que ele fica falando coisas que não fazem diferença na história.

11. (*Letícia R.*) Eu não li o livro, pois fiquei deixando para depois e não deu tempo, e também não me interessa esse tipo de livro.

12. (*Lucas*) Achei interessante. Conta da história de um homem que a família quer que ele vire padre, manda ele para o seminário, lá ele encontra um amigo, eles fogem de lá e encontram suas amadas. Eles se casam e tem filhos só que Escobar fica com crise de ciúme e acha que o filho é do amigo. No fim todos morrem e fica a dúvida se ele era corno ou não.

13. (*Nassíria*) É um ótimo livro que tem uma história que nos dá espaço para questionar o final e o enredo em geral mostra as diferentes opiniões dos leitores da obra.

14. (*Rafael*) Eu achei o livro muito bom, com uma história cativante e com certeza polêmica. Achei que essa história é o que se passa na vida de muitas pessoas, ela acaba descrevendo a vida de muitas pessoas. Talvez pessoas que passam por situações idênticas ao que se passa na história se sentem incomodadas. Confesso que apesar de depois de ler o livro gostei, mas antes de ler a história, ler não me interessou muito. Não estava com muita vontade, por mais que a história seja muito boa, não gosto de ler e não me interessa muito pelo ato.

15. (*Raiara*) Achei interessante. Deu um pouco de preguiça e tédio, mas tem suas partes legais. A linguagem um pouco difícil de se entender. Não consigo falar e nem pensar sobre nada além da traição.

16. (*Rodrigo*) Achei o livro muito enrolado, porque fica muito preso, a “traição” ou “não traição” da Capitu. A impressão que eu tive é que o livro retrata um casal cuja relação é duvidosa e que deixa o leitor curioso quanto a possível traição. Eu não li muito o livro, não sou bom leitor, mas o pouco que eu li vi que o livro é bom. Também deixa escrito que li menos da metade.

17. (*Taylan*) Eu achei bem importante, apesar de deixar uma pergunta sem ser respondida no livro como a traição de Capitu.

18. (*Thalita*) Não li o livro, pois o meu tempo de trabalho não sobra intervalos para ler um livro de várias páginas em pouco tempo.

19. (*Tiago*) Achei a leitura um pouco complicada, algumas palavras pouco usadas no nosso vocabulário. A história é interessante, mas o jeito que ele conta faz parecer um tanto quanto parado, sem muita emoção, mas deixa um bom mistério para pensar. Pelo nome eu achava o livro chato, depois que li, vi que não era assim. Pretendo lê-lo de novo, não por ter gostado, mas para fazer o vestibular.

20. (*Wollisson*) É um livro com uma história interessante. Cheia de certezas e incertezas sobre a traição de Capitu dado nessa história que conforme a trama vai se passando fica mais claro o fato que havia acontecido. Para mim não era so coisa da cabeça de Dom Casmurro, os fatos comprovam a traição de sua esposa, que foi escondido.

Colégio esrtadual *Sagrada Família*

- Escreva um resumo do enredo ou da história.

1. (*Adriano*) O livro conta a história de Bentinho onde foi chamado de Dom Casmurro. A mãe de Bentinho queria mandar ele para o seminário para que pagasse uma promessa. Porém Bentinho era apaixonado por Capitu. Eles tentaram de várias vezes fugir desse destino até que rolou um combinado onde ele ficar um tempo no seminário. Lá no seminário ele conheceu Escobar onde se tornaram melhores amigos. Então passou o tempo combinado e Bentinho saiu do seminário onde se casou com Capitu e tiveram um filho e colocaram o nome de Ezequiel em homenagem a Escobar. Passa o tempo e Bentinho começa a desconfiar de Capitu até que um dia Escobar morreu e Bentinho viu que Capitu ficou muito abalada. Bentinho começou a pensar que Capitu tinha o traído com o seu melhor amigo. Ele reparava que seu filho tinha traços iguais a de Escobar. Em um certo dia ele tentou matar Ezequiel. Capitu entrou na hora e começou a discussão onde resolveram se divorciar. Capitu foi para Europa com seu filho e Bentinho ficou. Capitu sempre mandava cartas. Então Capitu morre, Ezequiel vem para o Brasil avisar Bentinho depois ele vai para o Oriente e morre de depois Bnetinhomorre.

2. (*André*) Não leu o livro.

3. (*Débora*) Bentinho, ou dom Casmurro se apaixonou por Capitu, mas por causa de uma promessa de sua mãe é mandão para o seminário mas ele não quer ser padre. Capitu se aproxima da mãe e Dom Casmurro que acaba de aceitando o namoro dos dois. Eles se casam. após alguns anos de casados eles conseguem ter um filho a quem batizam em homenagem ao seu melhor amigo, Escobar. O Escobar morre afogado, e desde então Bentinho começa a notar semelhanças entre o amigo e o filho e cada vez que o filho vai crescendo vai notando mais semelhanças. Ele se separa de Capitu que vai embora do país com o filho. Capitu morre e o filho tenta voltar e ficar perto do pai mas não consegue. O filho vai viajar para estudos arqueológicos e acaba morrendo com uma febre. Bentinho constrói uma casa igual a que morava em sua infância.

4. (*Felipe*) a história sobre um menino que a mãe sonha em ser padre só que a não foi bem isso que aconteceu então depois de Capitu ir para o seminário ficou apaixonada por uma garota, mas depois de um tempo essa garota começou a ter ciúmes dele. Mas enfim todos morreram e ficou a dúvida se dom casmurro traiu ela ou não.

5. (*Giovani*) O livro conta sobre Dom Casmurro e Capitu. Eles se casaram e foram morar juntos. Depois de muito tempo Capitu aparece grávida. E Dom Casmurro tinha um amigo Escobar. Escobar ia todo dia na casa de Dom Casmurro e desconfia que Escobar era pai da criança. Ficou a dúvida, Dom Casmurro é corno ou não.

6. (*Gabriel*) O livro conta a história de amor de bentinho. Capitu, a mas não é só isso primeiro a mãe de bentinho promete que quando ele crescesse ela o mandaria para o seminário para ser padre, e isso acontece mesmo. Bentinho vai para o seminário elá conhece um cara chamado Escobar, que se torna o seu melhor amigo. Já que quando ele sai do seminário e decide que não quer mais ser padre e que está apaixonado por uma menina sua vizinha desde pequeno. O seu amigo Escobar se casa com uma amiga de Capitu chamda Sancha, em seguida Bentinho e Capitu se casam também. Bentinho e Capitu tem um filho, so que parece muito com Escobar, e acusa Capitu de ter o traído. Então os dois se separam. Capitu vai morar na Europa com a criança até morrer. E Bentinho fica sozinho e ainda chamado de Dom Camurro.

7. (*Gustavo*) Bom eu acho que o homem que eu não lembro o nome iria eu acho que para o convento e ... pois conheceu Capitu então ele ficou com a Capitu e teve um filho com ela após isso ele começou a pensar que o filho que eles tivessem não era dele. E foi até ai que eu li o livro.

8. (*Lays*) Bentinho cresceu, logo jovem pai morreu. Foi para o seminário e lá conheceu o Scobar, e lá eles cresceram juntos. Logo quando saíram os dois se casaram. Scobar se casa com Sancha e Bentinho com Capitu. Bentinho e Capitu demora ter filhos, mas Scobar e Sancha tem uma bela menina que se chama Capitulina. Logo depois Bentinho tem um filho que se chama Ezequiel. Alguns anos depois Escobar morre afogado na praia e depois que morre Bentinho vê a diferença no filho Ezequiel. E o rejeita, pensando que foi traído. Eles se separam, foram mora na Europa. Capitu morre e logo depois Ezequiel morre de febre.

9. (*Letícia B.*) Bentinho e Capitu se apaixonaram ainda bem jovens. Bentinho foi mandado para o seminário por causa de uma promessa de sua mãe, mas prometeu a Capitu que voltaria e se casaria com ela. No seminário Bentinho conheceu Escobar e se tornaram melhores amigos. Os dois saíram do seminário e Bentinho casou-se com Capitu, enquanto Escobar casou-se com Sancha e teve uma filha quem chamou de Capitulia em homenagem a Capitu. Os casais então se uniram muito e Capitu deu a luz a Ezequiel em homenagem a Escobar. Ezequiel crescia e com isso a desconfiança de Bentinho sobre a traição de Capitu. Bentinho e Capitu se separaram. Capitu ficou na Europa com o filho e Bentinho no Brasil. Capitu faleceu e Ezequiel foi procurar Bentinho, mas ele não aceitou o filho por achar que era fruo de uma traição. Ezequiel foi para o Oriente e morreu de febre tifoide. Bentinho ficou sozinho, pois seus familiares já haviam morrido, mas ele nunca esqueceu Capitu.

10. (*Letícia M.*) Bentinho é um garoto que mora com a mãe, tia, tio e um agregado. Apaixonado pela vizinha, Capitu, com quem cresceu. A mãe havia feito uma promessa de o fazer padre se nascesse vivo. Um dia a mãe lembrada da promessa decide que já era hora de ir para o seminário, mas apaixonado o garoto não quer ir para se casar com a vizinha. Depois de algum tempo no seminário ele sai e vai estudar direito, outro garoto se forma padre em seu lugar. Já formado volta para casa e se casa com Capitu e seu amigo de seminário se casa com uma grande amiga de Capitu e todos se tornam amigos. Um dia seu amigo morre e Bentinho fica com muito ciúmes da reação de Capitu. Com o passar do tempo Bento vê uma grande semelhança de seu filho com o amigo morto e acusa Capitu de o ter traído. O casal se separa e vai para a Europa onde Bento volta sozinho. Após algum tempo Capitu morre e o filho volta e vai visitar o pai que vê nele a imagem do amigo. O filho volta a viajar pelo mundo mas fica doente e morre. Bentinho agora sozinho e sem nada para fazer decide contar sua história e escreve o livro.

11. (*Letícia R.*) Não leu o livro.

12. (*Lucas*) Ele era um rapaz apaixonado. A família levou ele para um seminário para virar padre. Ele conhece um amigo e fogem do seminário encontram sua paixão, casam e tem filhos. Escobar fica com uma crise de ciúmes e acha que o filho é do amigo. Todos morrem e fica a dúvida se ele é corno ou não.

13. (*Nassíria*) A história começa com Bento tentando unir as duas pontas da vida com essa história. Quando era jovem Bento ouviu que sua mãe tinha feito uma promessa para torná-lo padre, então ele foi correndo contar para Capitu, a vizinha, por quem era apaixonado. Soube depois que ela era apaixonada por ele. Os dois armaram um plano para que ele fosse para o seminário, mas não deu certo. No seminário ele conheceu Escobar que o ajudou a sair de lá. Depois de um tempo longe estudando direito Bentinho voltou e se casou com Capitu. Bento Capitu, Escobar e Sancha ficaram muito amigos e ambos os casais tiveram filhos. Quando Escobar morreu ao ver a tristeza da esposa Bentinho começou a achar que Capitu e Escobar tinham um caso e que Ezequiel era filho de Escobar então ele se afastou da esposa e do filho e os mandou para a Suíça onde Capitu morreu ainda bonita. Depois de alguns anos seu filho voltou e disse que iria viajar para o Oriente onde morreu.

14. (*Rafael*) A história é narrada por Bentinho que é também o personagem principal. E na verdade a história da vida dele, a mãe dele o promete a igreja. No seminário ele conhece Escobar, que se torna seu melhor amigo. Capitu é sua melhor amiga na infância e sua esposa no futuro. Ele se casa com Capitu e tem dificuldade para engravidar. E digamos que na história não fica claro se foi ou não traição. Nasce Ezequiel, filho dos dois. Ezequiel fica muito parecido com Escobar o que acaba deixando Bentinho louco. Bentinho se separa de Capitu e não quer mais saber de Ezequiel que acaba morrendo de febre tifoide.

15. (*Raiara*) Bentinho tem seu destino decidido por sua mãe que fez a promessa de mandar seu filho para o seminário. Com a vida do seminário faz amizade com Escobar. Bentinho se apaixona por sua vizinha Capitu, larga o seminário, casa-se com Capitu, tem um filho com ela, desconfia que “seu” filho seja de Escobar, tenta um suicídio, não consegue, não consegue ficar perto deles. Capitu morre, ele acaba meio que assumindo uma pequena responsabilidade por ele. Todos morrem e Bentinho fica sozinho e com o pensamento: será que foi traído.

16. (*Rodrigo*) Não escreveu.

17. (*Taylan*) Começa com Bentinho que cresce e se apaixona por uma linda moça chamada Capitu, porém Bentinho ele vai para o seminário e diz que iria virar padre. depois de ele ter terminado eles se casam contra a vontade da mãe de Bentinho. Ao longo do tempo tenta pensar que o seu amor o está traindo, com seu amigo Escobar, um velho amigo do seminário. Depois das desconfianças eles se separam. Capitu vai morar na Suíça e Bento acha que o filho que ele teve com Capitu era de Escobar. Então manda seu filho para Suíça junto de sua mãe.

Logo depois Capitu morre. Seu filho morre em uma viagem a Jerusalém. O Bentinho fica na solidão eterna após ser formado em advocacia.

18. (*Thalita*) Não escreveu.

19. (*Tiago*) Bento nasce, depois de uma promessa de sua mãe, que havia perdido o primeiro filho, na promessa se o filho nascesse seria padre. Bento quando jovem se apaixonou por Capitu, sua mãe vê isso e o manda para o seminário. No seminário conhece Escobar, que depois saem do seminário antes de terminar. Bento se casa com Capitu e Escobar com uma amiga de Capitu. Bento e Capitu tem um filho e quanto mais o menino cresce mais parece o amigo Escobar. Escobar morre e Bento fica mais desconfiado da traição. Separa-se de Capitu e manda ela e o filho para a Europa.

20. (*Wollisson*) Bentinho se apaixonou por uma moça na adolescência, mas esse amor é interrompido por um tempo, pois ele tem que ir estudar em um seminário. Lá ele conhece que vinha a ser o seu melhor amigo, depois de um tempo de volta e reencontra sua amada Capitu. Seu amigo que também estará casado veio morar perto, os casais se tornaram muito amigos, depois de um tempo Escobar morreu e Bentinho achou muito estranho Capitu ficar triste mais que o normal com a morte dele e começou a desconfiar de amor, suposta traição, repara em seu filho semelhanças com seu amigo que já havia morrido. Bentinho então resolve levar sua mulher e filho para morar em outro país e não os vê mais. Bentinho so volta a ver seu filho quando a morte de sua mãe é dada, então ele vê em seu filho a face perfeita do seu amigo, tendo aí a certeza de que foi traído.

Colégio Estadual *Sagrada Família*

- Elabore um texto crítico a respeito desta obra. Faça comentários, avalie, opine, critique a obra sob os mais vários aspectos.

1. (*Adriano*) Não escreveu.

2. (*André*) Não leu o livro.

3. (*Débora*) eu acho que o autor deveria ter deixado mais claro se Capitu realmente traiu Bentinho ou não, ou se tudo era realmente coisa da cabeça dele. Acho que deveria ser esclarecido tudo isso antes que Capitu tivesse morrido, e se os dois eram tão apaixonados assim, eles deveriam acabar juntos.

4. (*Felipe*) eu acho que essa história deixou muitas pessoas com vontade de saber mais sobre a obra e, também acho que devia ter uma continuação para as pessoas que gostam de livros ter a oportunidade de ler novamente.

5. (*Giovani*) Que Capitu tinha que ser uma mulher exemplar.

6. (*Gabriel*) Achei o texto interessante, mas não é o tipo de história que me chama atenção, mesmo tendo um final bem chamativo.

7. (*Gustavo*) Bom eu acho que é um livro bom com vários pontos importantes, mas eu não consegui entender direito o ponto importante do livro o objetivo principal do livro.

8. (*Lays*) Leitura muito lenta, muita enrolação. Não foca no caso da história, palavras difíceis e bem diferente.

9. (*Letícia B.*) o livro tem uma linguagem um tanto quanto complicada, de forma que algumas palavras sejam hoje pouco conhecidas. O jeito com que o autor descreve os fatos é bastante realista, trazendo assim um impacto. Acho que o autor não deveria mesmo ter revelado sobre a traição ou não de sua amada, pois essa é a graça do livro, é o que faz o livro ser diferente dos outros. (a aluna mistura autor e narrador...)

10. (*Letícia M.*) O livro foi escrito há muito tempo e possui uma linguagem que dificulta a leitura, mas a grande pergunta do livro é “Capitu traiu Bentinho?” Eu acho que não, pois o modo de reação dela perante a morte do amigo é normal, qualquer um fica abalado com a

morte de um amigo, ainda mais quando é próximo. A semelhança do filho também é normal, muitas pessoas se parecem sem nem ser parentes. E ainda tem o amor, eles tiveram que passar muitas coisas para poder ficar juntos para tudo acabar em uma traição, pois vem o ciúmes que fez ele ver coisas onde não tinha. (Encontrar o autor e a discussão feita por um crítico de Machado e que a Letícia tb faz)

11. (*Letícia R.*) Não leu o livro.

12. (*Lucas*) (...).

13. (*Nassíria*) É uma obra que engloba muitos aspectos, mas o mais forte evidente e comentado é a suposta traição de Capitu.

14. (*Rafael*) Eu não gostei muito pelo fato de que não fica muito claro o que realmente aconteceu, se ele foi ou não traído por Capitu.

15. (*Raiara*) O texto te faz ou me faz ficar especificamente na traição. As pessoas podem ser parecidas sem ter um grau de parentesco. Ela não seria capaz de trair ele com o melhor amigo dele, ela poderia ter pensado em trair, o jogo que ele faz com o nosso psicológico é muito interessante. Você se coloca dos dois lados da história, era amor de verdade depois de tudo ele nunca esqueceu ela.

16. (*Rodrigo*) Eu não li muito, mas sei que o final é muito duvidoso, algo que me irrita porque gostaria de saber se Capitu traiu ou não.

17. (*Taylan*) O livro lhe deixa integrante. E sempre ler mais para você começar a entender o momento traição depois dois que acho que ele valorizou a mulher nova algo como se ele não era ninguém sem ela como um “corno manso”.

18. (*Thalita*) Não escreveu.

19. (*Tiago*) Leitura complicada, texto um pouco parado, Ele diz muitos detalhes e não foca no principal, em dizer a realidade (talvez tenha feito por querer). Para iniciantes não acho que seja um bom livro, confunde um pouco. Daria nota 8,5 talvez na minha próxima leitura eu compreenda mais e assimile melhor o que o autor queria dizer.

20. (*Wollisson*) A obra foi bem feita. Com muita trama e suspense que instiga o leitor a querer ler mais e mais para saber o final disso tudo. Ele pega pontos para confundir o leitor sobre a suposta traição, o que faz o leitor querer ver o desenrolar.

Colégio Estadual *Sagrada Família*

- Por meio desta narrativa, o que você acha que o autor discute, ou seja, que temas são abordados por ele? Faça comentários a partir deles.

1. (*Adriano*) Não escreveu.

2. (*André*) Não leu o livro.

3. (*Débora*) sobre a traição e a falta de confiança entre o casal. Porque mesmo não tendo certeza, ele acaba se separando sem nem levar em conta o que a esposa diz.

4. (*Felipe*) a visão do homem através das dúvidas que ficam na leitura.

5. (*Giovani*) É a visão do homem por ele ser traído, ciúmes, raiva, etc.

6. (*Gabriel*) Acho que o livro fala de um tema bem comum. O machismo e o ciúme principalmente que o homem tem, acho uma coisa não muito legal, pois acaba com relacionamentos.

7. (*Gustavo*) Ele aborda os temas da religião, traição.

8. (*Lays*) Eu acho que o livro é uma realidade de hoje. Casal se apaixona, se casam, tem filho, e depois que vem a traição. E como sempre rejeita o filho que não tem nada a ver.

9. (*Letícia B.*) Religião, a ida de Bentinho para o seminário. Traição, a dúvida de Bentinho sobre a traição de Capitu e Escobar. Amor, entre Capitu e Bento. Amizade, de Bento e Escobar. Orgulho, de não aceitar Ezequiel.

10. (Letícia M.) O autor discute temas como o amor de infância, a realização dos pais pelos filhos mesmo sem estes quererem aquilo, a vocação. A traição, amizade, infidelidade, amor, que sobrevive perante o tempo e as dificuldades, o ciúmes doentio que leva a pessoa a querer a morte da mulher e do filho, as dúvidas e angústias que levam a pessoa a acabar com sua vida entre outras.

11. (Letícia R.) Não leu o livro.

12. (Lucas) Que eles se apaixonam, casam, tem filhos e depois tem uma crise de ciúmes. O autor discute a relação amorosa e a relação da amizade.

13. (Nassíria) A religião, a traição e o amor jovem.

14. (Rafael) Eu acho que o autor discute fidelidade, casamento e amizade. Tem também a questão da fé e de cumprimento de promessas. Além disso tem também a questão da rejeição que o filho sofre. Acho que o tema principal depende muito de quem lê. Para mim pareceu que puxou para o lado da amizade e fidelidade em um relacionamento, falta de confiança também foi abordado.

15. (Raiara) Traição, dúvidas, amor. Ela não trai pode ser coisa da cabeça dele o fato de ter amado ela demais pode ter feito ele começar a ver coisas onde não tinha. O ciúmes possessivo faz com que você veja, imagine coisas onde não há. E pelo fato de ser ela que pode ter traído deixa tudo mais impactante. Se fosse ele colocaria como uma coisa normal.

16. (Rodrigo) Não escreveu.

17. (Taylan) O machismo, pois numa sociedade como era é o homem que trai a mulher, a mulher que depende do homem. E no livro diz como o homem pode ficar sozinho sem uma mulher.

18. (Thalita) Não escreveu.

19. (Tiago) Creio que ele quis abordar o assunto de um amor incondicional entre Bento e Capitu, e outros depois temas que ficam um pouco escondidos, como a traição e um triângulo amoroso. E por último alguém carrancudo, sem gosto pela vida.

20. (Wollisson) Traição, amizade, confiança, incertezas. Suspeitas de traição da mulher e do amigo de Bentinho. Quebra da amizade, incerteza sobre se havia tido traição ou não e confiança que já era o mesmo.

Um quadro sobre a questão objetiva, nº 5, presente no item 2.

Questões objetivas acerca da leitura do livro: O que achei do livro?			
1	Adorei	01	
2	Gostei	05	
3	Achei interessante	11	
4	Não me interessou	00	
5	Não gostei	00	
6	Odiei	00	

Colégio Estadual *Sagrada Família*

Entrevista individual I

Obra: *Dom Casmurro*

P: Seu nome é?

A 1: Adriano

P: Só pra registrar aqui. Adriano você leu então *Dom Casmurro*?

A1: Isso.

P: Eu queria que você me dissesse assim em linhas gerais quais foram suas impressões sobre a leitura da estória, da obra.

A1: Ah (+) É um livro bem interessante, e tipo ao mesmo tempo é bem confuso. A linguagem também usada nele é uma linguagem meio. Tipo, antiga que eles usavam antes. É meio que difícil ler uma parte, faz você não querer largar do livro, mas tem hora também que já acha chato, tipo no começo do livro não curti muito e ai depois fui interessando. Eu fiquei bem triste no final do livro porque eu não sabia mais o que tinha que fazer da vida

P: É mexeu com você?

A1: É porque tipo eu fiquei bem em duvida, se o cara era ou não... Ai eu viajei. Ai eu criei uma tese pra isso. Ele não era corno, ele era gay.

P: Opa, ele era gay. Você pode fundamentar isso?

A1: Ele fez um seminário e lá, ele conheceu o (+) Escobar ai os caras ficaram amiguinhos ai depois. Vai que gostaram do seminário. Saíram e depois se encontraram ai ele começou a gostar do Escobar.

P: Certo.

A1: Ai ele ficou com raiva do Escobar, porque o Escobar preferiu a Capitu e não ele. Ele era gay e corno. Ele era os dois. Ai por isso que ele queria matar o filho do Escobar, ele queria matar o filho dele, só que era Escobar.

P: Certo.

A1: Por isso, dai começou com uma brincadeira e depois deu sentido.

P: Certo. Você achou interessante você falou. O que é assim mais interessante?

A1: Então tipo é legal do jeito que o autor meio que descrevia cada, tipo o cenário na onde estava ocorrendo o assunto. Tipo no começo ele falava: “Eu estava atrás do sofá...” nã nã (+). É interessante umas frases que ele colocava, tanto é que compartilhei lá no face, mas não vou lembrar a frase agora.

P: Eu resgato depois.

A1: Todas do Dom Casmurro eu compartilhei.

P: Ah é ótimo. E você achou meio entediante, meio chato?

A1: Então em algumas partes era, tipo (+). A:h deixa ver se eu lembro. Tipo, não era necessário, mas sei lá, não achei muita graça em umas parte do livro que ele contava meio que fora. Por fora. Ai disso eu não gostei.

P: E depois você achou a linguagem, você achou difícil?

A1: Então algumas linguagens, algumas palavras eram.

P: Pouquinho, mas porque era antigo.

A1: Anham.

P: É você já justificou porque você achou que ele era gay, mas depois se você tiver mais alguma coisa que você quiser falar sobre esse aspecto seu, fique a vontade. Essas perguntas que eu faço aqui são (+) Assim provocadoras, é claro que tem um roteiro, mas é (+) Fique bem a vontade pra você dizer fora desse (disculperoto). É eu queria saber assim (+) Qual foi o personagem que mais chamou sua atenção?

A1. Ah José Dias.

P: José dias, anham. O que o José Dias te diz como personagem?

A1: Tipo, ele queria tal o Bentinho a não ir pro seminário.

P: Sim.

A1: Só que tipo que ele meio que tinha uns valores com Bentinho, tipo José Dias não queria que Bentinho ficasse com a Capitu, mas também não queria que o menino fosse forçado para o seminário. Tipo, ele era meio facultante, ele sempre tentava ajudar a família no que ele podia.

P: O que você admirou assim nele?

A1: Então é isso, de ele sempre estar ajudando, tipo ele esta indo contra a vontade dele. Tipo ele sabia que ele ia ajudando o Bentinho, ele ia ficar com a Capitu.

P: Certo.

A1: Então às vezes esse fato de ele ajudar acontecer esse negocio, foi legal.

P: Entre ajudar o Bentinho e ao mesmo tempo ajudar a mãe?

A1: Anham.

P: Ele sabe que as duas coisas se contrariaram.

A1: Anham.

P: Tá, algum outro personagem que você achou interessante?

A1: O próprio Bentinho.

P: Anham, o que você diz do Bentinho?

A1: Então tipo /

P: [Além de ele ser homossexual].

A1: A ser homossexual partiu por uma brincadeira depois, mas levando em consideração o livro mesmo. Ele é um cara (+) Tipo, ele faz tudo pelo sentimento dele. Coisa que eu mesmo faria se tipo eu conhecesse outra pessoa e a minha mãe fizesse uma promessa de repente (+) Assim como ele era o único homem da casa, pode se dizer. Ele meio tinha que, tentar ser o orgulho da mãe dele.

P: Certo.

A: Mas tipo, mesmo ele sabendo disso. Ele seguiu fazer o acordo lá e seguiu realizar o sonho dele que era ficar com a Capitu depois.

P: Certo.

A: Mesmo não dando certo, mas (+)

P: Algum outro aí?

A: Não.

P: É (+) Qual desses personagens pode ser esses que você já falou ou outro, que você mais se afeiçoou. Assim a questão afetiva foi mais forte, pelo o que exatamente?

A: Tipo, é que eu me identifiquei com ele um pouco nesta questão tipo de fazer tudo pela pessoa que gosta.

P: Certo.

A: É por isso.

P: Você dedica também?

A: Anham.

P: É (+) Que qualidades você viu assim pode ser no Bentinho ou pode ser em outro personagem, qualidades e virtudes que te chamou atenção?

A: Então no José Dias, que ele ajudava muito; o Bentinho que ele persistia muito naquilo que ele queria; na Capitu querendo ou não ate que ela foi fiel esperando ele. Se ela não quisesse ela podia falar não pra ele largar tudo.

P: Mas ela esperou.

A: Anham

P: Ansiosamente. Você quer falar mais dele fazendo desdobramentos destas qualidades. Assim por exemplo Bentinho era perseverante. Tem alguma coisa a ver com você isso?

A: Acho que (+) A perseverança meio que igual, mas (+) Não sei (+) Acho que também tem hora no livro essa desconfiança que ele teve dela não teve muito sentido.

P: Você achou que a desconfiança dele não era uma coisa real, objetiva?

A: Tipo, nem um momento no livro ele aponto fatores concretos que ela traiu ele, entendeu?

P: Anham, coisas da cabeça dele.

A: Anham, mas ao mesmo tempo demonstrava sinais de uma possível troca de afeto entre o Escobar e a Capitu.

P: Mas isso não te convenceu?

A: Então fiquei em dúvida.

P: Ficou em dúvida? Certo o livro sempre aponta para essa... Bem algum outro personagem que te chamou atenção do valor dele?

A: Não.

P: Com qual deles você se identificou assim? Essa pessoa tem a ver a comigo, meus valores...

A: O Bentinho.

P: Próprio Bentinho, você pode falar alguns valores dele e os seus?

A: Então, ele sempre tentar seguir os valores da família, tipo ele obedecia tudo o que a mãe queria, por ele ter perdido o pai e tal, e seriamente tentar cumprir a promessa da mãe dele. E o negocio (+) E tipo assim, o negocio que eu falei lá fazer tudo para os outros que você gostam. Tipo tentar ate não conseguir mais. Ai isso me identificou com ele.

P: Certo, e isso tem a ver com você?

A: Anham.

P: No relacionamento entre os personagens, entre ele. Como você viu ele resolvendo seus conflitos; as suas dificuldades; seus problemas? Algum problema assim que você viu eles resolvendo e você admirou a forma como eles resolveram isso?

A: Tipo, no seminário dele, tipo Bentinho conversou com José Dias, foi bem na base da conversa. Ele falou que não queria e que talvez ate podia fazer um curso e tal. Isso é legal resolveu na base da conversa.

P: Certo. Você achou q eles eram sensatos, coerente, responsáveis?

A: (+) É: (risos).

P: Você ficou em dúvida? Como você poderia caracterizar o tal evento?

A: Porque na hora de resolver o problema da traição foi uma discussão. Então já não era tão (+).

P: Assim, tão responsável?

A: (+) É:

P: Certo. Alguma outra situação além dessa do Bentinho, do conflito que eles se envolveram que você viu se resolvendo?

A: Então da discussão mesmo.

P: Tem algum outro problema que aparece?

A: Vai dando um branco quando você esta assim (+) cara a cara.

P: (risos) mas fique tranquilo, você vai lembrando da estória. A estória toda é uma trama de conflitos NE, mas vão aparecendo os problemas. Eu queria saber assim como você encarou eles resolvendo as dores dos outros. O grande problema inicial era aquele Bentinho ser prometido para Deus, ir pro seminário, ele não querendo ir as pessoas se envolvendo e eles foram resolvendo e depois o conflito foi. Na questão do Bentinho e a Capitu e o Escobar e aquela dificuldade toda, como ele foi tentando resolver esse dilema. Se você pudesse comentar um pouco sobre, bem esses dois episódios mais bacanas, mas qualquer outro também.

A: Então (+) Ele foi muito calmo. Ele fez tipo uma coisa... Como ele era meio moleque ainda nessa época, ele fez o que qualquer moleque faria, ele foi tentar conversar com um cara que poderia ser o segundo pai pra ele, tipo o José Dias acabou sendo.

P: Certo.

A: Ai querendo ou não ele foi. Nessa questão ele conversou com a mãe do (+) Bentinho a dona (+)

P: Dona Gloria?

A: Gloria. Acabou que foi indo, foi indo. E tipo resolveu na base da conversa. Ai acabou que foi feito lá o tal acordo que ele não se sentisse chamado (+) Ai na discussão foi que ele ia fazer meio uma burrice, mas a Capitu acabou chegando. A discussão ate que foi meio que

movida não pelo desafeto que estava acontecendo entre os dois, mas foi uma proteção de mãe ela viu que o Bentinho podia matar o Ezequiel (+) Então esse foi o motivo da discussão. Mas acho q se não fosse por isso teria rolado uma conversa, meio que (+) Legal. Por fora.

P: Você achou que esse, embora houvesse um conflito difícil de resolver, mas eles resolveriam isso de forma. Assim (+) De consenso, mais na conversa.

A: Mas às vezes e por causa da ocasião que estava ocorrendo não gerou uma ter a conversa (+) Tipo, conversa amigável, mas se fosse mais calma. Acho que seguiria o roteiro normal, iria ficar só na conversa, legalzinha.

P: Sei. Qual dos personagens em sua opinião seria o centro dessa trama, o que sem ele não haveria essa estória? O fio condutor.

A: José dias, se não fosse ele Bentinho iria para o seminário.

P: Ah é, você acha que o José Dias seria o principal?

A: Ah eu acho.

P: Ele mudou o curso?

A: É porque eu acho que se o Bentinho ficasse pedindo pra mãe dele, ela não iria liberar. Ai essas tentativas de fuga que ele teve não iria durar por muito tempo. Ai eu acho q José Dias acabou mudando. Se ele fosse pro seminário ele iria virar padre e ele não iria casar com Capitu e ele não casando com Capitu não teria a desconfiança de ser ou não traído. (E não teria matado Ezequiel).

P: Então a estória tomaria outro rumo. José Dias em sua opinião seria (+).

Colégio Estadual *Sagrada Família*

Entrevista individual II

Obra: *Dom Casmurro*

P: Você leu *Dom Casmurro* não é? Você pode então me falar assim em linhas gerais o que você viu nesta estória; nesta obra?

A2: Bom. Eu achei um livro primeiramente assim; a primeira vista bastante complicada.

P: É?

A2: É:, pela linguagem. Uma linguagem bem antiga. (+) Só que o assunto que ele trata, é um assunto bastante comum hoje em dia também né. Traição; a questão da religiosidade da mãe dele tal. (+) Ai a conclusão que eu tirei do livro foi que eu achei ele não deveria ter falado mesmo se ela traiu ou não, porque tipo é uma questão tipo: a sua vida sempre vai ter questão que você não vai conseguir responder, entendeu? Então eu acho que ele usou bastante isso: o Realismo pra fazer o livro dele né. Ai (+) ele usou bastante o realismo mesmo. Tudo o que acontece, o dia-a-dia e tal; as paixões que a gente tem. Ai algumas (+) não dão para ser alcançadas ai o que ela alcançou ele ainda tinha essa dúvida de que ela traiu ele, mas (+) então.

P: Você fala Realismo, você fala em que sentido? Que a estória parece?

A2: Muito real é, tudo muito real. Tem a questão da mãe dele, que ela manda ele para o seminário. Antigamente era bastante comum né? Hoje não é muito comum. Antigamente era bastante comum a mãe querer mandar os filhos as filhas para o seminário; para escolas de freira. Ai (+) eu acho que condiz bastante com a realidade passada, só que não deixa de ter um pouco da realidade de hoje.

P: Os valores né, os sentimentos.

A2: Anham, exatamente.

P: Você achou um pouco difícil a linguagem também?

A2: Ah, um pouco difícil também. As palavras que tem que ler o contexto geral para entender, né.

P: Certo, mas achou interessante a estória?

A2: Achei (+) muito interessante.

P: Que aspecto você achou mais interessante?

A2: Ah (+) achei no aspecto que sempre vai ter esta dúvida. Você não pode responder todas as perguntas que você quer responder. Então (+) se (+) eu acho que a coisa que eu vou levar pra mim é isso: você tem ali evidências ou não, mas você não pode responder com clareza todas as perguntas que você tem na sua vida.

P: E esta dúvida ficou até o final e vai persistir?

A2: Anham, exatamente.

P: Certo, tá (+) teria uma outra estória, pode ser um filme ou um livro parecido?

A2: Um filme? (+) Ah eu assisti um filme assim, mas não me lembro o nome.

P: Ou algo semelhante em qual você pode falar a relação.

A2: Ah, eu não me lembro, mas é um filme de traição também. Que a esposa: Na verdade é assim: a esposa contratou um detetive para vigiar; investigar a vida do marido, mas ela acabou se apaixonando pelo detetive e o marido não traiu ela, mas ela traiu o marido com o detetive. Ai acabou que no fim se mataram. Alguma coisa assim. Era um drama bem dramático. Ai (+) foi isso; ela não descobriu se o marido traiu ela ou não e se apaixonou pelo detetive que ela contratou.

P: Certo.

A2: Ai tipo, depois ela ficou com tanto remorso de não saber se o marido dela tinha traído ela ou não, que ela se matou.

P: E você, que sentido você em relação aqui; pela traição; pela investigação?

A2: Pela postura da desconfiança.

P: Ah sim.

A2: Postura da desconfiança da traição.

P: Você acha grave?

A2: Anham.

P: Tá bom, e vamos falar um pouquinho dos personagens. Quais deles mais lhe chamou a atenção?

A2: Ah (+) não sei, Bentinho, por ele ter colocado na cabeça dele que ele ia casar com a Capitu. A Capitu, por ter esperado ele, né? Ah eu acho que o Bentinho, por ele ser bem determinado das coisas que ele queria.

P: Você acha que ele é determinado?

A2: Anham, das coisas que ele buscou para ele.

P: Certo, alguma atitude; valor; que lhe chamou atenção nele? Além da determinação.

A2: Do Bentinho? Ah não sei, acho que ele não tinha muita confiança em si NE, e não confia muito na Capitu também. Acho que a falta de confiança.

P: Era uma (tônica).

A2: É:, falta de confiança.

P: É:, qual dos personagens você mais se afeiçãoou; a que você mais gostou; que você mais se identificou afetivamente?

A2: Ah (+) acho que Bentinho mesmo.

P: É? Em que sentido?

A2: Pelo o que ele era, por que eu acho que me pareço com ele um pouco.

P: O que você viu nele que marcou com o seu jeito?

A2: Ah (+) acho que a questão da desconfiança. Sou muito desconfiada de qualquer coisa.

P: (risos).

A2: Tipo, pé atrás com tudo:, tudo:, tudo:. Acho que mais por isso, e também sou bastante determinada com as coisas que eu quero. (+) uma pessoa de palavra.

P: Você achou um valor que você também considera?

A2: Anham, questão de honrar compromissos.

P: Tá certo. Que características; jeitos; virtudes, que você viu nos personagens que também lhe chamou a atenção?

A2: Características?

P: É (+) assim jeito, sabe? Gostei disso ou não gostei: do caráter da pessoa; de algum valor.

A2: Ah (+) acho que o José Dias é bastante (+) por ele não ser da família, ele demonstrou bastante // uma preocupação assim com a família, sabe?

P: Certo, um envolvimento?

A2: É::.. Então eu acho que eles eram bastante unidos ali. O José Dias apesar de ele não ser da família, ele era como se ele fosse exatamente por isso. Pela união; pelo envolvimento que ele tinha com o Bentinho com a mãe do Bentinho.

P: Mas ele dedicava a isso?

A2: É. Dedicção pela família dele, entendeu? Não era a família dele, mas ele se dedicava bastante.

P: Algum outro personagem que você viu algum valor interessante; alguma qualidade; defeito?

A2: (+) Não lembro muito agora.

P: Com qual deles você mais se identificou?

A2: Ah (+) com o Bentinho

P: Com o Bentinho? Por causa de seus valores?

A2: Eu acho que sim.

P: Você pode falar um pouquinho mais?

A2: Eu acho que eu faria exatamente o que ele fez na questão de sair de seminário para casar com a Capitu. Eu acho que faria exatamente o que ele fez. Tipo: meio que ir em busca do sonho dele, mas ser muito desconfiado. Eu não sei se isso atrapalha ou ajuda também, entendeu? Eu acho mais que isso.

P: Você faria o mesmo que ele fez em lutar contra a determinação da mãe?

A2: É::.. Tipo ele queria casar com a Capitu e ele fez de tudo para que isso acontecesse, entendeu? Ele foi em busca dos objetivos dele. Eu faria a mesma coisa.

P: Por outro lado ele teve essa dificuldade com a Capitu.

A2: Anham, pela desconfiança.

P: Você acha que seguiria a mesma coisa?

A2: Eu acho que sim. Eu acho que eu esperaria ter certeza mais. E tipo a desconfiança dele era muita. O filho dele parecia muito com o Escobar, então (+).

P: Sei.

A2: Eu acho que se eu visse, eu também não conseguiria conviver com isso, entendeu? Tivesse uma pessoa lá que se parece demais com a outra, sem justificativa. Eu acho que não conseguiria viver com esta dúvida, entendeu? Eu acho que todas as perguntas eu procuro as respostas. Eu não consigo conviver com dúvidas. Eu acho que mais por isso eu me pareço com ele.

P: Esta coisa da semelhança do Ezequiel com Escobar te convenceu?

A2: Ai eu não sei: (risos) eu tenho muita dúvida. Por um lado tinha a semelhança, mas por outro tinha umas coisas que não tinha nada a ver, entendeu? Só não achei certo porque ele queria matar o filho dele. Ele queria matar, foi radical (+).

P: Foi radical?

A2: É::.. Foi muito::.. Eu acho que se ele amasse (+). Eu acho que ele não pegou amor na criança assim. Porque se ele amasse realmente ele criaria sem nenhum problema. Mas também tem o negocio que era antigamente. Antigamente era muito mais difícil a aceitação, né. Uma traição hoje em dia já é mais normal, né.

P: Você acha que hoje em dia é mais tranquilo?

A2: Eu acho que hoje em dia todo mundo é mais flexível, né. A questão da traição; divórcio também. Tiveram que ir pra Europa pra não ter muita conversa né. Então hoje em dia é mais tranquilo. Se separa; se casa.

P: Você considera essa tranquilidade hoje, que as pessoas tenham relaxado no sentido da moral?

A2: Eu acho que sim (+). Eu acho que sim. Porque hoje é muito fácil. Exemplo: tem muito roubo por ai. E nada (+), principalmente aqui no Brasil nada é muito: (+) como é que se diz, não tem muita (+). Exemplo: os políticos; ele fazem tudo o que fazem e não acontece nada com eles, entendeu? Não tem aquela mão que vai lá e pune, entendeu? Eu acho que por isso relaxou em uma coisa, relaxou em tudo. Por que agora é muito fácil você casar e se separar, não tem mais aquele valor do amor, entendeu? As pessoas vão muito pelo impulso, elas vão. Elas não sabem realmente o que elas sentem e já se casam. Antigamente não, antigamente você nem conhecia a pessoa, você aprendia a gostar dela, entendeu? E tinha mais esse valor da moral. Tipo de não poder se separar, por que era o que seus pais queriam para você. Eu acho que bastante por isso. A moral mesmo.

P: Você tem medo disso, você acha que isso vai para um caminho ruim?

A2: Ah eu acho que sim. Eu acho que vai ser mais (+) mais /. Devia ter uma mão mais firme; mais justa. Por isso eu acho que sim,

P: No relacionamento entre os personagens; entre eles mesmos; nas dificuldades; nos problemas que eles iam resolvendo. Como você viu ele resolvendo as questões?

A2: Ah eu acho que eles resolveram tudo com bastante (+) não criatividade, entende? Com jeito eu acho.

P: É?

A2: É. A questão do seminário. De tirar o Bentinho do seminário; da promessa da mãe dele. Eu acho que eles resolveram, tipo com bastante inteligência. Mas (+) e não deixaram de cumprir a promessa. Então eu acho que foi resolvido com bastante inteligência neste ponto.

P: Alguma outra situação-problema que você admirou a forma como eles solucionaram? Além da questão do seminário? Do Bentinho; da Capitu.

A2: Ah a questão (+) ah eu lembro mais a questão da traição que foi a que mais me prendeu ali. Mas eu acho que a questão de o Bentinho ter se separado dela, não sei se era para tudo isso (+). Mas eu acho que faria a mesma coisa.

P: É? Essa solução, você achou que foi adequada?

A2: Eu acho que sim.

P: Quais dessas personagens, em sua opinião, é o fio condutor nesta história, assim, se não fosse ele ou ela não haveria história?

A2: (+) Ah não sei. Eu acho que o Bentinho; o José Dias; o Escobar que (+) a época que tiraram ele do seminário, porque se ele tivesse continuado no seminário ele não iria casar com a Capitu, então não teria nenhum dessas questões. Do casamento; da traição; do filho. Então eu acho que mais eles.

P: Foram a chave?

A2: A chave pro contexto. É. Tirar ele do seminário ele não iria voltar para se casar com a Capitu, entendeu? Eu acho que foi isso. Eu acho que essa deu a linha na história.

P: Anham, mesmo considerando que a Capitu aparece no fim?

A2: (+) É. Se não existisse a Capitu, também não teria isso.

P: Mas você acredita que são os três que você mencionou?

A2: Sim, apesar de ele ser apaixonado pela Capitu, se ele não tivesse o contato com ela, não desenrolaria essa história.

P: [não teria esse].

A2: Exatamente. Ai ele iria virar padre, iria ser bem diferente eu acho. Apesar de ele ser apaixonado por ela, ele virando padre eu acho que ele não iria correr atrás dela; nem casar com ela.

P: Bem, você já falou, mas você no lugar do Bentinho faria (+).

A2: [eu acho que sim]. Eu acho que não conseguiria conviver com a dúvida: ele é o não meu filho, entendeu? Não tem como provar, eu acho que não conseguiria conviver com a dúvida. Eu acho que por eu ser muito desconfiada. Eu tenho confiança nas pessoas, mas não sei (+) eu acho que eu não conseguiria conviver com esta dúvida eu acho. Se eu fosse o Bentinho, eu também me separaria da Capitu.

P: Você concorda com Bentinho? Você talvez faria as mesmas coisas ou quase tudo? Mas tem algumas coisas que parece que você não seria radical assim, no sentido de tentar matar o filho?

A2: [não]

P: E como seria essa separação; ele mandou ela para Suíça, como você resolveria isso?

A2: Eu acho que (+) é que antigamente tinha essa questão da separação ser muito mal falada; mal vista, NE? Mas eu acho que eu me separaria dela, mas eu daria um aparo, entendeu? Porque ela tinha um filho, não é fácil criar um filho. Então mesmo eu não tendo certeza que ele não era meu filho, eu acho que por amor a ela, já que ele nunca deixou de ama-la. Por amor a ela, eu a ampararia.

P: A gente sabe que o Machado de Assis privilegia os personagens que ele (centrou) duas personagens e aí é que a estória acontece. Mas mesmo assim eu queria saber de você sobre o espaço; sobre os lugares onde essa estória aconteceu.

A2: [cenário]?

P: É, pode ser cenário, não é teatro, mas os espaços que seriam significativos na sua maneira de ver.

A2: A casa dele?

P: Sim, pode ser.

A2: Ah, eu acho que a casa; o seminário.

P: Certo, o que esse espaço contribuiu para dar sentido a estória?

A2: Ah eu acho que a casa dele contribuiu para ele se apaixonar pela Capitu, Foi na casa dele e tal. Eu acho que a casa dele contribuiu com esse convívio, pra se apaixonar por ela, no seminário por ele ter conhecido o Escobar. Eu acho que é mais esses dois mesmo. (+) De ele ter conhecido o Escobar e tal.

P: [esse convívio].

P: A casa dele no ponto de vista afetivo, como você viu isso. O Bentinho; a Capitu. Mas o sentido também para eles esse espaço, além de físico, né.

A2: A união você quer dizer?

P: No sentido afetivo mesmo, neste espaço.

A2: Ah era, tipo digamos que a vizinhança era bastante unida né. Tinha uma convivência com os pais da Capitu com a do Bentinho e tal. Então eu acho que a convivência; a união deles era bastante boa. Não tinha briga, era tudo resolvido ali entre eles, era tudo de boa. Acho que isso.

P: A casa; o ambiente bom.

A2: Anham, ambiente bom; tranquilo.

P: E o seminário, você falou seminário né? O que o seminário traz sentido para vida dele ou deles?

A2: [Anham]. Eu acho que a amizade que ele criou com o Escobar, depois eles continuaram a amizade. Tipo ele podia ter conhecido o Escobar lá e ter deixado a amizade sol a, entendeu? Eu acho que ele levou para ele a amizade que ele criou lá dentro com o Escobar e tal. Então os dois ficaram juntos até o Escobar morrer. Acho que mais isso, a amizade uniu bastante eles.

P: Você tem ideia de que época aconteceu essa estória

A2: Acho que 1800(+) mais ou menos por ai. 1800 e alguma coisa.

P: Certo. Bem, considerando mais de cinquenta anos, não tinha carros naquela época, não havia nem telefones; nem celular; nem computador (risos). Enfim, havia charrete. Como você vê aquela época diferente da nossa mesmo na questão do convívio das pessoas; dos costumes.

A2: Ah eu acho que é naquela época as pessoas eram muito mais civilizadas.

P: você acha?

A2: Acho. Porque apesar de não ter (+) eu acho que elas eram muito civilizadas, não tinha essa questão de roubo. Tinha a questão que todo mundo convivia com todo mundo. As cidades eram menores, então todo mundo conhecia todo mundo. Era como se fosse um bairro, só que a questão dos roubos ajudava na parte lá não tinha roubo então não era necessário muito muro, muita proteção. Porque o muro meio que distancia você das pessoas, entendeu? Tipo se eu ficasse em casa hoje, eu iria ficar o dia inteiro trancada na minha casa se não tivesse internet eu não iria falar com ninguém. Então eu acho que o muro distancia de mais as pessoas das outras.

P: [sim]

A2: Faz o homem ser uma ilha.

P: Você acha então que esse fato (+) esse aspecto fazia com que as pessoas tivessem um convívio mais saudável?

A2: Muito mais saudável, mais harmonioso.

P: Mais harmonioso?

A2: Anham.

P: A gente vive se escondendo?

A2: A gente vive com muita desconfiança das outras pessoas.

P: Ah você acha? Essa coisa diferente daquela época para cá, você disse que hoje a gente anda se escondendo atrás de muros.

A2: Exatamente. Com medo, com insegurança. Antigamente não era assim, tinha mais segurança. Tinha a questão de conviver com o seu próximo. É isso.

P: E que coisas que você viu naquela época e que hoje são tão diferentes. Coisas que você até se surpreendeu, talvez até achou absurdo que havia naquela época.

A2: Absurdas, acho que não. Mas tem algumas coisas que são bem parecidas com a de hoje. Muda o jeito que fazem, mas não questão de (+). Ah a questão da mãe do Bentinho e tal. Bastante gente faz promessa, é muito difícil prometer as coisas para os outros, entendeu? Igual ela fez. Ela fez a promessa não pensando que ele cresceria e iria querer tomar outro rumo na vida dele, entendeu? Hoje em dia fazem muita promessa, mas pensando só em si. (+) Acho também que a questão da separação, que antigamente era muito difícil acontecer uma separação, agora hoje é muito comum. Acho que mais essas questões. Também as amizades agora, a maioria das amizades. Tipo o seminário foi como um colégio. Tipo a maioria das pessoas que você conhece em um colégio é muito difícil você levar para o resto da sua vida. Então, eu acho que antigamente havia muito mais a valorização da amizade; do amor do que hoje em dia.

P: Você falou do individualismo. Você que hoje somos mais individualistas?

A2: Muito mais. Hoje em dia todo mundo pensa só em si, não penso no todo. Por isso eu acho que não dá certo democracia aqui no Brasil. Por que todo mundo pensa só em si não no seu próximo, entendeu? Se pelo menos uma parte da população pensasse nos eu próximo, eu acho que daria muito mais certo a questão política; a questão econômica. Daria muito mais certo.

P: Que alternativa que você daria para mudar a democracia?

A2: Ah (+) não que a ditadura tenha sido boa, por questão de ter muita agressão física, muita coisa do tipo morte assim, suicídio. Mas eu acho que a ditadura foi uma época que acabou para se viver, por que se vivia com segurança. Não, que tenham que apanhar por fazer coisa

errada ou alguma coisa assim. Mas sabendo que haveria punição, as pessoas não fariam, entendeu? Então eu acho que maior rigor, é o que falta para ter uma convivência melhor.

P: Muito bem. Algum outro aspecto assim que lhe chamou a atenção por ser diferente naquela época, dos costumes; do jeito de resolver as coisas. Das próprias identidades; das religiões políticas, a própria escravidão.

A2: // Ah não sei. Antigamente era muito diferente de agora o jeito de tratar tudo. Não que não acontecem as mesmas coisas. Ainda tem alguns casos de escravidão; a religião ainda é muito (+) muito (+) como posso dizer // esqueci a palavra agora. Ela tem muito valor na vida das pessoas ainda, so que não trata como antigamente. Hoje em dia é fácil quebrar uma promessa. Antigamente eles lidavam com a promessa com muito mais seriedade.

P: [seriedade]

A2: Exatamente. Então eu acho que antigamente as pessoas eram mais serias, tratavam as coisas com muito mais seriedade do que agora.

P: Atrás dessa estória você viu algum tema, assim, discutidos ou abordados a algum tema que você percebeu trás indiretamente discutido pelo autor?

A2: Indiretamente? Bom, diretamente ele discutiu a liberdade; a traição. (+) Indiretamente eu acho que a questão da religiosidade, foi bem indiretamente (+) .

P: Que ele aborda juntamente com a trama, né. (+) religiosidade.

A2: Religiosidade, questão do sentimentalismo eu acho que é bastante abordado também.

P: Sentimentalismo? O que você quer dizer?

A2: Ele era bastante, tipo ele dava muito valor ao sentimentos dele pela Capitu, pela mãe dele, dava muito valor. Então ai o sentimentalismo, só que também ele era muito realista. Então eu acho que ficou meio misturado as coisas.

P: O sentimentalismo no sentido de valorizar o sentimento dele?

A2: Exatamente, de valorizar.

P: Não exageradamente de ser sentimental, não é neste sentido?

A2: Ah , mas ele foi meio exagerado no ciúmes dele pela Capitu também. Então acho que tem bastante isso. Ele agiu acho que demasiadamente nos ciúmes, só que ele foi muito correto nas outras questões eu acho. Eu acho que ele meio que ficou louco, mas eu acho que ele foi muito correto nas outras questões da vida dele.

P: Você achou que ele ficou um pouquinho louco com esta estória?

A2: É:. Ficou meio fora de si assim.

P: O que você me diz do narrador. Como é que ele desenrola essa estória?

A2: AH, eu acho que no começo ele conta como ele recebeu o apelido dele. Ah então eu acho que ele se coloca ali (+) sendo ele mesmo, contando a estória; os fatos reais que aconteceram. Eu não sei se ele se arrependeu de ter feito o que ele fez, mas eu acho que no final ele meio que deu uma arrendia pela estória que ele contou. Ele meio que se arrependeu depois. (+) acho que foi isso. Desenvolveu bastante com a estória contada.

P: Como você viu o narrador se relacionando com o leitor? O que você pensa que o narrador achava do leitor? Ele achava o leitor; inteligente; capaz ou subestimava o leitor?

A2: Ah, eu acho que ele achava inteligente. Porque ele usou (+), bom não sei se naquela época a linguagem era mais comum, mas para hoje, para um leitor de hoje tem que ter um certo conhecimento das palavras e tal, do contexto. Mas eu acho que em nenhum momento ele subestimou o leitor.

P: Você achou que ele tratou a altura. E no sentido de brincar, manipular, o que você viu?

A2: [Anham, eu acho que sim].

A2: Ah eu acho que ele manipulou no contexto de ele deixar aquela duvida no ar. Eu acho que isso é a graça do livro, entendeu? Eu acho que ele usou a dúvida (+) para pegar as pessoas, entendeu? Por que uma pessoa que leu o livro vai falar para a outra: “a eu li o livro eu acho que ela traiu ele”. A outra pessoa vai querer saber, ter uma ideia; formar uma ideia daquele

mesmo livro. Ai ela vai ler, vai querer achar alguma outra coisa e vão entrar em discussão, entendeu? Então eu acho que ele pegou bastante essa questão da duvida mesmo, deixando nada bem claro.

P: Você achou que essa estória poderia realmente ter acontecido?

A2: Eu acho que sim

P: É? Foi Veríssimo. Você se convenceu?

A2: Co:nvenceu bastante.

P: Era uma ficção, mas poderia ter acontecido?

A2: Anham, eu acho que sim. Eu acho que as coisas que aconteceram, condizem bastante com a realidade da época.

P: Algum aspecto que fez você pensar assim: não, não me convenceu não. Que foi mais contundente.

A2: Ah, eu acho que a questão da separação, de ir para Europa, eu acho que me convenceu bastante. Por que ele podia simplesmente falar que o casal se separou. Não que ele foi para Europa, deixou a mulher lá com o filho e voltou para as pessoas não falarem e tal, eu acho que ele simplesmente poderia ter falado que eles se separam e tipo sem esse redemoinho todo de ela ir lá pra Suíça. Eu acho que isso no contexto de ele abordar bastante o que as pessoas pensavam na época, me convenceu bastante.

P: Talvez hoje não fosse necessário esse redemoinho todo?

A2: Exatamente. Hoje seria fácil ele falar que se separaram e foi um para cada lado, seria muita mais fácil do que falar que foi para Europa, deixou a mulher lá na suíça, volto para não ter toda aquela conversa. Eu acho que esses aspectos dele fazer toda essa manobra para as pessoas, sobre as pessoas pensavam, acho que me convenceu bastante.

P: Ele amarrou bem essa estória?

A2: Anham. Exatamente

P: Você já falou um pouquinho da linguagem, mas como você viu a linguagem. A dificuldade ou não de ler essa estória por conta das palavras.

A2: Ah eu acho que a dificuldade só nessas palavras mesmo. Tipo eu não iria saber o que é (febre tifoide) nunca tinha ouvido falar disso.

P: Você foi procurar?

A2: Ah é tipo uma febre amarela, alguma coisa assim.

P: Você foi no google?

A2: É (risos) então eu acho mais as palavras em si, mas se você ler no contexto você tem uma ideia do que significa aquela palavra. Então eu acho q foi mais complicada a palavra, mas fácil no contexto no geral.

P: Além das palavras, alguma outra coisa que falou e você não entenderam?

A2: Não que eu me recorde.

P: Sobre aquelas imagens que tinha lá na casa dele, que não gostava do Ezequiel.

A2: Eu acho que não. Das descrições das imagens?

P: [É]

A2: É não deu para ter uma noção assim, mas acho que com o contexto não comprometeu não.

P: O que você achou do estilo do autor?

A2: Eu acho que ele abordou bastante o realismo, a sociedade da época; como era o convívio das pessoas, como elas agiriam em situações-problemas, só que eu acho também que ele deu muito valor ao sentimentalismo. Então se fosse para mim classificar essa obra como um romance, alguma coisa eu ficaria em duvidas sobre essas características . Ele foi muito realista, mas ao mesmo tempo teve um valor muito grande pelo sentimento, entendeu?

P: Como você viu o final dessa estória, você gostou ou não gostou? Você ficou chateada?

A2: Ah eu gostei, porque eu acho se ele tivesse exposto o que aconteceu, tipo se ela traiu ele ou não, não iria dar tanto interesse de ler porque a pessoa já ia saber o que aconteceu na estória. Exatamente como você vê um filme, mas você vê ele de novo, você não presta mais atenção nos detalhes. Então é um livro que você lê uma vez, e se você ler de novo é bem possível você ter uma outra ideia sobre o que aconteceu, entendeu? Então com essa dúvida que ele deixou no ar, chama muito mais os leitores ao livro, entendeu? Eu gostei do jeito que ele deixou a dúvida no ar.

P: Sei. E do desfecho?

A2: Do desfecho. É (+) ele esqueceu ela, mas ele não sabia se ela tinha traído ele ou não. Então eu acho que foi bastante produtivo assim.

P: No final das contas, mesmo que você não conheça muito do autor, o Machado de Assis, que ideia você faz dele?

A2: Ah, eu acho que (+) ele deve ter passado por muita coisa na vida. Tipo, sofrido bastante eu acho.

P: Você acha que pela estória isso se revela?

A2: É: eu acho que sim, por que ele sabia bastante da vida, tudo o que abordou ali, ele tinha um conhecimento muito grande ali. Então eu acho que ele deve ter passado por muito (+). Ele era negro, não era?

P: Sim.

A2: Então eu acho que ele tinha um conhecimento bastante grande do tema que ele abordou, foi um tempo que ele sofreu. Vai saber se ele não foi traído e ficou na dúvida. E ele escreveu sobre.

P: Ele ficou com essa dúvida. Você acha que houve um relacionamento com uma mulher?

A2: [Eu acho que sim], eu acho que foi uma dúvida que veio na cabeça dele e ele queria passar.

P: Que pergunta você faria para ele se você encontrasse ele hoje?

A2: / Eu tenho certeza que eu não perguntaria se ela traiu ele ou não.

P: Pergunta, o que você diria pra ele?

A2: Ah, eu não sei. Eu não o que eu perguntaria, mas eu tenho certeza que eu não perguntaria se a Capitu traiu ou não ele. Porque é melhor ter a dúvida, envolve mais no livro.

P: Porque esse foi o (trunfo) dele?

A2: Exatamente, porque foi o (trunfo).

Colégio Estadual *Sagrada Família*

Entrevista individual III

Obra: *Dom Casmurro*

P: Muito bem, você é Nassíria né? Nassíria você leu *Dom Casmurro* né? Eu queria que você falasse assim, também em linhas gerias, de acordo mais ou menos com o que você escreveu, em linhas gerais assim, quais foram as impressões que você teve ao ler essa estória de Machado.

A1: Eu achei um livro muito bom, só que a dúvida não é fácil.

P: Não é fácil? O que você não achou fácil assim?

A1: A dúvida, por causa não é todo mundo que gosta dele, não dá espaço para ela falar (+).

P: Então foi esse aspecto que marcou pra você, foi essa dúvida (tratato) pelo Bentinho pelo ponto de vista dele.

A1: Ele tenta se explicar colocando a culpa nela.

P: E assim, além desta questão da trama e da dúvida, que outras coisas que você viu em linhas gerais que lhe chamou atenção?

A1: (+) a religiosidade da mãe dele.

P: Do Bentinho né?

A1: É. O fato de começar meio como um livro romântico por causa do relacionamento que ele era apaixonado por ela desde jovem. Esse é um livro meio romântico / e só.

P: As impressões gerais foi isso que marcou você? Tá. E os personagens quais foram o que mais lhe chamou a atenção?

A1: A Capitu.

P: A Capitu. Você pode falar um pouco disso.

A1: Eu acho ela uma personagem muito legal (risos). Achei a mais legal no livro.

P: “Legal” em que aspecto?

A1: Ela parecia assim mais divertida que os outros.

P: Mais divertida, é:?

A1: É (risos).

P: Em que situações você achou ela divertida?

A1: O jeito como ela (+) ela sabia simular. Ela era / bem esperta.

P: Esperta (+). O que mais você gostou nela? Em ser divertida; esperta.

A1: De ela ser diferente das mulheres da época.

P: Diferente(+) “diferente” como assim?

A1: Ela não ficava submissa ao Bentinho.

P: Mais enquanto ela era jovem, mocinha. E qual dos personagens assim que você mais se afeiçãoou?

A1: A Capitu mesmo.

P: A Capitu. Porque motivo?

A1: Foi por esses motivos.

P: Por esse jeito dela? Tem alguma coisa assim (+) o caráter dela tem a haver com o seu?

A1: Acho que não

P: Não? É? Você se afeiçãoou a ela por outras razões? Assim (+) pelo comportamento dela.

P: É (+) e qual desses personagens assim você poderia dizer que seria o (+) ponto central desta trama, que sem ele não haveria essa estória. Seria o fio condutor da estória toda

A1: O Bentinho né

P: O Bentinho. Você poderia me explicar o por quê?

A1: Ele na estória faz parte do que é a vida dele. Então sem ele não teria estória.

P: Faz parte da vida dele, como você percebeu isso?

A1: Porque ele começa a falar sobre a família; a casa; o lugar; como ele vivia antes de contar estória, casamento, seu filho. Tudo o que aconteceu.

P: Você fala que ele começa a contar, quer dizer que ele conta a estória. Ele seria o fio condutor né, sem ele não aconteceria essa trama toda.

A1: É:

P: E assim (+) tem algum outro personagem que você acha assim que participa desta centralidade?

A1: Escobar.

P: O Escobar?

A1: É.

P: Por que você acha que o Escobar é uma figura importante?

A1: Porque ele ajuda o Bentinho a sair do seminário, e também ele é o suposto amante da Capitu.

P: Sim, quer dizer. Ele dá gás para essa trama se desenrolar e tomar curso. Seria essa a importância do Escobar. E outro que você também acha que é importante nesta trama.

A1: A própria Capitu.

P: A própria Capitu. Que sentido que você coloca na importância da Capitu nesta estória?

A1: Ela é (+) é um dos motivos da estória.

P: Sei (+) E o Bentinho fala dela o tempo todo, então esse também seria um dos motivos em ela ser uma dos protagonistas. E nos personagens assim de forma geral, como você viu eles resolvendo os seus problemas; as suas dificuldades; suas (portenhas) . Que problema lhe chamou a atenção e que você percebeu que eles resolveram bem ou que você admirou a forma que eles conduziram a solução do problema. Pode ser qualquer um desses personagens.

A1: O Escobar deu uma ótima ideia para o Bentinho sair do seminário.

P: Do seminário, você achou que isso foi uma ótima ideia?

A1: É (+)

P: E o fato de o Escobar ter dado uma boa ideia você admirou isso? Você quer falar um pouquinho?

A1: / não sou muito de falar (risos).

P: (risos) Tá. Uma outra situação- problema que se apresenta na estória; que as pessoas se envolveram pra resolver além do Escobar?(+) Inicialmente o problema era em qual o Bentinho ter que separar o relacionamento, mas de certa forma quase todo mundo se envolveu nesta estória. O Escobar foi o que deu uma boa ideia. Mais alguém assim que você percebeu que contribui para resolver este problema?

A1: A Capitu. O Bentinho pediu para o José Dias intervir.

P: Sei (+) E como você viu essa intervenção do José Dias?

A1: O José Dias não queria muito se colocar contra dona Glória, por causa ele não era obrigado.

P: Mas ele acabou se envolvendo e ajudando. Como você viu isso?

A1: Ah (+) foi uma coisa comum.

P: É (+) bem, eu acho que em relação aos personagens, você gostaria de dizer alguma coisa a mais? Algum personagem que lhe chamou atenção; o caráter; o jeito; uma qualidade?

A1: O José Dias; os seus superlativos.

P: “Os superlativos” foi isto que lhe chamou a atenção?

A1: Eu não consigo esquecer o último superlativo. (risos)

P: (risos) Qual foi o último?

A1: Lindíssimo. O Bentinho abriu a janela, e ele viu o céu azul e disse: Lindíssimo.

P: (risos). Bem, se quiser falar um pouco mais do José Dias. Mais assim: de uma virtude; de uma qualidade; de valores que você percebeu nos personagens.

A1: Eles eram pessoas boas para a época. Era uma época de preconceitos, mas eles eram pessoas boas.

P: A índole deles. (+) Quer comentar de algum em particular? Além do José Dias?

A1: / Não.

P: Bem, quais dos personagens parecem que o Machado de Assis usa como uma forma de fazer estória, eles são aspectos importantes. Mas mesmo assim tem a questão do espaço né, onde esta estória ocorreu. Tem algum espaço especial que você poderia dizer que contribuiu para construção dessa estória que foi significativa.

A1: A casa do Bentinho eu acho.

P: Porque você achou isso?

A1: Porque a estória se passa muito lá. Eles se casaram. (+) E a Capitu vai bastante lá. Eu acho que isso contribuiu.

P: Além de abrigar esses personagens; o Bentinho e a Capitu. O que esse espaço falou pra você assim que tem sentido para você?

A1: Era um espaço (+) era um lugar muito (+) (risos).

P: Era uma casa, o que você pode dizer de uma casa onde as pessoas (+) eles convivem.

A1: Era uma casa muito: luxuosa. A Capitu se misturava com ele assim. E nesta casa eles se conheceram.

P: Você falou que a Capitu se misturava, porque você achou que eles eram diferentes socialmente?

A1: Socialmente. Eram de classes sociais diferentes.

P: Como você percebeu isto?

A1: A casa da Capitu é bem diferente da deles. É bem simples.

P: Além de então ser diferente, mas ao mesmo tempo eles passaram muito tempo ali. O que pra você teria sido um significado; uma importância; ou você vê da importância da casa para o Bentinho.

A1: A casa pertence sentimentalmente para ele, por causa ele foi criado lá. Com a mãe dele, com o tio; e a prima.

P: Algum outro espaço que seria significativo em outro lugar?

A1: O quintal; onde ele viu que ele era apaixonado por ela.

P: Ah sim (+) O que esse quintal tem assim de significativo, não só o ponto de vista sensível; o espaço cognitivamente, mas mesmo a questão que você falou do sentimento. O que este espaço revela do ponto de vista afetivo?

A1: Ali ele vê que ela é apaixonada por ele, eu acho que é uma coisa meio que sentimental.

P: Este espaço teria este valor né, abriga também o sentimento dele. / Tá certo. O que você me diria do tempo, da época. Como você viu que aquela época era diferente para você? Você lembra que não tinha automóvel; tinha charrete; tinha cavalo; tinha porco; não tinha avião, etc. Naquela época não tinha celular; não tinha computador. Como você percebeu esta diferença de época?

A1: Ah uma diferença muito grande. Então deu pra perceber logo. E também trata um pouco sobre a escravidão.

P: O que você tem a dizer. O seu estranhamento. Hoje não tem escravidão, como é isso?

A1: É estranho isso né (risos)

P: Você acha que é estranho?

A1: É (+), mas pela época nem acho tanto assim. Se fosse hoje em dia seria um absurdo fazer um negocio desse.

P: sei. Mas na época?

A1: Na época era normal.

P: E como você percebeu que isso era tão “normal” assim?

A1: Por causa como chamavam os negros, e tinha alguns escravos de aluguel.

P: Você achou isso muito estranho?

A1: É. Se pensar hoje em dia é estranho.

P: O que você imagina daquilo ser tão normal; tão natural na época?

A1: As pessoas não viam muito como a gente vê hoje; as pessoas só pensavam em ter saúde.

P: Você que hoje nos somos mais humanos; mais educados?

A1: É (+) sim.

P: Você acha que os sentimentos mudaram o comportamento das pessoas em relação àquela época? Ou é porque existe uma lei devidamente?

A1: Eu acho que o comportamento das pessoas mudou.

P: Você lembra que época; que século era isso?

A1: Foi 1850 (+) eu acho.

P: Lá no século 19. Já faz bastante tempo. Que outra coisa que você viu de diferente nesta época?

A1: A forma de comunicação.

P: O que, por exemplo?

A1: Escrever com carta (risos) imagine.

P: Sei. As pessoas mal conhecem cartas hoje em dia. Só os mais velhos. Por que você ri dessa coisa de cartas?

A1: Só a minha avó escrevia cartas.

P: Ah é? Você achava engraçado isso?

A1: Não, mais só minha avó escrevia cartas, ela é bem velhinha. Hoje em dia é só e-mail. É bem difícil se comunicar com cartas.

P: Sei, a comunicação é muito diferente né. O que mais assim você notou além da comunicação, de ser diferente naquela época?

A1: Os estudos, por exemplo, ele foi estudar direito, ele não foi estudar outro tipo de coisa.

Tipo: publicidade.

P: Por que você acha que (+) ele só estudou Direito, não estudou outra coisa?

A1: Acho que não tinha muitos cursos, só tinha Direito, Medicina. Tradicionais.

P: Certo. É / Mais alguma coisa que lhe chamou a atenção naquela época?

A1: O modo de agir das pessoas.

P: Modo de agir. Como assim o modo de agir?

A1: As mulheres ficavam mais em casa; não saiam para trabalhar.

P: Sei. Me fala um pouco mais sobre o que você falou das mulheres.

A1: O fato de elas serem mais submissas aos maridos; ter que ter marido, se não fica solteirona.

P: Ah sim. Tem que ter um marido para ganhar dinheiro. Economicamente né (++). Certo, quer falar de algum personagem em especial?

A1: /

P: É (+) você achou que essa estória poderia acontecer realmente? Ou foi meio absurdo?

A1: Talvez pudesse acontecer.

P: Você acha que te convenceu a estória?

A1: Poderia ter acontecido.

P: Poderia ter acontecido. Essa trama, essa (+) suposta traição do Bentinho ter cometido um crime. Você acha que essas coisas poderia realmente ter ocorrido? Você acha isso um pouco diferente da nossa época? Essas coisas que com que eles se atormentavam naquela época poderia ser um drama nos dias de hoje?

A1: Poderia.

P: Você poderia comentar um pouco?

A1: A traição, por exemplo, hoje em dia, esta tudo assim. Hoje em dia é muito fácil você ver traição, nas novelas; filmes.

P: Ah sim. Isso me fale. Se você já viu alguma outra estória que você já leu; filme ou novela que você prestou atenção que tem a haver?

A1: Hum (+) tem vários filmes que falam sobre traição. E também tem atores que traem (risos). Como o Brad Pitt que traiu a mulher dele com a Angelina Jolie.

P: Certo. Os atores e não os personagens mesmo, na vida real.

A1: É os personagens, tem a novela das oito lá que pessoas casadas saindo com outras.

P: Certo, você acha que essa traição lá foi uma denuncia do autor, nos casamentos da época, ou só faz parte da estória? Que o ele colocou isso.

A1: Ah eu acho que só foi uma denuncia dos casamentos da época.

P: É você acha que foi uma forma do autor dizer: oh os casamentos não dão tão certos assim! (+) é eu queria que você falasse um pouquinho como você viu o narrador nesta estória.

A1: Pra mim ele era meio louco (risos)

P: Louco? (risos)

A1: É (+) ele tem uma imaginação muito fértil.

P: Sei, você pode falar um pouquinho desta “imaginação fértil”.

A1: Ele não queria ir para o seminário. Ele imaginou que o imperador foi falar com a mãe dele, então eu não confiaria muito na palavra dele.

P: Ah é, mas as pessoas pareciam que levava ele a serio.

A1: É: / pra mim ela não traiu ele não.

P: Você achou que a Capitu não traiu?

A1: Não.

P: Você poderia dizer assim, aonde você percebeu os fios da defesa do Bentinho, então?

A1: Ah ele disse que ela olhou pra ele, do jeito que ela olhou ele começou a desconfiar quando ela olhou para o Escobar, foi uma (facearia). Mas ela estava triste, era amigo do casal. Ela devia ficar contente::e (++) também ele pode ter dito que ela traiu por ter se sentido culpado por ela ter pegado na mão dele daquele jeito, não tem sentido aquilo. E ele tinha uma imaginação fértil e fazia as coisas de último dia.

P: Você achou que ele viajou?

A1: É.

P: E como você vê o narrador tratando o leitor. Que ideia que este narrador faz do leitor?

A1: ele faz ideia de pessoas que vão acreditar só na cabeça dele, que não vão pensar outra coisa.

P: Você acha que ele é convencido que o leitor acate os argumentos dele (+) e você acha então que o narrador subestima o leitor? Ou você acha que o leitor é fácil de dobrar; fácil de convencer?

A1: Nossa (+).

P: Do jeito que ele vai parece que cercando ou argumentando de que a Capitu seja realmente traidora. Você acha que o leitor se convence fácil com os argumentos dele?

A1: Eu acho que não, por que se não, não haveria dúvida.

P: Ah sim, a dúvida veio justamente porque se percebe força nos argumentos dele, como você falou ele não é muito certo da cabeça. Ele (+) viaja muito.

A1: (risos)

P: É, bem com relação ao autor, o que você pensa sobre o autor, você tem algum conhecimento?

A1: Não tenho muito conhecimento sobre ele, mas ele parece ser muito inteligente.

P: Você esta falando pela obra que você leu?

Sinal da escola /

P: Pela estória então como você viu o autor? Você achou que ele era inteligente pelo o quê?

A1: Da forma que ele escreveu; de deixar duvida; pelos personagens. Bem escritos.

P: São bem construídos os personagens. Quais, assim, que você achou melhor e gostou melhor?

A1: Ah eu achei todos.

P: Todos. Se você fosse fazer uma pergunta para o autor, para o próprio Machado de Assis, que pergunta ou que ele falasse alguma coisa para você. O que você gostaria de dizer?

A1: Se ela traiu ou não. (risos)

P: Certo que você acha que ele iria responder?

A1: Eu acho que não.

P: Certo, ele iria dizer que ela não traiu, porque você esta convencido que ela não traiu .

A1: Ela não traiu.

P: É tudo da cabeça do Bentinho essa estória? (+) Tá bem, mais alguma coisa, além disso, que você gostaria de dizer; falar? Alguma coisa que te incomoda. Essas perguntas assim aleatoriamente, mais se você quiser alguma coisa que chamou atenção, pode falar.

A1: Não sou muito de falar (risos).

P: (risos) gostou da obra?

A1: Gostei.

P: O que você gostou mais?

A1: A estória em si.

P: Você achou uma boa estória?

A1: Achei.

P: Você ficou decepcionado no final?

A1: Mais ou menos. Eu sou uma pessoa meio vingativa. Então gostei que ele tivesse ficado velho e sozinho.

P: Velho é?

A1: É, pelo fato da mulher, o filho ter morrido. Não gostei muito não.

P: Não gostou deste desfecho. Você daria outro final para esta estória?

A1: Daria, ela ter se casado de novo com outro.

P: Com outra pessoa. Essa seria sua forma de se vingar?

A1: É.

Colégio Estadual *Sagrada Família*

Entrevista individual IV

Obra: *Memórias Póstumas de Brás Cubas*

??

Colégio Estadual *Sagrada Família*

Entrevista individual V

Obra: *Memórias Póstumas de Brás Cubas*

P: Nassíria, você leu “Memórias Póstumas de Brás Cubas”, ne? Você pode me dizer que impressões você teve dessa estória; dessa obra?

A3: [sim]. Eu não achei muito legal não.

P: Não achou legal?

A3: É. (+) Os personagens não eram muito interessantes.

P: Sei.

A3: O Brás Cubas era meio metido.

P: É, achou ele metido? Quando ele era mais metido?

A3: [É] Quando eu lia X

P: Que momentos da vida você achou ele mais?

A3: Quando ele era criança, ele era uma peste (risos).

P: É?(+) E depois achava ele esnobe?

A3: Anham, ele não quis casar com a moça, porque ela era coxa.

P: / Certo. Além de metido era preconceituoso?

A3: Anham.

P: Tá, que outras coisas além do Brás Cubas que lhe chamou atenção nessa obra que você não curtiu tanto?

A3: As diferenças sociais.

P: [Diferenças sociais? É?]

A3: O fato de ele ter traído; de ele ser o amante da mulher do Lobo Neves.

P: [sim] O que você achou desta traição?

A3: Ele não deveria ter feito aquilo (risos).

P: Você achou que não estava certo?

A3: Não /

P: (+) E o que mais assim, além da traição, do jeito do Brás Cubas. Você disse que não curtiu muito, por que não?

A3: Ah, os personagens eram meio chatos.

P: Chatos? É? Tem alguém mais chato?

A3: Não.

P: Não? Meio geral?

A3: É:

P: Tá, mas seja como for. Bem (+), antes de ir para as personagens, eu queria saber se você leu ou já ouviu uma outra estória parecida com essa?

A3: hum, / só o fato da traição.

P: Esse é o mediante que aparece em outras estórias também, mas defunto, autor nunca viu?

A3: Não.

P: É:. Então seja como for. Quais dos personagens lhe chama a atenção?

A3: A Marcela, o Quincas Borba. Só esses que me chamou mais atenção.

P: [O Quincas Borba também]? Você pode falar mais um pouquinho da Marcela?

A3: Ela era uma moça muito bonita, que ficava tirando vantagem em tudo.

P: [Certo] Tirava vantagem por causa de sua beleza.

A3: Depois ela fica bem feia. E o Quincas Borba era (++).

P: Era como?

A3: Era (+).

P: Pode falar, fique a vontade. Qualquer palavra que quiser usar.

A3: Ele era meio estranho.

P: Meio estranho? O que você achava mais estranho nele?

A3: O jeito dele, ele só acreditava no Humanismo, ele ficava só falando disso a estória inteira.

P: Você achava isso muito inteligente; sábio ou louco?

A3: Meio louco (risos).

P: Louco? (risos) Por que essa filosofia dele, não te convenceu muito ou você não entendeu?

A3: Não me convenceu muito.

P: / Mesmo que você não tenha curtido muito, tem algum personagem que você mais gostou; mais se afeiçãoou?

A3: /

P: Não? Nem da Marcela?

A3: / Não.

P: E que valores você viu nessas personagens, são má X é uma ficção mesmo; representam valores para as pessoas na sociedade. Valores; virtudes; qualidades. Você viu algum valor, jeito, alguma qualidade que lhe chamou a atenção? Você admirou?

A3: Tinha alguns personagens que eram bonzinhos.

P: Por exemplo?

A3: A moça que ia se casar.

P: A Eugenia? O que você via nela?

A3: [É:] Ela era uma pessoa boazinha. Uma pessoa legal.

P: Sei. Você seria amiga dela? Ela era legal em que sentido? Como você via esse jeito legal dela?

A3: Ela não parecia ser esnobe, ou se achar assim.

P: Uma pessoa humilde?

A3: É:

P: O que mais dela?

A3: Ah, eu acho que só.

P: Só isso.

A3: Ela era tímida.

P: Tinha alguma coisa a ver com você? Assim o jeito; o caráter dela?

A3: Eu sou meio tímido (risos).

P: É: , então vocês poderiam conversar (risos). Algum outro que você admirou o jeito, qualidade? Nem do Brás não sobra nada?

A3: Ele parecia ser inteligente.

P: Em que situação você percebeu a inteligência dele?

A3: O jeito que ele falava.

P: Em que circunstâncias? Quando ele era deputado? (+) E as coisas que ele defendia lá na assembleia, você achava que eram importante:s?

A3:(+) Não lembro muito.

P: E no relacionamento entre os personagens, o que você achou assim interessante? Como eles conviviam naquela época, essas personagens principalmente; essas pessoas. Como eles se relacionavam; como eles resolviam suas dificuldades; como eles se entendiam? Pode até fazer uma comparação com o hoje.

A3: Eu acho interessante que o marido da moça não se separou dela, por causa da traição dela (+).

P: As mulheres? Anham. Ao que você atribui isso de ele ficar na dele?

A3: Talvez ele não gostasse dela, talvez fosse só imagem.

P: Você achou que ele sabia então?

A3: Achei que ele sabia.

P: Ele fazia vistas grossas? Ele gostava muito dela, então “Ah deixa quieto”. Mas ele nunca conversou e nem brigou com o(+) Brás?

A3: Ele ficou afastado do Brás durante uma parte do livro, então eu acho que ele sabia.

P: Certo. Esse distanciamento porque eles eram amigos, né. Esse distanciamento prova que ele sabia. (+) Alguma situação (+) dificuldade que eles resolveram; como você viu eles resolvendo?

A3: /

P: Tem alguma situação que você lembra? Por exemplo, essa mesma do relacionamento escondido da Virginia e o Brás. Eles tendo que arrumar uma casa para ficar escondido para se amarem lá. Como você viu esse jeito deles de arranjarem as coisas?

A3: Ah (+) não tenho opinião formada sobre isso.

P: É: Você condena isso ou você acha que foi inteligente do jeito que eles resolveram?

A3: Ah, foi inteligente em certo ponto.

P: Sim, inteligente por quê?

A3: Porque se ela fosse na casa dele seria um escândalo.

P: Certo. Já que não tinha muito jeito eles tinham que arrumar maneiras de conviver que não chamasse atenção e que não ofendesse pelo menos o Lobo Neves. Alguma outra situação que você admirou como resolveram a dificuldade?

A3: O pai dele para afastar ele da Marcela, colocou ele no navio.

P: Certo. O que você achou disso?

A3: Eu achei inteligente até, colocar ele de surpresa no navio. Senão ele conseguia levar ela.

P: [É] E mesmo sendo a força? Você acha que as vezes os pais tem que usar um rigor maior?

A3: (+) É.

P: Nem que seja a força / (risos). O que você achava dessa relação pai e filho?

A3: Eu acho que ele era bem próximo do pai. O pai fazia todos os caprichos dele.

P: Sim, o pai na verdade se orgulhava dele, NE. Você acha que ele se aproveitava da situação?

A3: Sim (+).

P: E a briga pela herança. Como você viu isso?

A3: Ele era meio chato, ele não queria deixar muita coisa pra família não.

P: Você achava que ele era egoísta?

A3: É.

P: E a irmã, a Sabina? O que você achou dela, do jeito que ela tentou resolver o problema as herança?

A3: Ela tentou apaziguar as coisas, mas não deu muito certo.

P: Você achava que a Sabina gostava mesmo do irmão?

A3: Gostava.

P: Tem alguma situação que você lembra que prova isso?

A3: Mesmo ele ficando com muitas coisas da família, ela voltou a falar com ele depois de um tempo.

P: Sim, você acha que ela se preocupava com ele?

A3: Sim.

P: Se preocupava especialmente com o que?

A3: Ah, com ele.

P: Porque ele vivia sozinho, não era casado?

A3: É (risos)

P: Você achava que ela tinha medo que ela tivesse que cuidar dele ou achava que ele tinha mesmo que construir família?

A3: Ela devia achar que ele devia mesmo construir família.

P: Certo. Bem, desses personagens qual você acha que é o fio condutor (+) é o que leva a estória?

A3: O Brás.

P: O próprio Brás, anham. Você pode falar um pouquinho de como isso acontece.

A3: A estória é sobre a vida dele, então ele é o único personagem que fica e (destaca) o livro inteiro.

P: E como você vê esses destaques? Em que aspectos?

A3: Ele só mostra quando (+) os outros personagens não estão perto dele, ele só fala o que esta acontecendo com ele, não com outras pessoas.

P: como se o foco da câmera estivesse quase que pontado só pra ele. / E essa forma de abordar a estória, você achou que ela fica monótona?

A3: Um pouco.

P: Por isso você achou meio chato?

A3: É.

P: Não tem muita ação?

A3: Não.

P: Você acha que esse tipo de estória não agrada muita gente?

A3: Não deve agradar muitas pessoas.

P: Mas o seu descontentamento é pela forma de como é abordada esta estória ou por outros motivos?

A3: Ah, os personagens em algumas partes são muito monótona.

P: Ah é? Não chamou muito atenção? Mas mesmo assim você foi ate o fim?

A3: Fui.

P: Por quê? O que te levou ate o fim?

A3: Queria saber do final.

P: Depois você me fala o que você achou do final. (+) E algum lugar significativo, algum espaço. Algum lugar, na sua opinião, que você achou que ajuda o desenrolar da estória; é significativo para a estória?

A3: A casa onde ele morava; a casa onde ele se encontrava com a Virginia; a casa do Lobo Neves.

P: [Certo, casa do Lobo Neves também?] A casa onde ele morava trouxe que sentido para a estória?

A3: Era onde ele vivia e fazia muitas coisas lá.

P: Era o ambiente dele, era significativo para ele. Por que você acha?

A3: Por causa ele morava lá.

P: E pra você teve algum sentido, lhe chamou a atenção ou é apenas um espaço?

A3: Ah, é apenas um espaço.

P: E você falou que é a casa que eles (+) alugaram para ficarem juntos intimamente. Que sentido teve isso para você?

A3: Ah, é a casa onde eles ficavam juntos e começaram (++)

P: Sim, e você poderia falar um pouco desse espaço. Para você isso pareceu um espaço privilegiado; um espaço íntimo. Como você pode caracterizar isso?

A3: É um espaço íntimo para ele, já que não tinha o amor da vida dele.

P: Certo. Como você encara um lugar desses?

A3: Eu acho que é um lugar bem sentimental pra ele.

P: Você concorda com esse tipo de solução; um casal de amantes?

A3: É né (risos).

P: É uma saída?

A3: É uma saída.

P: E a casa do Lobo Neves?

A3: A casa dele, é onde ele ficava indo entre o marido e a amante (risos).

P: Entre as amizades e os namoros furtivos. Mas que sentido além dessa convivência deles tinha a casa do Lobo Neves, como você via essa casa ate fisicamente?

A3: Eu via essa casa como um lugar onde ele encontrava as pessoas da sociedade.

P: Ah sim, era também um lugar de eventos sociais, um ponto para as pessoas da sociedade. Como era essa casa para você, como você lembra dela? Uma casa grande; bonita?

A3: Uma casa grande.

P: Você percebeu muitos detalhes na descrição dela ou o autor não fala muito?

A3: Não percebi muito detalhes.

P: Meio apagado? O que aparece mais nessa casa?

A3: As pessoas, a sala.

P: [As pessoas, anham] As pessoas e a sala é aonde é o convívio maior, NE. Bem, você já me falou da outra estória sobre um tema, embora o tema seja mais ou menos o mesmo. O que lhe chamou atenção nesses personagens, nesses assuntos naquela época?

A3: (+) A traição dele e a solução para não ficar muita a amostra.

P: Você acha isso diferente com hoje?

A3: Acho (+). Não, não é tão diferente assim.

P: Não é muito. Acha que soluções dessas não aconteceriam hoje?

A3: Ah, eu acho que aconteceria.

P: Alguma coisa que você achou curiosa daquela época pra cá?

A3: O fato que o escravo dele esta batendo no escravo.

P: O que você achou disso?

A3: Achei irônico.

P: Irônico?

A3: É.

P: Como assim?

A3: Os escravos tinha apanhado e esta batendo nele.

P: E você acha com qual motivo ele fez isso?

A3: Raiva, por ele ter sido tratado assim ele trata o outro também

P: Ah, vingança também?

A3: É

P: Além dessa atitude individual da raiva; vingança. Como você viu esse episódio, ex-escravo de repente tem a aprovação de comprar um outro, em vista do problema da escravidão na época?

A3: Eu achei estranho.

P: Achou estranho?

A3: É.

P: Não achou que esse sujeito queria provar para sociedade alguma coisa?

A3: Ah, ele devia querer.

P: Você tem alguma ideia?

A3: Ele queria provar que ele também podia ter um escravo.

P: Ah sim que ele poderia comprar, mas no ponto de vista da imagem dele diante as pessoas?

A3: A imagem dele acho que não modificaria muito.

P: Mas ele seria patrão, isso não seria importante para ele mostrar para as pessoas?

A3: Isso devia ser muito importante para ele.

P: Já que ele comprou o escravo, né. Gastou dinheiro para fazer isso (risos). Que temas você viu nessa estória. Assim discutidos atrás dessa estória; que assuntos?

A3: O preconceito; as diferenças sociais. É isso.

P: Preconceito em que situação especialmente?

A3: Quando ele não quis casar com a moça coxa só porque ela era coxa

P: Qual é o sentido? X

A3: Os escravos. O preconceito com os escravos que ele colocava uma rédea nos escravos.

P: [Ah sim] quando ele era moleque?

A3: É:

P: E esses dois temas ficaram mais presentes para você, não lembra de mais um? E agora o narrador, como você viu esse narrador?

A3: (+) (risos) Ele falou sobre a vida dele. Então ele fala sobre ele.

P: E como ele viu o leitor, como você achava que ele encarava o leitor? Com as coisas que ele abordava, com as coisas que ele falava?

A3: Ele abordava o leitor como alguém que queria saber da vida dele, sobre os pensamentos.

P: Você achava que ele acreditava que ele ia atingir esse leitor?

A3: Eu acho que sim.

P: Tem inúmeras situações e muitas delas são de reflexões filosóficas. O Quincas Borba ele próprio de depara diante de uma borboleta; uma formiga, né. Como você vê ele tratando de coisas tão insignificantes, para o leitor?

A3: (+) Ele trata de uma maneira filosófica.

P: Você acha que aquilo por ser uma coisa tão insignificante tem um sentido? Você viu um sentido nisso? / E essa estória você achou verossímil, que poderia acontecer?

A3: Não (risos) defunto não fala.

P: Ah, isso é uma coisa maluca? (+) Isso é uma ficção, né. Mas mesmo assim ele usou isso como uma estratégia para contar uma estória diferente. E como você viu esse jeito de ele contar essa estória? O fato de ele contar como um defunto.

A3: Bem interessante.

P: Interessante? Como assim você achou interessante?

A3: Porque é diferente contar uma estória como morto.

P: E contar a estória como morta muda alguma coisa do que contar como vivo?

A3: Acho que sim. Mostra desde momento que ele morreu, começa no momento que ele morreu; do velório. Depois vai procedendo. Vai procedendo ate uma parte ai depois ele começa a contar do inicio.

P: Então você que é pela visão geral, tudo tem um começo e um fim?

A3: Sim.

P: Ele teve essa possibilidade de contar a estória já que estava morto, ele poderia contar sua estória completamente. Mas ele se favorecendo estando morto para contar uma estória da sua vida do jeito que ele contou assim tão livro aberto, tão cartas na mesa?

A3: Acho que sim. Porque se estivesse contando a verdade não teria mais consequências.

P: Você pode falar um pouco mais disso?

A3: Ele não teria sofrido as consequências se estivesse vivo

P: E essas consequências seria o que exatamente?

A3: As pessoas não pensarem nele do jeito que pensavam, agiria com ele de forma diferente.

P: Você acha então que desta forma teve mais liberdade na forma de falar?

A3: É.

P: Isso favorece no sentido de poder ser o mais sincero possível, mais transparente? (+) Ele também não teria medo do julgamento das pessoas.

A3: Sim

P: E nesse livro você viu alguma dificuldade para ler quanto à linguagem, quanto às palavras ou quanto às expressões até referências que ele faz?

A3: Não tive muita dificuldade não.

P: Teve alguma situação que você não entendeu que ele estava falando e você precisou retornar?

A3: Não.

P: E mesmo a filosofia do Quincas Borba, foi fácil pra você também?

A3: É: mais ou menos.

P: Isso ficou pesado? (+) No início, aquela estória doida dele; aquela cavalgada e ele encontra com a aquela (Medusa), que é a representação da natureza. O que você achou disso?

A3: [Não]. Achei que era a forma de ele ver a natureza, e as coisas.

P: Você concorda com ele?

A3: Não muito.

P: Ele achava que a natureza tinha que ser boa, e a natureza dava risada dele. A natureza é a natureza.

A3: É

P: O que é natural, as pessoas tem que passar e pronto. O que você achou dessa abordagem dele, você concorda?

A3: É: as pessoas tem que passar pelo o que é natural. A natureza é a natureza.

P: Você acha q somos vítimas da natureza depois de tudo?

A3: Não, a natureza não é nenhuma vilã, mas também não é uma santa.

P: Não é assim tão perverso como ele pintou. (+) O que você achou do jeito de os personagens falar; de manifestar diferente de hoje?

A3: AH, é um pouco diferente do jeito que eles falam.

P: O que você percebeu de mais diferente?

A3: O próprio jeito; a linguagem. É diferente.

P: Diferente como assim?

A3: O jeito, as palavras.

P: [As palavras]. Mais difíceis?

A3: Um pouco.

P: E o estilo do autor como você viu

A3: Ah ele (+) não sei dizer.

P: O fato de ele mudar, assim pra começar ele começa com um personagem que volta do outro mundo, né. E depois ele faz capítulos curtos, e faz um monte de reticências. O que você achou desse jeito de ele abordar a estória?

A3: Achei um jeito bem diferente

P: Você achou que ele tentou ajudar o leitor em fazer capítulos mais curtos, por exemplo?

A3: Sim.

P: Ajudava por quê? Por que é cansativo ler capítulos grandes?

A3: É mais cansativo.

P: O que você achou dessas reticências que ele colocava às vezes um capítulo só de reticências?

A3: Porque ele não queria falar sobre o assunto.

P: E o que esperava o leitor.

A3: O leitor passasse para outro assunto.

P: Passasse para outro ou o leitor talvez pensasse em um capítulo polido.

A3: Passar mesmo para outro.

P: Passar para frente

A3: É

P: Você não viu nenhum propósito assim mais (+) não sei talvez mais que ele tivesse mesmo uma ideia com isso?

A3: Talvez fazer o leitor pensar.

P: Pensar. Certo. Bem, e o final. Como você viu esse final

A3: O final é bem interessante assim.

P: Achou interessante. O que você achou interessante sobre o final?

A3: Ele reencontrar o antigo amor, a frase do fim.

P: A frase do fim, você lembra dela?

A3: Mais ou menos.

P: Quer falar um pouquinho?

A3: É interessante essa frase, não é um lugar muito bom, mas /

P: Essa frase tem que sentido no final da estória pra você?

A3: Que ele não queria colocar um filho em um lugar ruim. Um lugar que não fosse ótimo, muito bom pra se viver.

P: Ah sim, você acha que ele não queria mesmo ficar com essa miséria desumana que ele fala.

A3: É.

P: Bem, e diante dessa obra o que você pode dizer do autor, do Machado de Assis?

A3: Ele era muito inteligente, só isso (risos).

P: Você admirou ele como um (entediante)? Você acha que ele faz jus ao fato de ele ser o maior escritor brasileiro?

A3: Acho que sim.

P: Uma opinião particular sua; assim sobre ele como um artista; escritor?

A3: Ah, ele era um ótimo escritor.

P: O que especialmente você viu nele por ser um ótimo escritor?

A3: O livro que ele escreveu. O livro falava de coisas que as pessoas não queriam olhar; o que as pessoas não falavam na época.

P: Você acha que estava na frente do seu tempo?

A3: Acho que sim.

P: Você que ele falava de coisas que as pessoas não se dão conta (+) ou não expressam e ele acabou escrevendo?

A3: As pessoas não expressam, ai ele começou a escrever.

P: As pessoas podem até sentir, mas ele acabou colocando em palavras aquilo que as pessoas sentem?

A3: É.

Colégio Estadual *Sagrada Família*

Entrevista coletiva

Obra: *Dom Casmurro*

P: Fiquem bem a vontade para falar espontaneamente sobre essa estória. O que achou da estória, o que achou do livro, da obra?

A1: Chato e legal.

P: Chato e legal por quê?

A1: Chato porque as indagações que o autor joga no ar e legal porque é uma estória bem interessante.

P: O que você achou interessante?

A1: Tipo a estória sobre o rapaz lá que queria seguir o sonho da mãe.

P: Você achou interessante a estória do Bentinho que foi prometido para o seminário, mas ele saiu para ficar com a Capitu. Eu queria saber o que esse “interessante”?

A1: Eu curti porque eu senti um pouco da estória.

A2: Eu achei a estória, um contexto muito, eu esqueci a palavra. A linguagem é muito complicada, só que você lendo pelo contexto, tendo uma noção do que você esta lendo você consegue interagir mesmo não sabendo o significado de certas palavras. Nesse aspecto eu achei o livro um pouco complicado. Só que na parte do contexto geral, eu achei um pouco realista. E que Bentinho tratou com bastante seriedade os problemas que ele teve. Então eu acho que ele achou soluções palpáveis para os problemas que ele teve. Acho que foi isso.

P: As impressões são coisas que vocês viram na estória, que podem chocado, o que vocês dizem? / Quem mais quer falar? Vocês podem ser bem honestos, se não gostaram, podem dizer. / Qualquer opinião é válida pra mim.

A3: O livro começa romântico e depois termina realista.

P: Ah você viu essa diferença? Você pode explicar melhor isso?

A3: Começa romântico, amor dos jovens. E depois fica realista na parte que ela traiu ele.

P: Você pode dimensionar aonde esta o Romantismo e depois passa a ser Realista?

A3: O Romantismo esta no começo a esta a parte que eles se casam e ficam infelizes. E o Realismo esta na parte quando ele começa a achar que ela traiu ele.

P: Certo, dai pra frente à estória é bem realista?

A3: É.

A4: As descrições que houve tanto pela internet, debate no “*face*” e a conversa que houve na sala. Eu achei naquele quesito que o cara ficou em dúvida pela traição, isso é uma coisa que me irritou pra caramba. Isso e uma coisa que eu queria saber.

P: Fale um pouquinho da sua irritação.

A4: É um negocio que ficou mal explicado, porque sempre tem um negocio assim no final tal coisa aconteceu e lá não tem isso, entendeu? Não foi explicado “ele realmente foi traído”.

P: E como foi conduzida a estória que te deixou irritado? Foi o suspense

A4: Foi esse negocio de ir levando o livro sem a gente saber, entendeu?

P: Você foi conduzido como se fosse ao escuro?

A4: É, eu estava achando que ia saber, e não fiquei sabendo. Ficou no vácuo.

P: Quanto aos personagens, eu queria saber qual deles chamou a atenção de vocês?

A5: Capitu.

P: Fale da Capitu

A5: Eu achava ela mais legal.

P: Legal em que sentido?

A5: Ela era uma personagem diferente para época, ela não vivia submissa ao Bentinho.

P: Você a achou não tanto submissa?

A5: Não tanto igual às outras na época.

P: Como você explica isso fazia parte do gênio dela?

A5: Eu acho que sim

P: Como você vê a Capitu como ser humano?

A5: Acho que ela devia ser bem esperta e uma pessoa que gostava de aprender.

P: você a viu como uma mulher diferente? Você viu mais algum valor além de ser esperta?

A5: Pelo livro ela devia ser muito bonita.

P: Esperta, bonita. O que mais?

A5: Ela era dissimulada.

P: Quem mais gostaria de falar de um personagem que lhe chamou atenção? / Um personagem que foi legal ou que vocês odiaram?

A1: O personagem que eu gostei, foi o que eu mais odiei também: Bentinho.

P: Você gostou dele por quê?

A1: Tipo, pela cabeça dele. Pelo modo de pensar, mas eu também o odeie pelo modo de pensar.

A2: Não entendi nada.

A1: No começo do livro, sei lá, um pensamento vamos supor.

A2: Sonhador?

A1: É ele perde muito da essência no começo do livro.

A2: Claro, ele aprendeu a viver né.

A1: Ele ficou mais burro.

A2: Não, ele ficou mais esperto.

A1: Ele ficou mais burro. Ele pegou as burrices só.

P: Houve uma transformação aí.

A1: Tipo eu acho que ocorreu o amadurecimento, tipo que ocorre sempre com qualquer pessoa. Só que eu acho que ele acabou, sei lá.

A2: Mas não é porque ele amadureceu que ele vai passar de uma pessoa doce para amargo.

A3: Ele ficou amargo, é isso que aconteceu.

A2: Eu acho que ele deixou os assuntos tomar coisa da cabeça dele. Ai já era.

P: Ele se importa de uma maneira que houve essa transformação no Bentinho. Como você viu o estado de espírito dele no final?

A2: Ele deixou tudo isso tomar conta dele. X

P: Você acha que ele ficou mais maduro?

A2: Pode dizer isso, não sei.

P: Houve essa transformação, você acha que ele ficou mais chato? Como? Alguém mais embarca nessa ideia? Você concorda com essa transformação? Você também concorda que Bentinho era uma coisa e depois ele mudou?

A6: Acho que ele ficou totalmente paranoico né. Ele ficou perturbado com a ideia de talvez ter sido traído. Ai ele não queria mais saber do filho. Então a ideia era essa, a loucura.

P: Interessante, quem mais quer falar disso?

A3: Pra mim ele era paranoico desde que era jovem.

P: Você pode dizer como isso se manifestava?

A3: Tem uma parte do livro que ele pensava que a Capitu traiu ele só porque ela olhou para um rapaz, já passou por ali, então ele era meio paranoico.

P: Você acha que lá no início já apontava essa coisa dos ciúmes? Quem mais quer falar sobre isso?

A7: Tipo no começo da estória, ele via tudo o que tinha de bom nela e no momento do velório o ciúmes tomou conta dele, no velório do Escobar. Ele não percebeu que existiam dois tipos de amor, tipo eu posso amar um amigo meu, mas eu não posso fazer certas coisas com ele. Tipo tem esse tipo de amor. Ele não entendeu, ele era possessivo. Ele queria a Capitu para ele, só que ele queria que o amor dela fosse só concentrado nele, ele não conseguia ver isso. Dai os ciúmes foi tomando conta da cabeça dele. Como, por exemplo, hoje existem homens que quando veem coisas aonde não têm, os ciúmes os fazem fazer besteira.

A2: A mulher também.

P: [No velório do Escobar]? No final ele quase levou o filho. O que mais?

A8: Mas no mesmo momento (que a Capitu traiu), a maioria que vê que a mulher traiu rejeita o filho. O amor esquece, o Bentinho rejeitou o filho né.

P: É um pouco comum no homem.

A8: Pode ter traído ou não, mas rejeitar o filho?

P: Como você viu esse comportamento, essa atitude?

A8: Sei lá, o filho foi conversar e tentar conciliar com o pai né, mas mesmo assim o Bentinho não quis.

P: Você não gostou da atitude do Bentinho assim?

A8: Não, é como a maioria de hoje se você for ver as estórias, a maioria tem filhos, ou a mulher tem filho é casado com o outro e o outro não gosto do filho.

P: É um pouco natural? Está bem, eu queria saber quais dos personagens mais se afeiçoaram mais afetivo. Ate agora vocês falaram das características, eu queria saber de quem vocês gostaram, poderiam ser meu amigo, minha amiga.

A1: Eu sou amigo dela, então posso ser amigo da Capitu.

A3: Escobar.

P: Você gostou da Capitu?

A1: É mais ou menos, tipo no livro, na verdade eu achei legal um pouco de cada personagem. A Dona Bete, a Dona Bete não. Dona Glória. Eu não gostei da ação dela no começo do livro.

P: Mas o que você gostou?

A2: Eu gostei do Bentinho, no contexto de que ele tinha sonhos e foi em busca dos sonhos dele. Ele realizou todos os objetivos que ele impôs na vida dele. Então eu acho que gostei dele nesse sentido.

P: Você tem uma afetividade nesse personagem por essa razão? Por que você diz isso?

A2: Identifiquei comigo, acho que na vida a agente tem que traçar objetivo e ir a busca dele, eu acho que ele estava certo nesse aspecto de não deixar tudo o que estava ao redor atrapalhar o que ele queria.

P: E você gostou de quem?

A3: A Capitu, ela parecia ser uma personagem divertida no livro.

P: Você acha que seria fácil de se entender com ela?

A3: Não sei.

P: De quem vocês gostaram? Essa é fácil. Fala A9 (Talita)

A9: Eu não gostei de ninguém porque eu não li o livro.

P: (Gustavo) O que você achou? Você não gostou de nenhum? Por que os personagens eram muito diferentes? Eles eram jovens né, como vocês. Eles eram muito diferentes dos jovens de hoje?

A10: Eu acho que sim, ate a época não é igual de hoje.

P: Faz mais de cento e cinquenta anos e isso fez com que você não se afinasse com nenhum e nem tivesse vontade de conhecer?

A10: Não.

P: Agora eu queria saber qualidades ou defeitos também que vocês viram nos personagens que vocês admiram ou que vocês abominaram. De quem vocês não gostaram?

A7: Bentinho tem as coisas idealizadas, uma parte ele conseguiu, mas na outra ele ja , é tipo isso deixou por ele, entende. X

P: Você acha que ele é egocêntrico? Transmitia outra visão?

A7: É.

P: Que valores você viu nesses personagens que era também eram jovens iguais vocês, ou alguma qualidade ou não qualidade?

A2: Eu acho que a Capitu e Bentinho quando se juntam, tinham um objetivo e foram atrás disso. Mas tem outra parte no final do livro (que ela ensina Bentinho). Ele era muito

individualista, tudo era ele o certo. E ciumento ai juntou essas duas coisas deu o que no que deu.

A11: Esse cara parece comigo, eu sou bastante ciumento. Eu só não tenho um amigo Escobar, graças a Deus.

P: Você se identifica com Bentinho? Você pode fazer um resumo disso, em que sentido Bentinho é assim.

A11: é bem isso o que eles falaram, tem em mim.

A12: Eu sou muito ciumenta.

P: É interessante essa identificação, você pode falar como isso acontece? Por que a questão dos ciúmes é que conduziu o personagem e a estória. Parece que isso é o oxigênio, o combustível que moveu a estória, você pode falar um pouquinho como isso acontece na sua vida.

A12: Pior coisa é os ciúmes numa relação né, um pouco faz bem, mas outra parte já atrapalha tudo, entende. Então já entra confiança. Eu não gostei da parte do Bentinho rejeitar o filho, tipo eu não gostaria que meu namorado tivesse filho. Tipo igual à estória dele, “a foi com um amigo aí”. Mas eu iria gostar do mesmo jeito. Se eu fosse Bentinho eu não gostaria de ver que meu filho é do outro amigo dele. X Vejo por mim mesmo, do jeito que sou qualquer coisa já estouro.

P: Então você da razões para Bentinho, que esse sentimento pode levar ao exagero? Vocês leram o livro? Vocês podem acompanhar, dizer se concorda ou não com essas ideias. Algum personagem que lhe chamou atenção? Do jeito dele? Bem, eu queria saber entre eles todos, entre todo esse elenco, como vocês viram eles resolvendo suas dificuldades, seus conflitos? Pode citar momentos ou situações que vocês admiraram. Um dos grandes problemas iniciais?

A13: [Não].

A1: Tipo, aquela confusão de ele ir ou não ir. A mãe dele que queria que ele fosse, o pai dele não queria. Ai ele foi lá, teve uma conversa com José Dias, pedindo pra ele falasse com a mãe dele pra não ir para o seminário. Até então foi bem na base da conversa.

A2: Bastante na seriedade, eu diria que eles resolviam os problemas deles.

A1: Até no final, quando tem discussão a mãe tentando defender o filho.

A2: Deu acho que eles foram bastante concisos, conscientes nas escolhas deles, eu acho que trabalha bastante seriedade, a maioria. Mas a questão da traição, como ele não tinha certeza, eu acho que faria a mesma coisa que ele. Mas como ele não tinha certeza ele não podia tomar uma decisão solta, entendeu? Eu acho que primeiro ele tinha que ter certeza, mas como ele ficou na dúvida, ele fez o que era melhor pra ele, que era ficar sozinho. Eu acho que faria a mesma coisa que ele se estivesse no lugar dele. Eu não conseguiria conviver com a dúvida de que se o Ezequiel era meu filho mesmo, eu acho preferiria ficar sozinha a conviver com a dúvida. Mas também não iria deixar a Capitu desampara igual ele deixou, eu daria um amparo pra ela por ter amado ela. Só que por não saber se ela traiu ou não, eu me separaria dela.

P: Muito bom, quem mais quer falar de como eles resolviam sua pendências?

A2: Fala sobre sua teoria.

A1: Então é como se fosse uma brincadeira.

A2: Não é uma brincadeira, é uma discussão. A gente chegou à conclusão de que Bentinho era gay e era apaixonado por Escobar, mas como na época era meio difícil ele esconder esse amor.

A1: Então como ele casou com Capitu e viveu feliz, ai Escobar acabou se apaixonou por Capitu X, ai ele ficou chateado e se separou de Capitu.

A3: E a mulher do Escobar?

A2: Mas ele não era gay.

A3: Mas ele não ia se casar com a Sancha?

A2: Mas quem ia ficar com Capitu?

A1: Mas o legal além do Bentinho ser gay, ele era corno. Mas ele não podia fazer nada.

A2: Ele era gay postiço.

P: Você pode explicar como você viu, ou como se manifesta essa homossexualidade do Bentinho?

A1: Ele foi para o seminário lá com o Escobar, ai como ele não tinha com quem conversa. Ai o Bentinho...

A2: [Ele amava Capitu, mas era mais por amizade. Ele não queria fazer coisinhas com ela]. Ai ele se apaixonou por Escobar no seminário. Ele casou e Escobar casou também, mas eles eram unidos, por isso ele alimentava essa paixão. É só uma tese.

P: a estória tomou esse curso de acordo com a tese de vocês?

A2: Pela confusão que Bentinho tinha na cabeça dele, ele não sabia decernir o amor de uma amizade de um amor que faz coisinhas.

P: Esta bem, agora eu queria saber qual personagem que seria o fio condutor dessa estória, o personagem que sem ele não aconteceria isso?

A2: Bentinho.

P: Por que você acha que Bentinho?

A13: A promessa foi para ele cumprir, ele que foi para o seminário, ele quem casou. Depois ele ficou cheio de ciúmes.

P: como você percebe que foi ele o fio condutor?

A13: Por que a estória acontece com ele.

A1: Capitu, se não fosse Capitu ele ia para o seminário e esse amor iria ficar pra (toja). Ai ele obedecia a vontade da mãe dele ia virar Padre.

A2: Ai ia virar Padre e acabou.

A1: Ou ele ia se apaixonar por outra garota e teria outro rumo, não teria o mesmo final. Não iríamos saber se ele era corno mesmo.

A2: Eu também acho que a Capitu, se ela não existisse não haveria tudo esse conflito, entre a mãe dele e a promessa, o seminário. Entre tudo. Não existiria tanta dificuldade em cumprir as coisas que a mãe dele impôs para ele.

P: O que mais?

A3: O Bentinho, se ele não existisse não teria a estória da vida dele.

P: Como é a estória da vida dele?

A3: Ele conta a estória da vida dele. Então se ele não existisse não haveria essa estória.

A1: Na verdade se a mãe dele não existisse, ele não iria existir.

P: Eu queria saber um pouco dos lugares desta estória, algum lugar do convívio desses personagens que foi significativo, que ajudou a contar a estória?

A2: O seminário.

P: Em que sentido você achou?

A2: Ele conheceu o Escobar lá, acho que se ele não tivesse conhecido o Escobar, a estória tomaria outro rumo. Então acho que o seminário foi um ponto importante

P: Além de o seminário ser um ponto de encontro, o que mais o seminário como um espaço traz um sentido ai para a estória?

A2: Eu acho que traz a religiosidade da mãe dele também, se a mãe dele não fosse tão religiosa não teria cumprido a promessa. Exemplo, hoje em dia é fácil fazer uma promessa e não cumprir, antigamente as pessoas tinham mais palavras, elas falavam e cumpriam. Hoje em dia não tem mais isso, então a questão da promessa da mãe dele, o seminário foi bastante contundente a isso. Ela prometeu e cumpriu, querendo ou não ela cumpriu.

P: Alguém mais concorda que é o seminário?

A1: O seminário foi o lugar que fez ele refletir um pouco sobre a vida dele, se ele queria aquele caminho que a mãe dele impôs na vida dele ou se ele queria ir atrás do sonho dele.

P: Foi um espaço que fez ele amadurecer. Que outro lugar que é interessante ou significativo também afetivamente?

A2: A casa da mãe dele.

P: A casa dos primeiros anos?

A2: Sim, se ele não fosse visitar a Capitu, ele não teria conhecido ela, eles não teriam se apaixonado. Então a casa foi importante no aspecto de ele conhecer a Capitu e se apaixonar por ela.

A3: O quintal da casa, porque foi ali que ele descobre que ele é apaixonado por ela, talvez se ele não descobrisse e ela não falasse.

P: Esse quintal esse remete algumas vivencias vocês podem falar?

A3: Acho que é um lugar sentimental para eles.

P: Sentimental? Você pode dizer como é esse sentimento? Bom, gostoso ou exagerado?

A3: Eu acho que é sentimento bom, porque fala o inicio da vida deles.

P: Sim, que outro lugar poderia ser significativo pra ele? Parece que a estória se faz? Quais as casas eram mais significativas para ele? Vocês lembram disso?

A14: Acho que a casa da mãe dele.

P: Isso era mais significativo? E depois quando ele morou na própria casa, vocês acha que esses dois espaços (se separam).

A14: Ele fez a casa parecida com a da mãe dele, não foi?

P: Sim, você lembra quais eram os motivos?

A14: Não.

P: Alguém se lembra disso?

A2: Eram as lembranças né? Era as lembranças que ele tinha da outra casa. Então ele queria levar as lembranças junto com ele, então ele fez uma casa parecida para as lembranças continuarem vivas na vida dele.

P: Sim, você acha que é assim?

A2: Mais ou menos. Ele nunca esqueceu a Capitu, isso é fato. Entao acho que por um lado é plausível.

P: Esse espaço constitui não só o espaço físico, mas as vivencias. Você acha que ele queria resgatar alguma coisa com isso?

A2: Exatamente. Eu acho que ele não queria ter se afastado da Capitu, mas isso foi consequência do que ele escolheu pra ele, por causa dos ciúmes dele. Mas por um lado acho que ele se arrependeu porque ele continua amando ela. Então eu acho que ele queria resgatar o amor puro que eles tinham quando eles eram jovens. Então eu acho que ele construí a casa que ele tinha igual a outra pra tentar relembrar o amor puro que eles tinham.

P: Alguém mais quer falar sobre isso? / Vocês tem ideia de que época mais ou menos aconteceu isso?

A1: Década de noventa.

A2: O que? É mil oitocentos e alguma coisa. Não tinha nem carro ainda.

P: Século dezenove. De lá pra cá, só pra gente ter uma dimensão física.

A1: [É mil oitocentos e noventa e alguma coisa, não é?]

P: É mil oitocentos e cinquenta ou também considerando isso, as vivencias como vocês viram daquela época diferente da nossa?

A2: A questão das pessoas antes. As pessoas eram bem mais unidas uma as outras. Exemplo, hoje a gente pode morar numa casa faz quinze anos e não ter tanto contato com nossos vizinhos. Eu moro na casa da minha Vó desde que eu nasci e eu não tenho contato com meus vizinhos, eu mal vejo eles por causa dos muros *hiper* alto. Então agora eu acho que é mais uma questão de proteção, a pessoa se individualiza mais. Antes ela tinha mais convívio com a sociedade, as pessoas confiavam mais uma nas outras. Hoje em dia não tem mais isso, não existe mais confiança. Então acho que era bem diferente antes.

P: Quem concorda com A2 nesse aspecto?

A15: Eu não acho que é mais a confiança, eu acho que é mais antigamente não tinha energia, não tinha televisão, não tinha internet. Tinha que ter algum para conversar. X

P: Uma questão de conveniência, não tinha televisão.

A15: Ele ficavam nas calçadas conversando entre eles e com os vizinhos.

A16: É uma questão de segurança, você não pode ficar mais na rua, você é assaltado.

A2: Então uma questão de confiança no seu próximo. Exatamente nesse ponto que eu queria pegar, confiança no seu próximo.

A15: Mas se você ficar em casa você corre o mesmo risco.

A2: Mas antigamente não tinha assalto, tipo eles assaltavam. Mas não tinha esse assalto “ah vou matar você, você tem essa coisa e eu quero” não era assim antigamente. As pessoas tinham uma confiança, segurança uma com as outras. É tudo uma questão política.

P: O que mais vocês perceberam no comportamento das pessoas daquela época que é diferente de hoje? Valores eram os mesmos?

A2: A questão da palavra. Igual eu falei hoje ninguém se preocupa em cumprir a promessa ou não. Todo mundo fala “ah eu prometo para você que vou fazer aquilo” isso não quer dizer nada mais, antes queria dizer alguma coisa, eles iam e cumpriam realmente as promessas. As pessoas tratavam a vida com mais seriedade, hoje tanto faz. Se você for lá e fizer um contrato você pode pular fora, que isso vai ser uma coisa mais normal hoje em dia. Mas antes não tinha esse negocio de contrato e papel assinado ali, havia casos que tinha, mas você tinha a palavra da pessoa e isso antigamente contava muito. Hoje não faz a menor diferença.

P: [não precisava de contrato] Você pode fala de novo (Leticia) A7

A7: O Bentinho já tinha certeza o que estava acontecendo, não precisava de mais nada, por que eles já tinham prometido.

A2: Não se iludam ta.

P: Mais alguém concorda com essa leviandade que existe hoje, que as pessoas antigamente eram mais serias? Quem mais poderia falar sobre isso, concorda ou não?

A17: Você falar hoje em dia é como um nada, sua palavra não vale nada. Você precisa ter alguma coisa, a justiça envolvida, que faça você cumprir com o que você promete.

P: As pessoas não são mais serias?

A17: É

P: Vocês ficam preocupados com isso, com as coisas desandando?

A2: Com certeza.

A1: Perdeu um pouco o caráter, porque se você promete uma coisa, você teria que cumprir. O povo antigamente de hoje acabou perdendo um pouco isso.

A2: Perdeu a vergonha na cara eu acho.

P: A questão ética esta declinando?

A1: Com certeza

A2: Cada dia mais.

P: Bem, mais alguma coisa? Que assuntos ou temas vocês perceberam atarz dessa estória, talvez pudesse ser discutidos. A exemplos das novelas que temas parecem aqui nessa estória?

A2: Religiosidade.

P: O que mais?

A4: Traição.

A1: Amor e amizade verdadeira.

A3: Idealização do amor jovem.

P: Em que momento você viu essa idealização?

A3: No inicio do livro o amor deles era idealizado, mas ai acaba. É ideal, não é atingido.

P: Me fale um pouco esse valor da amizade, ou desse tema. Em que momento você percebeu a amizade?

A1: Eu acho que a parte do Bentinho e Capitu começou pela amizade. O cara que ajudou muito o Bentinho no seminário, o tal do Escobar surgiu pela grande amizade. Uma amizade que é a prova que ele pediu para Jose Dias para não ir para o seminário, surgiu pela pequena amizade. Então acho que a amizade tem um ponto crucial no livro.

P: Você falou de religiosidade, você pode falar um pouco porque isso é relativo?

A2: Eu acho que é levado a serio antigamente né, religiosidade. Então a mãe dele fez a promessa e cumpriu. Enato acho que era levado muito a serio a questão religiosa, não é igual hoje.

P: Você acha que com religiosidade as pessoas viviam diferentes?

A2: Com certeza.

P: Além da seriedade ou não, como é diferente?

A2: Hoje em dia? Acho que ninguém da muito valor tem muita gente católica que não vai à igreja. Assim como tem protestante varias religiões que não frequentam a igreja. Antigamente não, antigamente todo mundo ia à missa, a família se reuniam em torno daquilo. Hoje não é assim, cada um vai pra um lado e acabou.

P: Como você percebeu isso na estória?

A2: A mãe dele queria levar todo mundo para igreja, queria fazer ele virar Padre. Ela queria reunir todo mundo em torno da religião.

P: Bem, o que vocês acharam do narrador?

A1: Achei ele (antirromântico). Tipo ele deixa a gente bastante curioso X, quando a gente acha que a estória tomou um rumo, ele toma outra mão. E também acho legal o que ele faz, ele sempre conta a estória mostrando dois ângulos, os dois lados da estória. E tipo, igual no começo do seminário uma coisa que seria bom para mãe dele e ao mesmo tempo uma coisa ruim para ele. E da traição, em nenhum momento tinha uma prova concreta que a Capitu traiu ele, e também não tinha uma prova que ela não traiu. O autor sempre tentava mostrar os dois lados da estória.

P: Você viu no inicio uma realidade dele. Mais alguém quer falar dessa manipulação?

A2: Mas eu acho que é essa a graça do livro em você não saber o que aconteceu realmente, porque se você soubesse ia ser outra estória qualquer. Você ia ver lá o resumo: “ele ia para o seminário não foi, casou com ela e viveram felizes para sempre. Fim” ou “ela traiu ele e foi embora. Fim”. Mas você não sabe se ela traiu ou não, então você lê e forma sua ideia e você passa para outra pessoa e ela vai ler e vai formar a ideia dela. Na questão se traiu ou não ninguém tem uma ideia igual, porque casa um viu de um jeito, vê de um jeito melhor se coloca. Então acho que ate se a mesma pessoa ler o livro duas vezes, ela pode mudar de opinião. Acho que essa é a graça, ai que o autor pegou o leitor.

P: O narrador que conduziu?

A2: Exatamente, ele não da a certeza em nenhum momento, mas ele também ele não fala se ela fez. Então acho que essa é a graça do livro em você não saber se ela fez ou não.

P: Vocês acharam que essa estória parece real? Veríssimo? Convenceu vocês?

A2: Eu acho que é um fato real ou que poderia ter acontecido.

A3: É ficção.

A2: Eu sei que é ficção. É uma estória bastante real, da para acreditar.

P: Alguém de vocês falou das linguagens, gostaria que falassem de forma geral, os aspectos formais da estória, seja a linguagem, as palavras, as pessoas se isso foi difícil. O que vocês acharam difíceis?

A7: Meio complicado as palavras de 1960, então de hoje muda muita coisa, o sentido, entende? É meio complicado.

P: Umas palavras diferentes? Você precisou ir ao dicionário?

A7: Mem tanto, eu tentava ir pelo contexto.

A2: Eu acho que apesar de não saber o significado de algumas palavras, você indo pelo contexto você pode deduzir o que eu elas significam, foi um pouco complicado nesse aspecto ter que ler o contexto para deduzir aquela palavra.

P: Além das palavras, citações ou expressões que vocês acharam estranhas? Mais algumas coisa que ficou inteligível para vocês? Não? E o que acharam do final?

A2: (Etmoide) não faço a mínima ideia o que é.

P: E do final, o que acharam?

A1: Chato. Eu não sei como é o final.

P: Mais uma palavra?

A3: Interessante

P: Confuso?

A18: Meio confuso, meio interessante. X Cada um tentou realizar o sonho.

P: Quem mudaria o final da estória?

A2: Eu não.

P: Quem não gostou do final e mudaria?

A1: Apesar de o final ser chato, eu não descobri o final, entendeu? Tipo, essa dúvida de saber se ele foi ou não foi traído acaba mexendo com a estória. Mas também é legal isso.

A18: Pelo fato de ele ser o narrador, como ele vai falar se ele foi traído ou não se ele não sabe, ele é o narrador. Antes de eu pensar nesse fato, eu pensava que tinha que mudar a estória, mas ele não sabe. É ele que esta contando.

A2: [exatamente].

A19: Mas é que deixa você com o livro na cabeça, por que a gente esta falando o livro agora se soubéssemos o final.

A2: É igual Crepúsculo. X

A7: É você que faz o seu final, não vai ter um final igual ao outro. Na cabeça de todo mundo vai ter um final diferente.

P: Você acha que cada estória tem esse ponto?

A7: Sim, toda estória tem um romance, e um final feliz, todo mundo no seu quadradinho bonitinho.

P: Ai perderia a graça, você acha?

A7: É não teria a mesma emoção de você ficar pensando naquilo “será que aquilo que realmente aconteceu?”. Então essa é a graça do livro, você ter o seu próprio final feito.

P: Inesperado que contraria sua expectativa? É isso que faz a graça?

A7: É.

A2: Acho que deveria ter Dom Casmurro parte 2, mas contada pela Capitu.

P: Certo, ou pela X (Leticia).

A19: Talvez se fosse contada por ela, teria um final.

A1: Acho que seria confuso. Acho que a Capitu iria mentir. Ela vai ser a narradora, quem garante que ela não pode mentir no final?

A2: [Ela ia contar a vida dela] Ela não podia mentir, ela tem que escrever direito.

P: Bem, se vocês encontrassem Machado de Assis hoje, o que vocês diriam para ele?

A1: Bentinho era corno ou não?

A2: Eu tenho certeza que eu não perguntaria se ela traiu ou não na cabeça dele, so que eu perguntaria da onde vem a inspiração dele para fazer o livro.

P: Que ideia vocês fazem de Machado de Assis depois de tudo isso?

A1: Eu acho que ele era inteligente e manipulador

A2: Eu acho que ele era bastante conhecedor da vida.

P: Depois dessa entrevista mudou o seu ponto de vista, sua ideia?

A2: Acho que não, acho que minhas ideias continuam bastante concretas.

P: [Depois dessa entrevista coletiva]

A2: Não.

A1: Continua a mesma coisa.

A2: Acho que não, cada um tem uma ideia sobre o final, acho que você não pode ir pela cabeça do outro. Se você leu, você tem uma ideia, acho que isso não vai mudar de acordo com o que os outros falam. Você já formulou sua ideia.

P: Alguém não concorda, e acha que a opinião do colega “balançou a minha visão”?

A20: Discutindo sobre o fato, eu me toquei que não tem como saber o final se ela traiu o não.

A7: Talvez aceitar que não tem final.

P: A opinião dos colegas, talvez despertou alguma dúvida ou fez vocês verem de um outro ângulo?

A1: Não.

A2: E sua opinião Professora?

Professora: X. A leitura desse capítulo mudou minha vida, a maneira que ele vai entrando no psicológico ou na forma como você concebe o mundo. E pra mim o fato de o Bentinho narrar é muito significativo, e quando você pergunta: e o fio condutor é Bentinho ou Capitu? Pra mim é a Capitu também, por que o Bentinho é o genérico do homem. Sabe quando você diz: “mulher é assim”, pra mim Machado quis dizer: “então homem é desse jeito”, se ele pensa que foi traído ele vai encucar, ele vai agir com base nessa suspeita porque seria assim a generalização do pensamento masculino. Como é uma generalização, pode ser que algumas mulheres tenham essa atitude também. Mas me parece que é a construção do genérico masculino. Homem pensa assim: encuca com alguma coisa. Vocês são Bentinhos né, não querem mudar de ideia com a opinião do colega, porque para nossa sociedade isso não é cultural. A traição afeta muito definitivamente a honra, a masculinidade, o amor próprio de uma maneira diferente como é a mulher.

P: Como você vê ele trabalhando nas mulheres?

Professora: Eu penso que ele não esta imune, eu penso que ele esta consciente com a construção da mulher com esse olhar masculinizado, e preconceituoso e machista. Mas em minha opinião Machado era tão afrente, não só no tempo dele, mas no nosso que ele tinha consciência disso. Ele estava imune aos valores que eram adquiridos às mulheres, então ele construía com certo grau de consciência. Eu comentei aqui na sala um mal estar que houve quando a Caixa foi fazer uma homenagem aos primeiros correntistas da Caixa, e fizeram uma propaganda ao homem branco, porque pelo fato de ser negro na época em que Machado viveu, era muito decisivo, era muito diferente. E quando A7 (Leticia) disse parece que conhece muito da vida. Ele conhecia da vida de vários aspectos de ser tão inteligente, de ser tão a frente daquela sociedade e de nascer em um corpo negro, porque aquele corpo falava por ele, muitos lugares ele não pode entrar, ele não pode conviver com pessoas ignorantes e medíocres que eram consideradas melhores que ele. Então ele é forjado nessa realidade, eu acredito que isso constrói nele um grau de consciência muito grande.

IV Unidade escolar. Colégio Estadual *Professor Hugo Simas*

I. Dados sócio-econômico-culturais (perfil dos alunos pesquisados).

II. Questões (em nº 4) descritivas acerca das impressões da leitura. E mais uma questão objetiva.

III. Entrevista individual com seis alunos em cada unidade, na qual cada aluno respondia a questões sobre uma das três obras lidas na escola: *Dom Casmurro*, *Helena e Memórias Póstumas de Brás Cubas*.

IV. Entrevista coletiva com a turma que leu uma das três obras escolhidas (Idem item de nº 3). Colégio Estadual *Professor Hugo Simas*

Dados sócio-econômico-culturais (perfil dos pesquisados).

O sexo

Sexo	Nº de alunos	percentual
Masculino	12	44,8%
Feminino	15	55,2%
Total	27	100 %

A idade

idade	Nº de alunos	percentual
15	07	25%
16	16	59%
17	03	12%
18	01	04
total	27	100,00

A renda familiar

classe	Rendimentos da família, em pisos salariais
A	Mais de 20 Salários
B	10 a 20 salários
C	5 a 10salários
D	3 a 5 salários
E	

Distribuição dos alunos de acordo com as cinco classes:

classe	Nº de alunos	percentua l
A	01	1,98%
B	07	26,0%
C	17	63,0%
D	02	9,2%
E	00	0,0%
Total	27	100 %

As escolaridade dos pais

escolaridade	Nível de	pai		mãe		esponsável
		o	—	o	—	
eto	• Analfab	o	—	o	—	—
	• Ensino fundamental incompleto	—	—	—	—	—
Fundamental completo	• Ensino	1	4			—
	• Ensino Médio incompleto		4			

Médio completo	1		5	8%	—
• Graduação (faculdade) completa	0	3%	8	7%	—
	5	9%	4	5	—
Total	7	00	7	00	—

O que você faz em seu tempo livre?

Atividade	Frequência
Joga futebol	05
Joga vôlei	01
Pratica esporte	01
Assiste TV	04
Joga <i>vídeo-game</i>	01
Joga PC	01
Ouve música	02
Sai com os amigos	06
Passeia	06
Namora	02
Ajuda em casa	03
Brinca com os irmãos	01
Lê	11
Lê a bíblia	03
Ora	01
Desenha	02
Dorme	13
Estuda	05
Tenta estudar	01
Pratica natação	02
Vai à academia	06
Navega na internet	15
Executar um instrumento musical	02
	01
Pesquisa na Universidade	01
Descansa	01
Estuda espanhol	01
Come	01
Escreve	01
Vai ao clube	02
Assiste a filmes	

O que você gostaria de fazer em seu tempo livre e não pode?

Atividade	Frequência
Ajudar meus pais	01
Assistir TV	01
Aula de violão	01
Curso de inglês	03
Curso técnico	01
Dormir mais	02
Fazer academia	01
Fazer aula de desenho	01
Fazer aula de guitarra	01
Fazer informática	01
Futebol	01
Ir para a praia	01
Nada. Estou satisfeito	01
Sair mais com os amigos	01
Sair para bares	01
Ter mais tempo livre	01
Trabalhar	01
Viajar	07

Colégio Estadual *Professor Hugo Simas*

I. Questões descritivas acerca das impressões da leitura

- O que você achou do livro e quais as impressões que você pode descrever agora sobre a leitura?

1. (*Paola*) Confesso que no começo eu não estava animada com a leitura, talvez mais pela forma de escrita, mas por eu estar acostumada com leituras estrangeiras. Depois eu comecei a ler mais por obrigação da prova e acabei me interessando pelo conto. A história nos prende, de modo que até não chegarmos ao final, não paramos a leitura. Mas ainda não me interessei tanto.

2. (*Gisele*) Achei o livro engraçado pelo motivo da linguagem. Eu nunca me interessei pela leitura brasileira, e por esse trabalho tive a oportunidade de conhecer. Minha irmã sempre dizia pra eu ler Dom Casmurro, pois dizia que caía no vestibular, e eu já tinha o livro em casa, mas ganhava outro e sempre tive mais interesse pela literatura estrangeira. Dom Casmurro conta uma história diferente do “clichê” romântico, foi um livro que me envolveu bastante.

3. (*Ana Paula F. G.*) Achei o livro interessante, pois conta a história de Dom Casmurro que no caso é o Bentinho, que era pra ser padre um homem sério e se apaixonou por Capitu e pretendia casar-se com ela. Não dá para saber muito bem o que acontece por isso da mais vontade de ler para saber o que vai acontecer com cada personagem e enfim chega no final. Bentinho que narra a história então da pra entender mais e se envolver com o livro.

4. (*Lincoln*) No começo do livro “Dom Casmurro” achei que a história fosse uma espécie de biografia da personagem contando sua história desde a infância a te o presente em que se encontra. A história no começo conta sua vida na fazenda dos pais onde ele passava o dia a dia vivendo sua vida alegre e curiosa de criança. Até aí não achei muito interessante a história, até ele introduzir Capitu sua amiga e futura noiva no qual muda seu jeito de viver ao longo da história. De um capítulo a outro a história começa a seguir um novo rumo, onde Bentinho (Dom Casmurro) faz de tudo para ficar com a garota mas ele precisa primeiro

decidir se fica coma a garota ou segue os conselhos da mãe que fez a promessa de botá-lo no seminário depois da morte de seu marido. Desse ponto a história começou *a me empolgar, sobre qual será o desfecho dela*. Dom Casmurro é um livro com uma história romântica com acontecimentos trágicos e um desfecho inesperado que eu recomendo para aqueles que gostam desse gênero.

5. (*Thainara*) Achei o livro muito interessante. Admito que o final me decepcionou, mas me surpreendeu ao mesmo tempo. Pois não imaginava o fim de um romance, não ser romântico. Esperava mais mas também foi mais do que eu esperava. A impressão que tive foi da realidade, de que a maioria dos finais não são como no começo: felizes. Que a história toma outro rumo.

6. (*Natália*) Acho que um romance sem ser muito explícito por ambos não ter muitas vezes não conseguir ter reações na frente um do outro. Também pelo fato da intromissão dos familiares e do padre na vida dos adolecêntes, pelo fato do que eles queriam ser e o que eles poderiam sentir ex: negaram o “namorico” das crianças e propuseram ao Bentinho ser padre. A leitura bem perplexa por ser abtos de (1847) de falar e os assuntos tão dinâmicos quanto, para a idade de Bentinho e Capitu. E o pensamento detalhista do autor.

7. (*Juliana*) O livro tem uma boa história, porém eu não gostei muito da forma como a autor conta a história. Ele não prende o leitor no livro, é uma leitura um tanto cansativa, eu, por exemplo, costumo ler livros rapidamente e, quando fui ler Dom Casmurro, demorei muito. Todas as vezes que eu lia só pensava uma coisa: “isso não acaba nunca?” Não basta somente ter uma boa história, a forma como irá contá-la é o que irá definir se o livro é bom ou ruim, não digo que é ruim, chato, é um clássico, porém, acho que a forma de se escrever deixou a desejar muitas vezes o narrador enrolado em algumas partes desnecessárias. Terminando dizendo que apesar de tudo, o livro tem uma boa história e me passou essa mensagem do ciúme de mais, onde ele pode levar uma pessoa.

8. (*Marco Aurelio*) O livro é interessante, as primeiras impressões foi que o livro era um tédio profundo porém após algumas páginas ele começa a ficar interessante, apesar que a linguagem antiga e a enrotação para conta a sua história não te prende no livro. Mas a história é motivante e te deixa com um dúvida profunda.

9. (*Julia*) Dom Casmurro eu achei uma história muito interessante me fez abrir os olhos em relação à literatura brasileira. Não imagino minha vida sem livros, eu amo muito ler mas nunca tive interesse nos livros nacionais só nos estrangeiros, apesar de achar a linguagem muito pesada e coloquial valeu a pena o esforço e essa história me lembrou muito as tragédias gregas, porque possui um fim trágico.

10. (*Larissa*) A impressão que eu tive foi de uma tragédia amorosa um amor possessivo, talvez, onde o marido até pensa que sua mulher cometeu adultério com seu próprio amigo. Todos acabam morrendo, apenas Dom Casmurro fica vivo. Tudo se passa em primeira pessoa.

11. (*Carolainy*) Surpreendente, porque sou muito fã de livros, mas nunca havia lido Machado de Assis, no começo da leitura de Helena achei que não conseguiria compreendê-lo, mas com o passar da história me encontrei no seu enredo.

12. (*Patrícia*) Depois de começar a ler com atenção descobri em “Dom Casmurro” um livro fantástico, sem outro igual. Apesar da linguagem de outro século, achei facilidade em entendê-lo. Confesso apaixonar-me e identificar-me com o personagem Bentinho e sua forma ironica e engraçada de descrever fatos. A leitura desse livro acrescenta muito em minha vida, tanto no conhecimento de palavras novas quanto no de expressões novas. Sem contar o meu envolvimento sentimental com tal livro citado acima. Concluo dizendo que nunca (Jamais) me esquecerei dos olhos de cigana oblíqua e dissimulada, definição que talvez caiba a mim mesma também...

13. *(Pedro)* Achei a história de Dom Casmurro muito interessante, principalmente por conta do mistério que a envolve em que você não certeza se Capitu traiu ou não Bentinho e se seu filho é dele mesmo ou de seu amigo Escobar. Outro ponto que me chamou a atenção foi o certo jeito cômico que Bentinho descreve partes da história. Por último devo ressaltar um descontentamento com o romance, que é a forma como Capitu toma conta da história mesmo sem ser o narrador, penso que tudo seja culpa desse amor doentio de Bentinho, o que me leva a crer também que talvez Capitu nem o tenha traído.

14. *(Isabelly)* Achei o livro bem interessante, porém entediante. As impressões que me ficaram após a leitura foi que o autor é bem subjetivo e tenta transpassar outra ideia sobre o livro, a quem está lendo. É também uma história bem intrigante, pois pode se tratar de uma traição adultério.

15. *(Silvio W.)* Livro interessante, tem bastante sube títulos e palavras difíceis para adolescentes entenderem. É uma leitura meio cansativa de um livro meio complexo.

16. *(Victor C.)* É um livro muito intrigante, ele o leitor, você quer ler para descobrir o que vai acontecer, porém você demora a descobrir e acaba não descobrindo.

17. *(Camila N.)* Eu achei interessante, eu tive a impressão de interesse financeiro e de uma paixão um pouco difícil.

18. *(Isabele S.)*

19. *(Guilherme)* É um É instigante. Porque não da para saber o que acontece realmente, já que Bentinho narra a história, sob seu próprio ponto de vista. bom livro, de um grande autor que conta a história de Bentinho abordando vários temas e assuntos.

20. *(Vinicius)* *Um clássico do romantismo. Uma história boa que me "entretreu" ao longo das páginas com seus suspenses. Por certo tempo me afundei na vida de Estácio, me senti como se eu estivesse lá a observar Helena.*

21. *(João)* Eu achei do livro que ele tenta prender a atenção do leitor para um aspecto e do nada muda a situação sem definir o certo o que de fato aconteceu como no caso da traição. Foi isso que o queria e conseguiu pois o que deixa o leitor curioso é esse fato.

22. *(Leonardo)* Interessante. O personagem no começo leva tudo de boa ou seja aceita sem reclamar, só quando começa Capitu começa a discutir sobre o que quer ser na vida e quando aparece um obstáculo muito grande tenta se matar só que Le lembra de sua esposa e seu "filho". Como uma mulher pode mudar a vida de uma pessoa facilmente como Capitu mudou.

23. *(Gabriel)* Não me interessou muito. O que impressionou é de um livro que envolve o adultério feminino e ciúme exagerado.

24. *(Maria Luiza)* Não gostei muito do livro. Não me identifico com esse tipo de livro. Mas é uma história suspense, porque todos queriam saber o que houve no final, se houve uma traição ou não.

25. *(Camila M.)* Achei interessante e curioso pois como o livro é narrado por Dom Casmurro, a partir de suas opiniões pelo seu ponto de vista não dá para se ter certeza do que realmente aconteceu.

26. *(João Vitor)* É um livro que destaca bem o romantismo mostrando o que uma pessoa é capaz ou não de fazer por seu amado ou amada envolvendo adultério, traição, mentiras e farsas. Eu achei o livro interessante, pois queremos sempre saber o acontecerá na próxima parte, na próxima página e nos capítulos que virão.

27. *(Caio)* Eu achei que o livro não me interessou e pelo fato de ficar inexplicável se o filho era ou não dele foi outra coisa que eu não gostei pois você Le todo o livro para saber a verdade e não tem a verdade. O que deu para ver é que Machado cria o Bento como homem rude, ciumento e mal humorado.

28. *(Rafaela)* A história tem o enredo embasado em um triângulo amoroso, a mulher adúltera, um temor social, adultério não era bem visto pela sociedade, era algo de

polêmico na época, algo para escândalo público. O livro intrigante e curioso. Nos amarra até o fim. A questão da dúvida se Capitu traiu ou não Bentinho é o mais interessante na história, nos instiga e nos deixa tirar nossas próprias conclusões.

29. (*Stéphanie*) É mais ou menos legal, porém não é um tipo de livro que se fosse para mim escolher, leria. Mas é obra importante do romantismo e foi importante ter lido porque sei um pouco mais do assunto, e pode me favorecer no vestibular. Os temas abordados são o da devoção da mãe de Dom Casmurro, pois lhe entrega ao seminário, a paixão por Capitu e as mortes que vem a acontecer.

30. (*André*) Eu achei a história de vida dele interessante, pois ele passou por vários momentos, como é que foi traído por sua esposa, foi fiel aos feitos e perfeitamente adaptado a realidade. A narração dos acontecimentos com que o leitor se defronta se faz em primeira pessoa. Dom Casmurro narra os acontecimentos de suas infâncias, as impressões do seminário, o retorno da vida familiar e o relacionamento com a Capitu. Quis recuperar a adolescência na velhice.

31. (*Isabela*) Eu achei a história legal, mais em si a linguagem é difícil de entender por causa que a linguagem é antiga sem contar que demora de mais para chegar ao ponto mais a história é muito legal porque a intrigas, amores proibido, e adultério. À primeira impressão era de que o livro mais depois você vai meio que se apaixonando pela história e pelos personagens e você sempre quer saber o que vai acontecer depois.

32. (*Pedro*) O livro Dom Casmurro é bom, trata-se de um narrador-personagem onde conta sua história da infância à velhice, é uma narrativa ambígua que fica ao seu critério decidir se Capitu traiu ou não Bentinho, no meu ver a principal abordagem do livro é saber se Capitu traiu Bentinho. Bentinho por ser um advogado apresenta “propostas” para afirmar a traição da amada, mas por outro lado Bentinho é extremamente ciumento, sendo assim, pode estar culpando Capitu de traição simplesmente por um ciúme mórbido. Resumindo, O grande mistério do livro Dom Casmurro é saber se Capitu traiu mesmo Bentinho e isso fica a seu critério decidir, e foi por isso gostei do livro.

33. (*Ana Paula*) O livro me impressionou muito porque no começo o narrador personagem no caso Bentinho conta muito de um romance “da vontade” de não ser padre pelo fato de estar apaixonado por Capitu. Então você acha que a história contada irá ser um romance somente isto, mas quando o narrador-personagem se aprofunda na sua história você começa a ver e a entender que não era somente o romance que ele queria contar e sim que ali teria uma traição, mortes, entre outras coisas nas quais você não imaginaria porque, ele “entrete” tanto você naquele romance que você se apaixona. Em fim o ponto marcante, impressionante é este digamos que seja um pouco relativo também.

34. (*Gabriela S.*) Não escreveu.

Colégio Estadual *Professor Hugo Simas*

Escreva um resumo do enredo ou da história.

- (*Pedro L.*) Dom Casmurro conta a história de Bentinho, um menino destinado a ser padre por conta da promessa que sua mãe fez, porém desde pequeno Bentinho convivia com Capitolina Pádua, conhecida como Capitu, com o tempo essa amizade foi se tornando amor e esse amor, quase uma doença. Depois de um tempo Bentinho casa-se com Capitu, porém começa a suspeitar que sua esposa o trai com seu melhor amigo, Escobar. Essa suspeita só aumenta quando seu amigo morre em uma tragédia e Capitu fica desolada porém contida, para superar todas as suspeitas, Bentinho enxerga em seu filho Ezequiel traços de seu falecido amigo. A história não poderia ter um final mais trágico, com a morte de sua amada, Bentinho banca viagens para seu filho para não ter que vê-lo em uma dessas viagens Ezequiel também morre e Dom Casmurro perde todos a sua volta.

- (*Isabelly*) Bentinho escuta uma conversa entre José Dias e dona Glória. Ela pretende mandá-lo ao seminário no cumprimento de uma promessa. Bentinho fica bravo com José porque ele ... cortado a Capitu. Capitu tenta ajudar Bentinho, mas os planos não dão certo. E assim ele vai para o seminário, mas antes diz a Capitu que vai casar com ela. Eles se casam e Escobar se casa com Sancha, amiga de Capitu. Capitu tinha dificuldade em ter filhos já Sacha não. Mas para frente conseguiram ter filhos e colocaram o nome de Ezequiel. Bento vê uma semelhança de Ezequiel com Escobar que á de morrer na praia. Bento se convence de que foi traído, tenta se suicidar e matar a criança. Ele diz ao menino que não e seu pai e Capitu ouve tudo. E então o casal resolve se separar, Ezequiel morre etc.
- (*Silvio*) Bentinho era um menino cuja mãe fez uma promessa dizendo que se ela tivesse um filho ele iria se tornar padre. Mas com o passar do tempo Bentinho foi crescendo e começou uma forte união com Capitu, mas apenas como amigos. Os dois ficavam juntos o dia inteiro e assim foram se apaixonando até que ocorreu o primeiro beijo e com ele veio um sentimento de amor maior ainda mas Bentinho tinha que ir para o seminário e deixar sua amada. Bentinho consegue tirar esta ideia de ir para o seminário da cabeça de sua mãe e vai para a Europa estudar lá. Na volta ficaram juntos, mas Capitu se tornou uma adúltera e traiu Bentinho com seu melhor amigo Escobar que após algum tempo veio a morrer. Apesar de tudo isso Bentinho ainda não ficou com Capitu grávida de Escobar ela foi para a Europa e morreu lá e ele foi para São Paulo. Mas antes da morte de Capitu todos seus familiares já haviam morrido.
- (*Victor*) O livro começou explicando porque o nome dele é Dom Casmurro (Bento Santiago - Bentinho). O livro fala sobre a infância de Bentinho que ele vivia em uma casa grande na rua Mata Cavalos. Depois ele casa com Capitu tem um filho chamado Ezequiel, por causa da semelhança de Ezequiel com seu amigo Escobar, Bentinho acredita que Capitu traiu ele. E depois de um tempo eles se separam. Depois Bentinho vai para o exterior para ocultar a história, e depois ele volta para o Brasil e se torna um Dom Casmurro amargo. Capitu morre e Ezequiel tenta se aproximar do pai e o pai (Bento) o rejeita pela semelhança de Ezequiel com seu falecido amigo Escobar, e depois Ezequiel morre de febre tifoide.
- (*Guilherme*) O livro conta a história de Bentinho, um menino tímido que morava com sua mãe e seus tios. Ele era apaixonado por sua vizinha, e melhor amiga, Capitu, mas os dois não poderiam se casar, devido a promessa que a mãe de Bentinho fez. Ela havia prometido que se tivesse um filho homem ele seria padre. Após algum tempo Bentinho realiza o seminário e ao terminá-lo decide abandonar a carreira de padre, devido a falta de vocação e também o amor por Capitu. Bentinho se torna advogado, conhece seu grande amigo Escobar e se casa com Capitu. Anos depois sua relação com Capitu começa a passar por uma grande crise de ciúmes e eles se separam, alegando que Ezequiel, filho de Bentinho, era filho de Escobar. Bentinho os envia para a Europa e lá eles morrem.
- (*Vinicius*) O pai de Estácio morre e no seu testamento aparece Helena como sua filha. Ela vai morar com o menino e a tia. O menino começa a se apaixonar por Helena mesmo sabendo que são irmãos. Mais tarde descobre-se que na verdade não são irmãos, e que o pai de Helena está vivo e ela mantém contato com ele. Esse pai vai embora, Helena fica doente e acaba morrendo de infelicidade.
- (*João Victor*) A mãe gostaria que fosse a um seminário, pois tinha feito uma promessa, e adoraria muito que seguisse esse seminário. Ele se apaixonou por uma moça quando adolescente, seu nome era Capitu, e após esse seminário os dois se casam. Esse casamento passa por uma crise de ciúmes. Os dois estudam juntos na Suíça. Capitu

morre na Europa já que ele foi embora. Triste, eles vive, e em uma viagem para Jerusalém ele também falece.

- (*Stephanie*) Dom Casmurro, esse nome é dado por um vizinho dentro do trem a Bentinho. Apaixonado por Capitulina, Bentinho é filho de Dona Glória que quando o teve fez uma promessa a Deus: se seu filho vingasse o mandaria para o seminário, seria padre, porém desde novo já era apaixonado por Capitulina. Para fazerem um teste sobre foi ao seminário e lá ficou durante dois anos, foi onde conheceu seu melhor amigo Scobar, que também não tinha vocação. Quando saem, Bentinho se casa com Capitu e Scobar com uma amiga, ambos tem filhos, a filha de Scobar se chama Capitulina em homenagem a Capitu e o filho de Bentinho Ezequiel em homenagem ao melhor amigo. Anos depois o melhor amigo Scobar morre e Capitulina fica muito triste o marido Bentinho chega achar que eles tiveram um caso até começar a achar o filho muito parecido com o melhor amigo. Tenta matar o filho, mas não o faz. Sua mãe e pai de Capitu morrem. Bentinho decide se separar de Capitu vão para outro país lá ela ficou muito doente e acaba morrendo. Tenta contato com o filho mas não o tem mas sempre pensa na possibilidade de adultério de sua esposa. Seu filho também morre. Ele fica então sozinho. Dom Casmurro este nome se dá então por ser um homem solitário, vive a partir de então sozinho.
- (*Rafaela*) O romance tem início quando Bento Santiago tenta explicar o porque recebeu a alcunha de Dom Casmurro, que se deu por um homem que tentava ler versos para ele no trem. Logo após começa a história de sua infância onde ele vivia na rua Mata Cavalos em um casarão com sua família. Bentinho e casado com Capitu, e após um tempo tem um filho o qual se chama Ezequiel em retribuição a uma homenagem de Escobar e Sancha. Começa então a dúvida pois Bentinho acha que Capitu o traiu, e essa é a dúvida que permanece, até o final da leitura. Após discussões o casal se separa, Bentinho retorna para o Brasil – havia se escondido na Europa que o fato levantaria polêmicas – onde se torna um homem muito ruim, e amargo e um Dom Casmurro. Capitu morre no exterior e Ezequiel morre de febre tifoide após mais uma vez ser rejeitado pelo pai por sua semelhança com Escobar.
- (*Ana Paula*) No começo Bentinho contou-nos que perdeu seu pai ainda novo, quando criança, que sua história começa logo após ouvir uma conversa de sua mãe, tio Cosme, José Dias, que sua mãe queria que ele fosse padre isto por uma promessa e então, Bentinho que já tinha uma paixão no ar não iria deixar isto acontecer, porque, o que ele sentia por Capitu era único era forte. Só que ele chega a ir para o seminário Lá conhece seu mais novo amigo Escobar, que se casa com Sancha, Bentinho com Capitu, os casais tem um filho que se chama Ezequiel, e Escobar com Sancha tem uma filha chamada Capitulina. A relação de Bentinho e Capitu começa a cair porque ele vê uma semelhança muito grande de seu filho com seu melhor amigo e então acha que sua mulher o traiu. Escobar, Ezequiel e Capitu morrem ao final da história (...).
- (*Pedro H*) O livro conta a história de Bentinho, que antes de nascer sua mãe “dona Glória” fez uma promessa a Deus que se seu filho quando nascesse fosse homem se tornaria padre, ao passar do tempo Bentinho fica cada vez mais se perguntando se o seminário seria bom para ele. Quando jovem se apaixona pela sua vizinha “Capitu”. Sendo assim tenta convencer de todo jeito sua mãe a desfazer a promessa de o mandar para o seminário, mas de nada adiantou sua insistência, foi mandado para o seminário. Ficou algum tempo no seminário até que viu que não tinha vocação abatina e desistiu do mesmo. Também conheceu Escobar reencontrou Capitu com quem se casou e teve um filho “Ezequiel”. Ao passar do tempo Bentinho começa a desconfiar de Escobar e Capitu, pois seu filho Ezequiel começa a apresentar traços fisionômicos e modos de seu melhor amigo Escobar, o apice de sua desconfiança foi quando Escobar morre e

em seu funeral Capitu olha fixamente ao corpo de Escobar deixando até cair lágrimas, para Bentinho era “lágrimas de amor”. Sendo assim envia Capitu e Ezequiel a Europa. Capitu morreu por la anos depois e Ezequiel, Bentinho só o viu uma vez depois de sua partida para a Europa.

- *(Isabela O.)* O livro começa com Dona Glória, ela tinha acabado de perder um filho, e daí ela fez uma promessa que ela teve-se outro filho ele seria padre, por fim passados uns anos ela esquece da promessa, mas aí um agregado José Dia lembra da promessa que fez e Bento que é o filho, fica muito nervoso ao saber porque ele estava apaixonado por Capitu uma vizinha que cresceu com ele. Antes dele ir pro seminário ele beija Capitu, ele volta depois de dois anos e faz uma promessa que ele iria se casar com ele aí ele vai pra São Paulo estudar Direito e a mãe manda um escravo em seu lugar, quando ele estava no seminário ele conheceu Escobar que ajudou ele com Capitu. Escobar casa com Sancha e Capitu casa com Bento. Sancha e Escobar tem um filha que dá o nome de Capitulina em homenagem aos amigos. So que os amigos ficam com inveja depois de algum tempo tem eles tem um filho. Daí depois de alguns anos Escobar morre afogado. So que Capitu fica muito abalada aí Bento acha que ela o traiu e começa ver ele em seu filho este era em homenagem a seu amigo, nisso ele tenta matar o filho mais desiste, e manda ele e Capitu para morar na Europa, nisso Capitu morre e o filho volta pro Brasil, para saber a verdade daí ele morre de febre tifoide e Bentinho fica achando que Capitu traiu ele com Escobar.
- *(André)* Tinha um personagem de Dona Glória que tentava impedir o casamento de Bentinho com Capitu, pois ela desejava que ele se unisse a Sancha. Ele morava numa antiga rua de Mata-Cavalos, ele é um homem ruim, advogado e de meia idade. Conhecido por Dom Casmurro.
- *(Jo Victor)* Esse livro conta a história de Bentinho desde criança até idoso. Esse homem quando criança nasceu fruto de uma promessa de sua mãe que ele ia ser um homem de Deus e quando adolescente foi fazer um seminário para virar padre e lá faz uma grande amizade com Escobar. Nesse período Bentinho se apaixonou loucamente por Capitulina. Com o passar do tempo Bentinho não se torna padre pelo amor incontrolável por Capitu e eles acabam casando, e ele se torna um grande advogado e não perde a sua grande amizade com Escobar. Tempos depois Escobar morre e Capitu fica muito comovida e Bentinho começa a desconfiar de uma traição. Seu filho Ezequiel é motivo também forte, que ainda traz desconfiança de uma traição. Capitu e Bentinho se separam e já quando adulto Ezequiel depois que Capitu já estava morta, vai de encontro a Bentinho e ele com sua aparência igual a de Escobar vive seus últimos dias de vida com Bentinho. E Bentinho foi apelidado de Dom Casmurro por um homem que vivia o encomodando na Rodoviária.
- *(Camila M.)* Bentinho que mais tarde veio a ser chamado Dom Casmurro. Tinha uma promessa feita pela mãe D. Glória de se tornar padre. Porque o primeiro filho não vingou e ela disse a Deus se o segundo vingasse ela iria metê-lo na igreja. Dona Glória queria que o quanto antes Bentinho fosse para o seminário. Mas Bentinho não tinha vocação para padre pois gostava de mulher Capitu. Só que dá para entender que Capitu teve um caso com seu melhor amigo Escobar e que o filho dela Ezequiel e filho de Escobar não de Dom Casmurro. A partir da morte de Escobar Capitu tem sua verdadeira face revelada. No fim Capitu e seu filho também vem a falecer.
- *(M^a Luiza)* Dom Casmurro que na verdade, Bento, nasce de uma promessa, sua mãe queria que ele fosse padre. ele cresceu e foi para o convento de padres ele fez um amigo, mas este amigo não queria ser padre, ele queria se casar com a mulher que ele amava. Então resolveram sair do convento, ele e seu amigo se casaram, e continuaram muito amigos. Bento e sua mulher tiveram um filho e deram o nome de Ezequiel em

homenagem ao seu amigo. Seu amigo e a esposa dele tiveram uma filha também chamada Capitulina, em homenagem a esposa de Bento. O tempo passou e Ezequiel foi crescendo e Bento achava que ele se parecia muito com seu amigo, e achou que havia acontecido uma traição e foi conversar com sua mulher, ele acabou ficando bravo e saiu de casa. Ela acabou morrendo e seu filho também. Ele constrói uma casa no final, igual a que ele morava quando criança, e lá mora sozinho.

- *(Gabriel)* A mãe de Bentinho não conseguiu ter filho e ela fez uma promessa que quando tivesse ele seria um padre, aí nasceu Bentinho. Mas Bentinho se apaixona por Capitu e quer se casar com ela, então sua mãe faz com que desista de sua carreira de padre para não atrapalhar. Bento e Capitu se casam e tiveram um filho. Seu filho cresce e ganha os traços fisionômicos de Escobar seu melhor amigo, nisso ele desconfiava de uma suposta traição. Escobar morre e em seu enterro Bentinho percebe que Capitu chorava loucamente e não achou normal. Bentinho termina o relacionamento e vai para São Paulo.
- *(Leonardo M.)* Um amor sentimental por sua vizinha, Capitu, que leva ao namoro e casamento entre Capitu e Bentinho, com um filho que leva uma desconfiança sobre a traição de Capitu, por sua vez Bentinho tenta descobrir os segredos de sua mulher, so que não consegue e isso gera certa dúvida de sua traição. Todos morrem e Bentinho fica com sua dúvida até sua morte.
- *(Caio)* O livro fala sobre a história de Bentinho. Mãe de Bento não conseguia ter filhos daí ela faz uma promessa que se ela tive-se um filho homem ele seria padre. Com o passar do tempo Bentinho cresce e se apaixona por Capitu sua vizinha, com isto sua mãe manda ele pro seminário lá ele vira amigo de Escobar, resumindo daí a mãe de Bentinho acaba virando amiga de Capitu e acaba deixando seu filho casar com ela. Quando o filho de Escobar nasce ele dá o nome de Capitulina, quando o filho de Bento e Capitu nasce eles dão o nome de Ezequiel. Com os anos Ezequiel vai crescendo e Bento vai vendo que ele parecesse seu amigo Escobar e começa a desconfiar que sua mulher o traiu, com o tempo veio a morte de Escobar e no funeral do amigo Bento viu que sua mulher estava muito “encomodada” e passou a desconfiar mais. Bento tenta se matar so que antes disto ele fala para seu filho que o pai dele era o Escobar.com isto Capitu fica revoltada e ele vão para Europa se separar para não gerar muita polêmica. Bento volta a São Paulo e constrói uma casa igual a de sua infância. Com o tempo sua mulher acaba morrendo na Europa e é enterrada lá, logo a morte do mulher o filho vem a falecer. É Bento fica sem saber se sua mulher traiu ou não.
- *(Camila N)* Não leu o livro.
- *(Isabele)* Bentinho era filho de D. Glória uma mulher bondosa. Vivia em sua casa em Matacavalos junto com seu tio Cosme que havia enviuvado sua prima Justina também viúva e um agregado José dias. Seu pai já tinha morrido. Dona Glória que tinha perdido o primeiro filho fez uma promessa a deus, que concedesse um filho vivo, esse iria para o seminário e viraria padre. Bentinho e Capitu eram amigos de infância e dessa amizade nasceu o amor. Capitu traía Bentinho com Escobar. Ezequiel era filho de Capitu com Escobar. Capitu morre.
- *(Gabriela)* Escobar casou-se com uma linda mulher, eles tiveram um filho, anos depois ele percebeu a semelhança de seu filho com outra criança e pensou ter sido traído. Para não causar polêmica mudou de país, daí sua mulher morreu e ele deixou o país e voltou para o Brasil, tempos depois seu filho tentou reatar laços familiares com ele, mas ele não aceitava o fato de seu filho ser parecido com outra pessoa e ele acreditava ter sido traído. (Acho que não leu)
- *(Carolainy)* Tudo começa com uma morte, de um pai viuvo que aparentemente só tinha um herdeiro Estácio e uma irmã D. Ursula. Com a abertura do testamento dr

Camargo amigo da família revela um filho fora do casamento e o desejo do morto de tê-lo na sua família. Helena era o filho que foi bem recebido por seu irmão e com desconfiança por D. Ursula. Com o passar do tempo todos se encantam com ela e Helena desperta em Estácio um sentimento diferente. Estácio fica noivo de Eugênia filho de Camargo e Helena de um amigo de Estácio para seu desagrado. Helena se encontra com Salvador escondido que na verdade é seu pai de sangue e todos então descobrem a verdade, então Estácio achando que poderia talvez viver esse amor proibido Helena cai doente e morre. Estácio dá à ela o primeiro beijo de amor em seu velório.

- (*Patrícia O.*) É a história de um rapaz, que já numa idade avançada relembra passagens de sua vida, em especial de sua mãe ter feito a promessa de que seu filho (ele no caso) seria padre caso viesse com saúde, porém tal filho apaixonou-se por uma moça, chamada Capitu. Bentinho morava com sua mãe viúva, uma viúva também, um tio e o senhor José que era um agregado da família. Bentinho acabou indo para o seminário de padre, mas tinha em mente voltar e casar-se com Capitu. No seminário conheceu Escobar, que se tornou seu melhor amigo e amigo de sua namorada também. Depois de sair do seminário, Dom Casmurro (como foi apelidado Bento) casou-se com Capitu, já que tinha a permissão de sua mãe, D. Glória. Casaram-se também Escobar e uma amiga de Capitu: Sancha. No desenrolar da história Escobar morre, e em seu velório Dom Casmurro percebe um sentimentalismo em Capitu. Tempo depois Capitu dá à luz a um menino, menino que se revela muito parecido com Escobar ao crescer, devido a este fato Bento se afasta da família, eles se mudam para a Europa mas só Bentinho retorna. Depois de falecidos todos seus entes e o agregado, Dom Casmurro vai para Europa, onde descobre que Capitulina Pádua fora enterrada em terras suíças. Depois disso age como pai e paga ao filho viagens de arqueologia, e o filho acaba morrendo por doença. Bentinho ou Dom Casmurro conclui o livro dizendo que o destino uniu seu melhor amigo e sua grande amiga, e ambos trairam-no.
- (*Larissa*) Bento faz uma “promessa”, mas acaba se apaixonando por Capitu, onde fica loucamente apaixonado e eles acabam tendo filho, e por um determinado momento ele morre. Marido de Capitu tinha um amigo chamado Escobar, onde pensa que Capitu acaba cometendo adultério com o seu próprio amigo. No final morre todos, apenas Dom Casmurro fica vivo.
- (*Jhulia*) Bento narra sua história de vida quando já está velho ele tenta unir sua juventude e velhice contando então são apenas seu ponto de vista tudo o que lhe aconteceu. Recebeu o apelido Dom Casmurro devido a sua rabugice quando nasceu já foi destinado a vira padre por conta de uma promessa da mãe, mas desde pequeno gostava de sua vizinha e amiga Capitu, juntos fizeram planos para impedi-lo de partir mas todos fracassaram. Chegando no seminário fez amizade com Escobar a quem contou todos os seus sentimentos. Acabaram então saindo do seminário. Bento casou-se com Capitu e Escobar com Sancha amiga de infância de Capitu, viviam bem os dois casais quando Escobar teve uma filha por-lhe o nome Capitulina uma homenagem a Capitu, tempos depois Bento também teve um filho colocando o nome de seu melhor amigo como homenagem também seu amigo veio a falecer, então Bentinho percebeu uma comoção grande em Capitu e como seu filho se parecia muito com o amigo desconfiava muito de uma possível traição. Se separou de Capitu, que foi morar na Europa acabou morrendo e Bento sempre renegou o filho porque a cada dia se parecia mais com Escobar, seu filho acabou morrendo de febre tifóide, e Bentinho agora conhecido como Dom Casmurro viveu sua velhice sozinho e amargurado achando que seu amigo e amo se juntaram para destruir sua vida.

- *(Paola)* Dom Casmurro é sobre a vida de Bento Santiago, um menino que nasceu ao meio de uma promessa de sua mãe D. Glória, que se tivesse um filho tornava-o padre. um dia Bentinho escutando a conversa atrás da porta escuta que a mãe irá metê-lo no seminário. Ele corre contar para Capitulina, uma amiga de infância a qual ele tem uma paixão enorme. Capitu trama plano para que Bento ficasse. Todos falharam. Bento vai para o seminário. Antes da ida promete que iria casar-se com Capitu. Lá no seminário construiu uma amizade com Escobar e Capitu se aproximava de D. Glória. Ele abandona o seminário, faz curso de direito e se forma. Mas tarde casa-se com Capitu. Escobar com Sancha. Eles se tornam próximos. Escobar morre afogado e a partir dai ele suspeita de que Capitu o traia. Ele começa a ver semelhanças de Escobar em seu filho Ezequiel, o qual lhe passa a desprezar. Ele manda Capitu e Ezequiel para Suíça no qual Capitu morre. Depois Ezequiel tenta se aproximar do pai e morre também. E Bento se tornou um homem solitário.
- *(Gisele)* O livro inicia-se explicando o título. É uma história sobre um garoto que nasce com as consequências de uma promessa de sua mãe, para se tornar padre. No decorrer da história, o garoto Bentinho se apaixona por sua amiga Capitu, e vive com o medo de falar com sua mãe sobre desistir de ser padre e sua mãe fala que se ele não levar jeito, não precisa se tornar padre. Lá Bentinho faz um amigo Escobar. Voltando para casa, Bentinho se casa com Capitu e Escobar se casa com Sansha e tiveram uma filha, cujo nome era em homenagem a Capitu. Logo após Bento e Capitu tem um filho que o nome foi Ezequiel. Com a morte de Escobar, pelo modo como Capitu reagiu, Bentinho começou a desconfiar se Ezequiel era seu filho ou de Escobar e acabaram se divorciando, Bentinho mudou de país e voltou depois que Capitu faleceu e nunca soube se Ezequiel era ou não seu filho.
- *(Ana Paula)* Dom Casmurro era pra ser padre como queria sua mãe que era de costume “promessa” o filho homem ser padre, ele era muito mimado pela mãe, por sua prima e seus tios. Até que se apaixonou por Capitu uma mulher adultera, que o traiu com outros homens. Sua face é revelado quando o melhor amigo de Bentinho Escobar morre, acontece uma tragédia com ele, morre afogado. E no velório Capitu se “revela”. Ezequiel era filho de Escobar com Capitu e não de Bentinho. No final do livro a maioria morre, Capitu e Ezequiel também.
- *(Lincoln)* Na antiga vila de Mata cavalos vivia Bento ou Bentinho (Dom Casmurro) um garoto com uma paixão inimaginável por Capitu sua vizinha de infância.tendo prometido casar-se com ela, Bentinho, tem que decidir-se entre o amor dela ou o seminário, que sua mãe lhe havia prometido desde a morte de seu pai. Após várias decisões e acontecimentos, sufocantes, Bentinho vai para o seminário mas promete voltar para Capitu, lá ele conhece Escobar que logo se torna seu melhor amigo no seminário. Já adulto Bento sai do seminário, e casa-se com Capitu e juntos ele tem um filho. Apesar dos momentos felizes que tiveram, Escobar morre afogado e Bento descobre ou pelo menos deduz que Capitu possui uma paixão oculta por Escobar. Entristecido com a morte de Escobar e a “traição” da sua esposa, ele tenta se matar mas não consegue ao ver Capitu e Ezequiel (seu filho). Bentinho então acha melhor passar os restos de sua vida sozinho e se separa de Capitu, agora já velho, e com o apelido de Dom Casmurro, Bento ainda se lembra de sua vida na vila de mata cavalos.
- *(Thainara)* A mãe de Bentinho faz uma promessa de que ele seja padre, mas ele é apaixonado por Capitu, sua vizinha. Acaba tendo que ir estudar sobre e só a vê aos sábados. Lá ele vira o melhor amigo de Escobar. Depois, consegue sair de lá e ir estudar direito, casa-se com Capitu e Escobar com Sancha amiga de Capitu. Bentinho tem um filho que coloca o primeiro nome do amigo Ezequiel e seu amigo tem uma filha e coloca o nome de Capitu. Seu amigo morre, ele acha que seu filho, é filho de

Escobar, tenta se matar, não consegue. Pois acha que foi traído. Capitu vai para a Europa, e lá morre. Esse foi um resumo, bem resumido.

- *(Natália)* Duas famílias vizinhas que tinham ambas dois jovens apaixonados, porém com uma questão na qual se separariam para sempre, o fato de que a mãe de Bentinho ter feito a promessa de seu filho ser padre. No meio disso, enquilino, tios, Padre e Paes de Capitu, se entromete a tomar posição quanto a isso. Enquanto tudo acontecia ocorria que o amor dos jovens se aumentavam foi quando apareceram amigos e escolhas na qual o casal se separam por anos. Na volta de Bentinho p/ SP, o reconhecimento de ter um filho e no caso uma possível traição, e a morte de seu amigo Ezequiel, mudanças para outros locais e a morte de seu filho adoecido e Capitu.
- *(Juliana)* Bentinho foi, desde pequeno, destinado ao seminário por uma promessa feita por sua mãe que, se vingasse seria padre. Ele por sua vez, não queria ir estudar para ser padre, pois, gostava de Capitu, sua amiga filha do Sr. Pádua que criara uma grande amizade com sua mãe após a mesma não deixá-lo cometer suicídio. Bentinho fica um ano no seminário e fica bem amigo de Escobar, logo depois ambos deixam o seminário e Escobar casa-se com Sancha (melhor amiga de Capitu) com quem tem uma filha, Capitulina (uma homenagem a Capitu), ele monta uma cafeteria. Bentinho casa-se com Capitu com quem tem um filho, Ezequiel (uma homenagem a Escobar). Ao longo dos anos Bentinho começa a achar que o filho é parecido de mais com seu amigo de seminário e coloca na cabeça que Capitu cometeu o adultério. No desenrolar da trama, Bentinho acaba só, numa casa construída igual a de sua infância para ficar recordando do passado.
- *(Marco Aurélio)* A história se passa no rio de janeiro, onde a mãe de bentinho D. Glória fez uma promessa que se tivesse um filho (Bento) iria o fazer ser padre, já que sua primeira criança não tinha resistido. Só que nisso, Bento não tinha por sua amiga de infância Capitulina, filha do Sr. Pádua, cujo a mãe de Bento tinha salvado o Sr. Pádua de um suicídio. E essa paixão proibida de Bento e Capitulina se arrasta por meses de reviravolta, anos de sofrimento e saudade. A obra termina cheia de mortes e no fim, Bento fica sozinho e pede para reproduzir sua casa de infância na sua nova moradia e decide conta a sua história, mas isso ele deixa claro, assim que começa a história.

Colégio Estadual *Professor Hugo Simas*

- Elabore um texto crítico a respeito desta obra. Faça comentários, avalie, opine, critique a obra sob os mais vários aspectos.

(Marco Aurélio) A linguagem é antiga, chata, desinteressante e confunde muito. A história é legal, chocante, mas enrolada para fazer o desfecho do livro, voltando a lembranças antigas. O final me deixou vazio, com dúvida maior que o mundo. Por ser um clássico eu esperava muito mais do final. Mas além de tudo eu gostei, mesmo não sendo meu estilo de leitura, eu gostei. Eu daria uma nota 6 para o livro, colocando de 0 a 10.

- *(Juliana M.)* Bem, fiz uma pequena crítica na resposta da questão número 1, então vou apenas ressaltar algumas coisas. A história é boa, o possível adultério cometido por Capitu e a interrogação que fica na cabeça do leitor após terminar o livro “Capitu traiu ou não Bentinho” (eu acho que não traiu). Porém, eu achei uma leitura cansativa (levando em consideração que já comecei a ler o livro julgando de mil maneiras), me surpreendi por ter gostado do livro (história), mas não posso deixar de comentar que fiquei um tanto que entediada. Ao lê-lo, o escritor enrolou de mais em certas partes que não era necessário.
- *(Natália S.)* Bom a obra feita por um escritor mais prestigiado na literatura, porém algo que fez no seu momento melancólico e perturbador, decisivo e angustiante que

foi até a morte de sua amada. O romance em si bem definido e detalhista, porém a parte realista de que rumo toma a vida dele e a influência de status naquela época e a igreja católica o que vinha ser para todos.

- *(Thainara)* A obra no começo é preguiçosa. Demora o desenrolar. Um romance até um pouco sonhador, por causa de um amor até um tempo proibido, que depois no meu ponto de vista foi um casamento desgastado por causa de supostas traições, nada confirmado no final, que deixou com vontade de ler um outro final. No começo uma história, no final outra história, me senti lendo dois livros. Difícil criticar um clássico da literatura brasileira, mas eu esperava um final mais emocionante mesmo que eles assim ficassem separados. Uma obra que quando você quer parar de ler tem continuar e quando ela acaba, você quer continuar a ler.
- *(Lincoln)* A história no começo parece algo simples como um amor de infância onde os dois personagens se conhecem desde criança, crescem juntos e casam e vivem o resto de suas vidas juntos, mas é aí que você se engana. A história em si é narrada por Bentinho que conta sobre seu amor com Capitu e as decisões amargas que teve que cometer. A história tem bastante personagens, cada um com sua história, alguns interessantes outros não, o amor de Bentinho por Capitu parece algo de novela, onde a personagem acha sua amante a mais bela de todas e decide fazer de tudo para conquistá-la. A história foca mais sua atenção no amor de Capitu e Bentinho onde os outros personagens exercem papéis menos importantes para trama, exceto alguns como a mãe de Bentinho Dona Glória, José Dias e Escobar. No fim Dom Casmurro é uma história com fatores de romance e também de tragédia onde o leitor presencia o desenrolar desse amor complicado.
- *(Ana Paula)* Na história Bentinho deixa uma dúvida no ar, será mesmo que houve a traição ou não? Isto nos intriga porque você está lendo um romance e depois começa a ver que aquele amor todo aquele lindo romance começa a virar um “engano”. Na verdade eu vi este livro como um desabafo, um jeito dele contar sua história para que no final ele consiga achar uma saída novamente eu não vejo isto tanto como uma crítica mais é um ponto no qual me intrigou muito.
- *(Gisele)* Não escreveu.
- *(Paola)* Eu achei uma obra interessante. Mas pela a escrita do autor que é antiga, faz minha vontade de leitura recuar. Talvez pelos costumes de literaturas estrangeiras. Mas em si, é uma história muito interessante, que fica na nossa cabeça até acabá-lo. Teria Capitu mesmo traído Bentinho? Mas acho que o autor fugiu muito da história, pois em um capítulo falava de algo e do nada falava de um outro assunto. Talvez se ele mantesse o foco mais na história seria mais fácil leitura. Só que o enigma do livro fascina, o que seria a característica marcante de Machado de Assis. É uma obra bastante enigmática e melancólica. Varia de interpretação do leitor.
- *(Jhulia)* A obra em si é muito boa, mas na minha opinião não deveria ter uma linguagem muito difícil de se compreender nos dias de hoje, e a história é contada são apenas um ponto de vista não dando espaço para outras explicações, deixando o leitor com dúvidas se o que é contado realmente aconteceu daquela maneira.
- *(Larissa)* A obra é legal, mas não gosto de final com ambiguidade onde o leitor fica com duas opiniões, que deveria deixar mais explícito isso.
- *(Carolayne)* Ao ler Helena achei seu enredo muito interessante e com um desfecho inesperado. Com a linguagem do texto, de norma culta, oferece um pouco de dificuldade. A história foi um tanto dramática no seu desenvolvimento e mesmo ainda sem ser revelada a identidade do homem da cabana para dar um desfecho a história, já torcia para a união dos personagens principais mesmo sendo irmãos. Ao final da trama

com as coisas aparentemente acertadas, o personagem ainda fica infeliz e morreu, e foi um dramático e triste final.

- *(Leonardo)* A obra é bem feita, só que podia ter um final explicado se Capitu realmente traiu o Bentinho. Bom ela até podia morrer mas não achei interessante deixar Bentinho com uma dúvida eterna se “filho” era realmente dele. Não achei legal da parte de Machado de Assis.
- *(Gabriel L.)* Não me interessou muito, por ser um livro com uma linguagem antiga da época e foi um pouco difícil para mim.
- *(Maria Luíza)* O livro deixa meio que uma dúvida no final. Acho que deveria se contar isso no final. Muitos ficaram curiosos para saber.
- *(Camila M.)* Um livro interessante que prende pela dúvida se Capitu realmente traiu Bentinho.
- *(Camila N.)* Não escreveu.
- *(Isabele)* Não escreveu.
- *(Gabriela)* Não escreveu.
- *(João Victor S.)* Antes de tudo eu não gosto de ler e tenho terror por livros grandes ... ou mais, então esse livro não me interessou porque primeiro ele é da época colonial ou seja muito velho. Segundo não tem muita ação ele só apresenta um carolouco por uma mulher que brinca com ele. E terceiro todo mundo morre só sobra o Bentinho e a história fica indefinida porque não se sabe se o filho é dele ou do Escobar. Tá certo que Ezequiel tinha traços parecidos com Escobar, mas podia ser também coisa do destino. O meu pai é feio e eu sou bonito porque não pareço com ele podia ser também o que aconteceu no caso do livro. Espero que não fique chatiado mas essa é minha opinião.
- *(André Eduardo)* O texto assim me sai um pouco da ... , mas é um bom livro.
- *(Pedro Henrique)* Uma obra boa. Fica a critério de cada um decidir se Capitu traiu Bentinho ou não. Critico por Bentinho ser advogado, tentar incriminar Capitu de traição, incriminando assim por suas alegações.
- *(Isabela L.)* Bom o livro é bom mais difícil de entender e ainda o que você não sabe se Capitu traia ou não. Mais a polemicas interessantes e bem interessante como ele conta é bem legal.
- *(Rafaela)* A obra nunca terá fim, nunca será uma obra acabada pois sempre surgem novas interpretações, até a dúvida do adultério. Após um tempo o livro se torna pouco cansativo, mais volta a ser interessante com o desenrolar da história. Mas não tenho críticas a fazer sobre o livro, foi uma ótima leitura.
- *(Stephanie)* A história em si é boa, tem um bom conflito, mas apesar de ter essas questões o autor Machado de Assis não coloca a história de uma forma que prendesse a atenção do seu leitor. Embora a leitura do título seja importante para melhor compreensão não é o tipo de leitura que prenda e dá prazer de ler.
- *(Jo Victor V. S.)* Acho a obra cheia de aspectos que podem mudar a qualquer momento como traição, inveja, ciúme, etc. Pode ser uma obra um tanto forte para o leitor e vai depender muito do leitor interpretar e avaliar a obra como boa ou ruim pois, vai muito do ponto de vista de cada um.
- *(Vinicius)* No começo até o meio da história é legal. Mas a história dentro da história a traição da mãe de Helena causa uma reviravolta na beleza do romance entre Estácio, Helena e o homem da casa da bandeira. Isso me desfoca e deixa sem chão. Não sei se gostei dessa parte. O fato de Helena ter morrido de desgosto me desagradou muito, pois acho uma morte absurda, insignificante, como se o autor quisesse acabar logo com a história.

- (Izabelly) Não escreveu.
- (Pedro de Lima) Não escreveu.
- (Guilherme) O livro Dom Casmurro possui um grande número de personagens e temas, mostra a vida de Bentinho desde sua infância até a sua velhice. Na minha opinião o livro deveria mostrar a história no ponto de vista de outros personagens e não só de Bentinho. Mas é um grande livro e bom para todas as idades.
- (Victor C.) Machado de Assis é um mestre todos sabem, porém este livro não me interessou muito, pois é muito enigmático. Você acredita numa coisa, depois descobre que não é assim. Penso que houve uma traição depois acho que não é por aí vai indo, e ainda não consegui descobrir o que realmente aconteceu.
- (Silvio) Ele é um texto com muitos subtítulos e muitas palavras bem diferentes que eu nem sabia que existiam. Ele poderia ser mais claro e ter um final mais agradável mas assim não entraria no padrão da época, e com isso tem um desenrolar meio rude com mortes e um amor que não pode ser amado pois Bentinho tinha que ir pro seminário. Esta obra se fosse reescrita por outro autor da atualidade poderia ter palavras de fácil entendimento e o valor do dinheiro em Reais e mas mesmo assim o livro é bom e muito interessante.

Colégio Estadual *Professor Hugo Simas*

- Por meio desta narrativa, o que você acha que o autor discute, ou seja, que temas são abordados por ele? Faça comentários a partir deles.
- (Izabelly) Não escreveu.
- (Pedro de Lima) Não escreveu.
- (Silvio) São englobados temas como adultério e também temas religiosos como a promessa do seminário. A parte dele ter um grande amor e por este amor ele é capaz de tudo mas mal sabe ele que mas pras frente ele vai receber um belo par de chifres e logo com seu melhor amigo Escobar. Desde o começo engloba tema de religião como promessas padres e etecetra eles ficam vidrados nesta promessa feita pela mãe de bentinho, uma promessa meio enfeiz que mais tarde não foi cumprida.
- (Victor C.) Bom por ser um romance, acredito que Machado de Assis em Dom Casmurro foi para um lado mais psicológico tanto do personagem quanto do leitor, um romance diferente onde você nunca sabe o que aconteceu.
- (Vinicius) Não escreveu.
- (Guilherme) São abordados temas como ciúme, família, promessas, amor. O livro mostra o grande ciúme que Bentinho tinha por Capitu, fala da religiosidade e das persoangens que a mãe de Bentinho possuía, mostra uma traição familiar. Isso tudo faz com que o livro se torne interessante para vários públicos e díades.
- (Jo Victor S.) São abordados no livro a família, romance, traição, promessas, brigas, desconfianças entre outros. O romance do livro é o amor incontrolável de Bentinho por Capitu desde sua mocidade até sua velhice. A família é demonstrada desde o começo até o fim do livro com acertos e erros como uma família normal. A desconfiança e a traição é demonstrada mais fortemente depois que Escobar morre e vários fatores deixam o leitor com curiosidade e com dúvida pois o autor não diz certamente se a Capitu traiu ou não Bentinho.
- (Sthephanie) A devoção – questão que se dá quando um filho de D. Glóra que não vinga, a mesma ao engravidar faz uma promessa a Deus que se este filho vingasse ela o tornaria padre, o mandaria para o seminário. A imaginação – Ilusório de Bentinho imaginar que a sua esposa tivesse tido um caso com o seu melhor amigo. Morte – Bentinho tentar matar o filho pela ilusão de que era filho do melhor amigo.

- *(Rafaela)* Adultério, a morte, a religião, análise da sociedade...
- *(Ana Paula)* O autor aborda os temas de amor, traição e morte. A traição de Escobar e Capitu. E a morte de todos da história. E o amor de Bentinho sentia pela Capitu.
- *(Isabela L.)* Não escreveu.
- *(Pedro H)* Ciúme, crítica à religiosidade, luta e diferença de classes sociais...
- *(André E.)* O tema é o romance que ele vive com Capitu que sua mãe fez casar-se com Sacha, mas ele é traído.
- *(Jo Victor V. S.)* O autor discute como há ódio, ciúme, amor dentro de uma pessoa ao mesmo tempo, e como a pessoa é capaz de fazer qualquer coisa pelo amor tão próximo e sofre com as consequências do que faz do que sente profundamente.
- *(Camila N.)* Eu acho que fala sobre família, amizade, interesses e sentimentos.
- *(M^a Luíza)* O narrador aborda temas como um Triângulo amoroso, adultério, religiosidade...
- *(Gabriel L.)* De um modo geral podemos destacar que o grande tema do livro é a suspeita de adultério gerada pelo ciúme doentio.
- *(Leonardo)* Família, amor, traição, felicidade...
- *(Caio)* Ele usa o adultério, religiosidade, a dúvida acerca da traição.
- *(Camila M.)* Virar padre, traição, amor (idolstrar). O desejo da mãe de Bentinho para que o filho vire padre, mesmo sabendo do interesse dele por Capitu.
- *(Isabele)* Traição, amor, morte. Esses são os temas abordados.
- *(Gabriela)* Aborda temas como adultério, religiosidade, triângulo amoroso entre outros no decorrer do livro.
- *(Carolainy)* Por meio desta narrativa pude perceber que o autor fala sobre amor, amores impossíveis, traição, por exemplo o da mãe de Helena com seu marido, é discutido também um tema familiar com a morte de um pai e o chegada de um filho inesperado a vida deles.
- *(Larissa)* Os temas trata-se de família, amor.
- *(Jhulia)* Fala da época do império no Brasil e trata principalmente do tema família, porque fala de traição separação que são coisas que acontecem hoje em dia também a um certo suspense, porque nunca foi revelado se a traição de fato aconteceu, ele deixa para o leitor decidir em que acreditar, trata também do ciúme e desconfiança que deu um fim triste e trágico para o Dom Casmurro.
- *(Paola)* O livro aborda mais o Bentinho, por ele ser calado, metido, é também um homem desprezível. Mas pelo que ele cita é abordado os temas de religião, adultério, romance, desconfiança, tentativas de suicídio e homicídio e mortes.
- *(Gisele)* Adultério.
- *(Ana Paula)* Religião, política, família, traição, romance...
- *(Lincoln)* O autor tenta mostrar para o leitor a realidade de um amor romântico no qual termina em um inesperado acontecimento de tragédias e de decisões amargas. O livro tenta reproduzir um romance trágico com elementos da vida real onde o leitor testemunha os acontecimentos como se ele realmente estivesse presenciando eles.
- *(Thainara)* A traição de uma mulher, que até então surpreendia e acredito que até hoje. Os problemas familiares, agregados em casa, um filho que supostamente assim com traição, não seria dele, traição de um melhor amigo; aquela situação de prometer e não cumprir, a relação com a igreja.
- *(Natália)* Ele decide o que realmente houve, quer voltar tudo como era antes tenta colocar em palavras o que havia se passado na vida dele O realismo faz a história de tudo como realmente era naquela época. E a influência é a igreja católica e das posições que todos

tomam um dia na vida. A tradição a ser feita na família. E não a política que influenciou a história em si, uma coisa objetiva.

- *(Juliana M.)* A questão de como o ciúme pode te destruir. Não sei se é o tema, mas é esse tema que notei. Bentinho era muitociumento, ficou bravo com Capitu quando um cavaleiro passou perto dela ea olhou! Como eu acho que a Capitu não o traiu, defendo a tese de que Bentinho, tão consumido pelo ciúme, colocou na cabeça que o filho tinha as atitudes do seu melhor amigo e deduziu porque ele era o pai (Escobar) e não porque, Ezequiel passasse muito tempo com Escobar, afinal, as famílias eram amigas e talvez, Ezequiel só tivesse as mesmas atitudes de Escobar por admirá-lo.
- *(Marco Aurélio)* Ciúme: Bento sentia muito ciúmes de Capitu. Morte: muitas personagens secundárias morreram. Religião: o livro puxava muito pro lado religioso em várias partes. Adultério: o tema final do livro gira nisso e nessa dúvida, e não na minha opinião a Capitu não traiu ele, isso era tudo coisa de sua cabeça.

Colégio Estadual *Professor Hugo Simas*

Um quadro sobre a questão objetiva, nº 5, presente no item 2.

Questões objetivas acerca da leitura do livro: O que achei do livro?			
1	Adorei	2	
2	Gostei	9	
3	Achei interessante	18	
4	Não me interessou	5	
5	Não gostei	2	
6	Odiei	0	

Colégio Estadual *Professor Hugo Simas*

Entrevista individual I

Obra: *Dom Casmurro*

P. Muito bem, só a título de registro, seu nome é?

A. Marco Aurélio.

P. Marco Aurélio, você leu então, *Dom Casmurro* né? Eu queria que você falasse assim, é, quais foram as suas impressões, primeiras ou gerais sobre... qual a leitura...

A. No começo do livro assim, eu pensei assim que o livro ia ser entediante, por causa que tinha uma linguagem assim diferente com o que a gente tá acostumado hoje, daí eu falei assim, ai será que vai ser muito chato? A história vai ser chata? Ai eu falei assim, vou ler, vamos ler, daí eu comecei a ler o livro e ai depois eu vi que essas impressões assim estavam erradas sabe, apesar do livro ter uma linguagem diferente do que eu to acostumado a ler, ele passa umas impressões muito melhor do que a minha impressão, ele passa uma impressão da antiguidade sabe, eu posso ver como era diferente alguns anos atrás do que é hoje, tanto na parte da igreja quanto na parte social das pessoas, e a história assim é bem legal assim, sabe assim te prende assim, você fica querendo saber o que vai acontecendo, o que vai acontecer no final do livro assim.

P. O que foi que te prendeu, que aspectos da...

A. O que mais me prendeu, foi mais no final do livro quando, eu queria saber se a Capitu tinha traído ou não, o Bento, ai eu fiquei, será que vai, será que vai, será que não vai, ai, será que traiu ou não, eu ficava meio assim sabe, foi mais ou menos isso que mais me prendeu no livro.

P. Ah sim, esse suspense...

A. Aham...

P. Que outros aspectos assim gerais aí das tuas impressões além da questão do tempo parece que foi bem, do tempo da época né, é isso, o que assim te impressionou, nessa época, das pessoas, desse jeito que eles é, discutirem os assuntos, etc.

A. Aham, ah, eu achei assim que o tempo diferente do passado pra hoje assim, era um tempo muito mais fechado do que hoje né, era um tempo assim, hoje a gente tem mais liberdade, do que aquele tempo, por exemplo, as pessoas viviam escondidas dentro de si, porque elas não poderiam opinar pra não ser por exemplo um escândalo, como a separação deles, que eles foram pra Europa pra não ser um escândalo, então hoje as pessoas tem muito mais liberdade de fazer o que quer, cuidar da sua própria vida, sabe, sem ligar pra opiniões alheias.

P. Ah tá, então você acha que hoje as coisas são mais abertas?

A. Aham...

P. Aquele relacionamento do casal.... Certo, e mais alguma coisa assim geral sobre algum dos personagens ou mesmo espaço?

A. Acho que não.

P. Tá. Bem, é você percebeu que, a, o narrador e o autor, é eles assim, focam nos personagens né, eu queria saber assim, quais dos personagens, ou qual né, se for mais de um também, que mais impressionou você assim, que mais chamou sua atenção?

A. Que mais chamou minha atenção? Eu acho que o instante que mais chamou a minha atenção, foi a Capitu sabe, porque desde o começo do livro ele já passa os traços dela, conta como ela era, a personalidade que ela tinha, e ate o final do livro, sabe assim é um livro que ele vai, como eu posso dizer...

P. Envolvendo?

A. É ele vai te envolvendo no livro e ele vai te surpreendendo cada vez mais com aquela personagem sabe, não é uma coisa retorica que ele fica voltando, toda vez que ele fala dela, fala de um jeito que vai surpreendendo.

P. E assim, algum aspecto especial que te chamou atenção, alem desse jeito dela?

A. Acho que não, acho que foi só mais ou menos desse jeito mesmo, sabe assim?

P. Tá, e algum outro personagem que deixou você assim, um pouco impressionado ou que você achou assim que era interessante?

A. Ah eu achei o Escobar que era o amigo dele, eu achei ele bem interessante o personagem dele também, sabe, porque ele era tipo o melhor amigo dele durante a historia né, depois assim ele morre também, fiquei impressionado sabe, eu não esperava a morte dele.

P. Ah sim com os fatos né, com as coisas que foram acontecendo, mas no próprio personagem o que te chamou atenção, uma vez que ele conviveu com Bentinho desde o seminário.

A. Então, o que mais me chamou atenção, é que ele é assim, parecia que ele era bem confiável, assim sabe, uma pessoa meio que de confiança, mais ou menos isso, que ele era bem confialvel.

P. Isso você quer dizer que você acredita que ele não traiu o Bentinho?

A. É eu acho que não.

P. Então a historia construída, é com esse personagem, você tiraria a culpa dele, e ele foi assim, saiu uma boa impressão pra você, porque ele era um sujeito de confiança?

A. É pra mim ele era uma pessoa de confiança, sabe assim, sempre esteve presente, até no dia da morte, sempre foi amigo.

P. E qual dos personagens, ou qual deles, você se afeiçãoou assim, uma coisa mais afetiva, que você poderia dizer, ah, esse poderia ser meu amigo.

A. Deixa eu ver, eu acho que uma pessoa que poderia ser meu amigo, por exemplo assim, seria por exemplo os pais da Capitu assim, o sr. Pablo por exemplo, ele era uma pessoa assim que a mãe do Bento salvou ele da morte né, esse sempre foi uma pessoa presente, ele valorizava a amizade que ele tinha com os pais do Bento, por exemplo, sabe assim, não como

por exemplo, se você fizesse alguma coisa e querer outra em troca, mas era assim, reconheceu o que você fez por ele e sempre esteve com você sabe, nunca te deixou assim, valorizava a sua amizade.

P. Sei sim, essa coisa da amizade é uma coisa forte pra você, você considera isso um valor importante, e aí algum outro que você se afeiçoou, que você gostou?

A. Acho que não, é isso aí mesmo.

P. E que jeito, que característica, qualidade, virtude, valor, é marcou você nalgum personagem? Valores que eles defendiam, amizade, honestidade.

A. Ah um valor assim que eu vi, passava constante no livro assim, foi da mãe do Bento, o valor por exemplo da promessa, a promessa dela sobre o filho viraria padre, eu achei assim que ela se mostrou cativante nessa promessa, tem uma parte do livro sabe, mas depois assim, esse valor tipo se desperçou assim sabe, que ela arrumou outros jeitos assim de não cumprir a promessa assim, eu acho assim, o valor ela carregou com ela, até onde ela pode, os limites que ela teve assim, foi a promessa assim.

P. Você acha que ela relaxou ou ficou convencida?

A. Então eu acho assim que ela tava pensando, tanto tava pensando na promessa, como tava pensando na felicidade do filho dela sabe, ela não queria que o filho dela fosse infeliz numa coisa que ele não gostasse, então assim, ela, não digamos que ela relaxou, porque ela tava pensando no filho dela, sabe assim, mesmo no momento que ela fez a promessa, ela não tava pensando, mas depois ela viu que não era assim como ela queria né, ela também teria a felicidade do filho dela em jogo assim.

P. Foi sensível a vontade dele também, por mais que ela tivesse o senso religioso forte, ela respeitava também...

A. É, ela não deixaria o filho ser infeliz numa coisa que ele não gosta, uma coisa de má vontade.

P. Você acha que ela foi coerente?

A. Aham.

P. É algum, pode ser nessa personagem mesmo ou nalgum outro, alguma outra qualidade, algum jeito que você assim admirou, que você achou interessante em algum personagem?

A. Eu acho que o, deixa eu ver, o padre...

P. O Pablo?

A. O padre.

P. Ah o padre, também esqueci o nome do padre agora, mas tudo bem.

A. Eu vi que ele tinha um jeito simples sabe, um jeito simples de ser, um jeito simples de conversar com os fieis assim, as pessoas, sabe assim que tavam em volta dele assim, eu achei que ele não fosse um padre cinico assim, como os padres de hoje.

P. Ah é? Você achou ele bem descomplicado?

A. Sim.

P. É o padre Cabral né?

A. É!!

P. Você pode me falar mais dele, dessa coisa da simplicidade, como é que você entendeu essa simplicidade?

A. Eu achei que ele era um pessoa simples assim, comparando aos padres de hoje, ele ia na casas das pessoas sabe assim, ele por exemplo, eu não sei se era daquela época assim, eu falo daquela época, mas ele tinha um jeito simples de ser, não era como os padres de hoje, que por exemplo, os padres de hoje já tem, já são mais sofisticados, já não vao mais na casa das pessoas sabe, as pessoas tem que ir ate ele na igreja, por exemplo, a maioria das vezes, ter que se confessar, ele tinha uma maneira diferente sabe, de ir na casa das pessoas, da missa, conversava com as pessoas, nem que não fosse, por exemplo, pra ver uma pessoa doente,

enfermo por exemplo, mas ele ia pra conversar sabe assim, pra ver como era a convivência dessas pessoas assim...

P. Até a própria amizade, o bom relacionamento.

A. Aham, o bom relacionamento ver como era a vida das pessoas fora da igreja, sabe assim?

P. Sei... Interessante, algum outro, algum jeito?

A. Só.

P. E com qual desses personagens, você quer que eu diga alguns deles pra você lembrar ou tudo bem?

A. Tudo bem.

P. Assim que você se identificou, que tem muito a ver com você?

A. Personagem que mais me identifiquei assim, acho que o personagem que mais me identifiquei no livro foi a Capitu, por causa que ela não gostava dos ciúmes que o Bento tinha por ela, eu não gosto de ciúmes também sabe assim, eu odeio que as pessoas tem ciúmes assim das coisas sabe, mas os ciúmes levam você a ter pensamentos sabe assim maliciosos sabe, então acho que foi a pessoa que eu mais me identifiquei foi com ela.

P. Voce acha que o ciúme é uma coisa muito negativa?

A. Aham, uma coisa negativa sabe assim, pode tar negativando, incentivando uma pessoa a fazer uma coisa que nem passou pela cabeça dela fazer.

P. Pelo desfecho desse livro ou por outras situações que você já percebeu?

A. Por outras situações também, pelo desfecho do livro assim.

P. E alguma outra coisa alem dessa aversão ao ciúme, o que mais assim você achou que a Capitu tem um jeito que eu gosto, me identifico com ela?

A. Porque assim...

P. Ela tinha muitos valores né?

A. Ela tinha muitos valores assim né, mas uma coisa que eu gostei nela assim, é que ela fez tudo que ela pode pelo amor dela sabe, ela fez tudo que ela pode assim, até os limites dela assim sabe, até quando ela pensou, ela não queria ir pro convento, se ela fosse rica mandaria ele pra Europa assim, ela faz tudo que ela pode assim, até os limites dela, ela faz tudo pelo amor assim.

P. Ela se empenha, e ai você também acredita na inocencia dela? Ou você ficou desconfiado?

A. Eu tive que refletir depois que eu terminei o livro, primeiro assim no começo, pelas partes finais do livro, pensei que ela tinha traído ele sabe, mas depois vendo, pensando assim, acho que não traiu ele.

P. Voce acha que foi coisa da cabeça....

A. Sim acho que foi coisa da cabeça, ele criou tudo na cabeça dele pelo ciúmes que ele tinha.

P. Voce acha que ele tava bem doente?

A. Sim, a imaginação dele assim, ele era tao focado nos ciúmes assim sabe, que ele viu uma coisa que completamente não existia.

P. Ai ela pra você é inocente?

A. Aham.

P. No relacionamento dos personagens entre si, aquele, todo esse elenco, essa historia, como é que você percebeu eles se relacionando e eles resolvendo os seus problemas?

A. Eu acho assim que, é os personagens, alguns eles foram assim, sempre esteve presentes um com o outro, da pra você perceber assim que eles foram um família sempre unida, personagens unidos um com o outro, apesar de algumas brigas assim, eles sempre foram unidos, não era uma coisa assim, eles ficavam intrigados o livro inteiro, eles sempre foram presentes um com o outro, assim nos relacionamentos.

P. Havia uma convivência....

A. Aham, havia uma convivência agradável assim.

P. E ao mesmo tempo uma convivência, tinha um comprometimento pelo outro, porque tentavam resolver as suas pendengas, os seus problemas.

A. Aham, não era como hoje, brigava e ficavam sem conversar, eles tentavam resolver aquilo numa boa, não continuar aquilo.

P. A Dona Gloria pedia orientação das pessoas, quer dizer tentavam se ajudar, e assim mais pontualmente, como é que você percebeu algum dos personagens, pode escolher, como ele resolveu determinado problema, como você achou lá interessante isso?

A. Determinado problema assim que foi, a parte do convento sabe assim, foi a mãe dele, a dona Gloria, mãe do Bento, que ela pensou assim, que se ele desfizesse a promessa assim, não seria ela a culpada, seria ele o culpado, porque ele que desfez a promessa, ela prometeu que ele iria ao convento, foi pro convento, só que depois ele queria sair, então se ele casasse com a Capitu, ela teve a intenção de mandar, mas ele não quis entendeu, que ela fala no livro, então assim...

P. A dívida era dele.

A. A dívida era dele e não dela, ela fez o que ela pode, ela cumpriu, mas ele não quis seguir.

P. Então você acha que ela tentou de qualquer forma, resolver...

A. Ela meio que resolveu jogando o problema pra ele assim, sabe, mas ela resolveu.

P. Acalma a consciência dela né.

A. Fica sem culpa depois.

P. Algum outro personagem assim que você admirou na solução dos problemas, do jeito de resolver as coisas?

A. Ah eu esqueci o nome dele agora, como é o nome dele, aquele cara que era amigo da família que estava...

P. Tinha o Cosme...

A. O Cosme era tio não era? O José, deixa ver o nome dele.

P. Padua, Padua que era o vizinho, pai da Capitu né?

A. Não, ele morava na casa.

P. Ah era o tio Cosme, não era o José Dias.

A. Isso, era o José Dias, quando o Bento contou pra ele que não queria ser padre, eu pensei que ele teria um reação assim, iria falar muita coisa, mas pelo menos, depois ele tentou, tentou resolver, assim, ele falou que ia conversar com a mãe dele assim sabe, então foi uma coisa que eu fiquei assim nossa eu pensei que ele ia falar um monte, falar assim que não, que ele teria que ser padre, exigir as coisas dele, mas não, ele não exigiu as coisas dele sabe assim.

P. Ah sei, certo, desapegado né das coisas materiais, ele valorizava as pessoas, e a família...

A. Aham, tudo o que a família fez por ele, ele foi um amigo presente assim.

P. Sempre solidário... É, quem desses personagens você acha que é o foco de tudo o que acontece nessa história, que teria assim o ponto chave?

A. Eu acho que é o personagem mais focado no livro inteiro foi a Capitu né, ele fala dela desde a primeira página até o final sabe assim, então foi o personagem que ele mais focou, que mais descreveu, mais falou dela, da personalidade dela, então a chave do livro por exemplo, sabe, que foi o que ele mais focou no livro inteiro, foi ela.

P. Se tirasse ela, nada aconteceria...

A. Nada aconteceria, se tirasse ela seria uma história vazia assim.

P. Ela é digamos assim, o ponto do conflito da história toda.

A. Mesmo após a morte dela, ele cita ela no livro, até o final do livro, até a última página.

P. Como se ela tivesse presente o tempo todo. No lugar da Capitu que você focou, você, como você agiria, se você estivesse no lugar dela?

A. Se tivesse no lugar dela por exemplo, eu tentaria resolver a solução, não assim separar de uma vez, tentaria provar pra ele que não teria traído ele, que o filho realmente era dele, mesmo que ela tivesse traído ele, eu acho que contaria a verdade pra ele e não teria separado,

mas não teria separado, teria resolvido a coisa conjunta, não uma coisa como era na raiva, como eles fizeram, vamos separar e pronto, levaram isso a seria sabe, pra sempre assim, conversaria com mais calma assim sabe, esclareceria as coisas.

P. Voce acha que ela saiu de cena sem necessidade?

A. Sim, por exemplo quando a gente ta com raiva da pessoa a gente diz as coisas por impulso, nem sempre a gente quer falar as coisas assim, então eu tentaria falar, conversar na hora que as coisas tivessem mais calmas, sabe assim, esclarecer as coisas.

P. Voce é tipo de colocar as cartas na mesa, resolver e ir mais fundo?

A. Pra não deixar em duvida sabe assim.

P. Voce acha que então o fato de ela ter cedido, isso deu margem pra que ela fosse incriminada ou passasse a ideia de que ela tivesse culpa?

A. Eu acho assim, foi mais ou menos isso, pareceu que ela quis se livrar dele de uma vez, logo assim, pra tirar a culpa, mas assim ela deve ter sentido ofendida, que ela fosse assim uma pessoa que traisse, meio que ela sentiu ofendida, e sentiu a dor, foi uma coisa de impulso mesmo, eles não quiseram conversar depois, vamos se separar e pronto sabe.

P. Eu sei que o espaço aqui, o lugar onde aconteceu a historia, não é assim tão descrito ou levado em conta pelo narrador ou pelo autor, mas algum espaço que você achou importante dessa historia que ajudou falar pela historia, que deu sentido pra historia?

A. Espaço assim de vaidade você fala?

P. Algum lugar lá.

A. Um lugar assim que me chamou a atenção foi o espaço da casa dele, quando ele era criança, tinha até uma repartição da família da Capitu assim no quintal, quando eles eram crianças brincavam assim muito um na casa do outro assim, sabe assim essa localidade, acho que esse espaço foi o que mais chamou atenção, porque foi o que mais marcou a vida deles assim, e desde quando ele era criança teve essa convivência com a Capitu.

P. Esse espaço faz sentido, pra cria historia, criar o ambiente.

A. Aham, foi um espaço chave, a função de criar outros lugares no livro assim.

P. Algum outro que te chamou atenção?

A. Acho que foi esse que mais me chamou atenção.

P. Bem, você já ficou impressionado desde o inicio com a coisa do tempo, o tempo, a gente pode considerar aqui quanto tempo durou isso, queria me referir primeiramente ao termo a época, queria que você falasse um pouco mais sobre esse tempo que se refere, do jeito deles viverem, aquela época.

A. Aquela época era bem diferente de hoje, diferente de tudo, do jeito de se vestir, do jeito de falar, na linguagem enfim, por exemplo assim também a igreja católica, parecia que a igreja católica tinha mais poder assim sobre as pessoas, então era um tempo que acho que as pessoas, elas não tinham muita liberdade pra serem quem elas querem ser, aquilo que realmente fariam elas felizes assim, seguiam as ordens da igreja, seguiam as ordens da família, então as pessoa sempre viviam fechadas assim mesmo, elas poderiam se abrir, não importa pra quem sabe, tanto que elas pudessem, sempre la no fundo elas seriam fechadas, elas não poderiam ter total liberdade de fazer o que elas querem.

P. Entao esse valor da igreja, da religião era muito forte?

A. Era, esse valor da igreja, era um valor que praticamente todas as famílias tinham, como um, ai depois com o passar do tempo, esse valor ainda continuou nas famílias, mas esse valor foi ficando mais fraco, porque as pessoas assim, eu acho que elas tem que ser feliz assim, não importa o que elas façam, tem que ser feliz, elas não podem por exemplo, fingir ser uma pessoas que elas não são pra fazer a sociedade feliz, e naquele tempo era praticamente assim, elas faziam uma coisa que elas não queriam, mas que iria fazer a família feliz, ia fazer por exemplo o padre da igreja feliz, os vizinhos felizes, sabe assim.

P. Voce acha que daquela época pra ca, nesse aspecto, hoje nós somos mais coerentes?

A. A sociedade depois de um certo tempo, a sociedade vai se adaptando as fases, e hoje por exemplo, a sociedade já ta bem adaptada as coisas assim que a gente ve na rua, ve na televisão, a gente já se adaptou a ver la fora, a sociedade ta mais aceitando as coisas agora.

P. Voce acha que a religião era assim meio uma imposição?

A. Assim, não uma imposição, tem que rever os fatos da imposição, tem coisas que eu acredito que seja verdade, mas tem coisas que eu acho assim meio absurdas, deixa eu te dar um exemplo, não sei se você já leu a biblia por exemplo, na biblia fala coisas que as pessoas nem sigam mais assim, por exemplo assim, uma mulher em fase de menstruação tinha que ficar numa sala sozinha e quem tocar nela vai ficar impuro por exemplo, pode ser que muito tempo atras, mas muito tempo atras, uma parte que não é do livro, isso era seguido, mas agora isso não é seguido entendeu, mas as pessoas, a gente não sabe quando uma pessoa ta ou não tá, uma mulher assim, e ninguém mais discutia sabe assim, acho que isso não é verdade sabe assim, eu acho que uma mulher não vai ficar impura por causa disso, se alguém tocar nela por exemplo.

P. Certo, a mentalidade mudou?

A. Aham, a mentalidade mudou muito, as pessoas cresceram assim.

P. E com relação aos assuntos que discutiam, os assuntos são os mesmos né, fala de religião, fala de politica, fala de família, é como é que você percebe essa diferença, da época e hoje?

A. Eu acho que naquela época uma família assim, as pessoas falavam mais assim, elas se expunham mais assim pra família, e hoje assim é uma coisa muito mais fechada por exemplo em casa, em casa eu quase não converso com o meu pai e a minha mãe assim, fico mais no meu quarto por exemplo, meu irmão fica mais no quarto dele brincando, minha mãe fica assistindo uma televisão na sala com meu pai, então assim, antigamente as pessoas conversavam mais, as famílias tinham mais relacionamento do que tem hoje sabe, hoje as pessoas são mais fechadas, assim as famílias.

P. Então interessante, você já falou hoje foi que houve uma abertura por um lado, mas um certo individualismo talvez, um individualismo que hoje é mais acentuado do que naquela época, as pessoas conviviam mais, embora fossem mais fechadas no sentido de espremer as suas ideias, mas eram mais abertas no sentido do convívio, hoje, mais abertas no sentido de entender, perceber as coisas, mas individualizados.

A. Aham, tenho varias pessoas amigas que tem uma relação com o pai e com a mãe assim aberta, sabe assim, conta tudo o que se passa na vida ou o que quer ser por exemplo, mas é uma grande minoria assim sabe, a maioria das famílias são meio que fechadas mesmo, o necessário de contar e só mesmo, guardar segredos e contar só pros amigos sabe assim, naquela época era mais família e não amigos.

P. Mais família, mais padre, confessavam, chamavam o padre pra resolver...

A. Aham...

P. Algum outro aspecto alem da coisa da família, alem da religião, que você percebeu assim diferente daquela época pra ca?

A. Eu acho que uma coisa que é bem diferente daquela época é o relacionamento do homem com a mulher, acho que naquela época era bem diferente sabe assim, da pra perceber assim que a mulher não tinha muita palavra, ela não falava, o homem tinha muito mais palavras do que ela numa relação, por exemplo, se ele falasse uma coisa e ela falasse outra coisa também, meio que a palavra dele seria maior que a dela assim sabe, e hoje é bem diferente assim sabe assim, a mulher tem todo tipo de palavra que ela quer falar, ela fala o que ela quiser falar e ela faz o que ela quiser fazer, entendeu assim, não é só uma imposição, o homem dela falou uma coisa e ela tem que fazer aquilo, então meio que ela segue o que ela quer, seguir a cabeça dela, naquele tempo não, a mulher seguia a cabeça dos homens por exemplo.

P. Era submissa (bem deixa eu andar que já deu 30 minutos), quais assuntos que você percebeu dessa historia que eram discutíveis, a gente comentou diversos, quais assuntos que você percebeu?

A. Um dos assuntos era sobre adultério, sobre a religião, outro assunto que me envolveu bastante foi a morte, porque nossa tanta gente morreu no livro assim, acho que foi esses três assuntos assim, ah e o amor também que eles tinham, confiança também...

P. Esses temas foram discutidos também, você quer comentar algum deles?

A. Não, mas se você quiser eu posso comentar.

P. É isso, escolha um que chamou assim a tua atenção.

A. O que mais chamou a atenção no livro assim foi o ciúmes claro, ele era uma pessoa muito ciumenta, tinha uns ciúmes abusivo digamos assim, por exemplo, a mulher dele não ta fazendo nada assim e ele via com olhares maliciosos, as pessoas vendo alguma coisa assim, as vezes as pessoas nem tavam vendo, mexiam a cabeça assim, ele pensava, nossa ta olhando pra minha mulher sabe, ele tinha uns ciúmes muito abusivo no livro, que foi que mais chamou a atenção.

P. Um ciúme doentio, tá, que você pensa do narrador, como é que ele conta essa historia, é, como é que ele se coloca?

A. Ele narra a historia assim, da pra perceber que ele narra mais os fatos principais né, da historia assim, ele meio que deixa você meio confusa, sem perceber, mas meio que ele puxa assim, porque é em primeira pessoa o livro assim a narração, meio que ele puxa assim pra digamos, a inocencia dele, ele se passa meio que inocente na historia assim, mais ou menos isso, mas pelo que ele conta, você pode perceber assim porque não é tanto assim sabe, então assim ele conta só a historia dele assim, a parte dele sabe assim, que é essa parte a que te deixa mais em duvida no livro inteiro, então que ele puxa pela parte da inocencia dele assim no livro.

P. Ele fica se defendendo, e como é que você acha que ele ve o leitor, o narrador como é que ele trata o leitor? O que ele pensa do leitor?

A. Humm deixa eu pensar...

P. Da forma como ele narra, parece que ele vai meio manipulando, o que você acha que ele pensa do leitor?

A. Eu acho que ele assim, quando ta falando, como você falou, na manipulação dele, acho que ele pensa que o leitor é uma pessoa fácil de enganar, a pessoa que ta lendo saber, então ele tem diversas maneiras de te deixar confuso no livro, tenta te manipular, dai ele da uma resposta pra ele, que se você voltar atras, aquilo não era o que vc ta pensando, e ele fica voltando muito no passado, uma coisa que deixa confuso, ele ta contando uma historia por exemplo e de repente, ah uma coisa do passado assim e volta, então se você não prestar atenção, você não entender nada do livro assim, algumas partes assim, então ele meio que te manipula no livro do começo ao fim, por exemplo, ele vai te manipular no livro, e depois vai te deixar com uma duvida enorme sabe assim, então eu acho que ele pensa que o leitor é uma pessoa muito fácil de enganar e ao mesmo tempo não é.

P. Bom, eu queria saber ainda, é, foi difícil ler? Linguagem, palavras?

A. Algumas coisas eu dei uma olhada no dicionário, porque eu não sabia o significado sabe, mas em si assim, não foi difícil a leitura sabe.

P. O que você achou do final do livro?

A. Eu achei que o final do livro assim, eu esperava tudo do final do livro, vai terminar uma historia feliz assim, mas no final do livro ele ficou sozinho, então eu acho que foi, eu senti dó dele ao mesmo tempo, eu senti raiva dele também, foi uma mistura de sentimentos assim no final do livro, raiva, dó, sabe assim, pq a mulher dele morre, os filhos dele morre, todo mundo acaba morrendo no livro assim. Então assim, eu esperava tudo do livro, menos essas mortes expontaneas .

P. Entendi, o que você pensa do autor do livro, esse escritor, você não tem muita informação sobre ele, mas durante a história, o que você pensa do Machado.

A. Ah, eu penso assim que foi uma ideia assim estranha, uma ideia bem diferente do comum assim, da pra perceber que no livro também, acho que ele era um pessoa bem religiosa, uns traços assim de relacionamento família, ele descreve de uma forma assim, uma forma que ele entende do assunto quando ele ta escrevendo essas partes assim, não é uma coisa que ele deu uma pesquisada pra escrever, ele realmente entende o que ele ta escrevendo.

P. Obrigado pela entrevista...

Colégio Estadual *Professor Hugo Simas*

Entrevista individual II

Obra: *Dom Casmurro*

P. Muito bem, seu nome é?

A. Vinicius.

P. Você pode me falar sobre *Dom Casmurro*?

A. Aham.

P. Assim em linhas gerais, quais foram as suas impressões sobre a leitura, de forma geral assim, da história, do livro, o que você sentiu, percebeu?

A. No começo a leitura é bem complicada, mas ai é legal, como começo é legal, a história vai ficando legal, tem aquela história do lance entre eles, acho que vai ter alguma coisa boa, e de repente do nada vira, porque ele descobre que tem aquele ciúme, e tipo você fica bem, é leva um choque, porque de repente acontece aquilo, então essa parte eu não gostei dessa parte, porque aconteceu isso, por mim poderia ser outra coisa, por exemplo mais felizes, porque assim, foi muito triste o final, eu não gostei do final.

P. Você não curtiu o final?

A. Por mim eu mudava,

P. Alguma outra impressão assim, além do enredo, além da história, uma outra impressão, seja de personagem, seja do tempo ou alguma coisa que te chamou atenção, assim de forma geral?

A. O ciúme dele, o ciúme foi muito assim, e apareceu de repente, porque acho que mudou muito nele foi isso ai, porque mudou muito assim, o ciúme dele aparece assim.

P. De uma hora pra outra...

A. Aham, como se o autor tivesse inventado aquilo ali só pra da um...

P. Um curso pra história.

A. Aham...

P. Então você ficou mesmo impressionado com, impressionado com o rumo da história, começa de um jeito...

A. Termina de outro de repente, parece que muda tudo...

P. Foi impactante.

A. Impactante.

P. Certo, eu queria saber assim dos personagens, parece que o forte da história são as personagens, é, assim os que mais te impressionaram, os que mais te chamaram atenção, ou uma deles, ai você pode pensar assim.

A. Que chamou atenção?

P. É o que mais te impressionou, mais te chamou atenção.

A. A história, é porque o Bentinho que conta, mas ele pega, ele fala bastante da Helena, só que ele fala da Helena da visão dele, da Capitu é, então ele fala da Capitu da visão dele né, então eu acho assim, tipo, ele não, você não sabe o que ela pensa na verdade, você ve o lado

dele, a historia é mais do lado dele, entendeu, você ve só a visão dele, você tem que ficar imaginando como seria ela, mas você não consegue exatamente entender o que ela quer, porque ele é bem ciumento e fica focando só naquilo praticamente, se você for na ideia dele, você vai imaginar que ela traiu ele, entendeu, ai, é, não sei dizer mais.

P. Voce acha que ela é muito presente mas ela não se manifesta.

A. É, ela não se manifesta , é isso ai mesmo, ela praticamente não revela como ela é, você ve o que ela é pelo Bentinho.

P. Ah sim, então o que mais te impressionou mesmo foi o Bentinho.

A. O Bentinho, porque ele que conta a historia, ele, só ele praticamente.

P. Mesmo que ele fale o tempo...

A. Mesmo que ele fale o tempo inteiro só dela.

P. Voce acha, o que mais chamou a tua atenção.

A. Porque o ciúme dele, a historia praticamente se baseia nele, por um lado, porque ele que monta.

P. É ele o criador, algum outro personagem alem do Bentinho e da Capitu, assim chamaram a tua atenção por, por alguma forma?

A. Teve um amigo, antes do Escobar, qual era o nome dele?

P. Bem...

A. Teve uma historinha com ele legal, do seminário.

P. No seminário ainda?

A. É no seminário, é uma historinha dos dois, se não me engano ele morreu ainda também.

P. É bem, aqui os principais, o José Dias você, não José Dias é antes.

A. É o José Dias é agregado.

P. O José Dias é agregado, é não to lembrado desse, era um colega dele?

A. Era um colega dele do seminário.

P. Antes do Escobar né?

A. Antes do Escobar.

P. Você, esse te chamou atenção?

A. Eu gostei, porque é uma historinha dentro da historia entendeu, ele fala, um aparte, ele começa a falar como ia ser no seminário, eu acho estranho porque também ele fala assim de repente, ele ta falando ali da historia dele, e de repente ele vai pro seminário e ele volta, e de repente ele começa a contar a historia do que aconteceu no seminário, como se ele tivesse no seminário ta ausente na historia, por exemplo passa ali, foi pro seminário e voltou, ai ele começa a contar como foi no seminário.

P. Na verdade são mais lembranças.

A. Aham como se fossem lembranças.

P. Tá, e qual dos personagens você ou a qual deles você mais se afeioou, assim gostou mais no sentido, se ligou mais afetivamente?

A. Eu liguei muito no Bentinho, toda hora ele falava, ele te levava pra aquele, você ia a favor dele, então eu acredito que a Capitu traiu ele.

P. Ele te convenceu.

A. Ele me convenceu.

P. Entao afetivamente você ficou ligado a ele porque, pelo jeito dele apresentar.

A. Pelo jeito dele, pelo ciúme tudo.

P. Tem a ver com você?

A. Aham.

P. Digamos assim, você se identificou com ele? Já que você se afeioou, gostou do jeito dele contar a historia.

A. Acho que aquele ciúmes que ele teve lá, de repente o cara que passou do lado da bandeira lá, acho que foi meio exagerado, então nisso...

P. Nesse aspecto você não tem a ver.

A. Não, eu acho que ele só conseguiu me convencer, eu não me identifico.

P. Você não se identifica com ele, mas você se identifica com algum personagem dessa história? Que você diz, ah eu penso assim também? Ou resolveria as coisas dessa forma também?

A. Acho que eu seria igual ao José Dias também, eu ia tentar ver e ia tentar ajudar o Bentinho, ele tentou ajudar o Bentinho, ele ficou do lado do Bentinho.

P. Mesmo que ele assim respeitasse muito a dona Gloria, mas ele percebeu também o lado do Bentinho e foi sensível, ajudou bastante.

A. Ajudou, ajudou o Bentinho.

P. Que características, que jeito, que qualidades, que virtudes ou valores que você, que marcaram assim algum personagem, assim um jeito, caráter desse personagem, me chamou atenção ou me agrada, enfim que foi forte, uma qualidade, um valor assim que defendia ou que tinha, seja amizade, fidelidade, seja o que for, alguma, algum jeito.

A. Feição, alguma afeição dele...

P. É assim do caráter do sujeito....

A. Eu achei estranho o Escobar, porque o Escobar se achava, ele se achava o forão porque ele nadava e tal.

P. Ele era vaidoso.

A. Eu achei ele bem folgado mesmo, marcou bastante.

P. Marcou, não que você o admirasse, você só, te chamou atenção?

A. Não, só chamou atenção.

P. Ele se achar?

A. Porque ele se achava era, ele e o Bentinho ficava, ele se acha, olha o tamanho do cara.

P. E aí rolou o ciúmes do Bentinho também pelo jeito dele.

A. Pelo jeito dele, cara gigante, forão, nadava, sabia nadar e ele não.

P. Isso fez com que o Bentinho ficasse...

A. É, o Bentinho ficou ali, espremido e tal.

P. Aí começou a levantar suspeita, considerando o ciúme que ele já tinha pela Capitu né? E no relacionamentos dos personagens entre si assim, como é que você viu eles resolvendo as suas pendengas assim, os seus problemas, ou achando soluções para as dificuldades que eles tinham?

A. Eu achei assim, o jeito assim bem superficial, eles não faziam muita coisa não, porque eles tinham um problema, eles passavam, faziam como se não ligassem muito, o caso do nome escrito na parede deles, parece que ele deu uma passada por cima, falou daquilo ali, mas depois esqueceu.

P. Não tinha muita importância.

A. Aham, então um outro problema.

P. Do jeito que eles iam resolvendo as dificuldades deles, como é que você encarou isso?

A. O casal, o Bentinho e a Capitu?

P. Pode ser deles, pode ser do outros também.

A. Humm, não senti diferença, achei normal.

P. Por exemplo, a dificuldade lá, o drama inicial, o Bentinho ser cometido no seminário, aí a dona Gloria ficou com aquela dificuldade de resolver, não queria quebrar o juramento mas ao mesmo tempo, como é que você viu isso daí? Como eles deram curso pra...

A. Eles foram deixando levar parece sabe, não tentaram resolver no momento, porque o José Dias, ele falava que ia ajudar, mas só que ele ia apaziguando, apaziguando, tudo devagar, deixando a maré levar, então acho que eles resolviam os problemas deles assim de um jeito devagar, pra deixar levar.

P. Sem enfrentar, encarar tudo diretamente, meio deixando as coisas acontecer. E entre o Bentinho e a Capitu, o drama deles, como é que você percebeu eles resolvendo essa dificuldade?

A. A Capitu, ela negava mas, parece que ela nem percebia que ele era tão ciumento assim também, ela falava mas só que eu não senti um exagero da parte dela falando não não, parece que ela falava, eu não trai você, não to te traindo, você não acredita em mim, tudo bem, é como se da nada.

P. Ela não tava interessada ou não fez muito esforço.

A. É não fez muito esforço pra convencer ele, se ela realmente tivesse a vontade, ela ia ficar em cima dele, mas porque eles não aparecem muito juntos, parece ele fala mais dela, mas não tem um dialogo entre os dois assim, aquele dialogo amoroso tal, um casal, uma conversa, parece que tipo ele só fica falando dela e como ela foi que aconteceu, como se eles se encontrassem poucas vezes.

P. E o fato dela não se defender, não tentar também resolver a situação, isso ajudou incrimina-la, você achou?

A. Eu acho que sim, porque se ela não tivesse mesmo traído, pra mim ela traiu, então eu acho que ela se defenderia mais, ela teria mais convicção, ela ia tentar convencer ele.

P. E bem, Algum outro personagem assim que você admirou pelo jeito que solucionou um problema que apareceu?

A. A mãe, dona Gloria, ela deixou quieto, porque que ela deixou mesmo, porque ele deu uma desculpa pra ela, ele arranjou uma desculpa que o José Dias, que o Escobar, sobre alguma coisa, se Deus não quer, você lembra, qual foi a desculpa dele pra mãe, pra ela deixar ele ficar?

P. Que eles colocariam ele no lugar dele né, já que era uma dívida deles com Deus, o Escobar ia colocar alguém pra me substituir, e eles arrumaram alguém.

A. É o filho né?

P. O outro menino.

A. É o outro menino, é isso ai mesmo, e a mãe, foi legal, porque ela, ela não quis, ela queria a felicidade do filho, entendeu, mesmo não tendo cumprido a promessa religiosa ela sabia que tinha que cumprir, então ela, já que ela tinha desculpa, ela preferiu aceitar a desculpa e deixar o filho ser feliz, já que ela viu que o filho não queria mesmo ir no seminário, eu senti que ela tava sofrendo mesmo, porque ela, porque o filho, não ir.

P. O que ela queria, apaziguar a sua consciência, você acha que ela foi coerente então? Ou ela amoleceu?

A. Olha, ela afetou a felicidade do filho, ela teve um sentimento, ela amava o filho, ela queria a felicidade do filho, mesmo sabendo que ela tinha que cumprir aquilo, ele amoleceu pelo filho, ela deixava o filho.

P. Mas o mesmo tempo, já que ela queria a felicidade, ela foi coerente digamos assim.

A. É ela foi coerente porque ela queria a felicidade.

P. Se ela se impusesse, o filho seria feliz e ela consequentemente seria feliz.

A. Seria feliz também.

P. Quem seria o personagem dessa historia, que sem ele não aconteceria tudo que aconteceu, quer dizer é o ponto chave da situação ?

A. O Bentinho ele que fala, ele que narra a historia, só que o José Dias, ele ajuda bastante, mas você fala o que aconteceu, a traição?

P. É a trama toda, essa trama toda, se você tirasse o personagem que amarra toda essa historia, qual dos personagens seria o pivô?

A. Olha o Escobar, não mais o Escobar ele teria de qualquer jeito.

P. Os personagens que são periféricos, mas sem eles nada disso teria acontecido.

A. O Bentinho não faz parte disso, tipo ele é personagem, então é ele, porque ele, o ciúme é dele, ele é que monta a história do negócio.

P. Certo, se ele não contasse a história, se ele não narrasse.

A. O ciúme é dele.

P. E em relação a Capitu que é a outra parte, quer dizer que é a outra personagem principal, o que que você diz dela nessa trama toda, que importância dela nisso, o Bentinho você acha que é o principal.

A. Porque ela que declarou o amor por ele, entendeu, ela que fez ser amada por ele, então, ela que despertou o amor dele, então se fosse outra, poderia não despertar, então ela é importante por ter despertado o amor e ter falado que ela ama ele e no comecinho da história feito aquele romance entre os dois, então os dois são importantes.

P. Você acha que esses dois são os...

A. É. Eles são os principais.

P. Principais o ponto chave, sem um nem outro, os outros poderiam ser outros personagens, mas esses aqui são os...

A. José Dias ajudou também, ele que ajudou...

P. Articular também.

A. Articular aham, o Escobar também com aquela ideia, ele que salvou o Bentinho, ele que deu a ideia do outro filho lá, acho que tudo tá meio interligado.

P. Mas os que conduzem a trama...

A. É o Bentinho e a Capitu. Principalmente o Bentinho.

P. Principalmente o Bentinho, sem ele nada ia acontecer. Como é que você agiria no lugar do Bentinho, já que você achou ele o principal da história?

A. Olha, eu, não teria tanto ciúmes assim, mas eu diria que eu amaria ela, mas, acho que aquele ciúme foi muito, muito exagerado, só porque ela olhou pro carinho do cavalo lá, foi muito exagerado, mas depois, se meu filho fosse igual ao Escobar, eu acho que aí eu ficaria doído também.

P. Você acha que essa semelhança pegou também?

A. Nossa pegou muito também, é muito igual, então assim sabe, fique assim, nisso que me convenceu, porque se o filho é igual.

P. Esse foi um trunfo.

A. Foi um trunfo, ser igual não tem como negar.

P. Qualquer um ficaria...

A. Qualquer um ficaria, seu filho assim é igual ao cara ali, mas eu não senti uma amizade tão clara assim entre a Capitu e o Escobar, ao ponto deles terem um romance, então tipo, se não fosse o filho ser igual, eu não acreditaria.

P. Em que momento apareceu essa aproximação ou melhor essa, que deu margem pra desconfiança entre a Capitu e o Escobar?

A. Então, não tem essa desconfiança parece, você olha assim, eles não tem muita ligação.

P. Não teve nenhum momento da história que o Bentinho ficou prestando atenção na Capitu em relação ao Escobar e apareceram suspeitas?

A. Quando o Escobar morreu, ela ficou, teve aquela lágrima lá, mas eu achei assim...

P. Que não foi suficiente.

A. Que não foi suficiente.

P. Não foi convincente.

A. Pensando por um lado é até meio convincente sim.

P. Se começar juntar as coisas...

A. Mas não, não, não consigo acreditar, a única coisa que consegue me convencer que os dois tinham um romance é o filho, só isso.

P. Foi a semelhança do Ezequiel com o Escobar.

- A. O romance entre eles ali parece que não foi suficiente, se bem que eles tem uma ligaçãozinha, ficam sozinhos um tempo lá então, o Escobar e a Capitu.
- P. O Bentinho chega em casa e encontra os dois lá, mas foi uma única vez.
- A. Mesmo, acho que, acho que foi normal.
- P. Bem, os personagens são uma coisa marcante nessa historia, mas eu queria saber do espaço, de algum lugar nessa historia que te chamou a atenção e ao mesmo tempo você acha significativo nessa historia, que completa a historia, um espaço que ajuda a falar a historia.
- A. A casa deles, que quando, lembra no comecinho do livro, tem uma casa, eles são vizinhos né, tem aquela entradinha que ele consegue ir pra casa dela, quando ele encontra escrito na parede lá, essa parte eu acho importante, era a casa do mata cavalos, e ele constrói uma idêntica.
- P. É significativo porque assim?
- A. Porque é ali que começa, é bem ali que começa, você ve que ali que eles vão ter um romance, é ali tem a promessa do casamento, de eles se casarem.
- P. Um espaço onde a historia começa...
- A. É ali que eles encontram a semente que cresce depois.
- P. E pra ele parece que era importante também, tanto é que ele faz uma outra.
- A. É ele faz uma outra igual.
- P. O que você sentiu, o que você viu nisso?
- A. Ele queria lembrar, porque ele fala que ele não conseguia lembrar, ele, por isso que ele tava contando a historia não é, que ele tava contando que ele não conseguia lembrar do momento, aquilo que ele viveu não ia conseguir mais lembrar, que ele tentou, ele fez o negocio pra reviver aquele momento.
- P. E porque você acha que aquilo era tão importante pra ele?
- A. Porque, o louco, aquilo ali foi, imagina, você, é um sentimento muito forte ali, que vai te marcar, escreveu teu nome ali junto, então aquilo ali é bem marcante.
- P. E a saudade.
- A. A saudade lógico, daquela Capitu, depois parece que ela começou a mudar, você não ve tanto romance entre os dois.
- P. Porque amargou, amargou a historia e ele queria voltar.
- A. Ele começou sentir ciúme, então...
- P. Voce acha que ele conseguiu, como ele fala, reatar as duas fitas, não conseguiu mais voltar?
- A. Não não, nunca mais.
- P. O espaço não ajudou muito.
- A. Aquilo lá, o que ele viveu antes, não tinha como reverter.
- P. Quanto ao tempo, você sabe que isso aconteceu lá no seculo 19, 1800 e pouco né, me fale um pouco dessa época, do jeito, daquela época, dos assuntos, os assuntos são os mesmos, mas do jeito que eles resolviam, do que jeito que eles encaravam as coisas da vida?
- A. Em primeiro, a religião era marcante, tanto é que a promessa dela lá, da dona Gloria, difícil de resolver, e mas ele também faz um monte de promessa não é, ele nessa historia faz um monte de promessa e não cumpre.
- P. Ele fica barganhando com Deus.
- A. É, ele fica barganhando com Deus, tipo tem bastante religião, tinha a igreja bastante, bem forte, e parte do cavalo, a parte do carinha que passa com o cavalo atras, passa na rua lá, na frente da casa que a Capitu olha e ele fica com ciúme, porque é romântico naquela época um cara de cavalo lá, fazer declarações.
- P. Um cavalo impressionava, hoje é como se pegasse um carro e desse um role por

ai.

A. É, aqui agora é um carro, naquela época era um cavalo, é isso ai, é acho que só isso.

P. Uma coisa assim que você, chamou a atenção, que mostra como é diferente de hoje.

A. A família reunida, reunião da família.

P. Voce acha que é diferente de hoje?

A. Aham, que tinha reunião de família, bastante gente, é diferente de hoje.

P. É diferente em que sentido?

A. Hoje é mais separado a família, hoje não tem muita união que nem antes.

P. Voce acha que hoje é mais individualista?

A. Bem mais.

P. Que assuntos você percebeu atras dessa historia assim que você percebeu que o escritor tentou discutir ai, que temas assim que apareceram?

A. Que tentou discutir assim?

P. É, que temas e assuntos que ele discutiui por meio dessa historia, que apareceu, você já falou de religião, religião é um tema, é um assunto que aparece bem forte aqui

A. Não consigo lembrar de nenhum, eu olhei na hora lá, não devo ter percebido e continuado.

P. É, pela historia ele discuti assim temas né, mas não te vem nenhum agora. Só pra terminar assim rapidamente, o que você acha do narrador?

A. O Bentinho?

P. É no caso é o Bentinho, como é que ele, como é que você ve, como é que ele se coloca, como é que ele conta essa historia, pra quem que ele conta?

A. Ele conta tentando acreditar que foi ela que traiu ele e ele mesmo se, eu acho que ele mesmo não acredita muito, mas ele coloca coisas pra acreditar, pra ele mesmo acreditar, porque, acho também que ele não tinha muita certeza, então ele começa ate inventar as coisas, exageradamente, mas ele conta só do jeito dele, ele não pega a visão de outro também, praticamente dele dele dele, o pensamento dele, então é o lado dele.

P. E o que você acha que ele pensa do leitor, como é que ele encara o leitor, o que você acha que ele achava do leitor?

A. Ele fala do leitor, verdade.

P. Conduzindo a historia pra lá e pra ca, parece que meio manipulando, como é que ele...

A. Ele tenta convencer o leitor de que a Capitu traiu, e eu acho que desse jeito ele também tenta se convencer que ela traiu ele, mas é ele, ele convence, ele convence, tanto é que ele convenceu que ela traiu, ele vai mandando as coisas devagar e até embolado, que troca as coisas, mas convence, ele vai tentando convencer o leitor, só isso.

P. Mas você acha que ele entende que é fácil de convencer o leitor ou é difícil?

A. É difícil porque ele não tem tanta prova, ele mesmo as vezes se confunde, então ele tenta convencer, só que, deu certo comigo.

P. Deu certo com você, é, achou difícil de ler, a linguagem difícil, palavras ou mesmo contexto assim.

A. Voce vai pegando algumas palavras que você não entende e vai, tem algumas coisas, por exemplo, canapé, nunca que eu ia imaginar que era um sofá, eu achava que era um docinho, um pãozinho, as vezes tem umas palavras que você tem que procurar no dicionário, o resto você vai pegando pelo contexto.

- P. Canapé você teve que ir pro dicionário.
 A. Canapé eu tive que ir no dicionário.
 P. Você disse que mudaria o final da história.
 A. Eu mudaria, porque, eu tiraria a parte do, desse ciúme dele, eu tiraria o ciúme dele, esse feito romantismos aí eu não gostei nem um pouco de isso aí.
 P. Exagerado?
 A. É muito exagerado.
 P. Trágico?
 A. Bem trágico o final, deixaria uma coisa mais alegre aí, ele casado com ela...
 P. Ah é, você iria reatar?
 A. Reatar lógico.
 P. E bem, você não deve ter muito conhecimento sobre o autor né, Machado de Assis, mas depois dessa história, o que você pensa dele?
 A. Depois dessa história? Machado é, ele conhece bastante palavra, tem um monte de palavra, tem um vocabulário gigante, e ele se importa com o leitor, ele vai conversando com o leitor.
 P. Vai dialogando?
 A. Aham, tanto é que eu vou pegar uma parte do *Memórias Postumas*, uma parte inteira ele vai conversando com o leitor, então é, eu acho que ele se importa bastante com o leitor, então ele tenta passar uma história que entreta o leitor, entendeu, ele conversa com o leitor.
 P. Tá bom então, obrigadíssimo por você ter me ajudado.

Colégio Estadual *Professor Hugo Simas*

Entrevista individual III

Obra: *Memórias Póstumas de Brás Cubas*

- P. Muito bem, só para eu registrar então. Você leu é... Desculpe seu nome é?
 A. Vinícius.
 P. Vinícius, isso. Você leu *Memórias Póstumas de Brás Cubas* né?
 A. Uhummm.
 P. Aí, então me fale também das suas impressões dessa obra que você, dessa leitura em linhas gerais?
 A. É uma leitura boa, porque ele te, ele consegue te entreter durante a leitura porque, ele, vai conversando com você, o... o Brás Cubas e ele... ele vai contando a história da vida dele de trás pra frente, e isso... isso é legal, porque é diferente né? Então é, pelo que eu vi, assim, é uma história... é bem legal a história dele, ele vai falando da vida dele ao contrário... É isso aí.
 P. E você achou legal o que assim o fato dele contar de trás pra frente ou o fato dele voltar como autor defunto.
 A. É isso aí, porque ele já morreu né, então ele... ele fala da vida dele.
 P. Aham.
 A. Aí ele vai falando, porque, como, o que que aconteceu e as vezes ele até dá uma correção, porque eu fiz isso, sei lá o que.
 P. Aham.
 A. Como se ele tivesse arrependido de ter feito aquilo.
 P. Ah sim... Fale um pouquinho como você viu ele se colocando, você achou que ele se arrependeu?
 A. Aham, é... Então, ele tinha... ele tinha certo arrependimento de ter feito tal... tal coisa.

P. Aham.

A. E sei lá o que, parece que tipo... tipo ele queria mudar o que ele já tinha feito.

P. Certo.

A. Ele tinha uma opinião diferente, que ele já tava em outra idade.

P. Tá, e como é que você sentiu ele contando essa historia, é... é... considerando que ele já não viveu, não vive mais, você acha que se ele estivesse vivo, ele contaria de outro jeito?

A. Hummm.

P. É.

A. Depende da idade dele, porque conforme ele vai ganhando experiencia ele vai mudando a opinião.

P. Sim!

A. Então eu acho que, é... é diferente sim.

P. Você acha que ele teve mais liberdade?

A. Aham, porque agora ele... ele começou a falar tudo, ele não teve vergonha de falar, ele mesmo fala que é diferente agora.

P. Sim!

A. O mundo dos mortos e tal, ai ele... ele não tem mais é... as mesmas vergonhas sei lá o que, de... daquilo no mundo real.

P. Sim

A. Entao ele... ele já conta a história de um modo diferente.

P. Sem pressão...

A. Sim... sem pressão, ele se abre mais.

P. Aham! Você acha que isso favorece?

A. Uhummm...

P. Contar uma história...

A. Porque ai a historia é mais é... é mais realista, ele não... ele não omite fatos, ele não tem, ele não tem medo de, de falar do amor.

P. Porque se tivesse vivo teria medo do que?

A. De alguma repressão, de ele se... de alguém falar mal dele.

P. Sim... sim. É isso que você acha na sua opinião?

A. Aham!

P. É que torna também a história também interessante...

A. Aham!

P. Que fica... espontâneo...

A. Fica aberto...

P. Fica aberto, desvela...

A. Aham!

P. Aham. Alguma outra coisa que você queria comentar assim... É que você achou interessante da leitura? Assim em linhas gerais?

A. Humm...

P. Antes que a gente entre em espectros mais específicos?

A. Não!

P. Não.

A. Se tiver eu não lembro.

P. Aham.. tá. É... bem, então. Que personagens te chamam atenção nessa história? Você precisa que eu lembre... Nomes? Figuras?

A. Não eu acho... os nomes eu preciso... é...

P. Brás o principal, Virgília...

A. Virgília era a mulher dele...

P. É amante né?

- A. É amante é...
- P. A dona Plácida, a Eugenia, dona Plácida, lembra?
- A. Dona Plácida...
- P. Que cuidava da casa...
- A. Era... era a que cuidava da casa, era que meio escrava...
- P. É... a Eugenia a coxa!
- A. A coxa, era ela que era a... era ela que era amante, segunda amante dele mais ou menos, que ele ficou meio interessado...
- P. É... ficou meio interessado, Cotrim cunhado, tio João, o militar né, tio Ildefonso Pardo, Quincas Borba, a Marcela, Lobo Neves, a Sabina, a irmã dele, o Prudêncio né, o negro, pai e a mãe... Bem ai é pra você ter assim...
- A. Qual que é o nome da mulher dele?
- P. Do Brás?
- A. É!
- P. É a Virgília...
- A. É a Virgília...
- P. Que é a... era pra ser a mulher, mas ficou só a amante né!
- A. Ela... ela tinha um caso... ela casou com um outro cara né?
- P. Ela casou com Lobo Neves
- A. Não lembrava desse nome
- P. Então... É, quais foram os que te chamaram mais a atenção
- A. Que mais me chamaram atenção? É... foi... foi a Marcela
- P. A Marcela
- A. Ele... que ele tem um caso com ela, bem... bem assim... depois ele encontra com ela né, e ela ta toda mudada, e ela pega todo o dinheiro dele né, e de repente, lá na relojoaria lá não sei é
- P. O que te chamou a atenção na Marcela assim, que te impressionou
- A. Porque ela... ela mudou né depois... depois da última vez que ele viu ela, ela foi atacada pela doença lá e ela mudou, parece que ela ficou mais, parece que ela ficou mais é ela ficou mais... como diz a palavra
- P. Madura
- A: Amadura é... ela ficou mais legal com ele
- P. Ah sim
- A. Porque, porque antes ela... ela queria pegar todo dinheiro dele
- P. Explorar
- A. Explorar ele, ai depois ela... ela parece que ela da alguma coisa pra ele, não dá.
- P. Ela atende ele, porque ele estraga o relógio né
- A. Aham... Ela atende de graça o relógio né
- P. Isso, isso. Dinheiro já não era o problema, ai ela juntou bastante graças a ele também
- A. Aham
- P. Que gastou uma fortuna
- A. E... deixa eu ver outro personagem.
- P. Mas assim mesmo na Marcela, você achou, você achou que ela ficou mais legal com ele
- A. Aham. Ela começou a pensar. "porque que eu fiz isso?" Então, eu acho que ela se arrependeu de ter, de ter feito aquilo, ela sentiu um arrependimentozinho.
- P. De ter explorado ele
- A. Aham! Porque depois que ela, ela era linda né, depois ela mudou e ficou feia, eu acho que isso também.
- P. Aham, acha que isso mexeu com ela e fez ela perceber outros valores, acha
- A. Aham, isso ai mesmo
- P. Certo. Tá. E algum outro que assim te chamou atenção

A. Sem ser o Brás Cubas.

P. Pode falar do Brás Cubas

A. Pode falar do Brás Cubas

P. É, o que que te impressionou no Brás?

A. Bom ele é que é o narrador né, ele é que é o principal.

P. Aham

A. Então você... você conhece ele né praticamente.

P. Sim sim, aham... Ele fica, escancarado a vida dele né

A. Aham, então né, eu acho que, que no começo ele era, como que ele era no começo?

P. Moleque? Espevitado?

A. Porque bem no comecinho ele começa a falar daquele emplastro lá.

P. Aham

A. Ele começa a falar das ideias, daquela parte ele já tá velho naquela parte aí depois ele volta... aí começa a história.

P. Aí começa a infância dele.

A. Como que foi a infância dele? Como que começa.

P. Ah. O pai dele é muito orgulhoso né, tem um menino que, ele logo vai se revelando o menino esperto, inteligente né, e aí bem uma das coisas em que ele mais aparece, além de ele aprontar no dia a dia, é naquela festa, do que ele descobre lá o, o pai e a mãe da Eugenia atrás da moita e faz aquele escândalo todo.

A. Ah é. É verdade, não é, é verdade, ele pegava e, ele, nossa é verdade, lembrei agora, ele era um moleque sapeca, era isso aí mesmo, ele pegava o Cotrim e judiava do Cotrim, é verdade, é isso aí mesmo, não, ele mudou muito né? Ele mudou muito, ele é... é como se fosse... é uma pessoa normal né, ele era sapeca e não, aí depois legal que ele vê o Cotrim judiando do escravo lá depois.

P. Do escravo, e vê que isso... é ele não

A. Mas não liga muito pra isso parece, não liga muito mas ele fala que talvez seja por causa dele.

P. Fica julgando lá mas

A. Ele vai lá e ajuda ele, ele vira um homem bom, porque ele vai lá e ajuda tal, ele fala pro Cotrim parar.

P. Que imagem que você acha que ele faz dele quando era menino

A. Humm... Ele faz... um moleque sapeca, bem... bem é como se fosse, é bem fora das regras assim que prefere.

P. E como ele se julga

A. Ele se julga

P. Você acha que ele é orgulhoso disso ou ele tem vergonha, ou ele... ou ele acha natural

A. Não ele.

P. Conta normalmente.

A. Não to lembrando não, pera.

P. E depois quando ele cresce, jovem, namora a Marcela, apaixonado por ela, gasta uma fortuna, o pai dele fica doido, primeiro... ajuda ele, dá dinheiro... Como é que você vê ele como jovem

A. Ah, eu acho que ele é um jovem apaixonado, que não quer nem saber das coisas ele só vai seguir... ele ama a Marcela, ele acha que ama a Marcela, então ele, ele começa a investir nela, ele começa a pagar pra ela praticamente pra ela ficar com ele.

P. Sim

A. Tanto é que na parte lá que ele resolve ir viajar, ele chama ela, daí ela fala que não vai e ele tem que pagar ela pra ela ir, mas ele, ele acaba não indo.

P. Ele vai mas sem ela né

- A. É, ele vai mas sem ela, mas depois ai, o desencontro.
- P. E... é... ele saindo do Brasil, indo embora pra estudar, como você viu ele, lá em Portugal
- A. Tem alguma passagem que fala em Portugal.
- P. Se você
- A. Eu não consigo lembrar
- P. Se puxar um pouquinho da memória, ele é, fala que não era um aluno dedicado né? Ele mais festava pelo jeito do que estudava
- A. Ah é verdade... que ele não lembrava nada depois, ele, é verdade, ele não lembrava mais das coisas.
- P. Você lembra o curso que ele fez?
- A. Foi de... não
- P. Direito né
- A. Direito? Foi direito
- P. É... direito. E geralmente os alunos, os filhos dos fazendeiros na época iam pra fora fazer direito, direito, medicina ou teologia. Bem mais algum personagem que você assim, que chamasse a atenção
- A. Não. É mais a Marcela.
- P. Não. É me fale também assim do, desses que você mais gostou assim, que mais se afeiçãoou? Que você poderia ser amigo
- A. Que eu poderia ser amigo.
- P. É
- A. Hummm...
- P. Afinal de contas no princípio ele era jovem.
- A. Ele tinha se adaptado né também. O pai dele queria que ele fosse deputado.
- P. É. O pai dele queria que ele fosse.
- A. Humm
- P. Você então se afeiçãoou ao Brás
- A. Olha, eu acho que não tem nenhum personagem que eu possa me afeiçãoar.
- P. Ah é?
- A. Porque todos eles são, tem uma, uma ideia que, que eu não aceito muito.
- P. Certo
- A. O pai, o pai dele é bem rígido quanto... quanto a politica.
- P. A politica, a educação
- A. Aham... A Marcela não presta. (risos)
- P. É bonita mas
- A. Se bem que a Virgília, ela é legal, a Virgília, e ela, ela tenta, ela tenta não acabar com o caso com o...
- P. O Brás? O Lobo Neves!
- A. Não, o Lobo Neves... Ela tenta.
- P. O marido né
- A. O marido da, se torna o marido, então ela, ela ama o Brás, só que ela prefere não, é, entristecer o Lobo...
- P. O Lobo Neves
- A. Ela, ela tenta apaziguar ali o negócio, entendeu? Tentando ficar entre os dois.
- P. E você acha que é, porque que que ela tem esse comportamento, porque ela não larga nem de um, nem de outro
- A. Eu acho porque ela gosta do Lobo Neves e por um pouco de dó dele e porque ela fica com o Brás, porque ela ama o Brás, é que as vezes ela até fala de largar o Lobo, pra ficar com o Brás, mas só que ela não tem coragem.

P. Você acha que ela não confia no Brás pra ter, em termos de estabilidade, de vida econômica, de família?

A. Eu acho, eu acho que ela viveria com ele, só que eu acredito que ela só não queria é prejudicar o Brás, porque se ela revelasse pro Lobo que ela era amante do Brás, aí o negócio ia ficar feio, então eu acho que ela preferia deixar do jeito que tava sem ninguém descobrir nada, vivendo naquela casinha lá.

P. Da Dona Plácida

A. Da Dona Plácida que tava ajudando eles, e eu acho que ela preferia aquilo, as vezes até chora por causa daquilo

P. Ela fica nesse... E tá. Mas você tá falando da Virgília, então você, assim, simpatizou com ela.

A. Aham, simpatizei com ela, só com ela, porque ela tinha essa, ela era boa entendeu, ela, ela não queria decepcionar nenhuma das duas partes.

P. (risos) tentava agradar os dois

A. Aham, ela queria o bem entre os dois.

P. Sim. Apesar de viver uma vida dupla né, mas ela era uma pessoa de bom coração, você acha? É... bem, e assim, dos personagens então, é, que qualidades, valores que você, que chamaram atenção, algum deles.

A. Qualidades.

P.

A. Não precisa ser qualidade.

P. Não não... Características que assim, você admirou, que você, ou mesmo que você abominou, que detestou...

A. A Marcela logicamente.

P. A Marcela

A. Logicamente, nossa, ela é, pra mim ela é a pior da história.

P. Ah é.

A. Aham, porque, porque aquilo que ela fez com ele, com o Brás é imperdoável.

P. Mas o que te deixou indignado, assim de uma forma mais concreta.

A. É a frieza dela, porque depois ela, ele foi lá atrás dela e ela, ela ficou quieta, entendeu, como se ela não reconhecesse ele.

P. Você acha que ela não tinha sentimento nenhum.

A. Naquele momento lá, eu acho que ela, ela deve ter mudado um pouco, mas aquela Marcela lá.

P. Novinha

A. Novinha, ela era horrível, pra mim vixe, a vilã da história

P. Tipo de ser humano que você abomina.

A. Aham, isso mesmo.

P. Assim, porque tanto? Pelo...

A. Porque assim, ela se aproveitou do Brás, e ela não expressava nenhum sentimento, nenhuma, nenhum arrependimento.

P. Era fria

A. Era, ela era fria, ela não ligava.. “ ah eu vou extorquir o moleque lá e não to nem aí”

P. Pelo jeito essa coisa de, é, explorar o outro te pega, você não.

A. Eu não aceito.

P. Você não aceita de jeito nenhum, acha uma injustiça. Tá, é, tá mais ele se deixava levar.

A. É porque ele amava ela, ele gostava dela, então pra ele, ele não ligava, vai dinheiro, vai dinheiro.

P. Sim.

A. Desde que, desde que ela corresponda.

- P. Correspondesse, ele era, ele se sentia feliz mesmo que tivesse que compra-la, ele.
- A. É isso ai, ele só comprava a felicidade dele.
- P. Sim. Nessas alturas ele já era um menino esperto né, desde novo, mas ali ele parece, vira um palhaço, meio bobão né, como é que você entende isso?
- ali a mulher gosta dela.
- P. Fica refém
- A. E fica refém é, é isso ai, não tem, não te jeito de explicar.
- P. Sim, você acha que é normal isso, entre os jovens.
- A. É normal.
- P. Fica meio, assim, meio vítima da natureza.
- A. É isso ai, vítima da natureza, ele se deixa levar.
- P. Você já se sentiu vítima da natureza
- A. (risos) já.
- P. A natureza prepara o jovem, pra procriação, pra perpetuar a espécie, e ai o jovem não tem como
- A. Sem saída, não tem como.
- P. Alias essa é uma das discussões que o Brás faz no início, quando ele cavalga aquele hipopótamo né, lembra disso?
- A. Não.
- P. Aquela viagem que ele faz, ele questiona a, aquela, aquele ser lá.
- A. Eu consigo lembrar bem assim por cima.
- P. Que é a natureza que ele acha, que a natureza tem que ser boa, e ela é muito feia, a natureza não é boa, a natureza é a natureza.
- A. É isso ai, é exatamente
- P. É, e com qual deles você, mesmo não tendo assim se afeiçoado tanto, mas, com qual deles você se identificou mais? Teria mais a sua cara, mais o seu jeito.
- A. Humm, eu sou meio, cada um deles tem um pouco de mim.
- P. Ah é? Pode falar.
- A. Menos a Marcela.
- P. A Marcela não.
- A. A Marcela jamais.
- P. Você não é do tipo que explora.
- A. Não, mas é, se você pensar bem eu sou um pouco da, da, qual que é o nome da, daquela mulher que, que o... nossa confundi Helena.
- P. A Eugenia você quis falar.
- A. É eu ia falar.
- P. A Coxa.
- A. Então, ela é meio que tipo, ela é legal, só que ai de repente ele começa a falar porque ela é coxa e sei lá o que, parece que ele desiste dela, porque ela é coxa, ai fica com dó dela e vaza, mas é... não, eu não me identifico com ela, deixa eu ver com quem que eu me identifico.
- P. Ela era boazinha né
- A. Ela era boazinha, ela era legal, ela seria uma boa mulher pra ele... hummm
- P. O próprio Brás, o que que você tem em comum com ele
- A. Com o Brás? Eu tenho em comum com ele é, a experiencia né, é logico, que ele vai pegando experiencia, conforme vai passando o tempo.
- P. Você vê valor nessa coisa da experiencia?
- A. Logico, e deixa eu ver, a Virgília, a Virgília ela era legal, ela tenta, ela tenta ver o que é melhor pra ela, só que ela descobre tipo, não tem jeito, ela ta sem saída, não tem o que ela fazer pra coisa, então eu faria a mesma coisa que ela, talvez, que ela tentava não prejudicar nenhum dos dois, eu tentaria fazer isso.

- P. Você na sua vida faz isso, você tenta arrumar de modo que todo mundo fique satisfeito
- A. É isso aí, que todo mundo fique satisfeito
- P. Aham... É uma característica de liderança, interessante. Algum outro.
- A. Hummm, fala um nome de um personagem.
- P. Que poderia se... bem tem o Cotrim, o cunhado que é empresário, tem o tio João militar, tem o padre, tem o primo Ildefonso, tem o Lobo Neves, a Sabina, irmã dele
- A. A Sabina irmã dele, é legal porque ela, ela depois, ela tava brigada com ele né, e depois ela, começa.
- P. Por questões de herança
- A. É por questões de herança, ela brigou com ele, teve, mostrou a briga deles, aí depois ela vai atrás dele pra, ele pensa que é porque ela gostava de e sei lá o que, e depois ele vê que ela queria que ele casasse, aí ela, arranjou uma mulher pra ele, não arranjou.
- P. É a própria Eugenia.
- A. Foi a Eugenia.
- P. É.
- A. Então... É... Não sei, acho que a... a Sabina, ela, eu não gostei muito dela não, das atitudes delas.
- P. O que você não gostou.
- A. Porque ela é muito, parece que deu uma, como se ela não ligasse muito pro irmão, ela fosse mais, dinheirista sabe, pensasse mais no...
- P. É interesseira.
- A. É... interesseira, não ligasse muito pra ele, depois ela pega, ela consegue uma, a Eugenia, ela tem alguma intenção nisso, não tem? Não é só pela felicidade do irmão.
- P. Eu entendi sempre assim, porque ele tava ficando sozinho, tava ficando velho e aí quem vai cuidar, pode ser até que ela tava preocupada, “vai sobrar pra mim”
- A. E aquela parte que ele tá em cima, e aí pedem pra ele descer, quando ele encontra... tava numa casinha lá em cima, num lugar, no morro lá com a menina, quem pede pra ele descer? É o pai dele? É o pai dele.
- P. Tipo favela... Não, o pai dele já morreu nessas alturas?
- A. Foi quem... Quem começa ir lá e pedir pra ele descer? Eu acho que é a irmã dele não é? A irmã dele.
- P. Acho que foi a Sabina nesse momento
- A. A irmã e o namorado, o amor da Sabina, quem que era mesmo.
- P. O Cotrim
- A. Era o Cotrim?
- P. O Cotrim era o marido da Sabina né? Pode ser que seja ela, não tou a lembrar desse momento
- A. Ai, eles vão lá pedir pra ele descer... Ele descer pra casar já, lembra que ele não queria descer pra não casar.
- P. Ele quase cedeu né.
- A. É.
- P. Mas você achou que ele tinha preconceito com o problema físico dela?
- A. Eu senti que ele tinha mais dó dela.
- P. Mais pena. Ela era bonita
- A. Mais pena, aham, ela era bonita, ele falou, aí que dó, aí que pena, uma moça tão bonita e coxa.
- P. Bonita e coxa, porque coxa né
- A. Então ele começou, tem um pouquinho de preconceito sim, porque coxa? A mãe dele queria que ele casasse com ela, a mãe dele deu um jeitinho dos dois se encontrarem.
- P. A irmã né? Porque a mãe já morreu cedo, né, quando ele voltou da Europa, ele

A. Não, não a dele, a da menina coxa.

P. Ah sim sim, claro, ela tinha interesse, mas... Bem, é, e o eles entre si, como é que você viu eles, é se relacionando e resolvendo os problemas e dando curso prá coisas

A. Humm, os problemas... talvez seja igual ao outro livro também, o Dom Casmurro, eles não, vai deixando o tempo resolver. Parece que eles não tem muito de resolver na hora, se bem que eles brigam, dão uma briguinha, meio discussão ali tal.

P. Você quer lembrar uma

A. A discussão entre ele, o Brás Cubas e a... a Virgília, sempre, sempre tinha.

P. Como é que você viu eles resolvendo essa dificuldade deles? Se gostavam, se amavam, mas ao mesmo tempo, parece que ele era meio covardão e não queria assumir, ela também tinha algum receio

A. Mas uma hora parece que ele queria resolver o negócio, mas ai ela chegava e não deixava ele resolver.

P. E como eles resolveram pra poder ficar juntos, como você viu isso

A. Ah, eles tentaram se esconder, porque então ele, eles tentaram não, não mexer no negócio, se esconder e ficar quieto la na casinha.

P. E mesmo essa solução que eles encontram e se esconder, como é que você viu essa medida.

A. Humm, é fugitivo, mas é, foi boa, não, foi boa de um lado né, porque tentou não envolver uma briga, uma discussão, talvez morte.

P. Aham, eles evitaram

A. O pior... mas foi meio fugitivo, meio covarde.

P. Covarde

A. É, porque não encarou o problema de frente.

P. Mas ao mesmo tempo, encararam, porque alugaram uma casa

A. É então, mas não resolveram, o problema continuou.

P. Sim, foi sempre.... Enrolando, você acha então que eles não tomavam uma atitude, não encaravam... as coisas iam enrolando

A. Não encaravam o negócio, iam enrolando, resolvendo num lugarzinho aqui, sempre, sempre fugindo.

P. E a atitude do próprio pai do Brás em pega-lo a força e manda-lo para a Europa de qualquer jeito, como é que você vê isso

A. Bom, foi boa, porque é o pai dele né, ele quer o bem pra ele.

P. Você acha que não daria nada se o pai dele não tivesse aquele rigor

A. É a época ne, o rigor da época, do pai da época.

P. O pai precisa ser firme

A. Naquela época os pais eram firmes, até hoje são, meus pais ainda tem alguma coisa.

P. Mas, são firmes?

A. Aham, então, assim, ele tinha que ser firme, por causa da época, então... é, ele queria o bem pro Brás Cubas, era o jeito dele, de pegar a força, eles pegaram ai e até a Marcela não foi né, não deu tempo dela ir, e ele ficou muito bravo com isso ai, ele queria se matar no barco, só não se matou por causa do, da historia do, do capitão.

P. Do capitão e da mulher tísica né? Você acha que o rigor dos pais justifica pelo bem dos filhos?

A. Foi bom... foi bom.

P. Você também concorda que hoje a educação seja assim

A. Não, eu não concordo que seja assim, tem que ser na conversa.

P. Tem que ser na conversa?

A. A intenção era boa né, mas ele poderia ter conversado mais com o filho, e tentado assim, só pela conversa mesmo.

P. Bem, é... Algum lugar que te chamou a atenção, que pra você foi significativo para a história

A. Aquele teatro lá onde eles iam, porque lá que eles viam que o Brás tava com a Virgília, o Brás tinha que ficar fugindo, ele ficava fugindo, toda hora ele mudava de lugar lá, lá que viram ele pela primeira vez com a Virgília, então aquilo lá foi legal, aquele lugarzinho lá, porque lá que eles se encontravam, se reuniam, todo...e lá ele ficava fugindo, eu achava legal, porque ele não podia ser visto com ela

P. Você achou legal porque, por causa da, do suspense, por causa da coisa

A. Por causa da coisa ali, aquele alvoroço, ele ficava fugindo, tem uma ação

P. Isso ficou interessante

A. Aham, ficou interessante

P. E da época você gostaria de comentar alguma coisa? Como você viu

A. É tinha aquela, o pai dele que era bravo, humm

P. Muito mais do que hoje...mais autoritário, mais truculento

A. Bem mais... tinha deixa eu ver... Hummm, os escravos, tinha os...

P. Me fale um pouco disso, um pouco disso

A. Parece que eles não tinham, ele fala em passar por cima, como se fosse normal parece, como se fosse uma coisa normal, ele vai, ele fala, comenta, até as vezes, ele fala que eu não acho legal, mas nada a ver, não da, não chega a fazer um paragrafo inteiro para falar mal da escravidão, sei lá o que

P. Você acha que ele encarava de uma forma normal ter escravo? E mesmo aquela historia do Prudêncio, ex escravo, que compra outro, que maltrata, como é que você vê isso

A. Ah eu vi isso ai assim, foi, foi como o Brás falou, é culpa dele, mas ele também não ligou, ai não tava nem ai, mas assim, foi culpa do Brás por ter feito aquilo, ele que fez, ele que montou a essência do Prudêncio, ele que fez o Prudêncio assim, tipo ele que fez o cara ficar errado, mas ele também não ligou, isso que eu achei massa, ele não ta nem ai

P. Você acha então que o Brás representa os brancos, que teriam essa atitude, que seriam responsáveis por esse sistema, por esse processo

A. Sim, sim... tem a vida dele ali

P. Os escravos foram vítimas mesmo

A. Aham

P. Bem, temas que você percebeu que eles discutiam lá?

A. Hum

P. Você falou da escravidão, um tema

A. Humm, a ética do momento ali, porque, por causa da traição, hoje tem bastante traição, sempre é revelada as coisas, então, ali tinha toda a ética, a mulher ficava com medo, sei lá o que, de mata sei lá o que, porque traiu ele, então era bem, era bem forte

P. Você acha que havia mais ética?

A. Moral

P. Mais moral do que hoje

A. Muito mais, mas hoje ainda tem

P. É, então, você acha então que na época havia mais, é assim, escrúpulo, ou a coisa da, do relacionamento era muito fechado, é, e hoje as pessoas são mais abertas ou hoje tem menos moral do que tem aquela época

A. É hoje são, é mais aberto, tem menos moral...

P. Ah, você acha... nós relaxamos

A. Nós relaxamos, antigamente era tudo rígido, rígido, rígido, pra mim, porque eu não vivi naquela época, então eu acho que naquela época, segundo os meus pais dizem, era tudo rígido

P. Acha melhor aquela ou essa época

A. Em certo ponto aquela, em certo ponto essa, porque hoje você é mais livre, mas lá naquela época, todo mundo tinha que ser correto, tanto é que hoje pra mim, tudo deveria ser correto, pela razão das pessoas, você deveria ser correto, entendeu? Você faz você ser correto

P. Você falou que hoje existe mais dialogo, então

A. Aham, então é mais aberto, você tem mais liberdade, não tem mais aquela coerção, então é, antigamente era rígido, mas as pessoas faziam também, elas seguiam, elas não saiam da linha, hoje por ser mais aberto, as pessoas saem mais da linha, mas isso é bom de ser mais aberto, porque você tem mais liberdade, você não precisa sofrer, antigamente as pessoas sofriam

P. Você acha que, hoje em dia as pessoas são mais esclarecidas, são mais, é, e antigamente as coisas são mais encobertas, mais escondidas, as coisas se faziam de forma mais escondidas do que hoje

A. É isso ai porque, eu acho que sim, é você não tem muita, é assim, se você faz alguma coisa errada naquele tempo, tentava esconder, a Virgília não queria contar pra ninguém, hoje, você não tem muito essa pressão, de que você fez alguma coisa errada, então se sente mais livre pra dizer

P. Entao as coisas ficaram de outro jeito não é? É como é que você viu o narrador, agora o narrador é interessante né? Eu sei que você comentou um pouco no inicio mas

A. Aham... Ele, ele foi assim, ele ganhava experiencia né, você vê que ele foi ganhando experiencia, ele não queria, tanto é que as vezes ele tentava corrigir aquilo, aquela parte la da infância dele e tal, ele, teve sim uma parte dele falando que tava meio errado aquilo, mas assim, ele foi falando da vida dele, e ele, ai ele tinha um paragrafozinho que falava dele, do , da ideia dele, agora que ele ta morto, do agora, que ele começava a falar do passado, depois falava um paragrafozinho falando, dizendo a ideia era agora, teve umas partes que ele falava que mudou de ideia, agora ele não teria feito aquilo

P. E como é que você, é via o, como é que ele encarava o leitor

A. Ele tentava abrir tudo para o leitor, ele, ele conversa bastante com o leitor, todo trecho, todos os três livro parece, ele tentou falar com o leitor, ele escreve visando, isso é pra você

P. Mas esse aqui parece que é mais diretamente

A. Aham, é esse é virado diretamente, como se ele tivesse falando pra você, ele ta contando pra você a historia

P. Porque ele ate começa falando no livro de que se tivesse sem leitores ta bom, se tiver leitor ta bom, se tiver menos, que tipo de leitura...

A. Ele mesmo fala que não vai ter muita gente, que tipo de leitura ele espera

P. É

A. Ele fala as vezes das mocinhas, das damas, né então, ele usa, não, não nesse, no Dom Casmurro ele fala, da hora que ele da o veneno lá ele, ele fala do, do, das damas me perdoem por fazer isso

P. Como se tivesse falando pra mulher, práas mulheres

A. Aham, as vezes ele fala exatamente pra um publico, ai depois ele muda pra outro publico

P. Aqui você acha que o publico é aberto

A. Aí cada género... ele fala pra um género

P. E como é que você acha que ele encara o leitor, ele subestima o leitor ou ele acha que o leitor é

A. Ele acha que o leitor é tudo aquilo mesmo, ele dá moral pro leito.

P. Acha que ele da importância pro leitor, ele não acha que o leitor é um bobo

A. Não

P. Tá, convenceu você essa historia? Achou que tinha algumas coisas absurdas?

A. Não, acho que poderia acontecer sim, se bem que ele é assim, mas assim, com tanta porcentagem de chance ai, pode acontecer sim. Tem bastante coisa né

P. Sim, ah sim, tem muitas situações

A. Tem muitas situações diferentes

P. Mas nada assim fora do

A. Não não , não senti nada fora não

P. E também quanto a leitura desse romance, você achou difícil? Complexo?

A. Humm, eu achei, achei assim, mesma coisa, foi, você vai lendo e vai pegando algumas palavras que você não entende, pelo contexto você vai pegando, mas, foi bem, bem esclarecedor as palavras...

P. Não foi assim difícil... E mesmo referencias que ele fazia ou citações que ele fazia, isso não foi tao difícil pra você?

A. Algumas citações, ai você ficava perdido já, ai você já pulava, alguma coisinha você tinha que pular, porque naquele tempo se você for olhar...

P. Fora do contexto assim... Não tinha noção...

A. Não tinha importância, não tinha importância.

P. Não tinha importância?

A. Só um, uma, pra mim ouvir aquilo só uma coisa, porque eu não sabia o que era.

P. Aí você pulou... É bem, e o final da historia, como é que foi pra você, te deixou triste, ansioso, angustiado, alegre, indiferente?

A. Indiferente!

P. Indiferente.

A. Ele não teve muita, foi mais a historia, o meio da historia, o final, nenhum dos três finais eu gostei.

P. Ah é?

A. Foi assim, porque também o final do Memórias Póstumas é diferente, porque ele não, ele já tinha acabado já no começo, você fica indiferente...

P. Ah é, isso... Ele foi só...

A. Você só fica, você sente na historia, depois quando acaba...

P. Foi normal, não teve nenhum fim dramático, nenhuma surpresa?

A. Teve, teve, mas assim eu não, teve aquela lá, historia lá da mulher chorando e tal, no começo ele faz ate uma, da uma partizinha no final pra deixar um suspensezinho , mas assim, eu achei que o resto da historia, foi bem melhor.

P. Tá! Bem quer falar alguma coisa do autor ainda? Sobre o Machado de Assis? Como você encarou ele depois da leitura dessa obra?

A. O Machado é um cara meio esperto né?

P. Esperto?

A. Ele é bem culto, conhece muitas palavras e ele se importa com o leitor, vê que ele se importa com o leitor, então eu gostei dele, eu gostei, achei ele legal.

P. Se você fosse pensar na formação que ele teve, o que você, o que você diria que ele estudou?

A. O que ele estudou? Ele estudou muita coisa hein, porque ele sabia de historia, sei lá ele falava do César, da Grécia, Atenas, Roma, ele falava bastante dessas coisas então, ele tem um vasto conhecimento, ele fala, muita coisa ele falava...

P. Você acha que ele fez alguma...

A. Com certeza ele fez alguma coisa, existiam até algumas situações de outra língua.

P. Em outra língua, que língua você identificou?

A. Francês, devo ter visto Latim também, então, então tem bastante coisa.

P. Você acha se fosse ele tivesse feito algum curso, que curso você acha que ele fez?

A. Ele fez, ele deve ter feito historia, que ele sabia bastante coisa da historia ali, ele deve ter feito, geografia ele não fez, matemática também não.

P. E se você encontrasse ele hoje, que pergunta você faria pra ele, o que você queria falar, alguma coisa, alguma curiosidade assim.

A. Humm, o que que eu perguntaria pro Machado? Não sei, eu tenho que bolar essa pergunta.

P. Tá bom Vinícius, obrigadíssimo.

Colégio Estadual *Professor Hugo Simas*

Entrevista individual IV

Obra: *Memórias Póstumas de Brás Cubas*

P: Bem Michele então você leu *Memórias Póstumas de Brás Cubas* né?

A18: Sim

P: É, e qual foi a sua impressão assim, o que você achou desta história enfim, do livro?

A18: De um modo geral?

P: Sim de um modo geral, o que que você sentiu, o que que ele te passou, qual foi assim, sua impressão?

A18: Eu vi que é uma história bem, não comum né, de a gente ver assim, normalmente.

P: Sim.

A18: E que...

P: Você é... não comum é, você nunca tinha lido uma história...

A18: Não.

P: Você nunca tinha lido uma história que assim, desse tipo?

A18: É é isso, ele conta todos os detalhes da vida dele assim, é bem dramático né.

P: Sim.

A18: Muitos altos e baixos que acontecia, quando aparecia algo indeferido acontecia alguma coisa, acontecia muito fracasso na vida dele, eu vi assim.

P: E você achou que isso é dramático?

A17: Isso.

P: Dramático porque ele as vezes colocava as coisas assim, de uma maneira meio triste?...

A17: As vezes triste, as vezes forte, as vezes ele se sentia diferente.

P: Aham, sim nada muito gostoso, nada muito agradável?

A17: Aham.

P: Você sentiu que ele era dramático e ele era... talvez realista, muito... meio cru?

A18: É objetivo.

P: Tá, você já viu alguma outra história parecida num filme ou num outro livro?

A18: Não, não que eu me lembre.

P: E você achou essa história é... interessante, inovadora?

A18: Eu achei diferente, diferente das que eu já tinha tido antes assim, mas...

P: Foi bom o livro?

A18: Foi.

P: A é?

A18: Foi aham.

P: De curti assim, lendo até o fim?

A18: Foi, aham.

P: (riso), em quanto tempo você leu?

A18: É durou, foi um mês mais ou menos né, desde que você falou eu comecei e terminei hoje.

P: Aham, ou seja, no prazo (riso)

A18: Foi.

P: É...e bom, tem mais alguma impressão da história que você queria falar assim, como um todo? Vamos ver se ocorre mais...

A18: Ishi num lembro...

P: Bem se você lembrar aí você fala.

A18: Aham.

P: É, você percebeu que... o forte da história tá nos personagens né?

A18: Aham.

P: Está mais nos personagens do que outra coisa né... do lugar né. É... qual dos personagens mais te chamou atenção assim, mais te impressionou?

A18:... é eu num lembro muito do nome exatamente.

P: Ahh sim se você quer eu te ajudo, tem o Quincas Borba, Dona Plácida a Virgília...

A18: A irmã dele.

P: Ahh sim ahh da família.

A18: Isso.

P: Aham

A18: Eu achei bacana que, na parte que quando ele foi fazer aquele jornal né que ela aconselhou ele a não fazer, mas mesmo assim ele insistiu, daí eu gostei da parte que... ela disse se ele quisesse se envolver tudo bem... eu achei que ela queria ajudar mas ela num forçou a opinião dele...

P: Sim ela respeitou, mas ao mesmo tempo ela não queria... por que será que ela termina com isso?

A18: Eu acho que é por cause que ele tava querendo protestar né...

P: Uhum.

A18: Contra a pessoa que, aparentemente era maior que ele né, num era correto ele querer contestar com alguém que não dava mais atenção para ele.

P: Sim, você acha que ela é... foi contra por que queria protege-lo?

A18: Sim, e o cunhado dele também tinha isso falar com ele e se o marido dela achava isso ela também achava.

P: Ahh sim, ela mudou assim... queria até a opinião do marido?

A18: Aham.

P: E assim, e por isso... Você acha que era uma atitude de protege-lo para que ele não se machucasse?

A18: Isso.

P: E ela ia muito pela cabeça do marido, por que será?

A18: A eu acho que aquela época era diferente da de hoje né;

P: Como diferente?

A18: Eu acho que as mulheres eram mais submissas, num tinham tanta opinião, tipo ela num tinha um espaço para ter a opinião dela formada, então acho que tipo, as vezes um homem mais próximo, as vezes o pai ou marido, que no caso era o marido dela, ela concordada com o que ele dizia.

P: Aham, e você acha que naquela época as mulheres num tinham espaço por quê? Por que elas num trabalhavam fora? Ou por que elas não estudavam como os homens...

A18: É porque sempre, desde o início foi sempre o homem né que teve mais oportunidade, então era assim, acho que ela foi aprendendo assim né.

P: E o que você acha que fez com que as coisas mudassem? Por que que o mundo é diferente? O que que aconteceu de lá para cá? Você tem noção de época é isso?

A18: Humm, não.

P: Que século?

A18: Não.

P: 18? 19? Você acha que faz muito tempo?

A18: Muuuuito, muito não.

P: A é?

A18: É porque eu até conhecia um pouco da biografia dele né.

P: Ahh sim, tá, um século, um século e meio, você acha que as coisas mudaram muito de lá para cá?

A18: Mudaram bastante.

P: É? E o que você acha que fez com que a mentalidade das pessoas mudasse? O que que será que aconteceu, as pessoas tomaram mais consciência? Do que acontecia, que era justo que a mulher não tivesse tanta voz? Ou será que alguma coisa mais concreta?

A18: Eu acho que teve um pouco de cada coisa né, aumentou a tecnologia, teve... as iniciativas de uma pessoa que pensava diferente.

P: Tinha iniciativa de que? A respeito à mulher?

A18: Isso, acho que sim.

P: Você acha que a mulher se revelou mesmo né.

A18: Isso, mulher achava que homem pensava assim, e aí eles acham que elas pensavam outra, acho que isso aí ela iam.

P: Foram discutindo...

A18: Sim.

P: Aham. E será que foi só na base do dialogo, da discussão do debate?

A18: Não, acho que foi na base de revolta, de protestos né para reivindicar os direitos.

P: Mas mesmo assim, você acha que foi só por essas vias que as coisas foram mudando, ou alguma coisa mais concreta da parte das mulheres no mundo e na sociedade faz com que os homens é... desse espaço para elas?

A18: Eu acho que sim, mas eu não sei dizer exatamente o que seja.

P: Trabalho? Trabalho fora?

A18: É

P: Isso pode ser?

A18: Pode.

P: Você acha que por aí as mulheres poderia ter se colocado numa situação de mais importância?

A18: Sim, porque antes quando não tinha possibilidade de trabalho né, acho que elas num... elas tinham que estar com o marido porque tipo, se num tivesse ele, como é que ela ia viver né.

P: Sim.

A18: Fora isso se tivesse mais o pai ou a família num aceitasse ele, ela num era independente né, mas ela trabalhando, sela tem um dinheiro, tem uma certa independência, então eu acho que assim, ela pode ter o direito de falar alguma coisa, não como era antigamente.

P: Então por causa do trabalho que ela foi se impondo também, entrando em debate... as coisas tinham que mudar mesmo.

A18: Uhum.

P: Tá, é... que personagem mais chamou a sua atenção? Além da... da Sabina?

A18: Eu acho que a Virgília.

P: A Virgília.

A18: Uhum.

P: O que você viu na Virgília?

A18: Eu acho que ela... que mesmo que ela fosse... ela pensava bastante no que o marido dela ia pensar, no que a sociedade ia pensar, pensava mais nos outros, nos filhos dela.

P: Aham

A18: Porque nessa identidade dela, mesmo que as vezes para... com coisas difíceis para viverem juntos, ela se preocupava muito mais com o filhos e com os outros do que com ela... é que ela abriu mão e tal..

P: Você acha que é para passar moral?

A18: Uhum

P: Moral dela, da família?

A18: aham

P: E por que que mesmo assim ela insistiu? Ela num ficou com o Lobo Neves por interesse... Porque de alguma forma os dois andavam na casa para ficarem juntos, por que será que ela corria esse risco? Se preocupava, mas corria um risco.

A18: Aham.

P: Ó, uma hora na cadeia, quando o Lobo Neves conseguiu é... ia para o ministério, ele... ela queria que o Brás fosse junto... ela também tinham todo o empenho para que a coisa continuasse.

A18: Uhum.

P: Mesmo tendo medo... será que, ela teria... tinha interesse assim... unir o útil ao agradável? Por estar com o Lobo Neves que era um político estável, famoso, etc, e o Brás porque ele tinha amor por ela, paixão?

A18: Num sei, acho que o que ela viveu, mesmo com o Brás Cubas, acho que ela num tinha vivido com o Lobo Neves, então eu acho que ela achou diferente, talvez correu o risco porque para ela fosse... por um lado bom né mesmo se...

P: Ela achava que valia a pena?

A18: Isso, achava que valia a pena porque isso ela num tinha vivido com o marido dela, então até quando ela aturou os dois.

P: Aham... E a cargo dessa história você acha que o autor denuncia é... a... uma vida falsa das pessoas?

A18: Aham.

P: Você acredita...

A18: Acredito que sim.

P: De certa forma uma é... uma denuncia da hipocrisia do casamento será?

A18: Eu acho que sim.

P: É?

A18: Aham.

P: Embora seja um caso, mas ele deu um exemplo do que acontecia...

A18: É, que eu acho que parecia comum também né, não eram muito, os únicos né.

P: Sim

A18: Também mostra lá aquela senhora que acobertava os dois.

P: Sim, ajudava

A18: Sim, então sempre tem isso, e eu acho que de certa forma ele num dana rodeio as vezes, ele era aquele que levava afundo, ele ia mesmo de vez, ele num ficava...

P: Com medo...

A18: Aham

P: Aham, e a atitude da Dona Plácida? Como é que você viu isso?

A18: Eu acho que ela acobertou porque ela gostava muito da Virgília.

P: Porque ela gostava da Virgília, nem foi tanto pelo dinheiro?

A18: Não, pode ser que tenha ajudado, mas eu acho que foi mais pelo carinho que ela sentia por Virgília.

P: E, você acha que o fato do Brás pagar a Plácida, isso... algo mudou? De certa forma que ela fosse conivente com uma coisa imoral? Que ela encobriu? Se você estivesse no lugar da Dona Plácida você faria isso?

A18: Acho que não.

P: Não?

A18: Não

P: Você caía fora?

A18: Aham

P: Ia falar: "Num vou participar disso"

A18: Não, acho que independentemente se eu tivesse ou não um carinho por alguma pessoa, acho que não, mesmo assim.

P: Aham, tá, fala dos personagens que você mais se afeiçãoou assim, um personagem que você gostou que seria um amigo ou amiga? Até aqueles que você já mencionou.

A18: Ahh eu acho que num tem... assim, não exatamente.

P: Sim, eles são meio distantes?

A18: São

P: Porque são... com, tinha o Neves lá também né... você acha que ele num tem muito a ver né.

A18: Não, não comigo, eu acho.

P: É, e assim... alguns dos personagens que você admirou atitude... porque teve atitude, uma abertura, uma mentalidade que você admirou nele.

A18: Eu acho que a atitude do Brás Cubas no momento que ele perdoou a irmã dela... dele, e o cunhado que, eu num entendi bem essa parte, mas eles ficaram brigados por um tempo né.

P: O casal brigando pela herança.

A18: Isso, aí depois ele disse que num tinha nenhum ressentimento e tal, eu achei muito...

P: Você achou legal essa coisa de perdoar?

A18: Aham

P: Aham... Você preza isso, uma atitude perdão...

A18: Isso, com certeza.

P: É... E com qual dos personagens você se identificou, você já pensou isso ou não? Algum que bateu com você, alguma identificação? Pode ser adulto, mas algum valor, alguma coisa que tinha alguma afinidade com você?

A18: Eu acho que o personagem que parece comigo mais inteiramente, numa atitude, eu acho que é a do perdão, mesmo que ele mesmo não se identifique comigo, mas essa atitude sim.

P: Você acha que ele teve uma atitude interessante assim... legal?

A18: Uhum.

P: Mesmo que ele seja... tipo assim, meio galar (risos)

A18: É (risos)

P: Que fosse assim, meio vida torta mas ele tinha sua qualidade né.

A18: É...

P: E o relacionamento dos personagens entre eles? É... Como é que você viu eles resolvendo as dificuldades assim? Os conflitos? Alguma coisa que você admirou também? ... a solução que acharam para as coisas. Eu num posso te falar, mas eu só quero te ajudar.

A18: Uhum.

P: Por exemplo: A saída que o Brás e a Virgília encontraram para ficarem juntos, afinal de contas, enfim, como ficar sozinhos, alugaram aquela casa e tudo mais, como é que...

A18: Eu acho que foi bem pensado.

P: A é?

A18: Num foi algo assim, ahh vamo fazer e já foi fazendo, eu acredito que... varias tentativas já que ele fizeram mas não tava dando certo, eles corriam o risco de serem descobertos, eles iam viajar e depois num deu certo, então acho que eles viam isso como, tinham que tomar outra atitude, então acho que foi assim.

P: Aham, eles encararam a situação, já que viram que tava assim, eles viram que foi uma solução boa, plausível?

A18: É se eles queriam ficar juntos é o que...

P: Uhum. E alguma outra, algum jeito de resolverem as coisas que você viu nos personagens? Pode falar da Marcela, pode falar do jeito que o pai dele resolveu, por exemplo, tirar ele dela, por que ele tava endividando a família, num sei. Algumas atitudes assim, algumas soluções que você viu que do jeito deles resolveu.

A18: Eu acho que ia adiantar cem por cento a ida que o pai dele fez para a europa, mas num adiantou tanto, mas...

P: Por que num adiantou?

A18: O objetivo do pai dele, além de tirar ele da Marcela, é que ele se formasse e tivesse o seu... ele estudou, mas num foi como que o pai dele queria que tivesse sido.

P: É porque ele...

A18: É por que ele fez o que o pai dele queria, o pai dele ganhou em tira-lo da Marcela, mas num o objetivo... aquilo que o pai dele queria que tivesse acontecido.

P: Você achou que o investimento não foi tão grande coisa?

A18: Não

P: Por que quando ele voltou ele num?

A18: É, porque quando ele voltou ele num fez o que o pai dele queria que ele fizesse, que era entrar na política, ou faz alguma coisa né... ou case, pelo menos que direito, para que ele tenha filhos, era isso que o pai dele queria para ele, apesar de ele ter ido viajar e estudar ele continuou não tendo filhos, ele num teve um casamento, ele continuou tendo uma vida de...

P: Meio estéreo né.

A18: É

P: Sem grande importância, afinal de contas o pai dele queria que a família fosse importante né, que ele lavasse o nome da família né, mas querer, forçando num é o caminho. Você acha que o pai dele errou?

A18: Erro, talvez ele num soubesse que ia dar nisso mas erro.

P: Aham, alguma outra coisa que você queria dizer sobre como eles resolviam as coisas?

A18: Não, acho que sobre isso num...

P:

A18:

P: Tá só para terminar... terminar assim a coisa dos personagens (risos), como é que você viu o Brás que é o fio condutor dessa história, como é que você viu ele no meio dessa trama toda? Nesses personagens todos.

A18: A eu vi que desde o inicio ele pensava que ia achar que era dono... que faria feliz.

P: Aham.

A18: Mas que ele num teve sucesso na maioria das coisas que ele tentou, que sempre que ele tentava num dava certo, ele tentou com a Marcela num deu, foi estuda também num deu também como tinha que dado, com a Virgília também num foi aquilo que ele esperava, eu lembro que no inicio dava certo, mas depois acabavam fracassando.

P: Ele foi frustrado?

A18: Foi.

P: À que você atribui isso? Falta de capacidade, será que ele era muito burro?

A18: Enrolado (risos) Ahh isso eu não sei se vou saber responder.

P: Ou ele era como um ser humano normal? As pessoas pensam em ser felizes, em fazer grandes coisas e no final não fazem grandes coisas (risos)

A18: (risos) É acho que, tem uma tentativa, pode dar certo ou pode num dar né, então eu acho que...

P: Mas ele num fez muita coisa?

A18: Não.

P: Mesmo aquele remédio que ele inventou para deixar uma coisa para a sociedade, para o mundo?

A18: Nem isso (risos)

P: Nem isso? Nem o jornal que ele usou o nome dele, nem aquele docinho?

A18: Nem aquele docinho.

P: Então você acha que no final das contas ele foi um sujeito que tentou até...

A18: Tentou.

P: Ser um cara famoso...

A18: Ahh eu acho que ele queria muito assim, serviço pelas pessoas, ter um cargo, privilegiado talvez.

P: Sim.

A18: Tentou dessa forma que você falou agora, mas nunca que ele conseguiu.

P: E quando ele defendeu aqueles quepe dos soldados, que ele tentou um projeto de mudar o quepe dos soldados que era muito pesado (riso) que era meio grande. Como é que você viu isso?

A18: Ahh teve até um momento dele que ele queria mostrar que ele tava fazendo alguma coisa né, alguns acharam meio absurdo, outros não...

P: E o fato de ele contar isso, isso tem alguma importância para a sociedade?

A18: (risos) Não.

P: Então ele debocho dele próprio?

A18: É eu acho que ele num tinha muito o que dizer no momento né.

P: Ou será que ele debochou da política da época...

A18: Que talvez dessa importante, importância à coisa nada.

P: É ou talvez as políticas não discutem grandes coisas né

A18: Ou que talvez o assunto fosse aquilo mesmo né.

P: Bem, seja como for, os personagens parece que é... são a coisa forte da história mesmo né, mas mesmo assim, e o espaço você lembra um que foi significativo para a história? de mudar o personagens de ambiente na história, eles ficavam e iam.

A18: Ahh tem um momento que ala que tá numa fazenda, depois na cidade que já tinha uma igreja, becos assim, favelas

P:

A18: Não que eu me lembre, a importância e tal.

P: Esses lugares são muitos importantes para a história? Mais ou menos?

A18: Ahh eu acho que é só na nossa imaginação mesmo, para tentar imaginar...

P: Ambientar.

A18: Isso.

P: É mais plano de fundo.

A18: Isso.

P: Então, o mais importante aqui parece que são as pessoas mesmo?

A18: Isso

P: A gente percebe mais o ser humano do que o espaço físico em geral. E como é que é o tempo? Você já falou que isso acontece lá no século XIX, como é que esse tempo era diferente no nosso?

A18: Em que sentido?

P: Como é que você viu pela história aquela época? As coisas que eles discutiam? é... o que tinha valor naquela época? Que tipo de negócios? que tipo de política?

A18: Acho que a política porque assim, para um homem ser visto com bons olhos na sociedade, um bom cargo, ser famoso aos olhos das pessoas se ele entrasse na política era uma boa coisa.

P: É isso era tão importante.

A18: Aham.

P: É... que outras coisas que eles discutiam daquela época que eram um pouco diferentes? Algum assunto, algum tema.

A18: Ahh, o fato de que, igual ele fala que tá ficando velho e num tinha conseguido ainda família.

P: Uhum.

A18: Eu acho que isso não é tão primordial hoje assim.

P: As pessoas não se preocupam muito com isso?

A18: Não, não quanto antes, também está mais opcional, sei lá, as pessoas procuram fazer outras coisas primeiro né.

P: Uhum

A18: E num ter aquela... assim... as pessoas pegando no pé assim. Porque sempre tinha pessoas da família, tipo o pai a família assim falando: Você tá ficando velho, tem que estudar, procurar uma família né, e hoje acho que num tem tanto isso como antes.

P: Por que será que cada um procura a sua vida, faz o seu trabalho ou procura ficar rico ou sei lá, procuram os seus bens ou sei lá, ficam se preocupando com o que representa a essa sociedade, você acha que...

A18: É eu acho que a pessoa trabalha é... ela faz as coisas mais por ela assim...ela vai estudar para ela, por ela assim.

P: Focando no seu interesse pessoal.

A18: Sim, não tento na família, ahh fazer isso, ahh cuidar dos meus filhos como era antes.

P: Você acha que os amores vingavam?

A18: Acho que em certo sentido sim.

P: Aham, as pessoas hoje seriam mais egoístas, sei lá, mas individualistas?

A18: Aham.

P: É, naquela época os valores da família, da sociedade, da pátria eram mais...

A18: É

P: Aham.

P: Bom, você sabe que atrás das histórias, por mais que seja uma história inventada né, existe sempre um tema, algum assunto né, você assiste novela? Por trás das histórias das novelas são discutidos temas né. Por exemplo aquela última da Globo, discutiu um pouco a questão do tráfico humano né.

A18: Aham.

P: Teve algum tema que foi discutido até aqui atrás dessa história?

A18: Eu acho que é mais a frustração dele assim...

P: Como ser humano.

A18: Sim, como ser humano, os objetivos que ele num conseguiu alcançar mesmo que fosse importante para ele, por várias tentativas que ele fez.

P: Aham, é... bem isso são reflexões de uma pessoa mais velha né, um jovem num fica pensando muito em fazer balanço da vida né. Alí parece uma pessoa mais idosa né, fazendo reflexão.

A18: É.

P: Então você acha que... é... é uma reflexão que ele faz, sobre a vida dele no mundo né, algum outro tema que você viu? Uma outra coisa que ele discuti? Lembrando lá, lembrando ainda do relacionamento Virgília, Neves e Brás, isso te sugere alguma coisa?

A18: Um triângulo amoroso? (risos)

P: É.

A18: Tem é, algo comum hoje, num quer dizer que num fosse na época né.

P: Uhum.

A18: Eu acho que assim... ahh é, tem bastante a ver.

P: Tem a ver com o que exatamente na sociedade?

A18: Que acontece bastante.

P: Aham.

A18: Num é algo tão incomum assim.

P: Você acha que ele discuti algum valor de família?

A18: Aham, porque assim, o normal na época era a família assim tipo, marido, a mulher, os filhos assim, daquele jeito eram...

P: Bem tradicional.

A18: Bem tradicional, mas mesmo assim tinha as traições e as divergências no casamento assim, eu acho que...

P: Você acha que...

A18: é uma coisa bem realista para a gente.

P: Ahh sim, você acha que é uma coisa que é muito discutida após muitos anos.

A18: Sim.

P: Algum outro tema que você olhava no Prudêncio, o menino dele num podia ver cavalgar que iam para lá e cavalgavam... alforria, comprou um outro estábulo... você acha que isso é só uma coisa colocada na história ou...

A18: Ahh, tudo que está lá tem um sentido, tem um porque, num é por acaso.

P: Aham, Isso seria um “porquê” como assim? Que sentido teria esse episódio no meio dessa história?

A18: Que... como por exemplo a carta e alforria... por exemplo, antes ele montava em cima dele, mas depois que ele viu que, praticamente tava montando em cima do outro escravo, entou foi, ia da a volta por cima, mais ou menos assim.

P: E dar a volta por cima você acha que de certa forma é uma vingança do que aconteceu com ele e ele queria.

A18: Eu acho que ele queria colocar para fora aquilo que ele tanto sentia na vida dele.

P: Sim.

A18: Talvez eu num sei se por maldade ou não, mas é aquilo que ele cresceu vendo, talvez tenha influenciado.

P: E o fato dum negro que ficou livre e acabar comprando um outro escravo, o que será que isso sugere? O que que isso tem a ver? Por que será que ele fez isso? Por que que ele só num ficou livre e... tinha que arruma um outro escravo?

A18: Eu acho que é difícil da gente entender né.

P: Aham.

A18: Porque eu creio que ele sofre muito desde... até aquele momento, então talvez ele num pensasse tanto nisso, talvez ele tivesse com muito ressentimento, alguma coisa assim,

P: Ele queria compreensão.

A18: Ele tinha carregado dentro dele durante muito tempo e ele queria tirar de dentro dele e talvez foi dessa forma que ele conseguiu.

P: Resolver a vida dele.

A18: Uhum.

P: Tá, o que você acha do narrador nessa história?

A18: Eu acho que ele é bem irônico no que ele diz.

P: É? Onde que ele é irônico?

A18: Eu vi quando ele diz... uma parte que ele fala assim: “ Se você leitor num leu o capítulo anterior assim meio que, sabe, também tem uma parte que ele fala : “ Se você é uma dama, não leia o resto” então é como se ele desse para mim uma liberdade para eu ler primeiro esse, depois aquele, depois voltar eu posso fazer isso.

P: Ahh tá, sim. Em que outra situação ele foi irônico além de tratar com o próprio leitor? Contando essa história desse jeito, lhe dando com o divórcio... colocando ele como um personagem bem apessoado é... meio sem rumo.

A18: É porque tem um parte que ele fala assim: “ahh porque vou contar”, depois fala: “não, num vou contar”, então ele parece meio... confuso, meio, no que ele ta dizendo, porque ele começa empolgar com aquilo, depois de repente ele para.

P: Aham.

A18: Fala que é melhor num contar que ele conta no próximo capítulo aí passa o próximo capítulo daí ele num contou, então parece meio... a vida dele parece meio triste ou arrependido de ter contado naquele capítulo, e parece que a vida dele foi inútil.

P: Sim, então ele acha que tem muita liberdade de tratar com o leitor.

A18: Aham.

P: Ele num se importa muito se ele passa a ideia se ele tá perdido ou não.

A18: É ele dá essa ideia assim de... que a linguagem dele num é muito assim... ele num quer falar muito da linguagem que ele ta utilizando para falar com a gente.

P: Bem espontâneo?

A18: Aham, é alguém que vai e conta.

P: Tá, e... o que você acha que pensa do leitor? Do jeito que ele trata o leitor é... o que você acha que... o que ele faz com o leitor? Você acha que ele subestima o leitor, ou superestima o leitor... tenta manter contato?

A18: Acho que para ele é indiferente assim, se eu concordo eu não com o que ele tá dizendo, ou o que o to botando ou não, é aquilo que ele tá dizendo que conta, tem uma parte que ele diz , que é melhor antes que sejam dois ou três lendo, mas que seja de verdade, do que um monte lendo assim.

P: Certo, só para consumir, num ta interessado.

A18: Uhum.

P: Tá, você achou essa história normal? Apesar de ser um autor defunto? Te convenceu da forma como ele foi contando as coisas que foram acontecendo?

A18: Sim, eu acho que num é normal acontecer com uma pessoa só né, porque é difiecil a gente ver um pessoa que passou por todas essas frustrações ou por todos esses momentos, mas assim, grande parte do que tem na história é realista.

P: Sim

A18: Mesmo que assim eles davam uma...

P: Uma viajada.

A18: É um viajada

P: Tanto que eles dão uma viajada boa que eu penso: “Nossa, eu nem to preocupado”

A18: Deixa eu to lembrando aqui alguma parte... acho que eu num vou lembrar... Acho que nessa questão assim do Plácido, acho que num ia da muito certo eu acho.

P: Ele forçou... forçou a barra querendo perpetuar a vida das pessoas.

A18: É.

P: E quando ele cavalga o hipopótamo?

A18: Ah esse trecho foi tão terrível de ler, é bem tipo, num...

P: O que que você entendeu disso?

A18: É bem difícil de entender, porque ele viajou e a gente consegue viajar junto.

P: Foi uma viagem histórica né, pelo século.

A18: Aham.

P: O que que instruiu ver os séculos passando?

A18: Acho que tem vários sentidos num sei... sabe o tempo tá passando e ele tá ficando velho e aquilo que ele tivesse acontecendo não está.

P: Será que ele enxerga essa vida?

A18: Uhum

P: É?... e a da formiga, como é que você viu? Aquela Quimera, aquele bicho, que a gente vê que a natureza fosse bondosa com ele como ser humano.

A18: É porque ele tava assim num momento muito... ele tava meio decepcionado assim, nas tentativas dele que num tava dando certo, eu acho que ele achava que a natureza tava sendo dura com ele porque com as pessoas tava dando certo e com ele não.

P: Sim.

A18: Então eu acho que, a natureza tava sendo rude com ele.

P: E assim é...

A18: Da maneira como as coisas tava acontecendo da vida dele.

P: É

A18: Talvez ele comparasse a natureza com isso.

P: E a natureza diz que você não tem que se privar, porque a natureza é uma parte de Deus... Como é que você viu a linguagem? Foi difícil ler esse livro? Apesar de...

A18: É apesar de ele não se preocupar muito com a linguagem assim, mas tem palavras assim não muito fáceis de compreensão, o que ajudou assim é que na editora tinha assim, aquele lá em baixo, no rodapé as informações de algumas palavras, não de todas, mas a maioria, porque ele faz citações bíblicas, faz outras citações de outras coisas, então as vezes se a pessoa num conhece, de pessoas que foram importantes, imperadores e tal, daí... ele faz essas citações.

P: Essas citações, essas foram uma coisa difícil de se...

A18: Foi, que iam tirar... se num tivesse assim alguma delas a descrição...

P: Seria complicado entender, além dessas citações, alguma palavra que você lembra que foi difícil? Você ia procurar no dicionário ou você procurava entender pelo contexto?

A18: Não, não na maioria das vezes eu fui pelo contexto.

P: Ahh você foi pelo contexto... tá, e assim o que que você achou do estilo? Do jeito dele de escrever? Complicado? Fácil?

A18: Eu achei um pouco complicado porque as vezes... como ele parecia um pouco perdido ele deixava a gente um pouco perdido também.

P: Também?

A18: Aham, mas depois a gente vai se achando.

P: A sim certo... e tirando as expressões, tirando as palavras, no conjunto num é difícil de entender a história?

A18: Não.

P: Até que... parece ter um linguajar atual né.

A18: Uhum.

P: É... o que você achou do final da história?

A18: Acho que... acho que eu tava com uma expectativa maior assim, do que ele fosse dizer.

P: Ficou frustrada?

A18: Talvez, mas depois daquela ultima frase dele que foi bem forte assim sobre... da gente refletir um pouco e deu uma equilibrada.

P: Se fosse para ver de como você se sentiu no final, você ficou triste, sobrea, angustiada, indiferente?

A18: Eu fiquei um pouco triste assim...

P: É?

A18: Aham, porque para mim ele sofre durante a história todo, chegou no final e ainda não conseguiu, porque para mim toda a história que a gente conhece né.

P: Tem um *Happy End*?

A18: (riso) É, vai, volta e são felizes para sempre né, mas num foi o caso dele.

P: Você mudaria o final da história?

A18: Eu acho que não.

P: Não?

A18: Não

P: Cada um tem o pai...

A18: Aham.

P: Do jeito que...

A18: É

P: Aham... e isso é o final original então você respeita?

A18: Uhum.

P: E como é que você viu o autor? Depois que ter lido um história como essa, o que você pensa do Machado de Assis? Como é que você imagina ele? Como homem, como escritor...

A18: Eu acho que num pe o homem muito comum assim.

P: É?

A18: Ele pensava mais longe, ele tinha uma filosofia que né... ele acreditava bastante na própria história que tinha muito filosofia assim.

P: Aham, ele era um ser melhor né...

A18: É diferente, talvez culto.

P: Por ter colocado tantas citações né.

A18: É.

P: Misturar algumas coisas.

A18: É ele misturava bastante, ele misturava filosofia, partes bíblicas, história, bastante coisa.

P: Ah ta.

A18: Ele de uma certa forma de uma coisa ele abrange várias.

P: Da para perceber que ele tem bastante conhecimento.

A18: Conhecimento.

P: E... bem, então você acha que ele é um sujeito muito inteligente?

A18: Uhum.

P: O que você diria para ele hoje se o encontrasse?

A18: Eu diria que eu não imaginava ele desse jeito antes de ter lido o livro.

P: A é?

A18: Aham.

P: Por que? Você fazia um outra ideia de...

A18: Não, porque eu num tinha tido a curiosidade assim de procurar saber de ler alguma obra.

P: O que que falava do Machado de Assis?

A18: Não, eu nunca tive muito conhecimento sobre ele assim...

P: Só sabia que existia uma pessoas chamada Machado de Assis?

A18: É sim, mas eu notei o estilo dele, a linguagem, como ele lhe dava com o leitor... mas eu, a gente admira assim a pessoa depois que passa a conhecer né.

P: O professor num falou com vocês ainda sobre ele?

A18: Não, sobre ele não.

P: É porque se tivesse falado (risos), É... Machado de Assis, descendente de escravos é... era uma pessoas pobre, era mulato... não se sabe muito bem se ele passou por escola, talvez ele tenha feito de primeira à quarta, mas ele estudou sozinho, ele sabia alemão, francês, inglês e italiano, ele era um erudito.

A18: (risos)

P: Só para ver que ele num coloca isso tudo né...

A18: É, tem varias situações que a gente percebe que é em outra língua, latim talvez.

P: Isso... Ahh ta bom Michele, obrigadíssimo

A18: De nada

P: Vou pedir para sua colega dar uma sondada alí porque, se os seus colegas ainda vem dia dez de Julho.

A18: Dez de julho compromisso?

P: É

A18:

Colégio Estadual *Professor Hugo Simas*

Entrevista coletiva

Obra: *Dom Casmurro*

P: Eu queria saber das impressões gerais assim dos componentes da Deise X em termos do Brasil nesta estória. Como ela apareceu, como vocês sentiram isso.

A1: Você quer sinceridade?

P: Sim, vamos fazer o seguinte. Eu escuto alguém se manifestar, eu vou dar a palavra X Seu nome é?

A2: Caio

P: Caio você achou que X, por quê?

A3: X Não gostei.

A4: Ele é detalhista.

P: Você não gostou da estória, dos personagens? Ela ficou entediada em que sentido. Da forma como ele // Você achou como assim? Monótono? Você prefere uma estória em peças?

A4: A estória já é antiga eu já não curto muito.

A5: Ele é detalhista.

P: Certo

A4: Ele fica detalhando muita coisa; é muita coisa, muita picuinha.

P: Para começar, parabéns. É isso mesmo. O que os dois tinham falado, da centralista. Do jeito que você ne, como 14; 15; 16 anos percebe isso.

A1: [16]

P: Pode falar se é chato, o que é.

A5: Eu acho totalmente ao contrário, é um livro maravilhoso.

A4: Não tem ação.

A5: Como assim não tem ação? Eu achei que não tinha tanto detalhes assim. Quando uma pessoa morria, então morreu. “Ai minha mãe morreu ai minha tia morreu”. Todo mundo morre. Acho que algumas mortes esta mais detalhada, tipo a do Escobar. Mas do resto é tipo, então morreu.

P: Você achou maravilhoso. O que é maravilhoso?

A5: Maravilhoso foi o livro, porque mesmo com sono eu continuava lendo. Já era mais de meia noite eu precisava dormi para vir pro colégio mesmo assim eu continuava lendo porque eu queria saber o que iria acontecer. E as frases, são frases / Porque os livros que eu gosto são normalmente frases que ficam na minha cabeça. E tem várias frases e coisas no livro que eu guardei pra mim, entendeu? Então /

P: Seu nome é?

A5: Patrícia.

A6: Então eu li o livro na oitava serie, porque a professora passou. E eu nem voltei a ler, só dei uma revisada. Na época que eu li, já era / tipo quando você é menor você acha ruim ler um livro mais antigo. Mas mesmo assim na época eu já gostei. Mas com as pessoas que eu conversei e tipo não se interessaram pelo livro e acabaram nem lendo, deram sua opinião e acharam o livro chato. Mas se você ler o livro e prestar atenção o livro não é detalhado, entendeu? Ele é um livro normal como qualquer outro. Só que por ele ser antigo a linguagem pode ser um pouquinho complicado, e não é assim uma coisa impossível.

A5: Sem contar também eu acho que depende muito da edição. Eu li duas versões, porque eu perdi a primeira, deixei no colégio e sumiu. E a tia da limpeza não achou ele. Mentira ela disse que achou, mas eu estava com preguiça de pegar. E na primeira edição que eu li, embaixo das coisas relacionadas, tem as coisas relacionadas. Tem bastante coisa relacionada com a mitologia grega. Ai em baixo tinha tudo avisando; falando o que era aquilo. Tipo a “boceta de Pandora” lá; avisando o que era, porque ele fazia comparação, sabe? Eu não sei como as pessoas não entendem.

P: Certo, são duas visões diferentes, assim eu só queria saber. Parece que você esta acostumado a dialogar. Pedro você esta acostumado a linguagem de outra época, então isso não foi estranho para você?

A6: [Pedro] Não.

P: Mas o que assim lhe chamou mais atenção, só para eu saber.

A6: Eu gostei muito da relação do ponto de vista do Bentinho. A fita X, sabe? E aquela coisa, como a Capitu ela toma conta da estória sem ela ser a narradora. Foi o que eu mais gostei do livro.

P: Parece mesmo que ela /

A6: [Sim, ela esta o tempo todo presente na estória]

P: Quem mais quer falar assim de uma forma geral ainda?

A8: Eu acho que detalhes eles são necessários para formar uma estória, porque se não tivesse detalhes iria ser uma coisa assim, como se fosse um resumo. Iria ser do jeito que é nos filmes. Eu acho que tem que ter uns detalhes necessários para formar a estória. É o ponto de vista deles, mas eu não concordo. Eu acho que ele explica a estória de um jeito que te faz participar dela, isso é bom.

P: O que mais você viu assim além dos detalhes em ele ser um aspecto importante para construir os fatos, os sentidos para a fala.

A8: Detalhes também é importante para você imaginar a estória, você entrar nela. Porque se não tiver detalhes como você vai imaginar como esta acontecendo à cena, como esta acontecendo todo o livro na estória?

P: O que mais? / Quem gostaria de falar um pouco desta trama; se é chato; monótono; não tem ação. Quem gostaria de falar desta trama; dos personagens que tem pouca ação, mas tem ação, né. Quem gostaria de falar da estória?

A9: Eu posso falar. Começa a estória primeira, conta a vida dele no começo o amor dele pela mulher; a Capitu. O amor dele por ela, e ela fazendo ele de capacho depois. Ai envolve a mãe dele e o seminário lá. E ai ele acaba descobrindo que ele não queria ser aquilo lá. Ele ama a menina lá e por conta disso ele não pode negar ela porque ele encontra o cara lá, o Escobar. O Escobar tem vários amigos, e depois ele acaba saindo do seminário. Ai o amigo dele casa com a, como é o nome? Ai desenvolve a estória; eles têm filhos, ai ela vai lá e não sabe se o cara é corno ou não. Não sabe se o próprio, o melhor amigo dele cata a mulher dele. Essa foi a parte do livro que eu não curti. Não da para saber se o cara é corno ou não.

A9: [Sancha]

A5: Os fatos dizem que não.

A10: Eu particularmente acho que ele era um pouco, porque meu naquela cena que ele quase mata o próprio filho. Quando ele fala assim “e ai filho vem aqui para uma xícara de café” Não da o café pra ele seu mostro. Só pode ser um mostro.

A11: Eu achei que ele fosse louco, quando o cavalheiro passou assim ela olhava pra ela e ele já ficou assim “o que você esta olhando para ele?” sabe? Não pode olhar para ela, ela é bonita.

A12: [Eu também acho]

A13: [Era ciúmes doentio]

A13: Ele tinha ciúme doentio

P: Como é que é? Sim

A13: Ai começou a ter alucinações, começou a imaginar que ela estava traindo ele. Era tudo ao contrário.

P: Você acha que ele estava delirando?

A13: Sim.

P: Bem, você já fez um resumo da estória, mas como você viu essa estória, como você percebeu essa estória quando você compara com a outra estória?

A14: Eu gosto de ação, a única parte que deixou assim, é quando o ator deixou assim o cara não consegue saber se ele era corno ou não, é a parte mais. Porque o resto é tudo picuinha.

P: Quem mais poderia falar da estória. Curtiram ou não curtiram? Você pode me dizer?

A15: Gostei do livro, desse movimento que ela teve. Eu só achei a estória meio frágil. Várias pessoas morreram; a questão de ficar com aquela duvida na cabeça em não saber se ela realmente traiu ele ou não foi o que mais prendeu a gente na estória. A gente queria descobrir isso. Ai a gente tira uma conclusão se traiu ou não, eu acho que é uma coisa que prendeu a gente na estória. Foi legal o jeito que o autor colocou isso.

A16: Eu gostei do final, porque finais felizes são tão ruins ultimamente. Os finais infelizes são simplesmente sensacionais. Tipo todo mundo morre, fica ele infeliz lembrando as coisas.

A15: [Gente foi um final tão feliz]

A16: Não, mas eu estou falando numa questão que não é todo mundo que gostava que ele tinha morrido.

A15: Eu acho que é bem realista, sabe?

A16: [É: exatamente]

A15: As pessoas ficam velhas e morrem. Acho que por isso é realismo, ne.

A16: [É]

P: Eu gostaria de saber sobre a estória, gostou ou não gostou? Sejam honestos

A17: Eu não gostei.

P: Achou chato o que ele falou?

A17: Eu não gostei.

P: Certo. Gente, vocês é: /. Quando colocaram assim a não tem ação, ne? Isso tem uma explicação, o Machado de Assis ele (centrou) nos personagens. Eu queria saber agora de vocês qual foi o personagem que mais lhe chamou atenção?

A18: O Bentinho

A19: A Capitu.

P: Seu nome é?

A18: Rafaela. Ele falou dela sem ela ser a principal na estória, ela apareceu todo hora na estória; ela esta ali. X

P: Quem mais quer falar?

A19: Eu achei muito chata essa mulher, porque se não fosse por ela a vida dele seria legal eu acho. Porque eu acho que a culpa toda na estória é dela, porque desde pequena no livro falava que ela tinha um olhar dissimulado e tal. Eu acho que ela traiu o Bentinho sim, porque senão ela não teria demonstrado tanto choro e afeto para ele.

P: Seu nome é?

A20: Eu vou comentar sobre isso (Juliana). A Capitu, ela era meio mandona. Mas era só o jeito dela, e o fato que ela traiu ele, ela chorou na morte. Poxa ele era casado com a melhor amiga dela, e eles tinha assim uma amizade, entendeu? As duas famílias. Então no perdão ele ficaria muito abalado. Apesar de ele ser muito mais amigo do marido dela, o Bentinho. Então eu acho que ela não traiu ele por causa de: esse aspecto. Ela ate fez uma homenagem em colocar o nome do filho de Ezequiel. Então por isso eu acho que ela não teria traído o Bentinho, foi tudo invenção da imaginação fértil dele.

P: Sim, você pode se pautar em alguma situação que lhe deixou com essa convicção?

A20: Na hora que o Bentinho falou para o filho que ele não era o pai dele, sabe ela ficou achando um absurdo. “Não como assim você esta falando para nosso filho que você não é pai dele?” Tipo eu acho se ela tivesse traído mesmo, ela teria ficado sei lá meio assustada, tipo isso. Ela ficou chocada, sabe por ele estar falando aquilo. Para mim ela não traiu ele.

A19: Mas se seu amigo morresse você não iria chorar?

A20: Não:

A21: Eu acho que o negocio é seguinte. Ele tinha um ciúme doentio, igual ela falou, ela podia estar só lagrimejando e ele já criou toda cena na cabeça dele. Você fica na duvida mesmo será que ela traiu? Mas eu acho que pela visão do Bentinho, todo ciumento e tal, foi coisa que ele criou na cabeça dele.

A20: [Exatamente]

P: Como ela falou, ele tinha ciúme doentio.

A20: É, tanto é que nesta cena do velório, ele pode ter criado na cabeça dele, e ela pode nem estar chorando tanto, mas ele se fez acreditar .

A21: Sim, o narrador é o Bentinho, é contado pela visão dele. O personagem sempre quer chamar a atenção. O personagem que mais me chamou a atenção foi dois. O personagem e o filho dele o Ezequiel. Porque eu penso assim, o pai abandonava ele, saia e só voltava a noite e quando voltava ele estava dormindo. Abandonou completamente, mandou ele para Europa e não ia visitar e depois de tudo ele é super simpático e legal com o pai dele depois de tudo isso, sabe? Eu acho que os adolescentes de hoje iria se revoltar X. Então foi o que mais me chamou a atenção. Então como ele estava falando, foi a visão dele, se ela estava chorando ou não, foi ele quem viu, é uma afirmação dele. A gente não sabe ao certo se aconteceu mesmo ou não.

A21: E ainda mais naquela hora que ele fala que ela estava escondendo o choro. Acho muito controverso.

A20: [Como ele sabe] É muita estória na cabeça dele.

A23: Sabe por que eu acho que ela não traiu? Porque o próprio título já diz “Dom Casmurro” já é específico capado na dele. Então quer dizer que ele cria filme na cabeça dele, então ele expõe as ideias dele, então às vezes ele exagera na parte que fala que ela estava chorando e esses negócios. Então às vezes ela não estava agindo desta forma, mas ele expõe aquilo, entendeu? Então eu acho que ele trai o leitor.

P: [Ele traiu o leitor?]

A23: Eu acho que sim, porque ele especifica que foi ela que traiu.

P: Você pode falar um pouco mais sobre isso de ele trair o leitor.

A23: Assim, a gente que esta lendo, ele indica que foi ela que traiu. Mas no fim eu acho que foi tudo alucinação da cabeça dele. Ele coloca na cabeça dele, não foi ela que traiu ele. Se você ver no inicio, mostra que ela foi inocente e que tudo se passava na cabeça dele.

P: Mais alguém gostaria de falar?

Todos: Não

P: Bem, agora eu gostaria de saber entre os personagens, quais deles você se identificou mais afetivamente?

A24: O Bentinho, com certeza.

P: O Bentinho? Seria o que você mais gostou?

A24: Seria. O jeito que ele fala ironicamente das coisas, logo no começo quando ele fala que foi criado por Dom Casmurro, e ele dormia quando cara falava um poema para ele e ele falava assim “mas não procure no dicionário, porque não é fala de dicionário”, mas é exatamente o que fala no dicionário, porque ele é teimoso. Então eu acho muito legal da forma que ele ironiza tudo e o jeito de ele ver tudo. Eu sou muito parecida com ele. Provavelmente eu seria uma pessoa muito ciumenta e que imagina coisas do nada assim. Eu já vi coisas que não tinha nada em muitas situações. Então ele com certeza seria meu amigo.

P: Então você chegaria ao um ponto de tomar um café com ele?

A24: Quem sabe, se nascesse menina, ne. Porque menina com marido, não da certo.

P: E qual você gostou mais?

A25: O Bentinho, porque é a personagem principal. Tipo ele na estória, como o filho. Ele quer provar a traição, entendeu? Eu gosto disso.

P: Você gosta da argumentação? Você achou que ele fez bem? Você acha que ele fez bem isso. Teve esse mistério que chamou atenção? . Tá quem mais gostaria de falar?

A25: Sim, a dúvida na cabeça.

A26: Eu gostei mais da Capitu.

P: Da Capitu?

A26: Tipo quando a estória vai acontecendo você vê que ela tem uma personalidade dela assim, uma coisa forte, e essa coisa dele de ele induzir, como a Juliana falou: “Como você fala isso para nosso filho” mesmo o Bentinho sendo chato e essas coisas, ela se impõem sobre ele. E se ela não falasse contra a estória. Ela não teria personalidade tão forte, Então essa personalidade que a estória gira em torno dela.

P: A estória fica boa por causa dela? Quem mais quer falar do que mais gostou? Bem, agora eu queria saber ainda dos personagens como vocês viram eles resolvendo as (pendências) dele, o que eu vocês admiram da maneira de como eles foram resolvendo e como resolvendo.

A26: Ele foi muito forte, porque meu ele passou muito tempo longe dela em varias situações, quando ele foi para o seminário, mesmo ele voltando aos sábados; quando ele foi para a Europa e mesmo assim eles foram superando toda a distância e não era distancia pouca. Foram seis meses de distância e convenhamos na época não era uma coisa que tinha celular, sabe? Não dava pra mandar mensagem e não tinha redes sócias. Então eu acho que eles foram muito fortes e apesar de tudo eu acho que um amava o outro mais do que qualquer coisa para superar tudo isso. Para encontrar a mãe dele e para comover as pessoas que estava em volta que ajudou ele e o próprio amigo dele, o próprio Escobar que falou “Se quiser colocar alguém no seu lugar para virar padre”. Então eu acho que eles conseguiram superar tudo isso. E de ele não se matar também. Porque provavelmente eu teria me matado. X todo mundo, matava eu e meu filho realmente. Não tem escolha então eu acho que eles foram muitos fortes.

P: Quem poderia comentar assim, pontualmente uma situação? X

A26: Eu queria destacar a Capitu, que mesmo depois de tudo o que aconteceu de ela ser acusada de adultério ela se manteve firme, sabe? Mesmo ela ter deixado a Europa e com um filho para criar sozinha, ela foi forte, sabe? Para encarar a situação. Mesmo ela falando que o Ezequiel era filho dele, o Bentinho e ele falando que não. Mesmo assim ela encarou a situação sabe, sem aparentemente se deixar abater; transparecer nada. Então eu acho que ela foi muito forte.

P: [Sim] Quem gostaria de falar das situações de grandes dificuldades, essa era grande. Depois a mãe que queria que ele fosse padre, enfim só como um exemplo quais das situações?

A26: De ele ser padre, eu acho que seria uma situação que eu não iria conseguir superar, porque a mãe dele prometeu de teria que ser padre. Eu acho que teria uma depressão tão grande se minha mãe me promettesse ser freira. Então eu acho assim foi uma coisa que admirei nele ele ficou um ano no seminário. E meu eu não iria aguentar tudo isso. Eu acho que no lugar dele eu me mataria.

A27: A forma de superação, eu acho que ele soube lidar muito bem no seminário X. Foi conforme a estória. Acho que foi uns dos detalhes para mim não pegou tanto. Acho que pegou mais no começo; uma mãe que tem um sonho; uma promessa para o filho; que tem uma paixão um desejo lá na frente de se casar com a Capitu de ter um filho; uma família. Para mim chamou mais nesse lado, eu acho que ele soube lidar bem com a situação.

P: Especialmente você achou assim em que sentido você percebeu ele tomando medidas, tentando resolver.

A27: Conforme a estória contada a mãe dele fala “vou te apresentar tais coisas; quero que você seja padre” ele tenta fugir, mas ele também tenta manter isso; ele fala “não, eu vou fazer conforme minha mãe quer” mas por um lado vou tentar fugir da estória, acho que ele segue X.

P: Foi o jeito dele X

A27: mas acho que também que ele conseguia fazer as coisas porque ele tinha apoio do José Dias, porque ele deu a ultima saída de como seria as coisas. Eu acho que os amigos dele, dois

que sejam, foram muito importante para ele nisso, sabe? Ajudar ele a sair. Acho muito interessante a forma como ele respeitou a mãe dele, mesmo não querendo aquilo.

P: Bem, agora eu queria saber sobre os personagens. Alguns que vocês já sinalizaram, mas eu gostaria de saber quais dos personagens o que conduz a estória; o que sem ele a estória não aconteceria?

A29: O Bentinho.

P: O Bentinho?

A29: Eu acho que o Bentinho, o livro inteiro é a visão dele. E eu não consigo imaginar o livro com outra visão que não seja dele, mesmo que fosse o da senhora com dos olhos de ciganos dissimulados. Eu não consigo imaginar de outra forma, tão sociopata daquele jeito. Eu não consigo imaginar de outro jeito. Então para mim foi ele que conduziu toda a estória.

P: Quem falou da Capitu?

A30: Primeiro, sem ela, ele não seria apaixonado por ela. Segundo, ele não teria um motivo muito forte para voltar para o seminário. Ai ele iria voltar, iria ficar com a família e iria ser normal e não iria ter um desenrolar da estória. Não iria dar muito certo. A estória é em torno dela, mesmo sem ela querer.

A31: A dona Gloria e o Bentinho. Ela foi muito importante na estória também. A estória começa com a promessa que ela fez para o seminário. Houve sentido, ela foi muito importante para a estória, sem ela não teria dificuldade.

A29: Eu acho o Escobar muito importante também, sem ele não teria a suspeita de adultério, sem ele não teria esse /. A estória se resumia depois da morte dele.

P: Depois da morte do Escobar que desencadeou? / Tem mais gente que quer se manifestar?

A5: Eu vejo muita importância em todos os personagens na verdade. Se o filho dele não fosse tão igual com o Escobar, ele não iria levantar mais suspeita a chegar a dizer, “não meu melhor amigo ele me traiu”. Então todos os personagens teve uma importância muito grande. Porque o José Dias foi ele quem falou de ele ir para a Europa. Ele não iria conseguir sair do seminário daquele jeito. Então acho que todos os personagens tem importância.

P: Alguém ainda gostaria de comentar sobre isso. Alguém acha que é isso mesmo, vocês acham que é isso mesmo? Seu nome é?

A32: Tainá. Eu acho que a Capitu, eu queria ver o ponto de vista dela, por isso que eu acho que ela fez toda a trama da estória. Eu li o livro e tudo indica pra mim que ela traiu, mas eu não acho que ela traiu, eu queria ver o ponto de vista dela, o que ela sentiu pelo Escobar.

A33: Você acha que ela era o centro? Que se ele mostrava isso, ela traiu?

A32: É, por isso eu queria ver o ponto de vista dela. Tipo o Escobar também, por que se não fosse por ele, na estória não teria se traiu ou não traiu, entendeu?

P: Você acha que ele é fundamental?

A33: Também o Bentinho X, então ele foi muito importante nessa estória.

P: Foi fundamental. O que mais? / Bem, encerrando já esse aspecto dos personagens eu queria saber que espaço que lhe da nessa estória que tem importância que ajuda a contar a estória; que é significativo pra ajudar a contar a estória.

A34: A casa, porque é a metade como um seminário. Foi muito importante porque é o foco da estória, ne. Que é ele e o seminário, foi um lugar muito importante, e também tinha o melhor amigo dele.

P: Quem mais quer dizer sobre esse espaço, ou algum outro lugar.

A35: eu acho que o Rio de Janeiro inteiro, cada lugar aconteceu uma coisa diferente, e eu gostei dessa troca de cenário assim, sabe? E por conhecer alguns lugares que são citados lá; algumas ruas e coisas assim, tipo algumas das casas que a mãe dele tinha alugado. Alguns dos lugares eu já fui. Então pra mim é muito legal pensar que ele escreveu aqueles lugares, pra mim todo livro é muito legal.

P: A cidade do Rio de Janeiro. Quem mais gostaria de falar, ou da casa ou do seminário. Algum espaço que foi importante que ajudou a contar a estória?

A36: A casa do Escobar também.

P: Porque o Escobar? Já que ele é importante na estória, a casa dele é significativa? A casa ajuda a contar isso.

A36: Eu acho que teve vários lugares importantes, mas eu gostaria de destacar o seminário, onde ele conheceu o Escobar, teve o amigo dele. Porque o Escobar foi um grande amigo, além da Capitu. Então eu acho que foi significativo.

P: Por conta dos dois, ou por mais alguma coisa que é significativo para você especialmente?

A36: E também porque ele adquiriu um certo conhecimento no seminário, ele saiu religioso e tudo mais.

P: Você achou que ele saiu mais religioso?

A36: Não, eu achei que ele adquiriu mais conhecimento religioso, mas ele não saiu mais religioso.

P: Só religioso? Ou algum outro aspecto?

A36: Não, eu acho que não.

P: Bem, agora assim sobre a época em que isto aconteceu, vocês se lembra mais ou menos

A33: Século passado.

P: Século? Século dezenove, ne. Faziam ideia? Mais de 150 anos? / Bem não tinha automóvel; não tinha avião; não tinha celular; não tinha computador. Me fale um pouquinho, como era esse tempo. Como era diferente do tempo de hoje? Os assuntos parecem ser parecidos, mas como eles se falavam as coisas?

A34: É bem antiga a época do livro. Primeiro, porque a linguagem era diferente e alguns costumes assim: cavalheiros que passavam na rua; e essa estória da promessa, sabe? Acho que isso acontecia muito mais antigamente, quando os conhecimentos da ciência era mais desconhecido. Então era tudo apostado em promessas, vai na promessa fazer, o que? Tinha mais esse respeito dos filhos com os pais, com certeza. Então é bem perceptível essa mudança. E ainda tinham os escravos, ne.

A36: E ainda tem essa polemica do adultério, e hoje em dia está tão normal, esta tão normal que nem seria uma polemica, seria: “ela me traiu, e eu em separei dela”.

A35: Com certeza, isso seria normal.

A36: E por ser uma coisa muito antiga, ainda não havia.

P: Você acha que hoje a coisa do adultério esta X. E o que naquela época impedia ou chamava atenção?

A36: Eu acho que boa parte por causa da religião, e um pouco do preconceito, que já foram quebrados ate hoje. Por que hoje essa questão de separar e tudo, sabe? Por que antigamente era um absurdo, agora não é mais. Porque quando meu avô separou da minha avó teve todo um rolo na família dela. Eu acho que hoje em dia já se quebrou todo esse preconceito. E no livro mostra essa coisa bem viva.

P: Seria melhor hoje? X

A36: Sim.

P: Você falou da escravidão? X

A35: Então tem muitos escravos no livro, é muito / é uma realidade muito diferente, porque ele coloca “ah apareceu um preto” e depois ele fala “hum, e ai” é muito engraçado os que participam da estória em relação ao Bentinho são muito respeitosos e carinhosos com ele, não é uma relação de chicote, eles são muito carinhosos. Eu não consigo imaginar; pensar em uma época que eu vou sair e vai ter um negro ali na saída me esperando com um caldo ali pra levar pra casa. É um absurdo.

P: X Quem gostaria de falar?

A35: Uma coisa meio filosófica ne, ele nasceu escravo a função dele é ser escravo.

P: É natural?

A35: Sim, era normal.

P: Então isso era normal só na cabeça dele?

A35: Para o escravo também. Eu acho que era da época.

P: O que mais vocês acharam assim muito diferentes daquela época para cá?

A37: O imperador X, ele era respeitado.

P: Ah sim, era de igual para igual.

A37: Sim, eles só respeitavam. X

P: Quem mais gostaria de falar daquela época? / agora vocês que assistem novela, os que assistem por exemplo. As novelas não tem só estorinhas, elas geralmente discutem um tema, ne. Às vezes é traficante, às vezes são drogas; é homossexualismo, enfim. E essa trama que tema vocês perceberam discutidos?

A35: [homossexualismo]

A38: Adulterio, é o que mais deixou na cabeça bem clara, foi adultério.

P: E como você viu o autor falando desse adultério? Enunciando ou falando X como você viu isso?

A38: De escrito, foi só na cabeça do Bentinho, porque a gente só vai pensar ou tirar uma conclusão diante do que o Bentinho relata lá, ai vai de cada pessoa se acha que foi ou não o adultério.

P: A suspeita ne, mais o fato foi que o adultério foi discutido ali? É parecido? /Tá, algum outro tema?

A39: A religiosidade. Porque / Era muito engraçado como as coisas passavam de mãe para filho. Porque ele fala, e ele faz várias promessas, só que ele já se perdeu em todas as promessas que ele fez e ele não pagou nenhuma, e isso eu acho que ele vem de ele ver a mãe dele fazendo promessas. E a forma que ela via o que poderia acontecer se ele não virasse padre. Ela tinha medo na verdade o que iria acontecer não só com ela, porque como envolvia a saúde dele. Então eu acho muito interessante, então hoje em dia eu não sei se as pessoas seguem tanto as riscas as promessas que são feitas.

A38: Eu achei que ele fosse mais, ” a eu acredito em Deus, porque a minha mãe /”

A39: Porque na verdade na época era o conhecimento que todo mundo tinha, sabe? Era o conhecimento que todo mundo tinha na religião, então / eu acho que acaba sendo iguais os escravos. Religião. Você nasce religioso e é religioso. Por exemplo, o escravo nasce escravo e é escravo. Hoje em dia é não tem muito mais preconceito contra uma religião e outra abre mais portas. X

P: Bem, vocês falaram religiosidade; adultério. Mais algum tema apareceram para vocês assim? / Direto ou indiretamente? É subjetivo ne X

A32: Amizade dele ne. A amizade bem forte dele com o Escobar. É uma amizade desde pequeno; de adolescente.

P: Queria saber agora o que vocês acharam do narrador nessa estória?

A39: Irônico. Ele é bem irônico.

P: Essa ironia atinge o leitor?

A39: É depende, eu gosto da ironia dele X.

P: Você gosta dessa coisa?

A39: Eu gosto muito de livro que tem pessoas irônicas. A maioria que me atraem, as pessoas é irônica, o narrador ou um amigo; alguma coisa assim, a ironia eu gosto muito.

P: Alguém mais gostaria de falar como foi esse narrador em relação ao leitor?

A35: Eu adorei porque ele interage com o leitor, ele sempre chama o leitor de “querida leitora” e ele fala assim: “olha eu sei que esta tomando um rumo muito trágico na minha estória”. Então é muito legal e você olha tem um capítulo falando de você é engraçado um capítulo só pra você.

P: Ele conversa com o leitor?

A35: Sim, é muito legal.

P: Vocês acham que ele subestima o leitor? Como ele vê a capacidade intelectual do seu leitor? / ele acha o leitor bobinho, ou ele respeita e ele cuida?

A35: Acho que ele dá valor ao leitor, ele está referindo leitor como se fosse um amigo, ele estava contando para mim o que eu estava acontecendo naquela vida dele, mas ao mesmo tempo ele explica de uma forma irônica o que estava acontecendo. Eu achei muito engraçado, não sei por que, mas achei engraçada a forma irônica dele falar.

P: Apesar de ter desgraças, você viu graça em o que exatamente?

A35: Sim, a forma como ele era irônico a forma que ele coloca. Engraçado que tem um seriado que foi feito do livro dele, e os dois tem muito dessa ironia. O seriado tem muita essa ironia.

P: Você achou engraçado porque ele não levou a sério?

A35: Na verdade assim, eu estava levando a sério aí ele falava alguma coisa irônica; engraçada que me fazia rir.

P: Mais alguém quer falar sobre o narrador? // Agora eu queria saber alguém achou essa história absurda ou achou que é possível, que dizer fecha X

A39: Essa questão do apelido dele, igual do apelido dele tudo bate sabe. Não pode ser, essa questão dele ficar velho sem ruguinhas, porque ele era vaidoso ele foi adquirindo isso; esse ciúmes besta pela Capitu; essa coisa de ele não acreditar que o filho era dele. Sabe não é uma coisa que você olha e fala que é absurdo. Eu acho que fecha.

A39: Eu acho que é uma coisa que você está acostumado a ver no dia a dia; na novela. A questão do adultério. É uma coisa que você está convivendo, e a questão de ciúmes também. Eu por exemplo tenho muita gente ciumenta na minha família, é um ciúmes absurdo. É uma coisa que acostuma. Então imagina /

P: Gente, quem não falou ainda e gostaria de falar se este livro convenceu.

A39: Eu achei totalmente X, não me convenceu. Eu não gostei.

A35: Eu acho que as coisas batem, porque primeiro se eu fosse Bentinho eu já nem deixaria a Capitu falar com o Escobar, nem sonhando. O Escobar é meu amigo, coisas separadas, eles não tem que se falar, entende? Se a Sancha quer falar, ela fala. X

P: Bem, quem teve dificuldade em ler a história e entender? Seja qual situação, você teve dificuldade em que?

A29: A linguagem, umas palavras meio estranhas.

A39: Algumas palavras que não sabiam.

A25: Algumas palavras tinham que procurar o significado, algumas coisas que se referia a dona glória, era uns palavrões, tinha que procurar na internet. Tinha que ficar com o dicionário na mão. Então acho que isso foi mais complicado na leitura. Algumas palavras. Mas o bom é que aprende vocabulário.

P: ((As palavras)) Além das palavras, alguma outra dificuldade?

A35: Eu acho que assim, eu discordo com a (Maria) quem lê sabe as palavras, porque gente é uma linguagem do outro século. Assim que eu terminei de ler “Dom Casmurro”, eu comecei a ler outro romance, um romance Americano, e meu é leitura do mesmo jeito. É muito bom, e mesmo assim é muito diferente. Então quem está acostumada a ler romance, pode ler quinhentos romances que não vai ter uma linguagem nem parecida. E acho que além das palavras, com as palavras acho que não tive muita dificuldade, porque já era acostumada a ler esses livros. Como meu irmão é mais velho, ele sempre me passa esses livros com a linguagem mais difícil. Só as expressões usadas eram mais difíceis. Mas como no livro que eu li tinha embaixo tinha a maioria das expressões, foi tranquilo de ler.

P: Além de palavras e expressões, alguma outra coisa?

A35: Alguns capítulos, ele mistura X

P: Alguns capítulos?

P: To na minha cabeça com outra dificuldade, eu queria saber que vocês dizerem, palavras, expressões, alguns capítulos, mas o Machado de Assis ele coloca algumas coisas na estória que as vezes X

A34: Eu acho ele uma pessoa extremamente culta.

P: A certo, e você viu pelo o que isso?

A34: Ah, eu não vi assim o Machado como Dom casmurro, eu não vi tanto. Assim como Memórias Póstumas, eu não li inteiro, só o começo. Então eu acho ele extremamente culto, porque as vezes ele escreve as vezes ele coloca umas coisas que as pessoas não entendem. Eu acho ele era uma pessoa extremamente culta. Eu acho que ele tinha uma linguagem extremamente culta.

P: Passou pela estória de ele ser extremamente culto?

A35: É.

A30: Tipo assim, na parte que ele falou assim, eu não sabia se ele estava passando mal ou se ele estava alucinando. X

P: Certo, bem, o que vocês acharam do final da estória. Como vocês se sentiram, triste, angustiados; frustrados, chateados?

A35: Chateados X não teve um final feliz.

P: Você gostou? Surpreso? Continuou com a dúvida? X

A30: Na parte de deboche, eu nunca li um livro que tivesse um final trágico, todo o livro que eu lia as pessoas ficavam felizes no final. Então foi uma coisa inédita pra mim eu não estava acostumada, então o Dom Casmurro foi um final meio legal, fiquei surpresa. Nossa foi extraordinária, por que eu nunca tinha lido uma coisa assim.

P: Desmontou a sua expectativa?

A20: Eu fiquei um pouco confusa X então depende muito do leitor escolher, eu lia umas resenhas na internet e dizia que o Escobar se suicidou. Insinuava que ele se suicidou por trair o melhor amigo. Então vai da cabeça da pessoa. Eu particularmente acho que a Capitu não traiu, por mais que no final ele insinua que é verdade, eu acho que não. Ele confunde o leitor, alguns acreditam que sim outros que não.

P: Certo. Você queria falar?

A20: Eu gostei do final, porque acho que foi o final que fez o começo do livro. Porque não começa com ele criança ne. Começa com ele contando, eu acho que se ele não fosse tão infeliz assim, não teria o sentido de Dom Casmurro, porque no começo ele era irônico, alguém lia uma poesia para ele e ele dormiu, X. Se o final não tivesse sido tão trágico o começo não seria tão trágico, a visão dele não seria tão trágica daquele jeito, entende? O final daquele jeito combina com o resto do livro, Não foi tão surpresa pra mim, porque eu leio Clarisse Lispector e nos contos dela tem muito final trágico. Eu lembro em um dos contos dela termina com uma velha morrendo, então não foi tão surpresa para mim.

P: Eu só queria saber duas coisinhas agora, o que acharam do autor? Alguém mais gostaria de dizer o que achou do autor?

A30: Eu gostei do autor, eu pretendo ler mais livros dele; gostei da forma que ele escreve ironicamente.

P: Que ideia; imagem você faz dele?

A30: Era uma pessoa que tinha e acho que procurava conhecimento para escrever os livros, sabe? Ele não sentava na mesa e falava “ ah eu vou escrever aqui”. Ele buscava conhecimento para escrever.

P: Eu queria saber o que acharam dessa nossa entrevista coletiva?

A20: Legal.

P: Legal em que sentido?

A20: Legal em ver as opiniões dos outros.

P: Mudou a sua visão?

A20: Eu gostei porque assim, a gente eu e a (Paola) a gente sempre faz resenha de um livro, eu acho que não dá pra você fazer uma resenha de um livro sem você ter uma opinião de todo mundo. Porque por exemplo se eu for dar a minha opinião em uma resenha eu vou dar um sentido totalmente diferente da (Paola) porque ela tem uma visão diferente. Acho muito importante ler um livro e discutir.

V Unidade escolar. Colégio Estadual *Professor Aloísio Aragão* - Aplicação UEL

I. Dados sócio-econômico-culturais (perfil dos alunos pesquisados).

II. Questões (em nº 4) descritivas acerca das impressões da leitura. E mais uma questão objetiva.

III. Entrevista individual com seis alunos em cada unidade, na qual cada aluno respondia a questões sobre uma das três obras lidas na escola: *Dom Casmurro*, *Helena* e *Memórias Póstumas de Brás Cubas*.

IV. Entrevista coletiva com a turma que leu uma das três obras escolhidas (Idem item de nº 3).

I. Dados sócio-econômico-cultural (perfil dos pesquisados).

O sexo

sexo	Nº de alunos	percentual
Masculino	15	63%
Feminino	09	37%
Total	24	100 %

A idade

idade	Nº de alunos	percentual
15	01	05%
16	19	78%
17	03	12%
18	01	05%
total	24	100,00

A renda familiar

classe	Rendimentos da família, em salários.
A – mais de R\$ 12.000,00	Mais de 20 \$alários
B – entre 6 e 12 mil	10 a 20 \$alários
C – entre 3 e 6 mil	5 a 10 \$alários
D – R\$ 1.800,00 e R\$ 3.000,00	3 a 5 \$alários
E – entre R\$ 600,00 e R\$ 3.000,00	

Distribuição dos alunos de acordo com as cinco classes:

classe	Nº de alunos	percentual
A	01	05%
B	07	29%
C	16	66%
D		00,0%

E		00,0%
Total	24	100 %

A escolaridade dos pais

Nível de escolaridade	pai		mãe		responsável
	Nº	%	Nº	%	%
Analfabeto					
Indefinido	01	05%	—	—	—
Ensino fundamental incompleto	02	08%			
Ensino Fundamental completo	01	05%	01	05%	—
Ensino Médio incompleto					
Ensino Médio completo	01	05%			
E. técnico					—
Graduação (faculdade) incompleta	01	05%	02	08%	—
Graduação (faculdade) completa	05	20%	08	34%	—
			01	05%	
			02	08%	—
			10	40%	
Total	10	40%	24	100%	—

O que você faz em seu tempo livre?

Atividade	Frequência
Joga futebol	02
Pratica corrida	01
Assiste TV	06
Joga <i>vídeo-game</i>	05
Ouve música	01
Sai com os amigos	02
Namora	01
Ajuda em casa	01
Lê	08
Vai à igreja	02
Frequenta grupo de oração	01
Dorme	02
Estuda	06
<i>Pratica artes marciais</i>	01
Vai à academia	06
Navega na internet	09
Executar um instrumento musical	02

Estagia na UEL	01
Estuda inglês	02
Pesquisa sobre atualidades	01
Assiste a vídeo-aulas	01
Escreve	02
Escreve em diário e <i>blog</i>	01
Assiste a filmes e séries	02
Anda de bicicleta	01
Conversa com os pais	01
Vai a festas	01

O que você gostaria de fazer em seu tempo livre e não pode?

Atividade	Frequência
Curso de inglês	02
Fazer nada	02
Dormir	01
Jogar videogame	01
Viajar	01
É segredo...	01
Praticar natação	01
Trabalhar	02

Colégio Estadual *Professor Aloísio Aragão* - Aplicação UEL

II. Questões descritivas acerca das impressões da leitura

- O que você achou do livro e quais as impressões que você pode descrever agora sobre a leitura?

Registra-se, inicialmente, que quatro alunos declararam não ter lido a obra; um diz ter lido até o capítulo 3 e mais um aluno admite que não chegou ao final do livro.

1.(*Pedro C.*) Não terminou de ler.

2. (*Mateus S.*) Não leu.

3.(*Guilherme F.*) Não leu.

4. (*Larissa M.*) Não leu.

5.(*Lucas B.*) Primeiramente, por incrível que pareça eu não achei a história tão desinteressante como pensava que seria, alguns fatores me levaram a esse pensamento: mostra como a vida realmente é, se esconder a realidade dos personagens, mostrando defeitos, como a vida realmente é.

6. (*Paula T.*) Os temas abordados em uma história escrita a muito tempo atrás, se difere completamente das de hoje em dia, já que não possuem nem um toque de magia ou fantasia, uma narrativa bem natural sem indícios de idealização de nenhuma das personagens. Apesar de lenta e detalhada, a escrita é compreensível e nos traz um mistério no final.

7.(*Maria L.*) No início do livro eu achei que estava confuso alguns temas me confundiram, sendo sincera mesmo não gostei de ler este livro não me atraiu esse gênero, gosto de ler livros mais novos.

8. (*Leonardo C.*) Muito cansativo. A impressão que temos que não pode ser concluída, é se Capitu, traiu ele ou não.

9. (*Rafaela F*) Não cheguei a concluir a leitura de “Dom Casmurro” pois priorizei “Memórias Póstumas de Brás Cubas” o que acabou atrasando as coisas. Porém, li alguns resumos para saber sobre o desfecho da história, então creio que esteja apta para falar sobre. Do pouco que li, posso afirmar com plena certeza que não é o tipo de livro que estou habituada a ler. Tendo lido primeiro “Memórias Póstumas”, não estranhei tanto a escrita do autor, que se comparando a minha primeira leitura do Machado de Assis, posso até me arriscar a dizer que a linguagem usada é mais coloquial do que formal. Admito que, após ler o resumo do livro, não é uma leitura que pretendo terminar, pois o final não me agradou. Sou uma grande amante dos livros, mas realmente não nasci para clássicos nacionais, que dirá sem um final feliz e romântico. Eu entendo a importância desse livro para a literatura brasileira, mas realmente não consegui gostar do livro e não recomendaria a não ser como objeto de estudo. Creio que a linguagem, o vocabulário e parte da temática foram os principais fatores para a dificuldade e quase desistência da leitura. Admito que li, tanto “Memórias Póstumas” como “Dom Casmurro” com um dicionário ao lado, e não conseguia ultrapassar a leitura de 10 páginas por vez sendo que, em uma leitura agradável (para mim) e que me prenda, eu costumo ler pelo menos 50 páginas “por vez”. Diria que é uma leitura “para os fortes”.

10. (*Leonardo O.*) Um livro monótono que não ocorre muitos atos que faz um leitor juvenil se interessar pela leitura continua do livro, mas de certa forma ela faz com que o leitor pense a conclusão do livro/desfecho.

11. (*Nathália C.*) Então eu tenho o livro e tal mais eu comecei a ler até o capítulo 3 mais ou menos só que parei de ler por se um livro cansativo e difícil de ler.

12. (*Letícia B.*) Gostei muito da história do livro, o que não gostei foi da forma que ele é escrito, a leitura é muito demorada e o livro acaba ficando meio chato.

13. (*Rômulo C.*) É um livro com palavras não difíceis, mas diferentes, no começo é difícil entender mas com o tempo eu acabei me habituando, também percebi que o autor coloca suas palavras no meio da narração, comunicando-se com o leitor, no começo a história é mais monótona só que depois eu comecei a ter mais interesse e a dúvida da traição, mas a leitura é bem entediante.

14. (*Junior*) É um livro difícil de se entender um livro diferente, é uma história muito boa que Dom Casmurro se apaixona pela vizinha e a vizinha fica grávida de uma outra pessoa que é o Escobar

15. (*Carlos H.*) Achei pouco interessante, muito detalhado e entediante, o drama romântico de um amor que começa desde que o casal é jovem (quase criança), e acaba de maneira tão “chata” a história super detalhada se tornou cansativa demais, além de falar praticamente da vida sem graça e cheia de ciúmes e desconfianças de “Dom Casmurro”. Se fosse um filme com certeza teria sido de uma produtora independente e no fim as críticas seriam muito negativas, pois falta emoção na história, tudo parece somente uma descida de sentimentos, nenhum sinal de variedade emocional significativa a ponto de ensinar algo produtivo ou mostrar algo belo, pois até livros de terror são belos, pois transmitem o que prometem e nos mostram o que querem de maneira significativa, eu já li livros melhores como Tubarão (JAWS), que envolve traição, suspense, desconfiança e ação, este sim é uma boa obra, de 1.0 para Dom Casmurro eu daria 4.5 pela paciência que ele teve para escrever tal livro. Mas voltando a questão, tenho a “impressão” de que esta história não é indicada para jovens de mente aberta e sonhadora, ou para mentes corajosas que procuram outros tipos de pontos de vista.

16. (*Gustavo A.*) Achei bem interessante, com o mistério que o autor deixa no ar...

17. (*Rafael S.*) O livro me pareceu muito confuso. Palavras desconhecidas, tive que ler com um dicionário do lado. Parece que ele cosntroe a culpa de Capitu ao decorrer do livro, ou configura sua culpa junto com a dúvida que fica no final do livro.

18. (*Leonardo H.*) Achei o livro meio confuso no começo até que a história foi se desenrolando, porém não achei o enredo tão interessante a ponto de gostar.

19. (*Daniel L.*) Na minha opinião o livro conta uma história que é fragmentada nos mínimos detalhes que acaba ficando muito confuso, eu só consegui extrair do livro a parte mais importante, mais eu gostei muito da parte que eu consegui entender eu acho que ela tenta passar uma história de paixão.

20. (*Michelle M.*) Achei o livro muito complicado, confuso. É uma história de romance, com drama. Ele conta sobre sua infância, como ele se sentia e como ele vivia.

21. (*Vinícius M.*) Achei a obra um pouco confusa pelo fato de ser uma obra antiga e com uma linguagem mais difícil de se entender devido a obra

22. (*Renan B.*) É um livro muito bom, mais eu achei um pouco confuso o final, porque não entendi se ela trai ele mesmo ou não e etc.

23. (*Hugo S.*) A história do livro é muito legal e realmente interessante, mas eu me confundi muito em algumas partes do livro, com muitas palavras difíceis e antigas. No geral o livro é muito intrigante, porém se a história fosse reescrita de acordo com as normas atuais, com uma linguagem mais atual, seria bem mais legal.

24. (*Beatriz H.*) Achei que a história é muito boa, mas é um pouco confuso. Há muitas palavras difíceis.

25. (*Naddyne R.*) Achei legal, apesar de não gostar muito desse tipo de livro. Machado de Assis é um grande escritor. Impressões não sei direito explicar, mais é emocionante, imaginar o sofrimento dele é muito ruim.

26. (*Maria A.*) A primeira impressão que eu tive foi respeito do comportamento dos personagens, que tinham muita cerimônia uns com os outros, também tinham respeito e até mesmo admiração as autoridades como: Imperador e padre. Eu despreveria o amor de Bentinho para Capitu como puro e sincero.

27. (*Bianca C.*) Meio confuso, o autor consegue te deixar aquele gostinho de dúvida, a história é um romance chato e cansativo ele não me prendeu para ler o final

28. (*Gabriel D.*) Pelo que eu li sobre o livro, o personagem tinha um ciúmes acima do normal.

- Escreva um resumo do enredo ou da história.

1. (*Pedro C.*) Não leu.

2. (*Mateus S.*) Não terminou de ler.

3. (*Guilherme F.*) Não leu.

4. (*Larissa M.*) Não leu.

5. (*Lucas B.*) Um homem chamado Bentinho narrando sua história da vida, ele já é velho. Começa narrando sua infância, além disso, fatos que mesmo estava vivo, só que as pessoas contavam para ele, como exemplo a narração do motivo que a sua mãe faça uma promessa que ele seria padre, no qual é pela morte de um filho dela. Com isso ele cresce sabendo do futuro, porém tem uma moça, chamada Capitu, vizinha, amiga de infância, na qual ele se apaixona. Mesmo assim vai para o seminário onde passa tempos, conhece Escobar, se torna melhor amigo. Sai do seminário, mas não completa para ser padre, volta e se reencontra Capitu, com que se casa. A família de Bentinho e de Escobar, que se casa com Sancha, tem uma relação muito boa, são amigos, sempre juntos. Porém ele sempre desconfia que sua mulher está traindo, a princípio não tem uma ideia de quem, mas após a morte de Escobar afogado, quando sua esposa fica triste por dias, passa a ter mais desconfianças. O fato mais acusador da traição foi quando seu filho cresce segundo ele se parece com Escobar, em todos os sentidos. Ao final Dom Casmurro, muito desconfiado, pensa em se matar e depois matar o filho, nesse dia que se separa, fica sozinho até o fim da vida.

6. (*Paula T.*) D. Glória havia prometido desde o nascimento que Bentinho iria para o seminário, mas conforme a idade chegava Bentinho se interessava cada vez mais em Capitu e desistia da ideia de ser padre. Bentinho contava com a ajuda de José Dias para convencer a mãe a desistir da ideia mas não consegue. Bentinho acaba indo para o seminário. Lá ele conhece e faz amizade com Escobar, e em uma viagem de volta Escobar acaba por conhecer Capitu. Com o desenrolar da história Capitu engravida, Bentinho desiste do seminário e vira advogado (um escravo é mandado em seu lugar para que a sua mãe não quebre a promessa) e Escobar morre afogado. No seu enterro Capitu se comporta de maneira estranha, o que deixa para o leitor no final do livro a dúvida se o filho de Capitu era de Escobar e a imagem de Capitu como mulher adúltera.

7. (*Maria L.*) Quando Bento nasce sua mãe promete que ele vai se tornar padre. Mas na sua infância ele se apaixona por uma menina que chama Capitu, logo depois ele entra no seminário mas vê que não é sua vocação por só pensar na Capitu. Quando sai do seminário vai viajar para a Europa e quando volta fica com Capitu, tem um filho, e quando esse filho cresce Bento percebe que o filho é muito parecido com seu melhor amigo e começa a desconfiar de Capitu. Eles brigam por causa disso e se separam, Capitu vai para a Europa com seu filho. E quando Bento tenta descobrir se Capitu o traiu mesmo, acaba sabendo que ela e seu filho morreu. Então fica a dúvida se Capitu traiu ou não.

8. (*Leonardo C.*) Bentinho (Dom Casmurro) cresce, tem uma família e amigos, mas perde todos no final e fica sozinho.

9. (*Rafaela F.*) Resumindo bem compactamente – já que o tempo é curto e resumos não são o meu forte – todo mundo morre no final, com exceção do Bentinho.

10. (*Leonardo O.*) Bentinho é um menino jovem que é apaixonado por Capitu, porém sua mãe faz uma promessa na qual seu filho teria que se tornar padre. Bentinho vai para o seminário e conhece Escobar que com o passar do tempo se tornam grandes amigos. Bentinho não se torna padre e se casa com Capitu, porém o seu filho tem uma grande semelhança com Escobar, o que leva a suspeita da traição de Capitu com o seu grande amigo.

11. (*Nathália C.*) É uma história que fala de romance de Bento Santiago e Capitu onde ele não conseguia ter filho e quando eles conseguirem o filho deles parecia muito com o Escobar e o Bento desprezava o filho justamente por causa disso daí no final fico essa dúvida de Capitu traiu ou não o Bento por que isso o autor não fala no livro isso é o grande enigma do livro e todo mundo fica se perguntando E todo mundo morre menos o Bento.

12. (*Letícia B.*) Um menino chamado Bento Santiago, conhecido como Bentinho, teria que ir para o seminário e ser padre, por causa de uma promessa de sua mãe. Porém esse menino é apaixonado por Capitu (vizinha dele). Bentinho sai do seminário e se casa com Capitu, seu melhor amigo, Escobar, se casa com Sancha, e esses casais são bem próximos. Os problemas de Bentinho começam quando ele começa a desconfiar da fidelidade de Capitu, por causa da aparência de Ezequiel, as idas de Escobar na sua casa e o jeito dissimulado de Capitu.

13. (*Rômulo C.*) A história começa com Bento um adolescente que antes mesmo de nascer foi juramentado à ser padre pela mãe, Dona Glória, isso porque o filho anterior morreu no nascimento. O problema é que Bento gostava de sua vizinha, Capitu e por isso não queria ser padre então armou um plano com o agregado que vive em sua casa para se formar em direito na Europa, porém acaba indo para o seminário do mesmo jeito. Lá conhece seu futuro melhor amigo Escobar e após algum tempo Sam do seminário, Bento se forma em direito e se casa com Capitu, e seu amigo Escobar fica não muito distante. Juntos tem um filho que cresce e fica parecido com Escobar e Capitu começa a agir de uma maneira suspeita, então ele desconfia que Capitu o traiu com Escobar. No fim, acontece que Escobar morre nadando, seu filho morre de febre tifoide e Capitu também morre e Bento fica sozinho com a dúvida da traição.

14. (*Junior*) Dom Casmurro (Bento) se apaixona pela vizinha Capitu e a mãe dele queria mandar pro seminário e ele não queria, ele estava tentando bolar um plano com a vizinha mais ele vai pro seminário ai ele da a ideia de adotar uma criança para ir no lugar dele e ai ele se torna bacharel em direito ai ele se casa com Capitu e tem um filho que parece o amigo dele eles se separa e depois ela morre. Escobar morre afogado. Bento cria o filho de Capitu. O filho também morre.

15. (*Carlos H.*) A aula acaba e eu não poderei contar ela, mas basicamente é a história de um casal sendo castigado pelo ciúmes e desconfiança de um homem traído, que no final acaba sozinho.

16. (*Gustavo A.*) Bentinho = personagem principal, narrando em 1ª pessoa, garoto que se torna homem em decorrer da história. Capitu = musa de Bentinho, bonita e tentadora. Amiga e vizinha de Bentinho. Dona Glória = mãe de Bentinho e muito religiosa. Tio Cosme e prima Faustina – parenta que vivia na casa de Dona Glória.

17. (*Rafael S.*) Bentinho foi mandado ao seminário por causa da promessa de sua mãe. Mas o garoto agora conhecendo Capitu, com quem se casaria mais tarde. Ele conhece Escobar no seminário. Bentinho e Capitu se casam e Capitu fica Grávida. Depois do nascimento ele começa a perceber grande semelhança do filho e do amigo Escobar. E desconfia que foi traído. Depois de um tempo sua mulher e seu amigo morrem e o livro termina com esse ar de dúvida, se o filho era ou não de Escobar.

18. (*Leonardo H.*) A história começa com um menino (Bentinho) prometido pela mãe (D. Glória) desde sua nascença a ser um padre, ele se é um menino apaixonado por sua amiga Capitu, porém essa paixão não era aprovada por uns. O desejo de sua mãe de que ele vá para o seminário, porém ele queria ficar e se casar com Capitu. Com esse desentendimento houve várias discussões sobre a ida de Bentinho ao seminário. Ele decidiu ir, porém desistiu e foi fazer direito, e acabou se casando com Capitu. Além do casamento, eles tiveram um filho, Ezequiel, porém houve uma dúvida que não foi desvendada que era se Ezequiel era mesmo filho de Bento, pois havia uma relação de Capitu com Escobar, amigo de Bento. No fim todos morrem, exceto Bento.

19. (*Daniel L.*) Dom Casmurro e Capitu eram apaixonados desde criança mais uma promessa feita pela mãe dele restringe que os dois fiquem juntos mais depois de crescer eles se casam e tem um filho juntos, mais Dom Casmurro não sabe se o filho e Del, ele pensa que é do melhor amigo Escobar então ele fica nessa dúvida, eles viajam e o amigo dele morre afogado, então eles se separam o filho dele viaja para ser arqueólogo e morre de febre tifoide e fim.

20. (*Michelle M.*) Ele começa contando a história de como era sua vida começando lá com sua infância, conta seu romance com Capitu sua amizade com Escobar se amigo que conheceu quando sua mãe o mando para uma escola para ser padre, devido a uma promessa que sua mãe havia feito. Escobar se casa com uma amiga de Capitu e tem um filho. Bento e Capitu só conseguem ter um filho depois de muito tempo e colocam o nome de Ezequiel, mas o menino se parece muito com Escobar e Bento desconfia ter sido traído então despresa o menino. Em uma viagem a Suíça Capitu morre e seu filho tenta reatar laços com o pai, mas Bento não quer saber de Ezequiel.

21. (*Vinícius M.*) Bentinho narra sua vida e os empecilhos enfrentados por ele ao longo dela, conta seu amor por Capitu e como ele acha que ela o traiu.

22. (*Renan B.*) A história começa que quando sua mãe perdeu um filho, depois de um ela teve o Bentinho (Dom Casmurro) ela prometeu que ele seria padre, ele quando cresceu e foi estudar na Europa estudar direito, na Europa ele conhece Escobar um de seus melhores amigos, ele acaba não virando padre e volta para o Brasil. Quando ele chega ele vê a Capitu que era uma menina que ele conhecia desde pequeno mais ela virou uma moça muito bonita. Depois de um tempo Dom Casmurro começa a desconfiar que Capitu traiu ele com o melhor amigo dele o Escobar, depois de um tempo Dom Casmurro e Capitu se separam. Capitu morre

e Escobar vai para o rio aprender nadar porque ele tinha comprado um barco, mas acaba morrendo afogado, e Dom Casmurro fica sozinho.

23. (*Hugo S.*) A história é o Dom Casmurro narrando sua adolescência. A mãe dele tinha perdido um filho, e assim fez uma promessa com Deus, Caso seu filho nascesse ele seria padre. Na sua juventude Bentinho era cobrado, ou melhor, sua mãe era cobrada por isso, mas ele era apaixonado por sua amiga Capitu. Ele vai para o convento, mas sai de lá. Conhece um casal, Escobar e Sancha, e ele se casa com Capitu, assim os quatro se tornam grandes amigos. Bentinho e Capitu têm um filho, Escobar morre em um treino para não se afogar, mas acabou morrendo afogado. No velório Dom Casmurro percebe que Capitu ficou muito triste. O filho deles cresce e Dom Casmurro acha que Capitu o traiu. Bentinho tenta matar seu filho, mas não mata, porém se separa de Capitu, que acaba morrendo e Bentinho termina sozinho.

24. (*Beatriz H.*) Mãe de Bentinho quer que o filho seja padre, mas Bento não e está muito animado, pois ele gosta de sua amiga Capitu. Antes de ir para o seminário, Bento e Capitu fazem uma promessa, de que ambos se casarem. Bento após o seminário se casa com Capitu. Ele também faz direito na Europa. Já no final do livro fica uma dúvida, de que Capitu traiu ou não Bentinho.

25. (*Naddyne R.*) Bento ia para o seminário depois do seu primeiro irmão morrer, foi a promessa que a mãe dele fez para a igreja, isso tudo pelo motivo d ser muito religiosa. Mas ele sai do seminário e vai para Europa fazer direito, lá ele se casa com Capitu e eles tem um filho. Anos depois ele vê que o filho tem um problema; não se parece com ele, nisso Bento desconfia de seu melhor amigo Escobar. O filho dele morre depois de viajar para fora e quando volta descobre uma doença grave. O melhor amigo morre também e depois da separação a mulher também morre.

26. (*Maria A.*) A história se passa no Brasil, quando Império, em que conta o primeiro amor entre Bentinho e Capitu e os empecilhos que aparecem para que eles fiquem juntos. Sendo o final incerto pois o autor não deixa claro se a esposa (Capitu) o traiu com seu melhor amigo (Escobar)

27. (*Bianca C.*) A história começa com a mãe de Bentinho que faz uma promessa a Deus que ele vai ser padre, mas ao longo da história ele se apaixona por Capitu e tenta fazer sua mãe desistir da promessa.

28. (*Gabriel D.*) A história em si conta que o personagem principal foi traído pelo seu melhor amigo, mais o autor não relata isso de modo claro.

- Elabore um texto crítico a respeito desta obra. Faça comentários, avalie, opine, critique a obra sob os mais vários aspectos.

* Neste item, além dos outros aspectos, os alunos tentam entender por que esta obra é importante na literatura já que eles não se agradam com leitura dela.

- 1. (*Pedro C.*) Não leu.
- 2. (*Mateus S.*) Achei confuso, perdido. Não consegui terminar.
- 3. (*Guilherme F.*) Não leu
- 4. (*Larissa M.*) Não leu
- 5. (*Lucas B.*) Como coloquei na primeira (questão) eu até gostei como um todo. Mas um problema que deixa o livro um pouco chato, é o exagero das descrições.
- 6. (*Paula T.*) (...)
- 7. (*Maria L.*) Não gostei pois tem uma linguagem difícil e porque não gosto de ler esse tipo de livro.
- 8. (*Leonardo C.*) Muito triste, pois ele fica sozinho no final e não sabe se Capitu traiu ele ou não. E realmente um peso que Bentinho tem que carregar.

- 9. (*Rafaela F.*) (...)
- 10. (*Leonardo O.*) (...)
- 11. (*Nathália C.*) Sinceramente eu não gostei de ler esse livro por ser chato tem uma linguagem muito difícil por ser formal na verdade pode ser uma história legal mais pelo modo que foi escrito fica muito difícil de entender e acaba ficando muito chato o livro.
- 12. (*Letícia B.*) No começo do livro, passam-se páginas falando de pensamentos, sentimentos e o psicológico dos personagens; não acontece quase nada e isso torna a leitura lenta e as vezes entediante. Somente no final do livro as páginas começam a valer por dias, meses, e anos. As palavras usadas são bem difíceis, o autor poderia ser mais claro usando palavras mais frequentes no nosso cotidiano.
- 13. (*Rômulo C.*) A obra é bem complicada de se entender e é interessante para um leitor de hoje. Também me chamou atenção que o Imperador é colocado acima de Deus, que na sua ordem a mãe de Bento, desistia de mandá-lo para o seminário. As pessoas morrem de uma maneira “ok, você já fez a sua parte, adeus” e o autor se critica o tempo todo.
- 14. (*Junior*) É uma história interessante uma parte chata é que ela morre, sua mulher que traiu ele com o Escobar, e ele ficou com o filho e o filho morre e Escobar morre afogado.
- 15. (*Carlos H.*) Fiz a crítica na questão da 1ª pergunta.
- 16. (*Gustavo A.*) É acho que ele deveria ter feito outro livro pra saber se ele a traiu ou não.
- 17. (*Rafael S.*) Muito confuso, talvez pela minha falta de sabedoria em literatura, mas compreensível.
- 18. (*Leonardo H.*) Creio que esta obra era vista de outro jeito na época de sua publicação, porém acho que o desenrolar do enredo demorou demais.
- 19. (*Daniel L.*) Eu não gostei tanto porque é tudo nos mínimos detalhes o que faz com que a história fique muito monótona.
- 20. (*Michelle M.*) (...)
- 21. (*Vinícius M.*) Acho um texto difícil de se entender, se a história fosse abordada de uma maneira diferentes seria mais interessante.
- 22. (*Renan B.*) Achei a história muito interessante mais depois de um certo ponto a história começa a ficar meio complicada, não consegui entender direito qual foi o final, não entendi também se Capitu traiu Dom Casmurro com Escobar e etc.
- 23. (*Hugo S.*) A obra é realmente boa, uma das melhores da literatura brasileira. Como eu não leio muitos livros desse contexto e dessa época, eu não sei bem o que falar, mas a ideia de Machado de Assis é intrigante e inspiradora, principalmente o fato de não deixar claro se Capitu traiu o Dom Casmurro ou não.
- 24. (*Beatriz H.*) O livro é bom, mas já não foi de meu agrado o final, que deixa uma dúvida, o qual era melhor ter revelado, e ter um fim nesta história.
- 25. (*Naddyne R.*) A obra poderia ter mais partes emocionantes no começo, morrer a família e o “melhor amigo” é demais, isso acontece mas é muito triste. Poderia ter momentos mais alegres. Mas o estilo da obra é assim.
- 26. (*Maria A.*) Eu particularmente gostaria que Bentinho soubesse do seminário e ficasse de imediato com a Capitu. Gostaria também que Capitu não tivesse se envolvido com Escobar.
- 27. (*Bianca C.*) um ótimo livro para quem realmente gosta de romance muito meloso. Eu não gostei muito porque a leitura é cansativa e o leitor fica com raiva no final porque no final o leitor não tem certeza sobre o que realmente aconteceu, mas também para alguns esse é a melhor coisa do livro, coce não saber o que aconteceu.
- 28. (*Gabriel D.*) (...)
- Por meio desta narrativa, o que você acha que o autor discute, ou seja, que temas são abordados por ele? Faça comentários a partir deles.

1. (*Pedro C.*) Não terminou de ler.
2. (*Mateus S.*) Não leu.
3. (*Guilherme F.*) Não leu.
4. (*Larissa M.*) Não leu.
5. (*Lucas B.*) Não escreveu.
6. (*Paula T.*) Comenta sobre a religiosidade que marcava presença forte naquele contexto histórico, traição que acaba sendo o tema principal da narrativa, já que Capitu é uma das protagonistas, política, como acaba citando o imperador e etc.
7. (*Maria L.*) O que mais relata é o amor, que foi apartir de uma paixão na infância e todos cabam morrendo quando ficam maiores e Bento fica sem saber se Capitu o traiu ou não.
8. (*Leonardo C.*) Não escreveu.
9. (*Rafaela F.*) Aborda o adultério, mesmo não sendo uma traição confirmada; a religiosidade, amizade, primeiro amor, relações familiares.
10. (*Leonardo O.*) O autor trata temas como a suspeita de traição, a contra vontade do filho em ser padre, entre outros assuntos polêmicos.
11. (*Nathália C.*) Fala de um amor muito forte, amizade, de amor entre pai e filho e de uma questão se ela traiu ele ou não que é um dos pontos altos do livro que justamente é esse o mistério.
12. (*Letícia B.*) Vocação, relacionamento, adultério, ciúmes, amizade, fidelidade.
13. (*Rômulo C.*) O estado do Brasil, a visão de mundo de uma família que seria chamada de classe média hoje, religião acima de tudo, traição, intrigas reais e não puramente ficcionais.
14. (*Junior*) Os temas abordado foi a traição. Capitu trai Bento com Escobar que ele era o melhor amigo dele.
15. (*Carlos H.*) A mente de um homem doente de amor e cheio de ciúmes tratando com indiferença “personagens” inocentes, nesse ponto me refiro ao seu “filho”.
16. (*Gustavo A.*) Não escreveu.
17. (*Rafael S.*) A dúvida na família. O amor por Capitu e pelo filho mesmo com a dúvida.
18. (*Leonardo H.*) Amor, traição, religião. Acho que eram temas relevantes da época de sua publicação.
19. (*Daniel L.*) Paixão, traição, amizade e desconfiança, que são temas muito vividos pelas pessoas em suas vidas.
20. (*Michelle M.*) Ela fala sobre romance e drama.
21. (*Vinícius M.*) Não escreveu.
22. (*Renan B.*) Temas religioso, de traição, amizade, porque a mãe dele quis que ele fosse padre, aborda tema de amizade também porque na Europa ele conhece um dos melhores amigos, e também aborda tema de traição que o Dom Casmurro achava que Capitu e Escobar tinha um caso.
23. (*Hugo S.*) No começo é um tema mais religioso, uma promessa da mãe dele a Deus, que acabou sendo burlada por ela depois. Também a amizade entre ele e Capitu e posteriormente entre os dois e Sancha e Escobar. O amor também foi muito abordado, o amor de infância, de amigos. O tema principal é claro, é a traição ou não de Capitu, traição sempre é muito polêmico e do modo como foi abordado no livro ficou mias instigante ainda.
24. (*Beatriz H.*) Amizade, traição, amor. O amor que se trata na história é muito forte, junto com a amizade. A traição já é um tema moderado na história.
25. (*Naddyne R.*) Traição, sofrimento, morte, emoção, bom tudo o que não esperamos na vida.
26. (*Mariana A.*) Traição, promessa, amor, amizade, religião.
27. (*Bianca C.*) Não escreveu.
28. (*Gabriel D.*) Não escreveu.

Um quadro sobre a questão objetiva, nº 5, presente no item 2.

Questões objetivas acerca da leitura do livro: O que achei do livro?		
1	Adorei	00
2	Gostei	03
3	Achei interessante	10
4	Não me interessou	09
5	Não gostei	05
6	Odiei	00

Colégio Estadual *Professor José Aloísio Aragão* - Aplicação UEL

Entrevista individual I

Obra: *Dom Casmurro*

P: Porque é a sua, a sua fala que mais me interessa. (pausa) E, eu vou tentar fazer isso uns 35 minutos. Bem Leonardo você, só pra registrar aqui, você leu *Dom Casmurro*.

A: Dom Casmurro.

P: Você pode me falar assim, em linhas gerais, as suas impressões gerais, depois de ter lido essa história?

A: Ah, assim, o livro assim, ele é, tem um foco, é romântico né?! É do romantismo? É. Aí pro meu interesse mesmo, assim, eu não gosto muito, dessa relação assim, muito, tipo que ele faz, muito melan... Tipo assim, é... Ah, que ele exalta muito a mulher sabe?! Tipo assim, ele foca muitas características assim, sabe?!

P: Entendi.

A: E nesse mesmo tempo ele demora muito pra fazer assim, pra passar assim de uma ação pra outra, tal. Aí com essa, ai como eu? Vou falar assim: enrolação que ele faz assim

P: Sei.

A: Aí eu acho que assim, que ele me irr... Não me leva muito ao interesse, assim porque eu gosto de um livro assim que me traz aquele, aquele, como eu vou falar? (pausa) Ah, que tem um envolvimento maior, assim sabe?!

P: Sei.

A: E que sempre tá acontecendo alguma coisa, e tem um mistério assim, assim porque o mistério que a gente vai descobrir, mas só mais além, que é no qual que ele vai pensar que a Capitu tá traindo ele, né?! E...

P: Você achou que ele tem pouco movimento? Por que não te chamou muita atenção, não agradou muito você?

A: Ah é mais assim pelo tempo sabe?! Assim, como ele conta tu:do o que aconteceu, assim sabe?! (incompreensível) É, muito assim, vou falar? Devagar né, no caso. (risos)

P: Ficou monótono?

A: Ficou monótono. (pausa) E:, é. (risos)

P: E assim, quanto às impressões, é, do assunto do jeito de contar, uma coisa que te chamou atenção assim, mais geral?

A: Geral?

P: Aham, dessa obra, você já tinha lido uma obra dessa época? Algum clássico da literatura...

A: Mais clássico?

P: ... Brasileira.

(pausa)

A: Eu li uma, só que já é um pouco mais contemporânea né, é bem mais contemporânea. Dessa época eu acho que não li muitos né?! Eu li, mas acho que faz muito muito tempo, foi "Capitães de areia"

P: Ah sei, Jorge Amado.

A: Jorge Amado. Mas, já é mais moderno, mais contemporâneo né?!

P: Ah, sim.

A: E ele, e como ele fez. Aquilo lá me chamou muita atenção nesse livro, né. Ele, fez com que eu lesse e queresse ler mais e mais e mais. Assim, pelo fato de contar a história de, tipo meninos pobres mesmo, sabe?!

P: Sei, sei.

A: Aí conta tudo o que ele tava falando, assim, tinha mais de um personagem, né, ele contava assim, cada envolvimento, o que acontecia com o personagem...

P: Então, se comparar essa obra do Jorge Amado e a do Machado, a do Machado ficou mais a desejar pra você?

A: Aham.

P: Não te chamou tanta atenção.

A: É assim, o Jorge Amado ele conseguiu assim, fazer com que a gente meio que vivenciasse né, sentisse o que ele estava passando, assim, pra gente. O Machado de Assis, assim, ele já contou mais a história do Dom Casmurro mesmo né, que é, o livro é do Dom Casmurro. É ele mesmo, ele conta em primeira pessoa. É, primeira né?

P: Primeira pessoa.

A: Primeira pessoa, né. Aí assim, no caso, mais no caso do Machado de Assis tem mais detalhes né. (incompreensível) porque ele conta dele mesmo né. Mas, quem me chamou mais atenção mesmo foi, aí comparando a obra, foi a do Jorge Amado.

P: Certo. (pausa) Com relação aos personagens do Dom Casmurro, qual foi a que mais chamou a sua atenção?

(pausa)

A: Óh, tem a mãe do Dom Casmurro...

P: Sei.

A: ...que fez aquela promessa né de, de levar ele pro seminário né, de tornar ele padre. Assim, meio que levou esse interesse foi pelo fato que tipo, foi promessa e não valia a opinião dele né. No caso, ele teria que ir ou ir (risos)

P: Certo, ele não tinha escolha.

A: Não tinha escolha. Aí mesmo ele, ele, falando, mesmo ele, ele não falava diretamente pra mãe dele que não queria ir né. Ele teve até um, esqueci o nome do personagem, que ele falou assim.

P: Dias.

A: Esse mesmo! Que ele queria que ele falasse por ele né.

P: Certo

A: Mas aí no mesmo caso ele foi pro seminário dai né. (risos)

P: Acabou indo do mesmo jeito.

A: Acabou indo do mesmo jeito.

(pausa)

P: Então a Dona Glória chama atenção pela...

A: Pela forma (incompreensível)

P: Pela forma, da educação?

A: É, do jeito...

P: Meio impositivo?

A: Aham. Do jeito, assim que ela, que ele, que ela tratou ele né?! Assim, tipo de (pausa) sei lá não pedir a opinião. Mesmo porque seria, é uma obra de época, certo?! Aí no caso...

P: Sei.

A: ... Nessa época, era assim, uma coisa mais...

P: Impositiva?!

A: ... É, é assim mesmo. O pai e a mãe, no caso, seria quem mandava né...

P: Sei.

A: ... E falava e o filho tinha que respeitar corretamente, né!? Sem dar a opinião, assim dele mesmo.

P: Você reconhece que existe uma diferença no sentido da educação de lá pra cá?

A: Aham. Com certeza.

P: Hoje é mais democrático?

A: Hoje é mais democrático, no ca... É assim né, a modernidade...

P: O jovem?

A: ... O jovem tem mais, vamos falar assim, liberdade, né?!

P: Sei.

A: E nessa época já era mais, é:...

P: Autoritário?

A: É, autoritário.

P: E, você acha bom isso? Hoje, ser diferente, ser desse jeito que é hoje?

A: Por um lado, sim, e por outro lado, não, né?! Porque: hoje em dia se você deixa um jovem muito, muito livre, vou falar assim, ele pode acabar, tipo se metendo em confusão, né!? Vou falar assim. Aí como não vai ter alguém pra, pra conseguir restringir ele né, como fazer, do que ter toda a liberdade possível, aí ele vai poder ir mais alto assim (pausa) mais, como vou falar, assim, coisas boas né, ele não vai fazer, aí no caso ele vai fazer uma coisa mais individual que é pra ele né, no caso que ele vai querer tudo pra ele né, aí ele não vai estar fazendo a coisa correta. (pausa) Mas, por um outro lado é bom, porque ele vai ver lado do que o jovem pode estar pensando né, o que ele quer pra ele né, mas tendo aquele, se tem o controle certo e a liberdade no jovem, pode dar um caminho correto.

P: E isso é bom? Nesse sentido é bom?

A: Nesse sentido é bom.

P: Algum outro personagem que chamou a sua atenção, além da Dona Glória?

(pausa)

A: A Capitu.

P: A Capitu?

A: É.

P: O que você me fala dela?

A: Pelo jeito dela ser, vamos falar assim, ela é, era diferente pra época dela, né.

P: Sim.

A: Ela era mais extrovertida, vamos falar assim, ela era mais (pausa) ai, eu esqueci...

P: Desenvolta?

A: É, ela, pra época dela, sabe? Ela já mais diferente né, no caso, assim. Ela pensava diferente né. Aí isso foi (incompreensível)

P: Ela pensava diferente, e como que você via essa menina, essa mulher diferente daquela época, assim, entre as outras daquela época?

A: Ah, ela era... (pausa)

P: Você achava que ela se distinguia das outras mulheres?

A: É, porque assim, quando uma mulher (interrupção)

B: Pessoal, tira a chave daqui antes que alguém passe aqui e tranque vocês aí dentro.

(pausa)

(barulho de chaves)

(pausa)

P: Ela, ela, você acha que ela era, uma moça diferente, em que sentido, assim? Em que aspecto? Você acha que ela não foi como as outras meninas, ou as outras mulheres?

A: Aham, pelo fato dela (pausa)

P: Como que ela se parecia diferente? Você via nela algum comportamento?

A: Comportamento! O comportamento dela assim, não era de ser aquela menina que ficava, tipo, como seria de outras da época né, que ficasse em casa e só, fazia o que, vamos ver, o que as moças deviam, faziam naquela época né, que era mais trabalho doméstico. Ficassem, ah, do lar né, vamos falar né. Ela era diferente nesse sentido. Que ela já tinha essa, não sei, um pensamento diferente né, ela era... sei lá, era diferente (risos)

P: (risos) Mais esperta?

A: Mais esperta, isso!

P: Você acha que ela não fazia par com as moças e mulheres que eram, digamos assim, submissas?

A: Submissas?

P: É, que praticamente se sujeitavam ao que o homem dizia...

A: Ela não era...

P: Era isso o que você estava pensando?

A: Aham. Mais ou menos isso.

P: Que mais assim... Pelo jeito você percebeu na vibração dela que ela era diferente, além de ser mais esperta, não ia se sujeitar ao homem, como as outras. Se você colocasse ela na realidade de hoje, que profissão você acha que ela teria? O que, que formação, que faculdade será que ela faria?

A: Olha, pelo, como, vou até dar um exemplo: como eu trabalho no Iapar, na área que eu trabalho só tem mulheres.

P: Sim.

A: Aí no caso assim, se ela não se sujeitasse a ficar tipo, em casa né, aí no caso eu vou dar o exemplo lá do Iapar, como todas as mulheres da minha área, que é de diretoria pessoal, todas trabalham ali e se dão muito bem, né. Porque no caso elas conseguem tomar atitudes assim, rápidas, ela tem aquele, uma visão, de tudo o que está acontecendo ali né. (pausa) E elas conseguem assim, no caso acho que elas seriam...

P: A Capitu seria mais ou menos assim?

A: Mais ou menos, é.

P: Comparando uma pessoa da área de, da administração.

A: Aham. (pausa) De tomar atitudes.

P: De tomar atitudes. Muito bem. Qual desses personagens, os outros que você lembra, que, por quem você mais se afeiçãoou? Que você gostou, assim, mais afetivamente, poderia ser seu amigo, sua amiga.

(pausa 25 seg.)

A: Ó, poderia ser o Escobar...

P: O Escobar...

A: Ou a própria Capitu (risos) Assim, a Capitu eu já falei né, ela assim, tem esse pensamento diferente; e o Escobar, porque assim, ele foi, foi quando ele conheceu o Dom Casmurro lá no seminário né. Seria um dos primeiros amigos dele né, e que mesmo depois do seminário continuou sendo amigo dele. Após o seminário ele teve essa relação maior com o Dom Casmurro, né. Aí eu acho que seria ele assim, sabe?! Esses dois, entre a Capitu e o Escobar.

P: Você viu no Escobar e na Capitu é, gente mais jovem, do seu jeito?

A: É, eu encaixaria assim, sabe. O Bentinho, ele era assim, até antes dele, pensar em se, em se, porque ele foi traído né, aí que ele...

P: Em acabar com essa história?

A: Aí que tomou essa feição mais, mais...

P: Séria?

A: Séria, né. Ele também acho que seria uma boa pessoa, assim no caso né. (risos)

P: Você também se afeiçoou, afeiçoou nesse sentido que ele era um menino, é, sonhador e que amava? Tá. Então esses três porque eles têm mais a ver com você? Talvez?

A; Talvez.

P: É: (pausa) Que característica do (incompreensível) que você viu em algum desses personagens que também chamou a sua atenção?

(pausa)

A: Do Bentinho pela forma que ele é sonhador mesmo, como você falou.

P: Sei. A Capitu?

A: A Capitu pela atitude dela, né.

(pausa)

P: O que você pode me dizer, assim da atitude? Você pode desenvolver um pouco mais a sua ideia? Essa atitude dela é no sentido de ser determinada? O que é a atitude que você quer dizer?

A: Ah, atitude assim, (pausa) como, (pausa) não sei (risos)

P: Ela, você acha que ela tinha opinião?

A: Ela tinha essa opinião diferente né, é que nem eu falei né, tipo, ela, só pelo fato assim, dela ter essa opinião tipo, de ser meio que fora da época dela né, dela pensar desse jeito, já dá aquele...

P: Já chama atenção?

A: Já chama atenção né. Isso, nossa já, isso já, eu acho que é um, esse ponto do livro foi o que me chamou atenção. Agora você vai conversando, você vai entender né, um pouco melhor...

P: Isso, vai desenvolver um pouco.

A: Aham.

P: Você achou que a Capitu era meio fora da época dela?

A: Aham.

P: E a atitude dela, é no sentido dela ter personalidade é isso o que você quer dizer?

A: É.

P: E que chamou a sua atenção? Você pode detalhar assim, algum jeito dela, algum comportamento, alguma situação que pode exemplificar essa personalidade forte, que aparece?

A: É, vamos ver. Tem uma parte do livro em que, quando eles eram jovens ainda né. No caso tipo, o Bentinho está junto com ela assim na sala, aí, eu acho que é o primeiro beijo dela, se não me engano, aí a mãe dela aparece e ela age como se nada tivesse acontecido, tipo naturalmente né. Como se nada acontecesse, e o Bentinho tá lá tudo bobo, e meu Deus...

P: Ela sabe dissimular muito bem

A: Ela sabe dissimular, e sabe assim, como se nada tivesse acontecido né. Ela sabe:, Assim, manipular o que ela tava fazendo e, consegue entender bem essa parte.

P: Já o Bentinho?

A: Já o Bentinho, já não. (risos)

P: Enrolado?

A: Todo bobo.

P: Todo bobo, ingênuo?

A: Ingênuo.

P: Algum outro personagem que, pode ser desses secundários também, que te chamou atenção? Alguma atitude que teve, que você admirou?

(pausa)

A: É que assim, faz um tempinho que eu não leio o livro, mas assim, é que você foca bem os personagens principais, aí eu fico meio perdido na história (risos)

P: É mas, qualquer um deles pode ser a Dona Glória, pode ser o José, (incompreensível) José Dias, ou mesmo o tio dele lá o advogado.

A: Aham. Ah tem aquela

P: Ou o Escobar, ou a Sancha ou o Ezequiel...

A: Ah, tem aquela parte, acho que é quando ele tá conversando com o Zé Dias sobre o seminário né, na qual ele não queria ir, aí ele fala, aí no qual ele fala que poderia fazer qualquer coisa e no caso seria as leis né, seria o que ele queria fazer, aí o que mudou daí a opinião do José Dias né. O fato dele falar “nossa as leis”. Ele falou tipo, as leis eles viam algo assim super importante também né, você percebe que é um mérito maior né. A hora que ele falou as leis o José Dias já pensou “nossa, eu vou tentar conversar com a sua mãe”, né. Aí isso que mudou também, isso que eu achei interessante nessa parte, como que ele mudou assim né, tipo ele tava falando uma hora que ele não podia contrariar a mãe dele né, e tal assim, aí depois a hora que ele falou que fazia qualquer coisa até as leis, aí ele falou “nossa acho que eu, eu vou tentar conversar com a sua mãe” né, porque as leis é algo muito bonito né assim, aí é essa parte também.

P: Você admirou o José Dias por ele ter é:, compreendido a situação de uma forma mais séria ou reconhecendo no Bentinho uma (incompreensível) só né?

A: Na hora que ele reconheceu que ele podia ter uma coisa assim diferente né, não precisava ser seminarista, não precisava ser padre, se ele não quisesse né.

P: Poderia ser advogado?

A: Advogado.

P: E isso daria tanta importância quanto.

A: Aham.

(pausa)

P: Agora assim, além de você pensar fechado no Bentinho, no Escobar, com qual desses, com qual dos personagens você se identificou? Que tem mais a ver com você, com o seu comportamento, os seus valores?

A: Meus valores?

P: Tudo aquilo que você pensa, o seu jeito...

(pausa)

A: Ah, falar assim só de um, é meio difícil, né (risos)

P: Sim, sim, e não precisa ser só os meninos, pode ser... é caráter né.

A: Ah, sim. Se fosse pela determinação seria da Capitu, pelo jeito sonhador do Bentinho né, e o modo de pensar um pouco, sei lá do José Dias né. Seria uma mistura assim. Assim, eu não me caracterizo, com um sozinho assim eu não sei se eu me caracterizava certinho. Mas assim, pensando de um modo geral assim, eu acho que vai encaixando um pouquinho de cada se encontra.

P: E o José Dias, pelo quê exatamente?

A: Ah...

P: Como é que você se identifica por ele, por esse personagem?

A: Pelo (pausa) alô?

P: É, às vezes falta apito (risos)

A: (risos) Ah, na qual ele pode também pensar um pouco né, do que tipo, ele tinha uma opinião que era seguir, ele dava a opinião da mãe do Bentinho né. Mas ele ouviu, mas daí ele ouviu o que o Bentinho tava dizendo né.

P: Prestou atenção.

A: Ele deu atenção pro Bentinho né. Aí seria esse modo um pouco atencioso né.

P: Atencioso, ponderado... Ele tenta achar uma saída, tentando ajudar.

A: É, é esse o meu lado. Porque ele daí pensava como ele falou pra ele né, que tipo eu não sei se vou conseguir mudar a opinião da sua mãe, mas eu vou poder tentar ajudar né. Aí isso...

P: Essa disponibilidade?

A: Aham.

P: Isso você, isso é um valor pra você? Isso é uma coisa que te pega?

A: Aham. Tentar achar uma solução né.

P: Ótimo. E, entre os personagens, entre si? Tem aquele mundo de personagens nessa história, como é que você viu eles resolvendo os seus problemas? As suas dificuldades, os seus conflitos?

(pausa)

A: Ó, como o livro conta primeiro a impressão do Dom Casmurro né, porque tá como em primeira pessoa, e geralmente ele conta os fatos pra ele né. Aí mesmo que você assim, você via os fatos, mas você via os fatos meio que, mais pro lado do Dom Casmurro né, porque é ele que tá contando o livro, e ele que tá descrevendo né. Aí tanto é que eu quero saber né, mas aí acho que vai saindo mais perguntas pra depois né?! Seria da Capitu, do filho dele, que parecia lá com o Escobar.

P: Não, pode falar.

A: Então, ah, então é que como, peraí que eu perdi o fio da meada (risos) É:

P: Daquela situação,

A: Situação?

P: como é que eles resolveram?

A: Ah tá.

P: Como é que ela se entendeu? Ah, eles estavam resolvendo bem ou mal?

A: Então, aí como, tá até no conceito de, o clímax seria do livro né, o mistério de como e por que, se a Capitu traiu mesmo o Dom Casmurro ou não né. Aí como ele conta assim, tipo ele fala da Capitu mesmo como se ela tivesse traído, né. Mas tipo, não tem o lado da Capitu né, no qual seria tipo... ah, ele conta assim como se tudo se fosse assim a Capitu tá fazendo aquilo, e eu acho que ela tá me traindo. Tipo, tá acontecendo alguma coisa, né. Tinha essa semelhança, daí ele fala da semelhança do filho dele com o Escobar né. E: assim, ele não pega muito pra resolver a situação ele não vê assim o contexto geral, vamos falar né. Ele vê mais o contexto individual dele. Aí ele tenta...

P: O ponto de vista dele?

A: É.

P: E:, aí você achou que ele é egocêntrico? Nessa situação?

A: É, nessa situação, porque ele pensa né, que ele é, ele tá sendo traído né, aí ele tende a mesmo a achar né. Então...

P: No ponto de vista dele né, que volta e ele não fica prestando muita atenção.

A: Não vê os outros fatos né.

P: Você acha que é uma encanação dele mesmo, ou você acha que procede? Você acha que os fatos provam alguma coisa?

A: Assim, é que ficou muito por cima, sabe? Porque se tivesse assim, faz de conta que tivesse uma parte explicando melhor assim, a afeição entre o:, o:...

P: Escobar.

A: Escobar e a Capitu assim, e o:...

P: Ezequiel?

A: E o Ezequiel né, aí podia ter assim, achar mesmo se pode ter um ponto assim, que fala que tá traindo né. Porque ao mesmo tempo você fica meio em dúvida né, porque o Dom Casmurro contando a história assim, parece mesmo que ela tá traindo né. (risos)

P: Convence?

A: Convence. (risos)

P: Então, você, como é que você ficou no final dessa história? Te convenceu?

A: Nossa, eu fiquei em dúvida (risos)

P: Continua em dúvida? (risos)

A: em dúvida! (risos)

P: Alguma outra situação que você também admirou? Da forma como foram resolvendo as pendengas?

(pausa)

P: Pode ser lá no início também.

(pausa 6 seg.)

P: Como os personagens foram conversando, resolvendo as suas dificuldades.

(pausa 10 seg.)

P: Ou não tem nenhuma situação mais assim?

A: É tem, tem. (risos)

P: Tem? Uma situação problema.

A: Situação problema?

P: Por exemplo, aquela mesma do Bentinho ter que ir pro seminário que foi no começo da obra? Como é que você viu essa situação?

A: Ah, assim, no primeiro eu vi, era um problema pra ele né. Porque como, primeiro que ele tava apaixonado pela Capitu. Aí realmente, seminarista, quando uma pessoa vira padre, ela não pode ter relação com uma mulher, aí ele já entrava totalmente em contradição ali né, porque ele gosta da Capitu, aí como que ele vai querer virar padre? Mesmo ele também não querendo virar padre né. (risos) Aí, eu acho, assim esse foi mesmo um ponto que chamou atenção, sabe? Porque assim, você fazer uma coisa que você não quer ser né.

P: Sei. E mas, e daí como eles resolveram isso? Como é que você viu eles resolvendo? Ou, ah, eles... Como é que foi? Você achou eles razoáveis?

A: É, tipo, mesmo que não resolvendo assim, o Bentinho foi um pouco esperto porque ele sabia que mesmo que ele falasse com a mãe dele, mãe dele não ia acatar a ordem dele né, aí ele tentou essa intervenção pelo José Dias né. Aí eu achei ele bem esperto assim, vou falar, só que daí não deu muito certo (risos) mas pela tentativa assim, foi boa né.

P: Pelo menos deu uma quebrada naquela cena.

A: É, naquele negócio assim, tipo...

P: Que tinha que mesmo ir, porque a mãe queria, não. Isso já foi minando um pouco.

A: Foi equilibrando né, deixando um pouco mais... menos aquele tom assim, você vai e cabô. Sabe?

P: Foi determinado. Não.

A: Mas ajudou futuramente né.

P: Ajudou. Amoleceu um pouco. (tosse) Quem é o personagem, na sua opinião, que é a chave do conflito? Sem ele não haveria essa história.

A: Hum. Ó, tem o filho dele (risos), que se não tivesse falado que a feição dele parecia com a do Escobar, ninguém tipo, ele não ia pensar que tava sendo traído (risos) Porque aí o povo mesmo falava né, não lembro quem falou, mas que ele parecia, que o filho dele mesmo parecia muito com o Escobar né, aí que entrou na cabeça, ele falou “meu eu tô sendo traído” (risos) Aí que entrou essa paranoia de querer falar tudo a hora que a Capitu tá acontecendo, é, ela tava apaixonada pelo Escobar, e blá, blá, blá né (risos). Eu acho que assim, o ponto chave mesmo foi o filho dele né, que assim... E o próprio Escobar daí que seria né. Aí teve aqueles conflitos né, ele e o Escobar, que ele tenta envenenar ele né, a não, depois ele desiste, daí...

P: Bentinho tenta envenenar o Ezequiel no final.

A: Ezequiel, é o filho né?! Acho que foi isso, acho que foi o Ezequiel.

P: Você acha então, que o Ezequiel é o fio condutor dessa história?

A: Aham. Para o conflito sim. Porque dá aquele ponto assim, mais...

P: Nenhum outro você acha que seria, o que conduz a história, que sem ele não haveria história?

(pausa)

A: O Ezequiel, assim, eu dei o Ezequiel o exemplo como, tipo o conflito né, que ele deu o conflito. Mas quem conduz a história assim, vamos ver, aí seria, aí tem entre o Bentinho e a Capitu né, a história é em volta deles né. Porque: como ele é tipo, apaixonado pela Capitu né, você vê assim no começo como, o tanto tipo, ele fala, sei lá, tantos, nossa ele fala ela tipo como se fosse a mulher perfeita mesmo, sabe?! Tipo o jeito dela, ele fala assim tudo assim, tudo pra ele, ela é perfeita né. Aí isso envolve, ele assim, indo atrás em busca dela né. Tanto é que quando ele vai pro seminário ele fala que um dia ainda vai casar com ela né. Aí: eu acho que ah, aí seria a Capitu e o Bentinho né, porque a história é deles mesmo.

P: Os dois são os que seguram essa história e sem eles não aconteceria?

A: É.

P: Você já resumiu tudo. Pra esses dois teria um, ou você acha que são esses dois mesmo?

A: Ah, pra história mesmo, aí tem (risos) vai aparecendo só mais né (risos). Vai aparecendo mais coisas.

P: Mas eu digo assim, dos que sem eles ou sem ele não haveria história, você acha que é o Bentinho e a Capitu?

A: É, porque se não tivesse Bentinho, quem ia se apaixonar pela Capitu? Daí se não tivesse Capitu, por quem o Bentinho ia apaixonar?

P: (risos) Tá certo, causa e efeito. Bem, saindo agora do âmbito dos personagens, eu sei que o espaço não é lá grande coisa nessa história, mas eu queria que você me dissesse de um ou mais espaços que foram muito significativos pra essa história e que ajudaram a contar essa história. Significativo, não só do ponto de vista físico, mas também afetivo. Pra você e pros personagens.

(pausa 25 seg.)

P: São poucos os lugares né. Mas eles, eu queria que você me falasse um pouquinho de um ou dois.

A: (risos) Tem a própria cidade dele né, que é o lugar em que acontece tudo quando ele era jovem, e desenrola ali a maior parte da história né.

P: Você sabe que cidade é essa?

A: Ai eu esqueci o nome.

P: É o Rio de Janeiro.

A: É o Rio de Janeiro né?!

P: E, espaços específicos assim, lugares específicos da história?

A: Ah, tem o, conta bastante da casa dele.

P: Da casa dele quando ele era...

A: Jovem.

P: O que te diz esse espaço? Ou o que esse espaço é interessante pro Bentinho?

A: Ah, porque conta a infância dele né, a parte onde ele se apaixonou por ela né, aí tipo, acho que todo o conto quando ele era jovem, é ali né. Então, tipo, ali tá o passado dele, quando ele começa a contar essa história, né. Aí acho que tem muito esse envolvimento tanto emocional também né, porque como a casa dele passou tipo, ele viveu ali, ele conta o livro dele, então ali, tipo é conto né, o conto inicial do romance ali, né. Acho que é isso mais ou menos (risos).

P: Você tem avaliação agora, tem prova né?

A: Não sei, acho que era de geografia, mas não sei, não faço ideia.

P: Tem problema se eu extrapolar um pouquinho o horário?

A: Não.

P: Não? Mas não vai demorar muito não. Eu queria que você me falasse um pouco da época, do tempo em que isso se passou. Não tinha muito carro, não tinha celular, computador, só tinha charrete, cavalo,

A: (risos)

P: escravos, enfim.

A: Como assim?

P: Como isso era, naquela época, como que você notou que é diferente de hoje?

A: Hum. (pausa) Que época que era? Era século?

P: Você lembra?

A: Século dezenove?

P: Entrada do século.

A: Dezenove. (pausa) Hum.

P: Os assuntos, eram, digamos os mesmos dos nossos, mas como é que eles resolviam?

Discutiam, falavam, como é que eles se relacionavam, diferente do que é hoje?

(pausa)

A: Hu:m. Ó, pegando o contexto assim, sei lá, que eu já vi muito seriado, vamos falar assim, né. Você repara que, primeiro porque assim essa época assim, a pessoa não tinha um contato direto com outra, né. Aí isso já mostra o outro lado da Capitu né (risos) E:, o que? Os pais eram bem autoritários. É:. Hu:m.

(pausa 7 seg.)

P: Que coisas assim que você achou estranhas, talvez?

A: Estranho?

P: Daquela época pra cá, te deixou assim, um pouco surpreso, talvez?

(pausa 12 seg.)

P: Os assuntos como é que eram diferentes? Como que eles discutiam isso? Um pouco diferente de hoje.

A: Vou lembrar um pouquinho.

(pausa 9 seg.)

P: Se pensar na religiosidade, por exemplo?

A: Ah, bom exemplo, verdade! É nessa época que tipo, a religiosidade era tipo, bem mais firme né, vamos falar assim.

P: Você acha que...

A: Não, é assim, mesmo pelo contexto histórico também né, que nessa época o que, a Igreja Católica era dominante né. Aí o que, e tem também o contexto que as escolas do Brasil eram de, feitas por padres né, eu esqueci o nome agora (risos), mas aí o ensino que eles tinham mesmo era nessas escolas, nesses seminários né.

P: Seminários dos padres jesuítas, colégios.

A: Colégios né. Aí você vê, é, dá pra reparar nisso bastante por esse envolvimento da Igreja nessa época né. Nessa época a Igreja tinha um, é:.

P: Peso?

A: É um peso maior né. Não tinha esse envolvimento por parte, sei lá, do estado né. Porque essa época, século?

P: Dezenove?

A: Dezenove?

(pausa)

P: Não havia essa obrigatoriedade de ir à escola né.

A: Não tinha essa, e nem todos né, tinham essa oportunidade né, no caso.

P: Poucas escolas públicas.

A: Tanto é, acho que quando ele vai estudar, ele tem que ir pra fora do país né.

P: É, na época, os jovens filhos dos ricos, dos fazendeiros, iam estudar fora. Iam estudar em Portugal, na França.

A: Isso também me chamou atenção, o fato de, pra você fazer uma, né que nem, sei lá, pra ter um curso superior, você teria que sair do Brasil, porque no Brasil não tinha, ainda não tinha faculdade.

P: É, tinha duas, a faculdade de direito e de medicina, mas estava começando, era pra poucos. Bem, que temas você percebeu eles discutindo atrás dessa história? Você me entende? Que assuntos que existem atrás dessa história?

A: Ai, tipo assim, um tema já primeiro é a traição né.

P: A traição é um tema, certo.

A: A traição. É:. Não sei mesmo, se é um tema mesmo, mas é:, do:... De quando ele é prometido mesmo pra ir pro seminário né. Não sei se é um tema, mas eu acho sei lá, é que chamou a atenção aí eu tô falando.

P: Essa questão da vocação sacerdotal?

A: É, isso, vocação. No caso ele não tinha vocação mesmo pra ser padre (risos)

(pausa 7 seg.)

P: É isso o que você achou? Bem, e o que você achou narrador?

A: Narrador?

P: É. Como é que ele conduz a história, como é que ele vê o leitor, como é que você se sentiu em relação ao narrador quando você estava lendo? O que você acha que ele achava do leitor contando essa história desse jeito? Parece que tentando convencer

A: É, ele tenta, ele assim, ele consegue passar a informação que ele realmente amava a Capitu né. Aí depois que ele pensa que ele foi traído ele passa totalmente a outro agora tipo, o outro modo de dizer da Capitu né. Que é passar pro leitor que ele, ele queria mostrar o lado dele que ele tava sendo traído, vamos falar assim, ele tenta convencer mesmo, mostrar que a Capitu traiu né, o que ela... É isso. Eu acho que assim, sabe, ele tenta convencer o narrador, o lado. O narrador tenta convencer a gente ficar do lado do Dom Casmurro.

P: Você acha que ele manipula?

A: Eu acho, um pouco (risos)

P: Você achou essa história verossímil? Quer dizer, você acha que podia acontecer mesmo? Ou você achou um pouco fora?

A: Ah, se ver de, pode acontecer, pode.

P: Mas não foi absurdo?

A: Mas não foi absurdo né. Porque assim, mesmo você vendo o contexto da época, você vê que era normal né, o fato de tipo, é: você ir pro seminário, a mãe e o pai querer né, a ordem. Hoje em dia já não era possível isso, eu já não acho que é possível né, mas pela época eu acho que não foi uma história absurda né, foi uma história que tem um padrão assim, que envolve até uma trama assim, boa.

P: Sobre a questão, quando você leu, você teve dificuldade com a linguagem, palavras e expressões?

A: Um pouco na linguagem.

P: Me fala um pouco disso.

A: É assim, como a gente, igual exemplo assim do dia-a-dia. Primeiro porque um jovem de hoje em dia, vou falar assim, pode até falar que é geral, não tem esse muito costume de ler né. E principalmente por ser uma obra de época, tem bastante, muitas palavras assim, difíceis né.

P: Diferentes de hoje?

A: Diferentes, aí a pessoa que se não interessar, ela não vai atrás e continua sem saber o que é aquela palavra, e deixa, sabe?! Mas se a pessoa já tem o costume de ler, né. Assim, mesmo obras de época né, obras mais assim, que tem uma linguagem mais formal assim, ela vai ter um, não vai sentir muita dificuldade né. Aí como eu já não leio muita obra assim, de época eu tive assim, um pouco de dificuldade né.

P: Mas deu pra entender a história?

A: Deu pra entender a história. Dá pra entender.

P: Foi mais pelo contexto?

A: É, você vai ligando os fatos e encontra né.

P: O que você achou do final da história? Como é que ele é, como é que esse final te deixou? Alegre, triste, indiferente, frustrado, chateado?

A: Ah, eu fiquei assim, meio frustrado né.

P: Meio frustrado? Você daria outro final pra essa história?

A: Ah, eu tentaria. No caso antes tipo, voltando um pouco antes. Ou eu tentava tipo, mostrar o lado realmente que ela teria traído né, descobrido. Aí eu deixava o leitor mais em paz (risos) Ou mostrava o lado que ela não tinha traído né. E bem que, aí depois ele conta né, que, que a Capitu morre né, aí mostra tipo tudo lá o que aconteceu depois né, ele não dá atenção pro filho dele depois né, que ele descobre, aí eu já teria dado assim, que ele, mesmo ele não descobrindo a verdade, continua sendo filho dele né, ele poderia ter dado uma atenção maior pro filho dele. Aí mesmo, não renegar ele do jeito que ele fez.

P: O que você pensa do autor no final? Depois de ter lido essa história. Que ideia que você faz dele? Que cara que era esse Machado de Assis?

A: Ah, ele era, vamos ver (pausa) Ele era um autor que, que (estala os dedos) (pausa)

P: Você saiu admirando ele ou saiu odiando (risos)?

A: Não, eu admirei ele por deixar essa, uma trama assim pra fazer a pessoa pensar, sabe?! Tipo, pra deixar aquela, tipo assim, ao mesmo tempo que a pessoa fica meio frustrada de não saber o que aconteceu no final de verdade, ele vai fazer poxa será que ele traiu ou não traiu mesmo, sabe?! Ele deixa ali essa dúvida, tanto é que eu li muitos resumos na internet, pra ver mesmo (risos) se alguém chegava a alguma conclusão né.

P: Pelas beiradas. Mas aí como homem, como escritor, como é que você via ele?

A: Ah, ele:, ah, ele consegui assim, fazer uma, uma história assim, que não é muito pra época dele tipo assim, ele transformou uma coisa assim, ai como pode falar?

P: Que pergunta você faria pra ele hoje? Se você encontrasse ele. Ou o que você diria pra ele?

A: A Capitu traiu Bentinho? (risos)

P: E:, bem a gente acaba fazendo uma imagem, uma ideia do cara pela, pelo que ele escreveu, por algo que ele tenha realizado, e assim, que ideia, só pra acabar, que ideia você faz do Machado?

A: Machado?

(toque de celular)

P: Só um pouquinho, tá?! Já to saindo. Eu to terminando a entrevista, então tá bom, eu aguardo você. Isso, isso, por favor, obrigado, tchau. Desculpa.

A: Ah, o cara, sei lá. (pausa) Ah, ele, ele, é um cara que pensa além da época dele assim, né. Porque pra...

P: Tá avançado.

A: ãm?

P: Tá avançado, pra sua época.

A: É. Pra ter uma visão daquela que ele teve tipo, da época que ele escreveu né, tipo, nem todos tinham né. Pra ter todo, até uma coisa é escrever até hoje né, que você vê e encaixou hoje né. E ele conseguiu fazer isso naquela época, e isso eu admirei nele, muito.

P: Sujeito capaz. Em uma palavra?

A: Uma palavra? Hum (pausa)

P: Machado de Assis é isso, cara assim.

A: Machado de Assis é:.

P: Pode até usar gíria se você quiser (risos)

A: (risos) Machado de Assis é:

P: Pode falar...

A: Machado de Assis, ele é, ah, pera aí, ó se fosse pra, é que tem várias coisas aqui sabe!?

(risos)

P: Então pode falar várias coisas.

A: Ah, primeiro que ele foi um cara inteligente né. Por ter escrito uma obra assim, mesmo quem agora, você fazendo esse monte de pergunta pra mim, eu tipo consegui, meio que entrar na trama (risos)

(incompreensível)

A: E, que mais? Inteligente (pausa) Ah, (pausa) Inteligente (risos)

P: Tá bom. Leonardo, brigadíssimo por você ter aceitado meu convite. Eu esqueci de trazer o que eu queria dar pra você, é só simbolicamente um chocolatinho (risos) Brigado hein.

A: Eu que agradeço professor.

P: Obrigado mesmo.

Colégio Estadual Professor José Aloísio Aragão - Aplicação UEL

Entrevista individual II

Obra: *Dom Casmurro*

P: Daniel, eu vou pôr o gravador perto de você, porque é a sua voz, é a sua fala que me interessa.

A: Certo.

P: Você leu *Dom Casmurro*?

A: Sim.

P: E é sobre essa obra que você vai me falar e eu vou registrar aqui. Então Daniel me fale assim, das suas impressões gerais sobre a história, sobre...

A: Ah, eu achei uma estória tipo, interessante, só que: ela demora muito pra, não chegar no clima certo, ela é muito tipo, nos mínimos detalhes. Mas todos os livros são nos mínimos detalhes, pra demorar mais tal, pra dar aquele tom de ai, tipo, de curiosidade no leitor, certo!? Mas, foi assim, eu achei que ela foi tão fragmentada nos mínimos detalhes que ah, o leitor, ele não consegue identificar ao certo qual que é a função ou objetivo do autor da história passar pra gente, sabe?! Então eu achei uma história legal, mas ela demora muito pra ser explicada assim, no meu ponto de vista.

P: Ficou um pouco (incompreensível)?

A: Aham.

P: Além desse aspecto mais estratégico, né do que você percebeu da leitura da história, que outras coisas assim, gerais que você, as suas impressões sobre a época, sobre os assuntos?

A: Na verdade, ela tem muito a ver com o que nós estamos vivendo agora né, que é aquela história de amor deles tipo, de jovens, certo?! E tem muito aquele tom de traição, melhores amigos, todo esse enredo, sabe?! Faz com que a história fique mais interessante pro leitor. Ele pega um gosto de ler, na hora em que chega na parte sabe, bem interessante, no núcleo da história. Então, eu go... Eu, na minha opinião, gostei de ler bastante essa história. Foi, legal (risos) eu achei legal.

P: Certo. E, assim, sobre o enredo propriamente dito, os personagens...

A: Os personagens, cada um tem a sua característica principal. Tipo, Dom Casmurro é um cara que ele sempre foi apaixonado, mas ele sempre tinha que esconder isso, porque ele não podia tipo se apa... Vamos dizer assim, mostrar o sentimento dele porque a mãe dele tinha feito uma promessa, certo?! Então, eu acho que como em qualquer história todos têm que ter sua característica principal que tipo, diferencia um personagem do outro, certo!?. Então, pra mim, o personagem, ele teve bastante fun... Não é função, ele teve bastante:... (risos) ele faz bastante diferença na história, certo!? Mas eu acho que o que mais envolve mesmo, o que dá a vontade de continuar lendo é o tema, o tema que a história aborda.

P: Uma outra coisa que você percebeu, assim espontaneamente?

A: Não, nada.

P: Sobre os personagens propriamente ditos, qual deles foi que mais chamou a sua atenção?

A: Que mais chamou atenção? Ah, Dom Casmurro, porque eu acho que me identifico bastante com ele (risos) sabe?!

P: O Bentinho.

A: Aham. Porque na verdade, no mundo de hoje, nós temos que seguir várias regras, certo!? E às vezes essas regras não são muito as que nós queremos, certo?! Então, tipo, na minha vida eu tenho que fazer o que minha mãe e meu pai ditam, então eu não posso sair da linha. Dom Casmurro também, ele tinha que fazer a promessa, ele tinha que ir de acordo com a promessa que a mãe dele tinha feito. Então, eu acho que tem, essa história tipo, eu gostei bastante porque ela tem um pouco a ver comigo sabe?! Eu senti como se o Dom Casmurro fosse eu ali. Aí eu gostei, tomei o gosto pra ler esse livro.

P: Identificação?

A: Identificação.

P: Mas você acha que não mudou nada de lá pra cá em termos de exigências?

A: Ah, não, mudou bastante, claro. Tipo, daquela época, era muito, tinha muito aquele respeito maior pelos pais, pelos mais velhos. Tinha um respeito muito maior envolvido. Aquela (pausa) é respeito, na verdade não tem uma palavra pra descrever que é isso, mais respeito mesmo tipo, na época de antes e agora.

P: Você fala isso de um modo geral?

A: Geral.

P: Não da sua parte?

A: Não da minha parte, de modo geral.

P: Você não vê isso tanto nos outros jovens?

A: Não.

P: Algum outro personagem além do Bentinho que chamou a sua atenção por qualquer motivo?

A: Hum. Hum. Não. Só o filho dele que tinha aquele espírito aventureiro, sabe?! (risos) Que gosta de curtir a vida.

P: E ele também tem alguma coisa a ver com você?

A: Um pouco. Eu gosto também de explorar novas coisas assim.

(pausa)

P: E, qual dos personagens você mais se afeiçoou? Assim, que você ficou mais ligado afetivamente?

A: Afetivamente?

P: É, poderia ser seu amigo ou sua amiga.

A: Meu amigo?

P: Sim.

A: Vamos ver... Aquele amigo dele, que eu esqueci o nome agora.

P: O Escobar?

A: Isso, Escobar. Porque ele sempre quando o Dom Casmurro precisava, ele estava ali do lado né, certo?! Mas tipo, na história não fica bem dito se ele, ele fez alguma coisa com a Capitu, certo?! Se o filho era do Dom Casmurro mesmo, então, eu acho que ele é meio assim, aquele amigo, que ele é seu amigo a hora que você precisa e tudo, mas na verdade, ele sempre quis se aproveitar de alguma coisa que você sempre teve. Então, eu já tive vários amigos assim, (risos) amigos não, colegas, mas que eu considerava amigos, e no final sempre só ficavam quem eram verdadeiros mesmo. Tipo, os que ficavam do meu lado eram os que precisavam e os que me apoiavam nas horas mais difíceis. Então, eu achei que ele é, passa bem, ah passa bem o que é um amigo hoje em dia praticamente, porque hoje em dia não se vê mais tantos amigos como antigamente.

P: Você acha que ele não foi fiel?

A: Não, não foi tão fiel assim, quanto eu pensava que ele era no começo da história. Porque você começa lendo e parece que eles têm um laço muito afetivo assim, sabe?! Aí depois ele faz, depois que o Dom Casmurro, o Bentinho né, fica todo assim desse jeito, com aquela dúvida se o filho é dele ou não, aí passa aquele tom de desconfiança, você não consegue mais ter tipo, o mesmo olhar que você tinha sabe?!

P: Bem, eu perguntei se você ficou ligado afetivamente, você fala do Escobar, mesmo não concordando com a atitude dele. Mas, o que assim, ligou você afetivamente a ele?

A: Porque ele, na hora em que o Bentinho precisava ele tava sempre do lado, ele tava sempre apoiando ali. Tipo, ele nunca deixava de tá do lado. Mesmo ele fazendo as coisas erradas, sabe?! Não sendo tão amigo assim, mas ele sempre tava ali do lado, entendeu?! Sempre apoiando, então é isso.

P: Você acredita que o Escobar traiu o Bentinho?

A: Eu acredito, é o que, é pra mim o que a história indicou isso, ela fez eu acreditar nisso. Várias pessoas tipo, meus colegas que leram, alguns acharam que sim também e outros acharam que não. Mas na minha opinião eu acho que (interrompido)

P: Você ficou convencido?

A: Fiquei convencido só pelo que diz ali, porque não deixa muito bem esclarecido, né.

P: Fica assim uma dúvida?

A: É (risos)

P: Bem, e: (pausa) assim, que características ou qualidades, virtudes sei lá, valores né, que você viu em algum desses personagens que também chamou a sua atenção?

A: Ah, eu... Fidelidade, é, confiança...

P: Por parte de quem?

A: Fidelidade por parte do Dom Casmurro, do Bentinho.

P: Do Bentinho em relação a quem?

A: Em relação à Capitu. É:, do, eu vi confiança por parte do Escobar pro Bentinho. É:, laços afetivos né, que toda família tem, do filho pro pai, do pai pro filho, mulher com o marido. E, acho que só isso que eu consigo lembrar agora (risos)

P: Certo. Se você quiser tomar algum personagem em especial e falar sobre algum valor que você viu, você lembra dele? Você quer que eu lembre?

A: Eu achei que a mãe dele foi bem fiel à promessa que (interrompido)

P: A Dona Glória?

A: É, ela foi bem fiel à promessa que ela fez, sabe?! Tipo, seguiu o que ela tinha prometido. Mas, é:, eu acho assim, que ela foi, não pela época nem tal tudo, mas na verdade, eu acho que na verdade, quem decide o que nós queremos fazer somos nós mesmos, certo?! E ninguém pode intera... Intervir, sabe?! Porque a gente tem que fazer. Então, eu acho que, por um lado ela tá certa, e por outro tá totalmente errada. Eu achei isso (risos)

P: Pelo lado certo, você achou?

A: Pela promessa dela, por ela ter feito e ter cumprido. Mas pelo outro, por ela ter feito uma promessa por outra pessoa.

P: Por outra pessoa.

A: Por outra pessoa.

P: Muito bom. Bem, no relacionamento dos personagens entre si, como é que você viu eles resolvendo as suas dificuldades, os problemas?

A: Na verdade, o problemas que eles tinham eles sempre procuravam uma saída mais fácil, vamos dizer assim. Quando não podia resolver, eles brigavam. Por exemplo, quando o Bentinho não pôde resolver o problema de traição com a Capitu, ele juntou a família e eles foram viajar, certo!? Aí, lá eles brigaram (risos) e separaram. Então, acho que assim, tudo a gente tem que ter bastante calma pra resolver, entendeu?! Colocar a mão na cabeça e pensar né, e eu achei que não foi muito isso que eles fizeram, eles foram mais pro lado da discussão e

tal. E mas, ah, é isso que torna a história mais, é:, que dá aquela vontade no leitor, sabe?! De continuar lendo.

P: Instiga.

A: É, instiga.

P: Alguma outra situação assim, que você observou alguma dificuldade que eles tiveram e eles resolveram? De uma forma que você ficou admirado, que você achou interessante.

A: De interessante?

P: Pode ser lá no início...

A: Que eles procuraram seguir os caminhos que eles queriam, sabe?! Tipo, ele queria ficar com a Capitu e ela queria ficar com ele. E até por isso eles quebraram a promessa que a mãe dele tinha feito. Então, eles viveram o que eles queriam. Não viveram pelos outros. Então, eu acho que é bem legal da parte deles, assim.

P: Lutaram pels seus objetivos?

A: Lutaram pelos seus objetivos e conseguiam, né. (risos)

P: Você admira isso?

A: Admiro.

P: As pessoas que lutam pelo que querem? Tá bom. Qual dos personagens, na sua opinião é o fio condutor da historia? Sem ele, não haveria essa história.

A: Hum, o Bentinho, né, portque o próprio livro já tem o apelido que foi dado a ele, né, Dom Casmurro, então eu acho que ele que conduz a história do início ao fim. Sem ele não teria muito sentido, porque ele é o personagem principal, ele e a Capitu, certo?! Mas ele aparece mais que a Capitu na história. Eu achei isso. (risos)

P: Você acha que ele aparece mais, em que sentido ele aparece mais?

A: Em todos os sentidos, ele, vamos dizer assim, o Escobar, por exemplo, sem o Dom Casmurro ele não seria ninguém, porque a ligação que ele tinha antes era de amigo com o Dom Casmurro. A Capitu, se não tivesse o Dom Casmurro ela seria só a Capitu e não teria aquele tom de romantismo. E eu acho que não tem o que falar sobre assim, que acrescente mais, certo?! Porque ele é, ele é o principal, não tem como tirar o personagem principal e continuar com a mesma história. Eu acho que é mais ou menos isso.

P: Certo, se você estivesse no lugar do Bentinho, o que você faria? Você agiria igual ele (interrompido)

A: Ai, eu acho que (interrompido)

P: Ou você daria uma oportunidade pro Escobar?

A: Ai eu acho que eu tentaria compreender mais, buscar mais as verdades, porque ele não tinha uma ideia totalmente formada, sabe?! Então, eu acho que eu ia atrás de mais informações, correto?! E também não ficaria com todo aquele, ah, aquela pressão que ele tava em cima do amigo e da mulher. O que até acabou afetando mesmo o filho dele né, que ficou muito chateado e saiu da família, vamos dizer assim, foi pra longe pra tirar esse clima de briga, de intriga entre os três. Então virou um triângulo amoroso que, na verdade acabou prejudicando só um personagem que foi o filho dele. Eu achei, eu achei que se fosse eu no lugar dele, eu tentaria compreender, tentaria conversar mais com o meu filho e buscaria mais provas pra que fosse esclarecido o que tava acontecendo.

P: Você acha que até ele ficou na dúvida?!

A: É, eu acho que sim. Até ele ficou na dúvida.

(risos)

P: É, saindo do âmbito dos personagens, eu queria saber dos lugares, dos poucos pontos que aparecem na história, dos lugares que foram significativos pra história, pra ajudar a contar a história, e talvez até pra você.

A: Hum

P: Ou significativo talvez pros personagens.

A: Eu acho que a casa da Capitu né. Passou bastante parte da história lá. Tipo, o romance deles começou mais ou menos ali na cidade natal deles. Acho que quando eles fizeram uma viagem pra aquela cidade que eu esqueci o nome. Foi bastante significativa porque teve a parte da separação, das brigas, tal.

P: Ah, no final quando eles foram pra Suíça?!

A: Isso, foram Suíça. Que nem, as intrigas começaram, não que começaram, elas se:, se tornaram mais tensas, foram mais fortes ali na Suíça, por isso também eu acho que teve a ver com a separação. E: só, a cidade deles e a Suíça que foi mais ou menos tudo que, a parte que eles viveram mais.

P: Sabe que cidade que é? Que eles viveram?

A: Eu esqueci também (risos)

P: Rio de Janeiro.

A: Rio de Janeiro, isso aí!

P: Você, você falou da Suíça por que você achou que aquele lugar foi assim, interessante na história? Você poderia falar um pouquinho mais sobre isso?

A: Porque assim, é: (interrompido)

P: Você falou que ficou tenso lá...

A: Como assim? Vamos dizer assim, quando você assiste um episódio de uma coisa, ele tem o começo que faz você se interessar, e ele continua cada vez mais pra chamar a sua atenção, sabe?! Tipo, cada vez mais importante, cada fato mais importante assim, pra você ficar bem ligado nele. E aí, não sei que episódio tem duas partes, ele vai continuar em outro dia, certo, ou em outro lugar, certo e essa segunda parte é mais importante ainda, então ela vai fazer com que você tenha mais vontade ler, mais vontade de entender. Então eu achei que o Rio de Janeiro foi a primeira parte que eles viveram, tipo é: uma parte bem importante da história, a maioria da história. E a viagem foi o que complementou, veio pra, pra chamar mais atenção, chamar bastante atenção, porque foi uma parte da história que eu achei muito legal sabe, tipo explicou muito, porque tava no clímax praticamente da história e foi muito sabe, tinha muita, aquele de conteúdo, sabe?! Tipo, é, o começo da história é explicado nos mínimos detalhes, mas essa parte não, ela tipo, ia direto ao ponto, sabe?! Chamou bastante a minha atenção, porque foi a parte que eu achei mais legal do livro.

P: E você acha que lá na Suíça criou-se um clima de expectativa?

A: Isso.

P: Que que vai dar disso? Mesmo que eles tivessem sido bem objetivos.

A: Eu acho que, eles tipo, criaram curiosidade na gente (risos) praticamente assim, porque eu, ah, eu não sei das outras pessoas, mas pelo que eu li, eu achei muito tipo, legal assim, o final do livro, sabe?! Tipo, quando eles viajaram pra Suíça, foi o que tornou aquela, aquele momento o livro inteiro fazer, fazendo sentido, sabe?! Eu achei muito, muito legal mesmo.

P: Você falou da casa da Capitu, além do aspecto físico como é que você percebeu assim, a coisa afetiva, também significativa nesse espaço?

A: É:, aquele tipo romance de jovens, certo?! Os dois são apaixonados um pelo outro, mas um não tem coragem de contar pro outro e o outro também não tem coragem de contar. E no meio desse romance outras pessoas intervêm, como o pai dela, eles tinham bastante medo do pai dela e tem uma parte da história que ele meio que foi, que eles estavam escrevendo no muro, certo, aí o pai dela chegou e eles meio que disfarçaram. (risos) Então, tipo, o fato de, da promessa também, tudo intervindo não deixava que eles não tomassem essa, essa atitude que eles tiveram de se casar, de ter filho. E eu acho, achei que eles foram bem produtivos ao tentar escapar, tipo dessa, desse mundo que eles estavam vivendo e construir o que eles queriam. Foi, pra mim bem legal (risos) essa parte.

P: Aquele espaço se tornou pra eles um espaço de convívio e de construção dessa afetividade.

A: Isso.

P: Bem, vamos falar um pouquinho do tempo, da época. Você faz ideia, lembra que época que era?

A: É:, exatamente eu não lembro.

P: Século...

A: Século:, acho que era dezenove?

P: Dezenove? Tá. E em relação àquela época diferente de hoje, como é que você viu, até certa forma nesse mundo de lá pra cá? Os aspectos que você quiser comentar, seja dos costumes, dos assuntos.

A: Hum. Os assuntos são da época né, que eles falavam. Como hoje nós falamos dos assuntos que ocorrem no nosso meio, no nosso dia-a-dia. E os costumes são bem diferentes né, porque como eu já disse, antes, eu pelo menos acho que antes existia muito mais respeito pelos mais velhos, respeito por tudo. Não só com os mais velhos, por sabe, qualquer coisa assim, o ser humano tinha muito mais respeito, hoje em dia você não vê muito isso na rua. Você anda assim, tipo ninguém te respeita, ninguém sabe?! É um tratamento muito diferente assim, do que era antes.

P: A questão do respeito é uma coisa que você percebeu muda muito?

A: Mudou bastante.

P: E outros assuntos assim, que eles discutiam que seriam diferentes ou alguma coisa que te chamou atenção? Nossa isso é tão fora da nossa época.

A: Hum. O tratamento dos casais né, (incompreensível) o tratamento dos casais e...

P: Esse tratamento dos casais em que sentido?

A: De que sempre o marido vem primeiro, sabe?! A esposa assim, sempre aquela função de

P: Se sujeitar?

A: É, sim ser sujeitada a coisas que tipo, hoje em dia ela não se sujeita. Eu acho que, na minha visão foi só isso.

P: Certo. E o tema que você percebeu atrás dessa história, que você acha que o escritor discutia? Ou tentou discutir. Você me entende? Temas, assuntos que no meio da história ele discutiu.

(pausa)

A: Traição.

P: Traição.

A: É:, (pausa) acho que amizade.

P: Amizade.

A: Acho que, é que eu não tô conseguindo lembrar direito, mas tem vários temas, tem outros temas, mas são temas que, fazem aquele diferencial, sabe, de uma história pra outra. Eu achei tipo, ele tentou discutir a realidade que ocorre hoje em dia também com a maioria dos casais. Que é aquilo de desconfiança, fidelidade que não acontece muito entre os casais, alguns não, uma grande maioria se salva, mas eu acho que: foi só isso (risos).

P: E a amizade que você falou, também. Você achou que foi discutido por meio de que personagens?

A: Por meio de todos, na verdade. Porque eu acho que antes de ser família, marido, mulher, qualquer outra coisa, nós temos que ser amigos. Todo mundo precisa de, na verdade, ninguém precisa de uma mulher quando você tá, você tá sentimental, você precisa de um amigo do seu lado, que possa te consolar, essas coisas. Eu acho que antes de tudo nós temos que ser amigos, então ele praticamente, passou amizade em toda a história.

P: Você achou essa, bem, antes de ir pra questão. O que que você achou do narrador? Como é que ele conta essa história, como é que ele vê o leitor, como é que você se sentiu como leitor?

A: Eu acho que ele, do início ao fim, ele tentou passar tipo, um tom de que tinha alguma coisa faltando na história, sabe?! Pra você continuar lendo pra ver na próxima página vai saciar aquela sua vontade de descobrir o que é, entendeu?! Foi bem (interrompido)

P: Instigando a curiosidade.

A: Isso, foi instigando a curiosidade, certo. Então, pra mim, ele, o narrador com a história interagiu muito bem comigo, o leitor né?! E pra mim, eu acho que não podia ter ficado melhor essa história, porque eu não penso em nenhuma, tipo um jeito dela ficar melhor, porque o jeito que colocaram o narrador com o enredo, tudo ficou muito bom. Eu achei muito legal, eu gostei muito de ter lido esse livro.

P: O que você acha que o narrador pensa do leitor? Que ele é um sujeito capaz, pouco capaz? Ele faz pouco caso ou super estima?

A: Ele, acho que ele pensa que eu sou capaz. Não, sabe, não sigo muito isso.

P: Você acha que o narrador manipula o leitor?

A: Ah, com certeza né, porque ele tá fazendo com que nós busc, busq

P: Busquemos?

A: Busquemos a continuar lendo sabe, pra continuar entendendo muito melhor a história, então eu acho que, foi tudo tipo, ele é bem manipulador assim, sabe?! Nessa parte. Mas eu acho que também ele passa aquele tom de calma, sabe?!

P: Ah é?!

A: Tipo, de pra explicar a cena. Como se você tivesse precisando de alguém pra te ajudar e ele fosse lá e explicasse tudo direitinho, assim. É muito, foi muito bom.

P: Nos mínimos detalhes?

A: Nos mínimos detalhes.

P: Você achou essa história verossímil? Quer dizer, ela realmente podia ter acontecido na realidade, ou você achou meio fora?

A: Eu acho que, ela já aconteceu com várias pessoas assim, né já deve ter acontecido, porque nossa, ela tem uma identificação com o mundo moderno, sabe, que é fora de época, sabe?! E você pensa assim, o cara que escreveu essa história faz muito tempo já, e como que ele sabia que hoje o mundo moderno ia tar desse jeito? Parece que ele tinha, ele teve uma breve visão do futuro assim, porque foi, eu acho que tá muito parecido com o que acontece hoje em dia, sabe, com os casais. Foi uma história assim, que deixa você fascinado pra continuar lendo tudo. Foi bem interessante. (risos)

P: O autor e a história caberiam na sociedade atual?

A: Aham, com certeza.

P: Então, ele te convenceu? A história... (interrompido)

A: Sim, bastante.

P: As coisas que... (interrompido)

A: Tipo, tudo convenceu que hoje tem aquele, é: aquela visão do adolescente que é rebelde, certo?! Tem a visão da esposa infiel; do marido que só busca a mulher, a melhora da família; do amigo que é traidor; tem tudo isso. A mãe que é super-protetora, certo?!

P: Você achou que ele caracterizou direitinho cada um?

A: Direitinho, todos com tudo. Com o que a sociedade dá como, é:, uma visão prévia do que na verdade as pessoas são, sabe?!

P: Desses tipos de caráter. Ótimo. Você achou difícil ler esse livro? Do ponto de vista da linguagem, das palavras, das expressões?

A: Ai, as expressões são tipo, algumas palavras que você não lê em qualquer livro, sabe?! Porque acho que são da época dele, sabe?! E eu não tô muito acostumado com essas palavras e expressões, então sempre quando eu achava uma palavra difícil, que minha mãe é professora de português eu perguntava pra ela. Aí ela me respondia, então pra mim foi fácil, mas eu acho que pra outras pessoas que fossem pegar o livro e não tiver tanto, tanta ajuda assim de outras pessoas pra, ah pra ajudar assim, eu acho que seria mais difícil, bem mais confuso pra elas.

P: Há algumas citações ou expressões que foram difíceis e você foi pra frente porque não entendeu?

A: Não, porque tanto quando eu tava lendo sempre perguntava tipo, eu lia, se eu não entendia, eu passava por cima. Não passava por cima, eu guardava aquela coisa tipo, comigo. Aí quando chegava em casa e perguntava pra minha mãe, ela esclarecia tudo. Então ela fazia com que eu entendesse melhor a história, sabe?! Assim, foi.

P: Parte por parte. Aham. E o que você achou do final da história?

A: Ai, eu achei que deixou aquele clima de dúvida. (risos) Porque eu fiquei com muita dúvida no final, eu não sabia se era verdade, ele que, o amigo dele, o filho do Bentinho era filho dele mesmo ou do amigo. E no final, parece acontece tipo, porque a gente tá acostumado desde criança a ter aquele final feliz, certo?! Na história sempre tem aquele final feliz. Ai chega, a gente começa a ler assim, e no final é aquele final triste sabe?! Que não tem nada a ver com o que a gente estava esperando, sabe?! Então, foi um livro que marcou bastante, porque ele teve uma mudança assim, no que é vinculado pra nossa sociedade, sabe?! Tipo, todo livro tem que ter aquele final feliz, porque é assim que acontece hoje em dia, mas na verdade, não é assim que acontece hoje em dia né. Nós sabemos muito bem que não é assim que acontece.

P: Então, frustrou as suas expectativas? Você pensava que isso ia dar em outro final?

A: Não foi tipo, em tom de frustrar sabe?! Assim, frustração. Foi mais por, porque tipo, eu não tô acostumado então foi uma coisa nova, sabe?! Como se tivesse aprendendo uma coisa nova, foi (pausa) demais assim, foi dez.

P: Como é que você se sentiu no final? Triste, frustrado, indiferente, contente, feliz?

A: Eu me senti (pausa) (risos) eu fiquei com uma dúvida imensa, sabe?! Tipo aquele tom de dúvida, daí não tem como você perguntar pra ninguém, porque ninguém sabe na verdade, o que que o autor sabe?! José de Alencar tava pensando na hora que escreveu, então vai ficar aquele tom de dúvida pra sempre. (risos) Eu vou ficar duvidoso até lá.

P: Que foi a crônica por romance. Muito bem, você mudaria o final dessa história?

A: Não, eu acho que tá, a história tá bem assim, tá perfeita assim. Só esse fato de ela ter, ser muito fragmentada no começo, só. Isso eu mudaria um pouco, sabe?! Pra chamar mais atenção do leitor, do público jovem.

(pausa)

P: O que você pensa do autor depois de ter lido essa história?

A: Na verdade, eu nunca tinha lido um livro dele antes

P: Machado de Assis você nunca tinha lido?

A: Nunca tinha lido um livro dele antes. Foi o primeiro, e eu achei o autor, já era bastante comentado, porque a minha mãe é professora de português e sempre ela me ajuda com essas coisas então, eu já sabia que ele era um autor bem importante assim, mas é.

P: Mas, por meio da história, como é que você sentiu esse autor? Você comprova que ele merece?

A: Merece. Ele é bom demais. Porque na verdade, tem aquele livro, acho que é dele também "Senhora", é dele?

P: Não, "Senhora" é do José de Alencar.

A: José de Alencar. Tipo, tem a ver que tudo ele deixa aquele ar misterioso, sabe?! É muito legal.

P: Em uma palavra, como é que você caracterizaria Machado de Assis?

A: Machado de Assis?

P: Esse cara, esse homem.

(pausa)

(barulho eletrônico)

A: Eu acho que, (pausa) ah, ele é, poxa sei lá. Pra mim foi muito bom ele, sobre deixar a gente com vontade de ler, ler procurar mais informações sabe, sobre a história.

P: Quer ler outras histórias

A: Foi isso (risos)

P: Tá. Muito bem, brigadíssimo.

Colégio Estadual *Professor José Aloísio Aragão* - Aplicação UEL

Entrevista individual III

Obra: *Memórias Póstumas de Brás Cubas*

P: Bem, só a título de registro, Lucas, você leu *Memórias Póstumas de Brás Cubas*.

A: Certo.

P: Eu queria que você me falasse assim, inicialmente, das suas impressões gerais, em todos os aspectos.

A: É:, o livro, ele é meio cansa, muito cansativo. Primeiramente, assim, porque quando você lê algumas partes, você já meio que quer parar, mas (incompreensível) chamou atenção. Ele me chamou muita, muita atenção, sabe?! Ah, linguagem dele é bem difícil. (risos)

P: Você achou difícil?

A: Aham. E também em relação é:, ele não é um livro que tá muito narrando, ele não é muito preocupado em narrar fatos numa ordem cronológica. Ele coloca muito, é:, com relação de coisas, fatos é:, a filosofia do autor talvez, não sei, alguma coisa assim, que ele coloca muito o que ele pensa sobre toda a sociedade assim, todos os fatos que ocorrem, é:, sobre os temas que ele coloca lá também, traição. Assim, como a, principalmente a classe média vivia naquela época. E, então nesse, em relação a isso é meio difícil, porque eu tô acostumado a livros que tem uma é:, narra fatos numa ordem cronológica e ele já não, ele coloca muito essa questão de pensamento assim, aí fica meio difícil.

P: Reflete muito e as falas são, se perdem, não é um romance direto, né!?

A: Aham.

P: Bem, e os personagens, quais que chamaram a sua atenção?

A: Ele não tem muito um herói assim, alguma pessoa que você possa meio que se inspirar, porque, por exemplo, o: personagem principal que é

P: O Brás.

A: O Brás Cubas, ele é, no caso ele traía com a mulher a:

P: Virgília.

A: Isso. Não lembro bem o nome dos personagens (risos)

P: E o Lobo Neves.

A: É, traía o Lobo Neves, no caso com a Virgília. Então, no caso e também tinha a Virgília que no caso traía. Mas o personagem que eu acho que talvez fosse mais ã: correto, talvez seriam os empregados dele. Sei lá, alguma coisa assim, acho que fica, não é que eles seriam corretos, é que eles ajudavam ele, obedeciam assim, ã: meio que, eles meio que eram escravos, que obedeciam assim, acho que talvez eles fossem, mesmo sendo por dinheiro. Talvez eles fossem, como posso dizer?!

P: Você acha que eles eram mais coerentes?

A: É que eles obedec... É, mesmo recebendo dinheiro eles obedeciam ao Brás Cubas, entendeu?! Tipo, da forma que ele tinha ordenado, não que esteja dentro das leis assim, no sentido: (interrompido)

P: Você fala da Dona Plácida que aceita aquela situação de encobrir (interrompido)

A: Aham. Mesmo recebendo dinheiro, ela obedecia isso.

P: Era fiel ao seu, digamos patrão.

A: Ela poderia falar não assim, mesmo sendo errado. Mesmo por ser errado o que ela estava fazendo.

P: E você acha que pelo fato dela receber dinheiro e encobrir uma coisa, você acha isso errado.

A: Eu acho errado, mas em relação a...

P: Do ponto de vista ético

A: ético, errado, mas mesmo assim ela...

P: em relação ao?

A: em relação ao Brás Cubas ela foi fiel.

P: Foi digamos, ao patrão, ela foi fiel!?

A: É.

P: Conivente com ele.

A: É. Agora eu não sei, eu não vi nenhuma pessoa que seja assim, um herói mesmo. É que não tem assim, porque nos outros livros geralmente tem alguém que você fala "essa pessoa é perfeita, nunca comete erros". Lá todo mundo comete algum erro. Ninguém é perfeito, no caso, é uma coisa mais comum assim, as pessoas.

P: Tá. Mas, vamos pensar num sentido mais amplo, não só no sentido de ser correto ou de ser o herói, o que te chamou atenção mesmo pelas coisas incoerentes, pela falta de qualidade, falta de virtude?

A: Eu acho que, por exemplo, o Brás Cubas ele é uma pessoa muito triste assim...

P: Você achou ele triste?

A: É, ele poderia ter escolhido uma outra mulher assim, mas ele queria a Virgília, e no final meio que não trouxe nada pra ele, pra vida dele. Então eu acho que ele é uma pessoa que não teve sorte assim, e também fez escolhas erradas. Desde o começo que ele namorou a Marcela, que era uma pessoa politicamente incorreta, (risos) depois, foi no caso, a Virgília ele traía ela. Era uma traição em relação ao Lobo Neves. E:, chamou a atenção também a Virgília poderia ter casado com o Brás Cubas, porque eles já se gostavam, só que ela por, pelo dinheiro assim, pela vantagem que ela ia ter, ela casou com o Lobo Neves, mesmo sendo errado. Eu acho que são esses pontos negativos que me chamou atenção.

P: Você achou que ela estava se garantindo com o Lobo Neves porque ele tinha dinheiro?

A: Isso, eu acho.

P: Mas o Brás Cubas também não era pobre.

A: Mas, eu acho que não era com relação só a dinheiro, era em relação a prestígio mesmo. Porque ele era uma pessoa mais da elite.

P: Ele ocupava um cargo público, ministro.

A: Ele tinha, ele ia trazer, mostrar, é:, elevar a condição dela, não só em relação a dinheiro.

P: Seria mais glamuroso?

A: Aham.

P: Ou é mais glamuroso ficar com o Lobo Neves, porque ela aparecia.

A: Ela queria aparecer pra mostrar que ela tinha o poder. E com o Brás Cubas ela não ia ter isso, porque ele era uma pessoa, eu acho que era.

P: Você acha que ele era mais abnegado?

A: Eu acho que ele era mais comum assim.

P: Você acha que era por comodismo ou por convenção?

A: Em relação?

P: Ao fato de ser assim.

A: Ah, ela, em relação a ela ser assim?

P: O Brás Cubas.

A: Ah, entendi.

P: Ele era mais simples, ele era acomodado ou ele era modesto mesmo, e não queria essa, esse glamour todo?

A: Deixa eu pensar. Eu acho que (risos)

P: Você falou que ele era triste. Mas ao mesmo tempo, parece que ele não luta muito pelas coisas.

A: Eu acho que ele não agia mesmo, vamos falar assim, talvez. Talvez ele não agisse nos casos quando realmente ele quer, mas de certa forma ele não buscava, e de certa forma (risos) ele buscava. Ela poderia ter formado uma família assim, mas ele não, preferiu da maneira mais difícil assim. (risos) Mas, isso já seria um fato de buscar uma coisa mais difícil, mas ao mesmo tempo é uma coisa errada, então seria melhor pra ele ter formado uma família, mas mesmo não era o que ele queria, eu não sei. Talvez, não sei.

P: Era meio insatisfeito. E, algum personagem que você gostou dessa história?

(pausa)

P: Entre as características de um e de outro, que você tivesse se afeiçoado.

(pausa)

A: Eu acho que não tem ninguém.

P: Não tem ninguém com quem rolou uma empatia?

A: Assim, o Brás Cubas, é claro que você vai meio que ir pro lado dele, porque você lê a história do ponto de vista dele. Talvez, em alguns momentos eu é:, fui pro lado dele, concordei com ele e tal. Mas, mesmo assim, ele cometeu erros tipo assim, muito grandes, então eu acho que, aí ele meio que afastou. Porque eu pensava que ele era muito bom, entendeu?! Coisas assim.

P: Que erro, algum erro que você achou que ele fez, esse grande erro?

A: É em relação às escolhas (risos) amorosas dele. Em relação (interrompido)

P: De ter ficado com a Virgília

A: Em relação até à Marcela também, talvez.

P: Ficou gastando o dinheiro do pai dele irresponsavelmente.

A: Ele é uma pessoa bem fora da lei mesmo, desde que ele era criança.

P: Meio anarquista. E bem, e outros personagens, inclusive o próprio Brás Cubas, em que você viu valores assim, alguma virtude, alguma coisa que te chamou atenção, mesmo com personagens secundários.

A: Tinha a, o amigo dele, esqueci o nome. É o Quincas?

P: Quincas Borba, o filósofo.

A: Então, ele, eu acho que era a pessoa mais correta da história. Assim, ele tem aquele fato lá do relógio, depois ele devolve, achei uma coisa muito incomum.

P: Só pegou pela necessidade mesmo?!

A: É, depois de anos né, ele devolve. E assim, ele era uma pessoa mais racional na história. Mesmo ele sendo um filósofo, é que ele humanismo. É muito estranho, mas ele pensava de uma maneira mais racional.

P: Ele tinha um objetivo,

A: Tinha um objetivo.

P: uma tese.

A: Eu acho que ele era a pessoa mais racional.

P: Racional. Aham. E isso chamou a sua atenção, o caráter dele?

A: É. E ser fiel também.

P: Fiel? Fiel ao amigo?

A: Aham.

P: Bem, teve algum personagem com o qual você se identificou? Coisas que batem com o seu jeito, a forma de pensar.

A: O Quincas Borba, por exemplo, em relação a devolver as coisas assim, se eu precisasse de alguma coisa, com certeza eu iria depois buscar devolver.

P: Você seria capaz em uma situação de necessidade de pedir alguma coisa?

A: Pedir alguma coisa? É, se eu tivesse realmente precisando, eu ia pedir, e ia pedir endereço, alguma coisa assim, pra devolver.

(risos)

A: Porque eu ia buscar devolver mesmo. E também, em relação à Dona Plácida que ela era muito fiel, no caso ao Brás Cubas. Mesmo sendo meio que obrigada pelo dinheiro, mesmo assim eu acho que ela é fiel assim.

P: Você acha que ela é fiel porque ela gostava deles, se afeiçãoou a eles e:, ou ela tinha convicção de que aquilo que ela estava fazendo era correto, poderia ser correto. Você acha que ela não se incomodou com essa situação

A: Eu acho que ela queria o dinheiro mesmo. Mas talvez...

P: Você acha que ela foi interesseira mesmo?

A: Mas ao mesmo tempo ela gostava deles, eu acho. Mas mesmo assim, ela recebeu dinheiro, então de certa forma, ela tava querendo dinheiro, (risos) ela poderia não ter aceitado. E também ela, eu acho que naquela época era um fato também que os empregados respeitavam muito assim...

P: Os empregados?

A: Respeitavam muito é...

P: Os patrões, os senhores.

A: E:, meio que foi, eles tinham a convicção de que teriam que fazer isso, mesmo que...

P: Mesmo fazendo o errado.

A: mesmo que não quizesse, que fosse contra o que eles pensavam. Mas eu acho que ela ao mesmo tempo gostava dele, mas queria dinheiro.

P: Certo. Bem, e assim ainda, eles, os personagens, resolvendo as suas situações ou dificuldades. Que fato te chamou atenção, e que você viu eles resolvendo, como é que você percebeu isso?

A: É mais difícil essa. (risos) É que eu não lembro exatamente de algumas coisas, sabe?!

P: É, dificuldades, diferenças. Quando ele era novo e queria aquela sobremesa que não vinha nunca e ele armou um escândalo, depois ele gastou o dinheiro do pai dele com a Marcela, foi praticamente preso.

A: Em relação a... Você pode repetir a pergunta, fazendo favor?

P: Como é que você viu eles resolvendo as suas dificuldades, os seus problemas?

A: Acho que é, o Brás Cubas com dinheiro mesmo. Todos os fatos é em relação a esconder as coisas, ele comprou uma casa, pagou a Plácida, então tudo ele resolvia com o dinheiro que ele tinha.

P: Você acha que ele comprava as pessoas?

A: Ele comprava, acho que ele comprava tudo o que ele precisava assim, mesmo que fosse uma pessoa.

P: E dinheiro não era problema pra ele.

(pausa 8 seg.)

P: Qualquer situação assim, que você viu que era meio complexa que eles poderiam ter resolvido de um jeito e eles resolveram, do jeito que está na história.

A: Eu só tô lembrando...

(risos)

P: Mesmo essa situação bem complicada que eles arrumaram, o Brás e a Virgília querendo ficar juntos e eles fizeram essa manobra, toda alugando uma casa.

A: Eles poderiam ter falado a verdade, ter contado pro Lobo Neves...

P: Você achou?

A: É, eles poderiam ter acabado com isso. Mas não era vantajoso.

P: Como é que seria isso?

A: Por exemplo, a Virgília queria ter o status, então se ela contasse ela iria perder todo o status, porque naquela época também é traição. Até hoje é, mas hoje acho que é menos que antes. Então, poderia ter contado pra ele, eles se separavam ou alguma coisa assim. Mas acho que é uma coisa super, é:, hoje seria mais fácil, porque hoje a separação é uma coisa meio que comum assim.

P: As pessoas conversam mais abertamente?

A: As pessoas aceitam mais onde pode haver separação. Aceitam a separação de uma maneira diferente do que antes. E também as pessoas iam, ou atualmente pensam que é uma coisa errada, mas não é tipo uma coisa absurda assim, normalizou assim, sabe?! Antes não. Então se ela fosse contar, no caso ela ia ter, ia virar problemas sobre o que todos iam pensar sobre ela, e talvez ela não ia querer mais nem sair na rua. Então é complicado se ela contasse. Mas seria a coisa certa a fazer, ou se eles se separassem também, porque ela já tinha se casado com o Lobo Neves e separar do Brás Cubas né, no caso. E não do Lobo Neves. Mas eu acho que seria a coisa mais correta pra época.

P: Pra época?!

A: Aham. Ela sabia que não gostava realmente do Lobo Neves, e casou com o Brás Cubas, então ela teria que ter, ela sabia dos riscos que ela tava correndo e tal. Ela poderia não ter casado com ele, ou se casou, continuar com ele. Alguma coisa assim.

P: Não dava mais pra voltar atrás.

A: Atualmente daria, naquela época era mais complicado.

P: Atualmente daria, pode contexto né?!

A: Pela sociedade.

P: Tá bom. Bem, pra terminar com relação aos personagens, qual dos personagens ou quais, que são imprescindíveis aqui? Que são o fio condutor dessa história?

A: Ah, o Brás Cubas, óbvio né. E que mais?

P: Principalmente pelo quê?

A: Ah sim, primeiro porque ele conta a história, (risos) ele narra a história. E também ah, sem ele, se ele não existisse não teria nada disso. Os fatos ocorrem por causa dele. Ele que tá lá na história assim.

P: Praticamente uma biografia?!

A: É. E, assim, ele que, ele que é o centro da história. A Virgília né, que é com quem ele fica. O Lobo Neves e a Dona Plácida, os quatro.

P: Você acha que esses são os principais?

A: Os principais, sim. Porque assim, a Virgília porque ela fica com o Brás Cubas; o Lobo Neves porque é casado com ela, no caso; e a Dona Plácida que é...

P: Conivente com tudo.

A: É, tipo, encobre tudo o que eles fazem. Então se ela não fizesse isso, ele provavelmente já teria descoberto e teria acabado tudo. Eu acho que são os quatro.

P: Você acha que o Brás Cubas, a Virgília e o Lobo Neves são o triângulo amoroso que sustenta a história?

A: É. Aham. Como o tema da história.

P: Se tirasse um, se tirasse o Lobo Neves, mesmo que ele não seja (interrompido)

A: Mudaria totalmente a história.

P: Mas, o conflito não seria o mesmo?

A: É, porque eles teriam uma relação normal, não teria um motivo pra ter uma história. Motivo assim, não assim, a primeira vista é claro que não teria. Mas escritores escrevem histórias dessa forma. Mas eu acho que, o objetivo dele é mostrar isso, então se tirasse um deles, não teria motivo de escrever.

P: A história seria meio sem graça, talvez.

A: Aham. Não teria, acho que as pessoas não gostariam de ler, de nenhuma maneira assim, talvez. Ah, não sei, tem histórias que são assim. Eu não gostaria de ler.

P: Tá bem. E, me diga um espaço importante pra essa história, que ajuda a contar a história, que é afetivo. Um lugar especial que você achou.

A: Eles se encontram na... Primeiro ele encontra a Marcela na vizinhança, depois eu não tô lembrando onde eles se encontram. Eu não lembro onde eles se encontram.

P: Você está falando do Brás com a Marcela?

A: Não, o Brás Cubas e a Virgília. A Marcela é na vizinhança né.

P: A Virgília, primeiro, na própria casa dela, mas depois na casa que eles alugaram.

A: Mas eles se encontram na casa? Eu não lembro mais.

P: Sim, fica boa parte do tempo lá.

A: Mas eles se encontraram pela primeira vez, eu não lembro.

P: A Virgília e o Brás Cubas? Onde eles se encontram? Deixa eu lembrar. O pai dele já apresenta a Virgília pra ele né. Mas ele não mostra interesse, até mesmo porque o pai dele prometeu a Virgília e uma vaga na câmara dos deputados, e não fez uma coisa nem outra né. Mas eu não lembro exatamente assim. Mas, fala um lugar assim, que você acha que ajuda no sentido de, contar a história e cria um clima, um ambiente não só físico, mas afetivo.

A: A casa da Virgília, ela assim, ela vive com o Neves e ao mesmo tempo o Brás Cubas sempre vai lá, eles são amigos.

P: Ela o recebe com um suspense.

A: É, a qualquer momento alguém pode perceber que eles têm uma afeição, alguma coisa assim né. Porque todos estão observando eles, no casa dela

P: Na casa boa

(risos)

A: Então, todo mundo pode perceber. E também é os momentos em que o Lobo Neves, a Virgília e o Brás Cubas estão juntos. A casa que eles alugam também né, que você falou, é o lugar em que tudo acontece.

P: A afetividade deles.

A: Aham. E que também, a qualquer momento alguém pode, sei lá, por algum motivo ir até lá e alguém contar pro Lobo Neves que viu eles indo, alguma coisa assim. Então nesse sentido e também pode acontecer dele descobrir e também acho que são os lugares que dão mais suspense assim, dão mais, mais

P: Ajudam no conflito.

A: Dão interesse na história, deixam a história mais interessante.

P: Tá certo.

(risos)

P: E me diga um pouco do tempo, da época. Como é que era, e como que é diferente de hoje?

A: Eles já, foi depois do período da independência né. Eles, bom, primeiro, a sociedade era mais assim, como posso dizer assim, é:, as pessoas eram mais é:, tinham meio que vergonha de se mostrar assim. Elas queriam ficar retraídas assim, as pessoas não poderiam mostrar o que elas realmente pensavam, entendeu?! Alguma coisa assim. Ele não podia, no caso eles não aceitavam com relação à traição ou à separação, que é uma coisa, a traição eu acho super errado, mas a separação, no caso, eu penso pelo menos, que é uma coisa mais espontânea assim, que as pessoas fazem, deveriam fazer quando houvesse necessidade assim, então é:

P: Tem a ver com honestidade?!

A: Aham. Mas antes, no caso, de trair né. E naquela época eu acho que nesse sentido deles não poderem mostrar o que pensavam. A forma como os políticos eram eleitos, eu acho que mostra um pouco assim.

P: Como era isso?

A: Era uma maneira assim, a elite porque tinha acesso, no caso, não tinha nem chance de alguém

P: Não era democrático.

A: Era uma democracia meio, era só a elite mesmo. E também com relação aos servos né, que mostra

P: Os escravos.

A: como eles eram tratados. Principalmente no começo que era escravidão mesmo, que eles maltratavam o escravo,

P: Prudêncio.

A: e, mostrava como que a classe média pensava, ele não era super rico também. Então, mesmo não tendo muito dinheiro ele trava muito mal as outras pessoas, os servos. E, (pausa 3seg.) atualmente eu acho que é um pouco diferente assim, tem pessoas que tratam mal, mas as pessoas não tratam assim, as pessoas mal só porque tem dinheiro, eu acho.

P: Você acha que a mentalidade da época era diferente no tratado, não por maldade que ele sujeitasse. Que que seria isso?

A: Eu acho, eles pensavam que era a maneira correta então, eles não faziam isso, porque

P: Era natural?

A: era uma coisa normal, como se fosse o certo mesmo. Vou tratar os escravos mal porque eles eram inferiores. Eles não pensavam que eles têm direitos também.

P: Você acha que eles entendiam que os escravos eram inferiores mesmo?

A: Eu acho. Que eles pensavam que eles deviam servir sem questionar, sem nada assim.

P: Inferiores em que sentido?

A: No sentido de direitos, eu acho. Escolhas, assim. Eles não poderiam pensar se eles queriam ou não queriam, eles só tinham que obedecer.

P: Como é que eles viam a inteligência desses escravos?

A: Eles achavam que eles não tinham chance de fazer mais nada a não ser servir.

P: Que eles eram limitados, a função deles era limitada?

A: É, que eles eram objetivos assim, eles não poderiam sair daquela condição de servidão. Mesmo depois que eles são livres, eles continuam sendo servos né.

P: De uma outra forma.

A: Aham.

P: Alguma outra coisa assim, que te chamou atenção da época com relação a hoje? É muito diferente?

A: Á:, não sei. Acho que não.

P: E, que tema você acha que esse autor discute? Que tema você daria pra essa história além de “Memórias Póstumas de Brás Cubas”?

A: Eu acho assim, o tema da história, o título, é em relação a triângulos amorosos naquela época como era. E em relação à traição, o tema traição. Também em relação a um tema assim que mostra meio secundário assim, que mostra é, tipo, como posso ser fiel assim.

P: Fidelidade? É um tema que aparece pra ser discutido. E um tema geral assim?

A: Eu acho que é a traição mesmo.

P: Você já leu alguma história semelhante a essa?

A: Não dessa forma, mas muitas histórias que a gente tem traz assim, um triângulo amoroso. Acho que talvez tenha sido até um marco do tema, não sei, será que foi?

P: Você acha que a traição assim, seria o que mais aparece aqui?

A: Aham, o triângulo amoroso.

P: E, bem, mas assim, alguma história

A: Específica?

P: É, talvez um filme que você tenha visto que você comparar, ou um romance que você tenha lido que você possa comparar.

A: É que eu não leio romances, geralmente não.

P: Mas mesmo filmes você assiste?

A: Aquele filme “Crepúsculo” fala muito sobre isso. O filme não é tão bom assim, é claro que não é tão complexo, mas tem esse tema assim. Eu acho que esse, no caso o filme, tem o objetivo de vender e não mostrar só a realidade. Mas, eu acho que tem esse tema

P: Também o tema da traição aparece?

A: Aham. Traição, no caso o triângulo amoroso.

P: Ah, o triângulo amoroso que aparece?

A: Assim, as novelas atualmente, a maioria delas tem alguma coisa assim. De triângulo amoroso ou de traição assim, é um tema muito comum que tem chamado muita atenção. Mesmo que não seja o foco, mesmo aparece.

P: Faz parte do

A: Da história.

P: O que você me diz do narrador? Já que você até apontou o Brás Cubas como o narrador da história da sua vida.

A: Primeiro ele não tem preocupação em falar o que ele pensa, porque ele já morreu. (risos) Então ele pode falar o que ele quiser, ele pode falar mal das pessoas, é assim sem preocupação. Então, ele é uma pessoa muito, é:, no final da vida ele não concluiu nada do que ele queria, a vida inteira dele foi um desperdício, talvez.

P: Deu essa impressão?

A: Aham. Ele meio se arrependeu, talvez tenha se arrependido de tudo que ele tenha feito, das escolhas que ele tenha feito. Então, eu acho que ele tá dando meio que uma ideia assim, uma, como diz?! Uma dica pras pessoas que estão vivendo, não fazer o que ele fez. Porque se fizer, vai perceber que talvez você vá se arrepender de tudo o que você fez durante a sua vida. Então, ele é triste, eu acho. (risos)

P: No final, o jeito que fica, o final fica triste.

A: Aham, ele se julga uma pessoa triste também sabe!?! No final da vida dele ele meio que se arrepende de tudo. E acha que fez tudo errado.

P: Morreu frustrado?

A: Sim, uma pessoa que errou muito. E que nada, mesmo que, não só errando, mas que os erros não levaram a nada.

P: Você acha mesmo que ele está dando uma dica pro leitor?

A: É, uma dica pra, como uma opinião assim, pra não seguir o que ele fez. Ele tá contando a história assim, pras pessoas não repetirem os erros dele, no caso. Eu acho.

P: Mas você não pensou que o narrador poderia ter contar essa história dizendo que a realidade humana é assim? Você não pensou nisso.

A: Eu acho que ele mostra realmente como é a vida da maioria das pessoas, assim. Não no sentido dos mesmos fatos, mas a sociedade como ela é mesmo, como a vida de todo mundo é, segue. E também a vida das pessoas, tem livros que você e tudo é perfeito assim, ele já mostra que não é sempre que a sua vida vai ser perfeita, a vida das pessoas geralmente não é perfeita. Pra você não ficar tendo ilusões assim, não só isso, as pessoas, os erros que elas cometem não vão levar a uma coisa melhor. As pessoas erram, mas aquele erro sei lá, exatamente faz salvar a vida dela. E às vezes não é bem isso.

P: Você disse no início que ele, sendo o defunto o autor, ou o autor defunto né, ele não tem a preocupação de falar, o que tem a dizer, de fato ele disse. E por que essa liberdade?

A: Porque ninguém vai poder falar, ficar bravo com ele. Quando ficar bravo, se a pessoa estiver viva, mas isso não vai afetar ele. Ele já não tem preocupações assim, no caso, ele já, não é que ele vai escrever como se ele estivesse vivo, a pessoa ia ler ia brigar com ele, no caso.

P: Se preocupar com o politicamente correto, como uma ameaça?

A: Ver com o que, de quem ele está falando, se preocupar. Talvez a história não ia ficar como exatamente ela foi assim, do ponto de vista dele. Então ele não tem nenhuma preocupação.

P: Como é que você percebe como esse narrador vê o leitor? Como é que ele entende o leitor? Esse leitor, ele subestima, superestima?

A: Subestima. Igual, eu acho que subestima. Ele, capítulos ele fala assim,

P: Que aparece mais ele conversando.

A: Aham, vários capítulos ele fala assim que, o leitor, tem uma capítulo que ele fala assim que o leitor não tem capacidade de ler, assim, de entender. E., ele sempre tá falando, ele é:, meio que humilha quem tá lendo, ele fala pra parar de ler. Então ele acha que as pessoas são incompetentes. (risos)

P: Como é que você entendeu isso? Achou engraçado?

A: Ah, eu acho que ele tá querendo mostrar que é bem espontâneo, talvez. Ser sincero, no caso, o que ele realmente pensa. Então acho que, mostrando que ele não pensa, ele critica a todos lá, então ele tá tentando criticar o leitor pra mostrar assim que ele pode realmente falar o que pensa. Nem os leitores vão poder reclamar com ele, então.

P: Como ele tá morto...

A: É que na verdade o livro é escrito como se fosse ele mesmo, alguma coisa assim.

P: Nem o leitor vai entender e ele não vai receber mais nada por isso.

(risos)

P: Então, mas essa história, considerando que é um sujeito que morre e vem contar essa história, você acha, achou essa história verossímil? Achou um absurdo?

A: É, esse fato, é claro que não é, é a ficção, talvez não seja bem a ficção, mas talvez seja alguém escrevendo. É claro que é o, o Machado de Assis, e tal, mas talvez o Brás Cubas seja uma pessoa, tenha um objetivo assim de mostrar que tem alguém escrevendo e talvez dar outros nomes pras pessoas de uma história verdadeira, entendeu?! Falar que ele morreu, mas que pra homenagear alguém que escreveu vivo né, tá contando a história da vida dele, alguma coisa assim. Talvez, não sei. Pode ser isso, mas eu acho que realmente tem um objetivo. Pode ser o do Machado de Assis né, eu acho que ele tá mudando o nome.

P: Uma forma de contar uma história pra chamar atenção?

A: Mas talvez, eu acho que pode ser que seja

P: Poderia ter acontecido?

A: Aham, poderia ter acontecido.

P: Narrando fatos da vida dele.

A: Totalmente possível assim, totalmente normal das pessoas porque realmente conta, é mais verdadeiro do que muitos outros livros.

P: Que pretendem ser reais, assim?

A: Que pretendem vender. Livros que querem mostrar somente coisas legais assim, porque o livro tem o objetivo meio de criticar, então isso talvez não seja uma coisa legal pras pessoas, pelo menos pra mim não foi. (risos)

P: Com relação aos, você achou difícil né?!

A: Foi.

P: Você já falou no início que a linguagem foi complexa.

A: Eu me perdia nos pensamentos e tudo mais. Eu me perdia em todos, é:, às vezes ele tava narrando alguma coisa que era anterior ao presente da história, então às vezes eu me perdia nisso, eu não sabia do que ele tava falando mais. Então eu me perdi várias vezes e talvez não tenha entendido exatamente o que o livro queria dizer. Era meio complexo.

P: Você não entendia pela questão do contexto histórico?

A: Do que ele queria dizer com o pensamento dele.

P: Ah, o pensamento mesmo?

A: O contexto eu acho que eu entendi. Eu acho que eu entendi. Eu não me senti muito (incompreensível) nesse sentido. Mas principalmente a parte que ele falava o que ele pensava da vida os fatos, acho que ele se prolongava muito às vezes.

P: Além dessa coisa complicada de expor, a sua filosofia, o jeito de pensar, alguma citação, algumas coisas que ele citou que você achou difícil de entender? Ou mesmo expressões, você precisou que recorrer ao dicionário?

A: Não, eu tentava entender pelo contexto. No dicionário eu ia ficar muito tempo (risos)

A: Tem livros que tem aquele, é:, aquele como que fala? Aquelas definições, só o que eu peguei não tinha. Assim, em relação ao humanismo assim, que eles pensavam, era muito complexo, as referências bíblicas (risos) também é meio complicado.

P: Você também achou complicado? A relação que ele fazia com a Bíblia?

A: Aham, ele colocava meio que em figuras de linguagem o que queria dizer. Então várias coisas que ele, quando usava uma linguagem diferente.

P: E aquela viagem dele no início?

A: Oi?

P: Aquela viagem que ele encontra com aquela, aquele ser que ele avista na natureza?

A: Ah, que ele teve aquele emplasto?

P: O que você achou disso?

A: Com relação a esse fato?

P: Você achou difícil de entender também a reflexão dele?

A: É que também assim, tudo o que ele pensava em relação àquele emplasto, tudo isso era muito difícil. Depois eu até entendi mais ou menos o que ele queria, ele queria criar um remédio, alguma coisa assim, pra acabar com todo o sofrimento, alguma coisa assim. Então dava pra entender o contexto, mas ele demorava muito pra explicar isso, então era uma coisa que podia ser definida em duas linhas, alguma coisa assim, e ele escrevia um capítulo, (risos) entendeu?! Então era uma coisa meio

P: Obcecada?

A: Era uma coisa que ele queria explicar de uma maneira tão científica que acabava dificultando.

P: Meio que se perdia no caminho. Você acha que o leitor se perde um pouco, daí?!

A: Aham.

P: Bem, e o final do livro? Como é que você vê? Como se sentiu no final?

A: Foi decepcionante. (risos)

P: Decepcionante?

A: Principalmente o último capítulo que ele fala que nada valeu a pena, que nada deu certo sabe?! Então eu acho que foi triste mesmo. Porque, mesmo ele tendo sido meio que a pessoa que comete todas as infrações, você fica com dó dele, na verdade você poderia ficar com raiva dele, mas você fica com dó porque ele meio que se arrepende e tal.

P: Ah, entendi, ele faz surgir a culpa.

A: Ele é:, fica decepcionado mesmo, então acho que é isso.

P: E pra terminar, o que que você achou então do autor, do Machado de Assis? Depois dessa história, depois de ter lido outro romance?

A: Eu acho que ele é um crítico em relação à sociedade da época, e ele coloca, uma coisa que eu percebi também, é assim, ele meio que entra, ele quer criticar alguém, ele coloca o personagem dele sendo aquela pessoa assim, ele quer criticar a pessoa que trai? No caso, o protagonista da história, que narra a história é a pessoa que trai. Então ele meio que, no caso do Memórias Póstumas, ele queria criticar a classe média ele colocou

P: Ele próprio,

A: quem seria o autor da história como sendo da classe média.

P: no seio da classe média, ele atira pedra em si próprio.

A: Ele queria criticar em relação ao sofrimento dos escravos, então ele coloca quem que comete,

P: Quem foi o autor, quem foi o carrasco.

A: Não o escravo no foco assim. Então ele criticava de dentro pra pessoa tirar as conclusões. Porque geralmente a pessoa vai defender o protagonista

P: O seu grupo, ou a si próprio.

A: Aham, quando você tá lendo uma história assim, você sempre procura, você meio que se enquadra no protagonista da história, mesmo não sendo às vezes o narrador.

P: Que é politicamente correto

A: É. Ele no caso não é

P: Ele faz críticas à sociedade a que ele pertence.

A: Você pode tirar suas conclusões assim, como ele agia exatamente, não como as pessoas pensavam que ele agia, como ele fala ele agia. Então acho que fica mais, se você for discordar dele, você vai estar vendo que ele realmente está errado, porque ele tá narrando o livro dele, entendeu?! Então ele meio que, as pessoas geralmente tentam se defender, então mesmo ele narrando, você pode criticar ele.

P: Você não acha que ele esteja fazendo uma denúncia? Ele se coloca na condição de quem está, digamos, incorreta? Mas ele está denunciando uma sociedade inteira.

A: No começo da história que ele está narrando os fatos de tudo o que ele fez de errado, talvez ele esteja realmente, por isso que eu falei, ele mudou o pensamento dele, ele tá falando que tudo o que ele fez foi errado, talvez assim. Então ele está falando “não façam isso”. Então acho que ele mudou o pensamento dele e tal. Mas quando ele fez aquilo, no caso, que seria o presente dele, acho que ele fez pensando que aquilo era certo, e no final que ele foi contar talvez ele tenha mudado a opinião dele, ele fala que tudo aquilo era errado. Eu acho. Então ele mudou a opinião dele ou depois que morreu ou no final da vida.

P: Em uma palavra, como você caracterizaria o Machado de Assis?

A: ã:, (pausa 4 seg.) eu acho que ele foi muito crítico, essa é a palavra mais

P: Aceitável?! Muito bem. Brigadíssimo.

Colégio Estadual *Professor José Aloísio Aragão* - Aplicação UEL

Entrevista individual IV

Obra: *Memórias Póstumas de Brás Cubas*

P: Bem André, então só pra questões de registro, eu vou colocar mais próximo de você, porque é a sua fala que me interessa. Mas, fique tranquilo. (risos) Você leu, então, “*Memórias Póstumas de Brás Cubas*”.

A: Aham.

P: Eu queria que você me dissesse assim, inicialmente, quais foram as suas impressões gerais sobre a história (interrompido)

A: Eu gostei um pouco da história porque eu nunca tinha lido, tipo eu não leio geralmente livro de literatura. Eu sempre leio, sabe, eu nunca li livros pra minha idade. Mas eu nunca li muito livro de literatura. Aí eu gostei um pouco da linguagem, dos termos usados porque, por exemplo, eu achei que é uma coisa que eu posso acrescentar, por exemplo, as palavras, as coisas ao meu vocabulário. Alguma coisa assim. A história em si, pra mim, a parte dela ser um pouco, muito descritiva, foi um pouco cansativo.

P: A história foi cansativa?!

A: Aham.

P: O que te cansou nessa história?

A: Ele descrevia todos os detalhes, entendeu?! Muitos detalhes ou se não descreve, por exemplo, pensamentos, todas as coisinhas, sabe?! Tipo, minuciosamente?! Por exemplo, ele demora umas, muitas pra descrever um dia ou algumas horas. E isso foi bem cansativo.

(pausa 7 seg.)

P: Algum outro aspecto que além da história, da linguagem, que acrescentou pra você?

A: Da história e da linguagem?

P: Além da história e da linguagem.

A: Além?

P: Por exemplo, que te chamou assim, atenção.

A: O que me chamou atenção mais é co... por exemplo, como posso dizer?! É:, ah tipo, a época dele. Ele tenta mostrar pra gente um pouco, eu consegui ver isso. Tipo, hábitos deles, falas, coisas normais, do cotidiano daquela época. Isso eu gostei um pouco. Porque é coisa que a gente não vê muito.

P: Certo, depois em outro momento você me fala mais sobre isso. E, bem, qual dos personagens assim, que chamou sua atenção nessa história?

A: Personagens. O que me chamou mais atenção foi o Lobo Neves.

P: Lobo Neves?

A: Aham. Porque, por exemplo, ele mesmo sendo marido da Virgília parece que ele não desconfia em nenhum momento que está sendo traído, entendeu?! Ao longo da história, até certo ponto, parece que ele não tem a mínima ideia, nada, nada. Como que ele não percebeu nada?! Sabe?!

P: Parece que, você acha que só parece?

A: Eu acho.

P: Você acha que ele sabe?

A: Não, eu acho que ele não sabe. Pelo que eu consegui ver do livro assim, parece que ele não tem nem noção, não tem uma mínima ideia, não suspeita de nada. Só algumas partes que ela, tipo fala que ele tá um pouco desconfiado ou alguma coisinha assim, mas parece que ele nunca descobre, sei lá.

P: Nada de concreto!? Você acha que é um sujeito desencanado?

A: Ah, eu acho que não.

P: Ou ele é muito envolvido com o seu trabalho?

A: É, eu acho que ele é muito envolvido com o trabalho, por isso não é muito presente, ele é um pouco ausente, o que causou a traição ou alguma coisa assim.

P: Até porque o Brás Cubas era amigo dele, né?! Ele não se dava conta de que poderia ser traído. Algum outro personagem?

A: Hum, deixa eu pensar. (pausa) Acho que, não, acho que foi só.

P: E, ainda com relação a personagem, houve algum personagem que você gostou assim, afetivamente.

A: Afetivamente?

P: O jeito de pensar, o jeito de agir.

A: Não propriamente dito que eu gostei afetivamente, mas um personagem assim, que eu achei que, tipo eu me aproxim... não que eu me aproximei, eu só tipo, gostei, achei uma coisa, de todos os outros personagens ele se destacou um pouco, foi aquela Dona Plácida, lá que era empregada deles.

P: Como?

A: Eu sei lá. Eu achei que ela tem uma simplicidade, a simplicidade dela me chamou atenção.

P: Simplicidade, que mais você vê nela?

A: Por exemplo, a história dela é uma história comum, ela narra o sofrimento que ela passou, essas coisas. Gostei bastante (interrompido)

P: A origem dela?

A: Aham.

P: E depois, da forma como ela agia com o Brás protegendo?

A: É, da forma como ela agia meio com, (sons de conotação negativa).

P: Não? Mais a simplicidade dela mesmo?

A: Mais.

P: Mas, algum personagem assim, que você, bateu com os seus valores?

A: Com os meus valores?

P: É, ou mesmo com o seu jeito de conduzir as coisas. Houve empatia?

A: Com os valores, em parte, por exemplo, no aspecto de almejar algo maior ou criar alguma coisa assim, o Quincas Borba.

P: Quincas Borba?!

A: Aham. Porque ele desenvolve aquela teoria dele, aquela teoria filosófica, e eu sempre tive algumas ideias relacionadas a isso. Eu me identifiquei um pouco com ele.

P: Pelo lado filosófico?

A: No lado filosófico.

P: Que características ou que qualidades, talvez valores que você viu em algum dos personagens, que também chamou a sua atenção?

A: Qualidades ou características...

P: Algum valor...

A: Eu reparei em uma certa frieza por parte do Brás Cubas, por ele estar, por exemplo, ser amigo do Lobo Neves, e mesmo assim estar sabe?! Junto com a esposa dele lá.

P: Achou ele frio?

A: Achei ele um pouco frio nesse aspecto. Porque ele trai sem ter nenhum sentimento de remorso, nada. Porque ele é amigo.

P: Você não achou que foi falta de honestidade, você achou que foi frieza?

A: Uma certa frieza.

P: Uma atitude meio psicopata?

A: Aham.

(risos)

(pausa)

P: Algum, de algum outro personagem que você, não precisa ser necessariamente qualidade, pode ser alguma coisa que você tenha abominado na atitude, no jeito de encarar as coisas, de fazer. Pode ser uma mulher, moça, criança.

A: Eu, por parte do pai dele, do pai do Brás Cubas. Pelo fato dele sempre dar tudo o que o Brás Cubas queria ou ele tipo, durante a criação dele, quando ele fazia uma coisa ruim ele como se diz?! Passava a mão na cabeça. Não castigava.

P: E como que você essa atitude dele?

A: Essa atitude?! Eu não sei como posso descrever ela mas tipo, ele mimava ele, não sei.

P: Você não concorda com ele?

A: Não concordo com o que ele fazia. Eu acho que ele devia ter criado o filho dele de uma forma diferente, ia ter evitado algumas coisas no futuro.

P: Você acha que talvez a história seria outra se a conduta do pai fosse diferente?

A: Aham.

(pausa 9 seg.)

P: Qual dos personagens, ainda, você poderia ter se identificado? Ter alguma coisa. Isso você já falou aqui né, mas que tem valores, ou... É, só o Quincas Borba mesmo e a Dona Plácida? Um pouquinho de desgosto (interrompido)

A: Um pouco do Quincas Borba que me chamou um pouco atenção, foi naquela, naquele fato que ele encontrou com o Brás Cubas e roubou o relógio dele e depois ele devolveu tipo,

comprou outro pra restituir tipo, compensar o ato ruim que ele tinha feito. Isso me chamou atenção, porque geralmente as pessoas não fazem isso.

P: Pela honestidade?

A: Pela honestidade.

P: Ele tirou porque estava precisando, estava passando fome, se achou no direito, mas depois devolveu. Você faria isso também?

A: Não no sentido de tirar, eu procuraria alguma forma (interrompido)

P: Uma outra forma?

A: Uma outra forma.

P: Mas mesmo assim o gesto dele foi (interrompido)

A: Honesto.

P: E os personagens entre eles, na relação entre eles. Como é que você viu eles assim, resolvendo as suas vidas, os seus problemas, os seus conflitos?

A: Resolvendo os conflitos?

P: É, pode pegar algum fato, alguma situação que você quiser citar.

A: Eles resolviam... Por exemplo, quando eles tinham alguma suspeita, alguma coisa assim, durante já o caso dos dois, da Virgília e do Brás Cubas, quando eles tavam desconfiando de alguma coisa, eles sempre, como que eu posso descrever isso?! (pausa) Parece que eles dialogavam, sei lá, não sei como explicar. Por exemplo, quando eles tinham alguma desavença, eles (interrompido)

P: Mesmo eles se gostando muito,

A: É.

P: Houve alguma desavença. E aí (interrompido)

A: Eles procuravam dialogar, achar alguma forma, como vou explicar?! Não consigo explicar isso.

P: Era coerência, você acha?

A: É

P: Razoáveis?

A: Coerência tipo, eles achavam uma forma de amenizar aquilo que acontecia.

P: Então, eles eram ponderados, no sentido de mesmo uma situação complicada que eles arranjam, mas eles tinham cautela. Alguma outra, algum outro fato, algum outro evento na história que você percebeu? Assim, chamou a sua atenção e você ficou pensando como eles vão resolver? Talvez você desse outra, resolvesse de uma forma diferente.

A: Um fato?

P: Ou poderia citar (interrompido)

A: Um fato que eu achei um pouco estranho, não sei se é bem isso. Mas foi assim, quando a Virgília, ela viajou lá e o Brás Cubas ficou aqui e começou carreira política, essas coisas, eu acho que ele devia ter tipo, constituído a família de ele, e esquecido um pouco, porque ele fica apegado à Virgília e parece que ele, é:, parece que ele esquece um pouco da própria vida, eu não sei como explicar direito, mas acho que ele deveria ter procurado esquecer ela um pouco, ou tipo, criar um vida sem ela ao invés de ficar sempre, ah.

P: Você acha que o fato dele ter insistido nessa relação com a Virgília ele se anulou?

A: Ele se anulou um pouco, porque no fim ele diz que morre sem deixar filhos ou herdeiros, e eu achei isso um pouco...

P: Qual dos personagens, na sua visão, seria o fio condutor dessa história?

A: Fio condutor da história?

P: Sem ele não haveria essa história.

A: Eu acho que seria a Virgília, porque o Brás Cubas é o principal, e sem ele não haveria traição, então não haveria nenhum caso e nada de história.

P: Por mais que Brás Cubas seja o condutor da história, mas a Virgília é que amarra as situações?

A: Aham. Porque, por exemplo, desde o início quando ele teve aquela proposta do pai dele lá pra se casar com uma mulher e, começar uma carreira política, se não tivesse a Virgília, por exemplo, eles não teriam se conhecido no passado, ou se não no futuro quando eles, não iam ter com quem eles se reencontrar, e com quem eles se apaixonar, e aí não ocorreria nenhuma coisa.

P: Você acha que ela é imprescindível?! Certo. Algum outro personagem, você acha que também merece atenção porque ele colabora pra essa, esse, conflito como um todo?

A: Colabora com o conflito? Com o conflito é a desconfiança do Lobo Neves né, porque sempre quando ocorre um conflito relacionado à Virgília, quase sempre né, a Virgília e o Cubas, eles são sempre, quase sempre relacionados à desconfiança dele.

P: O Lobo Neves funciona ali como o elemento da expectativa?

A: Aham.

P: Pra segurar, que deixa sempre o leitor avisado que ele pode fazer tal coisa. Me fale um pouquinho de algum espaço que contribui para essa história, no sentido de construir essa história. Não só do ponto de vista físico, mas das relações afetivas.

A: De espaço você quer dizer?

P: Um lugar.

A: Um Lugar?

P: Uma rua, casa...

A: Que contribui pra história, mas um pouco mais do meio da história é a casa que eles ficam, aquela casa que o Cubas se encontra com a Virgília, é uma chácara, não lembro direito da casa. E eu acho que também contribui, pra dar um incentivo, não uma coisa mais, não sei se ele fez isso, mas no sentido, não no sentido, uma ideia mais romântica da história, não sei, ele procura, acho que o ambiente da época, a sociedade da época dá uma ideia mais romântica da história além de se passar... eu acho que é mais o ambiente daquela época e o ambiente físico, pra, que colabora pra história é a casa.

P: Essa casa, quando eles se escondem, não a casa dele, certo?

A: Não a casa dele.

P: E, o que que é, que sentido que é essa casa, em que sentido que ela contribui para esse conflito?

A: Porque sempre, por exemplo, tem uma parte que o Quincas Borba vai visitar ele e ele diz lá que está um pouco perturbado, não perturbado, irritado e que é pra o Quincas voltar um outro dia, ou dia seguinte. Aí ele falou com o Brás Cubas e disse que ele sempre ia estar naquela casa, porque parece que ele sempre esperava ou sempre se encontrava com Virgília, depois de um tempo que eles defenderam aquela casa, sempre o ponto de encontro dos dois era naquela casa. Ali onde se passavam as discussões ou algumas coisas dos dois.

P: Criou-se um ambiente (interrompido)

A: Pelo menos em um período da história era ali o ambiente principal.

P: Além dos afetos escondidos, essa relação de amizade e uma discussão que interessava muito ao Brás Cubas era o caso do Quincas Borba.

A: Aham.

P: Bem, agora que queria que você aprofundasse um pouco aquilo que você começou a falar sobre a época, o tempo. Qual foi o seu estranhamento com relação aos nossos dias?

A: Eu não estranhei muito, porque eu tinha um vago conhecimento daquela época. Mas, me chamou bastante atenção ele retratar os, por exemplo, o que as pessoas falavam tipo, como posso dizer? Não são ditos populares, são expressões, algumas expressões da época que as pessoas diziam, ou elas vestiam, o ambiente da época, entendeu?! Relacionado àquela época

que é uma coisa fora do comum, que a gente não vê muito retratado tão minuciosamente, igual o autor fez.

P: Você lembra de alguma?

A: Ã:, (pausa) eu acho que foi alguma festa, alguma coisa assim. Ah, uma parte que eles estão numa festa, e eles dançam valsa.

P: Eu acho que isso é na infância do Brás Cubas né?!

A: É. Ou se não aquela, aquele jantar lá que o pai dele organiza que descreve bastante.

P: Ah, dançam valsa, essa expressão que hoje não, só fala em balada, (risos) mas dançar valsa é uma coisa que

A: Marca bem.

P: remete a uma coisa antiga. Certo. E assim, hábitos ou situações que hoje não existem mais, por exemplo?

A: Uma coisa que eu percebi vendo a história foi uma parte da infância dele, que ele cita lá tratamento com um escravo, depois (interrompido)

P: Prudêncio o que monta a cavalo?

A: Isso, depois mais pra frente ele encontra o Prudêncio e parece que ele já, não era o Prudêncio. Era o Prudêncio. Ele já estava liberto e queria ter mais um escravo tipo, ele estava liberto e queria ter um escravo.

P: Isso. Isso você achou?

A: Eu achei uma coisa que se destacou na história pelo fato da gente achar isso como uma coisa absurda, mas época creio que não era tão absurdo, mas pra nossa atualidade.

P: Você acha que a sociedade da época encarava isso com naturalidade?

A: Como algo comum.

P: Você acha que o autor coloca essa naturalidade de propósito?

A: Eu acho que foi por (interrompido)

P: Porque ele parece que não estranha.

A: É, porque ele eu acho que é mais da época. Era 1800 e fala uma data. 1855 é uma data bem mais quase no final do livro. O fim da escravidão ocorreu em 1888. Então era algo (interrompido)

P: Você vê que já tinha negros

A: Libertos

P: Alforriados. Antes da abolição. Mas ah, o fato do Prudêncio ter sido escravo, foi alforriado, comprou um pra ele, isso, como que você entendeu isso?

A: Eu entendi que o escravo era tido na época como um bem de consumo, como hoje a gente vê um carro, por exemplo, entendeu!? Todos querem ter aquilo lá. Eles viam aquilo como algo necessário, eles tinham pra se exibir, não sei.

P: Ah, também por vaidade?! Não só pro trabalho efetivamente. Quem tinha escrava tinha status? Aí o Prudêncio deixou de ser escravo e queria ter o status dos outros? Alguma outra explicação que você está pensando?

A: Não.

P: Bem, que tema você encontrou nessa história?

A: O tema é que tudo gira em torno da traição. Das relações amorosas que o Brás Cubas tem. Da traição, dos amores dele, tudo gira em torno disso.

P: Você acha que no final das contas fica na relação dele com a Virgília e no caso, o Lobo Neves? A traição (interrompido)

A: Aborda outros assuntos, mas tipo, são pequenos trechos no começo, na infância dele e no fim da história, mas mesmo assim, o fator que mais se destaca é a traição.

P: Algum outro tema, algum outro assunto periférico além desse principal que você já me contou?

A: Ele retrata aquela parte do pai não ter criado tipo, por ele ser tipo, um, como posso explicar isso?! O pai dele ter... tipo, mimado ele demais porque ele era um, ele era filho único? Não lembro.

P: Ele não era filho único, mas homem sim.

A: É, o filho homem, isso! Por ele ser o único filho homem, entendeu?! Até na minha família tinha essas coisas, porque meus avós tinham acho que oito filhas mulheres e um filho só, e por isso ele se destacava e recebia tratamentos melhores, entendeu?! Os pais dele eu acho que eles mimaram demais ele, e por isso ele apresenta uma certa rebeldia e algumas coisas do caráter dele. Tipo, eu acho que ele formou alguns conceitos errados, alguma coisa assim, relacionado a isso.

P: Fala um pouco do narrador.

A: O narrador parece que ele procura relatar a vida dele, por exemplo, o cotidiano. As coisas bem minuciosamente de acordo com o que ele vive. Ele quer mostrar pra gente, tem alguns trechos que ele parece tentar conversar com o leitor, entendeu?! Explicar, dialogar com o leitor.

P: Ele, se reporta ao leitor algumas vezes né?! E não só fala, mas parece que ele até, pelas reticências que o leitor participe da história né, pensando, preenchendo as lacunas. Você entendeu isso?

A: Entendi.

P: E como é que você percebeu o narrador em relação ao leitor? O que que ele pensava?

A: Parece que às vezes ele subestima o leitor, não sei, o sentido de compreensão do leitor, eu acho que ele subestima um pouco. Porque tem alguns trechos que ele tenta, eu não sei se foi, eu acho que eu tô confundindo um pouco, eu não sei se é o Dom Casmurro ou o Brás Cubas, mas que ele cita um trecho lá que diz, que ele tenta esclarecer pras pessoas que não, possivelmente não compreenderiam o que ele tinha escrito, que ele teria tipo, que descrever melhor pras pessoas entenderem.

P: Eu acredito que foi desse mesmo. Aliás, ele começa o Memórias de Brás Cubas, ele começa dizendo que se ele tiver sem leitores tá bom, se tiver igual tá bom. Acho que essa provocação aparece mais nesse romance. E, então essa coisa dialógica e ao mesmo tempo provocação, e você acha que ele subestima o leitor. Considerando que esse romance tem um narrador que é um autor de defunto. Isso pareceu inverossímio em relação à história toda, ou você acha que essas coisas poderiam ter acontecido?

A: Pra essa história eu achei que foi a coisa que mais chamou atenção, porque geralmente nas obras que eles escrevem sobre a vida deles, eles nunca começam pela morte deles, e isso foi o fato peculiar da história, o fato dele começar e inverter. Por exemplo, tem até uma dedicatória que ele coloca lá “aos vermes que primeiro comeram minha carne”, uma coisa assim (risos), e eu achei isso estranho. Isso foi o que mais chamou atenção.

P: A homenagem foi para os vermes né?! (risos) Ao invés de uma outra pessoa qualquer. E mas, assim, a história,ouve momentos em que não te convenceu, houve alguma lapso, o autor não te convenceu?

A: Que ele não me convenceu, não, acho que não.

P: Você acha então que ela é digna de acreditar, essas coisas podem acontecer.

A: Porque é uma história der bem comum, uma coisa que realmente acontece, então...

P: O fato dele se colocar como autor defunto é só uma estratégia?!

A: É uma estratégia. Mas o que mais chamou atenção foi isso, uma coisa estranha pra...

P: Pra chamar atenção mesmo. Bem, você falou um pouquinho no início das expressões, da linguagem, mas de modo geral, você achou que esses aspectos formais complicaram a sua leitura?

A: Alguns sim.

P: E até pelo fato de não ser um romance atual.

A: Romances atuais eu não leio muito mais, não propriamente romance. Mas eu não, as expressões que ele usa, algumas palavras que foge um pouco do vocabulário que tornou difícil a compreensão.

P: Você precisou olhar no dicionário?

A: Algumas vezes. Mas pelo contexto lá, pelo contexto a gente consegue ter uma noção do que ele está se referindo. Dificultou muito pouco.

P: De modo geral?

A: De modo geral, eu consegui compreender a história, o desenvolvimento todo.

P: Alguma coisa histórica que você ficou sem entender que ele citava?

A: Uma coisa histórica... Não, só algumas vezes. O bom do livro que eu peguei que ele tem aquela legendinha embaixo que ele cita algumas peças, algumas coisinhas, daí aquilo só, por exemplo, se não tivesse o rodapezinho, eu não ia ter entendido. (risos)

P: (Incompreensível)

A: Referente às peças da época, essas coisas assim. Alguns trechos em latim que ele cita.

P: Não só latim, ele fala também, coloca em italiano. Não se você sabia, aparece alemão, ele coloca línguas diferentes. Bem, me diga então, o que você achou do estilo desse autor, você já comentou um pouco que ele, do jeito que ele cita, do jeito como ele se comporta com o leitor, da forma como ele escreve não uma coisa linear, como expressões um pouco complexas (interrompido)

A: Eu acho que depois que eu li todos esses livros durante essa experiência que eu escolhi esses livros, eu passei a apreciar um pouco mais a literatura brasileira, porque eu gostei da forma como ele escreve, com ah, tipo esses pensamentos essas cogitações dele um pouco mais complexas do que a gente vê geralmente nesses livros, como o cotidiano. Eu gostei um pouco da forma como ele escreveu. Porque ele cita algumas peças que leva você a ter curiosidade de ver o que é aquilo, entendeu?! É:, e também além das palavras novas que a gente aprende, tudo lá. Hum, a forma um pouco floreada, entre aspas né, que ele escreve. Eu sempre gostei disso.

P: Você começou falando que ele ajuda você a sair da sua zona de conforto e pesquisar, ou até trazer as coisas de uma forma que não é muito comum, não é simples. Você achou (interrompido)

A: Achei isso interessante.

P: O estilo, o estilo que ele quer ser lembrado.

A: Até tinha sido citado naquela coletiva que você tinha perguntado se tinha dificultado a leitura, alguma coisa assim, eu acho que, eles disseram que devia ser traduzido pro contexto contemporâneo, mas eu acho que se fizesse isso ia perder todo o conteúdo histórico e literário da obra. Porque o melhor da obra é isso. (risos)

P: Exatamente, o estilo dele é diferente né, é isso que é a graça do livro. Tá certo. E o final, o desfecho dessa história, como é que você viu? Ficou frustrado,

A: Um pouco

P: ficou feliz? Como é que você se sentiu?

A: Porque eu queria que essa história tivesse se desenvolvido de uma forma diferente, não sei. Eu não entendi muito bem por que, é no passado, não quis casar com a Virgília e depois no final tipo, no meio da história ele passou a ser, ter relações tipo, é: tipo, ter relações com ela lá e ficar junto com ela o tempo todo, as histórias se desenvolvem em torno dos dois. Então, por que que eles não casaram no passado? Ou fizeram isso antes? Pra depois esperar ela casar com o outro cara lá, pra depois acontecer isso. E também depois que ela se casou, por que que ele não procurou constituir uma família? Longe dela, ou alguma coisa igual que aconteceu com ela.

P: Isso foi protelando tudo. Você achou que ele era meio faísca atrasada? (risos) Mas que depois é que ele ia se dando conta?

A: Depois?

P: Ou ele tava acomodado?

A: Não, eu não senti ele acomodado. Eu acho que ele foi, ele se ah, não ele, eu só acho que ele devia ter feito isso antes, ao invés de depois que ela se casou.

P: É a gente vê agora, fica mais claro né, mas enquanto a vida vai acontecendo, quem sabe com boa parte das pessoas isso aconteça né. Mas, então o final, você daria outro desfecho? Você acha que (interrompido)

A: Não, eu acho que foi até uma boa história. Apesar disso, foi ótima a história.

P: Mesmo terminando assim?

A: Mesmo terminando assim.

P: Você ainda ficou frustrado com esse desfecho?

A: Frustrado não. Eu só não entendi muito bem o:, é, o motivo pelo qual ele, que ele diz que o que consumiu ele foi o emplasto. O:, como posso explicar isso?!

P: Ele queria que essa panacea, esse momento, além de ajudar as pessoas, talvez eternizasse o nome dele. Ele queria deixar uma coisa pra posteridade, já que ele não tinha filho.

A: Foi só isso mesmo.

P: Que te chamou atenção?

A: Que me chamou atenção. Parece que ele buscava um meio dele chamar atenção, um meio dele, que ele cita até, o Quincas Borba quando ele tá conversando com ele, ele cita que isso era em comum em Napoleão e em outro.

P: Você achou que além dessa, desse emplasto ele queria de uma outra forma se perpetuar,

A: Uma forma que eu

P: ficar na história?

A: pude perceber é isso que você tinha dito, deixar, ficar na história. Ele tentou até ingressar na carreira política né, eu acho que foi esse momento.

P: E a filosofia de Quincas Borba?

A: Eu queria saber se a filosofia dele realmente existe ou se só é uma

P: Invenção. E me diga, no fim, o que você acha então do Machado de Assis, o ser humano de carne e osso.

A: Ser humano?

P: É, o escritor que foi.

A: Eu acho que ele fez um livro, ele fez acho que bons livros, apesar de eu ter lido só, acho que um ou dois livros dele. São ótimos livros que, por exemplo, tem um conteúdo excelente e que tentou retratar o ambiente dele, por exemplo, parece que a gente consegue identificar nos personagens ou no cotidiano dos personagens o cotidiano dele, parece que ele tentava trazer isso, eu não sei se é ou não, mas eu acho que sim.

P: Se você encontrasse com ele hoje, o que você perguntaria? O que você diria pra ele?

A: O que eu diria?

P: Até em vista do que ele escreveu.

(pausa 9 seg.)

P: Se numa palavra, como é que você caracterizaria o Machado?

A: ã. Como eu posso dizer?! Não observador. Como eu posso dizer?!

P: Observador?

A: No sentido de ele observar os mínimos detalhes e retratar.

P: Meticulosamente.

A: Isso.

P: Observava meticulosamente, o que? As coisas?

A: As coisas, o ambiente tipo, ambientes, o pensamento das pessoas.

P: Pode falar mais disso?

A: Por exemplo, no sentido de ações das pessoas, os hábitos e essas coisas, ele tentava retratar bem, e acho que só.

P: Você acha que ele conhecia o ser humano?

A: Eu acho que ele procurava conhecer o ser humano. Mas um pouco, no sentido da mentalidade do ser humano, alguma coisa assim.

P: Muito bem. Obrigado André pela colaboração e...

Colégio Estadual *Professor José Aloísio Aragão* - Aplicação UEL

Entrevista coletiva

Obra: *Memórias Póstumas de Brás Cubas*

P: Como vocês viram essa trama, essa estória: *Memórias Póstumas de Brás Cubas*? Dessa obra que a gente vai discutir. Quem quer falar? Assim bem espontaneamente sem X. Podem até se pautar pela maneira que vocês escreveram. Como viram esta obra. Como sentiram?

A1: É uma trama bem difícil de entender.

P: Porque você acha que foi difícil?

A1: Ah não sei; difícil.

P: Porque a estória é contada diferente?

A2: [A linguagem]

P: A linguagem, é? Quem falou a linguagem?

A2: Eu.

P: O que você achou difícil de entender?

A2: É muito velho as palavras que ele escreve.

P: Certo, palavras complicadas? Mas você acha que elas são antigas mesmo ou são de pouco uso?

A2: Eu acho que algumas são antigas e algumas difíceis.

P: Mais alguém achou a linguagem era difícil?

A3: Era difícil.

P: Em que sentido era difícil? Você se lembra de alguma palavra que lhe chamou a atenção; alguma expressão? / Além das palavras, alguma coisa que você achou difícil dentro da linguagem ou do entendimento do texto?

A4: Ele ficava fazendo referência de outros autores, aí era difícil porque a gente não conhecia outras obras.

P: Para você entender essas referências? O que te faltou?

A4: Então era só ler.

P: No roda pé tinha?

A4: Tinha, só que era, ficava meio confuso.

P: Quem mais achou difíceis citações, ou referências do autor? Pode falar todo mundo acha isso natural em Machado de Assis. Porque será, o que tem atrás dessa dificuldade de entender Machado de Assis por este aspecto? Não é muito simples, porque ele vai colocando citações, referências, então para entender uma obra dessa depende do que?

A4: Depende do leitor.

P: Depende do leitor em que?

A4: Ele tem que ser muito culto.

P: Ah: isso é interessante.

A4: Ele precisa ter bastante conhecimento.

P: Em que âmbito?

A4: Em estudar literatura.

P: Vocês concordam? Que seja da literatura

A5: Da politica, história.

P: Da politica, história. Muito bom. Bem, estou contente com isso. Mais alguma coisa da estória, da trama que vocês acharam interessante? / Bem, o ponto forte aqui, me parece são os personagens. Vocês concordam? Quais deles mais lhe chamaram atenção?

A6: Marcela.

P: Por quê?

A6: Porque ela era interesseira da vida.

P: Da vida dele. O que você achou desse tipo da Marcela?

A6: Inteligente.

P: Como você explica por ela ser inteligente?

A6: Ela usa ele para ganhar coisa, é inteligente.

P: Vocês também concordam que a Marcela seja inteligente porque faz isso? Alguém quer falar da Marcela de um outro jeito?

A7: Ela não é inteligente, ate porque em uma parte ela virou pobre. Não é inteligente.

P: Você achou que a inteligência não é tudo isso que o A6 (Thiago) esta falando.

A6: Ela foi inteligente de ficar pegando, roubando coisas para ela. Foi esperta

P: Você falou esperta, como assim?

A7: Porque ela consegue ganhar dinheiro fácil.

P: Você acha que ela é uma comerciante nata?

A7: É, ela persuadiu ele, ai ele ficou apaixonado por ela e ele fica dando coisas para ela.

P: Certo, ela usa da sua natureza física, do seu encanto, do seu charme?

A7: É.

P: Isso é uma esperteza, e esperteza é um atributo da inteligência? O que você falou A7(Gabriel) tem empresários que sobe e de repente também desce ne, não é só inteligência.

A7: É sorte também.

A8: Ele é burro.

P: Burro por quê?

A8: Porque sei lá, porque ela aprontou muito com ele e chegou uma hora que acabou.

P: Ela não soube conduzir?

A8: Ela só pensava no dinheiro.

A7: Ela só pensava na hora, se ela tivesse levado mais adiante.

P: Se ela tivesse levado adiante, como?

A8: E se ela não gostasse dele?

A9: Ué dinheiro é tudo cara!

A7: Ela devia ter levado mais adiante o casamento. Eles tinham uma família, talvez tivesse sido ate melhor se tivesse continuado.

P: Certo, tivesse conduzido melhor as coisas?

A7: Certo.

P: Apareceu muita essa coisa de levar as coisas, de ser leviana? / Tá, eu senti que vocês estão bem incomodados com essa...

A9: Assim, ela usava a beleza para conquistar os homens, para conseguir dinheiro. Ai ela pegou uma doença ai a beleza acabou ai ela ficou sem nada.

P: No final é triste a estória

A7: E a beleza interior?

P: Ta bom e um outro personagem que vocês acharam inteligente, interessante? Além da Marcela. / Vocês não lembram o nome?

A8: Quincas Borba.

P: Porque o Quincas Borba?

A8: Porque ele era muito pobre e depois ele virou filósofo depois ele criou uma filosofia que chamava humanitismo e depois ele ficou louco.

P: Te chamou atenção pelo o que especialmente?

A8: Por ele ter roubado o Brás e depois ter devolvido. Ah sei lá.

P: Quem mais achou Quincas Borba interessante? Não só pelo o que A8 falou por ele ser pobre, por ele ter roubado. Enfim, talvez por ele ter sido filósofo, por ter tido situações diferentes. O que vocês acharam dessa atitude dele? Roubou o relógio e depois foi lá e devolveu. Faz parte da filosofia dele?

A8: Ele precisava do dinheiro para fazer alguma coisa, daí depois que ele conseguiu ele recuperou o dinheiro e devolveu o relógio. Eu não lembro direito.

P: [Sim] ele não era nenhum delinquente?

A9: Talvez ele tinha roubado achando que precisava depois devolveu porque ele não conseguia lidar com o fato de ele ter roubado alguma coisa.

P: Como você viu essa pessoa? A9 (Julia). Você acha que ele não aguentou esse fardo?

A9: É talvez.

P: Porque afinal de contas eles eram amigos de infância; de escola. / Quem mais quer falar do Quincas Borba e essa filosofia dele do humanitismo?

A8: Ah eu não entendi essa filosofia.

P: Alguém quer falar do humanitismo, entendeu alguma coisa disso? Ta bom. / Um outro personagem?

A10: A Virgília.

P: Virgília?

A10: Foi o grande amor dele.

P: Foi um grande amor dele, foi só um caso?

A10: Foi amor, porque mesmo ela estando com o Lobo Neves, ele continuou indo atrás dela. Na casa lá que ele.. Ah não sei.

P: E essa atitude da Virgília, tendo os dois, correndo esse risco.

A9: Acho que ela atitude dela não é tao... boa. Não é uma atitude coerente.

P: Coerente em que sentido você acha? Ela agiu de uma forma, sei lá. A gente pode dizer de diversas formas. Aonde você vê coerência nisso?

A9: Ah não sei, ela fez uma coisa errada, porque ela estava casada e traiu o marido dela.

P: [Ah sim] A traição você achou a mais errada na estória?

A9: Eu acho que foi meio contraditório dele porque eles se casaram depois eles se separaram depois ela casou com outro e depois casou com outro e se apaixonou por ele. Tinha que ficar escondida porque ela estava casada com outro.

P: Amava um mais ficava com outro por quê?

A9: Porque ela amava o outro.

P: Amava o outro também? Vocês concordam com (A9) ele?

A7: Eu acho que é por causa da época ne, no contexto da época. Ela não podia simplesmente se separar e ficar com outro. Não é igual hoje.

P: aAmoral era mais rígida?

A9: É antigamente era muito feio para mulher.

P: Para a mulher?

A9: É.

P: Porque feio para mulher? Homem não?

A9: É porque se alguém descobrisse que ela fazia isso, ela iria ficar mal falada pela cidade inteira. Hoje em dia já é normal, bastante gente faz isso; antigamente era mais difícil, daí ela tinha medo.

P: De estragar sua integridade, ne.

A9: É.

P: Alguém mais quer falar sobre isso? Vocês concordam com essa imagem da mulher no século 19.

A10: Anham, os homens eles podiam sair com as prostitutas e mesmo assim podiam casar. Ai tipo, se as mulheres não fossem mais virgens, nenhum homem queria ela.

P: Você atribui esse privilegio ao homem na época, porque?

A10: Porque ele era machista.

P: Sociedade machista?

A10: Ainda é, ne.

P: Na época era mais? Porque a mulher era assim tão fragilizada, ela tinha que seguir a margem e cuidar da imagem?

A7: Não é porque eles achavam que a mulher só servia para procriar e cuidar da casa, não podia trabalhar e tinha que cuidar da imagem dela para conseguir marido e ter uma família.

P: Então a mulher se restringia a família; para cuidar da família, e se não cuidasse desses valores ela não era nada. Profissionalmente ela não podia ser, por via de regra, a mulher não tinha atividade fora ne. No século 19, na metade que começou a ter, ne. Ate havia jornal que [fornecia] X. Quem mais quer falar da mulher? Vocês acham que mudou daquela época pra cá?

A11: [mudou]

P: Mudou em que sentido?

A11: Agora as mulheres estão mais ousadas

P: As mulheres estão mais ousadas?

A7: Elas têm mais liberdade também.

P: Tem mais liberdade?

A7: De expressão; podem trabalhar também.

P: E você acha que isso se deve ao que, de elas terem mais liberdade e serem ate mais ousadas? Como falou o (Thiago) A11.

A7: Elas são mais ousadas de uma forma, mas não do jeito que o A11 (Thiago) falou. Acho que elas de querer ter os mesmo direito que os homens tinham.

P: Você acha que isso foi uma conquista, e se deve a que principalmente essa maior estabilidade da mulher hoje. Tem alguma coisa atrás disso, da estabilidade dela? O que aconteceu de repente, os homens deram uma (ajuda)?

A12: Nos deixamos elas.

A7: Acho que durante o tempo as pessoas foram percebendo que as mulheres são iguais aos homens e tem que ter os mesmo direitos.

P: Mas graças a uma mera consciência?

A13: Ah eu acho que não é, mas tipo que as mulheres tinham que fazer alguma coisa.

P: Fazer como?

A7: Sei la, trabalhar.

A14: Marcar, fazer as coisas que os homens faziam.

P: Fazer o que por exemplo que os homens faziam?

A14: Tipo trabalhar com alguma coisa mais pesada ou de um jeito diferente.

P: Bem, elas trabalhavam em casa.

A7: Elas queriam um emprego diferente, normalmente elas so podiam ser cozinheira, costureira e limpar a casa.

P: Vocês concordam? Você acha que o trabalho foi uma forma de as mulheres se impor na sociedade?

A14: Liberdade.

P: Se fosse so no blá-blá sera que aconteceria?

A14: Não, trabalho foi uma maneira de as mulheres se imporem.

P: Sim, foi uma coisa mais completa do que só a consciência?

A14: Sim.

P: Ta bom, Bem, deixa eu pegar outro lado agora que vocês pensaram bastante. Qual dos personagens que vocês mais se afeioaram, podiam ser amigos de vocês?

A15: A Eugênia.

P: A Eugênia? Que sentimento você tem por essa mulher?

A15: Eu tenho dó, porque ela era coxa.

P: E mais além de dó?

A16: Eu tinha pena, porque ela era bonita, mas era coxa e ninguém queria casar com ela por causa disso.

P: O problema físico é um empecilho? E continua sendo?

A16: Hoje em dia não.

P: Acha que não?

A16: Acho que não. Hoje em dia tem cirurgia e tudo.

P: Quem mais se afeioou pela Eugênia, por outro sentido a não ser só pena. // Algum outro personagem que vocês gostaram, se afeioaram? / Só por dó? Alguém que vocês acharam a atitude interessante?

A16: Ah o Barreto (Brás) que era escritor lá. Ele mostrava... eu gostei dele.

P: Pela capacidade de ele fazer textos?

A16: Foi estranho também a parte que ele estava com a mulher e ele morreu...

P: Você achou estranho o que?

A16: Ah ele estava lá com a mulher e do nada ele morreu. Foi estranho no livro, só apareceu assim “ela morreu” do nada.

P: Mas ela tinha assim uma, tísica né?

A16: Mas tipo eu achei estranho do jeito que esta no livro, você vira a página e ela já morreu.

P: Ah sim, você quer dizer a narração. Ta mais alguém quer falar do marinheiro? Algum outro personagem que vocês gostaram? / Algum personagem que além da coisa afetiva vocês perceberam um valor moral, uma virtude, seja uma qualidade que lhe chamou a atenção, uma atitude foi nobre ou seja como for chamou a atenção de vocês. Algum personagem fez ou agia de um jeito que vocês acharam interessante? // Alguma atitude de um personagem que fez você pensar assim: “essa pessoa tem valor, tem mérito?”.

A17: O Lobo Neves.

P: Lobo Neves? Em que sentido?

A17: Ele é político. Ele tem uma boa reputação, ele é bem conhecido na sociedade, tem um cargo alto.

P: Ah a pessoa é respeitada? Mesmo ele levando a (peja) de corno? Isso parece que diminui um pouco a imagem, mas você acha que ele sabia conduzir as coisas?

A17: Sim

P: Política não só na coisa ruim, mas ele sabia de política no sentido sabia conduzir as coisas?

A17: Sim.

P: Mais alguém aqui admira o Lobo Neves?

A15: Ele é esperto.

A16: Ele pegou o trabalho e a mulher. Ele pegou o cargo e Virgília ne.

P: Era a promessa do pai do Brás, Brás perdeu isso.

A15: Sim, e a candidatura também.

P: Ele ganhou a candidatura de deputado e a mulher também. Certo, você disse esperto em que sentido?

A15: Esperto? A por causa disso, porque ele ganhou a mulher e a candidatura.

P: Você acha que o mundo é dos espertos?

A15: Com certeza.

P: Isso acontecia, acontece hoje? Você parece que tem convicção disso?

A17: Que o mundo é dos espertos? Logico. Quanto mais esperto, você consegue conquistar mais coisas.

P: [Sim] Alguém mais quer comentar isso? / Gente mais alguma coisa sobre valores desses personagens? Alguma virtude; alguma qualidade; algum valor; de personalidade de moral, vocês lembraram os nomes? / Da Virginia vocês já falaram, Dona Plácida, da Eugênia, Cotrim, tio João, tio Lefonso, Padre. A Sabiana; a irma, o Prudêncio.

A15: O pai do Brás ele trabalha com o que? Eu esqueci.

P: Alguém respondeu ou não? Ele era fazendeiro, e tinha muitos imóveis tanto assim que depois o Brás gastou. X Mas ele tinha muitos bens, coisas alugados. Na época se alugavam ate escravos ne, a agricultara estava decadente e quem tinha escravos era como se tivesse maquina, era alugado e era de direito e usava como desse. E os escravos era alugados para quem, por exemplo, em Dom Casmurro aparece bem isso a Dona Gloria aluga escravos para trabalho, terceiriza né. Isso era forma na época. Mas ta bom, no relacionamento entre eles, entre essas pessoas todas. Como vocês viram eles resolvendo seus conflitos; seus problemas; suas dificuldades. Seja de ordem familiar, de ordem moral; de ordem de paixão, como vocês viram eles resolvendo essas questões?

A18: Dinheiro.

P: Dinheiro? Como assim?

A18: Pagando.

P: Um exemplo?

A18: A Dona Plácida. O Cara deu cinco mil reis para ela acabar com o que o Brás Cubas tinha com a Virginia.

P: Sim, e você acha que de outra forma ela não faria esse trabalho. Se fosse de graça ela talvez não fizesse.

A18: Não é um trabalho. Ela era noiva. Ai para acabar com os planos dele, ele pagou ela.

P: Certo, você acha que o Brás ficou mais tranquilo por ter pagado a Dona Plácida para fazer esse trabalho que não era honesto, porque ela encobria a imoralidade dos dois. Voce acha que era humilhante para ela? Ter q encobrir uma situação. Você faria por dinheiro?

A18: Não.

A15: Mentira.

A18: Por cinco mil reis?

A15: Era muito dinheiro na época.

P: Por mais você faria?

A6: Reis ate que ano existiu, você sabe?

P: Reis tinha ate na década de 60, ate real já tinha antes. Agora essa conta, pra ver quanto valia teria que fazer uma pesquisa.

A6: O cara ganhava tipo, sei la, dez mil reis, cem mil reis e dava pra pagar tudo as coisas dele. Então tem que ser um milhão de reis.

P: Mas seja como for, parece que não era grande dinheiro. Devia ser lá. / Diga A7 (Isabela), o que você achou da atitude da Dona Plácida. Você faria isso? Nem por dinheiro você faria isso?

A7: É imoral.

P: É imoral , porque?

A6: Se eu não ajudaria eles a namorar escondido lá? Eu ajudaria ate de graça, sei lá por amor.

P: [Pela amizade?]

A6: Também. Sei la, por amor. Tem que ajudar as pessoas.

P: Independentemente em que circunstância?

A6: Se for dar dinheiro melhor ainda.

P: Alguém discorda com o que o A6(Thiago) esta falando? Ajudar sem considerar a situação? A A7 (Izabela) achou que isso é imoral e ela esta fora e o A6 (Thiago) acha que não, podemos ajudar por dinheiro ou sem dinheiro.

A21: É ajudando que você é ajudado.

P: Mas seja como for eu queria saber do espaço ,embora ele não escreve muito, não fale muito. Eu queria saber de vocês algum espaço significativo porque o espaço também fala , ne. Você pode falar um pouquinho, como você viu como isso justifica a estória?

A22: Quando ele encontrou o Quincas Borba lá, quando ele era menino. Ah eu não lembro o que ele falou?

P: Era um espaço urbano. O que isso diz, pra você tem alguma informação relevante que justifica na estória? Por conta do tipo de estória que é contado, só porque era um espaço daquelas pessoa.

A22: Ah não sei dizer.

P: Tá, mas algum espaço que foi significativo ate por ponto de vista das reações deles, pra eles resolverem as coisas deles. Eu queria que vocês me dissessem algum espaço que foi interessante, que foi significativo; ate das escolhas deles.

A20: A casa da Dona Plácida.

P: O que você viu lá?

A20: Foi lá que aconteceram os encontros.

P: A Dona Plácida na verdade cuidava daquela casa. O que você viu naquele espaço? Ele é instigante; interessante pelo o que se passa lá, mas eu queria saber de você o que você viu?

A20: Ah eu não sei explicar. Foi aonde o amor deles começou a ficar mais forte.

P: Algo que se fez, que conseguiam resolver sua afetividade. Na verdade se amavam ne. Porque considerando que o relacionamento deles tinha que ser escondido. O que mais? Quem mais quer falar desse lugar?

A23: Familiar.

P: Familiar? Em que sentido você viu isso?

A23: Sei lá, ela esta lá para cuidar.

P: Você fala dos bens, valores matérias?

A23: Sim.

P: A casa aonde a Dona Plácida cuida.

A24: A Virgília parece ter essa casa para tentar ter um casal normal para eles, sabe? Tipo tentar ter uma vida normal.

P: É uma fachada?

A25: Na verdade no livro não fala que eles alugaram aquela casa para ninguém ver, ele indo pra casa dela e ela indo pra casa dele ai eles alugaram a casa para ir lá escondido.

P: Uma casa comum. Mas na verdade, eles não queriam chamar atenção, mas isso tinha um proposito para eles. Uma casa familiar, mas de fachada que pudesse esconder a relação deles, só? Algum outro lugar que chamou atenção de vocês. São poucos ne, mas / o espaço também fala ne.

A26: Sitio da família.

P: Sitio da família de Brás, o que isso te diz?

A26: Sei lá, parece um refugio dele depois que a mãe dele morreu, não sei.

P: Você acha que ele tinha que se refugiar por quê?

A26: O pai dele morreu X, ele queria um lugar bom.

P: Sei, sem burburinho das pessoas. Bem, deixa eu te provocar então. Ele queria ficar sozinho, mas o pai dele não gostou muito da ideia.

A26: O pai dele queria que ele arrumasse o cargo de X

P: Sim, ele arrumou mulher e o cargo?

A26: Isso.

P: Como você viu então essas atitudes conflitantes, um querendo se refugiar, o outro querendo que ele aparecesse na sociedade. O diploma do pai X

A26: Na família pro pai, sabe, o cargo importante, acho que seria bom, mas para ele eu acho que... Ele queria curtir, não curti, mas ele estava triste no sitio.

P: Ele queria se resguardar. Você acha que era só isso ou ele escondia mais alguma coisa?

A26: Eu acho que ele queria vida boa.

P: Personagem passa isso?

A26: Parece que ele, também sei lá. Parecia que ele queria uma vida luxuosa. X parece que, ele não fez nada, não procurou nada.

P: Você acha que no final ele não tentou reverter tudo isso?

A26: Sim, foi uma vida ativa. A vida dele parece que foi nada.

P: Em que sentido assim você concorda que a vida dele era meio frustrada?

A27: X

P: Além do emplasto, tinha mais alguma coisa que ela tentou fazer pra mudar um pouco o rumo da estória, ate provocado ou estimulado pelo Quincas Borba?

A6: Toda aquelas coisa da teoria do Nariz.

P: A teoria do Nariz é uma filosofia interessante. Como você viu isso? O que você entendeu dessa filosofia?

A6: Não entendi não, é meio estranho.

P: Quem ajuda? A filosofia do Nariz. Ele compara os dois proprietários da loja do chapéu, hoje não tem loja de chapéu ne, mas na época o chapéu era importante.

A28: Ele era deputado, a boina era muito grande. X

P: Bem, parece que são um pouco diferentes as ideias. O que você percebeu? / Ele defendendo, porque era deputado.

A28: Foi tudo atoa. Acho que não tinha nada a ver.

P: Você acha que foi um deboche?

A28: Sim, não tem nexo, defender um negocio da boina.

P: Que outra coisa ele defendeu quando era deputado? Teve algo interessante que foi para tribuna? / Mas alguém acha que, ou esses personagens em minoria e deboche. Porque o personagem chegou ao final frustrado, o que ele fez na vida? O pai dele tentou que ele fosse político, que tivesse família. Não fez nada disso, ai tentou com esse negocio do emplasto, ai ele tentou como deputado. Parece que não deu em nada. Mas e ai com essa atitude desse personagem o que sobrou dele? O que será que o autor quis com essa estória?

A29: O amigo dele, o Quincas Borba não fazia nada ai depois que ele ganhou a herança, mesmo assim ele era considerado. Então na época parece quando a pessoa nasce a pessoa vai levar uma vida ate a morte X

P: O sujeito que é bem nascido tem tudo para se dar bem na vida? Mas ao contrário parece que o Brás era bem nascido, viveu bem, viveu da fortuna do pai.

A29: Ele se deu bem, eles estava na elite, mesmo não fazendo nada, ele se deu bem, viveu bem.

P: Para grande maioria das pessoas ele viveu bem? Só que ele era frustrado pelo papel da sociedade. / Deixa eu falar um pouco do tempo, quem quer dizer que época rolou essa estória. Século 19, mas final do século 19 ne. / Você percebeu esse contexto dessa época muito diferente do nosso tempo?

A7: Sim, existia escravo.

P: Sim, na época da escravidão e como você viu esse aspecto?

A7: Era bem natural.

P: Era bem natural? Então por isso não se reagia muito?

A7: Tanto que o escravo também tratava o outro como escravo.

P: O Prudêncio que era escravo, escravo do Brás, depois que ele teve liberdade ele comprou um escravo. É isso que você está falando. Certo, como você vê essa atitude? De ele ser ex escravo e ele compra um escravo para reproduzir o que o branco fazia.

A7: A mostra que para eles é normal, é meio irônico mais é normal.

P: O escravo nem questiona se devia ser ou não escravo. Era natural. Quem mais quer falar sobre isso? Isso é interessante. // Porque será que é natural?

A29: Ah porque era cultura.

P: Cultura da época?

A29: É

A7: Não era uma cultura, era uma visão que as pessoas tinham de que o negro era uma raça inferior ao branco. Eles travavam eles de uma forma ruim.

P: Então, o que também aconteceu, comparando o que vocês já falaram da mulher. Já mudou de lá pra cá. Como é o do escravo, o que aconteceu?

A7: Os negros queriam ter direitos também.

P: Você acha que essa igualdade nem sempre teve, mas essa igualdade democrática se deu mais a uma luta dos negros?

A7: Ah eles lutaram para ter direitos.

P: Vocês concordam?

A29: Concordar eu concordo, mas eles queriam. Não foi eles que fizeram eles serem livres. Foi tipo, a Princesa Isabel.

A7 :Quando a Isabel assinou a carta.

A29: Mas se a Princesa Isabel quisesse continuar com os escravos, eles iriam continuar.

A30: Mas eles também fizeram revolução, não foi por causa da Princesa Isabel.

P: Vocês concordam? Vocês acham que os negros conquistaram essa liberdade? / Bem, atrás dessa estória, atrás desse enredo, é uma ficção. O que vocês acham que tem um tema sendo discutido.

A7: Discute a escravidão.

P: Discute a escravidão em que momento?

A7: Quando o Prudêncio tem um escravo.

P: Quando o Prudêncio tem um escravo. O que você pensa que o autor tentou discutir?

A29: Tipo, ele sofreu a vida inteira, era o única forma de ele tratar as pessoas.

A7: Ele vivenciou aquilo na infância dele, para ele era uma coisa normal.

A29: Ele queria ser mais superior, ele queria um escravo.

P: Algum outro tema? Que o autor discute atrás dessa estória que vocês perceberam?

A30: Questão da traição.

P: Você acha que essa traição, essa relação matrimonial comprometida. Como você vê isso da parte do autor colocando isso na estória, isso é simplesmente uma estória ou tem um propósito. Você acha que ele discute alguma coisa?

A30: Acho que é difícil ver um propósito.

P: Os relacionamentos familiares eram todos certinhos? Só um ou outro era hipócrita?

A30: Não, tinha bastantes casos assim tanto da mulher quanto do homem.

P: Você acha que pelo fato de ele colocar isso é uma maneira de dizer para sociedade: “ as coisas não estão tão certinhas assim”

A30: Acho.

P: Você concorda que de certa forma seria um denuncia da vida hipócrita da família? Algum outro tema? Quem quer falar do narrador. Quem é o narrador?

A30: O Bras.

A29: Ele critica o leitor

P: Gostaria de saber.

A29: Ele fala do leitor, como se não fosse capaz de entender. Ele se acha esperto, superior.

P: Pelo o que você viu assim, pode me dizer?

A29: Bem no início ele fala.

P: Quem mais pode falar do narrador, como ele conta essa estória, o jeito, o ângulo com o que ele coloca as coisas, a visão de mundo. Parece que ele mesmo se entrega.

A7: Ele não tem medo de falar as coisas erradas que ele fez, ele tá morto.

P: Na condição de ele ser defunto, ele pode falar o que quiser?

A7: Tipo ele falou "eu posso contar todos os fatos e coisas erradas que eu fiz, porque já estou morto, tanto faz o que as pessoas falam"

P: O que ele dizer não vai afetar. Alguém viu de uma outra forma isso, mesmo ele debochando de si próprio. Mesmo fracassado, assim como vocês falam frustrado. Como vocês veem isso?

A30: Ele chama o leitor para participar, eu não acho ele superior.

P: Em que sentido você acha que ele fala com o leitor?

A30: Ele tenta compartilhar.

P: Alguém acha que ele está fazendo um exame de consciência, passando um filminho da vida dele e analisando e avaliando o que ele fez?

A31: Ele reflete sobre os erros que ele cometeu. Ele por ser morto fala de todo mundo sem vergonha, então é realmente o que ele pensa, sem precisar se esconder.

P: Alguns acham essa estória muito doida, não pareceu ser real, não pareceu ser veríssimo.

A29: Claro que não, o cara morreu.

P: Você acha que isso é loucura? Você nunca viu uma estória parecida?

A29: Não.

P: Você achou que isso feriu a verossimilhança?

A29: Sei lá não é comum um defunto contar a estória.

P: Do jeito que foi contado forçou um pouco a verdade das coisas? Ou fugindo dessa coisa de ser morto o resto procede.

A29: Ah não sei, por exemplo, ele contando a estória parece normal. Mas quando ele fala que ele no momento que ele morreu, é meio estranho o modo de contar a estória. A7: Tirando esse fato a estória é normal.

P: Foi só uma estratégia para chamar atenção ou foi só para a gente pensar e ver as coisas de um outro ângulo? / Alguém acha que ele contou essa estória como um autor defunto para gente perceber as coisas de um outro ângulo? Se você morresse agora e ficasse assistindo a sua vida, assistindo a vida dos seus alunos, vocês não teriam uma perspectiva diferente?

A: Teria.